
Prefácio de
DANILO R. STRECK
365
dias com
PAULO
FREIRE
IVO DICKMANN
IVANIO DICKMANN
organizadores

365 dias com PAULO FREIRE

IVO DICKMANN
IVANIO DICKMANN
organizadores

Ivo Dickmann
Ivanio Dickmann
[organizadores]

365 DIAS COM PAULO FREIRE

Diálogo Freiriano
São Paulo-SP
2019

NOTA: Dado o caráter interdisciplinar desta coletânea, os textos publicados respeitam as normas e técnicas bibliográficas utilizadas por cada autor. A responsabilidade pelo conteúdo dos textos desta obra é dos respectivos autores e autoras, não significando a concordância dos organizadores e da editora com as ideias publicadas.

© TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial, bem como a inclusão de qualquer parte desta obra em qualquer sistema de processamento de dados. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração. A violação dos direitos é punível como crime (art.184 e parágrafos do Código Penal), com pena de prisão e multa, busca e apreensão e indenizações diversas (art. 101 a 110 da Lei 9.610, de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

CONSELHO EDITORIAL

Ivanio Dickmann - Editor Chefe - Brasil
Aline Mendonça dos Santos - Brasil
Fausto Franco Martinez - Espanha
Jorge Alejandro Santos - Argentina
Miguel Escobar Guerrero - México
Carla Luciane Blum Vestena - Brasil
Ivo Dickmann - Brasil
José Eustáquio Romão - Brasil
Enise Barth - Brasil

CONSTRUÇÃO DA CAPA: Ivanio Dickmann
DIAGRAMAÇÃO: Maria Aparecida Nilen
REVISÃO DOS TEXTOS: Ivo Dickmann

FICHA CATALOGRÁFICA

T818 365 dias com Paulo Freire / Ivo Dickmann, Ivanio Dickmann (orgs.).
1.ed. – São Paulo: Diálogo Freiriano, 2019.

ISBN 978-65-80183-31-9

1. Educadores - Brasil. 2. Freire, Paulo (1921 – 1997). I. Dickmann, Ivanio.

CDD 370.1

Ficha catalográfica elaborada por Karina Ramos – CRB 14/1056

Proibida a reprodução total ou parcial nos termos da lei.
Impresso no Brasil.

EDITORA DIÁLOGO FREIRIANO
[CNPJ 20.173.422/0001-76]
Av. Osvaldo Aranha, 610 - Sala 10 - Centro
CEP 95.330-000 - Veranópolis - RS
dialogar.contato@gmail.com
www.dialogofreiriano.com.br
Whatsapp: [54] 98447.1280

APRESENTAÇÃO

Ivo Dickmann
Ivanio Dickmann

UM ANO COM PAULO FREIRE: COMPARTILHANDO SABERES E REFLEXÕES.

Amar é um impulso para unir o que está separado. Esta visão expressa a intenção deste livro. Ele une centenas de freirianas e freirianos num projeto coletivo de leitura e escrita sobre doze livros de Paulo Freire, movidos pelo amor a Freire. O objetivo deste trabalho conjunto é entregar um texto breve sobre um trecho das obras para servir de leitura diária durante todos os dias de um ano. A versão final desse livro que você está lendo agora foi um trabalho longo, de produção de cada um dos trechos, que demorou mais de três anos para ficar pronto.

Quando começamos a organização deste livro imaginávamos dar uma contribuição para a comunidade freiriana, especialmente com quem está se aproximando de Freire ou que tem interesse de começar esta jornada, mas não conta com pessoas para dialogar sobre cada livro que ele escreveu e não tem alguém para falar sobre as leituras que está fazendo. Com esta obra, a leitora e o leitor, ganham centenas de interlocutoras e interlocutores, que nós costumamos chamar de parceiros dialógicos, nesta caminhada de ler, interpretar, reinventar, refletir e pôr em prática uma educação libertadora, a partir de Paulo Freire.

Cada texto expressa uma visão particular. As autoras e autores destes trechos são graduandas e graduandos, graduadas e graduados, mestras e mestres, doutoras e doutores, pós-doutores, educadoras populares e educadores populares de diferentes áreas de atuação e de diferentes pontos teórico-práticos e geográficos. São de diversas áreas do conhecimento, desde pedagogas a historiadores, de filósofos a sociólogos, só para citar alguns exemplos. Todas e todos aceitaram o convite de escrever para avançarmos juntos.

A proposta que eles aceitaram tinha o seguinte mote: escolher uma obra para comentar e depois optar por um dos seus trechos, que correspondia a um dia do mês e do ano. Nós escolhemos as doze obras de Freire que consideramos – em nossa opinião –, as mais importantes e elas foram organizadas cronologicamente tendo como referência a data de sua produção, e ficaram da seguinte forma, em relação aos meses (ao lado da obra apresentamos a edição e o ano de publicação do livro usado como referência nessa organização):

JANEIRO – Educação como prática da liberdade (17ª ed. 1986).
FEVEREIRO – Pedagogia do oprimido (37ª ed. 2003).
MARÇO – Extensão ou comunicação (6ª ed. 1982).
ABRIL – Ação cultural para a liberdade (11ª ed. 2006).
MAIO – Educação e mudança (30ª ed. 2007).
JUNHO – Cartas à Guiné-Bissau (3ª ed. 1978).
JULHO – Conscientização (3ª ed. 1980).
AGOSTO – Pedagogia da esperança (12ª ed. 2005).
SETEMBRO – Professora sim, tia não (3ª ed. 1993).
OUTUBRO – Cartas a Cristina (1ª ed. 1994).
NOVEMBRO – Pedagogia da autonomia (15ª. 2000).
DEZEMBRO – Pedagogia da indignação (1ª ed. 2000).

O processo de seleção foi muito intenso. Cada pessoa escolhia sua obra de mais apreço, que gostaria de contribuir com um breve texto ou olhava para o quadro geral e colocava seu nome

na sua data de aniversário, ou aniversário de seu filho, ou uma data significativa em sua própria vida. E assim, foi se construindo em conjunto uma grande comunidade ao redor das obras. Pessoas indicavam amigos e amigas para trechos ainda disponíveis para a escrita, algumas pessoas escreveram mais de um texto para contribuir mais... enfim, foi lindo e prazeroso produzir e organizar esta coletânea.

Quando ela estava quase acabada nos perguntávamos quem poderia contribuir com um prefácio que refletisse esta união de gente e ideias, sintonizados com Paulo Freire e seu legado para a educação. Foi aí que lembramos do professor Danilo R. Streck. Ele é um dos organizadores do Dicionário Paulo Freire, uma das obras que mais admiramos e que nos inspirou na concepção do "365 Dias com Paulo Freire". Fizemos o convite e ele, prontamente, aceitou com sua generosidade e compromisso. Somos muito gratos por suas palavras que compõe esta obra.

Da mesma forma, queremos agradecer às avaliações de Angela Biz Antunes – Coordenadora Pedagógica do Instituto Paulo Freire, de Jaime José Zitkoski – da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de José Eustáquio Romão – Secretário Geral do Conselho Mundial dos Institutos Paulo Freire e, de Carlos Rodrigues Brandão – da Universidade de Campinas, que pararam seus afazeres para apreciar e dar breves pareceres que compõe a contracapa desta obra. Ainda cabe ressaltar o texto da orelha, escrito com a militância e indignação – que compartilhamos – por Moacir Gadotti – Presidente de Honra do Instituto Paulo Freire, do Brasil. Nossa gratidão a vocês todos e todas pela parceria na contrução de nossa obra coletiva!

***

Bem, queremos sugerir aqui uma forma de você ler este livro. Ele é uma jornada longa, uma caminhada de observação e desvelamento, que não se faz de um fôlego só! Portanto, gostaríamos que você, querida leitora, querido leitor, lesse os textos com calma, amorosidade e paciência. Sem atropelo, sem avançar por avançar, de maneira a absorver o que foi partilhado por cada uma das autoras e autores. Entendemos que assim, você evolui mais, aprende mais e, por consequência, conseguirá praticar mais e melhor, aprofundando as transformações em seus espaços educativos.

Como o livro está organizado por meses, é interessante que você, ao iniciar sua leitura comece na data de hoje. Se, por exemplo, você começar a ler o livro no dia 19 de setembro, inicie a leitura do livro no texto do dia 19 de setembro; se você começar a leitura no dia 15 de outubro, leio o texto do dia 15 de outubro. Desta forma, todas as leitoras e leitores estarão lendo o mesmo texto. Isso possibilitará diálogos com qualquer pessoa que esteja, como você, lendo esta obra também.

Se você estivesse lendo em setembro o mês de outubro, neste encontro cada um estaria falando de um texto diferente. O objetivo desta orientação é para sintonizarmos todas as leitoras e leitores no mesmo texto. Afinal, ler sozinho é gostoso, mas ler em conjunto e poder dialogar sobre os textos lido com outras freirianas e freirianos é magistral. Estamos combinados!?

***

Por fim, queremos falar diretamente com as autoras e autores deste livro coletivo. Cada pessoa que se debruçou sobra as doze obras que escolhemos aceitou um desafio: contribuir com

a comunidade freiriana e deixar um legado para as pessoas que querem aprofundar sua leitura de Freire. Somos eternamente gratos a vocês. Estamos para sempre conectados através deste livro.

Esperamos poder nos unir mais vezes, em outras escritas, em outros momentos, virtuais ou presenciais, para continuarmos contribuindo com nossas reflexões para uma educação transformadora e crítica. É tão bom para nós que organizamos estas obras freirianas poder contar com vocês. Saber que não estamos sozinhos nestes sonhos de compartilhar.

Vamos agregando mais gente pelos caminhos, vamos ampliando nossas frentes de atuação, vamos tocando mais mentes e corações com a pedagogia freiriana, vamos levando Paulo Freire por todos os rincões do mundo. Esta é nossa tarefa história. Este é um imperativo ético do nosso saber. Compartilhar Freire é um dever da educadora e do educador críticos, para que as pessoas tenham contato com nosso mestre e possamos dialogar mais sobre os princípios da pedagogia do oprimido.

A vocês, leitoras e leitores, que têm nas mãos nosso livro, que agora também é seu, desejamos uma boa leitura! Saboreie cada trecho com os olhos, com sua mente e com seu coração. Dialogue sobre cada trecho com seus colegas de trabalho na escola, na faculdade, na universidade, nos movimentos sociais, nos sindicatos, nas associações e cooperativas. Ler e não dialogar é o mesmo que não ler, pois o diálogo sobre a leitura faz com que nossa visão se amplie – e a de nossos interlocutores também.

Boa jornada! Conte sempre conosco!

Um grande abraço e força na luta!

Ivo Dickmann e Ivanio Dickmann

Organizadores

ESTE É UM LIVRO-EDUCADOR

Queridos leitores e queridas leitoras.

No meio do texto a seguir vocês encontrarão três elementos incomuns em outros livros que talvez já tenham lido. Estes elementos fazem parte da nossa estrutura do *livro-educador*: a Pausa Pedagógica, a Síntese do Mês e a Imagem Pedagógica.

A *Pausa Pedagógica*[1] é um breve momento onde você deve parar, pensar e anotar as primeiras aprendizagens que o texto te proporcionou. Assim, você não perde as primeiras impressões ao longo do texto. Ela está encaixada sempre entre o dia 15 e 16 de cada mês. No meio da leitura é um bom momento para você fazer estes registros e não perder o "fio da meada". Contudo, você pode optar por ser mais radical e fazer uma pausa pedagógica em cada leitura, anotando suas impressões em outro caderninho ou bloco de notas. Na leitura deste livro tenha sempre uma caneta ou um lápis à mão.

A *Síntese do Mês*[2] é o momento de fechamento da sua reflexão pessoal sobre as leituras de todos os trechos do mês que estava lendo. Registre *uma palavra* que resume e simbolize o trecho que acabou de ler. Depois, amplie gradualmente esta palavra em *uma frase* que dê significado para a nova aprendizagem e, por fim, escreva *um parágrafo* onde você vai anotar o que você pode fazer com este novo saber, com quem pode dialogar sobre ele, que atitudes novas ele demanda para você enquanto educador/a. Esta síntese da aprendizagem não vai deixar você seguir a leitura sem se encharcar dos saberes com os quais você teve contato. É um excelente momento para assumir um compromisso de avançar a partir das partilhas com as quais teve contato. Se você notar, verá que utilizamos esta dinâmica para introduzir cada uma das obras escolhidas em cada mês.

A *Imagem Pedagógica*[3] é uma forma de você exercitar fora das palavras... às vezes elas nos faltam ou são insuficientes! Então, criamos este espaço onde você poderá desenhar para simbolizar sua reflexão pessoal. Ouse desenhar um símbolo, uma paisagem, uma composição de elementos visuais que vão fazer você se recordar de toda a leitura feita ao longo do mês. Assim, sempre que folhear novamente este livro, esta imagem construída por você mesmo vai te ajudar a rememorar e resgatar as aprendizagens... Experimente!

Bem-Vindo! Bem-Vinda! Aproveite cada página e boa leitura!

---

[1] A título de registro e gratidão queremos dizer que esta *pausa pedagógica* não é uma invenção nossa. Tivemos contato com ela há alguns anos através da educadora popular Helena Bins, num curso de Agentes de Desenvolvimento Local desenvolvido pelo CAMP de Porto Alegre, em 2006. Ela usou a pausa pedagógica durante sua facilitação no curso e, desde então, incorporamos este elemento em nosso fazer pedagógico pela potência que vemos nesta parada para resgatar e registrar a produção do conhecimento na qual estamos inseridos/as.

[2] Este formato de síntese em *palavra, frase e parágrafo* também merece os devidos créditos. Quem nos ensinou a fazer e usar foi a professora Maristela Pedrini, durante a graduação. Ela utilizou para realizar uma síntese de um trabalho coletivo em sala de aula. Foi magistral e impactante o resuldado da dinâmica. Desde então, utilizamos este recurso para motivar nossos leitores e leitoras a um exercício de sistematização de suas leituras. Gratidão professora Maristela!

[3] Este elemento de *imagem pedagógica* fomos nós mesmos que inventantamos e começamos a utilizar em nosso livro *Pedagogia da Liderança Popular* e a aceitação foi muito positiva. Seguimos utilizando também na terceira edição do livro *Primeiras Palavras em Paulo Freire* e percebemos que a dinâmica que este elemento propõe realiza um exercício inovador para todos os leitores e leitoras, porque nos põe em contato com cores e formas que a reflexão escrita não favorece.

PREFÁCIO

Danilo R. Streck

OS INÉDITOS VIÁVEIS NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO

O livro 365 dias com Paulo Freire passa a integrar em momento oportuno a vasta produção bibliográfica sobre a obra de Paulo Freire e a partir de sua obra. Ivo Dickmann e Ivanio Dickmann convidaram dezenas de educadores e educadoras a refletirem de forma espontânea e livre sobre os escritos de Paulo Freire, organizados a partir de livros selecionados para cada um dos 12 meses do ano. No início, em janeiro, encontramos um mês dedicado a *Educação como prática da Liberdade* e em dezembro temos 31 reflexões inspiradas no livro *Pedagogia da Indignação*. São fragmentos que não pretendem se encaixar em uma organização linear, mas desafiar o leitor e a leitora a se confrontarem com as ideias de alguém que encontrou em Paulo Freire uma fonte para orientar a sua prática educativa.

Entendo o título como uma maneira de dizer que Paulo Freire é um bom companheiro para todos os dias do ano e que podemos aprender com ele no dia-a-dia de nossa prática educativa e na nossa vida. Ao mesmo tempo, convém advertir que os organizadores não têm a intenção de fazer de Freire uma espécie de manual para, por exemplo, dizer o que devo fazer no dia 14 de junho e como devo me portar como educador e educadora naquele dia. Isso seria transformar a obra de Freire em uma espécie de "escrito sagrado", destituindo-a de sua compreensão original, sempre contextual e historicamente situada. Os livros e ensaios de Freire são reflexões que têm referências em práticas e vivências concretas. Lidas dessa maneira elas nos desafiam a voltar os olhos para as nossas práticas e experiências para refletir sobre o sentido que damos a elas e, numa dimensão mais pragmática, torná-las mais eficientes. Afinal, o "método" de alfabetização experimentado em Angicos suscitou tanta expectativa também por causa da possibilidade de alfabetizar em 40 horas.

Composto de textos que formam um mosaico de formas às vezes pouco definidas, tomo a liberdade de sugerir que os leitores e as leitoras, individualmente ou em grupo, se proponham a ler o livro do mês no seu "original" junto com as reflexões da coletânea. Assim, no mês dedicado à leitura de *Pedagogia da esperança* – agosto – a leitura das contribuições de colegas autores seriam acompanhadas da leitura do próprio livro ao qual elas se referem. Dessa forma, com um ano de leituras pode-se ter uma boa visão geral da obra de Paulo Freire. Mesmo que essa não tenha sido a intencionalidade didática dos organizadores, o livro está constantemente apontando para a fonte que às vezes se torna até indispensável para compreender o estímulo para o dia.

Se olhamos a lista de colaboradoras e colaboradores chama atenção não apenas a quantidade, mas a sua diversidade. Isso também se expressa no conteúdo que abrange uma variedade de interpretações e de portas de entrada para os temas dos respectivos livros do mês. Essa pluralidade de pontos de vista é coerente com a pedagogia freiriana, que tem no direito de cada um e cada uma "dizer a sua palavra" um pressuposto básico para a constituição do diálogo. Não pode haver diálogo onde as pessoas são inviabilizadas de dizerem o que pensam, desde que o façam em atitude de humildade e respeito para ouvir o outro e diferente.

Nesse sentido, o livro pode ser visto como uma grande plataforma onde as pessoas se encontram para conversar sobre os livros de Paulo Freire. Poderia ser também a sombra de uma

mangueira, ou melhor, de 12 mangueiras à cuja sombra temos em torno de 30 pessoas conversando sobre um livro. Alguns escolhem uma frase para começar a sua fala, outros pressupõem que os interlocutores tenham uma noção prévia do que se está falando. Mas todos eles estão imbuídos de construir uma educação melhor para um mundo melhor.

Por fim, gostaria de destacar que a coletânea nos instiga a olhar os inéditos viáveis em nosso cotidiano. O livro contém muitos exemplos e recomendações que nos fazem lembrar que educar é uma tarefa muito desafiadora em cada um dos 365 dias do ano:

> O fazer democrático, dentro da escola, precisa se fazer presente no diálogo, com a criação de tempos e espaços para que alunos e professores possam ouvir e ser ouvidos. Que as inseguranças e as perguntas caladas possam ser feitas e respondidas através do diálogo. Não é possível defender a democracia com atitudes e modos de fazer antidemocráticos, o discurso precisa andar junto com a prática, se não for assim, perde sua credibilidade, pois a coerência é a base para ações democráticas. (Rosenei Cella – 24 de setembro)

> Talvez, não tenhamos tantos motivos para ter esperança, talvez nossa fúria diante das fatalidades que ocorrem não nos permita mais acreditar no amanhã. Mas, no fundo ainda há uma história de superação, um gesto humano, que nos fazem pensar nas possibilidades de mudar o futuro, que por sua vez, não está pré-determinado. (Aline da Silva Serpa – 19 de novembro)

> Autoridade não se adquire com títulos, com imposição e força. Isso é autoritarismo. Ela deve ser conquistada com humildade, competência e generosidade. Quem conquista autoridade, tem segurança em suas atitudes e ações, sem necessidade de a cada momento afirmar ou impor isso aos outros, conhece suas possibilidades e limites e sabe reconhecer e respeitar no outro também suas possibilidades e limites. (Joaquim Rosa Donato Neto – 22 de novembro)

Os excertos acima foram "pinçados" como exemplos do que se pode encontrar neste livro. Não conheço Rosinei, Aline e Joaquim, as autoras e autor dos excertos, mas com suas reflexões consigo aprender como os inéditos viáveis vão se concretizando nas práticas do dia-a-dia na escola e em outros lugares onde se faz a educação. Ivo e Ivanio conseguiram reunir autores e autoras com experiências muito diferentes e que a partir de lugares diferentes nos estimulam a explicitar nossas perguntas, nossos anseios e nossas indignações na busca permanente dos inéditos viáveis e possíveis na honrosa e prazerosa companhia do patrono da educação no Brasil e um dos mais reconhecidos intelectuais e educadores de nosso tempo.

Danilo R. Streck
Programa de Pós-Graduação em Educação - UNISINOS
Editor do International Journal of Action Research

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO ... 7

LIVRO-EDUCADOR ... 12

PREFÁCIO ... 13

MÊS DE JANEIRO
Educação como prática da liberdade

Dia 01 - Rosane de Fátima Batista Teixeira ... 31
Dia 02 - Jorge Luiz Ayres Gonzaga ... 31
Dia 03 - Isabela Munis de Oliveira ... 33
Dia 04 - Gercimar Martins Cabral Costa ... 34
Dia 05 - Cícero Henrique Bezerra da Silva ... 35
Dia 06 - Pe. Francisco Pelonha ... 36
Dia 07 - Gustavo Gomes da Rocha ... 39
Dia 08 - Ana Cristina de Lima Semião ... 40
Dia 09 - Cícero Henrique Bezerra da Silva ... 41
Dia 10 - Tiago Franceschini da Rosa ... 43
Dia 11 - José Heleno Ferreira ... 44
Dia 12 - Fernanda dos Santos Paulo ... 46
Dia 13 - Isabela Munis de Oliveira ... 48
Dia 14 - Alex Sandro Tomazini ... 49
Dia 15 - Cleonice Barbosa Martorano ... 50
Dia 16 - Maria Angélica Sousa Costa ... 51
Dia 17 - Edinei Messias Alecrim ... 52
Dia 18 - Helenara Plaszewski ... 53
Dia 19 - Kelli Cristina da Silva Aguiar ... 54
Dia 20 - Marcelo da Silva Teixeira ... 55
Dia 21 - Adriana Gomes da Silva ... 58
Dia 22 - Priscila Aparecida Iglesias Marangon ... 59
Dia 23 - Tiago Franceschini da Rosa ... 60
Dia 24 - Rosane de Fátima Batista Teixeira ... 62
Dia 25 - Avanilde Polak ... 63
Dia 26 - Ivan Luís Schwengber ... 64
Dia 27 - Maria Angélica Sousa Costa ... 65
Dia 28 - Fernanda dos Santos Paulo ... 66
Dia 29 - Tamires Barros Veloso ... 67
Dia 30 - Gabriela Gonzaga Cher ... 68
Dia 31 - Marilia Aparecida Coura da Silva ... 69

MÊS DE FEVEREIRO
Pedagogia do oprimido

Dia 01 - Celso Ilgo Henz ... 75
Dia 02 - Marinei Antunes Garcez ... 77
Dia 03 - Gilberto Oliari ... 78
Dia 04 - Magda Gisela Cruz dos Santos ... 80
Dia 05 - Thiago Mena ... 82
Dia 06 - Angela Dabela Lanoa ... 84
Dia 07 - Gilberto Oliari ... 85
Dia 08 - Josineide Ribeiro da Silva ... 87
Dia 09 - José Roberto Henrique Souza Soares ... 88
Dia 10 - Laura dos Santos Paiva ... 89
Dia 11 - Benone Costa Filho ... 90
Dia 12 - Leandro Carlos Ody ... 92
Dia 13 - Mariana Cunga Bhering ... 94
Dia 14 - Ednamara Filomena dos Santos ...95
Dia 15 - Janille da Costa Pinto ... 97
Dia 16 - Daiane Dill ... 99
Dia 17 - Alvaro Adriazola Uribe ... 101
Dia 18 - Joel Duarte Benisio ... 102
Dia 19 - Kleuver Luís Alves Mota ... 104
Dia 20 - Mônica de Toledo e Silva Spegiorin ... 106
Dia 21 - Fábio Inácio Pereira ... 108
Dia 22 - Adriano Ferreira Neves Toranelli ... 110
Dia 23 - Franciele Soares dos Santos ... 111
Dia 24 - Camila Zanella ... 112
Dia 25 - Alvaro Adriazola Uribe ... 114
Dia 26 - Sebastian Ramos ... 116
Dia 27 - Marcelo Teixeira ... 117
Dia 28 - Pedro Alves Filho ... 119
Dia 29 - Inara Mariela da Silva Cavalcante ... 128

MÊS DE MARÇO
Extensão ou comunicação

Dia 01 - Tânia Maria Figueiredo Barreto Freitas ... 135
Dia 02 - Louise dos Santos Lima ... 136
Dia 03 - Luiz Paulo Klock Filho ... 138
Dia 04 - Fernanda dos Santos Paulo ... 139
Dia 05 - Danielle Schultz ... 140
Dia 06 - César Ferreira da Silva ... 141
Dia 07 - Marcelo Teixeira ... 143

Dia 08 - Cecília Maria Ghedini ... 145
Dia 09 - Alexandre Luiz Polizel ... 147
Dia 10 - Mikael Lima Brasil ... 149
Dia 11 - Justiani Hollas ... 151
Dia 12 - Alexandre Luiz Polizel ... 152
Dia 13 - Gabriel Viana Ouriques de Oliveira ... 152
Dia 14 - Eliana Nunes Maciel Bastos ... 153
Dia 15 - Tânia Maria Figueiredo Barreto Freitas ... 155
Dia 16 - Marcelo da Silva Teixeira ... 157
Dia 17 - Fernanda dos Santos Paulo ... 159
Dia 18 - Daniela Pedra Mattos ... 159
Dia 19 - Daniela Pedra Mattos ... 161
Dia 20 - Alexandre Luiz Polizel ... 162
Dia 21 - César Ferreira da Silva ... 163
Dia 22 - Benone Costa Filho ... 164
Dia 23 - Eduardo Oliveira Miranda ... 165
Dia 24 - Bruno de Oliveira Ferreira ... 167
Dia 25 - Diane Lazarotto Bevilaqua ... 169
Dia 26 - Wladineia Aparecida Soares ... 170
Dia 27 - Ricardo Cocco ... 171
Dia 28 - Ana Paula Grellert e Ederson Pinto da Silva ... 173
Dia 29 - Luciane da Rosa ... 175
Dia 30 - William Costa Monteiro ... 176
Dia 31 - Martinho Condini ... 178

MÊS DE ABRIL
Ação cultural para a liberdade

Dia 01 - Michele Guerreiro Ferreira ... 185
Dia 02 - Adriana Regina Sanceverino ... 186
Dia 03 - Marcelo da Silva Souza ... 189
Dia 04 - Avanilde Polak ... 191
Dia 05 - José Heleno Ferreira ... 192
Dia 06 - Fernanda dos Santos Paulo ... 193
Dia 07 - Felipe Costa Aguiar ... 194
Dia 08 - Leane Cristina Ferreira Gonçalves ... 195
Dia 09 - Marcelo da Silva Souza ... 196
Dia 10 - Hassan Marra Jorge e Bruna Carvalho Nascimento ... 198
Dia 11 - Pe. Rogério L. Zanini ... 199
Dia 12 - Thaís Andressa Lopes de Oliveira ... 201
Dia 13 - Viviane Alves de Andrade ... 203
Dia 14 - Cleusa Todescatto ... 203
Dia 15 - Estelamaris Galiazzi Souza ... 205

Dia 16 - Fernanda dos Santos Paulo ... 207
Dia 17 - Estelamaris Galiazzi Souza ... 208
Dia 18 - Eduardo Dias da Silva ... 209
Dia 19 - Gabriely Lopes de Oliveira ... 210
Dia 20 - Thiago Ingrassia Pereira ... 211
Dia 21 - Renata Kelly Sousa de Almeida ... 213
Dia 22 - Marcelo Teixeira ... 213
Dia 23 - Jaqueline Balthazar Silva ... 215
Dia 24 - Avanilde Polak ... 217
Dia 25 - Hassan Marra Jorge e Bruna Carvalho Nascimento ... 217
Dia 26 - Estelamaris Galiazzi Souza ... 219
Dia 27 - Avanilde Polak ... 221
Dia 28 - Juliana de Souza Ramos ... 221
Dia 29 - Ana Clésia Pereira Santiago da Rocha ... 222
Dia 30 - Estelamaris Galiazzi Souza ... 224

MÊS DE MAIO
Educação e mudança

Dia 01 - Luís Felipe Pissaia ... 231
Dia 02 - Shelton Lima de Souza ... 232
Dia 03 - Adriano Ferreira Neves Toranelli ... 233
Dia 04 - Yago Felipe Campelo de Lima ... 235
Dia 05 - Nívea Oliveira Couto de Jesus ... 237
Dia 06 - Edna Serpa Ferreira Correia ... 238
Dia 07 - Arlete Vieira da Silva *(in memorian)* e Edna Serpa Ferreira Correia ... 239
Dia 08 - Alexsandra Oliveira Santos ... 240
Dia 09 - Bernardo de Vito Schneider ... 241
Dia 10 - Hélis Cristina Alves de Lima ... 242
Dia 11 - Hélis Cristina Alves de Lima ... 243
Dia 12 - Luís Felipe Pissaia ... 243
Dia 13 - Antoniel dos Santos Gomes Filho ... 245
Dia 14 - Remilda Porfirio dos Santos ... 246
Dia 15 - Fernanda dos Santos Paulo ... 248
Dia 16 - Adriano Ferreira Neves Toranelli ... 249
Dia 17 - Heliana Lia Tissiani Gobbato ... 251
Dia 18 - Erisnaldo Francisco Reis ... 252
Dia 19 - Gercimar Martins Cabral Costa ... 254
Dia 20 - Ana Cristina Magalhães Jardim ... 255
Dia 21 - Leonardo Priamo Tonello ... 256
Dia 22 - Maria José Guerra ... 259
Dia 23 - Thaís Andressa Lopes de Oliveira ... 261
Dia 24 - Daniéli de Mello Pereira ... 262

Dia 25 - Luís Felipe Pissaia ... 262
Dia 26 - Ariane Ferraz ... 264
Dia 27 - Adenildo Vieira de Souza ... 266
Dia 28 - Heliana Lia Tissiani Gobbato ... 267
Dia 29 - Rômulo Tonyathy da Silva Mangueira ... 268
Dia 30 - Luís Felipe Pissaia ... 269
Dia 31 - Gefferson Silva da Silveira ... 271

MÊS DE JUNHO
Cartas a Guiné Bissau

Dia 01 - Luis Gustavo Guimarães ... 277
Dia 02 - Vilmar Baggio ... 278
Dia 03 - Vanise Dal Piva ... 279
Dia 04 - Edwilson da Silva Andrade ... 281
Dia 05 - Gilmara da Rocha Pontes Amaral ... 282
Dia 06 - Vanise Dal Piva ... 283
Dia 07 - Gilberto Oliari ... 284
Dia 08 - Thaís Andressa Lopes de Oliveira ... 286
Dia 09 - Thaís Andressa Lopes de Oliveira ... 288
Dia 10 - André Paulo Castanha ... 289
Dia 11 - Alexandre Luiz Polizel ... 291
Dia 12 - Hassan Marra Jorge e Bruna Carvalho Nascimento ... 292
Dia 13 - Cristiele Aline Kuhn Terhorst ... 294
Dia 14 - Camila Wolpato Loureiro e Daniel Scheren da Cruz ... 295
Dia 15 - Yago Felipe Campelo de Lima ... 296
Dia 16 - Yago Felipe Campelo de Lima ... 297
Dia 17 - Yago Felipe Campelo de Lima ... 298
Dia 18 - Maria José Brandão Ramos ... 298
Dia 19 - Pedra Emanuely Pereira da Silva Carneiro ... 300
Dia 20 - Fernanda dos Santos Paulo ... 301
Dia 21 - Adriana da Silva Lopes ... 301
Dia 22 - Alexandre Luiz Polizel ... 302
Dia 23 - Adriana Colling ... 303
Dia 24 - Gilberto Oliari ... 305
Dia 25 - Alexandre Luiz Polizel ... 307
Dia 26 - João Israel da Silva Azevedo ... 308
Dia 27 - Alexandre Luiz Polizel ... 309
Dia 28 - Gilmara Amaral ... 310
Dia 29 - Gilmara Amaral ... 311
Dia 30 - Alexandre Luiz Polizel ... 311

MÊS DE JULHO
Conscientização

Dia 01 - Maria Angélica de Sousa Costa ... 317
Dia 02 - Diego Basto dos Santos ... 317
Dia 03 - Leandro Vendrami ... 318
Dia 04 - Leandro Vendrami ... 320
Dia 05 - Anderson Carlos Santos de Abreu ... 321
Dia 06 - Léo Manso Ribeiro ... 323
Dia 07 - Silvana Alves de Andrade ... 324
Dia 08 - Maria Angélica de Sousa Costa ... 325
Dia 09 - Ieda Pertuzatti ... 326
Dia 10 - Claudio Claudino da Silva Filho ... 327
Dia 11 - Maria Angélica de Sousa Costa ... 329
Dia 12 - Elaine de Oliveira Santana ... 330
Dia 13 - Celso Ilgo Henz ... 331
Dia 14 - Giselda Frank ... 333
Dia 15 - Fernanda dos Santos Paulo ... 335
Dia 16 - Sônia Maria Zanezi Peres ... 336
Dia 17 - Naider Tadeu Porcel ... 338
Dia 18 - Adenildo Vieira de Souza ... 339
Dia 19 - Mônica Maria Teixeira Amorim e Maria Helena de Souza Ide ... 340
Dia 20 - Andréia Cadorin Schiavini ... 342
Dia 21 - Fabiane Kravutschke Bogdanovicz ... 343
Dia 22 - Keila Ferreira Cardoso ... 344
Dia 23 - Maria Angélica de Sousa Costa ... 345
Dia 24 - Georgina Durán ... 346
Dia 25 - Everton Seixas Cardoso ... 347
Dia 26 - Fernanda dos Santos Paulo ... 348
Dia 27 - Aline Nunes Rangel ... 349
Dia 28 - Suzan Alberton Pozzer ... 350
Dia 29 - Georgina Durán ... 352
Dia 30 - Cali Salvador Palombit ... 353
Dia 31 - Everton Seixas Cardoso ... 354

MÊS DE AGOSTO
Pedagogia da esperança

Dia 01 - Paulo Roberto Bellotti Vargas ... 361
Dia 02 - Juliana Aparecida Golfe Rauber ... 362
Dia 03 - Jéssica Pauletti ... 363
Dia 04 - Simone Elina de Paula ... 364
Dia 05 - Gabriela Gonzaga Cher ... 365

Dia 06 - José Humberto Rodrigues ... 366
Dia 07 - Diane Lazarotto Bevilaqua ... 367
Dia 08 - Giselle Moura Schnorr ... 369
Dia 09 - Marcel Cavalcante ... 370
Dia 10 - Peterson. R. Costa ... 373
Dia 11 - Marli Klumb ... 374
Dia 12 - Gilberto Oliari ... 375
Dia 13 - Luciana Rita Bellincanta Salvi e Solange Maria Alves ... 377
Dia 14 - Fernanda dos Santos Paulo ... 379
Dia 15 - Wesley Dias Santos ... 380
Dia 16 - Wesley Dias Santos ... 382
Dia 17 - Ana Paula Grellert e Ederson Pinto da Silva ... 383
Dia 18 - Ediana Maria Mascarello Finatto e Pe. Rogério L. Zanini ... 384
Dia 19 - Avanilde Polak ... 386
Dia 20 - Priscilla Bibiano ... 387
Dia 21 - André Luis Rodrigues Costa ... 388
Dia 22 - Idaliana Mara Marques Coppola ... 389
Dia 23 - Luciana Rita Bellincanta Salvi e Solange Maria Alves ... 391
Dia 24 - William Vinicius Pinto ... 392
Dia 25 - Sebastian Ramos ... 395
Dia 26 - Diane Lazarotto Bevilaqua ... 396
Dia 27 - Marlene Schüssler D'Aroz ... 397
Dia 28 - Sebastian Ramos ... 398
Dia 29 - Bernardo de Vito Schneider ... 399
Dia 30 - Sandra Regina Gavasso Amarantes ... 401
Dia 31 - Claudine Dutra Melo ... 402

MÊS DE SETEMBRO
Professora sim, tia não

Dia 01 - Sacha Arielle Branco ... 411
Dia 02 - Helenara Plaszewski ... 412
Dia 03 - Rômulo Tonyathy da Silva Mangueira ... 414
Dia 04 - Daniel Scheren da Cruz ... 415
Dia 05 - Luis Gustavo Guimarães ... 417
Dia 06 - João Ricardo Vieira Santos Ribeiro ... 418
Dia 07 - Ana Cristina de Lima Semião ... 420
Dia 08 - Clivia Martins de Oliveira Cainelli ... 421
Dia 09 - Adélia Aparecida da Silva Carvalho ... 422
Dia 10 - Adélia Aparecida da Silva Carvalho ... 424
Dia 11 - Andréia Forcellini ... 425
Dia 12 - Marcelo Wilian Costa ... 426
Dia 13 - Idanir Ecco ... 429

Dia 14 - Renata Pekelman ... 430
Dia 15 - William Vinicius Pinto ... 432
Dia 16 - Alessandra Gonçalves Fernandes Adamy ... 434
Dia 17 - Sebastian Ramos ... 435
Dia 18 - João Israel da Silva Azevedo ... 436
Dia 19 - Ivo Dickmann ... 438
Dia 20 - Josenildo Francisco de Lima ... 439
Dia 21 - Josenildo Francisco de Lima ... 440
Dia 22 - Fernanda dos Santos Paulo ... 441
Dia 23 - Raimundo Carneiro Corrêa ... 442
Dia 24 - Rosenei Cella ... 443
Dia 25 - Clécia Andréa Queiroz Ribeiro ... 444
Dia 26 - Ivanio Dickmann ... 445
Dia 27 - Marlete Nunes Gomes ... 447
Dia 28 - Gilberto Oliari ... 448
Dia 29 - Alexandro dos Santos ... 449
Dia 30 - Leonardo da Mata ... 450

MÊS DE OUTUBRO
Cartas a Cristina

Dia 01 - Jaqueline Balthazar Silva ... 457
Dia 02 - Edwilson da Silva Andrade ... 458
Dia 03 - Ana Clésia Pereira Santiago da Rocha ... 460
Dia 04 - Isabela Munis de Oliveira ... 462
Dia 05 - Liana Cristia Giachini ... 462
Dia 06 - Erivaldo Silva ... 464
Dia 07 - Antonia Angelina Basanella Utzig ... 466
Dia 08 - Maria Angélica Sousa Costa ... 467
Dia 09 - Antonia Angelina Basanella Utzig ... 468
Dia 10 - Edwilson da Silva Andrade ... 469
Dia 11 - Edwilson da Silva Andrade ... 471
Dia 12 - Cênio Back Weyh ... 472
Dia 13 - Maria Angélica Sousa Costa ... 473
Dia 14 - Maria Angélica Sousa Costa ... 474
Dia 15 - André Paulo Castanha ... 475
Dia 16 - Wagner Hoffmann ... 477
Dia 17 - Franciele Clara Peloso ... 479
Dia 18 - Eliana Nunes Maciel Bastos ... 480
Dia 19 - Maria Angélica Sousa Costa ... 482
Dia 20 - Maria Angélica Sousa Costa ... 483
Dia 21 - Everton Seixas Cardoso ... 485
Dia 22 - Ronaldo Ferreira Pinheiro ... 486

Dia 23 - Luciana Rita Bellincanta Salvi ... 488
Dia 24 - Luciana Rita Bellincanta Salvi ... 490
Dia 25 - Ana Clésia Pereira Santiago da Rocha ... 492
Dia 26 - Liliane Azeredo Dias ... 493
Dia 27 - André Paulo Castanha ... 495
Dia 28 - Edna Goretti Menegatti Mocellin ... 497
Dia 29 - Maria Angélica Sousa Costa ... 499
Dia 30 - Valdenice Maria da Silva Setti ... 500
Dia 31 - Ana Clésia Pereira Santiago da Rocha ... 501

MÊS DE NOVEMBRO
Pedagogia da autonomia

Dia 01 - Mônica de Toledo e Silva Spegiorin ... 509
Dia 02 - Rayane Albani ... 510
Dia 03 - Sueli Aparecida da Silva ... 511
Dia 04 - Adenildo Vieira de Souza ... 512
Dia 05 - Mateus Lorenzon ... 513
Dia 06 - Fernando Corrêa ... 515
Dia 07 - Joelma Gomes Orrico ... 518
Dia 08 - Cládice Nóbile Diniz ... 519
Dia 09 - Wesley Faria Andrade ... 520
Dia 10 - Welessandra Aparecida Benfica ... 522
Dia 11 - Luciane do Rossio Leal Correia ... 523
Dia 12 - Hélis Cristina Alves Lima ... 525
Dia 13 - Daira Martins Botelho ... 525
Dia 14 - Mônica Tessaro ... 527
Dia 15 - André Paulo Castanha ... 528
Dia 16 - Leila Fatima Corrêa Job ... 530
Dia 17 - Felipe Costa Aguiar ... 532
Dia 18 - Felipe Junior Mauricio Pomuchenq ... 532
Dia 19 - Aline da Silva Serpa ... 534
Dia 20 - Doroteia Carneiro dos Santos ... 535
Dia 21 - Marcelo Teixeira ... 537
Dia 22 - Joaquim Rosa Donato Neto ... 539
Dia 23 - Kátia Cilene da Costa ... 540
Dia 24 - Sirlei Antoninha Kroth Gaspareto ... 542
Dia 25 - Hélis Cristina Alves de Lima ... 543
Dia 26 - Hélis Cristina Alves de Lima ... 544
Dia 27 - Anderson Carlos Santos de Abreu ... 545
Dia 28 - José Bazilio Moreira Junior ... 546
Dia 29 - Lilian Moreira Cruz ... 548
Dia 30 - Claudineia Rodrigues da Silva ... 549

MÊS DE DEZEMBRO
Pedagogia da indignação

Dia 01 - Gercimar Martins Cabral Costa ... 555
Dia 02 - Bernardo de Vito Schneider ... 555
Dia 03 - Adriana da Silva Lopes ... 557
Dia 04 - Renata Kelly Sousa de Almeida ... 557
Dia 05 - Gabriely Lopes de Oliveira ... 558
Dia 06 - Cláudia Barrozo ... 560
Dia 07 - Cláudia Barrozo ... 562
Dia 08 - Naider Tadeu Porcel ... 563
Dia 09 - Naider Tadeu Porcel ... 564
Dia 10 - Adecir Pozzer ... 565
Dia 11 - José Heleno Ferreira ... 567
Dia 12 - Adriana Colling ... 568
Dia 13 - Ediana Maria Mascarello Finatto ... 570
Dia 14 - Shelton Lima de Souza ... 572
Dia 15 - Micheli Tassiana S. Marca ... 574
Dia 16 - Regina Ribeiro Ferreira ... 576
Dia 17 - Verena Strada ... 577
Dia 18 - Shelton Lima de Souza ... 578
Dia 19 - Gleison Peralta Peres ... 579
Dia 20 - Adriana Gomes da Silva ... 581
Dia 21 - Gilmara Amaral ... 582
Dia 22 - Rodrigo Sérvulo da Cunha Vieira Rios ... 584
Dia 23 - Gilmara Amaral ... 585
Dia 24 - Cristiene Adriana da Silva Carvalho ... 586
Dia 25 - Cristiene Adriana da Silva Carvalho ... 588
Dia 26 - Lais Vasconcelos Santos ... 589
Dia 27 - Felipe Costa Aguiar ... 590
Dia 28 - Gabriely Lopes de Oliveira ... 592
Dia 29 - Marcia Maria Rosa ... 593
Dia 30 - Marcia Maria Rosa ... 594
Dia 31 - Elisane Carla Steilmann ... 595

AUTORAS E AUTORES ... 599

ÍNDICE REMISSIVO ... 637

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ... 653

PLANILHA DE MESES E TRECHOS ESCOLHIDOS ... 671

JANEIRO

Educação como Prática da Liberdade

Palavra

Liberdade

Frase

O conceito de liberdade é apresentado em contraponto a opressão e a educação é a chave da libertação dos oprimidos e oprimidas.

Parágrafo

Este livro é a apresentação dos conceitos de Paulo Freire que foram profundamente elaborados na obra máxima, Pedagogia do Oprimido. Na leitura de Educação como Prática da Liberdade encontramos Freire construindo suas bases teóricas e práticas. A partilha da sua experiência é vívida nas páginas deste livro. Um livro essencial para qualquer educador ou educadora que deseja se debruçar sobre a pedagogia freiriana.

01 de janeiro
Rosane de Fátima Batista Teixeira

Liberdade, princípio organizador da proposta pedagógica de Paulo Freire que aliado com o diálogo e o respeito ao educando estrutura os círculos de cultura.

Neste ensaio, elaborado nos intervalos das prisões e concluído no exílio, Paulo Freire apresenta suas ideias pedagógicas, totalmente impregnadas do contexto histórico que as cerca, retratando o período marcado pela emergência política das classes populares e pela crise das elites dominantes no Brasil.

Envolvido com a urgente organização do movimento de democratização da cultura e com a mobilização popular para atacar o problema do analfabetismo, suas ideias nascem como uma das expressões das classes populares e, ao mesmo tempo, conduzem a uma reflexão e a uma prática dirigidas ao movimento popular.

A experiência de Angicos, palco da mobilização em prol da alfabetização de adultos realizada em 1962, teve como saldo 300 trabalhadores rurais alfabetizados em 45 dias. Foi este contexto do Rio Grande do Norte que deflagrou uma ampla campanha, em diversos estados do país, visando a formação de coordenadores e a instalação de 20.000 círculos de cultura para alfabetizar mais de 2 milhões de analfabetos. Infelizmente o movimento foi interrompido pelo Golpe de Estado de 1964 e resultou na prisão e exílio de Paulo Freire, ocasionando a desestruturação do maior esforço de democratização da cultura já realizado no Brasil.

Afastado do país, mas não da causa que defende, no exílio Freire participa de movimentos de alfabetização, estrutura seu método para alfabetizar adultos e sistematiza várias obras, entre elas este livro. As marcas da vivência e do engajamento popular na defesa da conscientização são perceptíveis em todo legado freireano.

Alfabetização e conscientização caminham juntas, a tomada de consciência da situação real vivida pelo educando deve acompanhar todo processo de aprendizado. Numa pedagogia como prática da liberdade o oprimido deve conscientizar-se como sujeito de sua realidade histórica, a discussão das questões relacionadas ao trabalho e a cultura não se separam da tomada de consciência, pois esta conscientização muitas vezes significa o começo da busca de uma posição de luta.

"A compreensão desta pedagogia em sua dimensão prática, política ou social, requer, portanto, clareza quanto a este aspecto fundamental: a idéia da liberdade só adquire plena significação quando comunga com a luta concreta dos homens por libertar-se". (Weffort, 1967, p.8)

02 de janeiro
Jorge Luiz Ayres Gonzaga

Ao longo do século XX, muito se discutiu sobre as concepções elaboradas por Paulo Freire. E essas discussões permanecem e, ao que parece, se intensificam a partir de 2016. As considerações realizadas por Francisco Weffort na introdução do ensaio *Educação como prática da liberdade* parecem tão ou mais atual que aquela feita nos idos dos anos 70. A análise de Weffort chama a atenção para o contexto histórico da educação brasileira em que emergem as concepções

freirianas. Não obstante às inúmeras e diversas discussões e estudos realizados a partir dos princípios construídos por Freire, na atualidade podemos perceber o quanto de atual ainda permanecem as suas concepções de mundo e de educação. É esta relação entre o período que antecedeu o golpe civil-militar de 1964 e o início da década de 1970 que Weffort situa parte de sua introdução – entre as páginas 09 e 16 –, e é a partir desse contexto que situamos nossa reflexão até o momento atual (FREIRE, 1983).

Podemos colocar a questão central de Freire em dois aspectos que consideramos fundamentais nas relações humanas. O primeiro aspecto é o contexto social e as estruturas que constituem o processo de exclusão social e, em especial, da sociedade brasileira. É a partir do processo de colonização, e dos desdobramentos posteriores na história do Brasil, que se inicia a exclusão. Devemos destacar que o processo do mercantilismo europeu deu origem à conquista, à colonização e à exploração das Américas e, no mesmo processo, serviu à acumulação primitiva do capital. E é a partir desse contexto que grande parte da população brasileira foi colocada à margem das riquezas materiais e imateriais produzidas pelo trabalho humano, inclusive por mão de obra escrava.

É a partir desses excluídos e das estruturas de exclusão que Freire tece suas concepções de mundo e de educação. O período anterior ao golpe de 1964 tinha se constituído como um momento de grande efervescência na sociedade brasileira. Segundo Weffort, "[...] registraram-se vários mecanismos políticos, sociais ou culturais de mobilização e conscientização das massas." (FREIRE, 1975, p. 09-10). No período democrático expressado na Constituição Cidadã de 1988, alguns avanços foram conquistados pelos "Movimentos Sociais" organizados sob a égide proposta por Freire, centrados em suas concepções de mundo, epistemológicas e pedagógicas de inclusão dos desvalidos da terra e do capital, ou seja, desvalidos de suas existências.

Entretanto, percebemos que as políticas educacionais concebidas por Freire, que expressam uma sociedade menos desigual e mais solidária, foram barradas por setores reacionários da sociedade brasileira. Os setores da nossa burguesia – ainda impregnados pelas ideologias de cunho aristocrático dos tempos coloniais e imperiais –, não compreenderam, ou não quiseram compreender, que o processo de inclusão social não é somente um instrumento que promove a "[...] libertação do excluído, mas que também culmina com a libertação do agente de exclusão, ou seja, o dominador." (FREIRE, 1983, p. 46). Essa concepção proposta pelo pedagogo dos oprimidos, na esfera da existência humana, ultrapassa com certeza a uma prática pedagógica e a um método de aprendizagem. As concepções de Freire vão além do processo educativo. Elas possibilitam que a educação possa ser um instrumento de construção de "autonomias".

Como método, a pedagogia de Paulo Freire procura articular a teoria e a prática, possibilitando, assim, a construção da práxis humana. Não se reduz a um processo em que a educação se constitui em uma alavanca para o desenvolvimento econômico de apenas um grupo social. Revela-se como uma pedagogia que pode ser instrumento da construção de políticas populares, pois se assenta na conscientização, o que significa em fator fundamental para a compreensão das estruturas sociais e dos seus processos excludentes.

Uma pergunta fica no ar para que nós possamos refletir mais uma vez a pedagogia freiriana: Se as concepções de mundo e de pedagogia propostas por Freire tivessem percorrido os caminhos propostos, hoje poderíamos ter outra educação e outra sociedade alicerçadas na autonomia e na solidariedade humana? O "se" é difícil de responder. Porém, talvez tivéssemos uma so-

ciedade em que temas como alfabetização, educação com inclusão, participação popular, solidariedade e, acima de tudo, amorosidade. Poderíamos, assim, dar um passo mais longo em direção ao nosso processo de humanização. Portanto, além de ser atual, Freire é essencial no caminho a ser percorrido.

03 de janeiro
Isabela Munis de Oliveira

Analisando discursos de Paulo Freire quanto a intensa crise de valores dada no período em que a oligarquia dominava o discurso da democracia, pode-se perceber os reflexos na atualidade. É grande e intensa a crise de valores em uma sociedade democrática, mesmo com todas as conquistas políticas e sociais, o movimento social e os interesses particulares, invadem as massas e fazem se perder a essência de um senso de justiça ideal para o convívio entre todos. Os novos princípios se compõem por meio dos velhos e os valores tomam novos rumos e se recompõem com novas características. Constantemente os homens se questionam sobre o que de fato vem a ser democracia e as lutas por responder a esse questionamento, dá lugar a implementação de uma liberdade questionadora e concreta.

Lutar por um ideal democrático a tempos, vem sendo algo pelo qual a sociedade trabalha, interpretando as linhas históricas compreende-se que há uma fissura entre no antigo regime, tornando possível a democracia (Freire, 1967, p.16). As classes populares deixaram de ser vistas como parte invisível do cenário político, e passaram a ser parte primordial da luta pela liberdade e por constituírem ideologias que buscaram interpretar o sentimento das massas, a fim de exercerem uma força dominadora, entretanto a população, ainda que de forma passiva, aparecem como grande detentora da força real na afirmação da liberdade.

Após 50 anos da vista democrática que Paulo Freire tinha sobre as ideologias elitistas, seu discurso ainda vem recheado de verdade, "Do ponto de vista das elites, a questão se apresenta de modo claro: trata-se de acomodar as classes populares emergentes, domesticá-las em algum esquema de poder ao gosto das classes dominantes" (Freire, 1967, p.17). Somos orientados a estar sempre a postos às novas propostas políticas, mas o que está nas entrelinhas de interesse, fica obscuro aos ideais de transparência de uma democracia justa e eficiente.

O grande ponto desta obra está na verificação do domínio oligárquico sobre as massas analfabetas. Paulo Freire destaca que a consciência ingênua de muitos é a matéria prima para a manipulação elitária e os primeiros a perceberem isso foi a própria elite, que nutriu a população de falsos ideais culturais, pois observaram que, os homens da massa que eram verdadeiramente críticos, atuantes em seu meio social, exerciam grande domínio no ambiente no qual estavam inseridos e isso seria um agravante para quem quer dominar. Era necessário frear as manifestações populares, utilizando todos os argumentos e manifestações necessárias a este feito, pois não ter o poder era sinônimo de derrota. A saída que viram foi deixar fora das eleições os analfabetos, que constituíam grande parte da população, deixando nas mãos de poucos a decisão da manutenção de uma pseudodemocracia.

O movimento de educação popular seria o ápice para a ameaça do cenário da época, entretanto, os representantes populares, vinculados por seus interesses pessoais, não deixaram de ser parte da elite, emergindo das classes populares às classes dominante, exercendo sobre seus

pares a manipulação e o autoritarismo, mascarados por uma benevolência falsa e errática. A aliança entre grupos elitistas e grupos populares, deu abertura a um novo ideal, os industriais, movimentando a sociedade a repensar seus princípios e a manter os valores antigos com características modernas.

04 de janeiro
Gercimar Martins Cabral Costa

Repensar a educação como prática da liberdade, faz-se repensar o compromisso político, a manipulação populista, que por sua vez tinha um comportamento intermediário entre duas classes, sendo as elites de um lado e as massas de outro, ou seja, em que o que realmente ponderava, era os interesses dominantes.

Era possível perceber que os populistas promoviam alguma mobilização com o objetivo de manipular novas massas, porém, o que se ficava a pensar, era se esta mobilização realmente seria condizente, ou se estaria indo para a obtenção de resultados contrários do que se pretendia.

Como abordado no livro a que este capítulo se refere, "todos sabemos o que pretendem os populistas, no Brasil como em qualquer país da América Latina, com a mobilização das massas: cada homem um voto" (FREIRE, 1967, p. 22).

Neste viés, a proposta desta obra, pondera o fato de que a Pedagogia da Liberdade, objetiva preparar a democracia, e não apenas preparar um eleitor, apenas com o objetivo de ter o seu voto, visto que, a política não conseguiria atender e suprir toda essa demanda posteriormente.

No que tange ao movimento da educação popular, vale ressaltar que aqueles que eram alfabetizados, eram também mais exigentes em relação aos populistas, pois, estes conseguiam ver a distância entre as promessas e a realidade que realmente era efetivada.

Conforme Freire (1967, p. 24), "o movimento de educação popular serviu em conjunto muito mais à mobilização que à manipulação, que sempre criticou de maneira bastante clara", isso, pelo fato de os próprios populistas nem sempre terem conseguido compreenderem a própria manipulação que eles estimulavam, em que "suas palavras vagas e abstratas tinham vida real para as massas e as estimulavam a esperar mais do que eles podiam dar".

Neste viés, "políticos essencialmente pragmáticos, que sabem muito bem como ganhar uma eleição ou um debate parlamentar, tenham sido também paradoxalmente os mais importantes propagandistas dos ideais da Revolução Brasileira", não para se tornarem teóricos, ao fato de não terem um conceito claro de suas ideias, mas de certa forma, o modelo que utilizavam para conseguir atingir as massas (FREIRE, 1967, p. 25).

Através das teorias de Paulo Freire é possível esboçar as bases do que verdadeiramente se caracteriza por uma pedagogia democrática, por meio da educação popular, que tange a libertação de classes consideradas populares. Tem-se históricos acerca do educador, em que se preocupava com o problema do analfabetismo, com a libertação do homem, enquanto os políticos, tinham interesse nas massas em que de alguma forma, poderia manipular para obtenção de votos (FREIRE, 1967).

O educador estabelece uma convivência em que "homens igualmente livres e críticos, aprendem no trabalho comum de uma tomada de consciência da situação que vivem", de forma que se constrói uma pedagogia capaz de eliminar "pela raiz as relações autoritárias, onde não há

'escola' nem 'professor', mas círculos de cultura e um coordenador cuja tarefa essencial é o diálogo" (FREIRE, 1967, p. 26).

De forma suscinta, endossa a compreensão de que os políticos desejam uma manipulação autoritária de massas, com um único objetivo, de obter votos em suas campanhas, enquanto os educadores, prima pela reflexão e consciência de uma educação como prática da liberdade.

05 de janeiro
Cícero Henrique Bezerra da Silva

> "A palavra é meu objeto de trabalho. É a palavra que revela o já inscrito em mim...a mesma palavra que liberta, aprisiona".

Esta nota introdutória retirada do livro *Sobre ler, escrever e outros diálogos*, de Queirós (2012), nos leva a considerar que a palavra tem sido durante a existência de Paulo Freire, o seu instrumento de trabalho também, é dela que ele se valia para calar o ignorante e formar pessoas críticas, leitoras do mundo à sua volta. Com suas palavras, o mesmo revelara o que tinha inscrito em si, um sujeito humano que visava a dialética como instrumento proporcionador da liberdade.

Assumir postura de leitores nas obras freirianas, enquanto educadores e ativistas em um mundo complexo, é dar continuidade ao seu diálogo mais que necessário referente a educação e a realidade a que essa se encontra. É dar continuidade a boniteza de um sonho transformador que essa proporciona por meio de intervenções que as demandas sociais em gritos, talvez silenciados, pedem.

No trecho do livro Pedagogia da Autonomia, Freire (2011) diz que "a leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito", e é desse sujeito que se insere e se envolve com a leitura e se dar por pronto para construir novos pontos de vista em relação a temas geradores que estão à soltas na sociedade, demonstrando-se crítico e colaborativo para solucionar problemas a cunho de uma sociedade que zela, ainda, pelo tradicionalismo que tanto rebatiam as inquietações freirianas, principalmente dentro do sistema educacional, que precisamos.

Desafiante é tomar o compromisso audacioso de comentar os escritos do patrono da Educação Brasileira que nos silenciam devido a sua consequência de fazer refletir, por um momento, onde a partir desse ato de reflexão também é preciso tecer em linhas, novas inquietações, novas interpretações, dando passaporte para que outras ideias possam surgir, postulando-as e permitindo continuidade à sua corrente de pensamento.

Ao darmos início a leitura da obra Educação como Prática da Liberdade, do ilustre Paulo Freire, publicada em 1967, nos defrontamos com a criação poética *Canção Para os Fonemas da Alegria*, de Thiago Mello, onde de modo crítico-literário, podemos pensar e repensar sobre o potencial transformador que tem a educação.

Chega-nos a entender que a visão humanizadora de Freire é um ato de amor que celebra a instauração de uma esperança, pela alfabetização, para o processo dialógico através do ato educativo para com os indivíduos sociais, quando nos últimos versos se diz "*... canção de amor geral que eu vi crescer nos olhos do homem que aprendeu a ler...*" é claro e óbvio, assim redundante, que isso só se fará possível a partir da repartição de saberes que promovam a fraternidade e senti-

mento de solidariedade entre sujeitos carentes de amor e de superação, que também pode acontecer com a alfabetização cantada em honra ao método alfabetizador de Paulo. É como dar visão aquele que vivia às cegas.

Em edições posteriores além da primeira, o texto dá abertura às reflexões de Freire acerca da realidade socioeducacional como um todo. No que tange ao momento histórico, parece-nos que tal texto exalta o trabalho do educador, recém exilado no Chile em 1964, devido a um momento histórico de muitas balbúrdias para com intelectuais que enxergavam a necessidade de uma educação humanizadora e contextualizada e que abrisse fronteiras para novas possibilidades de vida, transformando o sujeito em um ser melhor do que já é: humano.

Gratidão é o que vemos nesta grandiosa obra de Freire para com seus genitores Joaquim Temístocles Freire e Edeltrudes Neves Freire, por desde cedo mostrar-lhe a importância do diálogo; o que demonstra para nós, que diálogo também se ensina e o quão o seio familiar pode fazer a diferença na vida de uma pessoa a exemplo do renomado recifense e nordestino Paulo Freire, ao fazer entender que a dialeticidade é uma arma a benefício do aprendiz em fase de formação.

Toda sua experiência partilhada no decorrer da Educação como Prática da Liberdade, nasce do contato com uma gente, diga-nos de passagem, analfabetas que o ensinam a importância da práxis educativa em re-conhecer o repertório de vida dos menos favorecidos por uma sociedade, infelizmente, segregadora. Pessoas analfabetas, porém, letradas em sua condição existencial, conhecedoras de sua realidade. Reflexões que emergiram do contato e observação da realidade.

A linguagem utilizada na obra, demonstra a cada vírgula, a sua preocupação com os indivíduos e as mazelas sociais que os acometem. Indivíduos esses que criam e reinventam suas próprias histórias, dentro do contexto ao qual estão inclusos. Talvez e/ou por que não afirmar que tenha sido essa concepção humanizadora que tenha consagrado e dado o devido e merecido renome ao pensador/educador. Falou bonito e pões em prática sua dialética libertadora, não sendo mecanicista, mas dando condições para reprodução de outras vozes.

06 de janeiro
Pe. Francisco Pelonha

A vocação ontológica do ser humano é a busca do "Ser mais" enquanto busca incessante do saber que possibilita aos seres humanos a conscientização de sua finitude que se dá por meio de uma educação que lhe seja permanente. Nisto, consiste que, a educação é permanente tão somente porque o ser humano é inconcluso e, daí consciente de seu estado de finitude, inacabado, sua busca por "Ser mais", para a vida.

A formação permanente como preconiza Paulo Freire, é uma exigência existencial, antes mesmo de ser um projeto político e pedagógico. Ou seja, o que exige a formação permanente humana é a própria constituição da condição humana. Afirma Freire em *Política e educação*:

> A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas *saber que vivia* mas *saber que sabia* e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí. (2000, p. 20).

Ana Maria Saul e Alexandre Saul apontam, no verbete *formação permanente* do *Dicionário Paulo Freire*, que a formação permanente, na perspectiva freireana, não é uma modalidade de ensino ou mesmo um currículo escolar, mas, isto sim, trata-se de um conceito presente em toda a pedagogia freireana e, por assim o ser, torna-se conceito paradigmático no cenário do currículo, da pedagogia e de todo esforço sério por entender a educação. Afirmam os autores:

> O conceito de educação permanente freiriano transversaliza toda a sua pedagogia e repercute nas áreas de currículo, ensino-aprendizagem, avaliação e formação de educadores. Ganha destaque o impacto dessa concepção na criação e prática de um novo paradigma no campo da formação docente, ao se distinguir de teorias e práticas que tomam a formação permanente como sinônimo de ações cronológicas. E mais, priorizam, de forma explícita ou implícita, o produtivismo e a rentabilidade que visam a formar profissionais melhor adaptados às exigências das mudanças tecnológicas e do desenvolvimento econômico. (2018, p. 169).

Neste sentido, a *formação permanente freireana* é um crivo crítico fundamental para a identificação dos limites das formações continuadas oferecidas como meras adaptações ao mundo do trabalho educativo. Do mesmo modo, a *formação permanente freireana* pode ser afigurada como olhar crítico para as práticas e concepções da formação continuada equivocadamente chamada de formação permanente nos espaços escolar e não escolar como se ambas fossem a mesma modalidade sem a devida diferenciação à ser feita entre a formação permanente freireana e a formação permanente/continuada a que fomos convencionados a chama-la.

O pensamento de Paulo Freire, maior pedagogo e filósofo da educação brasileiro[4], é indispensável para qualquer reflexão e estudo que objetivem ser progressistas, que almejem a libertação das condições de opressão e de desumanização nas quais estão inseridos os diversos "esfarrapados do mundo", na expressão tão fortemente usada por Freire.

Um conceito central na pedagogia de Paulo Freire é o da *humanização*, que perpassa toda a sua obra, no reconhecimento de que o ser humano não é estático, não é uma realidade pronta e acabada, mas um ser que está se descobrindo e se conhecendo em busca de sua humanização, em sua vocação ontológica de *Ser Mais*, que lhe foi negada pela desumanização.

A superação da desumanização dos seres humanos só será possível pela educação dos mesmos, para que tomem consciência de sua condição de seres desumanizados, buscando-se, com isso, sua humanização, que será possível a partir da conscientização e do diálogo, tornando-se consciente de seres inacabados em busca de sua humanidade.

É por meio da conscientização e do diálogo que os seres humanos poderão problematizar sua presença no mundo e com o mundo, deixando de serem coisas, para se transformarem em seres conscientes de si e de seu papel histórico no mundo, numa relação com o outro, possibilitando assim uma construção coletiva de conhecimentos e de consciência de si mesmos.

É nessa construção coletiva que se descobre e se conscientiza do *Ser Mais* em sua vocação ontológica de humanização, opondo-se à desumanização a que foi historicamente submetido. Esse movimento configura a passagem da consciência ingênua a uma consciência crítica, condição para saírem da sua acomodação, tornando-se construtores de suas próprias histórias, por meio de uma educação que possibilite a libertação dos seres humanos de sua condição de seres desumanizados.

Freire constata que o problema central da história presente da humanidade é a humanização do ser humano em oposição à desumanização:

---

[4] Está, certamente, como pensador da educação, entre os mais reconhecidos do mundo.

> Constatar essa preocupação implica, indiscutivelmente, reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica. É também, e talvez, sobretudo, a partir desta dolorosa constatação que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade – a de sua humanização. (FREIRE, 2015f, p. 40).

A desumanização, ao contrário do que percebemos, não está presente apenas em quem tem sua dignidade roubada, "[...] mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam" (FREIRE, 2015f, p. 40). Segundo o autor, isto é "a negação de ser mais", pois a verdadeira vocação do ser humano é a busca de sua própria humanização: a busca do *Ser Mais*: "[...] o objetivo básico de sua busca, que é o ser mais, a humanização, apresenta-se como um imperativo que deve ser existencializado" (Idem, 1969, p. 127).

A humanização é a vocação ontológica do *Ser Mais*; a desumanização é a distorção dessa vocação: ser menos. A humanização e a desumanização são realidades históricas do homem, como um ser incompleto e ao mesmo tempo consciente de sua incompletude. A humanização, neste sentido, se constitui como a verdadeira vocação humana, enquanto que a desumanização é a distorção da vocação (Ibidem, p. 127).

A desumanização não pode ser considerada como uma espécie de nova vocação do ser humano; ao contrário disso, cedo ou tarde, aqueles que se encontram desumanizados se voltarão contra aqueles que os desumanizam e contra a situação de desumanização, não para desumanizá-los, mas para, produzindo a própria libertação, libertarem também os desumanizadores de sua própria condição de desumanização. (FREIRE, 2015e, p. 41).

Freire (Ibidem), ao reconhecer que os seres humanos são seres em contínuo processo de humanização e que, devido às situações históricas específicas, encontram-se desumanizados, afirma que esses devem tomar consciência de sua própria condição de seres desumanizados, como condição para sua libertação, com a passagem da consciência ingênua para a consciência crítica, que se dá através do processo de conscientização e diálogo.

Faz-se necessário compreender e saber, de fato, quem são esses renegados de sua humanização, seu lugar na sociedade e onde eles estão. Freire (Ibidem) fundamenta sua pedagogia de humanização partindo do lugar e do tempo desses desumanizados, reconhecendo-os pelas mãos estendidas e pelo som que ecoa de fortes gritos de apelo em diversos espaços e espalhados na sociedade, perambulando à mercê de sua própria desumanização.

Ao identificar esses desumanizados, Freire (Ibidem, p. 42) adverte sobre aqueles que se utilizam de "uma falsa generosidade" para com esses e que se deve "lutar para que desapareçam as razões que alimentam o falso amor".

> A falsa caridade, da qual decorre a mão estendida do "demitido da vida", medroso e inseguro, esmagado e vencido. Mão estendida e trêmula dos esfarrapados do mundo, dos "condenados da terra". A grande generosidade está em lutar para que, cada vez mais, estas mãos, sejam de homens ou de povos, se estendam menos em gestos de súplica. (Ibidem, p. 42).

Nas mãos ainda estendidas, em súplicas por justiça, paz, direitos iguais, partilha, vida digna, há também os que suplicam por saúde e dignidade, por vida em abundância e não por falsa generosidade. Súplicas para que se importem com o doente e não apenas pela doença, por saúde como direito básico e essencial e que se importem em lutar por políticas públicas para a saúde, enfim, por humanização. Por este sentido, não é possível pensar uma formação numa perspectiva progressista – e, no nosso caso, freireana – que não seja, a um só tempo, processo de formação e de humanização.

Formação permanente implica, portanto, a humanização, entendida como realização da verdadeira vocação humana, por meio do diálogo – de modo que ninguém se humaniza a si

mesmo, isoladamente –, da conscientização – de modo que se exige saber-se desumanizado para que a luta pela humanização se dê –, da participação – de tal modo que não seja possível pensar em humanização sem a atuação concreta no mundo, transformando-o – e da leitura do mundo – de modo que não é possível mudar aquilo que não se compreende, que não se expressa, que não é dito e lido. Assim, o verdadeiro processo de formação permanente é um processo de humanização do humano.

07 de janeiro
Gustavo Gomes da Rocha

> " (...) o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. (Paulo Freire)

Escrito em um contexto de crescente opressão, durante o período em que foi exilado no momento pós-golpe militar de 1964, o clássico e sempre atual ensaio "Educação como Prática da Liberdade" expõe de forma detalhada Método de Alfabetização de adultos criado por Paulo Freire (1921-1997), contextualizando-o filosoficamente, historicamente e socialmente e fundamentando-se na humanização e liberdade do trabalhador.

O ensaio é dividido em quatro capítulos, sendo "A Sociedade Brasileira em Transição" o primeiro destes. É nesse primeiro momento de seu ensaio que o Patrono da Educação Brasileira traz à tona suas reflexões acerca das forças políticas que disputavam o poder no início da década de 60 no Brasil, esclarecendo, inicialmente, seus pressupostos filosóficos e existenciais para, logo em seguida, contextualizá-los aos seus efeitos sociais e históricos.

Primeiramente, o autor traça seu paradigma afirmando que o homem não está mais no mundo, mas *com* o mundo. Em outras, palavras, rompe-se a ideia do ser humano passivo, não reflexivo e imutáveis e tem-se a ideia da emancipação intelectual; um ser dono de sua existência; que reflete e age. Nesse sentido os seres humanos são distintos dos animais pois "apresentam uma ordem tal de características que as distinguem totalmente dos puros contatos, típicos da outra esfera animal" (FREIRE, 1983)

Nas palavras do autor:

> "Existir ultrapassa viver porque é mais do que estar no mundo. É estar nele e com ele. E é essa capacidade ou possibilidade de ligação comunicativa do existente com o mundo objetivo, contida na própria etimologia da palavra, que incorpora ao existir o sentido de criticidade que não há no simples viver. Transcender, discernir, dialogar (comunicar e participar) são exclusividades do existir. O existir é individual, contudo só se realiza em relação com outros existires. Em comunicação com eles".

Dessa maneira, o homem é um ser independente, crítico, que possui uma ampla gama de relações com o mundo, visto que possui diversos desafios em diferentes contextos diários e através das relações interpessoais diárias constrói o seu próprio conhecimento e busca respostas para os problemas e desafios que podem ser encontrados nessas relações, que muitas vezes são conflituosas

Tem, portanto, consciência de que a vida é finita na medida em que herda, incorpora e modifica o tempo em que vive. Isto é, "Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. (…). Temporaliza-se" (FREIRE, 1983). Nesse sentido "Nas relações que o homem estabelece com o mundo há, por isso mesmo, uma pluralidade na

própria singularidade." (FREIRE, 1983). E é exatamente por essa incorporação ao seu tempo que o homem marca a transição de épocas. Ao vivermos; interagimos, criamos, inovamos e integramos ao mundo.

Como afirmou Silva, 2000, "Mas, por outro lado, na concepção de Paulo Freire, o que se sente, dia a dia, é o homem simples, esmagado e estagnado, convertido em um ser passivo, comandado pela influência de mitos que forças sociais criam para ele. Mitos que o destroem e aniquilam. É o homem tragicamente assustado, temendo a convivência autêntica, com "medo da liberdade".

Dessa forma, "toda vez que se suprime a liberdade, fica ele um ser meramente ajustado e acomodado" (FREIRE, 1983)

E é exatamente nesse contexto que se encontrava a sociedade brasileira da década de 60; em transição. E havia um dinamismo nesse período; muitas idas e vindas, muitas modificações e mudanças. Sendo assim, de acordo com as ideias de Freire, a educação possuía um papel de suma importância nessa fase de trânsito temporal e constituía uma tarefa extremamente crucial, pois através de uma pedagogia dialógica e ativa, direcionada ao caráter político e social, alcançariam à transitividade crítica que se caracteriza pela complexidade na interpretação dos problemas. Tal ideia traz á tona a vertente da democracia.

Pode-se observar, portanto, que o capítulo "A Sociedade Brasileira em Transição" é de grande importância e sua contribuição para a formação, reflexão e prática docente é imensa. Ao ler o ensaio "Pedagogia dos Oprimidos", o leitor entrará em contato com os postulados freirianos e terá subsídios para um fazer docente mais contextualizado e prático em sua rotina em sala de aula.

08 de janeiro
Ana Cristina de Lima Semião

Neste trecho, Paulo Freire nos mostra a grande necessidade de atitudes críticas e integras, quanto ao posicionamento do homem, dentro e fora da sociedade.

Sociedade essa que ao invés de incluir, exclui, ceifando assim a liberdade do povo de também estar presente nas decisões que são tomadas por um pequeno grupo de elite e que apresentam projetos e decisões ao povo, de forma macia e manipuladora, em que todos aceitam sem ao menos contestar.

Ele entende que somos sim capazes de modificar o meio em que somos inseridos, ajustando-se à realidade na possibilidade de transformá-la, deixando de lado hábitos que alienam, acomodam, esmagam e diminuem a capacidade de sermos cidadãos críticos e pensantes. Mas infelizmente na divisão dos mundos, elite e povão, é o homem simples que é diminuído tornando-se um mero espectador assustado, com medo da liberdade.

Dessa forma perdem a capacidade de perceber a mudança e a transição de uma época para outra em que se exige flexibilidades de funções mais intelectuais e menos instintivas e emocionais.

Freire quando escreveu Educação Como Prática de Liberdade, o Brasil vivia um tempo transitório, saindo de uma sociedade fechada comandada por um mercado externo exigente, que

não dava margem ao povo por ser uma sociedade elitizada que alienava o a grande massa, então se percebeu o elevado índice de analfabetismo com alienação cultural gritante.

Por isso na fase de transição em que vivia o povo brasileiro, a educação foi uma tarefa altamente importante, precisava esvaziar-se de tudo que estava arraigado e recomeçar de modo que o novo apresentado tornasse os cidadãos capacitados a serem críticos e pensantes.

Diante do novo, a contradição surgiu forte, querendo confundir e instalar um medo generalizado para que o homem não buscasse o conhecimento libertador. Assim a elite ia permanecendo no poder.

A educação começou a modificar a partir do meio em que viviam as pessoas mais humildes, fazendo-os olhar para as mesmas coisas, mas agora com significado.

Uma educação de diálogo em que a meta é mostrar a real responsabilidade, social e política que envolve cada pessoa, e ter um olhar crítico e profundo sobre tudo do nosso país.

Homens livres, pensantes, críticos, capazes de tomar decisões, de interagir com o meio, ser ativo e não mais apenas um acolhedor das decisões da elite.

Com tudo que aconteceu dentro do país, a sociedade rachou-se, deixou de ser elitizada, e começou a emergir uma sociedade mais democrática, ativa com cidadãos que enfim saía da acomodação, para ser mais participativo. Entra aí a verdadeira matriz da democracia.

E temas como democracia, participação popular, liberdade, educação começaram a ter outra significação dentro da nova sociedade emergente. E a sociedade que era fechada, passou a emergir como uma sociedade aberta, democrática com pessoas capazes de discernir o certo e o errado.

Um tempo transitório de mudanças aceleradas, que fez a sociedade antes fechada ter uma nova significação, onde o povo simples e sem leitura pudesse ver despontar um fio de esperança dentro da educação voltada para o homem simples, a partir do próprio meio.

A ideia da nova educação foi dar voz aquelas pessoas invisíveis á sociedade elitizada, foi credibilizar aquelas pessoas sem voz e sem vez, e fazer acontecer de forma sólida uma educação que transforma e humaniza.

Foi pensando em um amanhã diferente, que Paulo Freire começou a trilhar um caminho educativo humano, em que acreditar no outro e que o outro acredite em si, que a educação começou a ser libertadora.

09 de janeiro
Cícero Henrique Bezerra da Silva

Esta sociedade rachou-se e com isso se pode ver e sentir as tensões sociais que abalam as estruturas de uma sociedade marcada por um dinamismo à velocidade da luz, tensões essas que são conflitos segregadores de sujeitos sociais, culturais e políticos que se detêm de senso crítico ou não, inclusos no contexto social dominante.

Com os dias que correm, a sociedade brasileira enfrenta em seus setores diversos, crises que ocasionam uma abertura para debates acalorados que desvendam a complexidade das relações humanas, pois então, é um grupo social que se encontra à margem de uma "rachadura".

Na centralidade desta rachadura, a configuremos como *rachadura social*, onde os sujeitos integrantes da "casa" sociedade, dividiram-se em suas distintas relações partidárias, pregando

ideologias políticas disseminadoras de ideais que celebram a alienação ou (des) alienação destes indivíduos. Não se fez necessário bastante tempo para que se pudesse, em sociedade, identificar as problemáticas que ferem algumas esferas constituintes dessa, bastou-se, apenas, a ressaca de eventos históricos como a Revolução Industrial seguida dos avanços tecnológicos. Além disso, questões a exemplo da desigualdade social, econômica, política e outros malefícios como a intolerância religiosa, preconceito racial e de gênero contribuíram ferozmente para que houvessem as rupturas de laços conservadores que mantinham, talvez, a sociedade trancada.

Se ainda não éramos uma sociedade aberta, já não éramos, contudo, uma sociedade totalmente fechada. Parecia-nos sermos uma sociedade abrindo-se, com preponderância de abertura nos centros urbanos e de fechamento nos rurais, correndo o risco, pelos possíveis recuos no trânsito (FREIRE, 1986).

A aglomeração e o crescimento desenfreado de centros urbanos trouxeram à tona o surgimento de diversas mazelas em um momento de transitividade da sociedade, onde os agentes, principalmente advindos de zonas rurais, romperam fronteiras para que se pudesse ter o que se chama de mobilidade social, estabelecendo condições de vida melhores ou piores, mesmo que utopicamente como se ver. As periferias das grandes cidades, podendo citar São Paulo, abrigam sujeitos dotados de sonhos que saíram do campo, muitos deles da região Nordeste em busca da concretização de seus sonhos, com essa transição, se teve a abertura para um novo mundo, esse fechado às oportunidades iguais para todos, contribuindo para desumanização do ser, inclusive dos poderosos, uma espécie de um jogo de xadrez onde seus jogadores desconhecem as regras.

Ideologia e poder fundem-se em relações que dão ao homem a possiblidade de "expor" seus pontos de vista, bem como seus sentimentos, porém nem sempre aceitos pelo outro, até mesmo que cada um em sua sã consciência pode pregar sua verdade, agora, cabe ao "Eu", sujeito crítico ou acrítico, recebê-la ou repugná-la. Dentro da perspectiva de formar cidadãos críticos, se faz pertinente a busca por uma educação que abra caminhos para o debate, a construção de um discurso voltado para temáticas que inquietam e proporcionaram a explosão de conflitos sociais. Assim, conforme Fiorin (2006), o sujeito é integralmente social e integralmente singular, acordando em Freire (2011), que a educação deve orientar o discente a pensar certo, formar um sujeito crítico em sua singularidade diante do seu modo de ser e de estar no mundo, afinal ele é um ser social inserido em lutas.

A luta de classes, em sua incansável corrida em defesa de seus interesses de coletividade dentro de sua individualidade, é um modelo evidente que traz em suas entranhas um jogo legítimo de ideologia e que a ferro e fogo briga para sustentar seus valores. Nesses entraves, há uma repressão política que tomam o "poder" da palavra, tentando silenciar as vozes sociais que clamam por igualdade e liberdade de expressão, o que acarreta à criação de zonas de conflitos pela repulsa do processo dialógico pela elite dominante.

O cenário político-social, no momento, tem um pano de fundo onde se registram imagens ou retratos marcados por elementos separadores entre direita e esquerda _ rotulações de grupos que vivenciam movimentos sociais em busca de seus direitos. Na comunidade brasileira, existem posições radicais que prezam estupidamente por um processo antidialogal, seja por modismos ou como se percebe escancaradamente por livre escolha, de fato, esta sociedade rachou-se.

10 de janeiro
Tiago Franceschini da Rosa

> "Nutrindo-se de mudanças, o tempo de trânsito é mais do que simples mudança. Ele implica realmente nesta marcha acelerada que faz a sociedade à procura de novos temas e novas tarefas." (FREIRE, 1967, p.46).

Freire, no parágrafo citado menciona o termo "sociedade em trânsito" para a representação do estado que se encontrava o Brasil após a época da revolução industrial rumo a estabilização dos costumes socioculturais estruturantes da nossa nação. Ele sugere que havíamos saído de uma inebriada realidade ingênua, onde os costumes e aspectos culturais eram importados, principalmente da Europa, mas nos pareciam familiares e próprios, os quais colocavam a nossa sociedade em uma fase de reestruturação e reordenação, onde tais aspectos se tradicionalizavam e caracterizavam um período de trânsito.

Muito além de um simples estado de mudança, o estado de trânsito representa a ruptura de tradições e manifestações que acabam por transformar a nossas realidades. Tal período traz consigo diferentes modificações que irão colocar em voga estruturas sociais que para alguns, antes, representavam segurança, conforto, estabilidade e tradição, porém, agora, representarão instabilidade e insegurança, mas será somente através desse movimento que as reais bases fundamentadoras de um sistema se transformarão; seja para uma estrutura mais humanizada, ou para uma que represente o oposto a isso.

Ao passo que o período de transição ocorre, o sujeito ingênuo e passivo pode se colocar na posição de crítico e ativo, o que muitas vezes poderá ser visto como um ato anarquista e subversivo, mas esse é um aspecto comum para aqueles que se descobriram em uma sociedade inacabada e com preceitos irreais que precisam ser questionados e novamente colocados em estado de construção. Assim a sociedade emerge do afogamento emplacado pelo sectarismo, onde um a um, os líderes surgem do meio do povo e arremetem-se a uma realidade crítica, em busca da reconstrução histórica, do reestabelecimento de novas diretrizes e do reequilíbrio social; o qual transforme a grande multidão em sujeitos ativos e não mais em objetos passivos de manipulação.

Há de se destacar que nessa fase de transição a consciência do povo deverá se impor de forma ainda mais crítica que antes, pois somente assim será possível vislumbrar uma integração social e uma determinada sobrevivência aos períodos cambiantes e transitórios. Pois como afirma Freire (1967, p. 56)

> o que importa, realmente, ao ajudar-se o homem é ajuda-lo a ajudar-se. (E aos povos também) É fazê-lo agente de sua própria recuperação. É, repitamos, pô-lo numa postura conscientemente crítica diante de seus problemas.

Assim sendo, é necessário subsidiá-lo (o povo) contra a massificação e o assistencialismo, pois neste período haverão aqueles que resistirão a transição para preservar seus privilégios, aqueles que incitarão a transição para adquirir privilégios e aqueles que defenderão a transição, pois clamam por uma sociedade justa, com costumes e tradições próprias.

No entanto, colocar o povo como agente principal da própria transformação é o equivalente a revelar os problemas sociais e iniciar uma busca por solução, com o povo e nunca, para o povo. Assim, nesse movimento de humanização da nação (tendo como enfoque a nação brasileira) a educação deverá representar o viés encorajador daqueles que vivem a transição, sugerindo reflexões sobre os principais aspectos socioculturais, agregando criticidade e instaurando um novo clima cultural e uma determinada compreensão sobre a realidade.

O professor, a escola e os alunos desempenharão o papel de formadores das múltiplas consciências, criando ambientes de integração e respeito, motivados pelo ensino e pela aprendizagem partida da realidade e das necessidades de cada grupo social. Assim, pessoas das diferentes classes sociais serão movidas pela reflexão e análise das próprias lacunas socioculturais, instigadas ao fortalecimento da postura crítica e ativa, colocadas num estado de movimentadoras das próprias causas e agentes das próprias mudanças.

Tomando a liberdade de comparar a obra freiriana com o período atual vivenciado pelo povo brasileiro, veremos o ressurgir de um novo momento de transição, e o povo, imerso numa realidade de desilusão e desesperança, cercado pelo idealismo ingênuo e utópico, se projeta ao novo na esperança de uma renovação. Por sua vez, a sociedade, repleta de sectarismo, privilégios e irracionalismo faz escolhas relacionadas não mais ao bem comum, mas as formas incessantes de retomar a ordem por meio de curtas e superficiais "mudanças", as quais (como vimos anteriormente) não serão suficientes para transformar e renovar, e desse modo, o povo segue para um estado de transição que poderá durar muitos anos.

Se por um lado temos a impressão de estarmos vivendo o ressurgimento de um período de transição, por outro, preocupados com o encaminhamento desse período, devemos cuidar do nosso sistema educacional. A educação será uma das possibilidades de estabelecermos bons direcionamentos para o rumo do atual estado de transição, pois ela auxilia na formação da consciência do povo através de reflexões, diálogos e análises, e assim, cada indivíduo, ao ocupar seu devido lugar de sujeito transformador sairá do estado de "seres domesticados", onde o pensamento e a criticidade haverão se tornado artefatos esquecidos e inacessíveis.

Por fim, para encerrarmos essa discussão integrando o pensamento de Freire a esses últimos parágrafos, os quais representam um otimismo crítico em relação ao estado no qual estamos imersos, citamos:

> Se na imersão era puramente espectador do processo, na emersão descruza os braços e renuncia à expectação e exige a ingerência. Já não se satisfaz em assistir. Quer participar. A sua participação, que implica numa tomada de consciência apenas e não ainda numa conscientização — desenvolvimento da tomada de consciência — ameaça as elites detentoras de privilégios (Freire, 1967, p.54).

11 de janeiro
José Heleno Ferreira

> De sua posição inicial de "intransitividade da consciência", característica da "imersão" em que estava, passava na emersão que fizera para um novo estado – o da "transitividade ingênua. (Paulo Freire. *Educação como Prática da Liberdade*, 1967 – p. 58-63)

O educador brasileiro Paulo Freire é reconhecido, por sua obra, por sua atuação junto às causas sociais, pelos compromissos políticos que assumiu ao longo de sua vida, sempre na defesa da justiça, da igualdade e dos direitos dos homens e mulheres empobrecidos e empobrecidas, como o educador do diálogo. É possível perceber, em toda a sua obra, a aposta no ato de dialogar como ferramenta para a transformação das pessoas e, consequentemente, da sociedade. Nota-se com clareza a afirmação do diálogo como processo de humanização no livro "Educação como Prática de Liberdade", publicado ainda na década de 1960, através do esforço teórico – outra das marcas da obra freireana – de conceituar a consciência intransitiva, transitiva ingênua e transitiva crítica.

Alguns anos antes da publicação desse livro, Paulo Freire afirmara, no I Congresso Brasileiro de Alfabetização, que os brasileiros e brasileiras viviam o trânsito de massa para povo. Defendia, então, que, de uma massa informe e sem identidade, a sociedade brasileira caminhava, a partir das lutas pelo direito à alfabetização, à terra e à moradia, para tornar-se povo, com uma identidade construída, sólida, capaz de se reconhecer como sujeito de direitos.

Para compreender o processo de intransitividade e transitividade da consciência trabalhados por Freire, é preciso, antes, reconhecer que o educador brasileiro considerava o ser humano e a história como *vir a ser*, negando, pois, todo e qualquer fatalismo. E, para tal, vale a pena recorrer à própria obra freireana.

Ao contrário dos demais animais, o ser humano cria seu próprio mundo, sua própria realidade, sendo condicionado pela realidade que cria, ensina-nos Paulo Freire em "Liberdade cultural na América Latina" (2010): "somente os seres que vivem este paradoxo de criar e ser condicionado por sua criação são capazes de alcançar a liberdade. Quando alienados, eles são capazes de superar a alienação; quando oprimidos, eles são capazes de lutar pela liberdade" (p. 338). A possibilidade de romper com a alienação e alcançar a liberdade é uma das marcas significativas da obra do educador brasileiro. E a educação é apresentada como processo através do qual homens e mulheres podem se tornar seres humanos livres, éticos, autônomos e conscientes da necessidade de contribuir para a construção de uma sociedade justa e igualitária. Para isso, afirma Freire, faz-se necessário perceber que a educação é um ato político, o que implica na negação da perspectiva de neutralidade dos processos educacionais, princípio este defendido por aqueles e aquelas que preconizam a supremacia da técnica em detrimento da construção de relações pedagógicas baseadas no diálogo, na escuta da experiência, na valorização da história de cada um e cada uma. Tal perspectiva pode ser encontrada, por exemplo, em "Ação cultural para a liberdade" (2006), mais especificamente quando o autor apresenta uma reflexão acerca da humanização e suas implicações pedagógicas, bem como na análise das experiências educativas realizadas com camponesas e camponeses e trabalhadores e trabalhadoras das periferias dos centros urbanos brasileiros. Ou, ainda, em "Pedagogia da indignação" (2000), organizado por Ana Maria Araújo Freire que reúne os últimos textos deixados por Freire. As cartas pedagógicas que compõem o livro trazem a afirmação de que mudar é possível, a negação da fatalidade e o anúncio da esperança como norteadora da ação humana. É também nesta perspectiva que podemos ler aquela que talvez seja sua obra mais celebrada academicamente – "Pedagogia do oprimido" (1967). A análise freireana dos processos através dos quais os oprimidos assimilam a figura do opressor e, assim, alimentam o círculo vicioso de opressão é basilar para todos e todas que apostam na perspectiva da liberdade. Não se trata de combater o opressor, mas, sim, de combater, sistemática e continuamente, toda e qualquer forma de opressão!

Importante ressaltar, mais uma vez, o que este autor declara em diversos de seus trabalhos quanto ao ser humano: um ser condicionado, mas não determinado. Não há fatalidade. Não há um destino inexorável que nos impeça de romper a cultura do silêncio e da alienação, que nos impeça de restaurar a liberdade de seres para si.

Também com Paulo Freire podemos afirmar que a instituição escolar não pode ser responsabilizada pela construção de todas essas rupturas. Muitos são os sujeitos sociais e as instituições que podem contribuir para a construção de novas possibilidades. Mas, sem dúvida, a educação escolar pode exercer um importante papel neste processo de negação de uma cultura da opressão e construção de uma cultura da liberdade.

Voltemos, então, aos conceitos trabalhados por Paulo Freire acerca da transitividade e intransitividade da consciência. Para Freire, quando os grupos humanos estão num estágio de intransitividade da consciência, não são capazes de se perceberem como seres históricos, não podendo, portanto, comprometer-se com a existência, uma vez que estão *dobrados sobre si mesmos*, imersos numa vida vegetativa, preocupados e preocupadas apenas com as necessidades vitais.

É através do diálogo, da educação – compreendida aqui numa acepção mais ampla, considerando todas as práticas comunitárias e sociais dos seres humanos – que podemos superar o estágio de intransitividade para um processo de transitividade, ainda que, inicialmente, ingênuo.

Num estágio de transitividade ingênua, estaríamos, ainda, presos e presas a explicações fabulosas, ao superficialismo e aos preconceitos que, muitas vezes, marcam o senso comum. Seríamos, ainda, homens e mulheres *quase massa*.

A transitividade crítica seria, finalmente, aquele estágio em que estaríamos voltados para a responsabilidade social e política, fruto da compreensão de que somos sujeitos históricos, não determinados, assim a como a história também não é determinada e está sempre em construção. Estágio este em que teremos condições de nos comprometer com as lutas coletivas pela igualdade, pelos direitos e pela dignidade humana. Esta passagem, alerta-nos Freire, não é automática. É fruto do trabalho humano. E a educação dialogal e ativa é ferramenta essencial para a construção dessa passagem.

Lutar pela construção de uma sociedade onde caibam todos e todas, de uma educação emancipadora, de uma escola democrática, laica, inclusiva e de qualidade social é fazer jus ao legado de Paulo Freire. Acreditar nesta possibilidade é empoderar-se para dar continuidade a esta luta.

12 de janeiro
Fernanda dos Santos Paulo

Sociedade Fechada e Inexperiência Democrática: Essas expressões constam várias vezes no livro *Educação como Prática da Liberdade* e há um capítulo específico que trata desses fenômenos. No entanto, é de suma importância, de modo breve, apresentar a contextualização histórica da escrita desse livro. Como sabemos essa obra foi escrita em 1965, no Chile, período em que Paulo Freire estava exilado em detrimento do Golpe de Estado no Brasil. O prefácio, escrito por Francisco C. Weffort, já menciona que o *trânsito* "é o tempo de crise desta sociedade 'fechada', um tempo de opções e de luta entre os velhos e os novos temas históricos, onde se anunciam tendências à democracia." (1967, p. 23). Em outras palavras, no prefácio são enunciadas as bases teóricas que Freire apresentará em seu livro, cuja preocupação maior era a questão da *liberdade* e da *democracia,* concernentes às opções concretas e necessárias para a efetivação de experiências democráticas, pautadas na educação como ato político.

O termo *Sociedade Fechada* faz relação com Karl Raimund Popper, filósofo/sociólogo húngaro que escreveu a obra citada no livro: "A Sociedade Democrática e seus Inimigos", sendo esta uma referência de Freire (PAIVA, 2000), sobretudo na luta por uma educação para a mudança e para a liberdade.

Segundo Freire, na *Sociedade fechada*, alguns temas são importantes para compreender questões como: domesticação, sectarização, opressão, dominação, massificação e silenciamento

dos sujeitos, assim como o seu oposto, a democracia, a participação popular, a liberdade e a educação.

A *Sociedade em trânsito* é um processo entre a *Sociedade Fechada* e a *Sociedade Aberta*, ou seja, uma sociedade que está transitando entre o ontem e as possibilidades do amanhã, a partir das ações históricas e políticas do hoje. Mas ressalto que esse *trânsito* não é estático, tampouco estruturado enquanto estágios em sequência é muito mais do que isto. A *Sociedade em trânsito* vincula-se ao conceito de *mudança* e de *democratização* em processo e de modo permanente.

De um modo geral, Freire associa o *trânsito* fazendo relações entre a economia, a política, a cultura e a educação, constituindo um corte de classe, a favor das classes populares e denunciando as elites dominadoras. Na "sociedade fechada" o que fundamenta são as relações de "exploração de muitos por poucos" (p.54), situando esse fenômeno a um contexto "colonial, escravocrata, sem povo e antidemocrático" (p. 65), porém estando aqui "o ponto de partida de nossa fase de transição." (p.65).

Karl Mannheim, autor utilizado por Freire que concateneia a *Sociedade em Trânsito* era imperativo a "democratização fundamental" (Mannheim, 1973), "que implica em uma crescente participação do povo no seu processo histórico. " (p.54). Isto é, a "democratização fundamental" é processual e indispensável numa sociedade em transição. Daí o elo entre a democratização e a educação capaz de colaborar com a indispensável superação da concepção mágica ou ingênua da realidade acerca da sociedade fechada e educação bancária de lavagem cerebral.

A inexperiência democrática advém, conforme Freire, do contexto social, político e histórico de uma sociedade, como no caso, brasileira. De acordo com Paulo Freire, a "Inexperiência democrática enraizada em verdadeiros complexos culturais" (p.66) ou como diz nas páginas seguintes, é resultado "de raízes histórico-culturais" (p. 92) de procedimentos antidemocráticos no âmbito político, cultural e educativo. Á vista disto é imprescindível "a superação da inexperiência democrática por uma nova experiência: a da participação" (p. 83-84).

Por isso, neste livro, é notável a influência de Mannheim, na concepção de *democracia* e *liberdade* de Paulo Freire em consonância com a *personalidade democrática* que pressupõe a participação "que implica numa tomada de consciência" (p. 61), ameaçadora das "elites detentoras de privilégios." (p. 61).

Em oposição a Sociedade Aberta (democrática) está, portanto, o autoritarismo, as forças reacionárias, a imobilidade e o mutismo. Por outro lado, ressaltava Freire que vivíamos um contexto de inexperiência democrática, resultado da história do Brasil colonizado e da relação de dominação cultural e política de cunho imperialista entre os oprimidos e opressores.

Por fim, considero ser substancial a compreensão desses dois fenômenos para interpretar e analisar as obras de Freire acerca do que ele concebe como mudança, transformação e revolução cultural.

13 de janeiro
Isabela Munis de Oliveira

Atualmente a democracia está em cheque quanto a sua estruturação social, essa forma de poder que tem em sua origem a denominação "vinda do povo", é objeto de muitos estudos e pesquisas frente a sociedade brasileira. Em "Educação como Prática da Liberdade", Paulo Freire defende e demonstra, de forma clara, concisa e brilhante, o que vem a ser a democracia, analisa historicamente o perfil da sociedade brasileira e relata a falta de dialogação crítica entre todos os cidadãos do país, que se adequam sempre a um protecionismo, em que as verticalidades das imposições são predominantes. Uma das grandes dificuldades advindas de todo histórico brasileiro está na comunicação, esse diálogo deficitário, do qual trata Paulo Freire, não permite a expressão clara da vontade e dos objetivos aos quais querem chegar o povo.

A deficiência dialógica pode ter sua origem na colonização do Brasil, onde o principal objetivo dos Portugueses que adentravam a Terra de Santa Cruz, era majoritariamente, o enriquecimento e o rápido regresso a Portugal, o interesse era puramente mercantil. Entretanto, quando criaram-se novas condições, foram exigidos dos conquistadores mais que mercado, exigiu-se povoamento, o objetivo passou a ser "encontrar meios que os fizessem empresários de um negócio rendoso, mas a contragosto como trabalhadores" (Caio Prado, 1953, p.64). A colonização foi quase que inteiramente pautada no sentido de grandes propriedades, que eram sempre doadas às léguas a uma pessoa só, o povo tornou-se dependente, baseados na cultura do mandonismo, do protecionismo, do senhor de engenho, o que resultava em um "mutismo", onde recebiam o comunicado e permaneciam calados, sem criticidade.

Curioso pensar que em épocas de um regime econômico autárquico, pela grande estruturação de muitos domínios por poucos, o antidiálogo permaneceu intacto. A democracia defende uma dominância de diálogo e opiniões abertas, construídas a partir de uma cultura de apreensão de decisões. Entretanto, ainda não há diálogo, é escasso, não se tornou algo representante somente de épocas passadas, ainda temos muitos resquícios, há sempre uma condescendência e a bondade de alguns senhores, que trazem consigo ações de caráter paternalista, crescendo sempre o mutismo, a falta de opinião do povo, a não participação nas soluções dos problemas comuns, pois a dialogação implica em reponsabilidade social e política do homem, externar e transferir essa tarefa é mais fácil, para uma sociedade em que esse hábito está presente desde seu princípio.

A falta de vivência comunitária, implica em uma deficiência social, onde a colaboração é frágil. Nas palavras de Paulo Freire "Em todo nosso 'background' cultural, inexistiam condições e experiências, de vivências da participação popular na coisa pública, não havia povo", em todas as decisões governamentais, ainda estão presentes aqueles conceitos de autoridade externa, dominadora.

A consciência não deve ser oprimida, não deve ser pautada no mutismo, na falta de criticidade e aceitação de tudo, a consciência deve ser livre e criadora, deve estar aberta a críticas e mudanças, precisa estar aberta a contribuições diárias trazendo como consequências a emancipação humana, essas características são indispensáveis aos regimes, autenticamente democráticos.

14 de janeiro
Alex Sandro Tomazini

O mundo atual, automatizado, tecnológico, em crise de emprego, exige conhecimentos práticos que nos dêem agilidade, que nos ajudem a encontrar mais rápido alguma forma de sobreviver, ou seja, precisamos de conhecimentos práticos para demonstrar competência no mercado de trabalho.

Nesse sentido quando desenvolvemos esse raciocínio, estamos fazendo, certamente, uma análise social do nosso convívio com outros indivíduos e isto é uma forma de reflexão sociológica.

Ainda na mesma linha de considerações Freire (1967, p. 69) pontua que a convivência e o diálogo implicam numa mentalidade que não floresce em áreas fechadas, autarquizadas. Estas, pelo contrário, constituem um clima ideal para o não diálogo. Para a verticalidade das imposições. Para o mandonismo. Para a verticalidade das imposições. Para o mandonismo. Para a lei dura feita pelo próprio "dono das terras e das gentes'.

Assim a distância social existente e característica das relações humanas no grande domínio não permite o diálogo. Aquele em que o homem desenvolve o sentido de sua participação em vida comum, por isso a dialogação implica na responsabilidade social e política do homem.

Essas regras comportamentais não são estáticas, pelo contrário, são bastante dinâmicas. Na história da humanidade, homens e mulheres em suas possibilidades de vida urbana possuem um papel social comportamental esperado de um indivíduo que ocupa uma determinada posição na sociedade.

Freire (1967, p. 74) afirma que o homem sempre foi esmagado pelo poder dos governantes, com o aumento da produção de riqueza, ocorreu a divisão de trabalho entre os homens, entre agricultores e pescadores, entre homens e mulheres, entre trabalho manual e intelectual até a chegada da divisão entre proprietários dos meios de produção, ou seja, a formação das classes sociais.

Nas palavras de Freire (1967, p. 75) "vivemos o nosso período de vida colonial, pressionados sempre, quase sempre proibidos de crescer, proibidos de falar. A única voz, no silêncio a que somos submetidos que se poderia ouvir, era a do púlpito". Os homens sempre inventam novas formas de conduta, novas regras, novos valores e novas ideias.

Contudo na medida em que são transmitidas às novas gerações, as condutas, as regras e os valores se solidificam, quer dizer, passam a ser percebidas como independentes indivíduos que as mantém e que as desejam. É como se as instituições sociais adquirissem uma vida própria, cuja existência não é mais percebida como uma criação humana.

Por isso é que é muito difícil para os indivíduos perceberem que as instituições ou estruturas da sociedade onde vivem são assim porque os indivíduos, em um determinado momento, as fizeram e as reproduziram de uma certa forma. Entretanto, isso não impede que certos indivíduos modifiquem uma instituição ou a destruam e criem outras instituições.

Em suma, na sociedade brasileira ainda há muita dificuldade em reconhecer e promover o diálogo e a troca entre diferentes grupos, pois ainda ocorrem muitos casos de violência, atitudes e comportamentos de rejeição, pelo simples fato de ser diferente sob diversos aspectos, dificulta que certos indivíduos tenham acesso a bens, a oportunidades de trabalho e até mesmo de frequentarem certos espaços.

A capacidade do ser humano de dar respostas aos diversos desafios que a realidade impõe, não se dá de forma isolada, pois é na dialogação entre homens e mulheres que uma nova realidade se constrói e novos homens e mulheres se fazem.

15 de janeiro
Cleonice Barbosa Martorano

Desde nosso passado colonial vivemos pressionados, não podíamos nos expressar, não podíamos crescer, mas, éramos submetidos a dominação religiosa. Segundo Berlink, somos até hoje submissos como éramos no início da colonização portuguesa. Até hoje os ditos "homens bons" representam apenas os ricos e poderosos. É a manutenção do "poder", em outras palavras é a manutenção das "elites".

Cabe ressaltar que as "rachaduras" da sociedade vivenciam hoje com a aceitação e conformismo da sociedade perante os fatos tão declarados nesse governo que só retira os direitos sociais e poucos são as reações do povo. O mutismo prevalece enquanto tudo fenece.

Quando cita o primeiro surto das reformas vêm claras as reformas trabalhistas e previdenciárias, são nítidas as semelhanças, pois ambas visam o poder das indústrias, ou seja, dos empresários e patrões.

A transferência de poder consolidada do patriciado rural, hoje conhecido como ruralista, que são os grandes proprietários de terras, representante do povo, que vem enriquecendo através do trabalho "escravo" e mostrando apenas um lado do assistencialismo, o qual o povo infelizmente é acusado de aproveitar de regalias, mas há muitas famílias que sobrevivem com essa assistência.

Analisando o surgimento crescente do poder das cidades e o declínio do patriciado rural, começou a tomar posição diferente, mas não interferiam ainda nas decisões, pois, o homem comum não participava.

Ainda com todo o processo histórico vivido, estamos caminhando na busca para a tão sonhada democratização e muitos caminham desconhecendo a realidade da situação brasileira.

Enfim, Freire foi um intelectual muito além de seu tempo, pois, pelos seus textos percebe-se que vivemos um momento crítico, e, estamos revivendo o passado sem muitos avanços. Portanto, a população que mais precisa está prestes a perder as conquistas sociais.

PAUSA PEDAGÓGICA
(anote as aprendizagens, ideias, dúvidas e ações que o texto proporcionou até aqui).

16 de janeiro
Maria Angélica Sousa Costa

A pouca ou total ausência de consciência acerca do exercício da democracia permeiam os questionamentos de Freire no que diz respeito à explicação desta inexperiência da participação popular na prática da própria cidadania. Para o autor, historicamente, no processo da construção da sociedade, não foram dadas a todos os indivíduos de igual forma o acesso a saberes necessários para que estes pudessem compreender os problemas sociais e políticos no contexto que estão inseridos. Dessa forma, parte da população desconhece sua realidade, sua verdade, acreditando assim na verdade que lhes é imposta pela classe dominante.

A administração e as particularidades da "coisa pública" são acessíveis somente àquela parte da sociedade que detém o poder. Enquanto isso, a classe dominada permanece à margem da participação nas tomadas de decisões sobre a própria vida, suas vozes são silenciadas, garantindo assim o equilíbrio desejado pela burguesia.

Quando os indivíduos percebem que são capazes, que são donos da própria voz, eles falam, eles lutam, eles reagem contra as amarras do sistema e como resultado, ocasionam transformações sociais. Não havia no Brasil uma cultura democrática e sim uma cultura transplantada e instaurada no período colonial.

No período da abolição da escravatura, foram provocadas mudanças no estilo de vida das pessoas da época. Fazendo surgir um novo tipo de economia, novas relações de trabalho, crescimento urbano desordenado etc. As modificações ocorridas na sociedade passam a criar uma nova identidade nacional, que aos poucos vai se desvencilhando da cultura internacional, até então, imitada pelo povo brasileiro, fazendo-se assim necessário uma nova forma de planejamento e organização.

O povo começa a perceber que suas reações podem resultaram em mudanças, com isso, vai aos poucos ganhando experiência democrática, superando assim a omissão que ocorria até então, e favorecendo o processo de conscientização da realidade que o cerca.

17 de janeiro
Edinei Messias Alecrim

A escola é o lugar da produção de saberes essenciais à formação do sujeito autônomo e ativo socialmente. A esta concepção se dá o olhar criterioso do grande Paulo Freire quando sinaliza que a sociedade vive cotidianamente dividida entre aqueles que detém o poder e outros que carregam as posições sociais qualificadas para os menos favorecidos.

Neste sentido, como entender a educação neste cenário? Necessário se faz compreender o espaço educativo como o lugar da construção da lógica que determina que a relação a serem estabelecidas no universo da sala de aula seja de articulação de saberes essenciais à formação de sujeitos capazes de contraria o sistema.

A educação por esta perspectiva deve contrariar a lógica das relações sociais já estabelecidas como verdades absolutas, permitindo que esta mesma educação saia da sua condição ingênua. Assim, sair do estado ingênuo para a capacidade crítica de ir de encontro com as amarras que molda o processo de construção de outra educação capaz de transformar a sociedade por meio do ensino crítico, idealizador, a educação necessita que esta mesma escola, se torne um espaço da contrariedade.

A sociedade se encontra moldada por um olhar que massifica as classes menos favorecidas, determinando como devem ser e como devem agir, colocando-os na condição de seres subalternos. O que a escola pode fazer para minimizar esta condição de massacre social estabelecido como verdade imutável? A escola deve ser o lugar de resistência frente a este dilema que coloca o outro na condição de inferior.

Precisa-se de uma escola que entenda que o cenário educacional precisa se encontrar com a realidade social, mudando-a, transformando-a por meio das ações locais dos educandos. Cabe à escola não mais isolar-se das realidades locais, mais inserir-se como fomentadora da mudança e construtora do empoderamento das classes menos favorecidas.

A escola precisa ser o espaço que possibilite o alargamento do olhar crítico de seus educandos para que percebam a realidade adversa que estão imersos, percebendo e captando os desafios sociais do seu tempo, dando condições reflexivas para atuarem como personagens centrais da mudança.

Diante deste contexto, que educação seria viável para formalizar-se um ideário capaz de agir em prol das mudanças sociais tão necessárias neste cenário de conflitos de classes? É evidente

que diante de um contexto de divisão de classes sociais, necessita-se de uma educação para traduzir as teorias em decisão de mudança social.

Necessita-se de uma educação capaz de ir além do currículo engessado e das teorias ingênuas. Precisamos de uma educação para a decisão, para a compreensão da necessidade de luta e da resistência. Essa mesma educação deve ser capaz de construir educandos para a responsabilidade social e política.

Essa escola é possível? A possibilidade de mudança parte do interior das escolas, do envolvimento de seus professores e do tamanho de amor envolvido nestes atores. Essa mesma educação deve ser capaz de envolver-se na comunidade como outra instância da família, compreendendo que somente juntos, na mesma corrente que se possa verdadeiramente construir outra realidade pautada na equidade social.

A escola é esse espaço que resiste a este sistema perverso que diminui uma classe em detrimento de outra. A educação não deve ser para massificar colocando na condição de inferior uma classe, determinando-a como massa de manobra, enquanto caracteriza uma parcela da sociedade como "nobres diferentes".

Contudo, a construção de outra realidade com equidade, passa necessariamente pela decisão consciente do envolvimento da escola na vida social das classes menos favorecidas. A escola é o lugar onde as massas podem se organizar, criar possibilidades de resistência. Sendo assim, não é mais possível entender a escola como o lugar da reprodução ou massificação, mas sim do encontro festivo das classes subalternas na tentativa de construir alternativas de resistência.

18 de janeiro
Helenara Plaszewski

Nas páginas 89 a 91 do livro Educação como Prática da Liberdade, o autor Paulo Freire, destaca a atitude de expectador do povo frente aos acontecimentos que ocorreram no país, ao assistir à Proclamação da República ao Golpe Militar. Este último, talvez começando a compreender que sua participação nos acontecimentos políticos assustava e ameaçava o sistema de força que mantinha a sociedade fechada.

Em termos de economia há um "crescimento para dentro", em razão da fase de transição discreta com as restrições do tráfico de escravos e, posterior com a abolição da escravatura. Dando, início a política imigratória no Brasil.

Também aponta as transformações da estrutura econômica e social no que concerne o grande aumento da produção e a nova economia do trabalho livre. Temos a crescente urbanização, mas segundo a expressão de um sociólogo brasileiro revela-se mais inchaço do que desenvolvimento.

Contudo, caminhamos da superando da condição de inexperiência democrática para espera de uma participação da população nos acontecimentos, na condução de uma forma mais participativa, autêntica e humana de vida da população brasileira.

19 de janeiro
Kelli Cristina da Silva Aguiar

Paulo Freire (2009) demonstra enorme preocupação no que se refere às condições da relação das classes populares e da elite. Destaca a pretensão de, por meio de uma Pedagogia sugerir soluções ao "problema do desenvolvimento econômico, o da participação popular neste mesmo desenvolvimento", objetivando contribuir na percepção da "visão crítica do homem brasileiro no processo de democratização fundamental" (FREIRE, 2009, p. 93.) Fornecendo a estes criticidades em suas ações.

Ressalta-se no saber pedagógico que o campo educacional serve como base estrutural diante do processo de aprendizagens e não apenas auxiliadores do ensino, ele deve encaminhar os educandos a desenvolverem a capacidade do trabalho autônomo e colaborar com o espírito crítico, através do diálogo, no confronto de ideias e na capacidade de ouvir e de autocriticar.

É possível compreender no que diz respeito à contribuição do educador brasileiro para a sociedade que este, fornece subsídios para os educandos, juntamente com economistas, sociólogos, e especialistas que igualmente buscam uma sociedade melhor e mais justa, devem buscar insistentemente uma educação e, portanto, uma sociedade, voltadas à criticidade.

Para Freire (2009), os métodos pedagógicos, são capazes de auxiliar o sujeito a desenvolver-se da melhor maneira possível, e assim tirar melhor proveito de todos os recursos e assim perceber toda a evolução deste como indivíduo pensante, como ser cidadão.

Convém destacar que é necessária uma educação que busque transpor a ingenuidade a uma forma crítica, capaz de fazer entender que as classes elitizadas são detentores de privilégios, no entanto devem ser cumpridores de obrigações e deveres como todos os cidadãos menos favorecidos. É preciso colocar o indivíduo de classe inferior em condições de reagir às mudanças da sua própria transição, ou seja, não sentir medo da transformação, pois ela é uma das alternativas para que o indivíduo consiga compreender e sobreviver nessa sociedade que infelizmente ainda não é justa e nem igualitária.

É de grande percepção nos dias de hoje, que ser alfabetizado, saber ler e escrever de forma mecânica não garantirá aos nossos alunos interação plena com os diferentes tipos de textos que circulam na sociedade. É preciso que eles sejam capazes de não apenas codificar sons e letras, mas entender os significados e usos das palavras em diferentes contextos, não os deixando serem analfabetos funcionais.

A maximização "da riqueza não está ligada somente com o desenvolvimento da democracia", considerando que para que haja mudanças diante das condições sociais da classe trabalhadora, ou seja, do povo é preciso alterar também "a forma de estrutura social, que deixa de ser representada como um alongado triângulo para transformar-se num losango com uma classe média sempre crescente" (FREIRE 2009, p. 94.), já que a democracia acaba fundamentando-se com o fortalecimento de condições sociais e institucionais que oportunizam ao conjunto dos cidadãos uma participação ativa na formação do governo.

Para Freire o crescimento e a aceleração econômica seriam capazes de minimizarem a problemática social, por meio de uma redistribuição de renda. E também seriam capazes de favorecer diante do processo de crescimento e desenvolvimento democráticos das instituições políticas, encontrarem uma maneira de fazer algumas alterações na divisão da renda, da economia de um modo mais igualitário entre os ricos e os pobres.

Considerando que quanto menos favorecida é uma população, consequentemente menores são os padrões de vida dessas classes, além disso, acaba aumentando maior cobrança dos opressores sobre elas, pois querem a manutenção de seus privilégios originando como consequência a percepção dos direitos políticos dos menos favorecidos, como sendo "absurdo e imoral" (FREIRE 2009, p. 95.).

Sob a perspectiva e a visão acerca da libertação do povo, é necessário que ocorra uma transformação na consciência da sociedade brasileira, considerando este um objetivo a se atingir, porém é imprescindível integrar à nação e fazê-los participar ativamente das transformações da estrutura social, é preciso haver mudança social para que se transformem as desigualdades sociais.

Visto que o desenvolvimento econômico serve como base para a democracia, contribuindo na supressão do poder desumano que oprime as altas classes econômicas sobre as classes muito pobres.

O autor destaca que "o clima de irracionalismo se exacerbava, e dessa forma, grande parte do povo, emergente, mas desorganizado, ingênuo e despreparado, com fortes índices de analfabetismo e semianalfabetíssimo, passava a joguete dos irracionalismos". (FREIRE P. , 2009, p. 95.)

Paulo Freire é o grande precursor de uma nova Pedagogia, onde seu trabalho esta voltado para uma educação de compreensão da sociedade, para a criticidade, optando por formar cidadãos socialmente atentos. Além disso, na linha filosófica sua exigência é bastante específica, a alfabetização é uma conscientização.

20 de janeiro
Marcelo da Silva Teixeira

> "O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem." (João Guimarães Rosa)

A vida segue um curso estranho e assustador. Para muitos, a diferença, o distinto e a diversidade deixaram de ser coisas apreciáveis e se tornaram insuportáveis. Uma das sensações mais latentes na atualidade é de aridez, cansaço e desesperança.

A cada dia as pessoas estão mais conectadas e menos integradas. Possuem inúmeros amigos virtuais e pouquíssimos reais. Estão próximas das telas, distantes e vazias do calor humano. Um reforço intenso da solidão. Habilidosas com os teclados e improficientes em solidariedade, gentileza e cortesia. Ainda no campo da virtualidade, uma nefasta artimanha tem ganhado a atenção de muitos, pois com aparência de informação, essa possui uma essência recheada de intenções malignas e enganosas, ao ponto de serem conhecidas como "Fakes News" (notícias falsas). Delmazo e Valente (2019) alegam que:

> Apesar de as notícias fabricadas serem um fenómeno antigo, a disseminação das redes sociais *on-line* e a cultura de partilha abrem margem para que a desinformação atinja um novo patamar. Esse problema ganhou visibilidade pela capacidade de influenciar os sistemas políticos, especialmente processos eleitorais, e acentuar a polarização política. (DELMAZO; VALENTE. 2019).

Ante aos avanços tecnológicos, o Brasil tem se tornado um território de intolerância (nas relações interpessoais: alto índice de violência à mulher, aos negros, aos homossexuais... ao não convencional), de ódio e de uma nítida separação (na política, a suposta esquerda e direita não se suportam. Digladiam na defesa de personagens que prometem o novo, porém estão viciados na

reprodução do "mais do mesmo"). Fábio Nogueira, Procurador-Geral da Ordem dos Advogados do Brasil do Rio de Janeiro, escrevendo sobre a explosão de intolerância para a coluna "Opinião" do jornal O Globo releva que:

> A sociedade parece estar se esquecendo do quanto é importante, para a convivência social, aceitar, suportar, ser indulgente e clemente com os outros, as definições da palavra tolerar. Somos um país preconceituoso sim, infelizmente. No Brasil, crescem os registros de violência relacionados ao preconceito e à discriminação. (NOGUEIRA, 2019).

Além dessa alarmante situação de austeridade nas relações interpessoais, a administração pública brasileira, rompe, em passos lentos. Sua política continua sendo um jogo que reitera e fortalece um silencioso sistema de escravidão que sorrateiramente se fundamenta na subjugação, conformação e conformidade dos vulneráveis.

A cada dia, as capas dos principais jornais destacam o Brasil como um país corrompido e com um sistema judiciário ineficiente. As negociatas escusas se tornaram, para alguns, uma via normal para se alcançar o sucesso. Enquanto isso, o trabalhador e os que se encontram em situação de vulnerabilidade social sofrem com ausência de recursos para o acesso a serviços necessários a sobrevivência, a saber: a redução dos índices de inflação, a construção e manutenção de hospitais, postos de saúde, escolas, creches, transporte e segurança pública. Mesquita (2011) informa que:

> Para se ter uma ideia, a corrupção tem levado dos cofres públicos cerca de 85 bilhões de reais por ano, o que representa mais de 2,3% do Produto Interno Bruto brasileiro, que orbita na casa dos 3,6 trilhões de reais. Causa espanto perceber que os recursos perdidos seriam suficientes para a construção de 28 mil escolas ou 33 mil unidades de pronto atendimento médico, ou, ainda, para a edificação de 1,5 milhão de casas populares. (MESQUITA, 2011).

Ademais, ainda nessa onda de situações alarmantes, o uso/abuso de álcool e outras drogas se apresenta como um dos fenômenos mais complexos entre crianças, adolescentes e jovens brasileiros. Em 2010, a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – SENAD, em parceria com o Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas da Universidade Federal de São Paulo – CEBRID/UNIFESP realizaram o 6º Levantamento Nacional sobre o uso de drogas psicotrópicas entre estudantes do Ensino Fundamental e Médio, nas 27 capitais brasileiras. A Pesquisa entrevistou 50.890 estudantes, com idade entre 13 e 15 anos e revelou dois resultados que merecem atenção: cerca de 60,5% dos estudantes afirmaram ter consumido bebidas alcoólicas pelo menos uma vez na vida, o que significa dizer que mais da metade dos estudantes ouvidos já haviam experimentado algum tipo de bebida e 21,1% dos estudantes faziam uso frequente de bebidas, ou seja, haviam consumido álcool, seis ou mais vezes no mês que antecedeu esta pesquisa.

Essas situações contemporâneas, por meio de uma insatisfação quase generalizada, desafiam os homens com severas exigências, sendo a mudança da consciência, a principal delas. É nítido que essa renovação da mente seja uma das responsáveis pela sobrevivência da humanidade até os dias atuais. As mudanças sociais e a criação dos principais empreendimentos e tecnologias passaram pela inconformidade. Entre os anos de 55 a 57 d.C., aproximadamente, Paulo, conhecido como Apóstolo no Cristianismo, já tinha essa certeza e escreve uma Epístola aos Cristãos Romanos com a seguinte orientação: "...transformem-se pela renovação da sua mente..." Teixeira (2018) destaca que:

> Ao longo da história, o homem, estimulado e autônomo, elabora uma cultura e como sujeito ativo estabelece importantes atividades como: compra, venda, trabalha e cria filhos etc. Essa cultura como um conjunto de concepções, crenças, valores e representações simbólicas acontece no inte-

> rior desses processos e na existência de contradições que são próprias da realidade vivida por homens e mulheres. É nesse momento, que esses seres históricos e inacabados, constroem, desconstroem e reconstroem a relação de sentido e de compreensão das coisas. (TEIXEIRA, 2018).

Em meio a estes desafios que estão postos na sociedade, Freire (2011) acrescenta: "À nossa cultura fixada na palavra corresponde a nossa inexperiência do diálogo, da investigação, da pesquisa, que, por sua vez, estão intimamente ligados à criticidade...", ou seja, aprender usar as palavras e dialogar é condição "sine qua non" para se alcançar uma mente renovada e crítica. Em suma, as palavras são aliadas importantes no processo de criação, evolução e autotransformação. O filósofo Wittgenstein (1993) destaca que: "os limites da minha língua significam os limites do meu mundo".

Não há como negar que o exercício da palavra começa na família e depois se expande para as relações sociais e com mais intensidade na vida escolar. Ao que tudo indica, ao selecionar as primeiras palavras, o ser humano age a partir da sua inclusão em um mundo comunicacional, por predisposição, por instinto e por aprendizagem. Ele inicia sua trajetória enquanto falante pela seleção e utilização de palavras básicas, essenciais e necessárias à sobrevivência. Essa jornada se estabelece numa mistura de convivência, relação interpessoal e autoconhecimento. No contato com o mundo, com o outro e com o seu próprio corpo, o ser humano busca desde a mais tenra idade, significar e encontrar sentido nas coisas e na vida. Em seus primeiros escritos, Vigotski sugere que "a atividade socialmente significativa é o princípio explicativo da consciência, ou seja, a consciência é construída de fora para dentro por meio das relações sociais" (Kozulin, 2002).

A grande provocação do momento é tentar traduzir todas essas situações que desafiam a existência humana em palavras que apontam para possibilidades e ações de ressignificação do humano, ou melhor, que o faça reencontrar com sua humanidade. Palavras que possam elucidar e trazer clareza sobre a necessidade do autoempreender-se, a fim de reestabelecer as pazes com alternativas sustentáveis de sobrevivência. Freire (2015) evidencia os avanços possíveis por meio da prática dialógica:

> Diálogo este que é o encontro entre os homens e que nasce de uma matriz crítica e gera criticidade... Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. (FREIRE, 2015).

Por meio da elaboração de uma teoria pedagógica problematizadora, fundamentada na perspectiva de que é possível a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, Freire (2001) mostra que a superação dos desafios educacionais e sociais enfrentados pelos homens se inicia por um ponto de partida racional e possível, ou seja, "não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão".

Paulo Freire constrói um pensamento e elabora uma teoria pedagógica cuja sua preocupação era com a capacidade humana de compreender o funcionamento da sociedade e dos desafios que envolvem a sobrevivência. Para ele, mudanças acontecem por meio de agentes de transformação críticos e sensíveis.

A pedagogia Freiriana sinaliza um horizonte factível, pois as relações são sustentáveis quando pessoas se tornam conscientes e protagonizam suas vidas com diálogo, sensibilidade, respeito e reflexão. Assim, pelo exercício da cidadania se tornam capazes de transformar realidades em matéria prima para a edificação de um mundo melhor.

Enfim, a sobrevivência sustentável se fortalece, se ressignifica e avança quando todas as especificidades, as imposições históricas e sociais, desses sujeitos que são adolescentes, jovens,

adultos, idosos, trabalhadores, mulheres, negros, pessoas com deficiência, dentre outros, se tornam "(...) oportunidades para criar atitudes e comportamentos capazes de conduzir a níveis superiores de atuação política, a organização do povo, [provocando] seu sentido crítico, autônomo, criativo" (BARREIRO, 1997 *apud* OLIVEIRA, 2009).

21 de janeiro
Adriana Gomes da Silva

Educação e conscientização é um tema que traz muitas dúvidas, questionamentos, cercado por dificuldade, limitações; marcada pela precariedade e desigualdade social é cultural, lutas que vem sendo travadas ao longo do tempo e que em alguns momentos trouxe acomodações, confrontos é adaptações diárias. Mas é um setor importante para um desenvolvimento social e é através dele que se forma cidadãos críticos conscientes de seu papel na sociedade.

Paulo Freire, ao propor uma educação libertadora e conscientizadora, orienta aos oprimidos e oprimidas que estejam conscientes que não a cultura, e história sem riscos; lutas e desafio são contínuos, é que, não há existência humana sem riscos.

Todas as histórias acontecem na história e através dela é com ela que se faz história, não há educação fora da sociedade humana, ela começa de dentro para fora.

A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor oprimido". (Pedagogia do oprimido, p.38)

Freire, sugere uma pedagogia problematizadora e libertadora, uma alfabetização intencionada ligada com a democratização, que dialoga situações concretas, e que ofereçam instrumentos necessários para uma alfabetização que leve os além dos muros escolares, despertem aos Discentes a inquietude de seus pensamentos, curiosidades, buscas por respostas é de ser capaz de criar e recriar optar e decidir outros atos conscientes. É importante entender a educação como ações que libertam e dão asas, prepara homens e mulheres para promover a harmonia, tolerância e a paz na sociedade. De acordo com Freire, à necessita de uma educação para decisões, para responsabilidades sociais e políticas, a educação pode ser uma força estrumem tal.

Que essa conscientização não venha somente pelo educador, cujo o papel é contribuir, mediar, ou sanar questões ou "duvidas" que possa surgir no decorrer da alfabetização, o objetivo da educação é conscientizar o aluno, levá-los a entente sua situação diante a sociedade e agir em favor da própria libertação, Freire dizia que ninguém ensina nada a ninguém, mas as pessoas também não aprendem sozinha. O processo de conscientização por meio da educação crítica, não admite uma posição neutra, ela desperta, desenvolve, capacita, quebra paradigmas, nossa presença no mundo nos obriga à escolhas, decisões, atitudes, reflexões á todo estante, é um processo de despertar a capacidade. Mudar é difícil, mas é possível.

Mas direi também que mudar implica saber que fazer lo é possível (Pedagogia da indignação, p 26).

É louvável a desistência durante à caminhada, as marcadas do medo, opressão, feridas deixadas pelo algoz das sociedades opressoras; que não somente aprisiona, mas, sequestra os sonhos a esperança levando ao um "carcere" que hospeda o opressor em si mesmos. Os sofrimentos e as lutas não pode nos definir o desafio é, assim, lhe exige respostas, não só no nível intelectual, mas no nível da ação (Pedagogia do oprimido, p,101)

Os oprimidos não podem ter somente consciência da opressão, ele precisa dispor empenhar para transformar a realidade, O futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para fazê-lo" (Freire, 2000, p. 56) o problema não é a opressão da elite, mas, apegar se a ela, a liberdade não acontece nos estralar os dedos, é uma luta e um despertar constantes.
A educação deveria ser acima de tudo uma tentativa constante de mudança de atitudes

Faço uso das palavras de Paulo Freire: não cruza os braços enquanto espera, mova se na esperança enquanto luta, faça tudo isso com a certeza de quem usa uma ferramenta, com a conciencia de quem está diante de algo que o desafia, a busca por conhecimento liberta, transforma, evolui, tras ousadia que auxilia na caminhada.

22 de janeiro
Priscila Aparecida Iglesias Marangon

Paulo Freire deixou um legado inestimável para a educação brasileira e mundial. Suas influências e contribuições, assim como suas teorias são estudadas em todo o mundo. Liberdade para ele era elementar e de supra importância no processo educativo. Foi reprimido por muitos pelo fato de criticar a educação baseada na dominação, domesticação e na alienação. A educação tinha que proporcionar o pensamento crítico e a construção do conhecimento.

A educação como prática da liberdade é um dos pilares da teoria de Paulo Freire, inclusive esse é o título de um de seus livros lançado em 1967, o qual esse trecho faz referência. Foi escrito em 1965, período em que estava exilado no Chile, durante a ditadura militar e por esse motivo só foi publicado após esse período mediante a política vigente que impedia as publicações dos livros de Freire.

Esse livro é importante pois Paulo Freire coloca literalmente no papel pela primeira vez suas teses e práticas educacionais. Havia um combate entre a educação domesticada, visava a massificação e não conscientização da população contra a educação libertadora, sendo essa problematizadora e politizadora, estimulando a criticidade nos educandos.

No livro há relatos sobre a construção de uma pedagogia baseada na educação para a liberdade e dialógica, onde há a preocupação com a consciência crítica das pessoas. Os conceitos fundamentais da pedagogia freiriana são democracia, participação popular, liberdade e criticidade. O objetivo de Paulo Freire é através de suas teorias formar cidadãos livres para pensar e produzir.

Nesse trecho Paulo relata a situação da educação brasileira naquela época, déficits que refletiam na emancipação democrática do país. Havia um grande número de crianças fora das escolas e uma grande porcentagem de analfabetos. Tal situação é reflexo da educação precária.

Diante desse cenário de analfabetismo, Paulo então optou por alfabetizar adultos emergindo-os na realidade brasileira com o intuito de dar sentido ao que é ensinado e com o objetivo de torná-los cidadãos críticos. Saindo da ingenuidade, educação bancária, rumo a criticidade, educação libertadora. Dessa forma o aluno passa a se tornar o sujeito do processo de ensino aprendizagem.

Ao alfabetizar adultos tem que ser levado em conta que eles passaram por um dia cansativo de trabalho ou, na maioria das vezes, passa pela falta dele, por esses motivos o aprendizado

tem que ser baseado no diálogo e ter sentido em suas vidas aquilo que está sendo ensinado. Necessário que a didática seja adequada e coerente com a realidade que o educando vive e ter relações diretas com o mundo, criando e recriando as situações, não bastando apenas estar inserido. Precisa ter entendimento de sua importância no contexto social e político, pois a partir da aquisição de conhecimento o educando poderá reivindicar seus direitos e não ser mais alienado às injustiças sociais. Será capaz de captar os dados da realidade, entender os problemas e ter a consciência do que suas condutas causarão diante do contexto ou da situação que estiver passando. Almejando a transição da ingenuidade em criticidade, ao mesmo tempo em que ocorre a alfabetização dos adultos.

Portanto essa relação entre o que se ensina e a utilidade na vida dos educandos faz eles entenderem os conteúdos de forma crítica, gerando uma consciência crítica, analisando os fatos como são na realidade e não visando da maneira que os agrada. Dessa forma o homem passará a ser conduzido por ações críticas, as quais serão o ponto de partida para que haja mudanças em suas vidas. Indivíduos deixam de ser passivos e se tornam ativos, buscando seus direitos diante da democracia.

Será extinta a democracia alienada, através de uma educação libertadora baseada em um método ativo, dialógico e participante. Tais requisitos fazem com que o povo seja promovido da transitividade ingênua à criticidade, evitando sua massificação.

23 de janeiro
Tiago Franceschini da Rosa

> "Quero aprender a ler e a escrever", disse uma analfabeta do Recife, "para deixar de ser sombra dos outros." (FREIRE, 1967, p.112).

Johannes Hessen em seu livro intitulado Teoria do Conhecimento, aponta, por meio de várias doutrinas filosóficas, as diversas possibilidades para que o conhecimento aconteça. Independentemente do que crê cada uma delas, todas convergem para um único aspecto: a necessidade de interação entre o sujeito e o objeto.

Quando Freire (1967) demarca a intercessão entre o processo de alfabetização e o conhecimento, ele claramente considera a necessidade de uma interação entre sujeito e objeto, para que por meio desse contato, o aprendizado aconteça. Nesse momento, o professor deverá estar posto como um facilitador do acesso ao saber, sendo o estudante, o sujeito ativo, que interage, testa e compreende o objeto; que nesse caso é a alfabetização. Uma vez que essa relação não se estabeleça, por exemplo quando o professor se coloca como detentor de conhecimento, há consequentemente uma inversão de valores, a qual parece transformar o estudante de sujeito a objeto, pois o acesso as informações acontecem de cima para baixo ao invés de dentro para fora.

Nessa perspectiva freiriana sobre o desenvolvimento da alfabetização, temos que há a instauração de um estado de consciência, uma vez que foi por meio do diálogo que o processo de ensino-aprendizagem aconteceu. Não houve aqui imposição, mas uma situação onde o professor (sujeito) buscou palavras geradoras[5] apropriadas para oferecer situações que estimulassem o

[5] Palavras geradoras são aquelas que, decompostas em seus elementos silábicos, propiciam, pela combinação desses elementos, a criação de novas palavras (FREIRE, 1967, p. 111).

aluno (sujeito) a se alfabetizar (objeto) por si mesmo, fazendo com que durante o processo, houvesse uma sensibilização motivadora à busca por essa consciência.

Segundo Freire (1967, p. 110), a condição de alfabetização está além

> do simples domínio psicológico e mecânico de técnicas de escrever e de ler. É o domínio dessas técnicas, em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende. É comunicar-se graficamente. É uma incorporação.

Como representado sabiamente pela pessoa analfabeta de Recife, podemos comparar essa alfabetização ao ato de deixar de ser a sombra dos outros, pois com o domínio da língua falada, escrita e representada, podemos ler muito além das sentenças impressas num papel, mas também ler o mundo e seus fenômenos.

Podemos definir que é a partir do acesso a alfabetização que democratizamos a cultura e permitimos às pessoas que viviam sobrepujadas pelo analfabetismo, transitar pelos diversos setores sociais, pois a cultura é um bem inestimável, ela carrega todas as marcas históricas de um povo; não ter acesso a ela, em um mundo alfabetizado, é como não ter experiência humana.

Foi por meio dessas definições que Freire (1967) validou e passou a descrever o processo construído para a alfabetização de estudantes brasileiros. Dentre essas definições, onde são citadas as etapas que compreendem a elaboração do método freiriano, temos desde a escolha das palavras geradoras, até a construção de um vocábulo correspondente as características culturais e sociais do grupo que se pretende desenvolver a alfabetização. Porém, nos permitimos aqui, ampliar ainda mais as discussões acerca da importância desse tema.

Quando analisamos a estrutura que Freire (1967) construiu para descrever suas reflexões sobre a importância do processo de alfabetização, passamos então a questionar, qual alfabetização é essa. É quase certo que não se trata somente daquela na qual tomamos consciência da linguagem escrita, falada ou gráfica, mas sim, de todo o processo relativo ao conhecimento. Nos permitimos essa generalização, uma vez que a busca é contínua, depois de ler e escrever, passamos a calcular, estudar as histórias dos povos, analisar os aspectos naturais e geográficos das regiões, enfim, continuamos a ler o mundo, porém, de uma maneira cada vez mais complexa.

Hoje, ainda vemos nas várias escolas brasileiras um processo de alfabetização que acontece de modo fragmentado, dividido em áreas específicas do saber e, que por sua vez, são subdivididas em disciplinas. Por meio dessa característica, é consequentemente esperado que estudantes e professores acabem se dedicando a conhecer apenas determinadas áreas, estabelecendo um contato frágil com o conhecimento amplo do mundo, aquele que é responsável por formar cidadãos reflexivos, críticos e atuantes.

Contudo, uma outra questão que podemos fazer é sobre o quão alfabetizado realmente somos. Se já concluímos o Ensino Básico, então, provavelmente, já aprendemos a ler, escrever, conjugar, calcular, etc., mas será que conseguimos ver e compreender a relação existente entre a sociedade, o homem e a natureza? Em outras palavras, será que somos alfabetizados científica, histórica, geográfica, filosófica, linguística, artística e matematicamente?

Se alfabetizar-se (FREIRE, 1967, p. 110) "implica numa autoformação de que possa resultar uma postura interferente do homem sobre seu contexto", então, segundo os documentos regulamentadores da educação básica nacional, nossa vivência escolar deve estar apta a formar pessoas alfabetizadas e capazes de articular os diversos conhecimentos (mesmo desenvolvidos de forma fragmentada), para que assim, possam adotar uma postura consciente, sair da sombra dos outros e pensar sobre aspectos sociais e naturais de forma autônoma e ampla.

Enfim, deixando aberto essa série de questões pessoais, que somente poderão ser respondidas por cada um dos leitores, o que pretendo é simplesmente estabelecer um momento de reflexão sobre a formação individual, ou (caso sejam professores), sobre a formação que pretendemos estimular em nossos alunos.

> "Quero aprender a ler e a escrever para mudar o mundo", afirmação de um analfabeto paulista para quem, acertadamente, conhecer é interferir na realidade conhecida (FREIRE, 1967, p. 112).

24 de janeiro
Rosane de Fátima Batista Teixeira

"Afirmação fundamental que nos parece dever ser enfatizada é a de que, na alfabetização de adultos, para que não seja puramente mecânica e memorizada, o que se há de fazer é proporcionar-lhes que se conscientizem para que se alfabetizem" (FREIRE, 1967).

Ao tomar a palavra geradora, o trabalho no círculo de cultura é o de debater sobre a palavra em todos os seus contextos, findada esta discussão é que se inicia a visualização da palavra, acompanhada do objeto a que ela se refere. A riqueza deste momento está no compartilhamento de conhecimentos e de vivências que a palavra geradora possibilita, explorar os significados de forma crítica e desafiadora representa a constatação de que os educandos conhecem e se reconhecem naquela palavra e aí sim podem relacioná-la com sua representação gráfica.

Após esta visualização inicial apresenta-se apenas a palavra, sem o objeto que ela representa e inicia-se o processo de decodificação: palavra, sílabas e letras.

As famílias silábicas são apresentadas em cartazes ou fichas, que foram chamadas pela professora Aurenice Cardoso de "ficha da descoberta", que apresentam a decomposição das famílias silábicas correspondentes aos vocábulos geradores e sintetizam as combinações fonêmicas. A partir da compreensão do mecanismo de formação de palavras o educando tem condições de produzir novas palavras, pela decomposição das palavras geradoras.

Nas tarefas de casa estão a formação de vocábulos para praticar o mecanismo de combinações fonêmicas e a discussão sempre coletiva pelo grupo destes vocábulos criados, observa-se que nestas produções de vocábulos figuram fonemas que ainda não foram estudados. Os relatos de educandos confiantes e inseridos no processo de alfabetização são observados logo no início do trabalho, a criação dos termos "palavras de pensamento" e "palavras mortas" pelos grupos do Rio Grande do Norte são exemplos deste protagonismo.

A proposta metodológica está totalmente voltada às condições concretas de vida do educando, visando instrumentalizá-lo para sua ação consciente como sujeito.

25 de janeiro
Avanilde Polak

A sociedade é fragmentada e se constitui através e "partes", ou seja, fragmentos que se unem para formar sua totalidade. Em cada fragmento encontramos características culturais, sociais e financeiras, bem como, interesses distintos. Paulo Freire tinha uma notória percepção sobre essa fragmentação, respeitando as limitações e anseios de seus alfabetizandos, principalmente, os de classes menos favorecidas.

Diante dessa percepção sobre os conhecimentos de vida dos alfabetizandos, Freire alicerça seu método de alfabetização em um processo contínuo de conhecimento atrelado a realidade e expectativas dos educandos.

Dessa forma, processo de alfabetização seguia algumas etapas:



Para estreitar a relação com o contexto sociocultural dos alunos, Freire propunha a escolha de uma palavra tida como geradora para o processo de alfabetização. Após a escolha dessa "palavra-tema" iniciava-se o processo de relação entre a imagem e a palavra grafada, na tentativa de memorização através da visualização de imagem com as letras. Continuando o processo era apresentada apenas a palavra sem a imagem passando a sua separação silábica e ênfase nas famílias fonêmicas abordadas.

Em posse do conhecimento sobre as famílias fonêmicas iniciava-se o processo de formação de novas palavras através da junção e combinação das sílabas.

Não se restringindo a isso, Freire passava a aguçar a criticidade e desvelamento de concepções ideológicas que compunham o mundo do educando em questão através da leitura de imagens, propagandas e de gêneros textuais distintos que compõem o cotidiano. Logo, o mais relevante na análise desse processo é que não se restringe a apenas a decodificação e grafia de palavras e, sim, passa a ganhar constante continuidade dentro do pensamento e do mundo que o aluno está inserido.

Portanto, o processo de alfabetização na perspectiva freiriana está atrelado a sociedade, não distanciando em nenhum momento a realidade dos alunos dos muros da escola, indo desde o conhecimento prévio sobre letras e sons até o despertar do senso crítico atuando na sociedade. Dessa maneira, a educação inicia e termina na sociedade.

26 de janeiro
Ivan Luís Schwengber

O nosso texto de hoje são as primeiras duas situações das Fichas de Cultura do apêndice do livro *Educação como prática da Liberdade,* estas imagens são as primeiras duas horas da experiência das quarenta horas de Angicos – no livro são dez situações ao todo, que são representadas por uma imagem e uma explicação cada uma, que retratam cenas cotidianas do sertão nordestino. As imagens eram passadas nos *slide*s para visualização pelo povo, e vinham acompanhadas de uma pequena explicação. A 1ª situação *O homem no mundo e com o mundo Natureza e Cultura* e 2ª *Situação Diálogo mediado pela natureza* e são para explicitar os conceitos antropológico de cultura.

Em nossa vida encontramos um mundo que muitas vezes parece que tem um destino traçado, que o mundo segue num movimento independente de nossas vontades; e que na maior parte do tempo temos que nos adaptar a isto. Este mundo é composto de pessoas, cada uma com seu jeito, e estabelecendo diferentes tipos de relações, formamos a cultura, que também parece que não dependem de nós. Quando nascemos numa família, recebemos o nome, somos inseridos numa religião, vivemos numa região que marca nosso jeito e trejeitos, temos certa condição financeira, simpatizamos com algumas coisas e somos avessos a outros. Parece que recebemos um mundo prontinho.

O conjunto de significados do mundo se manifesta de uma forma extremamente trivial, como o jeito que penteamos o cabelo, a gírias, a forma como caminhamos, tudo isto chamamos de cultura. A cultura parece pronto antes do nosso nascimento, e o que temos é simplesmente assimila-la e nos adaptar às condições que nos sãos impostas.

Aceitamos passivamente o destino que nos é fadado, e quando surge situações que nós não concordamos muito devemos ser resignados e resilientes, nos adaptando e superando o mais rápido possível. A ilustração é um homem na natureza tendo em uma das mãos um livro e na outro uma enxada, sob uma árvore, na frente uma lavoura, ao fundo temo um posso, uma casa, uma mulher de costas com uma criança na mão e algumas plantas. A relação entre as pessoas em que o sujeito em primeiro plano está de costas para a mulher e a criança. As pessoas então numa posição não se relacionarem de forma amistosa, somente por necessidade de estarem próximas fisicamente.

No mundo estamos primeiro precisamos viver, e satisfazer as necessidades de subsistência, mas mesmo está necessidade faz com que o homem altere o meio em que está vivendo, começamos a perceber que transformamos o mundo, participamos da cultura.

A cultura também se dá no contexto da necessidade se manifesta, tanto no livro como na enxada, ambos estão nas mãos do homem, e ambas são elementos de transformação da realidade; enquanto formas de manifestações culturais produzidas pela atividade humana. São forma de nos relacionarmos *no* e *com* o mundo e podemos transformá-lo.

O que Freire nos diz é que independente do mundo em que você está inserido, a cultura ou a atividade que exercemos, sempre estamos nos relacionando com o mundo. Não existe uma forma melhor ou pior no horizonte da complexidade, o livro não é algo mais digno do que a enxada, a valoração da atividade está na humanização, se a atividade é uma atividade de opressão ela é inferior a atividade que realiza o ser humano. O sentido da cultura está no acrescentamento que fizemos ao mundo e as outras pessoas quando exercemos nossas atividades humanos. A cultura torna o mundo e a vida das pessoas melhores.

A relação que estabelecemos no mundo e com mundo é dialógica. O diálogo nos aproxima do outro, faz sonharmos juntos, e percebermos que não somos seres solitários na nossa existência. A cultura não é produto de um indivíduo ou de um grupo de pessoa que detém algum tipo de privilégios. A cultura deve estar a serviço da humanidade, a serviço das pessoas que constroem junto um projeto comum.

Quando a cultura é percebida como uma forma de contribuição que as pessoas através de suas relações produzem no mundo, mantendo identidade com o sujeito, mas não sendo domínio exclusivo meu, é a contribuição que o conhecimento coletivo tem de se manifestar na forma de diálogos. A segunda situação justamente destaca a importância do outro. A imagem de uma mulher com um livro nas duas mãos, com sexto do lado, dialogando com um homem

O diálogo autêntico com o outro, a abertura para o mundo e para o outro expando nossas relações com o mundo e universo. O diálogo amoroso permite o cuidado com o mundo, o cuidado com os outros e também o cuidado de si. O diálogo permite a humanização do mundo, seja não inclusão, seja no respeito as diferenças religiosas, de gênero ou orientação sexual, nada pode estar acima da dignidade humana, esta dignidade não é de uma pessoa e nem do gênero humano e detrimento da natureza, mas na convivência amorosa com o universo. O que não significa subserviência ou aceitação, mas participação diálogo, tomada de posição, busca por utopias.

27 de janeiro
Maria Angélica Sousa Costa

Na terceira situação, vemos a imagem de um índio usando um arco e flecha como instrumento para caçar aves. Analisando a cena, é possível perceber que o arco e flecha e as penas que vestem o índio são instrumentos construídos pelo homem através da transformação da natureza a seu favor e, nesse contexto, podemos observar três conceitos inferidos por Freire.

O primeiro diz respeito ao significado de cultura como produção humana. Para Freire, quando o homem criou um instrumento de forma intencional a fim de substituir seus braços e mãos para caçar a presa, ele fez cultura, não a cultura letrada, mas não deixa de ser cultura; ao processo de transformação de uma coisa em outra é o que se chama de trabalho e, quando transfere para outros as técnicas de transformação da natureza em objetos, o homem fez educação.

Freire reflete que tratar do processo de educação numa cultura iletrada não é somente especificar os analfabetos, uma vez que aquele que se considera como analfabeto é aquele que não compreende e faz uso das técnicas de leitura e escrita e salienta que nem todos têm esse entendimento.

APÊNDICE- 4ª SITUAÇÃO- Caçador Letrado

Na quarta situação, tem-se um caçador que faz uso de uma espingarda para caçar. Neste caso, Freire chama atenção para o fato de que o homem não fez parte do processo criador, ou seja, ele não trabalhou na produção da ferramenta, não participou da transformação de um objeto em outro. Dessa forma, ele não promoveu o próprio conhecimento, assim como na educação dominante, que não permite aos educandos a construção dos seus saberes por meio da cultura e do trabalho educativo.

APÊNDICE- 5ª SITUAÇÃO- O caçador gato

O homem, nesta situação, não aparece, agora o caçador é o gato. Nesta cena, Freire usa a explicação que fez um analfabeto em Brasília indagado acerca dos três caçadores: o índio, o homem com a espingarda e o gato. O rapaz afirmou que somente os dois homens eram caçadores, enquanto o gato era um perseguidor. Explicando que os dois homens fizeram cultura antes e depois de caçarem, enquanto o gato apenas persegue sua presa.

Freire reflete que as três situações tinham como pressuposto essencial a compreensão do conceito de cultura e este objetivo fora apreendido em meio aos diálogos e trocas de saberes. Para ele, foi importante a diferenciação entre as cenas e as observações em relação à educação e adestramento, a inteligência do homem e o instinto do animal.

28 de janeiro
Fernanda dos Santos Paulo

Situações: Essa expressão consta várias vezes nas obras de Paulo Freire. Mas no caso do livro *Educação como Prática da Liberdade* há duas passagens, uma relacionada a outra. Ambas se referem a um pressuposto importante no conceito de educação freiriana: As *situações* têm relação a "significação real" do estar sendo. Ou seja, na metodologia do trabalho pedagógico de Paulo Freire as "palavras geradoras" correspondem "às situações reais". (FREIRE, 1967, p. 18), isto é, significa as situações concretas, contextualizadas e históricas. Com relação a situações concretas diz Freire: "Daí que o papel do educador seja fundamentalmente dialogar com o analfabeto, sobre situações concretas" (1967, p. 110).

Em A importância do ato de ler: em três artigos que se completam, Freire afirma:

> A pesquisa do que chamava de universo vocabular nos dava assim as palavras do povo, grávidas de mundo. Elas nos vinham através da leitura do mundo que os grupos populares faziam. Depois, voltavam a eles, inseridas no que chamava e chamo de codificações, que são representações da realidade. [...] No fundo, esse conjunto de representações de situações concretas possibilitava aos grupos populares uma "leitura" da "leitura" anterior do mundo, antes da leitura da palavra. (2001, p. 20-21. Grifo nosso)

Por fim, é fundamental retomar a tese de que somos seres históricos e nossa existência inexiste fora de situações concretas – o mundo da vida – o mundo real.

Segundo Freire (2001) o mundo concreto é o ponto de partida e o ponto de chegada no processo de transformação social.

29 de janeiro
Tamires Barros Veloso

A proposta freiriana de alfabetização se caracteriza em primeiro, conscientizar, que a condição de analfabeto não lhe faz um indivíduo desprovido de cultura, implicado nos diferentes objetos (textos, imagens) selecionados para desenvolver a construção do conhecimento, promovendo um processo de desconstrução e reconstrução do conceito de cultura.

O fazer pedagógico freiriano se confunde com um fazer poético, na verdade, se pudéssemos definir em duas palavras sua obra completa, sem dúvida seria 'Pedagogia poética', pois uma das funções da poesia é um sentido de liberdade, e isso está implicado nas teorias e ações freirianas, é poesia no ser, fazer e lutar por uma educação libertadora.

O apêndice que apresenta o texto poético (8º situação), estrutura de início sua conceitualização como um elemento de manifestação cultural, e ao utilizar-se de um autor popular, contribui para quebra de padrões culturais, desconstruindo a ideia que apenas o indivíduo letrado pode fazer poesia. Dessa forma, destaca-se também, a diferenciação no ser, fazer e função da poesia enquanto elemento cultural em relação aos demais elementos discutidos.

Em seguida vem o conteúdo da poesia: "A bomba", que enfatiza as consequências de um pós-guerra vivenciado, dos resultados catastróficos da bomba atômica que soam até os dias atuais, incorporando assim o aspecto de contextualização ao processo educacional.

Uma poesia que dialoga com a realidade do educando, porque foi propositalmente selecionada em seu meio, um fruto cultural agora reconhecido, estabelecendo assim dinâmica a um processo de alfabetização consciente, com detalhes minimente construídos para que o diálogo aconteça. Isso é a didática Freire viva, permeada de métodos que se fazem disponíveis no próprio espaço de vivência dos educandos.

No apêndice que revela a 9º situação, temos os elementos que fazem de nossa cultura um aspecto pluralista, destacando-se pelos "padrões" de comportamentos regionais, o gaúcho e o vaqueiro nordestino que se diferenciam pelas suas vestimentas e costumes, mas na imagem estão unidos, lado a lado pelo um livro.

Situação em que esse livro pode ser vinculado a diferentes análises, estabelecendo significados como, o de que o conhecimento une as pessoas diante de suas diferenças, levando em consideração o aspecto de duas regiões, que ao longo da história se cercou de conflitos e até de uma possível separação do Sul do restante do país. Essa situação pode assim, simbolizar também que o saber figurado pelo livro aberto promova discussões em que os pré-conceitos sejam desconstruídos, e o respeito construído, isso é manifestação cultural.

E com isso, se faz compreender a partir das situações provocadas pelo método freiriano na obra, a não existência de alguém 'sem cultura', mas o reconhecimento de diferentes manifestações culturais, protagonizadas pelos próprios sujeitos, um fazer cultural cotidiano, construindo e desconstruindo conceitos, fazendo história.

Situações, como bem define 'existenciais' (FREIRE, 1999), conhecer a sua situação de existência, fazer-se sujeito desse conhecimento, existi-se! Reconstruí-se! Educa-se! Liberta-se!

Nesse panorama, uma poesia:

Ler para conhecer
Insistir nesse conhecimento
Beira-se de existência de saber
Educar para libertar
Resistir nessa libertação
Da teoria à prática
Amor e revolução
De sua pedagogia,
Esperança!
(Tamires Barros)

Não se pode falar de uma pedagogia libertadora sem a liberdade dos versos poéticos, não se pode fala de Freire sem a poesia que foi sua existência, sem a poesia que foi sua luta, sem a história das suas lutas que foram antes de tudo, poéticas.

365 dias são poucos diante de tudo, 365 dias não são suficientes para definir sua existência, conhecer sua obra, mas esses 365 dias todos os dias, todos os anos situarão existencialmente sua vida à teoria que se fez/faz prática, Paulo Freire, presente!

30 de janeiro
Gabriela Gonzaga Cher

Em busca de uma educação que promovesse a emancipação e libertação do povo brasileiro das mãos dos opressores e sua conscientização acerca do seu "ser" como *sujeito* e não como objeto, de *povo* e não de "massa", Paulo Freire propõe uma *educação transformadora*, em que situações e controvérsias, encontradas no contexto social dos educandos, são problematizadas e discutidas por meio do diálogo entre educador-educando, a fim de que haja reflexão acerca daquilo que se discute. Estas situações existenciais são caracterizadas por fazerem parte da vivência cotidiana dos educandos e, por isso, carregam valores e significados que precisam ser apreendidos de maneira mais consciente e crítica, tanto pelos educandos quanto pelos educadores.

Para que se possa colocar em prática o diálogo e a problematização de tais situações, Freire dá lugar aos chamados *Círculos de Cultura*, onde educandos e educadores se reúnem para um aprendizado dialógico. Os *Círculos de Cultura* representam não só o espaço de alfabetização de adultos, mas também lugar de debate sobre a cultura e a democratização da cultura, uma vez que os educandos começam a se enxergarem como também *produtores* dessa cultura.

Na décima situação exposta pelo autor, como um dos exemplos de situações existenciais a serem discutidas no *Círculo de Cultura*, é apresentado aos educandos uma ilustração do *Círculo de Cultura* acontecendo e o debate ocorre acerca do próprio funcionamento do *Círculo de Cultura*, bem como sua dinamicidade, a forma com que é capaz de promover diálogos e tomadas de consciência. Segundo Freire, são discutidos previamente questões relacionadas à cultura e a sua democratização, para, então, iniciar a alfabetização.

Essa alfabetização que, por sua vez, tem início na reflexão e conscientização dos homens acerca da sua realidade, seu mundo, seu trabalho - e não no ensino mecânico de sílabas e palavras

desconexas - a torna mais significativa, pois, *"É a consequência de uma reflexão que o homem começa a fazer sobre sua própria capacidade de refletir."* (FREIRE, 1971, p. 142).

Logo, somente a reflexão acerca do seu papel na comunidade, no trabalho, no mundo e a tomada de consciência por meio do reconhecimento do seu "eu" no espaço e no tempo, - diante de governos que, ainda hoje, sustentam a alienação e a massificação do povo, como no tempo anterior ao Golpe Militar - podem fazer com que o homem se alfabetize e se eduque para *transformar sua realidade.*

31 de janeiro
Marilia Aparecida Coura da Silva

> "Gosto de discutir sobre isso, porque vivo assim. Enquanto vivo, porém não vejo. Agora, sim, observo como vivo." (Frase de uma senhora de Santiago – Chile)

Paulo Freire, define neste livro os primeiros passos para uma prática de método ativo, através de um diálogo crítico. Ele leva em conta, principalmente, o ambiente em que o grupo de pessoas está inserido. A partir desta identificação deve ser definido o grupo de palavras que fazem parte do cotidiano destas pessoas. Desta forma, através de conversas, serão levantadas as situações existenciais, os problemas que envolvem as pessoas desta comunidade. Situações problemas de um que podem ser situações problemas de todos. Depois destes passos definidos, aplica-se a prática, que envolvem a criação de fichas e decomposição das palavras.

Interessante a forma como Paulo Freire definiu palavras geradoras para alfabetização de nós brasileiros. Palavras do cotidiano que refletem nossas necessidades, ansiedades, dificuldades e realidades. Há um quê de belo neste mundo quando descobrimos os significados das palavras. Para uma criança, parece até natural, curioso, mas para um adulto, é uma porta que se abre transformando o seu cotidiano em significados, tornando tarefas simples em consciência.

Nossa sociedade, tão acostumada ao silêncio, devido ao nosso contexto histórico, se vê envolvida no diálogo, se comunicando, deixando entrar luz das palavras e da libertação. Quando conhecemos as palavras, dialogamos seu significado, criticamos seus conceitos, duvidamos de certezas, relacionamos com o nosso viver e percebemos que podemos pensar. Já não nos conformamos com ideias prontas e situações acatadas desde sempre. Isso é que chamamos de transformação, conscientização e libertação.

O cotidiano promove uma certa acomodação, domesticação, uma rotina baseada na repetição de tarefas sem sentido. Quando o homem vive em uma sociedade em transição, de fechada para aberta, passamos pela fase da transformação, que é a fase mais difícil, pois, é a mudança, é o novo, é o escuro que sempre nos remete medo, mas, que também nos remete a uma ansiedade de renovação. A consciência importa quando promovemos diálogos e muitas vezes descobrimos que o quê nos aflige e nos esmaga é o mesmo que aflige e também esmaga o outro. Desta forma é possível observar que como estamos no mundo, fazendo parte dele, também fazemos parte da vida do outro, estamos ligados seja na descoberta de um saber ou seja simplesmente por fazermos parte de uma rede social. A falta de consciência nos faz mudos e não nos permite conhecer a nós mesmos e o outro.

Conforme descreve Paulo Freire, em seu livro, Educação e Mudança:

> Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias.

Paulo Freire apresenta aí uma possibilidade que somente o homem politizado pode perceber, nossa realidade. A Educação nos permite ver nossa realidade e desta forma perceber fragilidades e dificuldades para buscar soluções. A conscientização política mostra que a percepção da realidade pode ser modificada e deve ser modificada sempre ao longo da vida. Assim como o homem inserido em um meio precisa se enxergar neste meio para modificá-lo e transformá-lo,

SÍNTESE DO MÊS

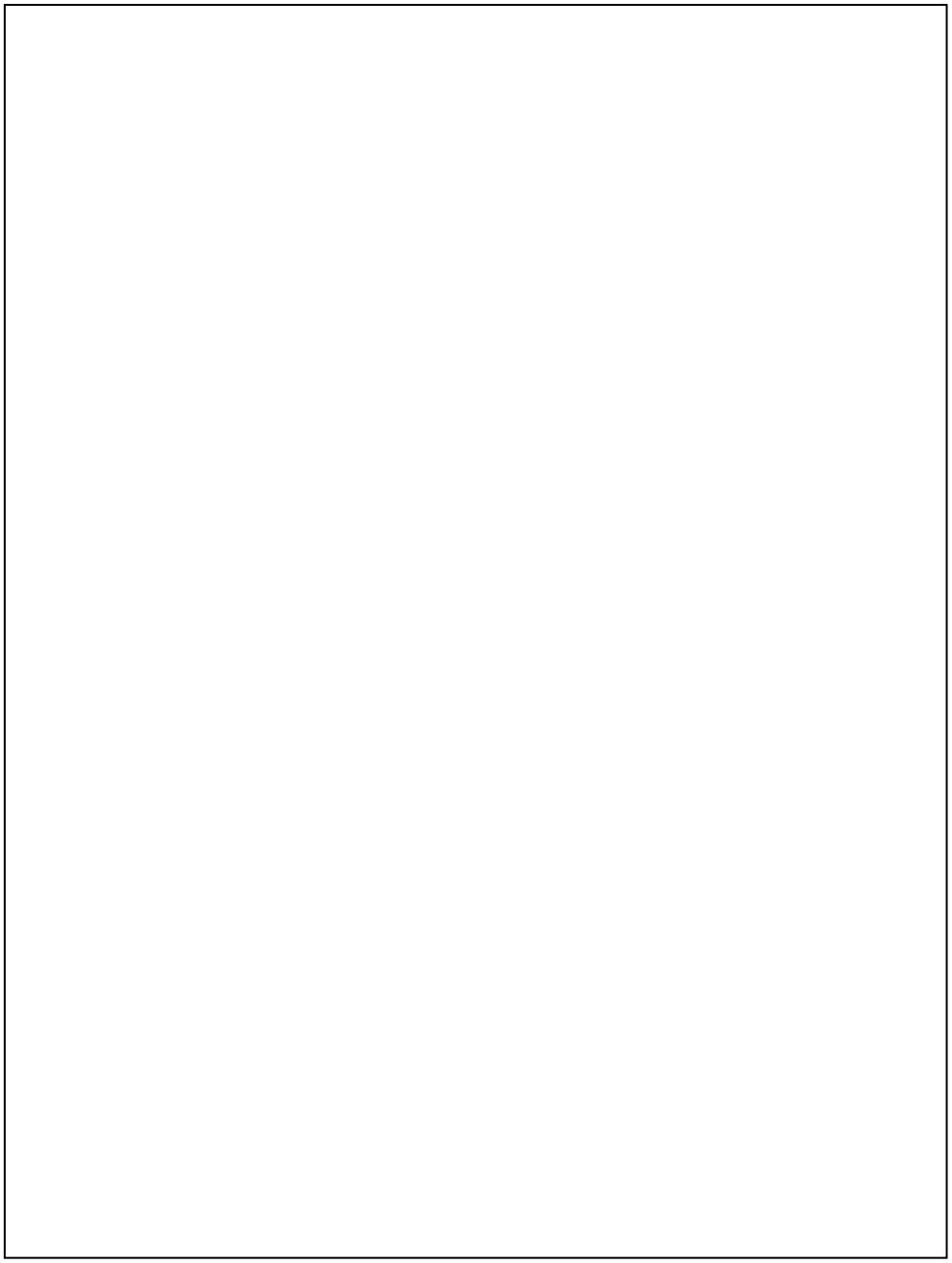
UMA PALAVRA

UMA FRASE

UM PARÁGRAFO

IMAGEM PEDAGÓGICA

(Desenhe uma imagem que simbolize as aprendizagens acumuladas das leituras deste mês para você dialogar com seus companheiros/as de caminhada).



FEVEREIRO

Pedagogia do Oprimido

Palavra
Política

Frase
Esta obra de Paulo Freire apresenta definitivamente a perspectiva de que educação é um ato político e que o educador tem um papel político no seu espaço pedagógico.

Parágrafo
A visão da educação que Freire elabora neste livro é uma revolução em relação ao ato pedagógico como um ato político. A síntese que esta obra representa é um marco na história da educação mundial. Ao educar os professores e professoras vão sustentar o modelo opressor de mundo da classe opressora ou contribuir para a transformação da realidade em busca da libertação dos oprimidos. Os principais conceitos freirianos que se encontram nas obras posteriores tem sua gênese na pedagogia do oprimido.

01 de fevereiro
Celso Ilgo Henz

A escritura do livro "Pedagogia do Oprimido" ocorreu durante o exílio de Freire e Fiori no Chile, quando todas as sextas-feiras à noite as duas famílias se encontravam para uma sopa e os dois educadores se reuniam em tertúlias dialógicas sobre a proposta freireana, razão pela qual Fiori conseguiu captar tão bela e profundamente o real sentido da obra. O próprio Freire disse que "o prefácio do Fiori foi a melhor coisa que leu sobre a Pedagogia do Oprimido; tanto que já pensou em publicar o "livro" como prefácio e o "prefácio" como "livro"..."

Comecemos com a primeira frase de Fiori no seu denso prefácio: "Paulo Freire é um pensador comprometido com vida: não pensa ideias, pensa a existência". É nessa perspectiva que foi se constituindo o grande educador, compreendendo que a educação precisa seguir a mesma "dinâmica e o movimento dialético do processo histórico de produção do homem" (In FREIRE, 1979, p. 8). Sempre buscando "ser um homem do meu tempo", Freire sentiu/pensou/agiu a pedagogia, a educação, toda a "práxis" humana visando garantir a "prática da liberdade"; sua proposta pedagógico-política coerentemente se colocou a serviço de quem via suas vidas "quase coisas": @s oprimid@s. No "seu tempo", uns poucos eram detentores de todas as palavras e à grande maioria só se permitiam duas: "Amém" e "Sim Senhor". Em tempos de transição no Brasil, ainda com fortes traços de dominação, exploração e a predominância de uma cultura do silêncio e da submissão (obediência), Freire propõe a "pedagogia do oprimido", construída e praticada com @s silenciad@s e impedid@s de ser, em cuja processualidade dialética "aprender a dizer a sua palavra" passa a ser a condição para a possibilidade de homens e mulheres virem a ser livres; a liberdade requer autonomia, e a autonomia só é possível quando alguém alcança a autoria, aprendendo a pronunciar a si mesmo, a realidade e a história em que vem sendo (ou impedid@ de ser). Assim, "pensa e pratica um método pedagógico que procura dar ao homem a oportunidade de re-descobrir-se através da retomada reflexiva do próprio processo em que vai ele se descobrindo, manifestando e configurando – 'método de conscientização'." (Ibid, p. 9).

Trata-se de uma pedagogia em que o oprimido tenha condições de tomar nas mãos a sua própria história, com autoria e autonomia, para deixar de ser "simples reflexo" pela repetição/memorização mecânica das palavras da cultura e dos interesses das classes opressoras. Para tanto, precisa estar enraizada na realidade sócio-histórico-cultural d@s educand@s, dialetizando experiências, saberes e conhecimentos, para assumir "...o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha da sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se", e "a pedagogia faz-se antropologia" (Ibid, p. 4). Ademais, homens e mulheres só se humanizam social e politicamente, pela capacidade de interagir com o mundo e nele reencontrar-se "com os outros e nos outros" (Ibid, p. 6), por cujos diálogos reflexivos vão tomando consciência da realidade e da sua condição nesse espaço-tempo, construindo a sua "conscientização" como compromisso com a transformação. Quer dizer: "Com a palavra, o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana" (Ibid, p. 7). Essa *práxis* pedagógica, necessariamente precisa romper com a "pedagogia das respostas e da memorização" (concepção bancária) e constituir-se em processos de uma "pedagogia da pergunta e do diálogo-problematizador" (concepção libertadora), tomando a "palavra geradora" para potencializar a decodificação reflexiva pela dialética leitura de mundo/leitura da palavra.

Segunda metade do século XXI. Eis o "nosso tempo" no Brasil; tempos em que as velhas oligarquias armam novos mecanismos de dominação, exploração, silenciamento e opressão. Sejamos, pois, "educador@s do nosso tempo", comprometid@s com a "pedagogia do oprimido", prefaciando nossas práxis com a premissa do "Aprender a Dizer a sua Palavra".

Assim "aprender a dizer a sua palavra" passa a ser "palavra-ação" (Freire), pela qual mulheres e homens se (re)constituem e (re)constroem a história em que vem sendo ou impedid@s de ser. Tudo isso sempre pela interação com a realidade e pela intersubjetivação com @s outr@s, pelo diálogo reflexivo, amoroso, sério e rigoroso. Mais: além de ser pedagogia, é construção da sua "autonomia" ou "prática da liberdade" (Freire), implicada na *práxis* histórica de ser com @s outr@s e ser com o mundo (Freire); daí que é história, é sociologia, é epistemologia, é antropologia. Para o professor e pesquisador Luiz Gilberto Kronbauer, "o trânsito ente a palavra-diálogo e a prática histórica de elaboração colaborativa do mundo comum pode denominar-se palavra-ação, que diz e transforma o mundo. [...] O diálogo, que é reconhecimento do outro e de si mesmo pela mediação do outro, é decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum, pelo fato de ser palavra-ação" (KRONBAUER, 2005, p. 265).

A autoria é, pois, cooperativa e proativa, sem que um@ se subjugue a(o) outr@. Aprende-se a dizer uma nova e sua palavra (FIORI), que é dita e escrita para que cada mulher e cada homem digam, leiam e (re)escrevam a sua história e a si mesm@s na mesma processualidade em que (re)lêem e (re)escrevem criticamente o mundo e os conhecimentos enquanto *práxis* transformadora do mesmo e de si mesm@s, como seres que se reconhecem "condicionados" e "inacabados", com "possibilidades de ser mais" (FREIRE), aprendendo a ganhar autoria e autonomia pela conscientização. A conscientização, nesse sentido, é "... primeiramente, consciência da historicidade humana. [...] A superação da mentalidade mítico-mágica ou o nascimento da consciência da historicidade coincide com a auto-objetivação reflexiva, que se efetiva de modo mais lúcido e seguro pela mediação da palavra escrita." (KRONBAUER, 2005, p. 261).

Nessa dinâmica e compromisso com a construção de uma pedagogia e epistemologia enquanto *práxis* cooperativa, o desafio permanente é a relação *Eu-Tu* com intensidade e respeito à alteridade d@ outr@ na sua inteireza: emoções, ideias, afetos, sentimentos, ações e visões de mundo, reconhecendo e assumindo que o "eu" só se constitui com @s outr@s. Ess@ outr@ que aos poucos vai se mostrando, se "dizendo" dentro da sua totalidade, também como um dispositivo de resistência à instrumentalização e ao silenciamento existencial que lhe é imposto por uma sociedade neoliberal capitalista. "Aprender a dizer a sua palavra" requer necessariamente aprender a escutar a palavra d@ outr@. Assim, pedagógica e politicamente, @ "eu" e @ "tu" vai se revelando ao "dizer a sua palavra", em cuja mesma processualidade dialógica e dialética vai se descobrindo; é um movimento de mão dupla, pelo qual ocorre um caminhar para @ outr@ que, ao mesmo tempo, gera um caminhar para si mesm@. Ao escutar a pronuncia d@ si outr@, vamos descobrindo a nossa capacidade de nos pronunciar, assim como também passamos a encontrarmo-nos conosco pelas palavras d@ outr@. Nessa dialogia amorosa e reflexiva, @s dialogantes descobrem e reconhecem seus condicionamentos, mas também suas possibilidades de empoderamento (re)humanizador e emancipatório, livre, implicando-se numa espécie de cumplicidade antropológica, porém sem nunca tolher a liberdade e totalidade nem de um@ nem de outr@; um@ se inclui, se implica, n@ outr@, mas permite que se afaste livremente na sua individualidade (intersubjetivada), reconhecendo que a alteridade só é possível na dinâmica histórico-existencial da liberdade.

"Aprender a dizer a sua palavra" e "Aprender a escutar a palavra d@outr@", condição *sine qua non* para uma *praxis* educativa conscientizadora, libertadora, comprometida com o "Ser Mais" de tod@s!

02 de fevereiro
Marinei Antunes Garcez

O que se pode abstrair minimamente ao analisar parte do Prefácio da Pedagogia do Oprimido é que Freire faz uma correspondência com a concepção de homem, caracterizando-o como um "ser vazio" e, desta forma, dependendo da sua concepção de mundo, precisa tornar-se um "depósito" de conhecimentos, para que possa se considerar inserido dentro do contexto social que o minimiza. Este homem ao agir criticamente, acaba transformando a ação por ele mesmo sofrida e que serve como um instrumento da sua desumanização e domesticação enquanto oprimido, transformando a sua relação com o opressor e tomando consciência do seu valor e de sua liberdade, que nada mais é que um compromisso seu com a sua consciência enquanto projeto humano.

Portanto, essa dicotomia homem – mundo é mediatizada quando os sujeitos são capazes de assumirem a intersubjetivação da consciência de modo que o homem como um sujeito responsável por sua ação consiga desfazer este processo de "hominização" por parte de sua própria consciência e o estabeleça a partir de suas práxis como um autêntico processo de construção da liberdade, por meio das relações dialógicas que farão com que ele se transforme, de forma humanizadora, em "prática de liberdade".

No que se refere ao contexto do livro, tendo como ponto de partida os círculos de cultura, Freire busca nos mostrar de que forma a educação no Brasil é produtora de um fetiche social, que reproduz a desigualdade, a marginalização e, consequentemente, a miséria. Partindo desse pressuposto, Freire destaca que o ensinar a não pensar, desde a alfabetização, é algo inerente ao sistema de ensino do país, e puramente planejado pelos governos e governantes que detém o poder, para que desta maneira possam ter em suas mãos a maior quantidade necessária dos oprimidos, que ao estarem se sentindo fragilizados, passam a necessitar daqueles que os dominam para garantirem a sua sobrevivência. De que forma este homem que sofre a dominação não apenas em termos sociais, mas arraigada no âmbito educacional poderá sair deste processo e alçar voo com as suas próprias habilidades? É a partir daí que Freire inicia a preparar e mostrar as maneiras como o professor pode ser consciente do seu papel problematizador e como pode junto com os educandos transformar juntos as suas realidades.

Tendo como pressuposto que para os educandos o professor é o detentor do conhecimento, deve-se por meio deste processo de tomada de consciência deles, leva-los a entender que sua incompletude não lhes torna meros espectadores. A partir do momento em que eles começam a entender o mundo em sua finitude, à medida que são seres que são transformadores e percebem a sua importância não apenas dentro da educação, mas como humanizadores na sociedade, problematizando-a e gerando história.

Sendo a educação uma prática dialógica, esta começa com a necessidade se alicerçar o diálogo na busca do conteúdo que se pretende e nas orientações pedagógicas. Para tanto, o professor tem que ser um pesquisador, assim como recomenda Freire, pois partindo desta premissa,

estará preparado não apenas para ministrar uma aula, mas ser um observador por meio da conversa, em situações diversas, conhecer a realidade dos seus educandos, e, com eles, propor temas que possibilitarão a sua tomada de consciência.

A partir deste ponto, não apenas o professor, mas os seus alunos começarão a discutir e daí partirão para a reflexão das situações que lhe provocam opressão, despertando apara discussão e reflexão, com o objetivo de despertar sua consciência para sua situação de opressão. Por isso, que o pensamento sendo do povo, e este mudando seu pensamento sobre a sua situação pode modificar todas as situações que sofre, mudando assim, a sua situação de opressão. Este processo é construído com base no respeito mútuo, na confiança e onde não haja manipulação das ideias do povo e tem como resultado a ação e reflexão. É difícil para alguns educadores disseminar a compreensão de que a ação e a reflexão são paralelas, ou seja, caminham juntas de maneira indissociável, do contrário não atingirão os objetivos da educação.

É muito comum que as pessoas sejam manipuladas por acreditarem em valores que muitas vezes lhes prejudicam, pois são falsos, e não foi feita a reflexão ação sobre a sua manipulação. Há muitos símbolos que escondem a verdadeira identidade do povo, ou seja, daqueles que precisam ser ensinados a perceber o que há de falso nos valores que os oprimem. É algo cultural e que nem sempre faz parte do processo de libertação, pois descartam a união, a organização, a colaboração e a síntese cultural dos educandos, modificando bastante, quase sempre para pior, a sua identidade.

Quando o povo não aprende a ter a liderança, acaba por impor arbitrariamente a sua palavra e deixa de assumir uma promoção liberalista, pois passa a assumir que não existe liberdade sem autoridade, ou seja, necessita de uma autoridade que o sustente. Descartando assim, a sua síntese cultural e a sua visão de mundo que deixa de ser valorizada.

Freire aborda a ideia de que o ensino da forma em que é feito, apenas com a premissa de transmitir conhecimentos, não modifica em nenhum aspecto a educação bancária opressora. Pois, não é essa a função do professor problematizador, apenas transmitir conhecimentos, mas sim ser viabilizador e levar os educandos a criar possibilidades de modificar tudo aquilo que lhe amarra ou atrasa enquanto produtor que realmente é, não apenas um mero receptor.

Garantir aos que menos podem a oportunidade de dizer a sua palavra, e que esta seja utilizada não apenas no cotidiano, mas nas suas relações sociais e de trabalho, tornará os educandos capazes de desmistificar as situações de dominação pelo direito de dizer a sua palavra, pois aqueles que a recusam jamais iriam dar oportunidade que as multidões pudessem dizer a sua palavra, é uma tarefa de luta, de tomar a palavra, de tê-la como direito, mas que se trata de um dos maiores aprendizados que podemos ter, é pois, a "pedagogia do oprimido".

03 de fevereiro
Gilberto Oliari

No exílio em Santiago (Chile) Paulo Freire escreve, nominada como *Primeiras Palavras*, a introdução da obra *Pedagogia do Oprimido*. Nesse tempo de sua vida, Freire pode estabelecer um processo de introspecção de suas atividades, em outro termo, pôde no exílio retirar-se, deixar-se em suspenso e refletir sobre suas diversas impressões do contato, lida cotidiana, com edu-

cadores, educadoras e estudantes de diversas localidades. E, esse é o primeiro destaque que desenvolvo neste comentário, às vezes somos esmagados pelo volume de trabalho e pelas condições que somos submetidos, temos planejamentos, avaliações e relatórios a preencher que, como professores, quase não percebemos a importância do nosso trabalho e de quantos sujeitos passam por nossas mãos todos os dias.

Esse "dar-se conta" traduz-se por reflexão, por parada para o pensamento, por auto avaliação. É nesse momento que podemos perceber o quanto marcamos nossos estudantes e o quanto eles deixam marcas em nós professores. No entanto, desenvolvem-se muitos medos desse processo: medo de descobrir nossas falhas, nosso inacabamento; medo de perceber que somos parte de um coletivo e que de alguma forma somos responsáveis por ele; medo da insegurança que pode desdobrar-se das descobertas; medo da não identidade do que estamos fazendo. Por medo criamos ao redor de si um círculo vicioso de oprimido – opressor, sendo pressionado por um sistema falido e fadado à erosão (quando o coletivo perceber) o sujeito torna-se opressor, oprimindo os estudantes os quais são de sua responsabilidade. Podemos nomina-lo como "círculo de segurança" – "em minha posição estou seguro (a) e não tenho necessidade de mudar".

O círculo é tão forte que acaba desdobrando-se numa surdo-cegueira da situação, o sujeito torna-se incapaz de perceber que a realidade que o cerca está muito aquém das idealizações que são feitas. Conhecer-se transforma! Somos todos frutos de um processo histórico, a cada dia que passa, agregamos novos saberes científicos, éticos e estéticos. Alguns sujeitos agregam apenas "informações" (poças rasas e extensas) e estabelecem a partir dessas informações critérios de análise e julgamento para a realidade de forma geral, não busca aprofundar-se e descobrir as raízes na qual determinada manchete está ancorada. Duas reflexões: em primeiro lugar, esses "fragmentos de verdade" podem consolidar círculos de segurança quando o sujeito utiliza como argumento de defesa de sua posição; e, em segundo lugar, há que se ter o cuidado com os canais nos quais captamos as informações, todos são tendenciosos, e o sujeito que não quer fugir de seu *status* escolhe aquele que melhor se adequa ao seu pensamento.

Para Paulo Freire, aqueles que descobrem sua obra, tomam duas atitudes: de sectarização ou de radicalidade diante de suas considerações. O sectário, talvez nem vá adiante à leitura e aprofundamento do texto, pois ele se fecha para qualquer diálogo que invada seu "círculo seguro", afinal ele busca maquiar a realidade, assim ele pode manipular o pensamento e sua ação adestradora. Além disso, aquele que se posiciona contrário à verdadeira dinâmica da realidade, o sectário, busca de todas as formas frear a história, domesticar o tempo para poder repetir de forma contínua as suas práticas, muitas vezes culpando o outro por sua frustração. Na escola isso é perceptível quando se olha ano após ano os planejamentos e as ações de alguns professores que "castram" toda e qualquer atividade crítica e criadora dos estudantes.

Por outro lado, há aqueles e aquelas que estabelecem um processo de radicalidade e radicalização que, entendendo o processo histórico da realidade abrem-se para a discussão, para a crítica e para a criação de novos percursos de aprendizagem. Rompem com seu círculo de segurança e buscam enraizar-se melhor em sua opção de libertação. Este sujeito, que denominamos como radical, é aquele que se descobre ingênuo diante da situação, e, ao perceber que pouco sabe ou entende a realidade torna-se critico, passa a fazer uma leitura de mundo completamente diferente daquela que fazia anteriormente. É por isso que iniciamos esse comentário destacando a necessidade de parada para a reflexão sobre a prática.

As palavras de Freire são tão profundas que não poderia deixá-las sem citar na integra:

> O radical, comprometido com a libertação dos homens, não se deixa prender em "círculos de segurança", nos quais aprisione também a realidade. Tão mais radical, quanto mais se inscreve nesta realidade para, conhecendo-a melhor, melhor poder transformá-la. Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar (p.28).

Portanto as *Primeiras Palavras* da *Pedagogia do Oprimido* não deixam dúvidas de que como educadores e educadoras necessitamos estar sempre atentos aos percursos de vida daqueles que cotidianamente encontram-se nos bancos escolares. Desafia-nos a deixar de lado nossas seguranças e ousar, desafiar, dialogar e comprometer-se com a mudança que queremos ver acontecer. Precisamos perceber que não somos donos de nada, muito menos do processo de ensino-aprendizagem, por isso necessitamos cada vez estar melhor enraizados na opção de uma educação libertadora e na prática fazer a diferença.

04 de fevereiro
Magda Gisela Cruz dos Santos

A justificativa de 'Pedagogia do Oprimido', escrita por Paulo Freire durante seu exílio no Chile, apresenta alguns dos pilares da perspectiva teórica, metodológica e pedagógica que acompanha o conjunto de sua obra, embora o autor afirme que sua intenção era apenas aprofundar alguns pontos discutidos em 'Educação como prática da liberdade'. Ao antecipar alguns aspectos da relação entre oprimidos e opressores que fundamentam e tornam necessária uma 'pedagogia do oprimido', Freire apresenta sua concepção de sujeito histórico, de conhecimento e de realidade histórica.

Para Freire, a dramaticidade da realidade histórica impõe aos seres humanos a busca pelo conhecimento de si através de um processo no qual indagam, respondem e suas respostas os levam a novas perguntas. Esse movimento contínuo de constatar, questionar, chegar a uma síntese e dessa síntese a novos questionamentos, expressa sua concepção de conhecimento que está intimamente relacionado com o processo de humanização.

O processo de humanização[6] é, segundo Freire, o problema central que se apresenta aos seres humanos. Freire afirma que reconhecer que a humanização é um processo de 'dever haver sido' implica também em reconhecer a desumanização como uma viabilidade ontológica e como realidade histórica, ou seja, em um contexto real, concreto, objetivo. Além disso, destaca que reconhecer a humanização e a desumanização como processos historicamente condicionados implica reconhecer os seres humanos como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão.

Entretanto, Freire destaca que somente a humanização é vocação verdadeira dos seres humanos e que, pelo fato da desumanização ser um evento concreto na história e não um destino dado, a luta pela humanização se torna possível, a luta pela superação da ordem injusta que gera a violência dos opressores e o 'ser menos'. A humanização, quando negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores, é também afirmada na própria negação, pois

[6] Ao destacar a centralidade que o processo de humanização assume em sua perspectiva, Freire alerta para a necessidade de se compreender a humanização em seu sentido antropológico, considerando a relação dos seres humanos entre si e com seu meio, e não no sentido antropocêntrico, que implica compreender o ser humano como centro de tudo.

promove o desejo de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos pela recuperação de sua humanidade.

A contradição opressores-oprimidos. Sua superação

Freire alerta que o 'ser menos' é uma distorção do 'ser mais' e não outra vocação instaurada pelos opressores. O 'ser menos' leva os oprimidos a lutar contra quem os fez menos, porém essa luta somente tem sentido quando os oprimidos não se sentem idealistamente opressores e entendem que lutar pela recuperação de sua humanidade é restaurar a humanidade tanto dos demais oprimidos quanto também dos opressores.

Segundo Freire, essa grande tarefa histórica cabe aos oprimidos, que são os que sentem e entendem o significado de uma sociedade opressora e possuem o poder de promover a libertação, pois esse poder nasce da debilidade em se encontram. Os opressores possuem necessidade de manter a ordem injusta que os sustentam. Dessa forma, quando manifestam seu poder de modo a amenizar a debilidade dos oprimidos, o fazem nos termos de uma 'falsa generosidade', pois a verdadeira generosidade consiste em lutar para superação da situação histórica que os mantém em condições favoráveis.

Entretanto Freire esclarece que os oprimidos somente chegarão à libertação pela busca de sua práxis, pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por sua libertação. É nesse sentido que se torna necessária uma pedagogia que contribua para a recuperação da humanidade, uma pedagogia forjada 'com' os oprimidos e não 'para' os oprimidos. Um dos aspectos centrais dessa pedagogia denominada 'Pedagogia do Oprimido', é que seu objeto de reflexão é a opressão e suas causas. A partir dessa reflexão é que resulta o engajamento necessário na luta pela superação da realidade histórica que sustenta a contradição entre oprimidos e opressores, processo no qual essa pedagogia se fará e refará. Contudo Freire destaca que, enquanto os oprimidos, como seres duplos, inautênticos 'hospedarem o opressor', ou seja, viverem a dualidade na qual 'ser é parecer e parecer é parecer com o opressor', é impossível fazê-la.

A pedagogia do oprimido, que não pode ser elaborada pelos opressores, é 'um dos' instrumentos para a descoberta crítica da situação de opressão. Somente a partir da descoberta de que os oprimidos hospedam o opressor, os oprimidos poderão contribuir para o 'partejamento' de sua pedagogia libertadora.

Em um primeiro momento dessa descoberta, segundo Freire, os oprimidos embora se reconheçam como oprimidos, em lugar de buscar a libertação, tendem a ser opressores ou subopressores, pois a estrutura de seu pensamento encontra-se condicionada pela contradição vivida na situação concreta e seu ideal é ser homem, o que na contradição vivida é ser opressor. Reconhecer-se como oprimido não pressupõe necessariamente lutar pela superação da contradição que gera a opressão. Nesse nível, os oprimidos assumem uma postura individualista na qual não possuem consciência real de si como pessoa e nem a consciência de classe oprimida. No lugar de buscar a superação da contradição, buscam a identificação com um de seus polos, o seu contrário.

Um dos elementos básicos na mediação opressores e oprimidos, que sustenta essa contradição, é a prescrição, que segundo Freire representa uma imposição da opção de uma consciência à outra, transforma a consciência recebedora em consciência hospedeira da consciência opressora, torna o comportamento dos oprimidos um comportamento prescrito por pautas estranhas a eles, as pautas dos opressores.

Outro elemento que impede os oprimidos de lutar por sua humanização é o medo da liberdade, que advém do reconhecimento de que ao expulsarem de si a sombra do opressor necessitariam preencher o vazio deixado com outro conteúdo, de sua autonomia, de sua responsabilidade, sem o qual não serão livres. Além disso, lutar por sua liberdade significa uma ameaça também aos companheiros oprimidos que temem maiores repressões. O medo da liberdade para os oprimidos é o medo de assumi-la, enquanto que para os opressores é o medo de perder a liberdade de oprimir. Segundo Freire, enquanto imersos no medo da liberdade, os oprimidos não apelam a outro e não ouvem os apelos de outros. Quando de fato encontram em si o anseio de lutar pela libertação, percebem que sua concretude somente é possível na concretude de outros anseios.

A pedagogia do oprimido tem de contribuir na superação da dualidade que os oprimidos enfrentam entre o que são e sua consciência opressora, entre sua desalienação e sua alienação, entre as prescrições e as opções, entre serem expectadores ou atuarem, entre dizer a sua palavra ou não terem voz. Entretanto, a libertação somente é possível 'na' e 'pela' superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos, o que não ocorre em termos idealistas.

O motor da ação libertadora é o reconhecimento de que a realidade concreta de opressão não é uma espécie de mundo fechado do qual não se pode sair, mas uma situação que se pode transformar. Entretanto esse reconhecimento por parte dos oprimidos, não significa ainda sua libertação, essa somente começa a se efetivar quando se engajam na luta pela libertação, o que exige a práxis libertadora.

Em relação ao opressor, pode-se afirmar que descobrir-se como opressor não é solidarizar-se com os oprimidos e nem mesmo prestar assistência à alguns mantendo sua condição de dependência. Solidarizar-se é uma atitude radical que exige assumir a situação de com quem se solidariza, implica em lutar com eles para a transformação da realidade objetiva que os faz ser este 'ser para outro'. O aspecto fundamental destacado por Freire nesse trecho de sua obra é que a contradição oprimidos-opressores se instaura em situação concreta e, portanto, sua superação só pode ocorrer objetivamente também.

05 de fevereiro
Thiago Mena

Na obra Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire lida com as possibilidades de superação da contradição opressor-oprimido. Por contradição, entenda-se a relação de oposição entre duas condições existenciais que dependem uma da outra para acontecer: não existiria o oprimido se não houvesse um opressor e vice-versa. É pressuposto, no texto, que tal contradição não é algo natural, mas fruto de uma construção histórico-material e, portanto, passível de ser superada. O autor vai apontar a *exigência radical* dessa superação e o fato de que o sujeito capaz de inaugurar essa luta é aquele que vivencia a condição de oprimido.

Em síntese, Freire parte da crítica da realidade contemporânea – que se faz opressora ao produzir opressores e oprimidos – para chegar à definição de como deve ser entendida e construída uma pedagogia capaz de superá-la. Alcança, com isso, a ideia de uma pedagogia libertadora – aquela que visa, no fundo, à superação dialética da realidade. Trata-se de uma perspectiva

revolucionária de educação. Ele nos apresenta, afinal, uma pedagogia que se coloca a serviço do resgate da humanidade dos humanos.

Na análise crítica que realiza, o autor acaba por delimitar um pano de fundo filosófico, em que se manifesta a visão de mundo sobre a qual se constrói sua teoria. Neste texto, proponho-me a aprofundar alguns aspectos desse pano de fundo, os quais me parecem requerer um contato mais franco com pressupostos teóricos que transcendem a obra de Freire.

Explicitando meu posicionamento frente às grandes correntes teóricas, julgo que essa obra precisa ser compreendida em relação às análises sócio-político-econômicas conduzidas por Karl Marx e Friedrich Engels (século XIX). Paulo Freire é um autor que dialoga o tempo todo, e abertamente, com a teoria marxista – tanto no que ela contribui para a compreensão da realidade, quanto em suas ambições e perspectivas revolucionárias. No texto, ele não apenas cita e elogia fragmentos dessa teoria, como se utiliza, frequentemente, de elementos próprios do discurso marxista.

Não é à toa que seu nome é geralmente rechaçado dos debates educacionais toda vez que se observa uma ascensão, no cenário político e no discurso das massas, das forças conservadoras, fascistas e elitistas da sociedade – como observamos no Brasil de tempos em tempos. Paulo Freire é um revolucionário! Algo mais, ouso afirmar que alguém que queira se aprofundar nos estudos freirianos, precisa conhecer minimamente o materialismo histórico de Marx e Engels para que não cometa o equívoco – recorrente, cumpre ressaltar – de utilizar seus argumentos para embasar situações de opressão.

No estudo da Pedagogia do Oprimido, proponho que se atente à caracterização feita por Freire do termo *realidade*. O que é realidade, afinal? No texto, o termo é descrito em duas perspectivas que interagem num processo de retroalimentação: primeiro, trata-se de algo que não existe (e tampouco se transforma) por acaso, mas que é produto da ação dos homens; segundo, algo que se volta sobre os próprios homens de modo funcionalmente domesticador, condicionante, devido, sobretudo, à sua força e aos seus mecanismos de absorção e imersão das consciências.

Ao descrever a realidade nessas duas perspectivas, o autor se preocupa em contemplar tanto o lado do sujeito que, formado (ou conformado) na lógica de determinada forma de vida, vivencia, constrói (e, por vezes, modifica e reconstrói) essa realidade, quanto o lado das ideias que circulam e das estruturas, instituições que, sendo sustentadas pelos próprios sujeitos em sociedade, preparam-no individualmente para observar, atuar e agir nessa realidade. Nesse sentido, o ser humano é um ente que constrói a realidade objetiva ao mesmo tempo em que é construído subjetivamente por ela. As porções objetiva e subjetiva da realidade estão em permanente dialeticidade.

No âmbito da análise dessa realidade, cumpre esclarecer que ao se referir a ela com o título de opressora (*"uma realidade que se faz opressora"*), Freire não está atribuindo uma culpa, nem simplesmente adjetivando-a. De outra forma, ele se remete a uma categoria de análise de âmbito histórico. Com isso, faz ecoar a constatação de Marx acerca de que o modo como esta sociedade foi organizada economicamente, pelos próprios indivíduos que a constituem, na lógica de um sistema ainda vigente em praticamente todo o globo terrestre – o sistema capitalista –, mais do que propiciar, legitimou o estabelecimento de duas categorias de seres humanos: os que oprimem e os que são oprimidos.

Memoremos, brevemente, o fato de que Marx, na obra O Capital, evidenciou a centralidade do trabalho na vida humana e demonstrou que, no processo histórico em que se origina o capitalismo, parte crescente dos homens – o proletariado – deixou de ser dona tanto dos instrumentos necessários à realização dos seus trabalhos, quanto dos próprios produtos resultantes, passando à mera condição de vendedor de seu tempo e de sua força de trabalho. Enquanto isso, outra parcela, cada vez menor – a burguesia – passou a dominar os meios de produção e, com isso, a explorar o trabalho dos demais, com a finalidade última de gerar capital, lucro, mais-valia.

Para que isso fosse estabelecido, foi necessário um longo processo de racionalização, produção de ideias, e de criação de instituições que dessem legitimidade e protegessem a nova ordem social. Atentemo-nos ao fato de que esse ideário e essas instituições também serviriam para encobrir ou dificultar a apreensão do potencial opressivo do sistema capitalista.

Resumidamente, o filósofo francês Louis Althusser (também marxista) se refere a essas ideias como *ideologia* e a essas instituições como *aparelhos repressivos e ideológicos do estado*. Ele demonstra que nossa sociedade está enredada por instituições (escolas, hospitais, polícia, família, igreja, etc.) que estão a serviço da garantia do funcionamento desse sistema, hora pela coação física ou psicológica, hora pela inculcação da ideologia capitalista nos sujeitos.

O que temos hoje, portanto, é uma realidade em cujas ideias que circulam e as ações que se praticam, do modo mais automático possível, servem para manter as condições necessárias à sobrevivência do sistema capitalista. Nela, os seres humanos atuam não como sujeitos autônomos, mas como engrenagens do sistema. Um sistema capaz de estruturar uma forma de vida desigual para grupos diferentes de pessoas. É uma realidade opressora porque, em sua base, produz o opressor e o oprimido.

Ao pensar numa pedagogia libertadora, Freire direciona seu olhar para esta camada mais fundamental na qual se estrutura a opressão: o sistema capitalista. Considerando, então, a dialeticidade da realidade opressora, ele prepõe uma pedagogia que se ocupe da transformação tanto da porção objetiva quanto da porção subjetiva: ao mesmo tempo em que conscientiza o indivíduo sobre a situação de opressão que vivencia, sua realidade, também o engaja na superação radical desse sistema que a produz – o que o autor chama de *práxis*. Numa pedagogia libertadora, ambas as porções não podem ser tomadas separadamente, sob pena de se descair em mero idealismo.

06 de fevereiro
Angela Dabela Lanoa

Numa sociedade em que oprimidos e opressores ainda não se libertaram desses paradigmas, acontece então a opressão movida pelos opressores para com os oprimidos. Mas no momento em que os oprimidos se libertam e os opressores descobrem é a hora do medo de perder as regalias que a opressão tenha garantido. Então neste momento há um estranhamento da situação, uma quebra do paradigma anterior no qual o opressor se sente oprimido.

Neste momento há também uma perca da própria identidade possessiva de tratar pessoas como coisas e tender a transformar tudo o que os cerca em coisas de seu domínio. Neste domínio tudo é medido na forma de dinheiro.

Para o opressor ter mais do que os oprimidos não é tido como privilégio, pois o mais foi conquistado com o seu esforço.

Há uma tendência entre os opressores de inanimar tudo e todos, tornando assim pessoas como apenas objetos se seu comando, assim a liberdade e a humanização são vistas como contraditórias ao seu domínio.

Quando então o opressor se liberta desse paradigma ele deve andar em conjunto com o povo, comungando. Sem se aproveitar nostalgicamente em se impor por sobre os ideais do povo sentir cada passo junto ao povo. A passagem da libertação é um renascimento do sujeito a partir do qual ele irá assumir uma nova postura quebrando paradigmas anteriores e se enxergando e comportando-se de maneira igualitária na sociedade, escutando assim cada seguimento no seu novo modo de agir.

A libertação do opressor possibilita uma visão ampliada da sociedade no qual, o sujeito sai da visão limitada de si próprio e passa a se enxergar o povo não apenas como uma peça objetificada de seu mero controle, mas como uma figura humana, que tem ideias, poder suficiente para contribuir para o progresso de ambos.

07 de fevereiro
Gilberto Oliari

Escrevo hoje embebecido por uma experiência de vida. Visitei algumas famílias de um distrito da cidade onde moro e me surpreendi com a pobreza, com a miséria que algumas pessoas daquele local vivem. Como professor, em muitos momentos, pensava "como uma formação humanizada e emancipadora poderia fazer a diferença na vida daquelas pessoas que lá moravam?". Como ser humano, não pude deixar de me perguntar quando fomos capazes de permitir que existisse desigualdade social, que essa desigualdade estivesse debaixo de nossos olhos e, ainda se legitimasse essa desigualdade através de discursos classicistas e odiosos que cotidianamente se repetem.

Por isso iniciei esse comentário da *Pedagogia do Oprimido* com a frase *somente na convivência se pode compreender*. Acredito que essa afirmação deva guiar a reflexão desse texto para percebermos o quanto precisamos desenvolver uma consciência de si, para ajudar o outro a desenvolver uma consciência de si, desenvolvendo dessa forma uma relação consciente entre os oprimidos. Destaco dessa forma que todos somos oprimidos; vivemos sob a sombra de um sistema que classifica, enumera, capitaliza e valoriza aqueles que produzem. Vivemos introjetados com uma utopia de consumo que nos leva a trabalhar cada vez mais, para ter mais dinheiro e comprar cada vez mais – isso não é novidade para ninguém.

Aquele que mais acumula bens materiais e que é bem-sucedido em seus negócios é alguém a ser valorizado e respeitado. Aqueles que por inúmeros acontecimentos da vida, por sua condição histórica e social, não conseguem ser produtivos o suficiente para o sistema, não merecem valor, não merecem respeito, não merecem direitos aos olhos do sistema. Isso é muito duro.

Acaba-se por criar uma consciência de desvalia pois, "de tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem de nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua 'incapacidade'" (FREIRE, 2005, p. 56). Esse sentimento de incapacidade acaba por menorizar cada vez mais o oprimido; cada vez mais o oprimido sente-se pequeno, acaba desanimando-se da vida, da luta e dos sonhos. Mais do que isso, acaba-se criando uma perspectiva de acomodação.

Na verdade, tudo isso adquire uma perversidade sem tamanho pois, em vez dessas pessoas serem desafiadas a construir uma consciência de si e dessa forma perceberem sua situação, de oprimido explorado, a elas se dirige um discurso: "trabalhe, sacrifique-se e, assim um dia você poderá ser alguém grande, com valor e respeitado". Dessa forma são estimuladas a se reconhecerem como preguiçosas, bêbadas ou mesmo sem vontade. O pior de tudo é que, o oprimido com um pouco mais de condições financeiras que outro oprimido, lhe dirige as mesmas palavras, criando assim um círculo vicioso onde oprimido oprime outro oprimido.

Isso acaba criando uma situação de desigualdade dentro da própria desigualdade social existente. Na história do tempo presente, há inúmeros casos que podem se relatados em que o oprimido se autodeclara opressor, tem pretensões de opressor, vota como opressor mas, não passa de um oprimido, de uma engrenagem bem apertada que faz um sistema se movimentar.

Acaba-se criando no oprimido um sentimento potente de opressor e dessa forma são levados a "exercer um tipo de violência horizontal com que agridem os próprios companheiros" (FREIRE, 2005, p.55). Convencido por esse sentimento, o oprimido acredita piamente que quanto mais apoiar o opressor, quanto mais desvalorizar os outros oprimidos (companheiros seus) mais perto ele estará de ser opressor. Para isso negam-se histórias e trajetórias de vida, contrariam-se fatos corriqueiros, defendem-se histórias gerais dominantes, aposta-se em respostas distorcidas, odiosas e preconceituosas para resolver problemas complexos.

Acredito que o oprimido com sentimento de opressor, dificilmente conseguirá perceber sua condição de explorado; de engrenagem de um sistema. E, diante das dificuldades do próprio sistema se sustentar esse tipo de "oprimido opressor" será capaz de culpabilizar o outro oprimido em vez de unir-se a ele. Isso se percebe cotidianamente quanto se trata das políticas públicas educacionais, de saúde e/ou de assistência social, a culpa por um país não se desenvolver economicamente sempre recaí sobre as políticas, que investem recurso para garantir o mínimo de dignidade para os oprimidos.

Por isso da necessidade de conhecer os contextos que nos cercam; fazer uma experiência atenta e reflexiva de si e dos outros nos leva a compreender a nossa condição e as condições dos outros. Em minha percepção, acredito que contemporaneamente está faltando experiências sensíveis; estamos presos a leituras na *internet,* ou em outros meios de comunicação que nos constroem mentalmente uma realidade – que muitas vezes não é capaz de nos tocar, de nos sensibilizar ou transformar. Acredito que quando pisamos no chão da sociedade, das comunidades mais carentes tornamo-nos mais sensíveis à realidade que apenas lemos, ouvimos ou vimos alguém falar.

No entanto, na convivência para compreensão, há que se ter atitudes de abertura, de saída de si para compreender o outro. Não podemos experienciar a realidade do outro, ou outros contextos sem nos despir de preconceitos e de discursos discriminatórios. Quando fazemos uma experiência aberta para o contexto nós compreendemos a realidade e ajudamos o outro a perceber sua realidade. Acredito que quando estamos abertos a conhecer o outro, permitimos que ele se expresse em sua singularidade e, que de seu modo, ao ler e comunicar o mundo que o cerca possa perceber que também é oprimido.

Quando um estranho lhe fala de sua situação, o oprimido pode não aceitar; quando um estranho lhe permite falar e refletir sobre o seu contexto a comunicação é diferente. Pode ser que aí haja um processo de mudança, de construção de uma consciência de si, mediada pelas subje-

tividades em jogo. Isso permite que o oprimido perceba sua condição e afirme "agora, que estamos sendo respeitados como homens, vamos mostrar a todos que nunca fomos *borrachos*, nem preguiçosos" (FREIRE, 2005, p. 56).

Acredito que a educação escolar deva ensaiar-se mais na busca por compreender o contexto que a cerca, para poder ajudar o aluno a compreender-se. O fortalecimento da escola pública, gratuita e de qualidade para todos perpassa pela condição de que todos a assumam como uma instituição importante para a sua vida, isso só é possível se todos a compreenderem dentro de sua consciência de si.

08 de fevereiro
Josineide Ribeiro da Silva

> "Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão. " (FREIRE, 1987, p. 52-56).

Neste trecho da obra de Paulo Freire, "Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão", que faz parte do famoso e tão atual livro Pedagogia do Oprimido (1987), é fácil perceber que o autor ao fazer tal afirmação, nos leva a pensar que os homens, em sua condição de explorados pelas grandes empresas, precisam ter a consciência dessa condição, e procurar exercer a sua ação através da reflexão e novamente voltar a agir, como um elo para a sua libertação; precisam ter a certeza de que será como homens e não como um ser qualquer, que os mesmos vencerão a luta por ser mais, por sua libertação, para acabar com o que os coagem e que essa liberdade que os homens, na condição de oprimidos, reduzidos a quase nada, almejam, tem que ser conquistada por seu próprio esforço, mas com um detalhe importantíssimo, precisarão de outros homens, de uma sociedade já cansada de ser sujeitada ao julgo do poder, para conquistar essa liberdade.

Os homens, na sua condição de humilhado, explorado, oprimido, não conseguem ver que vivem mergulhados na ignorância gerada pelo capital que não cansam de lutar para que os mesmos imersos, continuem assim, sem entender a realidade em que vivem, alienados, porque vivem aquém das problemáticas socioeconômicas que atingem os menos favorecidos, e essa alienação os leva a crer que a sua liberdade é uma doação que alguém lhe fará; não conseguem enxergar que essa busca é tensa e dolorosa e que essa liberdade lhes trará imenso pavor, pois nessa imersão em que se encontram, no mundo que o opressor os aprisionou, os oprimidos terão, mesmo sem se dar conta, medo da liberdade que inconscientemente almejam, pois "todo oprimido sonha em ser opressor"(FREIRE, 1987) e ficam divididos ao pensar em livrar-se desse mundo o qual estão presos, e, confusos continuam sofrendo.

O que mais aprisiona e amedronta esses homens são muito mais a certeza de que essa condição é plena, e isso se dá por suas visões de mundo reduzidas ao conformismo e ao destino e resignação com sua condição, os oprimidos se acomodam e aceitam passivamente a maneira com que são tratados, "como coisas" que, massificados, não procuram enxergar a realidade ao seu redor, aceitando tudo como se aquilo fosse sua sina, algo pré-determinado e dessa maneira, por não imaginarem outra situação que não seja essa para suas vidas, se "coisificam", se encolhem em sua fragilidade de oprimidos, e nessa submissão são massacrados e humilhados incansavelmente pelos seus opressores que se engajam cada dia mais por sua alienação profunda.

09 de fevereiro
José Roberto Henrique Souza Soares

Em muitas de suas obras Freire possibilitou-nos reflexões acerca das práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas do país. Em seu livro, o que estamos refletindo neste mês, ele apresenta uma crítica ainda mais clara e direta ao modelo de ensino ao qual ele definiu-se por uma Concepção Bancária da Educação e que perpassa o tempo e se torna presente nos dias atuais. O método em que os educandos são considerados apenas a acumuladores de informações e conceitos pré-estabelecidos pelo sistema ou pelo próprio educador sem a menor participação dos discentes. Os estudantes assumem uma postura de receptores passivos das informações, negando-os a reflexão e o aprimoramento de seus potenciais.

O modelo educacional adotado no período em que Freire, elaborou a sua obra sobre os oprimidos, ainda perdura até os dias atuais. O ensino pautado por meio de narrações e dissertações enfadonhas e cansativas, distantes da realidade em que cada estudante se insere, é uma realidade permanente em quase todas as escolas. O conhecimento só pode ser concebido através do interesse e da prática dos agentes envolvidos, dos quais os principais são os educandos, sendo estes os responsáveis pela construção de seu próprio conhecimento. Além desta realidade os educandos não passam de meros depósitos onde os conceitos e informações são decoradas e repassadas sistemática e mecanicamente, sem que se estimule o desenvolvimento crítico dos mesmos. Esta concepção bancaria da educação é um reflexo da sociedade opressora e de sua antidialogicidade, como nos aponta Mendonça (2008). O conhecimento crítico de cada indivíduo é uma força considerada perigosa ao sistema, uma vez que é capaz de levar as pessoas a refletir sobre seu papel, mostrando assim, a realidade opressora em que estão inseridos, principalmente pelos impulsos segregacionistas do capital. Tal realidade não é transformada porque faz parte do sistema social em que estamos inseridos os marginalizados e desprovidos de todos e quaisquer meios de libertação, é interesse do capital que existam pessoas oprimidas e exploradas, para que cada vez mais outros possam tornassem mais ricos.

As práticas bancarias na educação fecham os olhos dos educandos para o potencial que cada um possui, além de negar aos mesmos a condição de transformadores ativos da realidade em que cada um se insere. Por isso, muitas vezes o conhecimento torna-se algo enfadonho, muito distante da realidade em que os mesmos se encontram. Dificilmente as crianças e jovens conseguem compreender a necessidade prática dos conteúdos abordados de maneira obrigatória. Os assuntos diversos, trabalhados hoje nas escolas "são retalhos da realidade, desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação" (FREIRE, 2016. pp. 103-104), e, no entanto, servem apenas para a memorização dos educandos, tornando-se um conhecimento supérfluo e descartável.

A falta de incentivo aos educandos para o desenvolvimento de pesquisa e a criação livre, conforme os talentos de cada um, são as maiores contribuições para a consolidação do sistema bancário da educação. A negação da vocação inicial de todos os homens, voltadas para a criação e a transformação intensifica a consciência ingênua dos educandos. É a própria escola a responsável por tornar os estudantes meros receptores passivos de informações. Quando na realidade seu principal papel deveria ser o de estimular os jovens à uma consciência crítica e transformadora, por meio da aceitação e do suporte no desenvolvimento intelectual e cognitivo dos mesmos.

10 de fevereiro
Laura dos Santos Paiva

Paulo Freire sempre foi crítico ferrenho da educação bancária, por entender que encher os alunos de conteúdo, como se fossem depósitos, constituía um falso saber. A cabeça dos alunos não pode ser considerada uma caixa vazia onde os educadores insiram o conteúdo que simplesmente decidem ser o melhor.

Freire postula que tratar os homens como espectadores, e não recriadores do mundo previa uma dicotomia inexistente; homens e mundo e não homens com o mundo. Assim, a educação tem que ser dialógica, construída em conjunto entre nós e nossos alunos. Toda a construção de conhecimento é relacionada com a nossa realidade e a dos nossos alunos, nós somos seres que agimos no mundo.

Dentro da educação bancária, o aluno mais adaptado a essa educação, menos contestador, mais passivo, é sempre considerado melhor. Assim a dificuldade do pensar autêntico; o aluno criativo, que indaga e estimula a comunicação é proibido de exercer o seu pensar, a sua visão de mundo. Dessa forma milhares de estudantes são reprimidos por esse sistema, educandos com questionamentos e aptidões que a esse modelo de escola não interessa entender e estimular.

Para Freire o pensar não pode ser utilizado no isolamento, na "torre de marfim", a educação deve ser em torno de uma realidade. Ele faz uma crítica direta aos pensadores universitários que não abrem mão de seus raciocínios vazios para realmente compreender o que se passa no mundo. Produtos dessa educação bancária, esses docentes não entendem que suas teses de doutorado em nada mudam o mundo, e que apenas o conhecimento aplicado em benefício do povo traz mudanças.

O professor Paulo Freire evidencia que a educação bancária não é desumanizadora e alienante gratuitamente; é a maneira de torna-la instrumento de dominação e acomodação ao mundo da opressão. Quanto mais passivo o povo, menos contestador, melhor para a ordem social estabelecida; por isso o golpe que instaurou em 1964 a ditadura militar no Brasil, interrompeu os programas de educação e alfabetização populares idealizados por Freire. A conscientização do povo é perigosa.

A educação bancária controla o pensar e a ação, inibindo o poder de criar e contestar e perpetuando a dominação. Reflete a estrutura do poder, por isso os educadores comprometidos com a liberdade do povo encontram tanta dificuldade em mudar o sistema de ensino. O professor que tenta alterar sua didática em um colégio que segue a educação bancária muitas vezes é ridicularizado, quando não imobilizado pela direção e outros professores.

Paulo Freire fala de como a educação bancária colabora com o discurso da "repressão em nome da liberdade", e enfatiza como a paz social é de fato a paz privada dos dominadores. Essa colocação é perfeita para a compreensão do papel da mídia na primeira greve geral (28/04/2017) do Brasil nesse século, divulgada como baderna, confusão e tumulto no trânsito. Fica evidente que a manipulação da opinião pública pela mídia hegemônica, forte instrumento da dominação, é facilitada ao extremo pelo tipo de raciocínio simplista, induzido pela educação bancária.

Quando Freire denuncia a educação bancária ele deixa claro que não pretende sensibilizar as classes dominantes, o que seria ingenuidade. Ele chama atenção aos educadores humanistas

para que não sirvam à educação bancária, até porque manter essa prática é desacreditar dos homens; alerta esses humanistas de que serão tachados de "ingênuos" e "sonhadores", mas isso não deve fazer com que desistam.

A educação libertadora é a problematização dos homens em sua relação com o mundo, nela a relação entre educadores e educandos humaniza ambos, com companheirismo. Quando e só quando a educação for libertadora, será possível acabar com a dominação de uma minoria sobre a maioria, através da ação concreta e contestadora do povo. É o que Freire chama de práxis, a ação e o reflexo dos homens sobre o mundo para transformá-lo.

Conhecer o trabalho de Freire é uma experiência libertadora para qualquer ser humano; usar os seus ensinamentos é essencial para qualquer professor comprometido com uma educação emancipadora. Não basta reconhecermos a educação bancária, precisamos destruí-la, ainda que gradualmente. Ela é responsável por imobilizar o povo na construção de uma luta unificada, um caminho a seguir. No período mais frágil da nossa democracia desde o fim da ditadura militar, precisamos manter vivo o maior objetivo de Freire: a libertação do povo.

11 de fevereiro
Benone Costa Filho

> "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo." (Freire, 2002, p. 68).

No trecho acima, da obra clássica e sempre atual *Pedagogia do oprimido*, do Patrono da Educação Brasileira, já dá logo para perceber a posição de Paulo Freire (1921-1997), contra a educação "*bancária*" a favor da educação *problematizadora*. Pois, para ele a educação "*bancária*" é uma educação que deposita comunicados lineal do educador no educando que recebe passivamente esses conteúdos, depositados nele, sem sentidos e sem diálogo. Enquanto que a educação *problematizadora*, é uma educação dialogal, ou seja, do diálogo, onde os conteúdos são problematizados entre o educador, que ensina e ensinando aprende, e o educando, que aprende e aprendendo ensina também. Assim: "*A tendência, então, do educador-educando como dos educandos-educadores é estabelecerem uma forma autêntica de pensar e atuar. Pensar-se a si mesmos e ao mundo, simultaneamente, sem dicotomizar esse pensar da ação.*" (Freire, 2002, p. 72).

Grosso modo, é nesse pensar *práxis* freireano que entendemos a contradição entre educação "*bancária*" e educação *problematizadora*. E o favorecimento de Paulo Freire pela a educação *problematizadora*, pois nela o educador não mais só educa, educa, mais enquanto educa, se educa, dialogando com o educando, que enquanto vai sendo educado, com o educador, também, educa o educador. E nesse processo de educação sujeito-sujeito, em vez de sujeito-objeto, educador-educando evoluem juntos em autoridade e liberdade e não contra elas. Por isso, contra a prática da educação "bancária", Paulo Freire crítica sua *dicotomia* em tudo e, principalmente, do educador que pratica esse tipo de educação de depósito dos conteúdos nos educandos, seja quando prepara sua aula "bancária" de comunicados dos conteúdos, seja frente aos educandos que recebem passivamente essas aulas "bancárias", como depósitos dos conteúdos, onde o educador "bancário" narra unidimensionalmente para os educandos objetos, que ouvem e arquivam de forma desconexa, os depósitos recebidos deste educador "bancário", que mesmo sendo tido como cultura do conhecimento recebido, não existe nem cultura nem conhecimentos reais na

educação "bancária". Diante disso, a favor da educação problematizadora Paulo Freire diz que, diferentemente da educação "bancaria", esta educação "*não distingue estes momentos no que fazer do educador-educando*" (Freire, 2002, p. 69). Pois, educador-educando são sempre sujeitos-sujeitos congnoscentes tanto na preparação da aula pelo sujeito educador do diálogo como no diálogo com sujeito educando, sendo o conteúdo problematizado por ambos, onde o educador enquanto ensina-aprende e o educando enquanto aprende-ensina. Desse modo, Paulo Freire distingue o que fazer do *educador problematizador* do *educador "bancário"*. O educador problematizador: "*É sempre sujeito cognoscente, quer quando se prepara, quer quando se encontra dialogicamente com os educandos.*" (Freire, 2002, p. 69). Assim, diferentemente do educador "bancário", que se apropria do conhecimento como posse só dele, o educador problematizador não considera o conhecimento com posse só dele, mas como ato de reflexão dele e dos educandos.

Outra observação interessante percebida por Paulo Freire, se refere a admiração que o educador problematizador desperta na readimiração dos educandos com o conteúdo produzido ou organizado, seja qual for e de qualquer estudo a ser feito, com a educação *problematizadora*, em que ao ser aplicado, esse conteúdo problematizado, em vez de produzir um conhecimento desconexo, portanto, irreal, produz um conhecimento conexo, real e objetivo. Desse modo, quanto mais os educandos vão sendo desafiados, também, se *engajam* na superação desses desafios, pelo o fazimento das *leituras de mundo e do mundo* e, com elas, entendendo como os conteúdos problematizados dão repostas reais e objetivas da operacionalização consciente do mundo.

Paulo Freire também nota que esse *engajamento* só acontece quando a educação é voltada para *a prática da liberdade* do homem e contra a educação que quer sua dominação; é a favor da afirmação do homem concreto, coletivo, integrado ao mundo; também é favor do mundo como realidade presente no homem. Diante desses pressupostos, entre outros, que geram a educação libertadora, o homem real e presente nas relações conscientes do mundo, ao qual é parte, se dão ao mesmo tempo em que acontece. Desse modo, para Paulo Freire: *não há uma consciência antes e o mundo depois e vice-versa.*" (Freire, 2002, p. 70). E para justificar sua impressão, entre outros, recorre ao filósofo existencialista Jean-Paul Sartre (1905-1980) que considera que o filósofo ao escrever tem que lutar para defender o que está descrito na sua escrita. Assim, Sartre defendia uma atuação *intelectual práxis* e com isso, para justificar a palavra-ação sartreriana, com as próprias palavras do filósofo, Paulo Freire completa: "'*A consciência e o mundo, diz Sartre, 'se dão ao mesmo tempo: exterior por essência à consciência, o mundo é, por essência, relativo a ela.*'" (Freire, 2002, p. 70). Ou seja, *consciência e mundo* acontecendo simultaneamente, na visão *problematizadora*. E para exemplificar tal ação, pela a práxis, faz uma narrativa de um caso ocorrido em um *círculo de cultura* Chileno (onde Paulo Feire estava exilado e trabalhando com educação de adultos de 1964-1968) em que um camponês, que para a educação "bancária" seria classificado como "*ignorante absoluto*", ao discutirem sobre a decodificação problematizadora do *conceito de cultura*, dizer que, naquele momento, percebia que *"não podia existir o mundo sem os homens"*. E quando o educador que estava dialogando com o camponês questionou sobre a possibilidade da morte de todos os homens da Terra e ficasse só os outros seres se *isso tudo não seria o mundo*? A resposta do camponês foi uma negativa, pois, para ele: "*faltaria quem dissesse Isto é mundo*" (Freire, 2002, p. 71). Desse modo para Paulo Freire: "*O camponês quis dizer, exatamente, que faltaria a consciência do mundo, que, necessariamente, implica o mundo da consciência.*" (Freire, 2002, p. 71). Neste aspecto, o que ele queria dizer era que mesmo ficando tudo no mundo, sem o

homem, não poderia se saber que isso era o mundo, pois, quem poderia simplesmente dizer isso havia morrido.

Assim, sem a presença do *homem* o mundo não deixa de existir, o que deixa de existir é o próprio homem para dizer algo desse mundo existente. É essa a percepção do camponês ao reafirmar que a existência do mundo é a consciência da existência do homem dizer da sua existência. Assim, trilhando o caminho feito por Paulo Freire, (ao longo deste trecho em análise no dia de hoje) vamos entendendo a sua insistência na *educação problematizadora* libertadora e o *conteúdo* dessa educação de forma objetiva focada no mundo real e objetivo que vive o homem, que quando percebe esse mundo em que vive, consegue também entender como ele funciona. Deixando isso bem claro quando afirma que "*na medida em que os homens, simultaneamente refletindo sobre si e sobre o mundo, vão aumentado o campo de sua percepção...*" (Freire, 2002, 71), passando a entender com se dá a sua inserção no mundo, como também a refletir essa inserção, para além de si, nos outros homens. Isso se dá por meio da descoberta objetiva dos problemas e desafios que precisam superar e ultrapassar, embasados na educação *problematizadora*. *"A partir deste momento, o 'percebido destacado' já é objeto da 'admiração' dos homens, e, como tal, de sua ação e de seu conhecimento*. (Freire, 2002, 71). Portanto, mais uma vez Paulo Freire, reforça de porque é contra a educação "bancária", que "*assistencializa*" (Freire, 2002, p. 72), pela a sua ineficácia, onde o educador "bancário" acaba "*enchendo*" o educando de um saber falseado e feito pela a imposição no educando. E a favor da prática da educação *problematizadora* que "*criticiza*" (Freire, 2002, p. 72) em que educador-educando, pelo os seus poderes de absorção vão percebendo e tendo o entendimento consciente de como o mundo se apresenta e como ele interage com o educando-educador, não sendo uma realidade parada, mas, em movimento, "*em processo*", ou seja, se constituindo em mudanças sucessivas sempre. E de tudo isso se compondo a "*investigação do universo temático"* das *palavras geradora*s do *método Paulo Freire* de alfabetização de adultos.

12 de fevereiro
Leandro Carlos Ody

> "[...] diferente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm. Daí que seja a educação um quefazer permanente".

Por quê e para quê educamos? Qual é o sentido de buscarmos e vivenciarmos um processo educacional enquanto humanidade? Para Paulo Freire, educamos porque somos seres que têm consciência de que não somos prontos, não somos acabados e, como seres históricos, estamos em constante processo de aprendizagem, de formação, de transformação no conhecimento. Consciente de sua inconclusão, o ser humano precisa fazer mais, fazer melhor, fazer diferente.

Diferentemente de uma concepção de educação bancária, que orienta uma prática da mesma espécie, prática essa imobilista e fixista, a educação problematizadora se fundamenta em uma concepção que considera o caráter histórico do ser humano. Ao invés de partir de padrões rígidos e pré-estabelecidos, a educação problematizadora considera os seres humanos como seres que *estão sendo*, que estão em construção, que são inacabados e estão inseridos em uma realidade que, por sua vez, também é inacabada e em permanente transformação.

É aí que a educação recebe sentido autêntico. Não enquanto processo de formação, exclusivamente, para o trabalho ou para o mercado, mas enquanto processo de formação amplo onde se busca o crescimento do ser humano na sua integridade. Com isso não queremos dizer que processos formativos que preparem o indivíduo para o trabalho ou para avaliações que lhe abrirão espaço em outros níveis escolares (como vestibulares ou outras formas de seleção), não sejam importantes. Porém, no momento em que reduzimos o processo educacional escolar a preparar para isso, estamos deixando de lado aquilo que é central na educação. Formar o cidadão para compreender melhor o que está a sua volta orientando, dessa forma, sua ação nesse mesmo mundo é algo que extrapola a formação escolar voltada ao preparo para o mercado.

A educação escolar é apenas um exemplo de uma proposta educacional mais ampla e, certamente, é a essa proposta mais ampla que Paulo Freire se refere quando diz que as raízes da educação estão na consciência da inconclusão do ser humano e de como isso se liga diretamente ao caráter histórico que acompanha esse ser. Nosso pensador diz que os demais animais são inacabados também, modificam-se, transformam-se, mas não são históricos, pois não tem consciência de sua trajetória histórica. Os seres humanos têm essa consciência. Sabem-se inacabados e por saberem-se inacabados buscam trabalhar para que essa sensação de inconclusão seja amenizada pela construção do conhecimento. Não é apenas construir conhecimento a nível teórico, mas conhecimento que, em confronto com a realidade, conduza às transformações desejadas e que, a partir dos resultados, leve a novas reflexões e a novas práticas. Não teoria pela teoria, não ação pela ação, mas práxis transformadora. Práxis que orienta o processo educacional que visa a mudança, diferente da prática bancária que visa a permanência.

O ser humano, consciente das mudanças do mundo, também é conduzido a mudar pela prática da educação problematizadora, não num simples adaptar-se ao mundo, porque assim estaríamos somente nos adaptando às determinações externas. Pelo uso de sua capacidade de pensar e de transformar, adapta-se frente às necessidades ao mesmo tempo em que também determina o rumo de certas coisas ao exercer sua autonomia e ao vivenciar sua condição de sujeito da história.

Ser consciente de sua condição histórica faz do ser humano alguém com a capacidade de analisar seu processo histórico e ser capaz de definir o que é importante ser preservado e o que é importante ser transformado. Não é uma obediência cega a imposições externas nem uma revolta que diga que tudo deve ser modificado. Como diz Paulo Freire, é necessário ter noção desse jogo de contrários permanência-mudança. A pedagogia do oprimido tem a função de mostrar, primeiramente, a condição da opressão para, a partir daí, buscar transformar essa condição, mas mantendo questões importantes que foram sendo conquistadas nesse processo formativo.

Enquanto os demais animais são apenas momento, o ser humano, tendo noção de passado, presente e futuro, consegue planejar, agora, a partir de sua caminhada histórica, aquilo que precisa ser alcançado depois. A educação, nesse sentido, cumpre importante papel de preparar o ser humano para que conduza, da melhor forma, o processo dessas transformações. Situações difíceis devem ser vistas como desafios, como problemas que conduzem à reflexão transformadora e não devem ser tomadas como empecilhos, numa visão bancária e fatalista, que dificultem a continuidade da caminhada. O problema faz pensar, o problema exige reflexão para que se encontre a solução necessária para resolvê-lo. A verdadeira educação prepara para o pensar, prepara para a reflexão, para a autonomia, para o empoderamento do sujeito histórico que deve compreender-se como responsável por sua própria história.

A consciência da sua própria história e da sua condição de inacabado, ao mesmo tempo em que apresenta ao ser humano a necessidade de constante busca pelo conhecimento, deve servir de combustível para que ele permaneça sempre nessa busca. Estar motivado numa busca, numa caminhada é importante para não esmorecer e para não sucumbir aos ditames da opressão. Saber-se incompleto nos leva à busca por completar-se, mesmo sabendo que isso é uma tarefa impossível. Admitir-se completo é admitir que a caminhada findou. Faz parte da existência e da condição humanas estar sempre em movimento. Enquanto estamos vivos estamos em movimento, mesmo que, em certas situações de opressão, não mais nos sintamos assim. Situações de opressão que "coisificam" as pessoas retiram delas o que lhe é próprio: a capacidade de pensar. Essas situações desumanizadoras afastam as pessoas da possibilidade de uma vida autêntica, de descoberta, de pensamento, de planejamento. Transformam-nas em máquinas que não pensam e máquina que não pensa apenas produz, não reivindica, não contesta, não tem história, não tem consciência.

Enquanto educadores é importante termos presente aquilo que para Paulo Freire são as raízes da educação. No momento em que tivermos isso conseguiremos formar de modo que nossos educandos vivenciem um processo, de fato, libertador. Perceber-se inacabado é condição para buscar educar-se. Só vemos sentido na educação se nos percebemos carentes de conhecimento, se nos percebemos limitados e em constante busca pelo conhecer, em constante movimento..., inacabados..., inconclusos...

13 de fevereiro
Mariana Cunga Bhering

"Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão." (p. 44)

Nessa introdução do capítulo 3 Paulo Freire pensa dialogicidade como meio indispensável para uma educação problematizadora, para isso é indispensável o uso da essência do diálogo.

A dialogicidade não acontece por imposição de ideias em uma discussão polemica que não no vazio, no simples ato de falar composto de palavras ocas, essa palavra inautêntica não denuncia o mundo, pois não existe compromisso de transformação. Também não acontece pela palavra enquanto ativismo que também se for pensada apenas no entorno da ação pela ação distanciando-se do diálogo, enquanto transformação de si e do mundo, e sim por meio de respeito e criação mútua. A palavra realmente autêntica não se diz para o outro de maneira mecânica, sem escuta, sem respeito, sem reflexão.

Pelo diálogo nos fazemos enquanto humanidade, transformamos o mundo e nos refazemos com novas significações. Na educação o diálogo é imprescindível, nos permite conhecer o outro, seu universo para assim ter um ponto de partida para a reflexão e construção coletiva. É também um meio de nos reconhecermos como sujeitos providos de saberes e também que estamos em constante processo de aprendizagem.

O poder da palavra é um direito de todos os homens. A palavras proferida com a intenção de humilhar é desestabilizada na medida que quem escuta e retorna ao pronunciante de maneira respeitosa, com fatos, empatia e sentimentos, fazendo o uso da palavra autêntica com propósito transformador desarma situações adversas e possibilita a criação de um novo pensar e agir no mundo.

A existência humana é o próprio pensar e agir transformando o mundo, por isso não pode silenciosa, existir é para Freire é uma relação de pronunciar e problematizar o mundo com outros sujeitos pronunciantes.

Portanto, na perspectiva da prática do diálogo todos sabemos algo e tem para ensinar, o que podemos escolher é se a palavra será pensada e pronunciada para transformação, para uma ação com compromisso social ou se ela for vazia, que favorece a exclusão e desprovida de sentido.

14 de fevereiro
Ednamara Filomena dos Santos

As reflexões de Paulo Freire representam um olhar que passa pela alteridade e para além da educação liberal tradicional que visava a manutenção do status quo da sociedade no poder.

Para Freire, a discussão referente ao dialogo torna-se primordial quando se pensa uma educação dialógica como prática de liberdade e coloca condições para que o mesmo tenha esta função transformadora, tanto da educação e quanto dos sujeitos envolvidos.

Desta forma, o diálogo e a amorosidade estariam intrinsecamente ligados, uma vez que o amor seria fundamento do diálogo, uma tarefa entre sujeitos, o que implicaria em uma relação horizontal, sem assimetria, sem dominação, ou seja, um compromisso humano. Ele destaca que em uma situação de dominação, o que existe é uma patologia do amor, uma relação sado-masoquista e que como ato de coragem, o ato de amor está em comprometer-se com a causa, com a libertação da opressão, como ato de liberdade e restauração do amor que estaria proibido.

Uma condição para o diálogo seria a humildade, uma vez que, ao considerar o dialogo como encontro humano na tarefa comum de saber agir, implica em não alienar a ignorância, de só vê-la no outro. Assim, ao classificar alguns como virtuosos, puros, donos da verdade e do saber e os demais como "esta gente" ou "inferiores", estaria partindo da premissa de que a pronuncia do mundo seria tarefa de grupos seletos, excludente da participação de outros e, portanto, não reconheceria possibilidades de superação e transformação desta realidade.

Assim, segundo Freire a autossuficiência seria incompatível com o dialogo, de forma que não há ignorantes nem sábios absolutos, mas sim o encontro na busca do saber mais. Outra condição para o dialogo seria a fé no outro, no poder de fazer e refazer, de criar e recriar, na vocação de ser mais, não como privilégio de alguns, mas direito de todos. Esta fé não é ingênua, uma vez que seres dialógicos são críticos e sabem que o poder de fazer e transformar, mesmo que negados em situações concretas, pode se refazer, renascer e se reconstituir por meio da luta pela libertação. Desta forma, sem a fé nos homens o dialogo se transforma em "manipulação adocicadamente paternalista" (Freire, 2007, p 81).

Freire destaca que o dialogo ao fundar- se no amor, na humildade e na fé no outro, se fazem uma relação horizontal, com consequente confiança entre os sujeitos. Assim, a confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros, o que implica no testemunho que cada sujeito dá aos outros as suas reais e concretas intenções.

A esperança seria outra condição para o dialogo, enquanto atributo da própria essência da imperfeição humana e, portanto, de sua eterna busca pela completude, o que não se faz no isolamento e sim na comunhão. A esperança não pode ser passiva. Assim, a desumanização devido à ordem injusta deve ser uma razão de desejar ainda mais a restauração da humanidade

esmagada pela injustiça. "Movo-me na esperança enquanto luto, e se luto com esperança espero" (FREIRE, 2007, p.81). Neste sentido, sendo o dialogo o encontro dos homens para ser mais, não seria possível na desesperança, seria um encontro vazio, estéril, burocrático e fastigioso.

Uma condição primordial para o diálogo seria o pensar verdadeiro, pensar critico, que ao não aceitar a dicotomia mundo-homens, reconhece a solidariedade. Este pensar percebe a realidade enquanto processo e não como algo estático, não se dicotomiza na ação e considera a temporalidades e seus riscos e contrapõe ao pensar ingênuo que considera o tempo uma estratificação de aquisições e experiências que resultariam em um presente normatizado e bem-comportado e acomodado, portanto pouco passível de mudanças. Para o pensamento crítico, há a transformação permanente da realidade e transformação dos homens, a ação do homem muda a realidade e também transforma este homem que não será mais o mesmo. Como processo, as transformações de forma dinâmica possibilitam o ser mais, com permanente transformação da realidade e consequente humanização dos homens.

Assim, o diálogo que implica em um pensar critico capaz de gerar este processo, sem o qual não há verdadeira educação, assim como um desafio de transformação da realidade.

Finalmente Freire coloca que a educação dialógica opera a superação da contradição educador-educandos, quando se instaura como situação gnosiológica, que percebe o ser humano como inacabado, em que sujeitos incidem seu ato cognoscente, ou seja, considera a auto percepção do sujeito e sua interação com a realidade, sobre o objeto cognoscível, que os medializa. Ao propor a educação libertadora ou problematizadora, Freire coloca o diálogo como a superação da contradição entre o educador e o educando em ambas as direções, quando o educador educa e é educado no diálogo com o educando, e assim se educam mediados pela reflexão crítica de ambos.

Freire retoma a questão da educação dialógica no livro Medo e Ousadia, quando afirma que o "dialogo" não pode ser encarado como uma técnica para obter resultados, o que o transformaria em manipulação. Assim, no dialogo com o objeto a ser discutido não é de exclusividade de um dos envolvidos, mas vincula os sujeitos cognitivos, em uma reflexão, em um processo de conhecer e reconhecer o objeto de estudo, de forma que ao invés de transferir o conhecimento estático, o dialogo requer uma aproximação dinâmica em direção ao objeto. Assim, o educador dialógico se abre para uma reaprendizagem e recobre o dialogo de caráter democrático e possibilidades de incorporação de novos conhecimentos. Ele destaca que o dialogo seria uma postura necessária para a comunicação crítica, enquanto encontro de reflexão da realidade e de ação para sua transformação.

Em suma, para Paulo Freire, são condições para o diálogo: O amor ao mundo e aos homens; a humildade e capacidade de perceber o outro com suas potencialidades; a fé no outro e no seu poder de criação e de transformação; a esperança nas possibilidades mudanças e de rompimento para a transformação da realidade e dos sujeitos e o pensar verdadeiro e critico que percebe a realidade como processo e considera a temporalidade. Uma das consequências do diálogo é a confiança que se constrói e se consolida nas relações horizontais e de assimetria de poder.

15 de fevereiro
Janille da Costa Pinto

Onde começa o diálogo entre educadores e educandos na prática pedagógica? Muitos dirão: na entrada do educador na sala de aula! Mas, Freire (2005) nos traz uma nova visão sobre esse diálogo. Para o autor o início desse diálogo começa na busca do conteúdo programático pelo educador. Conteúdo esse que na educação deve ser carregado de significados para os interlocutores que participam dessa comunicação, pois a verdadeira educação "não se faz de "A" para "B" ou de "A" sobre "B", mas de "A" com "B", mediatizados pelo mundo" (FREIRE, 2005, p.97).

Assim, os educadores ao pensar o conteúdo programático que irá abordam em sala de aula, deverá sondar as necessidades que seus alunos possuem, verificar se esses conteúdos irão agregar informações significativas que servirão para a vida pessoal, profissional e acadêmica de seus alunos. Visto que esse "diálogo pedagógico implica tanto o conteúdo ou objeto cognoscível em torno de que gira quanto a exposição sobre ele feita pelo educador ou educadora para os educandos". (FREIRE, 1997, p.61)

Nesse sentido, compreendemos que o ambiente e suas intervenções colaboram para o processo de ensino e aprendizagem em sala de aula, incentivando um diálogo constante, pois o mundo nos impressiona e desafia gerando visões ou diversos pontos de vista sobre ele, que são seguido de anseios, dúvidas, esperanças e até desesperanças que "implicitam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação" (FREIRE, 2005, p.97).

Desse modo, o educador não é mais o detentor do conhecimento, que somente transfere informações historicamente acumuladas pela humanidade, mas sim, ele será aquele sujeito que criará "possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção" (FREIRE, 1996, p. 47). E assim, terá consciência dessa mudança de seu papel no processo educativo e a mudança de perfil de seus alunos, para assim sair da "síntese precária" que Saviani (1999, p.80) descreve como:

> a articulação dos conhecimentos e experiências que detém relativamente à prática social. Tal síntese, porém, é precária uma vez que, por mais articulados que sejam os conhecimentos e experiências, a inserção de sua própria prática pedagógica como uma dimensão da prática social envolve uma antecipação do que lhe será possível fazer com alunos cujos níveis de compreensão ele não pode conhecer, no ponto de partida, senão de forma precária.

Nesse sentido, quando o professor sair desse estado de síntese precária, poderá analisar sua forma de ensinar, não mais dentro de estruturas autoritárias que para Moran (2000) pode ser eficiente a curto prazo, pois aprendem rapidamente os conteúdos, mas não aprendem a ser pessoas, a ser cidadãos. E assim, não contribuirá de forma significativa para a formação integral das crianças que estão na fase de desenvolvimento, que precisam estabelecer novas relações com o outro e com o mundo a sua volta.

O professor terá consciência de que, na atual sociedade contemporânea que estamos vivendo não cabe mais a educação do tipo bancária, que o professor é o detentor do conhecimento e quem decreta as regras do que estudar. Ele precisa manter um diálogo com seus alunos visando coletar informações que o ajude a elaborar um plano de aula que incentive a participação dos alunos e os motivem na busca de novos conhecimentos e almejem pesquisar sobre os conteúdos, indo além dos muros da escola. Sabendo que o "diálogo entre professoras ou professores e alunos ou alunas não os torna iguais, mas marca a posição democrática entre eles ou elas" (FREIRE, 1997, p. 60). Pois, o ato de educar é um ato democrático!

E nesse processo democrático os alunos se tornam seres ativos e não passivos no processo de ensino e aprendizagem. Eles questionam e solicitam ao professor novas informações que ajudarão na sua caminhada em busca do conhecimento. Mantendo uma relação horizontal com seu professor e não vertical, como que era característico da educação tradicional.

Só assim a escola conseguirá sair do estado de alienação, pois nela "quase não se aprende, mas principalmente porque aquilo que, porventura, aprende-se está fora do contexto que as novas gerações irão enfrentar" (Demo, 2007,p.89). Logo, confirma a necessidade desse diálogo ser horizontal. Que o professor, medie o processo de aquisição do conhecimento dos seus alunos que estão em desenvolvimento e não podem ficar estagnar-se no estado de inconclusão, mas sim, precisam se completar, visto que " é impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros á procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas (FREIRE, 1996, p. 136)

Sobretudo infelizmente como destaca Demo (2007, p.85) "o que se estuda em sala de aula, como regra, não faz parte do futuro que espera os alunos". Por isso, o professor precisa mais que urgentemente se desprender da concepção bancária de ensino que aborda Freire (2005), onde vê o aluno como caixas para depositar as informações e eles sozinhos "transformarem" em conhecimento. O professor necessita perceber-se como mediador do conhecimento, que a educação não se faz sozinho. Precisamos manter relações com os outros e é nessas relações e compartilhamentos que crescemos e aprendemos juntos.

Dessa maneira, o professor também deve estar em constante processo de aprendizado. Ele não sabe tudo. O professor também é aluno. Deve buscar capacitação que possibilitem um novo olhar de sua prática pedagógica. Logo, "para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos, mas a revolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada". (FREIRE, 2005, p.96)

Levando em consideração essa necessidade do diálogo constante, cabe destacar que a escola necessita trazer para dentro de seus muros a realidade e necessidade da comunidade que ela atende. Nunca dissociar os conteúdos programáticos da realidade que seus alunos irão encontrar na sociedade. Devendo partir do seu contexto social desse e abranger para esferas maiores, ampliando a visão de mundo. Não os doutrinando ou adaptá-los, pois, quem exerce esse comportamento são os dominadores (FREIRE, 2005).

Portanto, se torna inadmissível na sociedade da informação e comunicação utilizar metodologias arcaicas e didáticas ultrapassadas que doutrine ou condicione de forma mecânica a educação, trabalhando somente com a memorização sem significado. A escola precisa incentivar e possibilitar que seus educadores para buscar qualificação. O educador por sua vez, deve perceber que como destaca Freire (1996, p. 135) "não há razão para me envergonhar por desconhecer algo", e assim não parar de se qualificar, pesquisar, buscar o novo, pois muitas informações ditas verdadeiras nas épocas passadas se tornam obsoletas nos dias de hoje.

Assim, o diálogo começa desde a escolha dos conteúdos programáticos, pois os alunos de hoje possuem novos e diferentes anseios dos alunos da geração passadas. Então, o educador também não pode ensinar essa nova geração com metodologias tradicionais. Não pode ensinar conteúdos que não servirão para a geração de alunos nativos digitais que temos hoje. Precisamos mudar a concepção de educação e ensino que se enraizou no ambiente educacional e buscar uma educação mais humanizadora, e que tenha significado para a vida em sociedade pois como afirma

Demo (2007, p.80) "mudam as sensibilidades, as subjetividades, as materialidades, as espiritualidades, enquanto a escola permanece impassível. Anda no mundo da lua, se é que anda para algum lugar".

PAUSA PEDAGÓGICA

(anote as aprendizagens, ideias, dúvidas e ações que o texto proporcionou até aqui).

16 de fevereiro
Daiane Dill

Paulo Freire, nosso grande educador, nos deixou como herança, admiráveis obras, respeitáveis contribuições, bem como ricos ensinamentos, especialmente a nós educadores, pois seu olhar para com a educação foi de grande importância nesta busca incessante que vivemos em prol de uma educação de qualidade, uma educação libertadora.

Deste modo, Freire nos faz repensar, e muito, sobre nossos fazeres pedagógicos, propondo, especialmente nesta obra intitulada "Pedagogia do Oprimido", uma educação distinta da educação bancária, nomenclatura por ele usada para se referir a um modelo educacional opressor, onde o professor é mero depositário e/ou pregador de seus conhecimentos, sendo esta uma educação de dominação, onde não há a dialogicidade esta que tanto foi defendida por Freire.

Assim sendo, neste trecho da obra, que a mim coube à reflexão e o aprofundamento sobre a sua ideia central, destaco a máxima:

> Os homens, pelo contrário, ao terem consciência de sua atividade e do mundo em que estão, ao atuarem em função de finalidades que propõe e se propõem, ao terem o ponto de decisão de sua busca em si e em suas relações com o mundo, e com outros, ao impregnarem o mundo de sua presença criadora, através da transformação que realizam nele, na medida em que dele podem separar-se e, separando-se, podem com ele ficar, os homens, ao contrário do animal, não somente vivem, mas existem, e sua existência é histórica. (FREIRE, 2011, p. 124)

Neste sentido, destacamos a ideia de que o homem, diferentemente do animal, é histórico, portanto, gerador de sua própria história, e já o animal por sua vez, é a-histórico, pois não tem consciência sobre sua existência.

Recordo-me aqui de certa leitura realizada a alguns anos, enquanto tratava junto de meus alunos sobre nossa consciência e nossa capacidade de decisão sobre nossos atos, li que a vaca quando encontra uma ervilha se dá por satisfeito, pois esta não tem consciência sobre sua existência, age somente pelo instinto de sobrevivência, já o ser humano, tendo consciência e sempre insatisfeito com sua condição, age sobre o mundo o transformando.

Neste sentido, já dizia Paulo Freire a "educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo", entendemos, deste modo, a importância de uma educação de qualidade, baseada na dialogicidade, levando em consideração sempre a bagagem cultural trazida pelo educando, na formação de nossos educandos, para que esses possam agir sobre o mundo, transformando-o em prol do bem comum.

Portanto:

> Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão de mundo, que se manifesta nas várias formas de sua visão, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui. A ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação, sob pena de se fazer "bancária" ou de pregar no deserto. (FREIRE, 2011, p. 120)

Deste modo, destacamos de forma especial, por meio de sua afirmação, de que não devemos trabalhar de acordo com uma educação bancária, mas sim com uma educação libertadora, por meio da dialogicidade com o educando.

Cabe a nós, portanto, refletirmos sobre nossas práticas docentes, no intuito de não sermos tão militantes, como, por vezes, acabamos sendo em nossas práticas docentes, pois não nos constituímos se não dialeticamente com o outro e com o mundo.

Neste sentido, Freire afirmava "ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" (1981, p. 79)

Freire destaca que somente o ser humano é um ser da práxis, e que isto é imprescindível na evolução do ser humano, pois "Práxis que, sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação" (FREIRE, 2011, p. 127)

Assim, entendemos que o ser humano é um ser inconcluso, e, portanto, esta em constante processo de transformação.

Deste modo, a nós educadores, cabe a importantíssima tarefa de trabalhar em prol desta educação libertadora, a qual Freire sempre defendeu, onde o ser humano é visto como agente transformador de sua própria realidade e consequentemente, transformador do mundo.

Finalizando, permito-me aqui afirmar, que os ensinamentos de Paulo Freire, e suas contribuições em favor da educação, são muito pertinentes e tão atuais. Paulo Freire foi um grande educador sempre preocupado com a educação, tanto que seus ensinamentos deixam marcas até os dias atuais, nos instigando a uma reflexão rotineiramente sobre nossos fazeres pedagógicos, e sobre a formação de nossos educandos.

17 de fevereiro
Alvaro Adriazola Uribe

O dia de hoje, 17 de fevereiro, está inserido no capítulo 3 *"A dialogicidade - essência da educação como prática da liberdade"* que começou no dia 13 de fevereiro e forma parte especificamente do tema "*As relações homens-mundo, os temas geradores e o conteúdo programático desta educação*", que iniciou ontem, 16 de fevereiro.

No trecho são trabalhados por Paulo Freire os conceitos: atos-limites, práxis, unidade epocal, temas geradores, irracionalismo mitificador, situações limites e inédito viável. Os quais são descritos e apresentados desde a ótica dual freireana dos oprimidos e dos opressores, nos que tem significados diferentes e conflitantemente opostos.

Temas geradores, nominados também por Paulo Freire como "*temas da época"* ou *"universo temático da época"*, são temas que "contêm em si a possibilidade de desdobrar-se em outros tantos temas que, por sua vez, provocam novas tarefas que devem ser cumpridas" (FREIRE, 2017, p.130). O cumprimento é para os oprimidos que no caso de concretizar o tema gerador, fazem possível o que Freire denomina inédito viável, embora para os opressores o tema gerador é identificado como uma situação-limite, que deve ser evitada.

Esses temas geradores estão circunscritos em um tempo-espaço ou unidade epocal que "se caracteriza pelo conjunto de ideias, de concepções, esperanças, dúvidas, valores, desafios, em interação dialética com seus contrários" (FREIRE, 2017, p.128). Essa interação dialética antagônica, se fosse aprofundada excessivamente, pode provocar o irracionalismo mitificador da temática, que a sua vez pode esgotar o significado da temática que precisa ser superada, e nesse ponto, o próprio irracionalismo mitificador transforma-se num tema gerador que se deve superar para conseguir a "plena realização da tarefa humana: a permanente transformação da realidade para a libertação dos homens" (FREIRE, 2017, p.130).

Libertação é indicado por Freire como o tema gerador fundamental de "nossa época"[7], que para conseguir, desde os oprimidos, a sua superação ou inédito viável, precisa de atos-limite, os quais "desenvolvem os homens, através de sua ação sobre o mundo" (FREIRE, 2017, p.127). Esses atos-limite estão inseridos na práxis, que é conformada por dois conceitos inseparáveis, do contrário deixa de ser práxis, que são *reflexão* e *ação* "verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação" (FREIRE, 2017, p.127).

Ao pensar como humanidade vamos ter temas geradores e situações limites abrangentes, ao nível de involucrar o planeta todo, como é o tema da libertação sinalado por Freire, outro exemplo contemporâneo seria a destruição do ecossistema, principalmente pelo estilo de sociedade predominante, que afeta inexoravelmente, embora em diferentes graus, a nossa humanidade na sua totalidade. Também existem temas geradores menos amplos, "característicos de sociedades de um mesmo continente ou de continentes distintos, que têm nestes temas e nestas situações-limite similitudes históricas" (FREIRE, 2017, p.132), citado por Paulo como exemplo o subdesenvolvimento, característico dos países e continentes considerados Terceiro Mundo.

Finalmente, dentro de uma mesma sociedade é possível presenciar diversos temas geradores, com distribuição por áreas e subáreas em uma unidade nacional, onde temos exemplos

[7] No contexto da década dos 60, mas necessariamente vigente na contemporaneidade.

variados (racismo, analfabetismo, corrupção, violência, e um comprido etc.). Nesta unidade nacional Freire alerta que se pode encontrar a contradição da "contemporaneidade do não coetâneo", que Paiva (2000) explica como a situação na que a realidade é constituída por "camadas que vão se superpondo e mixando nos seus mais diferentes níveis" (PAIVA, 2000, p. 91), que podemos exemplificar com um caso fictício, pensando que em um mesmo estado se apresentasse o maior índice de analfabetismo de um pais e além, concomitantemente, seja o estado que sedia o maior número de faculdades de educação, o que estabeleceria uma "contemporaneidade do não coetâneo".

18 de fevereiro
Joel Duarte Benisio

A investigação dos temas geradores parte do pressuposto de que "a vida ensina mais do que a escola", pois, os saberes da realidade têm primazia sobre a escola, aprende-se a partir da experiência do trabalho e da participação comunitária. É desenvolver novas maneiras de pensar e de 'ver' a realidade".

Desta forma, a experiência se torna ponto de partida no processo de construção do conhecimento e, também, ponto de chegada, no tripé ação – reflexão – ação, busca coerência entre pensamento e ação, que é práxis. Assim, a teoria implica num mergulho na realidade, contemplando-a, vivenciando-a plenamente, relação dialética com a prática, num movimento recíproco de interdependência e compenetração, em que uma não existe sem a outra, ancoradas na relação realidade e sujeito.

Assim, a metodologia de investigação dos temas geradores é construída a partir da relação entre teoria e prática em diferentes espaços, propondo uma formação, partindo da pergunta; questionando as relações de trabalho, buscando desenvolver nos sujeitos, o princípio de uma educação libertadora. Neste sentido, o processo formativo é construído através de um diálogo permanente com os temas geradores, tendo o conhecimento vivenciado pelos indivíduos sociais e seus pares dentro de um espaço-tempo histórico, em que possa refletir a autonomia das pessoas envolvidas numa práxis inovadora.

Desta forma, é na interlocução com os temas geradores, que os sujeitos sociais produzem o conhecimento contextualizado e vivenciado no cotidiano do mundo do trabalho; que ultrapassa o espaço físico da escola e, se desenvolve num processo inter e transdisciplinar, no qual a articulação entre os diversos saberes refletem nas práticas dos sujeitos sociais, apontando para superar dicotomias e hierarquias entre base nacional comum – saber único e parte diversificada, tendo o diálogo e a contextualização da realidade, que incorporam saberes, que carregam em si, a escolha e a investigação de temas geradores, como princípio educativo.

Neste sentido, os temas geradores possibilitam uma interlocução entre teoria-prática carregada de significado, buscando uma educação que inter-relacione aspectos políticos, culturais, sociais, afetivos e científicos, dentre outros, visando sobretudo, a formação de sujeitos críticos, atribuindo-lhes sentidos e compreendendo sua importância no contexto sociocultural e de transformação social.

Nesta perspectiva, a investigação do Tema Gerador, desenvolver-se-á a partir de uma seleção da cultura e das experiências das quais se deseja que as novas gerações participem, tornando-os sujeitos de mudança, que buscam problematizar, analisarem e intervirem na realidade, articulando os campos temáticos – espaço, tempo, formação humana e práxis, que emergem do espaço social, relacionando o conhecimento de modo significativo e contextualizado, tendo em vista as características sociais, culturais, econômicas e políticas, em suas peculiaridades e diversidades.

Portanto, o desenvolvimento dos saberes a partir de temas geradores, os quais permeiam a realidade social, propõem uma valorização do saber popular, para que os sujeitos possam entender de forma crítica, sua realidade e buscar formas alternativas de enfrentar os desafios no sentido de superá-los.

Neste sentido, a metodologia de investigação dos temas geradores expressa a relação dialógica com a realidade, a partir das situações-problemas, inserida no campo da pesquisa-ação, no confronto entre a pesquisa e as respectivas práticas, onde os sujeitos não são mero informantes, mas pesquisadores, permitindo uma maior leitura possível da realidade, tendo em vista uma política de formação em um tempo e ambiente específico num período determinado, para alcançar a transformação da realidade.

Desta forma, enquanto processo dialético, a metodologia de investigação dos temas geradores pode ser expressa, respectivamente, nas fases e dimensões, a saber: investigação – na dimensão do universo existencial dos grupos sociais; tematização – dimensão de definição dos temas geradores, codificação e descodificação, buscando o significado social de cada realidade; temas de estudo – dimensão das situações limites a serem refletidas a partir dos conhecimentos ditos científicos; aprofundamento – dimensão da tomada de consciência a partir das ciências; intervenção na realidade – ação concreta dos sujeitos na realidade.

A metodologia de investigação dos temas geradores é formação na ação, dialética AÇÃO-REFLEXÃO-AÇÃO, que nos tira da acomodação, a situar-se diante da realidade concreta, a confrontar a realidade, despertando a consciência crítica e levando-nos a assumir compromissos na transformação da sociedade.

Desta forma, AÇÃO é observar atentamente os fatos, procurando o sentido profundo, delimitando a realidade a ser pesquisada. A REFLEXÃO exige: humildade, de estar sempre disposto a aprender algo novo; conhecimento da realidade (Ação); intimidade com os saberes do povo; leitura contextualizada da realidade e; tem o sentido de criticar, confrontar a realidade, trata-se de analisar as causas e consequências dos fatos observados, questionar criticamente o que se vê, discernir o sentido profundo dos fatos. A AÇÃO é a oportunidade de encaminhar uma ação transformadora da realidade constatada e criticada, não se trata apenas em fazer coisas, é uma nova atitude diante da vida, abrir os olhos para ver melhor a realidade, a partir dos novos critérios (Reflexão), é transformação pessoal e integral, ir além das aparências, atuar no mundo a partir do projeto de sociedade, contrapondo a lógica dominante, superação de situações-limites e surgimento de novas interrogações, outras situações-limites.

Neste sentido, o tema gerador se encontra imbricado nas relações homens-mundo, numa relação dinâmica, dialética e dialógica em seu contexto histórico-social-político e cultural, concebido como um processo em constante construção que se faz e refaz. Pois, o tema gerador estabelece o diálogo entre o concreto e científico; ativa a condição de ser filosófico, pensar a realidade;

faz a integração da experiência da vida e a reflexão, não para apenas descobrir o que fazer e sim o que está se fazendo, consciência e apropriação da realidade.

Assim, a investigação do tema gerador, é um compromisso para analisar a própria vida, em diálogo com a realidade, escuta, auscultar os sentidos, observando, interrogando, encontrando respostas as inquietações, é um processo de construção de saberes e não apenas uma apropriação de saberes já existentes. Tem a PERGUNTA, a indagação, busca para sair de um problema e saber a que se apegar e, não a RESPOSTA, como dinâmica de relação com o conhecimento e como construção de conhecimento; implicando a todos nós compreendermos o tema gerador como um artefato social, uma produção histórica observando o tempo e espaço no qual o mesmo está inserido, com inclusão de narrativas transgressoras e silenciadas, efetivação da ação contra hegemônica, descolonização do saber, como processo de desvelamento das relações consciência-mundo.

Portanto, a investigação dos temas geradores rompe com o paradigma contemporâneo e hegemônico, que reafirma e legitima a fragmentação, estandardização, disciplinaridade, seriação, homogeneidade, hierarquização e linearidade dos conhecimentos, centrado na individualização e reprodução, descontextualizado e, avançar numa concepção e prática de saberes em rede, integrador, à busca da totalidade, problematização, dúvida, que valorize os saberes, e a uma reflexão crítica sobre os novos modos do trabalho. Implica em reelaborar o conhecimento construído pela humanidade, [re]significando-o e transformando-o numa perspectiva sócio histórica de evolução humana, voltar-se primordialmente para o "modo de produção do saber e da vida", com caráter revolucionário, emancipador, identidade e utopias não reveladas, imputando-nos elementos das tensões e dramaticidade dos sujeitos e da realidade, em diálogo com a diversidade, afirmando-se como lugar de disputa, território, resiliência histórica e forjada na luta, entrelaçando significação, identidade social e poder.

19 de fevereiro
Kleuver Luís Alves Mota

Na perspectiva freiriana, temas geradores, mais que meramente um método, é aquilo que cria, recria, produz e se reproduz, gera novas ideias. Porém, não se trata de qualquer ideia desconectada e descontextualizada com o mundo, mas um pensar o próprio mundo e com o mundo, criado e recriado constantemente pelos homens, que na relação que se estabelecem entre si o dotam de sentido, fazendo-o extensão da sua própria ação.

Nesse sentido, a ideia se encontra prenhe de ação, no qual o dizer dos homens não é um dizer qualquer, palavras vazias feito plumas jogadas ao vento, mas, um dizer sobre si. Ignorar esse dizer é ignorar o próprio homem como um ser histórico e, ao negá-lo nega-se a própria História e a humanidade presente no homem particularizado. A educação defendida e praticada por Paulo Freire e que aqui se discorre é uma reafirmação do homem ontológico e antropologicamente concebido, cuja tarefa educativa é dialética, no qual os homens se comunicam e comunicam o mundo pelo diálogo. "O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu tu. " (Freire 2016, p. 109).

Todavia, a investigação dos temas geradores, se dá do plano eminentemente humano, e não das coisas, não se reduzindo a um ato puramente mecânico. O investigador deve ser sujeito

do processo, sendo que investigar é o mesmo que problematizar, assim como o homem, o mundo também não é pronto e acabado, não é dado e concebido, mas construído. Construção essa, que passa pela relação homem e mundo, homem e homem. No nível subjetivo, o mundo se coloca para o homem como problema, como código a ser desvelado, se instaurando o dilema do cognoscente e cognoscível, onde a ação humana é capaz e transformar a natureza bruta e, ao transformá-la é transformada, se estabelecendo como consciência do eu e consciência do mundo, não de forma dicotomizada, mas dialeticamente no mundo e com o mundo. No nível intersubjetivo, o mundo percebido pelo sujeito é comunicado a outro sujeito dialogicamente, portanto, quando há negação do diálogo, nega-se consequentemente o mundo como consciência para o sujeito. A linguagem é o que nos diferencia dos demais seres vivos e o que nos coloca na condição de homens. Eis a essência do pensamento e da pedagogia freiriana, que transposta no plano intersubjetivo, nos adverte para a condição do opressor e do oprimido.

Quando pensamos uma educação progressista e emancipadora, pensemos como investigadores do mundo, cujo desvelamento nos abre para o novo, como possibilidade de criação e transformação desse mundo. Equivale também para a relação educador e educando e vice-versa, considerando que quando ensinamos aprendemos e quando aprendemos somos capazes de ensinar, o conhecimento se processa nessa via de mão dupla. Contudo, os temas geradores devem se originar de situações concretas, fruto consensual de educadores e educandos, não uma concessão ou doação dos que ensinam para os que aprendem. Não pode ser discurso dos que sabem para os que não sabem. A construção do conhecimento, para além da relação sujeito e objeto, passa pela relação intersubjetiva, mediada pela linguagem. Mesmo não estando no mesmo nível de consciência, o conhecimento deve ser entendido como algo que nos une, por ser fruto da relação com o mundo e com o outro. Não pode ser instrumento de dominação e exclusão, mas ao contrário, como princípio essencial, deverá ser capaz de despertar a humanidade potencializada em cada um, em outras palavras educação é humanização.

A significação que atribuímos ao mundo é fruto da relação que estabelecemos com ele, enquanto sujeitos históricos nos situamos em um determinado tempo e espaço, como salientava Paulo Freire somos "seres em situação", a consciência da situcionalidade é que nos permite a percepção do nosso ser e estar no mundo. Não somos natureza bruta, somos seres dotados de consciência e, como tal, agimos e nos relacionamos com mundo e com os outros, a ação que direcionamos ao mundo se converte em cultura (mundo modificado pelo homem), a educação problematizadora, é aquela que nos permite ampliar a nossa consciência tanto na percepção do mundo quanto a nossa própria percepção como sujeitos capazes de refletir sobre a nossa própria situcionalidade.

Portanto, a educação crítica e problematizadora nos permite a transição da consciência ingênua que acredita na imutabilidade, no fatalismo social, na irreversibilidade da situcionalidade para a consciência crítica capaz de operacionalizar mudanças, problematizar a sua própria condição de sujeito e da realidade circundante. A educação crítica e problematizadora como salientada não se trata de uma educação para o povo, mas uma educação do povo e com o povo. Sendo assim, jamais poderá ser um privilégio que as elites concebem ao povo, não é mera doação, mas um direito pertencente ao povo.

As contradições que emergem dos conflitos sociais daqueles que lutam pelos direitos que lhes são negados e daqueles que lhes negam os direitos para sustentar os privilégios da elite, colocam o povo pobre e oprimido em face de uma realidade dura, chegando muitas vezes concebê-

la como intransponível, devido a impotência em vislumbrar uma saída, é o que Paulo Freire denominava de "situação limite". Muitas vezes leva o sujeito a sucumbir diante da luta e do enfrentamento a dura realidade. Por outro lado, a "situação limite" pode levar o sujeito a refletir sobre a sua própria situação e romper com o comodismo que o aprisiona, despertando-lhe a consciência capaz, por meio do enfrentamento a essa realidade, encontrar a saída, transpô-la. Em contrapartida, as "situações limites" podem exercer um efeito avassalador, levando os sujeitos envolvidos nessa realidade a concebê-la como um determinante histórico, caindo em um fatalismo, não chegando assim a transcender a "situação limite", é o que Paulo freire chamou de "inédito viável", que coloca o sujeito no imobilismo absoluto não sendo capaz reagir e nem perceber uma saída possível.

As reflexões tecidas no presente texto são algumas nuances da grande contribuição e legado que Paulo freire nos deixou, que transcende o campo propriamente dito da educação, abrangendo assim, uma dimensão ampla da práxis humana que se direciona para a construção de uma sociedade mais justa e humanizada.

20 de fevereiro
Mônica de Toledo e Silva Spegiorin

O excerto a ser comentado está inserido em um capítulo da obra Pedagogia do Oprimido, e tem como foco central a dialogicidade da educação, vista como uma prática problematizadora e libertária. Sendo assim, Freire destaca que a palavra e, consequentemente a educação, não é um ato de prescrição no qual um rouba a palavra do outro, negando ao outro o seu direito de dizer, de se expressar, por meio de sua leitura e interpretação do mundo.

A preocupação pedagógica, didática e metodológica de Paulo Freire está alicerçada por uma compreensão da atividade educativa como um processo contínuo e dialético de codificação e descodificação de conteúdos, realizado por educadores e educandos em uma situação de ensino-aprendizagem, na qual não se deve compreender apenas o texto, visto como conceitos a serem aprendidos, mas a partir do contexto experienciado pelos participantes em sua vida cotidiana. Tendo como objetivo primordial superar *"o nível da consciência real, atingindo o da consciência possível".*

Em outras palavras, a atividade de ensino-aprendizagem acontece como ação cultural libertadora, que, para ter sentido e significado, necessita partir de um contexto vivido que produz a consciência real para atingir a consciência possível, resultante da interação dialógica entre educador e educando.

Nesse trecho da obra, Paulo Freire relata uma prática realizada por pesquisadores que, apesar de apresentar uma descrição dos passos da metodologia, traz também uma profunda reflexão crítica sobre a importância do trabalho pedagógico colaborativo na elaboração de temas a serem tratados no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse contexto, apresenta uma metodologia investigativa denominada de "círculos de investigação temática", que tem como objetivo construir "*o conteúdo programático da ação educativa, como ação cultural libertadora"*, no qual os participantes dessa atividade manifestarão sentimentos, opiniões, visões de mundo, estimulados pelo procedimento proposto por Freire.

Formado por uma equipe multidisciplinar, os "Círculos de Investigação" trabalharam na construção de eixos temáticos que, apesar de orientados, primordialmente pela atividade econômica, apresentam conteúdos da sociologia, da antropologia, da psicologia social, da cultura, valores, ciência política, educação.

Essa atividade investigativa buscava realizar ensaios sobre os diversos temas abordados nas discussões, analisados em uma perspectiva de totalidade que, mesmo sendo construídos por diversos especialistas, com suas especificidades e particularidades, proporcionavam subsídios aos educadores-educandos para atuarem nos chamados "Círculos de Cultura".

Com essa proposta, até hoje inovadora, revolucionária e transformadora, o olhar para o conteúdo temático a ser desenvolvido na atividade de ensino-aprendizagem, não é um material pré-determinado, fixado e previamente definido em instâncias pedagógicas distantes da realidade dos educadores-educandos. Ao contrário, esse programa, suas temáticas e o material didático produzido e utilizado na atividade educativa, são resultantes de um amplo processo de investigação, reflexão e ação, a partir da leitura de mundo dos participantes.

Nesses encontros criativos, envolvendo diferentes agentes, saberes e conteúdos, foram produzidos materiais que servem como suporte para o desenvolvimento das atividades de ensino-aprendizagem. A partir disso, diversos recursos didáticos podem ser utilizados para criar a situação problematizadora capaz de promover a aprendizagem que leva ao desenvolvimento. Ou seja, uma atividade revolucionária, pois promove a transformação dos sujeitos envolvidos na ação.

Importante salientar que, na descrição da experiência, tanto dos Círculos de Investigação, como dos Círculos de Cultura, há uma ênfase para a oportunidade de aprendizagem que essa metodologia oferece aos educadores e pesquisadores, exigindo partilha de conhecimento e humildade na ação educativa. Essa exigência se dá pela visão de Freire, que está amplamente expressa pela frase "não há saber mais ou menos: há saberes diferenciados". Portanto, a atividade de ensino-aprendizagem representa um contexto no qual todos aprendem em comunhão.

Nesse contato dialógico entre saberes diferenciados destaca-se também a possibilidade de intelectuais romperem a alienação em relação à realidade popular, ao mesmo tempo em que o povo acessa o pensamento intelectual, tendo a oportunidade de criticar esse saber. Com essa dinâmica estabelecida, cabe ao educador problematizar os temas propostos nos "Círculos de Cultura", trazendo novos patamares de consciência crítica e reflexiva sobre a realidade. Promovido através de perguntas de esclarecimento, de ampliação e de aprofundamento.

Destaca-se que, na educação libertadora, o diálogo se estabelece dentro da premissa suprema que não existe uma relação hierárquica entre os sujeitos. Mesmo que se reconheça que o lugar de fala de cada um, possa expressar maior domínio sobre determinados conceitos, há o reconhecimento verdadeiro do valor da visão de mundo e da interpretação da realidade de cada um. Sendo que, da diversidade desses diferentes modos de pensar o mundo, se constrói um saber cheio de sentidos e significados. Saber que estará sempre sendo renovado e ampliado.

Sendo assim, o trabalho de codificação e descodificação de temas realizado nos Círculos de Investigação e de Cultura rompe com o modelo de educação bancária, que deposita conteúdos e ideias sobre os educandos, transformando a atividade de ensino-aprendizagem em um ato criativo, responsável e responsivo em relação à realidade que se vive.

Conhecer as ideias de Paulo Freire, suas propostas e suas provocações, é ainda um grande desafio e uma aventura maravilhosa para todo educador e cidadão que se reconhece como agente

da história, como um ser capaz de possuir ideias próprias e como agente transformador de uma realidade planetária ainda tão injusta e desigual.

A atualidade de seu pensamento revolucionário mobiliza, não apenas o nosso intelecto como educadores, mas principalmente, afeta nossos sentimentos e emoções, promovendo o compromisso com a criação de uma sociedade mais igualitária por meio de um conhecimento que liberta e empodera, combatendo a submissão e a opressão.

Essa tarefa só poderá se realizar coletivamente, com afeto, respeito, alegria e solidariedade. Pelo diálogo verdadeiro, fruto de um pensar crítico e reflexivo, para um agir consciente e colaborativo, no qual ninguém solta a mão de ninguém.

21 de fevereiro
Fábio Inácio Pereira

Na *Pedagogia do oprimido* a concepção de homem como seres da práxis, do "quefazer" que se reconhecem como seres inacabados é afirmado do início ao fim da obra. Em um primeiro momento, Paulo Freire, a partir de postulados existencialistas e, posteriormente, predominantemente marxistas, compreende o homem como sujeito que só se realiza enquanto homem quando se engaja no processo de transformação da sua realidade e de si mesmo. Esse processo, que pressupõe a relação dialógica dos sujeitos entre si e com o mundo, parte de uma concepção filosófica de homem como ser social e da sua preocupação em compreender o papel do indivíduo no processo de transformação social.

O educador, quando não parte dessa concepção de homem, se posiciona pedagogicamente como aquele que profere discursos ou faz narrações, sendo responsável pela criação de uma visão da realidade como sendo algo imóvel, estática e fragmentada. Uma realidade que se apresenta como completamente distante e que não é reconhecida pelo educando. O educador, desse modo, apesar de "encher" o educando de conteúdo, o distancia da realidade concreta em que se encontra. Para o educando, discurso narrado lhe soa como palavra vazia, oca, verbosidade que contribui para firmar a consciência mágica, ingênua, fanática e sua postura passiva ante o mundo.

O educador popular, por outro lado, no processo de ação libertadora, antes de mais nada, deveria denunciar a cultura anti-dialógica e suas estratégias de conquista, divisão, manipulação e invasão cultural. O seu papel democrático está em ter uma práxis sócio-política dialógica em que o perguntar e o responder significa a vivência da curiosidade. No seu papel problematizador, o educador proporciona "[...] as condições em que se dê a superação do conhecimento do nível da *doxa* pelo verdadeiro conhecimento, o que se dá no nível do *logos* (FREIRE, 1994, p. 69-70). O diálogo, como um ato característico do homem como um ser de comunicação, concretiza o ato de aprender como um processo que vai do individual para o coletivo (FREIRE, SHOR, 1997, p. 14). Mais que um jogo de palavras, o diálogo deve ser a procura pela palavra que, sendo verdadeira (ação e reflexão), possa transformar o mundo. Assim, o diálogo que leva a conscientização, pela reflexão crítica, é uma parte fundamental da ação transformadora do educador.

> Este diálogo, como exigência radical da revolução, responde a outra exigência radical – a dos homens como seres que não podem ser fora da comunicação, pois que são comunicação. Obstaculizar a comunicação é transformá-los em quase 'coisa' e isto é tarefa e objetivo dos opressores, não dos revolucionários (FREIRE, 1994, p. 125).

Freire compartilha da concepção gramsciana que tem como ponto de partida as diferentes formas de relacionamento entre o intelectual e o povo: o saber, o compreender e o sentir. Nesse caso, o educador revolucionário deveria aproximar-se do educando de modo que fosse possível entender o que ele sente, assim como a sua visão sociocultural. Assim, a aproximação com as massas populares é um processo de fazer comunhão como possibilidade de sentir com ela. O que sente o educando é desconhecido para o educador que não procura estabelecer uma profunda relação, ou seja, que não procura sentir com ele. Nesta relação orgânica em torno das questões oriundas da cotidianidade, o educador se compromete com o que sente o educando e, ao mesmo tempo, o que sabe o educador pode ser conhecido pelo educando. No interior dos círculos de cultura o educador tem o papel de "[...] dialogar com o analfabeto, sobre situações concretas, oferecendo-lhe simplesmente os instrumentos com que ele se alfabetiza" (FREIRE, 1967, p. 110) e ao organizá-los o educador está promovendo a leitura do mundo que antecede a leitura da palavra. Nesse processo de aprendizagem ocorre a modificação das relações com o mundo, educador e educando desenvolvem a apreensão e o domínio crítico da cotidianidade, que não aconteceria por meio de métodos que separam a teoria da prática: "O diálogo, como encontro dos homens para a 'pronúncia' do mundo, é uma condição fundamental para a sua real humanização" (FREIRE, 1994, p. 134).

Assim, o educador popular deve testemunhar o exercício crítico da leitura e da escrita do mundo, pois ao contrário não seria possível uma pedagogia conscientizadora. "Sujeitos", "objetos" e "condições sociais da sua produção" precisam ser tematizados e problematizados para a formação do leitor e do escritor críticos. Tudo isso sem esquecer da advertência de Freire ao afirmar que educador e educando deveriam "[...] criar uma disciplina intelectual, sem a qual inviabilizaria a nossa prática [...]" (FREIRE, 2011, p. 27).

A educação libertadora tem como objetivo basilar a imersão na cultura, para uma posterior emersão consciente e crítica na realidade para a sua transformação. Assim, a concepção pedagógica de Paulo Freire o coloca em sintonia com as classes populares e os movimentos de luta contra a opressão de seu tempo. Com sua pedagogia vislumbrou-se a preparação de quadros entre os mais simples e explorados o que abriu um horizonte de formação de uma nova vanguarda nas frentes de cultura popular. Mais que fortalecer o movimento pelo voto, a alfabetização de adultos, que ocorria nos centros de cultura e nos círculos de cultura, prenunciavam a formação de um homem novo, engajado na luta pela transformação social.

O educador que compreende que a sua tarefa tem implicações políticas e sabe também que estas implicações interessam ao povo, considera como princípio fundamental da sua concepção pedagógica, partir da realidade do educando para a tomada de consciência crítica, tendo em vista um trabalho coletivo com a finalidade de transformar concretamente a realidade de que se parte. Com isso evidencia-se uma nova abordagem entre método e conteúdo em que a questão não é transmitir, mas transformar o modo de ser e de agir dos educandos. Nestes termos, acredita-se que a educação popular possa exercer uma tarefa estratégica em favor das lutas e atividades políticas da classe trabalhadora. Afinal, o seu projeto político pedagógico é gestado no seio das próprias lutas sociais, como forma de levar mais à frente a luta pela liberdade.

22 de fevereiro
Adriano Ferreira Neves Toranelli

A conquista da classe dominante hoje se mantém muito bem articulada e organizada na sociedade, pois é necessário entender que os donos dos meios de produção do sistema capitalista, são os que detém o poder sobre os trabalhadores. Essa conquista é feita na maioria das vezes de modo sutil, sorrateiro ou as vezes pela forma mais "dura" de repressão à classe trabalhadora, reafirmando assim a manutenção do sistema capitalista opressor resistente e dominador. Uma das formas utilizadas para conquistar seu espaço é roubar do sujeito oprimido através de uma ação antidialógica, não apenas economicamente, mas culturalmente, roubando sua identidade, sua simbologia e sua cultura, importando os costumes e crenças de outras culturas para enfraquecimento de determinado grupo social. Em vista disso, faz-se necessários o sujeito reconhecer sua condição de explorado para que de forma dialógica por meio da reflexão e da pratica iniciar um movimento de libertação de si próprio e de seu povo. Essa "libertação" implica não estarmos alienado por aquilo que o sistema opressor apresenta ao mundo pelo meio de comunicação em massa, criando a falsa sensação de que o consumo desenfreado do capitalismo é o caminho para uma vida plena e feliz.

As elites dominantes não estão preocupadas com o bem-estar da população, por isso prega uma ilusão alienante as pessoas distorcendo os fatos e criando realidades totalmente superficiais, que desviam o olhar das pessoas para uma realidade subsistente. É necessário dispersar os oprimidos para que assim o plano de dominação em massa, pela grande mídia, pelas propagandas de publicidade, pela sensação do "ter" que retira a essência do "ser" dando uma falsa sensação de que, possuindo bens materiais, nos igualamos as classes mais privilegiadas da sociedade. É falso a ideia de que o trabalho irá enriquecer você, e de que todos seus direitos serão respeitados, sendo que sua força de trabalho é que enriquece cada vez mais a elite brasileira, mas no momento, essa é a única opção que você tem para se ajustar dentro do sistema econômico atual, por isso aceitará as maiores injustiças, ou se mudar de emprego a tendência é permanecer nessa mesma condição, aceitando qualquer barganha que venha lhe ser oferecido, muitas vezes de forma imposta, sem termos chance de saída. É falsa a ideia também de que você é "livre", que tem direito a educação e saúde de qualidade e que existirá a manutenção dos seus direitos a qualquer momento quando você se sentir lesado. Não podemos deixar de citar aqueles que vivem numa condição de trabalho escravo em muitos lugares, pois a única coisa que possuem é a mão de obra barata que podem oferecer para manter a roda do capitalismo funcionando a todo vapor.

Educação que liberta

Os conteúdos curriculares nos dias atuais, são repassados aos alunos como se os mesmos fossem meros depósitos de informação, reproduzindo desta forma aquilo que lhe és ensinado, sem o mínimo debate necessário de idéias para a construção do conhecimento, pois é necessário o educador aplicar o conteúdo de forma que, este construa o pensamento crítico a partir da sua própria realidade, isso é imprescindível para a transformação da sociedade atual. Como dizia Freire:

> "O antidialógico, dominador, nas suas relações com o seu contrário, o que pretende é conquistá-lo, cada vez mais, através de mil formas. Das mais duras às mais sutis. Das mais repressivas. As mais adocicadas, como o paternalismo. Todo ato de conquista implica num sujeito que conquista e num objeto conquistado. O sujeito da conquista determina suma finalidades ao objeto conquistado, que passa, por isto mesmo, a ser algo possuído pelo conquistador." (Freire,1987, p. 135)

É notório dizer que a dominação dos menos favorecidos pela classe dominante se apresenta com uma forte ideia da ação antidialógica, pois, só é possível alcançar um ideal de liberdade a partir de uma iniciativa dialógica em si, em comunhão com os seus, para uma reflexão da realidade em que o sujeito está inserido. Então a partir da tomada de consciência que o homem percebe a privação dos seus direitos e de sua liberdade é que ele pode começar a incidir sobre a mudança de uma nova realidade. Hoje a tendência que temos é a apresentação de um mundo de fantasias no qual possamos admirar como expectadores passivos que assistem o espetáculo falso da realidade que nos é oferecida, pois a ideia da elite é sempre buscar chegar as massas para conseguir o processo de conquista que se perpetua de geração em geração, e para manter seu plano de poder é necessário utilizar os meios mais sofisticados, as melhores propagandas de publicidade. As vezes os próprios dominadores do poder econômico realizam uma falsa caridade para tentar "amenizar" os problemas sociais tão presentes em nossa sociedade, sem na verdade tentar buscar promover ou implantar políticas públicas de promoção da pessoa humana, que provavelmente geraria melhores resultados de emancipação social. Como afirma Freire:

> "O desejo de conquista, talvez mais que o desejo, a necessidade da conquista, acompanha a ação antidialógica em todos os seus momentos. Através dela e para todos os fins implícitos na opressão, os opressores se esforçam por matar nos homens a sua condição de "admiradores" do mundo. Como não podem consegui-la, em termos totais, é preciso, então, mitificar o mundo. Daí que os opressores desenvolvam uma série de recursos através dos quais propõem à "admiração" das massas conquistadas e oprimidas um falso mundo. Um mundo de engodos que, alienando-as mais ainda, as mantenha passivas em face dele." (Freire, 1987, p.137)

O propósito da teoria antidialógica tem o intuito e a missão de impedir que as pessoas por meio da ação da teoria dialógica desvendem o mundo. Esse desvendar implica que o sujeito que ajuda os outros a "abrir os olhos" faça com que eles mesmos possam serem protagonistas e sujeitos desse ato de libertação de si mesmas e passem desta forma a defender os interesses que possam alcançar uma sociedade mais justa, plural e igualitária.

23 de fevereiro
Franciele Soares dos Santos

Paulo Freire desde suas primeiras obras analisou as relações de dominação e opressão que ocorrem historicamente na sociedade brasileira resultando na desumanização de homens e mulheres. No trecho aqui analisado pertencente a obra Pedagogia do Oprimido, Freire destaca como os opressores agem para manter a relações de opressão na sociedade de classes, por meio da ação antidialógica.

O primeiro aspecto a considerar é de que os opressores realizam ações com intuito de dividir os oprimidos. Ou seja, o interesse dos opressores é enfraquecer as possibilidades de união e aprofundar a cisão entre eles, dividindo-os e acirrando o processo de desumanização. Estas ações pautam-se no discurso da harmonia nas relações de trabalho, produção e de classe, que como analisa Freire (2011, p. 193) constitui-se como impossível devido ao "antagonismo indisfarçável que entre uma classe e outra". Sustenta esta afirmação na tese de Marx e Engels apresentada em *Manifesto do Partido Comunista* (1848), segundo a qual a luta de classes é a força motriz da história.

Além disso, os opressores passam a atuar em espaços pertencentes aos oprimidos, por exemplo, nos sindicatos cooptando lideranças e demonstrando uma falsa generosidade para com os interesses dos oprimidos, alienando-os frente as relações de trabalho, que deixa de ser "um quefazer realizador de sua pessoa, para ser um meio eficaz de reificação". (FREIRE, 2011, p. 195).

Outro aspecto destacado é de que as ações dos opressores assumem também certa conotação messiânica. No entanto, de acordo com Freire (2011, p.196) "o que eles querem é salvar-se a si mesmos. E salvar sua riqueza, seu poder, seu estilo de vida, como que esmagam os demais". Portanto, é a falsa generosidade do opressor manifesta por meio destas ações, esta resulta no reforço da primeira característica da ação antidialógica a conquista dos oprimidos.

Por isso, para a libertação dos oprimidos urge a necessidade destes enquanto sujeitos históricos, por meio da *dialética denúncia e anúncio* criar condições de analisar, de forma crítica, a realidade em que vivem, pois "[...] não há conscientização sem uma radical denúncia das estruturas de dominação e sem o anúncio de uma nova realidade a ser criadas em função dos interesses das classes sociais hoje dominadas". (FREIRE, 2011, p. 132).

Tal afirmação implica em compreendermos o papel da educação como como práxis revolucionária, articulada aos saberes e à cultura do povo, uma ação cultural comprometida com a conscientização e a luta dos oprimidos pela libertação, bem como com sua humanização. Em Freire a humanização é entendida como a vocação e o projeto utópico dos oprimidos constituindo-se como um projeto que deve ser construído pautado nos princípios da educação libertadora. Porém, Freire não era ingênuo, ou seja, não acreditava que sozinha a educação que iria resolver o problemas da humanidade, é certo que por várias vezes, ele questionou e denunciou o papel da escola na sociedade capitalista e na formação humana. Mas, nunca perdeu a crença em suas contribuições para a transformação social, afirmava que "se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda". (FREIRE, 2000, p.67).

Foi o pensar esperançoso de Paulo Freire que nos ensinou que "*mudar é difícil, mas é possível";* que a transformação social implica em sonho, utopia e projeto, que enquanto oprimidos necessitados compreender a *história como possibilidade,* assumindo os desafios da transformação, de nossa *presença* no mundo, pois, somente unificados e organizados que como oprimidos teremos condições de "recriar o mundo, tornando-o mais humano". (FREIRE, 2000, p. 195).

Por fim, destacamos que os ensinamentos de Paulo Freire são atuais e constituem-se como alternativa aos desafios existentes para a construção da luta contra-hegemônica em nosso tempo histórico.

24 de fevereiro
Camila Zanella

> "O antídoto a esta manipulação está na organização criticamente consciente, cujo ponto de partida, por isto mesmo, não está em depositar nelas o conteúdo revolucionário, mas na problematização de sua posição no processo. Na problematização da realidade nacional e da própria manipulação." (Paulo Freire, 1987, p.84)

A partir do trecho sobre a manipulação na obra *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire, nota-se que historicamente as massas mais pobres são excluídas do processo decisório, ficando apenas como espectadoras. Dificilmente identifica-se na história povos que se formaram e se de-

senvolveram a partir da atuação democrática de sua população, normalmente essa camada participa apenas das ações referentes ao trabalho. Não reconhecer a importância de seu papel nesse processo de construção da nação faz com que não se compreenda o seu valor na constituição do todo, e é a partir dessa ignorância que a exploração acontece.

Freire (1987) deixa claro que a intenção das classes mais ricas, donas dos meios de produção, sempre foi a manipulação das classes mais pobres, os trabalhadores, pois a partir do momento em que as pessoas se conscientizam do seu papel, o que Freire chama de consciência revolucionária ou consciência de classe, sua prática e sua luta mudam, o que poderia se tornar um risco para os dominantes.

Para que a dominação seja eficaz a educação é utilizada como um dos meios mais eficientes no processo de manipulação das massas. Bourdieu e Passeron, em seu livro *A Reprodução*, denunciam a utilização do sistema de ensino como uma das formas para a reprodução das desigualdades uma vez que descrevem o emprego da reprodução do sistema e das ideologias dominantes no processo educacional, o que faz as massas continuarem vendo o todo através de olhos que não são deles.

O mito utilizado pela burguesia, de que é a partir do trabalho que se chega a riqueza, faz com que a população mais pobre valorize o trabalho e dê menos importância à educação, nesse discurso, a educação serve, para algumas camadas da população, como instrumento, um meio para chegar a um emprego melhor e não como forma de esclarecimento e mudança do *status quo*.

A educação é um dos instrumentos da superestrutura, já descrita por Marx (1983), para a manipulação das massas pela classe dominante e assim manter a estrutura vigente. Ele também já descrevia que o ser humano tem seus pensamentos determinados pelo meio onde vive, como é educado, "(...) não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência" (Marx, 1983, Volume 1, p. 301). Desta forma, é necessário pensar na conscientização da classe trabalhadora, dos mais pobres, para que eles entendam onde está sua importância em todo o processo e, a partir disso, possam lutar por mudanças em suas realidades.

Assim, a educação é um dos focos do problema, mas também, um dos meios para qualquer mudança pretendida na realidade. O foco da educação deve ser na transformação digna do ser humano, e a conscientização do seu papel social como parte do processo de dominação. Ela deve ir além de apenas ensinar conteúdos prontos, mas também desenvolver uma ação de dialogo crítico sobre o sistema ao qual estamos incluídos e o entendimento sobre os instrumentos de manipulação, para a partir disso, repensarmos as possibilidades de mudança.

> [...] como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinado e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução de ideologia dominante ou seu desmascaramento. (FREIRE, 1996, p. 98)

A educação e as políticas públicas devem desenvolver um sujeito pensante, crítico social, que possa entender o que está acontecendo a sua volta, ajudando a propor soluções possíveis para a mudança da sociedade em todas as instâncias que o rodeiam. A educação deve desenvolver um ser humano que entenda questões como política e governo, para que por meio desses conhecimentos possam exercer uma democracia que seja igualitária em direitos, além de que igualmente entendam as tantas diferenças que existem no Brasil. Ela deve desenvolver pessoas que olhem a

vida com os olhos dos outros, que respeitem as possibilidades de cada um e entenda que o mundo é feito de pessoas que pensam diferente.

Portanto, para isso dar certo, é necessário todo mundo se envolver no processo, desde o mais simples sujeito, até o mais importante líder. A educação não pode ser um jogo de interesses, ela deve ser um dos instrumentos do processo para a construção do sujeito que vive e participa de uma sociedade mais justa. Tudo isso parece meio utópico, mas não impossível.

25 de fevereiro
Alvaro Adriazola Uribe

No dia 21 de fevereiro começamos com a apresentação da teoria utilizada pelos opressores sobre os oprimidos com o capitulo 4 *"A teoria de ação antidialógica"* que é conformada por quatro características: Conquista (22 de fevereiro), Dividir para manter a opressão (23 de fevereiro), Manipulação (24 de fevereiro) e Invasão Cultural (25 de fevereiro).

Neste dia 25 de fevereiro no livro Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire explica especificamente a Invasão Cultural (IC), descreve as suas características utilizando variados exemplos, para finalmente mostrar como pode acontecer o Processo Revolucionário que consiga superar a situação de dominação, e com ela a libertação dos oprimidos e dos opressores. Já no começo Freire entrega uma aproximação inicial do que é a IC, ao dizer que "é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão do mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão" (FREIRE, 2017, p. 205). Então podemos afirmar que não existem um "com" na teoria antidialógica, só existe um "sobre", para impor no outro uma visão da realidade que não permita refletir por parte do outro, por parte do conquistado, por parte do oprimido.

Assim na IC existem seres humanos objetos e seres humanos sujeitos. Os sujeitos (opressores/invasores) olham e tem a obrigação, pela teoria antidialógica, de olhar os objetos (oprimidos/invadidos) como reduzidos a coisas que devem modificar, principalmente para beneficio dos sujeitos, então "os invasores modelam; os invadidos são modelados. Os invasores optam; os invadidos seguem sua opção. Pelo menos é esta a expectativa daqueles. Os invasores atuam; os invadidos têm a ilusão de que atuam, na atuação dos invasores" (FREIRE, 2017, p. 205). Por isso, a IC favorece o fato de que o conteúdo programático da dominação, nunca pode ser ou incluir elementos que nasçam desde os oprimidos.

É importante indicar que a IC é uma tática de dominação, que já estabelecemos, forma parte da teoria antidialógica para dominar, mas também Freire considera IC como já dominação, então tem dupla face. É dominação porque o autor considera que toda dominação é uma invasão, neste ponto num sentido cultural, da realidade dos outros, que pode ser física evidente, mas "às vezes camuflada, em que o invasor se apresenta como se fosse o amigo que ajuda" (FREIRE, 2017, p. 205), que pode ser tanto por uma sociedade metropolitana sobre uma dependente, assim como de uma classe social sobre outra numa mesma sociedade.

Nesta IC há uma necessidade de que os oprimidos/invadidos se percebam como seres inferiores aos opressores/invasores, e assim procurem ser como eles constante e progressivamente, porque "quanto mais se acentua a invasão, alienando o ser da cultura e o ser dos invadidos, mais estes quererão parecer com aqueles: andar como aqueles, vestir à sua maneira, falar a seu

modo (FREIRE, 2017, p. 207). O anterior, indica Freire, desenvolve a dualidade do oprimido, que gera uma adesão ao tu opressor, que devera ser reconhecida criticamente por ele, com a práxis, para conseguir a sua libertação.

Paulo Freire nos adverte que o lar e as instituições de ensino (primarias, medias, universitária), ao funcionar nas estruturas dominadoras, participam na criação e formação de novos futuros dominadores/invasores. No lar, são os pais responsáveis ao replicar atitudes e condições autoritárias, rígidas e dominadoras que refletem dos modos socioculturais, nos que participam fora do lar, que acabam criando um clima de opressão sobre o filho. Vemos que a IC é tão potente e penetrante sobre os oprimidos/invadidos que "infecta" inclusive uma experiência como a de ser pai, que deveria ser predominantemente marcada pelo amor a seu filho, mas um amor materializado na orientação com ele e não na dominação sobre ele. Nas instituições de ensino respeito à didática tradicional[8] é possível perceber, ainda na contemporaneidade, que tem características de dominação e de objetivação dos *alumni*[9], em que os professores transferem/depositam seus conhecimentos nas cabeças, supostamente vazias, dos "alunos" para finalmente, encher ela dos conhecimentos que só tem o professor, o que já vimos nos dias/capítulos anteriores como educação bancaria.

Vimos no dia 17 de fevereiro que o subdesenvolvimento é um tema gerador que atinge aos países considerados de Terceiro Mundo, mas é importante remarcar a diferença que Paulo Freire faz sobre modernização e desenvolvimento. A grande maioria, se não todas, das sociedades do Terceiro Mundo, provavelmente não são as mesmas que no tempo em que foi escrito Pedagogia do Oprimido, pelos múltiplos avances que há conseguido a humanidade nos últimos 50 anos, o que permite afirmar, que se modernizaram em termos gerais, mas é difícil mencionar algum pais que era considerado subdesenvolvido há 50 anos, e que na atualidade seja considerado desenvolvido, e ainda mais, Freire sinaliza que os fatores econômicos como o PIB (produto interno bruto) não é um indicador de desenvolvimento, embora seja catalogado por alguns como um indicador determinante. Um claro exemplo do anterior poderia ser o do Chile, pais de latinoamérica que teve um grande crescimento econômico nas ultimas duas, alcançando um PIB de US$23.165 no ano 2014 passando o umbral de US$20.000, considerado para países desenvolvidos (CORVALÁN, 2014), mas que ainda assim não é estabelecido como um pais que superou o subdesenvolvimento, porque "parece-nos que o critério básico, primordial, está em sabermos se a sociedade é ou não um "ser para si". Se não é, todos estes critérios indicarão sua modernização, mas não seu desenvolvimento" (FREIRE, 2017, p.219).

Finalmente, e como foi anunciado no começo deste dia 25 de fevereiro, Paulo Freire aborda o Processo Revolucionário (PR), em que indica, que a liderança do processo é por homens que pertenciam ao estrato social dos dominadores, que "em um dado momento de sua experiência existencial, em certas condições históricas, estes, num ato de verdadeira solidariedade (pelo menos assim se deve esperar), renunciam à classe à qual pertencem e aderem aos oprimidos" (FREIRE, 2017, p. 220).

O PR pode-se dar em duas situações, sem o querer das massas e com o querer das massas. No primeiro caso, o PR implica estudar durante o processo os motivos pelos que os oprimidos

[8] Didática tradicional, entendida como o predomínio do ensino sobre a aprendizagem, centralizada no professor que ensina ao aluno (RODRIGUES, MOURA E TESTA, 2011)

[9] *Alumni* é a raiz etimológica do latim da palavra aluno, que literalmente significa "criança de peito", "lactante" ou "filho adotivo".

não querem ou não se identificam com o PR, e procurar caminhos de comunhão com eles; dado que se tem o risco de cair no uso de procedimentos do opressor (teoria antidialógica), o que desencadeia duas situações, uma não revolução ou uma falsa revolução. No segundo caso, em que as massas querem o PR, o processo se faz de forma horizontal, em que a liderança "recebe a adesão quase instantânea e simpática das massas, que tende a crescer durante o processo da ação revolucionária" (FREIRE, 2017, p. 222).

26 de fevereiro
Sebastian Ramos

> "Não há vida sem morte, como não há morte sem vida, mas há também uma "morte em vida". E a "morte em vida" é exatamente a vida proibida de ser vida" (Freire, 2013, p. 233)

Aqui chega-se no ponto onde Paulo Freire nos ajuda a refletir sobre as oposições possíveis de serem pensadas a respeito da teoria antidialógica. É uma esperança para mulheres e homens, professoras e professores de que a transformação necessária pode realizar-se de fato, na vida, na escola, na sociedade. A co-laboração é a primeira característica da teoria da ação dialógica.

No processo de transformação social há a estreita necessidade de se construir relações, relações estas que repercutirão destarte na vida das pessoas, e não na vida de algumas pessoas, é um desejo tal que esta mudança-transformação deve acontecer ainda que de maneira gradativa, na vida de todos os sujeitos, são as intrínsecas relações do Eu x Tu.

A fusão das relações entre o eu e o tu formarão indiscutivelmente outro fenômeno social, denominado por Freire de "Dois eu". É assim que vai se fazendo a co-laboração, na junção dos "eus" com os "tus" forma-se um novo ser, a saber "dois eus". São estes que comprometidos com a mudança e a transformação social saem pelo mundo propagando uma nova sociedade, onde não há opressor e oprimido, mas há pessoas vivendo em comunhão.

Os Sujeitos são agora timoneiros de suas próprias vidas, têm a direção de suas liberdades, conduzem com justiça e consciência os lemes da sociedade. Viver em sociedade promovendo a justiça social e a libertação de vidas é o compromisso advindo da co-laboração. Os sujeitos se encontram para transformar o mundo. É direta e indiretamente um encontro de transformação.

Na dialética da co-laboração as massas não devem ser expectadoras e meras receptoras, pelo contrário, coautoras da libertação. Para que o processo de libertação aconteça, as pessoas não devem simplesmente aguardar que a mesma aconteça ou então se submetam às determinações opressoras afim de que estas promovam suas libertações, pelo contrário a ação deve ser algo presente e evidente, afim de que a libertação seja fruto da luta de cada pessoa oprimida e consciente de sua opressão.

Na teoria dialógica, a co-laboração acontece apenas entre sujeitos. Não há co-laboração entre pessoas oprimidas. É preciso diante da sociedade opressora, diante das pessoas opressoras engendrar na luta de libertação o processo de construção de pessoas-sujeito, pois só assim o processo fará sentido e construirá uma nova sociedade, agora feita de sujeitos e não de oprimidos.

Vale ressaltar que o elemento fundante da co-laboração é o diálogo. É na prática do diálogo que novas experiências acontecem nas vidas dos sujeitos transformadores. Na educação, o diálogo tem uma importância relevante, uma vez que se o mesmo faltar teremos uma prática

autoritária de ensino, deixando o processo de ensino-aprendizagem comprometido. É importante que na promoção de uma nova sociedade o diálogo esteja presente, pois segundo Freire o mesmo está na fundação do exercício da co-laboração.

Como parte do processo de co-laboração na teoria da ação dialógica, Freire ainda nos ensina que a adesão que deve ser adotada pelos sujeitos sociais é a conquistada e não a de aderência. Uma é diferente da outra. A adesão conquistada é a meta a ser alcançada. Em oposição a teoria antidialógica, as massas na teoria da ação dialógica são sujeitos e por sua vez as elites dominantes devem desvelar o mundo. A comunhão surge como método para gerar a verdadeira colaboração. A definição de colaboração na teoria dialógica é que as vítimas participem do processo e não sejam ignoradas ou meramente manobradas.

27 de fevereiro
Marcelo Teixeira

Onde há humanidade há humanização e, consequentemente, há de haver um significado maior para o ato da educabilidade, do poder do diálogo, da força sublime da liberdade enquanto pesquisador da palavra para poder gerar aquilo que Freire chamou de Pedagogia Libertadora. O ato de investigar já é uma ação cultural humana, plena e real para que se tenha uma libertação promovida pela busca e pelo ideário da dúvida primeira que está enraizado no homem curioso. Enquanto o diálogo não for conquistado por essa classe popular dentro daquilo que podemos chamar de educação problematizadora, não haverá, jamais, um ato para a libertação.

A pedagogia problematizadora de Freire resulta naquilo que pode ser resolvido, conquistado, aprendido, somado, estudado com base no diálogo e na potencialização com que a palavra fora dita. A interação com o outro se transforma em denominador profundo e contumaz de uma explanação que requerirá uma consequência mundana de pensamentos. A práxis dessa investigação dialogicista é que faz com que a união para uma liberdade satisfatória aconteça.

A literatura de Freire é comprometida com a vida e não com o pensar das imaginações, mas, sim, com a vivência. O papel da conscientização da educação, sua importância e suas significações eram tão ulteriores que ele queria que todos fossem libertos dos arroubos daqueles que queriam fazer com que a educação fosse para poucos.

Nascia aqui um dos livros mais importantes e seculares não apenas de sua carreira, mas também mundial: Pedagogia do Oprimido. Passados mais de quarenta anos de seu lançamento e ainda é preciso falar de um ato emancipatório que nos faça lutar pela igualdade educacional: a educação popular teorizada por Freire é tão libertadora que faz com que a palavra seja pesquisada e repesquisada diversas vezes.

Esse é o cerne de Freire: a união pela liberdade é a problematização da luta pelo direito do ser humano, pelo quefazer, pela afirmação dos indivíduos como pessoas e não como objetos. É o entendimento de que o sujeito é o próprio homem e o objeto é algo que se torna indesejável, obscuro, desumano.

A pedagogia freireana só é libertadora por meio da união entre o ensino e a aprendizagem que se torna em práxis à medida em que a prática teorizada se firma como algo capacitado e não instrumental. Onde a direção revolucionária educativa não seja uma continuação da educação

bancária, aquela que Sartre a chamou na França de *educação digestiva*, fomentando o desnecessário poder de descontinuar a fome de curiosidade do educador e do educando.

Unir para a liberdade requer um engajamento entre ambos, educador e educando, para que possam continuar no caminho para uma interação em que um acaba aprendendo com o outro e, juntos, ensinando os demais. Nessa educação problematizadora da liberdade aquilo que se aprende não se transfere, mas sim, se compartilha experiências e vivências, construindo um mundo de significados e de novas esperanças por meio do diálogo com o educador, que se torna, ele mesmo, crítico dessa educabilidade.

Quanto mais se estuda, mais se abastece de conhecimento e quanto mais se adquire o ato cognoscedor, mais crítico o educador se torna, pois, o mundo agora é visto como uma nova miragem, mais plena e real e menos fantasiosa por aqueles que tentam incultar em nós a palavra da dúvida. Depositando em mim a dúvida estou aceitando passivamente que eu seja o opressor de todo o sistema educativo e social, desfavorecendo meu potencial de pesquisa e de conhecer o outro lado que aquela dúvida primeira me permite. Ao me tornar lateral para poder dialogar com os livros, me sinto potente para poder retirar de mim a dúvida que existia outrora, desvencilhando-me do opressor, retirando de mim o papel de oprimido e concentrando-me no meu papel de pesquisador.

A teoria da ação dialógica faz parte de todo o processo freireano da classe revolucionária que busca a liberdade para a conquista de seu espaço, onde os sujeitos se encontram para a transformação mundana. Em se tratando da teoria da ação dialógica podemos perceber que existe, também, a ação antidialógica, existente no sujeito que domina um objeto não dialogicista e que se encontram sem a pronúncia da liberdade do mundo.

A ação de unir para a liberdade é contrária à vontade da classe dominadora, por isso torna-se tão complexa, para a liderança revolucionária, mantê-la. O primeiro passo para a unificação é desmistificar a realidade, sendo também imprescindível uma forma de ação cultural por meio da qual conheçam o porquê e o como de sua adesão à realidade que lhes dá uma ciência falsa de si mesmos e dela, sendo necessário desideologizar, ou seja, conhecer a verdadeira face do mundo em que vive, exercendo assim, um ato de adesão à práxis verdadeira de transformação da realidade injusta.

Para tanto, o que pretende a ação cultural dialógica dentro desse poder de unir forças para o ato de liberdade não pode ser o desaparecimento da dialeticidade permanência de mudança, mas superar as contradições antagônicas de que resulte a libertação dos homens.

Assim, como o déspota necessita de uma teoria da ação opressora, os oprimidos, para se libertarem, necessitam de um ensinamento para a sua ação. Somente na união oprimida com a liderança revolucionária na práxis é que esta teoria se faz e se refaz.

O movimento para a atuação do livre-arbítrio deve nascer a partir dos próprios oprimidos e a pedagogia decorrente será a favor da humanização dos homens face aquilo que se pretende desbravar. A pedagogia do dominante, do opressor, daquele que não deixa o outro pensar e falar, é fundamentada em uma concepção bancária de educação e que perfaz o sentido contrário da liberdade praticada por Freire.

Portanto, a união das pessoas em prol da liberdade gera em torno delas descobrirem seu poder de investigação do diálogo e da abertura de livros para a conscientização da verdade e da criticidade do pensamento. Se descobrirem por meio de uma modalidade de ação cultural, problematizadora, emancipatória e dialogicista de si mesmos em seus enfrentamentos com o

mundo, constitui, em primeiro lugar, que se descubra como tal, reconheçam suas identidades com toda a significação intensa que tem esta descoberta.

O papel do educador é o de produzir educação e o papel do educando é o de produzir educabilidade, portanto, se ambos atuarem juntos e fazendo coro em uníssono, desempenharão papéis fundamentais na ação promotora da liberdade de ideias.

28 de fevereiro
Pedro Alves Filho

O grande fenômeno de hoje é a participação massiva da população nas redes sociais, um caminho fácil para reunir pessoas e grupos, reunidos e organizados debaixo de uma solução tecnológica já estruturada. O fenômeno da Internet engloba toda população, desde o porteiro, o motorista, a empregada doméstica, o médico, o engenheiro, os políticos, os professores, os trabalhadores rurais, etc, usando um celular para se comunicarem e participando nas redes sociais. Existe uma estrutura organizacional pré-determinada se fazendo presente a cada momento e determinando como ela, a rede, deve crescer, evoluir e ser orientada.

Uma questão que se coloca, portanto, é como os participantes podem influir nesta organização para dar uma orientação e percorrer os caminhos que façam avançar o nível de entendimento e consciência de cada um. Temos que tomar a palavra nas redes sociais porque elas, as redes, são criadas para isolar as palavras de cada um, nas bolhas e nas jaulas convenientemente criadas e mantidas para que cada um fique aparentemente satisfeito dentro dos limites do espaço definido a priori.

As redes sociais

As redes sociais vieram para ampliar as formas e os meios de comunicação com toda a sociedade, influenciando parcelas cada vez maiores da sociedade de consumo. Pese a os seus aspectos negativos que podem ser apontados, e são muitos, ela veio para ficar. A Internet veio para ficar e não se pode tomar a mesma atitude do início da Revolução Industrial quando os trabalhadores quebravam as máquinas com medo de perderem o emprego para as máquinas. Não podemos negar os avanços da realidade da industrialização e da tecnologia. Mas, podemos usá-las para incentivar os avanços sociais necessários que queremos.

As teorias e ferramentas, do lado do opressor, não importa quem seja, podem nascer muitas vezes espontaneamente, sem alvos e foco pré-definidos, mas que vão tomando formas ao longo do tempo e mostrando o seu potencial opressor.

Uma questão que podemos e devemos colocar sempre nas redes sociais são os alvos, objetivos, tarefas e contas a prestar, fazendo com que as redes tenham alguma utilidade e não permitindo a diluição, a extrema superficialidade do conhecimento e o desaparecimento das informações e das atividades realizadas nelas.

Quais são os objetos conhecidos que devem ser apresentados para serem estudados pelos seus participantes, que vamos tratar como educandos?

Caso fosse uma "pedagogia bancária", os objetos de estudo nas redes sociais, seriam possuídos pelo educador. Porém, cada participante também se comporta como educador, que fazem seus “depósitos” na rede, para os participantes tomarem conhecimento. Neste caso, temos que

considerar que todos os participantes também se comportam como educandos. Nas redes sociais, portanto, educador e educando trocam permanentemente de função.

No caso das redes sociais e toda comunicação via Internet, temos um objeto conhecido presente a todo momento que é a Internet e todos os aplicativos usados como Facebook, WhatsApp, tweeter, programas de ensino a distância (EAD), etc.

Estes aplicativos e a própria Internet devem ser um dos objetos colocados para discussão, reflexão e crítica por parte dos participantes.

Discutir o contexto é muito importante, porque ele não é algo isolado, estanque. O contexto é essencial à organização da comunicação, dos relatos e dos discursos e definem os rumos das conversas como também podem desafiar e provocar os participantes em um exercício mútuo e permanente de reconstrução e debate das ideias.

A mídia tradicional, TV, jornais impressos, rádio, procuram mediatizar o mundo, impondo sua própria interpretação e fazendo com que o espectador ou seja, o cliente, o educando, se torne passivo. A mídia tradicional pode ser classificada como realizando uma pedagogia bancária ou puramente bancária. Tudo que faz é sendo arrogante e autoritário, verticalizadora, portanto, e não permitindo a crítica e a oposição, deixando o cliente, o espectador, o educando, passivo.

Como enfrentar e lidar com esta contradição utilizando as redes sociais e a Internet?

Nos dias de hoje temos não só os meios de comunicação de massa, mas também a Internet sendo usada para deixar as pessoas passivas. As pessoas pensam, quando usam o WhatsApp, Facebook, etc., dentro de sua própria bolha, sem abordar a totalidade do mundo em que vivemos. E pensam de forma superficial e imediatista incentivadas neste sentido pela estrutura da própria rede.

Cada um busca o êxito pessoal, dentro da sua jaula, procurando satisfazer o seu apetite de sucesso, como se este êxito pessoal implicasse no êxito de seu grupo, sua classe e no êxito de seu país. Hoje é importante examinar as soluções tecnológicas para formação de grupos e de uma organização.

Como manter a mistificação da realidade em que cada um navegue na sua própria bolha acreditando que toda realidade se resume na bolha, na jaula em que se encontra? Para desmistificar a realidade, não se pode aceitar estas limitações e apenas conviver com os que pensam igual.

Facebook, WhatsApp e muitos aplicativos se especializam em fragmentar as pessoas, e os grupos, organizando-os tendo em vista suas identificações de consumo e o fortalecimento na e para a sociedade de consumo.

Existem aplicativos específicos que organizam as pessoas conforme o que buscam e suas necessidades/desejos. O Linkedin existe para quem procura emprego ou trabalho e com isto aumenta a concorrência de salários e a competitividade e disputa dentro da mão de obra e de sua remuneração. E é uma disputa a nível mundial.

O grindr, bristlr, match, zoosk, etc são aplicativos específicos para organizar a comunidade homossexual/gay.

Existem enormes diferenças entre as organizações políticas e sindicais de 50 anos atrás e os desafios que se colocam com os avanços da sociedade e em específico os avanços tecnológicos.

Antes a mola mestre da organização social eram as necessidades econômicas e muitas vezes a sobrevivência das massas. Hoje temos não só as questões físicas de sobrevivência e de defesa

de uma nacionalidade, mas também se apresentam novos desafios de organização baseada simplesmente em desejos, identificações de minorias, aspirações, etc. É como se a sociedade tivesse, em boa parte, adicionado novas reinvindicações aos principais problemas de sobrevivência - de fome e moradia - e estivéssemos em um novo patamar social de reinvindicações.

Que regras e orientações se deve seguir nessas organizações, nestes núcleos baseados em formatos tecnológicos, para se poder desmistificar, desvelar esta sociedade, problematizar as questões sociais e alcançar com isto um novo patamar? Como impedir que esses grupos naveguem na sua própria bolha e, navegando na sua própria bolha, não desnudem a sociedade?

Podemos resumidamente listar algumas características das redes sociais:

- Ela foi arquitetada e organizada para ser viciante;

- Ela dá uma falsa noção de realização e se sucesso como tendo centenas de amigos, de "curtidas", etc;

- Induz uma baixa autoestima, fornecendo aos seus participantes uma falsa realidade do que o mundo realmente é. Afinal todos colocam as melhores fotos, as melhores situações com os maiores sucessos e não é este o mundo real em que cada um está vivendo. Ou, se descreve a realidade como sendo absurdamente destrutiva, pessimamente incrível e cruel.

Uma grande diferença entre as redes sociais artificiais e a realidade é que no contato físico são necessários e/ou estão presentes:

- Sinais sociais de bem-estar, alegria, riqueza, bom gosto, estética, etc;

- Linguagem do corpo que pode indicar doença, afeição, respeito, repulsa, etc;

- Tonalidade da voz indicando alegria, tristeza, raiva, ironia, sarcasmo, etc;

- Conversação/diversão em grupo;

São características que não estão presentes nas comunicações das redes sociais pela Internet, ou que podem ser facilmente forjadas. Também é difícil comunicar por escrito sentimentos como ironia, sarcasmo, etc.

A rede social é um exemplo da capacidade e da necessidade do ser humano não só de se socializar, mas sua capacidade e necessidade de se abstrair do lugar e da face das pessoas, dos seus sentimentos e emoções. Esta capacidade e necessidade de abstração também pode ser interpretada como a negação do lugar, do eu, das pessoas, dos sentimentos, de não estar em nenhum lugar, mas também estar em todas as partes. Facebook tanto pode querer dizer a face de alguém como pode também querer dizer nenhuma face, nenhum rosto. As redes sociais cresceram não só pelos avanços tecnológicos, mas pela necessidade do ser humano de se abstrair de si mesmo e do lugar onde está e, com isto, de se aproximar e de se elevar ao "eu divino". Como, portanto, podemos trabalhar este desejo e ânsia de abstração, para impulsionar os grupos das redes sociais no sentido de melhorar e elevar o nível de consciência e participação social?

O domínio da palavra e do tempo na Internet

Um comportamento comum nos tempos da Internet é os participantes de grupos sociais ficarem simplesmente reproduzindo vídeos e imagens prontas e acabadas, com opiniões de terceiros, sem emitir a sua própria. E reproduzem "automaticamente", compulsivamente.

É a versão moderna e atualizada do comportamento "bancário", em que as pessoas sempre vão transferindo os " depósitos" recebidos para outros, aumentando em realidade o poder do "banco", neste caso, as redes.

Com isto se aumenta a alienação da ignorância que não é só do outro, mas que passa também a ser de si mesmo, ao transferir supostos conhecimentos acabados através de imagens, textos e vídeos de terceiros, sem opiniões, críticas e sem "problematizar" a transferência "bancária".

São homens espectadores, superficiais no conhecimento, puros correntistas do mundo bancário, como se o conhecimento fosse uma simples transferência de informações, tipo toma lá, dá cá. São homens não transformadores e recriadores do mundo. São passivos na modernidade da Internet, seja no Facebook ou no WhatsApp.

Pode-se até usar a leitura e a discussão de artigos de revistas, de jornais, de livros, começando-se por trechos colocando sempre dentro de uma abordagem problematizadora, não bancária. Esta opção, contudo, deve ser criteriosamente trabalhada.

A Internet permitindo a participação em redes sociais, abre espaço para que o "eu opressor" se manifeste nas transferências das informações, como se fossem conhecimentos importantes, novidades recém-saídas do forno. É importante estabelecer regras que coloquem limites ao "eu opressor" e abra espaço para o diálogo.

Não se pode "encher" os participantes de conteúdos, de transformá-los em depósitos de "comunicados", homens espectadores, passivos na modernidade e na Internet, no Facebook e WhatsApp.

Enquanto a mídia tradicional pode ser classificada como praticamente puramente "bancária", a mídia com a Internet tem várias características que podem ser trabalhadas e se estabelecer uma comunicação dialógica. Para isto, é necessário que o participante seja ativo participante e não simplesmente fique recebendo notificações das redes sociais e respondendo a uma e outra sem raciocinar, analisar e sem critério.

Quem é o educando e o educador nas redes sociais e como superar esta contradição e quais são as suas características, nas redes sociais, nos cursos a distância (EAD), nos grupos de whatsapp, facebook, etc.? Dependendo da rede, educando e educador estarão sempre trocando de papéis, independente do desejo ou vontade de cada um, como se fosse uma imitação da realidade física social.

No tempo de posse que tem o opressor sobre o oprimido está, não só o tempo da jornada de trabalho, o deslocamento até o posto de trabalho, mas também o tempo de posse nas novas tecnologias, no uso do WhatsApp, do Facebook, da Internet e da TV.

É importante disputar em todas as negociações sindicais o tempo da jornada de trabalho. A jornada de trabalho e o tempo dedicado ao trabalho vem aumentando com as novas tecnologias e o uso da Internet. Este tempo a mais é um tempo de controle aumentado, é também "mais valia" disfarçada, por quem detém os meios de produção e tem o controle e domínio da tecnologia e acaba se refletindo em novas formas de organizações do trabalho.

As redes foram projetadas para atrair o máximo possível as pessoas, tornando-as dependentes e viciadas, aumentando o tempo delas na Internet, ficando ainda mais expostas ao sistema de controle que são as redes sociais. O tempo na Internet é um estoque pessoal que não se repõe, não tem retorno. Nosso estoque pessoal de tempo só diminui com o passar do tempo.

Para se ter uma ideia da quantidade de vídeo que é adicionado ao YouTube, cerca de 18000 minutos de vídeo é acrescentado a cada minuto. Isto significa que levaria 18000 dias ou mais de 49 anos para se ver os vídeos do YouTube acrescentados em um só dia. Isto também corresponde, visto deste outro ponto de vista, a termos acesso a um provedor de TV com 18000 canais disponiveis! O que fazer com esta disponibilidade de imagens e dados?

Devemos evitar o comportamento do tweeter, que normatiza as mensagens com poucos caracteres (no máximo 140 letras) que incentivam a manifestação mais espontânea, mais instantânea e mais superficial das pessoas. A idéia, com isto, é minimizar os pensamentos. Isto é, devemos evitar esta superficialidade com mensagens instantâneas e curtas e não permitir o pensamento mínimo, rasteiro e inconsequente.

A verticalização

O opressor apresenta o mundo como estático e acabado. O que precisa ser feito é apenas melhorar o sistema como está, resolvendo algumas questões possivelmente morais, éticas, corrupção, etc. Ou seja, questões pontuais, isoladas, pequenas, focalizadas, sem discutir a acumulação das riquezas e a apropriação do tempo de cada um.

Para se contrapor, todos os temas e assuntos devem ser discutidos. Muito se pode falar da moral e da construção dela, o que que significa moral dentro da sociedade e o que significa a corrupção e sua importância para o sistema capitalista. O conhecimento político não pode se reduzir a um terreno estreito, focalizado apenas em questões dentro de um pequeno espectro de temas e assuntos. Tem muitos temas que podem e devem ser abordados cientificamente e sem preconceitos.

Uma entidade de fiscalização de engenharia, por exemplo, em uma de suas ações, foi fiscalizar carros de som do carnaval, em um momento em que a engenharia brasileira sofria e sofre fortes ataques, sem que tomasse qualquer atitude de defesa. É um caso em que não se pode descuidar das questões estratégicas da engenharia justo quando se está sendo destruída pelo governo Temer.

É também importante mostrar hoje a importância da área de computação e robotização quando a humanidade parte para automação de toda sociedade e que só pode trazer a diminuição da jornada trabalho, que é um tema muito pouco abordado pelos movimentos sindicais, onde temos uma jornada de trabalho inalterada há mais de 70 anos. Com a automatização da sociedade e os robôs tomando conta, pode não ter emprego para todo mundo, mas todo mundo vai poder definir o seu próprio trabalho, graças a robotização e automatização da sociedade.

A dependência emocional dos oprimidos permite a mídia e a televisão se fortalecerem ainda mais criando vínculos e dependência política e ideológica usando a Internet para manter bolhas, jaulas isoladas, para que cada um viva nela, sem contato com outras bolhas. Aparentemente isso leva ao fortalecimento emocional dos participantes dentro da bolha, entre si, mas leva também ao fortalecimento do opressor que comanda a bolha que é quem estabelece o marco da jaula. O opressor, em verdade, se fortalece ainda mais.

Como podemos detectar as vulnerabilidades desta bolha e criar mecanismos de conduta que fortaleçam e estabeleçam e melhorem os conhecimentos para os seus participantes? Ou, fazendo a pergunta de outra forma: como podemos furar a bolha para que ela toque outras bolhas e assim amplie suas ações, seus conhecimentos e sua consciência?

Toda atividade política, sindical e reivindicatória deve ser abordada desde um ponto de vista pedagógico, situando o máximo possível no todo e nas questões estratégicas. Isto deve também ocorrer nos processos eleitorais nas democracias. Muitos partidos populares abandonaram o lado pedagógico do trabalho político e eleitoral e optaram pela propaganda em massa na mídia. A propaganda em massa é, por princípio, uma pedagogia bancária: você fala e os outros ouvem e não existe diálogo e nem a possibilidade de diálogo ou a sua mínima contestação, crítica, observação ou resposta.

Liderança messiânica X liderança tecnológica

Podemos traçar um paralelo entre a dominância e verticalização das redes sociais e o que podemos chamar de líderes messiânicos ou carismáticos.

Uma das características do líder carismático é as massas oprimidas se sentirem atuantes através dele, mas, contudo, sem se libertarem. Fenômeno semelhante ocorre nas redes sociais em que seus participantes são conduzidos a acreditar e a confundir seu mundo virtual com o real, achando que estão atuando no real. A liderança carismática pensa sozinha ou, no máximo, ouve os seus amigos mais íntimos, conservando e mantendo sua bolha "política". É uma característica histórica constatada que o desaparecimento de um líder carismático, com a sua morte, também todo movimento que lhe dava apoio termina por se corromper e/ou mesmo desaparecer.

Em um processo eleitoral o líder carismático não vai deixar de ser depois de chegar ao governo. A relação oprimido X opressor vai continuar se desenvolvendo e se perpetuando com a ajuda do líder carismático ou pese a ele.

A liderança messiânica pode implicar e ter um certo movimento popular que lhe apóia, mas não conduz a organização popular, nas suas discussões internas e no sistema de cooperação mútua. Tudo é feito em apoio ao "outro", do líder ou do caudilho que detém o conhecimento e sabe o caminho que deve ser trilhado por todos. Trata-se de segui-lo e de não questioná-lo em sua liderança e conhecimento. Evidente que as lideranças carismáticas têm uma importância grande, mas isso não lhe dá o direito comandar as massas populares cegamente para uma pretensa libertação.

A comunicação apenas é insuficiente para se estabelecer uma relação dialógica de cooperação e participação. Podemos questionar o que representa esta cooperação, neste caso, com a presença de lideranças carismáticas ou messiânicas. Uma liderança com estas características inibe a participação e a cooperação, desnivela a organização e quebra, interrompendo toda relação dialógica.

A realidade problematizada pode realmente conduzir a uma colaboração entre os participantes. Mais uma vez se pode questionar se o líder carismático apresenta a realidade problematizada para ser discutida e se estabelecer o diálogo, buscando propostas e soluções através da colaboração.

O líder carismático já traz a solução acabada do problema. Isso termina conduzindo, ao que se diz hoje, de não se politizar as massas. Se mantém com isto, as massas como meros espectadores passivizados.

As soluções propostas pelos líderes carismáticos, dentro da bolha, podem inclusive serem corretas e justas naquele momento histórico, mas havendo um ataque a estas conquistas, irão as massas defender as conquistas e os avanços e defender estes "líderes"?

Existem hoje muitas lideranças e simbologias ingênuas, como Getúlio Vargas, carteira assinada, o brizolismo, o cavaleiro da Esperança, etc.

Quando a Dilma cai e não ocorre uma defesa das massas, mesmo um ano depois quando a previdência é atacada, a terceirização é aceita, as riquezas nacionais são entregues, onde estão as massas? O que foi feito de errado?

Quando ocorrem estas "confianças ingênuas", nestas lideranças, pode-se questionar como se deu o processo dialógico com as massas, indo a sua origem.

Pode-se examinar um exemplo sobre a confiança ingênua. Se trata de uma foto, bastante divulgada da capacidade indiscutível da liderança de Lula. A criança está fazendo carinho no

rosto de Lula. Temos na foto a inocência da criança e uma verdadeira "confiança ingênua" demonstrada na foto.

Isto termina sendo um apelo para que os eleitores confiarem cegamente nesta liderança e, com isto, se tornam politicamente infantis, exatamente como a criança da foto, estabelecendo assim uma "confiança ingênua". Não quer dizer que tenha sido errado divulgar esta foto, mas é importante ter muito cuidado com as análises e as consequências do fato, das imagens, dos vídeos e das mensagens que geramos e/ou compartilhamos.

A outra questão que temos que ver também, que atualmente termina sendo uma aberração, é a carteira profissional ou a carteira assinada, sendo defendida nos dias de hoje, sem levar em consideração todos os avanços obtidos nos últimos 30 anos, em que todos os dados previdenciários dos trabalhadores estão bastante bem cadastrados no INSS, no imposto de renda e nos bancos. E é bom que se diga isto: os bancos têm total acesso. Os vínculos empregatícios estão amplamente disseminados: o INSS sabe, o imposto de renda sabe e os bancos sabem.

Temos que ficar atentos com a realidade e saber problematizá-la a todo instante. Os avanços tecnológicos e de informatização da sociedade terminaram transformando a reivindicação da carteira profissional, por exemplo, que durante muito tempo foi justo, mas que agora se trata de uma "confiança ingênua", infantilizando o trabalhador e as massas nas suas relações com lideranças históricas desaparecidas, sem que se atualize sua consciência e suas formas de lutas e reinvidicações.

Quem poderíamos chamar de líder carismático moderno, da Internet e da tecnologia e que colecionam multidões de seguidores, que só aumentam? Mark Zuckerberg do Facebook? Bill Gates da Microsoft? Elon Musk daTesla?

Afinal existem muitos pontos em comuns com os líderes carismáticos, como por exemplo: infantilizar os seus seguidores, mantê-los dentro de uma bolha, exigindo fidelidade em troca de vantagens e/ou atendimento de reinvidicações ou simplesmente viciando o usuário na sua rede, etc.

Aceitar dizer a palavra sozinho, a verdade, significa nos tempos da Internet retransmitir todo texto, vídeos e imagens sem critérios, sem observação, compulsivamente. Este princípio é aplicado nas redes sociais, "educando" as pessoas, e mantendo cada um em sua bolha, separados do todo, isolados.

Como é que nas redes sociais e na Internet se nega o diálogo?

Para isso, se mantém cada um isolado de outras pessoas e grupos que tenham opiniões, objetivos, desejos diferentes. Mantém-se grupos de consumo bem identificados, fortalecendo-se a sociedade de consumo. Cada pessoa ou grupo é vista como consumidor, podendo ser de produtos, ideias, desejos, paranoias, taras, etc. Além disto se incentiva "selvagemente" o compartilhamento de textos, arquivos, vídeos, imagens, sem critério, incentivando e ocupando o tempo máximo possível de todos, com sua atenção, concentração, dispersão, imediatismo, mas, também, procrastinação, esquecimento, etc. Precisamos retomar este tempo perdido, a objetividade. Precisamos retomar a palavra, utilizar melhor este tempo e esta palavra perdida, adiada, esquecida ou procrastinada.

A superação da condição de oprimido não se faz no ato simples de consumir ideias, nem simplesmente acumular ideias, mas no de produzi-las e de transformá-las em ação e comunicação.

Temos duas questões interessantes a serem examinadas: a questão da abstração e a questão do tempo.

As duas questões estão muito ligadas entre si e são dois aspectos muito relacionados em verdade com a capacidade dos indivíduos em utilizar o seu tempo, suas emoções, e sua dificuldade de percepção em projetar no tempo para frente.

É um aprendizado que implica também conhecer sua própria história e da abstração das questões concretas do dia a dia. É um nível cultural a ser alcançado e extremamente desejado pelas pessoas.

A superação da situação de oprimido não vai ocorrer por uma questão moral. O dominador, o opressor, precisa dominar, monopolizar os meios de comunicação de massa, negando as massas populares o direito de dizer a sua palavra, de pensar corretamente, de pensar com objetividade. O dominador pode até deixar o dominado falar, mas desde que dentro de certos limites, dentro da bolha a qual ele pertence. A bolha entendida como o conjunto social e de ideias de que o indivíduo faz parte. E, muitas vezes no menor conjunto possível de valores, tornando a bolha menor ainda.

A abordagem focalista dos problemas, não como uma parte de uma totalidade, é uma forma de impor a divisão de ideias e do mundo, e buscar soluções diferentes para o mesmo problema e, portanto, dividir a ação e as pessoas. Isto é uma das características da verticalização juntamente com programas de "treinamento de líderes" (o chamado “coach”).

O encontro de líderes promovido por muitas entidades sindicais e profissionais tem por objetivo, muitas vezes, se isolar dos problemas nacionais.

Se faz todo uma propaganda midiática para manter seus participantes, as lideranças passivas, sem questionar o momento mais amplo que se está vivendo.

A ação do opressor interferindo nos sindicatos, favorecendo a certos “representantes” da classe dominada demonstra certa conotação messiânica, através da qual os dominadores pretendem aparecer como salvadores.

A invasão cultural nas redes sociais é realizada, em parte, pelo "eu opressor" presente em cada participante e "incentivada/insuflada" espontaneamente pelas estruturas das redes sociais, seu compartimento e a bolha em que cada participante se situa.

Estas características das redes sociais, fortalecem em seus participantes, a noção de inferioridade, fortalecendo o êxito da invasão cultural.

Não pensar e ser conduzido pelo impulso, podemos chamar de "pistoleiro do mouse", pronto a ser acionado e a atirar por qualquer notificação da rede. O mouse de hoje é apenas o dedo que toca na tela incessantemente e compulsivamente.

Como ocorre a manipulação nas redes sociais, quem realiza a manipulação e como se opor?

Constitui uma ação antidialógica e anestesiante a reprodução de vídeos, textos e imagens sem ter em conta a realidade de cada participante e sem levar em conta as particularidades de cada um.

Vivemos um momento em que nas redes sociais, dependendo do número de participantes, que ficam desesperadamente reproduzindo vídeos, textos e imagens, não se leva em conta que não vai existir tempo suficiente para cada participante absorver tudo que está sendo apresentado. E o que é absorvido, é feito sem critério, sem discussão e sem problematização. E isto está ocorrendo independentemente do nível cultural e intelectual do(s) participante(s). As ações

mediatizadas pelos atuais instrumentos tecnológicos e aplicativos da Internet massifica todos os seus participantes, independentemente muitas vezes de sua origem, do nível cultural ou da cultura, de suas intenções e de suas paixões. É uma questão essencialmente emotiva, trabalhada pelas redes sociais com intuito de controle, verticalização e fortalecimento do consumo de massas. Assim, todos são nivelados por baixo, pelo nível do participante de menor formação.

Como dividir o cognitivo social?

Nas redes sociais se trata de manter cada participante em sua própria bolha, alimentando cada participante com aquilo que ele quer ver e ouvir, indicando amigos que tenham as mesmas ideias e pensamentos. Ele passa a acreditar que o mundo é aquilo onde está e não é diferente dele.

Só se pode transformar uma realidade quando ela é diferente. Quando se mantém dentro da mesma bolha tecnológica, não é possível qualquer transformação, porque não existe qualquer diferença.

Só existe uma consciência de classe quando confrontada com outras classes. Manter o grupo separado dentro de uma bolha, impede a tomada de uma consciência de classe que só pode existir em relação a todas as outras classes sociais.

O testemunho tem que ser do próprio participante. Não pode ficar reproduzindo o testemunho de terceiros. Tem que ser incentivada a sua participação e seu desenvolvimento cultural, intelectual e emocional do contrário as bolhas da Internet serão as prisões da modernidade da era tecnológica.

Algumas regras a seguir nas redes

Com o que vimos até agora, podemos fazer um resumo de algumas diretivas:

- falar sempre diretamente e usar expressões propositivas, sem termos rebuscados, circunlóquios e não usar ironia, sarcasmo, palavrões, gíria e termos depreciativos e preconceituosos;

- Evitar o uso de abreviaturas tão comum na internet. Isto restringe o potencial de comunicação da linguagem escrita, nivelando a todos por baixo, perdendo o vocabulário, perdendo a capacidade de se expressar com todo o potencial;

- Marcar horários de acesso à rede social, cultivando uma certa abstinência e compulsividade de acesso;

- Desmarcar toda notificação e avisos das redes sociais;

- Não ficar curtindo compulsivamente mensagens;

- Ao compartilhar vídeos ou mensagens fazer sempre com um comentário, ideias e apreciações próprias de no mínimo, por ex., 80 letras. Temos que nos expressar em todos as mensagens possíveis. Em certa medida podemos comparar figuras e vídeos compartilhados ao uso indiscriminado de abreviaturas e gíria;

- Curtir vídeos, mensagens dos mais variados temas possíveis - o intuito é para furar a bolha;

- Estabelecer marcas de quem consegue receber, por ex. no Facebook ou no YouTube, mensagens e vídeos de conteúdos mais diferenciados possíveis;

- Marcar encontros presenciais periodicamente, naturalmente onde for possível. A empatia/antipatia são emoções que só ocorrem pessoalmente;

- dependendo da rede, limitar o número de participantes. Por exemplo, no WhatsApp não passar de 100 pessoas;

29 de fevereiro
Inara Mariela da Silva Cavalcante

> ...toda ação cultural é sempre uma forma sistematizada e deliberada de ação que incide sobre a estrutura social, ora no sentido de mantê-la como está ou mais ou menos como está, ora no de transformá-la.

Em "Pedagogia do Oprimido" Freire destaca a educação como um processo social que promove a consciência crítica e reflexiva de todos os envolvidos, pois entende a educação como um ato político, de conhecimento e criador. E essa consciência "emerge do mundo vivido, objetiva-o, problematiza-o, compreende-o como projeto humano"(p.17)[1]. Projeto humano que parte da reflexão sobre os dois mundos que envolvem o homem, o mundo da natureza e o da cultura.

Cultura é um conceito central na proposta de educação de Freire, entendida como toda criação humana. E criar pressupõe ação, movimento, mobilização e transformação, ele trás a ação cultural como mobilizador da estrutura social. Pois a ação cultural também é ação histórica, portanto é "instrumento de superação da própria cultura alienada e alienante"(p.209)[1].

Desta forma, a educação através do diálogo promove e ressignifica a ação cultural como um processo de transitividade de consciência para a libertação e como mobilizador da estrutura social, pois "toda revolução, se autêntica, tem de ser também revolução cultural" (p.209)[1].

E para tal propõe a síntese cultural que "não nega as diferenças entre uma visão e outra, pelo contrário, se funda nelas. O que ela nega é invasão de uma pela outra". O autor difere a invasão cultural que é antidialógica, serve para manipular, dividir, conquistar e dominar, e a síntese cultural que é dialógica, que organiza e liberta. Enquanto a síntese incorpora a aspiração da reivindicação e ao mesmo tempo problematiza o significado da própria reivindicação, num processo humano e humanizador do homem, numa ação cultural dialógica. Essa diferenciação é necessária, pois como toda ação, há nela uma intenção que pode está a serviço da dominação ou da libertação do homem.

É possível dar um exemplo de uma ação que foi invasão cultural e se deu exatamente no momento histórico em que livro foi escrito. Durante o regime de ditadura militar no Brasil (1964-1985) os povos originários foram considerados obstáculos para o slogan "desenvolvimento e integração nacional", promoveram a violência e genocídio étnico, uma verdadeira política de extermínio desta população[2].

E a síntese cultural seria se os povos indígenas fossem incorporados ao projeto de desenvolvimento, reconhecido seu direito a terra e a vida numa trajetória de diálogo, de ação cultura que compreenda a dialética de permanência e mudança, num processo que reconheça a cultura como pedagógica.

Quando Freire reconhece o papel da cultura para uma educação libertadora e para a revolução das estruturas sociais, demonstra claramente que está a frente de seu tempo uma vez que compreende a potencialidade da ação cultural dialógica de reinventar-se. Num período em que ainda era muito forte a ideia que cultura era apenas um sistema de símbolos, costumes, festas, práticas, crenças e rituais exóticos, resquício de uma antropologia dos primeiros estudos das sociedades não europeias que as classificava como "primitivas" "selvagens", e comparava o homem civilizado com o chamado de "primitivo e selvagem" o que ressoou, e ainda hoje ressoa, a ideia de primitivo como sinônimo de inferioridade, isso de alguma forma permitiu uma estratificação social para além de resultados de pesquisas, mas principalmente no cotidiano das sociedades[3].

Os estudos antropológicos seguintes como os de Levi-Strauss introduziram aspectos psicanalíticos na compreensão das culturas. E Geertz inaugura a antropologia simbólica e interpretativa, quando trás a cultura como um sistema de símbolos que é expressa na interação social, onde as pessoas comunicam e negociam significados[4]. Depois Arthur Kleiman segue a linha de Geertz e nos apresenta o interacionismo simbólico. E já no início do século vinte e um Ester Langdon trás a ideia de que a cultura é percepção e ação, e o indivíduo percebe e age de acordo com suas percepções individuais e deve-se reconhecer e a sua subjetividade [5].

Portanto, o conceito de cultura transitou entre um sistema de símbolos, eficácia simbólica, antropologia interpretativa até um sistema de interações simbólicas. E no trecho sobre a síntese cultural em Pedagogia do Oprimido Freire se próxima desta concepção de cultura que é de Geertz e Langdon já em 1968 quando coloca a cultura como pedagógica, em plena ditadura militar no Brasil e como exilado político. Ele finaliza o livro com uma injeção de crença e esperança no homem e na construção de uma educação que seja uma experiência participante e como ele mesmo diz "Se nada ficar destas paginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar"(p.213)[1].

SÍNTESE DO MÊS

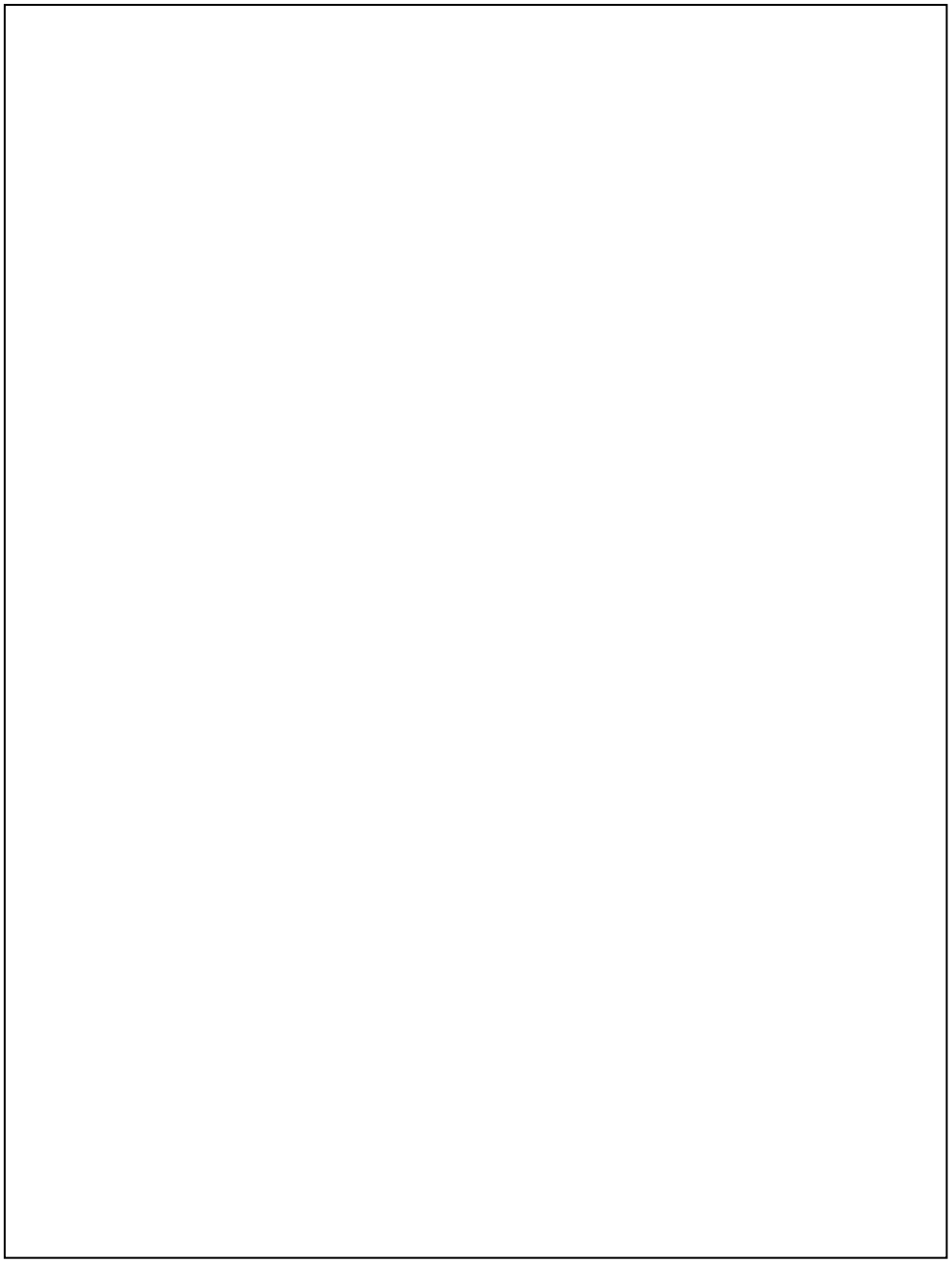
UMA PALAVRA

UMA FRASE

UM PARÁGRAFO

IMAGEM PEDAGÓGICA

(Desenhe uma imagem que simbolize as aprendizagens acumuladas das leituras deste mês para você dialogar com seus companheiros/as de caminhada).



MARÇO

Extensão ou Comunicação?

Palavra

Diálogo

Frase

O poder de quem detém o conhecimento está no diálogo com quem não sabe e não na opressão daqueles que estão silenciados.

Parágrafo

A preocupação de Freire nessa obra é a invasão cultural dos extensionistas em relação aos agricultores que estavam imersos numa cultura de silêncio, eram obrigados a aceitar os pacotes de saber e de maneiras de lidar com a terra e a reprodução da vida. O diálogo emerge como resultado da construção de uma nova cultura – a da solidariedade, da relação horizontal, da diversidade dos saberes técnicos e tradicionais. Conclui-se que é possível fazer diferente, de respeitar o saber de experiência feito dos camponeses e relacioná-lo com o conhecimento científico, gerando novas formas de ver e transformar o mundo.

01 de março
Tânia Maria Figueiredo Barreto Freitas

Mais do que uma análise do trabalho como educador, do agrônomo equivocamente chamado "extensionista", o presente ensaio nos parece uma síntese muito profunda do papel que Paulo Freire assinala à educação compreendida em sua perspectiva verdadeira, que não é outra senão a de humanizar o homem na ação consciente que este deve fazer para transformar o mundo. Escrito no Chile, em 1968, Extensão ou comunicação? Analisa o problema da comunicação entre o técnico e o camponês no processo de desenvolvimento de uma nova sociedade agrária.

Neste ensaio preciso sobre a escolha metodológica dos educadores, Paulo Freire faz a defesa da educação que se dá pela troca, pelo diálogo, pela comunicação e pelo aprendizado mútuo, e combate as convicções que justificam a prática da transferência de conhecimento como via de mão única para a pedagogia. Conhecer, na verdade, exige uma presença curiosa, uma busca constante, invenção e reinvenção permanentes.

As relações do homem e o mundo mostram-se relações de construções e aprendizagem. Assim, o espaço agrário pode ser visto como mais um ambiente passível da comunicação educadora como tantos outros espaços não tradicionais. Dentro desse viés Paulo Freire publicou, em 1969, pelo Instituto de Capacitación e Investigación en Reforma Agrária, em Santiago de Chile, sua obra Extensão ou comunicação? O livro questiona já em seu título, qual seria a melhor metodologia a ser aplicada pelo indivíduo responsável por uma ação transformadora por meio do ensino: estender seu conhecimento ou basear-se na comunicação para modificar os cenários que precisam de mudanças? Para responder a essa pergunta inicial, o autor usa o primeiro capítulo para apresentar reflexões iniciais que permitem uma abordagem mais ampla do tema.

Donde se deduz que o agrônomo-educador não pode efetuar a mudança das atitudes dos camponeses em relação a qualquer aspecto sem conhecer sua visão do mundo e sem confrontá-la em sua totalidade. Ainda teria muito a acrescentar a este prólogo sobre a importância da crítica que Paulo Freire faz ao conceito de extensão como "invasão cultural", como a atitude contrária ao diálogo que é a base de uma autêntica educação. Donde se deduz que o agrônomo-educador não pode efetuar a mudança das atitudes dos camponeses em relação a qualquer aspecto sem conhecer sua visão do mundo e sem confrontá-la em sua totalidade. Ainda teria muito a acrescentar a este prólogo sobre a importância da crítica que Paulo Freire faz ao conceito de extensão como "invasão cultural", como a atitude contrária ao diálogo que é a base de uma autêntica educação.

Há dois pontos centrais que gostaria de comentar: comunicação e papel político. Sobre comunicação, é exatamente a abordagem de Paulo Freire. O autor defende que o técnico e o produtor devem manter uma interação de diálogo e de aprendizagem mútua. Ele critica o termo extensão porque a palavra sugere a extensão do conhecimento do técnico (que detém o conhecimento importante) ao produtor (que apenas absorve). Ao contrário, ele defende, ou seja, o produtor tem "uma bagagem enorme de conhecimento" (suas palavras) que o técnico deve conhecer e reconhecer. O trabalho do extensionista é aquele de ensinar e aprender diariamente. Paulo Freire diz: "Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer" (p. 27). A ação de reflexão e de interesse em gerar conhecimento faz parte da dimensão humana. Se o técnico não reconhecer o produtor

como agente de geração do conhecimento, ele está privando o outro de agir com sua plena capacidade humana. Afinal, as pessoas são seres humanos e não objetos - o autor faz essa ponderação.

Esse aspecto faz uma conexão com o segundo comentário, o papel político do extensionista. Paulo Freire defende que o ser humano precisa desenvolver sua curiosidade e sua capacidade de reflexão crítica a respeito da realidade vivida para, a partir desse ponto, ser capaz de modificar a realidade - não individual, mas coletiva. Aqui está o papel político do extensionista.

A função desse profissional não é apenas educadora, de geração e construção de conhecimento. Ele tem o papel de agente de transformação social, alguém que proporciona aos agricultores a oportunidade de problematizar a situação de uma comunidade. Ele diz: "A educação que, para ser verdadeiramente humanista, tem que ser libertadora, não pode, portanto, caminhar neste sentido. Uma de suas preocupações básicas, pelo contrário, deve ser o aprofundamento da tomada de consciência que se opera nos homens enquanto agem, enquanto trabalham" (p. 76). Essa ação política não é a da pura ideologia, da reflexão vazia, mas aquele debate que trata das condições concretas do mundo real, de ações que modificam de fato uma conjuntura.

É o que Paulo Freire chama de práxis. "Assim é que vemos o trabalho do agrônomo-educador. Trabalho no qual deve buscar em diálogo com os camponeses, conhecer a realidade, para com eles, melhor transformá-la (p. 85) ".

É esse raciocínio questionador que leva o indivíduo a ser transformador, um sujeito constantemente ativo em sua relação com seu ambiente, diferenciando-se do animal irracional que está no mundo, mas não está com o mundo. Essa diferença faz-se sutil somente no nível gramatical, pois o autor pontua a importância de nos enxergarmos não como seres que precisam se adaptar aos contextos, mas como seres responsáveis por tomadas de decisões, "da transformação do contorno". A fim de se alcançar as mudanças necessárias, o termo "extensão" já foi deixado para trás, sendo substituído pela comunicação. Aprofundando-nos nessa palavra, encontramos bases mais sólidas e eficazes para prosseguirmos com a temática da obra de Freire, pois o diálogo se mostra uma potente ferramenta de mutações que permite humanizar o mundo sem que aconteçam dominações ou invasões, típicas de cenários arcaicos não dialógicos.

02 de março
Louise dos Santos Lima

> "...no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquêle que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isso mesmo, re-inventá-lo; aquêle que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas. Pelo contrário, aquêle que é "enchido" por outros de conteúdos cuja inteligência não percebe, de conteúdos que contradizem a própria forma de estar em seu mundo, sem que seja desafiado, não aprende".

Neste trecho, que está no prefácio do livro, por Jacques Chonchol em abril de 1968, é sublinhado um aspecto importante do pensamento de Freire: a concepção de aprendizagem. O entendimento sobre como alguém aprende é premissa básica, necessária e determinante no processo de ensino. Afinal, como bem destacado na Pedagogia da autonomia, "ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo que, historicamente, homens e mulheres descobriram que era possível ensinar". (FREIRE, 1996)

Uma analogia importante que Paulo Freire realiza está entre o modelo tradicional de ensino, que privilegia a transmissão unidirecional da informação e acúmulo da mesma, e as operações bancárias. Isso porque, o professor ou a professora tense a realizar depósitos na mente do aluno e da aluna; e o saber seria o acúmulo daqueles depósitos. Carinhosamente, intitulou de educação bancária.

Freire não defende, nem tampouco acredita na educação bancária. Para ele, o conhecimento não ocorre por mera transmissão e acúmulo de informação, em que alunos e alunas são passivas durante a aula, ou melhor, um objeto formado pelo professor ou professora. Aqui, os docentes não são sujeitos em relação aos alunos e alunas, que são objetos; os professores e as professoras não são os sujeitos que formam e as alunas e alunos, os objetos que são formados e recebem os conhecimentos-conteúdos-acumulados (FREIRE, 1996). Os alunos e alunas devem ser ativos e construtores do conhecimento. Arriscaríamos dizer que é suposto um processo de motivação dos alunos e alunas, mas não somente, pois seguindo as linhas de Charlot,

> "motivar os alunos" consiste, muitas vezes, em inventar um truque para que eles estudem assuntos que não lhes interessam. Prestar atenção à mobilização dos alunos leva a interrogar-se sobre o motor interno do estudo, ou seja, sobre o que faz com que eles invistam no estudo. Motiva-se alguém de fora, mobiliza-se a si mesmo de dentro."(CHARLOT, 2009)

Desta maneira, os estudantes devem ser mobilizados para que articulem informações adquiridas por uma aprendizagem em meio formal ou informal. Aqui, a vivência e a experiência das alunas e dos alunos não é ignorada. Pelo contrário! É por meio da conscientização que o "oprimido" poderá ter ações transformadoras.

A perspectiva de ensino de Freire é oposta ao ensino bancário, que privilegia a reprodução de exercícios rotineiros e o acúmulo de informação. Nesta abordagem Freiriana, por meio de atividades desafiadoras, comumente intituladas problemas (ONUCHIC, 2013), e de exploração, a realidade e o problema são os meios pelo qual pode-se disparar um processo de construção de conhecimento.

Há uma mudança de paradigma. Os alunos e alunas, até então, eram objetos no processo de ensino-aprendizagem, e, a partir daí, passam a ser sujeitos ativos. Isso exige uma transformação, quase que cultural, de todos os intervenientes do processo, ou seja: alunos, alunas, professoras, professores, responsáveis, membros da direção, das secretarias do governo, … É necessário que acreditemos na premissa de Shepard (2001): Todo mundo pode aprender.

Essa concepção acerca da aprendizagem está alinhada aos trabalhos de Bruner (1977), Vygotsky (1991) e Resnick (1987). Se a forma como se aprende é peça central no processo de ensino-aprendizagem, por que não ampliamos para o processo de ensino-aprendizagem-avaliação? Dado que na educação bancária, é comum o ensino de procedimentos rotineiros e reprodução da informação transmitida, os modelos de avaliação, coerentemente, estão direcionados para classificar, selecionar e certificar os alunos. Entretanto, o que mostram as investigações (FERNANDES, 2005) é que necessitamos de uma avaliação que oriente os alunos, as alunas e os professores e professoras para a melhora da aprendizagem, ou melhor, para uma aprendizagem com compreensão. É exposto por Resnick (1987) que o pensamento não é algo rítmico, mas sim complexo, ou seja, o processo de aprendizagem não é linear e se desenvolve em múltiplas direções. Daí que não faz sentido avaliações rígidas e pontuais.

Precisamos de uma avaliação mais centrada nos processos, que seja clara e com a participação de todos os intervenientes. Para tanto, professores e professoras podem recorrer a tarefas de avaliação mais abertas e variadas; diversificar as estratégias, técnicas e instrumentos de

recolha de informação; realizar a prática do *feedback*, ou seja, informar o que é suposto que os alunos e as alunas aprendam e o que eles e elas parecem ter aprendido; analisar as informações recolhidas junto às alunas e aos alunos, entre outros.

A proposta de Freire ainda constitui desafios, muito indicados pelos currículos atuais, que consistem em envolver ativamente os alunos e alunas no processo de construção do conhecimento, por meio de tarefas como, à título de exemplo, a resolução de problemas. Dessa forma, os alunos e alunas poderão mobilizar e integrar informações de natureza diversificada, não apenas aquelas transmitidas de forma quase unidirecional pelos professores e professoras. Ou seja, é necessário que os alunos e as alunas aprendam com compreensão.

Embora o trecho tenha sido retirado da 8ª edição do livro Extensão ou Comunicação, de 1985, a máxima é completamente atual. Que o desafio proposto, presente nas entrelinhas desta obra, se constitua em um objetivo pessoal para todos, sejamos nós educadores, educadoras ou responsáveis por alunas e alunos. Não importa qual seja o nosso papel no processo de ensino-aprendizagem-avaliação, tal como Freire disse em entrevista ao programa Matéria Prima da TV Cultura, apresentado por Serginho Groisman em 1989: "Primeiro, não deixem morrer em vocês os jovens que vocês estão sendo e os meninos e meninas que vocês foram. Segundo, por isso mesmo, não permitam matar em vocês a curiosidade permanente diante do mundo."

03 de março
Luiz Paulo Klock Filho

> "Conhecer não é o ato através do qual um sujeito transformado em objeto, recebe dócil e passivamente os conteúdos que outro lhe dá ou lhe impõe. O conhecimento pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sôbre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica invenção e reinvenção". Paulo Freire.

A evolução da sociedade passa necessariamente pelo ato de ensinar, práticas que foram vivenciadas ao longo do tempo e que com o próprio desenvolvimento das diversas ciências foram sendo aprimoradas. O conhecimento pode ser considerado aquilo que ciência produz, com a interação das diversas experiências que sujeito acumulou ao longo de sua vida.

Neste sentido, os lugares com passar do tempo foram sendo influenciados pelo processo da globalização, sendo alterados no sentido cultural, do trabalho, das tradições, etc. Transformando cidadãos em novos consumidores, descaracterizando antigas comunidades, antigos conhecimentos, em nome de um projeto modernizador.

Milton Santos aborda que é necessário rever a racionalidade dominante e pensar novas racionalidades que tragam o homem e o seu espaço para o centro das discussões:

> "A regulação mundial é imposta, a serviço de uma racionalidade dominante, mas não forçosamente superior. A questão, para nós, seria descobrir e pôr em prática novas racionalidades, em outros níveis e em regulações mais consentâneas com a ordem desejada. Desejada pelos homens, lá onde eles vivem. " (SANTOS, 2008, p.54)

Pensar um novo modelo de desenvolvimento deve levar em consideração aspectos locais e suas especificidades, para que todos os conhecimentos sejam considerados e respeitados, como fruto para reconhecer e reconstruir o mundo a partir de uma perspectiva de práticas de interação natural e social. Criando condições de igualdade, tendo presentes as demandas dos lugares e a participação dos atores sociais.

Albagli e Maciel (2004) abordam que cada local possui suas especificidades, que mediante suas sinergias influenciam sua capacidade de produzir conhecimento, de aprender e de inovar. A comunidade reunida através das representações dos seus grupos sociais traz a movimentação para conquistas de objetivos comuns, que são manifestadas por conquistas e demandas que são trabalhadas por seus membros, através do seu reconhecimento como integrante do coletivo.

Valorizar a participação dos atores sociais e da possibilidade do fortalecimento do empoderamento comunitário, que segundo Baquero:

> "[...] envolve um processo de capacitação de grupos ou indivíduos desfavorecidos para a articulação de interesses, buscando a conquista plena dos direitos de cidadania, defesa de seus interesses e influenciar ações do Estado. " (BAQUERO, 2012, p.177 e 178)

O processo participativo está relacionado há uma postura que as decisões não fiquem apenas relacionada com agentes distantes da realidade vivida na comunidade, mas que aprimore o instrumento democrático dos indivíduos atuarem nas decisões que podem interferir no seu futuro. Outro ponto que pode ser discutido é o fortalecimento da interação entre as pessoas, como é trazido por Bandeira:

> "[...] importante papel instrumental, derivado da funcionalidade da participação para a articulação de atores sociais e para a viabilização de processos de capacitação e de aprendizado coletivo, extremamente relevante para a promoção do desenvolvimento. " (BANDEIRA, 1999, p.10 e 11)

As ações de superação da realidade passa por práticas de aproximação dos individuos com suas realidades e o fortalecimento dos seus diversos saberes, e assim quebrar com práticas individualistas que podem gerar desigualdades e o isolamento social.

Diante do exposto o livro Extensão e comunicação, traz uma importante contribuição, que o ato de educar está muito além de repassar uma nova técnica, mas relacionado em poder trazer a perspectiva teórica em conjunto com a prática, para que o sujeito tenha a capacidade de entender fatos que marcaram o seu passado, construíram o seu presente e que vão influenciar seu futuro, criando desta maneira novos conhecimentos que marcaram sua vida.

04 de março
Fernanda dos Santos Paulo

Aproximação semântica ao termo extensão: É interessante que a expressão "extensão" é discutida por Paulo Freire de modo crítico e problematizador. No livro *Extensão ou Comunicação* há um cuidado e uma preocupação em explicitar a concepção de extensão, que mais tarde Freire retomará essa questão no diálogo com Sérgio Guimarães (1987). Para Freire não há um único sentido e significado para a palavra extensão. Em sua explicação traz o linguista Pierre Guiraud (1965) para defender o argumento de que as "palavras têm um "sentido de base" e um 'sentido contextual'. (FREIRE, 2013, p. 10).

Dito isto, Freire vai examinar a estrutura etimológica da palavra extensão, chegando a seguinte síntese: Extensão "indica a ação de estender e de estender em sua regência sintática de verbo transitivo relativo, de dupla complementação: estender algo a. Nesta acepção, quem estende, estende alguma coisa (objeto direto da ação verbal) *a* ou *até* alguém (objeto indireto da ação verbal), aquele que recebe o conteúdo do objeto da ação verbal. " (FREIRE, 2013, p.10).

Nessa explanação, Paulo Freire nos revela a aproximação entre o conceito de "extensão" ao conceito de " educação bancária". O *estender* correspondente ao depositar algo ou alguma

coisa ao objeto, transformando o sujeito em coisificação. É uma relação entre a transmissão e a invasão cultural. Nesse contexto, a análise semântica do termo *extensão* reflete o quanto Paulo Freire se importava com a forma e conteúdo das palavras que é palavração que significa a práxis na ação educativa de caráter libertador.

05 de março
Danielle Schultz

Ao analisar a obra de Paulo Freire, é possível compreender que ele defende a ação de comunicação, pois segundo ele, esta torna e transforma o sujeito num ser pensante, reflexivo e crítico diante das informações que são propagadas. E questiona de certa forma, a ação extensiva, no qual a mensagem ao ser passada não possui qualquer barreira, criando assim, um pensamento isolado e fechado, sem qualquer uma indagação.

Assim como Paulo Freire disse "[...] o conceito de extensão não corresponde a um que fazer educativo libertador. (FREIRE, 1983)".

Sabe-se que o termo extensão possui uma série de significados, como, desde o tamanho de determinada coisa, uma extensão territorial ou algo relacionado à duração, de algo com uma continuidade num dado de tempo. Porém, para Freire, este conceito de extensão em seu "campo associativo" está relacionado à transmissão, a certa manipulação, uma invasão cultural.

Finalmente no que diz respeito a este termo, segundo Freire, a ação extensionista é aquela que promove a transportar uma informação sem qualquer retorno ou interferência. Assim, nos faz compreender que, quando um emissor deve levar sua mensagem até o receptor, que no qual vai receber os dados passados, sem poder expor sua opinião, ou seja, irá ouvir e aceitar como sendo uma verdade absoluta, pois não haverá espaço para questionamento, tornando isto concepção fechada.

Ainda convém lembrar que este fato está relacionado à persuasão, que no caso, é justamente ouvir a mensagem que o sujeito extensionista está passando, e também, que ao mesmo tempo está convencendo, persuadindo, levando ao individuo receptor aceitar a proposta divulgada como algo correto.

Em consequência disso, nota-se uma manipulação e uma invasão cultural, afinal, não há a preocupação em saber sobre a reflexão do sujeito ouvinte sobre a determinada ação. Seus conhecimentos tradicionais, suas próprias ideias e questões, são ignorados, formando assim um sujeito objeto, sem o senso crítico e desta forma o tornando incapaz como um ser transformador no mundo, de sua realidade.

Além disso, com esta ideia de ação extensionista, de acordo com seu contexto, não se pode ser associada como uma ação educativa, uma vez que está indo contra a concepção da prática da liberdade. Dado que é necessário educar os sujeitos para serem pessoas pensantes e críticas, com a capacidade de debater, se questionar, refletir sobre qualquer que seja o assunto proposto e não serem influenciados com conhecimentos e imagens fechadas e de fácil aceitação.

Outro fator existente é o que acontece com o extensionista nas populações rurais. Os camponeses são vistos como "presas fáceis", porque grande maioria são considerados analfabetos ou analfabetos funcionais. Pois estes não possuem os conhecimentos científicos. Por estes indiví-

duos não terem o contato com esta teoria cientifica, tendo como os únicos conhecimentos aqueles passados de gerações aprendidos na prática do trabalho, acabam aderindo à prática da extensão.

Pode-se mencionar, por exemplo, que no passado, o manejo do café era realizado de certa forma, contudo com as mudanças climáticas que tem ocorrido nos últimos anos, esta atividade precisou sofrer alterações, para adaptação. Nisto, temos a figura do técnico agrônomo, no qual leva seus conhecimentos científicos aos camponeses sobre um melhoramento no cultivo para que possa se sobressair nos tempos no qual se passa uma crise hídrica, num solo que não é mais tão fértil por causa dos grandes desmatamentos, entre outros.

Por outro lado, estes orientadores possuem duas opções para passar estas informações: que é a extensão ou a comunicação. Todavia, quanto ao primeiro item, se a mensagem é passada de forma extensionista, este agricultor irá ouvir as informações e aceitar o que está lhe sendo dito, pois foram dados adquiridos através de livros e pesquisas e anos de estudos, convencido de que as informações propagadas são corretas. E assim, desconsiderando seus próprios conhecimentos, que vive naquela realidade, saberes tradicionais adquiridos com o passar dos anos, são rejeitados. E aceitando novas informações e propostas sem qualquer reflexão.

Porém, se acontece à comunicação entre o emissor e o receptor, o que de certa forma não ocorre com frequência. Mas nesse caso, o agrônomo irá passar suas informações técnicas necessárias ao camponês, no entanto deixando-o livre para o diálogo e reflexão, e uma coisa que é fundamental que pode suceder, é até a troca de experiências. Dessa maneira, temos uma troca de conhecimentos para ambos, aberto a debates e críticas. Diante disto, gerando a comunicação.

Por isso tudo, levando-se em consideração esses aspectos, para que se tenha uma educação libertadora, onde se tenha pessoas com pensamentos críticos, no qual não se há somente a figura de um educador, mas um educador-educando é necessária à prática da comunicação, que consiste nesta troca de conhecimentos entre os interlocutores, no qual não é apenas o ouvir, como ocorre na extensão com pensamentos isolados, mas sim aprender novas experiências, adquirir novos conhecimentos, refletir sobre estes, criar análises críticas a respeito e se questionar, apresentar suas técnicas e suas aprendizagens.

06 de março
César Ferreira da Silva

> "Educar para transformar o mundo, é ver no simples olhar de um aluno, o potencial para mudar o mundo" César Ferreira da Silva

Pensar Paulo Freire nas atuais conjecturas do atual sistema vigente, é um ato de ousadia, porem a mesma ousadia que Freire nos mostra em tamanha e vasta obra, é a mesma que devemos ter para educar, seja no campo através do professor agrônomo, seja através do professor em escolas rurais ou da família camponesa. Freire educava para transformar o mundo e ele conseguiu pois nos transformou e nos possibilitou estar escrevendo esses verbetes que serão eternizados na presente obra. Mas para Freire o educar é sempre ir além do que uma pessoa pode esperar de si mesma, é produzir junto as potencialidades de cada ser humano o que há de melhor em si e para si e para o mundo, possibilitando desenvolver comportamentos que possam transformar o ambiente em que se encontram inseridos, seja em âmbitos rurais, urbanos ou mesmo acadêmicos.

Em nosso presente estudo da obra Extensão ou Comunicação Freire vem apresentar-nos que o conceito de extensão não corresponde a um fazer educativo e libertador. (FREIRE, 1983, p. 87), podemos compreender então que esse é um erro ou um equívoco gnosiológico da extensão, o mesmo vem nos elucidar que a extensão surge como um aporte de significações muito amplo em seu campo associativo, desta forma deixando o indivíduo sujeito as manipulações sociais e a uma invasão cultural do mesmo.

Para avançar nas reflexões que Freire vem propor é imprescindível olhar o ser humano, ou seja a família camponesa, com olhos emancipatórios, e com um vislumbre de uma educação que traga liberdade, social, intelectual e mais que isso política, avencemo-nos nas reflexões agora dialogando o conceito de "autonomia", para Freire (1996, p. 41) ela é vista como: "A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade" Freire enfatiza neste trecho que o amadurecimento é um processo de vir a ser, porem esse processo ocorre no tempo de cada indivíduo de acordo com suas potencialidades, as experiências estimuladoras são carro chefe para tornar o indivíduo do vir a ser em agente de sua prática libertadora.

O agente transformador no nosso caso é o educador do campo, ele ajudara a família camponesa a desenvolver autonomia e liberdade intelectual para desenvolverem suas práticas agrícolas, é importante perceber que o equívoco de acreditar em uma educação extensionista ocorre por pensar como no trecho seguinte "Na medida em que, no termo extensão, está implícita a ação de levar, de transferir, de entregar, de depositar algo em alguém, ressalta, nele, uma conotação indiscutivelmente mecanicista."(FREIRE, 1983, p. 24).

Vemos nesse trecho então o verdadeiro significado gnosiológico da extensão, o educador do campo então trabalhara com as famílias camponesas para romper com esses paradigmas e proporcionar o que Freire (1983) chama de educação como pratica para liberdade. Para freire o camponês não é um objeto estático imóvel como propõe à priori o conceito de extensão, ou mesmo fixar-se e estar-se condicionado ao que o educador mecanicista pode oferecer, destarte então Freire através do educador do campo ou como ele mesmo diz o agrônomo educador, acredita que rompendo essas nuances a vida camponesa poderá ser construída de uma forma mais digna, possibilitando o desenvolvimento da sociedade em que se encontram.

A transformação Cultural causada entre a relação sensível e visível do agrônomo-educador no ambiente camponês, é imprescindível para o rompimento dos paradoxos extensionistas, a perda do posicionamento frio que por muitas vezes é instaurado, por uma cultura mecanicista, do educador extensionista é substituída pela do agente transformador que se tornou figura única entre os camponeses, destarte então as proposições são constantes e necessitam de mais aprofundamento para dar continuidade ao trabalho na educação do campo de Paulo Freire.

07 de março
Marcelo Teixeira

Aquilo a que chamamos de pensamento requer uma reflexão bem analisada dos pontos favoráveis – ou não – ao nosso conhecimento, na qual Freire chama de *cognoscedor* e que gera um ato transformador nas pessoas quando reconhecem que, para se ter um aprendizado é preciso um aprofundamento sobre as coisas. Essa reflexão é mundana, pois para ser entendida e estendida é preciso estudos acerca do novo conhecimento para depois estarmos conscientes de que nossas visões são outras.

A educação não formal, constituída fora dos ambientes escolares, também se faz contemporânea dentro do ato educacional que envolve aprendizagem e construção do conhecimento acerca daquilo que se pretende conhecer, desbravar, estar ciente. O homem-mundo faz parte de todo o processo que habita aquilo que se deseja estabelecer como elo com o seu passado para ter uma significação no futuro, porém, estando no presente.

A comunicação educadora que forma o caráter do homem atualizado no mundo é solidificada pela expressão do objeto que consiste em estar sendo útil para gerar a extensão do conhecimento, fazendo-se valer pela reforma da concentração como simbolismo daquele objeto que julgamos desconhecer: uma tal reflexão que reconhecemos ser ulterior ao que chamamos de base para um aprofundamento de ideias e pensamentos instigantes que elevam nossa capacidade de ser e estar presentes aqui.

Aquilo que buscamos conhecer, estudar, aprofundar, sistematizar e fazer com que o outro se intere daquilo que buscamos outrora para uma melhor amplitude é a extensão que nasceu de uma comunicação em forma de informação. Extensão é aprofundamento de ideias, de leituras, de teóricos, de pensamentos intelectualizados, mas falado nas diversas linguagens para com o povo popular, carente de um entendimento libertador da palavra e que carece de toda a profusão de concretudes para que se tenham, eles, o povo, os populares, a dimensão do tamanho opulento da significação da extensão.

Comunicação é informação oralizada, lida, escrita, perfilada com cada objetivação pessoal e interpretada de maneiras diversas com o acréscimo da extensão, daquilo que se estende, se aprofunda e que se transforma em debate concretizado. Freire, ao pensar na reforma agrária, na população e na luta de um povo, desenvolveu aquilo que se tornaria o mais importante de todos os homens no mundo: o homem e suas mudanças em sintonia com o mundo. Homem-mundo.

O homem é originário do mundo, das mudanças e das transposições que originam intensas reformas que começam com a educação. Homem-sujeito e não homem-objeto do sujeito.

Freire utiliza a semântica do pensamento questionador para incluir o homem em um mundo onde a pergunta que oriunda de uma dúvida tenha respostas diversas para uma resolução somatória do saber e faz com que esse resultado incomode o outro para uma nova sabatina de buscas em prol de novas respostas. É a extensão do conhecimento.

Sabe-se que hoje, no século XXI, o professor não é mais o detentor do saber como teorizado por diversos autores da educação, mas nós, os professores, somos os mediadores nessa construção do conhecimento do aluno, que surge, em sala de aula, com uma comunicação que sistematiza em extensão. Freire já abordava o tema quando dizia que o professor não era o detentor do saber no século XX, época em que a educação era tida para poucos. Vale lembrar que na educação básica ainda encontramos professores tradicionais e que pecam no ato mecanizado em

transmitir conhecimentos e valores sem a consciência da afetividade educacional proposta pela concepção construtivista do saber aprofundado na metodologia do conteúdo explorado.

Paulo Freire elucida em linhas gerais que a reflexão da extensão parte do professor que precisa crer que a epistemologia é o ramo de estudo daquilo que pretendemos nos capacitar e nos especializar para em seguida difundir a metodologia em ato docente explicativo gerando o diálogo. A comunicação é algo que não pode ser descartado, mas ele gera, em suma, a informação, o debate, o confronto de ideias com o ponto nevrálgico da extensão. Obviamente que Freire mantêm um nível elevado entre os disparates que levaram a título o seu livro, mas a chave-mestra desse entendimento é a que a comunicação leva à extensão para situar o homem em seu mundo por meio da busca incansável. Basta distinguir o que queremos: extensão ou comunicação como fonte do saber?

Educar para educar-se é um dos alvos que Freire mais aclamou nessa busca perene pela igualdade. Não se educa sem estar preparado para a vida educacional e não se está preparado para a vida mundana sem um estudo aprofundado daquilo que se pretende ser. A comunicação dos populares era urgente, precisava ser transformada e direcionada para o centro do mundo e ser retratada por todos os níveis culturais como uma população que estava presente para uma extensão dialogicista.

A partir do momento em que me comunico, expresso meu saber humano e educacional perante o outro que pode reformar meu pensamento em consonância com a extensão, gerando uma transformação mundana a partir da fala primeira. A libertação do homem começa pela comunicação gerada em diálogos profiláticos e que sustentam a busca pela reflexão do ato cognoscedor que se concentra na extensão daquilo que se pretende alcançar. Na educação não formal a comunicação é parte importante de todo o processo dialogicista que oriunda uma simbiose de pensamentos que geram novas reformas difusoras. Na educação escolar essa comunicação vem em forma de informalidade, mas com princípios não mecanizados e aptos para uma elaboração de ideias que se estendem para a extensão do conhecimento.

O diálogo para Freire é conquistado na base do saber de ambos, professor e aluno, em busca por resoluções que abarquem suas dúvidas em proveito do conhecimento que geram novos conhecimentos. Cada qual com seu conhecimento prévio, eles se juntam para explanarem suas ideologias formais ou não formais para adentrarem naquilo que o professor bem preparado sabe lidar: a construção do conhecimento de seus alunos.

Freire defende o aprendizado, a consistência do saber, da busca e da rebusca, do professor e do aluno questionador, que não ficam apenas com a resposta que está imposta e que não pode ser ressignificada. O ato dialógico é o caminho apontado como o verdadeiro sentido da educação freireana, não ficando restrita a transmissão de conceitos mecanizados e conteudistas, mas geradas a partir da problematização que estão relacionadas com o mundo: homem-mundo-educação que estão em sintonia com a extensão-comunicação geradora da reflexão-leitura-ação.

A leitura do homem é a extensão do mundo!

08 de março
Cecília Maria Ghedini

Este breve texto que busca "minerar" um escrito do Mestre Paulo Freire, "mineração" desde o lugar que ocupo na história, lugar este dedicado ao longo de minha vida, ao trabalho junto às famílias camponesas do sul do Brasil. Desse modo, escolhi refletir sobre a relação de silêncio "natural" do sujeito histórico camponês com o que possa ser conhecimento, teoria, estudo, técnica, tecnologia, com o trato do diálogo e do uso da palavra. Embora nas últimas décadas, a partir da Educação Popular com forte influência freireana, principalmente na formação do campesinato, criaram-se espaços, inclusive de estudo, ainda se tem em muitos lugares do nosso país e da América Latina, a naturalização da impossibilidade do diálogo, que nos faz refletir Paulo Freire.

> Temos perguntado, investigado, procurado saber as razões prováveis que levam os camponeses ao silêncio, à apatia, em face de nossa intenção dialógica? [...] Há razões de ordem histórico-sociológica, cultural e estrutural que explicam sua recusa ao diálogo. Sua experiência existencial se constitui dentro das fronteiras do antidiálogo. O latifúndio, como estrutura vertical e fechada, é, em si mesmo, antidialógico. [...] implica numa hierarquia de camadas sociais em que os estratos mais "baixos" são considerados, em regra geral, como naturalmente inferiores (FREIRE, 1983, p. 31).

O lugar que historicamente se deu aos camponeses e com o que vem deles em termos de conhecimento remete à perda de tempo pois, se acredita (ainda!), que o saber não habita os estratos mais "baixos" da sociedade. Esta percepção se junta desprezo pelo trabalho manual que também foi naturalizado.

Desconhecem esses seres "superiores" que este saber é que permitiu à humanidade desenvolver-se ao longo da história. E também desconhecem que as técnicas e tecnologias são históricas, o que hoje se considera atrasado, em outros tempos revolucionou a história, por exemplo, antes e depois da roda e suas infinitas utilidades.

Soma-se a isso o que é concreto nesta relação, ou seja, quem é dono dos bens como os latifúndios ou tem acesso a conhecimentos de ponta em relação às tecnologias. Alguns, nesta lógica que rege o mundo, se apropriaram das fontes dos bens naturais e também das fontes (latifúndios) do conhecimento. "A estrutura latifundista [...] proporciona ao possuidor da terra [...], a extensão de sua posse também até os homens. [...] sem o direito de dizer sua palavra, e apenas com o dever de escutar e obedecer" (FREIRE, 1983, p. 31).

Sabiamente Paulo Freire nos lembra disso, o dono dos bens apropria-se também dos homens uma vez que não são livres em seu trabalho, repetem ordens do patrão, logo não se recriam suas próprias vidas, alienadamente seguem produzindo como máquinas. Essa produção que os aliena, expropria também sua essência de recriar o mundo, impedindo que acreditem em si mesmos.

> É natural, assim, que os camponeses apresentem uma atitude [..] desconfiada com relação àqueles que pretendem dialogar com eles. No fundo, esta atitude é de desconfiança também de si mesmos. Não estão seguros de sua própria capacidade. Introjetam o mito de sua ignorância absoluta. É natural que prefiram não dialogar. Que digam ao educador [...]: "Perdão, senhor, nós, que não sabemos, devíamos estar calados, escutando o senhor, que é quem sabe" (FREIRE, 1983, p. 31).

Historicamente os camponeses construíram uma real dimensão do que podem ou não podem desde o lugar concreto onde se encontram, sua experiência lhes dá a exata dimensão de

"quem é que manda aqui". Minha vida foi no campo. Vi meu pai e minha mãe sem escolha, agradando poderosos, embora na família comentassem quem eram realmente e o que faziam em seus negócios e relações.

Aos poucos, contudo, foram se libertando, mas somente à medida que o fruto de seu trabalho lhes dava maior autonomia e passavam a participar de espaços coletivos, aprendendo a usar a palavra e ter oportunidades de escolher, crescia um pouco sua coragem. Passaram a usa a palavra diante de donos dos meios de produção, daqueles que "sabiam mais" e controlavam desde a igreja até a escola, a política e as instituições locais. Com o passar do tempo puderam falar, dizer de seu conhecimento, escolhas, posses e sonhos. Ainda não havia rupturas, mas rebeldias de usar a palavra aqui e acolá.

Hoje tenho convicção de que esta submissão rebelde de meu pai e de minha mãe (que acredito seja assim também a de todos os camponeses), ainda que tímida e demorada, foram concretude que produziu minha rebeldia. A aceitação rebelde deles, diante da única condição de que dispunham me fez rompê-la, criou recursos internos (subjetivos) para a coragem e ousadia de enfrentar esta submissão.

O fato de educadores populares terem insistido mesmo com poucos resultados, na formação de meu pai e de minha mãe, me alcançaram. Minha capacidade de romper com aquele círculo vicioso provavelmente tenha se produzido nestes espaços concretos que sustentaram outra subjetividade num mundo onde os pobres deveriam ficar em silêncio. A insistência rompeu o silêncio e criou recursos internos (subjetivos) para a coragem e a ousadia de seu projeto de futuro (filhos) enfrentar a submissão.

> [...] Não será com o antidiálogo que romperemos o silêncio camponês, mas sim com o diálogo em que se problematize seu próprio silêncio e suas causas. [...] Toda demora na primeira, demora simplesmente ilusória, significa um tempo que se ganha em solidez, em segurança, em autoconfiança e interconfiança [...]" (FREIRE, 1983, p. 33).

Para romper o silêncio é preciso mais que esperar palavras, mas por-se a criar condições para que o saber trazido por eles encontre um lugar em que esteja à altura do saber que é trazido pelo educador (seja ele professor ou agrônomo). Trago à lembrança a criação das feiras de agricultores, para visibilizar os alimentos que tradicionalmente as famílias produziam. Era comum as mulheres que vinham para a feira, ficarem em silêncio quando se elaboravam as listas, assim como aparecer um alimento que sequer havia sido colocado na lista: silêncio completo... Na medida em que as pessoas passavam a comprar, a querer mais, a perguntar, a lembrar de onde vinha, quais eram os ingredientes, rememorar a mãe, a avó, a vizinha antiga que sabia fazer... o silêncio era rompido! Aquelas mulheres tornavam-se falantes! Estávamos juntas: eu tinha os saberes de como organizar as feiras e elas de como fazer os alimentos e as comidas tradicionais.

Mas essa coragem se faz aos poucos, com tempo (que para certas formas de produção pode parecer perda de tempo). Como desatacamos acima, Paulo Freire nos diz que: "toda demora na primeira, demora simplesmente ilusória, significa um tempo que se ganha em solidez, em segurança, em autoconfiança e interconfiança" (FREIRE, 1983, p. 33). É como se antes da palavra, estandarte de libertação do pensamento a ser hasteado, fossem necessários andaimes de uma mínima materialidade para sustentá-la. Pode ser conhecer quais tecnologias (ainda que antigas) são usadas por eles, ou formas que os ajudaram a chegar até este momento de sua produção, ou como garantem sua parca renda (mesmo que já conheçamos suas formas rudimentares) mas, estas incursões são capazes de colocar sustentações à palavra latente que ainda não está segura para sair (tal como a frágil borboleta em seu casulo).

O maior problema nestas relações, como diz Paulo Freire, é sua naturalização: "O latifúndio [...] implica numa hierarquia de camadas sociais em que os estratos mais "baixos" são considerados, em regra geral, como naturalmente inferiores" (FREIRE, 1983, p. 31). Podemos dialogar sobre "naturalização" com Virgínia Fontes (2005), quando mostra ser a naturalização construída numa realidade comum a praticamente todos os indivíduos, pelas vivências que vem desde há muito tempo: a família, a religião, a comunidade, as instituições onde os sujeitos estão inseridos desde a infância, e se produz como se fosse sua natureza, como se fosse uma "segunda pele cultural" (FONTES, 2005, p. 71). É produzida, ao mesmo tempo em que nos produzimos no modo de produção que vivemos.

Ainda pior que naturalizar é a internalização da naturalização. Produz-se uma lógica de relação social como se fosse a única possível e segue-se este curso "natural". Seguindo o pensamento da autora, percebemos ser necessário conhecer a naturalização e a contradição que significa na vida humana, pela sua internalização. É possível pensar a perspectiva trazida por Paulo Freire (1983) e Virgínia Fontes (2005) na relação com Mészaros (2005, p. 47) quando, ao discutir as relações sociais no contexto do capital, afirma: "O que precisa ser confrontado e alterado fundamentalmente é todo o sistema de internalização, com todas as suas dimensões, visíveis e ocultas". Esta afirmação provoca a investigação das relações entre naturalização, internalização e as crenças que ainda fundamentam nossos "fazeres" no trato com o conhecimento.

É possível, num relance rápido, relembrar momentos em que desde a academia, por exemplo, se acredita ser infrutífero o diálogo determinado grupo de sujeitos, principalmente se forem camponeses, se forem catadores de recicláveis, motoristas, donas de casa e até mesmo professores distantes das tecnologias entre outros. Isso revela que há uma internalização, por parte de quem teve acesso ao conhecimento científico, desta crença na naturalização. As estruturas sociais, os próprios espaços oficiais que tratam do conhecimento "científico" não alcançaram desnaturalizar essa que, mais que uma crença é uma postura social, um lugar que material e intelectualmente sustenta essa impossibilidade de diálogo.

Perder tempo, não é investir no diálogo quando ainda temos o silêncio como resposta. "Tempo perdido, ainda que ilusoriamente ganho, é o tempo que se usa em bla-bla-blá, ou em verbalismo, ou em palavreado, como também é perdido o tempo do puro ativismo, pois que ambos não são tempos da verdadeira práxis" (FREIRE, 1983, p. 33). Para concluir, restam-se dizer que, como educadores, acadêmicos, ainda nos resta muito a aprender. Principalmente aprender a investir no diálogo, a ter o silêncio como aliado, a superar o verbalismo e a dar-se conta de que a práxis começa pela prática que, no caso desta "mineração" pode-se dizer, com a prática de ouvir o silêncio e investir no diálogo!!!

09 de março
Alexandre Luiz Polizel

Aliás, poderíamos tratar alguma questão como algo simples? Nos percursos do conhecer, conscientizar-se, como poderíamos refletir sobre a extensão e a comunicação? Freire nos convida a esta reflexão pensando na figura do Agrônomo-educador e em sua relação com os povos do campo. Aquele tem uma problemática socioambiental, algo que pode ser utilizado como um

tema gerador para guiar processos de pedagógicos: a erosão, o reflorestamento, a invasão de espécimes. Questões que afetam o mundo, o mundo que é substrato aos seres vivos, onde incluem-se educador e camponeses.

Assim sendo, o processo educacional, neste sentido, toca as movimentações de consciências mágicas, ingênuas e críticas, transita da utilização de procedimentos mágicos – que seguem ritos religiosamente, aprisionam-se em um fatalismo – à procedimentos técnicos – que envolvem não apenas uma aração de terra, um reflorestamento, mas sim uma mudança cultural-estrutural. Portanto, o caminhar de uma religiosidade para uma aproximação técnica de uma razão, do *logos* da realidade, requer um olhar outro para problemas antropológicos, epistemológicos, culturais que atravessam e compõem os corpos dos camponeses, não apenas com um adestramento para a execução de procedimentos.

Conquanto a educação popular inclina-se a uma problematização das relações, entre homens e o mundo. Para o processo é interessante um redirecionamento de uma tecnologia do olhar, do por meio de um movimento altero, dialógico e de reconhecimento do olhar a si e ao Outro, de uma tomada de consciência da realidade na qual encontra-se inserido – em aspectos históricos, sociais, culturais, estruturais e éticos. Está tomada de consciência só é atingida a medida que o sujeito atua na transformação da sociedade e do mundo, a medida que ocupa-se de si e do aqui e agora, que vê-se como parte de uma totalidade, de um coletivo, onde é componente e não um acorrentado. Para tanto, abdica-se de uma visão parcializada, visto que a "[...] percepção parcializada da realidade rouba ao homem a possibilidade de uma ação autêntica sobre ela", e assim vê-se como coletivo, como solidário, e a possibilidade de ação lhe é devolvida.

Assim, o agir do agrônomo-educador, no reconhecimento do Outro como parte constituinte de seu coletivo, é também um agir por meio do conhecer a visão do mundo destes no compartilhar sentidos e significados com os camponeses, no hibridizar culturas. Estes encontros permitem um deslocamento de um sistema de referências para uma alteridade, de modo que os usos das técnicas não são apenas processos mecânicos, mas sim modos de produção, modos de agir sobre as coisas e transforma-las. O movimento de (re)conhecimento, dar-se por meio de diálogos, problematizações, em que "O conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações".

Destarte, o esforço não é voltado a uma extensão das técnicas, ao educador que vê-se como detentor único de um saber que leva por vias extensivas este fora de sua torre de marfim aos outros que não dominam técnicas. O empenho nos processos de extensão e comunicação é a de (re)conhecer-se como parte constituinte de uma estrutura, que não te aprisiona, mas que coletiviza-se solidariamente. Por fim, as técnicas assim, são produções que ganham sentidos nos encontros do agrônomo-educador e os camponeses, à medida que os diálogos conscientizam e humanizam.

10 de março
Mikael Lima Brasil

> "E, se a teoria e a prática são algo indicotomizável, a reflexão sobre a ação ressalta a teoria, sem a qual a ação (ou a prática) não é verdadeira"

Trilhar caminhos que enveredam pelos saberes construídos por Paulo Freire se coloca como uma potencial discussão provedora de inúmeros conceitos que podem ser fundamentados através de vivências que se edificam por meio da narrativa e da compreensão do mundo como um espaço plural.

Trazendo essa perspectiva para a paisagem que é refletida pelo ambiente acadêmico, depara-se com uma densidade histórica das universidades que é enveredada pelo tripé do ensino, da pesquisa e da extensão. Esta última, objeto de trabalho deste comentário, vem promover um debate interessante sobre como as atividades que buscam romper os territórios de poder estruturais da academia se desenvolvem em espaços, muitas vezes, alheios ao conhecimento científico.

Extensão em vários contextos é encarada como processo de invasão cultural e é trazida pelo Freire, aquele moço que nasceu no Pernambuco, através de um jogo semântico que busca instrumentalizar a realidade a partir de uma reflexão importante para ser compreendida no entorno de relações de poder que solidificam, amarram e afastam cada vez mais o saber acadêmico das camadas e movimentos populares.

Assim, Paulo Freire vem formalizar, em sua obra, a construção de uma práxis educativa que busca consolidar a problematização da realidade, isto é, ação e reflexão – a existência e a construção de uma prática aliada à teoria e fomentada por processos decisórios que se estabelecem a partir da *leitura de mundo* e da busca por um *inédito viável* que se dá com e para a convergência entre distintos saberes.

É importante ressaltar o que José Francisco de Melo Neto (2014) traz para a discussão quando coloca que a extensão pode e deve exercer uma dimensão filosófica fundamental, buscando a superação da dicotomia entre teoria e prática. Estas, também, se constituem como bases ontológicas da extensão.

Logo, o trabalho viabilizado pela extensão se apresenta como ferramenta peculiar dentro de um paradigma político que busca democratizar o saber, visando à construção da autonomia dos sujeitos. Para tanto, almejando deixar mais leve esta discussão, alguns versos serão tecidos para trazer fixação sobre o conteúdo aqui abordado:

Mais um pouco de Paulo Freire iremos comentar
Sobre um homem que pensou a Educação Popular
Aqui iremos falar com muita satisfação
Deste nordestino que problematizou a extensão
Amiga e amigo, peço um pouco de sua atenção
Pois aqui iremos dialogar com muita imaginação
Extensão é muito mais do que agir
Pois para buscar um *quefazer* é preciso refletir

Sabe-se que as pessoas são cheias de significado
Então, diálogo é importante para ser abordado

Sujeitos ricos de tanto saber
Através da extensão poderemos conhecer

E assim caminhamos
Muitas vezes nos desencontramos
Mas em um ponto queremos chegar
E ele visa à participação popular

Histórias de vida são conhecidas
Através das memórias que são repartidas
Trabalho, educação, conhecimento e cuidado
São ferramentas do saber implementado

Extensão não quer ser invasão cultural
Pois também podemos estar fazendo mal
Saídas para problemas precisam ser dialogadas
Uma vez que realidades também são problematizadas

Paulo Freire uma herança deixou
Sobre COMUNICAÇÃO ele sustentou
Uma ideia que a muitos inspirou

E é assim que sobre *práxis* iremos comentar
Uma prática aliada à teoria para viabilizar
Novos caminhos para respostas tentarmos encontrar

Foi dessa forma que Paulo entendeu
Pois novos saberes em sua vida conheceu
Comunicar para poder dialogar
E, a partir daí, novos saberes estruturar

Assim, neste dia 10 de março, fica aqui apresentado um pouco sobre questões referentes à invasão cultural e a existência de uma barreira como obstáculo a ser superado nas práticas acadêmicas e profissionais que necessitam encontrar, nos processos comunicativos, o diálogo como ferramenta simbólica capaz de construir uma práxis de trabalho viabilizada pela cidadania.

Gratidão!

11 de março
Justiani Hollas

O ser humano é um ser inacabado que está no mundo e se envolve com o mundo, por isso a educação precisa ter sentido na realidade dos estudantes. O objetivo não é ensinar o educando, mas ajudá-lo a se apropriar de um conhecimento. O conhecimento deve estar encharcado de sentido, quanto mais próximo da realidade do educando, melhor ele aprende. O ser humano aprende melhor quando o signo está ligado à sua vida.

Por sua vez a dialogicidade faz parte desse processo, não há palavra que não seja práxis (ação e reflexão), ou que não surja da práxis, quando pronunciamos a palavra, estamos pronunciando e transformando o mundo. Diferentemente da antidialogicidade que contempla uma educação baseada na técnica, com uma hierarquia a ser seguida dentro da sala de aula.

Portanto, quando não há verdadeiro diálogo, não há encontro, amorosidade e respeito. O diálogo assumido numa perspectiva freiriana, vai muito além da conversa entre duas pessoas, onde uma ouve e escuta e depois fala enquanto a outra espera sua vez para ter a palavra.

Ainda nos tempos atuais, repleto de inovações pensadas para a educação em geral, como a implantação gradativa da Base Nacional Comum Curricular em todo território nacional, cabe ressaltar a necessidade e o desafio do diálogo entre as áreas do saber para superar a dicotomia entre as ciências humanas e exatas. O objetivo fundamental é promover a busca por uma educação cada vez mais completa no sentido intelectual, melhorando também o convívio e a relação social com a comunidade em geral.

O conceito de invasão cultural aparece nesse processo e pode ser comparada ao ensino tecnicista tradicional em que o professor (invasor) é aquele que pensa pelo educando enquanto, este último, acha que está pensando.

Neste tipo de ação as culturas podem ser denegridas, minimizadas e manipuladas, exaltando apenas uma cultura como correta e interessante de ser seguida ou estudada. O sistema capitalista que rege a sociedade atual insiste nesse processo de domesticação, a educação ainda se desenvolve de uma maneira a ensinar somente aquilo que é necessário para a manutenção do sistema, reprimindo qualquer tipo de tentativa de libertação.

As ciências humanas e extas contribuem, cada uma do se jeito, para a massificação do sistema capitalista, a matemática, por exemplo, consegue enganar os leitores utilizando gráficos com curvas mais ou menos acentuadas, podendo criar pensamentos e resultados falsos sobre diversos assuntos.

Em contraponto, precisamos acreditar no diálogo como um processo educativo que resiste, porque a educação nos torna mais humanos e assim, capazes de se compreender como sujeitos que fazem parte de uma sociedade que precisa das múltiplas culturas para se desenvolver.

O espirito crítico é parte fundamental da educação com dialogicidade. O ato de perguntar nos torna ser humano, expressar a curiosidade de conhecer, a capacidade de descoberta, porém, convém ressaltar que sob determinados aspectos conhecer pode ser arriscado e perigoso. Principalmente quando se aprende a lutar pelos direitos de cada ser humano, comunidade ou grupo social que se está inserido.

12 de março
Alexandre Luiz Polizel

Quando pensamos em manipulação, conquista, colonização... Falamos de movimentações anti-dialógicas, anti-humanistas e mortíferas. Por tanto, são estas investidas sobre o Outro que são consideradas invasões culturais. Assim sendo, todas investidas sob o outro que buscam dominação. Lembremos no curso da história, quais são os domestificáveis? Os animais. Desta forma, o domesticar o outro é também animaliza-lo, retirar sua humanidade.

Pensemos em movimentações extensionistas, demarcadas por alguns agrônomos-educadores, que veem-se levando técnicas aos camponeses, fazendo um trabalho assistencialista. Este vê-se como alguém que tem domínio sob uma técnica, que é transformador do mundo ao levar esta técnica aos camponeses, que são seu objeto. Que os embute movimentações de aeração do solo, reflorestamento, fertilização... Que coloca-os para fazer uso destes *modus operantes* sem reflexão.

Enganam-se os educadores voltados a este assistencialismo messiânico. Os camponeses são tão transformadores, detentores de saberes, humanos quanto o agrônomo-educador. É neste sentido que se conclama a uma educação libertadora.

Assim sendo, a educação libertadora é também humanística, envolve processos de fala e escuta, de diálogo. O processo de falar e ouvir é um são encontros amorosos, solidariedade, do reconhecimento de que o outro tem algo que importa a dizer. A dialogicidade não exclui o outro, não é antagônica, inconciliável. Esta é a relação dos bons encontros, amores, do compartilhamento. O diálogo não invade, não manipula, não nega, não conquista, não coloniza. Não precisa usar-se disso, dialoga.

13 de março
Gabriel Viana Ouriques de Oliveira

O presente autor defende sua práxis apoiado pela experiência vivida, que conduz a uma relação dialógica, a qual, é adotada como uma relação em que se vive o diálogo em um encontro de falas que se respeitam por suas experiências de vida. Porém os argumentos expostos em direção a um contato antidialógico, apoiado por argumentos relacionados ao "tempo", descritos a seguir, se mostram livres de uma contextualização e reflexão comprometidas.

Observamos desta forma, narrativas tais como Freire (2015, p. 54) " não se justifica essa perda de tempo", como fragmentos argumentativos que justifiquem em um primeiro momento, uma relação antidialógica, em que, a divisão de papeis se evidenciam através daqueles que detêm o conhecimento, no caso em questão, um agente que possuidor do conhecimento de ordem técnica, promove através de suas ações de "apoio e auxilio" aos que não possuem o conhecimento, adotando um posicionamento de depositários para depositantes, em uma relação de fala e silêncio.

Compreendemos que, em nome de uma perda de tempo, tais agentes pautam sua relação com o outro, desconsiderando a liberdade e experiência existencial no nomeado leigo, ignorando assim, suas próprias práticas em uma possibilidade de um ser autônomo para um ser autômato.

Assim, o cuidado e reflexão que propõe Freire, aos que se desnudam de seus valores sectários para uma experiência de parceria, mais do que reflexões, os mobilizam para uma ação em um maior comprometimento de nosso fazer diário.

A perda de tempo com a dialógicidade, o encontro, o diálogo, de forma alguma, pode ser percebida como tal, mais como um ganho de tempo para toda uma sociedade. Pois este movimento se revela enquanto possibilidade de uma tomada de consciência, tanto dos agentes, que se posicionando em um ser para o outro, se tornam efetivos agentes de mudança, já aqueles que experienciam tal relação passam a refletir sua própria historicidade, através deste afastamento, possibilitando um olhar sobre seu papel, assumindo-o de forma concreta e objetiva.

Cabe destacar que tais concepções de tempo podem ser percebidas sobre dois aspectos antológicos: o primeiro, parte da compreensão do especialista que acobertado de seus pressupostos, passa a se assumir como agente transformador, mas que sobre seu horizonte perceptual, impõe seu tempo para outrem; o segundo tempo, é caracterizado como experiencial do agenciado pelo primeiro, onde, os aspectos econômicos, sociais, técnicos etc ou mesmo da própria rotina, se distancia do tempo experiencial do agente. O que em nome do tempo experiencial do primeiro decorre o que Freire chama de *invasão cultural* apoiado sobre um grande equívoco, transformando-o em objeto de conhecimento.

Para que haja a distinção de tais papeis, dos que apoiam e os do que precisam de apoio, dos que detêm o saber e dos desprovidos do mesmo, se percebe um movimento anterior de julgamento por parte do detentor, em um estreitamento do seu próprio saber, que se orienta para o outro, categorizando-o para intervir, categorias estas, percebidas como uma invasão anterior a invasão propriamente dita, já que, tais categorias advém do seu próprio campo experiencial e por si só caracteriza-se como um pré-conceito de uma realidade que não lhe é própria, pois não foi vivenciada pelo mesmo, apenas hipotetizada.

Há portanto, dois aspectos expostos na fala de Freire referentes aos extencionistas, aqueles que percebem este movimento necessário de dialogicidade como possibilidade de encontro entre tempos existenciais, escolhendo a antidialogicidade por comodidade, vaidade, não enfrentamento de suas próprias condutas, escolhendo o papel de opressores. E os que mesmo coagidos por modelos paternalistas, assistencialistas e necrófilos, de uma educação bancária, como colocado por Freire, escolhe a intercomunicação dos sujeitos através de suas realidades problematizadas.

14 de março
Eliana Nunes Maciel Bastos

A defesa da postura dialógica está presente em toda a obra do Mestre Paulo Freire, permeando quaisquer situações a arte do diálogo, do respeito mútuo deve prevalecer nas constituições de saberes e, consequentemente, nos processos de estabelecimento das relações interpessoais entre os sujeitos humanos.

O diálogo é sem dúvida uma ferramenta imprescindível na consolidação dos atos democráticos nos âmbitos educacionais contemporâneos, nos quais as vivências entre os sujeitos educacionais têm-se dado em meio a muita complexidade, devido a formulação tecnológica da atualidade com todas as suas adversidades.

Contudo, conceber o diálogo numa perspectiva democrática, na qual todos os sujeitos tenham direito a voz, e precisam ser ouvidos com todo o respeito, é um processo por vezes moroso e dolorido, quer seja frente a um público heterogêneo da Educação de Jovens e Adultos, quer seja nas classes repletas de adolescentes efervescentes no final do Ensino Fundamental ou mesmo no Ensino Médio, ou mesmo nas ambiências dicotômicas das academias brasileiras que lecionam o ensino superior, etc. Por conseguinte, desde a mais tenra infância até os tempos remotos da velhice o estabelecimento do diálogo promissor entre os sujeitos que convivem num certo espaço de tempo, é algo desafiador para se estabelecer.

Parte-se da premissa de que todos os indivíduos possuem conhecimentos, e tais sujeitos precisam ser respeitados na configuração dos espaços de aprendizagem por intermédio de diálogos que valorizem a sabedoria adquirida por todos os partícipes, a partir de então, é possível estabelecer novas estratégias para processos novos de aprendizagens, os quais irão conjecturar-se em preciosos conhecimentos úteis e revolucionários para as vidas de tais partícipes.

No entanto, a premissa de toda esta discussão está em acreditar e apregoar o escrito de Freire: *"ninguém sabe tudo, assim como ninguém ignora tudo"*, é mister ter humildade diante dos processos dialógicos, a fim de ouvir o semelhante, valorizando seu conhecimento e assim, constituir saberes conjuntos por intermédio de uma relação humana permeada de amorosidade dialogicidade.

Não existe saber absoluto, afinal de contas a humanidade está em processo evolutivo, as pessoas mudam constantemente, assim os saberes são mutáveis, os conhecimentos de hoje não são os mesmos de ontem e assim, sucessivamente, dessa maneira é compreensível e necessário estabelecer uma postura humilde diante dos semelhantes, os quais são e estão sujeitos nos processos de ensino e aprendizagem, pois acredita-se que discentes e docentes têm muito a contribuir no processo de constituição do conhecimento, pois ambos são humanos inacabados, vivendo e aprendendo diante das relações estabelecidas com seus mundos de convivência.

Por vezes a estrutura social oprime os indivíduos que tem as suas liberdades de expressão ofuscadas, e perdem suas coragens de opinar, de verbalizar suas ideias, seus desejos, ou mesmo seus sonhos. Realidade ainda persistente na contemporaneidade mediante tantas pessoas que foram instruídas a ficarem caladas, a obedecer sem argumentar, quer seja no âmbito familiar e escolar. Assim sendo, as pessoas são treinadas a ouvir e não a falar, vão sendo moldadas de acordo com os saberes predominantes daqueles que possuem o poder de educar, sendo assim, é difícil, mas não impossível propagar a educação libertadora, a relevância do diálogo, da participação democrática de todos os sujeitos na constituição dos conhecimentos. No exemplo do texto do Paulo Freire em destaque do livro Extensão e Comunicação têm-se a experiência com os camponeses chilenos, os quais tiveram a honra de serem ensinados pelo Mestre, e que tinham culturalmente, sido ensinados a obedecerem de cabeça baixa, com voz muda, sem jamais ousar argumentar uma execução de tarefa ordenada pelos seus senhores, tal exemplo, corrobora com a dimensão difusa e trabalhosa que é a constituição do diálogo entre os sujeitos, os quais precisam compreender a importância de suas vozes, das discussões propostas por seus conhecimentos e os de outrem, a fim de que sejam constituídos saberes transformadores de suas realidades iminentes e posteriores.

Sobretudo, o diálogo jamais pode ser concebido como perda de tempo ou inviável diante das relações de convivência educacional humana, os sujeitos são históricos, geradores de conhecimentos, dotados de infinitas possibilidades para aprender sempre mais, as maneiras de se criar

e recriar conhecimentos são infinitas diante das relações frutíferas humanamente, construídas a partir dos diálogos respeitosos.

Mormente, a comunicação está intrínseca nas relações estabelecidas nos âmbitos libertadores de educação quer sejam no campo ou na cidade, as pessoas comprometidas com a liberdade de ensinar e aprender, dinamizam o seus espaços e seus tempos em favor do desenvolvimento pleno dos seus semelhantes, aflorando assim, saberes revolucionários por meio de diálogos respeitos e intensos que podem e devem corroborar para a feitura de um mundo menos desigual para os seus partícipes.

Indubitavelmente, o texto do Mestre Paulo Freire escrito há tanto tempo se torna atualizadíssimo mediante os contextos educacionais vigentes, nos quais é necessário dar voz e vez aos oprimidos, atuar com humildade frente as difusas e diversas ambiências educacionais permeadas por tantos sujeitos diferentes uns dos outros e que necessitam ser inseridos em seus mundos de vivência com equidade, enfim, a prática libertadora, dialógica e revolucionária é uma urgência para os dias atuais àqueles que desejam transformar vidas em virtude da formulação de uma sociabilidade mais fraterna, menos injusta aos seus iguais.

15 de março
Tânia Maria Figueiredo Barreto Freitas

Ao analisar a obra de Paulo Freire, é possível compreender que ele defende a ação de comunicação, pois segundo ele, esta torna o e transforma o sujeito num ser pensante, reflexivo e critico diante das transformações. Educação se baseia em transferir a consciência de mundo para aqueles que depositarão esse saber, como debate o autor: Daí que se torne indispensável à superação da compreensão ingênua do conhecimento humano, na qual muitas vezes nos conservamos. Ingenuidade que se reflete nas situações educativas em que o conhecimento do mundo é tomado como algo que deve ser transferido e depositado nos educandos. Este é um modo estático, verbalizado, de entender o conhecimento, que desconhece a confrontação com o mundo como a fonte verdadeira do conhecimento, nas suas fases e nos seus níveis diferentes, não só entre os homens, mas também entre os seres vivos em geral.

Ao pensarmos nesse domínio podemos nos lembrar mais facilmente de grandes situações, mas ele também acontece de forma mais sutil, como quando, por exemplo, o agrônomo educador impõe suas técnicas estáticas "mecanicamente aos camponeses, invadindo indiscutivelmente sua cultura, sua visão de mundo", em busca de resultados instantâneos que acabam freando possíveis evoluções a longo prazo. Quando apresentados às possibilidades dialógicas, os indivíduos responsáveis pelo aprendizado dos camponeses relatam dificuldades comunicativas, como a apatia em torno da intenção do diálogo, mas não observam seu contexto. Aceitando essa condição não se percebe todo o cenário histórico de submissão, diminuição e rebaixamento intelectual e social sofrido pelos trabalhadores do campo, que foram reféns de um sistema cujas únicas vozes ouvidas eram aquelas dos grandes latifundiários.

A história vertical do campo, essencialmente antidialógica, contribui para o silêncio dos camponeses e para o consequente atraso agrário, no qual a mobilidade social não se faz presente e a troca de experiências entre funcionários e donos também não acontece. Reconhecendo esse

sistema, pode-se então quebrar essa estrutura obsoleta e iniciar o processo de comunicação primordial para as mudanças agrárias, no qual o camponês conheça a importância do seu saber e da sua fala. Para isso, o autor defende uma problematização que envolva o próprio silêncio, desses indivíduos, pois mesmo o ensino técnico necessita de diálogo: O que se pretende com o diálogo, em qualquer hipótese (seja em torno de um conhecimento científico e técnico, seja de um conhecimento "experiencial"), é a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível reação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la.

Freire defende, assim, o aprendizado questionador que não repete informações, dados e técnicas, mas reflete acerca deles e os inclui no seu contexto de mundo para usá-los como base de transformações precisas. Esse caminho é apontado como o verdadeiro sentido da educação, não sendo mais uma transmissão de conceitos, mas uma problematização eficaz para as nossas relações com o mundo. Esta problematização pede ações e pensamentos dinâmicos, não estáticos. Por isso, a reforma agrária aparece na obra como algo que não pode limitar-se ao domínio das técnicas do campo, mas deve ampliar-se a uma transformação cultural.

Admitindo uma vez mais as mesmas hipóteses para efeito de raciocínio, diremos que os camponeses não recusam o diálogo porque sejam, por natureza, refratários a ele. Há razões de ordem histórico-sociológica, cultural e estrutural que explicam sua recusa ao diálogo. Sua experiência existencial se constitui dentro das fronteiras do antidiálogo. O latifúndio, como estrutura vertical e fechada, é, em si mesmo, antidialógico. Sendo uma estrutura fechada que obstaculiza a mobilidade social vertical ascendente, o latifúndio implica numa hierarquia de camadas sociais em que os estratos são considerados, em regra geral, como naturalmente inferiores. Para que estes sejam assim considerados, é preciso que haja outros que desta forma os considerem, ao mesmo tempo em que se consideram a si mesmos como superiores. A estrutura latifundista, de caráter colonial, proporciona ao possuidor da terra, pela força e prestígio que tem, a extensão de sua posse também até os homens.

Esta é a razão pela qual, enquanto for estrutura latifundista, não poderá proporcionar a substituição de alguns pelo humanismo real de todos. Neste tipo de relações estruturais, rígidas e verticais, não há lugar realmente para o diálogo. E é nestas relações rígidas e verticais que se vem constituindo històricamente a consciência camponesa, como consciência oprimida. Nenhuma experiência dialógica. Nenhuma experiência de participação. Em grande parte, inseguros de si mesmos. Sem o direito de dizer sua palavra, e apenas com o dever de escutar e obedecer. É natural, assim, que os camponeses apresentem uma atitude quase sempre, ainda que nem sempre, desconfiada com relação àqueles que pretendem dialogar com eles. No fundo, esta atitude é de desconfiança também de si mesmos. Não estão seguros de sua própria capacidade. Introjetam o mito de sua ignorância absoluta. É natural que prefiram não dialogar. Que digam ao educador, inesperadamente, depois de quinze ou vinte minutos de participação ativa: Perdão, senhor, nós, que não sabemos, devíamos estar calados, escutando o senhor, que é quem sabe. Em face destas considerações, os que declaram ser impossível o diálogo provavelmente dirão que elas não fazem senão fundamentar mais ainda as suas teses. Na verdade, não é isto. O que estas considerações revelam claramente é que a dificuldade em dialogar dos camponeses não tem sua razão neles mesmos, enquanto homens camponeses.

PAUSA PEDAGÓGICA
(anote as aprendizagens, ideias, dúvidas e ações que o texto proporcionou até aqui).

16 de março
Marcelo da Silva Teixeira

O mundo, a sociedade e a atualidade, esse cenário intenso e desafiador, vem sendo marcado por inúmeros matizes acinzentadas dignas de profundas ponderações.

Mesmo em meio à correria do cotidiano é nítido perceber o quanto as pessoas são estimuladas, e à vista disso, impelidas a fazer escolhas. Eleger, decidir, optar são verbos que se tornaram tão presentes na vida humana que já conquistaram a alcunha de vício. Um vício que para alguns é tolerável, para outros é necessário, porém se tratando de uma sociedade economicamente ativa, esse pode se tornar dominador.

A coletividade sempre foi afetada pelas escolhas e por isso, a decisão em alguns aspectos passou a causar certo incômodo à humanidade. Mesmo sendo um processo indissociável à evolução humana, muitos ainda não conseguem estabelecer uma combinação saudável entre desejo, necessidade e atitude.

Ao longo da história, ao observar o seu corpo e sua mente como espaços de possibilidades e ao se encantar com a imensa natureza que o circundava, o homem percebeu o seu poder e instituiu para si territórios. Raffestin (1993) destaca que:

> Espaço e território não são termos equivalentes... Evidentemente, o território se apóia no espaço... O espaço é, de certa forma, "dado" como se fosse uma matéria-prima... O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação... (RAFFESTIN, 1993. p.02).

Em face dessa consciência, o humano percebe que espaço e território vão além da perspectiva geográfica. Compreende o seu intelecto como um campo fértil (no sentido de espaço propício). Acessa a si mesmo e descobre suas percepções, sentimentos, habilidades e competências. Então, pela sua compleição física e psíquica desbrava outros territórios.

Em seguida, descobre o fogo, o poder do aquecimento e assim continua envidando seus esforços. Interfere no campo da alimentação, do vestuário e cria outro ardente território, a comunicação. Em tudo deixa suas impressões, marcando-as com o poder da sua decisão.

> Ao agir intencionalmente sobre a natureza, visando transformá-la de modo a satisfazer às suas necessidades, produzindo o que deseja e quando deseja, o homem ao mesmo tempo em que deixa sobre a natureza as marcas da atividade humana, também transforma a si próprio constituindo-se humano. (MORETTI, V. d., asbahr, F. S. F., e Rigon, a. J. 2011. p, 479).

Destarte, após tencionar seus esforços a uma série de ambiciosos projetos, percebe a ambivalência do tempo. Na intenção frustrada de dominar esse perigoso aliado, não consegue arar a terra desse ambiente feraz. Insiste e concebe o relógio, porém não impede o progresso das rugas, do amadurecimento, da degradação e da mudança das estações.

Ao deparar com a sua limitação e fragilidade ante ao "chronos", muitos dessa espécie, outrora dados à hegemonia, permitem uma dolorosa ressignificação da vida por meio da morte.

Em um processo de comunicação introspectiva começaram a repensar seus territórios concretos e abstratos. Questionaram o poder advindo da evolução, os desdobramentos da intelectualidade, a potência da comunicação dialógica, o desejo e os efeitos da sua ação sobre o outro. Então, ao deparar com Paulo Freire (2001) é possível entender que "não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão".

Essa transcendência, para uma parte da humanidade, permitiu repensar a decisão, refinar o olhar sobre outro, sobre a necessidade de civilização, a elaboração do cuidado, da ética e do respeito.

Apesar dos hodiernos desafios, ter chegado até aqui permitiu ao homem assimilar e reconhecer seus excessos, suas angústias, suas dores e a beleza da vivência respeitosa, provocando uma centelha necessária de discernimento, ou seja, um olhar apurado, sensível e epistêmico sobre tudo, inclusive sobre a educação da sua decisão. Assim, destaca-se a advertência de Nietzsche quando enfatiza que "a primeira tarefa da educação é ensinar a ver". Prosseguindo nessa perspectiva recorre-se a Rubem Alves (2018) quando diz que "[...] para ter olhos brincalhões (que geram prazer) é preciso ter as crianças por nossas mestras". E jamais abstendo do mestre Paulo Freire (1999) relembra-se que "A visão da liberdade [...] É a matriz que atribui sentido a uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos".

O diálogo do homem com ele mesmo, com seu semelhante e com tudo a sua volta o elevou. Além de possibilitar consideráveis avanços tecnológicos, proporcionou o contato mais apurado com a sensibilidade fazendo-o entender que as coisas possuem significados e funções que muitas vezes extrapolam o propósito para as quais foram criadas. Portanto, depreenderam que o olhar fala, que as palavras acolhem, que o abraço acalma, que o beijo desperta, que ao compartilhar o poder todos ganham, mas acima de tudo isso, a partir de aproximações subjetivas e alternadas pressupõe-se que o homem percebeu que a decisão é a chave mestra para a evolução ou retrocesso, e que todas as relações humanas são invadidas (ação impositiva) por deliberações, resoluções, sentenças, decretos, pareceres, veredictos, despachos, julgamentos e juízos. Assim, não há que considerar perdido o tempo do diálogo...Há que considerar a decisão que tomamos,

após optarmos por uma vida de diálogo e aprendizado. Assim, vale relembrar as palavras da poetisa Cora Coralina (2018) registrada por Iêda Vilas Boas: "Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a [mim] decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar; porque descobri, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir".

17 de março
Fernanda dos Santos Paulo

Educação dialógica em "Extensão ou comunicação": Este livro versa, principalmente, acerca "do problema da comunicação entre o técnico e o camponês, no processo de desenvolvimento da nova sociedade agrária que se está criando." (CHONCHOL, 1983, p.7). Comunicação, para Freire, "implica numa reciprocidade que não pode ser rompida. [...]. O que caracteriza a comunicação enquanto êste comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo." (1983, p. 45). Em outras palavras, *comunicação* implica dizer a palavra no quefazer dialógico. Já *Extensão* é a coisificação e a mecanização do sujeito, ou seja, o "conceito de extensão também não tem sentido do ponto de vista humanista." (p.12).

Essa obra é dividida em três capítulos, cujo prefácio é de Jacques Chonchol, militante pelo socialismo democrático. É no terceiro capítulo no item de letra "b - A educação como uma situação gnosiológica" que Freire vai mencionar que uma visão mecanicista, bancária e dominadora" vê "na educação dialógica e comunicativa uma ameaça" (p.54).

O eixo central da *educação dialógica* embasa-se na perspectiva político-pedagógica de uma educação libertadora e problematizadora, se contrapondo a perspectiva da educação extensionista, tradicional e mecanicista a qual visa a domesticação, a massificação e a desumanização. Deste modo, na educação dialógica é indispensável o compromisso com uma visão democrática de sociedade e da concepção de educação enquanto ato político e da prática da liberdade a favor da humanização. Logo, a luta é pela transformação da realidade, na ótica do humanismo real [não abstrato], o que exige vivenciar o diálogo e compreender a transformação enquanto processo permanente na busca do *ser mais*, mergulhados pela realidade no encontro dos sujeitos mediatizados pelo mundo dando significado a nossa existência no e com esse mundo.

18 de março
Daniela Pedra Mattos

As abordagens Freireanas ultrapassam "achismos" e trazem reflexões profundas que perpassam o censo comum, dialogando com uma consciência crítica e política que promove o desassossego, além de provocar uma análise robusta da realidade.

Diante deste, vem se discutindo tempos e espaços no que se refere a reforma agrária e o papel de quem deveria dar o apoio, respeitando as diversidades culturais. No entanto, ao longo da história, as percepções nem sempre foram ao encontro dessa proposta.

Desde a escrita desta obra até a atualidade não podemos negar que tivemos significativos avanços, no que tange aos olhares para os campesinos, para os homens e mulheres da terra. No

entanto, se percebe que apesar de tudo, temos muito ainda a aprender para que possamos de fato e de direito, muito mais que reconhecê-los, mas sobretudo, oportunizar espaços dignos de desenvolvimento humano, familiar e social.

Assim, as discussões que, brevemente, são exploradas aqui sobre as páginas 55, 56, da obra Extensão e Comunicação de Freire buscam, trazer o fio condutor que Freire propôs ao realizar tal escrita. Assim, refletir sobre os conceitos de "extensão e comunicação" em relação ao respeito, apoio de fato e de direito e aos diálogos reflexivos com e sobre os homens campesinos, a partir de Freire é sempre um desafio. Considerando estes, agentes de transformação social, pois de acordo com Freire, 1979, p.56 " não são as técnicas, mas sim a conjugação dos homens e instrumentos que transformam a sociedade".

Diante de uma inter-relação entre homens e instrumentos que Freire nos convida a refletir sobre o espaço campesino, diante do qual o papel do agrônomo é de articulador e potencializador de instrumentos e ações para contribuir com homens e mulheres, que buscam fazer do espaço do campo, um espaço de vida vivida, cuidando da terra, produzindo e multiplicando alimentos e subsistência.

O tempo e o espaço dos campesinos não é o mesmo tempo e espaço do homem urbano, há espaços de cultura, de vivências que se distanciam, no entanto, ambos se completam à medida que se reconhecem como agentes de transformação social. Assim, o papel do agrônomo de antes e da atualidade é de um especialista que tem a técnica que, aliada ao conhecimento de vida e cultural dos campesinos pode ampliar espaços, maximizando não somente a produção agrícola, como também pode contribuir com os homens e mulheres da terra, protagonistas de esperança.

Nesse cenário, Freire provoca reflexões sobre camponeses - natureza - cultura tendo no agrônomo um papel fundamental e como este, pode estar contribuindo com os espaços do campo de forma significativa, não somente reconhecendo os campesinos como sujeitos de um processo, mas sobretudo, como importantes agentes de transformação social. Reafirmando que o papel do agrônomo também é um papel de educador e articulador dos processos de mudança "com o campo". Freire ressalta "(...) que sua participação no sistema de relações camponeses-natureza - cultura não possa ser reduzida a um estar diante, ou a um estar sobre, ou a um estar para os camponeses, pois deve ser um estar com eles, como sujeitos de mudança também. "

É diante de uma relação de reciprocidade que Freire nos deixou provocações para que pudéssemos ir além de meras reflexões, mas que pudéssemos efetivar políticas públicas que viessem ao encontro dos homens e mulheres do campo. Não podemos negar que avançamos muito, sendo que a tecnologia de comunicação e informação serviu e serve para potencializar a vida rural, no entanto, as reflexões Freireanas são atuais, pois como os avanços foram tardios, o campo se esvaziou, mesmo com a reforma agrária tendo sido ampliada nos anos 2000, ainda faltou e falta muito para que os campesinos tivessem e tenham condições de viver no campo.

Nesse contexto, é preciso ressaltar que o papel do agrônomo também se fragilizou, deixando de estar no campo orientando homens e mulheres que vivem na "Terra e da Terra". A tecnologia não supre o papel humano. Por outro lado, as políticas públicas precisam serem efetivas, permanentes, sólidas... No entanto, aparentemente o que vivenciamos, no que tange as políticas públicas estruturadas para o campo, são de fragilidades severas para apoio permanente aos homens e mulheres campesinos. Talvez esse, seja um dos motivos do esvaziamento rural.

Sendo assim, as provocações deixadas por Freire nos remetem ao desassossego, a inquietude e sobretudo, nos encaminha a uma luta permanente, buscando unir vozes num único grito, para que o campo seja ouvido e seus sujeitos alimentados de esperança.

19 de março
Daniela Pedra Mattos

No que tange a reforma agrária, podemos dizer que as discussões alavancadas por Freire foram e continuam sendo pertinentes.

Para Freire, 1979, p:60 "O homem não é apenas o que é, mas também o que foi." Diante da reflexão do autor, podemos dizer que entre o que se consolidou com o passar dos anos e a atualidade, os campesinos trazem consigo um passado ancorado na experiência bruta que requisitou sacrifícios para à conquista de espaços e pessoas, muitas vezes, desamparados, ou considerados incapazes de, através da sua cultura, contribuir com a sociedade. Uma luta árdua e permanente, foi necessária para que estes pudessem conquistar o espaço da terra, mesmo que, em muitas vezes, tivessem sido imbecilizados. A perseverança dessa luta coletiva, fez com que ao longo dos anos muitas conquistas fossem adquiridas e reconhecidas como necessárias para o desenvolvimento social, cultural e humano.

Assim, conforme Freire " há uma solidariedade entre o presente e o passado que primeiro aponta para o futuro, dentro do qual há continuidade histórica.

A reforma agrária brasileira avançou diante da luta permanente. Entre o passado e o presente há caminhos duros que atravessam vidas e conquistas. Porém o país não conseguiu permitir que homens e mulheres da terra, tivessem significativamente um apoio para além da técnica, mas que reconhecessem seus saberes culturais, para juntos, ampliar conhecimentos no manuseio com a terra e com os espaços campesinos.

Compreender e entender para contribuir e transformar. Acredito que esse é o legado que o autor nos deixou com à escrita dessa obra. Um legado que nos permite refletir para além daquilo que os olhos podem enxergar, mas um olhar respeitoso, humano e potencializador de tempos e espaços.

Em 2019 não podemos ver com "normalidade" o esvaziamento da terra, por falta de apoio e perspectivas futuras. A reforma agrária perpassa à conquista da terra, ela precisa permitir que homens e mulheres possam viver dela, criando seus filhos, dando-lhes a subsistência necessária para que possam ter perspectivas futuras. E nesse sentido o papel do agrônomo é fundamental, não um papel instrumentalizador, mas de análise e inferências que venham a potencializar os espaços do campo. Da terra e com a terra. O apoio aos campesinos para haja modernização nos modos de pensar e agir com nesse espaço rural, vai além da modernização do campo, mas a compreensão para o seu desenvolvimento, garantido que a permanência do homem do campo no campo seja, sobretudo, digna.

Entre os avanços tecnológicos inerentes ao momento vivido, encontram-se homens e mulheres num esforço árduo para manterem-se no campo. Avançamos muito. Temos muito para avançar e aprender para contribuir com os campesinos, valorizando-os para além da terra, mas sobretudo, para a vida.

20 de março
Alexandre Luiz Polizel

Imaginem, perder tempo...! Se algo nos preocupa são os espaços-tempos e valores. Estas linhas de força que guiam e organizam a vida, administram as experiencialidades. Agora, pensem sobre os tecnicistas, com todas as suas movimentações experienciais engendradas em um sistema solidificado com o qual estão acostumados. Se uma peça é tirada do lugar, a esteira para. Com a esteira parada, perde-se tempo. E se ela não voltar, como fazemos? Tudo parará? Este é o principal medo dos tecnicistas. Os mesmos acreditam que qualquer transformação na estrutura irá descartar tudo o que veio anteriormente.

Imaginem.... Ao adentar em uma sala dos professores, e falar: Sejamos dialógicos. Automaticamente – me darei a licença poética para a metáfora – alguém perguntará: "Não poderemos mais ser tradicionais!? Vai jogar tudo o que estamos fazendo fora!? Não vai ter mais escola!?". O tecnicista tem medo de qualquer alteração em seu protocolo, mesmo quando seu protocolo não dá certo.

O agrônomo-educador, que opera por uma lógica tecnicista, buscará por realizar o ensinamento do uso de sua técnica. Se ela não der certo, em seu desconhecimento da cultura em sua totalidade, alguém precisará ser responsabilizado. A culpa deste alguém irá explicar o fracasso de sua lógica tecnicista, assim, atribuirá ao culpado o estigma da incapacidade: "Os camponeses são transformados em incapazes pelo não funcionamento da técnica segundo a lógica do tecnicista".

Assim sendo, o que o tecnicista não percebe é que milhares de agrônomos-educadores e camponeses vieram, experimentaram, movimentaram, riram, dançaram e utilizaram de diferentes técnicas e, que outros virão e viverão, experimentarão, movimentarão, rirão, dançarão... Neste sentido, requer-se uma ampliação para enxergar a totalidade, o compreender que agrônomos e camponeses estão imersos em condições histórico-sociais em que interpretam e dão sentidos ao mundo, bem como produzem técnicas, organizam espaços, tempos e valores. Vivenciam, e fazem-se viver com heranças de técnicas, espaços, tempos e valores deixados por outras gerações que viveram no passado. O passado, presente e futuro estão ligados, solidarizam-se uns com os outros, deixam organizações estruturadas e, este tempo é o tempo da vida, não o tempo do calendário.

Neste tocante, faz-se necessário a consciência histórica, uma consciência e uma história não linear, mas que envolve processos de reconhecimentos. Reconhecimentos deu uma "estrutura vertical", constituída em um quadro de relações e transformações entre os homens e os mundos, de modo que as técnicas e consciências são empregadas a transformar e criar, mundos e culturas, intersubjetividades, prolongamentos históricos; e, de uma "estrutura horizontal", produzida por meio de uma solidariedade comunicativa entre as épocas-gerações. Relações *logos* – de uma consciência ativa e transformadora – e *doxas* – de uma consciência histórica.

21 de março
César Ferreira da Silva

"A felicidade está na maneira simples de levarmos a vida" (Carlos Rodrigues Brandão).

Ao refletir sobre a imensidão da obra de Freire, é impossível não vislumbrar a dinâmica que ele coloca em ênfase como a questão da comunicação, Freire antes de tudo acredita no potencial do ser humano como agente transformador em qualquer âmbito social, acredita além disso que o poder do conhecimento como agente transformador possibilita ao homem se tornar um ser mais reflexivo e crítico diante da massificação das informações que estão sendo propagadas em nosso cotidiano.

Na presente obra Extensão ou Comunicação Freire vem apresentar-nos que o conceito de extensão não corresponde a um fazer educativo e libertador. (FREIRE, 1983), vem nos elucidar que a extensão surge como um aporte de significações muito amplo em seu campo associativo, desta forma deixando o indivíduo sujeito as manipulações sociais e a uma invasão cultural do mesmo.

Freire partindo de um pressuposto crítico vem nos apresentar formas de pensarmos o contexto da reforma agrária, reflete que para tanto a visão tecnicista quanto a mecanicista são de certa forma ingênuas, pois na sua prática com a nova reforma proposta nada mudou muito, sendo desta forma, por conseguinte, também como um marco divisório sobre a velha e a nova mentalidade que estão até então sendo propostas. Para elucidarmos melhor Freire nos apresenta da seguinte forma.

> Na visão crítica do processo da reforma agraria, esta, pelo contrário, é uma ação totalizada que incide sobre uma totalidade, que é a realidade que será transformada, sem que isto signifique que a nova realidade que vai surgir não esteja marcada pela anterior. (FREIRE, 1983, p. 61)

A visão crítica, se emancipa ao encontro da própria proposta da reforma agrária, possibilitando dimensões de desenvolvimentos ao senso crítico/social, de forma a capacitar seus integrantes para trabalhos específicos más sem se prender em uma dinâmica de especialismos, assim vislumbrando algo muito maior no horizonte da proposta da reforma agrária.

Parafraseando Freire (1983) a concepção da reforma agrária possibilita ao âmbito rural do profissional agrônomo-educador a percepção da necessidade sublime da mudança de paradigmas culturais, abrindo assim um enorme campo de trabalho fecundo para produção de conhecimentos na educação do campo. Os desafios são muitos, todavia o agrônomo-educador na visão crítica tem por foco ir além do tecnicismo teórico, adentrando assim cada sistema cultural por onde passa, sendo agente transformador da realidade que se encontra inserido.

Outrossim na visão da reforma agrária crítica, outro aspecto que é indispensável chamar atenção é como as percepções no ambiente e local são mecanismos para se tornarem partes de uma cultura emancipadora, onde o aspecto intelectualista do agrônomo-educador, ajudará melhor o ambiente camponês quando encontrar-se todavia mais próximo de uma práxis libertadora, demandando assim uma ação constante para que a atual cultura que era inerente cristalizada, passe a ser transformada pela sensibilidade prática do agente transformador, devido o contato direto e sensível entre o ambiente e os camponeses, assim sendo a troca entre ambos possibilitará crescimento mútuo da cultura/ambiente em que vivem.

A transformação Cultural causada entre a relação sensível do agrônomo-educador ao ambiente camponês, se deu devido a perda do posicionamento frio que por muitas vezes é instau-

rado, por uma cultura mecanicista, o agente transformador se tornou figura única entre os camponeses, sendo inserido como um deles e acolhido como membro de seu grupo, transformando a si mesmo como sujeito, e sendo agente transformador de outros sujeitos em prol da emancipação da visão crítica da reforma agrária.

22 de março
Benone Costa Filho

No trecho acima, da obra *Extensão ou comunicação?* Em que Paulo Freire (1921-1997) analisa o trabalho desenvolvido pelos agrônomos com os camponeses, no Chile (1968), do qual, entre outros, ele era participe, dessa educação campesina chilena de como o homem geria culturalmente a terra. E neste contexto ao escrever sobre essa ação práxis, mais uma vez faz isso dialeticamente, utilizando o conceito dado de "*extensão*" (se referindo aos agrônomos, chamados, em vez de educadores, de *extensionistas*) em que ele critica ser raso, quando se aprofunda no tema, ou "*comunicação*", em que Paulo afirma ser mais apropriado, pois haveria diálogo coletivo dos *agrônomos*, entre outros educadores, com os *camponeses chilenos* e com isso, também, trocas e aprofundamentos de saberes gerados dessa *comunicação*. É por isso que Paulo Freire chama a atenção aqui, e amiúde nesta sua escrita práxis, da persistência do homem relacionada aos desafios da natureza que é transformada com o trabalho do homem e dessa relação avulsa do homem com a natureza formando o seu mundo. Que para Paulo Freire é: "*O mundo da cultura que se prolonga no mundo da história*". (Freire, 1997, p. 65). E para explicar essas relações específicas, *homem*, *mundo, natureza, cultura, história* e o preenchimento dos ambientes geográficos, nesta concepção, Paulo Freire, se utiliza das expressões do filósofo mexicano da fenomenologia Eduardo José Nicol Gregoria i Franciscá (1907-1980), já citado alhures desta obra, "*estrutura vertical*" e "*estrutura horizontal*". Dando ênfase para e apontando que sem: "*A 'estrutura vertical', o mundo social e humano, não existiria como tal se não fosse um mundo da comunicabilidade fora do qual é impossível dar-se o conhecimento humano.*" (Freire, 1997, p. 65).

Assim, por meio da comunicabilidade dialogal entre o agrônomo e o camponês como sujeito-sujeito dos seus conhecimentos do ambiente, da cultura, da geografia, da história, do lugar, conversando, cada um com seus saberes diferentes, o agrônomo com seus saberes científicos e o camponês com os seus saberes de tradição do trabalho no campo. Dessa comunicação gerando uma nova síntese de como desenvolver a produção agrícola, transformadora e sustentável do e no campo. Neste contexto, para Paulo Freire: "*A intersubjetividade ou a intercomunicação é a característica primordial desse mundo cultural e histórico*." (Freire, 1997, p. 65).

Essa afirmação supra de Paulo Freire nos dá uma reposta provisória de sua preocupação com o trabalho do agrônomo ser de sujeito da *extensão*, que estende a sua técnica para o objeto camponês, com a ausência da *comunicação* entre ambos, disso, gerando um não conhecimento. E, com isso, a insistência freireana da *comunicação* entre os *sujeitos* agrônomo-camponês em trono do seu *objeto* de estudo, o campo, numa relação *dialógica*, já que não existe nem *homem* nem *pensamento* isolados, desse modo: "*Todo ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos, que se dá através de signos linguísticos.*" (Freire, 1997, p. 66).

Que de tal modo, logo se revelam na questão (do trecho sendo estudado hoje): *extensão ou comunicação?* Quando saímos do conceito mais raso de *extensão* (da fala do agrônomo para o camponês sobre o seu lugar, que Paulo é contra) para o conceito mais aprofundado *ou comunicação* (dialogal do agrônomo com o camponês referente ao seu lugar, que Paulo Freire é a favor). Vai se formando um *mundo humano de comunicação*, um *corpo consciente*, conectados a realidade vivida pelo o homem que *pensa*, sabe e, pelo o diálogo, comunica a outros *homens que também pensam atuam e sabem*, se constituindo em um *pensamento coletivo*.

Assim, Paulo Freire, recorrendo mais vez ao filósofo Nicol (1907-1980), chama a atenção que: "*Considerando a função do pensamento, afirma Nicol que este não deveria ser considerado como um substantivo, e sim por um verbo transitivo*." (Freire, 1997, p. 66). Ou seja, é pela a ação *transitiva* do diálogo entres os homens que se revela os seus *pensamentos*. Mas, Paulo Freire vai mais além e acrescenta que mais que *transitivo*, deveria ser um verbo que tivesse o *objeto da ação e o complemento de companhia*. De tal modo que, aqui podemos retomar o trecho chave: *extensão ou comunicação?* Seu sujeito pensante, o *agrônomo* e seu objeto, a *extensão* rural, e o outro sujeito pensante, o *camponês* pensando os seus que fazeres de forma comunicativa compartilhada. Na afirmativa de Paulo Freire, de que, não há pensamento isolado, mas pensamento coletivo. Sendo que: "*Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isso mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento do sujeito, mas o mediatizador da comunicação.*" (Freire, 1997, p. 66). Com isso, portanto, vindo uma resposta de consideração, para que possamos entender, a preocupação freireana, de que o conteúdo-objeto de estudo, o *campo*, do agrônomo com o camponês chileno, ou outros quaisquer, sejam de sujeito-sujeitos de *comunicação* coletiva profunda, em vez de sujeito-objetos de *extensão* de comunicados rasos isolados.

23 de março
Eduardo Oliveira Miranda

> "Se o objeto do pensamento fosse um puro comunicado, não seria um significado significante mediador dos sujeitos" (FREIRE, 1983, p. 54).

A epígrafe supracitada traz uma provocação de suma relevância nos postulados de Paulo Freire. Para este pesquisador a comunicação tem o objetivo de partilhar saberes, onde todos os envolvidos são portadores de experiências e aptos a aprender e ao mesmo tempo ensinar. Então, perspectivar um pensamento para além da mera transmissão de informações significa explanar nas rodas dos diálogos os pontos de compreensões do mundo que podem ser dispares a depender da realidade sociocultural dos envolvidos.

Sendo assim, o diálogo faz parte do encontro dos corpos e estes potencializam os atravessamentos das experiências, o encontro com a bagagem existencial do outro e ao mesmo tempo reforça que somos seres da incompletude cultural, portanto, dotados de lacunas que podem ser preenchidas a partir da história de vida dos sujeitos que cotidianamente cruzam as nossas trajetórias. Ter essa dimensão, conduz a despertar o nosso cuidado com as experiências das outras pessoas e consequentemente o trato com as nossas próprias itinerâncias. Se perceber responsável pelo outro é um ato político crítico que requer a escuta sensível, o olhar atento, a disponibilidade para afetar e ser afetado.

No contexto neoliberal que vivemos, acabamos levando para as nossas ações diárias o espírito de competitividade, a necessidade em superar o outro e alimentamos o equívoco do ter em detrimento do ser. Destarte, nos privamos de fecundar e fertilizar as ressonâncias orgânicas e latentes no simples encontro dos corpos, das palavras, dos gestuais. A sociedade encontra-se anestesiada e programada para o instantâneo, o imediato, o que reverbera na incapacidade em respeitar as etapas existente entre o conceber e o projetar.

Concebemos no imaginário, mas para projetar é preciso tornar semiótico e compreensível ao outro o que maturamos no universo das ideias. Esse é o segredo do diálogo: "Só se comunica o inteligível na medida em que este é comunicável" (FREIRE, 1983, p. 45).

Freire vislumbra na comunicação o rompimento da prática do silenciamento, tão comum em espaços formativos, sejam estes informais, formais ou não formais. Com foco na educação formal, verificamos que a comunicação ainda continua tecendo, em muitas territorialidades, relações de poder, onde o professor é o responsável pela complexidade na construção do conhecimento e com isso o ato de comunicar não alcança o esperado e mantem-se na negativa das trocas de saberes. Perceber no aluno a sua condição de ativo na produção dos conceitos torna a sala de aula um espaço acolhedor, um lugar de afetividade e convidativo para as ressignificações das leituras do mundo: "Desta forma, na comunicação, não há sujeitos passivos. Os sujeitos co-intencionados ao objeto de seu pensar se comunicam seu conteúdo" (FREIRE, 1983, p. 45).

A comunicação quando tem respaldo no ato democrático consegue estabelecer a humanização das diversidades existentes no chão da escola. Tal ação coaduna na quebra das hierarquias, no rompimento das barreiras corporais, bem como, aproxima grupos com histórias e culturas negligenciadas. Nesse bojo, a comunicação ao ser socialmente compartilhada viabiliza a prática da emancipação humana e caminha-se para uma estrutura curricular pautada nas esferas dos Direitos Humanos e Justiça Social. Tal perspectiva pode ser verificada em espaços educativos que implementam as leis 11.645/08 e 10.639/03, as quais buscam a inserção das Histórias e Culturas Africanas, Afro-brasileiras e Indígenas em todo o percurso da Educação Básica. Para que o sucesso das Leis aconteça se faz urgente o diálogo entre todos os envolvidos no processo formativo, já que muitos preconceitos serão expostos, os quais são construídos na coletividade de cada grupo e em um processo dialético conseguem ser revistos e recriados.

Diante o cenário atual da Educação Brasileira, encontramos uma serie de retrocessos que tentam retirar a autonomia do educador em abordar temáticas que evidenciam os grupos oprimidos. Dentre as propostas a Escola sem Partido, cujo objetivo visa proibir, através da criação de leis, temáticas no campo do gênero e sexualidade, entre outras. Impossibilitar o educador de exercer a sua autonomia é o mesmo que rasgar a nossa constituição e declarar que a escola brasileira não está fundamentada na democracia. Coibir o uso da autonomia docente representa intensa ameaça à comunicação e nos obriga a reescrever que "a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados" (FREIRE, 1983, p 46).

Ainda no campo dos ataques à autonomia docente, encontra-se a proposta da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, um projeto educacional que à luz dos postulados de Freire se configura como uma tentativa de reforçar o silenciamento das epistemologias produzidas nas diversas escalas do Brasil. A BNCC objetiva implementar uma normativa curricular padronizada para todas as realidades da educação básica, ou seja, "simplesmente, um sujeito estaria (ou está)

transformando o outro em paciente de seus comunicados" (FREIRE, 1983, p. 45). Com isso, verificamos um descompasso com os investimentos da pedagogia para a libertação, posto que se um grupo decide o que a maioria deve estudar acaba por reduzir a subjetividade curricular a meros conteúdos e normas avaliativas.

O direito à comunicação representa um avanço para os grupos oprimidos, mas essa conquista não vem por livre vontade do grupo opressor, muito pelo contrário, a apropriação de um espaço de poder, a retomada do lugar de fala tem sido efetivada através das seculares resistências por parte dos descendentes das civilizações subalternizadas.

Assim sendo, o legado freireano nos põe a questionar o direito e a negação à potência da comunicação, visto que se para alguns é garantido a livre comunicação para outros é obstruído e reforçado ideologicamente o silenciamento das suas corporeidades. Calar um corpo humano, que não o é apenas biológico, mas também cultural, representa impossibilitar o pleno desenvolvimento da sua espiritualidade e consequentemente o forjar das identidades com o respaldo no auto protagonismo. Então, o nosso compromisso pessoal e profissional perpassa pelo viés da pedagogia da libertação, para a pedagogia da comunicação dialética, onde o direito ao ato político da fala seja garantido e possibilizado à todos e todas.

24 de março
Bruno de Oliveira Ferreira

Nesse trecho, Freire nos convida a refletir sobre o papel da comunicação nas práticas educativas. Para um pensador que defende a educação como exercício do diálogo aberto, é natural que sua reflexão deságue no conceito de comunicação, sendo esta também compreendida como relação, vínculo e livre expressão. Dessa forma, Freire realiza uma aproximação entre duas áreas irmãs, mas que, culturalmente, desenvolveram-se sem dialogar muito uma com a outra. Observamos esse distanciamento no que se refere a seus grandes símbolos, que são importantes instâncias sociais, mas que ainda hoje pouco se conectam: as mídias, no que se refere à Comunicação; e a escola, à Educação.

Mas hoje, no entanto, as fronteiras entre essas áreas tornam-se cada vez mais tênues, especialmente porque a comunicação, associada ao avanço e à popularização dos recursos tecnológicos, é um imperativo no mundo contemporâneo. As redes e mídias sociais, as plataformas de compartilhamento de arquivos – muitas das quais possibilitam a elaboração coletiva e remota de produções em diferentes linguagens – e também os espaços virtuais de Educação à Distância têm transformado a maneira de ser e estar no mundo, modificando e dinamizando a relação das pessoas, especialmente dos mais jovens, com o conhecimento e o aprendizado.

Essa transformação se dá especialmente em razão de uma mudança de paradigma. A sociedade parece compreender, a partir dessas mudanças, que aprender não requer dos sujeitos uma atitude passiva, de silenciar enquanto absorve de alguma autoridade, como o professor em sala de aula, um conteúdo pronto, atitude criticada por Freire e nomeada por este de "educação bancária", em que o docente deposita um conteúdo no aluno, sacando-o posteriormente em uma prova. Esse tipo de educação é alicerçado num processo comunicativo autoritário e unidirecional, em que um sujeito que detém o conhecimento o transmite para os demais.

Durante algumas décadas do século XX, a área da Comunicação também foi compreendida nessa perspectiva, em que um emissor poderoso – os grandes meios de comunicação – dirigiam-se a um receptor – a massa –, com poucas possibilidades de expressão e feedback ao emissor. Essa concepção de comunicação, felizmente, vem se modificando já há algumas décadas, em que a atenção para os processos comunicacionais é deslocada do emissor para o receptor e para as múltiplas apropriações que as pessoas fazem dos conteúdos midiáticos no cotidiano. Hoje, a noção de comunicação em rede, em que o cidadão comum é ao mesmo tempo produtor e receptor de conteúdos faz muito mais sentido e, nesse processo, há um grande empoderamento de pessoas e grupos sociais que passam a ter visibilidade e espaço para se expressarem e disputar sentido na sociedade.

Relacionamos esse cotidiano comunicacional com a noção freireana de aprendizado, que compreende o educando como sujeito nesse processo, isto é, um ser participativo, que constrói o conhecimento a partir da mediação do educador. Este, por sua vez, respeita e valoriza o repertório do estudante para, a partir dele, estimular e orientar novas descobertas. Assim, observamos o quão diferente é a visão de Freire do processo comunicativo ainda em curso no interior da maioria das salas de aula: um professor que transfere um conteúdo pronto e sem conexão com realidade dos estudantes, que necessitam partir de seu contexto rumo à descoberta. Para exemplificar o que isso significa, lembramos um episódio do próprio Paulo Freire, em uma experiência de alfabetização de adultos de uma comunidade pobre, que iniciou o processo de letramento dos estudantes a partir da palavra "favela".

Assim, esse grande educador aborda a importância da palavra, da comunicação verbal, que não mais será instrumento de repetição de um discurso ao qual o sujeito se acostumou e que repete sem tê-lo posto à prova, na prática. O verbo, numa perspectiva crítica, não é instrumento de expressão de dogmas e de convicções alicerçadas em senso comum, mas será instrumento de mediação entre sujeito e sua realidade. Dessa forma, na obra em questão – Extensão ou Comunicação? – Observamos a crítica de Freire à educação bancária no âmbito do ensino de agronomia aos trabalhadores rurais, em que o agrônomo, ao assumir o papel de educador, se converte em extensionista preocupado em apenas transmitir um conhecimento pronto e, em sua concepção, superior ao saber do camponês.

Dessa forma, entendemos que o já obsoleto paradigma comunicacional que tem como base a enunciação do emissor e seu impacto sob receptor, ainda vigente na educação formal, não dialoga com a nova sensibilidade da comunicação em rede, horizontal e participativa. Freire não prenuncia, em suas obras, a forte cultura tecnológica neste início de século XXI, que favorece os processos de troca e interação entre as pessoas. Mas podemos transpor o que ele diz sobre comunicar-se, num contexto educativo, a essa realidade contemporânea. Ele argumenta que "a comunicação verdadeira não nos parece estar na exclusiva transferência ou transmissão do conhecimento de um sujeito a outro, mas em sua coparticipação no ato compreender a significação do significado. Esta é uma comunicação que se faz criticamente" (FREIRE, 2015, pp. 92-93).

Para haver criticidade, o próprio sujeito deve percorrer um caminho do qual ele é o dono dos passos. O professor o acompanha na caminhada, mas não define o percurso. Por outro lado, estimula o educando a pensar enquanto caminha, isto é, garante espaços voltados à reflexão e à sensibilização que a retórica pura e simples do mestre nem sempre é capaz de mobilizar. Dessa forma, é preciso pensar na sala de aula não apenas como um lugar de recepção de mensagens,

mas um lugar de experimentação e construção coletiva, um grande laboratório em que a experiência não é só teorizada, mas vivida. É essa experiência que conduz à criticidade.

25 de março
Diane Lazarotto Bevilaqua

Neste trecho Freire trás à reflexão a convicção ou crença mágica de um camponês que envolve todo um conjunto de "conhecimentos técnicos", pois o que constitui, em contraposição a crença mágica do camponês, o domínio dos significados, aparece ao camponês como uma contradição a ciência também.

A convicção do camponês em torno de técnicas empíricas se choca com a necessidade dos significados dos agrônomos. O contato entre o camponês e o agrônomo se dá de ordem sistemática e programada, de situação onde ocorre o diálogo e a comunicação.

Ainda quando estivéssemos ou não em comum acordo de conhecimento, seria preciso que não só os signos tivessem o mesmo significado, mas também que o conteúdo do conhecimento fosse gerado em terreno de comum da relação.

Esta, porém não é uma situação concreta entre nós, a tendência do extensionismo é cair facilmente ao chão com técnicas de propagandas, de persuasão nos meios de comunicação de massa.

De acordo com análises, os meios de comunicação de massa não se encontram comprometidas com o processo de educativo-libertador, pois tem a facilidade da manipulação.

Pode-se dizer que um dos motivos do equívoco está que ao sentir dificuldades na tentativa de comunicação com os camponeses, não é notável que o processo de comunicação está interligado com os condiciomentos sócio-culturais.

Nesta tentativa de levar esta verdade em conta e pensar sobre os condicionmanetos sócio-culturais dos camponeses, simplificam a questão e concluem pela incapacidade dialógica dos camponeses.

Porém há que se considerar que o processo da comunicação nesse processo é indiscutível para a trabalho do educador nessa relação com os camponeses.

É importante ressaltar que não dependemos do homem para sua existência que se constituem no processo da comunicação.

A relação de causa e efeito que os camponeses podem descobrir entre alguns signos e certos fatos, nem sempre é a mesma para o agrônomo que também as interpreta. Em cada caso, seja através dos indicadores naturais ou sócio-culturais, a comunicação entre camponeses e agrônomo pode romper-se dentro dos limites de cada indicador.

É preciso lembrar algumas considerações finais, o aspecto humanista em que se deve ser inspirado o trabalho de comunicação entre camponeses e técnicos. Aspectos de caráter concreto, científicos e nada abstratos. Humanista que não se nutre de visões de um homem ideal, fora do mundo, de um homem existente e fabricado apenas na imaginação.

Humanismo que não leve á procura de um modelo intemporal, uma espécie de mito ao qual o homem concreto se torne alienado.

Humanismo, que não permita visão crítica do homem concreto, pretendendo um ser para ele e que não se torne uma forma deste ele quase não ser.

Mas, ao contrário, um humanismo que se institui ao trabalho de comunicação entre camponeses e técnicos, baseada na ciência e não no senso comum, "eu gostaria que fosse" em gestos puramente humanitários.

È um humanismo verdadeiro a humanização dos homens, rejeitando toda forma de manipulação, humanismo que trás a libertação. Humanismo, que recusa tanto o desespero quanto o otimismo ingênuo, é esperançosamente crítico.

Essa esperança crítica, é a crença em que os homens podem fazer e refazer as coisas, podem transformar o mundo.

Crença em que, os homens podem superar a situação em que estão sendo um quase não ser e passar a ser um estar sendo em busca do ser mais.

Este humanismo científico deve estar apoiado na ação comunicativa do agrônomo-educador. Por tudo isso, uma vez mais, estamos obrigados a negar o extensionismo e o fazer verdadeiramente educativo, que é fundamentado pela comunicação.

Assim, é possível perceber que Freire sempre esteve atento a forma de agir, viver e se comunicar da humanidade, preocupado com as formas de humanização vistas e muitas vezes contorcida pelo patamar em que é vista, deixando de lado a observação do ser humano na sua totalidade, na sua construção sócio-cultural e nas vivências que trás consigo ao longo da sua formação enquanto ser.

26 de março
Wladineia Aparecida Soares

Ao pesquisar a obra de Paulo Freire, é viável perceber que ele defende a educação como uma verdadeira gnosiologia segundo o autor ele vai dizer que para uma situação verdadeiramente uma situação gnosiológica não há para o educador um momento sozinho em uma biblioteca ou no seu laboratório, conheceu, e outro em que, afastado deste, simplesmente narra, disserta ou expõe só que aconteceu. Ou seja, a pessoa dialoga consigo mesmo, faz argumentações também em si até se esgotar e nada encontra, pois não há uma interação com outros sujeitos que possa criar um tipo de debate e chegar a uma conclusão, ele simplesmente se isola do mundo e dos homens.

Paulo freire sempre diz em seus textos da necessidade dos professores em ampliar os diálogos e interação com os sujeitos educando e que sua aula não seja apenas uma mera aula do tipo tradicional conservadora, e que o aluno, é apenas receptor, e o professor um depositador de informações, um transferidor de transmissão, com textos memorizados e repetitivos de forma mecanizados.

Quando o autor fala do esforço, ele diz no sentindo de reforçar o que foi realizado antes, ou seja, retomar as lições por um novo caminho, usando outras estratégias de aprendizagem que o educando seja capaz de compreender de forma clara e objetiva, ou seja, clareando as ideias antes feitas de outra maneira, usando a comunicação e o diálogo, em uma situação gnosiológica.

Outra questão também que o autor levanta é: Ele vai dizer que a tarefa do educador então é problematizar aos educandos os conteúdos que os mediatizam, [... Nesse sentindo é importante que os educandos aprendam a problematizar, analisarem, pesquisarem sobre o objeto de pesquisa e aprofundar na situação problema a fim de buscar de soluções levantadas dos conteúdos

propostos. E toda essa problematização se dá no campo da comunicação, pois segundo Paulo Freire esta torna e transforma o sujeito educando num ser pensante, reflexivo e crítico diante das informações que são perpassados e automaticamente propagados.

Paulo Freire continua firmando que a problematização se dá na interação do homem com o mundo e não em torno da problematização do homem isolado, ou seja, a problematização não é dicotômica em si mesma, porém uma indicotomizada entre o mundo em que vive na sociedade pela qual está inserida.

Paulo freire fala também do trabalho agrônomo educador, e que esses diálogos devem ser praticados na visão de mundo dos camponeses e do, do seu dia a dia, conhecer a realidade de cada um interagindo em uma relação mutualmente no caminho da transformação intencionalmente que os sujeitos sejam cognocentes.

Segundo "Paulo Freire"

> Para que aconteça a educação como prática de liberdade, antes de tudo, uma situação verdadeiramente gnosiológica, é aquela que o ato cognocente não termina no objeto cognoscível, visto que se comunicam igualmente cognocentes.

Ou seja, tanto educador como sujeitos educando buscam o conhecimento e se mediatizam continuamente, dessa forma é necessário que os sujeitos tenham uma tomada de consciência entre o mundo das relações de transformação com a realidade visível introduzindo de forma critica superando os desafios encontrados e principalmente a si mesmo. Atingir o grau de consciência chega ao nível que os sujeitos se empenharem-se não respetivamente de caráter individual, porém socialmente.

27 de março
Ricardo Cocco

> "Se a educação é uma relação entre sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo objeto cognoscível, ela é necessariamente, em conseqüência, um quefazer problematizador."

Paulo Freire, no texto Extensão ou Comunicação? Freire elabora uma crítica consistente (radical e lindamente provocante e atual) aos processos educativos que se se reduzem ou se limitam a uma automatizada e formal atividade de transmissão do conhecimento de um sujeito a outro. Esta concepção de educação, à qual Freire, sem hesitação e de forma dura se refere como falsa, consiste, segundo ele, num assistencialismo pedagógico e está fundamentada em uma perspectiva anti-histórica de educação.

Freire contrapõe-se a perspectiva bancária que atribui ao educador a tarefa de depositário de informes nos educandos, como se estes fossem assistentes passivos, acríticos e ingênuos diante do mundo, e aquele mero memorizador de suas lições, dissertador de um conhecimento pronto e acabado. Defende uma educação problematizadora que se constitua em situação verdadeiramente gnosiológica, enquanto encontro de sujeitos que conhecem e que co-participam de um processo formativo solidário e dialógico.

Para Freire a educação que não reconhece os indivíduos como sujeitos do conhecimento ignora e impede o desenvolvimento do potencial criativo dos educandos obrigando-os a unicamente memorizar o que lhes foi narrado, o que contribui, desta forma, para que eles desenvolvam, em relação ao seu mundo e aos outros, uma postura apática, não crítica, e permaneçam

mergulhados no senso comum (doxa), na opinião fragmentada e superficial, distante de um conhecimento mais claro (episteme) de conjunto, radical e constantemente revisitado.

Os sistemas educativos que se orientam sob a égide da transmissão e as práticas pedagógicas que se baseiam nela se desenvolvem em meio à um formalismo oco, constituindo-se em uma espécie de assistencialismo educativo. O educador, nesta perspectiva, esforçasse em entregar um produto, no caso o conhecimento, o saber, como se tratasse de algo já feito, pronto, elaborado, acabado, terminado. E o esforço do educando, por sua vez, está concentrado em reproduzir passivamente aquilo que recebe. Este movimento unilateral, de um emissor que fala e um receptor que escuta e reproduz o que recebe da forma como recebe, e que considera os sujeitos sociais e pedagógicos como fixos, essenciais ou inflexíveis, para Freire, tende a gerar um efeito anestésico nos envolvidos no processo. Em tal narrativa verbalista, tanto receptor, na condição de assistido ou assistente, quanto emissor, dissertador de um conhecimento, distanciam-se e alienam-se de suas práticas cotidianas e históricas e a elas não voltam suas reflexões e esforços a fim de compreendê-las de forma clara e crítica.

Utilizando uma metáfora teológica, significa dizer que tais práticas pedagógicas reivindicam status de salvacionistas. Significa que aquele que detém o conhecimento representado na figura do onipotente e onisciente, iluminado com o dom do saber, é a quem se deve recorrer para fugir da condição de ignorância. Como se a aquisição do saber fosse uma graça, concedida por intermédio de uma intercessão externa, quase que como uma dádiva, uma concessão. O agraciado, recebe, presta reverência e idolatria aquele que o assiste e promete-lhe obediência, porque acredita que é só através dele que a realidade pode ser desvelada. Neste sentido produz-se indivíduos dependentes e domesticados. E assim o movimento se perpetua.

Ademais, práticas assitencialistas implicam, no fundo, em obstáculos à transformação, ou seja, constituem-se em instrumento de dominação, frustrando as expectativas de que os dominados se reconheçam como dominados e tomem consciência da condição em que se encontram. De fato, material e intelectualmente tal concepção, que rejeita a educação como uma situação gnosiológica "é rígida, dogmática e autoritária".

No entanto, Freire dedica uma nota de rodapé (1977, p. 80-81) para indicar que, mesmo nestas condições, a esperança se mantém viva, ao afirmar que a condição de "assistidos" dos indivíduos não é eterna ou imutável. Ele cita os movimentos sociais e populares, especialmente os considerados rebeldes encabeçados pela juventude como questionadores deste modelo e que colocam em cheque a validade dos "comunicados feitos assistencialmente", além de exigirem uma educação que vá além do conhecimento do como, mas que se preocupe com o quê, o porquê e o para quê das cosas, da ação e da existência.

Paulo Freire adota uma postura política muito clara em defesa de uma educação que seja transformadora, e que propicie ambiente favorável à formação do sujeito autônomo capaz de pensar de maneira reflexiva e não somente memorizar. Para ele um processo educativo que alcance tal intento só é possível na medida em que se reconheça a educação como uma situação gnosiológica, fundamentada numa relação marcada pelo respeito e consideração aos saberes do outro e em torno de situações reais, concretas e existenciais. Ao romper com os fluxos unilaterais de comunicação, a interação (professor e educando) tende a se converter em uma situação epistêmica abrindo caminhos para o pensar problematizador. A educação problematizadora se dá a partir do diálogo comunicativo, no campo da comunicação. Não se dá por um emissor que fala

e um receptor que escuta, mas significa diálogo entre sujeitos mediados pelo objeto de conhecimento que por sua vez decorre da experiência e do trabalho do cotidiano. Se efetiva por seres e comunidades humanas que interagem e compartilham experiências, conhecimentos, sentidos de forma direta, ou mesmo hoje, ainda que seja à distância, através de meios artificiais.

Freire destaca que o esforço exigido no processo de problematização, deriva de uma decisão, de uma opção pedagógica dos sujeitos, visto que também não é oriundo de uma iluminação ou de qualquer forma de doação ou concessão, e não se configura como um entretenimento intelectualista ou uma fuga da ação. Muito antes pelo contrário, revela-se como um compromisso com a reflexão e com a ação, pois é inseparável tanto ao ato cognoscente quanto às situações humanas concretas. Uma educação transformadora parte da reflexão do cotidiano dos envolvidos no processo e para ele se volta com um olhar crítico capaz de transformá-la. Não se pode falar em problematização sem a presença umbilical da realidade vivida, do mundo da cultura, da história, enfim, daquilo que resulta das relações homem-mundo e que condiciona seus próprios criadores, os homens.

No entanto, a atitude problematizadora em torno do homem-mundo, além de exigir um compromisso político, uma opção pela transformação social e um engajamento sócio-histórico pressupõe uma postura de humildade. Uma atitude humilde não significa subserviência ou passividade, mas pressupõe fundamentalmente o reconhecimento da ignorância e, mais que isso, implica num posicionamento de abertura ao novo, ao diferente, uma ativa e reflexiva posição de re-admirar-se a partir daquilo que é problematizado. O *Thaumázein* grego é recuperado por Freire quando ele indica que o saber, a problematização, o diálogo comunicativo e a própria noção de transformação têm origem na "admiração", no "maravilhamento" muitas vezes perdido face aos processos educativos assistencialistas alicerçados na transmissão e que não reconhecem a educação como situação gnosiológica. Os sujeitos, nesta perspectiva, estão sempre aprendendo, e sempre haverá algo a aprender.

Todo processo que se quer educativo deve dar lugar à manifestação interativa dos sujeitos que ora convertem-se em educandos e ao mesmo tempo educadores, em lugar de confiná-los a um mero papel de expectadores, receptores ou ouvintes. Neste sentido, para Freire, se a educação configura-se como uma relação entre sujeitos cognoscente, mediados pelo objeto cognoscível, necessariamente ela é um quefazer problematizador, onde ambos reconstroem e re-significam permanentemente seus saberes e no diálogo negociam sentidos.Tal processo é capaz de criar condições favoráveis para que estes sujeitos gerem suas próprias mensagens, de forma autônoma, a fim de que possam apresentar, por sua vez, outras formas de representar o mundo acerca do qual nos comunicamos.

28 de março
Ana Paula Grellert
Ederson Pinto da Silva

O crescimento global das forças ultraliberais se manifesta na educação brasileira com uma série de acontecimentos que visam fragilizá-la em todos os níveis, desde a educação infantil até a pós-graduação. Tal movimento fica evidente quando observamos o crescimento dos ataques promovidos contra a educação, os quais se materializam em cortes de recursos de financiamento

educacional, no cerceamento crescente às perspectivas críticas de educação e discursos como "*basta de Paulo Freire*". Somando-se a isso, a emergência e adesão de diferentes estados e municípios à Proposta de Lei *"Escola sem partido"*, são sinais de que, estruturalmente, busca-se minimizar os fins e sentido da educação para a formação humana do povo brasileiro.

Nesta perspectiva, diante de certa apatia coletiva frente a acontecimentos que ferem diretamente a dignidade humana, cerceando direitos duramente e historicamente conquistados pela classe trabalhadora, dialogar sobre a educação como um *quefazer problematizador* torna-se extremamente necessário. O desmonte da educação pública está em pauta e resistir a este movimento significa que, enquanto educadores e educadoras, devemos lutar de todas as formas possíveis, seja nas ruas, nos nossos setores de trabalho, no nosso bairro, enfim, em todos os espaços possíveis.

Nossa resistência também se dá na sala de aula, na organização do trabalho pedagógico, na ação e reflexão constante sobre a nossa prática pedagógica, nos modos como organizamos a avaliação da aprendizagem dos nossos educandos, firmados em pressupostos político-filosóficos que dialoguem com os sujeitos da aprendizagem, considerando-se também o contexto histórico-cultural destes sujeitos.

Assim, na perspectiva da educação como *quefazer problematizador*, a educação tem o papel de estimular a libertação da consciência visando desenvolver o potencial criativo dos sujeitos, almejando a sua emancipação. Já na perspectiva conservadora, bancária como afirma Paulo Freire, a qual ilustra alguns discursos vigentes na nossa sociedade atual, a educação compreende o educando como um mero depósito de conhecimentos e informações.

Vivemos na era das *fake news,* do acesso imediato às informações, as redes sociais como principais disseminadoras da informação, e isso influencia diretamente os processos sociais e, consequentemente, os processos educacionais. Necessitamos, a cada dia, nos posicionarmos, questionar a veracidade das informações, fazer a leitura da realidade, lidar com a complexidade humana, etc. Estas questões estão relacionadas ao fazer docente e fazem parte da nossa rotina enquanto educadores e educadoras.

Logo, compreender a educação como um *quefazer transformador* é imperativo para nossa ação docente e proporcionar aos educandos o conhecimento dos objetos cognoscíveis em suas múltiplas dimensões é imprescindível. Para Freire (2015, p.109), [...] se a educação é esta relação entre sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo objeto cognoscível, na qual o educador reconstrói, permanentemente, seu ato de conhecer, ela é necessariamente, em conseqüência, um quefazer problematizador.

Assim, assumir a educação como um *quefazer transformador* é necessário, visando inverter a lógica do conhecimento fácil, da superficialidade do conhecer, da rigidez dos objetos cognoscíveis, que fazem emergir sujeitos a-críticos e ingênuos diante do mundo. Este é um desafio constante para os educadores e educadoras, sobretudo, no momento atual que exige muita lucidez para leitura e compreensão da realidade social, educacional e política. É, sobretudo, um desafio para aqueles e aquelas que trabalham com a formação humana, em diferentes espaços, com jovens, adultos, crianças, idosos, seja na educação formal ou não-formal, tal perspectiva de educação como um *quefazer transformador*, mostra-se como uma alternativa viável para a superação do conhecimento ingênuo e construção de uma consciência crítica.

29 de março
Luciane da Rosa

> Desta maneira, na "ad-miração" do mundo "admirado", os homens tornam conhecimento da forma como estavam conhecendo, e assim reconhecem a necessidade de conhecer melhor. (FREIRE, 1983 p. 57)

Neste trecho observamos um encadeamento de ações que vai se construindo para um desvelamento de mundo, onde o sujeito, se percebendo em situação que recebe o conhecimento de outrem, compreende suas capacidades e atenta para uma realidade cheia de possibilidades. E, quanto mais se percebe neste contexto, mais se vê na condição de se ir além. Assim podemos refletir na importância da educação e na própria construção do sujeito, pois onde antes este era guiado, agora passa a andar por conta própria.

Dessa maneira, Paulo Freire nos apresenta como a educação não é tão somente permanência e nem a mudança de algo, mas sim a dialética entre estes que a faz e a refaz.

Explica que a educação é duração, porque dura na contradição dessa permanência-mudança (FREIRE, 1983). Ela se faz permanente no sentido em que observa a realidade e que ao observar esta realidade, a entende, a desvenda e a refaz em um jogo constante. E "[...] transformando o mundo, sofre os efeitos de sua própria transformação". (FREIRE, p.51, 1983). Nessa dialética o processo educativo se torna durável, pois permanece já que se reconstrói e, não fosse esta transformação perante a realidade, simplesmente não seria.

Vemos assim que a educação abre portas para que educador e educando se tornem capazes de juntos conhecerem, de assimilarem a realidade que os dinamizam. Paulo Freire considera que o educador deve sempre procurar o diálogo com seus estudantes para que juntos, possam refletir sobre a realidade e busquem maneiras de problematizá-la, intencionalmente, não para observá-la, mas para a partir disso, transformá-la.

Dessa maneira educador e educando se encontram em sintonia para ir se apoderando mais do objeto de estudo. O "objeto (que pode ser uma situação-problema), inicialmente "admirado" como se fôsse um todo isolado, vai-se "entregando" aos sujeitos cognoscentes como um subtodo que, por sua vez, é parte de uma totalidade maior". (FREIRE, p.59, 1983). O que os leva a captarem todas as partes para construir e observar algo em sua totalidade.

E nesse ponto Paulo Freire vai discutir sobre a problematização da realidade do mundo para a eficácia de uma alfabetização de adultos. Sendo preciso primeiramente levar em consideração como vivem estes sujeitos, como e no que trabalham, como veem o mundo a sua volta, para então, partindo daí, problematizar e desafiar a reflexão crítica desses educandos. Caso contrário, o educador não provocará a reflexão, não adentrará em *algo* (que seja o objeto do estudo) e sua prática não buscará a conscientização e libertação dos educandos.

É necessário livrar-se das concepções limitadas de assistencialismos, narrações, dissertações e transpor para práticas educativas voltadas para a realidade dos sujeitos. Onde se parte do saber do educando para o saber do educador, e não ao contrário, visto que ambos *possuem* saberes e ambos *buscam* saberes em um ritmo de construções de conhecimentos.

Assim, Paulo Freire chega a grandes questões ao analisar sobre quem decide que temas irão mediar estes diálogos:

> Quem, entre os sujeitos cognoscentes, propõe os temas básicos que serão objeto da ação cognoscitiva? Se a educação, como situação gnosiológica, tem, na relação dialógica, sua essência, visto

> que, sem ela, desapareceria a co-intencionalidade dos sujeitos ao objeto cognoscível, quando começa esta relação? Como organizar o conteúdo programático desta educação?

Sendo o educando e o educador os atores dessa educação problematizadora, Paulo Freire considera que não seria certo que os temas fossem escolhidos por um dos lados (como vem sendo, a visão do educador), mas que o início da conversa destes temas, fossem a própria busca do conteúdo programático.

O educando contribui com uma visão de mundo empírica que pode ser riquíssima para o educador como base para uma problematização dos conteúdos a serem discutidos. Pois o educador que não atenta para a discussão crítica dos conhecimentos trazidos pelo educando, acaba por comprometer-se com uma educação assistencialista e pouco significativa para seus educandos.

Porque quando o educador discute a realidade e os problemas que envolve seus educandos, estes se percebem valorizados e empoderados para a discussão. Aí se percebe um diálogo horizontal e não um monologo vertical.

O educador que não se atenta para este "quefazer", como nos diz Paulo Freire, pode incorrer no erro de priorizar problemas que não são da realidade do educando. E, mesmo que possam parecer supersticiosos e até místicos, o entendimento dos educandos pode oferecer um campo de conhecimento para o tema, objeto ou algo que está em discussão.

Se observamos então a educação como dialógica, não podemos considerar precocemente o que achamos que é importante para os educandos. Não podemos prejulgar seus entendimentos, suas aspirações, seus receios e objetivos. Desse modo, será sempre através do diálogo que a educação irá se construir.

Os temas apresentados pelos educandos, serão sempre temas que irão gerar um diálogo, um problema, por isso Paulo Freie se refere como "temas geradores". Estes serão compreendidos, analisados pelos educadores, que lhes devolverão como temas problematizados. A partir daí a dialogicidade mediará uma educação crítica e conscientizadora.

30 de março
William Costa Monteiro

A obra de Paulo Freire intitulada Extensão ou comunicação foi escrito no Chile, em 1968, como um ensaio que buscou analisar a comunicação entre o técnico e o camponês. No processo de análise, Paulo Freire deixa claro a contradição existente entre os termos "extensão" e "comunicação" em relação ao trabalho do técnico (agrônomo).

O técnico nesse caso é considerado um "extensionista" por apenas praticar uma extensão do seu conhecimento, sobrepondo assim, seu saber sobre a cultura do camponês. Nesse caso, o termo "extensionista" está ligado a ação de quem faz a extensão. E em termos semânticos, como destacou Paulo Freire, a palavra extensão tem conotação ligada a transmissão cuja ideia caminha para a prática da invasão cultural.

A própria expressão "invasão cultural" deixa claro que se refere ao sujeito (técnico) que invade o espaço histórico e cultural do camponês, reduzindo-o apenas a objetos de sua ação.

Nesse processo de extensão do conhecimento do técnico e ao mesmo tempo se caracterizando como uma invasão cultural que o modo antidialógico ganha contornos. Nesse cenário de

antidialogicidade se estabelece relações autoritárias. Enquanto o técnico diz sua palavra, o camponês apenas ouve a palavra sem dizer a sua. Esse modo implica o ato de conquistar e manipular o camponês.

Contrário à ideia antidialógica, colocamos no outro polo a prática dialógica que se apresenta como a ação de comunicar ou dialogar com os camponeses. É desta forma que os técnicos podem conhecer sobre suas técnicas e agora não mais invadir a sua cultura. Assim, somente na prática dialógica que é possível falar no processo de pesquisa do "**tema gerador**" em oposição a prática do extensionista.

Nesta prática a busca pela temática é posta aos camponeses em diálogo com o educador (o agrônomo), ambos pensantes, e neste processo o camponês ao se esmerar de suas percepções da realidade a qual vive vai apreendendo suas contradições existenciais de tal forma que a temática levará a descoberta de outros temas. A partir da realidade vivida pelo camponês e do seu universo cultural que ao ser desvelada vai se transformando e desta percepção que o conteúdo da prática educativa (quefazer) surge. Esse processo pela busca do tema gerador consiste na Investigação temática.

A busca pelo tema gerador é realizada nos "círculos de pesquisas" em sentido mais amplo, na busca de temas que sejam mais universais para o camponês, ou tal busca pode caminhar para os círculos de cultura, isto é, o levantamento de temas que sejam mais específicos do grupo. Assim, esse modo de pensar a prática educativa (quefazer) se apresenta de forma oposta a prática do extensionista que apenas transmiti conteúdo e impõe seu conhecimento.

O tema gerador surge das contradições existenciais as quais estão apresentadas de forma codificada. A exemplo, essas codificações podem aparecer como situações do trabalho ligados a um procedimento não eficiente. A contradição existencial (ou situação problema) identificada pelos sujeitos envolvidos (camponeses e técnicos) buscam em ato dialógico a compreensão significativa do problema existente.

Essas contradições existenciais identificadas são às vezes encobertos pelas situações-limites as quais se apresentam como determinantes históricos e impõe ao camponês a adaptação a forma de pensar do extensionista que tem a intensão da domesticação. Por isso mesmo que se faz necessário romper com a barreira imposta pelas situações-limites e, ao contrário, que o camponês possa vislumbrar o inédito-viável como uma possibilidade para mudança e transcender essas situações no sentido buscar soluções.

Com essas premissas se faz necessário no processo de conscientização do camponês através de sua inclinação para a percepção da realidade que o cerca. Com isso, ao buscar a compreensão significativa do problema que o cerca, o camponês buscará uma nova postura de caráter crítico em relação a sua percepção do mundo. Desta forma, o papel do técnico não consiste mais em apenas narrar ou estender seus conhecimentos, mas desafiar os camponeses no sentido que eles compreendam a dimensão significativa do conteúdo temático o qual estão imersos.

Esse processo de codificação por meio da captação da realidade de forma crítica pelo camponês e por mediação do técnico, ambos em ato de diálogo, é importante para o próximo passo que consiste no ato de descodificação do problema identificado. Nesse instante, a descodificação exige dos sujeitos envolvidos uma reflexão em torno do problema no sentido de superá-lo e com isso leva a constante busca pela transformação de sua realidade.

Essa busca da descodificação de uma situação existencial exige dos sujeitos envolvidos a prática de uma cisão da realidade (ou a descrição da situação) no sentido de melhor compreendê-

lo. Com isso a ação da investigação temática permite ao investigador temático compreender a partes com as quais fará a interação com o todo.

Assim, esse processo de descodificação significa que os sujeitos (camponês e técnicos) envolvidos na prática da busca por temas significativos, que consiste em problemas concretos, caminham para a ruptura do conhecimento inicial sobre a realidade que ora parecia mágica e ingênua, para a compreensão mais crítica à medida que vai problematizando tais contradições identificadas e vai, desta forma, desvelando mais a realidade de sua vida no campo.

Em outro momento da descodificação, à medida que ocorre a percepção crítica da realidade e quando não há mais explicações ingênuas da situação, o sujeito ao realizar uma análise crítica que a codificação representa, o seu conteúdo (a proposta dialógica de capacitação do camponês pelo técnico-agrônomo), consiste na própria realidade a qual incide a crítica. Neste ponto vale deixar claro a relação entre o técnico- agrônomo e o camponês. O agrônomo- educador pautado em uma prática de diálogo com os camponeses com vista para a sua capacitação apenas se dá de forma dialógica na prática da busca do tema gerador que, em ato de investigação pela busca de temas significativos, apenas é possível juntos com os camponeses dentro de sua realidade ou contradição existencial (problemas próprios do quefazer do homem do campo). Este fato rompe com a ideia do agrônomo extensionista que visa apenas transferir conhecimento, promovendo a invasão cultural. Desta forma, somente na busca do tema gerador há comunicação, pois agora o camponês além de ouvir a palavra do técnico pode dizer a sua e, com isso, juntos na busca de temas significativos no sentido de superar os problemas identificados através de reflexões críticas.

Freire deixa claro que o propósito de investigar o tema gerador estar ligado ao pensar do homem (e no caso do homem camponês) sobre sua realidade que, além disso, consiste em investigar como esses homens (camponês) atuam no seu quefazer e para Freire é na sua realidade que está sua práxis. A práxis está relacionada ao ato de agir ligada ao ato de reflexão direcionada para a transformação da realidade. Assim, para Freire a investigação do tema gerador consiste em investigar o pensar do homem ligado à sua realidade, sua forma de atuar sobre essa realidade, que na verdade é sua práxis.

31 de março
Martinho Condini

Para o mestre Paulo Freire a inserção crítica do homem na realidade é uma condição sine qua non para que o mesmo se cinta inserido na sociedade. Estou convencido que dois conceitos fundantes na perspectiva freireana, a conscientização e a criticidade estão diretamente relacionados com a possibilidade da inserção crítica dos homens na realidade. O processo de conscientização e participação dos oprimidos e excluídosno processo histórico. Na obra *Pedagogia do Oprimido* Freire demonstra que a condição primeira para se construir um conhecimento crítico da realidade é necessário que as pessoas possam se inserir no processo histórico, afinal de contas os oprimidos e excluídos tem o direito de serem também protagonistas e não meros coadjuvantes do processo histórico. Isso se dará a partir do momento em que o oprimido tenha consciência de sua concretude diante dos fatos e numa sociedade democrática que respeita os valores culturais de todos ou em uma sociedade autoritária e preconceituosa.

Para Freire, isso ocorrerá por meio de um processo de conscientização, pois a mesma é uma atitude humana que ultrapassa a esfera da realidade, pois para se chegar a uma visão crítica da realidade, o homem deve assumir uma posição de constante busca pela transformação e participação. Este processo de conscientização, só existirá nas "práxis", isto é, no ato da ação-reflexão. Podemos entender a conscientização como um compromisso histórico, uma crítica na história, que nunca termina. Isso possibilita aos homens assumirem o papel de sujeitos que constroem e desconstroem o mundo, porque este mundo não está pronto e estático, e sim em constante movimento.

A conscientização sugere que o homem, ao perceber a sua condição de oprimido, conquistará a liberdade se ele transformar a sua condição real. Isso ocorrerá com sua inserção crítica na realidade. Pensar na transformação por meio das ideias levaria o homem apenas ao idealismo filosófico. A conscientização gera o entendimento da realidade e a inserção na mesma e pode ser compreendida como prática para a libertação.

Para Freire a "conscientização é o olhar mais crítico possível da realidade, que a 'des-vela' para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante".

A conscientização compreendida como processo de criticidade torna-se fator determinante para assumir o comprometimento humano diante de um contexto histórico-social. Esse comprometimento possibilitará que haja um processo de inserção cada vez mais complexo dos homens na realidade social e possibilitará uma compreensão cada vez mais transparente do papel que cada uma exerce nesse processo histórico, tornando esses homens seres histórico na melhor compreensão do termo.

Em relação a criticidade, Freire afirma que é a capacidade que os homens têm de refletirem da maneira crítica sobre a realidade do seu cotidiano e ao mesmo tempo constatar, conhecer e intervir a fim de transformá-lo.

Pensando essa questão da inserção crítica na realidade pelo viés educacional e pedagógico, retornamos a Pedagogia do Oprimido, onde Freire trabalha a ideia de que pensar com criticidade é pensar certo como condição primordial para superar o que ele denomina *'curiosidade ingênua'* e assim construir um pensamento e conhecimento crítico com base numa teoria e numa prática que podemos denominar de práxis transformadora. Nesse viés podemos dizer que a ação e a reflexão juntas possibilitam o debate e o diálogo sobre a sociedade e dessa maneira a inserção crítica na realidade. Logo, o pensar certo é o pensar com criticidade e que fundamentará a construção de uma pedagogia libertadora, que problematizará as condições da existência humana e incentivará ir a luta e em busca de superar as condições desumanas de vida. Para Freire, essa luta só terá sentido se partir da iniciativa dos oprimidos e precisará ser reforçada com a participação de verdadeiros humanistas que juntos irão a busca de um mundo mais justo para todos.

Lembrando que o papel da escola e do educador nesse processo é relevante pois possibilitará um engajamento oriundo do espaço escolar, espaço esse fecundo para as reflexões, debates e troca de ideias, onde a reflexão crítica pode ser desenvolvida até as últimas consequências. Isso porque o espaço escolar é um espaço de construção de conhecimento e um espaço para se experiênciar novas ideias.

Assim sendo, podemos perceber que para Freire a inserção critica do homem na realidade ela dever ocorrer sim e de uma maneira natural em seu cotidiano. Mas ao mesmo tempo para

que isso tenha uma efetividade, ou seja, um resultado prático, que em nosso caso é o entendimento desses homens em relação a sua realidade e ao seu papel histórico é necessário que alguns elementos estejam presentes, senão isso não acontecerá. A conscientização e a criticidade dois aspectos significativos e significantes nesse processo. É também importante frisar como esse processo se delineia no âmbito escolar e educacional onde o exercício da reflexão sobre a realidade por parte dos alunos é de suma importância para que futuramente quando esses alunos já forem adultos e estejam inseridos na sociedade estes tenham o discernimento de inserir-se com criticidade na realidade da sua sociedade e atuar no processo de transformação e construção de uma sociedade justa e digna para todas e todos.

SÍNTESE DO MÊS

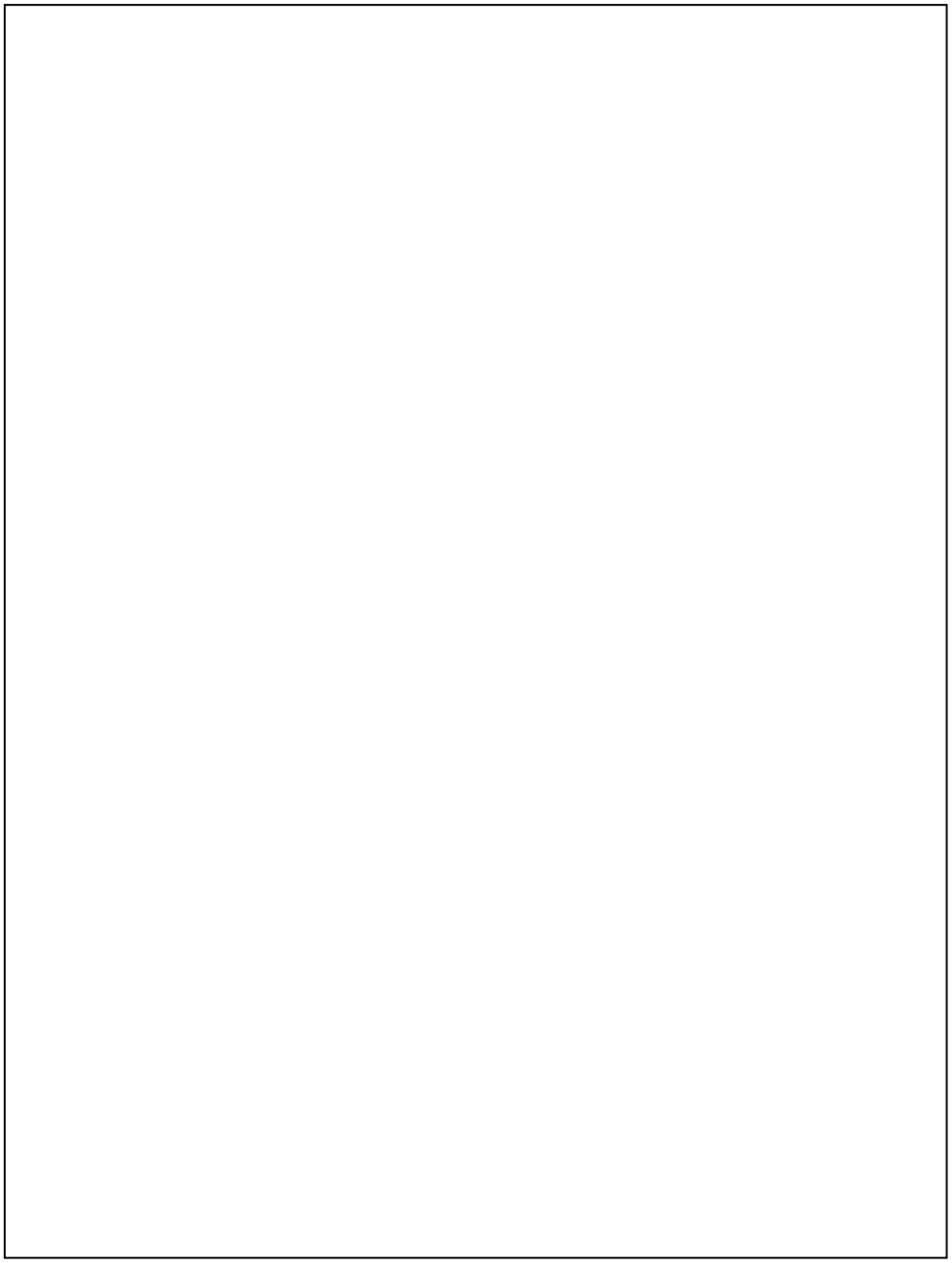
UMA PALAVRA

UMA FRASE

UM PARÁGRAFO

IMAGEM PEDAGÓGICA

(Desenhe uma imagem que simbolize as aprendizagens acumuladas das leituras deste mês para você dialogar com seus companheiros/as de caminhada).



ABRIL

Ação Cultural para a Liberdade

Palavra

Cultura

Frase

A preocupação central de Freire nessa obra é reunir seus artigos sobre educação como uma ação cultural libertadora.

Parágrafo

Muitos temas são abordados nessa obra, mas todos eles têm um fio condutor central: a educação como ação cultural, como um produto da cultura humana que é feita em diferentes espaços sociais e momentos da vida, bem como com diversos sujeitos, seja na alfabetização, na igreja, com camponeses, sempre em vista da conscientização dos seres humanos. O ser humano como ser da natureza e sujeito da cultura é um fazedor da sua própria história e a educação ocupa lugar central nessa construção.

01 de abril
Michele Guerreiro Ferreira

O presente texto é uma reflexão que sempre utilizo com minhas/meus estudantes nos primeiros dias de aula sobre as "Considerações em torno do ato de estudar", com as quais Paulo Freire (1978) inicia a obra Ação Cultural para a Liberdade. Tais considerações foram escritas durante seu exílio no Chile no ano de 1968 e serviu de introdução à apresentação das referências bibliográficas que foram expostas às pessoas que participavam do Seminário Nacional sobre Educação e Reforma Agrária naquele país. Freire procurava mostrar àquelas pessoas que uma referência bibliográfica não é apenas uma listagem de textos feitas ao acaso, mas representa determinados objetivos que devem ser claros a quem a indica e, ao mesmo tempo, deve se colocar como desafio a quem a recebe. Assim, é dito pelo autor, que os livros colocados em uma lista de referências, não devem ser vistos como uma prescrição dogmática, todavia devem ser estudados e "não folheados como quem apenas lê por alto".

Algo que nos chama a atenção é que para falar sobre ação cultural para a liberdade, Freire inicia tecendo considerações sobre o ato de estudar, e é o próprio que afirma: "Estudar é, realmente, um trabalho difícil" (FREIRE, 1978, p. 08). Sendo um trabalho considerado difícil pelo próprio Paulo Freire, carrega em si exigências para enfrentar tal trabalho. E aqui, destaco duas premissas: 1) o autor, chama o estudo de trabalho, o que denota um esforço e uma ação sistemática diante do mesmo e; 2) se no trabalho precisamos desenvolver uma disciplina, com o estudo não é diferente, é preciso desenvolver uma disciplina intelectual, a qual só se consegue praticando-a.

Diante de tais premissas, considero relevante quando o autor destaca a postura que se exige da/o estudante na construção da sua disciplina intelectual, mostrando que numa perspectiva bancária da educação basta uma leitura mecânica, memorizando apenas o que será solicitado em um exame qualquer. Sempre reforço que nem toda/o aluna/o é estudante, pois é muito fácil tirar o seis ou sete da prova. Basta memorizar o que será pedido e depois de tantos anos na escola, sabemos perfeitamente o que se espera para meramente passar de ano. E isto nada mais é que fruto da educação bancária que conhecemos muito bem. Por outro lado, a postura crítica diante da leitura, coloca o estudante ou a/o leitora/or como sujeito que não segue "cegamente o que foi dito pelo autor", a postura crítica causa uma inquietação intelectual diante de sua realidade concreta ou, nas palavras do autor: "a atitude crítica no estudo é a mesma que deve ser tomada diante do mundo, da realidade, da existência. Uma atitude de adentramento com a qual se vá alcançando a razão de ser dos fatos cada vez mais lucidamente" (*Ibid.*, p. 09).

De antemão, o autor nos lembra que tal atitude crítica não é algo dado, evidentemente, é preciso também uma atitude humilde diante do texto em estudo, pois sua compreensão não é algo que se recebe de presente. Exige trabalho paciente de quem por ele se sente problematizado, ou seja, quando nos sentimos desafiados, seja pelo texto, seja pelo mundo, devemos ter uma atitude humilde para sabermos que sua compreensão vai exigir de nós certo esforço, por isso, não digo que haja textos difíceis, mas textos exigentes. Quantas/os de nós não nos deparamos com um texto no começo de um curso de difícil compreensão, mas que com o passar do tempo, voltamos a ele e o achamos claro, didático, que nem nos lembramos das dificuldades que tivemos com ele em outro momento? Por isso, Paulo Freire nos mostra que o importante não é estudar muito, mas estudar certo: "Não se mede o estudo pelo número de páginas lidas numa noite ou

pela quantidade de livros lidos num semestre. [...] Estudar não é um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las" (*Ibid.,* p. 10).

Para nos auxiliar nesta difícil empreitada que é estudar, Paulo Freire nos auxilia mostrando-nos pelo menos três estratégias para se construir uma atitude crítica diante do texto em estudo:

1. O fichamento das ideias cenbtrais do texto – seja por meio de fichamentos, de mapas conceituais, de anotações livres, não importa! O importante é sempre anotar as principais ideias que o texto está nos apresentando. Esta estratégia, ajuda-nos a sintetizar e a organizar as ideias, sem falar que em outro momento, quando precisarmos dos conceitos apresentados neste texto, não precisaremos voltar a lê-lo na íntegra, basta voltarmos a nossas próprias anotações. O que não é o mesmo que grifar o livro todo. Se apenas grifamos o livro, sempre teremos que voltar à sua leitura integral e precisaremos sempre carregar todos os livros lidos. E não apenas os fichamentos e anotações quando precisarmos.

2. A curiosidade diante do texto e do mundo – é importante estimular a curiosidade, indagar o texto, indagar a realidade, indagar a si mesma/o. Tal postura nos leva a refletir sobre a realidade, sobre nosso posicionamento diante do mundo, e isto nos leva a pensar certo. E pode nos levar a agir certo. A curiosidade quando vai deixando de ser ingênua e se tornando epistemológica carrega consigo forte potencial praxiológico.

3. A busca de outras bibliografias / a pesquisa – estudar é estar em diálogo com a/o autora/or que produziu o texto em estudo e também com outras/os. É aprofundar-nos diante do que nos desafia. Para Freire é preciso estar "a par da bibliografia que se refere ao tema ou objeto de sua inquietude" (*Ibid.*, p. 10). Assim saímos da superficialidade, abandonamos os achismos e nos fundamentamos melhor.

As considerações de Paulo Freire em torno do ato de estudar mostram-nos que apesar de ser um trabalho difícil, é algo necessário para de fato aprendermos algo que faça sentido para nossas necessidades de compreensão do mundo. Porque se nós não o compreendê-lo não poderemos transformá-lo. O processo de humanizar-se na perspectiva freireana é dizer-se e não aceitar ser dito por outro. É fazer-se na história e não ser feito pela história de outro, daí que estudar é um ato de comprometimento de cada uma/um consigo mesma/o e com o mundo.

02 de abril
Adriana Regina Sanceverino

Ao analisar a obra de Freire: Ação Cultural para a Liberdade, a partir do trecho acima descrito, é possível compreender que pensar alfabetização de pessoas implica considerar o ato de ensinar e o ato de aprender a língua oral e a escrita segundo o modo de produção de vida da sociedade. Vale dizer que, a partir do movimento em que estes elementos se encontram introduzidos socialmente, é o próprio processo de transformação da realidade humana. É imprescindível consideramos, então, as condições concretas em que os homens e as mulheres estão inseridos para não cairmos na apologia deste ou daquele método de ensino-aprendizagem. Historicamente, a cultura ocidental deu à palavra um peso fundamental.

À medida que as relações sociais ganharam complexidade, as palavras passaram a ser exercidas numa dimensão não apenas oral, mas também escrita. Isso porque, chegou a um momento em que as condições de produções históricas se alteraram, um momento caracterizado pelo notável desenvolvimento do comércio, das artes, do governo, da agricultura, de manufaturas, de transportes, cuja complexidade geográfica social e econômica originada neste momento de emergência do capital de circulação dos homens e das mulheres na mercadoria não poderia funcionar se não existisse a escrita.

Contemporaneamente, aprender a palavra, dominá-la, encontrar a procedência e a justeza de seu uso tornou-se um crescente desafio para podermos compartilhar nesses tempos em que os verbos ler e escrever passaram a ser utilizados como quase sinônimo de acesso ao trabalho e à formação da cidadania. Desse modo e considerando a natureza discursiva da linguagem, o objetivo do ensino da língua portuguesa e mais especificamente, da alfabetização, objeto de estudo para a educação de pessoas jovens e adultas, deve ser no desenvolvimento da competência textual, ou seja, o domínio da capacidade de produzir e interpretar textos escritos e orais.

Para Freire (1981),

> A primeira exigência prática que a concepção crítica da alfabetização se impõe é que as palavras geradoras, com as quais os alfabetizandos começam sua alfabetização como sujeitos do processo, sejam buscadas em seu 'universo vocabular mínimo', que envolve sua temática significativa. (FREIRE, 1981, p.15)

Nessa perspectiva corroboramos com Freire (1981) em defesa das palavras geradoras buscadas no universo vocabular dos(as) sujeitos(as), naquilo que é significativo para eles(as). Isso porque para o nosso entendimento essas palavras contêm textualidade, como elemento objetivo determinado pelas condições históricas postas e que, hoje não sustentam mais uma perspectiva de alfabetização em que a leitura e a escrita da forma como vem vêm sendo ensinadas, não atendem nem se quer as exigências da sociedade capitalista na sua atual dimensão, muito menos, criam condições para superação deste modelo.

Embora a língua se divida em um conjunto de sinais, é a situação de interação que define como estes sinais sãos organizados para dar sentido àquilo que está sendo dito ou escrito, ou seja, sem o código, não existe linguagem, entretanto, não é o código que é determinante do significado. O contexto é que vai dizer como é que aquele código é capaz de realizar ou não um determinado significado. As condições concretas em que cada sujeito(a) produz a sua interpretação do mundo produz a emissão do seu discurso. A condição concreta que cada um tem do próprio domínio do código, são produções diferentes que depende da experiência de cada um.

Assim, uma pessoa pode até dominar bem um código, ter clareza do que quer, dizer e produzir tecnicamente perfeito o seu discurso. Entretanto, não será compreendida por outra pessoa que, ao fazer a leitura que, ao fazer a leitura estará realizando-a a partir de suas condições concretas de produção, da emissão do discurso, da enunciação. Com efeito, não basta o domínio técnico, pois, não existe garantia para interpretação literal de um discurso, uma vez que a interpretação do(a) outro(a) será determinada pelas suas relações sociais, pela vida, pela experiência prática, vale dizer, pela condição social do(a) outro(a) sujeito(a) que lhe dá condições concretas de interpretação

Eis um exemplo bastante elucidativo que aparece em uma das estrofes da música: Eu Te Amo, composta e interpretada por Chico Buarque e Antônio Carlos Jobim: "Rompi com o mundo, queimei meus navios". O que os compositores querem dizer, qual é o sentido dessa me-

táfora? Significa que é impossível voltar atrás. Mas, só vai entender quem na sua vida teve a oportunidade de conhecer a história do Cortez e do General. Se nas condições de vida desse(a) sujeito(a), ele(a) foi destituído(a) da possibilidade de ter o domínio da literatura clássica, ele(a) nunca vai saber interpretar isso. Se tomarmos o campo da literatura clássica, este é um dado dos mais comuns para quem conhece a história das Américas. No entanto, não é comum para a maioria da população.

Não se trata, portanto, de uma questão de técnica, mas de posição daquele sujeito que enuncia ou que interpreta na sociedade. Desse modo, a possibilidade de interpretação da mensagem é apenas parcial, pois o código é apenas um dos elementos daquele conjunto que constitui as condições concretas, tanto da enunciação quanto da interpretação do discurso. Eis porque não dá para centrar o ato de ensinar e o ato de aprender puramente na questão do código.

Desse modo, tomemos a linguagem como objeto do processo de alfabetização da EJA, que é determinada pelas relações sociais, isso é interlocução, é representação, portanto, é prática social. Nesse sentido, a maneira de dizer e a maneira de interpretar, não dependem apenas do instrumento que é a linguagem, mas depende de todas as condições de construção de emissão e de recepção do discurso que é próprio do mundo.

Por isso, a linguagem precisa ser entendida sob o ponto de vista social, mas não só sob o ponto de vista da linguística. Se não vejamos, a estrutura linguística da linguagem do (a) caipira, por exemplo, só dá conta no âmbito em que ele(a) vive ao passo que a linguagem que o(a) cidadão(ã) deve ter acesso, é a linguagem universal, necessária para a comunicação na sociedade burguesa. Aquela linguagem rural é, na verdade, a expressão da exclusão social, pois este(a) sujeito(a) não poderá apreender os fenômenos que estão presentes na sociedade com aquela linguagem. Com efeito, isso lhe cria um cerceamento social.

O(a) professor(a) precisa romper com aquela concepção tradicional muito solidificada na ideia de que a linguagem é exclusivamente comunicação, pois, sob o ponto de vista desta teoria, ter o domínio técnico da linguagem garante a qualidade da comunicação. Esta concepção estruturalista tira a linguagem do campo político, da luta política, da luta ideológica e coloca no campo puramente técnico. Nesse sentido, a alfabetização tomada como processo de apropriação da língua escrita assume na escolarização, um papel fundamental de instrumentalizar os(as) sujeitos(as) para a inserção da cultura letrada.

Nesse empreendimento, os(as) professores(as) alfabetizadores(as), seja na sala de aula ou nos espaços de encontro, com os(as) alunos(as), têm o papel de possibilitá-los(as) a atuarem com a estrutura semântica da linguagem, com a textualidade, com a produção de significados. Para tanto, devem ajudá-los(as) a ampliarem seu domínio de uso das linguagens verbais e não verbais pelo contato direto com textos de variados gêneros, orais ou escritos. Bem como, aprimorar as possibilidades de domínio discursivo na oralidade, na leitura e na escrita, para que compreendam e interfiram nas relações de poder, em relação ao pensamento e às práticas de linguagem imprescindíveis ao convívio social.

Ressalta-se ainda, o fato de a língua ser o meio e o suporte de outros conhecimentos, o que torna o(a) professor(a) alfabetizador(a) agente de alavancamento das relações interdisciplinares. O que proporcionará a esse(a) profissional comprometido(a) com uma ação pedagógica de qualidade para todos(as) os(as) alunos(as), derrubar mitos que sustentam o pensamento único, padrões preestabelecidos e conceitos tradicionalmente aceitos, facilitando aos(as) educandos(as) tanto o entendimento do poder configurado pelas diferentes práticas discursivo-sociais

quanto à emancipação e à autonomia como também, para construir relações sociais mais includentes. Haja vista que o domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social.

Embora muitas pessoas, atualmente, possam estudar, a maior parte da população adulta não chega a ler. Isso porque, a escolarização, no caso da sociedade brasileira, não leva à formação de leitores(as) e produtores(as) de textos proficientes e, às vezes, chega mesmo a impedi-la. Desse modo, nesta contemporaneidade, ler ainda continua sendo, somente, privilégio das elites intelectuais brasileiras. Portanto, é preciso reconhecer que as aulas expositivas tradicionais as quais apenas expõem analiticamente os conteúdos e deixam as atividades orais e de leitura por conta de uma aprendizagem espontânea ou, somente, para a área da língua portuguesa, não contribuem para a formação de sujeitos críticos e autônomos uma vez que desconsideram a constituição interativa da linguagem.

Da mesma forma, a prática do(a) professor(a) alfabetizador(a) que passa, boa parte de seu tempo, ensinando apenas as unidades menores da língua: letras e sílabas e se esquece da textualidade não acrescenta conhecimentos significativos na formação de leitores(as). Com efeito, para formar usuários(as) da língua, é fundamental que o(a) professor(a) planeje situações didáticas em que o(a) aluno(a) ocupe sistematicamente a posição de leitor(a) e de escritor(a), a fim de que leitura e a escrita penetrem nas suas entranhas e façam parte de sua existência. Escritores(as) e leitores(as), não de letras, de sílabas, de palavras ou de frases descontextualizadas, mas leitores(as) conscientes do mundo e da linguagem, do discurso sobre o mundo. E isso só é possível se a língua entrar na escola da mesma forma que existe na vida lá fora, ou seja, por meio de práticas sociais de leitura e escrita.

Por isso, a alfabetização de pessoas adultas, tomada como aprendizagem inicial da leitura e da escrita, não pode se dar fora do contexto de letramento que potencialize o domínio da linguagem. Isso implica que a escola trabalhe numa perspectiva de fomentar a cultura letrada formando alunos(as) que saibam produzir e interpretar textos de uso social, orais e escritos, nas mais variadas situações comunicativas que permitam a participação no mundo letrado.

Para tanto, cabe ao(a) professor(a), na sua tarefa de articular mediações, potencializar a atividade intelectual do(a) aluno(a), leitor(a) e escritor(a) em potencial, para praticar, para construir o hábito, para sentir o prazer da autoria, divertir-se com as nuances das palavras, anunciarem os sonhos, vivenciar as metáforas poéticas, revelar a vida, denunciar a dor, sentir-se anestesiado pela imaginação, sobretudo, que se sinta arrebatado pelo poder do conhecimento. Assim,

> [...] somente a alfabetização que, fundando-se na prática social dos alfabetizandos, associa a aprendizagem da leitura e da escrita, como um ato criador, ao exercício da compreensão crítica daquela prática, sem ter, contudo, a ilusão de ser uma alavanca da libertação, oferece uma contribuição a este processo. Daí que não possa ser este um que fazer das classes dominantes". (FREIRE, p.19, 1981)

03 de abril
Marcelo da Silva Souza

A discussão que Paulo Freire faz sobre a relação dialética entre teoria e prática, bem como sobre sua indissociabilidade, atravessa não apenas as obras por ele escritas, mas, sobretudo, o decurso temporal vencido até aqui.

É nessa concepção de práxis, ou seja, do concatenamento ideal entre o que digo e faço, entre discurso e prática, entre reflexão e ação, que achamos desvelado o conceito de vivência educativa como sendo algo insuficiente fora de sua relação com o "contexto concreto, histórico, social, cultural, econômico, político, não necessariamente idêntico a outro contexto" (FREIRE, p. 14). É por assim dizer, que há muito, Freire pôs em evidência a impossibilidade de a prática educativa ser neutra, uma vez que está se dá dentro de uma esfera maior, de onde a cultura fala alto e o social se faz notar.

É imprescindível que tenhamos em mente, como professores conscientes de nosso papel numa sociedade de classes, que a unidade entre a prática e a teoria se vai delineando em conformidade com um processo de orientação: podemos orientar nossa prática para a libertação dos sujeitos em sociedade ou podemos, por outro lado, orientá-la ao processo de mecanicização, domesticação e nulificação dos sujeitos no mundo dividido pela conhecida dicotomia dos dominados e dos dominantes.

No tocante ao mundo dos dominantes, Freire nos direciona ao entendimento de que a relação entre teoria e prática que atende aos anseios daqueles é aquela em que a técnica da qualificação da mão-de-obra, por exemplo, se pretenda "neutra". Para a alfabetização de adultos, a neutralidade vai se mascarar pelas palavras fora da realidade do alfabetizando e das reais possibilidades de desenvolvimento destes. Contrária a isso, a perspectiva crítica da alfabetização busca a significância do fazer pedagógico, em cujas bases as palavras geradoras assumem papel fundamental para o encontro entre os alfabetizandos, a realidade de que fazem parte e, consequentemente, para sua assunção como sujeitos do processo. As palavras geradoras a que nos referimos devem levar em conta os níveis da linguagem, não podendo apenas se restringir ao nível puramente fonético, mas devem alcançar também o pragmático, ou seja, a palavra viva na relação com o uso, que determina a força social que ela exerce na realidade de quem está sendo alfabetizado.

Nesse sentido, alfabetizar ganha uma nova roupagem. O uso, a realidade e a necessidade vão determinar, inclusive, o que é analfabeto. Nos termos freireanos, "ninguém é analfabeto por eleição, mas como consequência das condições objetivas em que se encontra. Em certas circunstâncias, 'o analfabeto é o homem que não necessita ler', em outras, é aquele ou aquela a quem foi negado o direito de ler" (Freire, 1981, p. 22). Dois tipos, portanto, de analfabetos aí são postos. O primeiro é aquele cujas memória e comunicação são auditivas, já que em seu mundo a palavra escrita não foi introduzida. O segundo, por sua vez, é o que está rodeado por uma cultura escrita, mas a ele foi negada a verdadeira condição de participação, não tendo a oportunidade de alfabetizar-se.

Pelas experiências do mundo, pelo trabalho, pela atuação social, é que esse homem desenvolve sua práxis, produz e revoluciona, transforma o mundo, descobre. Descobrindo, consegue alcançar o essencial: "a) que os freios a seu direito de "dizer sua palavra" estão em relação direta com a não-apropriação por eles dos produtos de seu trabalho; b) que o fato de trabalhar lhes proporciona um certo conhecimento, não importa se são analfabetos; c) que, finalmente, entre os seres humanos não há absolutização da ignorância nem do saber. Ninguém sabe tudo; ninguém ignora tudo. " (FREIRE, 1981, p. 23)

Tendo isso em mente, a alfabetização de adultos requer que o ensino seja eminentemente crítico, ou seja, que os educandos entendam e vejam sua realidade como ela é, desvendada e clara, sendo que "somente a alfabetização, que fundando-se na prática social dos alfabetizandos, associa a aprendizagem da leitura e da escrita, como um ato criador, ao exercício da compreensão crítica

daquela prática" (IDEM, 1981, p. 26). Isso não significa a libertação, em si, dos sujeitos, mas a contribuição ao processo de libertação.

O que tenho chamado de "justa desobediência" dialoga muito bem com a perspectiva crítica da alfabetização. De posse do conhecimento adquirido sobre a realidade em que está inserido, o educando lê o mundo de forma crítica, sabe quem é João, por que é João, a quem João serve, por quais motivos é interessante ou não que João permaneça como sempre esteve e a quem interessa a obediência de João frente ao cárcere emoldurado pela história. Toda obediência é justa ou, de alguma forma, a obediência também pode representar a prisão dos sujeitos frente às reais condições de seu desenvolvimento? Mas é preciso ter em mente que a justa desobediência à qual nos referimos não significa baderna, mas exige reflexão-ação-reflexão constante. Assenta-se na resistência, ainda que esta seja dolorida e difícil, mesmo que a culpa por sermos oprimidos ainda recaia sobre nós mesmos. É entender que para resistirmos é preciso que antes existamos, pois é da nossa existência e por ela que a luta se faz. É, portanto, a porção essencial da luta pela libertação dos sujeitos em sociedade.

04 de abril
Avanilde Polak

Todos têm o que dizer e a quem dizer. Cada ser humano acumula ao longo de sua vivência uma bagagem de conhecimentos. Conhecimentos esses que podem vir de teorias e/ou histórias compartilhadas ou experiências pessoais. Independentemente do contexto, a valorização dessa bagagem de conhecimentos é o que move a sociedade, bem como, pode ser a responsável por estreitar relações interpessoais.

Cada vez que se fala na teoria freiriana sobre alfabetização, logo vem a tona a relação com a realidade dos alfabetizandos e a busca pela(s) palavra(s) que desencadeiem o processo de alfabetização.

Nesse fragmento, Freire esboça uma experiência realizada com um grupo de camponeses em Santiago em meados de 1968. Dessa maneira, a preocupação era tentar relacionar o processo de alfabetização a realidade do campo e assentamentos, partindo de realidades pontuais para a totalidade e reflexos nas práticas cotidianas.

O processo de alfabetização teve sua marca nesse contexto por dois obstáculos principais, primeiro a desmotivação e fata de autoestima dos envolvidos e segundo a quebra com a concepção ideológica imposta pela classe dominante.

No primeiro caso o que foi enfatizado por Freire foi a preocupação dos camponeses que tinham a falsa crença de que não possuíam conhecimento necessário para compartilhar algo com outras pessoas, ou seja, nesse contexto além do conhecimento sobre as letras e sílabas ainda havia a necessidade de evidenciar a importância individual de cada ser. Dessa forma, compartilhando experiências individuais do senso comum e práticos com o próximo.

O segundo obstáculo foi o rompimento com a ideologia dominante imposta por grandes latifundiários que, na maior parte dos casos, colocavam a ideologia dos camponeses como seres atrasados, sem conhecimento e não dignos de desfrutar as benesses da terra.

O registro dos textos foi um processo longo. Após o término e a organização dos mesmos em coletânea como livros contribuiu para o desenvolvimento da autoconfiança, fazendo com que

esses camponeses passassem a se reconhecer como parte importante na engrenagem social, dotados de conhecimentos diferentes dos técnicos formados (agrônomos, veterinários, etc.), porém, não menos importantes.

05 de abril
José Heleno Ferreira

> Uma outra maneira de recolher o discurso do camponês, convertendo-o em textos de leitura, seria a de gravar as discussões nos Centros de Educação ou Círculos de Cultura. (Paulo Freire)

Ao escrever sobre o processo de educação – e alfabetização – de camponesas e camponeses adultos, em *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos* (2006), Paulo Freire apresenta-nos os princípios educativos que norteiam toda sua obra e sua prática como cidadão, como educador, como ativista em defesa dos direitos humanos e do respeito à cultura popular. Entre esses princípios, o reconhecimento dos saberes populares, a negação da hierarquização do conhecimento, o caráter político do ato educativo e a condição de sujeito do educando.

Inicialmente, o autor coloca a questão de que os códigos que serão apresentados aos camponeses e camponesas não são meros instrumentos a serem descodificados. Devem, sim, estabelecer um diálogo com a realidade daqueles e daquelas que estão em processo de alfabetização. Somente dessa forma será possível estabelecer um processo que permita o surgimento de palavras geradoras: palavras que poderão gerar a leitura do mundo e, a partir dessa leitura, a leitura da palavra em si. Palavras que poderão gerar e sustentar as lutas pela transformação da realidade.

Para isso, faz-se necessário que o/a educador/a esteja imbuído do mais profundo respeito à história, à cultura, aos saberes daquelas e daqueles que estão sendo alfabetizados. Somente através do conhecimento e do reconhecimento da realidade desses homens e mulheres será possível construir um ambiente alfabetizador e educativo.

Freire apresenta, ainda, outros possíveis caminhos a serem trilhados nesse processo de educação e alfabetização. Propõe que os discursos dos camponeses e camponesas sejam gravados e ouvidos por eles/as mesmos/as e por outros/as, noutros acampamentos ou assentamentos. Que esses discursos sejam transformados em textos de leitura e debate entre os camponeses e camponesas.

Tal processo possibilitaria aos/às trabalhadores/as conhecer a realidade na qual estão inseridos/as, problematizar as questões cotidianas, relacioná-las com o contexto sociopolítico e econômico da região, do país e do mundo. Dessa forma, o material a ser utilizado no processo de educação e alfabetização não seria aquele produzido noutras esferas, por autores/as distantes da realidade dos homens e mulheres em processo de alfabetização. Pelo contrário, os/as camponeses/as seriam autores/as dos textos a serem utilizados, dos instrumentos de trabalho dos educadores e educadoras. Seriam sujeitos do processo de alfabetização e educação.

Os discursos dos/as camponeses/as, gravados e transcritos, transformados em textos de leitura e discussão possibilitariam ainda um processo educativo marcado pela interdisciplinaridade, rompendo com o caráter disciplinar da escolarização tradicional e propondo a discussão de temáticas relacionadas diretamente à vida nos acampamentos e assentamentos. E, nesse sentido, poderiam servir como material para o processo educativo pós alfabetização, quando as problemáticas anunciadas num e noutro assentamentos seriam aprofundadas e o debate constantemente ampliado.

A proposta apresentada por Paulo Freire no que diz respeito a uma outra forma de recolher o discurso dos camponeses e camponesas representa um desafio para educadoras e educadores. Estes(as) precisariam se libertar de uma postura autoritária que, muitas vezes, marca aqueles(as) que se dedicam à educação dos(as) trabalhadores(as) sem reconhecê-los(as) como sujeitos do processo de aprendizagem. Precisariam estar dispostos(as) a apreender a realidade desses homens e mulheres e, com eles e elas, aprender a interpretá-la. Por fim, precisam também se libertar daquilo que o autor chama de uma "visão deformada da especialidade" (p. 32), que escraviza técnicos e profissionais diversos no processo de analisar a realidade por um aspecto estreito, sem percebê-la na sua totalidade.

Os discursos orais não apresentam a realidade a partir do ponto de vista de uma única ciência, um único saber. Pelo contrário, apresentam-na a partir dos olhares daqueles(as) que estão vivenciando os problemas reais, problemas esses que entrelaçam os princípios de todas as ciências, de todas as áreas do conhecimento. Por isso, somente libertando-se do vício da especialidade, profissionais que atuam no processo de alfabetização e educação de trabalhadores e trabalhadoras poderão compreender a realidade dos homens e mulheres com os/as quais trabalham e, consequentemente, contribuir com o processo educativo, que é também o processo de transformação da realidade, de enfrentamento dos problemas sociais, econômicos e culturais.

É importante perceber, ainda, que não se trata de negar os saberes e os conhecimentos que são produzidos na esfera acadêmica, noutros espaços, por vezes, distantes da realidade dos trabalhadores e trabalhadoras. Freire propõe que os discursos transcritos poderão compor livros, antologias camponesas e que esses livros "poderiam ser acrescidos de um ou outro texto redigido pela equipe" (p. 34) de técnicos que trabalham com os/as trabalhadores/as nos acampamentos ou assentamentos. Não se trata de negar um ou outro saber. Trata-se, fundamentalmente, de negar a hierarquização de saberes, de afirmar a possibilidade e a importância de diversos saberes se complementarem.

Assim, o processo educativo poderá se desenvolver sempre no sentido de contribuir para que o nível de compreensão da realidade vá sempre mais além do senso comum. E, nesse processo, não há distinção entre educadores/as e educandos/as, entre uns/umas que ensinam e outros/as que aprendem. Todas e todos estarão ensinando e aprendendo. Todas e todos estarão construindo novos discursos e novas possibilidades de compreensão do mundo.

06 de abril
Fernanda dos Santos Paulo

Ação cultural e reforma agrária: É interessante que o tema da reforma agrária já é pautado por Paulo Freire no livro *Extensão ou comunicação*, escrito em 1968. Nessa obra ele nos desafia discutir a importância da comunicação com os camponeses e camponesas na luta pela Reforma Agrária. Freire (2011) aborda no título sobre ação cultural e reforma agrária, pelo menos duas questões importantes: 1) Cuidemos das posturas e quefazeres ingênuos porque nossa ação educativa pode reduzir-se em "um ato mecânico" (p. 31). Para ele: "Mecanicismo, tecnicismo, economicismo são dimensões de uma mesma percepção acrítica do processo da reforma agrária. " (FREIRE, 2011, p. 31). E, 2) O oposto de *ação cultural* é a *invasão cultural* que ao "Subestimar a capacidade criadora e recriadora dos camponeses"(FREIRE, 2011, p. 31), despreza os *saberes de*

experiências. A ideologia dominante, não concebe um trabalho político-pedagógico orientado pela reflexão crítica, pelo reconhecimento dos diferentes saberes e tampouco associar o trabalho educativo a transformação social. Podemos concluir que Ação cultural e reforma agrária assumem a politicidade do ato educativo com vistas a transformação social.

07 de abril
Felipe Costa Aguiar

O professor é muito mais do que um mero profissional. Ser professor é ser em função de algo maior. É dedicar grande parte de sua vida ao desenvolvimento pessoal, cultural e social de outros que ele sequer mantém vínculo sanguíneo. Ser professor é se entregar constantemente ao desafio de ser não só com o outro, mas muitas vezes pelo outro e para o outro.

O trabalho docente dignifica-se pela ação social. Enquanto comprometido com o meio social o professor não é apenas professor, ele é um trabalhador social. Sendo assim, comprometido com a vida social enquanto for professor. Ser professor é trabalhar para o outro e pelo outro. O professor é assim: um trabalhador social. Esse trabalhador que é comprometido com o social se compromete não com uma estrutura solta que sobrevoa a cabeça de todos, mas sim com uma estrutura rígida e complexa que atua na constituição da vida de todos os seres humanos, ela é: a estrutura social.

Compreender o professor como um trabalhador inserido e comprometido com a estrutura social é entende-lo como sujeito fundamental na composição da sociedade. Este professor que não é um funcionário do poder público, mas sim um trabalhador social tem uma missão, um motivo inerente à sua prática laboral: a mudança social.

"O papel do trabalhador social se desenvolve num domínio mais amplo, no qual a mudança é um dos aspectos. O trabalhador social atua, com outros, na estrutura social." (FREIRE, p. 32, 1981). O trabalhador comprometido com a estrutura social é o sujeito que tem de ser ativo na transformação dessa estrutura. Tal estrutura é complexa e intrínseca. Freire (1981) ressalta que o jogo de forças que faz a manutenção do "status quo" da estrutura social é muito forte e está constantemente sendo renovado, para que a mudança nas estruturas de poder e opressão não aconteça.

O trabalhador social compromete-se não com uma estrutura abstrata e invisível, mas sim com as forças hegemônicas que atuam na realidade onde está inserido enquanto professor. Assim, comprometer-se com a realidade que se apresenta para o trabalhador é agir ativamente para a transformação social na realidade dos discentes com quem trabalha.

Freire (1981) aponta que nem todo trabalhador social está comprometido com a realidade vivida pelos seus alunos. Para o autor, esses são os trabalhadores reacionários, aqueles que não se sensibilizam com a dor do outro e com as opressões que os seus alunos estão submetidos na realidade vivida.

O trabalhador comprometido com sua realidade sofre tanto o que se enquadra na personalidade reacionária, pois os jogos de força que fazem a manutenção da estrutura social lutam contra todas as ações que tentam destruí-lo. Ser professor comprometido com a mudança social é lutar incessantemente contra as estruturas de poder. Ser professor é ser inserido na estrutura de opressão.

Por isso, é fundamental o preparo minucioso de cada prática educativa, pois o trabalho docente é social e, portanto, amedronta as estruturas de poder.

> "Dai a necessidade que tem o trabalhador social de conhecer a realidade em que atua, o sistema de forças que enfrenta, para conhecer também o seu "viável histórico". Em outras palavras, para conhecer o que pode ser feito, em um momento dado, pois que se faz o que se pode e não o que se gostaria de fazer" (FREIRE, p. 34, 1981).

08 de abril
Leane Cristina Ferreira Gonçalves

> "A relação entre a consciência do projeto proposto e o processo no qual se busca sua concretização é a base da ação planificada dos seres humanos, que implica métodos, objetivos e opções de valor. " (p.52)

As teorias Freirianas se destacam na área da educação por diversos motivos, porém o que mais se adequa a esta obra como um todo é a perspectiva de humanização do processo educativo. Vamos considerar esta concepção como a ideia geral do texto, disposta neste fragmento destacado, que vamos analisar nos próximos parágrafos. Paulo Freire foi um defensor do respeito ao indivíduo, e ao conhecimento adquirido a partir das vivências. Para ele, a educação é um processo, e a alfabetização é um dos caminhos deste processo, não o seu fim.

Durante as primeiras páginas do capítulo intitulado "*O processo de alfabetização de adultos como ação cultural para liberdade*", Freire dá destaque a atenção que os educadores devem ter com os educandos, salientando que se tratam de seres humanos em toda a sua complexidade, e que a alfabetização deve contribuir para que estas pessoas disponham de mais uma ferramenta para a sua compreensão de mundo, e não para se tornarem meros depósitos de palavras vazias.

Paulo Freire possuía uma preocupação com a responsabilidade da participação dos educadores no desenvolvimento da sociedade, não que isso ocorresse de uma forma hierárquica, na qual os educadores estão no topo e são os detentores da sabedoria, enquanto os educandos são vistos como subalternos que recebem a ordem e devem replicá-la, transformando-os em uma espécie de vasos no qual o conhecimento será depositado. Mas, com o fato de saber que o conhecimento é uma ferramenta valiosa.

O primeiro ponto de destaque deste fragmento revela que a relação entre o projeto pedagógico e a sua execução, requer que os profissionais e interessados na área da educação, entendam que a teoria não pode se distanciar da prática, o projeto precisa ser conciso e proposto pensando e respeitando a realidade daqueles educandos. Podemos entender isso como uma clara crítica ao modelo de pacotes prontos, que infelizmente ainda vemos com frequência no processo de alfabetização.

A obra nos proporciona elementos para reflexão sobre o processo educacional para adultos, Paulo Freire foi pioneiro neste assunto, desenvolvendo um método popularmente conhecido como "Método Paulo Freire", que se tornou referência pelo seu caráter inovador, baseado no respeito a vivência dos educandos, buscando referências na realidade destes, durante o processo de letramento. Nesta obra, o autor reforça essa perspectiva sobre a importância de entender a visão de mundo de cada ser humano, pois o educador não deve tomar como base para o desenvolvimento dos seus planos de aula, apenas realidades que o cerquem, mas sim aquilo que é coerente para os educandos. Este é o desafio da escolha do método a ser seguido, por isso o autor

pontua que a escolha do material didático, precisa ser pensada para aquele grupo, e não numa fórmula genérica.

Além de respeitar a realidade da qual os educandos fazem parte, os educadores que trabalham na Educação de Jovens e Adultos – EJA, precisam sempre aliar a alfabetização ao desenvolvimento do potencial de visão crítica destas pessoas, que apesar de estarem participando do processo de letramento tardiamente, entendem o conceito das palavras no seu contexto geral, pois já a conhecem, ainda que não saibam decodificar os signos do processo de escrita.

Freire cita os "objetivos e opções de valor" embutidos neste processo, e o que podemos entender sobre eles é que as escolhas feitas pelos educadores para os projetos, não podem desprezar o objetivo daquela ação, que é ensinar a ler e escrever, mas não é só isso, existem os valores associados a esta ação de ler e escrever. Podemos observar que essas escolhas são influenciadas pela visão de mundo e ideologias dos seus proponentes, que na maioria das vezes não consultam os educandos, tornando-os meros consumidores de um a cartilha, quando na verdade deveriam ser participantes do processo.

O que podemos aprender a partir da reflexão deste fragmento é que a escolha de uma (aparente) simples palavra, tem um valor considerável na maneira como será recebido pelos educandos. Por isso, escolher palavras que façam sentido para estas pessoas é de suma importância, além disso, usar textos que façam parte do contexto social, ajuda na compreensão de mundo que estes indivíduos vão estabelecer a partir do processo de alfabetização, para que o ato de ler não seja apenas a junção de sílabas soltas, que agrupadas formam palavras vazias, mas sim um ato libertador, que possibilita a cada indivíduo sua leitura de mundo.

09 de abril
Marcelo da Silva Souza

Codificação, decodificação, descodificação, alfabetização, leitura, escrita, práxis... tudo gera fora da perspectiva da falsa neutralidade educativa. Freire foi, sem dúvida, por meio de suas reflexões críticas acerca do complexo processo de fazer a educação acontecer, um homem à frente de seu tempo e, por esta razão mesma, suas ideias são, hodiernamente, muito atuais ainda.

Desse permanente diálogo com a realidade em que vivemos hoje, as ideias sobre a leitura e sobre a escrita descortinam com insistência numa consciência crítica sobre a aprendizagem não apenas da palavra, mas da interpretação do mundo, no desvelamento da ingenuidade que ainda encontra espaço nas nossas ultrapassadas formas de ensinar o ba-be-bi-bo-bu. A leitura permanente do mundo deve encontrar espaço na leitura propriamente dita dos signos linguísticos.

Daí não podermos prescindir da reflexão sobre o que ensino e aprendo enquanto ensino. É para esta direção que devemos direcionar as práticas de leitura e de escrita, considerando-as não como salvadoras do mundo, mas como contributo indispensável para a garantia de direito dos sujeitos na busca do "ser-mais". Ter isso claro é saber que a mera aprendizagem da leitura e escrita não faz milagres, mas é um pilar para a melhor atuação na forma como os homens concebem e leem a realidade de que fazem parte.

Para esta direção Freire sempre apontou, ao elucidar a relação pensamento- linguagem em seus estudos sobre a alfabetização e erradicação do analfabetismo. Frases carregadas foneticamente de fonemas parecidos como em "Eva viu a uva", por si mesmas, não contribuem para a

consciência de que a linguagem e o discurso servem a objetivos que não estão estendidos pela superfície do que se lê.

Pensando assim, é possível rememorar os pressupostos do Michel Pêcheux, grande expoente da Análise do Discurso de linha francesa, para quem somos sujeitos assujeitados atravessados ou interpelados por ideologias. Não compreender que as frases prontas e descontextualizadas como "Eva viu a uva" representam - "não importa se seus autores são ingênuos ou astutos, a ideologia da classe dominante que tem, na educação por ela posta em prática um instrumento eficiente para sua reprodução"- nos faz corroboradores dessa 'missão' elitista e excludente (FREIRE, 1981, p.58). Essa representação se descortina porque para alguém interessa a memorização mera, a simples repetição de sílabas e letras, e esse alguém não é o alfabetizando. "Seus autores, refletindo sua posição de classe, não podem reconhecer, nas classes dominadas, a capacidade de conhecer, de criar seus próprios textos, com que expressariam seu pensamento-linguagem. Repetem com os textos o que fazem com as palavras, depositando-os na consciência dos alfabetizandos, como se esta fosse um espaço vazio. Uma vez mais, a concepção nutricionista do conhecimento". (IDEM, 1981, p. 58) Ainda sobre a reprodução do pensamento da classe dominante por meio do esvaziamento da crítica por parte do dominado e o que nos torna mais uma vez ao Pêcheux e a seu conceito de "não-ditos", Freire (1981, p. 58) diz que "há algo ainda implícito na ideologia das classes dominantes e que análise de cartilhas e livros de leitura revela – o perfil dos analfabetos como seres marginais. Aqueles que consideram os analfabetos como seres marginais devem, porém, reconhecer a existência de uma realidade de que eles se encontram marginalizados – realidade que não é apenas um espaço físico, mas econômico, histórico, social, cultural".

Diante dessa reflexão, é preciso, portanto, considerar, antes de tudo e de forma simples, que a educação, como um processo humano vital e não neutro, deve servir aos sujeitos, por meio da escrita e da leitura, uma finalidade social, de engajamento, inserção, produção e ação sobre a realidade. E isso é galgado por meio da percepção crítica que alfabetizando sintetiza sobre quem ele é, onde ele está, a quem está servindo e por que está. "Deste ponto de vista, já não são tomados como homens e mulheres marginais, mas como classe dominada em relação antagônica, na intimidade mesma da sociedade, com a classe dominante que os reduz a quase-coisas. Assim, também, o ensino da leitura e da escrita já não é a repetição mecânica de ba-be-bi-bo-bu nem a memorização de uma palavra alienada, mas a difícil aprendizagem de nomear o mundo" (FREIRE, 1981).

Que estejamos prontos para nomear o mundo, tarefa que dignifica a quem ensina aprendendo e a quem aprende ensinando, num sentido contínuo de que o mundo não é, mas está sendo.

10 de abril
Hassan Marra Jorge
Bruna Carvalho Nascimento

Paulo Freire, propõe uma ressignificação das situações cotidianas através das palavras utilizadas em seu método de alfabetização. O tal método se baseia nas experiências de vida do alfabetizando, onde se trabalha com palavras geradoras, escolhidas a partir da realidade do aluno. Como exemplo, um trabalhador rural utilizaria palavras de seu cotidiano, como roça, plantação, colheita, trator, enxada; o trabalhador da construção civil por sua vez, aprenderia com outras palavras como tijolo, areia, prédio, casa, etc. Tão logo ocorra a escolha destas palavras, Paulo Freire propõe começar o processo de alfabetização e descodificação das situações concretas que surgem a partir destas.

A descodificação, como mostra o autor, serve para o alfabetizando tomar consciência política e social do seu meio e assim, analisar criticamente a realidade da sociedade onde está inserido, compreendendo as diferenças entre classes dominantes e dominadas, entre opressores e oprimidos.

Freire exemplifica uma "estrutura de superfície" a ser descodificada através de uma situação do trabalho no campo. Primeiramente somos colocados a pensar acerca do tema proposto, onde é possível visualizar os trabalhadores rurais sob o sol escaldante, o patrão em seu cavalo à sombra de uma frondosa árvore, o canto dos pássaros, a plantação, o som do riacho ao fundo. Todavia, essa visão é sumariamente superficial, e a partir desta superficialidade, que o autor propõe a desconstrução das estruturas dominantes. No segundo momento, passa-se a descodificar a situação exposta, e questionar então o papel do trabalho no campo; a função do trabalhador; a função do patrão; o acúmulo de riquezas por parte do dono da terra por meio da mais-valia, entre outras situações que ali possam existir.

Diante de uma sociedade superficial como a que vivemos na contemporaneidade, onde educadores e educandos não contam com um nível mínimo de criticidade, o autor propõe a descodificação das situações cotidianas, de maneira que se possibilite um aprofundamento nas estruturas sociais, proporcionando então a emancipação sócio-política destes indivíduos. Acarretando então a descodificação da classe dominante pelos dominados, ou seja, a tomada de consciência por parte de todos os oprimidos, compreendendo então a forma como o opressor atua, e a forma como as situações de opressão estão intrínsecas inclusive em suas escolhas cotidianas.

Docente e aluno, devem juntos avançar na desconstrução da sociedade onde estão inseridos, aprendendo de forma conjunta, cada qual com suas realidades e suas singularidades. No exemplo apreciado anteriormente, acerca do trabalho no campo, se compreende na sua "estrutura profunda" (local onde se dá a descodificação), diversos problemas a serem discutidos entre professores e alunos, propiciando a ambos, alcançarem um nível crescente de criticidade sobre suas realidades. O educador deve mediar este diálogo com o máximo cuidado, uma vez que o educando se encontra no seu momento de formação da consciência crítica, vivendo ali a ressignificação e compreensão dos fatos até então não compreendidos.

Baseado na ressignificação por meio de fatos (palavras geradoras) do cotidiano em que o aluno se insere, Paulo Freire salienta então a necessidade de questionar toda estrutura social opressora, geradora de capital a partir de sua mão de obra, condenando-os a viverem em uma

situação de subvida. Logo, observa-se que teoria e prática andam juntas, onde ambas se complementam mutuamente. Não há como descodificar uma sociedade (prática) sem que o processo de alfabetização (teoria) ocorra de forma correta. Sobre isto, Freire aponta:

> No processo de descodificar representações de sua situação existencial e de perceber sua percepção anterior dos mesmos fatos, os alfabetizandos, gradualmente, às vezes hesitante e timidamente, começam a questionar a opinião que tinham da realidade e a vão substituindo por um conhecimento cada vez mais crítico da mesma. (FREIRE, 1981, p. 43)

Não obstante, o autor propõe aos índividuos de classes dominadas, a prática da descodificação social, possibilitando-os a resistência às codificações alienantes e dominadoras, de maneira a observar a si mesmo, e visualizar como até mesmo os oprimidos imitam os modelos do opressor. Por meio dessas novas observações e concepções, o dominado identifica e reconhece a classe dominante como um ser antagonista a ele próprio.

Também observa Paulo Freire, sobre os valores dominadores. Para ele, esses valores não fenômenos individuais, mas sim fenômenos culturais e sociais. Logo, a análise deste contexto ocorre no enfrentamento à cultura dominante, não apenas no âmbito real – afastar suas presenças físicas; mas também através de uma revolução cultural, onde suas sombras míticas e influências se distanciam destes.

Embora o autor tenha traçado essas ideias na década de 1970, o conteúdo exposto se faz presente no cotidiano da estrutura educacional formal e informal atual. Os educantos têm à necessidade de enfrentar a realidade cultural imposta a eles, de forma a terem sua própria cultura e não somente viver uma apropriação de uma realidade dominante. Atualmente, os jovens se influenciam e se alienam por expressões culturais dominantes, propagadas de maneira descontrolada pela mídia elitista de massa. Seja por meio de novelas, filmes, músicas, influenciadores digitais e outros.

Ao elucidar tais perspectivas, Freire provoca acerca dos dois tipos de professores atuantes na descodificação social perante os educandos. O primeiro, é aquele que atua como mero transmissor de informação, conteudista, onde os alunos são obrigados a memorizar e não questionar. Em contraponto, Freire propõe um segundo modelo de professor – o professor mediador. Este media o conhecimento verdadeiro, possibilitando ao aluno, como sujeito cognoscentes, aprender a realidade científica, e utilizar esse conhecimento cientifico em seu dia a dia.

11 de abril
Pe. Rogério L. Zanini

As codificações, através de que se faça a problematização da realidade, trazem em si, a palavra geradora. As palavras são escolhidas em seu conteúdo pragmático enquanto expressam um entendimento comum. São também em função de suas dificuldades fonéticas que devem ser propostas aos alfabetizandos. Se a palavra favela, por exemplo, for tomada como geradora no processo de aprendizagem, consequentemente as codificações devem representar aspectos da realidade da mesma.

A análise das relações entre os seres humanos e o mundo leva necessariamente à reflexão sobre a maneira de como está sendo vivenciada numa favela. Na experiência Paulo Freire observou, não raras vezes, que no processo de descodificação de uma situação de favela, os próprios

favelados se entendiam 'assumidos' pela situação da favela. Este assumir por parte dos favelados reflete, naturalmente, aspectos da ideologia das classes dominantes introjetadas neles. Esse elemento é de fácil percepção no contexto dos pobres. Por diferentes formas, se introjetam em uma comunidade ou região todos que vivem nesse local são perigosos, por exemplo.

Certamente, o processo ideológico faz isso com maestria, mas não deixa de chamar atenção como o oprimido vai incorporando a lógica do opressor. Uma das constatações de Freire, no processo de educação é que oprimido reproduz a lógica do opressor. "E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos" (1987, p. 16).

Apesar da ofensiva da ideologia dominante sobre a cultura da favela, essa não consegue abocanhar a 'alma' da cultura da favela. Muitos aspectos da cultura permanecem de posse das pessoas, como que resistindo contra o dragão avassalador. Suas atividades noturnas, músicas, o uso do corpo, gestos, ironia, humor, maneira de andar, vestir, crenças, códigos, formas de 'desapertar-se' de situações complicadas. São valores que compõem sua muralha e que, mesmo tocados pela ideologia dominante, não se entregam totalmente a ela. Não significa que não haja debilidades neste universo cultural que deve ser compreendido em sua dialética.

Diz Freire estar convencido pela prática e através de observações de outras práticas das consequências positiva, do esforço paciente dessas populações que se torna virtude revolucionária de capacidade política; elas assumem como classe. Sem o conhecimento responsável de como estas populações transformam sua fraqueza em forças, torna-se impossível uma comunicação válida para elas. Sem este conhecimento, o que fazemos, enquanto intelectuais é 'invadi-las', não respeitando a vida e a cultura local.

Aqueles que veem estas populações como 'naturalmente inferiores e incapazes', pedimos para refletir um dia com favelados sobre o que significa sua existência e cultura. No diálogo com eles poderíamos descobrir se existe algo intrinsecamente que se chama sistema capitalista. Esse sistema deve ser radicalmente transformado e não simplesmente reformado, porque está construído sobre uma lógica da exclusão dos mais fracos e das minorias.

É possível salientar que essa visão ideológica dominante é a mesma que se encontra na base do perfil do 'Terceiro Mundo'. Daí que o subdesenvolvimento aparece para muitos teóricos como expressão de atraso e de incapacidade. O Terceiro Mundo como um mundo marginal – uma espécie de favela maior. Sem nenhuma visibilidade maior e cuja salvação se encontra em seguir docilmente os modelos estabelecidos de fora. No fundo são os modelos das classes dominantes dessas sociedades. Seguindo esta lógica a 'salvação' do Terceiro Mundo, no entendimento das classes dominantes, significa preservar de sua dependência por meio da modernização de suas estruturas. Porque o capitalismo é um hospedeiro que necessita parasitas para sobreviver.

Nesse sentido, a crítica procedente de Freire é a mesma que outros autores, assumiram também na histórica brasileira, inclusive os teólogos da libertação. Freire se reconhece nesse movimento de libertação.

> "Ainda que eu não seja teólogo, mas um "enfeitiçado" pela teologia que marcou muitos aspectos de minha pedagogia, tenho as vezes a impressão de que o Terceiro Mundo pode, por isso, converter-se em uma fonte inspiradora do ressurgir teológico. (...) Uma teologia serviço da burguesia não pode ser utópica, profética e esperançosa, por ser uma teologia que cria um homem passivo e adaptado que espera uma vida melhor no "céu", que dicotomiza o mundo. (FREIRE, In TORRES, Carlos Alberto. Diálogo e práxis educativa: uma leitura crítica de Paulo Freire. São Paulo: Loyola, 2014. p. 70).

A Teologia da libertação é uma corrente teológica cristã nascida na América Latina, após o Concílio Vaticano II (1062-165) e da Conferência de Medellín (1968), que parte da premissa de que o Evangelho exige a opção preferencial pelos pobres e especifica que a teologia, para concretar essa opção, deve usar também as ciências humanas e sociais. A Teologia da Libertação significa em sua originalidade, crer em Deus como Deus da vida e como fiador de uma salvação entendida na sua integralidade, a qual se confronta com deuses e ídolos responsáveis por mortes prematuras, pobreza e degradação do ser humano.

Por isso a pedagogia Freiana contempla a marca utópica. Utópica não porque se nutre de sonhos impossíveis, idealista, porque possui um perfil abstrato de ser humano, porque pretenda negar a existência das classes sociais. "Utópica porque, não 'domesticando' o tempo, recusa um futuro pré-fabricado que se instalaria automaticamente, independente da ação consciente dos seres humanos" (p. 70). É notável a necessidade de resgatar a dimensão da utopia. Não como algo não possível, mas como *eu-topia* que significa lugar do bom, diferente de *ou-top*ia, o que não tem lugar, mas *topia,* aquilo para o que tem de haver lugar. O sistema capitalista adulterou as utopias – de certa forma quer fazer acreditar que a utopia chegou com a globalização.

Portanto, utópica e esperançosa porque pretende estar a serviço da libertação das classes oprimidas. Que tem sua força principal na dialética da denúncia e do anúncio, que tem na práxis revolucionária permanente, o seu momento máximo. Não há anúncio sem denúncia, assim como toda denúncia gera anúncio. Sem este, a esperança é impossível. Não há como falar de esperança se os braços se cruzam e passivamente se espera. A espera só tem sentido quando, cheios de esperança, lutamos para concretizar o futuro anunciado, que vai nascendo na denúncia militante.

Não há esperança verdadeira naqueles que tentam fazer do futuro repetição do presente, nem naqueles que veem o futuro como algo predeterminado. Tem ambos uma noção 'domesticada' da História. Esperança utópica é engajamento arriscado. É por isso que as classes dominantes que buscam a preservação do 'status quo' não podem ser jamais utópicas nem proféticas. Porque as classes dominantes em vez de fazer 'arqueologia' do sofrimento preferem 'soterrar' mais ainda o sofrimento.

A conscientização se autêntica neste processo, unidade dialética entre prática e teoria, em que aprendemos que a verdadeira paciência não se identifica com a espera na pura espera. A força da paciência está sempre associada à autêntica esperança, caracterizada pela prática dos que fazem o impossível se tornar possível. "E a melhor maneira de tornar o impossível possível é realizar o possível de hoje" (p. 72).

12 de abril
Thaís Andressa Lopes de Oliveira

A educação para Freire sempre teve um viés libertador, à medida que possibilita aos indivíduos reconhecer e se libertar da posição de oprimidos que assumem na sociedade. Por meio da aproximação e do diálogo junto aos trabalhadores de diferentes regiões do mundo, Freire realizava um processo de alfabetização que, mais do que ensinar a ler e a escrever, fornecia condições para que esses trabalhadores pudessem se reconhecer como fazedores de cultura e protagonistas de suas próprias vidas.

Assim, por cada região que passava Freire e os educadores que com ele trabalhavam realizavam um processo que ia muito além da alfabetização de adultos. Eles forneciam condições para que os educandos percebessem o seu lugar social, de modo que para além desse reconhecimento eles pudessem transformar sua realidade.

No trecho supracitado do livro "*Ação Cultural para a Liberdade*", Freire nos traz alguns diálogos que ele e outros educadores tiveram junto a trabalhadores rurais de regiões nas quais foi feita a reforma agrária no Chile. Estes relatos demonstram justamente esse viés transformador que o método de alfabetização freireana possui. Desde o primeiro relato é interessante o modo como os trabalhadores referiam-se a si mesmos antes e após serem alfabetizados, de modo a nos revelar que a mudança ocorreu não só no sentido do aprender a palavra, mas também em sua autoestima.

Antes de discorrer mais a fundo sobre essas mudanças, um dos primeiros detalhes que chamam atenção na leitura desse trecho do livro é quando se diz que "[...] os camponeses que participavam de programas de alfabetização costumavam *escrever palavras* com seus próprios instrumentos, *no chão dos caminhos* que os conduziam ao trabalho". A leitura desse trecho, inevitavelmente, me fez recordar o próprio Paulo Freire e como ele agia quando foi alfabetizado. Como ele mesmo relata em algumas de suas obras, e como também é apresentado em muitas de suas biografias, quando criança Freire costumava sentar com sua mãe à sombra da mangueira do quintal de sua casa, e com gravetos escrevia no chão as palavras de sua infância.

Este gesto tão singelo, também foi executado pelos trabalhadores chilenos mostrando que a alfabetização transcende àquilo que é interiorizado no ser, ao que se guarda na memória. Chegando a ser poético a forma como se é referido a eles como "semeadores de palavras". Assim, por meio dos diálogos apresentados é possível perceber que essas palavras, semeadas por esses homens e mulheres, estavam pouco a pouco se germinando em ações, a fim de fazê-los instrumentos de transformação nos *"asentamientos"* em que viviam.

Quando, por exemplo, um dos educandos diz que ele sequer pensava antes de aprender a ler compreendemos bem o que Freire em inúmeras obras denominou como "cultura do silêncio", que coloca alguns indivíduos na posição de detentores da palavra enquanto os demais permanecem em silêncio, ouvem e acatam ao que é dito sem possibilidade de questionar. Tal configuração, tão comum nas salas de aula tradicionais onde o professor detém a palavra e seus alunos as recebem passivamente, também se faz presente em outras esferas da sociedade como é ilustrado pelos muitos relatos apresentados no livro.

Em tal contexto, o método de alfabetização de Freire inova, primeiramente, ao dar protagonismo e voz aos educandos, que passam, progressivamente, a se perceber como alguém que pode pensar, sentir, agir, inventar e reinventar sua realidade. A educação, portanto, passa a ser vista por seu viés libertador, pois permite a estes educandos reconhecer seu *"estar sendo"* no mundo, e a condição de oprimido que lhes foi imposta diante sua incapacidade de ler a palavra escrita.

Quando os camponeses dizem coisas como: "*Antes eu era cego, agora o véu já não cobre meus olhos*", "*Eu me senti feliz, porque descobri que podia fazer que as palavras falassem*" e "*Antes as letras me pareciam pequenos brinquedos. Hoje, elas me dizem algo e eu as posso fazer falar*", percebe-se como a educação pode mudar positivamente a vida das pessoas.

Ademais, vale destacar que o método de alfabetização freireana mais do que lhes ensinar a ler e a escrever mostra a esses trabalhadores que mesmo em face de sua condição de analfabeto

das letras, eles possuem inúmeros conhecimentos construídos em suas vivências diárias. Conhecimentos que são sim importantes e compartilháveis com seus pares, e que mostram que o saber escolar não é o único tipo de saber existente.

Por isso, como conclui Freire, é importante que os textos e as situações a serem trabalhadas com os educandos sejam de fato significativas para eles, de modo que eles aprendam com o educador, e que também este aprenda com eles. Pois nenhum saber é pronto e acabado, e nenhum conhecimento finda em si mesmo. Há sempre o que ensinar, e muito o que aprender.

13 de abril
Viviane Alves de Andrade

Nesta parte do livro, Freire nos mostra a importância de uma liderança por movimentos revolucionários vir das classes populares. A classe dominante, desde sempre, defende os próprios interesses e, vindo dela algum tipo de liderança, apenas irá ratificar a diferença gritante existente entre as classes.

A liderança revolucionária das massas populares é o que dá voz aos populares, rompendo com uma imposição vinda dos dominantes de se manter em silêncio, de forma estática e numa postura pacífica de aceitação.

Um projeto revolucionário que visa à libertação das massas, sempre será ameaçado pelo opressor. Para manter-se firme é necessário que haja um constante diálogo entre as massas populares e a liderança, a fim de que não se distanciem dos anseios que assolam os dominados, refletindo crítica e conjuntamente sobre suas necessidades.

O ponto crucial para que se alcance a ação cultural para a libertação é a comunhão com as massas populares. Para que possamos chegar a tal comunhão, o processo de conscientização é indispensável.

Contrário a esse movimento, a classe dominante difunde a ação cultural para a domesticação, buscando a preservação do seu status de poder.

A ação cultural para a libertação, diferente da ação cultural para domesticação, vale-se da consciência crítica à ingenuidade, é um trabalho de interações e diálogos para que se alcance uma verdadeira revolução cultural.

14 de abril
Cleusa Todescatto

Ao tratar dos níveis de consciência, Paulo Freire faz relações com as questões históricas e culturais, abordando fatos sobre a Latino-América. Menciona o golpe de Estado ocorrido no Peru, em 1968, que estabelece três formas de diálogo com a classe popular. A de ouvi-los, a de calá-los ou a de fazê-los entender que sua voz estaria sendo ouvida, ou seja, persuadi-los com a falsa aceitação da sua presença nas ações e decisões do governo. Outra citação de Freire é a re-

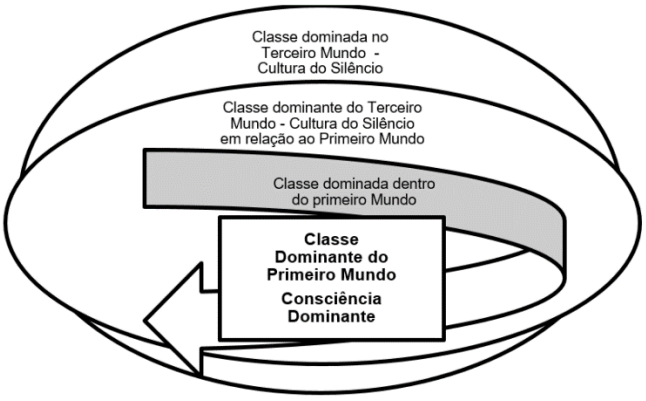
núncia de Jânio Quadros – Brasil, em 1961. As classes populares demonstraram profunda incapacidade de posicionar-se nos confrontos. A consciência ideológica era silenciada pelos fatores sociais de poder da classe dominante.

As consequências políticas e estruturais que causaram grandes mudanças em países latino-americanos, nas últimas décadas, serviu - não que hoje seja diferente - para que houvesse um extremo silenciamento coletivo, fortalecido pela imposição de ideologias de quem detinha o poder. Ou seja, quem tem mais, pode mais. Trazendo à discussão esse pensamento, tendo ações políticas impostas, perde-se, notoriamente, a visão para uma falsa educação libertadora, a qual se refere Paulo Freire em seus estudos. Convém lembrar que estando a educação de um povo atrelada às ideologias impostas pelos mandatários, constrói-se uma dependência necessária na consciência dos menos favorecidos, limitando-se a uma superficial liberdade de pensamento e, consequentemente, fracassadas ações coletivas.

Sendo assim, podemos compreender que o pensamento coletivo emerge do encontro entre a superestrutura e a infraestrutura. Ambas dialogam no sentido de manter relações, aquela em detrimento desta, e vice-versa, ainda que dentro de uma e da outra, existam divisões que são atravessadas por outras ideologias, podendo haver divisão de classes dentro do mesmo mundo. Nessa perspectiva, há uma ruptura na cultura do silêncio quando as classes mais oprimidas ideologicamente, se rebelam e buscam por alternativas para fazer sua voz ser ouvida. Dessa forma, as classes oprimidas preocupam-se, pelo viés da sua cultura ideológica, reestabelecer, por movimentos populares, a liberdade e igualdade entre as classes sociais.

Ocorre que, em meio aos desafios da luta de classes, há um silenciamento que acata as vozes de interferência do Primeiro Mundo, os dominantes – e, predominando essas interferências na sociedade, aprisiona ideologicamente o Terceiro Mundo, os dominados. Dessa forma, o dito por quem determina o que deve prevalecer, ou seja, a consciência dominante, se fortalece, ainda que de forma silenciosa, reforçando a cultura do silêncio nessa classe.

Cria-se, diante desse relato, um grande círculo vicioso em torno das relações de poder, as quais são delineadas no esquema abaixo:



O poder em Níveis de Consciência: Consciência Dominante x Cultura do Silêncio

A ideia de superioridade ocorre de forma natural e é legitimada tanto pelo Primeiro Mundo como pelos dominados do Terceiro Mundo. E, nessas sociedades dependentes, esse fator

faz com que se crie uma cultura do silêncio ainda maior, pois os grupos são abduzidos pelas vozes dominantes, reforçando a ideia de inferioridade natural.

Assim, as sociedades dependentes vivem em uma ideologia protegida por uma quase realidade. Dá-se uma ilusão de serem, essas razões, as poucas causas que fazem com que uma minoria, pertencente ao Terceiro setor, se rebele. Essa rebeldia contra o silenciamento, geralmente é considerada uma revolução radical, faz com que se abalem as sensíveis estruturas da própria classe.

A forma cultural, muitas vezes encontrada pelas classes dominadas para posicionar-se contra a imposição do Primeiro Mundo, destina-se a buscar explicações e posicionamentos, geralmente apoiadas em ideias "mágico-defensivo" ou "mágico-terapeuta", como forma de autodefesa, como diz Paulo Freire.

Podemos considerar que a ação cultural necessária para uma criticidade sobre a realidade, fica comprometida. Porém, a releitura dessa realidade é possível nesse diálogo existente entre os dois mundos, e nessa semi-transitividade da consciência entre o mundo das ideias impostas e o das possíveis construções críticas, pode-se construir um novo olhar, desmitificando a ideia de superioridade ou inferioridade natural. Afinal, como já dito, as relações entre os dois mundos são, inevitavelmente, dialógicas, construindo e completando uma a outra.

15 de abril
Estelamaris Galiazzi Souza

Paulo Freire é um escritor que nos permite transitar entre as diferentes possibilidades que o ser humano dispõe para ler o mundo. Neste espaço, nos é apresentada a proposta de fazer a releitura da realidade oportuniza que o educador compreenda o processo educativo e a sua prática enquanto uma opção política.

Segundo o autor, na medida em que o educador abandona os sentimentos humanitários e passa a se enxergar enquanto um sujeito político e de opção política, compreende que o ato educativo não é apolítico, sob o risco de se tornar apenas repasse de conceitos ou doutrinação ideológica. No processo de compreensão do ato educativo, o analfabetismo político cede lugar para a conscientização. Neste ponto, só há dois caminhos a seguir: a renúncia ao trabalho ou alfabetizar-se politicamente.

No caso da segunda opção, Paulo Freire avança em sua análise da sociedade e, para isso, utiliza-se da metáfora da "rachadura" como sendo o início das manifestações das massas. No Brasil, este processo inicia-se com a abolição da escravatura, transitando pela primeira guerra mundial, pela crise de 1929, pela segunda guerra mundial e vai até o silenciamento popular imposto pela ditadura militar na década de 1964 (FREIRE, 1981).

Com o início da manifestação das massas populares, elite, latifundiários, políticos e empresários buscam então, novas formas de silenciar a massa, que passam a captar amplamente a realidade num processo de consciência popular que agora vê o que antes não via, causando surpresa para dominantes e dominados.

Nestes caminhos, na medida em que as massas populares se educam, a elite dominante fica apreensiva. A sociedade burguesa busca então, assumir novos "compromissos" esquematizando reformas importadas e apontando-as como solução imediata para os problemas sociais.

Entre os estilos que nascem nestes movimentos, está o "populismo", na busca por adequar-se ao novo modelo social.

No Brasil, em nível urbano, nasce a mobilização democrática, enquanto os latifúndios permanecem intocáveis. Neste processo, a conscientização é um fator fundamental, que gera a mobilização dado o seu estado de explorados.

As sociedades que vivem e experimentam estes movimentos, tendem a ter como resposta o golpe de estado. A intensidade deste golpe não depende do nível de humanismo que a elite possui. Antes, são o resultado da intensidade das lutas de classe que tomam as ruas nos movimentos sociais. Quanto mais força têm os movimentos populares, menores são as chances do poder dominador permanecer cometendo injustiças. Um golpe de estado muda os rumos de uma nação (FREIRE, 1981).

Um dos balizamentos mais importantes deste processo é o de que as forças populares devem evitar cair, silenciar ou serem silenciadas. Todo golpe de estado vem com uma nova roupagem que, longe de serem soluções concretas, dispõe do discurso de "mudanças" e "reformas" que nada mais são do que a reinvenção dos velhos modelos. Com esta perpetuação, seguem no poder os mesmos ideais, os mesmos objetivos e os mesmos interesses de outrora. As massas populares precisam, a todo custo, resistir a estes modelos que tendem a manterem-se no poder, às custas do povo.

Voltando ao debate sobre o desvelamento da realidade, somente a condição de saída da consciência ingênua torna capaz este desvelar. A realidade apresenta linhas tênues que somente são compreendidas, a partir da mudança de postura da ingenuidade para a criticidade. O movimento de transformação ou de transição entre os níveis de consciência, conforme apontado em de nossos textos[10] neste mesmo livro, exige clareza, leitura, alfabetização política e desvelamento da realidade e de suas várias faces. É, antes de tudo, uma necessidade humana.

PAUSA PEDAGÓGICA

(anote as aprendizagens, ideias, dúvidas e ações que o texto proporcionou até aqui).

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

[10] Sobre o processo de conscientização, ler o texto *Algumas notas sobre conscientização*, escrito a partir das leituras do livro *Ação cultural para a liberdade* de Paulo Freire, 1981.

16 de abril
Fernanda dos Santos Paulo

Ação Cultural para a Liberdade (FREIRE, 1981) é um dos livros mais marcantes no tocante a definição de uma educação para a vida (existência humana vocacionada para a libertação) ou para a morte (negação da existência de modo a viver morto enquanto vive). No contexto da escola uma educação necrófila é aquela silenciada, autoritária, reacionária e bancária.

Esse tipo de educação destina-se a moldar pessoas para assumir o seu lugar de oprimido e objeto da história. Ao contrário da educação necrófila, Freire (1981) defende uma educação para a vida. Essa inquietude entre a *biofilia-necrofilia* é descrita e localizada em vários livros de Paulo Freire, além do *Ação Cultural para a Liberdade.* Mas é na *Pedagogia do Oprimido* que identificamos as raízes epistemológicas do termo, onde Freire parte de Eric Fromm (1987) para imprimir o significado de educação bancária, desumanizadora, coisificada e antidialógica, assim como de ser humano considerado objeto.

Nos dois livros citados, a necrofilia faz parte da cultura opressora e dominadora, geradora da lógica opressora e burguesa (desumanizadora) dos modos de viver em sociedade. As características da necrofilia, segundo Freire (1981) são:

1. A rigidez reacionária prefere o morto ao vivo;
2. O estático ao dinâmico;
3. O futuro como repetição do presente ao futuro como aventura criadora;
4. As formas patológicas de amor ao amor verdadeiro;
5. A esquematização fria à emoção da vida;
6. O gregarismo à verdadeira comunhão;
7. A organização dos seres humanos como objetos e não a estes se organizando como sujeitos;
8. As prescrições à comunicação;
9. Os "slogans" aos desafios.
10. A Cultura do silêncio no lugar da cultura da participação popular;

Esses dez (10) pontos representam os traços de uma pedagogia necrófila e desumanizadora. Em outras palavras, Freire (1981) afirma que um dos nossos maiores desafios é romper com as atitudes necrófilas, pois são elas que constroem contextos concretos de desumanização. E, dito assim, nos convoca a *travessia* da/pela vida (humanização - libertação) - o que demanda atitude criadora e desprendimento da cultura opressora, desumanizadora e dominadora.

17 de abril
Estelamaris Galiazzi Souza

Neste espaço do livro Ação Cultural para a Liberdade, Paulo Freire nos ajuda a compreender os conceitos de *ação cultural e revolução cultural,* a partir dos aspectos fundamentais que permeiam estes processos. Objetivando não correr o risco de ser linear, proponho um diálogo que transite entre os dois elementos, para melhor compreensão de ambos.

Freire os entende enquanto processos distintos do movimento revolucionário. A ação cultural para a liberdade ocorre num movimento de oposição ao poder dominante, enquanto que a revolução cultural ocorre com os revolucionários no poder.

Como qualquer processo, estes também têm seus limites. Na ação cultural, os limites são impostos pela opressão das classes dominantes sobre as classes dominadas. Estes limites acabam por delinear as táticas a serem utilizadas na ação cultural de enfrentamento aos abusos das classes dominantes sobre as classes dominadas.

As táticas utilizadas na ação cultural se diferenciam das utilizadas na revolução cultural, pois são momentos distintos que exigem práticas diferenciadas. Ambas entendem o processo de libertação como um enfrentamento à cultura dominante.

No processo de revolução cultural, no seio da nova cultura, que nasce da velha cultura dominante, há espaço para uma constante análise crítica sobre o processo revolucionário, dada a sua dinamicidade e dialogicidade.

Tanto na ação cultural, quanto na revolução cultural, existe um amplo processo de conscientização, que não é entendida como o que o autor chama de *slogan.* É outrossim, a maneira de ser dos seres humanos.

Os seres humanos não são corpos inconscientes e incapazes de criar. Se assim o fossem, de nada valeria a ideia de conscientização e nem mesmo a de revolução (FREIRE, 1981).

Compreendemos que os processos de ação cultural e revolução cultural perpassam os diferentes ambientes pelos quais também transitamos. Percebemos, neste ponto de nossas leituras, um atrelamento permanente entre os processos aqui nominados e o processo de conscientização, de libertação e de transformação social.

Cabe-nos também citar a educação formal enquanto um campo de permanente de busca pela liberdade de pensamento e de libertação das forças opressoras, ao mesmo tempo em que se apresenta como um espaço de conscientização. O processo de conscientização é, sem dúvida, o fio condutor da transformação social.

Em síntese, o autor destaca que, apenas para as mentes mecanicistas, cabe o pensamento de que o processo revolucionário cessa com a chegada ao poder.

Objetivando tornar clara as semelhanças e diferenças entre ação cultural e revolução cultural, organizamos o quadro abaixo que é uma síntese dos dois processos. Esperamos que esta síntese possibilite melhor compreensão dos aspectos que envolvem a ação cultural e a revolução cultural.

Quadro 1: semelhanças e diferenças entre os processos de ação cultural e revolução cultural

Ação cultural	Revolução cultural
Acontece na oposição à classe dominante	Acontece com a revolução no poder
Enfrenta o silêncio como um dado concreto e como realidade introjetada	Confronta o silêncio com introjeção
Nega a cultura dominante	Nega a cultura dominante, mas tem novas bases materiais que possibilitam a negação
Tem algumas limitações por ainda não estar no poder	Não é imobilista
Almeja a comunhão entre líderes e massas populares enquanto sujeitos de transformação da sociedade	A comunhão está imbricada entre líderes e massas, a ponto de se tornarem um só
Permanente processo autoavaliativo	Permanente processo autoavaliativo
Envolve a dialética da sobredeterminação	Envolve a dialética da sobredeterminação
"Ser consciente" como forma radical do ser humano	"Ser consciente" como forma radical do ser humano

Fonte: elaborado pela autora

18 de abril
Eduardo Dias da Silva

No capítulo *O processo de Alfabetização Política: uma introdução*, Freire (1981) traz à baila dois conceitos que são bastante recorrentes na contemporaneidade: a ideia de conhecimento ligado à criticidade e à alfabetização política. Essas duas ideias, além de outras, corroboram a importância atemporal dos estudos freirianos para a humanidade, colocando-o como um dos grandes pensadores do século XX.

Segundo Freire (1981), o conhecimento adquirido no ambiente escolar é um dos caminhos para a formação cidadã, como precursora de criticidade e como organizadora de ideias nas quais o movimento de reflexão e ação deve ser premissa do fazer pedagógico dos educadores junto aos educandos e vice-versa, pois o desenvolvimento do conhecimento político passa por uma alfabetização política, sim.

Ao falar de consciência política, tem-se o dramaturgo, poeta e encenador alemão, Bertold Brecht (1988, p. 42), o qual afirma que "o analfabeto político não se informa sobre política, não fala sobre política nem participa de eventos políticos". Em sentido contrário, o pensamento freiriano remete que a Educação, como instrumento de reprodução das ideologias ou como métodos de ações transformadoras revolucionárias, exige sempre criticidade dos educadores. Por conseguinte, a aquisição dessa pelos educandos fomenta não somente a criticidade, mas uma sociedade

mais justa e igualitária. Há, contudo, mais apontamentos de direções e percursos a serem trilhados a fim de que todo o processo de aprendizagem de leitura e escrita emerjam do ambiente escolar, não de forma excludente e nem exclusiva, mas também do entendimento político ativo e crítico por parte de todos, na construção não só de espectadores, mais também de protagonistas das narrativas, ao passo que, de acordo com Freire (1981, p. 71),

> [...] isto significa então que, ao escrever, não posso ser um puro narrador de algo que considere como um fato dado, mas, pelo contrário, tenho de ser uma mente crítica, inquieta, curiosa, constantemente em busca, admitindo-me como se estivesse com os leitores, que, por sua vez, devem recriar o esforço de minha busca.

Essa busca de (re)criação do pensamento, é a criticidade que leva ao protagonismo socioeconômico almejado por Paulo Freire e, por conseguinte, não se pode falar em autonomia social, econômica e cultural, deixando de lado o entendimento da consciência política que perfaz e legitima toda a estrutura político-administrativa de uma país. Sendo assim, advoga-se, juntamente com Freire (1981), que a Educação é o procedimento no qual o educador convida os educandos a conhecer e a desvelar a realidade de modo crítico, posto que

> [...] o conhecimento envolve a constante unidade entre ação e reflexão sobre a realidade. Como presenças no mundo, os seres humanos são corpos conscientes que o transformam, agindo e pensando, o que os permite conhecer ao nível reflexivo. Precisamente por causa disto podemos tomar nossa própria presença no mundo como objeto de nossa análise crítica. Daí que, voltando-nos sobre as experiências anteriores, possamos conhecer o conhecimento que nelas tivemos (FREIRE, 1981, p. 72).

Na verdade, contudo, esse mundo novo não surge assim. Ele é criado no processo revolucionário que, devendo ser permanente, não se esgota com a chegada da revolução ao poder, ou seja, o entendimento dos processos políticos, de falar de política e conhecer tais assuntos é algo que se aprende no ambiente escolar, embora seja para toda a vida, pois a criticidade e a autonomia das pessoas devem ser respeitadas cotidianamente. A criação desse mundo novo, que jamais deve ser "sacralizado", exige a participação consciente das grandes massas populares.

19 de abril
Gabriely Lopes de Oliveira

Neste trecho, Paulo Freire fala sobre como o "analfabeto" político não consegue compreender os seres humanos como presenças. Esta pessoa acredita em um conhecimento alheio à historicidade, ao papel da filosofia na explicação do mundo e na aceitação, ela ainda acredita na educação como mera exibição dos fatos, transferindo apenas valores abstratos, saberes que a mente iludida do "analfabeto" político afirma.

Para essa inocência se assim pode ser chamada, não há o entendimento da impossibilidade de se ter teoria sem pratica, do pensamento sem a atitude transformadora. De outro ângulo Freire nos diz que quanto mais apurada essa consciência inocente, mais desobediente fica ao discernimento crítico da realidade.

A educação em um enfoque crítico, deve ser segundo Paulo, aquela que, desmistifica a realidade, que auxilie mestres e discípulos na vitória sobre o "analfabetismo" político. Se não superarmos o exercício da educação como mera transferência de ideia que apenas descreve a realidade, esse quadro só é reforçado. Freire ainda termina dizendo que é preciso vencer esta educação

superficial, se nossa opção for de um ensino revolucionário, e substituí-la por outra que o objetivo seja conhecer e modificar a realidade. E que não lhe parece devido ter que reforçar que essa forma de educação não deve ser colocada em prática pelas classes dominantes.

É de fundamental importância a superação da educação domesticada, mas isso não vai ser feito se o educador segue o modelo "domesticador". O educador para a libertação tem de renascer como educador e propor aos alunos que também renasçam nessa realidade libertadora. Sem isso, o ensinar para o livramento se torna impossível.

A educação como meio de formação do pensamento dominante ou como meio de transformação, exige sempre a presença de um educador. Ele não é uma presença dispensável. Todavia existe uma grande diferença entre estar presente e ser presença. Para explicar isso Freire usa como exemplo Freinet um grande pedagogo contemporâneo que aderia a perspectiva libertadora, o mesmo jamais deixou de estar presente, mas também não a excedeu ao grau de diminuir a presença dos discentes à uma mera sombra sua. O professor então precisa estar atento ao fato de que, ao começar o processo de educar para a liberdade ele está se preparando para "morrer" como simplesmente o preceptor do educando, afinal ele não pode ser um educador para a liberdade, se apenas muda o conteúdo da burguesia por outro, mantendo a mesma prática.

Por este motivo, um dos equívocos de algumas sociedades socialistas, está em não ser capazes de ultrapassar a marca de ser "domesticador" cuja herança se equipara a do stalinismo. Em função disso, é frequente que se confunda a educação socialista com o pensamento marxista. Ou seja, um pensamento que não pode ser preso é diminuído à uma capsula que leva esses mestres a uma prática fechada da educação voltando para a educação burguesa. O que perpetua a escola como meio de controle social. Assim estimulam o "analfabetismo" político.

A insistência da ideologia burguesa, se mostra numa excêntrica espécie de idealismo que diz que transformando a sociedade burguesa, um "mundo novo" é automaticamente criado. Mas na realidade esse mundo não surge assim. Ele advém do processo revolucionário que não se finda com a chegada da mudança no poder. Esse mundo novo nunca deve ser visto como um milagre, ele exige a participação das grandes massas populares, que devem superar a divisão do trabalho manual, intelectual e uma educação que não mais repita a burguesia. Como exemplo disso Freire usa a China e sua revolução cultural, que recusa toda concepção estática e imobilista da história. De forma que permanece a mobilização do povo, de criar e recriar sua sociedade.

Ser consciente é a forma mais profunda de ser dos seres humanos.

20 de abril
Thiago Ingrassia Pereira

A produção e a leitura de textos requerem a compreensão de seus contextos. O estudo sério e rigoroso exige uma disciplina que possui a curiosidade como base fomentadora. Por isso mesmo, a seriedade e a rigorosidade não se opõem à alegria, pois a busca do conhecimento, enquanto ação dotada de sentido, é geradora de potencialidades humanas.

Nesse sentido, Paulo Freire é um entusiasta do estudo e da construção de sujeitos históricos que buscam a sua conscientização *no* e *com* o mundo. Dessa forma, reflete em um de seus textos escritos já durante o período de exílio sobre as implicações pedagógicas da humanização. Integrando o livro *Ação cultura para a liberdade* (2007), as reflexões entre as páginas 113 e 116

da 12ª edição nos provocam em nosso exercício da docência e da pesquisa, bem como da militância por um mundo melhor.

Freire nos convida a perceber a radicalidade do conhecimento e do que conceitua como "ato gnosiológico", entendido como mobilização diante do saber. Sempre orientado pela relação entre sujeitos e não objetivos, o autor apresenta uma argumentação com a marca típica de sua escrita – a oralidade. Contudo, longe de ser menos rigoroso ou conceitualmente embasado, o texto freireano apresenta como desdobramento central o pressuposto da impossibilidade de uma atitude neutra na construção e difusão do conhecimento.

Assim, encontramos em Freire a concepção moderna de origem marxista da diferenciação entre aparência e essência, bem como a leitura fenomenológica em que a (inter) subjetividade cumpre um papel importante na construção da realidade a ser compreendida. Temos um autor que acredita no exercício científico como construtor de uma verdade que, por isso mesmo, não pode estar atrelada a leituras superficiais dos fenômenos em análise. Contudo, insiste Freire (2007, p. 114): "é necessário não confundirmos a preocupação com a verdade, que deve caracterizar todo esforço científico realmente sério, com a tão propalada neutralidade da ciência, que de fato não existe".

Na mesma linha encontrada em outras passagens da obra de Freire, encontramos a preocupação do autor em refletir sobre metodologias de estudo, apostando na clareza conceitual e no necessário investimento intelectual para a devida compreensão da realidade. Por isso, antes de entrar no debate sobre humanização, o autor argumenta sobre os perigos de um estudo temático desprovido de rigorosidade. Além da inexistência da neutralidade, Freire é enfático: "[...] toda neutralidade proclamada é sempre uma opção escondida" (2007, p. 115). Nada mais atual para entendermos manifestações como o movimento "Escola sem Partido". Aliás, o ataque a Paulo Freire é um constante entre as manifestações dos epígonos dessa corrente neoconservadora (PEREIRA, 2018).

A impossibilidade da neutralidade em educação apresenta um desdobramento objetivo: de que lado estamos? Para quem e para quê trabalhamos? Contra o quê e contra quem? Portanto, a humanização é uma opção, é parte de um projeto de sociedade e que encontra uma expressão na formação humana. Para Freire, a humanização é um imperativo ético e a luta contra o seu contrário – a desumanização – deve pautar o movimento educacional progressista.

Dessa forma, o desdobramento pedagógico da desumanização (causa e consequência de forma articulada) é a opressão. Uma pedagogia opressora é "bancária" e aposta na "cultura do silêncio" com forma de domesticação. Aliás, ainda que não de forma aberta, a dominação e suas vias de efetivação se apresentam, via de regra, de forma opaca. Portanto, estão naturalizadas e dificultam o seu enfrentamento, exatamente porque não são percebidas.

Ao "rasgar as cortinas", na expressão de Milan Kundera, podemos avançar em nossa relação consciência-mundo, construindo possibilidades libertadoras efetivas. Assim, estudar e humanizar-se são faces da mesma moeda. É preciso uma pedagogia que expresse esse compromisso ético.

21 de abril
Renata Kelly Sousa de Almeida

Freire 1981 enfatiza fortemente dois termos muito recorrentes no decorrer deste texto. São eles: educação como tarefa dominadora e educação como tarefa humanizante. E entre eles, está um equilíbrio denominado de neutralidade.

A tarefa dominante compreende-se por aquele agente transformador ter uma atitude dominadora sobre alguém a fim de "domesticação" ou alienação. Expondo em exemplos mais concretos, em uma sala de aula com o perfil de educação tradicional, o professor além do detentor do conhecimento, o dominador, impor sua hierarquia sobre o aluno que está disposto a aprender porem, pelo professor é visco como um recipiente vazio propicio a ser preenchido, na qual esta dinâmica é desumanizante, em que apenas o conhecimento é transferido.

Outro perfil, o humanizante, encara a tarefa da educação com um olhar mais recíproco e humano. Aqui, não há sobreposição de cargos. Todos são iguais lutando em prol de uma causa, a educação mais igualitária sobre o homem como o construtor de sua própria realidade.

A distinção entre eles é que o primeiro apenas domina, não considera o homem e nem conhecimento prévio sobre a realidade. O segundo é totalmente antagônico a este primeiro. Neste, as qualidades são de um homem mais reflexivo sobre sua realidade e tem ciência que ele tem um papel transformador na sociedade que vive.

A neutralidade é encaixada a estas duas tarefas como aquele sujeito que observa as duas situações com um viés crítico. Contudo, por uma escolha pessoal prefere não expor publicamente sua opinião sobre determinados assuntos. Exemplos: politica, opção sexual, religião e outros temas recorrentes. Para Freire 1981, p. 79 a neutralidade ela não existe. Desta forma, complementa o autor: "toda neutralidade proclamada é sempre uma opção escondida.".

22 de abril
Marcelo Teixeira

Estamos em crescente crescimento cultural e com a dimensão das mídias sociais que adentraram o século XXI, facilitaram o acesso à leitura, à educação, ao mundo da escrita virtual e do imediatismo fantástico que percorrem os quatro cantos do planeta. Essas metodologias ativas não eram recorrentes na época em que Freire vinha conquistando as pessoas com sua antenada fala acerca da ação cultural para a libertação ou, mais ainda, na época da ditadura militar dos anos 1960, quando ele ministrava os temas geradores para camponeses e trabalhadores rurais. Esses tempos parecem coisas muito ultrapassadas, antiquíssima ou arcaica, mas que para o nosso tempo atual, reflete e muito no tipo de professor que queremos ser e ter e no tipo de aluno que precisamos e devemos educar.

A inquietude do educando se faz presente devido à morosidade da quietude do educador, que ainda está preso e atrelado aos dizeres de teorias que não foram (re) analisadas ou (re) estudadas com mais rigor e afinco para recebermos esse novo alunado, tão presente nas mídias digitais, onde seus dedos percorrem facilmente as teclas do computador, do celular de última geração, do tablet moderno e viçoso. Para que essa inquietude seja sanada, é preciso que o docente

esteja preparado para o novo, para o que está acontecendo em seu território educacional de pesquisa e atuação e concentrado no ato da ação-reflexão que gera o comportamento mundano.

Ser inquieto é uma resposta a uma pergunta. É ter um olhar diferenciado para aquele acontecimento, aquela vivência inesperada, aquela situação que não é normal, aquele ato que não é corriqueiro. Aquela inquietude do educando é uma premissa de que o trabalho do educador seja renovado, revisto, reanalisado e recolocado nos trilhos certos para uma somatória de conversas em prol de um resultado satisfatório e inesperado. É o que chamo de realidade flexibilizada, ou seja, toda ação requer uma reflexão e toda realidade continuada requer um ato flexibilizado.

Essa realidade flexibilizada precisa ser estudada pelo educador que quer transformar a vida de seus educandos por meio da pesquisa que gera um conteúdo para um conhecimento de aprendizagem significativa em favor da aquisição de um ato intencional para a catalisação do processo de ensino e aprendizagem entre todos os envolvidos nessa simbiose. Trata-se, variavelmente, de uma transição de conhecimentos oriundos da cultura, da pesquisa, da realidade colegada com a flexibilização do pensar, do refletir, do fazer filosófico.

Toda ação que busca na realidade de flexibilização um tom humanístico requer a concentração de parâmetros formais e informais dentro de uma sequência lógicahorizontal que leva os conceitos de uma sistematização sociológica que se transforma em uma pedagogia libertadora com ato de uma pedagogia assistiva entre o sujeito em suas especificidades, os dizeres de conteúdos, o educando, o educador. O real passa a ser o ideal e que precisa estar em linha tênue com o flexível para obter um resultado plausível para a resposta do aluno inquieto, que se encontra com o olhar diferenciado de um profissional que antecipa o desenvolvimento característico desse aluno e que conseguirá antever a evasão de pensamentos arbitrários para uma sucção de um ato intencionalista.

Essa fonte do saber é uma rica e potável sustentação professoral que busca na pesquisa catalogada um dispositivo a mais de promulgação de estudos, que vai além dos muros da universidade e que consegue ser atribuída aos alunos, ministradas com toda a sabedoria da aprendizagem que Platão instaurou em suas alegorias e que emerge da inspiração filosófica do entendimento institucional para uma reflexão natural do humanismo sociológico etéreo. O professor precisa estar preparado para a pergunta do aluno inquieto, do aluno que busca nessa inquietude do saber uma forma sincrética do pensar certo para saber que precisa continuar a pesquisar, a procurar e a concretizar que a real fonte de flexibilidade entre esse diálogo educador-educando provém de uma busca incessante entre conflitos de leituras.

Assim como os dizeres de Freire reverberam até hoje em nós, educadores e educadoras, para uma postulação educacional centrada na emancipação do outro para uma transformação individual e coletiva, a função da palavra e da força da leitura fazem com que a ação cultural dessa liberdade seja prevalecida por meios de busca apreendida com o sabor de uma recompensa. Buscamos essa recompensa por meio dos saberes dos livros, da pergunta inquieta e intrépida de um aluno sentado em sua cadeira com pensamentos absortos e de várias pessoas e transeuntes que encontram na figura do professor um ser letrado. Essa é uma busca árdua, longa, teimosa, mas que tem na palavra recompensa a sua beleza, a sua formosura, a sua lisura.

Buscamos para nos aperfeiçoar, buscamos para nos entreter, buscamos para nos precaver, buscamos para entender, buscamos para nos absorver de conteúdos sistematizados em uma política central de cultura para ensinar o outro aquilo que buscamos em um pantaleão de dizeres.

Buscamos para nos confrontarmos, para nos alimentarmos, para nos testarmos diante da realidade a que vivemos, a que estamos vivendo e a que vamos viver. Buscamos para melhorar não o mundo, mas para transformar o outro melhor em sua busca. A busca que procuramos está em consonância com a busca interiorizada na busca do outro, mas que precisa ser lapidado, invadido no sentido amplo da palavra, centralizado e ponderado em uma consequência de buscas para um comportamento humano pensante. Buscar faz parte do nosso ideário imaginativo legítimo, do nosso ser enquanto seres únicos, da nossa pedagogia humanista, da nossa cultura performática.

A busca é o hoje!

Há de haver um saber indisciplinado que gera o comportamento de um ser disciplinado. O professor se capacita para transformar a realidade ideal e real daquele aluno para em seguida se beneficiar do ato flexível e filosófico da reflexão por intermédio da razão pensante, que busca em uma compreensão sustentável do saber para chegar a um resultado dialético para a ansiedade de seus alunos com o ato intencional da educação e da mudança pela busca dessa inquietude.

23 de abril
Jaqueline Balthazar

Para Freire a única maneira de se discutir o papel das Igrejas na educação é pela via da historicidade. As igrejas são feitas de sujeitos historicamente situados, que estão condicionados à realidade "econômica, política, social e cultural" (FREIRE, 1973, p. 123). Assim sendo, o papel educativo das igrejas não está desvinculado da história concreta, e, por isso mesmo, também está sujeito aos mesmos condicionamentos. Nem as igrejas, nem a educação são neutras.

O que importa é reconhecer que, em não havendo neutralidade, existem aqueles que, por traz de uma falsa neutralidade aproveitam-se da ingenuidade de muitos com propósitos que não são neutros e, ao contrário, servem a um propósito bastante definido e que tem um lado. Servem à classe dominante de modo que outra classe seja oprimida e se mantenha domesticada e submissa em nome de uma neutralidade disfarçada. Importa, para a classe dominante, manter o *status quo* e, por isso, faz-se de tudo para que a mudança de consciência e a transformação das estruturas sejam desencorajadas. Não há interesse em se libertar as classes dominadas do subjugo dos poderosos.

Entre os inocentes podemos encontrar aqueles que se rendem à classe dominante e aqueles que superam a inocência e deixam de ser acríticos para assumir uma posição de defesa dos oprimidos. Assumir essa posição não é tarefa fácil, pois, é preciso ter a ciência de que encontrará dificuldades. Assumir uma posição é sair do lugar confortável e se colocar em risco.

Freire utiliza-se da metáfora de própria Páscoa, no sentido em que, é preciso morrer para a imagem elitista de antes para assumir o novo homem, a nova mulher, agora, revolucionário(a). Renunciar aos mitos de "superioridade", "pureza da alma", "virtude", "saber" e de que a tarefa é salvar os pobres, bem como o mito da inferioridade dos pobres, da impureza física e espiritual.

A verdadeira Páscoa é existencial e é historicamente situada. A verdadeira Páscoa práxis. Uma práxis que transforme a realidade. O renascer ou a ressureição pascal exige atitude real. Não pode ser apenas "aceita pela visão burguesa do mundo, [...] estática [...] A mentalidade burguesa tenta matar o dinamismo histórico e profundo que tem a Passagem. Faz dela uma simples data na folhinha" (FREIRE, 1973, p. 126).

A mudança deve acontecer de forma profunda no coração, na mente e na alma de modo que, ao se propor fazer a sua Páscoa, o homem e a mulher, agora renovados, abandonam toda vaidade e toda forma de posse que é conseguida por meio da opressão. A mudança não é apenas fruto de um discurso vazio, mas de uma nova atitude. Assim como não se pode curar sem mudar as estruturas sociais. Não é possível fazer a mudança sem enfrentar conflitos. A conciliação de classes é uma ilusão.

Não se pode ser um idealista, ou um moralista, acreditar que a conciliação é uma possibilidade viável. Ser um idealista é mais um obstáculo do que um caminho de libertação.

Precisa haver um equilíbrio entre o subjetivo e o objetivo de modo que a consciência se transforme em ação com reflexão. Teoria e prática precisam se articular de modo que ambas sejam iluminadas para uma práxis na qual a conscientização seja um despertar para a libertação.

O fazer revolucionário exige um olhar para além do assistencialismo e do elogio por ser aquele que reza fervorosamente. Como diz Freire, uma família que reza precisa de casa, trabalho, saúde, pão, roupa, educação; precisa de respeito à dignidade; precisa perceber que não é vontade de Deus a dor e o sofrimento.

Assumir o engajamento histórico, político exige muita coragem e, por isso, muitos escolhem ficar na comodidade e voltam-se contra os que buscam a libertação chamando-os de falsos cristãos e colocando-os como os inimigos do povo, privando-se da visão profética e se voltam aos ritualismos burocráticos alienantes. Impede que a Páscoa acontece de fato.

Freire explica que a esperança é a caminhada daqueles que tomam a própria história nas mãos, é preciso morrer enquanto classe oprimida para fazer a travessia e renascer como homens e mulheres novos. É preciso ser protagonista da própria história e não mero expectador a espera que tudo aconteça sem intervir.

Há um "eu" coletivo que é maior que o "eu" indivíduo e assumir a história é reconhecer-se parte de um núcleo maior, não somos existências isoladas no mundo.

É preciso superar a visão tradicional da igreja que foge do mundo para buscar a transcendência. Não, o caminho é exatamente o contrário, é na mundanidade que se chega à salvação. As igrejas tradicionais perpetuam e replicam o caráter de dominação das classes mais abastadas que, com seus altos dízimos, cobram caro e calam pastores e silenciam os oprimidos.

Freire faz um alerta que, ainda hoje, ou mais precisamente, justamente hoje se torna mais do que importante "O desenvolvimento da América Latina só se dará na medida em que se resolva sua contradição fundamental ou principal, que configura sua dependência". Num momento em que estamos retrocedendo, estamos voltando a dependência depois de anos de lutas e conquistas democráticas tão valiosas.

Uma igreja profética é uma igreja andarilha, tal qual Ele. Não é possível discutir Igreja e Educação, senão pela via da historicidade, acompanhando os movimentos proféticos – denunciando e anunciando.

24 de abril
Avanilde Polak

Nesse momento de sua teoria Freire ressalta a importância de romper com concepções ideológicas promovidas para destacar ações que podem ser consideradas como nobres, porém, que não suprem necessidades da população, mais especificamente da classe trabalhadora menos provida financeiramente. Vale salientar que a obra *Ação cultural para a Liberdade* foi publicada em 1975, mas esse fragmento especificamente da obra, destaca o panorama político e sociocultural brasileiro atual.

Vivemos discursos promovidos pela mídia, por órgão governamentais e religiosos para a conscientização de certa dose de moral religiosa atrelada a comportamento de aceitação, infelizmente, visto por grande parte da classe dominada como padrão e algo inquestionável

Para destacar a atenção para o debate e aproximar a reflexão do leitor, Freire destaca como o discurso político, por muitas vezes, faz uso de concepções religiosas e de condutas familiares voltadas às relações interpessoais, bem como os padrões impostos pela/na sociedade. A forma de "doutrinação ideológica" é o grande trunfo nas mãos da classe dominante que difunde seus ideais de forma que os "ingênuos" acreditem que tudo isso é em prol de seu bem estar, esquecendo das necessidades cotidianas básicas como moradia, saúde e alimentação.

Aqueles seres que rompem essas concepções ideológicas entram em embate com a classe dominante e por grande parte dos "ingênuos" dominados. Nas palavras de Freire (1981, p. 131): "(...) só eles podem denunciar a 'ordem' que os esmaga e, na práxis da transformação desta 'ordem', anunciar um mundo novo a ser refeito constantemente (...)". Logo, somente a partir da ação desses agentes de mudança é que torna-se possível a quebra de alguns preceitos dominantes e assegurar condições básicas aos dominados.

Esses agentes sociais que se rebelam contra as concepções ideológicas impostas são vistos, conforme expressão de Freire, como "seres diabólicos", porém as mudanças constantes na sociedade e a forma como os direitos básicos da classe dominada são assegurados por esses "seres diabólicos", que se vestem de coragem e seguem a caminhada árdua na busca por igualdade de forma concreta, efetiva e real.

25 de abril
Hassan Marra Jorge
Bruna Carvalho Nascimento

Freire inicia seu texto dialogando acerca do papel da igreja na América Latina, em especial no campo da educação. Destaca o autor, que é impossível ocorrer uma neutralidade política dos agentes religiosos, tornando impossível a discussão deste papel da igreja de forma abstrata, uma vez que a própria concepção de educação, seus objetivos e métodos, estão condicionados ao idealismo sócio-político dos agentes envolvidos. Do mesmo modo, aponta a utopia em analisar a educação fora de um contexto histórico, apenas como um modelo puro e imutável. Até mesmo o condicionamento teológico de cada congregação traz influências sob a educação mediada por essas entidades.

Assim como ocorre na atualidade, o autor já destacava na década de 1970, que diante de uma sociedade organizada por classes sociais, é a classe dominante, ou seja, as elites do poder, quem definem a educação e seus objetivos. Outrossim, tais os objetivos traçados pelos donos do poder, jamais irão contra seus interesses. Tão logo, a educação proporcionada às classes operárias, sempre terão como foco a qualificação da mão de obra, deixando de lado a educação emancipadora. Logo, não surpreende a igreja – sob o comando do Conselho Episcopal Latino-Americano – que defende de maneira clara a educação libertadora, passasse a sofrer sanções por parte das elites do poder que ali frequentam em missas dominicais, mas cujos ideais esdrúxulos e mesquinhos não lhes permitem olhar com bons olhos a descodificação social alcançada por uma educação libertadora.

Historicamente, as igrejas na América Latina têm assumindo papéis diferentes perante a educação, pois, seja de maneira clara ou oculta, todas contam com distintos papéis políticos ali intrínsecos. Por um lado, a igreja tradicionalista – espalhada por toda a América – atua na "conquista de almas", pregando que o ser humano deve pagar por todos os seus pecados, logo, quanto mais ele sofra, mais próximo do céu ele estará. Sejam igrejas de cunho protestante ou católica-romana, esses locais se tornam um local de refúgio para as massas menos abastadas, que se silenciam entre as quatro paredes sagradas, ao acreditarem estar mais próximos de deus através de seu sofrimento. Encontram ali um local onde "se vingam" dos opressores, abrindo mão de um mundo do pecado, e se aproximando de deus, ao contrário das classes dominantes, que tantos pecados cometem em um mundo de luxúrias. É desta maneira, que os oprimidos escolhem a salvação sem alcançarem a libertação mundana.

A igreja tradicional se faz presente principalmente em localidades onde o mercado interno é mínimo, e a exportação de matéria-prima é comum. Comumente agrícolas, essas sociedades cultuam a cultura do silêncio. No entanto, inclusive em centros urbanos industrializados essa igreja arcaica ainda se faz presente, uma vez que para superar essa visão de mundo, é necessária uma mudança qualitativa dos atores dominados ali presentes.

Até mesmo em sociedades onde a modernização tecnológica se faz presente com maior frequência e com mais força, a libertação dos oprimidos por meio da educação também é complexa, sendo estes avanços tecnológicos também dependentes das ideologias daqueles que as comandam. Se constitui, portanto, tarefa árdua analisar essa linha tradicionalista, uma vez que ela se apresenta como aliada das classes dominantes, mesmo que seus líderes não tenham consciência de seu papel na propagação das diferencias sociais. Paulo Freire afirma que:

> O papel que tais Igrejas podem desempenhar e vêm desempenhando no campo da educação tem, portanto, de estar condicionado por sua visão de mundo, da religião, dos seres humanos e de seu "destino". Sua concepção da educação, que se concretiza em uma prática correspondente, não pode deixar de ser quietista, alierfada alienante. (FREIRE, 1981)

Evoluindo a partir desta igreja tradicionalista e dogmática, surge na América Latina um outro tipo de igreja, que por sua vez tem em sua essência a ruptura das amarras do homem perante aqueles que oprimem. Surge então uma igreja de estruturas modernas, onde as massas oprimidas anteriormente imersas em seu processo sócio-histórico, iniciam um movimento reverso, de emersão diante de um novo mundo, cujo processo de industrialização modificaria todo seu conjunto social. Novos desafios surgem neste novo contexto tanto para a classe dominante, como para os dominados.

Através dos interesses imperialistas presentes até os dias de hoje em toda América Latina, se condicionou a própria transição de uma sociedade tradicionalista em face de uma moderna, a

estratégias cada vez mais agressivas de dominação social. O imperialismo por sua vez, colabora para o surgimento de uma ideologia do desenvolvimento, por meio do qual se defendem o pacto das burguesias nacionais em contraponto ao proletariado. Se faz impossível a compreensão destes movimentos, sem observar, portanto, o atraso social, cultural e econômico da América Latina, uma vez que para superar essa estrutura arcaica, e assim proporcionar o desenvolvimento industrial latino-americano, as elites econômicas tiveram que encontrar outros meios para seu crescimento.

Diante do exposto no parágrafo anterior, as elites defendam um desenvolvimento dependente, onde oprimidos poderiam ser condicionados à estudos que proporcionassem maior libertação diante do que até ali era vivido, porém, nunca de forma a superar sua dependência da classe opressora, que continuam a determinar as questões políticas, econômicas e culturais de suas sociedades. Portanto, o que se vê, é uma América Latina que se moderniza, porém, não se desenvolvendo, continuando a ser uma sociedade alienada e dependente de suas classes opressoras. Freire aponta como possibilidade para o real desenvolvimento da latino-americano, o momento em que estes países passarem a tomar suas decisões sem influências externas, e partindo não mais da burguesia, mas das classes proletárias oprimidas.

A intervenção imperialista na América Latina por sua vez, traz fatos até então jamais observados nestas terras. É o caso do surgimento da pequena burguesia técnico-profissional, em palavras atuais, a classe média. Essa nova classe, não deixa de ser oprimida pelos donos do poder, porém, ela não se enxerga como mão-de-obra e sim como mais um "burguês tradicional". O que proporciona o surgimento dessa nova classe é a educação técnica, que se fez necessária perante o processo de industrialização dos países latino-americanos, que não contavam com mão de obra especializada. Por meio dessa classe média, ganha força nas Américas um novo posicionamento político – o populismo, que se oportuna em fazer a ponte entre opressores e oprimidos, porém, com total viés assistencialista.

Neste novo contexto latino-americano, são que igrejas passam a avançar em suas concepções, modernizando e aperfeiçoando sua burocracia; gerindo de forma menos pragmática e mais eficiente sua caridade. O surgimento da mídia em massa ganha força e proporciona uma alienação velada por meio de telejornais e novelas com mensagens subliminares, onde existe o lugar o pobre e o do rico. Até mesmo as igrejas modernas não perdem seus *status* alienante, pois, embora não tenham mais o foco na justiça divina, ela prega reformismos que preservam o opressor.

26 de abril
Estelamaris Galiazzi Souza

Ao falar sobre as classes dominantes e dominadas, Paulo Freire utiliza como exemplo a atuação e cultura das Igrejas na América Latina, pois as concebe como um meio de libertação e/ou alienação. Algumas correntes ideológicas religiosas, através da linguagem, omitem o conceito *classe e* passam a operar utilizando o conceito *individualismo (o EU).*

Na mesma linha de pensamento, Freire faz uma crítica ao sistema capitalista que aliena dominantes e dominados. Os primeiros porque se amparam no *falso TER. Os segundos, proibidos de SER,* acham-se impossibilitados de superar a alienação e promover a transformação necessária.

As classes dominantes nem sempre conseguem chegar ao que Freire chama de *quefazer*, ou seja, não se sentem capacitadas para romper com o ciclo de dominação no qual estão imersos. Por isso, conseguem apenas fazer reformas e modernizações, a exemplo das igrejas modernizadoras. Para tanto, utilizam-se de métodos como se estes fossem elementos neutros, desprovidos de intenções.

Outro aspecto levantado pelo autor se refere às Igrejas consideradas *proféticas,* que apregoam a transformação radical da sociedade. Esta linha de pensamento religioso, crescente na América Latina, não se concebe acrítica e nem tampouco esconde ou mascara sua opção libertadora e transformadora. Antes, centra-se no coletivismo e na atuação permanente com a realidade.

Há, nesta perspectiva, uma mudança de postura do EU para o NÓS. Ocorre a transição da visão idealista para a visão dialética da sociedade. Pra que isso ocorra, é preciso haver um profundo processo de conscientização e de compreensão da realidade.

A percepção da realidade enquanto *processo* e não apenas como um *fato* pronto e acabado, tem oportunizado movimentos mais coletivos e humanizadores.

Segundo Freire (1981, p. 101),

> A posição profética não é pequeno-burguesa. Por isso mesmo ela sabe muito bem que a autenticidade da denúncia e do anúncio, como processo permanente, só alcança seu ponto máximo, quando as classes dominadas, através de sua práxis, se fazem também proféticas, utópicas e esperançosas, portanto revolucionárias [...] Da mesma forma, nenhuma Igreja poderá ser realmente profética enquanto seja "refúgio das massas" ou agência de modernização e de conservadorismo.

Nesta perspectiva profética e libertadora, a temática da Igreja não pode ser mera *conciliação entre os inconciliáveis.* Precisa sim, ser objeto de libertação, de conscientização e de práxis coletiva.

Considerando a Igreja um espaço de exercício de libertação e de acolhimento de diferentes culturas, Paulo Freire reforça também a amplitude do termo Educação. O autor sinaliza a necessidade da educação lutar para manter vivo o seu papel libertador, transformador e conscientizador, no vasto campo em que esta se aplica, atrelada aos diferentes tempos históricos.

Nos propomos então, a exercitar o movimento de compreensão dos processos educativos, pautados no *não refúgio das massas* e muito além de reformas. Na perspectiva freiriana, a educação somente cumpre seu papel se partir do movimento de compreensão e reflexão da realidade, para uma prática igualmente dialética. Neste movimento, agir, refletir, compreender e atuar são movimentos que se complementam em um processo movido pela dialética do ensinar aprendendo e do aprender ensinando.

Trabalhemos para que os grupos sociais (igrejas, escolas, clubes) sejam espaços de ações coletivas onde o NÓS tenha força suficientemente capaz de promover a transformação e não apenas a mudança ou o conservadorismo; em que se diminuam os espaços de opressão e alienação.

27 de abril
Avanilde Polak

Em diversos lugares do mundo é possível identificar pessoas que lutam por igualdade e dignidade das classes dominadas. Quando se tem a união desses idealistas, tem-se a esperança de um mundo melhor.

James Cone evidenciou a luta pela classe dominada nos Estados Unidos tendo como enfoque questões que envolviam raça e cor. Freire ao fazer o prefácio da obra de Cone *A Black Theology of Libertion,* em 1972 destaca o estreitamento de ideais afirmando que (1981, p. 150): "(...) a 'teologia branca', para usar uma expressão ao gosto de Cone, é tão política quanto a 'black theology' ou 'teologia da libertação' na América Latina (...)". Ou seja, nos Estados Unidos o preconceito racial e aspectos referentes a cor estavam tão em evidência e necessidade de articulação como a libertação da classe dominada na America Latina rompendo com a ideologia dominante.

Ao longo o prefácio Freire (1981, p. 151) destaca que "(...) dizer sua palavra, por isso mesmo, não é apenas dizer 'bom dia' ou seguir as prescrições dos que, com seu poder, comandam e exploram. Dizer a palavra é fazer história e por ela ser feito e refeito. As classes dominadas, silenciosas e esmagadas, só dizem sua palavra quando, tomando a história em suas mãos, desmontam o sistema opressor que as destrói (...)". Nesse excerto ficam expressos "molde sociais", ou seja, o autor tenta destacar que tudo o que acontece na sociedade parte da classe dominante e seus anseios, desde um simples ato de cumprimentar ou reportar-se a alguém até ações maiores.

Todos os seres envolvidos e todas as ações realizadas fazem história. A história da humanidade se constitui através dessas histórias individuais e que unem formando o coletivo. Da mesma maneira, os revolucionários (ou como vistos pela elite dominante como seres "demoníacos") ao se unirem promovem a mudança.

Dessa forma, no prefácio vemos a junção de ideias e ideais que promoveram e ainda promovem a reflexão no contexto social, logo, que ainda incomodam a classe dominante tentando semear reflexões, ações e a quebra de ideologias.

28 de abril
Juliana de Souza Ramos

Explicar algo nunca é simples.

É na realidade libertar o fenômeno das aparentes facilidades e trazê-lo a realidade concreta. Quanto mais estabelecemos relações com seus vários aspectos, mais nos apropriamos e o compreendemos o que Freire chama de "complexo dinamismo".

Quem lê precisa fazer o mesmo esforço, assim o leitor não deve receber um "fato dado", mais autor e leitor assumirem uma "atitude comprometida", nunca neutra. Buscar/conhecer a verdade dos fatos precisa ser um dos objetivos da aprendizagem. Em um primeiro momento o "conhecimento é processo que implica a ação – reflexão do homem sobre o mundo".

Para adquirir novos conhecimentos e principalmente não sermos neutros em face a eles, precisamos conhecer nossa sociedade e sua história, uma vez que essas realidades se relacionam

de modo dialético. Para Freire neutralidade não existe, seria uma forma de escolher um lado, mas de modo escondido, camuflado.

Nosso desafio histórico como educadores é identificarmos as relações contraditórias que estamos inseridos: educar/aprender em uma realidade objetiva desumanizadora na contemporaneidade. O educador precisa compreender esse processo e escolher um caminho, Freire acredita que o verdadeiro professor deva buscar o caminho humanizador.

A desumanização na realidade não é algo novo, seria uma expressão concreta de alienação e dominação, enquanto a humanização seria o projeto utópico das classes dominadas e oprimidas. Nossa realidade e seus agentes se colocam na maioria das vezes com ações que preservam o status quo, enquanto a Educação que Freire nos coloca de modo provocativo é a radical transformação desse mundo tido como opressor.

Infelizmente, a ideologia do Estado frente aos problemas sociais se dá na maioria das vezes pelo prisma assistencialista, o que remete a "esperar com paciência", onde um dia as coisas poderão mudar. Na sua concepção a libertação remete a práxis dos homens no processo histórico, através da consciência crítica, estabelecendo uma real relação entre consciência e mundo, levando a humanização.

As implicações pedagógicas nesse processo de humanização seriam: a impossibilidade de neutralidade no processo educativo e práticas educativas antagônicas, uma vez que hoje, no processo de desumanização apenas transferimos conhecimento, enquanto na humanização é o ato de conhecer. Enquanto no processo desumano o discente não sabe e o educador detém o conhecimento, no humanizado ambos, professor e aluno, são ativos, indagadores, pesquisadores, onde reconhecem e podem refazer o conhecimento existente. Principalmente o professor, ele precisa se re-fazer, e sua reflexão gerar novas ações. Freire chama esse processo de consciência com intencionalidade de Hominização.

Em nossos dias, a ciência e a técnica acabam por "mitificar" a realidade, condicionando as pessoas a ter uma falsa compreensão do mundo e sobre si mesmo, uma vez que essas duas potências humanas estão, em sua maioria, também condicionadas a um ideal burguês. A mitificação é percebida quando falsifica, ou seja, é na verdade irracional, trabalha a ideia de "excelência" da ordem social, sacraliza a ordem "domestificadora" e ser aquilo que ela na realidade não é.

Assim, a Escola é, nessa concepção, um eficiente instrumento de controle social, "educar é adaptar o educando a seu meio". Na verdade, a Escola é muito mais do que isso, ou deveria ser.

29 de abril
Ana Clésia Pereira Santiago da Rocha

Paulo Freire no livro *Ação Cultural para liberdade e outros escritos* abordou uma compilação de textos que escreveu no contexto de 1968 e 1974. Como o próprio professor avaliou-toda bibliografia reflete uma intenção. A intenção do educador Paulo Freire ao abordar diversos temas nesse livro era mostrar sua maneira de escrever, a forma como pensava e agia sobre a educação.

Analisar a entrevista do IDAC com Paulo Freire é complexo, pois o foco principal do tema abordado é a consciência para liberdade. Como podemos refletir dentro de uma sociedade que nos nega o direito de consciência e de cultivar o pensamento crítico?

Para essa pergunta Paulo Freire nos chamou a atenção sobre a necessidade de compreendermos que não é possível entender as massas populares nelas mesmas. É necessário, antes de tudo compreende-la em dialética com as classes dominantes. Ainda segundo Freire (1982) às soluções reformistas que os dominados concordam, fazem parte da relação desses sujeitos com os dominantes. Aqui Freire (1982) frisa o papel da alienação que não permite uma reflexão crítica sobre a realidade que o sujeito vivencia no seu cotidiano.

O IDAC questionou a tarefa do partido revolucionário no sentido de ampliar a conscientização dos dominados sobre a sua condição social, econômica e cultural. Paulo Freire avaliou em sua resposta que o partido revolucionário dentro daquele contexto era fundamental para organizar as classes oprimidas para que as mesmas superassem "o estado de classe em si" para a noção "de classe para si".

Nesse momento Freire (1982) nos traz a reflexão da importância da consciência de classe, algo tão necessário no contexto que vivemos. Ao mesmo tempo em que defende que o partido revolucionário devia conscientizar as massas populares do seu contexto histórico, social e cultural e conscientizar sua classe. Freire analisou ainda que as classes sociais dominadas não são desprovidas e vazias de consciência. Na realidade são manipuladas pelas classes dominantes, em suas relações com elas. Absorvendo mitos e informações, dessa forma as classes dominadas refletem discursos que não são próprios a elas, mas fruto da manipulação e da alienação das dominantes. Daí sua tendência a defender questões que podem inclusive lhes trazer prejuízos enquanto sujeitos autônomos de dada sociedade.

O IDAC ainda abordando questões importantes sobre o partido revolucionário na página 138. Lá avaliou e questionou o risco de que se colocar o partido revolucionário como o responsável pelo papel pedagógico e se isso não seria um risco possível de cairmos na manipulação das massas populares?

A esse questionamento Paulo Freire enfatizou que o risco existe, porém não se podem comparar métodos pedagógicos revolucionários com métodos reacionários. Nesse sentido ele argumentou que os métodos de ações são distintos. Enquanto na pedagogia do partido reacionário se nega a constituição da consciência de classe, no revolucionário a compreensão de classe é fundamental.

O ponto fundamental é a crítica que Freire fez aos partidos revolucionários, quando observou e pontuou o elitismo dentro desses partidos. O mesmo ainda destacou na sua fala que nunca defendeu que os partidos revolucionários façam contextos, ou teorias para uma "revolução". Entretanto, defende a necessidade de uma autocrítica do partido no sentido de que é necessário aprender com as massas populares. E quando o partido se nega que o "Educador também deve ser educado" rompe com a dialética do aprender e do ensinar.

Paulo Freire nos ensina que o esforço para conscientização se identifica com a própria ação cultural para liberdade. É quando o sujeito se tornar capaz de compreender de forma crítica a unidade entre o sujeito e o objeto. Nesse sentido ele afirma que não há conscientização fora da práxis, fora da unidade teoria e prática, reflexão e ação.

Não podemos esperar segundo Freire (1982) que as classes dominantes criem mecanismos ou formas de alertar ou conscientizar as classes dominadas. Isso segundo Paulo Freire chega a ser ingenuidade de acredita nessa possibilidade. Quando questionado sobre a conscientização, ele analisa que não podemos acreditar na possibilidade de perceber a conscientização como mero passatempo intelectual. A conscientização não pode fugir do seu contexto histórico.

> Paulo Freire discutiu ainda a importância da coerência dentro da defesa de discursos no trecho a seguir: Creio que, um dos mais sérios problemas que pode enfrentar um partido revolucionário na capacitação de seus quadros de militantes está em como superar a distância entre a opção revolucionária verbalizada pelos militantes e sua prática nem sempre realmente revolucionária. Freire (1982, p.141).

Aqui podemos notar uma crítica em relação aos discursos militantes que nem sempre condizem com a prática. O que gera incoerência, contradição e insegurança. O que Paulo Freire nos convida a refletir é a postura de donos do saber, da verdade, do conhecimento. Que afasta o partido revolucionário das massas populares que também possuem conhecimento. A dialética entre ensinar e aprender. Isso também reflete a crítica que Freire fez em várias de suas obras em relação à educação bancária. Quando o educador transfere informação sem levar em consideração os saberes que o educando já possui e pode compartilhar é algo lastimável dentro de uma pedagogia reflexiva-crítica.

Uma frase que destaco da leitura é essa "*A ação político-revolucionária não pode repetir a ação político-dominadora*". Isso significa que não podemos apenas depositar o nosso saber revolucionários como se as pessoas fossem meros recipientes das nossas percepções e visões de mundo.

Como Paulo Freire já destacou no livro *Pedagogia do Oprimido* "Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém si educa si mesmo: os homens se educam em comunhão mediatizados pelo mundo" Freire (2003 p-68).

O convite de reflexão que nos é deixado se trata de nos conscientizarmos do nosso papel de educadores desenvolvendo a capacidade crítica antes de tudo em nós mesmos. Não atrofiar nossos saberes, estarmos sempre abertos a novas possibilidades de aprendizagem e experiências enquanto profissionais da área de educação.

30 de abril
Estelamaris Galiazzi Souza

Dialogar sobre/com Paulo Freire tem sido um dos maiores desafios sobre o qual tenho proposto a mim mesma desvelar e superar. Considero um desafio uma vez que seus escritos, de imensurável valor científico, propõem ao leitor uma profunda análise da realidade. Dada esta condição, optei por utilizar o termo "dialogar" proposto pelo escritor, na intenção de fazer compreender a diferença entre o diálogo e a discussão.

Paulo Freire propõe, neste aparte, dialogar sobre a consciência. Para tanto, partirei das conceituações do autor sobre o diálogo e a formação da consciência e, na medida em que avanço na produção escrita, oportunizar um aprofundamento a respeito da conscientização do educador com/para a realidade da qual faz parte.

O ato de dialogar, especificado pelo autor, remete à superação dos limites periféricos da realidade, da curiosidade ou do interesse simplório sobre determinado assunto. Dialogar supera também os perímetros da discussão em torno de opiniões particulares ou de interesses superficiais. Segundo o autor, o diálogo supõe tomar o *ciclo gnosiológico* em sua totalidade[11].

[11] Sobre o s pressupostos gnosiológicos considero oportuno relacionar os estudos de Paulo Freire às pesquisas de Sílvio Sánches Gamboa (2007).

Segundo Freire (1981, p. 116),

> Dialogar não é um perguntar a esmo – um perguntar por perguntar, um responder por responder, um contentar-se por tocar a periferia, apenas, do objeto de nossa curiosidade, ou um quefazer sem programa. A relação dialógica é o selo do ato cognoscitivo, em que o objeto cognoscível, materializando os sujeitos cognoscentes, se entrega ao seu desvelamento crítico.

Portanto, considero que na lógica freiriana, o diálogo envolve a capacidade de conhecer e compreender o objeto do diálogo, capacidade esta facultada aos sujeitos envolvidos nesta relação dialógica do conhecimento. Ademais, neste processo em que se estreita a relação entre sujeitos, abandona-se o perguntar supérfluo e descontextualizado.

Ao propor o exercício do diálogo, o autor destaca a importância e necessidade de haver conscientização sobre o objeto cognoscível. Ao escrever sobre a consciência, Freire (1981, p. 117) assim a define: "Toda a consciência é sempre consciência de algo, que se intenciona." Conhecer a realidade é algo essencial ao ser humano.

Porém, o processo de conscientização resulta do "tornar visível" a realidade e não apenas e puramente nas relações entre subjetividade/ objetividade, teoria/prática, ação/reflexão. É um constante dinamismo entre a transformação e o objeto a ser transformado. Por isso, a conscientização é um fenômeno humano e tal processo ocorre na dinamicidade dialética sobre/com o objeto (FREIRE, 1981).

Sobre o processo de conscientização alargado por Paulo Freire, considero oportuno dedicar parte deste texto à discussão sobre o ato educativo enquanto ato político. Freire alerta para os perigos que corremos ao dissociar educação da política. Primeiramente porque é algo impossível de ser; em segundo lugar, por se considerar a possibilidade de reduzir o ato educativo ao seu potencial mais restrito. Segundo Freire (1981, p. 118), é indissociável "Pensar a educação independentemente do poder que a constitui, desgarrá-la da realidade concreta que se forja" sob os riscos de trilhar um caminho desprovido de conscientização.

Se o processo de conscientização faz parte do dinamismo dialético e o ato educativo, sem a devida conscientização, tende a cair nos caminhos da sub realidade e reduzido às técnicas comportamentais sem definições claras (FREIRE, 1981), educar deveria ser acima de tudo conscientizar.

Dadas as condições da atualidade no que diz respeito ao ato educativo, supõe-se que a tarefa do educador está a cada momento mais complexa e reduzida ao simples espaço da sala de aula. A tenuidade com que é separada a liberdade de expressão do educador e o perigo de cair em contradições políticas e pedagógicas, podem delimitar este ato em um simples mecanicismo ou tecnicismo.

Falo isso, pois, na preocupação que permeia a educação com relação à função do educador. Ele (o educador) não é (ou não deveria ser) um tecnocrata a serviço do Estado. Porém, os novos tempos, em parte assim o tem reduzido. Talvez, calcados na convicção de que somos seres conscientes e conscientizados, partícipes de uma sociedade dita democrática, possamos fazer da educação um processo emancipatório[12].

Finalmente, espero que o diálogo proposto aqui seja o início de outros, mais profundos e abrangentes, em especial no que se refere ao ato educativo. Em tempos de mudanças rápidas e instáveis, precisamos encontrar meios para que nossas vozes não sejam emudecidas quer seja nas

[12] Sobre emancipação ler Freire (2009).

escolas, nas salas de aula e nos diferentes espaços da sociedade. Que o processo de ensinar e de aprender não se reduza à repetição cega e sem sentido daquilo que nos é/foi dito ou que nos foi ensino há décadas atrás como verdade absoluta e inquestionável.

SÍNTESE DO MÊS

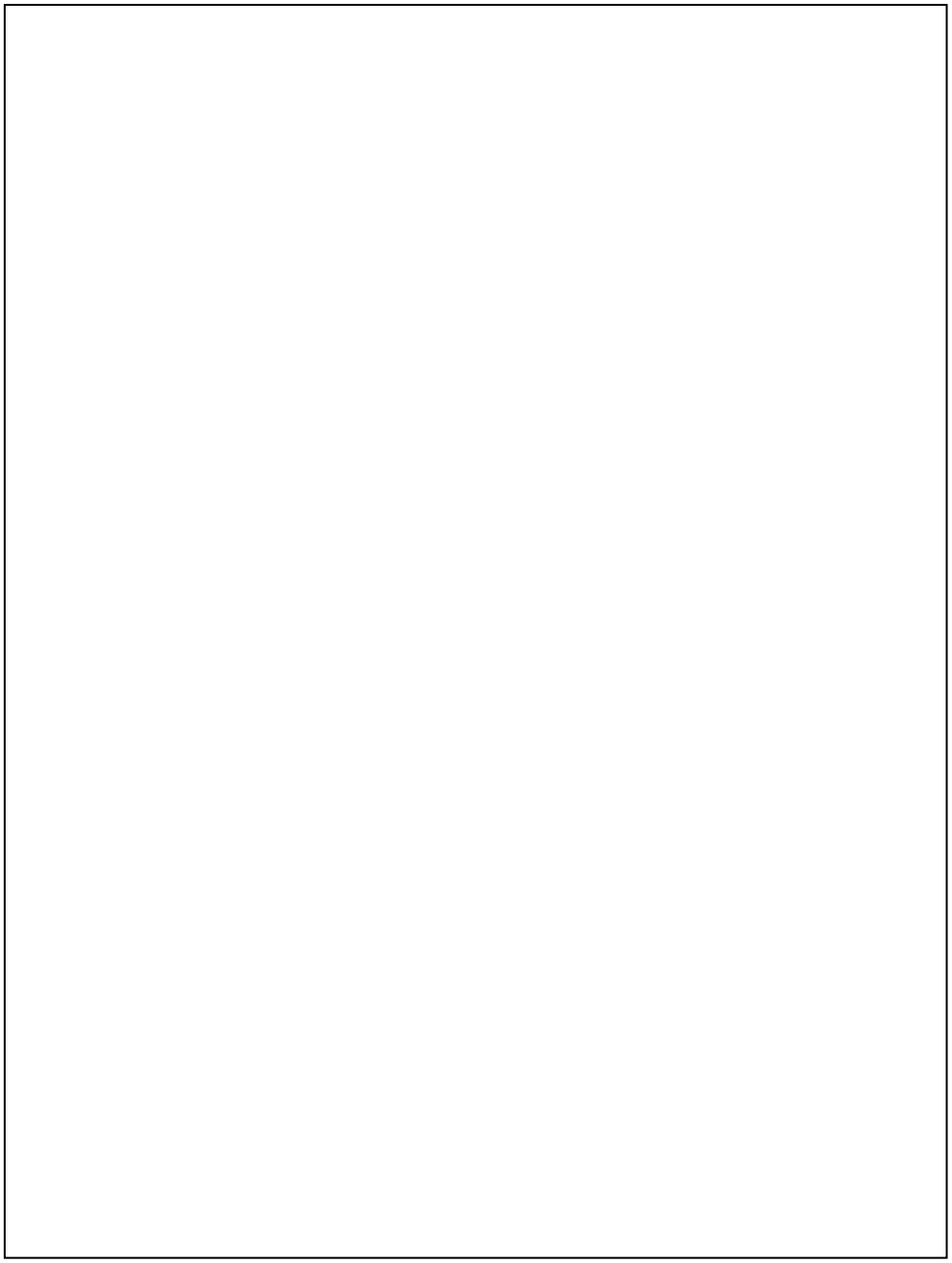
UMA PALAVRA

UMA FRASE

UM PARÁGRAFO

IMAGEM PEDAGÓGICA

(Desenhe uma imagem que simbolize as aprendizagens acumuladas das leituras deste mês para você dialogar com seus companheiros/as de caminhada).



MAIO

Educação e Mudança

Palavra

Transformação

Frase

O profissional da educação tem um compromisso com a transformação da sociedade.

Parágrafo

Um dos temas centrais dessa obra é a educação como processo permanente de conscientização, tendo o educador e a educadora um papel fundamental no desenvolvimento da consciência crítica dos seres humanos inacabados, em busca de ser mais. Freire foca na transição da sociedade fechada para a sociedade aberta, sendo a educação a dinamizadora desse processo contribuindo na transição da consciência ingênua para a consciência crítica.

01 de maio
Luís Felipe Pissaia

A máxima "O compromisso do profissional com a sociedade" é trazida a tona por Paulo Freire como o primeiro tema ou capítulo deste livro em questão "Educação e Mudança", publicado inicialmente em 1979 e que segue o limiar de conscientização da população por meio da educação. Freire inicia a discussão desmembrando a frase inicial buscando os conceitos históricos de "Compromisso" e "Compromisso do Profissional" perpassando questões sociais importantes para sua compreensão.

Compactuamos a leitura a partir da construção social presente contemporaneamente, instigados pela mudança nos padrões sociais e a onipotente Revolução Tecnológica que nos instiga a mudança constantemente. O padrão de disseminação do conhecimento vivenciado por Freire diferencia-se muito do nosso, devido à avidez com que as pessoas buscam informações. Por vezes tal ato torna-se insaciável, constituindo-se como males desenvolvidos pelo nosso estilo de vida, facilitado pela tecnologia, no entanto bombardeado por conteúdo nem sempre satisfatório.

O autor lança inicialmente a questão do comprometimento, fazendo-nos dispensar de monotonias superficiais sobre o tema e incansavelmente pactuarmos sobre a responsabilização de alguém sobre algo, neste caso de um indivíduo sobre a sociedade. Não distante da provocação inicial situa-se o sujeito do compromisso, o "Profissional", figura marcada por Freire em suas obras como responsabilizado pelas ações de mudança, principalmente social, que abarca uma das premissas primitivas da composição social, que é o dever cidadão.

Neste sentido, possuímos um sujeito, o "Profissional" e uma ação o "Compromisso", e por meio desta fragmentação conseguimos captar a essência do pensamento freiriano que se baseia na compreensão inicial do próprio ser social para posteriormente dignificar-se a determinados deveres. O "Profissional" não é definido, pois nesta situação ele assume o papel de todos os cidadãos do mundo, o termo "profissional" somente denomina a característica dos indivíduos em responsabilizar-se por algo, intuir a determinada maneira de portar-se, não leviana e sim metódica e consciente sobre o meio comunitário onde vive.

Conscientemente nos colocamos a pensar e tentar desvelar o quão significativa e insistentemente simplória seria nossa sina de comprometimento com a sociedade. Freire angaria uma série de pressupostos fundamentados em ações de reflexão dos indivíduos, partindo-se da premissa de que o cidadão, por vezes denominado "Profissional" esteja consciente de seu papel social e da importância de sua participação na construção do meio. Tal estado pessoal e intransponível, por vezes singular, torna-se dependente da reflexão anterior, que passa a ser o ponto de partida para todos os ensaios humanos em sociedade desde que as civilizações implementaram-se enquanto grupos fraternos e cooperativos.

A grande questão do texto é o entendimento do compromisso, no entanto, mesmo na vaga modelagem ou entendimento de seu conceito, o ser humano possui intrinsecamente seu ideal resguardado no próprio modo de ser individual e coletivo. A estrutura social que observamos hoje é resultado de uma construção milenar de seres pensantes e reflexivos que testaram seus instintos e apostaram na convivência comunitária, sabendo de seus compromissos, mesmo que ninguém os tenha definido.

Atualmente, muito se debate sobre a formação do cidadão, seu papel na comunidade, bem como seus deveres e compromissos perante a convivência coletiva instaurada. E nesta questão, Freire aponta para outras preocupações que permeiam este processo de reflexão, sendo que não basta o indivíduo estar constantemente refletindo sobre seu meio e seu papel neste espaço, mas saber agir e atuar frente às situações que se apresentem diariamente.

O autor descreve tal processo como *"A primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir"* (FREIRE, 1979, p. 16). Neste sentido, a atuação frente ao compromisso não se restringe, a saber, de fato qual o seria, mas em fazê-lo realmente, sob a tênue linha da integralidade das ações a que estamos expostos e influenciados paralelamente pelos demais.

Neste instante torna-se assertiva a experiência de estar sob influência da contemporaneidade. Onde o indivíduo sente-se constrangido em demonstrar suas concepções e narrativas dos fatos, bem como realizar suas atividades próprias de um agente social, devido à pressão coletiva extrínseca ao meio que prevalece na explosão de informações que se apresentam instantaneamente pelos meios tecnológicos. O perigo de perder a noção do compromisso é não conhecer seu próprio meio e estar em complacência de acontecimentos que relativamente advém de situações de extrema imposição de alguns, e esmaecimento de outros.

Freire na mesma obra ainda complementa *"É preciso que seja capaz de, estando no mundo, saber-se nele."* (1979, p. 16). O autor deixa claro o que é o compromisso quando escreve "saber-se nele", ou seja, o indivíduo que conhece a si mesmo e o seu papel na sociedade é capaz de comprometer-se com os demais por meio de ações morais e intelectuais que competem a si e aos demais. Em contrapartida a pessoa que desconhece a si mesma e não possui seu espaço declarado no meio social acaba que se desolando de suas atribuições, vivendo em detrimento individual e inconstante ao meio, tornando-se pactuante de incitações desumanas por não conhecer o poder oferecido a suas mãos.

Em regra, Freire defende a libertação do ser humano dos meios aprisionais que convergem para uma instancia inexorável a aquela que perpetua a socialização comunitária. Os aprisionadores tornam-se fortalecidos ao passo que a individualidade ganha forma. Enquanto agentes de mudança, munidos de compromisso com a sociedade tornamo-nos detentores do esclarecimento, intuindo sobre as barreiras que se constituem nos meios aos quais vivemos.

Em suma, a mudança parte de cada ser humano, que se responsabiliza de suas ações e encontra-se ciente dos resultados os quais serão gerados, respeitando seus dogmas e características culturais que definem boa parte de seu modo de agir frente às situações, bem como as experiências individuais e coletivas que permeiam as vivencias interpessoais. Para tanto, devemos utilizar das ferramentas disponíveis atualmente para a formação de um indivíduo mais humano, no sentido de tornar-nos capaz de diferenciar as fortalezas que nos cercam e por vezes aprisionam.

02 de maio
Shelton Lima de Souza

"Distanciar-se para transformar-se", "conjecturar-se para efetivar-se": educação linguística como prática humanizadora.

> "Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de "distanciar-se" dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se" (FREIRE, 2007)

Não é fácil sair de "seu contexto" ou sair daquilo que hoje as pessoas estão chamando de "zona de conforto", expressão em moda. Contudo, Freire nos mostra a possibilidade de sair de um eu prático, preocupado com o "mundo sensível", vinculado a uma materialidade consubstanciada em um capital que move as relações contemporâneas. "Distanciar-se", para além do momento, do factual, do "aqui e agora", pressupõe possibilidades ausentes de um existir repleto de materialidades. O que nos faz seguir como professoras e professores diante das agruras da profissão? Provavelmente, uma possível resposta está atrelada a uma ausência, não concretizada em um futuro. Muitas línguas têm possibilidades para o tempo não-presente diferentes de como a gramática normativa do português outorga para as configurações dessa categoria gramatical.

Em Jaminawa, por exemplo, língua indígena da família Pano falada no norte do Brasil (estados do Acre e do Amazonas) o futuro é algo não realizado e que, portanto, se constitui em possibilidades contrastantes com fatos passados, portanto, realizados. Como mostrar no presente aquilo do qual não temos certeza da realização? Futuros são previsões e como tudo que é previsto não é possível de se ter certeza. Penso que "distanciar-se" de um ensino de língua opressor é abrir possibilidade a uma educação com previsão de algo que pode não ser opressor. É sair-se de um eu, profundamente inculcado em um existir concreto, influenciado pelo *status quo* que elege estruturas linguísticas como únicas possíveis. "Distanciar-se" do possível, ou seja, fazer previsões significa desconfigurar uma proposta autoritária; estimular-se diante do estimulado; persistir diante do não "persistível", indignar-se diante do presente desumanizador; escrachar, remodelar e reconfigurar as amarras da língua (ou daquilo que se pensa sobre ela).

O futuro entrelaça-se ao "indignar-se" por ser a possibilidade de se ausentar do ideal almejado. Se estamos inseridos na prática cotidiana é difícil pensá-la, pois o presente é opressor; o presente fecha as nossas possibilidades de reflexão; outorga nossas ações. Por que não refletimos sobre as práticas de ensino de línguas opressoras? Porque estamos constantemente envolvidos em práticas linguísticas, ou de propostas de sistema linguístico ideal, que nos fere a compreensão. Fugir, "futurar-se" possibilita o olhar "de fora" da realidade cheia de falhas e furos.

A transformação exige distanciamento da prática. Criar possibilidades de existir em outro plano para que o presente seja projetado pela previsibilidade.

03 de maio
Adriano Ferreira Neves Toranelli

Qual é o papel do profissional na construção de uma sociedade livre, justa e solidária? Seja qual for a profissão que ele ocupe na sociedade, professor, médico, pedagogo, advogado, servidor público etc. Podemos dizer que esta análise é complexa, pois implica a nós uma auto-avaliação permanente sobre qual é a nossa postura em frente aos desafios que permeiam nosso o cotidiano nas relações com os outros em sociedade. O ser humano homem deve assumir o compromisso de humanizar os espaços que esse ocupa. Implica, entre outras atitudes, em despertar uma cons-

ciência crítica através da construção dos novos saberes que são gerados, e por meio do conhecimento construído se colocar a serviço do outro para transformar a realidade, quando esta não é favorável ao ser humano.

Trabalhar em sociedade e para a sociedade nos impele a buscar uma participação solidaria e ativa de mudança de vida das pessoas, especialmente as marginalizadas, ajudando-as a buscarem por si mesmas as condições necessárias para alcançarem a emancipação social. Enquanto protagonistas dos seus destinos podem se tornar multiplicadoras dessa finalidade. Estão em sintonia a humanização e a libertação, fortalecidas pelo princípio da solidariedade, fazendo com que todas possam ser "livres" para "existirem" na conquista de seus direitos como cidadãos plenos que são. Como afirma Freire:

> Se de seu compromisso como homem, como já vimos, não pode fugir, fora deste compromisso verdadeiro com o mundo e com os homens, que é solidariedade com eles para a incessante procura da humanização, seu compromisso como profissional, além de tudo isto, é uma dívida que assumiu ao fazer-se profissional. (Freire, 1981, P.9)

O homem ser humano deve adotar uma postura ética, social, responsável e solidária na relação com os semelhantes perante aos desafios que o mundo contemporâneo nos impõe, orientando-se de forma crítica e reflexiva para que este possa agir como protagonista da sua própria história na sociedade e no mundo. E este quanto mais toma consciência das suas atribuições como ser que está inserido em um contexto no qual estão envolvidos outros indivíduos, maior é o seu compromisso de tentar transformar essa mesma realidade. Tal transformação compreende a possibilidade de contribuir para que pessoas se libertem de condições de alienação e comecem a imergir no processo de libertação, onde poderemos perceber construção de um mundo melhor, justo, fraterno e solidário.

Diante de um contexto de déficit de cidadania e de desigualdade social que está sendo apresentado no país atualmente, podemos refletir a atitude do profissional em relação a algumas práticas de responsabilidade e compromisso social e o grau de importância que ela tem para cada indivíduo na sociedade. Iremos perceber uma sociedade que busca ainda resultados com postura de cobrança superficial, mas que não consegue praticar em seu cotidiano o que julga ser correto no quesito nas suas relações de cidadania. Isto é um fato comum em nossa sociedade onde ainda se percebe uma postura de cobrança sem oportunizar a participação das pessoas nos processos dos quais são cobradas. Quando na verdade se deveria investir na habilidade de cooperação solidária mútua entre todos atores envolvidos sejam quais forem o contexto em que elas estejam inseridas. Todas as pessoas são chamadas à uma participação pró ativa, responsável e solidária, contudo urge a educação-formação para esta condição. Enquanto cidadãos não podemos nos eximir de responsabilidades que são nossas e sempre culpar os governantes ou o "sistema" por não atender as demandas do serviço público de uma sociedade que não é participativa e que não colabora nos seus deveres. Nosso protagonismo em todos os espaços é importante para construirmos um mundo mais humanizado.

O compromisso social individual deve ser estimulado no que se refere ao direcionamento do nosso senso crítico sobre a necessidade de uma mudança interior, que poderíamos denominar atitude fundamental. Esta atitude gera outras mudanças, e essas precisam nos trazer novas atitudes diante dos problemas e desafios que vão surgindo na sociedade. Essa transformação precisa acontecer primeiramente na perspectiva individual, o agir em nós mesmos, e através disso atuar com coragem e determinação frente aos acontecimentos que segregam, excluem e marginalizam as pessoas, em particular aqueles que nunca tiveram a oportunidade de serem

cidadãos, de receberem um salário digno por seu trabalho, se é que nem direito ao trabalho possuem.

Nossa missão é nos humanizar ao passo que vamos compreendendo o outro e tornar mais humanizados aqueles que nos representam, cobrando melhores condições de vida para os que mais precisam. O empenho de todos de forma coletiva é algo fundamental para que possamos chegar a um consenso para conseguir chegar em um objetivo, onde todos ajudam a pensar de forma crítica o "fazer social", e assim alcançar a manutenção e o equilíbrio social.

O nosso intuito e compromisso com a solidariedade é deixar de lado um pouco de nós, e nos tornar um agente "em saída" para o outro, para a conquista e libertação do outro. É isso que deve nos mobilizar para que esta mudança de fato aconteça. O mundo capitalista, o mundo do trabalho, a tecnologia entre outras consequências que a pós modernidade nos trouxe, vai cada vez mais isolando o homem do convívio social, de ser fazer presente com o outro e para outro, seja na tomada de decisões para se alcançar os melhores resultados ou seja na divisão das tarefas e responsabilidades, que na maioria das vezes acontece de forma isolada e não de forma coletiva. Como afirma Freire:

> Não devo julgar- me, como profissional, "habitante" de um mundo estranho; mundo de técnicos e especialistas salvadores dos demais, donos da verdade, proprietários do saber, que devem ser doados aos "ignorantes e incapazes". Habitantes de um gueto, de onde saio messianicamente para salvar os "perdidos", que estão fora. Se procedo assim, não me comprometo verdadeiramente como profissional nem como homem. Simplesmente me alieno (*(Freire, 1981, P.20)*)

Nos últimos anos vemos que as organizações da sociedade civil (Oscs) vem conquistando uma maior participação nos projetos sociais financiados pelo governo Brasileiro e por instituições estrangeiras, é o chamado "terceiro setor" que de forma organizada através das instituições sem fins econômicos exercem um verdadeiro protagonismo por meio de atividades que estimulam milhares de pessoas a buscarem seus direitos como cidadão, preparando as mesmas para lutar por uma vida melhor na sociedade. Essas organizações possuem atividades que proporcionam as pessoas maior inclusão social, melhoria da qualidade de vida, maior participação na vida em sociedade e o despertar para uma economia baseada nos princípios e valores do compromisso com a solidariedade. Se cada um fizer sua parte, teremos um mundo melhor e mais humano.

04 de maio
Yago Felipe Campelo de Lima

> "Não é possível um compromisso verdadeiro com a realidade, e com os homens concretos que nela e com ela estão, se desta realidade e destes homens se tem uma consciência ingênua". (Paulo Freire, Educação e Mudança).

Refletir sobre determinadas questões a partir do pensamento freireano, é sempre um ato de desafio e responsabilidade. Desafio, porque começar sempre é trabalhoso e as palavras podem nos ser custosas, caras. Responsabilidade, pois tomar por empréstimo o pensamento do Patrono da Educação brasileira para a reflexão, nos traz necessariamente a lembrança de uma conduta *ética* que deve nos permear no processo da análise e da escrita, pois a produção do conhecimento também é moldada por sua dimensão ética. Comecemos então a nossa análise.

Freire durante todo este capítulo deixa-nos claro, que a atividade de um profissional comprometido com a sociedade na qual atua, encontra-se e nela move-se, é sobretudo *práxis*. O seu

compromisso com a sociedade torna-se sobretudo ação, não há passividade nesse profissional comprometido, pois seu empenho dar-se no campo da reflexão, que gera ação, a ação transformadora, daí a *práxis*, portanto, dialética. É exatamente essa reflexão-ação consciente nesta e sobre esta realidade da qual é sujeito e objeto, que faz do profissional comprometido com a sociedade um ser capaz de agir (primeira condição para o comprometimento segundo Freire), de ter uma consciência crítica e inteligível em detrimento da consciência ingênua sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo que o cerca, que o dita e o oprime, que o leva a ter um conhecimento questionador da realidade em que está inserido.

É a consciência de seu *estar* no e com o mundo na condição de um ser inconcluso, o pressuposto para um verdadeiro comprometimento com a realidade e os homens, segundo Freire. Não é possível agir nesta sociedade-realidade sem dela se ter conhecimento ou uma consciência ingênua. A atuação não irresponsável do ser, deve estar alicerçada em um saber libertário que lhes forneça as ferramentas intelectuais necessárias para a leitura dessa sociedade, logo a leitura do mundo.

É preciso abandonar a consciência ingênua da realidade que se tem, para o autêntico comprometimento com a sociedade. É na busca pelas complexidades da sociedade e de suas estruturas seculares de opressão/alienação que nos libertamos da ingenuidade. É na imersão da realidade, nas águas concretas do hoje, do presente concreto que leituras simplórias tornam-se compreensão no *ser sujeito* de comprometimento. São nos questionamentos históricos, sociológicos e filosóficos que encontramos as ferramentas que forjam a consciência crítica. As sombras da caverna, começam a se diluírem nesse processo de busca, portanto de libertação[13]. A consciência crítica compreende o mundo como uma construção histórica, portanto cultural, abandonando a falsa ideia de que as coisas são assim porque sempre foram assim por vontade divina; ela nos permite perceber a dinâmica da história e da vida humana, abandonando o princípio da inércia e da neutralidade (ato falacioso) no fazer em sociedade. A criticidade, característica do pensar consciente, procura nas complexidades históricas, as razões de ser da realidade que a nós nos é apresentada como natural.

Freire nesta passagem nos dá como exemplo a questão da Reforma Agrária. O profissional que se diz comprometido com a sociedade, que pensa apenas nos meios jurídicos e na legalização das reivindicações do movimento da reforma, possuí uma consciência ingênua, pois não a pensou em sua totalidade, em suas contradições históricas. A consciência crítica-consciente-humanizante pensaria de uma outra maneira, a primeira questão deveria ser o entendimento de o porquê de tais famílias não possuírem terras em um país de dimensões continentais. Segundo, a quem pertence a terra no Brasil, quem a domina, de onde vem essa legalização sobre o público? Terceiro, a desigualdade social é um processo natural, em que muitos nada têm e poucos tudo possuem por vontade divina? Não há nesse pensar criticidade, o que é fundamental à prática de um ser consciente comprometido com a sociedade na qual estar inserido.

O compromisso autêntico com os homens e com as mulheres, portanto, com a sociedade, com o outro e com o mundo nos convida a reflexão constante, necessariamente. Ele evoca leituras múltiplas, especialização e não especialismos como disse o próprio Paulo Freire. Convida-nos a um processo constante de busca e humanização, pois "*o comprometimento com a desumanização é assumi-la e, inexoravelmente, desumanizar-se também*". Esse difícil, árduo, porém gratificante

[13] Alusão ao mito da caverna do filósofo grego Platão, no livro A República.

convite, chama-nos a ser gente, *ser humano*. Só por meio da construção de uma consciência crítica podemos apontar caminhos outros de ação e reflexão na sociedade que estamos inseridos e, nela, pensá-la, questioná-la e transformá-la. Daí o compromisso, ato puramente humano, só existe no engajamento com a realidade, de forma consciente, decidida e corajosa, e ao experimentar isso, os homens já não se dizem *neutros*.

05 de maio
Nívea Oliveira Couto de Jesus

Paulo Freire em sua obra Educação e Mudança, apresenta uma análise crítica entre humanismo e tecnologia, tendo em vista que há um falso dilema entre ambos. Pois seu compromisso com o homem concreto e sua causa de humanização e libertação deve estar em sintonia com a tecnologia que também servirá de instrumento para a concretização deste homem.

O humanismo não está ligado a um ideal de bom homem, mas a um compromisso radical com o homem concreto, tendo em vista a transformação de qualquer situação objetiva na qual o homem concreto esteja sendo impedido de ser mais, no sentido de fazer-se mais humano, construir-se e não de adaptar-se ao mundo. Trata-se de um processo histórico no qual as pessoas não se naturalizam, mas humanizam o mundo. Neste sentido Freire afirma que a humanização e a tecnologia não são excludentes, por isso, um embate desnecessário ao afirmar que "[...] humanismo e tecnologia não se excluem. Não percebem que o primeiro implica a segunda e vice-versa. Se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa. Por isso também não posso reduzir o homem a um simples objeto da técnica, a um autômato manipulável. [...]" (FREIRE, 2014, p. 22)

Esses pontos de convergência demonstram que, para Freire, o sujeito deve estar alinhado com o seu tempo, possuir um sentido de pertencimento ao vivê-lo plenamente e adequando-se às tecnologias vigentes. Se o homem é considerado um recipiente vazio onde são depositadas informações técnicas, jamais será visto em sua totalidade, impossibilitando a garantia ao ser humano de dignidade enquanto pessoa para construir o ser humano autêntico. Os desafios se relacionam muito mais em como a sociedade pode intervir dialogicamente na produção do saber científico e tecnológico.

Nesta perspectiva, Freire ressalta sua preocupação em relação a alienação cultural sofrida pelas sociedades. Não há técnicas neutras que possam ser transplantadas de um contexto a outro, pois está desvinculado da sua cultura, o que explica a inibição da criatividade no período da alienação, estimulando o formalismo que funciona como um cinto de segurança, pois o homem alienado, inseguro e frustrado tende a ver o mundo de forma superficial, sem se importar com o interior. Dessa forma o compromisso se desfaz na medida em que o instrumento para a sua ação é um instrumento estranho à sua cultura. (2014, p. 23)

Se a compreensão da realidade é alienada, ingênua, sua ação sobre ela será igualmente acrítica e ocorrerá a manutenção da "ordem" hegemônica estabelecida, um ajustar-se à realidade. Com o desenvolvimento da consciência crítica, no processo educativo, ocorrerá uma qualificação na forma de intervir, uma motivação para ação e transformação do mundo (FREIRE, 2014).

No momento em que a sociedade se volta para si mesma na busca de sua autenticidade, começa a se preocupar com seu projeto histórico. O trabalhador social como homem tem que fazer sua opção. Ou adere à mudança que ocorre no sentido verdadeiro da humanização do homem, de seu ser mais, ou fica a favor da permanência da atual situação. Opção que não deve ser imposta aos demais. Sua opção determinará seu papel e suas técnicas de ação. A tentativa de conscientização dos indivíduos com quem se trabalha, enquanto com eles também se conscientiza parece ser o papel do trabalhador social que opta pela mudança.

Na abordagem de Freire, divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado. (FREIRE, 1996, p. 16). A tecnologia deve servir para humanizar o indivíduo e não o apartar de seus semelhantes, uma vez que é necessário assumir o compromisso com os destinos do país. Compromisso com seu povo. Com o homem concreto. Compromisso com o ser mais deste homem. (2014, p. 25).

Portanto, em todo o seu trabalho, Paulo Freire busca a coerência entre a razão humana e a consciência, pela qual o homem pode humanizar-se e transformar sua realidade através da formação da consciência crítica, combatendo a alienação dos homens e desenvolvendo suas potencialidades para o exercício da cidadania frente as mudanças sociais.

06 de maio
Edna Serpa Ferreira Correia

Não é possível avaliar ou fazer uma reflexão da educação sem refletir os atos do próprio homem. O processo de Mudança Social da Educação. Implica em uma busca constante na realização de um sujeito homem, cujo mesmo deve ser o sujeito de sua própria Educação.

Desta forma, teremos o crescimento em força de Educação que vem da esperança dos Camponeses. Que não acredita na esperança e na educação dos camponeses deverão procurar outro trabalho em outro lugar trabalho em outro lugar. Pois no processo educacional é importante se constituir um núcleo que se sustente o conhecimento base em estudos filosófico-antropológico.

> E deste modo, temos exemplos claro como educação é um processo constante. "O cão e a árvore também são inacabados, mas o homem se sebe inacabado e por isso se educa. Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado". Em um determinado momento o homem pode refletir sobre se mesmo. E como se determina à circunstância o homem fosse um ser acabado em certo momento o homem tende a buscar sua autorreflexão como um ser inacabado que se encontra em busca da raiz da educação.

A educação é uma resposta da finitude da infinitude. E desta forma o homem cresce na busca do conhecimento e a comunicação permeia e permite a relação da busca de um saber ou o encontro com a ignorância, com um caráter permanentes estando todos educados em graus ou níveis diferentes.

Para isto, resta-nos ressaltar o respeito pela educação que deve estimular opções e afirmar que o homem em sua adaptação jamais acomodá-lo, pois a transformação será notória. O homem integra-se, e não se acomoda.... Reforçando a imagem de escolha do homem e é desta forma, que os animais não podem fazer a sua própria história.

As relações: reflexivas, consequentes, transcendente, temporais, os contatos são: reflexos inconsequentes, intranscedentes, intemporais, de certa forma vivemos em uma vida inacabada

como homem que almeja, Freire afirma que o homem deve ser sujeito de sua educação e não objeto. "Por isso, ninguém educa ninguém". Esta busca se faz constante ao lado de outros seres.

Com isso, o amor e o respeito na educação são muito importantes para que possamos enfatizar que o saber é sempre relativo. Paulo Freire nos alerta que haja uma educação é importante que tenhamos esperança de liberdade de mudança na transição em nossa sociedade na complexidade e compreensão de suas propostas para que possamos sabemos o que queremos. Assim, o homem por ser inacabado incompleto, não se sabe de maneira absoluta. No despertar da sabedoria e da parte da ignorância.

A construção deste saber faz-se através da superação constante, e quando o saber é superado está comprovado que é uma ignorância. Toda descoberta humana tem como um testemunho um saber que já existia. É sabido que cada saber traz sua própria superação.

Para Freire, não há saber sem ignorância absoluta: Existe a relativização do saber e/ou da ignorância. Precisamos reconhecer quando o educador sabe mais e ao mesmo tempo faze-lo entender que podemos compreender que o saber vem seguido ou até mesmo estará atrelada a humanidade. Ignorante é aquele que se põe no lugar de um ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas não consegue aceitar o comunicado de um saber relativo a outro que possuem outro saber relativo.

07 de maio
Arlete Vieira da Silva *(in memorian)*
Edna Serpa Ferreira Correia

Como podemos perceber o amor é uma tarefa de eminência de cada sujeito. E não se trata de apropria-se do outro ou do amor do próximo, pois cada sujeito tem uma missão e traz consigo mesmo uma tarefa de amar e sem a retribuição do amor nada se pode temer da educação quando se ama. A sociedade demonstra o amor através da ânsia. O amor é incondicional sem medo de ser amado e com os defeitos e as qualidades e aos poucos integra a comunidade a medida do ser amado.

O amor não pode ser imposto, como não existe educação imposta e buscando lutar contra o egoísmo, a omissão, sabemos que ninguém educa ninguém e não podemos nos colocar na posição de um ser humilde daquele que comunica um saber relativo a outro que possui outro saber relativo.

Devemos amar os seres inacabados, o ser humano que não é capaz de amar o próximo, jamais será capaz de educar e quem não ama, não compreende o próximo, e ao mesmo tempo não estará preparado para respeitar e ser respeitado, assim, o homem é um ser capaz de relacionar-se, como somos seres inacabados e além do, mas como ser críticos e inexperientes podemos fazer a diferença.

E desta forma, aprendemos a dizer a nossa própria palavra, pois somos pessoas condicionadas, não determinadas e podemos mudar a história. Existe assim, um problema da esperança-desesperança que deve ser contornado com o amor pelo que se faz e jamais desista de acreditar que a esperança faz com que destacar a importância da ânsia que a sociedade demonstra ao amor, e a distorção do amor. Amando os defeitos e as qualidades do ser amado na medida em que se integra a comunicação para que possa haver uma reflexão sobre sua própria realidade e dando

ao homem a compreensão de seus conhecimentos para que possa assumir uma postura de um sujeito cognoscente.

Na possibilidade humana de existir – forma acrescida de ser – mais do que viver, faz do homem um ser eminentemente relacional. O ser estando nele, pode também sair dele. Projetar-se. Discernir. Conhecer. É um ser aberto. Distingue o ontem do hoje. (FREIRE, 2001.p.10). E com isso, o homem quando consegue compreender a sua própria realidade e como um Educador Freiriana tem todas as qualidades de um ser amoroso, criador, dialogante, práticos, criativos conscientes e transformadores.

08 de maio
Alexsandra Oliveira Santos

Paulo Freire diz que o homem não é, pois para a adaptação. A educação não é um processo de adaptação do indivíduo a sociedade. O homem deve transformar a realidade para ser mais. Partindo dessa afirmação de Freire, podemos afirmar que a função social da educação é antes de tudo formar cidadãos autônomos. Sabe-se que a socialização acontecer por meio das relações, entre aluno e professor; aluno e aluno e toda a comunidade escolar. Para freire é por meio da ação reflexão do homem diante do contexto sócio historio a o qual está inserido, que o homem percebe a realidade e faz o objeto de seus conhecimentos, pois todo o homem é um ser cognoscente, ou seja, aquele que conhece que tem a possibilidade de conhecer, dessa forma o próprio é quem realiza o ato do conhecimento, por conseguinte, e isso é inerente a todos os homens e não privilégios de alguns. Partindo desse pressuposto podemos que não existe saber mais ou menos, quem ensina sempre aprende e quem aprende também ensina. Ou seja, não existe uma hierarquia do saber todo saber é importante.

A práxis profissional do professor tem o reflexo perpassa pela sua subjetividade, não é possível separar o eu pessoal do eu profissional, sobretudo numa profissão fortemente impregnada de valores, ideais e muito exigente do ponto de vista do empenhamento e de relação humana. [...] Ser professor obriga a opções constantes, que cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser". Antônio Nóvoa (1992, p. 7-9).

É o compromisso profissional com a sociedade que vai direcionar a pratica de coragem voltada a uma práxis educativa que estimule no sujeito a consciência reflexiva. Acreditamos que a educação possa alcança a verdadeira função social, a transformação e não a reprodução. Quando o homem descobre que está subjugado, e isso só acontece por meia da educação pautada na liberdade, descobre uma nova perspectiva, um resignificado a própria existência. Em contrapartida, as elites criam mecanismo através de instituições assistencialista para domesticar a população e trabalham de formar paternalista oprimindo o verdadeiro saber. Por isso, é de suma relevância a construção do currículo para a educação. Pois, o mesmo irá direcionar qual serão as formas de relações ocorrerá na comunidade escolar. E o currículo é a parte político-pedagógico que vão nortear as perspectivas e as práticas, junto a formação social e pedagógica. Segundo Sacristán (2000)

> O currículo é uma práxis antes que um objeto estático emanado de um modelo coerente de pensar a educação ou as aprendizagens necessárias das crianças e dos jovens, que tampouco se esgota na parte explicita do projeto de socialização cultural nas escolas. É uma prática, expressão, da função

> socializadora e cultural que determinada instituição tem, que reagrupa em torno dele uma série de subsistemas ou práticas diversas, entre as quais se encontra a prática pedagógica desenvolvida em instituições escolares que comumente chamamos de ensino. O currículo é uma prática na qual se estabelece diálogo, por assim dizer, entre agentes sociais, elementos técnicos, alunos que reagem frente a ele, professores que o modelam. (p.15-16).

A origem do currículo escolar tem princípio com a revolução industrial, onde havia a necessidade de moldar o sujeito para atender o trabalho, nas fábricas seguindo os moldes do sistema capitalista a educação não é neutra, e marcada por ideologias de classes, a fim de se perpetuar no poder. Dessa forma a escolarização é responsável de formar indivíduos para atender o novo modo de produção. No contexto socioeconômico o currículo viabilizará a forma e organização social pautada na propriedade privada e nos meios de produção, ou seja, a escolarização vai validar a divisão social de classes isso é patrão/empregado, burguês/proletariado, quem manda/quem obedece. Uma vez que as características de uma política educacional pautada de acordo com o jogo de interesse vigente perpassam a forma de governo e reflete conflitos de interesses. A escolar nesse processo deve lutar por intervenção que valorizem todos os saberes da área do perfil da comunidade escolar e principalmente dos alunos, tal como as principais dificuldades, e questões socioeconômicas. E assim evita o pré-julgamento tendo como primazia o objetivo maior de educar cidadão autônomo, pautado na diversidade do contexto social e para isso o educador deve usar a criatividade, acompanhar e fazer com que o seu educando seja de fato cidadão de direito, e isso principalmente na educação pública e de qualidade que é direito de todos. Por tudo isso a característica das relações é a conseqüência dos resultados do processo de transformação do homem. Assim a educação deve buscar o caminho para promover o processo educativo amplo e consciente na construção de uma nova ordem social contra a hegemonia, na formação de cidadãos protagonistas da sua própria história.

09 de maio
Bernardo de Vito Schneider

"Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos." Admito que falhei miseravelmente ao tentar inúmeras vezes começar de outra forma esta reflexão, a riqueza das palavras contidas nesse trecho não me permitiu iniciar de outra maneira. Palavras que evidenciam não só a profundidade do pensamento de Paulo Freire, mas que suas denúncias e anúncios persistem no tempo, a luta de Paulo segue viva ainda hoje, sua luta segue através da nossa, visto que, como declara, "estamos numa época de transição" e, por mais que em alguns aspectos seja difícil de acreditar, "ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais", já dizia a canção de Belchior. A partir disso, é possível desvelar os motivos pelos quais Freire segue sendo considerado um pensador perigoso, entretanto sempre que surge esse tipo de afirmação é importante perguntarmos: perigoso para quem?

Toda sociedade é constituída por determinados valores, contudo tais valores vão perdendo sua relevância com o tempo e já não correspondem mais aos anseios da sociedade, Gramsci já falava que "a crise consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo ainda não pode nascer. Nesse interregno, uma grande variedade de sintomas mórbidos apa-

rece", há um grande defunto, o capitalismo, na sala e junto a este uma série de valores já putrefatos, agora cabe à humanidade propor novos rumos, seguiremos como uma sociedade-objeto, periférica, não reflexiva e que apenas recebe ordens, ou cambiaremos para uma sociedade-sujeito? As sociedades-objetos são sociedades esvaziadas de si mesmas, pois, existem apenas em função da exploração predatória do imperialismo que se impõem sobre elas através da instalação de uma elite oligárquica, que se coloca acima do povo, reduz a participação deste na história e o oprime, afinal "não cabe à sociedade dominada decidir".

Com as rupturas, logo começam também a ser instrumentalizadas acusações de comunismo, buscando desde o princípio justificar o posterior esmagamento dessas massas que buscam transformar e participar diretamente da sociedade, o que gera problemas para a elite que busca através da domesticação dessas a manutenção dos seus privilégios, utilizando-se inclusive do sistema educacional para isso, tendo como norte uma retrotopia, uma busca por um mundo melhor não mais no futuro, mas em ideias e ideais do passado, conforme alertou Bauman. Trotsky nos alertava também contra o oportunismo e o revisionismo sem princípios, declarando que é preciso "olhar a realidade de frente; não procurar a linha de menor resistência; chamar as coisas pelo seu nome; dizer a verdade às massas por mais amarga que seja; não temer obstáculos; ser rigoroso tanto nas pequenas quanto nas grandes coisas; apoiar-se sobre a lógica da luta de classes; ousar quando chegar a hora da ação." Em uma sociedade em transição não se pode ficar de braços cruzados, ou dirigimos a sociedade para o ontem ou a dirigimos para o amanhã.

10 de maio
Hélis Cristina Alves de Lima

A sociedade atual busca uma série de imitações e assim faz com que os indivíduos passem a excluir suas qualidades e assimilar as do outro sem buscar analisar o certo e o errado em cada decisão, apenas seguem um contexto da maioria.

É necessário frisar que quando a ideologia se torna enfraquecida, faz com que o casuísmo se fortaleça e assim a sociedade torne-se cada dia mais vulnerável, fazendo com que a grande mídia possa se beneficiar com as casualidades.

> "É preciso partir de nossas possibilidades para sermos nós mesmos. O erro não está na imitação, mas na passividade com que se recebe a imitação ou a falta de analise ou de autocrítica" (FREIRE, 1979: 19)

A ingenuidade torna o discurso da mídia brasileira diferenciado e faz com que se perceba que o ser humano adquiriu comportamentos sociais que o impedem de lutar por seus direitos e melhorias, de tornar-se agente social e passar a conviver com estas diferenças de forma harmônica.

Durante o período de tomada de decisões e conscientização, todos se tornarão agentes sociais que passam a propagar boas e novas ideias; ampliando seus horizontes e os de todo um grupo social sem denegrir ou agredir o outro.

O preconceito em toda sua extensão torna-se consequência de mentes e sociedade alienadas, colocando o certo e o errado dentro do seu próprio patamar. Torna-se necessário que a sociedade passe a apreciar novos comportamentos e assim passe a buscar atitudes de inclusão e que

passem a respeitar os direitos do outro. "A sociedade alienada não se conhece a si mesma; é imatura, tem comportamento exemplarista, trata de conhecer a realidade por diagnósticos estrangeiros" (FREIRE, 1979:19)

As pessoas possuem uma visão bastante tradicional, isso não é cupa da democracia, e sim dos pensamentos invisíveis que foram colocados dia a dia dentro do contexto social, passando a presentar um quadro de múltiplas facetas dentro da sociedade.

Conclui-se que o indivíduo precisa ser trabalhado, pois o sistema se modifica diariamente e torna-se inevitável a estagnação diante de um mundo globalizado.

11 de maio
Hélis Cristina Alves de Lima

> "A sociedade fechada, quando sofre pressão de determinados fatores externos, se espedaça, mas não se abre; uma sociedade está se abrindo quando começa o processo de desalienação com o surgimento de novos valores" (FREIRE, 1979:20)

Diante das diversas transformações sociais, econômicas, politicas, culturais e educacionais percebe-se o questionamento acerca do papel social e educacional da escola perante essas mudanças, na qual passou a exigir um novo tipo de profissional/trabalhador; que necessita ser mais flexível e polivalente, capaz de pensar e aprender constantemente, a fim de atender as demandas dinâmicas que se diversificam em qualidade e quantidade.

A nova sociedade denominada pelos estudiosos como a sociedade do conhecimento, que mudou a forma de aprendizado, onde deixou o processo taylorista/fordista onde o livro didático era a única fonte responsável pela quantidade de trabalho escolar; passando a ter um aprendizado globalizado, onde a fonte de conhecimento era diversificada, ou seja, a rua, televisão, redes sociais; passaram a ter um lugar de destaque sendo até incluídos no espaço escolar, onde percebeu-e a necessidade de reestruturar e atender as demandas de uma nova sociedade de forma dinâmica e passando a atingir os diversos segmentos, causando impactos sobre a vida educacional e social.

A educação, torna-se então, um processo social e passa a se enquandrar numa nova concepção determinada pela globalização, onde esta passou a estabelecer os fins a serem atingidos pelo processo de ensino – aprendizagem em consônancia com as ideias dominantes numa dada sociedade.

Entende-se, portanto, que as praticas educacionais desenvolvem-se predominantemente de acordo com os paradigmas dominantes da sociedade num dado momento histórico, levando assim a sociedade ficar em constante transformação e reproduzir as condições cientificas, politicas, econômicas, culturais e educacionais daquele período.

12 de maio
Luís Felipe Pissaia

A compreensão da consciência do indivíduo toma forma neste capítulo, dedicado essencialmente a sua conceitualização e inclusão no processo de comprometimento social discutido por entre as páginas desta obra. Para Freire, a consciência pode ser definida como um processo

de adaptação ao qual o ser humano reflete sobre sua própria existência enquanto sujeito social, partindo para um patamar além das experiências individuais, abarcando a coletividade dos acontecimentos.

Neste sentido, a relação com o comprometimento atrela-se a determinação de autoconsciência do ser humano, que ao conhecer-se a si mesmo e identificar-se no contexto social ao qual está inserido, torna-se capaz de observar a realidade conscientemente por meio da reflexão. O autor delimita dois tipos de consciência, a intransitiva ou ingênua e a crítica, que por momentos transparece uma noção de evolução, da primeira para a segunda. Como se a consciência ingênua fosse característica de uma pessoa em evolução social, a qual sob a insistência do compromisso assimila e introduz a consciência crítica em seu contexto.

No texto percebe-se uma perspicaz sátira predizendo que a consciência intransitiva trata-se de um estado de comprometimento incompleto, ou em uma ideia audaciosa, como um processo inter-relacionado de vivências indutivas a um fim baseado na consciência crítica. No entanto, mesmo tratando-se de uma consciência "primitiva" a obscuridade não acompanha sua essência, e sim o encurtamento da capacidade de ver o mundo sob o prisma da realidade, deixando o indivíduo fechado em si mesmo, enciumado com seu entorno e estagnado em seu ceticismo.

As indagações que pairam sobre a consciência intransitiva determinam não somente um mero desconhecimento da realidade e capacidade de interagir com ela, mas a indução de explicações irreais, por meios palpáveis de superficialidade e com toques de "mágica", conforme Freire define este estado. A consciência ingênua pode também ser compreendida como a incerteza e desconhecimento sobre algo, uma fração de tempo em que ficamos inertes perante algo, até que possamos compreender seus significados, adotando uma posição perante o caso.

O autor em certos momentos deixa claro que a consciência intransitiva é automática aos arranjos da vida em sociedade, pois ela segue o contato com o novo, com situações desconfortantes ou mudanças bruscas no contexto do espaço. Assim sendo, estamos frequentemente expostos a esta consciência, contudo, a sagacidade está em desvencilhar-se dela, construindo o senso crítico, abandonando as explicações supersticiosas, para um campo de transformação contemporâneo.

Em um limiar de compreensão formidável as frases compõem desafios que exemplificam e trazem para a realidade questões obscurecidas pelas vontades humanas em renegar sua vivaz consciência crítica. Mesmo assim, as consciências agora baseadas em intensos pontos de fundamentação social fortalecem o compromisso com um desenvolvimento humano consciente.

Percebe-se um logo percurso entre a consciência crítica e a ingênua, isso perpassa questões sociais e pessoais de cada indivíduo, por estarem relacionadas a um processo de construção, norteado pela educação e sensibilização com o compromisso da realidade. Para tanto, uma mente ingênua constitui-se como campo de promoção da educação crítica e reflexiva, que a passos lentos compreende as noções de reencontro com o próprio ser, pois o indivíduo que permanece na irracionalidade dos fatos abre-se ao fanatismo, comportamento intensificado pelos significados mágicos dos acontecimentos.

Ainda na obra, Freire caracteriza a consciência ingênua e a crítica, compondo um paradoxo intermitente de questões que contrabalanceiam as próprias compreensões de pensamento humano em detrimento ao compromisso social ao qual se expressa por meio de suas atitudes. Quanto às características da consciência ingênua, destacam-se algumas que se apresentam ligei-

ramente ligadas à simplicidade na explicação dos diversos acontecimentos em sociedade, por estarem fixados em fundamentos superficiais trata-se de interpretações confusas e tendenciosas ao achismo.

Por estar ligada ao fanatismo, compreende ideias de comportamento massificador, renegando explicações científicas em detrimento às suas próprias opiniões fragilizadas pela procura de motivos certeiros com bases emocionais induzindo a compreensão estática da sociedade. Já as características da consciência crítica permeiam campos abrangentes da compreensão humana, estando influenciada principalmente pela inquietude em desbravar novos métodos e testa-los na prática, utilizando-se da análise reflexiva destas vivências como ponto de partida para experiências futuras.

O indivíduo crítico detém a responsabilização por seus atos, perfaz seu dinamismo contemporâneo por meio do diálogo aberto e sem preconceitos, condizente com a realidade e ciente de seu compromisso social principalmente no que tange questões relacionadas a explicações sem significado autentico. Por ser inquieto não se satisfaz com definições superficiais, investiga, reflete e verifica a autenticidade dos fatos, tornando-se fascinado pela inovação decorrente deste processo, ainda que isso custe mudanças esporádicas de opinião, tornando-se mutável conforme os anseios da sociedade.

Apropriando-se das convicções elencadas sobre cada segmento de consciência desmistificado por Freire, considera-se que ambas formam um contraponto distinto na sociedade contemporânea, caracterizando não somente um grupo populacional específico, mas a massa global. Contudo, as inferências intensivamente demarcadas pelo autor abrem espaço à discussão consciente de que o processo de construção de ambas as consciências não somente as diferenciam entre si, mas em determinado momento as torna, uma sequência da outra, em um *continuum* de estreitos laços de comprometimento do ser humano com a sociedade.

13 de maio
Antoniel dos Santos Gomes Filho

> Admiramos e, ao penetrarmos no que foi admirado, o olhamos de dentro e daí de dentro que nos faz ver. Paulo Freire (2016, p. 56)
>
> Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação. Guy Debord (2003, p. 13)

A escrita constitui-se de um movimento minucioso, que pode tomar rumos inesperados. Pensar as questões sociais que cruzam o nosso tempo e nossas vidas tendo como ponto de partida os escritos e pensamentos de Paulo Freire nos inserem em (des)contornos, ora conhecidos, ora desconhecidos. O educador brasileiro nos coloca em contextos múltiplos de explicação da realidade objetiva, construidora de (re)significados para cada ser humano.

Na abertura do terceiro estudo, que compõe a obra *Educação e Mudança*, intitulado: *O papel do trabalhador social no processo de mudança*, Paulo Freire já nos desloca, e nos alerta sobre o perigo que é o olhar superficial sobre o mundo. Em tempos onde à representação se torna algo comum em nosso dia a dia, Freire nos convida a desenvolver um pensamento crítico a cerca de nossos olhares sobre o mundo, que muitas vezes ficam na periferia das coisas.

Nos tempos regidos pela difusão da informação, do acesso à internet, das conexões cibernéticas, do eu na tela, o convite freiriano de imersão crítica sobre as coisas, aparenta gastar um tempo precioso, que poderia ser gasto com a criação do espetáculo, seja o espetáculo da sociedade, seja o espetáculo do eu.

O trabalhador social na atualidade depara-se com um mundo desfocado. Um mundo onde nos multiplicamos em diversas (des)funções, e na rapidez do cotidiano, regido pela representação, podemos também entrar nesse jogo do desfoque. Nesse sentindo Paulo Freire ao falar sobre o ato de olhar, lembra que é preciso um movimento de ad-mirar, ou seja, de olharmos para dentro criticamente.

Podemos neste momento de reflexão, acrescentar a este processo de ad-miração freiriano as questões temporais, uma vez que o tempo torna-se para o trabalhador social, inserido numa condição de produção que o faz movimentar-se quase que 24 horas do seu dia, uma barreira para adentrar neste processo de ad-miração.

A produção de um pensamento crítico requer do trabalhador social paradas. O trabalhador social precisa parar, para refletir, para admirar, para mirar e focar no seu processo social produtor de mudança. Para fisicamente é necessário para o processo de saída da superfície, e aprofundamento crítico sobre as questões sociais. Para é importante para que não discutamos clichês, ditos aos montes, e que se espalham na fumaça da representação, como bem diz Guy Debord.

O trabalhador deve encontrar momentos que possa parar, que possa sair deste mundo que apresenta uma rapidez das coisas, inclusive no que tange o papel do trabalhador social, que muitas vezes deixa de ser vivido, e é apenas representado, sem foco. Por isso, o trabalhador social deve ter perceber criticamente que a admiração que esta na superfície da coisa é importante, pois a partir dela é que se inicia um movimento de encantamento e exploração, por isso: Eu me encanto (ad-miro), mas eu não deixo de mirar, de refletir de modo mais profundo a questão que me atravessa, eu paro e saiu da superfície da representação que é encantadora aos olhos, mais que não é o vivido, o real.

Portanto, em nossos tempos de sociedade do espetáculo, onde as representações são constantes e superficiais, e onde não temos tempo de parar, os escritos de Paulo Freire nos convidam a um novo desafio enquanto trabalhadores sociais dentro dos processos de mudança, que é encontrar momentos para parar (fisicamente e intelectualmente) e rever nossas ad-mirações em tempos onde a representação está se tornando o vivido.

14 de maio
Remilda Porfirio dos Santos

A palavra subunidade significa subdivisão de uma unidade. Já o termo estrutura social, subentende respeito, forma pela qual a sociedade se organiza em diferentes relações diversas, complexas constantes, no qual interligam sistemas, partindo da comprovação que os membros e grupos de uma sociedade exercem ou atuam.

Segundo John Martim "a macroestruturas são as propriedades emergentes de instituições culturais da microescola". Os sociólogos marxistas da época misturam significados de estrutura social em aspectos culturais.

A partir de 1930, a ciências sociais em geral em variáveis sub-componentes faz necessário distinguir outras variáveis. O primeiro estudo baseou-se em estudo de Alexis de Tocqueville, mas o primeiro a usar o termo estrutura social, com o passar dos anos veio Karl Marx, Herbert Spencer, Mar Weber, Ferdinand Tonnies E Émille Durkheim que contribuiu bastante com conceitos estruturais para a sociologia moderna.

Conforme a obra de Paulo Freire "Educação e Mudança" quando diz: "A essência do ser da estrutura social não é a mudança nem estático, tomados isoladamente, mas a "duração" da contradição entre ambos". (FREIRE, p.46, 1981).

A expressão estrutura social a ser analisada trata-se do sistema educacional ' ESCOLA COLETIVA, para a sociedade moderna, ressaltando que a escola faz parte da sociedade como um todo, onde se educa se conscientiza se busca dialogar, entre outros valores e princípios. Que surgem possibilidades do "papel do trabalhador social, do profissional engajado". "Para uma sociedade diferente, ou seja, ' uma sociedade aberta" segundo Freire.

Para isso é preciso que o homem deixe de ser manipulado e passe a ser, um ser pensante, crítico buscando subsídios juntamente com mecanismos que formule elementos que expresse suas manifestações de cidadania com a transformação de acordo com a práxis da educação libertadora e transformadora.

Em seu livro Freire nos alerta para o compromisso e responsabilidade de educador e formador do ser crítico para a sociedade onde atuamos, quando fala da "vida cultural e social do educador".

Freire, mesmo distante do Brasil acompanhava com suas concepções transformações social e política com pensamentos pedagógicos voltada para o educador e profissionais, nas "ações social e política pela transformação das estruturas opressivas da sociedade classista".

Por outro lado, "educação busca por um sujeito chamado homem e o homem deve ser o sujeito de sua própria educação". Até porque o homem ser animal que precisa ser lapidado com conhecimento e assim ampliar a sua capacidade de aprender, dessa forma erguendo o seu capital cultural para a sua compreensão da realidade, através de cultura e espaço de competência que o transforma, o que chamamos de mudança.

O livro "EDUCAÇÃO E MUDANÇA" de Paulo Freire trás a temática principal a "mudança". Ele aborda o compromisso que o ser como atuante e refletir na realidade essa capacidade de transformar, fazendo disso a sua práxis.

Freire ressalta sobre a "educar é um ato corajoso" ele crítica a educação brasileira, por um compromisso com neutralidade. Em ser uma pessoa neutra, não quer dizer que não tenham compromisso com o social.

Ser educador não dá o direito de sentir-se superior, ser educador é reconhecer com humildade a capacidade que outros têm de aprender. E não ser tratados como simples deposito de conhecimento e fazer com sejam produzindo seres reprodutores que não sabem criar. Ele alerta que "o educando não é um deposito de conhecimento e que a educação não é forma de deposito".

"Forma de deposito é um mero processo de arquivamento do saber e não criar".

Da mesma forma é educando que tem pensamento parecido com educadores. No qual pensam está ensinando ignorante, cabe ao educador reconhecer os educandos que tem esse pensamento, ensinando com humildade.

Portanto freire em sua obra aborda várias temáticas como trabalho, superação social e finaliza falando da alfabetização, da mudança e do diálogo. Temática que são atuantes, no qual

ele nos chama atenção para o compromisso do educador, como profissional capaz de formar ser pensante e crítico na vida cultural e social par uma sociedade de sistema capitalista.

15 de maio
Fernanda dos Santos Paulo

É interessante que esse é um tema seminal em Paulo Freire, mas só localizamos essas expressões no livro Educação e Mudança. O Mundo da Opinião é "o mundo de acontecimentos, de valores, de ideias, de instituições" (FREIRE, 1979, p.25). Em outras palavras o Mundo da Opinião é o senso comum, ou seja, é a *doxa* como estudamos em filosofia a partir de Platão.

Para Freire (1994) ao partirmos do senso comum - *saberes de experiência feitos* buscamos por meio da dialética o mundo do saber (*epistéme*). Em outras palavras, *os saberes da experiência* são os pontos de partida no processo de construção do conhecimento crítico. Segundo Freire, não devemos " subestimar ou negar os saberes de experiência feitos, com que os educandos chegam à escola ou aos centros de educação informal" (1994, p. 43).

O Mundo da Opinião (saber popular – senso comum) e do Saber é um mundo das relações e compõe as experiências socioculturais dos seres humanos. Na pedagogia de Freire não podemos negar a existência de diferentes tipos de saberes e, portanto, da defesa da proposta metodológica que parte dos saberes de experiência feitos e do respeito por esses saberes.

Diante deste ponto de partida, busca-se a superação da consciência ingênua via uma educação problematizadora. Conforme Paulo Freire (1979), o conhecimento crítico supera a pura opinião (doxa) sobre a realidade via o alcance do *logos* (saber) e da percepção do *ontos* (essência da realidade). Esse processo - de partir do saber popular para o saber critico - dá-se no "Movimento da pura doxa aos logos não se faz, contudo, com um esforço estritamente intelectualista, mas na indivisibilidade da reflexão e da ação da práxis humana" (FREIRE, 1979, p.26).

Por fim, esse movimento de transição acontece por meio do diálogo, estabelecendo uma relação entre o contexto e o texto – exigindo leitura e ação crítica sobre a realidade, cuja tomada de consciência dessa realidade tem por objetivo transforma-la.

PAUSA PEDAGÓGICA
(anote as aprendizagens, ideias, dúvidas e ações que o texto proporcionou até aqui).

16 de maio
Adriano Ferreira Neves Toranelli

Falaremos nesse momento sobre papel social do homem na sociedade, seja qual for a função que ele desempenhe, ele precisa ter consciência que atua como um agente de transformação social, que seja um professor, assistente social, advogado, pedagogo, médico etc. Educar é um ato político, o educador tem a plena consciência da responsabilidade que carrega enquanto educador, por isso mesmo ele não pode permanecer indiferente diante das injustiças sociais que afetam a sociedade, mais buscar agir por meio de uma ação crítica que leve o outro a tomar consciência da realidade condicionada da estrutura em que ele está aprisionado. No mundo contemporâneo notamos diversas formas de injustiças que são cometidas contra o trabalhador brasileiro, pois o governo tenta realizar por meio do sistema político do país as mais duras reformas que atinge diretamente a classe trabalhadora, retirando os direitos dos mais fracos poupando outros segmentos mais ricos da sociedade. A reforma da previdência, a nova lei da terceirização penaliza duramente os mais pobres, pois muitos direitos trabalhistas serão perdidos após a implementação dessa nova política trabalhista, a reforma da previdência é a maneira mais perversa de fazer com que o trabalhador "pague a conta" para realizar equilíbrio das contas públicas do governo, pois os direitos dos trabalhadores de terem a aposentadoria garantida satisfatoriamente se torna cada vez mais distante. Em vista disso o papel do homem na sociedade, seja qual for o cargo o

qual ele ocupa, necessita ter as condições mínimas de trabalho, tendo uma boa remuneração salarial, direitos trabalhistas assegurados, boa estrutura física de trabalho favorecendo assim as condições necessárias para se alcançar a transformação na vida em sociedade, a construção da plena cidadania.

Aprofundando mais a questão da dívida pública do estado para melhor exemplificar nosso papel enquanto trabalhador social, veremos que mesma desvia uma boa fatia do orçamento da união segundo a página da Auditoria Cidadã da Dívida, pois a mesma afirma que a maior parte do que o governo arrecada dos nossos impostos são para pagar os juros e as amortizações da dívida, chegando a 43,94%, sendo que os gastos com a previdência social representam 22,54%, dados levantados em 2016. Os outros dividendos são gastos com a educação, saúde, assistência social e outras áreas, o que representa os mais tímidos investimentos do governo para atender a população que paga uma das maiores cargas tributária do planeta. Diante do exposto podemos analisar que a maior parte do que o governo arrecada vai para o pagamento de juros e amortização da dívida pública com as instituições financeiras no Brasil. O conjunto de engrenagens muito bem articulada para sustentar esse sistema perverso do capitalismo, sacrificando todas as áreas sociais, atingindo os mais pobres e enriquecendo cada vez mais as empresas financeiras perpetuando o modelo vigente econômico, o sistema político está a serviço desse sistema, inclusive nas leis que são aprovadas no congresso nacional para privilegiar o poder econômico e seus investidores, entre outras injustiças que são cometidas com o povo brasileiro, abrindo espaço para o aumento da corrupção no país.

Em vista disso o papel do trabalhador social, seja qual seja a posição que ele ocupe na sociedade é desmistificar essa ação manipuladora do sistema, levando os a refletirem sobre o processo de conhecimento dos direitos, a consciência de todas as formas de exploração no mundo atual, problematizando desta forma a realidade do qual o homem está inserido.

Como afirma Freire

> Estamos convencidos de que o momento histórico da América Latina exige de seus profissionais uma séria reflexão sobre sua realidade, que se transforma rapidamente, e da qual resulte sua inserção nela. Inserção esta que, sendo crítica, é compromisso verdadeiro. Compromisso com os destinos do país. Compromisso com seu povo. Com o homem concreto. Compromisso com o ser mais deste Homem. Se, numa sociedade preponderantemente alienada, o profissional, pela natureza mesma da sociedade estruturada hierarquicamente, é um privilegiado, numa sociedade que se está abrindo o profissional é um comprometido ou deve sê-lo. Fugir da concretização deste compromisso é não só negar-se a si mesmo como negar o projeto nacional (FREIRE, 1981 P.79)

O próprio sistema político vigente muitas vezes neutraliza e nos impede de agir nas mais diversas situações das injustiças sociais, pois os homens são condicionados a não refletirem sobre a responsabilidades que temos como cidadãos que somos. Precisamos no empenhar com a realidade concreta do nosso cotidiano e a partir disso criar mecanismos de ação que transformem essa realidade. Ficar inerte diante das situações de desigualdades é procurar um compromisso apenas consigo mesmo, pois quando não nos manifestamos diante das mazelas sociais estamos na realidade nos comprometendo contra a humanização dos homens.

Contudo podemos perceber, que nossa missão como agentes de transformação social não é fácil, e que precisamos compreender a tarefa árdua que vamos encontrar nas mais diferentes situações do cotidiano da vida humana, sempre nos esforçando para fazer a diferença na vida do outro e na sociedade, para que os mesmos possam alcançar a liberdade necessária e alçar vôos mais altos em busca da realização plena na conquista de direitos e de igualdade social.

17 de maio
Heliana Lia Tissiani Gobbato

Reiterando as discussões acerca do processo de mudança, surge a indagação: O que leva o trabalhador social optar pela mudança?

Para responder a tal inquietude volta-se ao termo Esperança, pois é no ato de esperançar que o ser age a favor da mudança. Ao esperançar, o trabalhador social contraria a tendência da antimudança e procura desvendar caminhos, estando receptivo a novas ideias, olhares e opiniões. Para Freire, quando o trabalhador social elege a mudança ele "(...) não teme a liberdade, não prescreve, não manipula, não foge da comunicação, pelo contrário, a procura e vive. Todo seu esforço, de caráter humanista, centraliza-se no sentido de desmitificação do mundo, da desmitificação da realidade." (Freire, 1982, p. 51).

Assim, o termo desmitificar assume a ação de rompimento a tudo aquilo que já estava enraizado no ser, num processo árduo e constante de ressignificação de valores, opiniões e atitudes. Por este motivo, optar pela mudança é principalmente mudar o EU para que essa mudança atinja outras proporções não menos importantes que a mudança interior. Ou seja, desmistificar a realidade advém de um processo mais complexo de mudança interna, que reflete em mudanças sociais e culturais movidas pela esperança de que tais ações são possíveis e necessárias.

Outra questão a qual o autor retoma nesta obra é a dicotomia sujeito/objeto atribuída a figura humana. A este sentido, Freire salienta que "(...) se na estrutura social concreta, objetiva, os homens são considerados simples objetos, sua opção inicial o impede para a tentativa de superação da estrutura (...)" (Freire, 1982, p.51). Compreende-se que o estado de objeto paralisa o ser, o qual fica submetido à estagnação, já o ser enquanto sujeito empodera-se e age visando a mudança, sendo o personagem principal do processo de transformação social.

Para Freire (1982, p. 51) "(...) não pode ser trabalhador social se não for homem, se não for pessoa, e que a condição para ser pessoa é que os demais também o sejam." Esta condição de sentir-se homem, sujeito, indivíduo, protagonista de sua história faz com que o trabalhador social reconheça todo o seu potencial para a transformação de diferentes estruturas sociais. Desta forma, há de se considerar para que as mudanças ocorram, que o engajamento do indivíduo e de seus semelhantes são oriundas de vontade interior, de liberdade, de desejo e esperança na transformação. Na medida em que o ser tem potencial para transformar o mundo, quando deixa de ser coisa, quando seu movimento toca o seu redor é que faz com que o mundo se reconecte e se engendre.

Por este motivo, o homem pode ser considerado um verdadeiro 'agente de mudança' e sua ação teria na estrutura social seu objeto. Tal estrutura certamente só será modificada pelos homens que inseridos na sociedade optam pela mudança. "reconhecer-se como o 'agente de mudança' atribui a si a exclusividade da ação transformadora que, sem dúvida, numa concepção humanista, cabe também aos demais homens realizar". (FREIRE, 1982, p. 52).

Portanto, como a sociedade é feita por sujeitos que se relacionam por múltiplas finalidades, o termo 'agente de mudança' precisa ser considerado no plural, pois, como diz Freire (1982, p. 52) "a mudança não é trabalho exclusivo de alguns homens, mas dos que a escolhem (...)".

Embora as dificuldades as quais se colocam para os indivíduos atravessarem a barreira de objeto para sujeito, tal esforço precisa permanecer vivo, uma vez que esta vontade de agir e trans-

formar são determinantes para que haja rupturas significativas de poder. Também, há de se reforçar a ideia de que a transformação precisa ocorrer na estrutura social como um todo e que a mudança a qual se preconiza possa ser uma mudança real e valorativamente positiva, que ocorre num tempo histórico determinado, movida por sujeitos que repensam seus valores e hábitos culturais e sociais.

Além disso, outro aspecto a ser destacado é que a mudança das partes precisa ser validada, porém não pode o trabalhador social satisfazer-se com elas sem ter foco na totalidade. A junção da mudança de diferentes partes ou aspectos da estrutura social somadas é que formam a totalidade almejada. "(...) O objetivo da ação da mudança é a superação de uma totalidade por outra, onde a nova não continue apresentando a contradição estabilidade-mudança." (Freire, 1982, p. 52).

Sendo assim, se o objetivo a ser alcançado é a mudança da totalidade, as partes que a compõe também serão transformadas. A mudança de apenas uma parte mantém a situação, pois ao mudar um aspecto tantos outros ainda precisam ser revistos e é por isso que a mudança total, a transformação real e significativa não ocorre.

Por fim, há de se dizer que são os indivíduos inseridos em uma dada estrutura social os seres capazes de promover reais e significativas transformações. Homens de um tempo histórico e que carregam em si e em seus semelhantes Esperança. Esperança que alimenta, Esperança que revela, Esperança que desvela, Esperança que busca, Esperança que rompe, Esperança que liberta, Esperança que move, Esperança que transforma.

18 de maio
Erisnaldo Francisco Reis

Fazendo-se a análise do trecho em questão, que é parte da obra Educação e Mudança, observa-se que Paulo Freire afirma que, não há mudança da mudança, nem tampouco estabilidade da estabilidade. Para o autor, na verdade o que ocorre é a mudança e a estabilidade de algo. Freire salienta que, toda estrutura social é humana e histórica, entretanto só ocorrerão estabilidade e mudança de algo, onde os homens se fizerem presentes.

Entretanto, de modo reflexivo o autor argumenta que na relação homens/mudança/estabilidade ocorre um antagonismo. Sempre haverá aquele que tem o desejo de mudança e de estabilidade e, aquele que não tem tal desejo. Ressalta que, os homens sempre vão estar em defesa das suas opções. Para tanto, os homens, vão buscar estarem organizados em instituições, organismos, grupos de caráter ideológico, para defenderem as suas opções e, portanto, vão criar possibilidades de estratégias e táticas de ação em função destas.

Freire ainda aponta um aspecto que diz respeito à questão de mudar uma das dimensões da estrutura, que está relacionado com a viabilidade histórica da mudança. Explicita que, quando não há outro caminho a não ser o da mudança gradual das partes, para alcançar a mudança da totalidade, as respostas para esta mudança ocorrida poderão se tornar um problema.

Vale lembrar que, em se tratando de mudança, sempre existirão os contrários e os contrários perceberão que a mudança de uma parte de algo promoverá outra mudança e, assim se chegará a uma mudança da totalidade. Certamente, a mudança da totalidade poderá provocará reação forte a estas transformações parciais.

Historicamente, uma estrutura social tende a viver o aprofundamento do antagonismo que ocorre entre aqueles que querem e aqueles que não querem a mudança. Nesse aspecto, Freire traz à tona a questão do *status quo*. Salienta que, ao ocorrer o crescimento de um organismo, vai ocorrer a instauração de um clima de "irracionalidade", gerando assim outros novos mitos para a manutenção do *status quo*. Na sua ideia, o trabalhador social que faz opção por mudança tem o papel de não criar mitos contrários. Seu papel é problematizar a realidade, proporcionar a desmitificação da realidade que, ora, está mitificada, em determinado momento histórico.

Para ficar claro, na sua inferência, o autor descreve os mitos como sendo os elementos básicos da ação manipuladora dos indivíduos. Entretanto, argumenta que se deve dizer não à manipulação da manipulação daqueles contrários à mudança. Para o autor a manipulação é um instrumento da desumanização, seja ela consciente ou não.

Freire também enfatiza que a tarefa de mudar, para aquele que está com a mudança só se justifica se sua finalidade for humanista. Há que se concordar com ele que, é impossível servir a esta finalidade com instrumentos e meios que servem à outra. O trabalhador social humanista não pode transformar a sua palavra em ativismo, tampouco em palavreado. Nesse sentido, o autor salienta que nem uma coisa nem a outra trazem realmente a transformação. Pensa-se que, ou se adere à mudança em sentido verdadeiro de humanização ou permanecerá como está.

Ainda focando a questão de o trabalhador ser humanista, a partir da análise do trecho do texto de Freire, observa-se que no seu pensamento, quanto mais humanista for o trabalhador, mais verdadeiro será o seu trabalho. Será mais verdadeiro se sua ação e sua reflexão forem reais e em conformidade com ação e a reflexão dos homens, com os quais tem que estar em comunhão, colaborar e conviver.

Talvez, como argumenta Freire, seria ingenuidade ter uma visão focalista da realidade, que a reduz a partes desconexas entre si na formação da totalidade. Em outras palavras, não podemos olhar a realidade sem um aprofundamento daquilo que se observa. Em se tratando de educação, o olhar tem que ser de dentro daquilo que nos possibilita ver a realidade. Talvez ainda, seria ingenuidade ter uma visão focalista de fora da estrutura, uma visão absolutista, pois uma estrutura social na sua totalidade é interacionista e, encontra-se sempre em interação com outras estruturas sociais. Sendo assim, o educador jamais poderá ser neutro, deve fazer sua opção, escolher os seus métodos para agir.

Portanto, o trabalhador social não pode considerar a mudança como sendo uma ameaça, pois o seu trabalho é para a mudança de todos. Educação é o meio pelo qual a realidade será problematizada, desmitificada e transformada. Sendo assim, o papel precípuo de um educador, um trabalhador social, é auxiliar para que os homens sejam sujeitos da transformação da sociedade.

19 de maio
Gercimar Martins Cabral Costa

O Ser que está integrado dentro de uma sociedade passa pela premissa de sua relação com sociedades-sujeitos, no qual o indivíduo está integrado como um "ser para si", e também com sociedades-objetos, pelo fato de sua inter-relação com outras pessoas de seu convívio ou não.

O ser que deseja possibilitar a mudança, principalmente quando pensado no âmbito da educação, o mesmo precisa observar que ao ser "para si", terá a competência e habilidade fundamental para poder se transformar em um "ser para outro", podendo transcender seu conhecimento para a formação de novos cidadãos.

Torna-se fundamental observarmos que faz-se necessário o seu pleno conhecimento, haja visto que se o indivíduo não consegue se encontrar em seu ser, este irá ser e embasar sua vivência para com o outro em sua relação de comportamento.

Para que se consiga desenvolver uma verdadeira transformação em sua formação de Ser, é necessário que se tenha uma inter-relação em um contexto mais amplo, possibilitando observar e desenvolver análises específicas, haja visto que essa transformação da sociedade-objeto é primordialmente desenvolvida por homens (e também a sociedade em um contexto amplo), não se limitando apenas pela sociedade-sujeito.

Querer fazer e poder transformar a educação, é o grande sonho de todos os educadores, porém esta realidade nem sempre se faz como realmente gostaríamos, fato este de inviabilidade a quem realmente prima por essa força de vontade, pois para que se possa realizar as mudanças, irá muito além de apenas o que desejamos, mas de todo um contexto sociocultural ao qual estamos inseridos.

Paulo Freire (2018, p.74) afirma que "qualquer que seja o momento histórico em que esteja a sociedade, seja o do viável ou do inviável histórico, o papel do trabalhador social que optou pela mudança não pode ser outro senão o de atuar e refletir com os indivíduos com quem trabalha" tendo o principal objetivo de poder conscientizá-los para as reais dificuldades a serem enfrentadas e vivenciadas dentro da sua sociedade.

É fundamental observarmos que existe uma grande necessidade que implica em ter que buscar ampliar os conhecimentos cada vez mais, não só de seu contexto, mas primando pelo fato dos limites aos quais tendem a ser enfrentados, principalmente exigir-se uma reflexão crítica para com o processo de "mudanças de cultura" na qual está inserido para poder propor mudanças.

Afinal, quando se fala em mudança cultural, precisa primeiramente compreender a sua verdadeira essência, pois se tem a necessidade de "pensar criticamente a estrutura social para tentar descobrir a forma pela qual se constitui" para então ser possível delimitar a cultura local e a melhor maneira de como poder transformá-la.

Neste contexto, é possível compreender precisamente que o ser social é também uma estrutura humana, o que fundamenta uma base sólida e pensante, visto que se não tivesse essa relação "humana", não seria possível primar por uma cultura, sendo ela algo de "estrutura-suporte" como para os seres não pensantes, e não conseguem desenvolver um pensamento crítico.

Neste contexto, Freire (2018, p.75) reforça que "nas permanentes relações homem-realidade, homem-estrutura, realidade-homem, estrutura-homem origina-se a dimensão do cultural que em sentido amplo, antropológico-descritivo, é tudo o que o homem cria e recria".

Subjacente a essa ideia, endossa-se que o homem pode transformar a educação, criando mudanças significativas para transformá-la, de forma a criar a sua estrutura, seja social, cultural e própria, é através de seu pensamento crítico-reflexivo que o mesmo terá a possibilidade de mudar o seu contexto e de vários outros seres que dependem de sua forma de pensar e agir.

20 de maio
Ana Cristina Magalhães Jardim

> Todos os produtos que resultam da atividade do homem, todo o conjunto de suas obras, materiais ou espirituais, por serem produtos humanos que se desprendem do homem, voltam-se para ele e o marcam, impondo-lhe formas de ser e de se comportar também culturais. (FREIRE, 1983, p. 31-32)

Cultura gera transformação e transformação gera cultura. Mas, afinal, o que é cultura? É a cultura (cultivo) do tomate? Sim, é. É a cultura presente nos quadros, estátuas, músicas e teatro? Sim, também é. Mas não é só isso. Ufa, ainda bem! A cultura, na verdade, vai muito além disso. Ela está em cada cantinho de cidade, de vila, de capital e em cada pessoa que vive lá, pelo mundo afora. Onde quer que a gente vá, basta observar e você vai ver que ela está lá, em algum lugar. A cultura vai estar lá como fruto de um coletivo.

E a cultura nos chega pelos olhos, ouvidos, olfato, tato e pela boca também, porque não, para dizer, Uau!

Mas cultura não é só para ficar admirando, não é apenas enfeite nem entretenimento de final de semana. É para colocar às mãos na massa e fazer a diferença através da cultura. A cultura e a educação são nossos instrumentos de luta e é daí que vem a possibilidade de transformar as pessoas e a realidade que se impõe sobre elas: é o rap da periferia e tantas outras formas musicais, o cordel no Nordeste, o grafite nos muros e prédios das cidades, o pão de queijo, o artesanato feito de palha, a capoeira, o teatro de resistência política. São tantas possibilidades que poderíamos preencher todo o texto só com as diversas formas e manifestações que a criatividade do homem foi capaz de elaborar a partir da natureza e da realidade em que vive.

Como nos disse Freire, não podemos ver a realidade como algo imutável, algo que não temos forças para alterar. É isso que querem que a gente acredite. É preciso lutar por mudanças. A educação é capaz de nos fazer ver o mundo de forma diferente, de modo crítico e transformador.

Mas como podemos modificar a realidade que nos parece imutável? Como seria possível, através da educação e da cultura, lutar contra forças que aparentemente sempre estiveram e sempre vão estar lá? Ninguém disse que seria fácil, nem rápido. Algumas mudanças são lentas, mas pode ser que justamente esse fazer devagar permita que seja sólida e permanente. Para isso precisamos plantar, todos os dias, a semente da resistência.

A mudança não vai acontecer se esperarmos uma atitude só do outro. A educação que recebemos e o saber que trazemos conosco, às vezes transmitidos através de gerações e gerações da nossa comunidade, precisam fazer de nós sujeitos críticos e atuantes na sociedade. É a nossa vida e o nosso futuro que estamos defendendo!

Dentro desse contexto a arte é um instrumento capaz de "retratar" os males da sociedade e "expor" suas feridas.

Paulo Freire nos ensinou a pensar de forma crítica. Ele nos disse que para transformar a estrutura social é preciso que nossa percepção da realidade sofra mudanças também. É o que, para ele, leva à ação da mudança.

Para colocar em prática os ensinamentos de Freire e nosso senso crítico, vamos tentar perceber modos em que a cultura são formas de resistência. Nas grandes cidades nos acostumamos a ver os grafites nas paredes dos edifícios ou muros. Todos os dias, quando vamos ou voltamos cansados do trabalho lá estão aquelas pinturas enormes, em pleno espaço urbano, coloridas ou não, nos desafiando com cenas típicas da vida nas cidades. São pinturas de crianças abandonadas, abuso e violência policial nas periferias e tantos outros resultados e problemas gerados pela sociedade contemporânea. Esses grandes painéis de realidade estão ali nos dizendo, nós estamos conscientes e nós nos unimos até que, por meio dessa resistência, possamos realizar a mudança estrutural na sociedade.

Dentre as várias manifestações produzidas através das artes, inseridas em todo um modo de cultura de uma comunidade ou de um povo, podemos citar, por exemplo, a capoeira. Quantas vezes, também passando pela cidade, lá está um grupo de pessoas jogando capoeira. Uma forma de "luta" característica de homens e mulheres que foram escravizados e trazidos para o Brasil, aos milhares, durante quase três séculos. Você observou que eu não falei "escravos"? Pois é, eu usei o termo "escravizados". Essa simples mudança em um termo é uma forma de resistência. É como se todo o povo negro pudesse dizer: nós não nascemos escravos, nós sabemos que essas condições nos foram impostas, sabemos também que ainda existem inúmeras formas de racismo velado no Brasil e estamos lutando contra isso, ainda hoje, no século XXI. Lutamos por melhores condições de trabalho, educação e respeito à nossa cultura, onde podemos incluir nossa aparência, nossa história, crenças, alimentação e vários elementos de toda uma cultura material e imaterial enraizada na formação do povo brasileiro. Isso é resistir, lutar por mudanças, lentas, mas estruturais.

Gosto de pensar, como aprendemos com Freire, que cultura e transformação são como o fruto e a semente.

Quando deixarmos nascer o nosso senso crítico e seremos capazes de perceber o valor da educação e da nossa própria cultura é como se plantássemos uma semente. Ela fica um tempo enterrada ali, se preparando, crescendo, até que rompe a terra e vai lentamente se transformando em uma árvore. Um dia essa árvore fica grande e visível e se cuidarmos bem dela pode nos dar frutos por muito tempo. Fazer parte da nossa vida, contamos histórias sobre ela e a árvore se torna uma parte integrante da comunidade como um todo. Então nascem os frutos e com eles vêm outras sementes e o ciclo da vida se mantêm. Nesse ponto, mesmo se cortarem a árvore inicial, aquela fruta não será extinta, pois ela foi semeada e sempre poderemos colher novos frutos dela que produzirão sementes.

Semear é resistir! Resistir é transformar!

21 de maio
Leonardo Priamo Tonello

Ao analisar a obra - "Educação e Mudança"- de Paulo Freire, podemos logo nos remeter a sua ideia central contida no próprio título – a educação como caminho de mudança. No entanto, dito desta forma, parece ser algo simples, ou mais um entre tantos ditos, deixando nas

sombras a complexa e extensiva tecitura da práxis e trajeto percorrido na obra. A ideia central, assim como também presente em outros livros do autor, é utilizar-se do papel da educação como prática libertadora, pensando em um corpo social mais igual e não de opressão sobre as classes menos favorecidas – de toda sociedade classista.

Quando se fala da educação como propulsora da mudança, devemos nos indagar a que mudança estamos falando e qual os meios para objetivá-la. Neste sentido, Paulo Freire, em seu profundo campo de reflexão, suscita um pensamento que entrelaça um engajamento social, político e cultural do educador, possibilitando a transformação estrutural da sociedade, em destaque as oprimidas. No viés da mudança como objetivo, surge como contraste, as bases de uma conscientização, que proporcione a tomada de consciência, como ser social, entre um perverso jogo de relações de poder.

Pensando na superação desta perspectiva desigual, e na possibilidade da mudança de percepção, se estabelece a necessidade da mudança da estrutura social. O trabalhador social, apresenta-se em um impasse, ou melhor dizendo, em uma tomada de decisões que definirá seu papel como agente na mudança da dimensão social mais humanizadora, ou continua na perpetuação das estruturas que o condiciona socialmente.

Para que de fato, possa-se pensar na mudança de percepções que embasem uma decisão libertadora, é necessária uma tomada de consciência da realidade social e do contexto de inserção, pois "desta forma, a realidade objetiva, ao condicionar a percepção que dela tem os indivíduos, condiciona também os vários níveis de percepção que, por sua vez, explicam as formas de ação dos indivíduos" (FREIRE, 1979, pg. 32). Esta visão do próprio contexto, possibilita que o trabalhador social, identifique as estruturas e os elementos que trabalham para a mudança, e dos que contribuem para a desigualdade social e a opressão. Inclusive neste processo, os próprios mecanismos de ação podem ser pensados. A tomada de consciência da realidade social, expõem o "escondido", amplia a concepção, aguça o olhar, contextualiza as situações e portanto, possibilita a tomada de decisões, mais fundamentadas. Neste sentido, pode proporcionar uma reflexão incessante e transformadora.

A transformação das estruturas sociais – em um viés da mudança de percepções – não é algo fácil, exigindo um certo esforço. No entanto, "[...] a estrutura social é obra dos homens e que, se assim for, a sua transformação será também obra dos homens. Isto significa que a sua tarefa fundamental é a de serem sujeitos e não objetos de transformação (FREIRE, 1979, pg. 26).

Ser sujeitos da transformação, requer uma reflexão profunda, que desvele as persistências intrínsecas da sociedade, como certos fatores culturais, que constituem o sujeito do individual ao coletivo e vice-versa. Para (re)pensar estes fatores, chega-se a uma questão que pode ser chamada de mudança cultural. Esta se realizada, contribuirá com uma nova perspectiva, de pensamento e ponto de análise, contribuindo com um movimento de tomada de consciência, possibilitando uma conscientização que influa nas mudanças de percepção, e portanto, nas mudanças das estruturas sociais. Considera-se, que se estas foram produzidas pelas convenções humanas, estas também podem ser (re)produzidas – não no sentido de multiplicar suas raízes fixadoras e permanentes, mas sim, reformular, renovar, em um processo constante de mudança e transformação.

Uma vez transformada a sociedade, não quer dizer, que os mecanismos crítico-reflexivos, sobre a realidade e as estruturas, devam deixar de existir, pois a sociedade, assim como a cultura,

se transforma constantemente, seja ela evoluindo para uma verdadeira humanidade do ser humano, ou solidificando-se nas práticas mecanicistas e sistemáticas, como tanto, vem se desenvolvendo. A sociedade não percebe muitas vezes a mudança e a evolução, porque está embutida e dentro dela, não percebendo sua exterioridade e sua organização. O pensar diferente, é um caminho perigoso, a mudança cultural, pode perturbar, pois trata da índole dominante da sociedade.

Por vez, quando se fala da mudança cultural, é importante também pensar no que é cultura e do que esta é constituída. Paulo Freire, neste sentido, argumenta que é "nas permanentes relações homem-realidade, homem-estrutura, realidade-homem, estrutura-homem origina-se a dimensão do cultural que em sentido amplo, antropo-logico-descritivo, é tudo o que o homem cria e recria (FREIRE, 1979, pg. 31). Sendo, portanto, parte constitutiva da estrutura social, compreendendo as dimensões das atividades humanas – imaterial e material – voltando-se para o próprio indivíduo, determinando também seu comportamento e ação como ser cultural.

Nesta complexa tecitura das dinâmicas que possibilitem as mudanças necessárias para uma (re)organização da estrutura e da sociedade como um todo, levanta-se a educação, que oriente o trabalhador social para o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, pois "[...] o trabalhador social não pode ser um homem neutro frente ao mundo, um homem neutro frente a desumanização ou humanização, frente à permanência do que já não representa os caminhos do humano ou a mudança destes caminhos" (FREIRE, 1979, pg. 26).

Para tanto, cabe desenvolver um ensino que supere a tradição pedagógica que se limita no ensino meramente expositivo em sala de aula, que limitam as relações entre professor e aluno, ainda no sentido, que o primeiro é detentor do conhecimento; e, portanto, o segundo o recebe – é depositado em forma de conteúdos. Paulo Freire, em suas obras, combate e argumenta este sistema de ensino (bancário), que pode ser caracterizado, insuficiente para a compreensão de uma visão global da realidade, capaz de colocar o indivíduo como protagonista e ser de mudança, para a mudança.

A muito sabemos inclusive, que os processos contemporâneos de ensino e aprendizagem, requerem uma concepção mais ampla, sobre o próprio processo em si, como também dos sujeitos envolvidos nele. Este sim, deverá ser o centro das propostas pedagógicas, pois não somos estáticos socialmente, como uma página de linhas em branco, que as instituições de ensino as vão escrevendo durante o percurso da sua vida estudantil. Pelo contrário, temos toda uma bagagem construída socialmente, que não pode ser ignorada, para a significação de uma consciência sobre nosso meio social, cultural e histórico. Em outras palavras, não à mudança social ou uma percepção que oriente para tal, se o sujeito não conhecer este social – como mudar, se o objeto de mudança é desconhecido, e ingenuamente despercebido? Nesse sentido, pode a educação que limita seu pensamento e nega a exterioridade dos processos fora de seus murros, ser instrumento de coesão sobre os oprimidos, alimentado pelas classes dominantes?

Sendo assim, as ideias de Paulo Freire sobre a mudança de percepção, contribuí com um debate sempre atual, uma luta permanente. Faz pensar a educação de forma não isolada do ato político, pois, por mais que a educação seja entendida no campo da produção de conhecimento e da conscientização, esta não é capaz de mudar sozinha a sociedade, principalmente, prover as transformações das estruturas sociais. Para isso, necessita-se de um ensino que promova um estado de consciência sobre a realidade dos sujeitos, pois a "[…] mudança de percepção não é outra coisa senão a substituição de uma percepção distorcida da realidade por uma crítica da mesma

(FREIRE, 1979, pg. 33). Esta substitui uma percepção ingênua e concreta, por uma forma problematizadora e reflexiva, realizando uma profunda leitura de mundo, que definirá também as novas escritas e rumos da dimensão social.

22 de maio
Maria José Guerra

> "Janeiro em Angicos" – disse um homem do sertão do Rio Grande do Norte – "é muito duro de se viver, porque *janeiro é cabra danado parti judiar de nós".*
> "Quero aprender a ler e a escrever" – disse um analfabeto do Recife – "para deixar de ser a *sombra dos outros".*
> E um homem, em Florianópolis, ao descobrir o processo de emergência do povo, característico da transição brasileira, concluiu: "O povo tem uma resposta".
> Outro, com um tom tristonho: "Não sofro por ser pobre, mas por não saber ler".
> "Minha escola é o mundo", disse um analfabeto de um Estado do sul do país; o que levou o professor Jomard de Brito a perguntar num de seus ensaios: "Que se pode oferecer a um adulto que afirma que sua escola é o mundo"?
> "Quero aprender a ler e a escrever para mudar o mundo", afirma um analfabeto, para quem, com razão, conhecer é atuar sobre a realidade conhecida. (Paulo Freire)

Ao relacionarmos esses seis trechos acima, extraídos da obra de Paulo Freire - "Conscientização: teoria e prática da libertação" (1980, p. 42-44) - percebe-se imediatamente, a profundidade que contém o conteúdo expresso pelo alfabetizando, no dizer de cada situação transcrita. Desta maneira o significado, já está dado no texto oral produzido por cada sujeito ao poder dizer à sua palavra através do diálogo, como um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade, cuja educação se compromete, como prática da liberdade, visto que, os homens são capazes de atuar conscientemente sobre a realidade objetiva. E assim, ocorre a "práxis humana", que para Freire é a unidade indissolúvel entre a minha ação e a minha reflexão sobre o mundo.

Isso fez com que as "Fases de Elaboração e Aplicação do Método" focassem conforme Freire, no problema fundamental para um autêntico processo de libertação dos oprimidos e que deve ser feita com eles e não para eles. Entretanto, libertar os oprimidos com eles significa que devem estar inseridos, no processo da própria libertação. Pois somente na força libertadora expressa na palavra verdadeira de ação e reflexão, por cada oprimido é que será suficientemente forte para libertá-lo.

A ideia de Paulo Freire em relação ao processo de alfabetização de adultos começa, com a preocupação acerca das inúmeras afirmações fornecidas pelos educandos, que desta ordem pesquisada exigiriam ser interpretadas por especialistas da linguagem e proporcionariam à crítica do sistema tradicional que tinha a "Cartilha" como base. A velha "Cartilha" ensinava pela repetição de palavras aleatórias formadas pela junção de uma consoante e uma vogal. Essa decisão pautava-se no desejo de procurar uma metodologia de alfabetização que fosse um instrumento do educando, e não somente do educador, cujo conteúdo está implícito no objeto da aprendizagem.

O método da alfabetização como processo de libertação segundo Freire (2080, p.42), apresenta "cinco fases investigativas". A *primeira fase* consiste no levantamento do universo vocabular dos grupos com quem se trabalha. Esta fase preliminar é a da investigação das condições do grupo a ser alfabetizado, que se inicia mediante o trabalho dos coordenadores que procurarão conhecer as condições de vida do grupo, de suas frustrações, de seus problemas, de suas crenças,

de sua esperança, força, participação e de sua linguagem, que segundo Freire tem sido objeto de análises de Teoria Literária.

É nesta fase das inter-relações que surge resultados muito enriquecedores para a equipe de educadores em que se estabelecem o conteúdo para que se detectem as causas da opressão. E é nesta luta que se faz e se refaz a pedagogia do oprimido.

Na *segunda fase* ocorre a seleção de palavras dentro do universo vocabular que deve ser submetida aos critérios fundamentais, desta seleção das palavras geradoras, como: *o da riqueza silábica*; *o das dificuldades fonéticas* (as palavras escolhidas devem corresponder as dificuldades fonéticas da língua e dispor-se em ordem de dificuldade crescente); *o do conteúdo prático da palavra* (implica procurar o maior compromisso possível da palavra numa realidade de fato, social, cultural, política...). Assim, a palavra geradora reúne critérios de consciência "sintáticos" (possibilidade de uso produtivo da língua para falar, ouvir e compreender ou riqueza fonética, com grau de dificuldade fonética complexa e a manipulação de signos e de sílabas, entre outros...) e "semânticos" (com maior ou menor intensidade de relação entre a palavra e o ser que a designa...).

A *terceira fase* é a da criação de situações típicas do grupo com o qual se trabalha. Conforme Freire estas situações funcionam como desafios aos grupos. São situações-problemas, codificadas, guardando em si elementos que serão decodificados pelos grupos com a colaboração do coordenador. O debate se faz em torno das situações, que darão o conceito antropológico da cultura e, com isto, conduz os grupos à conscientização para alfabetizarem-se.

Estas são situações locais que abrem perspectivas à análise de problemas nacionais e regionais. Nelas vão se colocando os vocábulos geradores, na gradação já referida, de suas dificuldades fonéticas. Uma palavra geradora tanto pode englobar a situação toda, quanto pode referir-se a um dos elementos da situação.

Todas estas situações existenciais das quais nos fala Freire devem ser expressas através de slides, fotografias, desenhos entre outros. A isto se dá o nome de "codificação". E a discussão pelo grupo destas situações existenciais assim codificadas, ajudado pelos coordenadores, se dá o nome de "decodificação".

A *quarta fase* é a da *elaboração de fichas indicadoras* que ajudam aos coordenadores do debate no seu trabalho.

Segundo Freire, estas fichas-roteiro não serão normas rígidas a que se deve obedecer, mas, subsídios para os coordenadores.

Por fim, a *quinta fase* consiste na elaboração de fichas com a decomposição das famílias fonêmicas correspondentes às palavras geradoras.

Diante do exposto pode-se, assim, concluir com Freire que as "fases de elaboração e aplicação do método", evoluem ao longo de um domínio do conhecimento inteligente para estruturar as fases do método, em direção à compreensão de *quatro etapas*: *pesquisa* (delimitação da área de trabalho, escolha e papel dos auxiliares, visita dos investigadores, codificação e cisão, notas da decodificação e reunião com o grupo...); *codificações da temática; círculos de investigação temática* (número de pessoas e trabalho de círculo, gravações, o coordenador dos trabalhos dos círculos, tarefa do psicólogo e sociólogo); *o estudo dos achados* (estudo interdisciplinar e codificações).

Portanto é a partir dessa leitura crítica do sujeito no contexto pesquisado, interpretado, dialogado e compreendido à luz das teorias estudadas entre os membros da equipe interdisciplinar que, o trabalho efetivo da alfabetização libertadora construída por Freire, parte para ser implementado na comunidade.

23 de maio
Thaís Andressa Lopes de Oliveira

O processo de alfabetização de adultos envolve, entre outras coisas, o processo de conscientização sobre o papel cultural e sócio-histórico de sua ação no mundo. O homem como ser situado e temporalizado faz-se sujeito de sua própria história ao tomar consciência de sua vocação ontológica, e ao se fazer ciente de sua presença na, e com a realidade.

Como um ser de relações, o homem estabelece na e com a realidade uma série de conexões que o diferencia do mero contato animal. Isto é, enquanto os animais estão no mundo e estabelecem contatos meramente instintivos. O homem não só está no mundo, mas está com o mundo à medida que reconhece a existência da realidade e do mundo, objetiva-se e transcende a simples existência.

Para Paulo Freire, o fato do homem objetivar-se torna-o capaz de transcender: sair de si, se projetar no outro e estabelecer relações. Essas relações que o homem trava na e com a realidade são conscientes, intencionais, apresentam uma ordem e refletem acepções de criticidade, consequência, pluralidade, temporalidade e causalidade.

Nesse sentido, o homem como ser crítico reconhece que a existência da realidade independe dele, mas que a consciência sobre sua existência é uma característica humana, que só é possível por meio da pluralidade de relações que estabelecemos com o mundo.

Os variados desafios impostos por essas relações, não limitam o homem a enunciados prontos ou respostas padronizadas. Ao contrário, a cada novo desafio a distinção entre os animais e o homem fica mais clara, tendo em vista que este não age de forma instintiva, reflexa. Segundo Paulo Freire, "no jogo constante de suas respostas, [o homem] muda seu modo de responder. Organiza-se, escolhe a melhor resposta" (FREIRE, 2018, p.84).

Essa capacidade de agir no mundo, e com o mundo, reflete a essência crítica do ser humano. Só ele é capaz de transcender a esfera dos contatos, de discernir, de avaliar as situações as quais se vê imerso e responder aos desafios impostos. É na capacidade de discernir, segundo Freire, que o homem se tornou ciente de sua temporalidade.

Por serem incapazes de transcender e discernir, o tempo para os animais é unidimensional, ou seja, para eles só existe o hoje. Com a consciência de sua temporalidade, o homem por outro lado, passou a reconhecer a importância do ontem, do hoje e do amanhã na construção de sua história. Isto é, com o discernimento do tempo e da dimensão do tempo, o homem passou a ter consciência de sua historicidade!

Assim, ao integrar-se nas condições de seu contexto, discernindo, e respondendo de forma crítica aos desafios que lhe são impostos; e por meio das relações causais que estabelece com e na realidade, o homem exerce sua liberdade, produz cultura, faz história! É porque se relaciona, e não se acomoda ou se julga, que o homem se integra, cria, recria e decide. Ele dinamiza seu mundo, do qual também é criador.

Não é por um acaso que uma das palavras-força de Paulo Freire é *conscientização*. É pela tomada de consciência, que o homem estabelece relações com o mundo, mobilizando sua cultura, temporalizando espaços geográficos e construindo a história. As épocas históricas, como finaliza Freire, se formam pela apropriação dos temas e tarefas de sua época, diante a uma atitude crítica dos homens; e se superam à medida que essas tarefas e temas deixam de corresponder a ansiedades emergentes.

Nesse sentido, a passagem de uma época histórica para outra acontece não só quando certas aspirações, desejos e valores exprimem contradições sociais, mas também quando os homens, exercendo uma posição crítica, estabelecem relações com e na realidade, transcendendo e fazendo a integração de forma crítica e consciente.

24 de maio
Daniéli de Mello Pereira

A transição para Freire, corresponde a passagem de uma época para a outra caracterizada geralmente por fortes contradições que se aprofundam, entre valores emergentes em busca de afirmações, de realizações, e valores do ontem em busca de preservação. Estas, capazes de atingir as mudanças que mantêm uma sociedade, estabelecendo o "tempo de opções".

À vista disto, se faz necessário à integração, salientando Freire, "um homem integrado é um homem sujeito". Neste sentido, a integração vai além da capacidade de adaptação à realidade, mas a possibilidade de transformá-la.

Conjuntamente da integração, em momento de transição de uma sociedade é indispensável o desenvolvimento de uma mente crítica, sendo esta a forma mais eficaz de defesa diante dos perigos existentes do irracionalismos e encaminhamentos distorcidos da emoção.

Para o melhor entendimento da fase de transição, Freire resgata as vivências do Brasil em épocas de transição, em que se verificava a passagem de uma sociedade fechada para uma sociedade aberta, formando um elo entre uma época que se desvanecia e outra que se formava.

A partir da ruptura da sociedade tida como fechada e sua entrada em transição o povo emerge, passando de mero espectador para participante, diante disso surge a necessidade da "democratização fundamental" proposta por Mannheim, que implica significativamente em uma crescente participação do povo em seu processo histórico, no qual, anteriormente se instalava o isolamento, a imersão do processo histórico.

Devido a fragilidade da sociedade em transição neste momento se faz necessário que a educação trate de ajudar o povo brasileiro imergir e o inserir como participante crítico no processo histórico. Pois através da educação crítica obteria a responsabilidade social e política, a profundidade na interpretação de problemas e o despimento de preconceitos.

25 de maio
Luís Felipe Pissaia

Partimos novamente neste capítulo pela conjuntura reflexiva sobre o espaço destinado ao homem na sociedade, o "papel", muito discutido com o avanço das eras e que por vias da educação ainda estamos distantes de saber fazer ou indicar um modo facilitado de inocular tal premissa no indivíduo. Mesmo assim, se não o sabemos definir e transformar veementemente, possuímos pistas que levam ao que seria uma conjuntura permanente de sentir-se parte da realidade, utilizando-se deste status para evoluir a consciência inicial de sujeito incompreensível.

Logo, a consciência de realidade, conforme o próprio Freire assinala em sua obra, não é atraída meramente pela presença física de um amontoado de pessoas em seu meio social, mas sim a um ato em que cada um destes indivíduos saiba seus compromissos para com os demais e, além disso, para com o espaço. Neste sentido, não basta viver em comunidade, interagir com demais seres habitantes em seu meio, e sim incorporar os valores, as crenças, o modo de agir predito por vivências anteriores talvez de épocas passadas, mas que ainda influenciam o modo de observar o mundo.

As cartas foram lançadas, poucos estão atentos aos sinais que perfazem o processo de consciência crítica do ser humano, aos poucos atentos talvez algumas das interações citadas ecoem de modo familiar, isso porque todos os seres humanos estão sob influência de alguns deles. A relação que cada um trava com o meio é pessoal, intransferível e permeada de valores próprios da sociedade, sendo assim os laços que abstraem o indivíduo de uma realidade vaga, transpondo-o a vivê-la integralmente é a cultura.

Neste sentido, a cultura incorpora valores além daqueles contextualizados normalmente, como uma sutileza histórica própria de cada comunidade, mas adentra campos de ação que agem diretamente na consciência humana, por engajar firmemente as pessoas em sua teia de encorajamento. Sob este aspecto cada indivíduo quando exposto a uma situação social momentânea ou contínua, mas que até então permanecia desconhecida, conscientemente busca uma causa e sua reação, perante e em conjunto com o achado dependerá do modo como ele se relaciona com o mundo.

Adentrando a questão de consciência humana a partir destas reflexões sobre uma situação ou objeto, torna-se capaz de perceber como as formas intransitivas e crítica se relacionam. Cooperando com as próprias concepções de mundo e sociedade, o indivíduo assimila valores aos acontecimentos, valores estes cheios de significados, tanto culturais quanto adquiridos momentaneamente por meio de inserções multifatoriais diferenciadas.

As observações sobre a consciência extrapolam as explicações do modo de reflexão e certezas fundamentadas em compreensões holísticas do ser humano, expandindo para outro aspecto do comprometimento social, o agir. Na maioria dos casos, o agir delimita uma ação, atitude ou comportamento que ocorre em consonância com as reflexões e significados atribuídos aos acontecimentos, logo se mantenho a consciência ingênua sobre algo, minhas atitudes tendem a ser mágicas ou sem fundamento realístico.

A reflexão encontra-se centrada em um turbilhão de acontecimentos que se fazem presentes na sociedade contemporânea, aja vista que todas as compreensões basais do indivíduo influenciam no seu modo de agir ou não perante algo. Cada vez mais nos sentimos degradados pela falta de sinceridade entre as relações humanas, tal fato pode ser explicado por uma consciência ingênua, incapaz de agregar a realidade às suas vivências.

A organização reflexiva do pensamento

Dando continuidade a discussão anterior, Freire nos instiga a sair do comodismo, antecipando nossa vivaz consciência crítica, inquietos por natureza, nos questionamos por vezes se estamos fazendo algo para mudar a realidade atual. Talvez algumas pessoas crentes de sua atuação crítica estejam realmente no caminho certo em auxiliar no esclarecimento social, tendo-se visto que mesmo que isoladas estas ações surtem efeito e dinamizam o processo.

No entanto, ainda complacentes com a realidade indagada pelo autor, não podemos esquecer-nos da essência educativa da mudança social, tendo-se como premissa o comprometimento por meio da informação correta, de boas maneiras sociais repassadas tanto pela família, educadores e além destes pela própria sociedade que os cerca. E neste contexto de quebra de paradigmas pela educação é que incentivamos os indivíduos a pensarem, nada mais que isso, o pensar reflete toda a centralização dos achados anteriores por colocar nas mãos de cada um a responsabilidade em indagar-se sobre seu valor.

Quando desacomodamos as pessoas para que comecem a pensar sobre determinada situação estamos auxiliando no processo de desmistificação do ser, haja vista que o tom mágico dos objetos cresce a partir de induções e passividades frente ao modo de observar o fato. A transição torna-se claramente observada, não iríamos substituir uma compreensão de mundo por outra, mas iniciar um processo intermitente de outras questões que alavancam a si mesmas e fortalecem o tom de mudança.

Para tanto, a educação torna-se a essência das formas de reflexão, atitudes e pensamentos que impulsionam o aparecimento da consciência crítica, conferindo o empoderamento na tomada de decisões em âmbito social. Ainda assim, a consciência crítica toma forma individualmente, ao passo que o pensar e repensar sobre algo transita diretamente em questões históricas que envolvem um processo de reconstrução social e cultural individual de todos os objetos aos quais nutria significados até então.

26 de maio
Ariane Ferraz

Como fazê-lo?

Incrível observarmos que mesmo pertencendo a décadas passadas, o relato do nosso Mestre Paulo Freire nos traz as mesmas problemáticas contidas na atualidade, o que nos remete a perplexidade, já que naquela época não se tinha tanta "liberdade" para se falar ou se expressar, ao contrário de hoje, que temos total liberdade de comunicação utilizando todos os meios, inclusive com maior rapidez.

Então se refletirmos nesta questão, por que as coisas não acontecem com tanta proporção? Porque não temos um grande avanço na educação? Porque é gigante a evasão escolar, principalmente no ensino médio?

Se em 1979, Paulo Freire através de seus estudos já via a necessidade do ser humano desenvolver sua reflexão sobre sua existência para não ficar estagnado, alienado, tendo a grande necessidade de ser crítico, capaz de promover diálogo e não se aceitar como um "ser acabado", para que assim sempre busque um complemento, por que com o passar de todos esses anos, ainda não conseguimos atingir parte disso tudo e continuamos com os mesmos problemas, se não, maiores ainda?

Talvez por culpa dos profissionais que ao concluírem sua formação, para não se comprometerem, aceitam a estagnação e se acomodam em seu mundo, utilizando aulas prontas e programadas, não buscam sua própria reflexão, criação e desenvolvimento.

As pesquisas apontam que principais motivos da grande evasão escolar no Brasil, em média 41% dos alunos, que não concluem o ensino médio, são alto índice de repetência e falta de atratividade nas escolas.

Talvez por culpa do sistema que oprime o profissional, impondo métodos, concepções e objetivos próprios ligados a sua vaidade e senso de superioridade.

Também podemos refletir sobre a própria sociedade, a desestruturação das famílias, no que se refere a educação informal, aquela gerada dentro de casa, pais muito compromissados com cotidiano de trabalho, tornando-se relapsos e deixando os filhos entregues a tecnologia;

Ou ainda irmos mais longe, que o sistema de educação envolve " jogo de poderes" em todos os âmbitos, principalmente no poder maior, afinal dificilmente quem forma bases, curriculum ou dirige Ministério, secretarias etc, é alguém especializado em Educação e sim alguém a quem devem favor, negociatas, seja o que for, menos que tenha "compromisso com a educação", porque isso é um risco ao próprio poder, porque a medida que se melhora as condições da educação, que se dá autonomia para formar cidadãos críticos, reflexivos, com capacidade de formular opinião e pensamentos, é o mesmo que armar a população.

Não há de se negar que temos sim excelentes profissionais, comprometidos que buscam cumprir a missão de sua existência pra si e para a sociedade, mas ainda falta mais…

Para atingir a real mudança, apesar de toda evolução comparando-se entre os tempos, podemos sim se apropriar das mesmas observâncias e reflexões de Paulo Freire, quando ele fala de amor, humildade, é tão somente puro o amor mesmo, é amar a profissão como missão, é amar o que se pode fazer por meio da educação, é reconhecer que não é melhor que o educando pela posição que ocupa, é ser humilde a ponto de se colocar no patamar igual, porque ao mesmo tempo em que se ensina, se aprende e que jamais saberá tudo, porque havendo humildade, haverá a sensibilidade de olhar além do ser que está a sua frente e entender o contexto daquela realidade, a realidade que o aluno vive, levar em consideração o que ele traz de suas experiências, porque ele também é um ser e "em construção" e trará também a capacidade de diálogo como instrumento de respeito a diversidade de opinião, sabendo que o dialogo verdadeiro poderá trazer a formação de uma nova opinião de ambas as partes.

Precisamos de mais interesse em disseminar o conhecimento, reflexões, indagações, que estudiosos da área de educação, juntamente a profissionais, se mobilizem para discussões, para união na luta por melhoria da qualidade de ensino, formação de grupos de diálogos dentro da área, de forma acessível e partir da luta por meio de nós mesmos, porque no caso do poder publico assumir sua parte e responsabilidade, será apenas por meio de pressão.

Que o conhecimento seja compartilhado e não movido apenas por recursos financeiros, guardados para si. Temos sede desta troca de experiências, saberes, sabendo que educação é missão, que vai muito além de teorias, curriculum e métodos.

Ainda acredito que o principal, é o amor, sem amor, impossível fazê-lo, porque esse é capaz de mover todos os outros eixos, cabendo a nós profissionais, lutarmos sempre pela qualidade, renovação e principalmente para que cada um cumpra seu papel, em toda amplitude, porque se não houver amor, o que nos leva a fazer, realizar e esperança, que nos leva a acreditar que é possível, nada fazemos, seremos apenas mais um em número complementar.

Frase marcante:

….Não há educação sem amor.

O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. (Paulo Freire)

27 de maio
Adenildo Vieira de Souza

Para adentrar no contexto de um conteúdo programático, o analfabeto precisa conhecer e compreender os cenários socioculturais que os circundam, feito isto firma-se sua criticidade, para tal há a necessidade dos atores sociais se compreenderem nas instâncias culturais, dentre as quais seus papéis enquanto homens no processo civilizatório e suas contribuições para a sociedade mediante práticas de que efetivam e vivenciam. Desta maneira, os atores são instigados a um novo olhar para o mundo, mundo este que outrora se matinha numa distância em função da unilateral visão "mágica" dos atores.

Assim, para que tal processo em busca da imersão do homem na humanização se possibilite e que sejam levados ao pensar crítico nos e dos contextos em que estão inseridos, faz-se de forma criativa e sensível a tessitura nos seus mundos que são diversos e que se encontram em constante transformação, então o conceito antropológico de cultura se entrelaça em atitudes que os levarão às compreensões do mundo, como nos coloca Freire (2014, p.95-96) este conceito permitindo que se elucide:

> [...] a distinção entre estes dois mundos: o da natureza e o da cultura; o papel ativo do homem na sua realidade e com a sua realidade; o sentido de mediação que tem a natureza para as relações e a comunicação dos homens; a cultura como o acréscimo que o homem faz ao mundo que não criou; a cultura como resultado de seu trabalho, de seu esforço criador e recriador; a dimensão humanista da cultura; a cultura como aquisição sistemática da experiência humana, como uma incorporação, por isso crítica e criadora, uma justaposição de informações e descrições 'doadas'; a democratização da cultura; que é uma dimensão da democratização fundamental, frente à problemática da aprendizagem da escrita e da leitura, seria, pois, como uma chave com a qual o analfabeto inicia sua introdução do mundo da comunicação escrita.

A redução do conceito de cultura se faz necessário, pois aproxima e situa os atores nas suas realidades diante de uma conjuntura sistematizada que tem os atores no centro dos discursos moldados pelo diálogo que vão se intensificando através da descodificação que é momento de transição para as compreensões, porque "Esta primeira situação desperta a curiosidade do analfabeto e o leva a distinguir o mundo da natureza do mundo da cultura. Em torno dele, seres de natureza e objetos de cultura" (FREIRE, 2014, p.96).

Em meio a situações se travam debates, que se intensificam mediante o aumento dos diálogos que ocorrem em função da curiosidade dos analfabetos. Essa curiosidade é fomentada por meio das situações codificantes sendo estas as informações que estão expostas aos sujeitos que são desafiados. Tal processo resulta num círculo que se finda na conscientização, pois os desafios postos se referem às informações condizentes com as realidades dos atores sociais. Assim, os diálogos se tornam mais dinâmicos e os atores vão compreendo a natureza do mundo e a cultura no mundo, neste caminhar os atores se veem como parte do processo cultural com significativa importância social, independente da sua condição sociocultural, mas para que isso ocorra, o pensar crítico deve ser evidenciado e estimulado mediante aos seus contextos culturais. Como nos elenca Freire (2015, p. 141):

> A investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito de seu pensar. E seu pensar mágico ou ingênuo, será pensando o seu pensar, na ação, que ele mesmo se superará. E a superação não se faz no ato de consumir ideias, mas no de produzi-las e de transformá-las na ação e na comunicação.
>
> Sendo os homens seres em 'situação', se encontram enraizados em condições tempo-espaciais que os marcam e a que eles igualmente marcam. Sua tendência é refletir sobre sua própria *situacionalidade*, na medida em que, desafiados por ela, agem sobre ela. Esta reflexão implica, por isto mesmo, algo mais que estar em *situacionalidade*, que é a sua posição fundamental. Os homens *são* porque *estão* em situação. E serão tanto mais quanto não só pensem criticamente sobre sua forma de *estar*, mas criticamente atuem sobre a situação em que estão.

Desta forma, os homens diante das situações que lhes são postas a fim de pulsar reflexões críticas, são estimulados a perceberam sua situação real condicionante para uma situação real libertadora, sendo esta conduzida pelo diálogo e conscientização mediatizados pelo mundo. Esse caminhar crítico se efetiva durante a descodificação, como no exemplo do varredor de rua que descobriu que seu papel para sociedade tinha a mesma importância de qualquer outra profissão e principalmente do seu valor humana para com a sociedade. Contudo, faz-se importante compreender que os atores sociais se reconhecem como partícipes no processo social a partir do diálogo sendo este mediado e proporcionado através de situações dos contextos reais e vivenciais tangenciadas pelos aspectos que estão inseridos na organização envoltas na cultura e na situação sociopolítica.

28 de maio
Heliana Lia Tissiani Gobbato

Na medida em que se intensificam as discussões sobre o compromisso da educação no processo de mudança social, Freire reafirma o papel da alfabetização como uma possibilidade de transformação do indivíduo. Uma vez que é inegável o empoderamento humano quando ocorre o domínio autônomo da capacidade de ler e escrever, superando a ingênua visão da leitura e da escrita como processos de simples codificação e decodificação, para que se atinja uma profunda compreensão das mensagens escritas e da livre capacidade de registro e reflexão.

Neste sentido, há uma busca permanente em desvendar a realidade, onde o ser alfabetizado é aquele capaz de superar a superficialidade dos dizeres e entendimentos, elevando-os a um nível profundo de consciência e reelaboração intelectual. Portanto, no que se refere a alfabetização de adultos, Freire confirma que o analfabeto sabe da necessidade da aprendizagem da leitura e da escrita e ainda salienta que esta aprendizagem não pode ser mecânica, fadada a memorização de letras e sílabas.

Nas palavras do autor, a alfabetização é "(...) entender o que se lê e escrever o que se entende. É comunicar-se graficamente. É uma incorporação. Implica não em uma memorização mecânica das sentenças, das palavras, das sílabas, desvinculadas de um universo existencial - coisas mortas ou semimortas -, mas uma atitude de criação e recriação". (Freire, 1982, p. 72). Por este motivo, o método de ensino precisa ser capaz de mudar a condição do analfabeto de objeto para sujeito da alfabetização, uma vez que professor e aluno sintam-se participes deste processo de aprendizagem.

Partindo da compreensão de que ler as palavras é ler o mundo e que vivemos em uma sociedade repleta de linguagem, de sinais, de símbolos e de significados, a alfabetização precisa

ocorrer em situações concretas, cotidianas e ser vista como direito fundamental de qualquer ser humano, de qualquer faixa etária e principalmente de qualquer classe social.

Assim, ler o mundo é estar no mundo e compreendê-lo a partir de um movimento de crítica, reflexão e compromisso social. Enquanto educadores e com a missão de alfabetizar há de se refletir cada vez mais sobre este processo de ensino e aprendizagem, uma vez que a alfabetização vai além da sala de aula, é muito mais de que dados estatísticos que medem o analfabetismo de um país ou região, ou que ainda seja reduzida a um objetivo de uma única série escolar.

Precisamos refletir sobre a alfabetização em seu sentido mais amplo, valorizando cada vez mais a importância do ato de ler, ler as palavras e ler o mundo, numa dinâmica de significação e valorização da palavra crítica e autônoma. Para tanto, é imprescindível o compromisso profundo com a transformação social. "Por isso a alfabetização não pode ocorrer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora, pelo próprio analfabeto (...)" (Freire, 1982, p. 72).

Na alfabetização de adultos, o desejo em aprender torna-se autêntico e o movimento de diálogo e reflexão precisam se fazer presentes em todos os momentos. Com vistas a estas ideias e para que o processo de ensino e aprendizagem seja concretizado, Freire busca estudar o universo vocabular do povo e reforça a importância de o estudo pautar-se em palavras geradoras. Tais palavras derivam da cultura deste povo, são palavras carregadas de significação e ao mesmo tempo instrumentos eficientes para a ação do educador.

Segundo Freire (1982) no universo vocabular do adulto as palavras expressam os mais diversos sentimentos, revelam desejos, frustrações e esperanças. Pautar-se nas palavras é analisar a realidade deste educando que possui uma história, aproximando e articulando saberes para se atingir uma aprendizagem concreta, verdadeira e criadora.

Os ensinamentos de Freire sobre a alfabetização criam alternativas para que tanto os adultos quanto as crianças tenham acesso a este bem cultural e social que conecta os seres pelo conhecimento, pela leitura, pela escrita, pelo diálogo, pela reflexão, pela crítica. Torna-se inegável que o sentido e a significação precisam ser foco de toda a aprendizagem, motivando o desejo de aprender, de conhecer, de saber cada vez mais.

29 de maio
Rômulo Tonyathy da Silva Mangueira

> "/.../ Nós vemos que estes critérios [para seleção de palavras geradoras][14] estão contidos no critério semiótico; a melhor palavra geradora é aquela que reúne em si maior "porcentagem" de critérios: sintático, semântico e pragmático." (FREIRE, 2016, p. 103)

Mudar pressupõe sabedoria. Sabedoria nasce com conhecimentos e *"todo conhecimento começa com o sonho. O sonho nada mais é que a aventura pelo mar desconhecido, em busca da terra sonhada."* (ALVES, 2015, p. 238). Da mesma forma, Paulo Freire reflete a importância da mudança, pois ela está enraizada no sonho, e por isso ocorre a partir de uma alteração da estabilidade momentânea, ou zona de conforto, para uma travessia desafiadora, mas que evidencia a

[14] Palavras entre colchetes são grifos nosso.

eficiência do que se propõe inicialmente: a introdução do analfabeto no mundo da comunicação escrita.

Na arte de ensinar, os dois principais pilares de sustentação do conhecimento escolar: o professor e o aluno, deixam de apreciar uma cajá em suas cozinhas aconchegantes e movidos pela impermanência propõem-se a escalar uma cajazeira e colher os frutos que crescem a beira de um abismo. Que, apesar de acesso mais difícil, dispõem dos frutos mais suculentos e da possibilidade em participar ativamente do processo de aquisição do fruto.

Neste sentido, o sonho é o instrumento de mudança que nos desafia à encontrar a cajá/palavra. O trecho analisado faz uma relação do sentido figural ao refletir a transformação da ordem social e da práxis progressista com os critérios para seleção das palavras geradoras. Freire (2016, p. 102) nos ensina que inicialmente elas devem passar por uma triagem de natureza semiótica, sendo elas a: *"A) de riqueza fonética; B) de dificuldades fonética/.../; [e] C) do aspecto pragmático da palavra"*. Com este direcionamento, o educador de adultos cria condições que instigam a curiosidade e, ao mesmo tempo, uma relação intima da palavra com a realidade biopsicocultural, histórica, econômica, política e de conscientização potencial nas pessoas e grupos sociais.

30 de maio
Luís Felipe Pissaia

No contexto da obra Educação e Mudança, Freire exercita a ideação de um ser humano reflexivo para com a sociedade e portador de uma consciência crítica, onde se abarcam todas as questões históricas e culturais as quais constituem as vivências de qualquer indivíduo. Dentro desta ampla discussão da formação cidadã portadora de um compromisso intrínseco com a sociedade, está à alfabetização do ser humano como centro de um intrincado processo de ajustes entre o educando e o educador, os quais entram em consonância para fundamentar o ensino necessário para contemplar a consciência crítica.

Para tanto, a ampliação constitui-se como uma estratégia utilizada para a alfabetização, sendo descrita pelo autor como uma ferramenta efetiva de ensino a disposição do educador. O processo inicia-se com a explanação de uma problemática para o grupo de educandos, o problema pode envolver qualquer temática a qual o educador esteja trabalhando no momento, utilizando-se desde cálculos matemáticos até discussões reflexivas sobre notícias recentes no campo da política.

A problematização ocorre durante um tempo determinado, estando o espaço aberto para a discussão da situação e transparência de acontecimentos pessoais que surgem comumente, estando o educador no papel de incentivador do diálogo transcendental. Na escola contemporânea acredita-se que estratégias de ensino fundamentadas na problematização de casos variados tornam-se efetivos nos processos de alfabetização, por transpor a simbologia substancial da sociedade para dentro da sala de aula, fazendo com que as reflexões perdurem por mais tempo e tornem-se eficazes no processo.

Conforme o autor delimita, as discussões ocorrem por algum tempo, quando esgotados os argumentos o educador lança a luz de uma palavra, a qual guiou toda a reflexão anterior, a palavra não pode ser escolhida aleatoriamente, pois é necessário que sustente um significado ao grupo, estando presente além do vocábulo. A palavra se denomina como "geradora", como o

próprio nome insinua, ela contém a artimanha de poder ser ampliada por meio de seus significados, tornando-se memorável aos educandos.

Para que o processo de alfabetização ocorra de maneira produtiva conforme indicado, é necessário que a palavra seja sentida, argumentada e tenha um significado pluralizado para o grupo, por este motivo a problematização inicial torna-se importante e imprescindível para conotar significância à proposta. Neste sentido, Freire destaque que a palavra inicial não deve ser lembrada mecanicamente, pois tramitaria por um tempo reduzido na consciência dos indivíduos, estando sujeita ao desapego e sublimação do processo de ensino.

A apropriação da palavra geradora introduz uma nova demanda consciente de busca sagaz sobre seu contexto, incitando processos de aprendizagem que podem ser utilizados como complementares à problematização, neste caso a alfabetização. Sob este ponto o educador fortalece a significância da palavra com a discussão inicial, permitindo com que os educandos não apenas lembrem-se dos vocábulos formadores de sua estrutura, mas imaginem sua aparência física, no caso de um objeto, ou de uma cena relativa ao contexto discutido.

A partir deste momento podemos intuir que a palavra geradora é construída permanentemente pelos educandos, pois além de visualizarem as letras, eles as atribuíram significado em sua vida, atribuindo papel diferenciado para a alfabetização. Logo após este processo de construção, por vezes subjetivo, pois demanda de limiares individuais é realizada a desconstrução da palavra, que representa o momento inicial de autocrítica dos educandos.

Quando a palavra geradora se encontra descontruída, o educador denomina as chamadas sílabas e suas variáveis dentro do espaço reservado para as vogais, eis que a alfabetização se encontra em meio caminho, substancialmente ao perfazerem a apropriação de cada família fonética intuísse na dinamização de novas palavras geradoras a partir da primeira. Conforme o autor disserta, ao tomar conhecimento das diferentes partes da palavra inicial cuja significância crítica permanece ligada aos objetos mentais desenvolvidos pela alfabetização, o educando inicia o processo de reconhecimento de estruturas idênticas, em outras palavras, na busca por ampliar sua compreensão.

Compreende-se que o processo de reconhecimento crítico da palavra geradora institui um novo arcabouço de pensamento reflexivo no educando, ao passo que não se trata apenas de uma simbologia alfabética ou numérica, mas demonstra uma situação marcante em sua trajetória enquanto sujeito social. E por estar tão presente em seu meio consciente a situação fortalece o processo de alfabetização, efetivando o conjunto de consonâncias que formam a palavra e abrindo caminho para a busca de combinações antes impensáveis.

O autor incentiva os educadores a pensarem criativamente suas práticas perante a alfabetização, por tratar-se do primeiro passo desvelado aos educandos, sendo que delimita a significância que o conhecimento estará presente em sua trajetória vital, logo, se assimilado de maneira contextualizada a partir de problemáticas memoráveis permanecerá intrínseca aos demais processos de aprendizagem. Pactua-se com as dinâmicas de problematização e instigação de significância social como estratégias de ensino na alfabetização, por estarem ligados aos movimentos contemporâneos de transposição dos muros escolares e comunicação facilitada entre a sociedade e sala de aula.

31 de maio
Gefferson Silva da Silveira

Na obra "Educação e mudança", ao abordar a questão da capacitação dos coordenadores e supervisores educacionais, Paulo Freire resgata a importância do diálogo. A formação, preparação e/ou capacitação do quadro de coordenadores e supervisores exige responsabilidade e, ao mesmo tempo, apresenta uma grande dificuldade. Segundo Freire, "a dificuldade está na própria criação de uma nova atitude", a saber, o diálogo. Essa atitude é tão velha quanto a própria noção de educação, mas ao mesmo tempo tão nova pelo nível de comprometimento e responsabilidade que exige do educador na sua práxis pedagógica.

O diálogo é um conceito recorrente na obra de Paulo Freire. Na "Pedagogia do oprimido", principalmente no terceiro capítulo (A dialogicidade, essência da educação como prática da liberdade), esse conceito é aprofundado em detalhes. Paulo Freire entende que uma educação que se pretenda *problematizadora*, que faça frente a uma educação *bancária*, deve ser uma educação essencialmente dialógica. Pois, é o diálogo que permite o estabelecimento de uma relação de simetria entre educador e educando. Ou seja, apresenta-se como garantia de uma educação efetivamente transformadora, onde haja a construção de conhecimentos que permitam que tanto educador quanto educando saiam mais enriquecidos desta relação.

Em "Educação e mudança", Freire defende a ideia de que é necessário que os coordenadores e supervisores convertam-se a uma atitude dialogal "para que façam realmente educação e não domesticação". A ação dialógica é um fator indispensável para a efetivação de uma educação transformadora. Quando a prática educativa é perpassada pelo diálogo surge a possibilidade da mudança acontecer. Nesse sentido, os coordenadores e supervisores, se de fato desejam contribuir com um novo modelo de educação, comprometida com a humanização, devem estar convertidos ao diálogo e convencidos de que só por meio dele pode-se concretizar a proposta de uma educação libertadora.

Freire afirma que "sendo o diálogo uma relação eu-tu, é necessariamente uma relação de dois sujeitos". Ou seja, o diálogo permite o reconhecimento do outro como sujeito, como *colaborador* indispensável no processo de busca por uma mudança estrutural. O *tu* na relação dialógica nunca é objetivado, transformado em mero objeto, mas sempre considerado como um sujeito, digno de consideração e respeito pelo que representa. Nesse sentido, o diálogo rompe com toda forma de opressão, pois o *eu* não é mais importante que o *tu*, os dois trabalham juntos na intenção de que o melhor aconteça.

Na "Pedagogia do oprimido", o conceito de diálogo aparece ligado a algumas características que facilitam a sua efetivação. Dentre essas características, destaca-se aqui a humildade e a fé, que podem ajudar na compreensão da importância do diálogo na prática dos coordenadores e supervisores, conforme exposto em "Educação e mudança". O diálogo pressupõe a humildade de quem exerce alguma função de liderança no processo educativo. A educação não pode ser construída numa verticalidade, onde os líderes impõem suas ideias e esperam que estas sejam acatadas. O processo educativo libertador considera a relação horizontal, onde os líderes têm consciência de seu papel de mediador e entendem que suas próprias ideias são apenas mais umas dentre todas as que são propostas e pensadas pela comunidade educativa. Numa relação dialógica, o direito do outro se pronunciar é visto como sagrado. E, a horizontalidade se constrói a

partir da palavra de todos. Negar o direito à palavra é não dar espaço ao diálogo e, ao mesmo tempo, favorecer às formas de opressão e domesticação denunciadas por Freire.

No que diz respeito à fé, pode-se afirmar que não há diálogo se não depositamos fé na possibilidade do outro vir a *ser mais*. Enquanto seres humanos, não somos seres absolutamente acabados, estamos em processo de construção, de vir a ser. Acreditar que o outro pode mudar é um fator possibilitador do diálogo. Assim, é possível entender o diálogo como condição de possibilidade para que haja uma transformação pessoal bem como uma transformação do mundo no qual o sujeito está inserido. Percebe-se que há uma tríade em íntima relação: diálogo – fé no outro – transformação da realidade.

Como vimos, a grande preocupação de Freire é de que o *tu* não seja transformado em objeto, se isso acontecer o diálogo está comprometido. Não estará mais acontecendo a educação, mas a deformação. O que isso quer dizer? Travar o diálogo, impedir que ele aconteça é defender a continuidade do processo opressor. É se colocar contra a mudança e a transformação social. É defender a manutenção dos interesses particulares. É favorecer a desumanização ao invés da humanização das pessoas.

Concluindo, a partir do exposto, pode-se afirmar que o diálogo permite visualizar a realidade sob as lentes do olhar crítico. Olhar o mundo à nossa volta sob uma nova perspectiva, outra ótica, considerar diferentes pontos de vistas. Isso acaba por considerar as visões do outro na própria maneira de ver. E, quando se considera a visão do outro, a sua própria visão se amplia, os horizontes se alargam. Reconhecer e escutar o outro é fator indispensável para a concretização de uma ação dialógica. No diálogo, cada um contribui com o seu conhecimento; há uma troca, uma partilha de conhecimentos. O conhecimento de um se soma ao conhecimento do outro e possibilitam que o novo aconteça como superação dos momentos anteriores. O diálogo é parte integrante da existência humana.

SÍNTESE DO MÊS

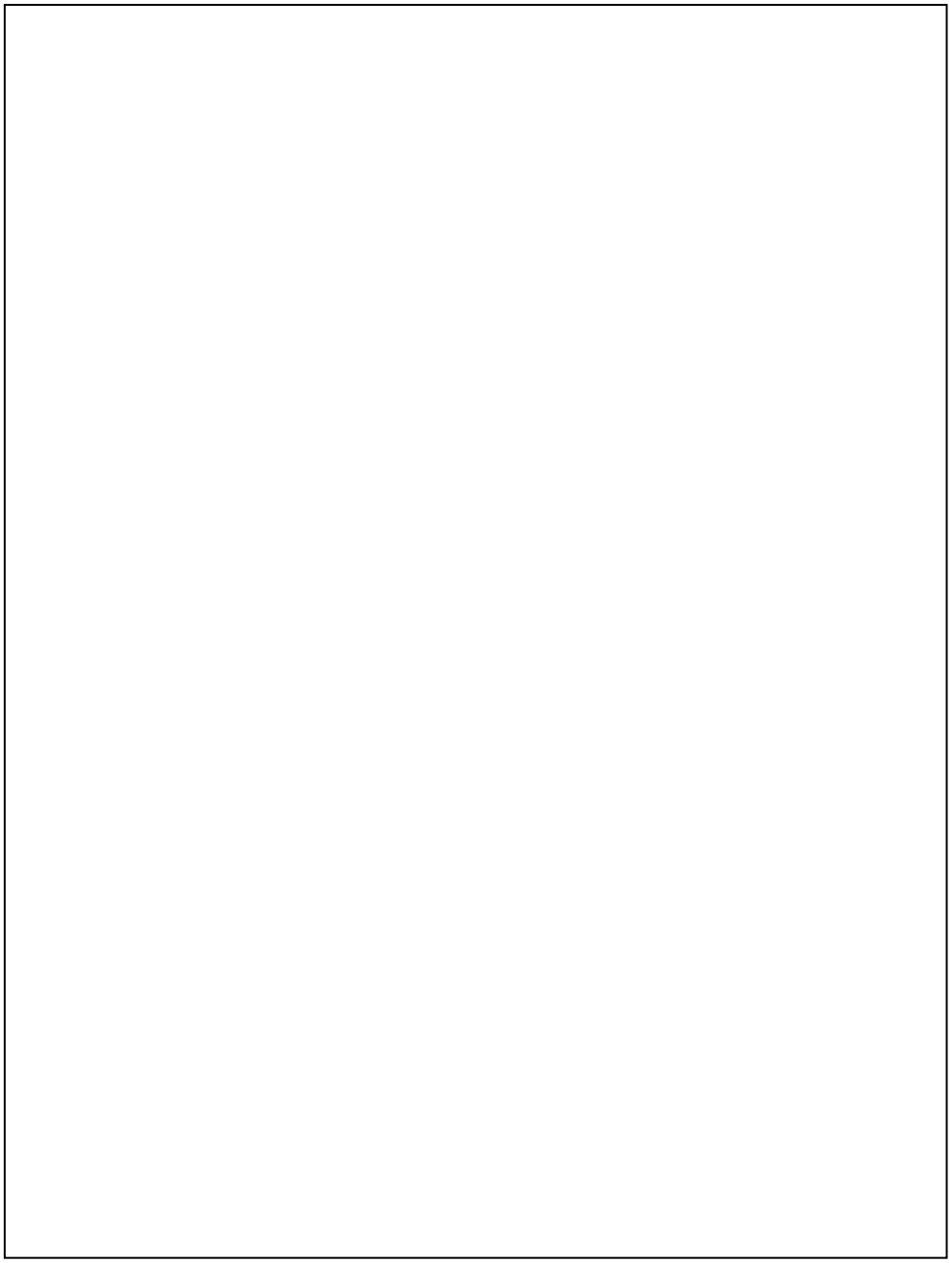
UMA PALAVRA

UMA FRASE

UM PARÁGRAFO

IMAGEM PEDAGÓGICA

(Desenhe uma imagem que simbolize as aprendizagens acumuladas das leituras deste mês para você dialogar com seus companheiros/as de caminhada).



JUNHO

Cartas à Guiné-Bissau

Palavra
Africanidade

Frase
A alfabetização dos adultos guineenses, como forma de libertação, foi uma luta contra o colonialismo.

Parágrafo
Freire inaugura a pedagogia da correspondência com cartas escritas quando estava no Conselho Mundial das Igrejas na sua peregrinação pelos países recém-libertos do colonialismo europeu. As cartas são direcionadas para o líder Mário Cabral e a equipe de alfabetizadores, tanto como informes de suas ações de formação dos educadores e educadoras como orientando para as atividades de alfabetização, sempre tendo como centro os pressupostos do Método Paulo Freire adequados à realidade africana.

01 de junho
Luis Gustavo Guimarães

"Na verdade, as experiências não se transplantam, se reinventam". (FREIRE, 1978, p.16)



Figura 1 – Selo Comemorativo Amilcar Cabral[15]

Qual foi a última vez que você escreveu uma carta? Que dobrou cuidadosamente o papel e foi até o correio e postou? A experimentação da expectativa e da vivência com a temporalidade da espera pela resposta? Tempo do silêncio hoje engolido pela velocidade e a instantaneidade nas formas de comunicação... escreve-se e já se tem a confirmação de visualização da mensagem... as máquinas anunciam o movimento da resposta. Que tal se aventurar nesta leitura de cartas... na escrita de outras... entretanto o que está em jogo são os laços tecidos a tinta pelas cartas... Além das cartas, qual foi o lugar mais longe que você esteve? Que se aventurou? Que desejou descobrir?

Paulo Freire se reencontra consigo mesmo, se reconhece em um dos seus inúmeros encontros pela vida, no caso de Cartas à Guine Bissau, este encontro se deu na África. Uma atmosfera de retorno e não de recém-chegado. Quantos de nós já se reconheceu no encontro/re-encontro no espaço educativo escolhido por nós para a aventura do encontro com o outro e consigo mesmo?

Trabalhar COM os educadores e não para eles ou sobre eles, Freire ressignifica sua condição de assessor/pesquisador, além de dar a devida importância aos educadores compreende o papel político de cada um no engajamento da reconstrução de seu país. O reconhecimento de que o encontro seria com militantes envolvidos em uma luta coletiva, para além de "...intelectuais frios e objetivos ou com especialistas neutros..." (FREIRE, 1978, p.15) instiga Freire a estar com e aberto as trocas e ao aprendizado. Em sua prática educativa você se encontra e está com os alunos ou apenas de passagem?

> "A ajuda autêntica, não é demais insistir, é aquela cuja prática os que nela se envolvem se ajudam mutuamente, crescendo juntos no esforço comum de conhecer a realidade que buscam transformar. Somente numa tal prática, em que os que ajudam e os que são ajudados se ajudam simultaneamente, é que o ato de ajudar não se distorce em dominação do que ajuda sobre quem é ajudado". (FREIRE, 1978, p.15)

Essas falas-posicionamentos de Freire nos provoca a pensar acerca sobre o nosso posicionamento em nos espaços educativos e também em outros espaços. Se estamos na posição obje-

[15] Imagem retirada do Blog organizado por Luís Graça e outros Camaradas da Guiné – imagens e memórias de ex-combatentes da guerra colonial da Guiné. https://blogueforanadaevaotres.blogspot.com.br/2015/09/guine-6374-p15184-da-suecia-com-saudade.html - Acesso em 01 de junho de 2016.

tiva do exercício de uma profissão ou se estamos envolvidos e juntos com aqueles que diariamente trabalham conosco ou dentro de nossos lares. Optamos pelas interrogações às respostas, aos encontros e re-encontros às relações frias e objetivas.

Mas afinal qual foi a última vez que selou uma carta? Quem será o destinatário de sua próxima carta?

02 de junho
Vilmar Baggio

No seu livro, Cartas à Guiné-Bissau, Paulo Freire nos traz relatos da relação comovente entre ele e Amílcar Cabral que, na época, era Comissário da Educação. Como o processo está documentado em cartas, é possível perceber a experiência se concretizando gradativamente, através da riqueza de informações trocadas entre os dois correspondentes. Um livro comovente, ao deixar transbordar o verdadeiro sentido da ajuda recíproca. No entanto, o que mais nos impressiona é perceber que hoje, passados mais de quarenta anos da experiência de Guiné-Bissau, os países que sofreram com a colonização europeia ainda enfrentam praticamente os mesmos problemas, que, diagnosticados e trabalhados, serviriam de base para a construção dos saberes de uma nação. Somos sabedores de que Paulo Freire tem na educação o principal alicerce para a construção de uma sociedade, e é justamente esse o motivo que o leva a se corresponder com Cabral.

Atualmente, o Brasil vive um momento muito peculiar, que nos remete a retrocessos perigosos: perseguição aos professores, redução de oferta de vagas nas instituições, fechamento de cursos (principalmente nas áreas de ciências humanas), corte de recursos e verbas vitais para a manutenção e pesquisa. O mais grave de tudo é que os motivos que levam a essa perseguição são muito parecidos com os motivos que levaram Freire a construir a ponte com o continente africano, há mais de quatro décadas atrás. Os colonizadores acreditavam que os "nativos", assim como eram chamados pelos descendentes europeus, eram pessoas de "segunda classe", de menor importância e acabavam sendo obrigados a estudar nas poucas escolas que haviam, as quais obviamente não atendiam à demanda da população. A população pobre passou a conviver com a desconstrução da cultura, com a desafricanização, sempre carregada de preconceitos, divorciada da realidade. Para muitos ganeses a "salvação" só viria por intermédio de algum milagre, caso se tornar-se branco ou um "preto de alma branca", como o próprio Freire expressa na página 20.

Toda a educação é voltada para atender as demandas das elites e lhes é negado o direito de registrar, aprender, ensinar e executar nas escolas a sua cultura, sua realidade e seu viver enquanto indivíduo. A alienação faz parte da desconstrução de uma sociedade e hoje estamos vivenciando esse fenômeno como nunca antes na história. Notícias falsas, *Fake News* que têm um grande poder viral, espalham-se de forma avassaladora. As informações falsas apelam para o emocional do leitor/espectador, fazendo com que as pessoas consumam o material "noticioso" sem confirmar se é verdade seu conteúdo, facilitando a dominação e o controle de uma população que já desabituou a pensar de forma crítica.

Assim, como os brasileiros, o ganês tem também a capacidade de analisar o seu país e jamais negá-lo, partindo sempre da realidade na qual está inserido. Nos países que sofreram ou que, ainda sofrem com a opressão colonialista, existe uma necessidade de denunciar, de anunciar,

de gritar as perdas de direitos que estão ocorrendo e os retrocessos que fazem parte do jogo de poder demandado pelas elites financeiras e que acabam sempre tendo como alvo as camadas populares e a educação de jovens e adultos. No Brasil, por exemplo, as novas gerações que não terão contato com as diversas disciplinas das áreas humanas, cujo papel primordial é a construção de cidadãos conscientes de si e do seu papel na sociedade, deixarão, gradativamente, de contribuir para uma sociedade mais justa e mais fraterna. Esse fenômeno está acontecendo claramente e já é parte de uma infeliz realidade.

Para o processo educacional de uma "nova sociedade" não são levados em consideração o desenvolvimento das habilidades nem das potencialidades capazes de compreender os conceitos relacionados à ética ou a democracia. Para os governos que estão conduzindo e forjando a "nova sociedade", irreversivelmente globalizada e conectada, com capacidade de controlar todos os passos do indivíduo, o que está em jogo são as formas de dominação e o controle social.

As liberdades presentes no conceito de "novas sociedades" estão muito mais ligadas à capacidade que o cidadão consegue ter de consumo em detrimento do quanto este mesmo cidadão consegue perceber que está sendo conduzido cada vez mais para uma relação individual, estreita e sem a empatia que permite enxergar no outro ser humano, um igual, que vive da mesma forma, tem os mesmos sonhos e deve consumir os mesmos produtos que alimentam as economias globais.

A educação é a chave para sair dessa caverna pavorosa que é a alienação! Exatamente o que foi feito na Guiné-Bissau, está se repetindo como farsa histórica aqui no Brasil. A educação utilizada como ferramenta por Freire quando apostou em seu povo, inserido em um cenário repleto de saberes que eram pouco aproveitados ou desprezados por completo. "Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda", afirmava Paulo Freire e essa disposição de ajudar aos seus é que fez com que a aproximação entre Amílcar do outro lado do oceano fosse concretizada.

Que a educação nos permita contar as próximas páginas dessa história, que possamos, em um futuro próximo, verificar que a luta pelas liberdades dos homens, que a formação sem desigualdades e a justiça fez a diferença e que, juntos, os povos africanos e americanos conquistaram seu devido lugar na democracia, com soberania participativa do cidadão, com escolas espalhadas para todos e o mais importante, com dignidade e respeito a todos os povos, nativos ou não.

03 de junho
Vanise Dal Piva

Nesta parte da Obra, "Cartas à Guiné-Bissau", Paulo Freire relata as tentativas de recuperação da identidade do sistema educacional de um país que fora por muito tempo explorado por seus colonizadores, que impunha sem discussão possível o estudo do seu próprio país. Era necessário, que os estudantes ao invés de conhecerem a história do país colonizador, aprendessem sobre a sua história, a geografia, a economia, a cultura de seu país (Guiné-Bissau).

Num primeiro momento, Paulo Freire observou, refletiu, indagou diante de esforços na tentativa de mudanças já realizadas anteriormente por representantes de Guiné-Bissau e depois

passou a propor mudanças. Propôs uma educação para alfabetizar jovens, adultos e ainda preparar os professores para atuarem como agentes transformadores e não simplesmente depositantes de conhecimento.

Um dos projetos realizados foi a "Escola de Campo", que deslocava por um determinado tempo as escolas urbanas (professores e alunos) para áreas rurais, na qual participariam de atividades com os agricultores e assim, enquanto aprendiam também ensinavam, era um aprendizado mútuo. Observe o trecho abaixo:

"[...] já não se estuda para trabalhar nem se trabalha para estudar; estuda-se ao trabalhar (FREIRE, ano, p.21)".

A partir do fragmento de texto acima, podemos refletir que temos a união da teoria com a prática, em que a escola é vista como contexto teórico e a prática como contexto concreto. Dentre os projetos proposto por Paulo Freire, várias foram as experiências positivas, no entanto, houve algumas dificuldades de implementação de algumas idéias, como a resistência de alguns estudantes que não queriam usar suas mãos, outras por deficiência material, como a falta de transporte.

Essas experiências de união entre teoria e prática eram realizadas em várias partes do país e não só na zona rural. Logo, para se ter transformação no ensino era necessário que outros setores também estivessem transformados.

Sobre a alfabetização de adultos, é importante destacar que haviam duas iniciativas em andamento: uma das Forças Armadas do Povo (FARP) e a outra do Comissariado de Educação. Nas duas iniciativas, a alfabetização era tida como um ato político:

[...] em cujo processo os alfabetizandos se engajam com a ajuda dos animadores – alfabetizadores – enquanto militantes uns e outros, no aprendizado crítico da leitura e da escrita e não na memorização mecânica e alienante das sílabas, palavras e frases que lhe fossem doadas (FREIRE, ano, p.22)".

Paulo Freire relata nas experiências, que o educador não pode ser o detentor do conhecimento, e a partir do seu olhar entregar tudo pronto ao educando sem ao menos dar a possibilidade deste de investigar, criticar, refletir e construir o seu próprio conhecimento, pois nesse processo o importante seria o exercício da postura crítica do educando à respeito de algo.

Acredito que por isso (pelo fato de não favorecer o ato de conhecer para refletir e criticar), Paulo Freire se opõe ao uso das cartilhas na alfabetização, pois não contribuem para um pensamento crítico, tornando o educando um receptor incapaz de pensar criticamente, com criatividade e curiosidade.

É essa educação passiva (educando como receptor) que mais interessa as classes dominantes, pois assim tornaria mais fácil manter sob controle educadores e educandos alienados.

Portanto, nota-se a preocupação de Paulo Freire com a necessidade de unir a teoria com a prática e a partir disto, tornar as pessoas capazes de discernir sobre suas próprias vidas, pela busca de uma transformação social. Sua proposta era para além das pessoas aprenderem a ler e escrever, buscava uma nova identidade para aquele país, deixando para trás um modelo de educação herdado do colonialismo que tinha o propósito de formar apenas uma pequena elite.

04 de junho
Edwilson da Silva Andrade

> "O importante era ver o que se fazia, nas condições materiais limitadas que sabíamos existir, para, em seguida, ver o que se poderia fazer de melhor, nas mesmas condições, caso não fosse possível, de imediato, torná-las mais favoráveis"(FREIRE, 1978)

Iniciar esse texto a partir do fragmento acima, é trazer à baila a figura do educador como ser revolucionário, que tem em sua profissão o compromisso de transformar os indivíduos em seres humanos, críticos, participativos e capazes de sonhar superando as adversidades humanas. Portanto, é possível perceber através do trecho em destaque, que mesmo em situações materiais limitados, é exequível um ensino de qualidade. Para tanto, se faz necessário termos professores e educadores que sejam verdadeiros militantes da educação e não apenas sirvam-se da educação para alcançar seus interesses pessoais.

Logo, para compreendermos essa obra de Paulo Freire, "Cartas à Guiné-Bissau", faço questão de reviver de forma bem singela a parte que antecede a parcela que me cabe nessa preciosa produção. Inicialmente, quero retomar alguns aspectos os quais talvez já tenham sido mencionados anteriormente pelos demais autores. Sendo assim, quero relembrar a preocupação de Freire na introdução da obra em estudo com os métodos e propostas a serem adotados, de modo que a Pedagogia Libertadora a qual ele defende, fosse capaz de subjugar a supremacia de um modelo colonialista. Achando-se necessário, que ele acompanhado de sua equipe de trabalho, que por sinal estavam em Guiné a convite do governo, tivessem uma visão que não fosse invasora, opressora e sobretudo colonizadora do "saber". E sim, que tivessem uma visão comprometida com a educação, cujo cerne fosse a clareza de que os homens se libertam em comunhão. Deste modo, o trabalho desenvolvido em Guiné-Bissau não poderia gerar dependência de um grupo sobre o outro. Consequentemente, pode-se observar através da epígrafe a preocupação pela produção e compreensão de como seria possível tornar o trabalho realizado mais favorável, contribuindo para a superação de um passado opressor.

Diante desse cenário, podemos constatar através do conteúdo expresso nas páginas 31 a 36, que havia em Guiné-Bissau duas iniciativas relacionadas a alfabetização de adultos, um projeto das Forças Armadas do Povo (FARP) e outro ligado ao Comissariado de Educação, embora cada uma tivesse suas especificidades, o objetivo principal era unificar as propostas já que ambas percebiam a alfabetização como um ato político. Portanto, para compreender melhor esse processo e poder contribuir de forma significativa é que Freire e os demais componentes da equipe, perceberam a necessidade de se dividirem e visitarem alguns dos Círculos de Cultura, na qual podemos sintetizar como um processo de reinvenções na superação do analfabetismo, cujo intuito era alfabetizar adultos para que futuramente esses se tornassem futuros alfabetizadores.

Assim sendo, a observação da prática nos Círculos de Cultura revelou que, apesar dos desacertos, os seus participantes, alfabetizandos e animadores, se achavam engajados num trabalho preponderantemente criador.

É possível perceber um destes momentos criadores, quando Freire relata que um dos animadores chega ao local do Círculo de Cultura, cumprimenta os alfabetizandos e começa, em seguida, a varrer a sala toda. Até que os alfabetizandos começaram a revelar sinais de inquietação e perguntam quando começaria a 'aula'? A resposta do animador é entusiasmadora: "A 'aula' começou desde que cheguei", perguntando em seguida: "que fiz eu até agora?" E a resposta dos

alfabetizandos é: "A limpeza da sala". Dirigindo-se, então, ao quadro-negro improvisado, escreveu, lentamente, o animador, a palavra Limpeza e disse: "exatamente, limpeza é a palavra geradora que estudaremos hoje".

Embora, o próprio Paulo Freire tenha mencionado os desacertos observados no Círculo de Cultura. Acredito que ele quis mostrar com essa experiência que conhecer a realidade, o cotidiano, o processo mais de perto, significa colocar uma lente de aumento na dinâmica, identificando as estruturas de poder e os modos de organização do trabalho pedagógico, compreendendo o papel e a atuação de cada sujeito nesse complexo interacional, na qual os jovens que vão sendo alfabetizados, com uma leitura de mundo, mas abrangente, se torne também multiplicadores, formando novos Círculos de Cultura. Logo, podemos identificar através desse exemplo, o que Paulo Freire menciona na sua obra Pedagogia do Oprimido: *"Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros"* (FREIRE, 1987, p. 33). Por isso, mesmo com condições materiais limitadas, o importante é que a educação tenha a essência problematizadora. Mais do que isso, é preciso analisar, em profundidade os elementos que constituem o cotidiano, buscando, por meio dele estratégias pedagógicas que tornem esse processo mais favorável.

05 de junho

Gilmara da Rocha Pontes Amaral

"Com voz sempre mansa e calma, sua reposta foi um ensinamento." (Freire, 1978)

Ao realizar a análise do fragmento acima, pude perceber com clareza, que os pensamentos do mestre Paulo Freire sempre nos conduzirão a refletir não apenas a nossa prática como educadores, mas também como seres humanos inseridos numa sociedade que embora injusta, engloba pessoas que abrem mão da injustiça em prol da sua própria essência, que é justa.

O fragmento supracitado é uma resposta a pergunta do mestre a respeito do que faziam quando aprisionavam assassinos perversos. Ao mestre não interessava saber de quel meio os criminosos chegavam a zona libertada. A preocupação de Freire era a respeito do que aconteceria com essas pessoas. E o militante respondeu, mesmo no vão momento daquela situação de maneira tão calma e sua resposta trouxe a tona algo que Paulo Freire tomou como ensinamento. Ensinamento esse que não era novidade para o mestre uma vez que suas lutas sempre foram pautadas na libertação dos oprimidos. O próprio " camarada Cabral" falava do respeito que se devia ter com o inimigo.

Quando o mestre fala: "Ai está uma diferença radical entre a violência dos opressores e a violência dos oprimidos". Ele estava nos fazendo relembrar que, ainda existindo lutas, situações adversas, a maneira de pensar de quem já sofreu opressão um dia sempre será diferente e muito além da visão dos opressores. Quem é opressor, se preocupa com a guerra, em continuar oprimindo, em preservar a dor, tudo isso como meio de dominação. Já o oprimido quer resgatar a paz, quer transformar o meio sofrido no qual se encontra em rumo ao caminho da luz. Preocupa-se constantemente com o respeito ao outro e acima de tudo, busca transformar constantemente a realidade na qual está vivendo em prol de um bem-estar que muitas das vezes não é apenas o seu, mas da sociedade como num todo.

O verdadeiro objetivo dos oprimidos é a busca constante da paz e a própria libertação. O objetivo não é diferente, só que ao contrário de quem oprime, nós devemos transformar, libertar o individuo das amarras que o impedem de ser feliz e caminhar rumo ao novo, a uma nova mentalidade, a uma realidade que o cerceia e o conduz a uma vida liberta de algemas mentais ou até mesmo reais, tornando-se sujeito ativo do próprio conhecimento e capaz de ter atingido a ápice do entendimento de que um ser humano não é superior ao outro, que são apenas diferentes e que ainda que tenham ideias diferentes ou vivam em situações diferentes, esse fato não se torna motivo para um oprimir, enquanto o outro se torna oprimido.

Portanto, é com tamanho zelo que tento terminar essa análise do trecho supracitado, não com o intuito de término em si mesmo, pois para mim, escrever a respeito das obras do mestre é algo de ação contínua uma vez que seus ensinamentos perpassam de geração em geração, sempre de uma forma singela, porém tocante no que nos diz respeito a praticar o ofício docência em prol de uma educação que humaniza e leva o indivíduo a pensar constantemente no efeito de suas ações de maneira individual, assim como também em relação ao outro, preocupando-se não apenas com o agora, como também num futuro não muito distante onde a humanidade pratique o amor como a maior forma de libertação.

06 de junho
Vanise Dal Piva

Na segunda Parte da Obra "Cartas à Guiné-Bissau", Paulo Freire comenta algumas das atividades e modificações que se desenvolveram no sistema educacional do país, por meio da valorização da sua história, cultura, experiências baseadas no contato com a população e com intelectuais que lá viviam.

Diante disso, diferentemente do sistema educacional herdado dos colonizadores que levava em consideração a formação de uma pequena elite, visão fragmentada e despreparada para enfrentar as reais necessidades do país em seus diferentes níveis, o novo modelo propunha: "... projeto realista, em consonância com a realidade do país, re-conhecendo embora as relações entre seus diferentes níveis, prevê, pelo contrário, que, cada um, a tarefa formadora se realiza ao máximo" (FREIRE, 1978, p. 38).

Desse modo, os educandos, em cada um dos níveis de ensino, juntos, buscariam conhecer a realidade e transformá-la e, não apenas passar de um nível para o outro com o simples objetivo de se chegar à universidade.

Nas zonas libertadas, nasciam novas escolas e um novo governo assumia o comando e, é aí que novas escolhas deveriam ser feitas. Uma delas era como seria o novo sistema educacional guienense.

Assim, o novo projeto de ensino de Guiné-Bissau previa a divisão em três níveis: Ensino Básico, Ensino Polivalente e Ensino Médio Politécnico. Tal projeto foi redefinido em conjunto com o comissário de Educação do país, Mário Cabral.

Mário Cabral era fiel as orientações do governo, um militante, porém com uma visão revolucionária para transformar um modelo de educação excludente e alienado imposto pelos colonizadores, para um modelo com visão crítica e reflexiva capaz de transformar o país e a realidade das comunidades.

No Ensino Básico, era proposto uma formação para a participação na criação e no desenvolvimento da sociedade, em que teoria e prática eram "postos em prática", para estímulo da criatividade, expressão, solidariedade social e novas formas de comportamento frente à comunidade. Para Paulo Freire (1978, p.40): "os valores que esta educação persegue se esvaziam se não se encarnam e só se encarnam se são postos em prática". Por isso, esse nível de ensino buscava que os educandos se assumissem como sujeitos do processo para dialogar, pensar a prática e intervir.

No trecho abaixo, observa-se que Paulo Freire deixava claro que os educadores deveriam parar com o depósito de conhecimentos, (modelo da concepção bancária, assim como ficou conhecida) e passarem a pensar em uma educação problematizadora: "[...] não seria realizável uma educação voltada para a concretização de valores [...], se nesta educação os educandos continuassem a ser, como na educação colonial, meros recipientes de conhecimentos empacotados, a eles transferidos pelos educadores" (FREIRE, 1978, p.40).

No Ensino Polivalente, a formação científica seria intensificada e o pensamento crítico-reflexivo aliados ao engajamento militante e responsabilidade social seriam indispensáveis. Era necessário aprender com a prática e, para isso deveria existir coerência com a teoria e, desta forma, nesse nível de ensino as aulas práticas eram desenvolvidas de acordo com as características onde se situava a escola, pois era preciso (re)pensar a realidade para poder intervir. O projeto previa ainda a criação de escolas profissionais, com formação e diferentes áreas do conhecimento e de acordo com as necessidades do país.

No Ensino Médio Politécnico, o projeto tinha como finalidade uma continuação mais aprofundada e diversificada da formação desenvolvidas nos níveis anteriores e livres da visão tecnicista e focada na sua especialidade.

Portanto, percebe-se que seria uma mudança radical no sistema de ensino guienense herdado de seus colonizadores e, Paulo Freire tinha como uma de suas preocupações que as modificações não se tornassem um depósito de conhecimento, mas quê, durante o processo de (re)construção do sistema de ensino os educadores e educandos deveriam aprender uns com os outros, numa cooperação mútua. Outro fator que não poderia passar desapercebido, eram as tentativas de reverter uma educação excludente, ao mesmo tempo que buscavam conciliar o conhecimento dos livros com a cultura e sabedoria popular, com a finalidade de educadores e educandos problematizarem a realidade e intervirem juntos.

Com certeza não foi uma tarefa fácil para Paulo Freire pensar modificações no sistema educacional guienense, mas tenho convicção que foi uma experiência enriquecedora e muito recompensadora, especialmente quando se vê resultados positivos e uma população com mais autonomia, capaz de pensar e intervir na sua realidade.

07 de junho
Gilberto Oliari

A experiência educacional que Paulo Freire acompanhou em Guiné-Bissau aponta para um modo de fazer a educação (escola) que vai muito além do didatismo ou do enciclopedismo tradicional. Segundo ele os estudantes guineenses são chamados para uma educação que desafia "ao lado de sua indispensável formação científica e concomitante com ela [...] desenvolverem a

solidariedade, a responsabilidade social, o gosto do trabalho livre, como fonte de conhecimento" (FREIRE, 1978, p. 43), desse modo os estudantes podem desenvolver inúmeras relações entre aquilo que aprendem em sala de aula e o seu contexto social cotidiano. Percebamos que não há uma substituição de fazeres sociais no lugar de conhecimentos científicos, os dois devem andar juntos, desenvolvendo o ser humano em sua forma integral.

Como o desenvolvimento das aulas pode despertar para a responsabilidade social? Uma das preocupações centrais do sistema educacional constituído na Guiné-Bissau "era das relações entre a escola, qualquer que fosse o seu nível, e a realidade local, regional e nacional" (FREIRE, 1978, p. 44), a partir desse princípio era possível despertar os estudantes e professores para a responsabilidade pelo meio em que viviam e atuavam. Acredito que esse modo relacional de fazer a educação tenha se constituído através do diálogo extramuros pois, professores e estudantes, não poderiam ficar dentro dos muros da escola e relacionar ciência com cotidiano. Possivelmente era uma escola em saída; na qual era possível conhecer a realidade de inserção da escola, e partir disso selecionar os conteúdos científicos a luz do contexto social.

Sabemos que o nosso contexto atual é extremamente problemático, um dos aspectos refere-se ao fato de que os professores precisam atuar em duas ou três escolas para fechar sua carga horária, nesse sentido nos perguntamos como conhecer a realidade para relaciona-se com o contexto? Em que medida despertamos a responsabilidade pelo contexto? Como fazer uma escola em saída? Sem dúvidas há no Brasil, e fora daqui inúmeras experiências sendo realizadas, o que falta as vezes é coragem de iniciar o processo. Embora as condições não sejam favoráveis, é necessário arriscar-se e ir em direção ao contexto do estudante, da escola.

Paulo Freire notava que "a dedicação de seus professores e o otimismo crítico de que se achavam infundidos no desempenho de suas tarefas" (1978, p. 45), era um elemento de grande valia para todo o processo. Aqui destaco o título dessa reflexão pois, *ser professor é assumir a responsabilidade pelo mundo*, e não é possível construir uma educação relacional de emancipação sem que os professores se sintam parte do processo, sintam-se com a obrigação de responder por suas palavras e ações. Isso requer a consciência de que ser professor, é abrir o mundo para as futuras gerações, conduzi-los pelo mundo como ele é, e possibilitar que cada um reflita sobre esse mundo e possa encontrar o seu espaço de inserção construindo algo criticamente novo.

Como pode o professor ser responsável pelo mundo? Como pode dedicar-se criticamente a tarefa de ensinar? Segundo Hannah Arendt (2007) o educador é o adulto responsável por conduzir crianças e jovens pelo mundo constituído historicamente e sua autoridade assenta-se na responsabilidade que ele assume por este mundo. Sendo assim o professor não é um sujeito qualquer, ele tem o compromisso de mostrar como o mundo é e possibilitar que seus alunos se revelem criticamente ao mundo. Isso é ensinar criticamente, apontar a realidade e abrir espaço para que ela seja criticada, refletida, pensada e talvez até transformada pelas ações das novas gerações. Para isso o professor precisa conhecer o mundo e assumir uma tarefa crítica frente a realidade que o cerca.

Essa responsabilidade não é, e não era na Guiné-Bissau, algo individual. Haviam seminários nos quais os professores debatiam em conjunto suas dificuldades "trocando experiências em torno de como vêm procurando superá-las; de outro, aprofundaram sua capacitação para, assim, capacitar e recapacitar seus companheiros" (FREIRE, 1978, p. 45). Ninguém estava desenvolvendo seu papel sozinho, em conjunto debatiam sua situação e buscavam formas de superar suas

dificuldades. Havia uma busca por capacitação e recapacitação, para desse modo responder as inquietações que cotidianamente poderiam surgir.

Concretiza-se a responsabilidade quando há unidade entre teoria e prática e comunhão sempre maior com a população do entorno da escola. Para isso é necessário superar certa dicotomia entre ensinar e aprender e levar em conta que "quando quem sabe, sabe, primeiro, que o processo em que aprendeu é social; segundo, quando sabe que, ao ensinar o que sabe a quem não sabe, sabe também que dele ou dela pode aprender algo que não sabia" (FREIRE, 1978, p. 49). Nesse sentido, aprender significa relacionar-se com algo que não sabe; ensinar significa abrir o mundo para o outro; e esse processo requer abertura de todos pois sempre há o que aprender.

Portanto, ser um professor responsável pelo mundo requer: consciência do seu papel enquanto membro de uma sociedade muito maior; uma constante atividade de pensar-se e repesar-se; planejamento das intenções; envolvimento com o mundo; tomada de posição frente aos diferentes contextos existentes. Ser professor é assumir para si a responsabilidade de manter o fio histórico-social que conduziu o desenvolvimento da humanidade e, ao mesmo tempo, permitir que o mundo seja renovado pelas gerações de estudantes de passam pelo processo educacional.

08 de junho
Thaís Andressa Lopes de Oliveira

O trabalho de alfabetização de adultos realizado por Freire e outros educadores em Guiné Bissau talvez tenha sido um dos mais significativos de sua peregrinação. Isto porque mais do que aprender a ler e a escrever, os moradores das regiões atendidas pelo projeto aprenderam a se reconhecer como comunidade; perceberam os impactos de suas ações sobre o local em que viviam e passaram a agir em prol de sua transformação.

Como apresentado nesse trecho, o Centro e os moradores das tabancas foram progressivamente estabelecendo uma relação dialógica de cooperação, que possibilitou aos educadores, que lá atuavam, fazerem um dos melhores levantamentos socioeconômicos e culturais daquela região guineense. De tal levantamento emergiram palavras geradoras que se mostraram importante ponto de partida para o processo dinâmico de alfabetização que se almejava realizar naquele país.

Além disso, a interação dialógica estabelecida com os moradores locais forneceu aos educadores indicativos de algumas das necessidades que as tabancas possuíam, como saneamento básico e um posto sanitário que pudesse atender àquele povo tão carente de assistência.

As palavras geradoras possibilitaram ainda o planejamento de ações preventivas ligadas à saúde daqueles moradores. Desse modo, a educação sanitária, além de ligar a escola à vida dos educandos, buscava discutir de forma culturalmente sutil problemas sanitários nos espaços comuns das próprias comunidades.

Com o devido respeito à cultura e saberes daqueles moradores, o grupo de educadores dialogava com eles de modo que a transformação social da realidade dos educandos se desse de maneira dialética, ou seja, por meio da reflexão-ação-reflexão sobre a realidade das comunidades. Nesse sentido, a reflexão sobre o modo político-social de produção que regia o cotidiano dos trabalhadores, possibilitava-lhes além de compreender esta relação perceber as causas dos diversos problemas sanitários que lhes acometiam.

É interessante perceber como um processo que tem origem na alfabetização de adultos ganha um caráter transformador, que transcende as fronteiras do saber escolar ao mostrar que existem muitos outros saberes necessários para o convívio social, garantindo-lhes "[...] um maior rigor no conhecimento da realidade sobre que atuam".

Para que isso efetivamente ocorra, ainda nos dias atuais, a formação dos educadores que atuam em comunidades como as descritas no livro precisa se dar de maneira a possibilitar a construção de uma relação dialógica com os educandos, tal como sugerida por Freire, em que o educador aprende ao ensinar e o educador ensina ao aprender. Além disso, é importante que quem se propõe a trabalhar com comunidades de trabalhadores, além de ensiná-los a ler, escrever, e a se perceber parte da sociedade, reconheça que também possui a função de ajudá-los a sistematizar os conhecimentos construídos de forma a torná-los significativos para sua experiência cotidiana.

Outro ponto importante do processo de alfabetização freireana é que os educandos sejam levados a "tomar distância" do contexto cotidiano em que estão inseridos, de modo a poder olhar criticamente para ele e para a prática que nele se faz. Segundo Freire, nesse processo de análise crítica sobre sua cotidianidade, o distanciamento é importante para que os grupos populares percebam o seu estar sendo no mundo, e a partir disso reflitam não apenas sobre as condições de sua comunidade, mas também para um contexto maior, de modo a agir sobre sua realidade de maneira mais coerente.

No caso de Guiné Bissau, esse distanciamento da cotidianidade, possibilitado pelo diálogo que foi estabelecido com os moradores das tabancas, foi importante para que eles percebessem os caminhos necessários para a construção de uma nova sociedade, pautada "[...] na unidade entre o trabalho manual e o trabalho intelectual; entre teoria e prática".

Com essa fala de Freire, percebemos mais uma vez o papel da escola como sistematizadora do conhecimento popular, além de espaço de reconhecimento e valorização da curiosidade dos grupos populares, e instrumento transformador da percepção sobre a realidade local. A esse respeito me chamou atenção quando Freire fala de como a educação popular, que começa pelo anseio de ensinar os trabalhadores a leitura da palavra, pode ser o primeiro passo para que estes mesmos trabalhadores sigam a carreira acadêmica e se tornem especialistas com uma visão crítica sobre a sociedade. Visão esta, tão necessária em locais marcados pela injustiça social.

É por essas e outras razões que a intervenção realizada por Freire e o grupo de educadores que atuou em Guiné Bissau foi considerada uma das mais importantes, pois possibilitou a construção de um grande círculo de cultura que agregou não só os educandos e o grupo de educadores, mas professores com os mais diferentes graus de experiência docente e toda a comunidade em que esses encontros de aprendizado mútuo aconteciam.

Nesse contexto, concluo concordando com a paráfrase que Freire faz da afirmação de Cabral ao considerar que antes que uma árvore plantada no seio da terra possa dar seus frutos, um país pode mudar, se transformar e se reinventar inúmeras vezes. Por isso, a importância de que a educação seja a base para qualquer transformação social. Pois se há muito tempo a esperar pela fruta que um dia virá, em um mundo em constante transformação a esperança por dias melhores se constrói "[...] na unidade entre a ação transformadora do mundo e a reflexão crítica sobre ela exercida".

09 de junho
Thaís Andressa Lopes de Oliveira

Dando continuidade aos apontamentos apresentados anteriormente, Freire discorre sobre algumas das reflexões que emergiram do processo de alfabetização que estava se construindo e como este contribuiu também para o resgate da cultura e tradições africanas de Guiné Bissau.

Durante essa narrativa, é interessante notar como o povo guineense valoriza e respeita os mais velhos, tendo em vista que eram eles quem organizavam a participação dos demais nos círculos de cultura. Acredito que mais do que uma relação de hierarquia, o que se observa ali é um exemplo de respeito mútuo, com um toque de tradição que, por assim ser, foi identificada e respeitada pelos educadores do Centro.

O fato dos mais velhos do grupo discutirem entre si enquanto os demais moradores permaneciam em silêncio, em um primeiro olhar, incomoda, pois nos remete à "cultura do silêncio" tão criticada por Freire noutros momentos. Porém, é válido nesse caso a sugestão de Freire de antes de tomar qualquer atitude ou conclusão precipitada, prestar atenção na situação, levantar as características do grupo que se está investigando, compreender sua cultura e tradições para que assim se possa pensar em formas de intervenção adequadas à realidade local.

Quando os cinco mais velhos do grupo começaram a falar percebe-se o quão importante foi essa espera e respeito ao que eles estavam conversando entre si, à medida que suas falas demonstram aspectos relevantes de um processo de organização de ideias e reflexão social em construção. Das metáforas, analogias e gestos utilizados por eles, também se percebe como a fala muitas vezes não se resume apenas a palavra, mas a toda uma mobilização do corpo para passar a mensagem que se quer exprimir. Como afirma Freire, "na África a palavra é também para ser 'vista', envolvida no gesto necessário". Essa é uma marca do povo africano que não tem vergonha de suas raízes, e demonstra o que sente ou pensa de maneira intensa e verdadeira.

Assim, com aquelas falas e gestos que caracterizam narrações possíveis de serem ouvidas e "vistas" pelo grupo de educadores, foi possível atentar-se para pormenores que em outras ocasiões poderiam ter passado despercebidos. É nesse contexto, que com a intenção de tecer uma conclusão de sua carta, Freire busca fazer uma síntese das atividades desenvolvidas naquele ano em Guiné Bissau.

Um dos primeiros aspectos mencionados é o que ele chama de "linha de massas" que dividiria a prática e a visão de alfabetização naquele país. Segundo Freire, o processo de alfabetização de jovens e adultos trabalhadores precisa se dar com a participação ativa do povo. A educação, como muitas vezes proferida por ele, precisa se dar para o povo e com o povo, pois só assim a mudança (que não é apenas uma mudança estrutural, mas de modo de pensar) poderá ocorrer.

É preciso ainda pensar nas condições que são necessárias para que a participação do povo no seu próprio processo de alfabetização possa acontecer, pois estas condições estão diretamente ligadas à efetivação das práticas de alfabetização. Em um processo marcado pela recursividade, a abertura ao diálogo com as massas é condição para que o processo de alfabetização não ocorra de forma fechada à sua leitura de mundo.

Como afirma Freire, a alfabetização em uma "linha de massas" pode implicar na sua generalização para a globalidade da sociedade em que se dá, porém nem toda generalização de uma

campanha pressupõe sua inserção em uma "linha de massas". Isto é devido, justamente, a dialogicidade que marca a educação popular e que por não estar presente no ensino tradicional não permite tal relação.

Um ensino acelerado, no qual nada se aprende ao ensinar, marcado pela ideia de transferência de conhecimento e por uma pedagogia antidialógica não são características apenas do ensino guineense da época, mas compõem ainda hoje a realidade de inúmeras salas de aulas em nosso país. Por isso, reforça Freire, é fundamental que se perceba que um ensino que se dá de forma desconexa da realidade do educando pouco significado possui para sua vida futura.

É nesse sentido que a educação que se buscou realizar em Guiné Bissau, priorizou um constante diálogo com a população local e associou a prática de alfabetização às suas necessidades, mobilizando não só o setor de educação, mas comitês de Saúde, Agricultura, Trabalho e de Serviços internos. Porque a educação que se almejava realizar com os habitantes daquele país era de libertação da condição de oprimidos, de analfabetos, de pessoas que por muito tempo foram consideradas inferiores por não terem acesso as palavras.

Obviamente, por toda a complexidade que envolve o processo de educação popular a sua efetivação nem sempre ocorre de maneira simples, afinal ela exige uma mudança cultural que não ocorre de um dia para o outro. Por isso mesmo, as avaliações periódicas que eram feitas pelos educadores e organizadores do Centro foram fundamentais para que o desenvolvimento das práticas de alfabetização de adultos pudesse superar lacunas que iam sendo identificadas.

A educação popular jamais teve como objetivo resolver todos os problemas das comunidades atendidas, mas, por meio dos inúmeros círculos de cultura construídos mundo a fora, almejou semear junto as pessoas a semente da esperança, e mostrar a elas que é possível transformar a realidade. Pois como citado por Freire, "[...] a melhor maneira de fazer amanhã o impossível de hoje é realizar hoje o possível de hoje". E hoje ainda há muito o que se fazer, basta ter a coragem de dar o primeiro passo. "Maringá, *Primavera* de 2018"

10 de junho
André Paulo Castanha

No presente texto, Paulo Freire avaliou a experiência de educação em Guiné-Bissau, entre 1975 e 1977. Segundo ele, o Postscriptum resultou da viagem de trabalho que fez a São Tomé e Príncipe e Angola no final de 1976 e início de 1977, da revisão da introdução e das cartas que compõem o livro, da participação em seminários de avaliação dos trabalhos da Comissão Coordenadora dos Trabalhos de Alfabetização de Adultos da Guiné, bem como das conversas com professores e estagiários envolvidos no projeto. Como indicou, o objetivo foi "atualizar considerações, análises e informações contidas na introdução" do livro (2011, p. 105). O primeiro ponto considerado no Postscriptum foi a relação entre *educação e produção*, temática que será o foco de análise neste texto.

Segundo Freire, a relação entre educação e produção era um dos pontos centrais da proposta de reconstrução do país, levada em frente pelas forças políticas que estavam no poder. Era uma espécie de *Tema Gerador* no processo educacional, que não poderia ser dicotomizado/separado. Ou seja, na articulação entre trabalho e educação estava a chave para a construção de uma sociedade democrática, justa e solidária.

Freire enfatizou que na prática, essa articulação enfrentou resistência dos "estudantes que não se podiam conceber usando suas mãos em trabalhos considerados como subalternos", mas, no entendimento dos dirigentes do sistema educacional, "seria impossível superar o sistema educacional herdado dos colonizadores, mantendo-se um liceu verbalista, blablablante, com estudantes de-formando-se, distanciados do ato produtivo" (2011, p. 106-7). A saída para convencer a juventude a aceitar/assumir a nova proposta educativa foi a adoção de um princípio freireano, o equilíbrio entre uma "impaciência paciente" ou uma ação "impacientemente paciente". Conforme indicou Freire:

> Não se tratava, na verdade, naquela época, de impor a todos os estudantes do liceu de Bissau sua participação no trabalho produtivo, mas de convencê-los do valor formador do trabalho. O que se impunha no momento era a busca da adesão da juventude ao esforço de reinvenção de sua capacidade para o que a unidade entre trabalho e estudo se fazia indispensável (2011, p 107).

Os dirigentes ligados ao Comissariado da Educação dialogavam com a juventude procurando convencê-los da necessidade de unidade entre as atividades escolares e as atividades produtivas, pois só esta unidade poderia produzir uma nova prática, de base coletiva, superando a dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual. Segundo Freire:

> Uma sociedade que sonha com ir se tornando, no desenvolvimento de seu processo, uma sociedade de trabalhadores, não pode deixar de ter, no trabalho livre, na produção do socialmente útil, uma fonte fundamental de formação do homem novo e da mulher nova, coincidentes com tal sociedade (2011, p. 108).

O objetivo era incutir nos jovens a ideia de trabalhar estudando e estudar trabalhando, enquanto práxis formativa. Isso, segundo Freire ia muito além das formações para o capitalismo realizadas nos centros de aprendizagem industrial, cuja base é preparar operários para vender sua força de trabalho ao capital.

A proposta educacional do Comissariado de Educação, do governo revolucionário, era construir uma sociedade sem exploradores e explorados, para tanto era preciso eliminar a contradição entre trabalho manual e trabalho intelectual e possibilitar o autofinanciamento gradativo da educação.

Segundo Freire, a juventude "deveria ser desafiada (e não ameaçada) a assumir o seu papel no esforço da reconstrução nacional". Destacou que no diálogo com os jovens do liceu, o Comissariado tinha clareza da resistência, de que apenas um pequeno número aceitaria "o convite e se entregaria às primeiras experiências de trabalho produtivo", mas, esse grupo, aliado ao "permanente trabalho político, jamais descurado, iria comunicando-se aos demais" (2011, p. 109), levando o projeto educacional e social à frente.

Sobre tal experiência, Freire registrou no ano de 1977:

> Hoje, oitocentos jovens deste liceu, organizados em comitês de que o responsável ou a responsável se elege entre eles, se acham engajados numa ou noutra forma de trabalho produtivo. Diariamente, manhã cedo, durante o tempo de minha última visita ao país, via-os em grupos, disciplinados e felizes, cortando as ruas de sua cidade, em direção ora ao campo do Hospital Simeão Mendes, a 25 minutos a pé do liceu, ora a um outro campo agrícola, numa área urbana de Bissau, bastante mais longe que o do hospital (2011, p. 109-10).

Na leitura de Freire, esse fato foi algo novo que não passou despercebido à cidade, era de fato, uma nova prática educativa. Pouco a pouco, a juventude foi deixando de "'consumir' letras, de memorizar a geografia e a história da metrópole para ir tendo, no trabalho, a fonte de seu estudo" (2011, p. 110).

Enfatizamos que no registro dessa experiência, Freire evidenciou que a articulação entre trabalho produtivo, de caráter coletivo, e a educação, possibilitam a "educandos e educadores

uma visão distinta de sua formação em comum", pois, as escolas estão inseridas nas comunidades, "como algo que delas emerge, que está com elas e não 'fora' delas ou 'acima' delas, como algo a serviço da comunidade nacional" (2011, p. 111).

Não temos dúvidas de que as experiências de Freire em Guiné Bissau e em toda África têm muito a nos ensinar. Está aí um desafio para nós educadores, retomarmos as leituras dos textos africanos de Freire, para fortalecer nossos ações e embates do presente.

Nós que conhecemos Paulo Freire sabemos que a alfabetização de adultos foi sempre central nos seus escritos e falas. Ele sempre considerou a alfabetização e a pós-alfabetização de adultos como ação cultural, buscando desenvolver nos educandos esforços de "'leitura' e de 'releitura' da realidade, no processo de sua transformação" (2011, p. 112). Mas essa análise vai ficar para o texto seguinte.

11 de junho
Alexandre Luiz Polizel

Parece-nos confuso pensar que nem sempre é necessária consciência entre leitura crítica da realidade e o aprendizado da leitura. Talvez, seja por que Paulo Freire nos dá um outro olhar para a educação e para a alfabetização. Para compreender este processo de alfabetização, que freire nos coloca, que está para além da aprendizagem da leitura, em sentido literário, podemos voltar nossos olhares as imersões realizadas em Senegal.

Freire demarca a ação de sua perspectiva no processo de alfabetização em Sedengal. Neste espaço constituíram-se círculos de cultura, que iniciam-se sob iniciativa de gestão governamental. Processo que é importante para a população de Sedengal e também a Comissão Coordenadora, visto as potencialidades na produção dos círculos e na análise de movimentações negativas e positivas no processo de alfabetização deste coletivo.

Vê-se que os círculos de cultura são instaurados e, ganham dinâmica própria nos movimentos reflexivos do círculo de cultura formado. O próprio círculo guia-se pelos caminhos de seus "interesses", necessidades e (re)conhecimentos. A alfabetização neste sentido não envolve aprendizagem de leitura literária, ela envolve o engajamento de uma comunidade, durante algum tempo, que envolve-se em uma prática reflexiva, produz temáticas geradoras. Estas temáticas geradoras são sempre uma problemática, visto que estas colocam o diálogo em funcionamento e circulação. É uma prática coletiva, que pode produzir temáticas outras.

A problemática da comunidade é então o que é aprendida a ser lida, que cria uma contextualização, um espaço, uma dialogicidade. A alfabetização neste sentido verte-se em uma (re)leitura, e esta leitura é a leitura crítica da realidade, que envolve uma forma de ação sobre ela – uma leitura de seus signos, sentidos e significados. Assim, a leitura e escrita volta-se a um processo de organização, em um processo de inscrição de mundo, de registro, de narrativa, entre outros tipos de ação. Os processo de (re)leitura e (re) escrita do mundo neste sentido não são apenas leituras e escritas das palavras, mas sim práticas culturais.

A experiência da alfabetização neste sentido é vista como ações culturais. Nem todos os espaços conseguem os objetivos iniciais de um círculo de cultura, mas outros objetivos podem surgir no percurso, em um processo dialógico. Grupos se articulam em Brigadas, Comitês de partidos, Coletivos independentes e, nesta articulação organizam-se os círculos de cultura. Os

círculos extendem-se em projetos maiores, incitam outros círculos formarem-se e, neste tocante ganham aprofundamento. Mesmo em agrupamentos fisicamente separados, estes encontram-se articulados na tarefa de transformação de sua realidade.

É destacado que a população de Sedengal tem uma característica, que é acentuada com os círculos, que é seu entusiamos, uma certa alegria de viver e, esta alegria estende-se a uma carga coletiva. Surpresas, engajamentos da população e redes de interesse se extendem em uma prática de trabalho comum. A alfabetização neste sentido verte-se para além de leitura e escrita, volta-se a uniões de signos e significações.

Pontua-se que em determinados lugares existe a prática de bilinguismo e trilinguismo em Sedengal e, o dinamismo dos círculos de cultura se acentuam mesmo as suas dificuldades. É pontuado que nestes espaços o interesse do português diminuirá neste espaço, mais e mais, todavia isto não é um desastre, mas sim outros rumos que dão-se pelo coletivo, de modo que a ação cultural volta-se a tomar outros rumos, outros caminhos, outros interesses e outras transformações da realidade. Neste sentido sim, existe uma conexão indissociável entre leitura de mundo e consciência crítica – a alfabetização como uma prática cultural.

12 de junho
Hassan Marra Jorge
Bruna Carvalho Nascimento

O texto aqui analisado, foi escrito por Paulo Freire entre os anos de 1976 e 1977, registrando em suas linhas o primeiro ano de trabalho do autor para a construção de uma modelo de alfabetização de adultos em Guiné-Bissau. Ele baseia sua escrita em cartas trocadas com a Comissão Coordenadora dos trabalhos de alfabetização do país africano. Durante todo o livro, é destaque o espírito de colaboração entre o récem criado país, que deixou de ser colônia portuguesa no ano de 1974. Através de suas palavras, o leitor é convidado a olhar uma África histórica e socialmente muito parecida com a do história do Brasil.

Em suas primeiras linhas, existe um diálogo entre Freire e o guineense Júlio de Carvalho em que é evidenciado ao leitor, a realidade de uma sociedade agrícola, em que a maior parte da mão de obra atuava no campo. Salienta ainda, que algumas unidades industriais começam a surgir no país; todavia, essas indústrias ainda são dependentes do meio agrícola, como ocorrem com as indústrias de açúcar. O estudioso da Guine-Bissau informa em sua carta, que naquele momento está em fase inicial um processo para criação de uma cooperativa de produção, executando-a como um projeto piloto. Esse projeto conta como foco a união entre produção e educação, trabalho e estudo. Visa-se portanto, a capacitação dos alfabetizandos quanto ao estudo e também sua relação com a terra, sua capacitação para o trabalho agrícola, a plantação, a colheita. Essa cooperação entre educação e agricultura se fez possível pela colaboração entre a Comissão de Agrícultura e a Comissão de Educação – instituições equivalentes ao Ministério da Educação e Ministério da Agricultura no Brasil.

Paulo Freire identifica, pois, a necessidade da criação de um Caderno do Alfabetizando, possibilitando uma maior facilidade na assimilação do processo de ensino/aprendizagem/alfabetização. Salienta o autor sobre o caderno, que o mesmo não se compara às cartilhas alfabetizadoras tão críticadas por ele. Essa ferramenta proposta por Paulo Freire conta com três objetivos

principais relacionados entre si. Primeiramente, objetiva-se fazer do caderno um auxílio aos alfabetizandos, proporcionando-lhes assim maior segurança no processo ensino/aprendizagem, de forma a estimular a criatividade do aluno. Transformar a transição para o pós-alfabetização em algo rápido, prático e fácil. E por fim, auxiliar o docente (chamado por Paulo Freire de "animadores") em suas tarefas político-pedagógicas.

O trabalho com o "Caderno do Alfabetizando" ocorre em dois momentos distintos. Inicialmente, ele atua proporcionando aos estudantes as primeiras experiências de aprendizagem, trabalhando escrita e leitura por meio de signos linguísticos. Simultaneamente a este momento, ocorre a "leitura" e "re-leitura" da realidade e suas codificações. Deve-se neste momento, atuar para que o alfabetizando descodifique a codificação referente à palavra geradora, dando maior enfâse à expressão oral dos alunos e uma análise crítica de toda situaçã codificada. Esta primeira parte do caderno conta com as vinte palavras geradoras associadas às suas respectivas codificações. Todavia, elas não são estudadas simultaneamente, ao contrário, elas são compreendidas em agrupamentos.

Da primeira à nona expressão não existe nada mais que a codificação da palavra em si e sua decomposição em sílabas. Na sequência, existem duas folhas em branco – pautadas – convidando assim o aluno a utilizar sua criatividade escrevendo ali outras palavras formadas a partir das combinações silábicas das expressões iniciais. Também é sugerido a criação de pequenas sentenças e textos, resgurdado sempre a individualidade e o tempo de cada aluno. Este momento, ressalta Paulo Freire, é onde a alfabetização ganha uma perspectiva revolucionária, onde os alfabetizandos compreendem que também são sujeitos.

Entre a nona e décima palavra, o autor propõe a inserção daquilo que ele chama de "primeiro livro". Não é um livro propriamente dito, mas um pequeno texto, onde é possível, escrito de maneira clara, simples e direta. As palavras utilizadas neste texto devem ser oriundas de formações feitas através das sílabas das nove palavras estudadas anteriormente, não devendo ser estranhas ao mundo onde o estudante está inserido. Avalia Paulo Freire, que este pequeno texto não está inserido no caderno ao mero acaso, mas sim de forma ordenada. Ele também é codificado, e como tal deve ser explorado. Os alfabetizandos devem fazer uma leitura crítica do texto, de maneira a descodificá-lo, compreendendo-o e transpassando sua estrutura supercial. Até a leitura deste texto, os alunos estarão em sua maioria descodificando a realidade por meio de fotos e desenhos, todavia, agora os mesmos irão inserir a leitura como forma de descodificação da realidade.

Repete-se entre a décida e décima quarta palavra o procedimento adotado diante da primeira à nona palavra. Os alunos codificarão as palavras geradoras, decodificação destas palavras, separação sílabica das mesmas, duas folhas em branco e pautadas por meio do qual os discentes irão conhecer e criar novas palavras por meio das sílabas das palavras compreendidas anteriormente. Diferentemente do momento anterior, neste o alfabetizando será instigado a escrever também pequenos textos. Entre a décima quarta e décima quinta palavra se encontra o "segundo livro", um pequeno texto, porém, maior que o analisado entre a nona e décima palavra. Este texto deve ser abordado da mesma forma, descodificando-o e realizando junto dos alunos uma leitura crítica do mesmo.

Neste momento, Freire propõe que os alunos, já em posse do conhecimento de quartorze palavras geradoras e daquelas aprendidas utilizando-se da decomposição sílabica das mesmas, realizem diversas atividades de leitura, escrita e compreensão dos mais diversos textos do seu

cotidiano. Ele propõe ao animador (docente), que se trabalhe com textos de jornais, ou ainda com aqueles encontrados em propagandas espalhadas em muros pela cidade. Projeta também a parceria entre o Círculo Cultural (responsável pela alfabetização dos adultos na Guiné-Bissau) com um jornal local, onde os alunos poderiam escrevem seus avanços, suas dificuldades, os projetos que são trabalhados dentro da sala de aula de maneira formal e informal. O autor salienta, que essa didática possibilitaria ao educando não somente uma fonte a mais de leitura, mas também os alunos falariam de suas experiências por meio do jornal, possibilitando que estes tornem-se sujeitos de sua própria história.

13 de junho
Cristiele Aline Kuhn Terhorst

Compreender o mundo não é simples, mas é coisa possível. Quando a pessoa se empodera da capacidade da leitura (não só escrita, mas também da compreensão do contexto onde vive), ela não só apreende a realidade: passa a interagir nela.

O método criado pelo professor Paulo Freire e aplicado nos Círculos de Cultura (lugar e momento de encontro para a aprendizagem) leva em conta a "palavra geradora". A mesma é uma manifestação verbal escrita escolhida a partir das experiências vividas pelos educandos e educandas, tendo significado para ambos.

A alfabetização da decodificação da escrita (possuindo como apoio o Primeiro Caderno de Educação Popular) é explicada como "[...] ato de conhecimento" (que) teve simultaneamente a intenção de "intensificar" o estímulo à expressividade oral e escrita dos educandos" (FREIRE, 1977; p.86). Portanto, a escrita e a oralidade são processos que acontecem concomitantemente.

Ao partilhar suas idéias, o educando alfabetizado na grafia torna-se senhor de seus pensamentos, e interagindo na sociedade, crítico da realidade. Então, faz-se necessária uma sequência de estudos pós-alfabetização, quando o papel do educador/animador continua fundamental para instigar maior aprofundamento dos assuntos em questão.

Os professores estagiários são considerados muito importantes no processo educativo, pois também atuam como mediadores do saber trazido da comunidade à escola, aproveitando situações do cotidiano para despertar a indispensabilidade do diálogo reflexivo.

Valorizar os detentores da memória coletiva, ou seja, as pessoas locais com a experiência e recordações populares é um meio de conhecer a história contada pelo próprio povo, sem manipulações e sem intervenção da classe dominante. Uma das técnicas para resguardar essas memórias são as gravações de diálogos.

Assim, Amilcar Cabral, agrônomo e político, que viveu de 1924 até 1973, lutando contra o colonialismo português na Guiné Bissau e em Cabo Verde, teve suas convicções publicadas no Caderno de Educação Popular, através de textos para estudos e discussões. Foi assassinado em prol da luta pela independência, considerado posteriormente uma "presença" para o povo, pois vive através de seu legado, e não um "mito" cultuado.

O desejo da luta pela reconstrução nacional, exercido pelos "trabalhadores, camponeses e urbanos, das mulheres e da juventude" (FREIRE, 1977; p.86) cresce a medida que o conhecimento sobre a história do lugar onde vivem é construído. É preciso conhecer, ler o contexto, para modificá-lo e, logo, tornar-se cidadão atuante nos vários segmentos da sociedade.

14 de junho
Camila Wolpato Loureiro
Daniel Scheren da Cruz

No dia 26 de janeiro de 1975, Paulo Freire encaminhou a primeira carta de contato ao então ministro da Educação e Cultura da República da Guiné-Bissau, Mário Cabral. Autor de influência internacional, após importantes passagens por países como Chile, Bolívia, Estados Unidos da América, foi na Suíça onde Freire - durante sua passagem pelo Departamento de Educação Mundial das Igrejas, do Conselho Mundial de Igrejas – pode contribuir para o processo de emancipação pela palavra de populações na África. Educador comprometido com a quebra com situações de opressões, Freire se percebeu enquanto homem proveniente de um país periférico no capitalismo mundial. Assim, em coerência com uma perspectiva político-pedagógica libertadora, Freire entende a alfabetização de adultos distante de um ato mecânico de memorização e repetição, o que chama de "falso ato de conhecer".

Freire enaltece a busca incessante da conquista do poder da sua palavra por parte de líderes da Guiné-Bissau, ainda que não tenha sido desenvolvido naquele contexto, entendemos que o conceito de "Dizer a sua palavra" expressa tal admiração com o povo guineense. O "Dizer a sua palavra" implica no processo libertador de pensamento fora das amarras da colonização e da colonialidade[16] e mais do que isso, é a própria enunciação da sua compreensão de mundo, do seu mundo e da sua forma de expressão. É relevante sublinhar a clareza da compreensão freireana[17] acerca da importância da palavra para a (re) construção de um país pós-colonial[18]. O autor dá o tom da conversa com Mário Cabral, quando aponta que a alfabetização de adultos vai para além de uma dimensão educacional, engloba aspectos políticos, econômicos, sociais, culturais de um projeto de futuro de pais.

Em coerência com a opção político-pedagógica, que entende o processo de ensino-aprendizagem como uma conexão contínua e nunca finda. Paulo Freire se propõe a ir à Guiné-Bissau - junto a sua equipe do Instituto de Ação Cultural –, em uma ação curiosa e humilde, de aprendizado com as populações analfabetas da palavra escrita, mas intelectuais de experiências de vida. Em sua visita, Freire deixa clara a necessidade de perceber o contexto de cada realidade onde serão implementadas as propostas educacionais. Atentando para o cuidado de não transportar mecanicamente formas de fazer, de experiências já realizadas em outras localidades, sem uma reflexão e reinterpretação conforme o grupo e localidade da prática educativa.

[16]Tais conceitos, ainda em disputa, não são consenso dentro da bibliografia da área. Contudo, a fim de didatizá-los, podemos entender a colonização os processos históricos de subjugação de civilizações na América, África e Ásia, impetradas por colonizadores europeus em um projeto de modernidade civilizatória. Já a colonialidade pode ser entendida como a introjeção de modos de poder, ser, saber que estão imbricados na forma de construção das sociedades colonizadas, permanecendo mesmo após os processos de independências e libertações nacionais.

[17]Percebemos que o campo teórico que dialoga com a bibliografia de Freire, utiliza duas grafias: freirianos (as) e freirenos (as). Nenhuma está incorreta, uma vez que a primeira está dentro da norma culta da língua portuguesa e a segunda respeita a referência a autoria intelectual de Freire. Assim, a partir de uma escolha de coerência com nossa trajetória formativa e com o que aponta Ana Maria Araújo Freire, optaremos por usar freireanos (as).

[18]Referimo-nos aqui ao processo de quebra do jugo colonial e busca de avançar com pautas político, econômicas e sociais de emancipação promovidas por grande parte dos países das lutas de libertação nacional. Ainda que tenha certo diálogo, é preciso discriminar tal perspectiva com a teoria crítica pós-colonial, que em um viés intelectual, propõe a ressignificação de formas de conhecer e da produção do conhecimento atrelada ao passado colonial.

Por fim, Freire chama a atenção mais uma vez para o caráter político da ação educacional, em especial para a alfabetização de adultos. Demanda a urgência de clareza por parte dos educadores e educadoras do projeto político-pedagógico a qual engajarão a sua prática. Somente com a convergência entre opção política e prática, será possível o desenvolvimento de um novo sistema educacional, que transforme radicalmente a educação deixada pelo colonialismo.

15 de junho
Yago Felipe Campelo de Lima

Pensar nas contribuições teóricas, pedagógicas e humanas de Paulo Freire aos nossos irmãos e ao sistema educacional da Guiné-Bissau, pós sua independência do colonizador português, é pensar em uma experiência histórica em processo. Processo, pois como tudo que é histórico é inconcluso, está em seu eterno constituir-se, processo, pois trata-se de um *que-fazer* para a elaboração de um programa de alfabetização de um povo majoritariamente desconhecedor das letras, portanto, analfabetos, mas, extremamente alfabetizado do ponto de vista político, para usarmos as palavras de Amílcar Cabral, que acabara de tornar-se independente de Portugal.

É importante constatar nesse processo de contribuições pedagógicas à Guiné-Bissau, que Paulo Freire compreendia e recebia com gentileza esse dado, essa informação, pois a menciona na primeira parte do livro, bem como, na carta que envia a Mario Cabral em 28/07/1975. Há em Paulo Freire uma sensibilidade que extrapola a visão mecanicista da história e dos processos, que geralmente desemboca nos sectarismos da vida, no que tange as experiências históricas. Freire compreende que não é possível homens e mulheres, com paixões, sonhos, representações e dilemas diversos, portarem-se da mesma maneira, seguindo "*modelos prontos e empacotados*", comprados para o "*êxito educacional*" nos mais variados espaços, abortando os contextos sociais nos quais se encontram e, dos quais são sujeitos e produtos.

É partindo da compreensão da *alteridade* e da *empatia* para com um povo secularmente explorado e negado em suas múltiplas identidades, que categoricamente o Patrono nos lança sua convicção histórica de que *"as experiências não se transplantam, se reinventam"*, compreendendo que as vivências pedagógicas logo históricas, das quais vivenciou no Brasil e na América Latina não poderiam simplesmente ser transportadas automaticamente para Guiné-Bissau. Daí seu profundo respeito as singularidades do povo guineense e a sua aproximação como um ato de comprometimento com a cultura daquele lugar que busca, não só apreender, mas, compreender em suas múltiplas complexidades.

Nesse processo em contínua (re)significação, Paulo Freire destaca ainda o papel da cultura na luta permanente de libertação daquele povo, de um passado marcado pelas faltas, pela dominação, pela espoliação, daí perceber esses atos de rotina pedagógica como um ato eminente e puramente político para a reconstrução daquele povo, daquela nação, que efetivamente buscava/busca a retomada e a (re)construção de uma identidade ou, de identidades anuladas historicamente e, de um futuro no qual pudessem nele se verem como sujeitos históricos, identificando-se, dizendo e anunciando tempos outros.

Por isso, nos chama também a atenção para o caminho a ser trilhado e construído por meio da luta pedagógica diária em direção a esse fim: o da liberdade efetiva do povo guineense, destacando os métodos e as ideologias condutoras do processo. E, acima de tudo, sonha um dia

em ver por meio da educação e, de uma *Pedagogia* própria para *o Oprimido* e por meio de uma *Pedagogia* da *Esperança*, um país livre, autônomo, soberano e substancialmente democrático em contraponto ao passado rude, autoritário e antidemocrático que é parte indissociável da formação do povo da Guiné-Bissau. É a *esperança*, como categoria ontológica do ser, que lhe move na crença de uma pátria educada e educadora, a pátria: guineense, que liberta de suas correntes históricas construirão um outro futuro, a partir desse agora consciente.

PAUSA PEDAGÓGICA
(anote as aprendizagens, ideias, dúvidas e ações que o texto proporcionou até aqui).

16 de junho
Yago Felipe Campelo de Lima

Na carta ao Comissariado do Estado para a Educação, Mário Cabral, em agosto de 1975, Paulo Freire ao povo da Guiné-Bissau prestando suas contribuições pedagógicas, destaca apenas o quanto foi profícuo e fundamental o encontro em Genebra, na Suíça, com o camarada Teobaldo que foi ao referido encontro substituindo a companheira Edna, que pela carta de julho, era quem deveria ir até a Suíça para estabelecer diálogos com a equipe.

Impressiona a Paulo Freire a segurança com a qual, o companheiro Teobaldo respondia as inquietações da equipe de Genebra, em torno das diversas questões do povo da Guiné-Bissau, o que segundo o próprio Freire, contribuiu significativamente para a preparação da visita que

fariam em setembro a Guiné para espiar a terra, aprender dela e com ela, para a elaboração da grande e desafiadora empreitada educacional que se lhes tinham pela frente.

Sem mais delongas, termina a carta com um: "fraternalmente, Paulo Freire". É uma carta muito curta, assim como esse texto.

17 de junho
Yago Felipe Campelo de Lima

Essa é mais uma carta de Paulo Freire e da equipe de Genebra ao camarada, como o Patrono assim chamava, Mário Cabral. Essa carta tem um caráter mais burocrático do que pedagógico, embora não menos bonita, mais técnico, pois trata-se de uma conversa em torno dos financiamentos por parte do Governo para a obra de alfabetização do povo guineense. Para Paulo Freire, era de suma importância que Mário Cabral estivesse a par de todo o processo desse grande *que-fazer* educacional-político, daí as tantas cartas como forma de respeito ao camarada.

Freire questiona mais uma vez o Comissário, que segundo o autor anda: "*com o ritmo tão intenso de trabalho*", se ele já tinha conseguido instaurar a Comissão Nacional, que discutiria com ele mesmo a política geral da campanha de alfabetização. Freire diz, porém, já intimando, que seria excelente se na próxima visita que fariam à Guiné-Bissau, em fevereiro de 1976, essa Comissão já estivesse montada, instaurada, para com ela se reunir e debater os rumos do processo educacional.

Tornam-se bonitas as últimas palavras de Paulo Freire na carta: "*meu caro amigo, perdoe-me por estas insistências. Elas são feitas pelo desejo de servir*." É perceptível nestas poucas palavras, um homem que não quer ser inconveniente, por meio dessas insistências, que são necessárias, mas também, encontramos nesta carta um homem altamente engajado em um processo de reconstrução por meio da educação de um povo e de uma pátria que não são os seus. Encontramos um educador na ânsia pelas transformações que crer e carrega consigo, na *esperança* de poder contribuir da melhor maneira possível para a mudança radical daquela gente, daquele povo, daquela nação a qual agora, prestava seus esforços humanos, teóricos, pedagógicos, permeados pela empatia e alteridade, características de Paulo Freire.

18 de junho
Maria José Brandão Ramos

Ter lido Cartas à Guiné-Bissau foi para mim, uma das melhores leituras. Um passeio maravilhoso que fiz no pensamento e na experiência singular do grande brasileiro Paulo Freire. Desde a introdução até a última página foi um percurso pelo conhecimento da teoria aplicada à prática de uma pedagogia de excelência. Ensinar como inserir os conhecimentos científicos de uma alfabetização de adultos no contexto real desses educandos, da forma como ele ensina, é de uma competência sem nenhuma restrição. Trabalhar as famílias silábicas é fácil, mas contribuir para que os adultos analfabetos ou em processo de alfabetização compreendam a importância do aprender a conhecer e a fazer, num contexto de uma prática social de um povo libertado das

amarras da colonização, é uma ação que exige conhecimento, competência, paciência e perseverança. Nisto Paulo Freire é mestre.

Em sua primeira carta à equipe de Guiné-Bissau, ele escreve dando as orientações teóricas sobre as palavras geradoras, a alfabetização e a pós-alfabetização, a codificação e a descodificação, e a prática social da leitura e da escrita. Importante é compreender que esse estudo realizado nos Círculos de Cultura era de muita responsabilidade e carregava uma carga ideológica de vontade de mudar uma situação social de um povo sofrido que precisava se sentir sujeito construtor da sua própria história.

Paulo Freire sugere que a experiência seja realizada também numa área popular de Bissau com alfabetizandos civis e não apenas no interior das Forças Armadas Revolucionárias do Povo (FARP). Por quê? Ele acha que assim é possível fazer uma comparação dos resultados das aprendizagens, para saber que grupo aprende mais rápido ou mais lento. Contudo, isso não deve ser verificado somente na aprendizagem da leitura e da escrita, mas também no conteúdo das suas falas, analisando os níveis de compreensão crítica da sua realidade local e nacional. Essa experiência alfabetizatória não se faz apenas num contexto taxionômico, mas também num processo sociocultural conscientizador, preocupação que parte do momento da seleção das palavras geradoras.

Esse Programa de Alfabetização de Adultos é constituído de dezessete palavras geradoras. Essas palavras, ao serem selecionadas, o são não somente pela sua riqueza sociológica e política, mas também pela sua estrutura fonética. Neste sentido, Paulo Freire considera dois tipos de estrutura: a estrutura de superfície e a estrutura profunda, ambas numa relação dinâmica. E aponta também a codificação e a descodificação. Explica que, "de acordo com o canal de comunicação a ser usado, a codificação pode ser: visual, auditiva, tátil, audiovisual. A visual, por sua vez, pode ser: pictórica, gráfica e mímica"(FREIRE, 1978, p.101). Mostra ainda, que "a codificação pode ser simples e complexa, conforme se usa um só canal ou mais de um simultaneamente" (FREIRE, 1978, p.102).

No 'diálogo' com Freire é possível entender a diferença entre uma estrutura e outra da codificação. Basta verificar a leitura gramatical de um texto e a sua leitura sintática. Na leitura gramatical de um texto faz-se a divisão dele em partes e classifica-as. Aí se tem um comportamento taxionômico, isto é, classificam-se as palavras do texto: é a estrutura de superfície. A estrutura profunda não é visível; ela aparece na descodificação. Quando se faz a leitura sintática "a classificação não é das palavras em si, mas das funções que existem entre elas na estrutura geral do contexto que expressa um pensamento estruturado" (FREIRE, 1978, p.104): é a estrutura profunda.

Tanto a estrutura de superfície quanto a estrutura profunda exige conhecimento teórico da língua e da história; da geografia, da matemática, e de outros componentes curriculares. O educador precisa orientar os educandos tanto no sentido taxionômico da codificação quanto no sentido histórico e social em que se vive. E nesse período da alfabetização o aluno deve conscientizar-se do conhecimento puramente gramatical do texto e das relações e das funções dos termos entre si. Este aluno que está saindo da alfabetização está entrando no processo da pós-alfabetização. Para Freire, a pós-alfabetização não fica distante da alfabetização; elas se completam. Não existe um período de transição entre uma e outra e sim uma continuidade enquanto ato de conhecimento também. Elas se emendam e continua o processo de aprendizagem.

Freire deixa bem claro para a equipe de Bissau que na pós-alfabetização a leitura da realidade social continua, mas de uma forma mais aprofundada, já entrando na especialização do saber fazer técnico, somando ao domínio maior da linguagem para uma melhor prática econômica e social. Enfatiza a impossibilidade de separar a prática da teoria e que é necessário ajudar os educandos a superar a dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual. Ao aprender ler e escrever o aluno também compreende a leitura da realidade, através da análise correta da prática social.

O que se aprende com Paulo Freire a respeito da codificação e descodificação do texto na alfabetização e na pós-alfabetização?

Para trabalhar a alfabetização e a pós-alfabetização, a codificação e a descodificação são dois momentos que exigem conhecimento tanto do educador quanto de educando. Para o educador é posta a verdade que ele deve ter conhecimento da estrutura de superfície e da estrutura profunda do texto. Que deve saber compartilhar com o educando a leitura puramente gramatical do texto e a sua leitura social e econômica; sua história, sua geografia, a matemática e os outros componentes curriculares que fazem todo o contexto necessário ao aprendizado de uma vida cidadã.

19 de junho
Pedra Emanuely Pereira da Silva Carneiro

> "Todas às vezes em que tenho discutido o problema da alfabetização de adultos tenho sublinhado que, numa perspectiva libertadora, ela há de ser sempre um ato criador, em que o conhecimento livresco cede seu lugar a uma forma de conhecimento que provém da reflexão crítica sobre uma prática concreta de trabalho".

O método Paulo Freire de alfabetização, aplicado há mais de 50 anos (1963) aqui no Brasil, foi inicialmente testado em Angico, Rio Grande do Norte. Estimulando entre os adultos a alfabetização baseada nas suas experiências de vida, de fácil compreensão do cotidiano dos mesmos.

Alfabetizar deve ir além da decodificação dos códigos linguísticos, pois não basta apenas saber ler e escrever, mas compreender a mensagem que se quer passar, para que seja utilizada no seu contexto social, político e na vida cotidiana. FREIRE 1992.11-12

> A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE 1992.11-12)

Ao mediarmos à alfabetização enquanto professores, devemos basear-nos nas experiências de vida das pessoas. Com frases que façam sentido e que sejam utilizadas com frequência nos círculos de conversas entre amigos, família e grupos da sociedade. Nessa perspectiva deve-se ficar claro que não há conhecimento pronto e acabado. Tudo em nossa volta está sempre em constante mutação.

As experiências que obtemos ao longo dos anos com fatos por nós vivenciados, vêm desmitificar a tese de que alguém está completamente pronto para ensinar e alguém está totalmente pronto para receber conhecimento, sendo usado como um depósito por alguém opressor. O método freiriano trás consigo um caráter político, libertador e conscientizador, o que o diferencia dos demais. Pois o conhecimento é poder e o conhecimento é libertador.

E todo esse contexto nos trás uma reflexão, uma busca por um significado social e uma superação de entendimento arcaico para visão crítica de mundo. E é elementar que a prática se defina a partir de conhecimentos minuciosos, da realidade em que se insere. E no que tange o processo de ensino-aprendizagem, esse conhecimento abraça carinhosamente o adulto em processo de alfabetização.

O ponto de partida é tornamos consciente de que os adultos já possuem um "saber" extremamente complexo das experiências de vida, que cada um foi moldado ao longo dos anos. Entretanto, é importante que a educação concilie a formação da individualidade, a constituição dos alunos adultos como "sujeitos", com a integração das perspectivas históricas e sociais que formam o sistema político e cultural em que se inserem. A liberdade do aluno obtida pela aquisição do conhecimento é o único princípio básico da construção da educação.

20 de junho
Fernanda dos Santos Paulo

É no livro Cartas à Guiné-Bissau (FREIRE, 1978), que localizamos o sentido de prática, para Freire, na relação entre reflexão, politicidade e conscientização. Ele afirma que, a politicidade é necessária à atividade educativa cuja "Clareza política, acrescente-se, com relação ao para que, ao como e ao em favor de quem se faz a própria política" (p.112) é imprescindível.

Esclarece que a prática em busca da concretização tem a ver com um significado de política, o qual requer "a sua participação criticamente consciente na reconstrução de sua sociedade, em que as palavras de ordem, necessárias, jamais, porém, se transformam em puros "slogans"". (FREIRE, 1978, p. 113).

Desde modo, a prática educativa, nos pressupostos freirianos, solicita a "coerência entre nossa prática e o projeto da nova sociedade" (FREIRE, 1978, p. 113). Dito isto, um dos princípios básicos da sua proposta educativa é a ética, perpassando pela concepção de ser humano e de mundo.

Na acepção de escola afirma que devemos " evitar o risco de reduzir a organização curricular a um conjunto de procedimentos técnicos de caráter neutro." (FREIRE, 1978, p. 113).

Ou seja, a escolha metodológica para concretizar a tarefa educativa é uma opção política e, para ele, deve sair da dependência colonial, bancária e opressora de conceber educação. O autor finaliza essa seção colocando a necessária e importante tarefa de lutar por uma educação que não separe teria da prática e que esteja empenhada por ações revolucionárias.

21 de junho
Adriana da Silva Lopes

> "E na escola como Centro Democrático desaparece, de um lado, o professor que transmite autoritariamente um saber seleto; de outro, o aluno passivo, que recebe o saber transferido." (FREIRE, 1978, p. 116)

Nos idos anos de 1980, meu pai, que é eletricista de manutenção industrial, teve uma experiência linda de troca de saberes. Ele trabalhava no setor de elétrica (Instalação Industrial/Confecção de suportes de ferro para tubulação de força de 380 volts) no Laboratório Roche. Sob sua responsabilidade e tutoria havia um jovem ajudante surdo muito prestativo. Inicialmente a comunicação entre eles foi muito difícil. Em meio a muitas tentativas de comunicação, meu pai descobriu por meio de recados escritos que o jovem ajudante além de ser alfabetizado, possuía ainda conhecimentos de serralheria. Assim, estabeleceu-se entre eles não só uma comunicação e confiança mútua, mas a troca de saberes; de elétrica por parte do meu pai e de serralheria por parte do ajudante, que resultou na construção perfeita de suportes e tubulações industriais em conformidade com o projeto de engenharia da empresa.

Paulo Freire, em sua metodologia de alfabetização fazia o movimento de trazer elementos do cotidiano das pessoas para que elas construíssem conhecimentos significativos. Me vali deste mesmo movimento agora para que você educador/educadora perceba que se em relações comuns de trabalho não há a transmissão autoritária de saber, mas em vez disso uma troca democrática de saberes, na escola este mesmo movimento pode e deve acontecer.

Embora o discurso de gestão democrática da escola seja algo muito presente em nossos dias, ainda que estejamos sempre repetindo a máxima de Paulo Freire do *professor que, ao ensinar, aprende e o aluno que, ao aprender, ensina*, percebo que ainda que em muitos casos, não nos apropriamos verdadeiramente desta condição fundamental no processo ensino-aprendizagem.

Hoje, uma vez mais aprendo com Paulo Freire que a escola como Centro Democrático estimula a aprendizagem numa via de mão dupla. Ao terminar o relato de sua experiência de ensino-aprendizagem, meu pai me ensinou e bem traduziu o que Paulo Freire discursava e vivia: "*Quando você transmite conhecimento, você transmite luz e esta luz se reflete de volta em você. Isso nos leva a fazer um movimento interno de questionamento e de busca, o que acaba estimulando o trabalho e o aprendizado em conjunto." (Itamar, 71 anos, Eletricista Industrial aposentado).*

22 de junho
Alexandre Luiz Polizel

Ao pensar no processo de alfabetização, não tem-se dúvida sob os esforços do alfabetizador e a possibilidade do insucesso em sua prática. Esta discussão leva-se a pensar e multiplicar as indagações sobre como evitar o processo de insucesso. Paulo Freire nos faz pensar por outros caminhos, ao invés de se perguntar como, eles nos pergunta "para que e para quem estamos alfabetizando? ". Neste sentido, Freire desloca o sentido da alfabetização e das técnicas, assim, Freire não volta-se a metodologias fechadas do processo de alfabetizar, mas sim em metodologias "geradoras" de potencialidades.

Neste sentido Paulo Freire pontua sobre sua participação, ao mesmo tempo que analisa criticamente, na campanha de alfabetização de adultos na Guiné-Bissau. Reconhece-se este processo como de amplitude nacional, mas pontua-se: "por onde devemos começar? ". O apreço volta-se aos espaços em "transformação", espaços que precisam ser instigados a gerar mudanças e transformações de suas realidades, seus ambientes, seus saberes e coletividades. Neste sentido, as "palavras" geradoras podem ter evidenciadas nestes espaços, nas narrativas destes coletivos

culturais, e, cada palavra pode proporcionar potencialidades de analises e pedagogias em âmbito local, regional, nacional, continental e até mesmo universal.

Paulo Freire vê riquezas nas palavras geradoras, por que elas multiplicam possibilidades, geram sempre outras – neste sentido, uma equipe interdisciplinar mostra-se interessante, para levantamento e organização de conteúdos programáticos a emergirem no processo educacional.

Um exemplo é a possibilidade de utilização da palavra "arroz" como palavra geradora. Para população de Sedengal, e podemos estender a população de Guiné-Bissau, a palavra arroz apresenta um significado. Ela é atravessada por associações alimentícias, históricas, religiosas, trabalho, produção, técnicas, saberes, contos... Ela tem uma organização histórica e cultural para estas populações e, assim, pode constituir-se em uma temática introdutória. Esta palavra geradora ser introdutória, não significa ela não estar nos campos que sucedem.

Destarte, a palavra arroz como geradora compõe e estende-se a diversos campos de saberes no círculo de cultura: produção do arroz, história do arroz, política do arroz, saúde do arroz, relações técnicas de produção e manejo do arroz, problemas fitopatológicos, visão de diferentes grupos éticos e suas técnicas de trabalho... A palavra arroz se multiplica, gera outros diálogos.

Neste sentido, a utilização de palavras geradoras leva-nos a pensar uma alfabetização como uma pós-alfabetização: ou seja, não importa-se se os sujeitos são alfabetizados ou não. Neste sentido a alfabetização torna-se processo interminável. Paulo Freire observa isto ao compor os círculos de cultura no Recife, onde sujeitos desescolarizados assumiam de problemáticas tão bem quanto jovens universitários. Neste sentido, pensar alfabetização com Paulo Freire é pensar em problemáticas geradoras, dialogicidades e alteridades.

23 de junho
Adriana Colling

Guiné-Bissau é um país do continente africano que até o ano de 1974 era colônia de Portugal, sendo o processo de independência marcado por embates entre colonizadores e colonizados.

Em 1975 Paulo Freire foi convidado pelo presidente guineense Luís de Almeida Cabral para contribuir com a educação do país, colaborando com o Programa Nacional de Alfabetização da Guiné-Bissau, especialmente na alfabetização de jovens e adultos.

Nesta carta, a quarta direcionada à equipe de trabalho, Freire dialoga com Teresa Mônica e tece comentários e reflexões acerca de experiências de alfabetização e pós-alfabetização em curso em Guiné-Bissau e que haviam sido relatadas a ele em correspondência anterior enviada por Teresa Mônica.

Freire considera interessante as ações realizadas em Guiné-Bissau direcionadas à pós-alfabetização e julga positiva a ideia da elaboração de um livro básico a ser utilizado pelos coordenadores. No entanto, chama a atenção para uma passagem da carta em que Teresa Mônica comenta que em cada texto do livro dos coordenadores pretende-se explorar um conteúdo gramatical e científico a nível de 4ª classe e compartilha a preocupação de que a equipe de trabalho influencie-se pela concepção do ensino primário tradicional, em que este é percebido como forma de acesso ao ensino secundário, que por sua vez é visto como introdutório/preparatório para o ensino superior, que ainda não existia no país.

Freire destaca ainda que não é possível pensar a alfabetização e a pós-alfabetização de modo dissociado dos sistemas de ensino, contudo, é importante que os conteúdos da alfabetização e da pós alfabetização não estejam reféns dos diferentes níveis de ensino da escola tradicional. Nesse sentido, Freire defende a necessidade de que o sistema de ensino do país seja reformulado a fim de adequar-se ao novo momento que a Guiné-Bissau estava vivendo.

É possível compreendermos melhor a necessidade de reformulação do sistema de ensino do país a partir de seu passado. Na época em que essa carta foi escrita, a independência de Guiné-Bissau ainda era recente, de modo que a reformulação da educação escolar poderia inclusive ser considerada estratégica para o desenvolvimento do país, já que é possível subentender que nos países colonizados tradicionalmente os sistemas de ensino se estruturam conforme os interesses dos colonizadores. Dentre estes interesses é possível destacar a imposição linguística e cultural do colonizador, em detrimento da língua e cultura dos colonizados[19].

Neste contexto, Freire aponta que o novo sistema educacional constituído a partir da prática social vivenciada naquele momento na Guiné-Bissau não deve ser piramidal tal como o sistema de ensino tradicional, no qual a escolarização encontra-se fragmentada em etapas que seleciona os alunos para encaminhá-los para a etapa posterior.

Freire destaca que o ensino primário não deve ser concebido como dissociado da vida do estudante. Da mesma forma, a educação primária não deve ser percebida como um caminho para atingir um nível superior, ou seja, uma mera preparação para a educação secundária. Freire, citando Nyerere e Dewey, aponta a necessidade de a educação preparar o aluno para a vida, contudo, é necessário considerar que a escola é a própria vida do estudante e não a preparação para uma vida em que o estudante somente ingressará após a conclusão de seus estudos.Freire destaca que conforme Nyerere, a preparação para a vida acontece a partir da compreensão crítica da vida que se vive, de modo que o pensamento pedagógico-político está embasado e imbuído no concreto/real e a atividade educativa está centrada na transformação dessa realidade.

Outro tópico tratado na carta diz respeito à grande quantidade de materiais escritos pelos alfabetizandos e que Teresa Mônica diz não saber qual a melhor forma de utilizar essa produção. Freire sugere que alguns dos textos componham o livro básico destinado aos coordenadores, bem como, incentiva o intercâmbio dos textos entre alfabetizandos de círculos diferentes, a publicação no Nô Pintcha (jornal da Guiné-Bissau) ou a sua utilização em programa de rádio criado para este fim. Freire destaca que valorizar a potencialidade criativa do povo torna-se fundamental em um cenário de reconstrução do país.

Ao tratar da preocupação sobre qual o idioma em que deveria ocorrer a alfabetização em Guiné-Bissau, Freire aponta a língua como uma questão central para um país que encontra-se em processo de libertação, já que esta somente acontecerá de fato quando o povo "conquistar a sua palavra, o direito de dizê-la, de "pronunciar" e de "nomear o mundo" (FREIRE, 1978, p.145).

Neste contexto, o autor aponta que historicamente as nações colonizadoras utilizaram como estratégia de colonização a imposição de sua língua como superior, enquanto que as línguas das nações colonizadas eram consideradas inferiores, inclusive sendo chamadas de dialetos.

[19] Ao ler esta carta é inevitável refletir sobre a escolarização indígena no Brasil, que por muitos séculos visava a aculturação e a assimilação dos indígenas à sociedade nacional, ou seja, a escola visava a imposição do idioma e da cultura portuguesa com a intenção de que os idiomas e as culturas indígenas fossem substituídos pela do colonizador. Esse modelo de escola ainda reverbera na educação escolar indígena atual, no entanto, são crescentes as discussões acerca da construção de escolas indígenas decoloniais.

Da mesma forma, há a valorização da história europeia, de modo que deliberadamente as historiografias dos continentes colonizados iniciam a partir de seu contato com o colonizador, desconsiderando milênios de história desses continentes e de seus povos, ocasionando o que Amílcar Cabral chama de "desafricanização", ou seja, assimilação da cultura e da língua do colonizador, enquanto traços marcantes de sua própria cultura são negados, esquecidos e como consequência, os povos vítimas dessa violência "se negam na negação de sua própria cultura" (FREIRE, 1978, p. 146).

Devido a importância do idioma no processo de libertação de uma sociedade, Freire destaca ser urgente que o creoulo se afirme como língua nacional, bem como, a necessidade de que sejam empreendidos esforços no sentido de que o creoulo, que já possui uma estrutura oral, passe por um trabalho de "regulamentação" como língua escrita, a partir da orientação de linguistas. Essa, para Paulo Freire, constitui-se em uma questão central da luta pela reconstrução da Guiné-Bissau.

Assim como aconteceu com a Guiné-Bissau, o Brasil foi colonizado por Portugal e historicamente, a educação escolar brasileira foi pautada por princípios colonialistas, de valorização da língua portuguesa e dos conhecimentos ocidentais, em detrimento dos conhecimentos, histórias e idiomas dos povos nativos deste território, o que pode ser ilustrado pela necessidade de legislação determinando a obrigatoriedade das escolas públicas trabalharem a historiografia negra e indígena[20], bem como, o quão recente é essa legislação.

Neste sentido, as reflexões que esta carta nos instiga também são importantes para que os educadores brasileiros pensem a respeito de sua prática, já que o Brasil possui uma diversidade cultural muito grande, mas infelizmente, muitas vezes essa característica é desconsiderada na educação escolar.

24 de junho
Gilberto Oliari

Sempre que escrevemos revelamos aquilo que está em nosso pensamento, nos nossos sentimentos e nas nossas angústias. Ao escrever este (maio de 2018), que é o terceiro comentário meu das obras freirianas, encontramo-nos no Brasil em meio a uma paralisação (greve) dos caminhoneiros que tem deixado os brasileiros muito ansiosos e preocupados com os rumos do país. Vivemos tempos sombrios, com perspectivas esparsas de futuro. Estamos envoltos por uma crise política, econômica, social e educacional. Sim, educacional, uma parcela da população pede "intervenção militar" isso demonstra o quanto alguns de nossos processos de crítica da história e de defesa da democracia, cidadania e soberania popular tem sido frágil.

Em tempos de crise temos duas alternativas: aceitar que o curso da humanidade está um desastre e construir respostas preconceituosas afirmando que a humanidade não tem mais solução; ou fazer como Arendt (2007) nos aponta, voltar as questões fundamentais e elaborar "respostas novas ou velhas, mas de todo modo julgamentos diretos" (p. 223), vislumbrar possíveis caminhos a partir da situação. Este texto não pretende analisar o contexto contemporâneo de sua

[20] Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino público e privado, no ensino fundamental e médio.

escrita, pretende traçar um caminho reflexivo a partir de uma das cartas de Paulo Freire (Cartas à Guiné-Bissau; Genebra, Abril de 1976), e talvez encontrar possíveis respostas, ou possíveis caminhos a trilharmos na busca por compreender, criticar e agir em nosso mundo.

Ler, e comentar, as cartas de Paulo Freire é um convite à dupla reflexão, por parte de quem escreve e por parte de quem lê. Em suas palavras, existe uma busca por "provocar em mim, enquanto as escrevo, nos camaradas, enquanto as leiam, uma reflexão crítica em torno de problemas concretos que estamos todos enfrentando na fascinante experiência que é o esforço de reconstrução do país" (p. 137). Ler e interpretar Freire é um exercício cotidiano de reflexão, é necessário sempre cuidar para as palavras estejam no lugar e de algum modo gerar reflexão em que a lê. Por isso a escrita freiriana necessita ser contextualizada, lida na íntegra e compreendida em seus pormenores, assim é possível perceber a reflexividade que os textos propõem.

Desse modo, destaca-se um segundo aspecto muito importante ao ler e buscar entender seus escritos, é necessário ter humildade para considerar o inacabamento humano de nosso pensamento e de nossas ações. Ler com humildade permite que possamos criar e recriar a partir daquilo que é lido, ou seja, abre possibilidades de novas compreensões, de novas ações, de novas interpretações da realidade. Isso é ser freiriano: ler, interpretar e ampliar. Jamais se pode ler e considerar-se completo. Precisamos buscar lacunas, ou mesmo criar lacunas para inserir-se de algum modo no estabelecimento do conhecimento.

Ao ler as cartas freirianas é necessário traçar caminhos para o trabalho: "talvez pudesse dizer, perdendo agora um pouco a humildade, que uma das melhores maneiras de se lerem minhas cartas seria a de, após tentar a compreensão de sua globalidade, procurar retirar delas possíveis linhas de trabalho que me passaram despercebidas, mas que se encontram ocultas numa ou noutra afirmação no corpo das mesmas. No fundo, ler profundamente uma carta é reescrevê-la" (FREIRE, 1976, p. 137). Por isso escrever exige reflexão crítica, por que exige interpretação e relação com a vida, por parte daqueles que farão a leitura.

A carta em análise neste texto foi escrita dirigindo-se a uma comissão formada na Guiné e que tinha como tarefa "dirigir" os processos educacionais daquele país. Trabalhar em equipes talvez seja outra prerrogativa da perspectiva freiriana, afinal não é possível desenvolver projetos educacionais isoladamente. A comissão a qual Freire escreve tem como função "assegurar uma certa regularidade na ação entre os diferentes setores de trabalho, proporcionando ainda a seus membros uma excelente oportunidade de, discutindo sobre suas específicas experiências, aprenderem mutuamente dos acertos e dos equívocos praticados" (p. 139), pelo que se pode entender no texto essa comissão é mista, o que permite "perceber" como se desenvolvem os processos de forma mais ampliada. Mais do que isso, um grupo, neste caso a comissão, é capaz de avaliar e avaliar-se diante do desenvolvimento das atividades educacionais, o que exige muito mais do que espírito de equipe para trabalhar, exige novamente humildade para perceber que o outro pode avaliar-me e que se pode crescer mutuamente nesse processo.

Isso pretende chamar atenção para o fato que de "a ação e o discurso são circundados pela teia de atos e palavras de outros homens, e estão em permanente contato com ela" (ARENDT, 2008, p. 201). Vivemos em grupos humanos e as atividades, sejam educacionais, culturais, políticas etc. incidem diretamente em outros seres humanos que podem perceber como são afetados por nossas ações. Abrir canais de diálogo e de avaliação permitem que nossas ações possam ser mais relacionadas com a realidade na qual ela está acontecendo ou denotar um compromisso ético com aqueles que formam a comunidade que me cerca. Até por que é importante frisar que

não há uma só pessoa que saiba de tudo, por isso um processo dialógico avaliativo pode ajudar a melhorar as atividades desenvolvidas e o relacionamento entre as pessoas que nos cercam.

Desse modo as ações, nesse momento com ênfase em ações educativas, possuem um viés que é também político. Pois além de se desenvolverem entre seres humanos, entre pessoas, tem também como objetivo modificar uma realidade (ex: alfabetizar o analfabeto), transformar um contexto de vida que incide de modo direto na transformação da sociedade. Talvez isso possa se dar de maneira simples, sem grandes aparatos tecnológicos, pode ser desenvolvido "a sombra da mangueira" como relata Paulo Freire, o importante é que a ação pedagógica ocorra, em certa medida, relacionada com vida, com contexto e partir disso se possa apresentar o mundo comum, aquilo que foi historicamente produzido pela humanidade.

Para fazer um fechamento dessa reflexão, gostaria de defender que para superar a crise à qual estamos imersos há um caminho, que não é novo em sua essência, mas que emerge novamente: ler, interpretar e ampliar: ler de modo profundo a realidade e os clássicos, buscar entender suas raízes e suas tramas; interpretar, pensar e tentar responder a questão qual a relação do texto com a realidade? O que é possível aprender com isso?; e, por último ampliar, reescrever, pensar modos de intervenção, que significa também fazer política. Esse breve comentário ficou apenas na leitura e interpretação, quiçá possa ser um desafio escrito para ampliar a pensar modos coletivos de construir projetos para transformar a realidade.

25 de junho
Alexandre Luiz Polizel

Codificações e decodificações do mundo.... Este é um conceito central para pensarmos Paulo Freire: Como codificamos e decodificamos o mundo? Ou melhor, como Escrvemos e lemos o mundo? Debaixo de um pé de arvore, em uma esquina, na frente de um computador, na escola, nas ruas.... Em todos os locais fazemos leituras e escritas do mundo, decodificamos ele e codificamos-os. Este processo dar-se no interior da cultura, em práticas culturais, nos círculos de cultura.

O círculo de cultura pode ser uma produção intencional, mas também intencional, ele constitui e avança para dentro da vida de todos e as vezes nem é perceptível. O central para compreender-se dentro de um círculo de cultura, é apresentado pelo diálogo e pela alteridade, mas, não pode-se passar despercebido que outro conceito essencial é o de engajamento.

Codificamos e decodificamos o mundo a todo momento, estamos engajados neste processo, dentro de círculos culturais, ora alguns sujeitos enquadram-se da posição de educadores e incorporam-se no processo comunitário e produtivo com a população buscando organizar e estruturar experiencialidades e conteúdos programáticos. Ora sujeitos tomam papeis de educandos, realizando reflexão crítica e ativa, engajando-se na transformação de sua realidade concreta. Educandos e educadores trocam constantemente saberes e até mesmo de papeis, visto que é a comunhão do círculo de cultura que compõe o conteúdo programático.

Este conteúdo programático institui-se e atravessa as experiências existenciais de uma população, tem atividade produtiva, gera reflexão crítica que parte das sensibilidades dos fatos a aprofundamentos. A medida que aprofunda-se, escava, e a medida que escava vão surgindo ou-

tros saberes que vão se estruturando e inter-relacionando-se. Assim, este movimento de aprofundamento é sempre uma análise crítica, que confronta as ingenuidades que debilitam a cultura e tentam subordinar o Outro.

Neste sentido, a codificação e decodificação já são processos de tradução e já transformam a realidade. Este projeto, dentro do círculo de cultura, gera uma pedagogia outra, uma pedagogia chamada do oprimido, da autonomia, da liberdade, da população... Ressalta-se estes movimentos pedagógicos (de)codificaveis não são realizados para o oprimido-autonomia-liberdade-população, mas são deles, emergem deles, são significativos para estes, produto e possibilidade de contribuição coletiva de um esforço geral e reconstrução do pais. É um novo modelo de educação e, neste sentido, um novo modelo de sociedade, sendo solidário, à medida que reconhece-se em coletivo com o outro e solidariza-se com este: produz associações e vê-se como um circuito cultural que junto: decodifica e codifica a realidade concreta. Este processo é dinâmico, extensivo, propulsor, potencializador, propagador... das multiplicidades.

Por mais que um determinado modelo de educação venha sob vias de instancias políticas organizadas sob moldes governamentais, como os cursos de alfabetização dados por Paulo Freire, eles são negociados, (re)formados, (de)codificados e tomados pela população.

Paulo Freire nos dá um exemplo, considerando a Experiência de Tachai na China em 1945. O vento acontece com a expulsão dos japoneses pelas tropas comunistas chinesas no início do plano de alfabetização que incorporava um esquema para o começo de um programa de reforma agrária, como pré-condição para o desenvolvimento de uma vila. Esta reforma chega as vilas por uma via política institucional, todavia, este plano de educação é tomado pela população, que realiza transformações, adequações e uma "localidade" para o plano. Neste sentido, o plano de educação é (de)codificado, redesenhado de acordo com as experiencialidades e significações locais. Esta pedagogia emancipatória torna-se então uma pedagogia da população, utilizada por estas, constituída em seu círculo de cultura, e destinada a (re)leitura e (re)escrita de sua realidade concreta.

26 de junho
João Israel da Silva Azevedo

> "O conteúdo programático da educação emerge da reflexão crítica permanente sobre a prática social de que a produtiva é uma dimensão determinante. A análise da prática produtiva abre a possibilidade ao estudo sério, que deve ir gradativamente aprofundando-se, de uma temática rica e plural. Estudo através do qual se vai superando a pura opinião em torno dos fatos pela compreensão de sua razão de ser. (...) A prática ensinará a todos nela engajados a ver uma variedade de aspectos"

Ensinar, nos dias de hoje é algo complexo, profundo e que exige dinamicidade, onde a questão de identidade cultural permeia de certa forma a dimensão pessoal, e a classe do alunado é sem igual para uma prática efetivamente pedagógica e educativa, Paulo Freire, em diversas ocasiões, nos diz que educar não é simplesmente uma trivial entrega de conhecimentos aos discentes, e sim uma plena conscientização e testemunho de vida, pois senão não haverá eficácia.

> Na pedagogia da práxis não há ruptura relacional, mas apenas outra forma de agir sobre o educando. A possibilidade de o educador se transformar nesse processo relacional surge da condição de ser investigador da sua própria prática. Como pesquisador de sua prática, tanto educador

> quanto o educando, ao flexionar sua consciência, tem condições de observar e perceber os sentidos e as intensões presentes no senso comum em decorrência disso, há possibilidade de transformá-los (BENINCÁ, 2011, p. 50).

Hoje, o docente magisterial, em suas atribuições, deve, para tanto, rever seus conceitos e a sua atuação, refletindo cuidadosamente a respeito das suas necessidades pedagógico-educacionais, voltando para si próprio, como uma análise sincera e franca, a fim de que sua pratica, de fato possa buscar melhorias e ser coerente. A reflexão é indispensável para o trabalho do professor, pois nos encaminha a um parecer de que a prática pedagógica deve ser incessantemente demandada pelo professor, para que possibilite uma descoberta de novos caminhos e metas para aprimorar o labor por ele desempenhado, assim Perrenoud diz que "[...] prática reflexiva nos remete a dois processos mentais que devemos distinguir, principalmente se considerarmos seus vínculos" (PERRENOUD, 2002, p. 30).

A premente reflexão-sobre-a-ação induz o professor, a fazer questionamentos sobre si e acerca da ação desenvolvida, desvelando suas escolhas e analisando se estas foram plausíveis e se deu de maneira eficaz, para que, em determinadas situações futuras, elas sejam corrigidas, atendendo de fato as necessidades apresentadas. Assim, o ser humano, por seu diferencial dos outros, com a sua capacidade de transformação-ação-reflexão de si, é um autêntico ser da práxis, com a perspectiva de auto-reconhecimento de seu efetivo ato de formação.

27 de junho
Alexandre Luiz Polizel

Se eu pudesse atribuir um título a carta de "Genebra, 7 de maio de 1976", localizada na coletânea, "Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo de Paulo Freire", eu nomearia como "A prática pedagógica como militância".

Se faço, isto é, ao considera que Freire em suas trocas de carta nos deixa rastros de um conjunto de inquietações a questão do processo educativo e de alfabetização, assinala as possibilidades de insucesso, obstáculos que surgirão e dificuldades que podem emergir. Todavia um caminho é sugestionado para a superação dos obstáculos: o pensar a educação como uma prática de militância – educadores-militantes.

Neste percurso, Paulo Freire afasta-se da ideia de um professor especialista, detentor do saber, que se dirige até os locais destinados a processos de educação e narra toda sua especialidade. O militante é aquele que compreende sua prática pedagógica como uma prática política, ele não é especialista – apesar de dispor de conhecimentos eleitos como especializados – ele é um instigador, animador, um catalisador para uma melhoria na realidade do processo. Neste sentido, o educador-militante sempre se encontra vigilante para as possíveis ameaças, ameaças que podem deixar opacas as relações de alteridade no interior do círculo de cultura, e assim gerar dissonâncias no processo dialógico.

O educador-militante diferente do educador-especialista, em suas conversas e rodas de formações não dá enfoque a técnicas e metodologisa, a "quais os modos possíveis de transmitir determinado saber com maestria", mas sim a clareza política do processo de formação: "Para que discutiremos isto? Por que discutiremos isto? Para quem discutiremos isto? O que nós, população, gostaríamos de discutir? O que vemos como problemática? Como lemos nossa realidade?

Existe algo que gostaríamos de dialogar?...". Neste movimento, o educador-militante compreende os processos pedagógicos, em questão de sua organização estrutural, dos problemas pedagógicos e dos projetos de educação como processos políticos e ideológicos. A questão é "este processo é excludente ou inclusivo, diz não ao outro ou sim a seus saberes?".

A educação-militante encontra-se ao lado da diferença, e reconhece que as novas possibilidades não serão construídas apenas na cabeça de especialistas, mas sim nas práticas realizadas, na dialética entre prática e teoria, ação e reflexão, na práxis. Neste sentido falar de dialética é falar de diferenças.

Demarca-se também que a militância é estimuladora, criativa, alegre e curiosa com o que faz. A curiosidade, a prática, as sensações e o coletivo não se burocratiza. O ato de burocratizar é caracteristico de educadores-especialistas, que se veem fora do contexto para compreende-lo. O educador-militante não de diferencia do contexto, está inserido neste, o contexto é contextualização, é construção, é movimento.

28 de junho
Gilmara Amaral

Ao analisar as cartas escritas à Guiné-Bissau, no caso a carta de número seis, somos oportunizados a embarcar com Freire numa jornada que nos faz refletir acerca do trabalho inicial de alfabetização de jovens e adultos realizada nas áreas populares de Bissau.

É notável que o esforço em oportunizar aos adultos os níveis formais de apropriação da leitura e escrita era constante, porém um pouco distante do que fora atingido no interior das FARP.

Era evidente que o mestre Paulo concatenava uma maneira de atingir resultados mais satisfatórios, ainda que soubesse que a fórmula do resultado alcançado no interior das FARP advinha de o fato de que os militantes terem interiorizado uma relevante consciência política, sendo que essa consciência era o fator preponderante para o deslanchar do sucesso da alfabetização.

Essa consciência política não veio por um acaso. Ela foi fruto de uma longa luta por libertação, que buscava reconstruir os sonhos de quem luta não apenas por seus interesses próprios, mas para reconstruir uma nação, como citado anteriormente na advertência de Amílcar.

Essas pessoas perceberam que para lutar de forma a alcançar objetivos, fazia-se a necessidade imperiosa de aprender a ler e escrever como forma de galgar os degraus de suas metas como militantes voltados a contribuir da melhor maneira possível para o avanço de uma nação. Com a apropriação dos sistemas de leitura e escrita, não estavam mais presos à satisfação dos próprios interesses, estavam servindo a uma causa muito maior, que seria o desenvolvimento do próprio país.

O povo luta não apenas pelos próprios interesses. O povo luta engajado com uma causa nobre que é desenvolver uma nação que possa progredir na garantia de um futuro melhor para seus entes queridos. A luta vai muito mais além do que aquilo que nossos olhos acostumados com modelo humano costuma enxergar. A luta perpassa de gerações em geração no intuito de transformar a realidade com a qual vivemos rumo a um futuro distante, mas certo da luta cons-

tante e do propósito de garantir uma melhor condição de vida e uma melhor condição de universo, com um firme propósito de que a educação foi e sempre será o começo e o fim de toda libertação.

29 de junho
Gilmara Amaral

> "Em qualquer situação, porém, se faz indispensável associar a alfabetização como a pós-alfabetização a uma atividade prática, de interesse coletivo, sempre realizada cooperativamente"

Ainda refletido a 6ª carta à Guiné-Bissau, o mestre começa a repensar as atividades de alfabetização realizada nessa área, chegando à conclusão que se fazia mister que fossem selecionadas rigorosamente para que houvesse um diferencial nos trabalhos de alfabetização.

O intuito dessa ação sensivelmente analisada pelo mestre era uma averiguação do que estava fluindo de forma correta e também o que não estava de acordo com o objetivo a ser alcançado, no caso a apropriação dos processos de leitura e escrita. Sem abrir mão é claro, das discussões a respeito do que estava funcionando ou não. Enfatizando que, Cabral sempre tomou como relevante os princípios de crítica e disciplina como sendo fundamentais para a vitória na luta pela libertação.

Para que houvesse uma seleção era necessário seguir alguns critérios entre eles o de se a população da área ou parte dela estava envolvida em alguma autoridade produtiva sistemática ou prestes a envolve-ser, e os níveis de participação política da população. Esses critérios, ainda que parecendo muito simples se faziam necessários para o sucesso do trabalho que envolvia a alfabetização de adultos.

Após a escolha das áreas de atuação nos bairros, o ponto de partida seria uma visita aos mesmos, em busca de uma visão crítica tendo como pilar ver e ouvir a população para poder então traçar meios para que a alfabetização seja alcançada não de uma maneira fria e distante, mas de uma forma mais próxima e voltada para realidade desses adultos que seriam alfabetizados.

Durante as visitas, todos os detalhes deveriam ser anotados e até mesmo feito fotografias com a intenção de angariar maiores informações possíveis a respeito da população com o intuito de encontrar um norte que pudesse "proceder" a alfabetização.

Portanto, em qualquer que seja a situação, há uma necessidade imperiosa de correlacionar a educação com a vida dos educandos ligando-as numa ponte prática, mas de uma forma coletiva, realizada de modo que seus partícipes se interlacem cooperando uns com os outros sempre buscando caminhos não tomados como verdade absoluta, mas passíveis de diálogos, reflexões e discussões.

30 de junho
Alexandre Luiz Polizel

Anseios... Um sentimento ou estado de preocupação. Preocupa-me ficar responsável pela "Última página" dos comentários referentes ao livro "Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma

experiência em processo" de Paulo Freire. Mas faço desta escrita, uma incitação desta preocupação para multiplicar as possibilidades de comentar esta página.

Talvez seja isto que Paulo Freire realiza nesta última página, apresenta anseios e preocupações, bem como faz uma incitação, um convite para repensar a escrita e os comentários. Freire apresenta que nenhum dos livros que escreveu deixou de ser uma espécie de relatório, ou seja, um relato de suas experiencialidades, construído do conjunto de associações que vivenciou. Todo relatório é coletivo! Paulo Freire faz isso por que se preocupa, e nos faz preocupar-nos com as escritas que se tornam burocráticas, ascéticas, que excluem vozes com a finalidade de firmar-se como um especialista.

Qual educador queremos ser? Um educador militante, que relata, produz com a população, comunica-se com outros círculos de cultura por meio de suas cartas, ou um educador especialista- que se vê como um avaliador de fora do contexto e escreve documentos técnico-administrativos?

Escrevemos a medida que nossas experiencialidades prosseguem, constroem-se, multiplicam-se e veem a necessidade de proliferar-se para o diálogo em outros espaços, ou escrevemos com a finalidade de transmitir e administrar um conhecimento técnico-burocrático para outras pessoas? Toda escrita é intencionada, qual a nossa intensão de produzir escritos?

Paulo Freire nos chama atenção também, nesta última página a pensar a necessidade de voltar aos escritos que produzimos, refletir sobre eles, identificar problemas, re-escrever e re-criar estes. Freire já admite, que terá que revisar o problema da língua, que é uma preocupação central, afim de pensar as relações de (neo)colonialsimos que podem ter sido criadas. Sendo assim, admite-se que este retorno que ele vê necessidade de fazer no texto é um esforço de re-criação, juntamente ao povo, a sociedade e a sua palavra.

Deixo as indagações a serem pensadas, nos comentários sobre (n)esta "Última página", e nutro outras: Estamos colonizando alguém ao escrevermos? Estamos escrevendo "para" o Povo ou "com" o Povo?

SÍNTESE DO MÊS

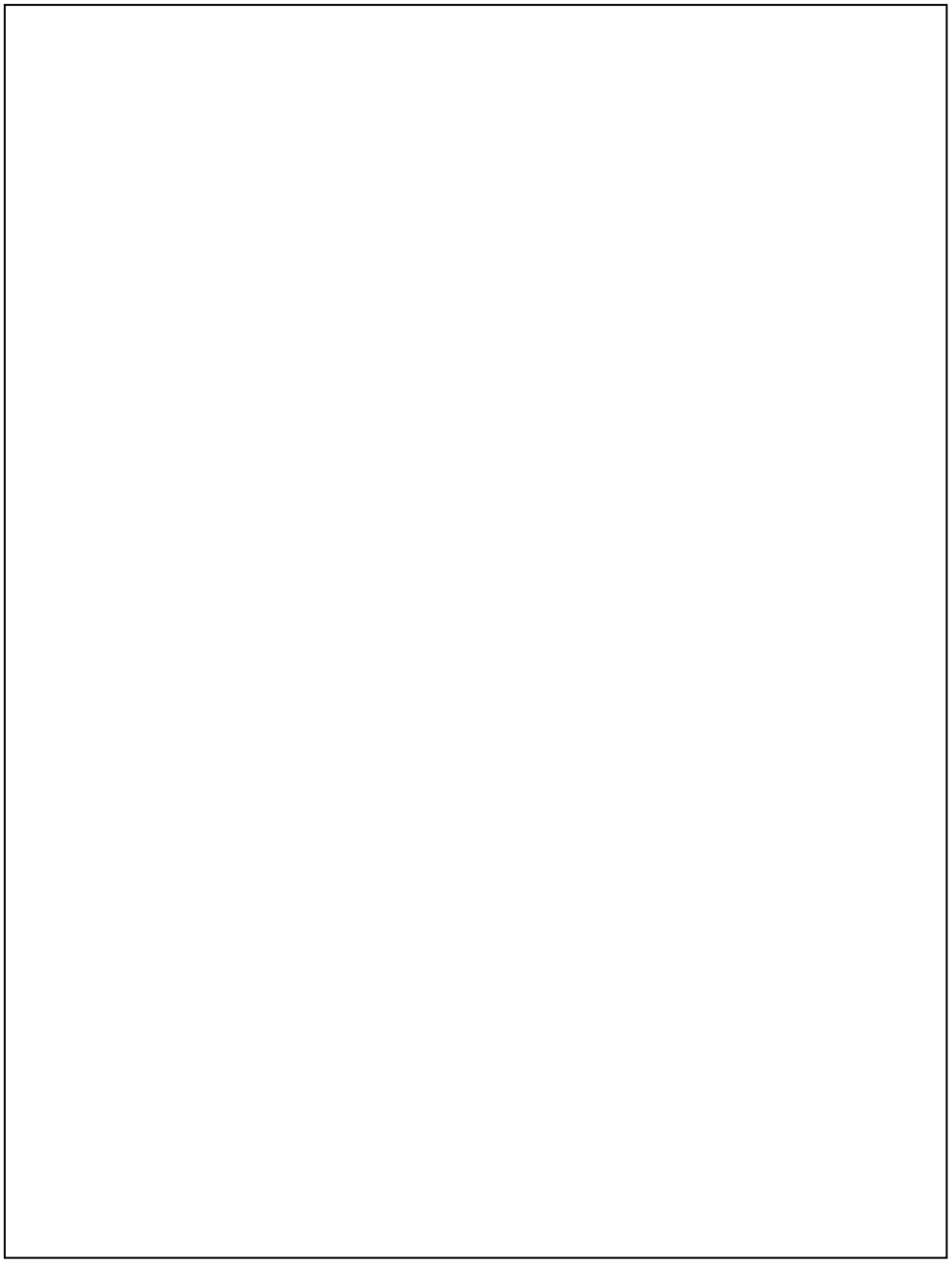
UMA PALAVRA

UMA FRASE

UM PARÁGRAFO

IMAGEM PEDAGÓGICA

(Desenhe uma imagem que simbolize as aprendizagens acumuladas das leituras deste mês para você dialogar com seus companheiros/as de caminhada).



JULHO

Conscientização

Palavra

Processo

Frase

A conscientização, enquanto método pedagógico, é a nova forma de educar para a libertação dos oprimidos e oprimidas que dominam a leitura do mundo e da palavra e o processo de mudança.

Parágrafo

Este livro organizado enquanto Paulo Freire estava exilado do Brasil, contém três partes que se interconectam. Na primeira o próprio Freire se apresenta contando sua história de vida. A segunda concentra-se no método utilizado por Paulo Freire no Brasil e no Chile e, a terceira parte, se debruça sobre a educação como prática da liberdade. Uma obra que foi composta com a boa vontade de pessoas que queria compartilhar as sínteses que Freire catalisava para a educação mundial.

01 de julho
Maria Angélica de Sousa Costa

Conscientização: consciência para ação. Esta é a reflexão proposta por Paulo Freire na obra que aborda o seu despertar para uma nova forma de educação, a educação libertadora, aquela que permite ao sujeito a compreensão da realidade que o cerca, bem como, a possibilidade da palavra, a palavra como voz que liberta das amarras da opressão.

A proposta defendida pelo educador passa a ser defendida na Conferência de Ministros da Educação em Caracas de 6 a 15 de dezembro de 1971, quando fica perceptível a preocupação na promoção de uma nova forma de educar, uma vez que se faz necessário que os indivíduos possam participar e intervir politicamente e criticamente na sociedade. Para Freire, não existe conscientização quando a reflexão não leva à prática transformadora e, o homem como um ser inconcluso, está sempre aprendendo e, para aprender, é preciso ser dado a ele condições para o aprendizado dentro do contexto no qual está inserido, não é o educando que precisa se adaptar aos conteúdos, ao contrário disso, os conteúdos é que precisam estar adaptados aos educandos. Parte deste pensamento o método alfabetizador criado por Paulo Freire, que é apresentado passo a passo nesta obra.

Estando longe de seu país, no período em que esteve no ChilePaulo pode compreendê-lo melhor, observando as desigualdades sociais e opressão contra a classe popular.Como observador e pesquisador, Freire somou seus conhecimentos às circunstâncias em que vivia, idealizando mudanças nas formas de pensar e nas formas de fazer educação, tendo nestas as condições de libertação dos excluídos, dos marginalizados da sociedade, definindo sua pedagogia como libertadora, caracterizada por uma prática que modifica as relações de professores e alunos e conduz os indivíduos a reflexões que, por consequência, transformam a própria realidade.

Dessa forma, a partir de suas experiências de vida e com seu método de alfabetização, Freire expõe como se dá o contínuo compromisso com a conscientização e, sem dúvida, todo educador deve ter acesso ao conhecimento que ele propagou e que fez dele o grande mestre da educação.

02 de julho
Diego Basto dos Santos

Ler Paulo Freire é se inteirar sobre um período histórico, sonhos, ações de mudança e educação. Este autor nos coloca como motor que gira em favor de sua própria produção e emancipação. Somos colocados no centro das discussões para entendimento de nossa realidade e sobre aquela que nos rodeia, geradora de uma força nem sempre tão produtiva. Paulo Freire propõe pensar a sociedade como um elo formado entre homens das mais diversificadas origens, crenças, orientações políticas e potências geradoras.

A denúncia feita na maioria de suas obras é sobre a "cultura do silêncio" que encarcerou milhares de homens e mulheres sob a pena de não compreender aspectos básicos de sua vida: a linguagem oral e escrita. Estas ferramentas que preenchem o indivíduo de uma potência emancipadora e criadora de possibilidades, cotidianamente é retirada dos braços desejantes de pessoas

já esvaziadas pelo sistema do capital, que apenas quer homens e mulheres capazes de obedecer e repetir, não de discutir e se diferenciar.

Paulo Freire foi um homem que se colocou a ouvir o outro ao perceber que poderia fazer mais por aqueles que foram abatidos pela maquinaria da pobreza, fome e desigualdade. Suas obras são percepções historicamente captadas de uma educação que se divide entre a de ricos e a de pobres. A cada livro que discute os principais aspectos para uma educação progressista, Freire se dispõe a explicitar modos passíveis de execução que elucidam mudanças primordiais para o nosso modo de ver a arte de educar e de ser um eterno educando.

A conscientização é tida nesta obra como importante ferramenta para a emancipação do educando, durante seu processo formativo e de compreensão de sua realidade social. Ela nos propõe compreender as relações de poder, com ampla compreensão da realidade, propondo uma educação que liberte os indivíduos de seu espaço limitado cedido por outrem. Ao final, somos levados a elaboração de uma metodologia da mudança.

Esta obra foi preparada pelo INODEP (*Instituto Oecuménique au Service du Développement des Peuples*) que se propôs a investigar Paulo Freire e que contou com suas contribuições, em julho de 1970, devido a identificação do pensador com a proposta da instituição. A obra que a seguir se será comentada por diversos autores e autoras, se divide em quatro momentos ou partes.

No Primeiro Momento/Parte Freire se recorda da infância, sua origem humilde, os embates políticos pelo qual passava o Brasil e sua relação com a educação de sua época. Em um Segundo Momento/Parte Paulo Freire, se coloca a discutir a estrutura filosófica de seu pensar a educação libertadora, perpassando desde as relações de poder que a rodeia até os meios pelos quais a educação é possível, levando em consideração a vivência do educando. No Terceiro Momento/Parte somos levados a discutir a realidade educacional, fato que revela o tom de compromisso de Freire em se pensar um ideal de educação aplicável, e que nos revela três termos muito importantes: a opressão, a dependência e a marginalidade.

Ao nos fazer percorrer tais caminhos o, ilustre pedagogo e filosofo, escritor de *"Conscientização"* espera ter feito despertar a percepção do trabalho incansável e ético que deve ser o de educar. Educador e educando devem ser cidadãos que, fortalecidos pelo desejo comum de mudar a realidade de sua sociedade para algo de emancipação para todos, estejam em constante processo de discussão crítica de sua realidade e conscientes de sua identidade e função no social.

03 de julho
Leandro Vendrami

A leitura a seguir são frutos de uma autobiografia sucinta que Paulo Freire escreveu na obra Conscientização, quando ainda estava vivo. Agora eterno!

Freire foi um homem pernambuquense, nasceu no dia 19 de setembro de 1921 na cidade de Recife, Estrada do Encanamento, bairro da Casa Amarela.

Foi filho de uma família tradicional. Seu pai, Joaquim Temístocles Freire, era natural do Rio Grande do Norte e oficial da Polícia Militar do estado de Pernambuco. Era espiritista, homem honrado, que durante sua trajetória sempre demonstrou ser amável, inteligente e admirável

por muitas pessoas. Logo morreu, deixando lembranças permanentes para o jovem, até então ingênuo, Paulo Freire.

A mãe era natural de Pernambuco, dona de casa, uma mulher carinhosa, trabalhadora, muito justa, sempre ensinou o certo para seus filhos. Bem como, era religiosa, católica, confiava muito em Deus.

Vale lembrar que, seu pai sempre respeitou as crenças religiosas, embora não participava de nenhum círculo religioso. Sua mãe, desce quando Freire ainda era criança sempre ensinou-lhe a respeitar as opções religiosas dos outros. Freire então, escolheu ser católico juntamente com sua mãe. "*Escolhi a religião de minha mãe e ela auxiliou-me para que a eleição fosse efetiva.*" (FREIRE, 1979).

Seus pais, sempre buscaram o diálogo para a compreensão do mundo, assim como, para a construção dos saberes. Freire (1979), afirma que *"Com eles, aprendi o diálogo que procurava manter com o mundo, com os homens, com Deus, com minha mulher, com meus filhos."*

Seu pai foi muito generoso, sempre tentando mostrar caminhos justos e certos, da forma mais deslumbrante possível. *"As mãos de meu pai não haviam sido feitas para machucar seus filhos, mas sim para ensinar-lhes a fazer coisas."* (FREIRE, 1979). Podemos perceber que seu pai, sempre se preocupou com um futuro melhor para Freire e seus irmãos, ensinando-lhes que a vida possui muitos obstáculos que eles precisavam aprender. Aprender a superá-los, a viver, a conviver, a compartilhar...Aprender a *ser,* de *ser* justo, *ser* gente, capaz de mudar o mundo e mudar a realidade, mudar as pessoas.

A vida da família de Freire não foi fácil. Com a crise econômica do ano de 1929, tiveram que se mudar para a cidade de Jaboatão dos Guararapes, onde parecia ser menos difícil sobreviver. Dois anos mais tarde, foram morar em uma outra casa, onde Freire viveu experiências que lhe marcaram profundamente. Nessa casa, ainda na cidade de Jaboatão, quando pequeno Freire já havia aprendido o significado de ser homem, no sentido de assumir responsabilidades e à pensar o mundo mais criticamente. Pois, já havia passado por várias situações que lhe marcaram. Entre elas: teve a triste experiência com a perda paterna. Chegou a passar fome, daí então, compreendendo a realidade das pessoas que também passavam fome. Aprendeu a jogar bola, a nadar no rio e outras experiências, juntamente com os "*meninos do povo*"(FREIRE, 1979). Onde também, teve a sensação do seu primeiro amor, como ele qualifica de *minha "primeira iluminação",* "*um dia contemplei uma moça despida. Ela me olhou e se pôs a rir*." (FREIRE, 1979).

Freire, com dez anos de idade já possuía uma visão mais ampla de sua realidade. Em razão, de suas observações e com o contato com um povo pobre (não somente financeiro, mas intelectual), oprimidos por um conjunto de sistemas, corruptos, cruéis e desumanizadores. Sobretudo, mesmo pequeno e ingênuo, ele precisava fazer algo " [...]*o que poderia fazer para ajudar aos homens.*" (FREIRE, 1979). Nesse tempo a realidade opressora da libertação dos homens, já lhe incomodava.

Relembrando princípios que já havia aprendido com seus pais. A escola formal foi a alternativa que Freire buscou para tentar mudar a realidade, que tanto lhe fazia refletir e sofrer. Aos 15 anos, com muitas dificuldades ele fez o exame de admissão ao ginásio (modalidade de ensino da época, equivalente ao ensino fundamental II atual). Nesta época escrevia *rato* com dois *rr.* Ele também quis ser advogado. Talvez para tentar mudar a realidade de forma mais justa possível de um povo sofrido e oprimido. Freire (1979), destaca que *"Aos 20, porém, no curso pré-jurídico, já lera os "Serões Gramaticais", de Carneiro Ribeiro, a "Réplica" e a "Tréplica" de Rui Barbosa, alguns*

gramáticos portugueses e outros brasileiros." Diante disso, teve um enorme encanto em filosofia e psicologia da linguagem. Os estudos de fato, estavam lhe libertando.

Neste mesmo momento, foi professor de português do curso ginasial. Foi um educador que se sentia satisfeito com aquilo, porém também se mostrava preocupado com a situação financeira de sua família. De um futuro incerto e perigoso. "*Como professor de Português, satisfazia o gosto especial que tinha pelo estudo de minha língua, ao mesmo tempo em que ajudava meus irmãos mais velhos na sustentação da família.*" (FREIRE, 1979).

Nesta mesma época, Freire ainda estava em fase de amadurecimento intelectual e não compreendia muitas coisas que a vida lhe exigia, bem como, achava muito confuso os sermões que os padres comungavam na igreja, onde se afastou por um tempo, mas, *"nunca de Deus"* (FREIRE, 1979). Voltou à igreja, não somente por pedidos de sua mãe, mas sobretudo, pelas leituras que fazia de Tristão de Atayde (crítico literário, professor, escritor e líder católico brasileiro), na qual admirava muito. Como também, iniciou leituras de filósofos e jornalistas, que por sinal eram católicos, Maritain, Bernanos, Mounier e outros.

Para finalizar. Percebemos que Freire com todas as dificuldades vividas até o presente momento, cresceu seguindo os conselhos de seus pais. Estudando. Analisando criticamente o mundo. Confiando sempre em Deus. Buscando desde cedo a libertação dos homens.

04 de julho
Leandro Vendrami

Ao analisar o trecho da obra conscientização, podemos destacar que desde jovem, Paulo Freire constituiu uma família tradicional, muito comum para a época. Casando-se no ano de 1944 com Elza Maia Costa Oliveira, aos 23 anos. Ambos eram católicos, e juntos tiveram três meninas e dois meninos.

Podemos perceber que Elza era vista por Freire e por outras pessoas, como uma mulher encantadora, corajosa e que tinha uma grande capacidade de amar. Como também foi uma excelente educadora de escola primária e também diretora. Freire ainda destaca que Elza sempre foi uma companheira, proativa, sempre disposta a ajudar.

Ademais, Elza foi uma peça fundamental na trajetória educacional de Freire. *"Foi a partir do casamento que comecei a me preocupar sistematicamente com problemas educacionais."* (FREIRE, 1979). Portanto, a partir dos diálogos que eles compartilhavam entre si e com os outros, Freire já se incomodava com a realidade educacional e com os problemas que estavam acontecendo. Diante disso, passou a gostar mais de estudar sobre a Educação, Filosofia e Sociologia, do que Direito.

Sendo que, Freire se formou em Direito pela atual Universidade Federal de Pernambuco. Fez do curso o seu ofício, onde atuou com mais dois colegas, mas por pouco tempo, abandonando a carreira já em sua primeira causa.

Podemos analisar que não era exatamente no meio jurídico que Freire via a possibilidade de conseguir mudar a realidade do povo sofrido, viu essa possibilidade na convivência direta com o povo e especialmente no diálogo, fruto recebido como herança de seus pais.

Posteriormente, como ofício, passou a trabalhar no departamento de Serviço Social da Indústria (SESI). Onde destaca que, incansavelmente repetia seu *"diálogo com o povo"*. (FREIRE,

1979). Consequentemente, por conta de sua capacidade de dialogar criticamente com todos, foi diretor do Departamento de Educação e de Cultura como também da Superintendência do SESI, onde Freire (1979) destaca, *"fiz as primeiras experiências que me conduziram mais tarde ao método que iniciei em 1961. Isto teve lugar no movimento de Cultura Popular do Recife, um de cujos fundadores fui, e que mais tarde teve continuidade no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife; coube-me ser seu primeiro diretor."* Portanto, podemos perceber que Freire era visto como um homem experiente na educação, assim, assumindo os cargos mais relevantes, demonstrando total, conhecimento, responsabilidade e confiabilidade com o povo. Sendo que, o método destacado por Freire foi aplicado na alfabetação de adultos, teve as primeiras experiências na cidade de Angicos (RN), que, em 45 dias 300 trabalhadores rurais foram alfabetizados.

Entretanto, sempre na busca de um diálogo como meio libertador para a formação de homens críticos e reflexivos. O golpe de estado de 1964 interrompeu todo o esforço que havia construído coletivamente no campo da educação de adultos e da cultura popular, como também levou à cerca de 70 dias de encarceramento, juntamente com outros comprometidos com a mesma causa libertadora. Onde lá, eram interrogados e torturados constantemente.

Em setembro de 1964, Freire conseguiu se livrar e se refugiar na Embaixada da Bolívia. Sobretudo, sinaliza que saiu sem ódio e sem desesperança. Ainda destaca que, *"na maior parte dos interrogatórios a que fui submetido, o que se queria provar, além de minha "ignorância absoluta" (como se houvesse uma ignorância ou sabedoria absolutas; esta não existe senão em Deus), o que se queria provar, repito, era o perigo que eu representava."* (FREIRE, 1979).

Podemos perceber que o discurso libertador e transformador de Freire, incomodava muita gente. Ele chegou a ser considerado como um *"subversivo internacional"* como também *"um traidor de Cristo e do povo brasileiro"*. O mais impressionante que o seu método era comparado ao de Stalin, Hitler, Perón e Mussolini. Como se ele tivesse o poder de dominar o mundo. De fato, era difícil para o governo controlar um povo crítico, reflexivo e questionador. Eles precisavam oprimir para controlar. Ou melhor, "eles" ainda oprimem para controlar.

05 de julho
Anderson Carlos Santos de Abreu

Paulo Freire mostrou com sua vida, e sua produção teórica, que a experiência do homem no mundo é grávida de sentidos, significados e conteúdos para a emancipação, pois é por ela que podemos anunciar novas realidades, as quais podem transformar, de forma dialética, tanto ao próprio homem como também o seu mundo. Nesse sentido, a experiência é o lugar de onde colhemos os saberes sensíveis a consciência do homem oprimido.

É pela experiência que o homem consegue captar a grande mística que alimenta o seu desejo de transformação da realidade. Percebe-se, portanto, que ao tratar da experiência, Paulo Freire institui uma teoria do conhecimento, a qual sustenta que todo o conteúdo necessário para a emancipação do homem oprimido está fundada em princípios filosófico-antropológicos e sociais.

Tal ideia de experiência proposta por Paulo Freire aproxima-se da filosofia crítica de Marx (1998), sobretudo quando o pensador deputa ao processo de investigação a importância da atividade de "apoderar-se dos pormenores da vida, analisando seus contextos e suas diferentes

formas de desenvolvimento e complexidade". Experiência, portanto, é mais que uma categoria de análise da realidade, ou categoria empírica, ela é o conteúdo da própria realidade traduzida nos pormenores históricos e contextuais da vida do homem.

Diante disso, o conteúdo da experiência não é a idealização de liberdade do oprimido, mas a possibilidade de concretização do processo de investigação das relações – consciência e mundo, transpondo, assim, a espontaneidade errônea de compreensão da realidade que muitas vezes somos submetidos. Segundo Paulo Freire (1971, p. 10)

> A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica.

Dialogar com o próprio Paulo Freire (1971) por meio de sua história, sobretudo tendo como ponto de partida o seu contexto histórico de experiência no Brasil e de exílio no Chile, é conceber que a experiência desenvolve condição para a prática reflexiva, pois ela serve de fundamento teórico, assim como de inspiração para tantas outras reflexões. A experiência de vida de Freire, contada por ele mesmo em sua obra *Conscientização: Teoria e Prática da Libertação - Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire* (1979), revela toda a coerência do pensador entre sua prática e reflexão, tendo como conteúdo teórico a sua própria experiência.

Pode-se dizer, portanto, que pela experiência podemos nos inserir no mundo. Não de forma adaptável, mas num espectro de transformação consciente que é instruída e construída pela curiosidade e intencionalidade de modificar-se. Para Paulo Freire, o contexto histórico de sua experiência possibilitou a ela construir uma teoria comprometida com a inserção e com a aposta de negar os discursos fatalistas que insistem em afirmar a imutabilidade da desigualdade social.

Há um entendimento dialético por parte de Freire entre conscientização e experiência quando o mesmo aponta que a "conscientização é um teste de realidade" (FREIRE, 1979, p. 15). Entende-se aí, portanto, que a conscientização é a categoria de totalidade que agrupa a ação e a reflexão sobre a experiência, ou seja, é a 'práxis'. Esta categoria de totalidade agrupa, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo pela experiência. "O ser humano é, naturalmente, um ser da intervenção no mundo" (FREIRE, 2000, p. 55).

A práxis em Freire sintetiza a experiência, ou a prática reflexiva sobre a experiência com vistas à transformação. Ela é a autêntica união concreta entre a ação e a reflexão, pois por ela os homens não se tornam peças de dominação nas mãos dos líderes perversos, os quais se reservam ao direito de explorar a força vital dos oprimidos em favor de seus próprios benefícios.

A experiência justifica e revoluciona a existência de forma qualitativa, agregando a ela toda a potencialidade de vida. Consequentemente, o homem reconhece pela experiência as realidades existentes. Segundo Freire (1979, p. 20),

> O homem, precisamente porque é homem, é capaz de reconhecer que existem realidades que lhe são exteriores. Sua reflexão sobre a realidade o faz descobrir que não está somente na realidade, mas com ela. Descobre que existe seu eu e o dos outros, embora existam órbitas existenciais diferentes: o mundo das coisas inanimadas, o mundo vegetal, o animal, outros homens...

Ademais, a experiência permite ao homem uma consciência de temporalidade, visto que ele vive num presente constituído do ontem e com esperança de dias melhores para o amanhã. É esta capacidade de discernimento, extraído do contexto histórico da experiência, que permite-lhe tomar consciência de sua historicidade com vistas à transformação.

Esta relação com o tempo torna o homem cada vez mais sujeito. Sujeito de sua história, suas vontades, ou seja, coloca-o numa condição de descobrir, a partir do seu contexto de vida, a

realidade social que o cerca. É necessário que homem se oponha ao que é colocado como natural, se defronte continuamente a esta lógica, sobretudo quando a mesma reduz a sua própria natureza. Freire (1979) afirma que pela práxis o homem jamais será reduzido à condição de objeto.

Na medida em que o homem se relaciona com o contexto histórico da sua experiência ele cria, recria, dinamiza e decide o seu mundo, integra condições de vida à sua experiência, reflete sobre ela de forma consciente e constrói resposta aos desafios que lhe são apresentados.

06 de julho
Léo Manso Ribeiro

> O projeto de Getúlio Vargas, que considerava como eleitores todas as pessoas inscritas nos organismos de Previdência Social (FREIRE, 1979, p. 19).

Ao analisar a postura de Vargas, Freire pondera sobre a posição populista em olhar "um homem igual a um voto" (FREIRE, 1979, p. 20), ou seja, alfabetizar o trabalhador não para vivenciar uma plena democracia. Não para desenvolver um juízo crítico, capacitando-o a exercer seu direito de escolha na sociedade. Mas simplesmente para votar nos candidatos apontados pelas lideranças políticas.

Freire é enfático em afirmar que a democracia não pode ser construída apenas pela transformação do analfabeto em eleitor, mas sim, na preparação deste para que se torne um indivíduo crítico, capaz de escolher por conta própria as alternativas apresentadas a ele na sociedade.

A participação massiva dos trabalhadores nos pleitos eleitorais até 1930 foi muito limitada. Para as oligarquias agrárias era fundamental limitar um efetivo envolvimento popular nas eleições, pois assim, ficava mais fácil exercerem o controle sobre os eleitores na região onde ocorria o predomínio político destes senhores. Isto fez com que os setores desenvolvimentistas que eram ligados a Vargas, vislumbrassem a extensão do direito de voto, através de um processo de alfabetização das massas. O que resultaria na alteração da relação de poder no interior da sociedade brasileira. Facilitando assim, o projeto de modernização do país defendido pelos setores urbanos industriais.

Entendemos que os setores desenvolvimentistas enxergavam a alfabetização de numerosos contingentes de trabalhadores não com o objetivo de conceder-lhes uma ativa participação na sociedade. Mas apenas para utilizá-los como instrumentos para atingir suas ambições políticas, sociais e econômicas.

Ao contrário dos setores populistas que enxergavam a alfabetização das massas com o único interesse de convertê-los em eleitores. O Movimento de Educação Popular criado e liderado por Freire nos anos de 1960 buscava mais, "porque, de acordo com a pedagogia da liberdade, preparar para a democracia não pode significar somente converter o analfabeto em eleitor" (FREIRE, 1979, p. 20). A alfabetização deveria abrir um novo horizonte para quem fosse alfabetizado. Ou seja, fornecer as condições para que entenda os pormenores do seu cotidiano, e assim, possa fazer as escolhas mais condizentes com sua realidade. Uma educação que preparasse a pessoa humana para almejar uma vida mais digna em sociedade, ou seja, para o exercício da cidadania.

Para Paulo Freire os estudantes alfabetizados pelo Movimento de Educação Popular deveriam possuir capacidade de analisar o mundo pela realidade social em que se encontravam. Portanto, deveriam ser preparados para serem indivíduos conscientes do seu papel na sociedade.

Já os políticos populistas não se interessavam na formação de trabalhadores conscientes de seus direitos. Apenas pretendiam ampliar o número de eleitores, e assim, enfraquecer as oligarquias agrárias resistentes ao projeto de modernização do país. Por isso mesmo, "deram somente um apoio muito escasso, do ponto de vista político, a esta forma de mobilização" (FREIRE, 1979, p. 20). Pois entendiam que a alfabetização deveria fornecer ao aluno apenas a capacidade de ler as palavras, mas não entender o mundo.

Sendo assim, os populistas na sua obsessão exclusiva em aumentar o número de eleitores no país, não deram o apoio necessário para que o Movimento de Educação Popular resolvesse de forma definitiva o analfabetismo no Brasil. Focaram apenas em suas preocupações eleitorais, "e propuseram uma revolução verbal e abstrata, aí onde era necessário prosseguir a reforma prática em curso" (FREIRE, 1979, p. 21), ou seja, uma alfabetização que concedesse ao alfabetizado a possibilidade de alcançar sua autonomia na sociedade, através do entendimento de sua realidade. Enquanto que os políticos populistas, somente se interessavam na possibilidade de manipular o povo através do jogo eleitoral.

Portanto, a concepção de educação dos populistas objetivava produzir um processo de alfabetização que construísse um consenso que legitimasse as propostas dos setores que haviam ascendido ao controle do Estado brasileiro. Uma educação fundamentada na mediação entre explorados e exploradores, que inculcasse nos trabalhadores a convicção de que viviam em uma sociedade democrática e justa. Ou seja, uma alfabetização que fosse um instrumento de construção ideológica para que a maioria da população não obtivesse consciência do nível de exploração a que eram subjugados. Tal como Freire, não concordamos com esta visão, pois entendemos a educação como algo capaz de conduzir o estudante a conquista de sua emancipação, através da aquisição da maturidade intelectual.

O autor quando relata que o "educador, preocupado com o problema do analfabetismo, dirigiu-se sempre às massas que se supunham "fora da história"; a serviço da liberdade "(FREIRE, 1979, p. 21). Aponta para o importante papel que os docentes comprometidos com uma educação libertadora possuem na condução do estudante a uma alfabetização que o leve a vislumbrar novas alternativas na sociedade. Uma educação que conscientize a respeito do seu papel não apenas como mão de obra, mas acima de tudo como cidadão.

E, além disso, Paulo Freire argumenta sobre a visão ingênua dos que acreditam que através da educação seja possível alcançarmos a revolução social, embora acredite que com ela seja admissível a construção de uma sociedade onde os interesses populares se tornem prioridade na elaboração das políticas públicas.

07 de julho
Silvana Alves de Andrade

O método de alfabetização de Freire estava sendo implantado e ganhava forma. O Escritório de Planejamento da Educação expandiu e assinou acordo com igrejas protestantes e comunidades, além de elaborar os materiais pedagógicos para serem utilizados nos processos didáticos. O responsável pelo Escritório, Waldoms Cortês, contou com a participação de coordenadores voluntários e mais tarde, o que antes era uma ação voluntariada passou a ser reconhecida

como trabalho remunerado. Assim, os princípios freireanos ganhavam forma e mostravam resultados.

Enquanto no Brasil Freire era visto como subversivo e um inimigo do governo, no país vizinho era o redentor dos excluídos. Tendo seu método inserido na alfabetização de adultos analfabetos e chamando a atenção da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), sendo uma das cinco melhores nações a enfrentar os problemas de analfabetismo.

À medida que o Chile avançava, o Brasil retrocedia, a ditadura que levou Freire ao exílio foi a mesma que não só reforçou à exclusão como aumentou a dominação dos oprimidos, não era interessante à classe dominante uma educação que levasse os indivíduos a questionar a exploração, a conhecer e exigir direitos. A importância do ensino estava na instrução para o trabalho e reprodução das ideologias dominantes.

Para Freire os opressores e oprimidos precisavam se libertar, primeiramente com a tomada de consciência da condição de desumanização de ambos. Esta tomada de consciência era possível a partir da educação libertadora, era o que Cortês desejava para os trabalhadores de seu país: a tomada de consciência para transformação. Freire também queria o mesmo para seu país, porém o sucesso do seu método aplicado em Angicos, no qual cerca de 300 pessoas foram alfabetizadas em 40 horas, foi interrompido no Brasil, no entanto, sua ideologia permaneceu e onde passou Freire deixou contribuições e, anos mais tarde, teve reconhecimento em seu país recebendo o merecido título de patrono da educação brasileira.

08 de julho
Maria Angélica de Sousa Costa

O método de alfabetização de Freire estava sendo implantado no Chile e ganhava forma. O Escritório de Planejamento da Educação expandiu a área de atuação, que inicialmente era mais focada nas comunidades agrícolas, e assinou acordo com igrejas protestantes e outras comunidades, além de elaborar os materiais pedagógicos para serem utilizados nos processos didáticos. O responsável pelo Escritório, Waldoms Cortês, contou com a participação de coordenadores voluntários e mais tarde passou a ser reconhecido como trabalho remunerado. Os princípios freireanos ganhavam forma e mostravam resultados.

Enquanto no Brasil Freire era visto como subversivo e um inimigo do governo, no país vizinho era o redentor dos excluídos. Tendo seu método inserido na alfabetização de adultos analfabetos e chamando a atenção da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), sendo uma das cinco melhores nações a enfrentar os problemas de analfabetismo.

À medida que o Chile avançava, o Brasil retrocedia, a ditadura que levou Freire ao exílio foi a mesma que não só reforçou à exclusão como aumentou a dominação dos oprimidos, não era interessante à classe dominante uma educação que levasse os indivíduos a questionar a exploração, a conhecer e exigir direitos. A importância do ensino estava na instrução para o trabalho e reprodução das ideologias dominantes.

Para Freire os opressores e oprimidos precisavam se libertar, primeiramente com a tomada de consciência da condição de desumanização de ambos. Esta tomada de consciência era

possível a partir da educação libertadora, era o que Cortês desejava aos trabalhadores de seu país: a tomada de consciência para transformação, não só com a finalidade de alfabetização, mas também propagar a ideia de continuidade nos estudos até mesmo ao ensino superior.

Freire deixou sementes que floresceram no Chile e em todos os países que passou. Os educadores preocupados com os analfabetos queriam aprender e implantar o método Paulo Freire. Era e ainda é preciso seguir o caminho da libertação e o que pode ser mais libertador do que a conscientização?

09 de julho
Ieda Pertuzatti

> "Ao ouvir pela primeira vez a palavra conscientização, percebi imediatamente a profundidade de seu significado, porque estou absolutamente convencido de que a educação, como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade." (Paulo Freire)

Paulo Freire, no trecho indicado destaca a importância que a conscientização vai receber no entorno de sua obra. Para ele, o homem torna-se único pela sua capacidade de "tomar distância do mundo", e neste tomar distancia, ele admira, ele observa e pensa a sua prática. O tomar distancia, permite perceber a realidade e vislumbrar ações sobre ela. Ou seja, o distanciar, e, posteriormente, o agir sobre a realidade caracteriza-se no processo de tomar consciência, já a prática individual decorrente da minha reflexão crítica sobre o mundo é a característica (resultado) da conscientização.

Devemos perceber a diferença que existe entre a tomada de consciência e a conscientização, processos que ocorrem simultaneamente no ser humano. Ou seja, a tomada de consciência ocorre no contato do homem com a realidade, a sua percepção de existência no mundo, uma compreensão "espontânea de apreensão da realidade". Já a conscientização amplia esta percepção, ela permite que se ultrapasse esta esfera espontânea e se chegue a uma esfera crítica de perceber a realidade. Neste processo o homem passa a adquirir uma atitude frente aos novos conhecimentos que lhe são apresentados com este novo olhar sobre a realidade, é neste momento que a ação pode ser desenvolvida, lembrando ser esta uma ação consciente.

Para Freire, quanto mais o sujeito exercita a sua conscientização mais a realidade por ele é descoberta. Porém, não considera esta conscientização apenas no nível intelectual, para ele, a conscientização só acontece realmente quando vem acompanhada da práxis. É com a prática que o homem faz e refaz o mundo e torna-se um sujeito histórico, criador da sua existência. E neste processo de fazer e re-fazer que ele se movimenta na história, criando e re-criando, tomando consciência, conscientizando-se e transformando, num processo que não se encerra, não se esgota, pois, a nova realidade é objeto para nova reflexão.

Assim, a reflexão crítica sobre a realidade deve ser elemento de exercício constante do sujeito. É neste processo, neste movimento que o autor vai aproximar a alfabetização, que para ele é uma alfabetização política, "como processo linguístico", que pode assumir perante a prática adotada duas posições, ou será uma alfabetização para a "domesticação dos homens" ou então será a sua "libertação", esta segunda acontece com a conscientização. A primeira, num processo de desumanização, e a segunda numa busca constante de humanização.

Neste viés percebe-se a contrariedade que a prática de alfabetizar apresenta, e esta era a grande crítica à educação que Paulo Freire realizava. Ele incansavelmente defendeu uma educação para a libertação, uma educação que se desenvolvesse para a humanização e não uma educação como ele mesmo denominou bancária, uma educação que servisse para a continuidade e aceitação das desigualdades sociais, econômicas, educacionais e estruturais da sociedade. Freire destacava que para ser libertária a educação precisa ser um ato de conhecimento aproximando criticamente a realidade.

É nesta busca constante de humanização que o processo se torna utópico, não no sentido de ser impossível de realizar, mas como uma idealização, para Freire, utopia é idealizar, ela exige a criticidade do conhecimento, é um ato dialético, em que denuncia a partir do conhecimento crítico da realidade, a "estrutura desumanizante" para se anunciar diante da prática, uma "estrutura humanizante". É neste sentido, de denunciar e anunciar que encontramos a dialogicidade, e a importância deste processo enquanto compromisso histórico, a historicidade está entre o tempo em que se pensa criticamente a realidade, planejando as transformações e o momento que acontece a prática. É neste "tempo histórico" que o homem com suas atitudes e práticas realiza as transformações e cria a história.

Mas e a alfabetização, qual o seu papel? Temos um grande compromisso com a alfabetização de nossas crianças, é através do ler e escrever que muitos diálogos se afirmam, a linguagem escrita assume uma grande proporção na dialogicidade do mundo atual. Por isso no alfabetizar consciente, o ensinar o código da escrita alfabética e a técnica de se utilizar deste na técnica da leitura e da escrita, não são suficientes. A necessidade de acontecer a conscientização, ou seja, o elo do conhecer, refletir, pensar e agir deve estar presente já no inicio da consolidação da alfabetização nas nossas crianças.

É característico do ser humano ser e estar constante e permanentemente no mundo de maneira dialética, neste existir dialogicamente a ação e a reflexão sobre o mundo tornam-se indissolúveis, é a "práxis humana" acontecendo. A alfabetização nesse processo colabora com a possibilidade desta práxis não ser apenas na esfera espontânea de apreensão da realidade. A alfabetização com consciência fornece para este processo subsídios para o sujeito transpor a esfera espontânea de compreensão da realidade, possibilitando que chegue à esfera crítica e nesta assuma o papel de conhecedor e com potencial de transformar a realidade.

Paulo Freire percebeu na alfabetização uma grande aliada na construção de uma educação para a libertação, ou uma educação para a liberdade. É necessário despertar no fazer pedagógico esta mesma inquietação que movia Paulo Freire, para ter nesse processo um difusor das práticas de ação, reflexão e ação para transformar e não uma prática que se assuma apenas como duplicadora das ações que domesticam e engessam o pensa e o agir humano.

10 de julho
Claudio Claudino da Silva Filho

Vamos pensar bem e ser sinceros consigo/conosco: O que vem à sua cabeça quando pensa em utopia? E se alguém te chama de utópico/a, isso é bom ou é ruim? Valioso ou pejorativo? Pois é provavelmente você, como eu, e muitos/as de nós, dentro e fora dessa obra, já fomos literalmente xingados de utópicos quando pensamos ou defendemos algo considerado por outrem

como irrealizável, não factível, logo, seria uma comparação pragmática entre nossos anseios e o delírio. Essa lógica, ancorada no imaginário do senso comum, é só mais uma das palavras com potência subestimada, e no caso dessa obra, trata-se de uma das (considero) categorias analíticas mais valiosas, quando se pensar/fala em Freire: a utopia.

Como afirmou Freire (1979, p. 28):

> A utopia exige o conhecimento crítico. É um ato de conhecimento. Eu não posso denunciar a estrutura desumanizante se não a penetro para conhecê-la. Não posso anunciar se não conheço, mas entre o momento do anúncio e a realização do mesmo existe algo que deve ser destacado: é que o anúncio não é anúncio de um anteprojeto, porque é na práxis histórica que o anteprojeto se torna projeto. É atuando que posso transformar meu anteprojeto em projeto; na minha biblioteca tenho um anteprojeto que se faz projeto por meio da práxis e não por meio do blábláblá.

A relação que Freire desenvolve em sua obra entre anúncio, denúncia e criticidade, nos ajuda a exemplificar o quão valiosa é a utopia dentro de sua práxis. Anunciamos aquilo que conhecemos melhor, para além da superficialidade que a mídia de grande massa ou outrem nos apresentam como pronto e já digerido. Denunciamos aquilo que nos inquieta, que vai contra nosso senso de (in)justiça. E criticamos, geralmente e coerentemente, quando ouvimos todos os lados, perspectivas boas ou não tão boas de determinado fato/situação, e assim, encontramos nosso ponto de vista, que para ser de fato crítico, não pode ser imutável.

E onde entra a utopia nisso tudo? Ingressa nos horizontes que sempre teremos, sonhos possíveis e para Freire realizáveis, que nos movimenta a anunciar, denunciar e criticar, de modo (ainda) mais profundo, não apaixonado, contextualizado, respeitoso, democrático, horizontal e participativo. Caso contrário, nossos horizontes tornar-se-ão apenas e literalmente nossos de forma umbigocêntrica, além de que nossos anúncios, denúncias e críticas serão míopes, unidirecionais e repletas de "blábláblá" (palavras vazias que não edificam, nem a si, nem aos/às outros/as, muito menos ao planeta).

Freire (1979, p. 28) exemplifica alguns utópicos clássicos ao campo progressista "*(...) somente os utópicos – quem foi Marx se não um utópico? Quem foi Guevara senão um utópico? – podem ser proféticos e portadores de esperança*".

Logo, na contramão da visão estigmatizada que inicialmente refletimos sobre utopia, podemos radicalizar para o oposto, quando os/as utópicos/as são, na verdade, nada lunáticos e muito, muito conscientes de sua/nossa realidade social, a ponto de exergar nela pontos de esperança onde podemos investir para mudar, não necessariamente para melhor, mas muitas vezes para desacomodar e aprender com as experiências não exitosas.

> A conscientização está evidentemente ligada à utopia, implica em utopia. Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores. A conscientização é isto: tomar posse da realidade; por esta razão, e por causa da radicação utópica que a informa, é um afastamento da realidade. A conscientização produz a desmitologização (FREIRE, 1979, p. 29).

A ruptura e desacomodação de mitos, e dentre eles, de deuses salvadores, é um importante exercício instigado aqui, pois há uma tendência reducionista à esperar que experts externos e iluminados nos digam como e o que fazer para resolver nossas próprias questões, em todos as dimensões de nossas vidas (pessoal, profissional, afetiva, espiritual, religiosa, etc). Ou seja, ser utópico é tomar consciência crítica de que podemos construir caminhos, pulverizar esperança, e humanizar a nós próprios/as e aos/às outros/as à luz do exemplo, para não ficarmos, como já alertou-nos Freire, com o "blábláblá" verborrágico e que depõe contra a relação entre nosso discurso e nossa prática (práxis).

Para finalizar o trecho, Freire fala, dentro do seu consagrado Círculo de Cultura, e dentre ele, da etapa de identificação de temas geradores, que a identificação das ditas "situações-limite" deve ser um exercício diuturno para que as parcelas mais vulneráveis socialmente se enxerguem e tenham, antes de mais nada, consciência (inclusive de classe) de que não está em condição igual à outrem que se diz igual, e muito além de vitimismos, que pode e deve conseguir enfrentar suas amarras sociais vigentes e arraigadas em um sistema predatório, historicamente desigual.

> Para realizar a humanização que supõe a eliminação da opressão desumanizante, é absolutamente necessário transcender as situações-limite nas quais os homens são reduzidos ao estado de coisas. (...) aqueles que são servidos pela situação-limite atual veem o possível não experimentado como uma situação-limite ameaçadora, que deve ser impedida de realizar-se, e atuam para manter o "status quo" (FREIRE, 1979, p. 30).

Logo, o "possível não experimentado" pode ser encarado como nossa utopia coletiva, logo, diferente de tudo que nos disseram desde que nascemos (inclusive do que continuam dizendo os dicionários em definições de verbetes acríticas), Freireanamente possível, factível, realizável, e mais que isso, desejável à todos/as que queiram viver e construir um mundo melhor e mais justo para todos/as. Comecemos não buscando ídolos externos, pois ele pode viver em muitos/as ao mesmo tempo, e não ser necessariamente uma pessoa ou coisa, mas um sentimento de pertença, não arrogante ou de ego inflável, mas um movimento polifônico, solidário, humilde e consciente de suas limitações inerentes ao humano. Assim, evitaríamos os ciclos de busca por herói, no singular, e semearíamos processos democráticos de mudança, no plural.

11 de julho
Maria Angélica de Sousa Costa

Freire reflete acerca da tomada de consciência do indivíduo como sendo o objeto concreto do mundo e parte dele de forma que esta reflexão propunha a decodificação do que até então era desconhecido. Dessa forma, ao se reconhecer como ser atuante o indivíduo se torna descodificar o que lhe fora apresentado e assim ser capaz de mudar a si e a realidade que o cerca.

Para ele, se faz necessário distanciar-se do objeto a fim de enxerga-lo através de outros parâmetros de observação. Uma vez estando longe, o sujeito perceberá a realidade de maneira diferente daquela que enxergava ao estar imerso nela. O professor, como mediador, deve instigar seus educandos para que possam refletir e de forma dialética possam sejam levantadas hipóteses e suas concepções acerca do tema que será dialogado.

Sobre o tema gerador, que se entende como conteúdo a ser apresentado em aula, Freire considera que os educadores devem buscar assuntos que fazem parte do contexto dos educandos para que a aprendizagem faça sentido e possa despertar nestes, interesse e a criticidade. Vale ressaltar que não se deve desviar e entender que o propósito real da busca do tema o indivíduo está no centro do processo e ele é o próprio objeto de procura, isto é, a busca do tema se dá pelo próprio pensamento do homem.

Não há como desassociar a busca do tema gerador do principal indivíduo no processo de ensino/aprendizagem. Nessa busca pelo saber o homem se reconhece parte das discussões em torno do que está sendo abordado, ele é ao mesmo tempo pesquisador e objeto de pesquisa.

Para Freire, a busca pelos temas geradores faz parte de uma das etapas da proposta da educação para liberdade que, por sua vez, deve despertar a tomada de consciência e criticidade nos educandos.

12 de julho
Elaine de Oliveira Santana

"É preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história...

Se é todo o anterior o que desejamos, é importante preparar o homem para isso por meio de uma educação autêntica: uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjugue. " (FREIRE, 1980, p.39)

No livro Conscientização: Teoria e Prática da Libertação, algumas concepções de Paulo Freire são elencadas em ideias-força. A primeira ideia-força apresentada consiste em ressaltar a educação contextualizada. A educação enquanto instrumento significativo e transformador deve pautar-se na reflexão do homem e seu meio sócio histórico e cultural. Cada indivíduo é marcado por historicidade, os homens não são objetos, são frutos históricos, a educação não deve abster ou privar o homem de refletir sobre seu meio de vida, torna-se indispensável manter uma relação com suas vivências e suas raízes espaços-temporais para possibilitar a esse homem uma educação de fato real significativa e efetiva. Como reforça Martins (2004, p. 45) "a educação não pode se dar ao luxo de ignorar o chão que pisa".

A educação que impossibilita a conscientização do homem e não possui essa como sua essência, mas sim a sua submissão e adaptação à sociedade, essa educação evidentemente nega a transição do homem a sujeito, e o limita meramente a condição de objeto. Em poucas palavras a educação deve instrumentalizar o homem a tornar-se sujeito.

Para torna-se sujeito o homem necessita compreender seu ambiente concreto. O homem se constrói sujeito quando reflete seu contexto, desenvolve sua consciência e seu espírito crítico. É aflorando seu senso crítico que esse se compromete e busca intervir e transformar seu entorno.

Evidentemente não se luta ou enfrenta-se por aquilo que não conhece. Uma educação que procura desenvolver a reflexão e criticidade dispõe a promover a conscientização do homem, assim como a transformação desse e da sua realidade. Percebe-se aqui o caráter transformador e emancipatório da educação.

É concretizando em prática a capacidade de leitura do seu meio, descobrindo e buscando respostas frente à análise e desafios dessa realidade que o homem se torna sujeito e produz cultura. A cultura referida por Freire entende-se toda ação humana que se configura em obter experiências, criar, recriar, transformar e estabelecer relações de diálogos com outros homens.

Sabendo que a história no sentido exato é edificada pelo povo, e não compreendida unicamente por reis, mártires e exércitos, o homem deve apreender-se enquanto construtor de história. Afirma-se que além de produzir cultura, o homem é também um sujeito histórico. Um

homem faz história no momento que capta os temas próprios de sua época e mais que isso, apreende tais temas buscando novas formas de pensar, de agir, adotando mudanças de atitudes e novas decisões frente a esses temas e demandas diversas.

A finalidade da educação numa concepção válida e autêntica, defendida por Paulo Freire é uma educação que não limita, não aprisiona, não subjuga ou domestica, mas sim liberta, essa educação deve promover antes de tudo a conscientização, provocar a postura reflexiva, desenvolvendo a criticidade do homem, de modo que esse se veja enquanto sujeito "fazedor" de história e cultura, ciente da sua força interventora da realidade, ciente do seu poder transformador de mundo.

13 de julho
Celso Ilgo Henz

Ninguém de nós nasce gente. Tudo o que é humano é aprendido pelas relações/ interações com @s outr@s e a realidade do mundo e da natureza. Nascemos com a humanidade como potência, com possibilidades a serem assumidas para que nos constituamos histórica, social e culturalmente com as outras pessoas já em processos de inter-relações e humanização mais avançados e com o mundo ao nosso entorno. " Sua reflexão sobre a realidade o faz descobrir que não está somente na realidade, mas com ela. [...] Na medida em que o homem integrado em seu contexto, reflete sobre ele e se compromete, constrói a si mesmo e chega a ser sujeito" (FREIRE, 1980, p. 36).

"Inacabamento" e "seres que se constroem com os outros e com o mundo" são as duas condições ontológicas e ideias-força, que perpassam toda a proposta epistemológico-política e pedagógica de Paulo Freire. Daí que seu sentir/pensar/agir pessoal e profissional emerge dentro das situações sociais, econômicas, políticas e culturais de uma sociedade brasileira com fortes traços de dominação, silenciamentos e exploração. Eis porque, em meio a uma sociedade em que homens e mulheres não tinham condições de "enxergar-se" inserid@s na realidade e refletir sobre ela para nela intervir, Freire vai construindo uma práxis educativa e política a serviço da sua libertação, pela prática dialógico-reflexiva em que todas e todos pudessem "Dizer a sua palavra", "descobrir-se fazedores de cultura"; "condicionados", com capacidades de enfrentar as "situações-limite" como possibilidades de novas "aventuras históricas" para "Ser Mais" pela "conscientização". Quer dizer, nas próprias palavras de Freire, "a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto; esta não pode realizar-se senão na medida em que... refletindo sobre as condições espaço-temporais, nos submergimos nelas e as medimos com espírito crítico"(IBID, p. 35).

Não obstante, alerta Freire, as nossas relações com a realidade, com os contextos de vida e a natureza, bem como com os outros homens e as outras mulheres, e as estruturas sociais são sempre de um certo "afrontamento", justamente porque "o homem nas suas relações se sente tentado a reduzir os outros homens à condição de objeto, coisas que não são utilizadas para o proveito próprio" (IBID, p. 37). Ainda assim, a nossa condição ontológica de pessoas inacabadas e necessariamente de relações com a realidade e com as outras pessoas com quem nos "confrontamos" vai fazendo com que cada resposta ou intervenção que construímos com as pessoas, a sociedade e a natureza vá mudando e nos transformando em "ser mais" homens e "ser mais"

mulheres. "No ato mesmo de responder aos desafios que lhe apresenta seu contexto de vida, o homem se cria, se realiza como sujeito, porque esta resposta exige dele reflexão, crítica, invenção, eleição, decisão, organização, ação..." (IBID, p. 37); assim, também, deixamos de estar apenas "adaptados à realidade e aos outros[...]; "na medida em que o homem, integrando-se nas condições de seu contexto de vida, reflete sobre elas e leva respostas aos desafios que lhe apresentam, cria cultura"e é "fazedor"da história (IBID, p. 38).

O desafio freireano que nos é colocado diante e dentro da realidade social, econômica, política e de agressões à natureza, no Brasil do século XXI, é que nossas *práxis* educativas e científicas emerjam desse mundo da vida real, concreto. Os diferentes processos de ensino-aprendizagem e de (re)construções de conhecimentos e saberes devem constituir-se em empoderamentos pela "conscientização" enquanto compromisso com a transformação da sociedade e da vida de pessoas que estão "impedidas" de ser, visando aprendizagens, conhecimentos e experiências "prudentes a serviço de uma vida decente", sempre atentos à "sociologia da ausências e a uma epistemologia das emergências" (Boaventura de Souza Santos). Assim, podemos criar, em nossas escolas e universidades, a instauração e o compromisso epistemológico-político de "aulas" e "pesquisas" que se debrucem sobre os contextos em que estudantes, acadêmicos e professor@s estamos inserid@s, entrecruzando e relacionando "leitura de mundo e leitura da palavra"(Freire) para ajudar a facilitar processos de mudanças e transformações nas relações sociais e garantir uma ambiência com relações de maior dignidade e humanidade do ser humano individual e coletivo, em uma escola, uma universidade e uma sociedade em que tod@s reconheçam-se em condições de "dizer a sua palavra", refletir criticamente, "conscientizar-se" e intervir nas diferentes "relações"... para poder "gostar de ser gente".

Então, nossas *práxis* educativas e científicas terão relação orgânica com os processos produtivos, culturais, históricos e cotidianos dos grupos sociais "com os quais (e não "para os quais") são realizados. Urge, pois, o esforço em (com)viver/educar(-se) um tipo de sentir/pensar/agir que não esteja descolado do mundo e da *práxis* vivida pelas mulheres e pelos homens de diferentes etnias e/ou grupos sociais, configurando um modo próprio de sentir/pensar/agir, de ser no/com o mundo; em outras palavras, reconhecer e comprometer-se com a sua alteridade sócio-histórico-cultural." (HENZ, 2012, p. 68).

Destarte, o desafio que se coloca a educador@s e pesquisador@s é participar e beber da cultura e realidade do povo trabalhador, que é o principal agente transformador do mundo. Assim, a educação e a pesquisa, integradas e identificadas com os processos sócio-histórico-culturais, poderão constituir-se como dispositivos de conscientização e libertação. Somos provocad@s a procurar entender @ outr@ a partir do "seu mundo", da sua maneira de sentir/pensar/agir as coisas e a vida; escutar para compreender o que emerge do (com)viver dela, do seu tempo, da sua cultura, do seu saber (científico ou de "experiência-feito"), reconhecendo e comprometendo-nos com a constituição sócio-histórico-cultural da genteidade dessas "outras" mulheres e desses "outros" homens, cuja humanização passa necessariamente pelas relações interpessoais, dialógicas e intersubjetivas, e das suas relações/intervenções com o mundo.

(Re)avivamos a utopia e a luta por "outro mundo", uma "outra sociedade" e uma "outra genteidade" possíveis. Um universo "casa de tod@s", em que haja condições para "dizer a sua palavra", reconhecer-se na "inteireza" de nossos "corpos conscientes". Uma convivência e um mundo em que cada pessoa ou grupo, assim como "eu", tenha a sua resposta existencial, a sua alteridade reconhecida e respeitada. Ou seja, a emancipação só é possível enquanto humanização

no encontro dialógico e amoroso "Eu-Tu" com @as outr@s e com o mundo.

14 de julho
Giselda Frank

Fundamentalidade do texto analisado: "É preciso que a educação esteja adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história..."

No clássico livro de Paulo Freire intitulado "Conscientização", o pensador, situado no tempo e espaço da realidade brasileira, reflete acerca da busca de uma educação humanizadora e a imprescindibilidade da conscientização das massas nesse processo. Relata, de forma vivencial, o método pedagógico de libertação de camponeses analfabetos, de modo a abrir perspectivas de estudos e de investigação para a construção de uma Proposta Pedagógica Libertadora, que busque a promoção da "capacidade criadora de todo ser humano". Para tanto, aponta a fundamentalidade da intervenção sobre a realidade social. Segundo ele (1979, p. 35): "Conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica".

Isto quer dizer que tal mudança está vinculada a uma ação sobre a realidade. Por isso, ela se materializa e se legitima por meio de uma práxis interativa, e dialógica, cujos educador e educando reciprocamente libertam-se das amarras da opressão, criando outra realidade, porém ressignificada. Freire, inclusive, adverte que a conscientização não se processa fora da "práxis", ou melhor, sem a unidade dialética de ação – reflexão. Constitui-se no modo permanente de inserção na realidade, para compreendê-la, analisá-la, e então, mudá-la.

Interessante retomar, tal qual salienta Freire, o papel vital da educação na construção de uma alternativa concreta que rompa com a lógica da opressão, da exploração, alienação e da exclusão, tanto para a elaboração de estratégias para mudar as condições objetivas de reprodução e dominação, quanto para a auto-mudança consciente dos indivíduos na produção desse projeto educativo contra-hegemônico. Daí a importância da articulação de todos os que se opõem a essa lógica de um projeto de educação pautada na educação para a liberdade. Acredita-se que o objetivo nuclear dessa educação e daqueles que lutam contra a estrutura desumanizante deve ser o processo de conscientização.

Porém, ressalta-se, segundo o pensador, que a busca, por meio da educação, para a construção de um processo cultural e civilizatório que ultrapasse a opressão e a alienação não pode ser um trabalho solitário do educador restrito à sala de aula. Exige, por isso, um projeto educacional coletivo e solidário. Tomamos como referência PISTRAK, educador revolucionário russo que, em sua única obra que chegou até nós, busca traduzir para o plano da pedagogia escolar os ideais, as concepções, os princípios e os valores do processo revolucionário inicial na União Soviética, afirma ele (2000, p. 41): "A fase em que vivemos é uma fase de luta e de construção, construção que se faz por baixo, de baixo para cima e que só será possível e benéfica na condição de que cada membro da sociedade compreenda claramente *o que é preciso construir* (e isto exige a

educação *na realidade atual*) e *como é preciso construir.* Destaca ele, que uma das presenças fundamentais para a concretização do projeto revolucionário consiste na aptidão para trabalhar coletivamente e para encontrar espaço num trabalho coletivo.

Na construção da Proposta Pedagógica de libertação e humanização, Freire pondera que as ações libertadoras, num certo meio histórico e de modo permanente, devem corresponder a temas geradores relevantes e significativos buscados na realidade conflitante e contraditória, permeados por ideias-força, dentre as quais a história e cultura, dois conceitos dialeticamente interrelacionados, são objeto de análise nessa reflexão acerca do projeto educativo de conscientização.

Certamente, a conscientização perpassa pelo compromisso histórico e cultural. Na medida em que o homem assume o papel de sujeito que faz e refaz o mundo. Exige, pois, que todo o ser humano, distinto dos animais, continuamente produza a sua própria existência, caso contrário perece. Para tanto, necessita adaptar a natureza a si, transformando-a, por meio do trabalho, para sua autossustentação. Nessa produção, conforme as condições materiais e o contexto histórico, cria a cultura. Assim, argumenta SAVIANI (2008, p. 11): "Para sobreviver, o homem necessita extrair da natureza, ativa e intencionalmente, os meios de sua existência. Ao fazer isto, ele inicia o processo de transformação da natureza, criando um mundo humano (o mundo da cultura)".

Porém, diante da multiplicidade de temas e desafios a que se depara em contradição dialética, o homem toma, igualmente, posições contraditórias: ou trabalha na "manutenção das estruturas, ou, em sua mudança". É nesse contexto profícuo, apresenta-se a educação libertadora, que promove a conscientização do ser humano, como sujeito histórico, de modo a optar pela mudança, inserindo-se assim criticamente na realidade. Tal inserção crítica o favorece captar os temas significativos e suas tarefas inerentes são desenvolvidas, o que possibilita ao homem *"chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história..."*

Assim, os seres humanos se caracterizam por um permanente vir a ser, a condição não está determinada, mas precisa ser construída historicamente e culturalmente. Acreditando pois, como educadores no processo histórico e cultural, é possível uma intervenção na realidade educacional vigente. Isto implica em reconhecer que toda a mudança é histórica. E porque toda mudança é histórica, é possível uma inserção pedagógica crítica nas relações sociais escolares para poder perceber quais os mecanismos que historicamente têm obscurecido uma práxis humanizadora. Nesse sentido, a compreensão do passado possibilita dar um outro sentido ao presente e auxilia na mudança das condições materiais atuais. Dessa forma, é possível os envolvidos neste processo, através da discussão e reflexão permanente, construir o seu próprio projeto social e político.

Em desfecho, aliamo-nos ao espírito utópico de Freire, numa rede de esperanças, conforme anunciam BERGAMO ET AL (2016, p. 236): "Sim, nós temos uma utopia, nós temos esperança, nós queremos um tempo/mundo diferente". Isto porque Freire afirma que "utopia é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar", que se constitui a partir da conscientização das massas, cujo compromisso histórico implica na assunção de uma práxis educativo-coletiva para pensar, discutir e sistematizar determinada educação que volte a "denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante". Nosso compromisso histórico consiste em sermos portadores de esperança de uma Proposta Pedagógica libertadora, no sentido de provocar e mobilizar toda e qualquer comunidade que se autodenomina educativa, formativa,

em constituir o espaço da instituição como um espaço de esperança, de utopias possíveis, de um tempo/mundo diferente daquele que absurdamente tem sido construído. Sim, nós, geração mais experiente, não podemos permitir que as novas gerações repitam os mesmos equívocos que cometemos, de modo a construir a lógica do absurdo. Eis a nossa utopia realizável!

15 de julho
Fernanda dos Santos Paulo

Processo Metodológico no livro Conscientização é na segunda seção dessa obra que localizamos a concepção de metodologia como processo, "Contradizendo os métodos [...] puramente mecânicos " (FREIRE, 1979, p.22), rejeitando as fórmulas doadas e pré-concebias - carregadas de passividade e da inexperiência de participação popular. Para Freire, o processo metodológico está pautado na democratização da cultura e na participação popular crítica.

Referindo-se a alfabetização, identificamos o processo metodológico como "ato de criação, capaz de gerar outros atos cria-dores; uma alfabetização na qual o homem, que não é passivo nem objeto, desenvolvesse a atividade e a viva-cidade da invenção e da reinvenção, características dos estados de procura. " (FREIRE, 1979, p, 22). Neste trecho percebemos que o educador é um mediador e problematizador do conhecimento e o diálogo é o método que supera a aula discursiva com programas prontos e de compreensão de aluno como objeto passivo.

Deste modo, o processo metodológico é um ato de criação e reinvenção da própria participação. Logicamente é um método dialogal e crítico, onde educando-educador são participantes do processo educativo, o qual acontece numa relação horizontal - geradora de problematização, de respeitos aos diferentes saberes e de significações para a nossa existência.

Nesse livro, Freire (1979) traz o trabalho a partir das "palavras, fundamentais, chamadas geradoras" (p.23), as quais possibilitam a criação de novas palavras que possuem sentido existencial para quem participa da atividade educativa. Essas palavras geradoras são oriundas do levantamento do universo vocabular, carregadas de conteúdo da vida em suas múltiplas dimensões: culturais, afetivas, políticas e sociais. São expressões particulares e ligadas a vida (experiências) daquele determinado grupo.

As palavras geradoras possuem significado e sentidos e, como são advindas de pesquisa participativa, exige-se interpretação crítica da realidade, cuja teoria visa a conscientização e libertação tanto de educadores como de educandos. Esse processo de pesquisa deve resultar em ações que sejam politizadas, renunciando o entendimento de que as situações limites são resultantes de determinações naturais. O processo metodológico problematizador, em Paulo Freire, pressupõe a educação como ato político, portanto associada a inserção crítica com vistas a transformação social.

PAUSA PEDAGÓGICA
(anote as aprendizagens, ideias, dúvidas e ações que o texto proporcionou até aqui).

16 de julho
Sônia Maria Zanezi Peres

Paulo Freire denomina como método de ensino a técnica do processo inicial da alfabetização de jovens e adultos, que aborda o início do trabalho em grupo, destacando o processo de compreensão e conscientização dos sujeitos envolvidos, caracterizado como a educação no primeiro estágio da aprendizagem, obtendo assim a finalidade de aprender a ler e escrever, respeitando o método de ensino-aprendizagem que retira a intolerância da mente reconstruindo novos caminhos para a educação libertadora.

Com seu método inovador Freire, realiza uma transformação do sujeito na construção do processo de aprendizagem, consolidando a concepção de educação popular como um modelo a ser seguido na pedagogia contemporânea, contribuindo para uma formação do sujeito que almejada uma sociedade democrática com projeto libertador, pois ele observa que educação é um processo de humanização, que coloca o diálogo como papel primordial na conversão de saberes, uma prática edificadora do indivíduo, seja ele homem ou mulher. O autor observa que ao aplicar o seu método de alfabetização, o estudante ao mesmo tempo é desafiado a fazer uma reflexão quanto ao seu papel social, quando faz refletir sobre sociedade escrevendo a própria palavra, dando significado prático do seu cotidiano.

O objetivo de Freire é disseminar seu método para uma educação diferenciada, que propicie uma educação reinventada colaborando desde o início da formação mais humanizada

aprendendo a ler e escrever. Diante dessa premissa de educação mais humanizada, obtém-se a construção do método baseado no diálogo entre duas pessoas, sendo que a aprendizagem acontece no envolvimento e ambos aprendem em conjunto, pois Freire afirma em seu método que ninguém educa ninguém, pois ninguém se educa sozinho, já que a aprendizagem não acontece com um sujeito isolado, por isso a necessidade de aprender em conjunto.

Em virtude de desenvolver uma metodologia de aplicabilidade prática, Freire busca designar a construção de um repertório de símbolos da alfabetização, símbolos estes que fazem parte do cotidiano dos indivíduos, tendo como fase inicial o envolvimento do maior número de pessoas da comunidade a ser desenvolvida o processo de alfabetização. A princípio ele realiza a formação de turmas de estudo para desenvolver uma prática comum, respeitando os diferentes níveis de aprendizagem e a realidade local. Paulo Freire na obra da Pedagogia do Oprimido chama essa etapa do método de "investigação do universo temático", abordando o conceito de que há um ambiente dos dizeres da cultura local, que deve ser descoberto.

Idealizado pelo acervo dos símbolos, a partir da pesquisa das palavras, é descoberto indícios de um mundo repentino, dos quais os estudantes passam para as próximas fases do aprendizado coletivo, que permeia na leitura da realidade da qual o sujeito está inserido com a palavra escrita e o que ela representa, enaltecendo o imaginário dos sujeitos, tendo a pesquisa como uma prática inovadora, onde tudo se transforma em material de estudo que o próprio grupo pensa, cria e recria incorporando ao trabalho de ensino aprendizagem.

A finalidade do método de Paulo Freire, baseia-se em um momento importante, pois é na explanação da fala que a o envolvimento de todos, ou seja educador e educando, sendo responsáveis por cada conquista, a descoberta coletiva da vida através da fala e do mundo através das palavras, assim essa palavra não deve servir apenas para que os educadores obtenham o tempo para ensinarem com o material didático, devem servir para criar um momento comum dessa descoberta, havendo a participação conjunta entre pessoas dos dois lados do trabalho de alfabetizar.

Paulo Freire não queria utilizar o método tradicional e mecânico para alfabetizar, pois observava que o aprendizado era resultado do esforço de repetir e não havia ali nenhuma forma de reflexão, Freire buscava uma forma hermenêutica de interpretar onde os sujeitos pudessem se manifestar com suas palavras através da pesquisa de seu cotidiano, onde trabalhavam e residiam, no momento em que se encontravam reunidos para os encontros de alfabetização, poderia acontecer um inesperado, como por exemplo o surgimento de uma palavra não prevista e que entraria no debate e no trabalho de aprender a ler, tornando os encontros mais desafiadores e interessantes aos que ali se encontravam, o sentido dessas palavras deveriam apontar para as questões da vida, do trabalho, podendo ser símbolos concretos da existência real das pessoas, mesmo que no limite mais sucinto, essas palavras escassas codificam o modo de vida das pessoas e dos lugares onde a descoberta foi realizada, Freire atentou para essa ideia em tornar esse método como um roteiro de trabalho pedagógico, sem desvirtuar seu sentido e sua prática.

Não havia uma rigidez na aplicação do método para Paulo Freire, é um trabalho pedagógico desenvolvido através do fazer humanitário, pela própria determinação de se reestabelecer a cada vez, pois ele não se impõe sobre a realidade, pois serve a cada situação, obtendo no coletivo o trabalho de construir, ajustar e inovar o método.

A educação não nasceu construída, ela sempre estará em construção, onde há educadores que se reeducam, ali haverá um ato político, podemos afirmar que a educação é um trabalho político nas palavras de Freire. A educação política, isenta de qualquer discussão centradas em siglas partidárias, esta educação política onde o partido possa ser o educador e que continue a formação obtida no movimento popular e a alfabetização é um destes trabalhos necessários.

O método é uma ferramenta para preparação de pessoas para uma tarefa coletiva, a função de alfabetizar, parte da premissa em educar.

Atualmente o método é um instrumento a serviço da recuperação da prática de trabalho de educação popular, os educadores procuram redescobrir o sentido desse trabalho, dentro de um novo contexto, uma nova realidade social e cultural, onde a ação cultural tem papel expressivo no sentido de amplificar o conhecimento do sujeito, fazendo dele um ser comprometido com as transformações que geram a liberdade e chama atenção quanto ao comprometimento do educador que deve ser imprescindível na realidade que está inserido.

Paulo Freire nos mostra que o trabalho do educador popular é um intermediador do povo, que o convoca para fazer o que o povo ainda não sabe ou não pode fazer, com a sua contribuição nos trabalhos de educação, que deve ser libertadora e emancipadora, transformando a realidade da sociedade.

17 de julho
Naider Tadeu Porcel

> "Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho. " (Paulo Freire)

Paulo Freire estimula a alfabetização dos adultos mediante a discussão de suas experiências de vida entre si, através de palavras presentes na realidade dos alunos, que são decodificadas para a aquisição da palavra escrita e da compreensão do mundo. Em vez de buscar a alfabetização por meio de cartilhas e ensinar, por exemplo, "o boi baba" e "vovó viu a uva", ele trabalhava as chamadas "palavras geradoras" a partir da realidade do cidadão.

O método Paulo Freire de alfabetização é dividido em três etapas. Na etapa de Investigação, aluno e professor buscam, no universo vocabular do aluno e da sociedade onde ele vive, as palavras e temas centrais de sua biografia. Na segunda etapa, a de tematização, eles codificam e decodificam esses temas, buscando o seu significado social, tomando assim consciência do mundo vivido. E no final, a etapa de problematização, aluno e professor buscam superar uma primeira visão mágica por uma visão crítica do mundo, partindo para a transformação do contexto vivido.

De maneira prática, é fundamental que haja a discussão da situação social do educando e a visualização da "palavra geradora" e não apenas sua memorização. Depois apresenta-se a palavra geradora separada em sílabas (ou em partes como os educandos costumam dizer), com a visualização das famílias silábicas que compõem a palavra em estudo se estabelece sistemas de sinais gráficos. Com o reconhecimento das sílabas e toda a família fonética, resulta a combinação da consoante com as outras vogas. A apresentação simultânea das famílias forma a chamada "Fi-

cha de Descobrimento". A leitura horizontal e vertical e a síntese oral possibilita a criação de outras palavras com as combinações possíveis A partir da decodificação fonética dessas palavras, vai se construindo novas palavras e ampliando o repertório.

Exemplo:
Situação: Obra em construção
Palavra Geradora: Tijolo

Ficha de Descobrimento:	ta	te	ti	to	tu
	ja	je	ji	jo	ju
	la	le	li	lo	lu
Síntese Oral:	"tu	ja	le"	(tu já lês)	

Desde seus primeiros escritos, Paulo Freire considerou a escola muito mais do que as quatro paredes da sala de aula. Apesar de aplicado entre jovens e adultos, o método também pode ajudar na alfabetização e letramento de crianças.

A pedagogia freiriana procura explicitar que não há conhecimento pronto e acabado. Ele está sempre em construção, aprendemos ao longo da vida e a partir das experiências anteriores, o que faz cair por terra a tese de que alguém está totalmente pronto para ensinar e alguém está "totalmente" pronto para receber esse conhecimento, como uma transferência bancária.

Esse caráter político, libertador, conscientizador é o diferencial da metodologia de Paulo Freire dos demais métodos de alfabetização. Suas obras são críticas, mas cheias de esperança porque o homem e a mulher, como seres inconclusos, sempre podem aprender mais e mudar a sua realidade e a do mundo.

18 de julho
Adenildo Vieira de Souza

Este capítulo abordará uma análise e discussão do tópico *Da leitura à Escrita* que está contido na obra "Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire", nela é contextualizada todo o fazer pedagógico do seu método de alfabetização.

Na Alfabetização de Paulo Freire, em que seu processo de reconhecimento e assimilação das palavras geradoras, proporcionou aos alunos passarem por um processo fonético onde se procura analisar e compreender as junções a partir das sílabas, tal atividade se efetiva mediante à realidade dos alunos, o que acabou evidenciando e se tornando um diferencial e constituindo a práxis pedagógica em Freire, onde se pôde aliar e instigar à conscientização dos educandos e de todos envolvidos no processo. Para Freire (2005, p. 53-54):

> Uma vez terminados os exercícios orais, através dos quais se produz não somente o conhecimento, mas também o reconhecimento, sem o qual não há verdadeiro aprendizado, o aluno passa à escrita, e isto desde o primeiro dia. Na tarde seguinte, leva ao Círculo, como tarefa, todas as palavras que pôde criar pela combinação de fonemas comuns. O que importa, no dia em que põe o pé neste terreno novo, é a descoberta do mecanismo das combinações fonêmicas.

Assim a partir do que é exposto por Freire (2005), no processo através das práticas mediados por exercícios orais, passa-se ao conhecimento e ao reconhecimento da escrita, onde o autor afirma que sem o reconhecimento não há verdadeiro aprendizado. Assim, isto se deve a um trabalho onde se procura um diálogo epistêmico que se leve em conta a realidade desses alunos,

digamos que se aproveita o etnoconhecimento desses educandos que lidam com situações conflituosas no cenário educativo e sociopolítico.

As combinações fonéticas corroboram para a conscientização deste ato, o que em outras metodologias não se efetivavam. Feito isto, este simples ato acaba se configurando numa compreensão de mundo para os educandos, pois passam além de compreender os sentidos e significados da oralidade, também compreendem a escrita, como se verifica nos Círculos de Cultura. Diante disto, Freire (2005, p. 54-55) aponta que:

> Para que a alfabetização não seja puramente mecânica e assunto só de memória, é preciso conduzir os adultos a conscientizar-se primeiro, para que logo se alfabetizem a si mesmos. Consequentemente, este método – na medida em que ajuda o homem a aprofundar a consciência de sua problemática e de sua condição de pessoa e, portanto, de sujeito – converte-se para ele em caminho de opção. Neste momento, o homem se politizará a si mesmo.

Diante do apontado pelo autor, podemos entender que a alfabetização deve fomentar e contribuir para a conscientização do homem enquanto partícipe do processo de transformação social, ela entra com um pilar para a transformação da sociedade, onde primeiramente transforma o homem para que este possa transformar o seu contexto.

Contudo, o método de alfabetização de Freire, tem a preocupação e sobretudo a colaboração na transformação social, dando voz e vez aos oprimidos, sem a qual ainda estariam nesta condição. Ao aprenderem a ler, abre-se uma leitura para o mundo, talvez se esta proposta de Freire tivesse caminhado desde seu início aos dias atuais, estaríamos vivendo um novo cenário educativo, emancipador e não mais opressor. Cabe a nós adeptos e praticantes de suas ideias, fomentá-las e vivenciarmos nas nossas práticas pedagógicas.

19 de julho
Mônica Maria Teixeira Amorim
Maria Helena de Souza Ide

Ao tratar do seu rigoroso trabalho de reflexão para o desenvolvimento de um método destinado a ensinar analfabetos a ler e escrever com mais facilidade, um método de alfabetização capaz de romper com os tradicionais métodos de ensino da língua – que se utilizavam de lições mecânicas e distantes do universo vocabular dos estudantes, Freire (1980) lembra que, a princípio, acreditava que a melhor forma de alfabetizar não era desafiando o espirito critico dos estudantes, mas procurando introduzir alguns símbolos relacionados a palavras para, depois, desafiar os alunos a associar palavras e símbolos e, então, apreendê-las.

Contudo, ele esclarece que mudou sua compreensão, passando a acreditar que a melhor forma de alfabetizar era, desde o princípio, desafiando o espirito critico dos estudantes. Lembra que pediu auxílio à cozinheira que trabalhava em sua residência – uma camponesa analfabeta. Conta que, em um domingo, disse à ela "Olha, Maria, eu procuro uma maneira nova de ensinar a ler aos que não sabem e tenho necessidade da sua ajuda. Você quer ajudar-me?" Tendo ela aceitado, ele segue contando:

> Levei-a à minha biblioteca e projetei um desenho com um menino e abaixo do desenho estava escrita a palavra "menino". Perguntei-lhe: "Maria, o que é isso?" E ela: "um menino". Projetei outro desenho com o mesmo menino, mas ortograficamente "menino" estava escrito sem a sílaba do meio ("meno", em lugar de menino). Perguntei-lhe: "Maria, falta alguma coisa?" Ela me disse: "Oh, sim, falta, o do meio." Sorrindo, mostrei-lhe outro desenho com um menino, mas com a palavra

> escrita sem a última sílaba (somente "meni"), e lhe perguntei outra vez: "Falta algo?" "Sim, o final." (FREIRE, 1980, p.49).

Ele menciona que os dois ali ficaram, por 15 minutos aproximadamente, discutindo acerca de diversas combinações possíveis com a palavra menino e, em cada situação, Maria apontava a sílaba que faltava, até que, a cozinheira, reclamou cansaço. Maria disse a ele que o exercício era interessante, mas que estava cansada. E perguntou-lhe: "Você acredita que pude ajudá-lo?", ao que ele respondeu: "Sim, ajudou-me muito, porque mudou minha maneira de pensar." Ela agradeceu, saiu da biblioteca e ali retornou em cinco minutos trazendo uma xicara de café para o mestre. (FREIRE, 1980, p.49).

Freire assinala que ela podia trabalhar o dia todo, mas que, em face de um exercício intelectual, demonstrava cansaço. Lembra que, novamente sozinho na biblioteca, se pôs a pensar sobre essa experiência e sobre sua primeira hipótese – de que a melhor forma de alfabetizar não era, inicialmente, desafiando o espirito crítico dos estudantes. E ressalta que "com este simples caso de Maria, me convenci de que era necessário proceder de outro modo, que faltava desafiar a consciência crítica, desde o começo". Lembra o mestre que, após alguns dias, iniciou o trabalho com um grupo de cinco homens e, desta vez, já os desafiando de forma crítica, desde o princípio. (FREIRE, 1980, p.50).

Na aplicação do seu "método de alfabetização", além de desafiar o espírito crítico dos educandos, Freire aponta alguns princípios que devem orientar tal processo. Dentre eles, a liberdade é considerada por Freire como a matriz sobre a qual a educação adquire sentido, entendendo que somente quando os educandos se envolvem de maneira livre e crítica é que a educação se realiza de forma efetiva e eficaz. A liberdade é considerada um princípio essencial na organização dos chamados Círculos de Cultura, os quais, além de substituir a escola tradicional, adotam uma abordagem onde coordenador e homens do povo se engajam no propósito comum de conquista da linguagem através do diálogo. Outro ponto basilar da proposta de Freire é a intervenção do povo na elaboração do programa e na definição das palavras geradoras, o que possibilitará a apropriação da linguagem, ao mesmo tempo em que apresenta uma situação problema.

Na concepção de Freire, não há como separar alfabetização e conscientização. A conscientização não seria, portanto, algo preliminar à aprendizagem, mas sua emergência se situa na própria aprendizagem, quando esta possibilita a consciência do real. O ponto de partida da conscientização é o homem brasileiro do povo, iletrado, com sua forma de captação e compreensão mágica da realidade. Substituir essa compreensão mágica por uma concepção mais realista e crítica, eis a única maneira de ajudar o homem a realizar sua vocação ontológica, a contribuir na construção da sociedade e na mudança social. Para atingir esse objetivo, Freire propõe um método ativo de educação, assentado no diálogo, o que exige a modificação dos programas de educação. O conceito antropológico da cultura é assumido por Freire e sua equipe como a primeira dimensão desse conteúdo novo, o qual ajudaria o analfabeto a passar da compreensão mágica e ingênua do real à compreensão crítica. Considerar o papel ativo do homem frente à realidade, a tomada de consciência da cultura como incorporação crítica e criadora e não como informações justapostas, a compreensão da existência do mundo da natureza e da cultura, o papel do homem como sujeito e não como objeto, dentre outros, configuram-se na obra freiniana como caminhos indispensáveis a serem percorridos na transformação do homem simples para o homem "autor do mundo e criador de cultura".

20 de julho
Andréia Cadorin Schiavini

"Descobrindo-se assim autor do mundo e criador de cultura, descobrindo que toda a criação humana é cultura e que ele, como intelectual, é criador; que a estatueta de barro cozido feita por um artesão é cultura com o mesmo título que a obra de um grande escultor, o analfabeto começará a operação de mudança de suas atitudes interiores" (FREIRE, 1979, p. 28).

A conscientização do sujeito sobre si próprio começa na compreensão da importância do seu fazer. Tudo o que produz é histórico e cultural. A cada transformação provocada na natureza o homem produz a si, e, produzindo a si mesmo, produz história, produz cultura, produz conhecimento.

Conhecimento que ele, o sujeito, do gênero humano, acredita que apenas o opressor é qualificado para produzir, pois não vê nele a capacidade dessa produção. Freire busca lapidar nesse humano a consciência de sua ação. Quer nos mostrar que o diálogo necessita aproximar-se desse sujeito humano a quem se quer empoderar de conhecimento. Parte do pressuposto de falar a partir das experiências reais desse sujeito e ampliar o horizonte de seu conhecimento.

Freire trás em seus escritos a importância da essência dessa fala, que se resume na palavra. Palavra essa compreendida como direito do indivíduo, e não como privilégio de alguns. O diálogo, para Freire, é a palavra, que é ação, que é práxis.

E porque a palavra é tão importante para Freire? Porque através dela é possível enxergar o humano. Concentra-se aqui a necessidade de ouvirmos a palavra do outro, sem perder de vista quem é este outro que profere esta palavra, pois através dela expressam-se, entre outras, suas condições históricas e sociais.

Através da palavra será possível a democratização da cultura, e é também através da palavra que se torna possível a alfabetização. A partir do momento em que o sujeito olha para o que lhe é conhecido, para o que lhe é real e consegue perceber o quanto de sua essência humana está presente neste fazer, passará a enxergar a realidade com outros olhos, com os olhos do conhecimento sistematizado historicamente. Descortina-se assim outro mundo, que não foi alterado na sua estrutura física, mas na compreensão de sua existência.

Freire nos faz refletir sobre a boniteza das palavras, ensinando a partir daquilo que já existe, no intento de produzir-se um novo conhecimento. Conhecimento esse que não é inteiramente novo, nem dado, nem pronto e acabado, mas que é construído, compreendido, ampliado, que eleva o sujeito humano a perceber-se autor da cultura. Cultura inclusive da qual ele nunca esteve à parte, por mais que o sistema queira assim, pois sempre protagonizou essa ação humana de transformação e criação. Percebe-se que o sujeito não é alienado em sua essência, mas passa a ser devido à exploração e massificação imposta pela organização e divisão do trabalho, a qual o sistema capitalista corrobora por manter.

Sua essência é criativa. Num primeiro momento para garantir sua subsistência, cria utensílios diversos e objetos, que o protegem, que facilitam sua alimentação, que o aquecem, neste ir e vir vai transformando a natureza e consequentemente transformando-se a si mesmo. Já num segundo momento sente a necessidade de expressar o seu lado estético e artístico. Neste segundo momento, esse sujeito humano estabelece relações com outros sujeitos humanos, criando a necessidade de expressar suas ideias, seus anseios, suas tradições, seus credos, enfim demonstrar

seus sentimentos através de danças, músicas, rituais, entre outros, se construindo e participando da construção do outro pelo movimento incessante que é dialético.

A partir destas premissas Freire quer nos fazer pensar sobre os dois mundos aos quais fazemos parte: o da natureza e o do trabalho. Revelando-se assim a ação do humano, através do trabalho, sobre a natureza na criação da cultura. Estabelecendo-se assim a compreensão de que a natureza, tal como é encontrada não manifesta a essência do humano, que se faz presente nas relações sociais instituídas, inclusive na forma e organização do trabalho.

A democratização da cultura possibilitará que o humano se perceba sujeito e indivíduo, ou seja, autor e ator, dessa construção, que também é transformação, se considerarmos que ao transformar a natureza o humano também é transformado, pois estabelecesse a partir desta transformação novas relações, como exemplo do poço de água, se antes era preciso caminhar longos trajetos para se encontrar água, a partir do momento que a criatividade desse humano possibilita a construção deste "reservatório", não haverá mais a necessidade de percorrer longos caminhos e novas relações serão estabelecidas a partir deste ato criativo.

Freire quer nos mostrar que somente o conhecimento empodera o sujeito humano e isso só será sentido a partir do momento que o conhecimento altere a forma de como esse sujeito humano enxerga o mundo e a si mesmo, e o possibilite a transformação de sua realidade.

21 de julho
Fabiane Kravutschke Bogdanovicz

Paulo Freire conceitua neste trecho uma das três palavras-chave para a práxis da Libertação: a opressão. Em uma de suas falas mais célebres e seminais, apresenta que "somente os oprimidos podem libertar os seus opressores, libertando-se a si mesmos". Isto é, quando os oprimidos se libertarem, libertarão também a seus opressores. Essa frase torna indubitável o sujeito histórico da libertação: os oprimidos.

Não é possível esperar que a libertação venha pela ação dos opressores – estes carregam consigo a visão de mundo deformada pela violência da desumanização, estando do lado do eixo que se alimenta dessa ordem injusta e desigual. É até possível que os opressores demonstrem alguma generosidade para com os oprimidos, mas esta se trata de uma generosidade maléfica, que está a serviço da manutenção de uma relação desigual. Tais relações, de assistencialismo e de caridade, mantêm a dependência, acomodam e continuam sendo relações desiguais, pois são unilaterais, verticais, e não trazem consigo um potencial de emancipação, de conscientização e de libertação. Para os opressores, os oprimidos são inimigos potenciais, pois a libertação dos oprimidos, a obtenção de uma consciência de classe, representa o fim dos privilégios dos dominadores. Mesmo que optem por unirem-se aos oprimidos em sua luta, falta aos opressores uma condição indispensável: a confiança de que o povo é "capaz de pensar, de querer e de saber". O povo não precisa de um *salvador* que vai lhes mostrar o melhor caminho, alguém que se mantenha em uma posição de superioridade e, por isso mesmo, alheada. A confiança nos homens e mulheres do povo é condição basilar para *estar com*, em vez de *estar para*, e assim *lutar junto* na superação das desigualdades estruturantes.

Estando também submetidos a essa vivência desumanizante, a essas relações de poder desiguais, os oprimidos introjetam em si o seu pólo oposto, os opressores. Isto é, os oprimidos

também nascem, crescem e são socializados nessa mesma sociedade, cujos valores ou mitos naturalizados e amplamente transmitidos correspondem aos valores da classe dominante. Vivendo um cotidiano permeado pelos valores ou mitos dos opressores, transmitidos, de formas explícitas e também implícitas, como valores universais e naturais, os oprimidos passam a carregar em si tais valores, como submetidos a um condicionamento. Assim, os oprimidos, dentro de uma relação de dominação, absorvem tais valores e buscam colocá-los em prática, tento aprendido que são o "certo", o "normal", desejando ser como o opressor que já possui ou pratica tais valores. Dessa forma, é muito comum verificar a prática do que diz aquele ditado popular: "os oprimidos de hoje serão os opressores de amanhã".

Essa passagem de oprimido a opressor se dá devido a uma visão individualista, sem consciência de classe, por parte dos oprimidos. Para que essa contradição possa ser superada, não é possível que os sujeitos apenas passem de um pólo a outro da contradição, mas que se tornem sujeitos da libertação. É preciso que o oprimido consiga desvelar o que há por trás dos valores que aprendeu, qual a intencionalidade que sustenta o que lhe foi ensinado como certo e errado, a fim de perceber as relações de poder que o mantêm nessas condições e para reconhecer em si o opressor que introjetou. Esse é o trabalho de desmitologização da realidade, pois consegue problematizar e desnaturalizar os mitos e valores da estrutura dominante que são transmitidos como valores naturais, como o correto ou normal. Conseguindo perceber como carrega em si mesmo essas relações de dominação, é possível então para o oprimido decidir libertar-se. Quando adquire consciência de classe e consegue buscar sua libertação, o oprimido consegue intervir nessa relação de mão-dupla, essa relação axial que existe entre oprimido e opressor, por estar *em relação*, o que significa que uma coisa está intrinsecamente ligada a outra e, intervindo em um dos pólos, conseguirá por conseqüência intervir no outro. A libertação rompe com o eixo de dominação.

Ao buscar a libertação, não mais é possível que os oprimidos queiram ser os opressores, pois a opressão é um ato impeditivo ao *ser mais*. A libertação marca o rompimento com o opressor que era carregado dentro do oprimido, através da reprodução acrítica e inconsciente dos valores dominantes e dominadores aprendidos. A libertação marca, enfim, o rompimento com a opressão desumanizante e reificadora, e transforma a todos os sujeitos, oprimidos e opressores, no processo de busca cada vez maior pela humanização e pela utopia, pela participação ativa na história, com relações mais equalitárias, horizontais e dialógicas.

22 de julho
Keila Ferreira Cardoso

Para Paulo Freire, existir humanamente é modificar o mundo modificando o oprimido no resgate de sua autoestima e levá-lo a "descobrir" a presença do seu opressor dentro de si, conforme diz Paulo Freire "descobrir concretamente seu opressor e, portanto, a sua própria consciência". E nessa descoberta, além de ser fundamental para que o oprimido se liberte de seu estado de alienação, deve-se fazer o resgate da confiança em si mesmo e de um espírito crítico e inconformado com situações de exploração e desumanização.

O oprimido interioriza a imagem do opressor de tal forma que passa a acreditar naquilo que o opressor afirma: que são incapazes e preguiçosos. Isso mostra o quanto a opressão é uma

forma de violência que manipula o indivíduo e que se vence com o aprofundamento de uma consciência crítica. Interessante observar que essa conscientização ocorre com uma educação voltada para um ensino transformador onde a mudança passa primeiro pela transformação da visão de mundo e que levará o indivíduo, que, outrora oprimido, a ser um agente de transformação, não somente de sua própria história, mas também daqueles que estão em sua volta. Ou seja, é a conscientização gerando reflexão e a reflexão a ação.

Manter o oprimido em estado de ingenuidade diante de sua situação de opressão é o maior objetivo da classe dominante, caso contrário, o oprimido fugiria de seu controle. A partir do momento em que o oprimido sai do estado de ingenuidade, ele passa a ter um olhar epistemológico sobre sua própria situação, corroborando assim para uma mudança estrutural em seu meio de forma permanente e para que isso ocorra é necessário que o diálogo não seja ingênuo pois deve confrontar o indivíduo com a sua realidade. Sócrates, um dos maiores filósofos da Grécia antiga já elegia o diálogo como método de investigação. Não um diálogo romântico, mas sim pautado na mudança de idéias, de pensamentos.

O humanista é compromissado radicalmente com seu homem concreto. Esse compromisso visa uma consciência crítica, mudando a forma de pensar do indivíduo e a sua realidade de vida. A consciência crítica gera esperança e sobre isso Freire afirma categoricamente que, "Eu espero, na medida em que começa a busca, pois não seria possível buscar sem esperança. Uma educação sem esperança não é educação. Quem não tem esperança na educação dos camponeses deverá procurar trabalho noutro lugar". Nesse sentido, faz-se necessário que o professor conscientizador tenha sempre em sua práxis pedagógica uma educação que tem por objetivo libertar o oprimido de sua situação de opressão, transformando a consciência ingênua para a crítica, onde assim, poderá "descobrir" seu opressor e assim fazer a tomada de consciência de sua realidade opressora. É a educação como prática de liberdade. Liberdade da opressão e do jugo social.

Cabe ao professor humanizador e conscientizador levar o aluno conscientizado de sua posição a fazer um compromisso histórico consigo e com a sociedade em que está inserido. Por isso é necessário que o professor educador esteja disposto a ser um agente de transformação social, incentivado e motivando o aluno não só a estudar e ler livros mas também a fazer a leitura de mundo, uma vez que, conforme as palavras de Paulo Freire, "se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda".

23 de julho
Maria Angélica de Sousa Costa

As mudanças na sociedade são baseadas nas escolhas dos indivíduos e suas decisões pelas próprias transformações, sejam estas movidas por imposições explícitas ou implícitas pelos dominantes, que possuem os aparelhos de manobras do Estado a fim de naturalizar as escolhas do povo em benefício da manutenção do *status quo* de soberania e reprodução da ideologia dominante, resultando assim na aceitação e dependência do oprimido pelo seu opressor. Dessa forma, "...a sociedade é simplesmente objeto de outra e de outros." (FREIRE, 1979, p.62). Por outro lado, quando a sociedade caminha em sentido contrário, percebendo as condições de exploração, unindo-se numa prática transformadora para libertação, ela assume o compromisso de superar as situações de dependência.

Os países subdesenvolvidos são historicamente dependentes. No Brasil, especificamente, que fora colonizado por europeus e teve que engolir uma cultura compulsória, entre outras coisas, criou-se a cultura do silêncio, sendo passado entre as gerações e tornando-se um hábito comum calar-se. Para Freire, "a tarefa fundamental dos países subdesenvolvidos- o compromisso histórico dos seus povos- é superar sua 'situação-limite' de sociedades dependentes, para converterem-se em 'seres-para-si-mesmos'. " (FREIRE, 1979, p. 62).

A grosso modo, Freire advoga o direito da fala, o rompimento da "cultura do silêncio" como um caminho para construção de uma nova sociedade. A modernização vem reforçando as relações de dependência, a cultura imposta transforma a sociedade em uma imitação, "uma espécie de caricatura de si mesma" (FREIRE, 1979, p. 63). O povo em silêncio repete as falas que lhe foi dita, segue as instruções, uma vez que não fora instruído a "ser-para-si-mesmo" e sim um "ser-para-o-outro".

Assim, Freire trata da situação de dependência que se constrói historicamente numa sociedade que é reflexo de uma construção baseada numa relação desigual entre seres donos das palavras e seres repetidores das palavras. Para ele, é preciso a conscientização da situação de subordinação pelo povo para que possa ser superada a "situação-limite" e com isso poder ser construída uma nova sociedade, crítica, politicamente engajada e comprometida com a transformação para todos.

24 de julho
Georgina Durán

O mais impressionante ao ler os textos do Paulo Freire, é que não parecem escritos em décadas passadas. Nesse fragmento, de "o fenômeno relacional da dependência a partir do caso latino-americano" (FREIRE, 2016, p. 109), ele fala sobre os níveis de consciência e a relação destes com as realidades histórico-culturais. Embora se refira à região latino-americana, deixa aberta a análise para outras regiões do denominado Terceiro Mundo e/ou para zonas das grandes metrópoles semelhantes desse Terceiro Mundo.

Uma das realidades histórico-culturais que Freire estuda, se denomina 'a cultura do silencio', que a grosso modo, pode-se enunciar que "condiciona uma forma espacial de consciência" (FREIRE, 2016, p. 110). No entanto, para ela surgir, precisa tanto do Terceiro Mundo quanto da metrópole. Quer dizer, a cultura do silêncio só existe pela inter-relação de dependência dos dominados para com os dominadores, dando origem a diferentes fenómenos culturais, como as artes, os pensamentos, as modas, incluindo àqueles que ficam silenciados e os que tem voz.

Neste sentido, o lado da sociedade com poder o utiliza para espalhar o seu estilo de vida, incluindo seus valores e seus princípios, enquanto o outro lado da sociedade, a maioria das vezes, só fica como receptor. É assim que se preserva a cultura do silêncio, porque embora os dominados também criem a sua própria cultura, eles não têm o poder suficiente para espalhar essa mesma e influenciar às grandes metrópoles. E ainda que para manter o seu status e a sua voz, a sociedade dominante precise dos dominados, esses últimos e a cultura deles são rejeitados constantemente em um ciclo ambíguo.

Como se pode perceber, esse tipo de sociedade é totalitária, rígida e vertical. E entre mais para embaixo se encontrem os sujeitos nessa linha de verticalidade social, mais inautênticos, silenciados e oprimidos serão, num modelo impositivo em que "a metrópole fala e a sociedade dependente escuta" (FREIRE, 2016, p. 111) e repete, dentro de uma sociedade dominante que tem naturalizado esse processo.

Ao refletir nesse padrão totalitário, rígido e vertical, além de observar ele na sociedade latino-americana atual, também podemos encontrar ele na maioria das empresas –nas relações dos empregadores com os empregados– e em grande parte das instituições educativas –nas relações dos professores com os estudantes– de nossa região, precisamente porque ambos agem como reforçadores da mesma estrutura social dominante. Mas isso não significa que os dominados estejam condenados a vida toda, nesse percurso de imposição da palavra. Posto que "[...] somente quando as mudanças estruturais radicais transformam a sociedade dependente, [esta pode] cessar de ser silenciosa em relação à sociedade dirigente" (FREIRE, 2016, p. 112).

Desde essa perspectiva, é conveniente perguntar-se o 'como' queremos que sejam feitas essas 'mudanças estruturais radicais' na nossa sociedade, lembrando que seja qual for o caminho que decidamos, sempre tem 'um custo que pagar'. Por um lado, pela mesma história latino-americana, sabemos que os preços dos percursos violentos dos golpes de Estado são 'muito altos', enquanto às vidas perdidas e anos de repressão, que afinal podem contribuir para estimular e perpetuar a cultura do silêncio. Por outro lado, também é apropriado ser cauteloso com as linhas dos governos populistas e as suas possíveis manipulações, pois podem utilizar o discurso para dizer o que o povo quer escutar, e assim, falando por eles, manter uma falsa liberdade da própria palavra do povo, que finalmente conduzem a restaurar a cultura do silêncio.

Definitivamente, qualquer tipo de governo se preocupará por manter as suas necessidades e seus ideais individuais de Estado sobre os outros, sejam em favor da metrópole e a sua cultura do silêncio ou contra. Parece que se isso depende dos governos, eles não adotarão políticas em paralelo e/ou conciliadoras, que procurem à conscientização e à humanização da sociedade. Então, depende de nós, como parte da sociedade e em distintos níveis de conscientização, ser críticos, manter a tensão e encontrar as fissuras para denunciar o silencio e anunciar a própria palavra.

Por último, Paulo Freire merece que reflitamos sobre seus textos, e o por que não parecem distantes dos nossos tempos e de nossos espaços latino-americanos, no final da segunda década do século XXI (calendário gregoriano). É preciso nos questionar se temos feito o necessário para mudar estruturalmente os problemas sociais já demarcados por Freire no passado, ou se só temos feito o suficiente para que as disjuntivas sociais não vaiam para pior, ao mesmo tempo que as legitimamos e reforçamos com nossas ações inconscientemente alienadas.

25 de julho
Everton Seixas Cardoso

Observando essa passagem histórica na política brasileira podemos destacar o impacto que teve na vida do nosso grande estudioso Paulo Freire, primeiramente o que significava a entrada de Jânio no poder executivo?

Analisando a conjuntura política da época encontramos a entrada da UDN (União Democrática Nacional) chegando pela primeira vez no poder, isso significava a entrada da ala mais conservadora da política nacional governando o maior poder do país.

Depois do governo desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek que trouxe bons ventos para política nacional a entrada da UDN no país poderia ser vista com certo receio, pois medidas mais liberais na econômica poderiam impactar negativamente no desenvolvimento do país e também no mercado de trabalho em expansão.

Mas Jânio tinha uma personalidade diferente da UDN, sua forma caricata de fazer política (andava despenteado, mal barbeado e com uma vassoura dizendo que iria varrer a corrupção) levou a se aproximar parte da classe trabalhadora que logo significou uma abertura da confiança e uma chance para o novo presidente apresentar seus projetos.

> A UDN hesitava entre o lançamento de uma candidatura própria e o apoio a Jânio. Jânio corria em faixa própria, criticando a corrupção do governo e a desordem financeira. Sem ter um programa definido e desprezando os partidos políticos, atraía o povo com sua figura populesca e ameaçadora que prometia castigo implacável aos benefícios de negociatas e de qualquer tipo de corrupção. Ele estava longe do figurino bem-comportado da UDN, mas ao mesmo tempo incorporava a seu modo algo do discurso udenista. (FAUSTO, Boris. 2010. p. 436)

Paulo Freire tinha outra visão para o desenvolvimento político nacional, pois queria o fortalecimento do país através da educação, isso significava uma preocupação como seria feito a expansão da alfabetização dando liberdade para o cidadão compreender sua realidade ao invés de depositar o controle social para a classe dominante que não somente desejava o poder político-econômico, mas também o controle dos valores nacionais através de uma opressão das liberdades sociais, uma delas uma educação tecnicista ao invés de uma educação libertadora.

O projeto educacional de Paulo Freire seguia uma estratégia de libertar o aluno de qualquer forma de manipulação social, permitir que o estudante tivesse a capacidade crítica de buscar o melhor para sua carreira, sair das amarras exploratórias de uma elite tendenciosa que não permitia o seu desenvolvimento econômico.

> A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma nova vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a luta contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de cria-las, não se sentem idealistamente opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. (FREIRE, Paulo. 2015. p. 41)

Esse modelo educacional revolucionário exclui qualquer tipo de dominação do individuo, pois dá oportunidade para a própria pessoa se libertar das manipulações de grupos dominantes. Esse processo não deixa de ser um ato político, necessário para o oprimido se libertar, enfrentar e se conscientizar da sua posição social de uma humanidade cada vez mais corrompida pelo capital.

26 de julho
Fernanda dos Santos Paulo

Nos processos de transição: Como diz a expressão estamos tratando de processos que se dão em períodos de transição. Mas qual a marca que identifica esses períodos de transição? Segundo Freire: "quando as fendas começam a aparecer na estrutura é quando as sociedades entram no período de transição" (1979, p. 34). Esses processos são marcados pelas contradições, o que

caracteriza o movimento entre a transição "sociedade fechada" para a busca de uma "sociedade aberta", ou vice-versa. Esses períodos particulares da história são mediados por conflitos e inquietações.

Conforme Freire (1979), os processos de transição possibilitam a consciência popular e um maior compromisso com a realidade social, " não aceitando os esquemas importados e as soluções pré-fabricadas. " (p. 36). Ou seja, esses períodos são geradores de "um novo estilo de vida política, dado que os velhos modelos políticos da sociedade fechada" são questionados. Por fim, todo processo de transição histórica de uma sociedade é marcado por mudanças e rupturas.

27 de julho
Aline Nunes Rangel

> "Como já dissemos, a passagem de um estado de consciência semi-transitivo a um estado ingênuo-transitivo é também um momento de despertar da consciência das elites, momento decisivo para a consciência critica dos grupos progressistas. No princípio, uma frágil consciência aparece nos pequenos grupos de intelectuais marcados ainda pela alienação cultural da sociedade em seu conjunto, alienação reforçada por sua 'formação' universitária." (Paulo Freire)

A conscientização, de acordo com Paulo Freire, é um processo histórico que se desenvolve a partir da tomada de consciência dos indivíduos. Esses indivíduos oprimidos tendem a valorizar o opressor, por não terem desenvolvido sua consciência crítica, a partir de um olhar diferenciado sobre a realidade a sua volta. A partir do momento que os indivíduos passam a refletir criticamente sobre a sua realidade, eles desenvolvem a tomada de consciência e superam a inferiorização imposta pelos opressores.

Os oprimidos, tradicionalmente dependentes dos opressores, vivem numa sociedade do silêncio em função da dependência do opressor ou do dominador. Esse silêncio, que impede o processo de conscientização, só é rompido quando os oprimidos passam a ter voz, direito a ter opinião, em relação ao sistema opressor. No momento em que, os oprimidos passam até voz e rompem com a cultura do silêncio, os mesmos passam a ter liberdade de pensamento e de expressão.

Segundo Paulo Freire, uma educação de fato libertadora, propõe a conscientização do indivíduo como objetivo principal. Educar para a conscientização é promover a leitura, a interpretação, o diálogo, a reflexão e a crítica, diante do que está acontecendo no mundo. Ter consciência crítica é interpretar apresentando argumentos, realizando debates, ouvindo diferentes opiniões e refletindo de forma crítica a realidade em que vivemos, principalmente, diante de temas sensíveis aos grupos oprimidos de nossa sociedade.

Nesse processo de busca pela conscientização, o primeiro estado conforme Paulo Freire, seria o de consciência intransitiva ou semi-transitiva. Nesse estado, a consciência do indivíduo não enxerga a realidade a sua volta como de fato ela é, já que o mesmo não se distancia da realidade para conhecê-la, interpretá-la e criticá-la. É o momento em que o indivíduo não enxerga os acontecimentos de forma objetiva e clara, valorizando muito mais as explicações mágicas e supersticiosas sobre o mundo a sua volta.

O segundo estado seria o de consciência ingênuo-transitivo: o indivíduo consegue perceber as contradições existentes na sociedade em que vive, porém, não elabora uma opinião própria sobre essas contradições, por que não se distancia da realidade. O fato de não se distanciar da

realidade, compromete a problematização dos fatos, ficando o indivíduo com opiniões vazias, baseadas no senso comum e sem base científica. Sendo assim, na consciência ingênuo-transitivo, os indivíduos são influenciados pela emoção na hora de construir seu próprio argumento.

O terceiro estado seria o de consciência crítica. Esse estado é atingido pelo indivíduo através da aquisição da um pensamento autônomo e crítico sobre os problemas apresentados ao mesmo. Para que a consciência crítica seja alcançada, é necessário interpretar o mundo de forma comprometida, baseado na apreensão da realidade, no diálogo e na argumentação com suporte científico. O indivíduo que chega ao terceiro estado de consciência, vê o mundo através do contexto histórico apresentado, sendo autor de sua própria história, contribuindo para mudanças necessárias na sociedade e principalmente, tendo a conscientização como objetivo final do processo educacional.

Diante do exposto, pode-se destacar que, muitos acadêmicos julgam-se superiores e melhores em relação à maioria da população, por terem acesso a livros e intelectuais. No entanto, o nível de consciência crítica não depende apenas do acesso às universidades e a mídia de um modo geral. A consciência crítica é formada, sobretudo, por indivíduos que usam seu conhecimento para alterar a realidade a sua volta, em função da coletividade e não apenas de um pequeno grupo de privilegiados.

28 de julho
Suzan Alberton Pozzer

Em sua obra "Conscientização: Teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire", o autor faz algumas reflexões a fim de compreender o lugar do analfabeto na estrutura social, bem como a relação desta estrutura com os marginalizados – analfabetos ou não.

O analfabetismo é visto, muitas vezes, como uma das causas de subdesenvolvimento de um país. Logo, o analfabeto pode, facilmente, ser apontado como "agente" do subdesenvolvimento. E neste ponto, já pode haver preconceito com relação àquele que não domina a língua escrita. Mas não é sobre preconceito que este texto se ocupa.

Já com os primeiros jesuítas, o esforço realizado para "educar", "ensinar" os indígenas, tinha como objetivo principal impor sua crença – cristã – como também sua língua, a fim de colonizar seus hábitos, leitura de mundo, de vida, suas crenças e torná-los servis aos colonizadores, além de tomar suas terras. E assim, os colonizadores[21] assumiam o centro, o "comando" das vidas dos habitantes destas "novas" terras. Este seria o embrião da Educação no Brasil?

Freire lembra que a "percepção não-estrutural do analfabetismo tem revelado uma visão errônea dos analfabetos, como homens marginalizados" (FREIRE, 1980, p. 73). Assim, se há homens analfabetos "fora de" ou "à margem de". Estariam à margem de quê? Fácil deduzir, conforme Freire, que se há uma margem, há um centro. Por outro lado, quem e a partir de quê se concebe a ideia de centro? Então "quem é o autor deste movimento do centro da estrutura para sua margem"? (*idem*, p. 73-74). Seriam os próprios marginalizados (não apenas os analfabetos) que *optam* em descolarem-se do suposto centro para a periferia da sociedade?

[21] "Colonizadores" na história contada pelos colonizadores. "Invasores" na história contada pelos indígenas.

Se considerarmos os dados do Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos da UNESCO (2010), o qual indica cerca de 14 milhões de brasileiros com 15 anos ou mais considerados analfabetos no Brasil. Como Freire, podemos nos perguntar se toda esta população coloca-se voluntariamente à periferia, ou se estaria faltando algo, numa dimensão político-social, à certas populações. Desta forma, percebe-se que "a marginalidade não é uma opção, o homem marginalizado tem sido excluído do sistema social e é mantido fora dele, quer dizer é um objeto de violência" (*idem,* p. 74).

Comumente o analfabetismo é tratado como culpa do sujeito analfabeto, um "desinteressado" e destituído de saberes, habilidades e competências. Como diz Freire, se o considerarmos uma espécie de "homem doente" a alfabetização seria o medicamento "curativo" "que lhe permitiria "voltar" à estrutura "sadia" da qual havia sido separado". E neste "ato" de "salvar" o "homem doente", "os educadores seriam benevolentes conselheiros que percorreriam os bairros da cidade à procura dos analfabetos escapados da vida reta, para fazê-los encontrar a felicidade, entregando-lhes o presente da palavra" (*idem,* p.74).

Entretanto, esta não seria a liberdade, já que não oferece a reflexão da "própria realidade que priva os homens do direito de falar". Considerando que, especialmente na atualidade, dentre as inúmeras facilidades e ganhos com a (Pós)Modernidade, a alfabetização proporciona ao sujeito o acesso à informação, à possibilidade de questionar e investigar as informações que recebe/encontra, etc. Entretanto, sujeitos críticos nem sempre são "bem quistos", especialmente na ausência de políticas sociais justas e democráticas. Pode-se observar, por exemplo, que a cada período eleitoral, os discursos enfatizam melhoras, especialmente em saúde e educação, ou seja, semeia-se a esperança da formação de um povo instruído que vive mais e melhor, mas na prática não passam de propagandas enganosas, salvo alguns projetos e iniciativas de políticos comprometidos. Por outro lado, promover uma educação que forme sujeitos críticos e instruídos é um risco a qualquer governo mal-intencionado. Assim, as chances de tais serviços chegarem a toda população ficam comprometidas, já que analfabetos – ou não, – tornados sujeitos que apenas "servem" de objeto, submetem-se a estratégia de dominação e controle social. Estando no sistema, "são seres 'para o outro'", "porque não são homens à margem da estrutura, mas homens oprimidos no interior desta mesma estrutura", uma "estrutura desumanizante" (*idem,* p.75), portanto.

> Assim, quando se ensina os homens a ler e a escrever, não se trata de um assunto intranscedente de *ba, be, bi, bo, bu,* da memorização de uma palavra alienada, mas de uma difícil aprendizagem para "nomear o mundo. (*idem,* p.75)

A falta de comprometimento com o ensino no Brasil tem seus (des)interesses. E o analfabeto "precisa" manter-se à disposição dos que estão no centro, sem que se movimente muito a reivindicar outro lugar e condições.

A disposição e a capacidade para olhar o outro enquanto sujeito social, com direitos e deveres comuns, torna este olhar mais humanizado e menos discriminativo. Todos fazem parte e são importantes na perspectiva da cidadania. Oferecer condições básicas para que cada participante social trace seu caminho, de acordo com seus interesses pessoais, seria o que poderíamos chamar de uma forma de "justiça social", onde cada sujeito pode ser visto como parte de um todo, onde todos são mais que a soma destas partes.

29 de julho
Georgina Durán

"[…] a pedagogia que é imposta às classes dominadas como sendo 'legítima' – como se fizesse parte do saber oficial – produz nelas, ao mesmo tempo, o reconhecimento da 'ilegitimidade' da cultura que lhes é própria" (FREIRE, 2016, p. 127). Nessa passagem, Paulo Freire denuncia a incongruência da pedagogia das classes dominantes, que além de ser absolutista, mantem um controle sobre as consciências dos dominados com seus mitos culturais e falsas realidades.

Infelizmente, ao igual que outros povos irmãos colonizados, historicamente carregamos com mitos culturais arraigados no mais profundo de nossas sociedades e de nosso ser. No meu entender, a escola com seu modelo de ensino e a sua pedagogia de concepção acumulativa, é a principal reforçadora e preservadora de essas falsas realidades e de uma elite dominante e opressora.

Então, fica claro que esse tipo de pedagogia, não vai libertar aos oprimidos, porque ela não dá o tempo nem os espaços para os sujeitos pensar, questionar, questionar-se, refletir. Os sujeitos são envolvidos na rutina da alienação cultural e ela fica naturalizada, a sentem realmente sua e a repetem. Mas o processo de mudança é diferente quando a pedagogia é dele, porque ao sair dele o sujeito identifica-se e apropria-se, começando a tomada de consciência ou conscientização.

Freire aponta que seja qual for o nível dessa mudança, ela é "condicionada pela posição que o indivíduo ocupa na sociedade [mas independentemente disso], ela sempre tem como escopo uma apropriação da conjuntura por parte de seus atores" (FREIRE, 2016, p. 128). Portanto, nem a conscientização nem a educação são neutras, porque levam consigo uma visão e uma ação sobre o mundo.

Uma vez cientes de que não é só a escola –como instituição de educação– que tem uma concepção sobre o mundo, e que tenta influenciar nele a partir de ensinamentos que essa mesma concepção acha melhores. Senão igualmente tudo o que rodeia ela, as ciências, as disciplinas e até os professores, tem as suas próprias perspectivas de mundo e as suas ações para intervir nesse mundo. Também é preciso não ser ingênuos enquanto a utilização política que todos esses atores podem dar às pesquisas, aos conhecimentos e aos ensinamentos, no sentido de não se submeter a um poder ou a manipulações políticas ou privadas.

Numa análise sobre o relacionamento base da educação (dentro ou fora da escola), nas relações professores-estudantes, podemos encontrar a manipulação por parte dos professores nas mentes e nas ações dos estudantes, e a submissão no comportamento dos estudantes. Essas características são determinadas pela concepção opressora e acumulativa da educação, a qual estrutura-se num modelo tradicional e arcaico de comunicação: de emissão-mensagem-receptor. Assim a educação torna-se um ato de depósito, onde o professor exerce como empacotador e os estudantes como caixas a serem preenchidas.

Freire apontou ações e condutas da educação acumulativa que reforçam a alienação dos estudantes e preservam o *status quo* na escola.

a) O professor ensina, os alunos são ensinados.
b) O professor sabe tudo, os alunos não sabem nada.
c) O professor pensa, e pensa para os alunos.
d) O professor fala, e os alunos escutam.

e) O professor faz a disciplina, e os alunos são disciplinados.

f) O professor escolhe, faz valer sua escolha, e os alunos se submetem.

g) O professor age, e os alunos têm a ilusão de agir pela ação do professor.

h) O professor escolhe o conteúdo do programa de aula, e os alunos –que não foram consultados– se adaptam a ele.

i) O professor confunde a autoridade do conhecimento com sua própria autoridade profissional, que ele contrapõe à liberdade dos alunos.

j) O professor é o sujeito do processo de formação, enquanto os alunos são simples objetos dele (FREIRE, 2016, p. 131-132).

Não obstante sejam ações e condutas detectadas na educação de concepção acumulativa, se refletimos nelas, enxergaremos que ultrapassam a escola, e retratam a sociedade em geral, e as relações entre oprimidos e opressores. É um método tão rígido, absolutista e abstrato, que não permite ao sujeito identificar-se numa realidade em transformação constante, questionar-se e refletir essa realidade de forma crítica.

Compete-nos, como professores da vida e na vida (que cada um de nós é), refletir se nossa ação vai acompanhada de reflexão, e se nosso diálogo comunica mais do que dá comunicados. Porque se nossa ação vai sem reflexão ou vice-versa, ou se damos comunicados mais que comunicar, embora tenhamos as melhores intenções, estamos "servindo apenas à desumanização" (FREIRE, 2016, p. 132), e fortalecendo o *status quo* e perpetuando o agir dos opressores.

Sem olhares críticos da realidade não se tem conscientização, e sem conscientização não há liberdade nem humanização. Por conseguinte, nossos esforços transformadores "devem se unir aos dos estudantes para engajar-se num pensamento crítico e numa busca por uma humanização mútua" (FREIRE, 2016, p. 133).

Escuta-se simples na teoria, mas na prática torna-se complexo, porque para alcançar esse resultado, precisamos de colocar-nos semelhantes aos estudantes, no mesmo nível nas nossas relações com eles (dentro e fora da sala de aula), sem grados, sem hierarquias, com despretensão, e com a plena convicção de que os homens, desde a nossa própria natureza, somos investigadores, possuímos um poder criativo e uma faculdade denunciadora e anunciadora. Esse é o caminho de essa outra educação que propõe Freire, uma educação problematizadora, crítica e com o motor da liberdade, uma pedagogia do oprimido.

30 de julho
Cali Salvador Palombit

Ao analisarmos o contexto educacional atual, pode-se notar que é comum ouvirmos falar de uma crise educacional. Isto se dá por uma série de fatores. Um deles, pode ser explicado através da forma de educar considerada por Paulo Freire como concepção bancária.

Desde o surgimento da humanidade a educação foi tratada como uma forma de passar conhecimentos, de depositar nos homens o que se considera o conhecimento correto, inato e que precisa ser aceito. Paulo Freire, porém, propõe uma nova forma de pensar e agir, levando em conta a importância da reflexão frente ao que se aprende. Freire aborda o processo de educar propondo uma nova relação pedagógica. O novo método proposto por ele se opõe ao método

convencional e utilizado pela maioria dos educadores, onde a educação se tornou opressora e alienante.

A educação problematizadora leva em conta a capacidade de reflexão presente nos homens, visto que este não é e não deve ser visto e nem tratado como um ser acabado e completo. É preciso que a educação seja evolutiva e acompanhe as mudanças e superações do homem. O ponto de partida segundo Freire, encontra-se no próprio homem. Existe uma relação entre homem e mundo. O homem não está fora do mundo, ele faz parte dele, o homem é o próprio mundo. Desta forma, o homem se percebe no mundo e esta percepção lhe propicia um desafio, o da superação.

Esta superação pode ter início através do diálogo, visto que este acontece quando há reflexão e ação. É uma via de mão dupla, e não somente uma narrativa e um depósito, como ocorre na concepção bancária. O diálogo não pode ocorrer onde não há amor, humildade e fé. Conforme Freire, o homem é capaz de criar e recriar-se se necessário, e este sentimento junto à ação só são possíveis em um ambiente onde o amor, a humildade e a fé existam. O diálogo tem um propósito, e este propósito gera esperança. Esperança esta que vem do esforço de homens que acreditam que a evolução e libertação do homem vem do próprio homem, que já não quer mais ser oprimido, nem tampouco quer ser opressor.

Vale ressaltar que esta libertação se dá no diálogo e na ação, juntos, não há separação entre eles. Também não se deve tratar os oprimidos como coisas, mas sim como homens, como parte da própria libertação. O diálogo permite que os oprimidos se percebam no mundo e sendo parte dele, assim não estão sendo libertados, mas estão sendo a própria libertação.

No momento em que se dá a conscientização por parte dos oprimidos, estes podem perceber que sua libertação não lhes foi dada, mas foi um resultado de sua reflexão, oriunda do diálogo junto com a ação. Ou seja, os oprimidos fazem parte da luta pela libertação.

Portanto, a educação deve necessariamente ser crítica, e é assim que a classe oprimida se libertará da classe opressora, sendo necessário para isso uma educação revolucionária. O processo de educação critica, problematizadora, e revolucionária, deve considerar os homens como seres capazes de refletir e agir. Os homens num processo de libertação devem considerar que não são seres imutáveis, e que não estão presos em um estado de imobilidade. Esse estado deve ser para eles um motivo a mais para a libertação.

O homem é o responsável por toda criação e recriação de sua realidade. Ele precisa tomar consciência de que ele é o responsável pelas suas mudanças, incluindo a própria libertação.

Esta tomada de consciência é o método responsável pela libertação. Os oprimidos não devem apenas participar do processo de libertação. Eles devem ser a própria libertação. E esta libertação se da e se torna possível através do processo de reflexão, diálogo e ação. Desta maneira, os oprimidos se libertam quando se conscientizam.

31 de julho
Everton Seixas Cardoso

A Educação tem o papel fundamental de abrir o conhecimento do aluno através de uma visão mais crítica. Dar possibilidades para que os estudantes observem sua realidade para buscar o bem-estar social.

Esse era o aspecto revolucionário que Paulo Freire percebia no processo educacional para libertar o aluno da opressão social e de todas as violências simbólicas que a escola muitas vezes reproduzia devido a pressão governamental de querer preparar os estudantes somente para o mercado de trabalho, através de um modelo tecnicista ou tradicional.

Uma forma de libertar o aluno é através da valorização da cultural, pois a cultura é tudo aquilo que o indivíduo é capaz de produzir, não se limita somente um conjunto de simbolismos criados por uma sociedade, mas é o cotidiano das pessoas e como elas convivem na sua realidade.

Através da ação cultural o indivíduo é capaz de mostrar sua visão de mundo, de como ela enxerga sua realidade e como percebe o convívio social. Essa forma de expressão deve ser estimulada em todas as suas formas para reproduzir um retrato fiel da realidade, pois dar poder de voz para qualquer pessoa, seria a verdadeira libertação do ser.

Paulo Freire frisava que como um indivíduo consegue se libertar e começar a transformar sua realidade se não domina os aspectos educacionais básicos, a necessidade da alfabetização dá poder para o ser humano e começar a entender todo o seu meio e como são construídas as culturas principalmente das classes dominantes.

> A alfabetização se faz, então, um quefazer global, que envolve os alfabetizados em suas relações com o mundo e com os outros. Mas, ao fazer-se este quefazer global, fundado na prática social dos alfabetizando, contribui para que estres se assumam como seres do quefazer – da práxis. Vale dizer, como seres que, transformando o mundo com seu trabalho, criam o seu mundo. Este mundo, criado pela transformação do mundo que não criaram e que constitui seu domínio, é o mundo da cultura que se alonga do mundo da história. (FREIRE, Paulo. 1981. p. 17)

O processo educacional de alfabetização possibilita essa revolução para o indivíduo, pois permite ele dominar o entendimento do seu meio e tentar mudá-lo através de uma ação transformadora. Somente assim poderá ter uma educação que terá impactos na realidade do aluno, pois assim será sujeito da do seu meio.

> Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, só poderá desenvolvê-la na medida em que, refletindo sobre suas condições espaço-temporais, introduz-se nelas, de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaço-temporal, mas "emergerá" dela conscientemente "carregado" de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas deve intervir cada vez mais. (FREIRE, Paulo. 1979. p. 61)

O maior desafio para a educação brasileira é eliminar seu caráter excludente, pois não deve ser resolvido para agradar exclusivamente uma classe dominante e eliminando grupos que anseio uma maior participação, pois a liberdade dos alunos deve ser respeitada, dando opções como o ingresso nas Universidades Públicas e no Ensino Técnico, o pleno desenvolvimento educacional deve ter o seu ciclo concluído até o fim, levando os alunos buscarem o aperfeiçoamento periódico, pois assim ajudará a estimular novas gerações.

SÍNTESE DO MÊS

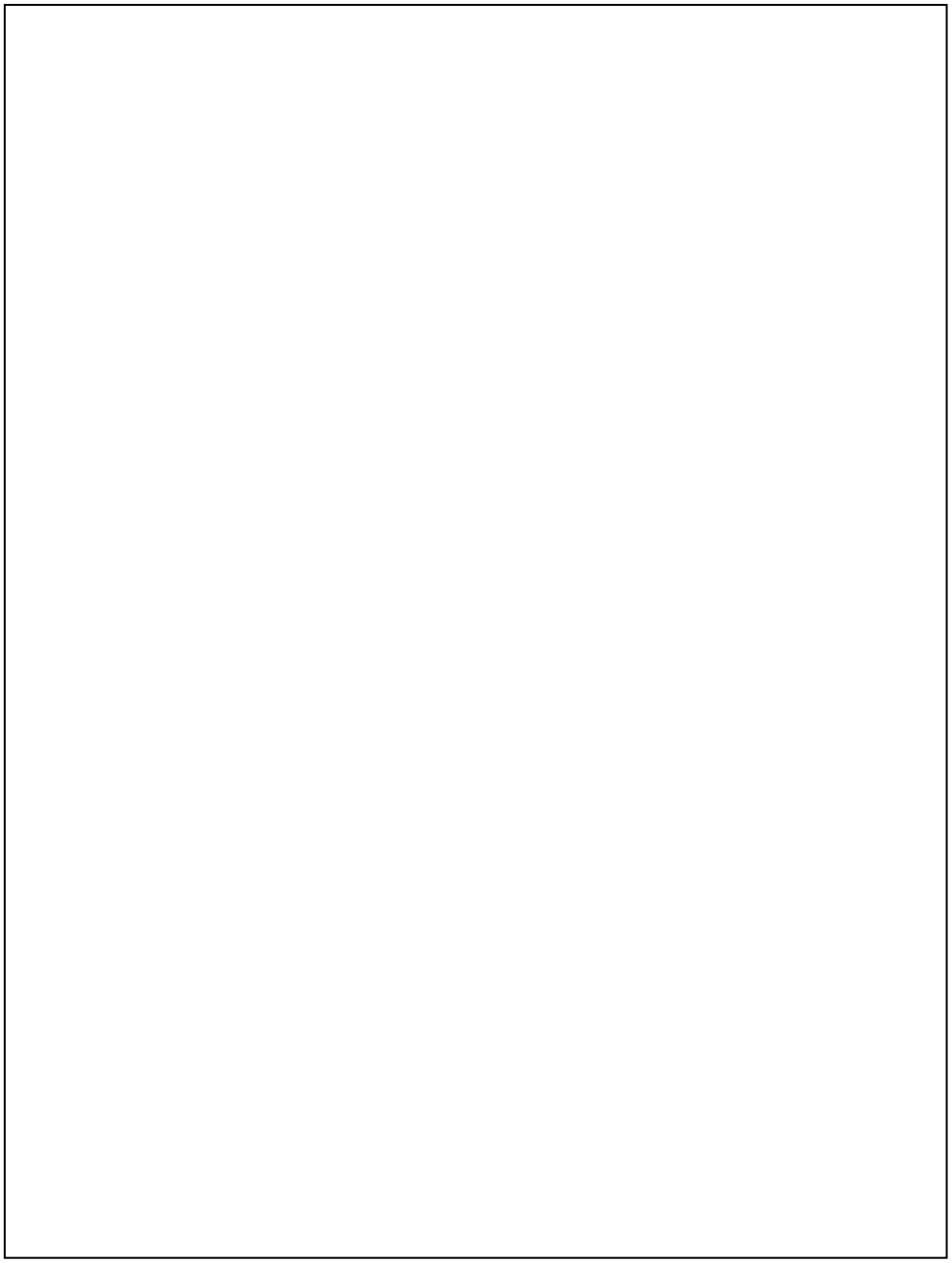
UMA PALAVRA

UMA FRASE

UM PARÁGRAFO

IMAGEM PEDAGÓGICA

(Desenhe uma imagem que simbolize as aprendizagens acumuladas das leituras deste mês para você dialogar com seus companheiros/as de caminhada).



AGOSTO

Pedagogia da Esperança

Palavra

Esperançar

Frase

Reencantar a educação pela esperança que nos move na direção da libertação dos oprimidos.

Parágrafo

Nessa obra Freire faz dois movimentos bem específicos: o primeiro diz respeito a releitura da Pedagogia do Oprimido permitindo-se dizer de novo as suas posições político-pedagógicas de forma diferente; o segundo, como um livro de memórias que vai se desenvolvendo a partir dos tempos e de suas experiências que o tornaram um educador universal. É notável o cuidado com que apresenta suas recordações e vivências com total modéstia e humildade, nos mostrando como a vida ensina e dá sentido e significado ao que aprendemos e o poder incrível que tem o processo educativo na vida das pessoas.

01 de agosto
Paulo Roberto Bellotti Vargas

O sonho, a utopia são realmente inúteis, ou fundamentais na vida do cidadão e da cidadã? Com essa reflexão começamos o convite para se deliciarem com as posições no nosso mestre Paulo Freire. Pedagogia da Esperança um livro escrito há vinte cinco anos, e nunca foi tão atual. O país passa por verdadeira devassa, a corrupção asfixia o Brasil, os trabalhadores estão vendo os direitos conquistados sendo saqueados por um governo e congresso comprometidos com o grande empresariado e com o capital, e agora?

Tentam incutir na cabeça do trabalhador que a corrupção é uma exclusividade dos países do terceiro mundo, e mais especificamente do nosso país. Isso não é verdade, infelizmente ela está enraizada na maioria dos países, basta lembrarmos como foi feita a colonização, e toda forma de malvadeza dos imperialistas. Claro que essas anomalias não nos servem de alento, apenas para refletirmos que isso acontece no mundo todo.

"Desesperar jamais, aprendemos muito nesse tempo, afinal de contas não tem cabimento, entregar o jogo no primeiro tempo, nada de correr da raia, nada de morrer na raia..." um trecho da linda canção de Ivan Lins que vai de encontro ao que pensava... e pensa...o Nosso Grande Mestre.

A esperança era, na verdade penso que é, a principal virtude de Paulo Freire: "Como programa a desesperança nos imobiliza, nos faz sucumbir no fatalismo onde não é possível juntar as forças indispensáveis ao embate recriador do mundo." Ter esperança é fundamental principalmente nos dias de hoje. No entanto ele nos alerta de forma veemente de que a esperança sozinha, na pura espera, sem estar calcada na prática, não ajuda o educador e/ou a educadora progressista, no enfrentamento e na transformação. "Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita de água despoluída. "

Precisamos fazer uma análise política séria dos obstáculos e das possibilidades de ultrapassá-las, sempre pautados na ética e na certeza que podemos e devemos fazer desse mundo um mundo mais igual, fraterno e melhor para todos e todas.

Geraldo Vandré nos faz um convite... **"Vem, vamos embora que esperar não é saber, quem sabe faz a hora não espera acontecer..."

Vamos à transformação, e como nos relata Paulo Freire, "sem o mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate, sem o embate, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tão pouco se alcança o que espera na espera pura, que vira, assim espera vã.

Então fica o convite, força na luta...

*Desesperar Jamais, música de Ivan Lins

**Pra não dizer que não falei das flores. Geraldo Vandré

02 de agosto
Juliana Aparecida Golfe Rauber

> Em 1947, no Recife, professor de língua portuguesa do colégio Oswaldo Cruz, ..., recebi o convite para me incorporar ao recém-criado Serviço Social da Indústria, SESI... (FREIRE, 2014, p.21)

É provável que Paulo Freire não imaginasse o quão significativo viria a ser, o fato de ter aceito este convite. Diria que é aí que nasce a *esperança*, a esperança do verbo esperançar. Fico eu imaginando, o que diria Paulo Freire, se ainda estivesse fisicamente entre nós, e conosco presenciando situações idênticas a que pôs fim em sua carreira de advogado. O que diria ele acerca da pequenez das pessoas, acerca da maledicência da vida, acerca do desrespeito, acerca dos favorecimentos de poucos em detrimento do desprezo a muitos...

Se naquela época, ele, junto a seu amigo Paulo Rangel Moreira, já se consideravam pós-modernos diante das ideias que tinham, que defendiam e que respeitavam, o que diria da miséria que vivemos hoje? O que diria da falta de civilidade, da falta de respeito, da falta de humanidade a que estamos expostos nesta época que se diz a frente do próprio tempo?

Quando Freire diz que ele e o amigo "no mútuo respeito, experimentávamos o fundamento mesmo da política" (FREIRE, 2014, p.21), penso o quanto ainda é pouco ou nada o que sabemos sobre respeito e política. Quem sabe nosso grande problema para evoluirmos nas questões sociais seja de fato, o respeito e a política. Esse respeito a que Paulo Freire se referia, não era o respeito a que estamos acostumados, esse respeito que não existe na sua inteireza, o respeito a que se referia, era um respeito onde a diversidade habitava. E que não acontecia naquela época, não acontece hoje e tão pouco o visualizamos num futuro próximo.

Não podemos perder a esperança... Freire, na boniteza da vida, aliás, palavra sua, sabia apreciar o outro e respeitá-lo na sua essência. É linda a forma como sabe dizer daquele ao qual se refere com elegância e respeito, assim como disse de seu amigo Paulo Rangel Moreira, ao se referir a oportunidade que lhe havia sido dada em trabalhar no SESI: "Tudo indicava que, cedo, passaria para o setor jurídico do órgão, seu sonho, em coerência com sua formação e sua competência". A pureza e a leveza com que usava suas palavras, era algo singular.

Quanto a aprender com suas palavras, é investir em algo grandioso, é superar o "Medo do novo, talvez. Mas igualmente em nós uma vontade e um gosto do risco, da aventura" (FREIRE, 2014, p.22). Fico a me interrogar, sobre quando nós, nesta contemporaneidade que nos habita, iremos incorporar suas ideias, sobre quanto mais teríamos evoluído na área da educação se a coragem em ousar, em desafiar nos fosse mais intensa, sobre quanto mais teríamos crescido se tivéssemos permitido maior protagonismo a todas as crianças e jovens que por nossas mãos passaram e ainda passam, mas ao invés disso, de certa forma nos acovardamos ao sistema, ao regime, às orientações... não por respeito, mas por receio do novo. E o medo, nem sempre é pelo desafio, mas por nos desacomodar, por nos tirar do conforto da mesmice.

Na condição de educadora, me incomodam duas coisas: a pouca valorização a que os profissionais da educação estão submetidos e, o quão pouco os próprios educadores se valorizam, apequenando-se aos desafios. Será que nós estamos dispostos a viver conforme Elza, esposa de Paulo Freire indagou Rangel? Para "além do nosso salário" (FREIRE, 2014, p.22)? Às vezes me entristece, ver o cenário a que estamos expostos, onde colegas educadores se acovardam a trabalhar pelo simples salário e omitem-se a exercitar a curiosidade, a entregar-se "a um trabalho criador que não o leve a morrer de tristeza, a morrer de saudade" (FREIRE, 2014, p.22).

Teria talvez chegado a hora de nos desfazermos de algum equívoco, assim como fez Freire quando se deu por conta que não nascera para ser advogado? Quantos oprimidos ainda passarão despercebidos por nós? Quantos "dentistas" que não poderão honrar suas dívidas deixaremos passar? Se o sentimento que temos não é o do ouvir *o dito e o não dito, o falado*, se não é o de desafiar-se, talvez não estejamos nós no lugar certo. Não nos cabe a opção de exercer a profissão pelo salário, há que se amar o novo.

Ao mesmo tempo, fico cá pensando, o quão grato somos nós educadores a este dentista, que vítima de um sistema, nos permitiu ter Paulo Freire como educador. "Por isso é que a mim me interessou sempre muito mais a compreensão do processo em que e como as coisas se dão do que o produto em si" (FREIRE, 2014, p.25).

E foi neste contexto e, o da passagem pelo SESI, que nos permitiu a grandeza da obra *Pedagogia do Oprimido*, que talvez faça mais sentido hoje, mais de setenta anos depois, do que o fez naquela época. Quanto daquele contemporâneo ainda permanece atual? Quantos *dentistas* ainda imploram por suas dívidas perdoadas? Ou será que perdemos "o parentesco entre os tempos vividos e perdemos assim a possibilidade de 'soldar' conhecimentos desligados" (FREIRE, 2014, p.26)?

É a partir do sentimento de opressão que nasce a esperança! Gratidão Paulo Freire por ter sido tão contemporâneo a sua época.

03 de agosto
Jéssica Pauletti

O dia em que Freire foi fisgado.

A construção dos textos de Paulo Freire é feita mediante suas experiências de vida, ele as utilizou para demonstrar a si e aos demais como somos parte de um mundo em constante transformação. Essa questão e outras aparecem nesta análise do trecho da Pedagogia da Esperança, entre as páginas 22 e 28. Neste excerto há uma discussão a respeito da educação dos filhos de pescadores, em relação aos castigos aplicados constantemente, os quais eram entendidos pelos pescadores, como um modo de ensinar as crianças a serem mais fortes e preparadas para enfrentar os obstáculos da vida. Outro ponto chamava a atenção: a alta frequência de faltas na escola por parte dos estudantes, que justificaram a atitude por serem livres para escolher e os pais compactuam dessa mesma ideia.

Nessa lógica, Freire comenta a respeito da liberdade e da autoridade criada inicialmente no núcleo familiar e que se estende para os demais espaços da sociedade, inclusive na escola. E quando essa dualidade não é resolvida, Freire preocupa-se com a possibilidade dos excessos, voltando-se a tirania da liberdade ou da autoridade, o que seria um ato contra o embrião de democracia que existe. Democracia essa que deveria ser organizada desde a escola, com uma formação adequada a todos os funcionários da instituição para que possam junto construir a escola considerando os desejos dos educandos. E em seguida pulverizar os outros setores da sociedade.

Considerando que esses pontos fizeram parte das pesquisas de Freire, ele entendeu como necessário fazer seminaries com as pessoas da comunidade para lhes contar a respeito dos resultados dos estudos. A princípio isso não o assustava, já havia passados outras vezes por isso, planejava utilizar uma linguagem com um vocabulário acessível. No entanto, Freire se incomodava

com a questão da leitura de mundo, pensando se a suas colocações seriam compreendidas e se os ouvintes estariam na mesma sintonia que a dele.

Em um dos seus discursos, citando Piaget e defendendo uma relação dialógica entre pais e filhos, pautados no amor e não mais em castigos, Freire foi surpreendido com questionamentos de um homem de quarenta anos, que elogiou em um primeiro momento suas colocações e em seguida o fez pensar a respeito de tudo que viveu e pesquisou até aquela palestra.

O nordestino perguntou se Freire conhecia suas casas e aos poucos descreveu com detalhes o cotidiano em que eram submetidos, da falta de recurso para cobrir as necessidades mínimas, do cansaço sentido dia após dia e que mesmo na exaustão eram obrigados a levantar e enfrentar a realidade, para não morrer de fome. Ao término desses apontamentos, o homem começou a descrever a casa de Freire e o questionou sobre quantos filhos ele tinha e do modo como as meninas e os meninos ficavam acomodados, mesmo sem ter pisado sequer um dia na casa do pesquisador, os pensamentos de Freire afirmavam constantemente que aquele homem estava certo.

Todo o discurso ao final foi justificado pelo senhor, que disse entender o que Freire destacou, porém que a diferença de classe entre eles o obrigava a agir de maneiras que ele detestava, a escolha em bater nos filhos não significa que não amavam eles, mas a tristeza de enfrentar as jornadas diárias acabava influenciando as estratégias de educação que eles tomavam.

Aquilo marcou Freire e continuo com ele em seus outros ensinamentos, explicando a si mesmo e a outros educadores que se torna fundamental conhecer a realidade, construir a escola com o povo das localidades em que a instituição está inserida, isso implica em respeitar o "saber de experiência feito".

Ao analisar o trecho é possível entender que mesmo Freire, alguém idolatrado e pesquisado por nós e tantos outros estudiosos de suas obras, que há certos momentos na vida em que ganhamos quando ouvimos o que o outro tem a dizer, e para isso acontecer não é preciso seguir uma programação, um "script", pois a vida nem sempre segue os roteiros desejados. Não desmereço que a fala de Freire não tenha sido válida, afinal educar e violentar não são dois verbos associativos, porém além de ensinar naquele dia Freire aprendeu que a questão da autoridade-liberdade é mais complexa do que ele compreendia até o momento.

Que possamos mais uma vez aprender com Freire, que sentiu na pele necessidade de ter o tempo de aprender e o tempo de ensinar, e que seu professor não era um doutor de uma nobre academia, proferindo horas de discursos pomposos, mas sim um pescador com questionamentos simples, que o fisgou para a vida toda.

04 de agosto
Simone Elina de Paula

O trecho acima sintetiza com propriedade toda a essência da "Pedagogia da Esperança", pois consegue tornar palpável alguns conceitos descritos ao longo do texto. Paulo Freire, faz o relato de uma experiência libertadora, que lhe proporcionou condições de observar à distância quais eram as origens de seus medos e os impactos que estes causavam em sua condição existencial.

A esperança como objeto de estudo pode parece ser algo significativamente abstrato, porém o autor transforma este conceito e traz poeticamente a esperança como instrumento, caminho e consequência. Três em um apresentando a como válvula propulsora de toda a existência humana, sob uma ótica transformadora. Partindo do fato de que esperar e confiar são verbos que separados se confluem em confiança de que algo se transformara em algum momento, educar para ...

A esperança pode ser compreendida como a força motriz da vivencia humana e através da ótica Freiriana existe uma proposta que leva o leitor a crer e compreender que a opressão é enfraquecida no exercício homeopático da esperança, que precisa ser vivenciado no " conta gotas " dos anos, dos meses, dos dias, das horas chegando aos milésimos de segundos que são limítrofes entre a vida que pulsa e a que se esvai.

Pensar em uma pedagogia da esperança, não está distante de uma pedagogia para os oprimidos, e partindo deste pressuposto mais uma vez é possível encantar –se com essa obra que vem propor uma educação através dos desafiadores caminhos da esperança, utilizando didática de contrários, que acredita no inacreditável, vê o invisível e caminha por onde não há estradas, por acreditar sempre que ainda existe algo a ser feito em prol da verdadeira liberdade, que começa no interior de cada ser.

Quando Freire se propõe a olhar para saudades e as angustias que povoam seu interior ele compreende que é chegado tempo de educar seus sentimentos, mas mais que isso ele percebe que essa educação é fundamental para a vida de qualquer sujeito. Uma proposta pedagógica que não se atem a uma matriz curricular de conteúdos e saberes sistematizados, uma pedagogia que é capaz de frutificar, libertar e impulsionar, especialmente despertar naqueles que estão aprisionados sufocados fisicamente, mas principalmente emocionalmente a ânsia por liberdade. A Necessidade de gritar ao mundo as boas experiências para que outros também possam vivenciar se traduz nesta obra na palavra ou em todo o conceito de "Esperança".

Paulo Freire observa a importância do querer como a principal fonte de motivação para se realizar algo, e mais que isso, evidência que o sujeito pode ser dotado de habilidades e instrumentos para fazer qualquer coisa, porém se o desejo não existir e se ele não for permeado azeitadamente de esperança este não existirá pois não foi gestado.

A Educação pela Esperança se constrói através do desejo, da gestação, da ousada busca por liberdade. Essa pedagogia se faz quando deixa de ser restrita aos saberes acadêmicos, sistematizados e segregadores e busca também se embasar nas miudezas da vida, nos festejos e agruras, nas chegadas e partidas, nos causos das soleiras e tudo aquilo que pode ser compartilhado na possibilidade das luzes e especialmente ofertado quando elas se apagam.

Educar com a vida é sempre o caminho...

05 de agosto
Gabriela Gonzaga Cher

Relembrando e revivendo experiências vividas nos tempos de exílio, Paulo Freire relata o reencontro com a esposa, filhos e filhas, após alguns meses de sua chegada ao Chile, em novembro de 1964. Apesar dos anseios, incertezas e estranhezas que o novo ambiente lhes causava, esses

sentimentos iam se transformando em "camaradagem, amizade, fraternidade" à medida que iam se adentrando a nova realidade.

Por meio de suas memórias revividas em *Pedagogia da Esperança*, Freire nos passa a atmosfera política que permeava o Chile durante aqueles anos. O contexto chileno certamente influenciara o ambiente fraterno que Freire encontrou em sua chegada. Com a eleição de um presidente democrático cristão, de caráter centrista, o povo tinha a sensação de novos ares, de transformação e de afirmação definitiva da democracia. No entanto, a demasiada confiança na concretude da democracia no país - que ainda era, na verdade, frágil - e na posição política das Forças Armadas, se mostrou, de certa forma, ingênua.

O país que o recebia passava por intensas transformações políticas, de avanços, de regressos, de mudanças ideológicas. E com o crescente descontentamento do povo com o governo de Eduardo Frey, a democracia cristã começava a sofrer rupturas e a emergir dessa ruptura grupos de movimentos populares, como o Movimento Independente Revolucionário (MIR) e o Movimento de Ação Popular Unitária (MAPU), os quais, ao contrário da esquerda dita tradicional, se preocupava com a mobilização genuína da educação popular.

Desde o começo de sua jornada pelas terras chilenas, Freire já se ocupava em trabalhar junto aos órgãos públicos – Instituto de Desarrollo Agropecuario (INDAP) e Ministerio da Educación - e trabalhadores para promover a alfabetização de adultos, levando consigo os mesmos pressupostos políticos-pedagógicos de uma educação conscientizadora e transformadora. Nesse contexto, o autor vivenciou diversas experiências pelo país, debatendo e discutindo com educadores, trabalhadores, técnicos, camponeses, questões acerca da realidade, política educacional e democracia.

O clima, pode-se dizer, turbulento em que aconteceram tais vivências evidencia a potencialidade dessa *educação libertadora e transformadora*, à medida que o autor pode observar a participação ativa e vívida dos educandos daquele contexto, nos Círculos de Cultura, além da tomada de consciência desses homens frente à sua realidade - não só local, como nacional - o reconhecimento do poder da sua fala e a busca por um mundo melhor e mais bonito.

06 de agosto
José Humberto Rodrigues

Meu caro amigo Paulo Freire,

Escrevo essas linhas para agradecer suas produções no campo da educação e no acolhimento a vida. Você referência de uma pedagogia de inclusão, de amor ao próximo e de um ensinamento em que o humano demasiadamente humano deve ser contemplado em sua essência, seus valores e sua dignidade.

Assim, caro Paulo somente tenho que agradecer as leituras que cada vez mais tenho feito de suas obras, pois elas são um bálsamo em nossas sociedades que cada dia mais incorpora narrativas de exílio social, fortalecimento dos preconceitos, recrudescimento das xenofobias e a evidentes marcas do apogeu de preconceitos que usurpam direitos individuais e sociais de camada da sociedade.

Não é possível deliberar uma entre suas mais variadas produções como a mais relevante, pois todas são aportes de um entendimento do homem no tempo e no espaço, todas constroem

uma pedagogia da esperança, do afeto e do humano. Suas palavras e ações coadunam com a esperança de uma vida melhor, de uma equidade entre os homens.

Dessa forma, compreender os anseios do povo, construir com esse povo novos caminhos e trajetórias de ação e adentrar em uma nova pedagogia de viver e entender o outro em sua plenitude, compreendendo seus medos, seus sonhos, seus desejos e suas esperanças.

A luta faz-se presente todos dos dias, em todos os lugares, onde houver um rastro de desesperança, de busca de direitos e especialmente de dominação de um homem sobre o outro.

É com todo esse aparato de sonhos e ações que a sua pedagogia rompe os grilhões da ignorância e busca construir novas alternativas de pensar o homem em sua realização plena de consciência de si para si, sendo assim sujeito de direito e construtor de sua própria história.

É com essa idealização que percebi em sala de aula e nos movimentos sociais, nos coletivos juvenis e na esperança do povo uma quantidade de reencontros com a pedagogia da esperança.

Esperança essa que fortalece nos grupos de jovens que atuam no movimento Hip-Hop em Belo Horizonte e no coletivo Família de Rua que tem quase que como mantra essa frase "*se ninguém faz, nós pega e faz*" –, esse coletivo que tem atuado nas áreas culturais, sociais e políticas da cidade e em outras localidades. Todos seus integrantes salientam a força e a união como articuladoras de um projeto de inserção na cultura de rua e da juventude na cidade, carente de espaços de lazer, cultura e conhecimento.

Perceber o encontro entre as palavras e as ações nos leva a refletir que a sua pedagogia incorpora o sujeito como senhor e sua ação, e sua consciência é portadora de conhecimento e esperanças, assim recorro as suas palavras "ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" para fortalecer essas ações dos jovens que participam desses movimentos, pois eles mediam, constroem e transferem seus saberes para os outros em constantes movimentos.

Hoje estamos vivendo tempos obscuros em que as demandas sociais estão novamente no limbo dos projetos dos governos, estamos caminhando para o obscurantismo da estupidez humana, em que os mais variados processos sociais da cultura, educação, economia, política, religião dialogam com os discursos de ódio, intolerâncias e fanatismo.

Os cerceamentos das liberdades, os projetos de silêncios e controles sociais são fundamentos que os ressentidos procuram colocar na ordem do dia, num constante ataque contra as prerrogativas democráticas que por tanto lutou em vida.

Assim meu caro amigo Paulo, ressalto que como afirmou diversas vezes "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção" e "se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda", continuo acreditando no ato de dividir, construir e pensar a educação democrática de qualidade para todos em todos os lugares desse país.

07 de agosto
Diane Lazarotto Bevilaqua

Paulo Freire é um grande é um grande ícone e idealizador da educação. Em sua obra, Pedagogia da Esperança, ele nos trás uma mensagem convidativa de leitura.

"A prática educativa implica ainda processos, técnicas, fins, expectativas, desejos, frustrações, a tensão permanente entre prática e teoria, entre liberdade e autoridade, cuja exacerbação, não importa de qual delas, não pode ser aceita numa perspectiva democrática, avessa tanto ao autoritarismo quanto à licenciosidade. O educador ou a educadora crítica, exigente, coerente, no exercício de sua reflexão sobre a prática educativa ou no exercício da própria prática, sempre a entende em sua totalidade."

Neste trecho sucinto ele nos faz refletir sobre a existência do ser humano, de sermos curiosos, investigativos, sonhadores, e buscarmos desde os primórdios incessantemente respostas para novas dúvidas e questionamentos.

Nessa busca permanente, por vezes, somos parados por sistemas políticos e emblemáticos que objetivam desviar o foco desta procura, fazendo com que se deixe de lado a criticidade, e, quando se fala em ser crítico, não se fala do sentido de encontrar defeitos em todos os segmentos, mas sim de ser conhecedor de assuntos e ter uma posição sobre o mesmo.

Freire, mostra o sonho pela humanização, que é um constante processo, é ruptura de amarras diversas, reais e concretas, é um permanente faz e refaz de nossa história.

Nessa perspectiva, aparece o opressor e o oprimido, que tem a libertação e a opressão num nível muito próximo, precisando abrir mão de uma para conseguir a outra, dependendo um do outro para a continuidade do ciclo, automaticamente a libertação ocorre de forma simultânea.

Freire, trás no viés da alfabetização de adultos, a chamada " leitura do mundo e leitura da palavra". Mostrando que ambas são fundamentais e indispensáveis, e que ambas se entrelaçam e completam. Enquanto a leitura da palavra decodifica os símbolos, a leitura de mundo vai possibilitando desvendar cada vez mais criticamente as situações existentes e expostas na sociedade.

Para fazer esta leitura de mundo, é necessário que o educador perceba à existência de sujeitos, que ao mesmo que aprende ensina, e isso numa reciprocidade, numa mediação, e não puramente na transferência de saberes de educador para educando.

A prática docente é um aglomerado de processos, onde o educador crítico, exigente e coerente, trás no seu fazer e prática a compreensão da dimensão de sua totalidade. Ele busca fazer um elo entre os conteúdos e métodos, compreende as relações dos componentes, fazendo uso de forma harmoniosa.

O ato de ensinar e aprender é um processo amplo de conhecimento, mediações, pesquisas, necessita ter conteúdos, embasamento teórico, discussões e ampliação de horizontes para que de fato seja uma fazer significativo, pois para Freire, "Enquanto objetos de conhecimento os conteúdos se devem entregar à curiosidade cognoscitiva de professores e alunos. Uns ensinam e, ao fazê-la, aprendem. Outros aprendem e, ao fazê- la ensinam". Ou seja, nesta troca, é que ocorre o verdadeiro saber, conhecimento, entender e apropriação.

Através desta visão do educador de que há um sujeito envolvido nesta mediação, munido de saberes e vivências de mundo trazidas em seu íntimo, e conseguir fazer com que ele pense crítica e amplamente sobre as questões debatidas e ensinadas, acontecerá o saber efetivo, capaz de trazer reflexos importantes para a sociedade atual.

08 de agosto
Giselle Moura Schnorr

> "Comecei a escrever fichas a que ia dando, em função do conteúdo de cada uma, um certo título ao mesmo tempo em que as numerava. Andava sempre com pedaços de papel nos bolsos, quando não com um pequeno bloco de notas. Se uma ideia me ocorria, não importava onde eu estivesse, no ônibus, na rua, num restaurante, sozinho, acompanhado, registrava a ideia. Às vezes, era uma pura frase." (p. 58)

O livro *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido* é uma obra com características biobliográficas, um livro sobre memórias e aprendizagens. Nele, Paulo Freire recorda momentos vividos, reflexões feitas, reafirma e revê aspectos de sua práxis como educador após quase vinte cinco anos da primeira edição de *Pedagogia do Oprimido*. Neste trecho que ora comentamos, compartilha o processo de feitura – artesanal - da *Pedagogia* e nos conduz a visitar, reler e reviver caminhos e ideias em que a gestou, num mergulho no antes e após sua publicação, atualizando-a.

Escrever é um exercício de síntese, sempre provisória. Exercício de denúncia e anúncio. Freire revela esse *quefazer* rememorando a tessitura de *Pedagogia do Oprimido.* Não se trata-se de um livro escrito em gabinete. Foi gestado na convivência com camponeses, técnicos agrícolas, agrônomos, educadores e educadoras, ou seja, no cotidiano e seus desafios como educador. No diálogo com saberes de *experiência feito*, respeitando-os como ponto de partida de suas ações. Então, buscou na escrita interfaces com leituras que fazia à luz de suas vivências, para, então, dizer algo mais, sobre como fazer da educação prática de liberdade.

Ao compartilhar como escreveu a Pedagogia revela o quanto foi pedagogo de si na busca de outras formas de fazer educação, analisa experiências, responde algumas das críticas que recebeu de leitoras e leitores. Algumas que acolhe por meio de autocríticas, como, por exemplo a tentativa de superação da linguagem sexista, assim como pontua algumas das repercussões da obra em vários cantos do mundo.

O livro *Pedagogia do Oprimido* foi escrito, no exílio do autor, no Chile entre 1967 e 1968. Sua primeira edição foi em língua inglesa, em setembro de 1970 e somente em 1975 temos sua primeira impressão em português no Brasil. Porém, vários brasileiros já o haviam lido clandestinamente:

> Enquanto isso um sem-número de brasileiras e brasileiros o liam em edições estrangeiras que chegavam aqui por golpes de astúcia e de coragem. Conheci, nessa época, uma jovem freira norte-americana que trabalhava no Nordeste e que me disse ter entrado algumas vezes no Brasil, no regresso de suas viagens aos Estados Unidos, com alguns exemplares da Pedagogia, sobre cuja capa original ela punha capas de livros religiosos. Desta forma, amigos seus, que trabalhavam em periferias de cidades nordestinas, puderam ler o livro e discuti-lo antes mesmo de sua publicação em português. (p. 63)

Ao detalhar o processo de escrita do livro, das notas, das leituras, da organização da escrita às sugestões dos primeiros leitores e leitoras, como Elza sua primeira esposa, reafirma seu ensinamento de ser sempre um aprendiz, de aprender com quem ensinava e com quem convivia, pois compreendia todos e todas como sujeitos, coparticipantes num processo de construção de si no mundo; de compreensão de si e do mundo, em busca de *ser mais,* condição ontológica em busca de libertação, desnaturalizando as opressões.

Ao lermos Freire percebemos sua formação filosófica e sociológica, suas leituras e interpretações de autores clássicos, de Aristóteles, Santo Agostinho à Marx e Engels, Sartre, assim

como o diálogo com autores contemporâneos de grande magnitude como Erich Fromm, Frantz Fanon, Amílcar Cabral, Álvaro Vieira Pinto, Ivan Illich, Antônio Cândido, Gilberto Freyre, Ernani Fiori, Josué de Castro, entre outros.

Como homem de utopias revolucionárias seus escritos expressam uma pedagogia em movimento, uma obra aberta e inspiradora. Pedagogia da Esperança reafirma a dimensão ético-crítica de sua trajetória e de sua filosofia da educação libertadora, bem como de seu compromisso político com os *"esfarrapados do mundo"*. Eticidade e compromisso político que o fez tomar a leitura do mundo articulada à leitura da palavra como condição fundamental para superação de todas as formas de alienação e de opressão.

As memórias de Freire nos revelam sua defesa da prática educativa radicalmente democrática, uma pedagogia desveladora das injustiças, portanto, que se opõe aos interesses do capital e aos regimes autoritários como a ditadura civil-militar no Brasil que o levou ao exílio após o Golpe de 1964. Ler Pedagogia da Esperança é fundamental na reafirmação das lutas pelo aprimoramento da democracia, sem jamais abrimos mão dela.

O momento em que a sociedade brasileira se encontra, mergulhada em profundas desigualdades sociais, em que discursos e práticas de ódio, racismo, homofobia, intolerância e negação do Estado democrático de direitos estão por toda parte, nos desafia a manter a esperança, como seres que lutam e sonham; que procuram realizar práticas educativas ancoradas na concretude da história e, enquanto tal, não sendo pura espera, realizam a defesa da humanização, do diálogo, da convivência, na recusa a tudo que nega nossa condição de sujeitos, como o neoliberalismo, neoconservadorismo, o neofascismo, os sectarismos de direita ou de esquerda.

Uma pedagogia democrática é condição para a consolidação de uma sociedade democrática, isto está dito em *Pedagogia do Oprimido* e redito na *Esperança.* Pedagogia que se faz em ações coletivas e dialógicas, fundamentadas na *boniteza da briga,* na ação-reflexão que caminham juntas, num contínuo processo em prol de uma sociedade justa e democrática, sem fatalismos que gestam práticas de pura apatia e/ou comodismo diante do presente histórico.

Podemos dizer que, Pedagogia da Esperança é uma obra de maturidade que retoma categorias centrais para a educação libertadora, tais como a dialogicidade, a construção coletiva e a transformação social.

09 de agosto
Marcel Cavalcante

Ao escolher este trecho desta obra para tecer minhas considerações, mesmo já sendo "velho conhecido" do livro, não imaginava a riqueza de assuntos e abordagens possíveis em um só "pequeno pedaço".

Paulo Freire segue bailando pelos temas, passando de um a outro, sempre com a elegância linguística e, como ele mesmo diz, boniteza nas palavras, características marcantes em sua escrita.

Inicia falando da importância nas relações humanas, o quanto foram importantes em sua vida e o quanto auxiliaram, tanto na escrita de Pedagogia do Oprimido (PO), quanto na Pedagogia da Esperança (PE):

"Acho que uma das melhores coisas que podemos experimentar na vida, homem ou mulher, é a boniteza em nossas relações, mesmo que, de vez em quando, salpicadas de descompassos que simplesmente comprovam a nossa "gentetude""(FREIRE, 2005, p.65).

E segue contando sobre a esperança com que escreveu a PO. Neste trecho, embora não desenvolva o assunto, válido lembrar o que Freire considera ser a esperança. Para o autor, esta palavra não representa algo alienado, ou como ele mesmo dizia: esperança do verbo "esperançar" e não do verbo esperar. Esperança tem a ver com fé no ser humano, mas também com trabalho em direção ao que se pretende. Tem a ver com lutar pela transformação, em contraposição a esperar sentado que a mudança "caia do céu".

E tal entendimento sobre esperança, está intimamente ligado a outro termo recorrente na escrita *freiriana*. A coerência:

> Entre as responsabilidades que, para mim, o escrever me propõe, para não dizer impõe, há uma que sempre assumo. A de, já vivendo enquanto escrevo a coerência entre o escrevendo-se e o dito, o feito, o fazendo-se, intensificar a necessidade desta coerência ao longo da existência (FREIRE, 2005, p. 66-67).

E é sendo coerente com seu discurso progressista que ele nos conta sobre as cartas que recebeu de diversas mulheres, à época do lançamento da PO. Sobre as críticas de que foi alvo, em sua "forma machista de escrever". Que num primeiro momento não lidou muito bem com as críticas, mas que pouco a pouco, refletindo sobre cada argumento presente nas cartas, percebeu o quanto realmente era machista em sua fala, mesmo não tendo consciência disso. Alerta Freire, para o tanto de ideologia que nossa linguagem carrega e que, estando conscientes, incoerente seria não mudar:

> Não é puro idealismo, acrescente-se, não esperar que o mundo mude radicalmente para que se vá mudando a linguagem. Mudar a linguagem faz parte do processo de mudar o mundo. A relação linguagem-pensamento-mundo é uma relação dialética, processual, contraditória. É claro que a superação do discurso machista, como a superação de qualquer discurso autoritário, exige ou nos coloca a necessidade de, concomitantemente com o novo discurso, democrático, antidiscriminatório, nos engajarmos em práticas também democráticas (FREIRE, 2005, p. 68-69).

Ainda sobre a questão da linguagem, Freire conta como admirava a fala popular, sempre tão rica de metáforas e simbolismos. E relata com um tom de saudosismo:

> Minhas longas conversas na praia com pescadores em suas caiçaras na praia de Pontas de Pedra, em Pernambuco, como diálogos com camponeses e trabalhadores urbanos, nos córregos e morros do Recife, não apenas me familiarizaram com sua linguagem, mas também me aguçaram a sensibilidade à boniteza com que sempre falam de si, até de suas dores, e do mundo. Boniteza e segurança também (FREIRE, 2005, p.69).

Citando um diálogo entre o professor e antropólogo Carlos Brandão e um camponês em Minas Gerais, Antônio Cícero de Souza, o Ciço, Freire reflete sobre os sentidos que a palavra "Educação" pode desempenhar para cada pessoa, de acordo com a experiência e contexto social em que vivam. Nas palavras de Ciço:

> Agora o senhor chega e pergunta: Ciço, o que que é educação? Tá certo. Tá bom, o que que eu penso, eu digo. Então, veja o senhor fala: "educação"; daí eu falo: "educação". A palavra é a mesma, não é? A pronúncia, eu quero dizer. É uma só: "educação". Mas então eu pergunto pro senhor: É a mesma coisa? É do mesmo que a gente fala quando diz essa palavra? Aí eu digo: Não. Eu digo pro senhor desse jeito: Não, não é. Eu penso que não (BRANDÃO et alli, 1980, apud FREIRE, 2005, p. 70).

Diante de tal reflexão, preciso se faz que dilatemos ainda mais nossa sensibilidade, bem como nossa noção de realidade e visão de mundo, para que tenhamos o cuidado de não chegar com "verdades prontas", ou muito fechados em nossos saberes acadêmicos. Mais uma vez Freire nos lembra com seu jeito único:

> [...] ensinar não é pura transferência mecânica do perfil do conteúdo que o professor faz ao aluno, passivo e dócil [...] partir do saber que os educandos tenham não significa ficar girando em torno deste saber. Partir significa pôr-se a caminho, ir-se, deslocar-se de um ponto a outro e não *ficar, permanecer* [...] *Partir* do "saber de experiência feito" para superá-lo não é *ficar* nele (FREIRE, 2005 p. 71, grifos do autor).

E ao partir do conhecimento do educando colocando-nos "a caminho", vamos aprimorando nosso estar e fazer no mundo. Estar aberto à esta troca de saberes, em que a soma de duas visões sobre um assunto, podem resultar em múltiplas ações transformadoras, é exercitar o "ser educador". Exercício este que passa pela solidariedade, frente à opressão sofrida pelo outro.

Sobre este tema, Freire conta sobre uma situação ocorrida com um educador popular, em que, recebido por camponeses, escuta de uma liderança:

> Precisamos dizer a você, companheiro, uma coisa importante. Se você veio aqui pensando em ensinar nós que nós somos explorados, não tem precisão não, porque nós já sabe muito bem. Agora o que nós quer saber de você é se você vai estar com nós, na hora do tombo do pau (FREIRE, 2005, p. 71).

Este relato faz lembrar outro, contado por Augusto Boal (2014), criador do "Teatro do Oprimido" - método que muito se aproxima filosoficamente do pensamento *freiriano* - na época em que fazia parte do grupo de teatro conhecido como "Arena", junto a Gean Francesco Guarnieri e outras tantas figuras importantes na criação de uma visão crítica em nossa cultura brasileira, em especial no período da ditadura militar, após o AI-5, em 1968.

Conta Boal (2014), que eles se apresentavam para camponeses que sofriam opressão frequente, de grandes latifundiários. O espetáculo em questão, falava sobre revolução, em como os camponeses deveriam se mobilizar e, pegando em armas, "dar seu sangue" para tomar o que, por direito, lhes pertencia: a terra.

Entusiasmo geral com a belíssima e estimulante apresentação. Um camponês de nome Virgílio se aproxima do elenco e diz estar muito feliz por saber que pessoas da cidade estavam solidárias à sua causa. Então, que juntos pegassem às armas e partissem para o confronto, sem esperar um minuto a mais. O elenco, assustado com a sugestão de Virgílio, explica que não poderiam, pois, suas armas eram cenográficas. Ao que Virgílio, prontamente responde que não há problema, pois eles – camponeses – poderiam emprestar suas armas, pois tinham o bastante para todos. Os atores, envergonhados, declinam mais uma vez da proposta, alegando que eram apenas atores e não podiam, não tinham condição, de entrar num confronto armado. Virgílio então responde, que quando os atores cantam que "temos que dar o sangue pela terra", na verdade é o sangue deles, camponeses (BOAL 2014).

Boal relata essa história como um acontecimento que muito contribuiu para o que depois viria a ser o Teatro do Oprimido. Mas também, no mesmo sentido de Freire, da clareza que devemos ter e da sinceridade ao nos declararmos solidários, não enganando, ainda que sem querer, as pessoas que de fato, passam por alguma opressão.

Educador e educadora populares, ou como diria Freire, progressistas, devem exercitar em cada momento a coerência entre o que se diz e o que se faz. Devem, ao se engajarem em qualquer iniciativa que tenha por objetivo a emancipação do sujeito, trazer consigo a sinceridade e a vontade real de aprenderem com o outro. A PE reforça ainda mais alguns princípios éticos colocados pela PO. Princípios amadurecidos e revistos diversas vezes por Freire em sua caminhada como educador.

Além da coerência citada acima e a esperança do verbo "esperançar", a convicção pedagógica, de que a libertação de oprimidos e oprimidas só terá legitimidade, através de sua conscientização crítica, rumo a ações transformadoras em seu cotidiano. E tal conscientização não acontece espontaneamente ou de maneira artificial. É preciso trabalho, esforço conjunto e diálogo constante entre educadores(as) e educandos(as). Tanto uns, quantos outros, oprimidos(as) no contexto atual em que vivemos.

Sigamos em frente, esperançosos, como *freirianos* que somos. Convictos de que transformar é possível. Transformar é urgente e necessário.

10 de agosto
Peterson R. Costa

> "Não comete pecado contra a seriedade científica quem trata bem a palavra para não ferir o ouvido e o bom gosto de quem lê ou ouve o seu discurso e que, nem por isso, pode simplesmente ser acusado de "retórico" ou ter caído na "fascinação de uma elegância linguística como um fim em si mesma"". (FREIRE, pag. 74).

Sempre fui um apaixonado pela escrita. Ainda pequeno queria descobrir o que eram aqueles traços que traduziam as palavras que minha boca pronunciava. Quando já dominando o código convencional descobri que poderia brincar com ele, dizer e não dizer, esconder sentido, reclamar, denunciar, elogiar, descrever lugares, sensações, sentimentos, ser diferentes personagens. A palavra me permitia ser aquilo que minha mente fosse capaz de pensar. Bons tempos aqueles em que era livre para brincar com as palavras e os sentidos que carregavam ou poderiam carregar.

Um belo dia fui apresentado ao universo acadêmico, e tristemente descobri um mundo das letras um tanto frio, sem vida, impessoal, desprendido do sujeito, "neutro", mas muitas vezes bem posicionado ideologicamente. Um tanto estranho! Falava de sentimentos, porém sem sentimentos, descrevia lugares, porém com uma frieza que não despertava interesse algum no leitor em visitar o espaço. E eis que descubro que para ser reconhecido, respeitado deveria fazer uso da tal linguagem científica, utilizada por aqueles que dominam o conhecimento. Aqueles que detém o poder da verdade. Além de fria esta forma de linguagem era um tanto distante e muitas vezes rude.

Assim como Freire sempre me questionei se para escrever cientificamente tenho que necessariamente ser rude? Impessoal? Feio?

Definitivamente não!

Escrever é também um ato político, por isso não existe neutralidade na escrita. A escolha do vocábulo, do estilo, dos recursos linguísticos utilizados, tudo compõe uma escolha nada neutra e que carrega inúmeros sentidos sejam eles culturais, acadêmicos ou psicossociais.

Escrever é um ato de resistência, de rebeldia, de libertação, de autonomia. É também reflexo de uma identidade cultural. Por isso, sigo brincando com as palavras e com os sentidos que carregam, na tentativa de despertar consciências, de provocar debates, de filosofar no sentido epistemológico da palavra.

11 de agosto
Marli Klumb

> "E é exatamente a sua politicidade, a sua impossibilidade de ser neutra, que demanda da educadora ou do educador sua eticidade".

O educador Paulo Freire nos move a refletir sobre uma educação que não pode ser neutra ou que negue a politicidade do ato de ensinar.

A obra de Freire destaca que ensinar é um ato político e que a ética e o respeito do professor pelo aluno passa por um ato de ensinar que expõe as suas opiniões e ideologias. Nos esclarece que, jamais a prática educativa será indiferente à "propósitos sociais e políticos".

Para Freire, uma educação ética não se constrói com práticas educativas em que o espaço da escola é colocado como um lugar "sagrado". Colocado dessa forma têm se um local onde apenas estudar não tem nada que ver com o que se passa no mundo lá fora. E por isso, a ética do educar reside em um professor que não esconde as suas opiniões, como se fosse "pecado" preferir, optar, romper, decidir, sonhar. Assim, o professor deve ser aquele que testemunha a sua escolha, a defende e mostra outras opções de escolhas.

Ao ler a obra Pedagogia da Esperança, refletimos que não há conhecimento a ser ensinado que esteja fora da trama histórico-social, cultural e política. E nos remetemos a pensar que, o ensino não pode ser seccionado da trama da vida. Considerando para tal os espaços vividos pelos alunos, como por exemplo, dimensões da favela, cortiços ou zona feliz dos "Jardins" de São Paulo.

Também, Paulo Freire nos indaga se há risco de o professor influenciar os alunos. Pode-se então refletir que sendo a educação um ato político e o professor não sendo um ser neutro na sua prática, entende-se que sim, há o risco de se influenciar os educandos com seus posicionamentos diante da vida.

E nesse contexto de influências e riscos Freire destaca que não é possível viver sem riscos, e o importante é o professor se preparar para corrê-los bem.

Na prática de ensino o professor deve exprimir o seu respeito às diferenças de ideais e posicionamentos, inclusive as posições diferentes às suas e dessa forma ser capaz de construir uma prática educativa essencialmente respeitosa.

Nesse cenário de diálogo e respeito, Freire também faz-nos refletir quando critica a arrogância tanto de intelectuais de esquerda como de direita. Quando critica o comportamento de universitários que pretendem conscientizar os trabalhadores urbanos e rurais sem com eles também conscientizarem-se. Atuam os mesmos, com certa superioridade diante das massas tidas como incultas. E nesse contexto, faz-se a reflexão sobre a necessidade da superação da ideologia autoritariamente elitista. Torna-se necessário fazer o exercício da humildade, da coerência e da tolerância do intelectual progressista que não desrespeita o senso comum, mas parte dele e passa por ele.

Freire enfatiza dessa forma a necessidade da construção do respeito ao contexto cultural do educando, ou seja, o respeito pelo "seu mundo". E ao mesmo tempo nos faz compreender que a prática educativa respeitosa pelos diversos contextos culturais também é a educação que busca a superação do senso comum.

Dessa forma destaca não ser lícito esconder verdades, negar informações, impor princípios, castrar a liberdade do educando. Sendo essencialmente necessário o professor defender sua utopia e respeitar os que recusam a mesma.

Assim sendo, Freire reflete que a educação deve tornar-se cada vez mais tolerante, transparente, bem como mais crítica e curiosa. Claramente assim defende uma prática educativa democrática e política. Educação que respeita os diversos saberes e tem como ponto de partida o contexto local dos educandos, ampliando-se cada vez mais até o âmbito global. Não ignora o senso comum e também vai para além dele.

Destaca que, homens e mulheres são movidos por sonhos e faz parte da natureza humana o processo de sonhar. Assim, Freire diz que não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança. Também nega a compreensão da história como um determinismo e enfatiza a importância do sonho e da utopia para uma história como possibilidade.

Refere-se nesse sentido a uma educação que nega a simples adaptação ao mundo, e defende uma educação que crie a possibilidade do sonho, da utopia e portanto, da transformação. E é nesse sentido que refletimos sobre o sonho das classes dominadas que quanto menos sonharem mais serão controladas pelas classes dominantes.

Dessa forma é essencial a prática de uma educação política, democrática e construtora de utopias. Esse é um dos grandes ensinamentos do educador Paulo Freire para os educadores do mundo.

12 de agosto
Gilberto Oliari

Sabemos que estudar, debruçar-se sobre um assunto e compreendê-lo, não é tarefa fácil, é um grande desafio. O ato de estudar e aprender exige regras que são indispensáveis para o proveito daquilo que está se fazendo. É exigente mas pode ser prazeroso: o quão felizes ficamos quando chegamos às páginas finais de um livro? Quanto é gostoso resolver problemas financeiros com lógica e cálculos complexos? Quão bom é fazer descobertas, aprender coisas novas, ressignificar o que sabemos e poder transmiti-las? Não há valor mensurável para essas realizações. No entanto, pouco se fala sobre o caminho – as vezes sinuoso e pedregoso que se percorre para chegar a essas descobertas.

Na sala de aula não é diferente. Quantos são os desafios que enfrentamos cotidianamente para desenvolver os processos de ensino e aprendizado? Quantos são os discursos proferidos dia a dia dizendo que tal ou tal conteúdo não são importantes? (como professor de disciplinas da área de humanas ouço frequentemente). Porém podemos perceber o quanto o aprender de nossos alunos nos satisfazem: quando socializam o que aprenderam para outras pessoas; quando os pais percebem que o filho está aprendendo; quando os alunos vão emancipando-se e fazendo reflexões que extrapolam o conteúdo da sala de aula; quando alçam voos mais altos que os próprios professores que tiveram.

Esse processo de desenvolvimento do aprendizado exige disciplina, exige um certo regramento de atitudes e atividades condizentes ao processo que se está desenvolvendo. Defendo, desse modo, que o ato de aprender, embora em alguns momentos possa ser espontâneo, em outros tantos momentos exige uma metodologia específica, uma disciplina que aponte qual rumo deve ser seguido para que haja aprendizado. Mesmo as novidades precisam seguir métodos, precisam saber o que já foi produzido, pensado ou escrito, para poder perceber quais são as lacunas

a serem preenchidas. Na sala de aula é papel do professor gestar e dar testemunho dessa disciplina.

Um professor indisciplinado pode gerar alunos indisciplinados, nas palavras do mestre: "Um professor que não leva a sério sua prática docente, que, por isso mesmo não estuda e ensina mal o que mal sabe, que não luta para que disponha de condições materiais indispensáveis à sua prática docente, se proíbe de concorrer para a formação da imprescindível disciplina intelectual dos estudantes" (FREIRE, 1997, P. 43). Portanto o professor tem papel importantíssimo na construção do processo de ensino aprendizado disciplinado, que percorra um caminho que permita que o aluno construa, ou ressignifique os conhecimentos abordados em aula.

Essa tese faz um contraponto a teorias e discursos educacionais que colocam o papel do professor num plano bem ínfimo ao qual realmente deveria ocupar. No contexto de escrita deste texto, acompanhamos uma disseminação de ideias que afirmam que o professor é apenas, um mero, mediador dos conhecimentos e que o aluno deve desenvolver sua aprendizagem guiado por suas vontades. Esse conjunto ideológico coloca o professor a serviço dos alunos e não pensa na relação humano pedagógica que se estabelece no processo. Convenhamos que o próprio Freire talvez se posicionasse contrário a esse discurso.

Sem dúvidas há que se encontrar um ponto de equilíbrio entre disciplina e "aprendizagem individual". Aí é que se encontra o princípio da democracia no ato de ensinar. A construção de regras e metodologias de ensino e aprendizado, podem ser desenvolvidas acompanhada dos alunos, ou minimamente explicitada a eles, para que possam sentir-se parte do processo, engajar-se no movimento de aprender. Esse princípio democrático é o que garantirá um diálogo entre os saberes historicamente produzidos e reconhecidos como ciência, que são parte dos domínios do professor, com os conhecimentos do senso comum que fazem parte da cotidianidade dos alunos.

Nas palavras de Freire "no fundo, isso tem a ver com a passagem do conhecimento ao nível do 'saber da experiência feita', do senso comum, para o conhecimento resultante de procedimentos mais rigorosos de aproximação aos objetos cognoscíveis" (1997, p. 43). Desse modo, o que podemos chamar de disciplina democrática permite que professor e aluno possam dialogar sobre seus diferentes conhecimentos e torná-los acessíveis a ambos. Em outras palavras, permite-se que o aluno atribua sentidos e significados mais amplos e profundos àquilo que ele conhece no senso comum e permite que o professor conheça melhor o contexto de saberes cotidianos dos alunos e abra um canal de diálogo entre eles.

Há que se ter cuidado quando se aborda o uso da disciplina nos processos de ensino e aprendizado escolar citando Paulo Freire. Nosso educador brasileiro chama atenção para que essa disciplina sirva como ponto de superação das discriminações dos saberes populares. Como? Através de um processo disciplinado, metodológico, se pode partir dos saberes dos alunos e ajudá-los a ampliar seus horizontes, mostrando que o que eles conhecem e, consideram como uma verdade, pode também ser conhecido por outros desde que ele seja capaz se sistematizá-lo e apresentá-lo. Pode-se dizer que um processo disciplinado e democrático possibilita a existência de muitas verdades, de verdades que podem estar escondidas, ou nas margens dos conhecimentos elitistas.

Dessa forma considero, finalmente, que ser professor é fazer um testemunho da gestação da disciplina democrática, na qual professor e aluno conversam sobre as metodologias do seu trabalho e permita que os saberes populares se tornem conhecimentos sistematizados e acessíveis

a outras pessoas. Essa tese rompe com o autoritarismo de professores, não confabula com a ideologia de que o professor é dispensável do processo de ensino e aprendizagem e desafia os professores a se utilizarem de pressupostos disciplinados e democráticos.

13 de agosto
Luciana Rita Bellincanta Salvi
Solange Maria Alves

> A luta de classes não é o motor da história, mas certamente é *um* deles. (FREIRE, 1992, p. 91, grifo do autor).

A imersão na obra de Freire propicia recorrentes reflexões quando o assunto é o ensino e a sociedade. Essas reflexões contribuem na compreensão de que a educação tem o compromisso com os sujeitos no processo de tomada de consciência da existência das classes sociais, de pertencimento a uma categoria e de engajamento na luta de classes. A concentração e análise promovem a compreensão dos educadores acerca do trabalho educativo que precisa ser mediado junto aos educandos, para que estes sujeitos compreendam quem são e qual categoria representam na história, assim como o autor, o qual faz referência ao discurso de uma operária ao indagar: "[...] "Quem é o povo?". "É quem não pergunta quem é povo." (FREIRE, 1992, p. 90), evidenciando dessa forma, o discernimento e a identidade construída enquanto sujeito, enquanto pertencimento a sua categoria.

Por intermédio de sua produção, Freire nos conduz a compreensão e identificação com a categoria de povo, de oprimido, defendendo o princípio que não é possível reduzir os indivíduos aos reflexos desencadeados pelas estruturas socioeconômicas, mas que estes precisam ser compreendidos a partir de sua subjetividade, como sujeitos históricos que fazem e que possuem relação com a história, que desenvolvem a sua consciência em esferas cada vez mais elevadas, com vistas às leituras de mundo que são realizadas. Em *"Pedagogia da esperança: um reencontro coma pedagogia do oprimido"* (1992), o autor enfatiza que o sujeito conseguirá desenvolver a consciência de classe oprimida, se necessariamente ele desenvolver a consciência de que é um homem oprimido, tornando possível a ele, entender a história a que pertence e constrói, com vistas à existência das classes sociais e o conflito de interesses, mediante a luta instituída entre elas, ou seja, entre oprimidos e opressores, entre operários e empresários, entre proletariado e burguesia, entre dominantes e dominados.

A luta de classes não consegue explicar todas as situações e fenômenos que ocorrem na sociedade, porém, entende-se que ela desempenha uma determinada ação e possa ser concebida como um importante motor, o qual nos permite compreender a história e as disputas que dela fazem parte. Ao tomar consciência de sua condição social na história, o sujeito precisa *"pelear"* por sua causa e não negar a existência das classes sociais, dos conflitos que circundam estas categorias distintas, entendendo ou simplesmente aceitando a história como pronta e acabada. Portanto, compete ao sujeito negar ou adaptar-se a ela, sujeitados a sua própria sorte.

A educação exerce uma função visceral na formação dos educandos, uma vez que ela propicia condições, por meio das relações sociais estabelecidas entre eles e entre todos com os educadores, para que realizem ensaios da "[...] experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador." (FREIRE, 1996,

p. 41). Sujeitos estes, capazes de não se sujeitar a malvadez imposta pelos nossos algozes opressores, que negam a história como tempo de possibilidade e transformação, que aniquilam a nossa capacidade de almejar nossas utopias enquanto sonhos possíveis. Daí que, Freire (1992) nos conduz a reflexão de que os sonhos não consistem apenas em atos políticos necessários que nos impulsionam à luta, mas também consistem no sentido histórico e social de *"ser mais"*, enquanto vocação ontológica das mulheres e homens, que encontram-se em permanente processo histórico de tornar-se, de assumir-se, de humanizar-se, portanto, de construir-se e reconstruir-se enquanto fazem história, enquanto se inserem e transformados pela cultura, transformam o mundo, dessa forma, enfatizamos que "[...] não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança." (FREIRE, 1992, p. 91).

A educação precisa denunciar que não conseguimos alcançar uma utopia verdadeira, fora do espaço de tensionamento entre a denúncia das condições vivenciadas no presente e o anúncio da construção de um futuro menos feio, mais justo e solidário, estético e ético a ser construído na luta de classes sociais pelos sujeitos. Só é possível sonhar, se compreendermos que a história, é tempo de possibilidades, não de determinismos. Possibilidades estas, que legitimam à educação, o seu espaço de atuação na transformação dos sujeitos e estes assumindo-se como transformadores do mundo.

É incontestável que não seja do interesse das classes dominantes que os dominados tomem consciência de sua classe social, que *"sonhem"* e que se comprometam politicamente com um novo projeto de sociedade, demarcando o seu território, delimitando suas estratégias de luta, que possibilitem avançar e construir a sua história. A classe oprimida precisa urgentemente se reinventar em sua forma de lutar, de se estruturar e formar lideranças, para que a malvadez opressora não venha a sobrepujar os interesses e as necessidades desta classe marginalizada e excluída, acentuando ainda mais as desigualdades sociais em nome de um projeto de desenvolvimento econômico pautado na "*ordem e no progresso"* da *"Pátria amada, Brasil"*.

Por mais que se esforcem, os discursos neoliberais propagados pelos opressores não conseguem extinguir as classes sociais, não conseguem apagar o antagonismo de interesses que acentuam as desigualdades sociais, pois de acordo com Freire (1992, p. 93), a "[...] luta é uma categoria histórica. Tem, por isso, historicidade", onde de acordo com o espaço e tempo, se configura de uma forma distinta, mas inegavelmente, ela continua a existir.

E quanto a nós? Sujeitos históricos e sociais, oprimidos neste tempo e espaço do qual somos parte? Conscientes de classe social? Nós precisamos nos imbuir de *"esperança"*, não de uma esperança solitária capaz de transformar o mundo. Isso seria muita ingenuidade. Mas, de uma esperança pautada na realidade e nas condições de existência, que quando colocada em ação concreta, torna-se histórica. Alicerçados por esta esperança ousamos sonhar, optar, decidir e partir para a luta, para a nossa libertação e daqueles e daquelas que ainda continuam alienados e aprisionados por discursos que utilizam de engodos, tolhendo assim a consciência de classes. Sim, nós esperamos e esperançamos enquanto firmemente lutamos.

14 de agosto
Fernanda dos Santos Paulo

Em *Pedagogia da Esperança* localizamos a indignação de Paulo Freire com relação a pobreza, as injustiças sociais e a todo tipo de violência a qual os seres humanos estão expostos, sobretudo por conta do modelo de sociedade vigente, o capitalista. Na mesma direção, identificamos importantes reflexões sobre este tema nos livros: *Pedagogia do Oprimido*, *A Educação na Cidade*, *Por uma pedagogia da pergunta*, *Política e Educação*, *Pedagogia da Autonomia*, *Pedagogia da Indignação* entre outras obras que discutem essa temática de formas diversas. Referindo-se ao *Pedagogia da Esperança* reconhecemos a filiação de Freire na filosofia marxista, sobretudo ao tratar das classes sociais e do projeto de sociedade atrelado ao compromisso social do educador progressista. Em conformidade com a perspectiva crítica da educação, uma das suas preocupações atribui-se ao (des) engajamento do educador que separa ou ignora a pobreza dos assuntos educacionais. De acordo com ele:

> Que excelência é essa que pouco ou quase nada luta contra as discriminações de sexo, de classe, de raça, como se negar o diferente, humilhá-la, ofendê-la, menosprezá-lo, explorá-la fosse um direito dos indivíduos ou das classes, ou das raças ou de um sexo em posição de poder sobre o outro. Que excelência é essa que registra nas estatísticas, mornamente, os milhões de crianças que chegam ao mundo e não ficam e, quando ficam, partem cedo, ainda crianças e, se mais resistentes, conseguem permanecer, logo do mundo se despedem. (FREIRE, 1992, p. 49. Grifo nosso.).

Nesta mesma página, o educador, nos oferece dados que revelam as diferentes facetas das desigualdades sociais. Estas presentes nas políticas educacionais, no acesso à moradia, à alimentação, à saúde, etc. Diante da sua reflexão - a partir dos dados da realidade, advindos de sua experiência, do Relatório da Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e do Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial - tece críticas a modernidade capitalista, ao autoritarismo democrático e ao socialismo com moldura autoritária.

Segundo o autor, a miséria é preocupante e desumanizante e, portanto, impossível de ser ignorada por intelectuais, principalmente por àqueles que discursam sobre excelência. Neste caminho de descrição de experiências de pobreza, Paulo Freire (1992) cita situações concretas, existentes no contexto brasileiro:

1. A presença de um sem-número de homens e de mulheres cujo lar é a rua;
2. A discriminações de sexo, de classe e de raça;
3. Milhões de crianças que chegam ao mundo e não ficam (morte);
4. Meninos, meninas, mulheres, homens, disputando com cachorros famintos, tragicamente, animalescamente, detritos nos grandes aterros de lixo, na periferia das cidades, para comer;
5. Meninos barrigudos, comidos de vermes, mulheres desdentadas, aos 30 anos parecendo velhas alquebradas, homens gastos;
6. O assassinato frio, covarde, de camponeses e camponesas, sem-terra;
7. O extermínio de meninas e meninos nos grandes centros urbanos brasileiros;
8. País que "proíbe" que 8 milhões populares se escolarizem, que "expulsa" das escolas;

De natureza igual, no livro Pedagogia do Oprimido, encontramos a seguinte passagem:

> Acreditamos não ser necessário sequer usar dados estatísticos para mostrar quanto, no Brasil e na América Latina em geral, são "mortos em vida", são "sombras" de gente, homens, mulheres, meninos, desesperançados e submetidos a uma permanente "guerra invisível" em que o pouco de

> vida que lhes resta vai sendo devorada pela tuberculose, pela esquistossomose, pela diarréia infantil, por mil enfermidades da miséria, muitas das quais a alienação chama de "doenças tropicais"... (FREIRE, 1987, p. 99. Grifo nosso).

Com tal característica Freire (1996) afirma: "Não posso, por isso, cruzar os braços fatalistamente diante da miséria, esvaziando, desta maneira, minha responsabilidade no discurso cínico e 'morno', que fala da impossibilidade de mudar porque a realidade é mesmo assim. " (p. 30). De mesmo modo, nas obras: *A Educação na Cidade* (1991) observamos que o estudo da realidade não pode estar afastado dos conteúdos dos livros.

Em *Por uma pedagogia da pergunta* (1985), Freire relata a sua experiência no Conselho Mundial de Igrejas a qual lhe proporcionou espaços de vivências, de aprendizagens e de conhecimento de outros contextos de miséria. No *Política e Educação* encontramos o posicionamento de Freire muito similar aquele presente na *Pedagogia da Esperança* e na *Pedagogia da Autonomia*: "Como tentar explicar a miséria, a dor, a fome, a ignorância, a enfermidade crônica, dizendo, cinicamente, que o mundo é assim mesmo; que uns trabalham mais, com competência, por isso têm mais e que é preciso ser paciente pois um dia as coisas mudam". (FREIRE, 2001, p. 45).

Por fim, no livro póstumo de Freire: *Pedagogia da Indignação* nos deparamos com um trecho que podemos considerar uma síntese do que consta na *Pedagogia da Esperança* sobre "Que excelência é essa" anunciando o papel do educador crítico:

> [...] não é impor ao educando o seu gosto da liberdade, a sua radical recusa à ordem desumanizante; não é dizer que só existe uma forma de ler o mundo, que é a sua. O seu papel, contudo, não se encerra no ensino, não importa que o mais competente possível, de sua disciplina. Ao testemunhar a seriedade com que trabalha, a rigorosidade ética no trato das pessoas e dos fatos, a professora progressista não pode silenciar ante a afirmação de que "os favelados são os grandes responsáveis por sua miséria"; não pode silenciar em face do discurso que diz da impossibilidade de mudar o mundo porque a realidade é assim mesmo. (FREIRE, 2000, p. 22. Grifo nosso).

Finalmente, Freire (1992) explicitando sua concepção de educação e de sociedade, reafirma o seu compromisso com a luta democrática contra a malvadez do capitalismo.

15 de agosto
Wesley Dias Santos

Trabalhar essa capacidade de resistir nos inúmeros grupos que são privados de seus direitos fundamentais é sem dúvida um trabalho a ser desenvolvido pelos educadores progressistas, uma vez que, na concepção mecanicista a educação não tem outro papel a não ser o de transmissão de conteúdos de forma passiva e acrítica.

A compreensão dos conteúdos e dos métodos que fazem parte do processo educativo só podem cumprir seu papel se forem compreendidos em uma relação dialética, ou seja, o primeiro dado que se deve levar em consideração é que o processo de ensinar e aprender está fundamentalmente baseado em relações entre sujeitos, aqueles e aquelas que se colocam mediatizados pelos conteúdos numa atitude de ensinantes e aqueles e aquelas que na curiosidade de descobrir o novo se colocam na atitude de apreender o mundo e ao mesmo tempo em que apreendem são capazes de re-significar e também ensinar. O processo é uma via de mão dupla, ou seja, ambos estão ensinando e apreendendo ao mesmo tempo, sem que isso fira o papel que cada um desempenha no contexto em que estão inseridos.

O educador e a educadora crítica buscam compreender todos as relações envolvidas no processo de ensino-aprendizagem, os sujeitos da educação, os conteúdos, os métodos, os sentimentos que brotam dessas relações, não sobrepondo e não desvalorizando a importância de cada um desses aspectos dentro do processo de ensinar/apreender.

Não há como pensamos esse processo sem abrirmos mão dos conteúdos, eles são extremamente importantes no ato de conhecer. A forma como nos aproximamos deles e o sentido que damos a eles é que devem elucidar nossa prática. O desafio ainda maior é entender que os conteúdos muitas das vezes estão carregados de intenções, numa postura autoritária e tradicionalista, quem escolhe os conteúdos escolhe com a intenção de formar uma sociedade para determinado fim, e escolhendo fazem também escolhas de quem deve ser incluído e quem deve ser excluído. Essa concepção está centrada na concepção conteudista e elitista. É preciso chamar a todos para a discussão do que se deve ensinar, alunos, pais, comunidade escolar e comunidade externa para discutir quais são os objetivos a que se querem chegar, não há com essa abertura ao diálogo uma tentativa de eximir a importância dos especialistas, senão que, colocar em diálogo e democratizar o processo de ensino/aprendizagem.

Os conteúdos não estão carregados de poderes mágicos, capazes de transformar os sujeitos (educandos) que dele tomam posse. Numa concepção de aluno como depósito de conhecimentos, apenas quando apropriados de forma crítica, com a apreensão e reconstrução do saber, eles cumprem seu papel. Os conteúdos estão carregados de significados políticos, sociais, econômicos e culturais, é preciso nesse sentido transitar entre a "leitura da palavra" e a "leitura do mundo" para entender a real intenção por traz de cada saber.

Ao educador e educadora progressista cabe propor quantas 'leituras de mundo" forem possíveis, possibilitando ao máximo aos educandos que explorem todas as possibilidades de compreensões possíveis e imagináveis.

O fato de não caber ao educador uma atitude autoritária não significa que este deve se anular-se de sua responsabilidade enquanto líder e que possa deixar de exercer sua autoridade, liderar no sentido de fazer emergir e desenvolver nos educandos todos os aspectos que estes carregam em seu potencial de vir-a-ser, e exercer sua autoridade enquanto sujeito responsável pelo desemprenho de seu papel. O espontaneísmo pode levar os sujeitos a mergulharem em um faz de conta pedagógico, o que negaria em sua essência o processo de ensino/aprendizagem.

Por isso, os educadores e as educadoras progressistas precisam insistir na democratização da escola e da sociedade como um todo na tentativa de serem os provocadores de práticas democráticas, não é possível esperar, é preciso agir e realizar já no contexto em que estão inseridos. Paulo Freire enfatiza que precisamos de substancialidade democrática, nem de autoritarismos e nem de práticas licenciosas.

Segundo apontado por Freire a escola precisa ser um local de provocações que nos faça olhar para além dos muros, para além das palavras sem significados e vazias de sentido, que possibilite a integrar escola e sociedade como espaços democráticos.

Nem um intelectualismo autoritário, nem um anti-tradicionalismo irresponsável Freire conclui que os educadores e educadoras progressistas são chamados a cultivar uma prática responsável que possibilite o desenvolvimento de sujeitos críticos e transformadores.

PAUSA PEDAGÓGICA
(anote as aprendizagens, ideias, dúvidas e ações que o texto proporcionou até aqui).

16 de agosto
Wesley Dias Santos

Paulo Freire reflete acerca da responsabilidade que temos diante da construção do futuro que acreditamos. A realidade que queremos não está dada, é necessário construí-la a partir daquilo que acreditamos e sonhamos, sem lançar mão do concreto que temos diante de nós, ou seja, a construção da sociedade, da realidade do futuro depende de muito trabalho a partir da realidade que temos diante de nós.

Freire reflete acerca da consciência crítica em relação com o mundo e afirma que ela não é "fazedora da realidade e tão pouco reflexo seu". A educação tem seu papel fundamental nessa relação entre consciência e descobrimento das causas, ou seja, a razão de ser das construções históricas e sociais produzidas pelo homem.

A passagem de uma consciência ingênua para uma consciência crítica só pode ser construída com e a partir da educação, se por um lado a concepção mecanicista entende a consciência como resultado automático e mecânico da realidade a consciência crítica é fruto de um trabalho educacional voltado para esta finalidade. É um processo trabalhoso de libertação que entende a consciência e o mundo a partir de uma relação dialética, nunca de forma passiva. Tal processo visa atingir a "conscientização", esta entendida não unicamente como uma compreensão da realidade, embora seja importante, mas sim como possibilidade de recriação, de mudança, de transformação.

Ao refletir a respeito do processo "conscientização" e transformação da realidade, Paulo Freire entende que é importante conhecer a realidade, mas mais importante ainda é entender-se no mundo como sujeito de transformação.

Para concepção idealista e mecanicista o entendimento da consciência crítica como motora de transformação é impensável, esta pode até admitir um processo de conscientização, desde que ocorra no âmbito da subjetividade e que não seja capaz e possível de transformar a realidade. Somente a concepção dialética da relação consciência x mundo nos permite entender as relações de sujeição e de opressão.

Freire enfatiza que uma intervenção pedagógica deve propor sempre para além da 'leitura da palavra" a leitura do mundo" como ação política, ou seja, não que a leitura da palavra seja menos importante, mas ambas, numa dialógica solidária possibilitarão o processo de conscientização como conhecimento que transforma a realidade e constrói sujeitos políticos.

É a "leitura do mundo" que possibilita a construção da consciência-crítica em relação com o mundo e que aponta caminhos de solução para os obstáculos que se apresentam, muitos destes obstáculos, são exatamente criados para impedir que os oprimidos se rebelem contra seus opressores e que suas consciências sejam facilmente domadas, fazendo com que o discurso do opressor seja assumido sem indagações pelo dominado como dogma inquestionável.

Não cabe ao educador fazer com que as classes populares assumam seu discurso, tão pouco seria coerente que o educador deixasse de lado a importância que tem seu papel de intervenção. Ao educador cabe a abertura, o acolhimento e sobretudo o respeito. A relação que se dará nesse sentido deve ser dialética em que não haja imposições de violência e ou abandono, uma oportunidade do educador olhar o mundo dos grupos populares vivenciando um pouco das suas relações e formas de ser-no-mundo. A capacidade de se colocar no lugar do outro, de alteridade é uma atribuição fundamental do educador que está inserido nos grupos populares.

Freire ainda destaca a questão das negatividades e positividades da cultura, tomando como exemplo o passado escravocrata, identificando que há uma marca cultural deixada não unicamente no papel do "senhor" que tem o poder de manda e do escravo obediente, mas na relação entre eles. Na aparente aceitação de ser obediente o escravo resiste e projeta sua liberdade. Na aparente aceitação muitos grupos de resistência na história foram capazes de transformar a realidade e recriar a existência a partir do que almejavam.

17 de agosto
Ana Paula Grellert
Ederson Pinto da Silva

Comumente, ouvimos falar sobre a necessidade de garantia de espaços democráticos e plurais, sejam nos diferentes espaços educativos, na escola, nas associações, nas organizações sociais, nas universidades, na sociedade em geral. Neste sentido, compreendemos que a garantia de espaços democráticos só será possível na medida em que a proporcionarmos espaços em que os sujeitos possam experimentar a participação em sua plenitude.

Nessa direção, é possível afirmar que a educação voltada para a democracia é aquela que proporciona diálogo com o outro, que aceite sua visão de mundo, seu modo de ser e estar no mundo. Mais ainda, a educação na perspectiva democrática deve garantir condições necessárias

para mudanças de hábitos e atitudes, sobretudo aqueles que antes serviam à passividade e a não participação, buscando que os sujeitos adotem uma postura mais ativa e resiliente.

Ao refletirmos sobre a escola, ou até mesmo em qualquer espaço de educação formal, como a Universidade, por exemplo, as garantias dos espaços democráticos podem ser identificadas como os conselhos, comissões, em que participam os servidores – técnicos e professores, estudantes, pais e, em algumas situações, até mesmo a comunidade externa

Já do ponto de vista pedagógico, precisamos avançar muito no sentido de garantir a efetivação do diálogo com o outro, envolvendo-o na escolha dos conteúdos a serem trabalhados na sala de aula, bem como na metodologia adotada para o desenvolvimento das aulas e dos recursos pedagógicos que serão utilizados para tal fim. Tal direcionamento na prática pedagógica do educador ou educadora, pode se constituir como um rico espaço de discussões e de conhecimento, permitindo relações mais amorosas entre educador e educando, possbilitando assim, que ambos sejam sujeitos do ato de aprender.

De acordo com Freire, a construção de relações e espaços mais democráticos por educadores e educadoras é um compromisso daqueles que adotam a perspectiva libertadora de educação. Na verdade, argumenta que não é necessário esperar que a sociedade se democratize para a democratização dos conteúdos, bem como da forma como serão tratados em sala de aula.

Desta forma, compartilhamos a idéia de Freire de que "enquanto relação democrática, o diálogo é a possibilidade de que disponho de, abrindo-me ao pensar dos outros, não fenecer no isolamento (FREIRE, 2011, p. 166). Tal reflexão nos remete a importância do diálogo para a construção de relações mais democráticas e plurais na escola, na universidade, entre outros espaços educativos.

No que se refere ao isolamento a que Freire se refere, é possível afirmar que ainda carecemos, em nossas instituições de ensino, de espaços de escuta de maneira a abrir-nos ao pensar dos outros. Este é um desafio constante, e como educadores e educadoras, cremos que nossa tarefa seja de buscar alternativas criativas para sairmos do isolamento, pela via do diálogo, compreendido como opção democrática.

18 de agosto
Ediana Maria Mascarello Finatto
Pe. Rogério L. Zanini

Durante a leitura do trecho, "[...] das Ilhas do Pacífico-Sul, da Índia, da África [...]" página 168 do livro Pedagogia da Esperança, Paulo Freire destaca o quanto era válido e enriquecedor discutir com os diferentes públicos, em diversos países. Os jovens universitários em seus posicionamentos, de acordo com sua classe social e nível econômico, encantavam Paulo Freire. Na interação com eles, procurava entendê-los diante do indiscutível gosto que possuíam pela reflexão teórica, a seriedade com que argumentavam e o desafiavam. Esses jovens acadêmicos, sempre fundados na leitura cuidadosa e rigorosa que haviam feito, sozinhos ou com seus professores, extraíam questões de seus livros ou de outros que nem haviam sido sequer lidos por Paulo Freire e o questionavam sobre seu posicionamento e sua cosmovisão. Da mesma forma, Paulo Freire se encantava quando discutia com lideranças operárias, as quais, numa ótica mais política, buscavam esclarecer e iluminar os aspectos relacionados à sua prática diária de trabalhadores.

Em Paulo Freire encontramos: a "*lebenswelt*" - *visão de mundo* que é construída a partir do "mundo-da-vida". Trata-se do chão diante do qual as pessoas, ou mesmos grupos, assimilam suas compreensões da realidade e cosmovisões de mundo. A *"lebenswelt"* tem contribuído para que o ser humano pense e aja de acordo com seus ideais propostos, sendo desafiado a encarar certos obstáculos que a existência lhe apresenta cotidianamente. A visão de mundo e sociedade procede dos experimentos provenientes tanto do senso comum quanto do saber científico, sendo algo por vezes complexo de ser vivenciado, já que exige atitudes eticamente responsáveis. Ambos os conhecimentos precisam ser flexionados, para que o senso comum questione o saber científico, e vive versa. Somente mantendo essa relação simétrica, o processo educativo passa a gerar *desconforto*, no sentido de superação do senso comum, como também do científico abstrato, sem incidência na práxis libertadora.

A perspectiva de um conhecimento transformador, ou que gere *desconforto* em relação ao caminho educacional tradicional, está sendo questionado - ou mesmo afrontado pelas correntes mais recentes no campo educacional. Percebe-se que autores que, desde o século passado foram importantes para um conhecimento libertador, nessa segunda década do século XXI estão sendo rechaçados. Autores como Darcy Ribeiro e Karl Marx são dois exemplos claros, por isso, manter-se alicerçado nesses pensadores é defender aquilo que hoje parece andar na contramão da sociedade. Podemos afirmar então, que todo conhecimento que amparou as inúmeras lutas, conquistas e transformações do povo trabalhador hoje está em contestação na sociedade brasileira.

Entre os educadores que vêm perdendo espaço, infelizmente encontra-se nada mais nada menos que Paulo Freire. Por isso, enquanto professores (as) conscientes, buscamos na formação continuada refletir e nos amparar neste grande educador. No entanto, defender a proposta educativa de Freire, hoje, contribui para que sejamos enquadrados (as) nos moldes que os dominantes costumam classificar de "esquerdistas", "a baderna da sociedade", "não querem trabalhar e querem regalias".

Nesse final da segunda década do século XXI, depois da sociedade brasileira ter experienciado um governo voltado a classe dos trabalhadores, com avanços significativos na conquista de direitos fundamentais, presenciamos um retrocesso. Os resquícios nacionalistas e dominantes retornam como um tsunami sobre os pobres. Resquícios das oligarquias que, após um período adormecido pelas mudanças socais e pela organização popular, voltam a protagonizar uma história de marginalização e exclusão. O pior é que, aos poucos, contagiam até mesmo os humildes trabalhadores, os quais, devido aos diversos programas e atendimento do Estado, conseguiram galgar um degrau a mais no ranking social e agora vêem como estorvo os próprios irmãos que ainda precisam ser olhados e assistidos, atribuindo a eles o próprio fracasso e do sistema social. Para fazer um paralelo, citamos Freire (2011, p. 170), o qual afirma que: "[...] a própria ideologia dominante, autoritária, discriminatória, atravessa também setores das dominadas. Se aloja neles e fazem ver-se e sentir-se como superiores aos companheiros, [...] que carregam consigo as marcas da necessidade".

Vivemos, portanto, um momento de crise social, onde o medo de perder certa segurança ou estabilidade tem dificultado a mobilização e a organização política. Como consequência, percebemos "a desmotivação dos companheiros para o compromisso com a luta política" (FREIRE, 2011, p. 172), como se lutar pelos direitos do cidadão hoje fosse algo errado, possível de ser condenado.

Na Pedagogia da Esperança, Freire destaca a importância de lidar com as fraquezas dos oprimidos. Salienta a necessidade de tornar essas fraquezas em "força capaz de transformar a força dos opressores em fraqueza" (FREIRE, 2011, p. 174). Por isso ela é oportuna neste momento, porque ela nos provoca a pensarmos a sociedade atual, a entendermos que estamos sendo privados de sonhar, no sentido de recriar o mundo existente. Desafia-nos a sermos como a semente, que possui em seu interior a potencialidade da transformação. E leva-nos a superar a falsa crença que somos terrenos infrutíferos, pessoas culpadas pelas tragédias e desolações provocadas pelas classes dominantes. Quando somos sementes de esperança, o medo não nos paralisa, ao contrário, nos dá força para, através da organização, vencer a realidade e denunciar as injustiças.

Deste modo, não podemos conceber que essa geração não compreenda aquilo que Paulo Freire nos provoca a pensar. Diante de uma discussão, o que importa sempre defender é a compreensão mais crítica da prática do dia a dia, para poder melhorar a prática futura. Como também nos aponta Boff, (2012, p. 61) "O estar *aberto-para-o-futuro* representa a temporalidade e historicidade do ser humano". O ser humano tem a possibilidade e a capacidade de compreender que as decisões tomadas por aqueles que detêm o poder, afetam drasticamente a vida dos que estão submissos a essas decisões. Mediante esses aspectos, queremos dizer que, se o saudoso Freire aqui estivesse, convocaria em sua mansa fala e forte posição ideológica para que todos os trabalhadores (as), assim reconhecidos, unissem suas vozes e mãos para desfazer as teias da opressão e do silenciamento que imperam sobre a classe trabalhadora.

Desse modo tão importante quanto sermos provocados pela proposta freiriana, é sairmos da inércia histórica e defender os direitos, uma vez que educar é esperançar, que nasce de um compromisso de transformação. Esperar não na pura espera, porque o meu tempo de esperar é um tempo de *quefazer*. A esperança não é uma virtude entre outras tantas, mas é o motor de todas as virtudes. É a capacidade de pensarmos o novo ainda não ensaiado. É a ousadia de projetar utopias que nos fazem caminhar e que nunca nos deixam parados nas conquistas alcançadas. Destarte, quando somos derrotados, a esperança nos faz levantar para continuarmos caminhando, pois, esperançar se apresenta como *fazimento* de transformação, libertação. Essa esperança não pode morrer jamais!

19 de agosto
Avanilde Polak

A sociedade atual passa por conflitos políticos e culturais que por vezes poderiam ser esclarecidos caso houvessem diálogos e/ou forma de habilitar a população, principalmente o operariado, sobre as formas como a política pode manipular, ou seja, nem sempre favorecendo a realidade a sua volta. Porém, o mais difícil para a população que necessita ser "alfabetizada" politicamente é estar apto a ouvir e participar dessa capacitação. Vivemos em um mundo, muitas vezes, "polarizado" onde existem pessoas que têm conhecimento que pode ser compartilhado, pessoas que necessitam desse conhecimento, porém, faltam pontes para ligar esses polos.

Com sua escrita tranquila acessível e repleta de exemplos, Freire relata uma experiência na tentativa implantação de um curso de política para a classe trabalhadora. A ideia era acessível, porém, não aceita quando apresentada em forma de curso. Infelizmente, a curiosidade pelo conhecimento que seria transmitido não encantava, nem ao menos ia ao encontro da necessidade

daquele público, existia um distanciamento entre a realidade e a idealização. "As pontes" não estavam ligando o conhecimento a sua aquisição. Até que Freire e suas quatro amigos começaram a agir como intelectuais que reconheciam a realidade da classe dominada e "semeavam" suas ideias em contextos informais, fazendo surgir das necessidades diárias e de conversas banais a curiosidade sobre a crítica política.

Nas palavras de Freire (1997, p. 132) "Isto prova que, se queremos trabalhar com o povo e não só para ele, precisamos saber qual é o seu jogo". Ou seja, somente a partir do momento em que o sujeito que desejava o conhecimento pode estabelecer uma ligação com a sua realidade é que a aprendizagem se concretiza.

Portanto, a condição de educador exige o conhecimento e domínio prévio de conteúdo, mas não meramente de conteúdo, é necessário saber como se chegar ao educando e despertar seu interesse pelo conhecimento a ser abordado.

20 de agosto
Priscilla Bibiano

Sou o texto "20 de agosto"... data marcante: falecimento de 3 papas, nascimento (1889) de Cora Coralina – poetisa e contista brasileira, que, assim como Freire, também diz que o "cansaço existencial" não pode nos imobilizar, mas, ao contrário, deve nos impelir a ser mais. Diz ela:

> Desistir… eu já pensei seriamente nisso, mas nunca me levei realmente a sério, é que: tem mais chão nos meus olhos, do que o cansaço nas minhas pernas; mais esperança nos meus passos, do que tristeza nos meus ombros, mais estrada no meu coração, do que medo na minha cabeça.

Ser, este, um dos 365 dias com Freire, diz muito... diz, principalmente, sobre lançar mão das letras para continuar acreditando em uma escola aprendente, alegre e crítica. E foi sobre isso que Freire tratou entre as páginas 189 e 198, da 22ª edição/2015 da Pedagogia da Esperança, e continua atual, como a maior parte de seu pensamento: a necessidade e urgência de lutarmos por uma escola problematizadora.

Neste texto, Freire relata duas narrativas de encontros seus, que apontam a sede humana pela escola progressista. Uma escola capaz de tirar os seres humanos de sua anestesia histórica e construir inéditos-viáveis que façam contraponto às muitas situações-limite da realidade socio-histórico-social.

Uma destas narrativas é sobre um grupo de espanhóis, trabalhadores na Suíça, que buscavam uma escola diferente para os filhos. Ao entrarem em contato com a Pedagogia do Oprimido, eles encontraram eco aos seus anseios de vida: algo que fosse capaz de tirar da apatia, do imobilismo e incentivasse a transformação da ordem social. Transformação, na visão freiriana, que só é possível a partir do momento que acontece a conscientização do humano. Ao perceber que um espaço-tempo apropriado para se aprender a pensar poderia ser a escola, eles puseram-se em marcha, buscando construí-la.

A conversa deles com Paulo Freire "girou em torno de uma compreensão crítica do papel da escola e do papel que, nela, podem ter educadorxs progressistas ou conservadorxs". Vale dizer, ainda, que Freire conta que a conversa andou em torno do poder da ideologia dominante e de como contrarrestá-la. O que eles temiam era que seus filhos estudassem em uma escola que lhes castrasse, domesticasse, tirando – inclusive – sua origem, sua cultura.

> Seu sonho era o de uma educação aberta, democrática, que estimulasse nas crianças o gosto da pergunta, a paixão do saber, da curiosidade, a alegria de criar e o prazer do risco sem o que não há criação. Daí a coincidência entre a Pedagogia do oprimido, sobre a qual conversamos em outros encontros que se seguiram ao primeiro, e a experiência da escola problematizante.

E, foi assim, que Freire os ajudou a refletir sobre "as relações dialéticas opressores-oprimidos, do processo de introjeção do dominador pelos dominados; as reflexões em torno da educação bancária, de seu autoritarismo, da educação problematizadora, do diálogo, das démarches democráticas". Bem como, da importância de uma prática educativa que desafie os educandos em sua curiosidade, que valorize os saberes discentes e docentes. O resultado destes "encontros verdadeiros", foi a implementação de processos de formação política para os pais desses educandos, sujeitos que não aceitaram ser submetidos sem buscar soluções... Freire termina dizendo que "o 'jogo', em Genebra, não foi o de cartas".

A outra narrativa, trazida na Pedagogia da Esperança, é sobre uma criança que teve seu desenho rasgado pela professora e o descontentamento do pai, com o fato. Freire conta que o pai foi até à escola abordar a professora, que justificou o ocorrido com o argumento que o desenho da criança trazia uma realidade inexistente e o prejuízo dela para os outros estudantes: um gato multicor!

Realmente, um gato que amedronta, pois traz o inusitado, o novo, o desafio... Gato, este, fora do padrão pedido... fora do habitual... um gato nascido da recriação, da criatividade, da decisão de extrapolar os limites dados. Freire diz que "essa, parecia, era a forma como a escola toda funcionava e não só aquela educadora, que tremia de medo só em ouvir falar de liberdade, de criação, de aventura, de risco".

Aí, temos que nos perguntar: que educador(a) está pronto para lidar com as diferenças, com o inexistente, com o mistério da criação? Que educador(a) é capaz de suportar, cotidianamente, seres livres para inventar e reinventar?

"- Não! Não! – gritou, quase, a professora. – Talvez isso dê certo com seu filho, talvez. Não estou certa, mas talvez com ele isso dê certo; com ele – repetia – que é vivo, inteligente, criador, livre."

Em ambas as narrativas, somos – todos e todas – convidadxs a sair dos trilhos já postos para nós... reinventar os caminhos caminhando, recriar o mundo, problematizá-lo para transformá-lo... E, o caminho não pode ser outro: a educação crítica e emancipatória é esse espaço primordial de reumanização, de possibilidade, de vir a ser, de construir os inéditos viáveis freirianos. Coragem! Esperança! Luta!

> "Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico!"
> (Paulo Freire)

21 de agosto
André Luis Rodrigues Costa

"Fazer os caminhos caminhando, recriar o mundo, (...)". A importância de cada individuo trilhar os seus próprios caminhos, deixar as suas pegadas em sua própria história, não apenas ver o caminho, mas vivenciá-lo, senti-lo. Ser causa e consequência de sua jornada, recriar o seu mundo interno e externo a partir dos erros e acertos, das quedas e êxitos.

Toda ação tem uma reação e com Paulo Freire não seria diferente. Em a Pedagogia da Esperança, o grande educador relata as experiências ao redor do mundo em virtude de outro trabalho importante, a Pedagogia do Oprimido. São histórias que estão permeadas de influências da referida obra e recheadas de novas experiências, novos aprendizados. Freire não só teorizou o aprender, mas também o praticou. Ele viveu, respirou, se alimentou da educação. Para quem acompanha a história dele percebe que a inércia nunca fez parte da sua vida, ou seja, estava sempre em constante movimento, girando, progredindo, dinâmico e atuante.

O ser humano possui uma capacidade infinita de encontrar meios de se reinventar e não pode estar limitado a um modelo de ensino. A educação deve ser usada como processo permanente de libertação tanto de educadores quanto de educandos. A todo instante, as histórias na obra nos remetem a mensagens de ação, dinamismo, vontade de mudanças, questionamentos, perspectivas de uma educação melhor e consequentemente de um mundo mais igualitário.

Perante Paulo Freire a vida era igual para todos e cada um tinha a sua importância no mundo. Todos têm a sua parcela de criação na sociedade, para isso, Freire acreditava que o trabalho dos educadores e educadoras deveria ser pautado na realidade do educando. E que se fosse alheio ao mundo dos aprendizes pouco ou nada teria de transformação e muito menos de criação.

Paulo freire também repudiava incondicionalmente qualquer tipo de discriminação, quer pela fala ou por gestos. Procurava colocar-se sempre no lugar do outro e concomitantemente ao perfil de educador vibrava o comportamento de educando, sempre aprendendo.

E fazendo os caminhos caminhando, recriando o mundo, o indivíduo pode adquirir a capacidade de lidar com as dores e as emoções para não cair na desesperança, uma vez que, mesmo nas adversidades é preciso ter esperança, um poderoso combustível da vida.

22 de agosto
Idaliana Mara Marques Coppola

O educador Paulo Freire no seu ato de escrever repleto de vida e amor, nos transmiti, através da sua luta com um diálogo sincero a esperança por um mundo humanístico. Podemos presenciar nos seus inúmeros encontros dialógicos, sempre com a representatividade de umas das suas obras primas literárias, a pedagogia do oprimido, e também com a pedagogia da esperança. Esta última, é um renascer a crença no ser humano oprimido.

Nos seus dialogos freiriano pelo brasil e estero, levando a esperança de um mundo melhor, podemos relembrar valiosos relatos de encontros do educador, uns destes narrados por africanos de zambia ou da tamzania. Narrativas essas, com um marco brutal ato de racismo e descriminação.

> Há poucos anos", dizia um professor tanzaniano, ao vir comigo ao bar do hotel em Dar [Tanzânia], "eu não poderia estar entrando neste bar, como o faço agora. As coisas eram diferentes. Incríveis os avisos em tabuletas expostas em nessas praias: Blacks and dogs, forbidden, Blacks and dogs, forbidden", quase cantarolava baixinho, o meu antigo, professor da Universidade de Dar, junto à mesa do bar em frente a mim. "Blacks and dogs, forbidden". Era como se, repetindo o mesmo discurso ofensivo do vergonhoso aviso, ele expressasse a justa ira de mulheres e de homens, mundo afora, em face do ultraje que o racismo significa (paulo freire,1992 p. 76).

Paulo freire e o professor continuaram a dialogarem conforme caminhavam em uma praia de areias brancas, nela qual há alguns anos de um passado negativo era proibida que um

negro tivesse o direito de caminhar com os seus pés negros e "sujarem" as areias brancas, e seus corpos negros "sujassem" as águas azuis do seu proprio mar. É de doer a alma o relato sopra, um ato desumano. Nessa situacao, è clara a relação entre opressores e oprimidos. É um absurdo que um ser humano seja excluso de seu direito de liberdade e da sua interação de inseparabilidade com o meio ambiente onde nasceu, ou em qualquer lugar do mundo.

O título, "sem aquelas areias brancas ", e também essa relação homem-ambiente citada no parágrafo anterior com a experiência negativa do professor tanzaniano, excluso por um ato de desumanização, tornasse quase que impossível não relembrar da areia do quintal da casa de infância do Freire. No início da alfabetização do educador, tal experiência, porém, inclusiva e um marco positivo na vida de freire: O teto da escola, eram as sombras de um pé de mangueira, seu caderno foi a areia do chão do seu quintal, o lápis um galho. Esse episódio vivido na infância de freire, deixa a luz, a sua interação de vida e de inseparabilidade com o seu ambiente, interpretando a sua leitura de mundo.

Como mencionado anteriormente, Paulo Freire colaborava com sua presença em diversos encontros pelos quatro cantos mundo, dialogando com educadores, líderes de grupos, universidades e outros; além de viver em varios países, enriquecendo a suas experiências e vivência com variáveis culturas, porém, sempre respeitando-as.

Em uma outra participação de um seminário em chicago, antes mesmo de inicia-lo, no hotel onde estava hospedado, o próprio Paulo Freire e sua primeira esposa, Elza, vivenciaram um momento triste de discriminação. No café da manhã do hotel, os garçons iam e viam atendendo todos os hóspedes, com exceção do casal Freire. Era como se aqueles dois seres humanos fossem transparentes aos olhos daqueles garçons preconseituosos. Sobre isso, Freire disse: "aquela foi uma experiência de que jamais poderia me esquecer" (Paulo freire,1992 pag 77). Nesse mesmo seminario, foi a primeira vez que Paulo Freire afirmou sobre a unidade na diversidade. Sobre isso, Freire elucida:

> Quando dico unidade na diversidade è porque, mesmo reconcendo que as diferencas entre pessoas, grupos, etnias, posssam dificultar um trabalho emunidade, ela é possivel. Mais, é necessaria, considerando-se a coincidencia dos objetivos por que os diferentes lutam. A igualdade nos e dos objetivos pode viabilizar a unidade da diferenca. (Freire,1995, p.68)

Retomando o argumento do racismo e discriminação, infelizmente ainda é vivo esse ato desumano. Por isso, é de suma importância nutrir uma educação humanística embasada no respeito ao próximo, independente da sua raça, gênero, religião e outros. Freire (1992 p. 78, grifo do autor) afirma que "[...] o caminho para assumir-se como maioria está em trabalhar as semelhanças entre si e não só as diferenças e assim, criar a unidade na diversidade [...]". È possivel nas nossas diferencas, encontrarmos o nosso ponto de força, as nosas qualidadades para um objetivo maior.

Daisaku Ikeda, filosofo japones, num dialogo com Austregesimo de Atayde (1898-1993), que foi membro da Academia Brasileira de Ledras e deu seu contributo na elaboracao da Declaracao de Direitos Humanos em 1948, Dr Daisaku Ikeda comenta: " a essencia da educacao è o humanismo. Por isso, o retrocesso na educacao è ao mesmo tempo o recuo na humanizacao e se estendera na derrota da cultura". Na pedagogia freiriana, essala um amor profundo pelo ser humano, como diz, sabiamente, Paulo Freire: "Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas mudam o mundo. A esperanca por essa educacao humanistica è possivel. E nos educadores e todos envolvidos nessa maravilhosa missao, temos a responsabilidade, com as

nossas criancas, por una educacao com la espectativa pedagogica de liberacao e humanizacao por um mundo de paz e humanismo.

23 de agosto
Luciana Rita Bellincanta Salvi
Solange Maria Alves

> A multiculturalidade não se constitui na justaposição de culturas, muito menos no poder exacerbado de uma sobre as outras, mas na liberdade *conquistada*, no direito *assegurado* de mover-se cada cultura no respeito uma da outra, correndo risco livremente de ser diferente, sem medo de ser diferente, de ser cada uma "para si", somente como se faz possível crescerem juntas e não na experiência da tensão permanente, provocada pelo todo-poderosismo de uma sobre as demais, proibidas de ser. (FREIRE, 1992, p. 156, grifos do autor).

As reflexões sobre a multiculturalidade transcendem os debates superficiais existentes na sociedade, que orientam sobre a necessidade de mediar ações na promoção e aceitação da diversidade nas escolas ou de restringir o seu significado à diversidade cultural. Em meio a diversidade existente, encontramos inúmeros aspectos em comum, que nos aproximam, que nos articulam e nos levam a construirmos e assumirmos uma identidade, já que o significado do termo multicultura é empregado no intuito de compreensão dessa diversidade. Nesse sentido, Freire (1992, p. 156), corrobora a este debate, ao afirmar que nós, sujeitos, "[...] somos uma unidade nas nossas diferenças".

Esta afirmativa, provoca diversas indagações, uma vez que, se a multiculturalidade em meio as diferenças existentes, consegue nos transformar numa unidade, seria de uma possível justaposição cultural que estamos falando? Seria por meio do exacerbamento que uma suplantaria a outra? De forma alguma, pois o multiculturalismo se constitui por meio da liberdade que se conquista e do direito que assegura o movimento e o respeito a cada cultura, sem que uma se sobreponha a outra, mas que encontrem espaços vitais para crescerem e se firmarem na sociedade. Dessa forma, é possível destacar que ela é compreendida enquanto processo de inacabamento, encontrando-se em constante busca de construção, de criação, de tomada de posicionamento, de luta histórica e social.

Quando ocorre a promoção da luta pela unidade na diversidade, institui-se o processo dialético de criação da multiculturalidade, visto que resulta em conviver num espaço que é comum a todos, mas que, no entanto, circundam diferentes tipos de culturas (FREIRE, 1992). Neste espaço comum de convivência, as relações não são naturais e tampouco destituídas de interesses. Há que se ter um agir intencionado, permeado pela organização e mobilização de cada grupo cultural, visando assegurar a liberdade, em meio a diversidade enquanto sujeitos históricos e culturais que se constroem nas relações que tecem com outros sujeitos.

Ao direcionarmos o olhar para a escola, encontramos este espaço de *unidade* que é comum aos sujeitos que se encontram nela inseridos, em meio a um território abundantemente cultural, portanto, um território de *diversidade*. Almeja-se que as instituições educativas, preconizem pela realização de um trabalho educativo que promova o conhecimento destas culturas, demandando assim, "[...] uma nova ética fundada no respeito às diferenças". (FREIRE, 1992, p. 157).

Efetivar o trabalho educativo, pautado no viés acima explicitado, demanda luta política e consciência de classes, para que os sujeitos lutem por seus direitos, que não se acomodem mediante as condições que são sujeitados, por aqueles e aquelas que os fazem sucumbir a falta de oportunidades e da negação de direitos, como se fosse responsabilidade dos sujeitos os seus fracassos e insucessos, negando assim, os alicerces capitalistas excludentes que sustentam e que fazem funcionar a sociedade na produção desenfreada de desigualdades sociais.

Ora, se os sujeitos que provém de culturas diversificadas que diferem da cultura padrão elitizada instituída na sociedade, que não dispõem das mesmas condições de acesso e usufruto, não é porque são desmerecedores ou vítimas indignas de receberem benesses e sim, porque a sociedade produziu e exacerbou a falta de oportunidades e de acesso aos direitos públicos e sociais a todas classes.

Atualmente, é difícil não encarar com pessimismo e preocupação o desmonte que o multiculturalismo está sendo submetido em nossa sociedade. Se a bandeira de luta dos grupos culturais e da educação era a construção da unidade em meio a diversidade, estamos sendo alienados por discursos ideológicos que buscam naturalizar tudo o que se encontra posto em nossa sociedade,uma vez que se os direitos são negados, a culpabilização acaba recaindo sobre os sujeitos por meio de ideias que difundem a meritocracia em detrimento da falta de capacitação, bem como, àqueles e àquelas que ousam lutar pelos seus direitos, são desmoralizados e humilhados socialmente via posicionamento ideológico que visa naturalizar não a luta por direitos, mas o quanto os sujeitos se vitimizam para obterem regalias e privilégios, um exemplo claro disso, são os ataques violentos às cotas de vagas em universidades para alunos de escolas públicas, negros, pardos, indígenas, deficientes e baixa renda.

Urge um tempo, onde os educadores e as educadoras, venham a assumir um posicionamento em sua prática educativa favorável a vida, a equidade social, ao direito de todos e de todas, que dê prioridade a "[...] convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que fizemos e o que fazemos" (FREIRE, 2015, p. 77), num mundo em que o trabalho educativo, a educação são imprescindíveis para modificar o curso da história, uma vez que, "[...] se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda". (Idid, p. 77).

24 de agosto
William Vinicius Pinto

Ao debruçar-me sobre o texto de Paulo Freire no qual descreve a experiência como educador, em visita a alguns países do Caribe, é possível depreender alguns conceitos importantes e pertinentes a educação popular, que remetem aos princípios norteadores que de uma educação libertadora. Tomando como referência a sua trajetória foi possível notar a dificuldade de ser admitido em determinados territórios, em um período histórico determinado revelando a insegurança de regimes totalitários frente ao poder da educação, sobretudo, de uma dada educação, na qual, alunos e professores são partes integrantes do processo de ensino aprendizagem e este, datado e circunscrito historicamente.

Não é possível construir conhecimento, sem se tomar posição no mundo em que se vive, portanto, não existe um modelo de educação que seja neutro, assim sendo, ao aderir a um dado

modelo de educação, o educador toma posição frente a um modo de interpretar o mundo e as relações nele estabelecidas. A educação popular sendo perpassada por uma ideologia que leva ao reconhecimento do educando como sujeito capaz de transformar o mundo em que vive enfrenta uma série de preconceitos, sobretudo daqueles que defendem a educação como forma de domesticar, calcada em estratégias e técnicas de mera transmissão de conhecimento, não admite o novo, não permite outra interpretação que não seja a oficial, conforme os interesses de uma determinada classe social.

Se contrapor ao comodismo de um modelo pactuado pela classe dominante como o modo de educação adequado aos seus interesses também requer um esforço gigantesco. A pretensa intenção de moldar e adaptar os indivíduos aos padrões sociais pré-estabelecidos e tendo a escola como "agência" responsável por esta tarefa, sempre perpassou as diferentes sociedades. A formação do educador, de modo geral não foge à regra, já que ele é peça fundamental para a manutenção dos costumes e valores sociais que sustentam essas diferentes sociedades.

Não havendo uma receita para que educadores se livrem de determinados padrões e costumes que não contribuem com a aproximação entre eles e os educandos, e nem com o processo de construção de conhecimento, alguns se empenham em romper com o determinismo da educação como modelo cumulativo de conhecimentos e desenvolvem diferentes estratégias educativas para fortalecer o pensamento crítico e refletir em atitudes, comportamentos, ações que apontem para uma sociedade menos desigual, contudo, esse esforço, em geral é muito solitário.

No campo do atendimento ao adolescente em conflito com a lei e a população exposta a vulnerabilidades sociais, se apontam desafios ainda maiores, a condição em que se encontra e todo ritual pelo qual passa o adolescente, quando é apreendido, o coloca numa condição de submissão ao sistema que o desqualifica enquanto sujeito restringindo a sua mobilidade em todos os sentidos, colocando-lhe no desvão das políticas públicas. Quando se ousa, no processo socioeducativo, dar vez e voz ao educando, como determinante na construção de sua própria autonomia, se enfrenta não só o estranhamento dos pares como também do próprio adolescente, tendo em vista que, o lugar socialmente imposto ao adolescente em conflito com a lei retira parcialmente sua autonomia, quando restringe sua liberdade, controla seu corpo e suas atitudes, nesse sentido, o encontro dinâmico entre educador e educando previsto no modelo de educação popular se torna ainda mais difícil e escasso.

As dificuldades na construção desse encontro, no processo de acompanhamento de adolescentes envolvidos na conflitualidade são inúmeras, uma delas se revela na linguagem. Notadamente há um padrão de comunicação estabelecido no âmbito do que pode ser chamado de "mundo do crime" que acompanha toda a de trajetória infracional do adolescente e nela ele se molda, na medida em que ela exerce a função de defesa, entretanto ao mesmo tempo em que o integra ao seu grupo, o distancia de outros padrões de comunicação, indispensáveis para o convívio social.

O universo cultural em que está imerso o educando, também apresenta diferenças fundamentais em relação ao do educador, se configurando em dois campos por vezes antagônicos, já que ao infringir a lei, o adolescente rompe com as regras estabelecidas pela sociedade e, portanto, coloca-se em oposição aos seus padrões de civilidade, do qual o educador faz parte. Paulo Freire, ao propor a aproximação da realidade vivida pelos sujeitos, indica a necessidade de despojamento de preconceitos por parte do educador e o reconhecimento da diversidade de costumes que se

estabelecem em relações sociais geograficamente localizadas e datadas, não permitindo que uns se sobreponha aos outros.

No âmbito da socioeducação cabe ao educador não só conhecer as peculiaridades da vida cotidiana do adolescente em conflito com a lei, como ensina o mestre Paulo Freire em seu texto, mas também, lhe colocada a necessidade de decifrar e interpretar junto com ele, educando, o conflito existente entre a dinâmica da sociedade que pauta suas relações em marcos legais e o universo daqueles que estão em conflito com as leis que constituem esse marco. Assim sendo, tanto educador quanto educando se apropriam de novos elementos de linguagem e culturais, que paulatinamente habilita tanto um quando outro a construir um processo produtivo de comunicação e produção de conhecimento.

O conhecimento, como chave do processo educativo é o que norteia a atuação do educador, conhecimento esse, que transcende as estruturas formais de ensino-aprendizagem, que vai além do aparentemente estabelecido e busca aproximar educador e educando, construindo uma sinergia, na qual tanto um quanto outro ensina e aprende, desconstrói e reconstrói conceitos, problematiza a vida cotidiana e dela extrai elementos que facilitam a compreensão das estruturas sociais. Nesse contexto, o educador ocupa um lugar de facilitador, mediador da construção de conhecimentos.

Tal modelo, tem se mostrado, no decorrer dos anos, o que melhor corresponde aos anseios de profissionais que se debatem com o processo socioeducativo e a socioeducação em construção. Investir na compreensão da vida cotidiana de adolescentes em conflito com a lei permite ao educador a descoberta de limites, mas também de potencialidades que, por vezes, são reconhecidas e agregadas ao processo socioeducativo. O adolescente ao ser reconhecido como capaz de criar, aprender e modificar sua trajetória passar a dar crédito ao acompanhamento e se envolve com mais comprometimento.

O grande desafio que se coloca ao educador é de como se despojar de padrões de educação pelos quais passou e, contraditoriamente, questioná-los diante do novo, a escola, em geral não dá elementos para a compreensão de fenômenos tão complexos como a delinquência e criminalidade. O educador, preparado para o novo, precisa se debruçar sobre técnicas, métodos e conteúdos da educação formal e a partir deles processar novos procedimentos, avançar na direção de uma educação emancipatória que fortaleça as possibilidades de construção da autonomia daqueles cidadãos que possuem seus direitos violados, ou se encontram em situação de vulnerabilidade sociais, presentes e se acentuando na atualidade brasileira.

Por derradeiro, é preciso afirmar que, Paulo Freire em sua experiência como educador, demonstrou em todo seu percurso valores necessários ao estabelecimento de experiências democráticas de ensino e aprendizagem, que passam pela compreensão de incompletude, deixando claro que nenhuma instituição ou modelo, se esgota em si mesmo; pelo reconhecimento de que aprendemos todos os dias, independente do lugar que ocupamos na sociedade, ou nas relações educativas; e por fim e o mais importante, revelou ao educador social, que sua missão é superior a qualquer vaidade e seu comportamento frente ao mundo certamente influencia a construção de conhecimento, ou seja, não há nenhuma forma de educar que seja neutra, isenta de valores sociais, de padrões de comportamento e da influência da conjuntura local, que se expressa de acordo com o cenário político e os interesses das classes dominantes.

25 de agosto
Sebastian Ramos

> "O gosto da liberdade e o respeito à liberdade dos outros; a vontade de ajudar seu povo a ajudar-se, a mobilizar-se, a organizar-se para reperfilar sua sociedade". (Freire, 2018, p. 234)

Na escola todas as pessoas são importantes e todas desempenham funções importantes e necessárias. Há que se pensar na escola como um todo, não um espaço entre detentores do saber e pessoas que prestam outros serviços, não como hierarquia de quem é menos ou mais importante, não como um lugar que umas pessoas mandam e outras obedecem. Talvez por isso é mais correto e justo se referir às pessoas que trabalham numa escola como profissionais da educação, pois ali todas e todos o são, sem distinção.

A escola, entre tantos outros espaços é por excelência onde o exercício da educação é praticado, e bem sabemos que não é apenas na escola, a cidadania nos impele de perante a sociedade sermos sinais de mudança e transformação ininterruptos, uma vez que ser das fileiras das/dos profissionais da educação exige como em outras profissões um compromisso direto na sociedade. Sendo da educação me parece que esse compromisso é mais incisivo e ao mesmo tempo mais cobrado pela sociedade.

Uma escola e um ambiente educacional que esteja em sintonia com uma educação transformadora e atuante, cidadã e democrática deve entre outras práticas diárias aprimorar o exercício do diálogo entre as pessoas que compõem o quadro de profissionais da educação daquele local, e isto pode acontecer entre outras propostas por meio de mais reuniões para a promoção do diálogo no ambiente educacional, na construção conjunta do Projeto Político Pedagógico e vários outros instrumentos educativos.

A Dialética pensada por Freire aqui neste trecho está mais como maneira de falar e não como falar da dialética. É simples compreender. Na educação é primordial a sintonia entre o discurso e a prática. Os discursos devem levar aos recursos. Não basta apenas querer uma escola melhor, é preciso fazê-la melhor, com seus dilemas e com seus sucessos. Uma escola melhor para todas as pessoas é possível. Unir o discurso à prática é um caminho razoável.

O papel da educação como promotora da subjetividade é real e necessário, uma vez que com a educação se promovem pessoas para a prática cidadã, onde conscientes de seus papéis serão sujeitos de suas histórias e de seus direitos e deveres. "Para o êxito da luta, a consciência ética e a consciência política dos lutadores têm importância decisiva."

A Pedagogia da Esperança nos impulsiona a continuar acreditando que estar do lado do bem e do justo é o mais importante, ainda que forças contrárias nos desmotivem e queiram nos derrotar o tempo todo. A ética é capaz de ganhar muitas guerras. Ombreadas e ombreados com a ética, professoras e professores podem mudar e mudam silenciosamente o mundo e seus cenários violentos, tão marcados por injustiças e crueldades. A ética profissional educacional deve subsistir diariamente frente a corrupção e a maldade do mundo.

Ao pensar na educação transformadora e em profissionais da educação transformadores é preciso pensar e considerar que para tal é imprescindível a unidade prática-teoria, caso contrário fica-se apenas na teoria, continuando o ciclo das pessoas acomodadas e que apenas reclamam e nada fazem. É preciso teoria e prática, prática e teoria para que o sucesso, ainda que muitas vezes imperceptível, aconteça para educandas e educandos, professoras e professores.

26 de agosto
Diane Lazarotto Bevilaqua

Paulo Freire nos trás neste trecho uma passagem de organização de seminário, onde os participantes escrevem sobre eles, ele denomina de descodificassem a codificação.

Assim, ele relata o que acontece neste seminário, onde os participantes precisam descrever o desenho onde sê uma típica ilha rural com *n* elementos de sua ambiência relevados, caracterizar em termos narrativos, descrever e analisar a rotina de um dia da escola e de seu entorno, descrever se obteve conhecimentos adquiridos por informações as relações entre professores e alunos desta escola, analisar e criticar casa haja necessidade as relações de como se dão as relações entre professores e alunos fundamentá-las e sugerir melhorias, sua visão e pensamento positiva ou negativamente de uma escola rural onde os conteúdos programáticos não terem quase nada relacionados a vida do campo, apontando nesta resposta justificativa, caminhos, sugestões. Outra questão para ser respondida, é o que é ensinar e aprender para você, e finalizando para finalizar o questionário, a sua opinião se o papel do professor é moldar o aluno de acordo com o modelo ideal de homem ou mulher, ou ajudá-los a crescer e aprender a ser ele mesmo, justificando sua resposta.

Os participantes tinham duas horas para responder, na sequencia havia a leitura destas respostas, a princípio individualmente, após era feita uma socialização e discussão dos trabalhos diferentes, mais tarde era debatido com todos os participantes, baseados nas respostas, aspectos teóricos, políticos, metodológicos, implícitos ou explícitos.

Nesta socialização havia uma grande riqueza nos diálogos, as análises e posições assumidas por cada um, trazia provocações a todos, pelos coordenadores do seminário, havia um engajamento na discussão em torno de como reagíamos à reação dos educadores nacionais.

O curso teve duração de uma semana e o resultado foi realmente excelente, o curso foi em todo o país, programado por equipes nacionais.

Durante três dias em que o seminário acontecia, enquanto os participantes discutiam e respondiam o questionário, os organizadores, incluindo Freire, se reuniam com os ministros da Agricultura, Planejamento, Saúde, e conversavam sobre a necessidade e possibilidade de um trabalho melhor pensado, onde o Ministério da Educação, ao planejar a sua política, o fizesse pensando no que era pensado para o país em termos de agricultura, planejamento e saúde.

Freire lembra-se que no segundo encontro com Mr Bishop, falavam sobre a necessidade de uma visão global de país, das interrelações com os diversos setores, de um bom equilíbrio entre os ministérios e a comunicação entre todos. Falavam da questão ética, da transparência fale ou faça as coisas, onde tudo deveria estar visível, tudo ser explicado. Era falado sobre o caráter pedagógico do ato de governar, sua missão formadora, exemplar, que demanda dos governantes seriedade irrecusável. De acordo com Freire, não há governo que persista verdadeiro, legitimo, digno de fé, se seu discurso não é confirmado por sua prática, se é duro apenas com os oposicionistas e suave com os correligionários. Se ceder uma, duas ou três vezes, as pressões dos poderosos já não se detém, então os escândalos começarão a surgir e a convivência gera um clima típico de "sem-vergonhice".

Assim podemos percebemos que Paulo Freire é um ser com visão ampla para além da realidade em que estava vivenciando, naquele tempo, ele já trazia reflexões aos professores de seu papel, de sua visão de ensinar e aprender, da formação de um ser na totalidade, que na parte

política se pensasse nesta formação através de uma junção dos ministérios em prol de uma educação de qualidade, onde a política fosse ética e transparente para atender uma população e lutar por ele respeitando valores.

27 de agosto
Marlene Schüssler D'Aroz

Sobre o trecho acima se percebe em Freire, além do saudosismo, sentido e o significado que cada (re)encontro, palestra, aula, discussão, novos amigos significou na sua vida e profissão por onde quer que tenha andado. O que experimentou certamente foi de uma grandeza imensurável, combustível para o numero significativo de produções ao longo da vida e pós-morte.

O legado e a importância das obras de Paulo Freire perpassam as mais distintas gerações. Ao transitar entre as gerações, encontrou-se com as crises da infância, da mocidade e da maturidade, nos cenários da educação acadêmica e popular mediadas dialógica e criticamente por diferentes pedagogias, mas sem perder a esperança e a capacidade de aprender a aprender.

Suas obras denunciam suas inquietudes, indignação, alegrias, esperança, a educação ofertada e a praticada nos mais remotos cantos do Brasil, de vários países e continentes. Denunciam as inquietudes e sonhos vividos e oprimidos de educadores nas redes de ensino, por meio do diálogo dos saberes popular com o científico.

O encontro com a literatura de Paulo Freire não tem para mim tempo definido. A cada leitura me deparo reflexiva e esperançosa com possíveis caminhos da verdadeira educação transformadora, aquela que envolve e desenvolve prática docente sem perder o olhar no sujeito aprendente.

Na leitura da obra "Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido" é possível compreender claramente e carinhosamente, sua atenção e cuidado ao referir o Sonho e a esperança como fatores fundamentais para a existência humana. Nessa visão define esperança como "necessidade ontológica; a desesperança, esperança que, perdendo o endereço, se torna distorção da necessidade ontológica". Ontologia é o estudo do ser, sua natureza e realidade (FREIRE, 2015, p. 14). Em outras palavras diz. "A esperança é necessária, mas não é suficiente". É preciso mover-se na esperança enquanto luta e se lutas com esperança, espera (p.15). Essa é para mim, uma premissa, a melhor definição do educador que se envolve verdadeiramente, arduamente com a educação.

Paulo Freire, como se sabe, vivenciou inúmeras experiências com docentes, jovens estudantes, líderes educacionais e políticos em diferentes países e culturas diversas, deixando por onde passou, suas ideias, exemplos de práticas, ensinamentos, esperança. Experimentou momentos marcantes, marcando a vida de muitas pessoas.

Em suas andanças lhe encantava as discussões no âmbito acadêmico, com jovens acadêmicos, em cenários de conhecimentos e temas diversos, mas o encanto maior acontecia quando havia também operários, que segundo Freire contribuía para reflexões aos problemas filosóficos, sociológicos e epistemológicos. Ao se referir aos operários, Freire nos leva a compreender, que não são somente os letrados e os acadêmicos, os detentores do conhecimento. Que o conhecimento não é restrito às salas de aulas das universidades. Que nem sempre um tema pertinente e latente, estruturado em uma aula muito bem planejada, com autores de referência é o

mais relevante e capaz de superar as expectativas de seus ouvintes. A esse respeito diz Freire: "Quando os encontros se davam com estudantes terceiro-mundistas, a tônica era outra" (FREIRE, 2015, p. 175). E complementa. "Os universitários buscam encontrar e compreender na teoria certa prática embutida, os operários procuraram surpreender a teoria que se embutia na sua prática" (FREIRE, 2015, pg. 175-176).

Cada obra liga a seguinte e retoma a relação entre a teoria e a prática. Com intelectuais e ou operários, a sua presença era para muitos, pretexto para bons acontecimentos. Eu digo que ainda é.

Aproximar as linguagens e valorizar as ideias era a sua tônica desde o momento em que esboçou seus primeiros textos. Talvez por que para Freire, nós educadores tomamos como verdade os modelos apresentados por intelectuais, ideias recheadas com inovações tecnológicas, afirmadas como o meio eficaz para que o conhecimento chegue até o educando, e raramente, nos damos conta da grandeza do diálogo quando estruturado coletivamente, ouvindo a todos e considerando em cada um, contribuições, independente de serem científicas ou não.

Nessa construção implica conhecer o sujeito, onde vive, com e como se relaciona com seus pares na família, na comunidade e na sociedade. Nessa visão afirma Freire, "conhecendo o sujeito é possível encontrar caminhos de acesso a eles e não a partir das nossas certezas do que eles precisam e querem conhecer" (FREIRE, 2015, p. 178).

A utopia é para Freire, o instrumento que nos mantém perseverantes. Assim como as ideologias são necessárias para viver, o sonho é uma forma de recriar o mundo e não para fugir dele. Com isso, alerta para a relevância do diálogo entre os diferentes, pois este permite transcender da abstração dos fatos, para a concretude das ações. Alerta ainda, sobre a relevância de se avaliar as ações praticadas, bem como as de si próprio como caminho possível para a transformação. Sem essa reflexão, não há para Freire, transformação.

As inquietudes, a saudade e os encantos dos tempos em que vivenciou, experimentou e compartilhou conhecimentos e práticas, seja ao longo da vida no Brasil, seja fora dele, retoma em em mim, a convicção de que a esperança está no coração de cada um, de que sonhar é também compreender o presente almejando para o futuro, as melhores decisões humanas.

28 de agosto
Sebastian Ramos

> "É a importância, nele reconhecida, da consciência, que porém, não é vista nele como fazedora arbitrária do mundo; é a importância manifesta do indivíduo, sem que se lhe atribua a força que não tem; é o peso, igualmente reconhecido, em nossa vida, individual e social, dos sentimentos, da paixão, dos desejos, do medo, da adivinhação, da coragem de amar, de ter raiva." (Freire, 2018, p. 245)

A pedagogia da esperança é uma obra desafiadora que a todo momento nos compele a abandonarmos antigas roupagens e vestirmo-nos de novas, estas com leves toques de suavidade na alma e encanto pela mudança, sempre respeitando quem não troca as velhas vestimentas e resiste a isso. Como Freire nos lembra em suas páginas, há pessoas que compreendem e vivem a relação mundo-consciência, porém há aquelas que vivem em seus dogmatismos.

Nesta altura de sua escrita, em meio às narrativas de suas viagens, Freire faz novo aceno sobre a obra Pedagogia do Oprimido e como em outros momentos é possível depreender que

após 50 anos ela resiste ao tempo, com sua linguagem popular e atuante, desafiadora e transformadora, mesmo tendo sido considerado por muitos como um livro idealista-burguês.

A pedagogia do oprimido desperta a pessoa em si, contrai e expande suas ideias e faz nascer daí uma experiência transformadora:

> É a importância, nele reconhecida, da consciência, que porém, não é vista nele como fazedora arbitrária do mundo; é a importância manifesta do indivíduo, sem que se lhe atribua a força que não tem; é o peso, igualmente reconhecido, em nossa vida, individual e social, dos sentimentos, da paixão, dos desejos, do medo, da adivinhação, da coragem de amar, de ter raiva.

Segue Paulo Freire com suas profecias pedagógicas:

> É a defesa veemente de posições humanistas que jamais resvalam em pieguismos. É a compreensão da história em cujas tramas o livro procura entender o de que fala, é a recusa a posições dogmáticas sectárias, é o gosto da luta permanente, gerando esperança, sem a qual a luta fenece.

Freire continua: "É a oposição já nele embutida contra os neoliberalismos que temem o sonho, não o impossível, pois que esse não deve sequer ser sonhado, mas o sonho que se faz possível..."

Diante do cenário atual em que vivemos, cenário este que como outrora precisa das luzes e das orientações da Pedagogia do Oprimido, é preciso reconhecer mais do que nunca as classes sociais pelas ruas, avenidas, becos, vielas, centros e periferias de nossas cidades e a partir dessa observação, dessa análise, dessa compreensão e dessa contextualização promover uma sociedade mais dialógica e respeitosa, mesmo que os esforços pareçam ser inglórios.

Nesse exercício de criar e recriar o tempo todo, faz-se necessário as relações sociais construídas com pessoas diversas e grupos diversos, onde o importante é o diálogo e o respeito. Vale ressaltar que tais relações podem ser concebidas por um tema gerador por exemplo, tema este que seja de interesse comum e produza novos efeitos.

Mulheres e homens conscientes de seus papéis no mundo, criam e recriam o mundo todos os dias, com novos olhares e novas interpretações, como munição para a luta contra a opressão. A exemplo das pessoas que já fizeram a experiência da libertação, é preciso se dar conta de nossa condição submissa e recusar tal condição, promovendo assim a libertação pessoal e coletiva.

Os temas que Paulo Freire discutiu em Papua Nova Guiné e ele registra nesse trecho, são temas sempre atuais e necessários de serem discutidos, em casa, na escola, na rua, em qualquer lugar, a saber: "...desenvolvimento e educação, educação e democracia. Educação fundamental e universitária. Identidade cultural. Linguagem, ideologia, classes sociais.". O debate, sobre qualquer tema, não pode jamais perder o tom do diálogo.

29 de agosto
Bernardo de Vito Schneider

Hoje em dia quais de nós pode se dizer capaz de tamanha façanha? Principalmente, em uma sociedade cada vez mais sedada em suas singulares bolhas algorítmicas. O diálogo é uma construção conjunta, uma investigação acerca da compreensão de algo, tal processo há de se dar em uma relação de paridade e por isso não deveria haver uma necessidade de "vencer" o outro, de "ganhar" o debate ou até mesmo de "destruir" um, suposto, "inimigo", na verdade é preciso desinflar um pouco os egos de quem fala e perceber que, de fato, o protagonismo de todo diálogo deveria ser a construção conjunta, em si, e não as falas isoladas, os monólogos.

Os locutores deveriam se sentir encantados, não apenas por evidenciarem a diversidade de pensamento sobre certa questão, mas principalmente por manifestarem ali que é possível dialogar com quem pensa completamente diferente, sem que para isso seja preciso iniciar a Terceira Grande Guerra ou reiniciar a Guerra Fria. Monólogos são uma grande falta de respeito em um diálogo, primeiro por desrespeitar a própria proposta da troca, do movimento dialógico, segundo por buscar diminuir a fala do outro para engrandecer sua própria, o que por fim evidencia uma autopercepção, ainda que subconsciente, de pequenez da própria fala e terceiro por julgar incompetente a audiência, assumindo assim um messianismo que busca salvar as mentes, daqueles "pobres" ouvintes "vazios de tudo", das falas tentadoras do "inimigo".

O esvaziamento do diálogo é quando temos essa substituição do diálogo pelos monólogos, as ideias estão lá, mas não conversam, é quase como se houvesse um medo de aprender, ainda mais se for com alguém "do lado de lá", ou seja, rompe-se completamente com a essência do diálogo, que é movimento. Será que é por isso que hoje em dia, mesmo quando nossa sociedade fala tão insaciavelmente sobre direitos, justiça, educação, liberdade, economia, corrupção, entre outros, ainda assim parece que não estamos avançando sequer um passo nessas discussões?

O diálogo já foi diversas vezes rompido no tempo histórico, isso quando não passava de mera ilusão, muitas vezes consequência dos governos de conciliação. Para os opressores, o diálogo é um movimento de forte contestação das estruturas dominantes de poder e também de humanização, pois, coloca de igual para igual opressores e oprimidos, chama e manifesta a realidade. Salvador Allende foi vítima de um grande monólogo que culminaria em seu suicídio, 1973, e na ditadura mais brutal da história da América Latina. Allende havia sido eleito, ou seja, dialogava muito bem com o povo, devido a isso, após sua morte houve uma forte repressão do governo militar chileno, com apoio dos EUA e do Brasil, Allende estava morto, entretanto, era preciso calar o diálogo, movimento, impor o monólogo, que já havia sendo utilizado desde antes do golpe, "Ah, isto é culpa de quem votou em Allende", vale lembrar também que, geralmente, governos caem, mais por seus acertos do que por seus erros. O que nos leva ao ponto, é o diálogo um importante território da luta de classes?

É comum vermos cada dia mais o esvaziamento do diálogo, muitas vezes por quem mais deveria tê-lo em conta, os oprimidos, vemos uma tendência à imitação dos monólogos dos opressores, reclamamos que rotulam a todos e todas como "comunistas", "petistas", entre outros, mas adotamos prática semelhante ao rotularmos todos e todas do "outro lado" como "nazistas", "fascistas", entre outros. É claro que, temos a obrigação de denunciar atos autoritários, mas ao rotular, arrebento, talvez, a única ponte de acesso ao outro, torno-o então inalcançável e, portanto, impossibilito a superação do monólogo. Promover o diálogo não é conciliar, é justamente o contrário, é oportunizar a conscientização de outrem acerca de questões até então monológicas, é adicionar vozes onde antes havia somente uma voz. Quando há somente uma voz, temos a doutrinação, esta por consequência promove a libertinagem da fala, ou seja, fala-se qualquer coisa sem o menor pudor, sem o menor fundamento com a realidade, como por exemplo quando reclamam do ensino de Karl Marx nas escolas, sendo este um dos pais da sociologia e sendo a sociologia parte do currículo escolar, ou seja, uma reclamação que beira o absurdo, seria como alguém reclamar que em economia se estuda Adam Smith ou Friedrich Hayek, ninguém reclama do ensino dos filósofos gregos ainda que estes fossem contrários a democracia.

Quando não há diálogo, não há esperança, beiramos os absurdos, pois, nos afastamos da realidade, do outro, e do princípio de que ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho,

a humanidade se liberta em comunhão, não é a comunhão um relacionamento de profundo diálogo?

Concluindo, o esvaziamento do diálogo tende a nos fazer adotar o monólogo dos opressores, pensamos como eles, falamos como eles, agimos como eles e ainda somos hipócritas de apontar para eles, como se fossemos muito diferentes. É urgente o retorno da radicalidade do diálogo como território da luta de classes, não nos deixemos resignar aos monólogos absurdos, pós-modernos, daqueles que buscam através da desesperança a opressão e através da opressão desesperançar as gentes.

30 de agosto
Sandra Regina Gavasso Amarantes

> (...) A universidade tem de girar em torno de duas preocupações fundamentais (...) Um é o momento em que conhecemos o conhecimento existente, produzido; o outro, o em que produzimos o novo conhecimento. (Paulo Freire)

O texto a seguir apresenta uma leitura da obra Pedagogia da esperança do mestre da educação Brasileira, Paulo Freire (1921-1997) e traz um relato do autor sobre sua visita a Buenos Aires, na Argentina no ano de 1973. Já no início Freire fala sobre seu encontro com um grande amigo, o filosofo Augusto Salazar Bonde, segundo Freire, o líder de uma grande reforma educacional no Peru. Paulo Freire lamenta não ter a oportunidade de contar a seu amigo sobre o que viu e ouviu, durante sua passagem por Buenos Aires. Pois seu amigo viria a falecer pouco tempo depois do encontro.

Paulo Freire esteve em Buenos Aires, durante uma semana, onde organizou seu tempo em encontros com reitores das universidades públicas do país, com todas as diferentes equipes técnicas do ministério, com um grupo popular em uma periferia e com um grupo de militantes políticos.

Durante o período em que esteve na Argentina, Freire toma conhecimento de uma revolução cultural, um trabalho no campo da educação popular com riqueza e criatividade, um projeto que levou seu também grande amigo, Darcy Ribeira á exclamar: "Por favor, cuidem direito do que vocês estão fazendo". Porém sem bases estruturais para seguir em frente, a revolução no campo da cultural mostrava-se sem condições de sustentação, assim o autor destaca: "Uma revolução cultural quase sem base nenhuma para sua sustentação. Uma revolução cultural sendo feita por um governo sem poder para tanto.

Do encontro com os reitores das universidades, Freire diz ter se surpreendido com o ímpeto inovador no qual buscavam entregar-se em busca de uma superação para recriar-se. Segundo Freire, uma boa parte das universidades buscavam se inovar na chamada extensão, promovendo encontros com os movimentos sociais, trazendo para dentro das universidades grupos populares. Na verdade, a discussão gira em torno de como agregar a ciência universitária com a consciência das classes populares, uma forma de relacionar o saber popular, senso comum e o conhecimento cientifico. Freire explica que por mais rigorosa que uma universidade seja, a natureza de sua relação com as classes populares deve ser de aproximação e de compromisso com elas. Sendo assim o autor argumenta que: "A universidade que não luta por mais rigorosidade, por mais seriedade(...) Não pode se aproximar seriamente das classes populares, comprometer-se com elas.

A existência de dois momentos que, segundo Freire, são fatores de suma importância para a universidade, e o aperfeiçoamento de seus projetos desenvolvimentistas, está ligado a o momento em que conhecemos o conhecimento existente, e o outro em que produzimos o mesmo conhecimento, o primeiro refere-se as práticas docentes, as aulas, os conteúdos é o ato de ensinar e de aprender, e o segundo está relacionado a busca de novos conhecimentos através da pesquisa, de novos saberes, a ampliação do conhecimento com base na pesquisa, ou seja uma ligação entre docência e pesquisa. Na verdade, o que Paulo Freire quer explicar é que a pesquisa está diretamente ligada à docência e à docência através da pesquisa tem resposta as indagações docentes. Ou seja, a dependência de ambas as partes é inquestionável.

Independente da forma como a universidade tem se posicionado, seja progressista ou conservadora, Paulo Freire afirma que seu papel é ensinar, é formar, é pesquisar, é participar de todas as etapas em busca da construção do saber consciente, não excluindo da universidade as camadas populares, e nem os privando de tal saber. E foi o que o autor encontrou, em sua reunião com os reitores, em todas as universidades, as que seus representantes estavam presentes naquela reunião, buscavam desenvolver uma democratização, reduzindo as barreiras entre o que se faz historicamente dentro da universidade com as classes populares.

Porém nem tudo são rosas, diz Paulo Freira para explicar a reação contraria de alguns participantes daquele momento, em que buscavam desenvolver ideias de cunho desenvolvimentistas, alguns contrários, pois, após sugerir táticas e estratégias coerentes ao sonho progressista que os animavam na busca por uma evolução no campo da educação e da cultura, poderia ter um problema, as bases reais para sustentar esse programa vinha de um governo sem poder.

O autor destaca que encontrou resistência, que ouviu críticas em suas conversas. Em seus encontros durante sua passagem pela Argentina, Freire diz ter expressado sua preocupação com o desenvolvimento do projeto a ser realizado no campo do desenvolvimento educacional, como também sua preocupação vinha da sobrevivência de boa parte daquela equipe de educadores progressistas, pois era perceptível o avanço de um golpe, e muitos, segundo Freire, demostravam ser contrários a ideologia de luta política que o novo regime de governo queria implantar na área da educação.

As previsões de Freire se concretizaram, o golpe ser deu, e como rigor e severidade, alguns daqueles que não encontraram fundamento nas palavras de Paulo Freire, tiveram que deixar o país às pressas, ouve até quem desapareceu para sempre.

Com pensamento de total solidariedade ao momento vivencia naquele período, Freire conclui seu pensamento deixando expor sua sincera e respeitosa homenagem aos que sofreram as consequências do golpe militar, e por decorrência deixaram de finalizar projetos educacionais de cunho progressista renovador.

31 de agosto
Claudine Dutra Melo

Foi incumbido a mim trabalhar numa reflexão sobre as últimas páginas do livro Pedagogia da Esperança e essa minha aceitação foi intencional, de certa forma, porque este livro do mestre Paulo Freire me remete ao poema do Mario Quintana, que transcrevo pra vocês, caros leitores:

ESPERANÇA
Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano
Vive uma louca chamada Esperança
E ela pensa que quando todas as sirenas
Todas as buzinas
Todos os reco-recos tocarem
Atira-se
E — ó delicioso vôo!
Ela será encontrada miraculosamente incólume na calçada,
Outra vez criança...
E em torno dela indagará o povo:
— Como é teu nome, meninazinha de olhos verdes?
E ela lhes dirá
(É preciso dizer-lhes tudo de novo!)
Ela lhes dirá bem devagarinho, para que não esqueçam:
— O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA...

O livro Pedagogia da Esperança é também um reencontro com a Pedagogia do Oprimido, uma revisão dos passos que foram dados pelo autor, durante sua trajetória educativa, até 1992, quando da sua primeira publicação.

Neste livro vamos encontrar uma das mais célebres frases ou reflexões do Paulo Freire, repetida por inúmeros autores que, no meu modo de entender, remete a Esperança de que trata o poema do Quintana. Diz Freire:

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo.

Pedagogia da Esperança é, portanto, um descortinar das memórias de vida do Freire, desde a juventude, os trabalhos realizados no Brasil, passando pelos momentos mais difíceis, como o exílio no Chile, durante o período da ditadura civil-militar em seu país. Há um momento em que o próprio Freire sintetiza o livro, por assim dizer, que "é um livro escrito com raiva, com amor, sem o que não há esperança. Uma defesa da tolerância, que não se confunde com a conivência... uma compreensão da pós-modernidade progressista e uma recusa à conservadora, neoliberal". (FREIRE, 1992, p.06).

É importante ainda salientar que o quarto e último capítulo foram escritos tempos depois, após um período de afastamento em relação ao texto inicial, com os três primeiros capítulos. São as memórias vividas em suas inúmeras viagens e experiências pedagógicas, pelo mundo, terminando com sua estadia em El Salvador, na companhia da sua esposa "Nita", como ele carinhosamente se referia a ela.

Convém entender que os inúmeros problemas vividos no contexto político brasileiro, que o levaram ao exílio, aos 43 anos, em setembro de 1964, amalgamaram a trajetória pedagógica de Paulo Freire. Ele mesmo, em várias entrevistas, costumava dizer que o distanciamento do Brasil fez com que entendesse mais a sua nação e, ao mesmo tempo, as experiências fora do Brasil trouxeram o amadurecimento teórico e prático.

Paulo Freire passou pela prisão de 72 dias, acusado de subversão, e logo seguiu para o exílio, ficando muito pouco tempo na Bolívia, fixou-se em Santiago, no Chile, onde chegou em novembro de 1964. Viveu nesse país até abril de 1969, quando foi convidado para lecionar nos Estados Unidos da América. Permaneceu, inicialmente, 10 meses em Harvard, e nesse período escreveu dois de seus livros mais conhecidos: Educação Como Prática da Liberdade e Pedagogia do Oprimido. Ainda no exílio, entre 1970 - 1980, após sua transferência para Genebra, na Suíça, assumiu o cargo de consultor do Conselho Mundial das Igrejas.

Como conselheiro ganhou maior dimensão mundial. Ao lado de outros brasileiros exilados, fundou o Instituto de Ação Cultural (IDAC), cujo objetivo era prestar serviços educativos, especialmente aos países do Terceiro Mundo que lutavam por sua independência. Em 1975, Freire e a equipe do IDAC receberam o convite de Mário Cabral, Ministro da Educação da Guiné-Bissau, para colaborarem no desenvolvimento do programa nacional de alfabetização daquele país.

A África deu a Paulo Freire e a seus colaboradores o campo prático, trabalhou também em São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Angola, ajudando os governos e seus povos a construírem suas nações recém-libertas do domínio português, através de um trabalho de educação popular. Nesse período, percorreu países do continente africano, asiático, europeu, americano e da Oceania, exercendo atividades político-educativas.

O exílio ativo não foi suficiente para ofuscar a esperança de Paulo Freire, como ele mesmo afirma: "A esperança é necessidade ontológica; a desesperança, esperança que, perdendo o endereço, se torna distorção da necessidade ontológica" (FREIRE, 1992, p.05). E em outro trecho do livro ele diz: "[...] esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia" (FREIRE, 1992, p.05). Por isso a esperança precisa apoiar-se em uma práxis, ela é inerente ao homem e se faz na concretude, na ação.

Nessa ação, da qual Freire se embrenhou, vem a luta ao lado dos oprimidos, tornando-se uma das tarefas da educação popular e democrática tratadas na Pedagogia da Esperança, possibilitando às classes populares a imersão na sua realidade por meio da linguagem e, nesse sentido, a linguagem se torna caminho de invenção da cidadania. Paulo Freire se propôs a essa tarefa quando da sua experiência como assessor do Instituto de Desarollo Agropecuario, do Ministerio da Educación, da Corporación de la Reforma Agraria, no Chile, que o permitiu viajar por quase todo o país, ouvindo e debatendo nos assentamentos de reforma agrária com camponeses, agrônomos, técnicos agrícolas, discutindo o direito à terra, à liberdade de produzir, de viver decentemente, de ser respeitados como gente e como trabalhadores. Freire se ocupou, ao longo de várias páginas deste livro, de sua experiência de quatro anos e meio no Chile que, como ele mesmo afirma, lhe permitiu um profundo aprendizado, contribuindo para amadurecer em sua mente a ideia de uma educação popular democrática. São dessas memórias que os saberes, que foram construídos criticamente e apresentados em Pedagogia do Oprimido, iam se transformando na Pedagogia da Esperança: processo permanente de libertação.

A experiência da discriminação racial, de classe e de sexo, observada e vivenciada nesses países onde ele percorreu, confirmava e reforçava as teses fundamentais da Pedagogia do Oprimido. Foi por causa desta publicação que Freire recebeu tantos e inúmeros convites. A Pedagogia do Oprimido chegava primeiro, por isso relembrar alguns desses encontros, na Pedagogia da Esperança, embasa a convicção que a luta dos oprimidos face aos seus opressores, em que o racismo

esmaga e dilacera vidas, desumanizando-as, tornou-se o tema central das atenções dos seminários que Freire participou, também nos Estados Unidos, percorrendo doze estados à convite de lideranças religiosas ligadas ao Conselho Mundial de Igrejas, por onde Paulo Freire se viu diante do racismo, relatando algumas manifestações. A mesma situação aconteceu quando Freire visitou as ilhas do Caribe, ou seja, 25 anos depois, a Pedagogia da Esperança reafirma a posição assumida na Pedagogia do Oprimido, como ele bem salienta: "para re-ver, re-pensar, para re-dizer". (FREIRE, 1992, p.28).

Algumas considerações são feitas, ao longo da obra, de críticas recebidas sobre seu pensamento pedagógico e dessas críticas ele considera pertinente, como o caso da "linguagem reprodutora do machismo", quando ele passa a usar o artigo feminino, valorizando assim a atuação da mulher. Outras são leituras mal feitas de seu pensamento, seu método e de seus textos, que ele rebate dizendo: "[...] de quem me leu mal, incompetentemente, ou não me leu". (FREIRE, 1992, p.44).

Lendo Pedagogia da Esperança vemos que, em cada país, houve uma nova oportunidade de discutir e defender a libertação dos oprimidos de sua condição desumanizante, recusando posições dogmáticas e sectárias, compreendendo a história como luta e possibilidade de transformação, discussões sobre temas como educação, democracia, identidade cultural, ideologia, classes sociais e até Teologia da Libertação, como ocorreu na Austrália.(FREIRE,1992,p.92).

Entretanto, será no Chile, segundo o autor, as vivências pedagógicas que mais fortes marcas deixaram em seu espírito, por ter passado por uma experiência cotidiana como consequência do seu exílio. E, ao final desta obra, Paulo Freire nos apresenta o relato do que viveu, com sua companheira de vida "Nita", em El Salvador, destacando certa "originalidade" da experiência, onde ele observa que campos ideológicos e políticos da direita e esquerda, daquele país, faziam concessões mutuamente para, assegurando a paz, diminuir os gastos sociais, o sofrimento quase exclusivo das classes populares, com esperança de que fosse se consolidando um modo de ser democrático, resultando no aprendizado, por parte dos acostumados com todo poder, entendendo que muito do que lhes parece uma ameaça a seus privilégios, ora considerados por eles, obviamente, como direitos inalienáveis, é apenas a efetivação de direitos por parte de quem vinha sendo proibido de exercê-los. O aprendizado de que esses privilégios, como o de explorar os fracos, o de interditá-los de ser, o de negar-lhes a esperança, são imorais e, como tais, precisam ser aniquilados. O aprendizado, por outro lado, que é possível, pela luta séria, justa, decidida, incansável, refazer o mundo.

De que a esperança tem sentido na inquietação criadora do combate, de que numa nova prática democrática, é possível ir ampliando os espaços para os pactos entre as classes e ir consolidando o diálogo entre os diferentes. Isto não significa, porém, segundo Freire, que numa sociedade que assim viva a democracia, uma história sem classes sociais, sem ideologia, se instaure, como proclama certo discurso pragmaticamente pós-moderno.

A pós-modernidade está na forma diferente, substantivamente democrática, de se lidar com os conflitos, de se trabalhar a ideologia, de se lutar pela superação constante e crescente das injustiças e de se chegar ao socialismo democrático. Há uma pós-modernidade de direita, mas há também uma pós-modernidade de esquerda. E um dos aspectos fundamentais para a pós-modernidade de esquerda é o tema do poder, o tema de sua reinvenção que ultrapassa o da modernidade, o de sua pura conquista. E, assim, Freire alerta para um tema que é caro aos nossos dias, nem sempre a vitória total da revolução evita que, mais adiante, ela se perca.

Às vezes, se perde em pleno gozo de seu poder, que ela conquistou, mas não reinventou, não recriou. Perde-se pelo arrogante excesso de certezas, pela consequente falta de humildade, pelo exercício autoritário de seu poder. Enfim, quando se absolutiza esse ponto, a revolução se imobiliza. E ainda que tomemos cuidado para não cairmos na ilusão idealista, que empresta à educação a força que ela não tem, ou de outro ângulo, no objetivismo mecanicista que a ela nega qualquer valor que sustente ou fortaleça o caráter da revolução. Por isso o autor destaca, na sua experiência em El Salvador, que dificilmente tenha percebido em grupos populares expressão tão forte de confiança crítica na prática educativa, transcrevendo ao final do livro a dedicatória conferida a ele, numa obra de arte, quando de sua visita à Frente Farabundo Marti para la Liberación Nacional: "Paulo Freire, con su educación liberadora usted también há contribuído a la lucha dei pueblo salvadoreno por el cambio social. Con agradecimiento y respeto". (FMLN, Julio, 1992).

Essa esperança com que Paulo Freire termina sua "Pedagogia da Esperança" faz um convite para refletirmos que todo discurso é ideológico, no sentido de que parte de determinada perspectiva, do olhar de quem olha. Quem faz uma crítica à ideologia está considerando que seu próprio discurso não é ideológico, o que é uma inverdade. Há um grupo conservador que considera Paulo Freire de extrema esquerda. E há o grupo de esquerda que considera Paulo Freire conservador, idealista. Quem tenta conciliar teorias, como ele tentou conciliar, receberá sempre críticas, mas isso faz parte da construção de uma democracia e disso jamais deveríamos abrir mão.

SÍNTESE DO MÊS

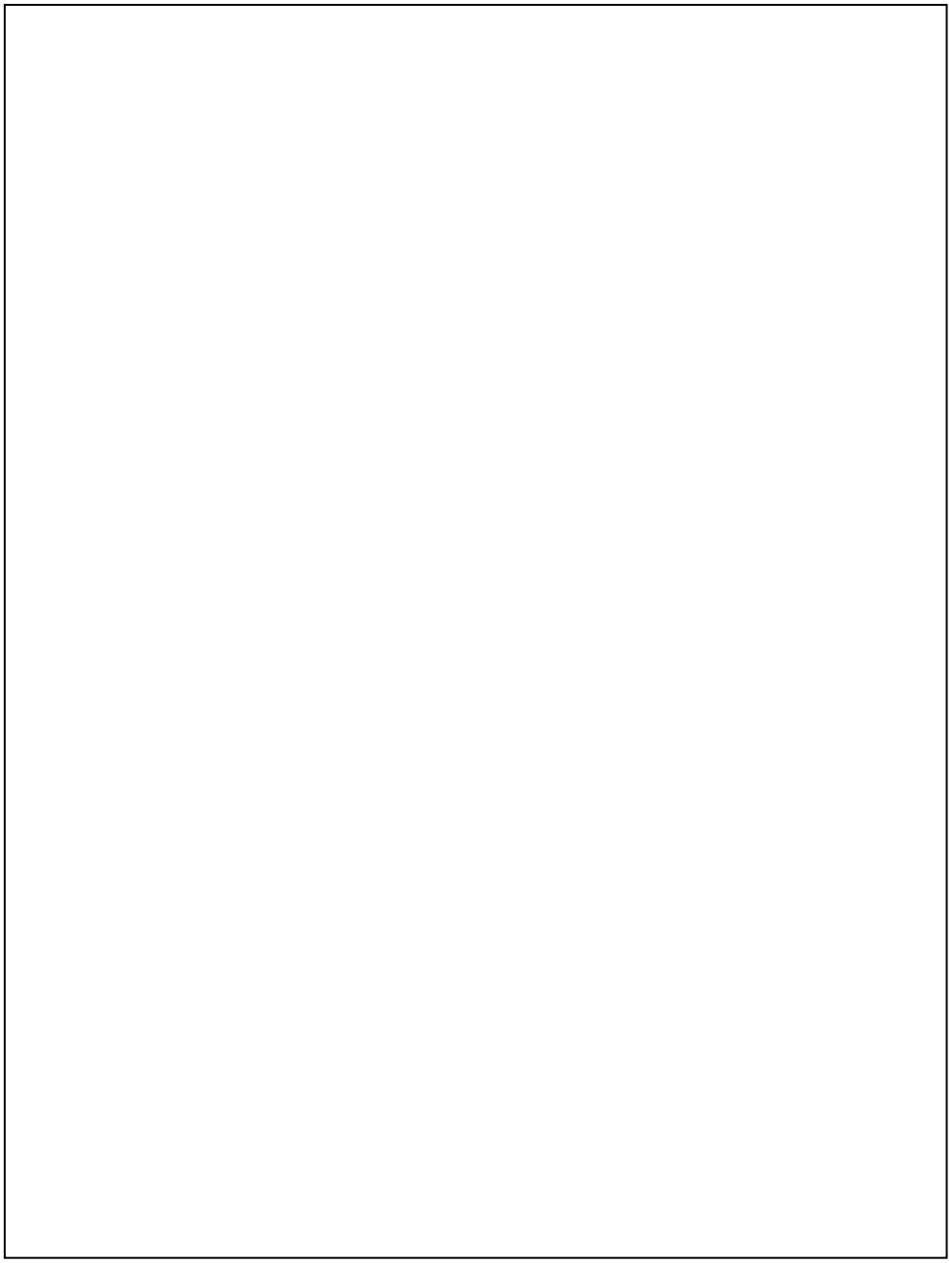
UMA PALAVRA

UMA FRASE

UM PARÁGRAFO

IMAGEM PEDAGÓGICA

(Desenhe uma imagem que simbolize as aprendizagens acumuladas das leituras deste mês para você dialogar com seus companheiros/as de caminhada).



SETEMBRO

Professora Sim, Tia Não

Palavra

Profissional

Frase

As cartas deste livro refletem sobre os temas que Freire desejava dialogar com os professores e professoras, especialmente refletir sobre a vulgarização da atividade profissional comparando-a a um grau de parentesco.

Parágrafo

Para Paulo Freire o ato pedagógico é uma atividade profissional que não deve ser comparada ao grau parental de tia, pois, as relações entre educadores/as e educandos/as são distintas das relações familiares. A redução da professora à condição de tia nega a tarefa política que é ensinar criticamente aos alunos e alunas. Em suas cartas Freire alerta os leitores e leitoras que esta armadilha desvaloriza e vulnerabiliza os educadores/as. Sua tarefa – educar – é militante. Segundo Paulo Freire, os educadores/as devem manter postura madura com seriedade e ousadia.

01 de setembro
Sacha Arielle Branco

Este texto será composto por relatos do que Freire escreveu no texto "Primeiras palavras" que serão seguidos por contribuições pessoais para essa temática. Freire inicia esta escrita relatando como foi a concepção o livro "Pedagogia da esperança", de como o título da obra não foi previamente definido, mas sim nasceu de conversas com amigos. Partindo daí ele nos provoca a parar para analisar intrinsecamente o ato de escrever.

Para Freire escrever não é um ato mecânico, esta ação possui relações que não podem ser separadas. Pensar, fazer, escrever e ler estão unidas e não devem ser tratadas separadamente, são parte de um todo, pois ao separar o escrever do pensar, por exemplo, estaríamos negando que pensamos e escrevemos concomitantemente, existindo a possibilidade de repensar o que já pensamos e assim escrevemos.

Sendo assim somos obrigados a olhar em seguida para o analfabetismo, o escritor fala que ele castra o indivíduo, negando a possibilidade de pensar e escrever, limitando a visão e a interpretação do mundo. O analfabetismo segundo ele, também mutila, pois, as culturas utilizam a linguagem para manter e ampliar as suas relações, sem pensar e sem escrever o indivíduo fica excluído dessas interações, o autor ressalta que quando o ato de pensar e escrever ocorre e permite que essas relações aconteçam o individuo se capacita a ser crítico, desenvolve uma visão mais crítica sobre as ações de conhecer, de ler, de escrever, de ensinar, de aprender e de estudar.

Freire fala que o ato de escrever começa muito antes dele se sentar a mesa com uma caneta e um papel, sendo assim é muito mais complexo que apenas escrever frases em uma folha de caderno. Explica-nos que o que ele produz, ou escreve, é o produto de suas reflexões, dos seus momentos onde reflete os acontecimentos vividos, a escrita é resultado provisório da reflexão.

Após esta reflexão sob o ato de escrever, deixando claro que o produto da reflexão, a escrita, não é imutável, o texto deixa claro que quando escrevemos não deixamos no papel as últimas palavras sobre tal assunto, novas reflexões podem acontecer e então as ações pensar e escrever aconteceram novamente.

O livro "Tia não, professora sim – cartas a quem ousa ensinar" começa então a ser desintegrado para que o leitor se familiarize. Segundo o autor do livro, a obra é dividida em blocos pelo próprio título, sendo eles: professora sim (a), tia não (b), cartas a quem ousa ensinar (c). A intenção desse texto foi de mostrar como a tarefa de quem ensina é fascinante e exaustiva ao mesmo tempo. O professor precisa ter preparos físicos, mentais e emocionais para suportar a carga dessa profissão que é linda e cansativa. Freire acredita que não é possível ensinar sem ousar, sem possuir o amor pelo ato de ensinar, pois é preciso ousar diariamente para que o conhecimento seja perpassado, acredita em uma educação realizada sem separar os sentimentos, vivida plenamente para que todo o seu potencial seja alcançado. Ressaltando a importância do amor pela profissão que é tão maltratada, pois apenas amando é possível resistir à falta de respeito, os atrasos de pagamentos e o não reconhecimento, que são comuns na educação atual. Entretanto, não é porque o educador deve amar o que faz, que deve ser dócil e manso, greves e debates devem ser realizados com todo o fervor se forem necessários, segundo o autor. Não se pode perder a rebeldia e a coragem de lutar por condições melhor para a profissão, pela liberdade de exercer a profissão de forma digna e plena.

Freire alerta para a questão de reduzir uma professora a tia, sim os educadores devem atuar com amor e carinho, entretanto tornar tia uma educadora é transformar estudantes em sobrinhos, ser professor exige habilidades, dedicação e conhecimento e não é necessária e obrigatória essa relação de parentesco. Uma professora pode sim ter sobrinhos e assim ser tia, mas uma tia não pode ser professora apenas por ser tia, é necessário separar a profissão da relação de parentesco, tia é tia e professora é professora.

Não se pretende menosprezar a figura de tia ao separa-la da figura da professora, o objetivo é apenas garantir a responsabilidade profissional a esta figura, é preciso ter ousadia para exigir que a professora seja tratada como tal, mas para ser professor é preciso ser ousado segundo Paulo Freire.

Por fim, este trecho explica de forma clara que a pretensão deste texto é evitar que se tenha uma visão distorcida da profissão professor, tornando ela amável e da família sendo assim incapacitando-a de criticar, e lutar por seus direitos, pois professoras como boas tias não devem brigar ou realizar greves. O que se deseja é mostrar o que caracterizar professora como tia causa nesta profissão, que é preciso ousar e amar diariamente para persistir na caminhada da educação, sem ser um profissional dócil e submisso.

02 de setembro
Helenara Plaszewski

> Ensinar é uma profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento (FREIRE, 1997)

Para Freire a forma de tratamento a figura da professora chamando-a de tia é uma condição profissional medíocre, já que qualquer pessoa pode ser tia, o que reduz a condição profissional, a uma relação parental. Assim, expressa uma ideologia da passividade, de que a pessoa que está "cuidando" seu filho é uma pessoa próxima da família, sendo essa dócil, frágil, e assim construindo a imagem de "moça comportada e recatada", sendo incapaz de estar a frente de movimentos sociais, de luta de classe, a exemplo no comando de uma greve de professores.

Na mesma direção, ser chamada de tia indica que o ofício de professor é simples, banaliza, remete a pouca expressão, sem formação para tal e como sendo, a irmã do pai ou da mãe da criança.

Com todo o respeito as tias, sem querer desmerecer a relação de parentesco, mas esta redução reproduz uma lógica de desvalorização e desrespeito com os profissionais da educação de nosso país. É preciso reconhecer o importante papel social que os professores têm, o que significa romper com esta ideologia da passividade a qual pairamos, que carimba a imagem de que não lutamos pelos nossos direitos, não resistimos as condições precárias de trabalho, aos poucos recursos pedagógicos que temos, aos baixos salários recebemos e a falta de infra-estrutura e trabalho de que nos deparamos dia-a-dia nas escolas.

Esta posição internaliza a figura do papel do professor no sentido mais amplo, não restrito à sua pessoa, no singular, mas enquanto coletividade, conforme aponta Freire.

O professor é um profissional que exige uma formação permanente, um conjunto de conhecimentos: teórico, metodológico, prático, técnico, bem como diferentes saberes, que lhe confere ser professor e o difere de outras profissões.

Há compreensão de que é fundamental relembrar a história de nossa profissão, marcada por uma trajetória de lutas de uma classe que não pode ser esquecida, porque somente no século XIX, a mulher entrou na escola como aluna e como professora, tornando-se o magistério uma profissão feminina.

Do ponto de vista conceitual, a construção do discurso e da mentalidade a época era que o ensino estava ligado à natureza feminina, pois no imaginário da sociedade, as mulheres eram dotadas de qualidades naturais - maternidade ou uma espécie de preparação para desempenhar no futuro o papel de esposa e de mãe na sociedade, quando ainda eram solteiras. Daí é que surge o discurso da vocação natural da mulher para exercer o magistério, uma alternativa aceitável pela nossa sociedade.

Ao historicizar a profissão percebe-se pouca atenção e preparação específica para a qualificação da professora primária, chamada por muitos de "tia", muitos cursos de formação de professores não qualificam e aprofundam a discussão, o que nos remete a pensar que a mulher tem um longo caminho a percorrer para que obtenha o verdadeiro respeito enquanto uma profissional da educação.

Então pensar que: ao recusar ser identificada como tia, por não querer ser domesticada, é uma grande responsabilidade profissional e exigência política, porque carrega uma história de longas batalhas e outras que ainda virão.

Por tudo isso, Freire nos aponta que ensinar é uma profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento, em especial, em tratando da figura da professora, firmando o compromisso enquanto categoria – ao identificar-se como *professora sim, tia não*.

Retomando Freire considera a educação como um ato político, o que nos coloca numa posição de luta democrática que envolve, conforme o autor: pensar não de forma individual, mas coletiva; estar ao lado da classe trabalhadora – as companheiras, desafiando os órgãos de controle; numa avaliação permanente da prática, compreendo uma prática encharcada de teoria.

> O ideal será quando, não importa qual seja a política da administração, progressista ou reacionária, que as professoras se definam sempre como professoras [...] e se vão preparando para assumir-se plenamente como *professoras*, como profissionais entre cujos deveres se acha o de testemunhar a seus alunos e às famílias de seus alunos, o de recusar sem arrogância, mas com dignidade e energia, o arbítrio e o todo-poderosismo de certos administradores chamados *modernos.* (FREIRE, 1997, p.10-11)

Em se tratando das tarefas do educador Freire explica que é um processo que exige do professor um revisitar dos conceitos aprendidos, pois somente na reflexão permanente entre a teoria e a prática, é que se consolida a tarefa de ensinar. Neste processo, não existe ensinar sem aprender, assim irá exigir seriedade, compromisso, criatividade, competência, preparo científico, humildade rever o que já aprendeu, ser um leitor crítico, pesquisador de sua própria prática e eterno aprendiz.

Mas a tarefa não é fácil, o que nos exige ousar, dizer não a burocratização que nos assola diariamente no trabalho e na mente. Também, nos remete a brigar pela liberdade de expressão e por nossos direitos. Não vamos esmorecer. De forma que a esperança faz parte da natureza humana, num movimento de constante busca, de que professor e aluno, juntos, podem aprender e ensinar.

No processo educativo temos um grande compromisso com o educando, o que nos exige formas de intervir no processo de ensino por meio da sensibilidade, da amorosidade, do diálogo e da escuta. Aponta, ainda Freire que envolve a paixão de conhecer, o que implica ensinar várias

vezes e de diferentes formas o conteúdo a ser apreendido até que o educando compreenda o que está sendo estudado.

Isto nos faz pensar no amor intelectual quando se manifesta de modo significativo, dando sentido à profissão, compreendida como atividade de amor, com a preocupação não só de assegurar o que será ensinado, mas de tornar a relação com o saber mais complexa, envolvendo o relacionamento entre pessoas para aprender.

Assim sendo, as interações afetivas influenciam diretamente no processo de aprendizagem, pois o clima de amorosidade, afetividade e respeito identificados por Freire (1997) são facilitadores para se aprender.

03 de setembro
Rômulo Tonyathy da Silva Mangueira

> "/.../ Recusar o papel de puras seguidoras dóceis dos pacotes que sabichões e sabichonas produzem em seus gabinetes numa demonstração inequívoca/.../ como alongamento do autoritarismo, de sua absoluta descrença na possibilidade que têm as professoras de saber e de criar." (FREIRE, 1997, p. 12)

Qual o grande objetivo da educação?

O olhar freireano questiona e desenvolve essa e outras perguntas sob a perspectiva filosófica ao mesmo tempo que alimenta um objetivo multifacetado e que transcende a robotização de conceitos. Indo além, no compasso que transforma vidas, ensina a pensar fora da caixa, ensina a refletir, voar sob os muros da escola, ampliar horizontes, desenvolver uma perspectiva crítica do meio e do mundo interior. Por outro lado, uma educação capitalista/bancária centrada em uma administração antidemocrática, que não dialoga com a comunidade escolar, sobretudo a professora, tende a seguir um caminho contrário, sendo ele acrítico e completamente tecnicista. Trata-se de treinar *"pacientes emudecidos"*, silenciados pelo distanciamento entre o real e o legislado, para um grande campo de batalha (o vestibular, o concurso, o mercado de trabalho, o capitalismo selvagem).

A professora, coitada, *"escrava do pacote, domesticada a seus guias, limitada na aventura de criar, contida em sua autonomia e na autonomia de sua escola e, [sabendo disso,][22] o que se espera da prática dos pacotes: crianças livres, críticas [e] criadoras"* ironiza Freire (1997, p. 13). Precisamos, de uma escola politicamente clara e uma professora corajosa e, antes de tudo, desempacotada que incentive os alunos a descobrirem seus próprios caminhos, talentos, sentido de viver. Não basta preparar os estudantes seguindo uma linha continua de montagem, pautado em uma educação conteudista, o ser humano não cabe em uma apostila, e o objetivo da educação não está em desenvolver excelentes depósitos de memória fotográfica, para isso já temos o disco rígido (HD).

O sentido disso tudo há uma tentativa intimidatória dos pacoteiros em domesticar a coragem das professoras, por sua vez, *"guarda dentro de si, hospedada em seu corpo, a sombra do dominador, a ideologia autoritária da administração/.../ [numa espécie de] "corpos interditados", proibidos de ser"* (FREIRE, 1997, p. 14). Mas, afinal, o que esperar de uma administração que não experimenta os sabores e dissabores de uma aventura democrática senão uma linha ideológica

[22] Palavras entre colchetes são grifos nosso.

fechada em suas certezas absolutas? Por isso, o ambiente escolar não pode, nem deve dar espaço as armadilhas dos pacoteiros, pelo contrário, deve estar permeado de professoras aguerridas que não limitam sua atuação em detrimento a um pacote, seja ele travestido de grade curricular, de política pública como ferramenta condutora para defender o poder de uma ideologia dominante, seja de um programa antipopular, segregacionista e temeroso.

Professoras, sindicatos, profissionais da educação, comunidade escolar, indignem-se! Levantem-se! Lutem! Continuem em frente! Enfrentem! Acreditem no seu poder de mobilização social! Ousem! Arrisquem tudo! Jamais desistam! Libertem-se!

04 de setembro
Daniel Scheren da Cruz

Para a análise deste trecho da obra de Paulo Freire, considero importante fazer uma breve consideração. Ao olhar para a obra de qualquer autor é necessário fazer isso sem um endeusamento da figura a ser analisada, caso contrário podemos recair em puro ideologismo. Caso isto ocorresse não seria possível ampliarmos a discussão sobre a efetivação da educação popular. Sendo assim, vamos a reflexão.

Em um primeiro momento descreverei as ideias que aparecem no trecho referido. Aqui, Paulo Freire aponta dois aspectos importantes para a discussão que vem realizando. Primeiramente relata a existência de uma carência, por parte da esquerda, em compreender mais criticamente os conceitos de governo, partidos, política e ideologia. O outro aspecto apontado por Freire é sobre a responsabilidade da cidadania.

Dialogando com estes dois aspectos, Freire discorre sobre sua ideia. O autor apresenta a tese dos neoliberais. Estes defendem que o povo não vota mais em discursos ideológicos, mas, sim, em discursos técnicos e competentes. Contudo, logo rebate este posicionamento ao mostrar que por detrás de um discurso técnico esconde-se o ideológico.

Retrata, também, a importância do voto consciente e de classe. Porém, temos aqui uma problemática que o próprio Freire reconhece existir. Para o mesmo, as classes populares acabam internalizando a ideologia, os anseios, que seriam da classe dominante. Desta maneira, as classes populares consideram como algo bom aquilo que é bom para a classe dominante. Ou seja, as grandes obras reconhecidas como necessárias pela população, e realizadas pela administração municipal, são aquelas que atendem as classes dominantes e não as populares.

Todavia, enfatiza que a administração pública, mesmo sendo progressista, não deve atender somente os anseios das classes populares. Ela deveria atender ambas as classes. Na parte da cidade que há os problemas dos ricos, que a administração os resolva. Onde, no município, há problemas dos pobres, que estes também sejam resolvidos.

Feito esta parte, agora vejamos o que podemos levar como contribuição e o que devemos reconhecer como limitações que nos impedem de avançar na educação popular. Começamos com as contribuições, destacando duas. A primeira é referente ao perigo do discurso neoliberal. Realmente, caso a esquerda se ludibrie com este discurso, podemos ter um maior esvaziamento no âmbito do debate político-ideológico. Esta tendência estava presente tanto no período que Freire analisa, quanto no período atual. Basta ver, na própria prefeitura de São Paulo, a ascensão

do discurso de João Doria na eleição de 2016 onde este candidato se elege defendendo uma administração pautada na racionalidade técnica. A população, ao cair neste discurso, certamente escolherá como representante alguém que não vai defender os interesses da classe trabalhadora.

O outro ponto importante para o debate, levantado por Freire, é o reconhecimento da eficácia da ideologia dominante, a qual devemos desvelar. Tomando conhecimento de tal eficácia, e percebendo quais são as ideias dominantes que contribuem para a perpetuação do capitalismo, podemos combater mais claramente este modelo de produção social.

Entretanto, em alguns pontos podemos observar limitações, neste trecho extraído de Freire, como aqueles referentes a sua crença na responsabilidade da cidadania e o voto consciente das classes populares, e a sua visão em relação a administração pública. Além deste, temos sua leitura de que uma parte da esquerda está carente de compreensão sobre conceitos do embate político, já citados acima.

Tratarei destas limitações de maneira conjunta. Freire assume que a classe dominada deve usar seu direito ao voto de maneira consciente. Desta maneira, escolheria um representante não por causa de uma troca de favores, uma relação afetiva ou algo do gênero. O eleitor, pertencente a classe dominada, votaria coerentemente conforme a consciência referente a ideologia de sua classe. Ou seja, exerceria responsavelmente a sua cidadania.

Mas é preciso olhar com atenção para este processo. Incluir a classe dominada, a qual compõe grande parte da sociedade, no embate da democracia burguesa, exercendo a cidadania burguesa dentro de um estado burguês, é contribuir para a retroalimentação do modo de produção capitalista. Tendo em vista que várias propostas progressistas são empregadas no estado burguês. Isto pelo motivo dessas não representarem uma real ameaça para a destruição do capitalismo, mas sim uma contribuição para tornar a exploração dos trabalhadores mais branda. Claro que esta não é a proposta de Freire, mas uma possível consequência de sua proposta caso não seja devidamente problematizada.

Outro ponto problemático é em relação a administração pública atuando sobre os problemas dos ricos e os problemas dos pobres. Esta parte, não tão claramente quanto em outros escritos do autor, pressupõe uma conciliação de classes. Todavia, para pensar a superação do capitalismo as ideias conciliatórias devem ser deixadas de lado. Isto pois a relação produtiva entre trabalhadores e burguesia no processo da mais-valia é a relação fundamental da existência do capitalismo. Desta maneira, a conciliação também contribui para tornar a relação de exploração mais branda.

Conclui-se que Freire é uma contribuição inegável para pensar a educação e a sociedade. Contudo é importante não tratá-lo como uma espécie de deus da temática, como em alguns casos, para conseguirmos olhar para a sua obra de maneira crítica. Aproveitando, desta forma, o que for relevante e avançado onde encontrarmos limitações de suas propostas no contexto atual. Caso isso não seja feito sua proposta pedagógica não será revolucionária, pelo contrário, contribuirá ainda mais para a manutenção do capitalismo[23].

[23] Não no atual cenário brasileiro, onde sua obra é perseguida pela extrema direita no poder em vez de ser cooptada.

05 de setembro
Luis Gustavo Guimarães

Alguns dias atrás, já no final da segunda década do século XXI, Paulinho chegou da escola cabisbaixo. A mãe sem compreender perguntou o que havia acontecido. O menino respondeu que a professora havia pedido que não a chamassem mais de tia e que de tarefa havia pedido uma pesquisa sobre a árvore genealógica das famílias ressaltando as relações familiares e o valor dos antepassados para a história de vida de cada um.

A mãe saiu esbravejando que era um absurdo tal castigo, que era uma imposição política por parte da professora. E continuou falando alto: - só porque a Dona Sandra[24] tinha um diploma não poderia ser chamada de tia? Logo essas professorinhas vão querer ser chamadas de doutoras! Paulinho, vou mandar uma mensagem aqui no Zap dos Pais e vamos denunciar a Tia Sandra.

Vários pais e mães dos colegas do menino tentaram argumentar que era um modo de dar a conhecer a linhagem familiar e a valorização das profissões, mas a maior parte dos deles disse se tratar de uma violência ideológica e que a obrigação básica da professora não estava sendo realizada.

O menino estava mesmo cabisbaixo por ter que fazer uma tarefa que parecia difícil, pois não dava para copiar da internet como seu pai havia lhe ensinado, e também, no fundo, gostava de chamar a professora Sandra de Tia, pois não tinha nenhuma em seu núcleo familiar, apenas dois Tios, sendo um deles velho rabugento, e com o outro seus pais não queriam estabelecer nenhuma conversa, por ele ter votado em um partido que era a favor dos trabalhadores. Todavia era o tio de quem mais gostava, e sua tia, esposa do tio "excluído" trabalhava naqueles lugares que ajudam os pobres, dando cestas e outras coisas.

Mas como contar para sua mãe tudo isso que se passava em sua cabeça e coração? Preferiu apenas pedir auxílio com a tarefa, mas foi rechaçado pela mãe, que reforçou que o filho não iria fazer. Ele insistiu, dizendo que seriam apenas os nomes dos parentes próximos. A mãe quase enlouqueceu, gritando pelo marido: - Fernandoooo, olha o que a professora do seu filho está pedindo... Ela quer os nomes dos nossos parentes.

A história se avolumou no final de semana, e um grupo de pais se uniu para ir até a escola falar com a diretora. Estavam dispostos a chamar a polícia se fosse preciso. As crianças, desses pais/mães "revoltados com a professora", ao contrário ficaram sem fazer a tarefa.

Na segunda-feira, os pais e mães chegaram bem cedo à porta da escola. Colocaram suas melhores roupas verde-amarelo, pois muitos participavam dos grupos comunitários (o que é contraditório) pró-governo e defendiam o atual presidente com unhas e dentes, mesmo que muitos de seus direitos de classe trabalhadora estivessem ameaçados. Diziam que no futuro o presidente iria recuperar nosso País. Antes de entrarem na escola, a notícia já havia percorrido o País todo por meio das mídias sociais (*facebook, instragram, twitter, etc)*.

A conversa na escola durou horas entre a direção da escola e o grupo de Pais. A direção também ouviu a professora e, por fim, a equipe gestora, muito consciente da situação política do País, e com a clareza de seus papéis na sociedade, conseguiu esclarecer a situação acerca da tarefa pedida pela professora e de todo o mal-entendido. A escola, com o aval de sua diretoria de ensino,

[24] Em homenagem a minha professora do Magistério Sandra Thomaz de Aquino e minha diretora e companheira de trabalho Sandra Helena Perlato, excelentes profissionais da Educação que exercem sua profissão com consciência política e afeto.

soltou uma nota em suas redes sociais e nos jornais da cidade, esclarecendo a situação. Já os pais disseram que investigariam as ações da escola para saber se não estavam doutrinando os seus filhos. A confusão, no País, já estava instaurada antes mesmo do presidente ser eleito, pois a Educação havia sido utilizada como um dos palcos da disputa política, como se ela pudesse ser um espaço neutro e apenas de ensino técnico como ler, escrever e fazer contas; e que seus profissionais a utilizavam para incutir ideias políticas e ideológicas.

A professora foi chamada para um debate televisivo com outros profissionais da educação e jornalistas. A professora salientou que tanto as escolhas partidárias, como de qualquer profissional, não têm como ser neutra ou de cunho administrativo. As escolhas são, sempre, políticas e ideológicas, ainda que o discurso esteja "disfarçado". Ou se pensa no povo e na diminuição das diferenças (abismos) entre classes sociais, ou as diferentes obras e ações são de interesses outros. Ela reforçou que a maior parte dos meninos e meninas que frequentam a escola em que trabalha passam por provações materiais diversas. Onde estão as políticas públicas para eles? Após intenso debate, ela, em sua fala final no programa, reforça que é Professora sim, com muito orgulho!

Esse pequeno conto ou fabulação da vida, inspirado na realidade, traz à tona a atualidade das ideias de Paulo Freire, expressa em muitos de seus livros, em especial nos trechos finais da parte inicial "primeiras palavras" do livro Professora Sim, Tia não! Cartas a quem ousa ensinar.

06 de setembro
João Ricardo Vieira Santos Ribeiro

> "É que não existe *ensinar* sem *aprender* e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende." (FREIRE, 1997, p.19).

Nesta primeira carta, que também pode ser reconhecida como um capítulo, Freire destaca aspectos que compõem o ato de ensinar, logo desafia cada educador a deixar o papel cômodo o qual os caracterizam como seres que não brigam, não fazem greves, não reclamam, para se assumirem como profissionais, com trabalho competente, responsável, amoroso e, ao mesmo tempo, de luta a favor de transformações. A proposta é, em devida referência à introdução deste livro, que o docente renuncie ao tratado afetuoso de "tia" e aproprie-se do militante, que é característico dos professores.

Diante da orientação supracitada e, ao mesmo tempo, apagando-se o conceito que define o professor como um ser dotado de todo conhecimento e que, por isso, deve depositar seus saberes, de forma generosa, na "folha em branco" chamada aluno, a carta abre-se com um pensar crítico sobre o ato de ensinar, ou melhor, de ensinar e de aprender, já que os dois não se jornadeiam desacompanhados.Freire, assim sendo, antes de qualquer coisa, nos apresenta a necessidade de união entre teoria e prática educacional. Em outras palavras, todo conhecimento teórico deve deixar de ser meramente um conjunto de regras, normas e conhecimento para ser suporte a realidade concreta, por meio de uma atividade de reflexão/ leitura constante sob o meio educacional, a comunidade e sociedade em que se atua.

Para tal, o professor como um verdadeiro profissional deve escolher a melhor estratégia de ensino para atingir seus objetivos, levar em consideração o contexto em que a criança vive, utilizar diversas ferramentas de avaliação, estar em eterno contato com novos conhecimentos, entre tantas outras coisas. Afirmações que se confirmam quando Freire (1997, p.19) declara que

o docente, assumindo um papel reflexivo, necessita estar "permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e os diferentes caminhos e veredas que ela os faz percorrer."

Tudo isso, que está sendo apresentado, dialoga diretamente com o livro *Pedagogia da Autonomia*, do próprio Freire. Na devida obra, ele declara: "quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indicações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, à suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a de ensinar [e também de estar aprendendo enquanto ensino] e não de *transferir conhecimento*" (FREIRE, 2015, p.47). Deixando mais clara citação apresentada, o docente não deve ser um mero transmissor de conteúdos. A partir de seu contexto, ele deve ser um possibilitador de conhecimentos críticos. Algo que se torna mais claro ainda quando, na mesma página, em apenas alguns parágrafos abaixo, Freire (2015) expõe, para título de explicitação, ser possível, em uma mesma aula, ensinar as conjunções e combater uma atitude racista.

"Orações adversativas são aquelas que indicam oposição". Há aqui uma definição objetiva e clara. No entanto, não se pode parar nela, principalmente, na realidade atual, em que, segundo os dados da pesquisa *Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar*, 94,2% é o número de pessoas que têm preconceito étnico-racial; resultado este que foi obtido diante do contato com 501 escolas de todo o país e entrevistas com mais de 18,5 mil alunos, pais, diretores e funcionários. A contagem, sem dúvidas, é assustadora, e a atitude docente, por isso, não pode ser a de meramente cruzar os braços diante de enunciações como estas: "é negra, mas é competente e decente", "Célia que é loira de olhos azuis, mas é competente e decente" (FREIRE, 2015, p.47, grifo nosso). Precisa-se, por outro lado, trabalhar com os sentidos de cada enunciado e combater a atitude preconceituosa que os envolvem, mesmo sendo uma aula de gramática em que o tema base é as conjunções.

Sem deixar de mencionar, o professor precisa ter também competência para a árdua tarefa de ensinar, a qual "exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes." (FREIRE, 1997, p.19). Esmiuçando mais a ideia, o docente precisa estar de forma contínua e constante em contato com novos conhecimentos, por meio de cursos de atualização, palestras, simpósios ou, em suma, reuniões; relacionando, assim, o aprendido ao seu contexto, para que a construção de um espaço onde o *depósito bancário* de conhecimento e a recusa ao papel de seguidores obedientes aos *pacotes* prontos torne-se constante.

Nessa mesma carta, Freire, ao citar o ato de *estudar*, revê o conceito de *leitura*. Opondo-se ao trabalho que, muitas vezes, remete a prática leitora a mera codificação ou decodificação, memorização e reprodução de sons e letras, ela é apresentada aqui como instrumento capaz de modificar nossa maneira de enxergar o mundo. Sendo assim, cada vez que me engajo na leitura e compreensão de um texto (leitura da palavra), devo ser capaz de retornar a minha realidade (leitura do mundo) com um posicionamento crítico em relação às situações que me cercam, em uma atitude sempre renovadora com relação às minhas práticas. Algo possível porque "ler não é puro entretenimento nem tampouco um exercício de memorização mecânica de certos trechos do texto." (FREIRE, 1997, p.20), é ser capaz de relacionar o escrito ao vivido, em "uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante" (FREIRE, 1997, p.20).

Diante de todos os expostos, conclui-se que se apropriar do papel de professor é se assumir como um ser crítico, reflexivo e capacitado a fazer a composta união, a cada novo dia, da

prática e da teoria, em meio a uma relação que perpassa, também, pela leitura da palavra e do mundo.

07 de setembro
Ana Cristina de Lima Semião

> Agora, ultrapassando a experiência sensorial, indo mais além dela, dava um passo fundamental: alcançava a capacidade de generalizar que caracteriza a "experiência escolar". (FREIRE, 2015, p.60)

Quando busco conhecimento, é possível sentir que o aprendizado vai muito além do ler e escrever, pois requer de quem ensina e de quem aprende um comportamento diferenciado que ao ensinar aprendo, e que aprendendo também ensino. Eis o que caracteriza a experiência escolar, a troca mutua de saberes diferenciados, dentro da vivência de cada um, que na prática pedagógica se sobressai nos inúmeros desafios de uma educação teórica dentro de uma prática vivida, os quais podem ser superados dentro da vivência de quem ousa aprender.

Claro que ensino e aprendizagem se dá através da teoria e da prática, muito embora a prática sempre vem primeiro, e só depois que conhecemos e decifranos os símbolos é que percebemos que muito antes já exercíamos o aprendizado. O fazer e o aprender caminham lado a lado. Não existe ensinar sem antes aprender, esse é o segredo, que tão sabiamente Paulo

Um aprendizado que parte da experiência cotidiana e adentra no universo das letras, mas que requer de quem assim procura, uma constante busca e interesse em aperfeiçoar e tornar-se um pesquisador, um explorador de infinitas possibilidades de ensinar e de aprender. E na medida que se ensina, o ensinante vai a cada dia sentindo a necessidade de buscar mais conhecimentos, passando a rever suas falhas e repensar sua prática pedagógica que o leva a necessidade de uma formação permanente em uma leitura de mundo e de palavras, dentro uma análise crítica de sua própria prática.

O grande desafio de um educador é ser crítico de sua própria prática, pois é isso que o faz buscar mais conhecimentos, dos quais muitos surgem no exercício de sua função, dentro e fora da sala de aula. Educar é uma arte, que exige do educador não só uma postura estética, mas também ética, conhecimento, sabedoria, segurança e habilidades para o exercício da sua docência e acima de tudo ter amor com sua profissão, já que muitos são os desafios encontrados dentro do sistema educacional, que oferece baixos investimentos tanto na escola como para a classe profissional que não é reconhecida de forma satisfatória.

É na absorção do conhecimento crítico, na transferência de conhecimentos do ensinante para o aprendiz que nasce o incentivo da leitura da palavra e da leitura do mundo, acontecendo a compreensão e desocultação entre o conhecimento e a prática. Cabendo assim a escola e aos professores estimular o gosto por a escrita e leitura a fim de despertar cada vez mais a criticidade através do ler e escrever.

Aprender, praticar, descobrir, inovar e ter uma formação continuada é o que faz o grande diferencial para quem ensina e para quem aprende, dentro de uma linguagem crítica do conhecimento.

A linguagem simples, e segura de quem transmite conhecimentos, encanta aquele que antes só conhecia a leitura do mundo, e quando esse despertar acontece, há uma grande alegria

em saber que as ferramentas antes usadas por ele no dia a dia, serviram de incentivo a descoberta da leitura e da escrita, havendo aí uma fusão de saberes.

E é nessa fusão, que os valores vão acontecendo de forma simples e direta onde aquele que aprende se sente mais seguro e valorizado e passa a ter um olhar diferenciado, do mesmo trabalho que antes era feito apenas, como um meio de sobrevivência. Tudo passa a ter um sentido um significado.

Tudo isso só é possível porque, Paulo Freire, nas suas andanças pelo mundo, mostrou que podemos ultrapassar as experiências e dificuldades a partir do momento em saio da zona de conforto, e passo a buscar de forma segura e concreta, transformar em conhecimentos, tudo aquilo que envolve o cotidiano.

E na caminhada em busca de saberes é fundamental, ultrapassar todas barreiras, utilizando de maneira simples todas as ferramentas necessárias para chegar no objetivo desejado de uma educação crítica e inovadora.

08 de setembro
Clivia Martins de Oliveira Cainelli

Sinto-me uma das muitas destinatárias a quem Freire escreve a Primeira carta, em sua obra Professora Sim tia Não, visto que, ainda ouso a ensinar e, principalmente, a aprender sempre. Suas ideias fluem nos espaços do papel e irrigam os pensamentos de quem as lê com a mais pura e humilde verdade a respeito da importância de se viver com intensidade a relação entre pensar, ler e escrever, de forma paciente, desafiadora e persistente.

O brilho de sua narrativa evidencia que o valor da leitura e da escrita se encontra na compreensão e na possibilidade de se estabelecer pontes entre o aprendido na escola e as experiências cotidianas. Destaca com lucidez e mostra novos olhares, escutas e vozes para uma leitura que se decodifica em concretas representações da realidade, denominando-se cultura.

Ao caminhar um pouco mais pelas iluminadas frases, a consciência se expande e fulge ao compreender que para se ensinar assim como para se aprender deve-se pensar o estudo de forma critica, em que a leitura da palavra e a leitura do mundo aliem-se à leitura do texto e do contexto. Portanto, para se ensinar a ler, a prática do professor deve refletir autenticidade nas atitudes daqueles que aprendem, revelando-se no esforço constante de se fazer uso de instrumentos fundamentais, tais como a consulta nos dicionários; leituras comparativas de textos de outros autores; resumos; notas; fichamentos e esquemas.

Ler e escrever requerem esforço constante e jamais seria um peso, uma dificuldade, como o é ainda hoje, para muitos alunos na universidade, caso fossem estas ações nascentes de alegria e prazer, com início na Educação Infantil, no período de alfabetização e durante todas as fases da vida, ininterruptamente. Nesse sentido, o próprio Freire ilustra as suas fulgurantes imagens ao resgatar os nomes de pensadores e teóricos, que se conversam sobre o processo de alfabetização e o ensino da leitura: Piaget, Vygotsky, Emilia Ferreiro, Madalena F. Weffort, Marisa Lajolo e Ezequiel T. da Silva.

Diversos estudos sobre a necessidade de melhorar a qualidade da educação no Brasil referem-se ao fracasso escolar no Ensino Básico, pondo em destaque, as dificuldades de se ensinar a ler e a escrever, conforme mostra a introdução dos PCN da Língua Portuguesa (1998).

A partir da década de 80 e com plena contribuição do pensamento freiriano, o ensino da língua passa a pensar em um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural, tendo a escola a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania. (PCN da língua portuguesa, 1998, p.21).

Os conteúdos escolares pensados para cada ano da Educação Básica, atualmente, apenas passam a ter efetivo sentido, a partir do reconhecimento de que o aluno chega à escola com uma valiosa linguagem, um discurso construído de plena interação com seus familiares e com a comunidade à qual pertence, até então. Dar valor e respeitar as diferenças culturais na convivência do espaço da sala de aula e da escola, ampliando-lhes o acesso à norma culta e à linguagem escrita, pode ser o grande desafio da sociedade letrada.

Aprender uma língua é reconhecer as suas duas dimensões: a oral e a escrita, sendo que Freire dá ênfase à precedência da oralidade sobre a grafia, ao apontá-la como o primeiro momento de interação e comunicação social do ser humano. Para Vygotsky (1989) a linguagem oral desempenha a predominante função na organização do pensamento, pois ao compartilhar com alguém, oralmente, o diálogo se organiza a partir dos conhecimentos que se espera do interlocutor.

Pontos e pontos de luz se unem ao redor de uma mensagem libertadora, nem mecanicista, nem idealista a respeito da história da educação, visto que, no entender de Freire a relação entre pensar, ler e escrever é dialética e se entrelaça em consciência e mundo. O respeitado e despretensioso autor, em apenas três páginas, deixa ao mundo jazidas de preciosas palavras sobre a relevância da linguagem oral ou escrita como interação social no ensino–aprendizagem e, caso contrário, deve perder-se em amontoados de inúteis processos mecânicos e memorização maquinal.

Obrigada Paulo Freire, por preencher os 365 dias do ano com sua sabedoria!

09 de setembro
Adélia Aparecida da Silva Carvalho

Paulo Freire ao escrever "Professora sim, Tia não: Cartas a quem ousa ensinar" nos propõe um diálogo que já na forma, nos toca intimamente, afeta e inquieta. Cartas são preciosidades que nos levam a um ritual amoroso de abrir o envelope, desdobrar o papel, sorver suas palavras uma a uma para depois dobrar respeitando as marcas vincadas no papel e guardar em algum canto especial...cartas carregam o toque, o cheiro, prolongando a presença de quem as enviou até seu destinatário e proporcionando a permanência daquilo ao qual podemos voltar insaciavelmente, até que as folhas se desmanchem em nossas mãos ou que picotemos as palavras em pequenos pedaços saciados desse amor ou esvaziados pela dor de algum vazio que as palavras deixaram.Cartas são assim...

E a escolha brilhante, delicada e potente de Freire mais uma vez se presentifica além das palavras, nessa forma de escrita.

A Segunda Carta desse livro carrega um fantasma que assombra, muitas vezes, o processo de aprendizagem: o medo.

Enquanto educadora desde 1994, já me deparei com alunos que escondiam o medo por detrás de atitudes de indisciplina, desinteresse ou indiferença. Mas nem sempre eu soube o significado daquilo. Não é fácil desvendar a presença desse sentimento em meio a atitudes hostis,

muito menos, se torna fácil libertar-se dele após sua descoberta. Tudo é um processo, que juntos, professores e alunos precisam desvendar, compreender, acolher e, finalmente, se libertar ou aprender a lidar com ele como uma mola a impulsionar para adiante.

Tantas experiências semelhantes me fizeram refletir, ao longo do tempo, sobre o causador central desse sentimento. E eis que volto a encontra-lo em Freire.

> Nessa relação entre o sujeito que *teme* a situação ou o objeto do *medo* há ainda outro elemento componente que é o sentimento de *insegurança* do sujeito temeroso. Insegurança para enfrentar o obstáculo. Falta de força física, falta de equilíbrio emocional, falta de competência científica, real ou imaginária, do sujeito. (FREIRE, 1997, p.27)

A insegurança leva, muitas vezes, o aluno, não só a temer as experiências de aprendizado, como também, faz com que busque artimanhas para camuflar o medo. Atacar para se defender em alguns momentos é o caminho que se mostra mais seguro. A insegurança em alguns momentos está mais no olhar do indivíduo sobre si mesmo, incutido desde sempre em sua história, mas ele acredita, tem certeza de que é aquela a sua verdade.

Freire nos diz que mesmo que a situação temida seja imaginária o medo é real, portanto, não podemos ignorar ou fazer pouco do sentimento manifestado pelo aluno, ele precisa sim do nosso amparo e precisa confiar em nós como parceiros da jornada, precisa confiar que estaremos ao lado deles, ou ao menos olhando para eles e incentivando na construção desse caminho. Educar exige força e delicadeza, cuidado com o ser que se expõe ali para o processo. Não se sai ileso dessa experiência que pode ser muito rica ou muito podadora. Da mesma forma que a coragem e a força são desenvolvidas no indivíduo dia-a-dia, a insegurança e o medo também são.

Algumas crianças são criadas o tempo todo para serem vencedoras, competitivas, líderes, inteligentes e poderosas, outras são criadas para serem submissas, respeitosas, fracas, ou seja, para servir às primeiras. Normalmente essa criação se dá em todos os ambientes sociais: casa, escola, sociedade em geral. As diferenças de raça, gênero e condição social são essenciais na definição desses papeis e é claro que esse segundo grupo composto em sua maioria por negros, mulheres e pobres, será bem mais inseguro e consequentemente mais medroso que o primeiro, pois, está sendo educado para isso.

Muitas vezes, infelizmente, a escola faz eco a essa formação excludente ao não reconhecer no aluno que se esconde por detrás de atitudes de indisciplina, pessoas criadas para se submeter, que se rebelam, mas, que por não saberem sozinhas qual caminho seguir e não encontrar ninguém que acredite nelas, acabam apenas recusando algo que necessitam, negando o conhecimento que seria a sua arma para se reerguer em outro lugar, diferente do que lhe oferecem e estabelecem como o seu. Ao ignorar esse pedido de socorro do aluno, a escola também se agrupa ao lado do opressor e reproduz o lugar de fala que escolhe pela cor da pele, gênero e classe social aqueles que têm direito ao poder e aqueles que devem ser mantidos pelo medo, acomodados em um lugar. O medo é uma forte arma do opressor para silenciar, afastar do poder e desacreditar a força, a inteligência e a potência do oprimido.

Essa é uma carta oculta no jogo da nossa sociedade, uma carta que, aqueles que detêm o poder, pretendem que permaneça intacta, sem ser aberta, lida ou ao menos percebida. Querem que seja uma carta que nem ao mesmo fará sua viagem de encontro ao seu leitor e Freire ao escrever seu livro, suas cartas, alerta os professores que precisamos ler e fazer ler todos os dias essas cartas em nossas salas de aula e em todos os lugares que conseguirmos alcançar. Talvez essa carta não corte completamente o medo, ele pode continuar lá, mas, fortalecerá a segurança para saber

que os obstáculos podem ser superados e que não há nada que não possamos fazer e ser, mesmo que tenham nos dito isso durante toda a vida.

10 de setembro
Adélia Aparecida da Silva Carvalho

O enigma da recriação
–Você poderia me dizer alguma coisa?
–Eu não gosto de falar sozinho.
–Como assim?
–Se você fala comigo eu falo com você.
–Como um diálogo?
–Exatamente.
–Mas eu sempre achei que era o seu autor que tinha algo a me dizer...
–Ele tem...ele tem um convite para você: vamos juntos re-criar esse texto.

Criei essa "fábula" em forma diálogo entre um leitor e o texto quando me encontrei com um aluno, que aqui vou chamar de Heitor. Heitor temia tanto os textos e esperava que eles lhe dissessem tudo, numa atitude passiva de quem apenas aguarda que algo lhe seja entregue pelo autor, ele se inquietava de não conseguir compreender o que o texto tinha a dizer, ele me dizia que havia um silêncio insuportável no meio de todas aquelas palavras. Então um dia inventei essa historinha e ele ficou instigado a investigar como se daria esse tal "diálogo para recriar o texto junto ao autor" e essa curiosidade levou Heitor a rever o seu encontro com os textos e isso fez dele um dos maiores leitores da turma.

A princípio Heitor prostrava-se diante dos textos, inerte, esperando que eles lhe dessem um significado pronto e acabado, do qual eles vinham carregados. Era uma atitude de extremo respeito ao autor e ao texto. Heitor tinha medo de se aproximar demais e não captar a verdade única e estática existente naquela obra pronta e acabada, mas, quando ele mudou de atitude e começou a mudar sua postura a desafiar os textos, discutir, se intrigar, questionar e se colocar em diálogo com aquela "fala", uma vida tomou forma entre ele e suas leituras. Paulo Freire nos fala desse encontro como uma recriação do texto.

> Outro aspecto importante e que desafia mais ainda o leitor enquanto "re-criador" do texto que lê é que a *compreensão* do texto não se acha depositada, estática, imobilizada nas suas páginas à espera de que o leitor a desoculte. Se fosse totalmente assim, não poderíamos dizer que ler criticamente é "reescrever" o lido. Por isso, falei antes na leitura como *composição* entre o leitor e o autor em que a significação mais profunda do texto é também criação do leitor. (FREIRE, 1997, p.29)

Recriar enquanto um desvendar que não ignora os sentidos básicos do texto, mas, vai muito além desses, buscando uma significação que só é possível desvendar no diálogo entre dois seres (autor e leitor) que juntos recriam esse texto ao permitir que ele transborde de suas margens e suas águas se contaminem com as águas que transbordam do leitor e aí sim, há um contágio inevitável, não há como separar as águas que se misturam. Há algo que sempre será desvendado por esse diálogo e em um grupo de pessoas, o compartilhamento dessa infinidade de diálogos pode trazer uma riqueza de possibilidades presentes nessa variedade de experiências e pensamentos.

Na leitura, ou melhor, quando dialogamos com um texto produzimos junto a ele um conhecimento real, de valor único, pois é resultado de um encontro de experiências. Numa analogia à frase da esfinge na mitologia grega que nos diz: "Decifra-me ou devoro-te" podemos dizer que o nosso oráculo o Texto também nos desafia ao chamar ao diálogo como a esfinge. Em Édipo Rei a esfinge apresenta o enigma: "Qual a criatura que tem quatro patas pela manhã, duas ao meio-dia e três à noite?" A resposta tão conhecida por todos nós e desvendada por Édipo é "O homem". Ou Seja? A resposta aos enigmas que nos afligem está em nós mesmos. A resposta que buscamos nos textos só será encontrada se proporcionarmos o encontro do texto conosco. Decifrar seu enigma, mais do que decifrar algo estático dado pelo autor de forma definitiva é decifrar algo que está em movimento, está tanto no texto, como em nós, algo que precisa ser colocado em movimento ativo, sem esperar passivamente por alguma coisa que nos chegará pronta, mas sim ser parte viva daquilo, aí sim decifraremos a esfinge a partir do diálogo e ela não irá nos devorar com suas razões estáticas de formulas e significados disseminados pelo poder, pela mídia e pela massa sem reflexão. Só derrotaremos a esfinge desvendando o significado de uma compreensão ativa.

Obviamente não é fácil, pois é algo que nos expõe. Quando entramos em diálogo nos colocamos em risco, pois não se trata apenas daquele texto, mas, de nós e da forma como lemos os significamos que vem ao nosso encontro. Há risco e por isso, muitas vezes, tememos e silenciamos como Heitor que antes preferia aguardar que o texto lhe desse as respostas que buscava. Recriar com o autor impõe uma grande responsabilidade e isso pode ser assustador, mas, junto ao medo, vem o prazer de não ser apenas uma espectador de fora que apenas assiste/lê algo de que não faz parte, mas, prazer em ser um protagonista que olha para o texto e é olhado de volta por ele, provoca e é provocado, alguém que coloca o texto em movimento e não deixa que ele se torne algo estático e sem vida, o texto que foi escrito um dia, deixa de apenas ter sido, para ser algo que se reescreve a cada dia, a cada leitura e a cada encontro. Essa é a melhor vida que um autor poderia sonhar para os seus textos.

E penso que como professores temos muito a contribuir para a formação dessa postura do diálogo, pois se educamos na perspectiva da autonomia o aluno desvendará esses mistérios do texto, sendo esse um excelente caminho para formarmos leitores e cidadãos críticos.

11 de setembro
Andréia Forcellini

A prática educativa é algo muito sério. Lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos de sua formação. Ajudamo-los ou os prejudicamos nesta busca. Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento. Podemos concorrer com nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade, para o seu fracasso. Mas podemos, também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão se tornando presenças marcantes no mundo.

É preciso acreditar antes de mais nada na importância de ser educador. Tem que ser uma escolha sim, mas esta deve ser feita com base na convicção e no amor. Convicção de que a educação faz a diferença no mundo e que o amor pelo ato de educar muda o próprio comportamento, o próprio modo de sentir e então reflete à quem se educa.

O ato de educar carrega em si a responsabilidade de provocar mudanças, fazer pensar a realidade, o contexto. Carrega em si a compreensão, ou não, das coisas, do mundo. Exige tempo, dedicação, posicionamento e consciência do ser inacabado, do aprendizado constante. Cabe à seu papel transformar a informação em conhecimento e consciência crítica.

Então, como ser agente de tamanha grandeza se não se acredita nisso, se o educador não carregar em si o sonho, se essa escolha foi provisória ou lhe faltou escolher? Ser professor é muito mais do que exercer a função de ensinar, afinal para aprender existem hoje diversas maneiras e facilitadores. Ser professor, mais do que mediar, é assumir que formar e transformar é possível. Formar opiniões, transformar atitudes e sentimentos.

Educar é criar elos, vínculos, que invariavelmente são capazes de traçar caminhos, e é preciso muito preparo sim, mas o preparo maior é de dentro pra fora, acreditando, gostando de aprender e de ensinar. É dar sentido para a vida dos educandos e para sua própria de educador, buscando juntos um mundo mais justo, solidário, com mais amor.

Com o dom de educar, com suas palavras e até mesmo com seu olhar, o educador é capaz de impulsionar o educando para voos grandiosos ou ao contrário é capaz de impedi-lo de se mover, fazê-lo desistir sem nem ao menos tentar. Educar é marcar, é fazer com que seus atos sejam memoráveis. Por que não então, que sejam atos bons e belos capazes de fazer a diferença para o bem? É, educar não pode ser uma escolha à esmo...

Vivemos em meio às mudanças, não há um indivíduo igual ao outro, e em contexto de realidades diferentes e de diferenças, é no educador que o educando busca muitas vezes o acolhimento, o afeto que não tem em casa. Como um espelho, mais do que construtor de valores ou anti-valores, o educador é exemplo. Em tempos de conexão virtual e instantânea, é ele o calor humano, a proximidade necessária num mundo que tem se tornado frio e com indivíduos cada vez mais distantes uns dos outros.

Educar é manter acesa a alegria e o encantamento, para que a visão de outros e novos mundos seja possível. Educar é incentivar, empoderar. É não permitir o silenciar das mentes, dos sonhos e do agir, nos outros e em si mesmo. Estou certa de que educar é uma nobre forma de amar.

12 de setembro
Marcelo Wilian Costa

Se não fôssemos o país do desperdício de que tornamos ciência quase diariamente pela imprensa e pela TV, desperdício pelo desaproveitamento do lixo, desperdício pelo desrespeito acintoso à coisa pública, instrumentos de milhões de dólares ao relento ou desusados, desperdício pelas obras iniciadas, hospitais, creches, viadutos, passarelas, edifícios enormes e um dia paralisadas para, pouco tempo depois, darem a impressão de descobertas arqueológicas de velhas civilizações até então sepultadas; desperdício milionário com verduras e frutas nos grandes centros de distribuição do país. Valeria a pena calcular esse desperdício todo e ver o que com ele, se ele não existisse, se poderia fazer no campo da educação.

Este passado colonial, presente no arbítrio dos poderosos, na empáfia de administradores arrogantes é uma das explicações para o sentimento de impotência, para o fatalismo com que reagem muitos de nós. É possível que tudo isso amoleça o ânimo de muita professora que, assim,

"aceita" ser *tia* em lugar de assumir-se profissionalmente. Pode ser isso também que, em parte, explique a posição de professorandas que fazem o curso de preparação para o magistério enquanto "esperam um casamento".

O que vale contra esse estado de coisas é a luta política organizada, é a superação de uma compreensão corporativista por parte dos sindicatos, é a vitória sobre as posições sectárias," é a pressão junto aos partidos progressistas, de linha pós-moderna e não de *tradicionalismo esquerdista.* E não nos deixar cair num fatalismo que, pior do que obstaculizar a solução, reforça o problema.

É óbvio que problemas ligados à educação, não são apenas problemas pedagógicos. São problemas políticos e éticos tanto quanto os problemas financeiros.

Berlinck, B.L. *Fatores adversos na formação brasileira.* Impresso nas Oficinas Gráficas da Impressora IPSIS S/A – São Paulo – Edição – 1954. 35

Os recentes desfalques descobertos no Fundo de Garantia por Tempo de Serviço davam, segundo um sério comentarista da televisão, para construir 600 mil casas populares em todo o país.

Quando falta dinheiro para um setor, mas não falta para outro, a razão está na política dos gastos. Falta dinheiro, por exemplo, para tornar a vida da favela menos insuportável, mas não falta para ligar um bairro rico a outro através de majestoso túnel. Isso não é problema tecnológico: é opção política. E isso nos acompanha ao longo da História. Em 1852, protestando contra o salário do professor primário, quando assumiu pela primeira vez a província do Paraná, o conselheiro Zacarias de Vasconcelos falava do absurdo daquele salário: menos de 800 réis diários. Segundo Berlinck:

"A conseqüência da deficiência das dotações era que o magistério não seduzia. Só ia ser professor quem não dava para mais nada, era a sentença repetida por muitos presidentes de províncias. Se era urgente valorizar a instrução entre os habitantes do Brasil, dificilmente se poderia descobrir processo menos condizente com essa finalidade do que a parca remuneração dos professores. "

Creio que os sindicatos dos trabalhadores do ensino deveriam juntar, à sua reivindicação salarial e de melhoria Das condições materiais no exercício da docência, uma outra, a longo prazo. A que, esmiuçando a política dos gastos públicos, que inclui os descompassos entre o salário dos professores primários e o de outros profissionais, analisa também as comissões e gratificações que, após algum tempo, são incorporadas ao salário. Seria necessário um sério estudo de política salarial substantivamente democrática, não colonial, com que, de um lado, se fizesse justiça ao magistério, de outro, se sanassem desigualdades aviltantes.

Nos anos 50, visitando o Recife, disse o padre Lebret, cria-dor do movimento Economia e Humanismo, que entre as coisas que mais o haviam escandalizado entre nós estava a distância alarmante entre o salário dos aquinhoados e o salário dos renegados. Hoje, a disparidade continua. Não se pode compreender a desproporção entre o que recebe um presidente de estatal, independentemente da importância de seu trabalho, e o que recebe uma professora de primeiro grau. Professora de cuja tarefa o presidente da estatal de hoje necessitou ontem.

É urgente que o magistério brasileiro seja tratado com dignidade para que possa a sociedade esperar dele que atue com eficácia e exigir tal atuação.

Seríamos, porém, ingênuos se descartássemos a necessidade da luta política. A necessidade de esclarecer a opinião pública sobre a situação do magistério em todo o país. A necessidade de comparar os salários de diferentes profissionais e a disparidade entre eles.

É bem verdade que a educação não é a alavanca da trans-formação social, mas sem ela essa transformação não se dá.

Nenhuma nação se afirma fora dessa louca paixão pelo conhecimento, sem que se aventure, plena de emoção, na reinvenção constante de si mesma, sem que se arrisque criadoramente.

Nenhuma sociedade se afirma sem o aprimoramento de sua cultura, da ciência, da pesquisa, da tecnologia, do ensino. E tudo isso começa com a pré-escola.

Somos o país do desperdício

Vivemos na era descaso com a educação pública brasileira, a profissão de educador não é valorizada, o ambiente de trabalho dificulta a execução de sua tarefa, onde a verba pública não chega ao seu destino final e quando chega é pela metade, sendo assim a educação não é prioridade nesse país e esta cada vez mais fragilizada. Um país que não investe em educação para todos está fadado ao fracasso, os países desenvolvidos estão nesse patamar, pois houve prioridade na educação.

Os problemas ligados à educação, não são apenas problemas pedagógicos. São problemas políticos e éticos tanto quanto os problemas financeiros. 'Quando falta dinheiro para um setor, mas não falta para outro, a razão está na política dos gastos. Falta dinheiro, por exemplo, para tornar a vida da favela menos insuportável, mas não falta para ligar um bairro rico a outro através de majestoso túnel. Isso não é problema tecnológico: é opção política'. Reforçando que educação pública está a deriva nesse mundo globalizado, jogadas as moscas principalmente no Brasil, que existe o desperdício do dinheiro público como milhões de reais desviados em propinas para campanhas eleitorais, troca de favores... Até o desvio de verba da alimentação das crianças.

A formação do docente não seduzia e não seduz, ser professor é um desafio diário e arrisco dizer que é uma vocação, profissão desvalorizada economicamente e pouco incentivada na sua essência, o professor é o formador de todas as outras profissões, logo ser professor é para os fortes e precisa ser valorizada. Existe uma disparidade de valorização e salários significante e precisa ser revista com urgência senão seremos e estaremos atrasados no nível de educação pública.

A luta política é de extrema necessidade para uma valorização da categoria, os sindicatos têm o papel fundamental para ser uma ferramenta na luta por essa valorização. Os trabalhos de base em ouvir as necessidades da classe como a luta por melhorias de salários, melhorias nas condições de trabalho.

É bem verdade que a educação não é a alavanca da transformação social, mas sem ela essa transformação não se dá.

A educação é o caminho para uma transformação da nossa sociedade, com uma educação de qualidade e de acesso a todos, teremos uma nação mais justa e igualitária, o povo com acesso ao conhecimento é um povo livre e emancipado. Uma educação emancipadora é um direito de todos. Só teremos uma sociedade melhor quando a educação for realmente levada á serio.

13 de setembro
Idanir Ecco

> [...] é preciso juntar à humildade com que a professora atua e se relaciona com seus alunos, outra qualidade, a amorosidade, sem a qual seu trabalho perde o significado. (Paulo Freire)

Nesta reflexão tomaremos como referência o trabalho docente a fim de tecer breves considerações a respeito da temática anunciada no título. De imediato, a pergunta que não quer calar: para o exercício da docência são suficientes os conhecimentos da ciência da educação?

Para encaminhar a resposta a essa provocação, faz-se necessário compreender, primeiro, em que consiste o trabalho do professor(a). Em tese, ser professor(a) é cuidar da aprendizagem do aluno(a) e contribuir para o seu desenvolvimento humano. Para isso, o professor(a) deve, concomitantemente, cuidar da sua aprendizagem. Incontestavelmente, há que se cuidar de si para cuidar do outro.

Nesse contexto, julgamos de fundamental importância relembrar a advertência de Freire (2000a, p. 103), em relação à formação docente: "O professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe."

A prática educativa é algo muito sério que exige comprometimento, responsabilidade ética e profissional, pois lidamos com gente. E, na condição de educadores, participamos da formação dos educandos, podendo, com nossa competência, formação e preparação contribuir para que se tornem presenças marcantes no contexto em que estão inseridos. À vista disso, o ato de educar está para a formação, para a promoção dos educandos, seu verdadeiro sentido e significado.

Para o exercício da docência, portanto, não basta apenas o conhecimento dos saberes das ciências da educação, fundamentais para a qualificação acadêmica e pedagógica. A ação docente deve ser pautada, outrossim, por qualidades pessoais entendidas, com o Patrono da Educação Brasileira, de virtudes, que dentre várias, salientamos a humildade e a amorosidade.

Em Freire, a humildade não é sinônimo de pobreza de espírito, de ignorância, de sentimento de fraqueza, tão pouco de submissão. Ele rompe com o conceito de senso comum que compreende humildade como inferioridade, insignificância: "[...] humildade [...] de modo algum, significa falta de acato a nós mesmos, acomodação, covardia. Pelo contrário, a humildade exige coragem, confiança em nós mesmos, respeito a nós mesmos e aos outros." (FREIRE, 2000b, p.55).

E mais, "[...] nós precisamos ser humildes não para agradar aos outros, mas porque esta é a forma fundamental de ser um educador [...]" (FREIRE, apud FREIRE, ANA M. A., 1992, p. 293). E o educador que vivencia essa virtude sabe que não está pronto e, por saber que não sabe tudo, assume-se em formação permanente e contínua. Logo, não é uma conduta formalista, burocrática, mas uma forma de existir, de ser, como declara Freire (1996, p. 137): "É preciso afirmar que ninguém pode ser humilde por puro formalismo como se cumprisse mera obrigação burocrática. A humildade exprime, pelo contrário, uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém".

Para que verdadeiramente o trabalho do professor(a) tenha significado é preciso, afirma Freire (200b), associar à humildade outra qualidade, outra virtude: a amorosidade.

O trabalho do professor(a), quando assinalado/marcado pela amorosidade, propicia a concretização de um processo educacional humanizador, pois se vivencia o zelo, o cuidado, o afeto para com o educando em formação, promovendo-o.

O sentido da prática educacional está estritamente relacionado com a assunção dessa virtude entre os sujeitos que compõem o universo educacional. O educador deve assumi-la na relação com seu educando (gostar de gente) e na relação com sua prática (gostar do que faz). Neste sentido, testemunha Freire (2000b, p. 26): "[...] não é possível ser professor(a) sem amar os alunos - mesmo que amar, só, não baste - e sem gostar do que se faz".

No contexto educacional, portanto, o amor é fundamental para que os sujeitos participantes possam aprender, pois envolve respeito, compreensão, interrelações, retribuições: "Não há educação sem amor. [...] Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo. Não respeita" (FREIRE, 1979, p. 29).

Querer bem aos educandos é fundamental para ensinar, para educar: "É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência. É impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar." (FREIRE, 2000b, p. 10).

É pertinente e relevante destacar que competência e formação necessitam estar associadas à amorosidade: "[...] não basta amorosidade, tem de ser uma amorosidade competente." (CORTELLA, 2017, p. 06).

Enquanto virtude docente, a amorosidade materializa-se no compromisso e no afeto para com o outro. Não se trata de um sentimentalismo vago, permissivo ou sufocante, mas deve ser pensada como fator básico da vida humana e da educação.

Em tempos de desencantos e desilusões, que interferem, também, no trabalho docente, afirmamos, categoricamente, que educar é reacender o sopro da vida, com sensibilidade humana, ousadia, coragem e sabedoria, sobremaneira, entre os que têm a sua humanidade roubada. E aprendemos com Paulo Freire que a humildade e a amorosidade são virtudes fundamentais na concretização desse objetivo.

14 de setembro
Renata Pekelman

O tema deste texto foi extraído do livro Professora sim, tia não - Quarta carta: das qualidades indispensáveis ao melhor desempenho de professoras e professores progressistas de 1997. Neste livro Paulo Freire discute conceitos fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem e o fazer educativo do professor.

Dentre tantos conceitos por ele abordados, será discutido aqui o conceito de tolerância, e o sentido desta no fazer educativo do educador progressista, que tem a perspectiva da participação e da construção de um saber que é coletivo.

O conceito de tolerância traz uma radicalidade democrática. Reafirma o diálogo *como selo da relação gnosiológica e não como pura cortesia* (Freire, 1997, pg 6) pois só o verdadeiro diálogo, constituído de escuta e curiosidade, é capaz de promover o encontro entre as diferenças, estabelecer uma relação de respeito aos distintos saberes, o que demonstra a experiencia da igual-

dade, da equidade, da ruptura de preconceitos para poder abrir-se à escuta do outro. Sua radicalidade encontra-se justo nesta experiencia, onde não há saberes maiores ou menores, existem saberes diferentes, a relação respeitosa entre eles é um dos desafios éticos da tolerância. Nesse sentido a radicalidade democrática, pois dialogar no âmbito do contraditório ou mesmo do antagônico é estar preparado para admitir o espaço e lugar para a pluralidade, multiculturalidade, diversidade da vida.

A tolerância exige uma relação de alteridade entre os sujeitos. É na existência do outro que se deve exercitar a tolerância. Um real reconhecimento do outro, identificando identidades distintas, verdades próprias que no exercício da tolerância devem estar em diálogo. Um dos requisitos relevantes para as relações de alteridade é a humildade. Não a humildade subserviente, mas aquela advinda do inacabamento dos homens, implicando dessa forma na disponibilidade para aprender e na abertura para a escuta.

Hoje, na realidade do Brasil e do mundo, o tema da tolerância está em debate. Vê-se nesses tempos muita intolerância: política, religiosa, de gênero, de etnias. Todas essas são fruto da incapacidade do diálogo. A democracia está em crise e um dos aspectos que evidenciam isso é essa intolerância.

A disputa pela verdade única. A indisposição de aprender com o outro, com o diferente, com aquele que discorda dos seus pontos de vista e busca impor suas verdades, tendo como exercício de tolerância a cooptação. Observa-se então que a intolerância leva a ambientes antidemocráticos, faz calar, oprime e reprime aqueles que são diferentes dos que estão no exercício do poder.

A tolerância é virtude que nos ensina a conviver com o diferente (Freire, 1997, pg 39), sendo uma virtude, é também uma capacidade de superação. Superação em especial dos preconceitos, das formas estigmatizadas que vão se construindo a respeito do outro, é a capacidade de abrir-se para uma compreensão das verdades do outro e além de compreender, ampliar a capacidade de dialogar com ele. As virtudes dos educadores progressistas, aqueles que tem o compromisso de transformação da realidade, de intervenção no mundo, são construídas nesse esforço e comprometimento, não são inatas, se modelam na luta cotidiana de fazer um novo processo educativo. Considerar a fala dos educandos, mesmo que divergente à do educador, com respeito e empatia para poder problematizá-la junto com ele, entender que a aprendizagem é mútua, educadores e educandos. A tolerância considerada como essa virtude também vai se aprimorando no cotidiano do fazer educativo transformador. A escuta, o silêncio e as palavras, tríade para o caminho da compreensão, do diálogo, da postura democrática e participativa.

O educador comprometido deve dedicar-se à explicitação dos saberes diferentes, dos saberes multiculturais, interculturais e transculturais, mas não desiguais, sendo essencial para o debate democrático, não discriminatório.

A tolerância na radicalidade democrática é a construção de cidadania, na formulação do direito, da livre expressão, das manifestações da diversidade humana. Explorá-la é dever do educador dialógico, ampliar a compreensão, a contextualização desses saberes é sua tarefa.

Aprender o contexto a partir das diversas formas de ler o mundo, em que educadores e educandos compartilham diferentes visões desse mundo, consolida a ética da tolerância democrática. Estar aberto para novas interpretações dos fenômenos.

O desafio de ser tolerante no sentido aqui proposto é ocupar o lugar de mediação dos diversos saberes. Para o educador esta mediação é o exercício da tolerância e da problematização

no espaço educativo. É seu papel provocar as falas e promover a escuta. Com base nas opiniões e pesquisas dos educandos deve ser o articulador dos debates e promover a construção de sínteses. A síntese coletiva em temas polêmicos, que vêm carregados de preconceitos pode ser considerada o inédito viável do grupo, com apoio na tolerância mútua.

Finalizando a expressão de Paulo Freire que afirma *jamais pode ser tolerante se não vencer antes seus preconceitos* (1997, pg 39) é uma exigência para o educador progressista, para isso não é necessário abdicar de suas crenças ou posicionamentos políticos, ao contrário, no exercício da tolerância reafirmam-se as ideias e também se modificam, pois, ser livre de dogmas, permite que educadores e educandos se transformem, e possam transformar o mundo.

15 de setembro
William Vinicius Pinto

A educação se produz na relação entre pessoas, mais precisamente entre educando e educador que ao compartilharem um processo educativo, tanto um quanto outro está por inteiro, não havendo espaço para a neutralidade. O educando, ainda que na sua condição, que historicamente lhe colocou no lugar de subalternidade frente ao educador, se expressa, por vezes espontaneamente, ou por exigência do educador. Já o educador, protegido pelo lugar de autoridade, pode tanto assumir uma postura autoritária, o que é mais comum, quanto assumir uma postura democrática.

A linha divisória entre uma e outra atitude é bastante tênue e depende da formação, do modo de vida, da cultura e do próprio lugar que o educador ocupa na sociedade. No modelo tradicional, o autoritarismo do ato de ensinar, faz com que o educador, opere a partir de uma perspectiva, na qual o aluno é passivo, depositário daquilo que o educador trás como conteúdo, nesse modelo de educação o educador fala ao aluno, para o aluno, mas não, com o aluno. A autoridade do educador se sobrepõe nesse caso a qualquer expressão de liberdade.

No modelo autoritário de educação às vezes travestido de democrático, o educador, abdica do papel de autoridade, o que é um equivoco, e autoriza a licenciosidade, como forma de liberdade, resultando em um ambiente caótico de ensino aprendizagem, no qual tanto educador quanto educando se permitem experimentar, por vezes, sem direção, já que a licenciosidade leva a permissividade, o que resultará certamente em dificuldades e baixo rendimento pedagógico.

Tanto o autoritarismo, quanto, a licenciosidade, só podem ser contrapostos por uma radicalidade democrática, na qual a prática e o discurso do educador convergem numa mesma direção, não admite abandonar os alunos a sua própria sorte, nem também impor-lhes seus pensamentos, bem como seus conteúdos programáticos como uma verdade absoluta.

O educando deve ter liberdade, porém deve haver limites, que balizem as produções orais assim como qualquer outro tipo de produção, assegurar o direito a voz de educador e educando, não é permitir o rompimento com a ética e com a verdade, portanto, cabe ao educador parametrizar a produção oral não inibindo a expressão do educando, mas problematizando seu discurso, assim como o discurso de si próprio.

Aquele educador, que assume uma postura política, entregando-se por inteiro ao processo educativo rompendo com autoritarismo, tem claro que educar é um ato político, portanto, não há possibilidade para a neutralidade, sua própria postura fará parte do processo educativo,

nesse caso, não fala exclusivamente ao educando, mas para o educando e com o educando, trás para o coletivo as contribuições da vida vivida por cada educando, sem perder o papel de autoridade capaz de orientar, indicar caminhos, facilitar o processo educativo.

Nessa toada, ao educador cabe explorar os gostos democráticos e as exigências éticas dos educandos e confrontar cotidianamente no processo educativo o dizer e o fazer. Colocar em questão os valores sociais da tolerância, solidariedade, entre outros para a construção de uma sociedade justa e igualitária que proporcione a equidade nas relações. Tal exercício é demasiadamente árduo, na medida em que o discurso pronto não se sustenta nem por parte do educador, nem por parte do educando.

O enfretamento dos argumentos ingênuos, das "receitas prontas" é papel fundamental para a construção da democracia, sendo assim, o educador efetivamente engajado sabe distinguir entre acatar um juízo de valores ou desconstruí-lo de modo que o educando consiga perceber a raiz dos problemas, transpor o senso comum e agregar conhecimento que fortaleça o aperfeiçoamento da democracia.

No processo educativo democrático a questão da identidade cultural, pautada naquilo que se herda e no que se adquire implica em primeiro lugar, em entender que tanto um quanto outro não é imutável e em segundo lugar requer um posicionamento das partes envolvidas, frente ao mundo. A formação cultural de educador e educando devem integrar o processo de construção de conhecimento e o reconhecimento da própria identidade que atuará como fator importante no processo investigativo da educação, no qual ensinar e conhecer estão articulados ao aprender e buscar.

Além do mais, ao tomar posição diante do processo educativo, trazendo para a sala de aula a realidade vivida por seus alunos, os eventos nos quais estão implicados, os seus anseios, os seus posicionamentos, o educador aponta para a formação de sujeitos políticos autônomos e críticos, capazes de conduzir seu próprio destino, de atuar na sociedade em que vive, de fazer valer a produção resultante do processo educativo, materializando assim, a conscientização e a sua libertação dos processos de opressão.

PAUSA PEDAGÓGICA
(anote as aprendizagens, ideias, dúvidas e ações que o texto proporcionou até aqui).

16 de setembro
Alessandra Gonçalves Fernandes Adamy

Caro leitor caso se identifique com o tema, te convido a viajar comigo nesta quinta carta, carta escrita a nós, sim nós mesmos, aqueles que ao abrir uma nova porta pensa:

E agora estarei eu pronto, meus ensinamentos serão suficientes, tenho conhecimento didático suficiente?

O saber não é absoluto tão pouco imutável, ciente disso Freire nunca se portou como o grande detentor do saber, pelo contrário sempre deixou claro que partilhava seus conhecimentos, não como verdades absolutas, e sim como resultado de suas vivencias que poderiam ajudar nas dificuldades encontradas no processo de ensino aprendizagem. Embora seus conhecimentos iluminem muitas lacunas vividas por nós em nosso dia a dia, vale salientar que Freire considerava o processo de saberes social e inconcluso, somos possuidores de saberes distintos que juntos podem criar alguns caminhos.

Ao discorrer sobre a vivencia do medo é preciso antes entendê-lo, admiti-lo e transforma-lo em coragem. Vivenciar e pontuar a experiência do medo é se humanizar, é se tornar vulnerável como todos os outros, é tentar chegar mais perto dos outros e deixá-los também se aproximar, é tentar criar laços e objetivar tornar-se acessível.

Os educadores que se permitem mostrar fragilidades possibilitam aos seus educandos a mesma vivencia, criam proximidade e a aprendizagem precisa dessa proximidade para acontecer.

Quando reconhecemos a alteridade no processo educacional podemos dar um passo à frente em direção a esse objetivo, agora não mais como detentores de saberes e sim como facilitadores das aprendizagens. Ao estabelecer-se sensível ao outro, aos seus medos e suas potencialidades é possível estabelecer uma receptividade de mão dupla, sensibilidade essa que terá um papel fundamental na aprendizagem.

A nós educadores caberá a difícil tarefa de ler e conhecer nossos educandos em seus contextos, identidades individuais ou de grupo. É preciso reconhece-los em seus contextos, aliás contextos esses nos quais também fomos forjados até atingirmos o nosso atual "eu". Tornar-se sensível a esse processo é reconhecer o outro como com sua cultura, sua religião, seus saberes prévios, suas limitações e principalmente suas potencialidades.

Os educandos precisam ser respeitados em todos os seus saberes pois somente eles serão responsáveis vela verdadeira mudança. A transformação de informação em aprendizagem pode ser facilitada pelo educador, no entanto somente o educando que se sentir respeitado poderá fazer uso da verdadeira mudança a autonomia que transformará.

Transformar conhecimento empírico em cientifico vai depender muito do quanto o outro se reconhece em nós, o quanto eles estão sensibilizados por nós.

17 de setembro
Sebastian Ramos

> "Precisamos, por exemplo, de bem observar, bem comparar, bem intuir, bem imaginar, bem liberar nossa sensibilidade, crer nos outros mas não demasiado no que pensamos dos outros" (FREIRE, 1993, p.68)

Neste trecho da quinta carta Paulo Freire nos oferece pistas educacionais valiosas para que sejam colocadas em prática para o bem da educação e do processo de ensino-aprendizagem. Querer e ter uma escola e uma educação para todas as pessoas sem exclusões é possível. A sintonia entre professoras e professores, educandas e educandos colaborará para que esse processo se concretize.

Para pensar uma educação transformadora é coerente pensar na "leitura" das turmas como se fossem textos, como se pudessem serem lidas e interpretadas. Ler a turma e seu contexto é uma tarefa diária na profissão da professora e do professor. É voltar o olhar para a realidade em que está e a partir daí problematizar com os conteúdos a serem ministrados.

Tal prática educativa não deve estar desvinculada de observações críticas e avaliativas constantes. Não numa paranoia ou neurose de especular gratuitamente a vida de nossas educandas e educandos, pelo contrário inserir suas experiências e suas histórias nas aulas do dia a dia, transformando o ato de ensinar e aprender em algo que tenha sentido e porque não, em algo profundamente agradável e prazeroso.

Freire nos orienta que o no dia a dia da sala de aula, no vai e vem de conteúdos ministrados, o estudo e reestudo sejam feitos mediados pelo diálogo. O diálogo deve superar confrontos e conflitos que porventura tenham na escola e promover de maneira dual o encontro de aprendizagens para profissionais e educandas e educandos, levando todas as pessoas envolvidas no processo educativo para um novo conhecimento, prioritariamente libertador.

Ensinar e aprender numa escola não é mera transmissão de conteúdo, não é mera relação de alguém que sabe com alguém que não sabe. É uma troca, um aprendizado mútuo que no cotidiano da sala de aula, no cotidiano da escola, as experiências do ensinar e do aprender se transformam num diálogo tal que ambos aprendem. Como nos diz Freire: "Não temer os sentimentos, as emoções, os desejos e lidar com eles com o mesmo respeito com que nos damos a uma prática cognitiva integrada com eles"

É preciso no chão da escola "Estar advertidos e abertos à compreensão das relações entre os fatos, os dados, os objetos na compreensão do real." Desta maneira colaboraremos para uma educação não apenas alicerçada no texto, mas de forma relacional situada no contexto. Deve-se cuidar para que o ensino não seja apenas uma prática mecânica de conteúdos, mas seja uma prática dialógica para que educandas e educandos, professoras e professores sejam coautoras (es) de suas próprias histórias de libertação.

Lembrar sempre de considerar, valorizar e respeitar o contexto social, cultural e econômico das educandas e educandos. O contexto ajuda a compreender que educandas e educandos vivem e convivem em cenários de tragicidades diárias e por meio da educação esses cenários podem ser mudados, transformados, ressignificados, libertando sonhos e evitando pesadelos.

Para galgar os caminhos da educação libertadora, as escolas precisam muito mais de professoras e professores competentes e amorosos, do que puras tias e puros tios, pois como diz o próprio Paulo Freire: "Só os mal-amados e as mal-amadas entendem a atividade docente como um que-fazer de insensíveis, de tal maneira cheios de racionalismo que se esvaziam de vida e de sentimentos."

Diante de tantas mazelas a serem corrigidas, persiste ainda um clima de luta política pela mudança radical do mundo e esta pode se dar pela educação. Não basta querer, para mudar o mundo. É preciso agir no mundo. "Tudo o que se puder fazer com competência, lealdade, clareza, persistência, somando forças para enfraquecer as forças do desamor, do egoísmo, da malvadez, é importante." Seja a professora ou o professor em sala de aula, seja quaisquer pessoas em seus respectivos locais de trabalho ou quaisquer outros locais, cada pessoa em especial tem muito a fazer pela mudança que se busca e que se quer para o mundo.

Professoras e professores, valorizem, promovam e respeitem a imaginação e a curiosidade no ambiente educacional. "A imaginação, que nos leva a sonhos possíveis ou impossíveis, é necessária sempre." É preciso teimosamente sonhar e brigar pelo sonho, esse é um direito de todas as pessoas. A liberdade não é um direito exclusivo das elites e das forças reacionárias. "Quando a criança imagina uma escola alegre e livre é porque a sua lhe nega liberdade e alegria."

18 de setembro
João Israel da Silva Azevedo

> "Numa sociedade como a nossa, de tradição tão robustamente autoritária, é algo de relevante importância encontrar caminhos democráticos para o estabelecimento de limites à liberdade. É preciso que a escola progressista, democrática, alegre, capaz, repense toda essa questão das relações entre corpo consciente e mundo. Que reveja a questão da compreensão do mundo, enquanto produzindo-se historicamente no mundo mesmo e também sendo produzida pelos corpos conscientes em suas interações com ele. " (PAULO FREIRE)

O professor é um ser humano em constante construção, portador de um nó contínuo de formação. Nos dias atuais ser professor hoje implica assumir uma profissão em processo incessante de redefinição.

Ensinar e aprender estão muito associados, assim, o ensinar e o aprender acontece todos os dias no desenrolar da interação entre o professor e o aluno. A educação é de fundamental importância e tem um papel decisivo e primordial no crescimento da cidadania e na formação da consciência da dignidade humana.

Devemos proporcionar na escola, um ambiente que privilegie o diálogo, pois a educação libertadora é aquela que busca a desenvoltura da consciência crítica dos educandos. O direito a educação que vigora desde 1888, estabelecido em leis constitucionais, a União os estados e municípios, obrigatoriamente, proporcionando o acesso a cultura e a educação. O ensinar e o aprender é uma criatividade, com diálogo e trocas que o educador afeta seus alunos e é afetado, aprendendo novos padrões e percepções, como uma aproximação por meio da afetividade. Enquanto ensinamos, temos realmente a oportunidade de aprender.

Edificar um ambiente escolar realmente democrático não é tarefa fácil. Quando falamos em democratizar o ensino, não falamos que só se constitui apenas em construir escolas, mas é preciso garantir no ambiente escolar que todos tenham a escola como espaço onde se possa aprender com entusiasmo. Para isso, a escola necessita consolidar sua autonomia, partilhando suas ações com a comunidade em que está inserida, buscando soluções adequadas às necessidades do seu cotidiano escolar.

A sala de aula, é sempre um espaço privilegiado pelo aprendizado, porém, o professor precisa estar apto para assumir um papel diversificado e multifacetado, onde o mesmo deve se preocupar em ouvir o que os alunos oferecem: suas idéias, pensamentos e suas hipóteses. É importante salientar que educar não se limita a repassar informações ou mostrar apenas um caminho, mas é acima de tudo ajudar a pessoa a tomar consciência de si mesmo, dos outros e da sociedade.

Nos últimos tempos a escola vem se adaptando a profundas mudanças e reformulação no processo de ensino aprendizagem. É função da escola propiciar aos estudantes o acesso e a apropriação de conhecimentos sistematizados, mediante a instauração de um ambiente propício às aprendizagens e as práticas de convivência democrática.

Neste caso a escola juntamente com os educadores tem a importante função social, possibilitar mudanças favoráveis e significativas no comportamento, na aprendizagem e na personalidade de seu alunado para que se tornem cidadãos críticos capazes de enfrentar a evolução da sociedade e da própria humanidade.

Ensinar é uma questão tão profunda como se pensa e ao mesmo tempo dinâmico, que a questão da identidade cultural atinge a dimensão individual e a classe dos educandos, é essencial a prática educativa progressista, que alavanque novas mentes pensantes. Paulo Freire, incessantemente, nos diz que educar não é a mera transferência de conhecimentos, mas sim uma antevisão e testemunho de vida, pois somente assim não terá eficácia, já que devemos saber que uma educação plena é a que esteja disposta a incubir o ser humano como sujeito de sua própria aprendizagem e não como mero objeto sem respostas e saber.

Paulo Freire, sempre sábio, elencava que o homem e a mulher são os únicos seres capazes de aprender com alegria e esperança, no pensamento de que a mudança é possível, sendo possivel

dizer que aprender é uma coisa nova, uma descoberta única que nos dá uma abertura ao risco e a aventura do ser, pois ensinando se aprende e aprendendo se ensina.

A pedagogia freiriana nos propõe um ensino tendo por base o diálogo, a liberdade e o exercício de busca plena do desenvolvimento do conhecimento, de forma participativa e transformadora, em uma relação harmônica entre educando e educador, ressaltando a necessidade da "reflexão-ação", possibilitando a quebra com o modelo de educação onde o professor é o detentor de todo o saber e o aluno um simples depósito de um saber já elaborado.

19 de setembro
Ivo Dickmann

A sexta carta de Freire no livro *Professor sim, tia não* é um apelo à coerência dos professores para uma práxis pedagógica onde teoria e prática, discurso e fazer, estejam muito próximos. Isso porque Freire localiza já no começo um conjunto de aspectos que estão interligados nessa relação, não sendo apenas uma relação pedagógica, mas que conecta esses dois sujeitos para além do lugar da sala de aula, estabelecendo conexão com o mundo da vida de ambos.

Questões como o processo de ensino-aprendizagem, ou como prefere Freire, de conhecer-ensinar-aprender são fundamentais nessa relação, pois professora e estudantes não se encontram para "passar o tempo" na escola ou fora dela, mas para conhecer, reconhecer e produzir novos conheceres sobre o mundo que estão imbricados.

Aqui se instala também a relação de autoridade, que pode ser amorosa e construtiva para ambos ou necrófila e destruidora, o que vai definir se é uma ou outra é a postura pedagógica do professor, é dele o papel diretivo da educação e é ele quem faz essas escolhas a partir de sua concepção de mundo. Nesse sentido, não é possível falar de uma professora que não ama o que faz e que não ama seus estudantes, mas que prefere o autoritarismo e o disciplinarismo, o silêncio obsequioso do que o interesse dialogal dos estudantes. A autoridade do professor, da professora pode ser algo desnecessário se ele tiver uma aula encantadora, fazendo com que desperte a curiosidade epistemológica dos estudantes.

Outro aspecto que Freire ressalta é a leitura e a escrita. Ler o mundo, pronunciá-lo para transformar, ação de denúncia da sociedade opressora e anúncio de um mundo mais solidário e humanizado, para avançar na leitura da palavra. Embora, segundo Freire, a leitura do mundo precede a leitura da palavra, percebe-se que quanto mais se aprofunda a leitura da palavra, o mundo vai ficando mais compreendido também, na verdade há uma relação dialética entre ambas, aonde uma vai aprimorando, aperfeiçoando a outra.

O contexto dos educandos e sua bagagem e identidade cultural é outro aspecto central da relação educador-educando. Freire alerta para o devido respeito que se precisa ter pelo saber de experiência feito dos educandos, dos envolvidos no processo educativo como um todo, pois eles funcionam como ponto de partida (nunca de ficada ou chegada) para a construção de saberes significativos sobre o objeto de conhecimento e permitem construir alternativas mais fortes para a transformação do mundo. Isso demonstra que não pode haver educação crítica sem considerar o que as pessoas já sabem, sem partir do já sabido, do vivido, do vivenciado, do experienciado.

Ser professora é estabelecer relações. Com os educandos, com o saber dos educandos, com o que eles ainda não sabem, mas vão saber na relação com a professora, por isso, precisamos estar

sempre dialogando sobre o objeto do conhecimento e sobre a nossa presença no mundo. Portando, a ação educativa assume caráter político, visto que dialogar sobre o mundo sem pensar em transformá-lo seria, no mínimo, ingenuidade, Além do mais, uma relação entre seres humanos autônomos, como é a relação educador-educando, sempre será vai prescindir de uma postura política e pedagógica de ambos.

Essa capacidade de produzir novos conhecimentos para tornar o mundo melhor, tomando a educação como um ato gnosiológico e político, está a serviço de uma sociedade menos opressora, ela fala de nossa opção preferencial pelos pobres, oprimidos, marginalizados. O diálogo na sala de aula não deve deixar de considerar o entorno da escola, a vida concreta dos educandos, seu bairro, sua cidade, sua realidade-mundo. Esse é um testemunho coletivo que assumem as professoras e os estudantes, é um compromisso político com a mudança das situações concretas de alienação e opressão.

Por fim, a relação educador-educando acontece em todos os lugares aonde existam pessoas tentando desvendar o mundo. Seja nas cidades, no campo, nas favelas, nas comunidades tradicionais e quilombolas, junto aos ribeirinhos, no interior e no litoral, sempre haverá o que ensinar e aprender, sempre haverá professores e alunos (os tradicionais ou os informais), sempre será possível construir alternativas de mudança do mundo, formas de superar a opressão, sendo a educação uma das ferramentas fundamentais para essa luta.

A educação, segundo Freire, como ato de cidadania é um direito fundamental de todos, não um privilégio de alguns, é ato cognoscitivo e político, é produção de conhecimento e de vida nova, é gerador de vida, é transformadora, é geradora de pessoas novas e de uma nova sociedade.

20 de setembro
Josenildo Francisco de Lima

Acredito que todo o empenho para adquirirmos o conhecimento nos proporciona um afastamento das nossas origens, das nossas raízes, do nosso lugar natalino, herdando as dificuldades e falta de oportunidades que tiveram os nossos ancestrais e progenitores, buscamos nos enquadrar em padrões sociais, políticos e econômicos, socialmente construídos, a limpeza, a organização e a apresentação pessoal passa a ser mais importante do que a nossa capacidade de amar, de produzir e compartilhar, características, qualidades e valores que não são importantes em nosso meio social.

Na busca do conhecimento travamos batalhas descomunais, desumanas sem tréguas nem perca de tempo passamos por cima de todas as prováveis e improváveis dificuldades, não medimos esforços nem consequências para alcançarmos nossos objetivos, fazemos qualquer sacrifício para alcançarmos as metas que determinamos ou foi determinada para nós, pela sociedade ou pelos nossos pais, procuramos incansavelmente absorvermos o máximo dos conhecimentos que nos é apresentado ou temos contato, buscamos o conhecimento de todos os tipos, formas, métodos e complexidade.

Essa busca é sempre muito árdua, carece de muita persistência, determinação e conhecimentos prévios, para podermos compreender, absorver e entender novas técnicas, métodos e formulas, para chegarmos a um determinado estagio do aprendizado com uma bagagem cultural

adequada, precisaremos nos esmerar ainda mais para conseguirmos acompanhar as diversas linhas de estudos raciocínio e pensamentos necessários para desenvolvermos um aprendizado compatível com os diversos seguimentos do conhecimento que precisaremos ter o controle, domínio e a competência.

Portanto para nos apropriarmos do conhecimento precisaremos de educadores e educadoras lúcidos, dispostos e conscientes do desafio de construir junto com os estudantes, respeitando a realidade e condição social de cada um, sem desconsiderar todo o conhecimento prévio do que sabem e como sabem é imprescindível que tenhamos tempo suficiente para buscar nos mais diversos lugares, espaços e meios de comunicação, informações que venham construir, capacitar e desenvolver um pensamento critico capaz de tornar o conhecimento um aprendizado acumulativo, continuado e crescente.

Esse tempo de aprendizagem é necessário para buscarmos todas as formas, métodos e técnicas que nos permita essa apropriação do conhecimento, geralmente é ofertada a quem já tem em sua formação social, cultural e acadêmica privilegiada, uma posição financeira confortável, e uma bagagem cultural bastante diversificada, o que os coloca sempre em uma considerável vantagem, tanto no mercado de trabalho quanto no sistema de ensino, certamente quem tem essas prerrogativas em ter melhores e maiores condições de apropria-se do conhecimento, terá melhores ocupações profissionais.

Não pretendo através desse texto criticar as pessoas que por algum motivo são beneficiadas por condições favoráveis a sua formação acadêmica, o meu objetivo é simplesmente sensibilizar a opinião publica a respeito dessa diferença de oportunidades e ao mesmo tempo fazer um apelo aos responsáveis pelos sistemas de ensino do nosso país, para que possam oferecer uma educação de qualidade, quantidade e equidade, que possa proporcionar uma formação técnica, profissional e acadêmica a todos e a todas que dela precisem para se tornarem profissionais capacitados, competentes, apropriados de todo conhecimento necessário para serem bons cidadãos e bons profissionais.

21 de setembro
Josenildo Francisco de Lima

Como interpretar um sentimento popular que insiste em compartilhar o discurso de um grupo social de pessoas diferentes de nós? O que explica reproduzirmos um discurso que não nos identifica, não é o retrato da nossa realidade, não contempla as nossas necessidades sociais e politicas e econômicas? O que nos leva a defender os interesses de uma minoria que já é detentora do poder econômico e o seu domínio e convencimento é tão poderoso que nós adotamos como sendo o nosso esse discurso, mesmo tendo consciência de que estamos muito longe se sermos iguais a eles, quase inalcançáveis.

A importância do testemunho da educadora na formação do educando, a radicalidade com que atua que pode e deve rever suas posições, em relação à maioria da população pobre, periférica e trabalhadora expropriada dos seus meios de produção, através da sua força de trabalho, que eventualmente faz uso de recursos menores que servem apenas para mantê-los disponí-

veis, essa é melhor definição de acumulação de capital, distribuição de renda e desigualdade social, pois se temos alguém ganhando muito, certamente teremos muitos outros ganhando muito pouco ou quase nada desses recursos.

Educadores e educadoras devem testemunhar sua luta pela seriedade, liberdade e criação de disciplinas para auxiliar educandos, o que me constrange é perceber que a maioria dessas pessoas que reproduzem esse discurso são trabalhadores expropriados de direitos sociais, políticos, econômicos e trabalhistas, da sua sobrevivência digna, honesta e honrada, trata-se de trabalhadores que por conseguirem tornarem-se donos de pequenos e médios empreendimentos, conseguem estudar em universidades particulares, ou são executivos de grandes empresas multinacionais, esquecendo que ainda são trabalhadores.

A participação do educando é o testemunho do educador operando, é possível, que algum educando pretenda testar o educador para certificar-se se ele é coerente ou não, essas pessoas não conseguem enxergar que continuam dependentes e subordinadas as grandes corporações, as grandes empresas multinacionais ou transnacionais, somos todos prestadores de serviços para esses oligopólios, que dominam a maioria das corporações mundiais, somos todos trabalhadores dos diversos braços e tentáculos desse processo de mundialização da economia onde quem efetivamente ganha são os mega empresários que conseguem aglutinar maior numero possível de empresas através da globalização.

Um equívoco do educador gerado na sua autoestima e de se fazer pouco humilde, sentir-se ferido pela conduta do educando e não admitir que ninguém possa duvidar dele, poucas pessoas detém o poder econômico, financeiro e politico, em nosso país e no mundo, acumulam recursos e todos nós fazemos parte desses exercito de trabalhadores assalariados, remunerados ou comissionados, nessa crescente acumulação de capital nas mãos de poucos, não permitindo uma justa distribuição de renda, simplesmente por medo de perderem o controle econômico, financeiro e politico sobre nós, a massa trabalhadora.

Portanto é bom admitir humildemente que somos todos seres humanos inacabados, imperfeitos e infalíveis, as pessoas que trabalham em cargos executivos quando perderem seus empregos serão apenas mais um trabalhador desempregado, os profissionais liberais que são donos das mais bem estruturadas empresas de prestação de serviços, quando não poderem mais sonegar impostos e os serviços públicos forem suficientes para servir a totalidade da população, serão apenas mais um elemento do sistema capitalista e quando a maioria das escolas públicas e particulares usarem os subsídios sociais, apenas para estudantes de baixa renda, os demais dependerão apenas de recursos próprios.

22 de setembro
Fernanda dos Santos Paulo

Professora sim, tia não – cartas a quem ousa ensinar (FREIRE, 1999) versa, principalmente, acerca do reconhecimento, da formação e da valorização da educadora como profissional da educação. Localizamos nesse livro várias passagens que tratam da importância da educadora se reconhecer como sujeito inacabado, e assim reconhecendo-se, é uma educadora-educanda. Nessa relação "Ensinar exige humildade" como coloca Freire (1996) e humildade tem a ver com "o direito à nossa curiosidade, o direito de perguntar, de discordar, de criticar." (FREIRE, 1999,

p. 55).

O contrário da humildade é a arrogância, é o desrespeito, a intolerância e o desprezo. Essas características são próprias de uma educação bancária, antidialógica e autoritária. Observamos esses atributos nas palavras de Freire (1999) como podemos observar:

> Uma estudante, em tom agressivo, disse: "Gostaria de seguir o curso atentamente, não faltarei a nenhum encontro, para ver se o diálogo de que o professor falava será mesmo vivido". Quando ela terminou, fiz um breve comentário em torno do direito que lhe assistia de duvidar de mim, bem como o de expressar publicamente a sua dúvida. [...] as relações entre educadores e educandos são complexas, fundamentais, difíceis, sobre que devemos pensar constantemente. [...] aprendemos e ensinamos juntos [...]. [...] é bom admitir que somos todos seres humanos, por isso, inacabados. Não somos perfeitos e infalíveis. (p. 55-56).

Esses pontos representam a síntese de que educador e educando aprendem juntos, mas que ambos têm os seus saberes e cabe-lhes dialogar e problematizar sobre eles. Por isso, Freire (1999) explicita o que entende por humildade: "a humildade exige coragem, confiança em nós mesmos, respeito a nós mesmos e aos outros." (p. 37). Em vista disso, a opção por uma educação democrática perpassa por uma pedagogia do diálogo, da pergunta, da participação, do respeito e do compromisso com a construção de conhecimentos significativos e transformadores.

23 de setembro
Raimundo Carneiro Corrêa

> "A formação do educando, enquanto sujeito crítico que deve lutar constantemente pela liberdade, jamais move a educadora autoritária. O meu direito à voz não pode ser um direito ilimitado de dizer o que bem entender do mundo e dos outros. O de uma voz irresponsável que mente sem nenhum mal-estar desde que da mentira se espere um resultado favorável aos desejos e aos planos do mentiroso." (PAULO FREIRE)

Expressa-se o dialogo liberdade, quando se procura o entendimento, como caminho em busca da verdade. A Crítica questionamento, então, põe em confrontos os diferentes, que não abdicam do serem livres e a palavra então é a energia criadora da história, a que está sempre nas encruzilhadas das crises.

Porque a liberdade é fome que obriga à caça, à pesca, ao cultivo da terra, à invenção técnica, e até se aprender com o Sol como se dar uma aula momento de libertação.

Como quando se compreendem que a palmatória devia sair da mesa da classe escolar! Impostora do medo, que mentia ao dizer que menino só aprendia apanhando bolos de palmatória.

Mentira que ainda grassa em folhas de prova, que busca o que não deu. Não ensinou, por isso aluno não aprendeu e eis as notas reprovativas em letras vermelhas. Como a dizer "proibido de ir em frente". Volta-se ao início dos estudos na repetência devastadora da autoestima do menino, da menina em reprovações.

Ao docente cabe avaliar-se, perguntar-se e querer refazer o caminho, diferente por fazê-lo melhor.

Como! Olhar o sol! Luz, poder, beleza, liberdade!

Seguir-lhe a rotina que começa com um prazeroso "Bom dia!". Lembrando-nos que o Sol não espera retardatários. Pontualidade é glória! E o tempo que, na escola chama-se Ano Letivo, não pode ser quebrado, por nada, deve ter o cumprimento fiel da ocupação ensino, que deve ser plano de docência, caminho dia a dia, itinerário a que se chama também currículo de ensino.

Dissemos rotina, que vem de rota, também roda, a das brincadeiras de crianças, o que imita o sistema solar que se dá ao universo no espetáculo dança de roda, daí nossos dias e noites de estrelas e luar.

Sugerimos que a Professora disponha as cadeiras da sala de aula em uma roda. Ninguém atrás de ninguém, ninguém na frente, mas todos na frente.

No centro, a mesa de professora. Onde devem estar Diário de Classe, Livros, o PPP da Escola, o plano de curso e o plano de aula. Busque-se também, a possibilidade de trazer algo de tecnologia inovadora, motivadora dos modos de ensinar.

O Sol sugeriu a um sábio, Arquimedes, uma tecnologia, uma tecnologia que derrotou o poderoso exercito romano, usando os raios solares através de espelhos que incendiaram os navios inimigos, e assim retardou por mais tempo a destruição de Cartago.

O Sol recomenda a disciplina que, se seguida, resulta na união do grupo, docentes e discentes.

Oh! Celeste baile! Ciranda que ensina, estimula a aprendizagem, o que transformou a redonda palmatória em corolas d'ouro girassol, buquê para a mesa do (a) professor (a)!

24 de setembro
Rosenei Cella

Os escritos de Paulo Freire respiram atualidade, pois são capazes de nos fazer refletir sobre o cotidiano, especialmente no contexto em que vivemos. São tempos em que a confiança na política e na transformação social estão fragilizadas, expondo os historicamente desfavorecidos à situação de perda de direitos e retrocessos. Mas é possível também que o cenário corrente seja oportuno para a construção, reafirmação e propagação de sentidos, do respeito e da ética, em contraposição ao desrespeito, à carência de valores, da vaguidão das ações humanas, dentro da complexidade da sociedade moderna.

Talvez nunca tenha sido tão desafiador para o ser humano exercitar a coerência de suas ações, pois em meio a tantos discursos de ódio, de repulsa em relação às escolhas e modos de vida do outro, manter-se racional e lógico em relação ao politicamente correto, ao modo como cada um pensa, tendo em conta o diferente capital social que compõe a especificidade individual, exige empenho e persistência.

O desafio está posto para a sociedade e assim a educação, em especial a familiar e a escolar, tem diante de si o desafio de problematizar e estimular condutas e posicionamentos que desenvolvam no indivíduo o respeito ao direito do próximo de fazer suas escolhas, a ética como valor presente nas mais singelas situações, de modo que as pequenas revoluções de pensamento e ação se propaguem no modo de viver das famílias, ecoando nas comunidades.

No interior da sala de aula, nos momentos de integração dos estudantes e também na resolução de conflitos, o diálogo e a argumentação precisam nortear as atitudes de alunos e professores. A escola é, com frequência, uma das maiores referências de seus alunos como espaço de diálogo e problematização de experiências e comportamentos éticos para a vida em sociedade.

Na esfera familiar, a mídia televisiva invade os lares de milhões de pessoas e dissemina modos de ver o mundo e atitudes, o que acontece tanto em programas informativos, de auditório,

em novelas e séries, que são produzidos e apresentados ao público expondo crianças e adolescentes a informações que conflitam muitas vezes com o modo de vida que possuem, naturalizando atitudes que deveriam ser debatidas.

Como educadores, precisamos firmar nossas posições e estimular o pensar crítico, colaborando para o questionamento e reafirmação dos valores democráticos da sociedade. Não há como avançar no debate sobre os direitos meus e do outro, se não compreendo a democracia como valor fundamental.

O fazer democrático, dentro da escola, precisa se fazer presente no diálogo, com a criação de tempos e espaços para que alunos e professores possam ouvir e ser ouvidos. Que as inseguranças e as perguntas caladas possam ser feitas e respondidas através do diálogo. Não é possível defender a democracia com atitudes e modos de fazer antidemocráticos, o discurso precisa andar junto com a prática, se não for assim, perde sua credibilidade, pois a coerência é a base para ações democráticas.

Paulo Freire chama nossa atenção para o ouvir. Para o exercitar as práticas democráticas no cotidiano, pois assim os indivíduos poderão desenvolver a empatia ao conhecerem os olhares dos outros sobre muitas questões que geram conflitos. Se conheço e sou capaz de me colocar no lugar do outro, a tendência é desenvolver o respeito e a ética diante do diferente, tendo consciência e praticando ações que conjuguem discurso e prática.

O desafio dos educadores é muito grande, principalmente pela diversidade de alunos que circulam no espaço escolar, cada qual com seu capital cultural diverso do outro. Essa riqueza presente na diversidade torna a tarefa de educar para a democracia desafiadora, mas ainda assim mais propensa a avanços.

Tempos em que as incertezas e descrenças estão tão presentes requerem ainda mais energia e esforço coletivo, de modo que as pessoas defendam os valores e direitos mais importantes da coletividade e voltem a acreditar no poder das atitudes éticas e políticas para transformar a realidade a partir das mais simples atitudes indviduais.

25 de setembro
Clécia Andrea Queiroz Ribeiro

Quando se fala em identidade cultural e sua relação com a educação, Freira destaca que há sempre um corte de classe social, dos sujeitos da educação e da prática educativa. Discutir a identidade dos sujeitos da educação, educadores e educandos, relacionando-os a identidade cultural, não deve exaurir a totalidade do significado do conceito de identidade.

Homens e mulheres, somos seres singulares e ao longo da história podemos ser reconhecidos como nem só o que herdamos e nem apenas o que adquirimos, porém somos uma relação dinâmica, processual do que herdamos e do que adquirimos: *estamos sendo* no mundo! Somos programados, mas não determinados, somos condicionados, mas ao mesmo tempo estamos conscientes do condicionamento e sendo assim, estamos aptos a lutar pela liberdade como em processo e não como ponto de chegada.

Percebe-se assim a importância da identidade de cada um como sujeito, educador ou educando da práxis educativa. E assim, a identidade é entendida na relação contraditória que somos nós mesmos, entre o que herdamos e o que adquirimos. Não somos nem uma coisa, nem outra,

nem só o inato, nem só o adquirido. A liberdade enquanto façanha criadora está intimamente ligada à relação entre o que herdamos e o que adquirimos.

As heranças culturais e suas forças podem e devem ser transformadas à medida que nos compreendemos como seres programados e condicionados. No entanto, quando estamos conscientes do condicionamento não estamos determinados, e mesmo com os obstáculos da herança cultural podemos superar suas forças. Devemos reconhecer as heranças culturais e respeitá-las, mas não podemos negar que elas atuam no corte da classe social. Nelas se constituem muito da nossa identidade e por isso elas estão marcadas pela classe social em que estamos inseridos.

É imprescindível pensarmos na identidade cultural dos educandos e do necessário respeito a ela na nossa práxis. É importante o reconhecimento de nossa identidade, daquilo que *estamos sendo* na prática e de como identificar "outras gentes" como eu, já que elas têm corte de classe idêntico ou próximo ao meu. E assim, descobrimos *eus nos tus e tus nos eus*.

Há também em nós uma forte tendência de afirmar que o outro é diferente de nós e por isso é inferior. Cremos que a nossa forma de *estar sendo*, é melhor que a do outro, que é diferente de nós. Isso é intolerância, gosto irresistível de se opor às diferenças. Assim, a classe dominante, que recusa a diferença não quer ficar igual ao diferente e não tem a intenção de que o diferente fique igual a ela, por isso enfatiza a inferioridade dos dominados, mantendo a diferença.

Sendo assim, o educador progressista tem como desafio não se sentir ou agir como inferior aos educandos de classes dominantes (da rede privada), nem tão pouco se sentir ou agir como superior aos educandos (da rede pública) das favelas, aos meninos e meninas populares, aos que vivem sem conforto, aos que não falam "certo" ou não se vestem "bonito".

Estamos sendo...

26 de setembro
Ivanio Dickmann

Na oitava carta do livro "Professora Sim, Tia Não" Paulo Freire reflete sobre a "Identidade Cultural e Educação". De pronto já introduz, a meu ver, com sua marca principal: "...identidade cultural, que tem sempre um corte de classe social", deixando claro que o ato educativo se dá num mundo dividido em classes sociais e essas relações perpassam a identidade de quem está presente no processo pedagógico. No texto da carta vai deixando evidente que não só os educandos/as têm esta marca, mas também os educadores/as.

Neste cenário, Freire sugere aos educadores/as uma postura coerente e compreensiva quanto aos limites dos educandos/as da classe oprimida. É imperativo que os educadores/as tenham presente a condição concreta dos seus educandos/as. Pois, caso contrário, podem tender a dois desvios na relação. Um seria assumir que os alunos populares simplesmente são inferiores e sabem menos que os demais, merecendo a compaixão do docente. Outra postura seria tornar-se um paternalista e acudir estes jovens como seus dependentes.

Em ambos os casos, o educador/a estaria omitindo o real, desviando o foco da centralidade de sua ação pedagógica como uma ação política, ou seja, ter presente que os limites dos alunos das classes populares são fruto da desigualdade social em que estão inseridos. Assim, estaria executando seu trabalho educativo num contexto teórico, distinto do mundo concreto de seus educandos/as. Nas palavras do próprio Freire:

> A rigor, é inevitável o trabalho formador, docente, que se realize num contexto que se pense teórico, mas, ao mesmo tempo, faça questão de permanecer tão longe do, e indiferente ao contexto concreto, do mundo imediato da ação e da sensibilidade dos educandos.

Percebemos o alerta de Freire de que não deve haver, para o educador/a crítico uma dicotomia entre contexto concreto e contexto teórico. Esta divisão só interessa a quem quer contribuir com a manutenção da opressão no campo da educação. Seja por alienação ou por interesse, quem sustenta este tipo de postura contribui para um ensino que nega o que os educandos/as já sabem antes de chegarem nos espaços pedagógicos.

É um imperativo ético freirano que os educadores/as "...precisam saber o que se passa no mundo das crianças com quem trabalham (...). O que sabem e o como sabem independentemente da escola". Para demonstrar o poder desta sua ideia Freire cita uma pequena história verídica que se deu com dois professores da UNICAMP.

Num encontro fortuito com crianças que empinavam pipa, os professores – um físico e outro matemático – questionam um dos meninos sobre questões matemáticas envolvendo o manejo da pandorga. Com muita desenvoltura o garoto responde todas as questões surpreendendo os professores. Contudo, suas respostas não tinham nada de científico, embora tivesse feito uso com domínio das quatro operações fundamentais, era pura sabedoria de experiência feita, conhecimento produzido no seu contexto concreto.

A curiosidade maior é que o mesmo menino havia sido reprovado na escola em Matemática. Os seus saberes, do seu mundo e contexto nada valiam no mundo e contexto escolar. A reprovação na escola é sinal de que a sua linguagem não corresponde ao que a escola – ou a professora de matemática – está acostumada a ensinar e a espera como devolutiva no processo de ensino. Só é válido o padrão institucionalizado.

Isso demonstra, alerta Paulo Freire, uma postura encharcada de ideologia. Pois, se existe um padrão culto, logo, todo o demais é inculto. A pergunta é: quem definiu o que é culto? Vejam que aí reside a questão política irrigando a ideológica. Porque sabemos que as definições dominantes são definidas pelas classes dominantes. É preciso estar alerta pra não aceitar tudo como verdadeiro sem questionamentos.

Mas atenção, não precisamos nos debandar para a oposição sem argumentos, negando simplesmente o que está estabelecido. Freire defende uma postura equilibrada. Ao mesmo tempo que sugere que se ensine o padrão culto, que se advirta os educandos/as de que seu modo de vida também é válido e compõe o corpo social. E mais, os educandos/as devem, ao aprender o padrão dominantes para se fortalecerem na "luta pela vida", diminuindo as suas desvantagens em relação a classe opressora e vão, gradativamente, superando as desigualdades e injustiças de que são alvos.

Paulo Freire finaliza esta carta com primazia dizendo assim:

> Em conclusão, a escola democrática não apenas deve estar permanentemente aberta à realidade contextual de seus alunos, para melhor compreendê-los, para melhor exercer sua atividade docente, mas também disposta a aprender de suas relações com o contexto concreto.

Vejamos que esta verdade nos impõe enquanto educadores/as uma postura de humildade, de disposição de aprender com "quem sequer se escolarizou" como disse Freire. Uma escola, para Paulo Freire é um lugar de acolhida dos mundos vividos e sentidos dos educandos/as. É o lugar de oportunidade de partilha e produção de conhecimentos novos, partindo da realidade concreta dos educandos/as.

Neste dia em que lemos estes ensinamentos de nosso mestre podemos nos propor a assumir como tarefa a humildade e a relação consciente com nossos educandos/as. Indiferentemente do espaço pedagógico que ocupamos, vamos ter sempre presente que a identidade cultural

dos nossos educandos/as emana de um contexto concreto, que não devemos negar, ao contrário, é nosso ponto de partida para educar bem e cada vez melhor. Oxalá Paulo Freire esteja conosco - em nosso coração - para nos guiar até a conquista de uma educação libertadora.

Sigamos em frente! Sigamos juntos!

27 de setembro
Marlete Nunes Gomes

Nesta carta Freire estabelece relações entre o contexto concreto e o teórico e as relações entre si. É importante, relacionar tudo o que fazemos na nossa experiência existencial, essa relação de coisas, de objetos entre si, não só no mundo das palavras, mas na compreensão do real, nas relações entre educadoras e educandos, entre sujeitos e o conhecimento e as suas relações com o mundo e o mundo com eles.

Somos os únicos capazes de fazer essa relação e desfazer também, tendo consciência do que se faz, estabelecendo elos entre o mundo e as diversas relações que estão interligadas a esse modo de ser, de agir, de pensar.

O saber viver implica no saber ser no mundo e para o mundo, num ir e vir, onde a prática do concreto serve para ganhar consciência do próprio fazer sobre o mundo.

É necessário conhecer a ciência da prática de modo a desvendar as verdades em torno do mundo, descobrindo-o, no sentido de perceber como na prática ele se exercita e como ele se percebe.

Por inúmeras vezes nosso cotidiano passa despercebido, de maneira que não há o refletir sobre as ações feitas, como exemplo caminhar até um determinado trajeto, chegar no semáforo e parar, são ações diárias que são feitas sem questionar, simplesmente o fazer por fazer, isso faz com que nosso movimento nesse mundo concreto seja mecânico, os saberes outrora construídos se tornam hábitos automatizados, deixando de ser movidos pela curiosidade do conhecimento do não revelado.

A ciência faz com que nos distanciamos da prática para sobre ela refletir a luz de teorias que a embasem, para que um novo conhecimento seja produzido, pensando assim essa prática aprende-se a pensar e praticar melhor, com esse objetivo bem definido, refletir sobre o que se faz para melhor fazer.

Ensinando a pensar sobre a prática que os educandos já têm, já trazem grande bagagem, grandes vivências, a pensar sobre seus saberes já construídos, parte daí novos conhecimentos, dá-se uma nova leitura de uma realidade desvelada, então se fundem os saberes do educando e do educador.

Muitos cursos de formação de professores não partem da realidade, muitos educadores vão trabalhar em favelas, sem nem saber o que se passa dentro de uma, onde a visão de favela é aquela posta pela mídia, seus currículos são baseados em teorias distantes do sujeito que aprende e que traz toda uma bagagem cultural que deve ser o ponto de partida, preparando-os para atuarem e agirem sobre o mundo que os cerca.

É necessária a luta político-democrática de que possam obter grandes transformações na sociedade brasileira, trabalhando prioritariamente pela humanização da vida de quem vem sendo

proibido de ser desde a "invenção" do Brasil: as classes populares, que vem sendo-lhes negado o direito de ser cidadão, uma vez que os saberes até então construídos não são levados em conta.

O contexto teórico é indispensável à reflexão crítica sobre os condicionamentos que o contexto cultural traz sobre as pessoas e seus valores, influenciados por um sistema de dificuldades que lutam por fazerem que seus sujeitos sejam cada vez mais alienados.

Essa transformação deve começar pelo educador ou educadora num pensar entre sua teoria e sua prática, ensinar de maneira que o real se aproxime do esperado, e que os saberes não são exclusivos de uma instituição.

Cabe aos educadores o estímulo nos seus educandos do saber fazer, do saber pensar, do saber agir com criticidade, independente da situação sócio econômica, o saber é de todos, mas para tal o educador e a educadora precisam refletir sobre sua prática pedagógica, percebendo o que existe no mundo real e como podem chegar ao mundo esperado.

28 de setembro
Gilberto Oliari

Logo de início a esse comentário preciso acrescentar um dado bibliográfico para possíveis ressalvas. Estou lendo e produzindo o texto a partir da vigésima sétima (27ª) edição, publicada no ano de dois e dezessete (2017) da obra freiriana *Professora, sim; Tia, não*. De acordo com Ana Freire (na seção *Devo dizer* da obra), essa edição "sofreu uma cuidadosa, minuciosa e radical revisão a partir dos manuscritos de próprio punho" de Paulo Freire; desse modo para ser fiel ao que e como Freire escreveu, essa edição altera a ordem das cartas que foram publicadas pela primeira vez em 1993, obedecendo a vontade do autor. Sendo assim, o comentário que teço, a partir dessa edição é da *quinta carta contexto concreto – contexto teórico* (a qual, em outras edições aparece como nona carta). Acredito que a ordem das cartas não altere tanto a essência das reflexões trazidas aqui.

É preciso lembrar sempre que Paulo Freire, é criador de um método de ensino de leitura e escrita. Um método que é revolucionário a seu tempo, mas, perigoso aos dias de hoje. Por que é revolucionário? Por que parte do contexto concreto das pessoas para ensiná-las a ler, não apenas as palavras, mas tudo que há em seu entorno. Para haver esse salto – da percepção do contexto para os signos no papel – é necessário que haja primeiro respeito aos saberes que não são reconhecidos como científicos; respeitando esses saberes é possível superá-lo.

Por isso, gostaria de destacar essa "fórmula" - *respeitar os saberes da experiência e superar-se* – como um modo de pensar aquilo que fazemos em educação cotidianamente. Há, sem sombra de dúvidas um conjunto de saberes cotidianos que precisam ser respeitados para superá-los. Talvez o primeiro deles seja o medo: "as professoras tinham medo e raiva da liberdade, medo dos educandos e se fechavam para perceber o quanto há, no processo de conhecer, de demandante, mas, também, de apaixonante, de gratificante, de provocador de alegria" (FREIRE, 2017, p. 112); ter medo é normal, afinal não sabemos onde nossas ações podem nos levar, mas, é preciso reconhecer esse medo, respeitá-lo para poder superar.

Quem de nós (escritores e leitores) nunca tivemos medo de iniciar uma tarefa educacional? Quem de nós nunca teve medo de escolher determinadas palavras para um texto ou temas para uma aula? Todos, um dia na vida, já tivemos medos! Avançamos na vida profissional, acadêmica e educacional através da superação desses medos. Esses medos sem dúvidas nos fizeram

ler, pensar e repensar sobre as situações que cotidianamente nos desafiavam. Com a superação do medo pudemos perceber o quão provocador de alegria são os nossos desafios cotidianos.

Medo e superação de medos pode ser algo extremamente subjetivo, da ordem do pessoal de cada um. Podemos ampliar nossa reflexão pensando nos modos como aprendemos a falar ou mesmo a escrever, pensando dessa forma no processo educacional. Para Freire (2017) aprendemos a falar através das experiências que fazemos "ninguém, rigorosamente, ensina ninguém a falar. A gente *aprende*, na casa da gente, na sociedade" (p. 113). Falar é da ordem da experiência, podemos considerar que a fala é um salto no desenvolvimento cognitivo – o sujeito deixa de apenas visualizar as coisas e passa a expressar com signos aquilo que está vendo – por isso é preciso respeitar o processo de fala, pois a fala reflete o contexto, aquilo que é próprio de seu grupo, próprio daqueles que formam o seu cotidiano.

A superação dos atos de fala pode se dar justamente pela escrita. Aí sim, na escrita – que possui um regramento, pode haver superação das experiências pois "assim como é preciso falar para falar, é preciso escrever para escrever" (FREIRE, 2017, p. 114); as experiências de leitura e escrita são do próprio desenvolvimento pessoal e social e quando são acompanhadas, incentivadas, cobradas e corrigidas pode haver superação.

Essa superação das experiências pode acontecer também pelas necessidades que vão se impondo. Desse modo "uma comunidade vai se tornando letrada na medida em novas necessidades sociais, de natureza material e também espiritual, o exigem" (FREIRE, 2017, p. 117), pode-se dizer que as necessidades surgem quando se acompanhados diferentes fenômenos do contexto e quando se percebem que há outras possibilidades, outros mundos. Há superação das experiências cotidianas quando se percebe que outras formas de pensar e agir no mundo são possíveis.

Enquanto educadores somos cotidianamente desafiados a pensar sobre isso. Como podemos ajudar nossos alunos a respeitar suas experiências e superar-se? Para pensar em ajudar os alunos precisamos pensar em nós mesmos, em como nós buscamos nos superar diante das situações do cotidiano. Por isso Freire (2017) afirma que "a prática de pensar a prática, de estudar a prática, nos leva à percepção da percepção anterior ou ao conhecimento do conhecimento anterior que, de modo geral, envolve um novo conhecimento" (p. 118); isso é superação. Pensar a prática e perceber os conhecimentos que há nela, nos ajudar a superar-nos.

Poderíamos acrescentar ainda que "pensar a prática ensina a pensar melhor da mesma forma como ensina a praticar melhor" (FREIRE, 2017, p. 119), pois há respeito as experiências e superação delas. Essa superação pode se dar justamente na iluminação teórica das ações cotidianas, pois Freire afirma que "Quem ajuíza o que faço é a minha prática, mas minha prática iluminada teoricamente" (2017, p. 120).

29 de setembro
Alexandro dos Santos

As palavras que ora apresento são fruto de uma (re)visita a obra de Paulo Freire. Especificamente da decima carta do livro: *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. Livro esse composto de cartas endereçadas aqueles (as) professores (as) que "ousam ensinar". Ao realizar a leitura do presente texto fui tomado de entusiasmo pelas reflexões que Freire, faz na *decima carta* em torno do que entende por *disciplina*. Em sua concepção, a *disciplina* é algo que está presente

em inúmeros aspectos de nossa vida cotidiana. Vai desde a "necessidade da disciplina intelectual" que é "construída pelos educandos em si mesmos com a colaboração da educadora" (FREIRE, 1997, p. 77), indo muito além, perpassando a leitura cuidadosa dos textos, a escrita atenciosa, "a capacidade e observação e análise dos fatos, o estabelecimento de relações entre eles". Ou seja, é algo inerente a minha vida enquanto sujeito sócio histórico, ético, político, crítico e reflexivo. Diz respeito a minha subjetividade.

A *disciplina* me provoca o "gosto" pela aventura e "ousadia". Dessa forma, Freire argumenta não existir *disciplina* no *imobilismo*, na *autoridade indiferente*, na distância. Para que ocorra, é preciso capacidade de movimentação, ação e presença. Ela me permite o encontro com a liberdade. É por meio dela, que obtenho a capacidade reflexiva de dizer "não", de negar aquelas "verdades" tidas como absolutas e inquestionáveis. É por meio de minha capacidade de questionamento que me torno sujeito reflexivo e crítico. Questionador. Inquieto. Liberto.

É nesse processo, que encontro a liberdade. Sendo a *liberdade* a responsável pelo aprendizado que ocorre pela negação, "não por puro negar, mas como critério de certeza" (FREIRE, 1997, p. 77). Porque, afinal, sou um sujeito sócio histórico, portador "de uma subjetividade", gestada na dinâmica que dita o ritmo das múltiplas relações socioculturais. Possibilitando minha "Responsabilidade política, social, pedagógica, ética, estética, científica" (*Op. Cit.).*

Para tanto, é necessário que a *disciplina* esteja presente "no ato de ler, de escrever, no de ensinar e aprender, no processo prazeroso, mas difícil de conhecer; [...] no respeito e no trato da coisa pública; no respeito mútuo" (FREIRE, 1997, p. 78). Portanto, é algo inerente a minha vida enquanto sujeito portador de múltiplas e complexas subjetividades. Está presente em meus gestos, sentimentos, comportamentos, fala, na roupa que visto, no corte de cabelo, maneiras de nos comportamos e lidar com os *outros*.

Assim, como pode está presente em múltiplos momentos de minha vida. A *disciplina* também pode está ausente "em casa, na escola, nas ruas, no tráfego. É assombroso o número dos que morrem, nos fins de semana, por pura indisciplina, o que o país gasta nesses acidentes, nos desastres ecológicos" (FREIRE, 1997, p.78). A *(in) disciplina* é uma das responsáveis pelos altos índices de criminalidade na realidade brasileira. Causando a morte de milhares de pessoas. Contribuindo para os altos índices que corrupção. De analfabetismo. Falta de empregos. De salários dignos. Falta de escolas públicas de qualidade. Escolas essas que não oferecem condições dignas de acesso e permanência dos jovens em sala de aula.

Paulo Freire, fala da importância da *disciplina intelectual*, sem a qual não é possível a formação política, responsável, pela *invenção* de uma cidadania comprometida com as questões sociais, políticas, éticas e culturais. Para que eu enquanto cidadão consiga viver em harmonia, habitando uma sociedade mais justa e igualitária, é indispensável que a *disciplina* esteja presente em minha vida. É por meio dela, que me torno um sujeito mais crítico e reflexivo. Consciente de meus deveres enquanto cidadão.

30 de setembro
Leonardo da Mata

A preocupação do homem em compreender como ele adquire sabedoria e conhecimentos vem desde da Grécia de Sócrates, a pergunta que persegue a humanidade é "Como podemos

saber? E Como nós sabemos? " Ao longo dos séculos seguintes vários pensadores de diversas áreas do saber humano deram suas versões de como funciona esse saber. O ínclito pedagogo Paulo Freire elucida em uma gênese epistemológica as palavras crescer e saber, buscando mais profundamente entender como adquirirmos esse saber convém saber o significado delas: crescer que vem do latim crescere; aumentar em intensidade, e saber do latim sapere; ter gosto, vemos que ambos convergem para o conhecer do latim, cognoscere; ter noção, tudo isso implica na totalidade do ser e de como esse ser se encontra para dar integração entre si e a vida que o compõe e também o completa.

Como afirmava o mestre Freire,

> O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser objeto dela. Por isso ninguém educa ninguém. Por outo lado, a busca deve ser algo e deve traduzir-se em ser mais: é uma busca permanente de "si mesmo".

Ninguém chega vazio, sem nenhuma informação ou noção da vida, segundo Lev Vygotsky o indivíduo traz uma sabedoria e conhecimentos advindos dos nossos avoengos e transmitidos através da hereditariedade nesta mesma linha de raciocínio vemos Pierre Bourdieu em sua análise sobre o capital cultural no que ele define de estado incorporado.

> Pelo fato de estar ligado, de múltiplas formas, a pessoa em sua singularidade biológica e ser objeto de uma transmissão hereditária que é sempre altamente dissimulada, e até mesmo invisível, ele constitui um desafio para todos aqueles que lhe aplicam a velha inextirpável distinção dos juristas gregos entre as propriedades herdades (ta patrôa) e as propriedades adquiridas (epiktéta), isto é, acrescentadas pelo próprio individuo ao seu patrimônio hereditário; de forma que consegue acumular os prestígios da propriedade inata e os méritos da aquisição.

Indícios tem se mostrado cada vez maior na área da Psiquiatria que este saber antecede a existência física material com base nos estudos de diversas obras de Jim B. Trucker (2007) e Ian Pretyman Stevenson (2001), (2012), abre um novo leque de visões de como se processa esses conhecimentos e saberes. Eles traçam novos arestos sobre as questões de crescer e saber que antolha diante dos nossos enfastiados olhares desta temática.

Nas obras são focadas a condição de que a consciência pode ser considerada de forma separada do cérebro, o que traz a lume uma base para a afirmação da palingênese como uma realidade imanente a criatura humana. Já que esse saber deriva da consciência do indivíduo, o que exatamente ela traz?

> Não é possível saber sem uma certa forma de crescimento. Não é possível crescer sem uma certa forma de sabedoria. Saber é um verbo transitivo. Um verbo que expressa uma ação que, exercida por um sujeito, incide ou recai diretamente num objeto sem regência preposicional.

A consciência traz toda a história do indivíduo suas conquistas, sabedoria e conhecimento adquirido por ela, e que permanece com ela. Essa consciência antecede o nascimento corporal e transcende no, pós vida como relata Stevenson e Trucker. Observemos que depois da vida há vida, portanto, um saber adquirido que é ampliado a cada nova etapa de transcendência deste indivíduo.

Paulo Freire como na citação acima deixa claro que crescer e saber se interagem, se misturam, se agregam e caminham juntos por assim dizer, então crescer e saber tem tudo a ver.

A dialética pedagógica, com base nos estudos platônicos nos levam a comprovação da reminiscência, que em síntese quer dizer que aprender é recordar. Para Platão o mundo definitivo ou mundo real é o da razão, ou o composto por ideias, em A República ele demostra essa essência do mundo real que é inacessível ao corpo, é imutável e, de fato, verdadeiro.

Insta ao educador que faça um esforço para destribificar nosso olhar sobre as áreas do saber humano, a História precisa dialogar com a Antropologia e essa com a Psicanálise, e com a

Filosofia, e com Psiquiatria, e com a Neurociência, e com Psicologia, e com a Pedagogia e destarte criar liames que tentem explicar o que envolve este ser humano e suas nuances, está estofa pode ampliar o ensejo para agregar ainda mais está discussão que atravessa esses longos séculos.

Cabe ao docente sequioso de saber disseminar por onde passe, que ele faça refulgir a educação e resgatar o fastígio e a importância da escola para seus discentes, a sabedoria como vimos temos inata em nós e nos cabe crescer ela nas práxis educacionais, assim como o fez nosso patrono da educação brasileira recordando as palavras de Martin Luther King Junior quando fala que:

> "Todos podem ser grandes. Porque qualquer pessoa pode servir. Não precisamos ter um diploma universitário para servir. Não temos de fazer concordância entre o sujeito e o verbo para servir. Não precisamos saber sobre Platão e Aristóteles para servir. Não precisamos entender a teoria da relatividade de Einstein para servir. Não precisamos conhecer a segunda lei da termodinâmica na física para servir. Precisamos apenas de um coração cheio de graça. Uma alma engendrada pelo amor"

SÍNTESE DO MÊS

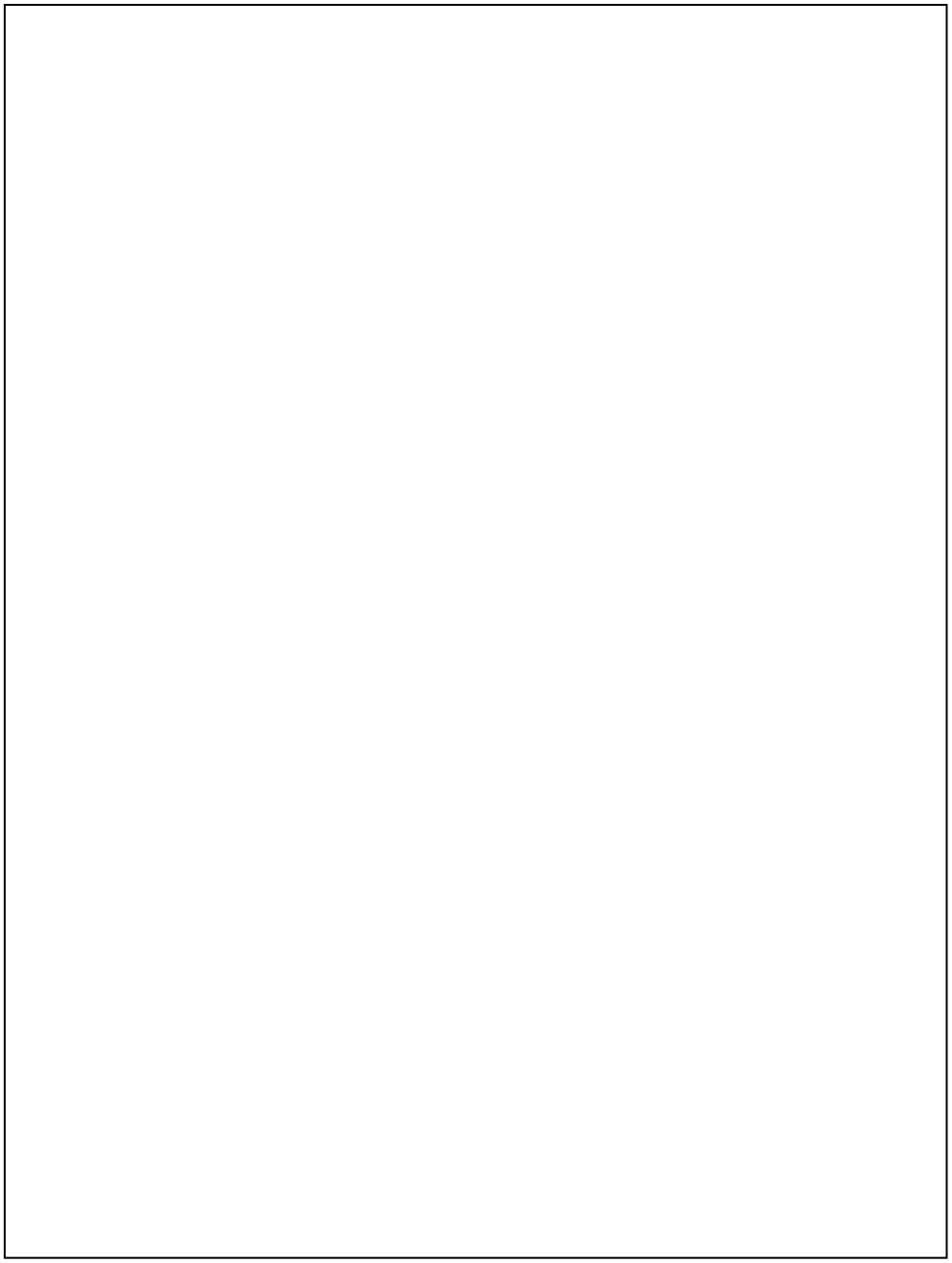
UMA PALAVRA

UMA FRASE

UM PARÁGRAFO

IMAGEM PEDAGÓGICA

(Desenhe uma imagem que simbolize as aprendizagens acumuladas das leituras deste mês para você dialogar com seus companheiros/as de caminhada).



OUTUBRO

Cartas a Cristina

Palavra

Memórias

Frase

Os textos autobiográficos freirianos se constituem numa verdadeira pedagogia da memória.

Parágrafo

A primeira parte desse livro é um conjunto de textos autobiográficos e reflexivos de Freire, constituindo-se como um tesouro desvelado pelo Patrono da Educação do Brasil, falando da vida, das coisas, das pessoas, das experiências, de tudo que julgava importante em sua trajetória.
A segunda parte são tema diversos que se inter-relacionam, desde a busca e realização humana do ser mais, a relação democrática entre educandos e educadores, a superação da opressão e a realização do sonho da libertação.

01 de outubro
Jaqueline Balthazar Silva

> [...O Brasil de muito longe, lugar de há muito tempo [...] não se põe para o leitor como uma estepe longínqua, envolta de neblina, percorrida apenas pelos voos da vontade dos anciãos...]

Ao prefaciar a obra *Cartas a Cristina*, Adriano Nogueira nos brinda com uma ode à memória, celebrada por Freire como a personagem mitológica que foi escolhida para perpetuar as lembranças das vitórias e do Olimpo com cantos que deveriam ecoar para todo o sempre. E assim foi feito "no leito de *Mnemosyne*, foram concebidas as Musas, aquelas cuja fala preside o Pensamento em todas as suas formas" (1994, NOGUEIRA).

O autor destaca que a marca fundamental de Freire é a percepção do humano em toda sua complexidade. Para Nogueira Freire incorpora a Sabedoria, musa nascida de *Mnemosyne*. As cartas de Freire são um resgate e ao mesmo tempo uma volta a um tempo que passou e, ao voltar busca um distanciamento para encontras as motivações e dos fatos pelos quais ele se envolveu com a realidade social das quais participou.

Escrever sobre o passado, com responsabilidade, é escrever a História, conta-la de uma comprometida com a verdade dos fatos e, ao contar, é ter consciência de que também estará modificando o futuro, pois, e, de algum modo, não se pode negar a intervenção do momento presente. Por isso, trata-se de uma atividade bastante importante, séria e uma grande responsabilidade. Ter ciência de que o que ficará escrito será História e que a História está sendo escrita no aqui e no agora é de uma profundidade tamanha que nos faz pensar no quão importante são as nossas escolhas na vida. Aqui falo não tão somente das nossas escolhas pessoais como se vamos casar, ter filhos, se queremos estudar, trabalhar. Não, aqui falo das escolhas ideológicas, religiosas, políticas que faremos e que determinarão quem fomos e o que fizemos pelo nosso país e pela sociedade, especialmente o que fizemos pelos menos favorecidos e excluídos dessa sociedade individualista.

Por isso, as escolhas de hoje trarão consequências para o Brasil dos nossos netos, bisnetos e precisamos ter muito claro os erros do passado para não os cometer novamente.

Freire tem uma percepção acertada de que estamos o tempo todo transformando a história. Por isso sempre buscou ensinar para além da educação bancária. Conhecer a nossa realidade e identificar o nosso lugar no mundo é um ato de emancipação e de libertação. Olhar para a história dos nossos antepassados e compreender as origens da opressão é ressignificar o nosso futuro para que os nossos descendentes não perpetuem a mesma opressão. Mais que isso. Freire pede que avancemos, porque sempre se corre o risco de que o oprimido de ontem se torne o opressor de amanhã – e isso foi um ponto no pensamento freireano em que a dialética foi fundamental. É preciso ultrapassar as barreiras da mágoa e do ressentimento para ressignificar o futuro. É preciso traçar outros horizontes, longe da vingança.

Nogueira nos apresenta o Freire Educador que vê o humano como aquele que veio para ser sempre mais. Reforça o entendimento de que ler o mundo é anterior ao ler as palavras. Desse modo, o ler o mundo nos prepara para digerir as palavras dentro do nosso contexto e, desse modo cabe a nós decidir se vamos engolir aquilo que tentam nos fazer "descer goela à baixo" ou se vamos digerir e transformar aquilo que precisa ser transformado para que façamos aqui e agora o nosso momento de eternidade. Não precisamos esperar a morte para disfrutar das coisas boas da vida. Isso também nos foi imposto para que aceitássemos resignados que "Deus" quis assim. Não, não é assim nem nunca será. Temos uma escolha.

Desse modo, voltamos ao tema da memória e a Freire, ler deve ser um ato simbólico e participativo. Nossa leitura não pode ser uma leitura mecânica e meramente alfabética. Não é só juntar letrinhas e palavras. Mais do que interpretar é compreender a lógica por traz do texto, suas ideologias, suas intenções. Não existe texto sem intenção. Desse modo, ler é perceber as escolhas das palavras – palavra é poder. Palavra tem força. A palavra pode matar e pode salvar. Há uma infinidade de termos que ouvimos todos os dias e que, se parássemos para pensar, evitaríamos. Isso é o reflexo de leituras descompromissadas e desvinculadas, sem empatia.

Como diz o autor: "a leitura 'freireana' da realidade é geográfica, é política, é estética, é ortopédica, é psicossociológica, é filosófica e é afetiva".

O que Paulo Freire ensina, segundo Nogueira, é partejar a realidade por meio da apreensão das leituras de mundo. E, nossa leitura do mundo hoje é uma leitura que anseia por transformação. As pessoas estão deixando de olhar para a História e estão se deixando levar pelas leituras superficiais do mundo. Estamos presos num mundo em que as opções de informações são comprometidas com um projeto que não está voltado para os pobres. Tentam nos descer goela a baixo um projeto de um ente invisível e impessoal chamado mercado. Um ente que determina o que é democracia por meio de servos subservientes que não têm compromisso com o social, com os direitos humanos e com os mais vulneráveis e excluídos. Querem implantar um projeto de Escola sem Partido que nada mais é que uma escola sem pensamento crítico. E aqui está um dos nossos mais importantes compromissos como educadores, não podemos admitir tamanho retrocesso e desrespeito.

Esse trecho do prefácio nos pareceu muito importante e vem num momento muito oportuno para acordar e chamar a todos para juntos criarmos um projeto de emancipação e libertário que seja bom para os que mais precisam de educação, saúde e de garantias de seus direitos de cidadania. Vamos elevar o nosso canto de amor à Sabedoria e cantar as belezas do saber crítico e do saber construído pela crítica aos modelos de sociedade e de educação para o bem comum.

O texto nos faz refletir sobre a educação que queremos para nossas crianças. Uma educação totalmente apática e apagada da realidade e da história, uma educação manipulada por aqueles que querem que nossos filhos sejam os servos dos filhos deles?

Que sociedade nós vamos ter daqui há vinte, trinta, cinquenta anos?

02 de outubro
Edwilson da Silva Andrade

> "Escribir, para mí, es tanto un placer profundamente experimentado como un deber irrecusable, una tarea política que es preciso cumplir" (FREIRE, 1996, p. 17).

Para compreendermos melhor o trecho em destaque, é preciso entender o período histórico em que foi escrita essa literatura tão preciosa. Nessa época, Paulo Freire encontrava-se exilado por causa dos seus pensamentos, posicionamentos e metodologia. Exilaram seu corpo. Mas, não o seu pensamento. Tentaram silenciar a sua voz. Porém, não conseguiram apagar a sua escrita. Pois, não deixou de produzir um dia sequer. E isso pode ser percebido na introdução da sua obra "Cartas a Cristina – Reflexões sobre minha vida e minha práxis", na qual ele fala de forma brilhante, poética, mas também conscientizadora, do seu e porque não dizermos do nosso compromisso e dever enquanto educadores.

Dessa forma, as primeiras palavras de Freire ainda na introdução, nos leva a refletir que nós, educadores, devemos ter bem definidos os nossos compromissos sociais com muita objetividade, pois implantar ações que realmente façam com que as desigualdades sejam discutidas e não dissimuladas significa assumir um ato de comprometimento com a sociedade.

Nesse sentido é que a experiência de Freire, expressa nas primeiras palavras da obra analisada, a qual ele afirma que ler o que acabou de escrever, permite escrever melhor. Que ler e reler é um procedimento que para ele era normal. Pois, o tempo de escrever é o tempo de ler e reler. Revela-nos muito mais que procedimentos. Exterioriza que quanto mais conscientes nos tornamos de nós mesmos, do outro e do mundo, mais condições teremos para fazer escolhas éticas e assumirmos posições de autoridade. Por este motivo, ele declara que: "Una exigencia ética fundamental ante la cual siempre debo estar atento es la que me impone el conocimiento de mis próprios límites." (FREIRE, 1996, p. 18)

Esse olhar profundo, crítico, essencial, ajuda-nos a perceber que o ato de escrever é uma tarefa política que impõe compromissos éticos que devem ser não apenas assumidos, mas, principalmente, cumpridos. Sendo assim, perceberemos em Freire que do que adianta falarmos de uma educação antirracista, quando na verdade temos atitudes preconceituosas que demonstram o contrário. Como defendermos e lutarmos contra as desigualdades, se em um dado momento não reconhecemos um determinado grupo como sujeitos humanos e com os mesmos direitos que os nossos.

Diante desse cenário, é que podemos reconhecer que de nada adianta discursos lindos, brilhantes, competentes se na prática estamos cada vez mais distante dessa realidade. Visto que, os discursos não condizem na prática com a transformação de que precisamos. Portanto, como sujeitos históricos que somos, devemos não apenas escrever a história expressando nossa opinião, ideais, sonhos. Entretanto, devemos lembrar que enquanto escrevemos a história seja no campo político, social, pedagógico, cultural, temos também o compromisso de ler e reler esse cenário, para que os nossos discursos, opiniões e escrita não estejam distantes da nossa prática.

Ao analisar a introdução de Freire, percebemos através das memórias e reflexões do autor, que a chave do conhecimento encontra-se na experiência pessoal. Mas, também no diálogo, na participação, na cooperação e no compromisso que temos como sujeitos históricos que constrói a história. E, construímos a história é contrapondo as ideologias que persistem em escravizar o que deveria ser cada vez mais humanizado.

É assim que Freire vai finalizando a introdução desta obra, demonstrando que através dessa publicação ele cumpri a sua promessa de escrever cartas para sua sobrinha Cristina, que até então, só conhecia a pessoa do tio, através do testemunho de seus pais e familiares. Deste modo, o autor relembra com saudades de sua infância, do tempo do exílio, das experiências profissionais, das diferentes visões políticas, entre tantos outros assuntos.

Entretanto, é possível identificar através da sua escrita a importância de ler o mundo, mas também de poder escrever, não apenas reiterando o que já foi escrito, o que já se condensou na história, porém, permitindo que o tempo de escrever seja também o tempo de ler e reler o mundo, de modo a contribuir para interferir ou participar da história que está para ser escrita.

Se desejamos conhecer o cenário político, social, pedagógico, na qual estamos inscritos, a leitura, o estudo e a reflexão devem torna-se prioridades em nosso dia a dia. Elas devem ser a dieta alimentar própria para alcançarmos esses propósitos.

Deste modo, quero incumbir a você leitor ou leitora, a tarefa de analisar essas breves mas saborosas palavras introdutórias de Freire, as quais são tão atuais quanto da época em que escreveu. Fazendo um convite à reflexão sobre sua experiência de vida e práticas educacionais. Pois, quando passamos a compreender esse grande educador, logo fica claro que a observação, a investigação e a aplicação, correspondem como o ponto inicial para alimentarmos a nossa prática político-pedagógica dentro e fora do espaço escolar.

03 de outubro
Ana Clésia Pereira Santiago da Rocha

Escrever impressões de uma experiência tão significativa como a de uma pessoa que foi exilada é uma tarefa difícil, não é possível não se emocionar com os relatos de Paulo Feire. Um tesouro que para muitos pode passar despercebido em *Primeiras palavras* se dá quando ele comenta da malvadez que fizeram quando recebeu uma carta de sua mãe magoada por não receber notícias suas.

Como ela poderia imaginar que as cartas que Paulo Freire enviava estavam sendo interceptadas? Fiquei aqui imaginando a cena de uma mãe preocupada, sem notícias de seu filho em terras distantes. A dor da ausência, a falta do abraço, da conversa e das visitas dele. Dói só de pensar como ela sofreu com o distanciamento e a falta que aquelas cartas faziam. Como um sistema conseguiu deixar tantas vidas sem a liberdade de viver ou conviver com seus familiares por ideologias de exclamação, do medo e do terror de algo que nem mesmo sabiam explicar?

A solução encontrada por Paulo Freire para amenizar a saudade de sua mãe foi pedir que seus amigos de outros países o auxiliasse no processo dessa troca de correspondências. Ele enviava suas cartas para os seus amigos na África, nos Estados Unidos, no Canadá e na Alemanha e eles faziam essa mediação e enviavam as cartas para sua mãe. Ela quando voltou a receber manifestou felicidade ao filho como ele destaca nos eu texto.

Pensando nos dias de hoje fazemos tudo em segundos pelas redes sociais, whats app, e-mail e nem cogitamos escrever uma carta à mão e enviar para alguém, pois a nossa pressa pelo agora, pelo imediatismo não aguentaria o prazo de entrega da carta e o prazo da espera pela resposta daquilo que enviamos.

Paulo Freire é um exemplo de resiliência de seu tempo diante da perseguição dos seus direitos civis, manter a serenidade de acalentar os que amavam cuidar mesmo que por meio de cartas, trazia palavras de paz, amor e esperança. Apesar dele mesmo conviver com o caos de não poder retornar ao seu país por acusações políticas nos mostra uma capacidade e força como exemplo para cada um de nós diante de qualquer circunstância que se coloque como abismo sobre as nossas vidas.

Quando a repressão no Brasil se intensificou foi necessária também uma diminuição das cartas. Isso ocorreu segundo Freire quando inaugurou no Brasil o AI-5. Momento que o autor descreveu que apenas sua mãe e familiares escreviam para ele. Pessoas sentiam medo até mesmo de visitar Freire em Genebra, por medo de ter que dar depoimentos quando retornassem ao Brasil.

O medo foi instrumento importante durante esse contexto, segundo Freire o medo passou a habitar os corpos das pessoas ao ponto de controla-las. Quando se instala o medo da tortura, o medo da violência, os choques ou o medo da prisão o comportamento social se alterava não pelo respeito às autoridades, mas simplesmente pelo medo da punição.

Apesar dos muitos que tiveram medo de ir até Paulo Freire ele relata que teve alguns que se arriscando compartilhavam de suas posições políticas e se solidarizavam do seu momento de exílio. Freire não cita nomes em *Primeiras Palavras* sobre essas pessoas que o visitaram nos tempos obscuros, mas relembra delas como conforto e consolo em um momento tão difícil de sua vida.

Além da ausência e do sentimento de saudade da família, Paulo Freire nos conta na sua experiência no exílio sobre um jovem casal que estava em Genebra a caminho de Paris. Um jovem médico e sua esposa envolvida com movimentos clandestinos.

Conta que sentiu a necessidade de dar voz aquela mulher, contar do seu padecimento, da sua humilhação, da negação do seu ser, da destruição psíquica em que se encontrava. Ao relatar que a mesma durante três horas descrevia a dor da tortura que por diferentes formas a fizeram sofrer.

O mesmo relata que ouvia a dor dela como companheiros de luta escutam os seus, afinal a propaganda era outra no Brasil, muitos acreditavam que presos eram tratados com respeito, quando na realidade estava sendo duramente torturados e mortos. Um momento que me fez refletir sobre esse período tão vergonhoso ao ler o relato de Paulo Freire se destaca no trecho a seguir:

> De repente, chorou discretamente. Refez-se um pouco então a afirmação fundamental: "Um dia Paulo", disse ela, mansa e descontraída, apesar da tensão que deve ter envolvido a experiência de que ela começava a falar, "eu já estava em posição regular para o início da sessão do pau-de-arara. Falei e disse calma: estou pensando agora em como Deus vê vocês neste momento. Armados, monstruosos, robustos, prontos para continuar a destruição do meu corpo frágil, pequeno e indefeso".

Essa colocação feita por essa mulher que aos nossos olhos caracteriza coragem e ao mesmo tempo desespero a auxiliou em não sofrer um dia a mais de tortura. O que fez aqueles homens retrocederem no pau-de-arara naquele dia não foi movido por humanidade, compadecimento, compaixão ou empatia.

Aqueles homens retrocederam naquele dia por medo como a própria mulher relata: o que moveu aqueles homens naquele momento foi o medo do inferno e da punição. Algo que Freire destaca que chamou muito sua atenção. Mas apesar de tudo que sofreram o jovem casal foi lembrado por Freire pela esperança, por não caírem na armadilha de esperar o martelo ser julgado com o veredito da maldade determinista. Sim a maldade existe, eles a viveram na própria pele. Mas não se conformavam com a maldade, a crueldade, o sistema que oprime.

Antes do grito pelo desespero da história pessimista, a boniteza do sonho de reviver apesar dos dias que nos maltratam, a luta pela integridade de cada sujeito social com direitos e voz no mundo em que atuamos. Gostaríamos de pensar num mundo que existe naqueles quadros românticos de paisagens com águas cristalinas, pessoas felizes, animais e vivendo em harmonia. Mas antes de criarmos uma utopia sem senso crítico, podemos acreditar que apesar dos tempos de retrocessos que vivemos cabe a cada um de nós mantermos a chama viva e a lembrança de que tudo que aprendemos foi real para não se repetir.

Lutarmos por uma sociedade que prese a diversidade, lutar contra o preconceito contra mulheres, negros, indígenas, trabalhadores rurais, imigrantes entre outros. Lutar apesar de tudo com esperança é o convite que essa experiência nos ensina.

04 de outubro
Isabela Munis de Oliveira

Paulo Freire relata em "Cartas a Cristina", sua autobiografia por meio de cartas de correspondência a sobrinha Cristina. No trecho destacado é visto que Paulo Freire em sua ampla jornada pela educação, sofreu diversas opressões, suas ideias incomodavam, ideias essas que o fizerem ser exilado do Brasil, em uma época que pensar criticamente, seria uma ameaça ao governo. As grandes contribuições advindas de vastas experiências, fizeram surgir um homem ainda mais crítico, capaz de mover multidões, como faz até hoje com seus ensinamentos.

As perguntas de Cristina chegavam sempre, o que fez Freire se indagar sobre a forma de narrar todas as situações que vivera, para uma adolescente. Contou delicadamente, diversas vivências, como se sentiu durante o exílio, contou-lhe do seu trabalho no Conselho de Igrejas do mundo, algumas de suas viagens. Em uma narrativa marcante, disse que o medo movimenta o homem, perceberam que a maldade realmente existia, de forma desagradável e muito dolorosa, descobriram-se atos cruéis.

Cristina sempre muito curiosa, aumentavam suas perguntas conforme o tempo ia passando. Então, em um determinado dia, chegou a carta com a pergunta que fez Freire refletir sobre sua vida toda, a sobrinha gostaria que escrevesse a trajetória percorrida para que se tornasse um grande educador. Com essa pergunta, surgiu a ideia de, em um futuro, juntar todas as cartas e publicá-las em formas de livro. E assim procedeu, começou a juntar observações, documentos, dados, conversou com amigos sobre seu projeto, o livro tomou forma em muitos lugares e por meio de muitas conversas, Nova York, Genebra, Paris, foram berço dessa revolução. Deixou claro que os relatos do livro, não poderiam se desprender da infância e da juventude, pois eram constituintes do todo, do homem íntegro que se tornou.

05 de outubro
Liana Cristia Giachini

> "Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão." (Paulo Freire)

Ao sentar-me à mesa, desafiada a escrever sobre aquele que embalou meus sonhos e versos de educadora desde os primeiros passos, sinto gratidão, ao mesmo tempo em que me perco na dualidade paradoxal entre a esperança e o desespero. Gratidão porque sei que Paulo Freire já ecoava em meu ser desde os primeiros gritos inflamados da adolescente que aprendeu a ver um mundo outro pelo olhar de seus professores tocados pelas palavras e saberes do educador pernambucano, palavras que mais tarde chegariam pelas leituras do magistério e da graduação e que continuam a ressoar em meus dizeres, em minha prática e em meu ser. Desespero por perceber que novamente o querem exilar.

Minha entrada nas "Cartas à Suzana" se deu numa tarde chuvosa, daquelas que custam a passar, desafiando os olhos a permanecerem abertos. Sobre as páginas que me cabem desse texto, posso dizer que as li migrando de posição-sujeito, deslocando-me entre os olhos do educador e os olhos da adolescente militante e que, por vezes, imaginei-me deitada em um colchão macio, com a cabeça apoiada nas mãos, ouvindo um causo. Amo as palavras (acho que sempre amei), e algumas delas pareciam saltar-me aos olhos no momento da leitura, como se estivessem circuladas ou destacadas por algum daqueles marcadores de texto coloridos que andam tanto na moda, o que me levou a circulá-las, reescrevê-las, rabiscar o texto com minhas notas, para que pudesse juntá-las e, então, desnudar minhas impressões. Foi essa leitura que me conduziu à escrita do texto que vos apresento, a partir das palavras que escolhi – ou que me escolheram...

Há uma palavra em especial que me chama bastante atenção na escrita de Paulo Freire – a palavra BONITEZA. [25]É uma palavra simples, assim como a vida e a escrita do autor em questão. Nas "Cartas à Cristina", Freire nos encanta com a BONITEZA de uma construção sintática simples, de leitura acessível e, principalmente, impregnada de sentidos. BONITEZA com a qual narra alguns acontecimentos e reflete sobre sua constituição como sujeito educador, sujeito esse que sustenta sua prática na BONITEZA de outra palavra: o verbo ACREDITAR – que, no texto, surge logo nas primeiras linhas da página 29, mas que atravessa toda a vida e a obra do educador Paulo Freire.

ACREDITAR quando tudo parece ser exílio, acreditar mesmo quando havia – ou há? - tortura nos olhos e nos atos de homens que em muitos momentos não davam – ou não dão? - SINAL DE SER GENTE. Tempos difíceis eram esses, tempos de um passado tão distante que insiste em voltar a nos assombrar quando novamente querem exilar Paulo Freire, banindo suas palavras, minimizando sua importância, negando seu legado. Tempos que nos desafiam também a acreditar. Tempos de MEDO, INDIZÍVEL SOFRIMENTO e MALVADEZ, mas também tempos de resistência e de luta, porque Freire sabia que, assim como nos apresenta o francês Michel Pêcheux (1975, p.304) "não há dominação sem resistência [...], é preciso 'ousar se revoltar'".

A luta de Paulo Freire não era/ é a luta armada, mas a luta da - e pela – palavra. Foi assim que ele aceitou a proposição de diálogo da adolescente Cristina, a partir da qual sonhou a feitura de um livro repleto de lembranças, reflexões e referências... memórias de tempos idos que constituíram sua prática e agora passam a embalar um novo projeto, sobre o qual conversava longamente com os amigos acerca de experiências que dividira com outras tantas GENTES e que, por isso, já não lhe eram exclusivas. Narrativas carregadas de PORMENORES incorporados pelas novas experiências e agora (re)significados, afetados por novas condições de produção do dizer, mas se constituindo como LEMBRANÇAS INCONTESTÁVEIS.

Por isso, segundo o autor, a obra que se origina das "Cartas à Cristina" se mistura à ficção, mas navega pela AUTOBIOGRAFIA, mesclando lugares da infância e lugares de exílio, sem provocar a RUPTURA ENTRE O HOMEM DE HOJE E O MENINO DE ONTEM, viajando na saudade, mas temendo produzir um efeito de nostalgia. É um livro em que se busca MEMORIAR as experiências vividas, trabalhando a relação constitutiva entre as experiências pessoais e a conjuntura sócio-histórica na qual se constrói a prática do educador.

Pensar nas "Cartas à Cristina" hoje, promovendo um deslocamento temporal em relação aos fatos narrados, produz um efeito de sentido atravessado por essa memória do exílio e, por vezes, leva a uma grande inquietação: depois de tanto tempo, o velho ressurge -tal qual na balada

[25] Optei por grafar com letra maiúscula as palavras retiradas do texto que conduziram este gesto de leitura.

de Brecht[26] – "travestido em novas vestes", mas trazendo consigo um discurso em que ressoam as memórias de uma dominação pela força, que bate novamente a nossas portas, expulsando o que é diverso e tentando produzir um apagamento da BONITEZA das gentes, tão amada por Paulo Freire. Retomo Pêcheux (1975) novamente, para dizer que resistimos, e a resistência também pode ser tecida com palavras. Resistimos nas/pelas palavras de Freire. Nas "Cartas à Cristina", assim como em toda a obra de Paulo Freire, é possível compreender que só nos constituímos em processo de diálogo com o outro, mas é essa incompletude que nos é característica que contraditoriamente nos mostra em nossa inteireza.

06 de outubro
Erivaldo Silva

Considerado um dos maiores pensadores da educação do Brasil, Paulo Freire, até hoje, tem muito a nos ensinar; por isso este ensaio quer contribuir para a difusão de seu pensamento. O objetivo deste escrito são dois: 1) delinear o quadro enunciativo em que se situa o texto em pauta, levando em conta não apenas a situação social mais imediata, mas também o meio social mais amplo em que se situava Paulo Freire; e 2) Refletir sobre a entoação das palavras de Freire e a sua orientação social, quando ele trata do tema da fome a partir de duas posições distintas: em sua infância, quando enfrentou, isolado, o problema e , na fase adulta, já político e educador, profundo conhecedor da mazela da fome e combatente de toda submissão social. Para tanto, recorro a Bakhtin-Voloshinov (1979) em seu capítulo "A interação verbal".

Quanto ao primeiro dos objetivo, temos que a temática da "fome", tocada por Freire, na 1ª carta a sobrinha, Cristina, se insere no quadro particular da personagem- onisciente, sendo reveladas as cenas de dificuldades enfrentadas por toda a família, o que possibilita o autor-personagem exercer uma atividade enunciativa de caráter objetivo pela distância tomada dessas cenas. Isso lhe possibilita inclusive relacionar a sua condição social de ontem com a sua condição de hoje. Seu "esforço reflexivo" liga o ontem ao hoje, perpassando sua história escolar, familiar e com amigos; o menino se transforma em homem de "atividade educativa, portanto, política" sempre por uma existência não isolada do contexto maior. Fortalecendo em si, desde cedo, a esperança, que caminha ao lado do embate político, certifica-se de que havia algo de errado no mundo e que deveria mudar.

Assim, afasta as possibilidades de um certo "fatalismo" ou a de "expressão da vontade de Deus". A dramaticidade social, revivida no ato enunciativo de Freire, atinge não só o seu *locus* familiar mas também toda uma sociedade "dependente", como avaliada por ele mesmo. Tal qual a enunciação presume o "outro", a dura realidade narrada pelo autor do texto confunde-se com a experiência social de muita gente. Por outro lado, a sociedade, dita "de classes", mesmo "violenta", não teria conseguido fazê-lo um menino em desespero nem distante das relações de amor, exercício sempre presente na atividade de seus pais por toda a família; o que lhe fortaleceu a enfrentar seu "real problema": a fome.

Na tentativa de cumprir com o segundo objetivo, percebemos que, na infância de Freire, costumeiro era mesmo o isolamento, resultado de todo o cenário precário em que sua família e a

[26] Referência ao Poema de Bertold Brecht "Parada do Velho Novo" in: Poemas 1913-1956.

de seus colegas se encontravam. Isso nos remete ao segundo dos objetivos. Contudo, mais adiante em sua vida, tal isolamento será prenúncio de profícuas indagações e reflexões. À época da fase escolar, não conseguia refletir sobre as atividades propostas, os "exercícios" de casa. Diante de sua precária condição, chegava a enxergar as palavras "como se fossem pedaços de pão". Parecendo estar "narcotizado", a fome lhe fazia dormir, debruçado sobre a mesa que estudara. Era complicado, diante disso, entender um texto, ainda mais tida essa compreensão, à época, igual a capacidade de decorar.

Tanto nas rememorações de sua infância quanto nas reflexões de sua atividade política atual, Freire expõe a temática da fome de maneira analítica, reveladora e provocante. No primeiro caso, falando em primeira pessoa sobre essa experiência avassaladora (a fome), desenha um quadro enumerativo e até exaustivo (no sentido de que nos desloca à época e nos incomoda sentimentalmente, nos agonia e até nos revolta) que vai da bravura dessa mazela social (fome rigorosa e agressiva), passando por sua deselegância comportamental (chega sem pedir licença, se instala e se acomoda) até suas marcas encarnadas no corpo (vai afinando as pernas, os braços, os dedos e escavando as órbitas em que os olhos quase se perdem).

Dessa forma, restava-lhe tomar consciência da fome "acompanhada de deprecação, de raiva, de lamento ou de indignação" (BAKHTIN-VOLOSHINOV, 1979, p. 100), mas conforme dito anteriormente, Freire se propõe a mudar o mundo, ou melhor, a contribuir para a mudança das pessoas, a partir da indignação da fome. Mesmo sendo criança, a sua tomada de consciência a esse respeito já indicava "uma expressão ideológica" (BAKHTIN-VOLOSHINOV, 1979, p.100). Olhando para frente, para o futuro e já considerando uma possível troca de experiências com seus semelhantes, o menino já olhando para o homem que seria, não se deixa prender às amarras da fome e entende que seu mundo interior e sua reflexão "têm um *auditório social* próprio" (BAKHTIN-VOLOSHINOV, grifos do autor, p. 98). Também podemos dizer que esse contexto social da infância determinava "quais seriam os ouvintes possíveis, amigos ou inimigos para os quais seriam orientadas a consciência e a sensação da fome" (BAKHTIN-VOLOSHINOV, p. 98.

É o que vemos na passagem da Carta em que Freire, ocupando o cargo de diretor de uma divisão de educação, sofre diante da condição de tantas outras crianças famélicas: "revia-me no perfil raquítico, nos olhos grandes e às vezes tristes, nos braços alongados, nas pernas finas de muitos deles" (FREIRE, p.40) ou nessa outra passagem "ao olhá-los, ao conversar com eles e com elas, recordava o que também para mim representava estudar com fome. Lembrava-me do tempo que gastava dizendo e redizendo, olhos fechados, caderno nas mãos: Inglaterra, capital Londres, França, capital Paris. Inglaterra, capital Londres. 'Repete, repete que tu aprendes', era a sugestão mais ou menos generalizada no meu tempo de menino. Como aprender, porém, se a única geografia possível era a geografia de minha fome?" (FREIRE, p. 42). Aqui temos sua experiência revivida na/pela experiência do outro. Há um deslocamento do "eu" para um "tu" que tem muito mais do "eu" do que se poderia imaginar. Assim, Freire realiza um ato enunciativo, que envolve ele mesmo e os meninos (alunos de então), que constituem o "representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor" (FREIRE, p. 98).

Por isso, Freire, consciente de sua postura política e educadora, faz uso de suas rememorações não simplesmente por uma questão de lembranças, mas, mais do que isso, usa de sua palavra interior para continuar fora de sua condição-primeira (a que lhe queria prender às circunstâncias de seu tempo) e para conscientizar tantos quantos queiram da capacidade modificadora

que cada um tem no seio social. Faz uso da interação verbal como "realidade fundamental da língua" (FREIRE, p. 109) para modificar o seu entorno.

07 de outubro
Antonia Angelina Basanella Utzig

A Epígrafe da Segunda Carta a Cristina " O piano em nossa casa era como a gravata no pescoço de meu pai. Nem a casa se desfez do piano nem meu pai da gravata, apesar das dificuldades" (p. 39), traz uma abordagem do não desapego, da resiliência, da persistência e da aparência, tudo isso inserido na frase, quando diz que nem a casa se desfez do piano nem o pai se desfez da gravata. Isso nos mostra que muitas vezes as pessoas por mais dificuldades que se encontram, não conseguem se desapegar de um padrão de vida, e com isso sofrem muito. A angústia é imensa para se manter ou para conseguir retornar ao padrão ora perdido, e tem objetos em seu dia a dia como simbologia dos tempos de prosperidades.

Analisando o contexto da carta também vemos que, não é porque a pessoa está desprovida de uma condição financeira boa que precise ser desleixada e não apreciar uma boa música clássica. Sabemos que a Cultura está em todas as classes sociais e por isso o piano da família nesse contexto acaba se tornando um referencial cultural, nutrindo assim uma perspectiva de reverter a questão social e financeira familiar.

A solidariedade encontrada no texto se transforma num momento acidentalmente ocorrido no mundo não sonhado e não aceito pelo protagonista. Mesmo nesse momento de dificuldade, a família não perdia o deleite artístico e o apreço pela moda, pois se abrissem mão desses elementos é como se estivessem perdendo a suposta solidariedade dos membros da mesma classe social.

Em um momento da carta o protagonista chama atenção para a discriminação das classes sociais, quando nos fala da anestesia histórica, e faz um parêntese mostrando que a luta política social é uma maneira de enfrentar as questões preconceituosas existentes na sociedade.

Um trecho da carta nos remete a seguinte reflexão... "fazer o certo ou saciar a sua necessidade". Por mais pequena que seja a ação incerta, com certeza trará uma repercussão violenta em nossa vida. Os princípios apresentados pela sociedade, vemos que são preceitos, leis ou pressupostos considerados universais que definem as regras pela qual uma sociedade civilizada deve se orientar. Em qualquer lugar do mundo, princípios são incontestáveis. A base dos nossos princípios é construída no seio da família e, em muitos casos, infelizmente, eles se perdem no meio do caminho.

No âmbito filosófico, as discussões da carta apontam para valores que o indivíduo adota de acordo com o que diz sua consciência, no entanto, cada indivíduo terá seus princípios que estarão de acordo com a educação e a experiência de vida de cada um, sendo que o mesmo será ativado cada vez que a consciência humana exigir.

O educador também reconhece que essa maneira abnegada de manter bens simbólicos referencias da classe social, tem a conotação de um efeito psicológico e um efeito moral. Sua família não poderia perder a solidariedade de classe, deixando de compartilhar seus valores, pois o sentimento de pertencimento era psicologicamente importante para lutar contra a crise financeira. A importância que Paulo Freire atribui ao pertencimento de classe iluminado pela lem-

brança da fome na infância acentua também sua solidariedade com as classes oprimidas, ao declarar que na visão das elites, aqueles que vencem são aqueles que trabalham duro, sem reclamar e são disciplinados; isto é, aqueles que não criam dificuldades para os seus empregadores, ocultando a classe social desigual que liga empregados e patrões, substituindo-a pelo esforço e valores individuais no trabalho, dentro de uma analogia de submissão.

Por mais que na realidade tenha diminuído no decorrer dos anos, ainda estamos longe de chegar a plena dignidade da vida humana, uma vez que reforçamos a preocupação meramente econômica e desenvolvimentista de pleno emprego.

O sonho de viver com dignidade é o mínimo que todo oprimido quer, mas numa sociedade capitalista onde você é de acordo com suas condições financeiras, fica extremamente complicado viver - apenas sobrevivemos. Essa é a indignação Freireana quanto à barbárie da fome, que se inscreve às demais barbáries.

08 de outubro
Maria Angélica Sousa Costa

Freire e as lembranças das "almas penadas" que lhe faziam uma incômoda companhia na casa que morava com sua família e onde vivera parte de sua infância. Sua casa e seu grande quintal eram seu mundo. Eram os espaços onde o menino Freire desfrutava das sombras das árvores, onde brincava, onde imaginava e onde aprendia. Aprendia com as próprias experiências, imerso em sua realidade.

Quando a noite caía, a única iluminação na grande casa era a das luzes das lamparinas e, na hora de dormir, como companhia, tinha o som das batidas do grande relógio da sala para lhe dar conforto em meio as assombrações de outro mundo que apareciam pontualmente a partir da meia-noite. O pequeno Freire era tomado pelo temor das assombrações, que vinham em forma de sons, sombras que se projetavam, sopros que apagavam as lamparinas e a frequente angústia na espera das almas que podiam lhe puxar as pernas.

Quando as manhãs despontavam, o menino era tomado pela coragem e ia buscar no seu mundo as explicações lógicas para os sons, ventos e todas aqueles mistérios que lhe causavam medo nas noites. Aos poucos, foi encontrando força e impondo limite aos seus medos.

Certo dia, lembra-se com tristeza, o relógio da sala foi vendido. A família estava precisando de dinheiro e a venda do objeto trouxera alívio momentâneo. Depois disso, Freire sentiu-se ainda mais só nas noites assombradas, pois não tinha mais a companhia dos *tic-tacs* que lhe traziam conforto. Seu pai, às vezes, ia vê-lo e perguntava se estava tudo bem e, para mostrar-se forte, Freire sempre dizia que sim.

Diferente de muitos pais, os de Freire sempre foram muito afetuosos com os filhos e entre si. Foi com eles que aprendera o diálogo como melhor ferramenta de comunicação, de demonstração de respeito pelo outro. A mãe era católica e o pai espírita, a tolerância era uma prática diária de afetividade na família.

O garoto assim crescia, desbravando seu quintal, sendo amigo das árvores, dos pássaros, conhecendo seu mundo e, tempos depois, as palavras. Aprendeu a ler com os pais, que escreviam as palavras do seu mundo com gravetos na areia do quintal "à sombra das mangueiras" (p.62).

Chegou o grande dia, o dia de ir à escola. Foi à escola de Eunice, sua primeira professora, já sabendo ler e escrever. Ia aos poucos formando sentenças e se familiarizando com os verbos em seus tempos e modos. Era desafiado pela professora, que instigava sua curiosidade. Sua escola era como uma extensão do seu quintal, em ambos, Freire sentia-se bem. Relata que as duas professoras que o marcaram na sua educação inicial, além de Eunice, foram Áurea e Cecília.

Freire lembra de um episódio da infância, numa noite de forte chuva, com raios e trovões. Seu pai, senhor Adelino – tio-avô da professora Eunice-, Martins, um funcionário da polícia civil, e Zé Paiva, marido de uma de suas tias, estavam jogando cartas em sua casa. As mulheres bordavam e Freire e os irmãos, ao redor da mesa observavam os homens jogar. De repente, Adelino ao perder a jogada, joga as cartas na mesa e grita altos palavrões machistas. Ao perceber o descontrole, pede perdão e sai da casa, deixando o mal-estar. O jogo termina.

Freire relembra ainda que, anos mais tarde, sua avó também havia devolvido um livro, que havia tomado como empréstimo de sua tia, pelo mesmo motivo que Adelino deixou sua casa naquela noite. Esses dois fatos o fizeram refletir acerca das contradições presentes em sua formação, uma vez que, embora tivesse uma formação livre à época, ainda havia muita censura e moralismo. Sexualidade e prazer ainda eram tabus.

E assim, o menino Freire foi apreendendo o mundo dos homens e o mundo das palavras. Degustando suas próprias experiências e construindo sua formação em meio às relações com as pessoas que passaram por sua vida e com aquelas que ficaram contribuindo de alguma forma com seu ser.

09 de outubro
Antonia Angelina Basanella Utzig

"Mais do que qualquer outra coisa me percebia como se estivesse sendo expelido, jogado para fora de minha própria segurança" (p. 57).

Sentir a perda de toda a sua segurança e se sentir excluído do seu mundo, são as lembranças de Freire descrita na Quarta Carta à Cristina onde ele traz à tona, o medo da perda, o medo da mudança, medo do novo.

Mudar para Freire naquela época era como arrancar dele, todos os momentos vividos, arrancar de forma agressiva, pois, ele era apenas uma criança, e teria que deixar para trás uma experiência de vida, deixar uma localidade que transmitia tanto bem-estar.

Foi muito difícil deixar os amigos da escola, justo naquele momento que ele estava tomando gosto pelos estudos, mas a amizade quando sincera perdura mesmo à grandes distâncias. Mas sabe o que foi mais difícil para ele? Foi deixar aquela vontade de dizer para aquele amor de infância o quanto ele a achava linda e o quanto ele gostava dela. Ele perdera oportunidade de expressar seus sentimentos e de elogiar a pessoa querida. Muitas vezes nós perdemos inúmeras oportunidades na vida de demonstrar atenção, carinho, amor e respeito para nossos entes queridos e quando nos deparamos, o tempo já se foi e ficamos somente com o sentimento de culpa, de remorso, de tristeza por não nos permitir viver tal sentimento, tal momento.

Ainda muito novo Paulo Freire sofrera na pele a dor da perda, a perda de seu pai. Também conhecera o sabor do prazer de conviver com amigos e com pessoas solidárias nos momentos difíceis. Assistiu sua mãe assumindo toda responsabilidade familiar com a precoce viuvez, mas,

uma coisa sobressaiu a esse contexto: o sofrimento e as dificuldades que juntos enfrentaram, serviu para o fortalecimento do amor e da união da família.

Paulo Freire nos diz que aprendemos muito com as tristezas, aprende-se com a dor do coração, aquela dor que não queremos e quando nos deparamos já se encontra instalada. Por isso precisamos aprender a viver com isso também.

Por isso ele traz em seus escritos que desde menino, foi aprendendo com o que o mundo onde a gente vive é feito de gente, feito pela gente. Se ele poderia ser melhor, cabe a nós homens e mulheres, ocupantes de um espaço nesse mundo, que podemos e temos por direito de cuidá-lo e transformá-lo.

Paulo Freire, um professor que foi criança, que foi aluno estudioso da vida, dentro e fora da escola em sua infância já pensava que o mundo precisava de mudanças, que existia algo de muito errado e que não podia prosseguir.

As alusões que ele faz dos tempos de criança, a maneira do seu aprendizado, a escrita com gravetos no chão, nos deixa claro que um dos seus primeiros amores da vida foram as letras e as palavras.

A mudança de Recife foi como se arrebatasse os seus melhores momentos. Assistir à retirada dos móveis, um por um, quanta dor, e quantas lembranças estavam sendo obrigadas a deixar para traz. Cada objeto tinha uma recordação; o pilão lembrava o café, os tachos as grandes festas juninas, as inúmeras delícias que foram feitas neles. Um momento bem interessante é o processo de transformação do alimento, do cru para o cozido. Essa reflexão é bem interessante para nosso dia a dia. A transformação tanto pessoal como intelectual é um processo lento e constante. Saber aproveitar com os recursos que temos para retirar o que de melhor tem em tudo, sem esquecer do bom senso e da gentileza e da amorosidade.

Nesse mundo competitivo saber discernir entre o certo e o errado se torna quase impossível, mas com uma boa pitada de sabedoria isso é possível. Temos por obrigação ser melhor em tudo que fazemos, mas não passar por cima de ninguém, pois o sol nasce para todos e a sombra para quem corre atrás. As oportunidades estão aí em nossa frente basta a gente querer, pois Paulo Freire mesmo em seu exílio, em meio a tantas provações, nunca esmoreceu e sempre lutou por uma causa justa, pela dignidade humana, luta pela humanização, pelo trabalho livre e pela desalienação.

As perdas da vida não podem ser mais fortes que a vontade de continuar a viver, que a vontade de lutar por um mundo melhor, por uma vida igualitária.

Às vezes, ou melhor muitas vezes, os acontecimentos, da vida vem com um propósito de aprendizado. E quando aprendemos a ler o mundo em que se vivemos, aos poucos nossos medos vão desaparecendo, pois só temos medo daquilo que não entendemos.

10 de outubro
Edwilson da Silva Andrade

> "Cuántas veces, la sombra de los árboles de la casa en que nací y que dejé para ir vivir en Jaboatão, los escuché hablando, aunque a veces no lo entendiese todo, sobre la necesidad de cambio para el país."

O trecho acima compreende um dos últimos parágrafos da quinta carta a qual integra o

livro "Cartas a Cristina – Reflexões sobre minha vida e minha práxis".

Na carta de hoje, encontraremos alguns elementos importantes para conhecermos a vida do autor. Nessa carta, Paulo Freire inicia contando que seu pai nasceu no Rio Grande do Norte, mas que se mudou para o Recife ainda muito jovem, trazendo consigo apenas o seu certificado de estudo em humanidades e o gosto pela aventura. Semelhantemente, ele termina a carta fazendo referência a mudança que ele e sua família fizeram devido a crise de 29, deixando Recife para ir morar em Jaboatão, onde experimentaram períodos de grandes provações.

Durante a leitura da carta é possível compreender alguns momentos históricos da história do Brasil. Porém, é através da narrativa de sua história, da sua escrita tão característica e cheias de lembranças e emoções, que Paulo Freire descreve o homem que se tornou na sua relação com o outro. Relação essa, que nos primeiros parágrafos da sua carta, demonstra o quanto a figura e convivência com o pai foi de extrema relevância para ele, uma vez que foi com ele que aprendeu o sentido da palavra compreensão e diálogo.

Assim, é possível perceber no trecho em destaque, a tristeza de Freire, ao relembrar desse processo de mudança. Deixando seu lugar de pertencimento e carregando consigo apenas as lembranças dos momentos memoráveis. No entanto, ao recordar das conversas de seu pai à sombra das árvores da casa em que moravam no Recife, sobre a necessidade de mudança em nosso país, parece que Freire se recorda das lições apreendidas e jamais esquecidas. Fico imaginando o quanto as conversas debaixo daquelas árvores interferiram na construção identitária de Paulo Freire.

Por este motivo, a escolha do trecho em destaque acima tem um significado relevante em razão de em outros momentos, Freire ter mencionado: "Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo, não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz." (FREIRE,1988, p. 15.)

Visto que ao mencionar a sombra destas árvores, Freire não fala de quaisquer árvores. Mas, de árvores representativas. Já que foi à sombra destas árvores que ele começou seus primeiros rabiscos no chão. Entretanto, podemos perceber no trecho destacado que não é possível estimar o valor destas árvores, a não ser pelo fato de as mesmas serem testemunhas da sua aprendizagem. Aprendizagem essa que não decorre apenas de um processo de alfabetização, mas, de diálogos constantes, o qual o possibilitou aprender suas primeiras lições sobre política, democracia, liberdade, entre outros, tão presente em suas obras.

"Fue de mi padre de quien escuchamos, por primera vez, críticas a la separación del trabajo manual y el intelectual. También fue en las pláticas informales con él, a la sombra de los árboles que estábamos dejando esa mañana, donde recibí las primeras informaciones sobre la política brasileña de entonces."

Essa observação faz sentido, tendo em vista a memória afetiva de que as árvores assim como ele, foram testemunhas de diálogos marcantes sobre poder, exploração, silenciamento e autoritarismo. Entretanto, enquanto as árvores absorviam dióxido de carbono e liberavam oxigênio, me parece que o ainda menino Paulo Freire, sem se dar conta de que as palavras do seu mundo não cabiam mais em si e dando lugar as palavras do mundo maior dos seus pais, entendeu que a mudança se fazia necessária.

Nesse sentido, as sombras das árvores exteriorizam que quanto mais conscientes nos tornamos, mais condições teremos para fazer escolhas éticas e assumirmos o nosso papel lutando em favor daqueles que ele chamou de "*Oprimido*". Sendo assim, o chão deixou de ser o seu

quadro-negro e o graveto o seu giz. Porém, as experiências vivenciadas por ele nunca deixaram de ser seu suporte de luta.

As sombras destas árvores ainda são um convite válido para os dias de hoje. Então, tente descobrir através da leitura da obra de Paulo Freire o que essas sombras e árvores significam para você. Pois, acredito que para Paulo Freire elas foram sinônimo de militância, esperança, utopia, autonomia, libertação, justiça social, diálogo, por um novo Brasil.

11 de outubro
Edwilson da Silva Andrade

> "Hoy, mirando hacia atrás desde mis setenta y dos años, hacia tan lejos, percibo claramente cómo las cuestiones ligadas al lenguaje, a su comprensión, siempre estuvieron presentes en mí."

Recorrer a história, a nossa própria, e ao que aprendemos com ela é essencial para compreendermos que as nossas experiências fazem parte da curiosa dinâmica na qual a cultura, o cotidiano, os diferentes saberes, a linguagem e as relações organizam o viveraprender, o fazerconhecer e o serconviver.

Acredito que a sexta carta que compõe o livro "*Cartas a Cristina – Reflexões sobre minha vida e minha práxis*", trazem essa ideia quando através dos escritos de Freire identificamos que precisamos uns dos outros para prosseguir e concomitantemente progredirmos juntos. É por isto que precisamos estar atentos às lembranças, pois nelas habitam pessoas, aprendizados, saberes que nos marcam por causa da experiência deixada.

Com seus setenta e dois anos, Paulo Freire escreve esta narrativa que nos ajuda a compreender a importância do diálogo e da solidariedade como exigência e possibilidade de nos reafirmarmos. Ele relata através da sua escrita poética fatos memoráveis, "sentimentos mínimos", principalmente, ao reviver a lembrança e a presença de professores que o ensinaram e dos quais se tornou amigo e se sentia ligado por afeição, solidariedade profissional, admiração intelectual e, principalmente, gratidão.

Nomes como de Eunice Vasconcelos, Cecília Brandão, Odete Antunes, José Pessoa, Moacir de Albuquerque, Aluízio Pessoa de Araujo, dentre tantos outros, cujo companheirismo, respeito, experiências e saberes, Paulo Freire se espelhou. Entretanto, há um nome desconhecido, uma história que permanece e na qual eu acredito ser uma das fontes primaz para que Paulo Freire se tornasse um educador voltado para todos e todas, independentemente da classe social.

O nome desconhecido, mas, cuja história permaneceu viva e está vivamente presente nas obras de Paulo Freire, demonstra o quanto sua escuta humilde, permitiu-lhe ainda criança, identificar no relato, no diálogo e na experiência do outro, situações problemas que se tornaram o alvo da sua militância.

A partir do trecho em destaque é possível captar particularidades sobre "O quê" o autor realmente queria compartilhar com esses escritos. Entretanto, cabe a você amigo (a) leitor (a) a mergulhar nessa composição literária em busca de decifrar os enigmas da descoberta e da revelação. Espero que esse texto de alguma forma possa te instigar a fazer a leitura do Livro e a participar desse diálogo que precisa continuar. Pois, as nossas escolhas definem nosso legado. E, ao ler esta carta tive a impressão de que Paulo Freire queria nos dizer muito mais do que apenas disse.

12 de outubro
Cênio Back Weyh

> "Jaboatão: aí se encontram as mais remotas razões de minha radicalidade" (PAULO FREIRE, 2003, p. 89).

Uma das características fundamentais do pensamento e práticas de Paulo Freire é a ideia de radicalidade, entendida como necessidade de ir à raiz, às origens de um processo para compreendê-lo. Por isso a importância e significado muito especial de Jaboatão na vida dele. É aí, nesse lugar, que vivenciou seus anos de adolescência e boa parte da juventude (11 aos 20 anos). Ao (re)conhecer a realidade local, descrita na 7ª carta à Cristina (p. 89), cujo centro da cidade era habitado preponderantemente por uma classe média de funcionários públicos, profissionais liberais e também por donos de usinas e engenhos, distante dezoito quilômetros de Recife, sua cidade natal, explicita as bases que influenciaram seu jeito de ser. Partimos do pressuposto que somos, em boa parte, o que determinado contexto nos permitiu ser naquelas circunstâncias.

A crise econômica e política dos anos de 1930 afetou de modo especial a classe média, expropriando-a e, empurrando boa parte para as periferias dos perímetros urbanos. Por essa razão Freire acabou experimentando a condição de menino pobre, distante das oportunidades oferecidas pelas escolas mais qualificadas e da falta de condições econômicas básicas, a ponto de depender do pescado de algum peixinho, que o rio próximo oferecia, para matar a fome da meninada empobrecida. A frequência de espetáculos de cinema, tão comuns em Recife, sua terra natal, agora dependiam da bondade do porteiro ou quando algum troco sobrava no final de semana.

A bruta e cruel realidade narrada pelo próprio Freire na carta em análise evidencia o quanto um jovem de sua idade era afetado em termos de desenvolvimento psico-social. No convívio dos amigos e amigas "eu pobre, magro, desengonçado, feio, muitas vezes me senti inibido (...) não eram elas ou eles que me agrediam, era a realidade difícil em que me achava" (FREIRE, 2003, p. 91). Tal situação, em boa parte, era compensada com seriedade nos estudos, especialmente os de língua portuguesa, no aspecto gramatical.

Nesse contexto de múltiplas carências, a escola tem sido uma instituição significativa e destacada para o desenvolvimento dos jovens, tanto para a formação individual quanto para a inserção social. "Aprendi bastante de minhas relações com meus professores, de minhas relações com meus colegas e, depois, com as que mantive com os alunos de português, mas aprendi muito com a bondade simples e sempre disponível de Genove e Aloísio" (FREIRE, 2003, p. 94). São os aprendizados da escola e da vida que contribuem, cada qual a seu modo, na formação das pessoas enquanto sujeitos com características e identidades próprias.

Para além da escola percebemos a força do lugar enquanto espaço constituinte da memória histórica das nossas vivências. Impossível é distanciar-se do contexto em que cada um de nós foi se desenvolvendo pelas mais variadas marcas deixadas no corpo e na mente. A cultura local influencia decisivamente na nossa forma de pensar e resolver os problemas em nossa vida. Neste aspecto cabe ressaltar que até o silêncio fala pois a simples presença já é significativa, um testemunho do que representamos e somos. Por isso, a experiência e convivência de Paulo Freire com a realidade dos meninos pobres fazem parte de sua pedagogia enquanto opção radical na defesa da justiça social. Só quem vivenciou a triste realidade da pobreza em alguma fase da vida pode compreender as razões éticas que fundamentam o agir humano, na condição de cidadão e agente público. Consideramos uma tarefa muito difícil entender as teses freireanas desenvolvidas no

livro "Pedagogia do Oprimido" sem conectá-las às memórias históricas do menino pobre. É a força desse lugar (Jaboatão) que demarca, delineia e conduz os desafios escolhidos como campos de luta a serem superados historicamente. A partir do local aprendeu a fazer a leitura de mundo. Ele percebe que não se trata de uma realidade particular de menino pobre, mas de uma realidade social que precisa ser transformada politicamente e por isso o ato educativo jamais poderá ser uma ação neutra, sem sentido e orientação. Neste local revelava-se "um mundo em que a exploração e a miséria dos camponeses iam se revelando a nós em seu dramático realismo. É aí que se encontram as mais remotas razões de minha radicalidade" dizia Freire (2003, p. 98).

Nesta perspectiva, a obra de Paulo Freire está *encharcada* de vida, *embebida* e *fecundada* (DUTRA apud WEYH (2011) pela cultura do seu tempo e marcada pela força do lugar, em suas contradições, suas belezas e carências. Estudar os escritos desse eminente educador significa adentrar nas complexidades do viver humano e aventurar-se na busca de uma sociedade melhor, mais bonita, mais justa e democrática, na qual caibam todos. A experiência narrada por Freire na 7ª Carta à Cristina, rememorando as visitas ao lugar onde nasceu e viveu parte de sua juventude, também pode ser feita a partir da história de vida da cada um de nós. Quem já incorporou a prática da visita à terra natal como mediação para compreender-se a partir das origens, certamente percebeu o bem danado que faz reencontrar amigos, vizinhos e recuperar fatos da infância vivenciados na família, na comunidade, no grupo escolar, no time de futebol, no grupo de jovens, etc. Aí estão as raízes da nossa maneira de pensar, agir e encarar a vida.

Assim sendo, a análise crítica das cartas de Paulo Freire podem ser uma importante porta de entrada para a compreender as necessárias conexões político-pedagógicas contidas nas teorias e práticas defendidas em seu pensamento educacional. Trata-se de uma concepção progressista, revolucionária, libertadora e transformadora de uma realidade não desejada. É ao mesmo tempo denúncia de situações degradantes da humanidade e anúncio de possibilidades de superação desta realidade. É uma pedagogia que desvela a opressão na direção da esperança, muito necessária e pertinente para o tempo presente. Nos ensina a olhar com carinho para o passado, valorizando as pessoas que conviveram conosco e destaca a força do lugar na constituição do que somos enquanto seres históricos.

13 de outubro
Maria Angélica Sousa Costa

O sonho que fora rompido era o sonho da mãe de Freire, que em meio à crise financeira que desestruturava sua família, enxergou num novo ginásio, que acabara de se instalar em Jaboatão, a esperança de um emprego para que pudesse colaborar com as despesas da casa. Via-se no primeiro ginásio da cidade, como secretária de prestígio e respeitada na cidade. Movida pelo sonho, adentrou o estabelecimento para falar com o diretor e mostrar disponibilidade para o cargo de secretária, mesmo reconhecendo sua inexperiência.

Freire nos traça o possível perfil do diretor que, como sua mãe, era também um sonhador. Para Paulo, o ginásio era apenas a base do que seria o grande projeto do diretor: a universidade. Logo-logo, ele não seria mais um simples diretor e sim um "magnífico reitor" (p.118). Enquanto isso, o ginásio seria a salvação da cidade, já que não havia nenhum outro.

O ginásio se instalaria caso houvesse demanda de alunos, para assim contratar profissionais e regularizar a situação e trâmites legais. Com isso, inicialmente, caso a mãe de Freire quisesse trabalhar no período experimental, seria um trabalho não remunerado e condicionado às matrículas de alunos. Mesmo assim, ela aceitou, esperançosa.

Porém, o sonho de ambos acabou como um sopro. O ginásio fechou. A tristeza tomou conta do espaço que ocupava a esperança.

No mesmo dia em que escreve esta carta, 5 de agosto de 1993, Freire anuncia a morte de um de seus melhores amigos, Albino Fernandes Vital. Era seu amigo de infância, que se formou em agronomia e era muito respeitado no exterior. Freire menciona que Albino era uma pessoa sensata em seus julgamentos e muito querido por todos que tiveram o convívio com ele.

14 de outubro
Maria Angélica Sousa Costa

Nesta carta, Freire relembra os últimos dias de vida de seu pai, que partira em 31 de outubro de 1934, era um domingo. Seu pai vinha lutando e sofrendo contra um aneurisma abdominal. Sua mãe estava sempre presente ao lado dele, tentando tornar seus dias mais fáceis com sua fé.

Naquele domingo, o pai de Freire teve uma melhora, o que deu ainda mais esperança, o que ele reflete como uma "visita da saúde" (p.122), a chamada melhora de pacientes terminais quando se aproximam da hora da partida. A melhora perceptível deu a todos um novo ânimo. Porém, ao fim do dia, vê o pai se despedir da vida.

Dor imensa toma conta de seu ser, vazio e a eterna lembrança dos últimos momentos em que seu pai, Freire viu a dor, ouviu os gritos e a agonia do pai antes de sua partida. Essas imagens permaneceram com ele e nunca foram apagadas de suas memórias.

Freire fala da morte, do luto, da despedida. Para ele, se fazia necessário assumir a ausência do ente querido a fim de poder aos poucos voltar à vida normal. "Viver o luto com maturidade é assumir a tensão entre a desesperação provocada pela perda e a esperança da reinvenção de nós mesmos." (p.124)

Para ele, a reinvenção de si é necessária para que a vida possa prosseguir, no entanto, mesmo com todo esse entendimento sobre o luto, Freire reflete que os seres humanos não são preparados para lidar com o luto. Os aprendizados da vida não nos ensinam a dar adeus, embora seja esta uma fase assim como todas as outras.

A situação da família já não estava confortável, com a morte de seu pai as coisas pioraram, não só pela ausência física, mas também pela pensão que sua mãe passou a receber, uma quantia irrisória. Somente quando os irmãos mais velhos começaram a trabalhar e contribuir com as despesas, a situação de fato, melhorou. Sem a ajuda de seus irmãos, Freire não poderia ter se dedicado a seus estudos e sua formação. Paulo se mostra feliz e grato em contar esse fato nessa carta a Cristina.

15 de outubro
André Paulo Castanha

É inquestionável as contribuições de Paulo Freire para com a educação brasileira e mundial. Há um consenso sobre sua importância para a educação popular. Conceitos como conscientização, libertação, diálogo, práxis são centrais nas suas obras. Mas quem são os interlocutores centrais nos escritos de Freire? Eu não tenho dúvida de que são os professores. É pela ação direta com os professores, pelo diálogo que estabelece, que Freire se faz presente na prática escolar.

Coincidentemente, no texto definido pelos dealizadores/organizadores desta obra, para o dia 15 de outubro - dia do professor -, Freire nos ensina a ser Professor.

Nesta carta, Freire rememorou sua vida e sua práxis na Recife entre 1942 e 1955 período no qual iniciou sua docência no colégio Oswaldo Cruz e exerceu sua função de educador no Sesi. Mas, a carta tratou, especificamente da sua paixão pelos livros e, de como, a leitura foi/é um elemento fundamental na formação do professor.

Freire revelou seu gosto excessivo pelos livros, descrevendo suas "andarilhagens" pelas livrarias e sebos de Recife. Segundo ele, na época, as livrarias se constituíam em locais de encontros de intelectuais, jovens e velhos. O encontro com os livros e leitores se constituíam em espaços de debate, pequenos seminários sobre política, sociedade, educação etc.

O hábito de frequentar as livrarias era tão comum, que os livreiros tinham o costume de avisar seus leitores sobre a chegada de novas remessas de livros. Freire descreveu as cenas da abertura das caixas de livros com muita nostalgia. "Que livros sairiam, que surpresas iríamos ter, que reimpressões chegariam a nossas mãos, que textos recém publicados nos desafiariam a capacidade de leitura?" (2015, p. 129). Além de desafiar as capacidades de leituras, as novas publicações desafiavam também a capacidade de compra, pois, muitos livros eram importados, portanto, de custo elevados. Freire não deixou dúvidas quanto a opção de investir em roupas ou livros.

> Para mim, porém, valiam mais as revistas especializadas e os livros que comprava, com cuja leitura desafiado, eu ia aprendendo a estudar e me capacitava melhor para fazer eficaz a minha prática docente, do que as roupas elegantes e em maior quantidade (2015, p. 128).

Entre 1942 e 1955, segundo notas de Ana Maria Araújo Freire, Paulo Freire adquiriu 572 livros entre autores estrangeiros e nacionais, tendo contato com diversos autores clássicos da educação, filosofia, sociologia, gramática, literatura e linguagem, tais como: Dewey, Maritain, Ortega y Gasset, Durkheim, Raymond Aron, Croce, Platão, Aristóteles, Toynbee, Shakespeare, Rousseau, Saussure, Tomás de Aquino, Sarmiento, Nietzsche, Lucien Lefevre, Jean Piaget, Santo Agostinho, Bergson, Werner Jaeger, Luzuriaga, Hobbes, kilpatrick, Spencer, Eça de Queiroz, Ponce, Skinner, Comenius, Eby, Bertrand Russel, Pierce, entre os estrangeiros mais conhecidos. Entre os nacionais destaco: Tristão de Atayde, Gilberto Freyre, Leonel Franca, Anísio Teixeira, Oswaldo de Andrade, José Veríssimo, Antonio Candido, Florestan Fernandes, Afrânio Peixoto, Plínio Salgado, Euclides da Cunha, Silvio Romero, Joaquim Nabuco, Sergio Buarque de Holanda, Fernando de Azevedo, Pascoal Leme, Graciliano Ramos, Machado de Assis, Carlos Drumond de Andrade, Manuel Bandeira, Vinícius de Moraes, Ruy Barbosa (2015, p. 373-74). Como indicado na mesma nota de Araújo Freire, o contato com autores como: Marx, Hegel, Gaston Bachelard, Spinoza, Marcuse, Jean-Poul Sartre, Simone de Beauvair, Merleau-Ponty, Lenin, Rosa Luxemburgo, Heiddger, Álvaro Vieira Pinto, Gramsci, Amílcar Cabral, Erich Fromm, entre outros se deu posteriormente a 1955, mas não é possível precisar a data (2015, p. 375).

A diversidade de autores lidos por Freire impressiona. Fica evidenciado sua sólida formação, bem como a preocupação de conhecer e reconhecer os autores que comungavam ou não com suas ideias. Com essa prática, Freire nos ensina que precisamos conhecer bem nossos adversários teóricos, pois só assim poderemos combatê-los de forma efetiva e eficiente, ou seja, não podemos refutar uma teoria sem conhecê-la.

Freire, nessa carta nos alerta para o compromisso, que, enquanto professores, devemos ter para com a formação continuada, feita a partir da prática constante da leitura. Segundo ele, pela leitura, desenvolvemos a boa escrita e qualificamos a nossa linguagem de sala de aula e nosso debate de ideias e projetos, travados cotidianamente, no exercício de nossa profissão.

> Escrever bonito é dever de quem escreve, não importa o quê e sobre quê. É por isso que me parece fundamentalmente importante, e disto sempre falo para quem trabalha dissertação de mestrado ou tese de doutorado que se obrigue, como tarefa a ser rigorosamente cumprida, a leitura de autores de bom gosto. Leitura tão necessária quanto as que tratam diretamente seu tema específico (2015, p. 130-31).

Em outras palavras, para escrever e falar bem é preciso ler. Ao rememorar esse período de sua vida Freire fez a seguinte afirmação:

> Indagando-me sobre minha formação como educador, como sujeito que pensa a prática educativa, jamais eu poria de lado, como um tempo inexpressivo, o em que andarilhei por pedaços do Recife, de livraria em livraria, ganhando intimidade com os livros, como o em que visitava seus córregos e seus morros, discutindo com grupos populares os seus problemas ou como o em que, durante dez anos, vivi a tensão entre prática e teoria e aprendi a lidar com ela: o tempo do Sesi. Como igualmente, o tempo de meus estudos sistemáticos, não importa feitos em que grau, como estudante ou professor (2015, p. 131-32).

Freire nos ensina que o exercício da docência deve guiar-se pela relação entre teoria e prática, ou seja, pela práxis cotidiana. O docente não pode distanciar-se/isolar-se da sociedade, pois, a existência profissional se dá no contexto social maior. Os professores, como interlocutores de Freire devem ter o compromisso com a leitura crítica, rigorosa, mas despida de preconceitos. A leitura é central para a nossa formação continuada, pois ela nos instrumentaliza, para (tanto quanto) o engajamento nas causas populares e na prática pedagógica em sala de aula. Em outras palavras, para Freire, o trabalho docente é um dos pilares da transformação social, daí o rigor na formação.

PAUSA PEDAGÓGICA

(anote as aprendizagens, ideias, dúvidas e ações que o texto proporcionou até aqui).

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

16 de outubro
Wagner Hoffmann

Na sociedade hodierna é impossível estudar a educação sem dedicar um tempo ao pensamento e as contribuições de Paulo Freire para com a educação brasileira e também para a educação mundial. Uma das palavras chaves de seu pensamento é a prática entendida de dois modos, o primeiro como prática pedagógica e o segundo no entendimento de uma prática voltada ao dia a dia e ao social, no sentido de produzir frutos para sociedade.

O texto escolhido para refletirmos neste dia 16 de outubro é extraído da obra Cartas a Cristina. Na 11ª Carta, Freire nos ensina através de sua experiência como professor o valor da prática de pensar teoricamente e a prática para praticar melhor.

Nesta carta, Freire relembra seu trabalho e sua prática educacional quando chegou ao Serviço Social da Indústria em 1947 e de seu reencontro com a classe trabalhadora.

Para Freire a criação do Sesi foi um momento inteligente de liderança: "Do ponto de vista dos interesses da classe dominante, que num momento inteligente de sua liderança, teve a ideia de criar o Sesi, como instituição patronal, seria fundamental que ele de assistencial, virasse assistencialista" (2015, p. 134). O autor compreende que enquanto classe dominante o Sesi deveria ser assistencialista, porém, para isso seria necessária uma presença mais democrática, com relação a esta postura Freire afirma: "No fundo, seria ingênuo pensar que o Sesi fosse expressão da bondade incontida da classe dominante, que, tocada pelas necessidades de seus trabalhadores, o cria para ajudá-los" (2015, p. 135) o que exprimia de certo modo, mais uma tentativa de amaciamento de dos conflitos na relação de classes e obscurece a formação de uma consciência enquanto categoria. Porém, é diante da contradição do conflito de interesses que o conhecimento muitas vezes se constrói. O autor elenca que:

> A dominante, surda a necessidade de uma leitura mais crítica do mundo, insiste no treinamento puramente técnico da classe trabalhadora, com que se produz como tal; a dos dominados ou ideologicamente progressista que não separa formação técnica de formação política, literatura do mundo de literatura do discurso. A que desvela e oculta (2015, p. 136).

Um dos grandes desafios apresentados por Freire é a formação deste individuo consciente de si de sua formação e da classe a que pertence, para que o trabalhador não seja um mero reprodutor, escravo da técnica que simplesmente trabalhe sem questionar. O autor alerta para aquilo que chama de o erro da esquerda ou o erro de grande parte da esquerda:

> O erro da esquerda é perder-se em discursos agressivos, dogmáticos, em análise e propostas mecanicistas; é perder-se numa compreensão fatalista da história, no fundo anti-histórica, em que o futuro, desproblematizado, vira inexorável (2015, p. 138).

Os discursos agressivos, algumas vezes até mesmo discursos de ódio, bem como um pensamento dogmático fechado são uma grande barreira que impede a geração de conhecimento, pois impedem toda a possibilidade de diálogo e de uma construção de conhecimento dialético.

Durante minha caminhada profissional tive a oportunidade de trabalhar com o Sesi-Capanema em 2014 e parte de 2015, onde trabalhei como professor de Filosofia e pude conhecer seu funcionamento suas oficinas seu plano pedagógico e a preocupação que existe em criar oficinas que reflitam a realidade. Freire nos ensina que em nosso trabalho como educadores não devemos manter o pensamento fechado, que devemos possibilitar a leitura de autores, nos quais nossos ideais estão relacionados e também de autores aos quais por inúmeros motivos acabamos por discordar. Existem diferentes ideologias e conceitos, mas o conhecimento se dá pelo conhecimento de ambos, do que consideramos um bem e do que consideremos um mal.

Durante o tempo em que trabalhei com o Sesi-Capanema tive a oportunidade de fazer uma das aulas mais brilhantes de minha carreira de professor, iniciei como professor de filosofia e depois de um tempo assumi as aulas de sociologia e foi em uma dessas aulas de sociologia que pude trabalhar dois livros do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, mas utilizando uma reflexão mais freiriana. Em uma das oficinas foi trabalhado o livro 44 Cartas ao Mundo Líquido Moderno e em outra oficina trabalhei, tendo como livro de referência Aprendendo a Pensar com a Sociologia. A proposta de trabalho foi primeiramente ler o livro de forma individual, depois em equipe. Equipe é uma formação muito utilizada na metodologia Sesi, pois como professores lançamos muito desafios em equipe, essa equipe é via de regra um conjunto de cinco pessoas ou mais que trabalham juntos como equipe e este grupo permanece junto durante toda aquela oficina, o que equivale ao tempo de um bimestre aproximadamente. A apresentação dos trabalhos tinha como proposta principal refletir a temática escolhida pela equipe, mas refletindo a partir de suas realidades de seus conhecimentos de suas experiencias.

No livro 44 cartas, o resultado foi brilhante, pois, o livro é muito atual e muito bom para trabalhar com os alunos de ensino médio. Bauman trabalha filosofia e sociologia de uma maneira que os jovens se sentem presentes naquele contexto, foi possível refletir sobre as relações humanas na sociedade e, principalmente nas redes sociais. Foi muito bem debatido o conceito de amizade que é o conceito também filosófico e como esse conceito aparece fragilizado nas redes sociais, pois, o número de amigos que temos em nossa vida é muito menor do que a quantidade de amigos que temos em uma rede social.

Com o livro Aprendendo a Pensar com a Sociologia que é um livro que exige um pouco mais de disciplina na leitura e uma atenção maior também foi possível um maravilhoso trabalho que resultou em muitas reflexões sobre a importância da sociologia na sociedade hodierna, seu valor enquanto disciplina teórica e prática, mas principalmente enquanto prática. Refletir sobre a vida e os valores presentes em nossa sociedade, sobre corpo, gênero e sexualidade e outros temas. Tudo isso refletido e construído de forma coletiva, ocorria a reflexão, a apresentação e a divergência de ideias para então se construir uma opinião sobre o tema.

A passagem pelo Sesi foi sem dúvida um elemento importante e marcante do processo deste grande educar que Foi Paulo Freire e isso aparece muito presente no capítulo escolhido para uma breve análise. Um elemento forte é a reflexão a partir da realidade da pessoa, do sujeito real e histórico que reflete sobre o tema, para não construir ou apenas reproduzir pensamentos

de uma classe dominante, mas refletir a partir de seu mundo do lugar onde se vive para que possamos formar pessoas mais reflexivas e solidárias com as outras, construir verdadeiramente uma humanidade melhor.

17 de outubro
Franciele Clara Peloso

Paulo Freire nos ensina que:

> A aprendizagem dos educandos tem que ver com a docência dos professores e professoras, com sua seriedade, com sua competência científica, com sua amorosidade, com seu humor, com sua clareza política, com sua coerência, assim como todas essas qualidades têm que ver com a maneira mais ou menos justa ou decente em que são respeitados ou não (FREIRE, 2003, p. 126).

A teoria freiriana se sustenta a partir de elementos/conceitos que tem por objetivo promover experiências educativas encharcadas de sentido, de significado, de qualidade. Dentre esses elementos podemos citar suas concepções de humanização, de dialogicidade, de ética, de autonomia e de docência. Sustentada por essas concepções a prática pedagógica, na perspectiva freiriana, é concebida como um espaço-tempo de ações e relações entre sujeitos da aprendizagem (educador-educando), mediados pelo conhecimento.

Paulo Freire (1986; 1996), coerente com seu posicionamento político-filosófico, defende que a tarefa docente não é tarefa técnica e sim processo dinâmico que parte da realidade dos educandos e também do educador. Nesse sentido, nega as concepções de ensino e aprendizagem pautadas na perspectiva liberal tradicional ao afirmar que o processo didático deve ser justificado e pautado em práticas dialógicas. O processo didático assim figurado estabelece uma outra concepção de discência/docência, a qual Freire defende ao longo de sua obra.

A concepção de discência/docência a que nos referimos é um dos elementos fundantes da educação problematizadora ou libertadora. A educação problematizadora ou libertadora consiste num permanente esforço dialético, dialógico e reflexivo sobre os sujeitos, o mundo e suas relações. O conteúdo programático, desta proposta de Educação, é demarcado a partir da situação presente, existencial e concreta. Seres humanos (educador-educando) dialogando com seres humanos (educando-educador) mediatizados pelo mundo (realidade). "É na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos, educadores e povo, que iremos buscar o conteúdo programático da educação" (FREIRE, 2005, p.101).

Dessa forma, a concepção discência/docência orientada pela relação dialógica, pode ser caracterizada como a relação estabelecida entre estes dois sujeitos do processo educativo (discente – docente) em torno de um mesmo objeto de reflexão. Para Freire e Shor (1986) os processos de ensinar e aprender são sincrônicos. Assim, a concepção de discência/docência pensada por Freire compõe, mesmo que no desempenho de diferentes funções no processo de ensino, educador e educando como aprendentes, como sujeitos cognitivos complementares.

A aprendizagem dos educandos deve ser pensada a partir de uma ação dialógica, em qualquer nível de ensino. De acordo com Freire (2006), a relação dialógica se idealiza como prática fundamental no processo do ato de conhecer. Freire (1996; 2005) afirma que a dialogicidade é uma exigência da natureza e também uma reinvindicação da opção democrática do educador e da educadora.

Neste sentido, Freire (2008) destaca que a tarefa dos profissionais da educação se constituí como uma tarefa ensinante e aprendente. Uma tarefa que exige seriedade, preparo científico, físico, emocional e afetivo. É uma tarefa que requer, de quem com ela se compromete, um compromisso de querer bem ao processo que a tarefa docente exige e também de querer bem a todas as pessoas participantes desse processo. A tarefa de ensinar exige amorosidade, criatividade, compromisso e competência cientifica.

Frente ao exposto, afirmamos com o respaldo de Freire (1996) que ensinar é uma tarefa que exige trabalho e especificidade na sua execução. Nossa premissa de humanização está condicionada pela realidade concreta dos contextos que participamos. Sob essa perspectiva é preciso propor situações concretas aos educandos para que tenham a oportunidade de se manifestar objetivando a democracia e a aprendizagem. É preciso estimular a aprendizagem da democracia e, com isso, a possibilidade de humanização de todas as pessoas.

Um dos maiores legados deixados por Paulo Freire foi a aprendizagem pela via da experiência cotidiana. Com isso, os pressupostos freirianos indicam que a atividade educativa é um compromisso ético-político que não pode ser dissociado das experiências pessoais e profissionais, tampouco desassociada de sua dimensão política. Sobretudo, Freire nos indica que há especificidade e responsabilidade no desenvolver da profissão docente e que é desse saber-fazer específico e das relações estabelecidas que depende a aprendizagem dos educandos.

Nesse sentido, podemos recorrer aos pressupostos freirianos para pensar uma outra proposta pedagógica para formação de professores. Uma proposta pedagógica que fomente a compreensão e valorização do que é humano, o desenvolvimento ético, científico e político da profissão docente. Freire nos ajuda a refletir sobre o reconhecimento da especificidade da profissão docente e dos processos de ensino, como possibilidade de humanização de todas as pessoas.

A concepção de docência de Paulo Freire, pautada na ética e na política, nos convida pensar em processos formativos pautados no diálogo e comprometidos com a humanização, da mesma forma nos estimula a superar as situações limites, a vislumbrar os inéditos viáveis e a atingir o sonho possível: uma sociedade que valorize os profissionais da educação e que compreende que a aprendizagem dos educandos vai além do "vencer o conteúdo proposto pelo livro didático" tem que ver com a docência do educador, com a especificidade de sua profissão e da relação estabelecida entre os sujeitos do processo de ensino.

18 de outubro
Eliana Nunes Maciel Bastos

Para aguçar a sua curiosidade frente às leituras freirianas iniciar-se-á este escrito com um breve testemunho da vigente leitora: o contato com a obra de Paulo Freire se deu em minha caminhada há mais de 10 anos, frente os relatos entusiásticos de uma incrível professora de didática do curso de pedagogia, tal testemunho instigou minha paixão por este ícone da educação. Tempos depois, tive o privilégio de ser presenteada com o Livro *"Cartas a Cristina – Reflexões sobre minha vida e minha práxis"*, por ocasião de um aniversário meu, recebi tal mimo de uma dupla de amigas educadoras, as quais já compartilhavam da minha paixão freiriana, sendo tal sentimento de uma simbologia ímpar para a vida de uma mulher nordestina, que se inspira mediante a visão de mundo do seu ilustre conterrâneo.

Indubitavelmente, as experiências têm sido muitas na minha vivência educacional, as quais fazem debruçar-me nas leituras do Mestre Paulo Freire, tendo sempre a finalidade de encontrar-me como "demasiadamente humana" frente os seus escritos, como também, de renovar minhas energias educacionais mediante as motivações encontradas em suas leituras, para tanto, a feitura de uma práxis mais humana, mais afetiva, mais dialógica, acredito que só pode e deve ser fundamentada com mais veracidade frente o aprendizado contínuo da obra do Mestre Paulo Freire, sendo que tal leitura tem sua indescritível relevância para a formulação de uma pedagogia contemporânea menos desigual, mais igualitária, em suma, humanizada.

Destarte, o compartilhar desse trecho da leitura freiriana é mais um belo capítulo dessa caminhada educacional, a qual vem sendo trilhada mediante muita reflexão diante dos desafios postos por estruturas fragmentadas, por políticas públicas inconsistentes às reais necessidades de formação humana dos partícipes dessa sociedade.

Em suas cartas para a sua sobrinha na referida obra, o Mestre Paulo Freire nos inspira por inúmeras vezes a buscar forças para prosseguir e inspiração em sua trajetória, em seu método humanitário de lidar com o semelhante, em buscar sempre a melhoria nas relações interpessoais mediante uma inteireza de justiça no trato com os seus iguais, tendo humildade na constituição das relações de aprendizagem, em suma, é imprescindível encorajar-se constantemente, frente às constituições dos processos de ensino e aprendizagem, para que tais processos sejam aprimorados com amorosidade, conjecturando bonitas possibilidades de desenvolvimento humano, não obstante, busca-se a concretização de uma educação libertadora, que seja relevante para a feitura de um mundo menos *"odiento"*, mais *"genteficado"*, sublinhando aqui termos lindamente, utilizados por Freire.

Em destaque neste compêndio sublinha-se a 11ª carta do autor para sua sobrinha Cristina, na qual o mesmo versa sobre seu momento de vida no SESI, um recorte de sua vivência fundamental para o seu aprendizado democrático, como educador inebriado pelos objetivos de alcançar métodos eficazes para a aquisição de uma educação libertadora, para tanto, fez-se necessário aprender com a prática cotidiana, exercendo uma reflexão ética diante de todas as adversidades vividas em um mundo envolto nas práticas autoritárias.

Destaca-se uma prática educativa imersa numa constante de momentos, onde sujeitos aprendizes, pertinazes frente os objetos de conhecimento, fazem e refazem-se no bojo das relações humanas instauradas nestas ambiências educacionais, sendo que estas são difusas, heterogêneas, complexas, e, impreterivelmente, compartilhadas e organizadas por pessoas humanas, inteiramente, constituídas por divergências culturais, históricas e políticas, as quais precisam conviver e/ou concretizar um ambiente harmônico e propício para uma convivência sadia entre os seus partícipes.

É mister pensar sobre a prática realizada no cotidiano das relações educacionais, sendo assim a informação vai se condicionando em formação, as ações vão se reformulando em reflexões, a avaliação da prática vai corroborando com novas e bonitas possibilidades de inferir-se na constituição de conhecimentos mais úteis para a vivência e desenvolvimento eficaz dos sujeitos envolvidos neste ínterim de transformação de vidas humanas, pois o Mestre Freire afirma em vários momentos dos seus escritos: *"A prática precisa da teoria, a teoria precisa da prática, assim como o peixe precisa da água despoluída."(Freire, 2003, p.145).*

O testemunho de Freire por ocasião do seu tempo educacional no SESI é surpreendente mediante as configurações de uma postura humana do autor, que mesmo inserido numa herança

cultural permeada de uma aridez autoritária; possui a sensibilidade de gerir as relações com as pessoas, fazendo com que estas sejam ouvidas, que suas opiniões sejam validadas, configurando, então, a realização de práticas democráticas e desvencilhando atos antidemocráticos e, portanto, desumanos e ineficazes na formulação de pessoas mais preparadas para agirem em seus mundos com real brilhantismo.

A mudança categórica nas atitudes permeadas de dialogicidade, ética, humildade, em suma, a constituição de uma ambiência educativa que perdure a amorosidade é perceptível nos relatos do autor, que luta, cotidianamente, em prol do bem-estar das pessoas envolvidas nos processos educativos, fazendo com que estes sejam um tempo valoroso de preparação para e na vida.

Freire finaliza a sua reflexão por ocasião da sua estadia no SESI elucidando que: *"Aprendi, na minha passagem pelo SESI, para nunca mais esquecer, a como lidar com a tensa relação entre prática e teoria."* (Freire, 2003, p. 146). Quiçá, que possamos enquanto educadores libertadores na nossa geração compreender as limitações postas na prática cotidiana, perpassando todos os obstáculos em favor de atitudes humanas que desvelam sempre novas possibilidades para interagir dialogicamente, com os educandos e/ou com todos os semelhantes que fazem parte do ambiente educativo, fazendo com que os processos educacionais sejam movimentos revolucionários de aprendizagens significativas, para que os sujeitos educativos tenham condições e desenvolvam competências de serem protagonistas das suas histórias, e que o ideário de educação disseminado por Paulo Freire seja notório na minha e na sua práxis com veemência, nesta e na vindoura geração.

19 de outubro
Maria Angélica Sousa Costa

Antes de contar a Cristina sobre o período em que esteve no exílio e a abordagem dos temas "político-pedagógicos" (p.174), Freire considera relevante a explanação de suas experiências em diferentes momentos, o Movimento de Cultura Popular, o MCP, o Serviço de Extensão Cultural, o SEC, da Universidade Federal de Pernambuco, e o da experiência de alfabetização de adultos em Angicos, no Rio Grande do Norte.

Começando pelo Movimento de Cultura Popular, Freire esclarece que este nasceu da iniciativa política do prefeito Arraes, em Recife, juntamente com as lutas populares de operários e outras classes, em que Paulo encontrava-se atuante. O prefeito, por sua vez, estava tomado pela vontade de trabalhar com as classes populares. Essa afinidade de interesses trouxe Freire a seu gabinete, onde dialogaram sobre os problemas e perspectivas na educação. A priori, não havia capital suficiente disponível para investir na área, mas o prefeito se dispôs a ajudar com o que fosse possível.

Em meio às reuniões e projeções do que viria a ser efetivamente o MCP, surge um novo projeto de autoria de um professor nordestino, Germano Coelho, que defendia a criação de um movimento popular e não uma instituição e que tinha como objetivo o de transformar a sociedade brasileira. (p.176). No MCP vários projetos eram criados e executados à luz da luta política transformadora, dialogando com a cultura popular e uma educação progressista.

Freire reforça que a ideia de transformação do futuro vai de encontro ao pensamento fatalista de aceitação da realidade imposta pelas classes dominantes, ao invés disso, a transformação

é justamente a capacidade de compreender e intervir na realidade de forma que se pode entender que cada indivíduo é capaz de transformar sua condição.

No Movimento Cultural Popular - MCP- Freire trouxe a experiência do Círculo de Cultura, prática pedagógica realizada anteriormente no trabalho como educador de jovens e adultos no período em que trabalhava no SESI. Essa prática consistia na alfabetização por meio de diálogo inicial com questões problematizadoras e experiências vivenciadas a partir do universo dos educandos, ou seja, do contexto de vida destes.

Os educadores que participavam dos Círculos de Cultura, em sua maioria, eram estudantes voluntários. Antes de irem para o trabalho eles participavam de um curso de formação a fim de compreender a metodologia bem como a importância da preservação dos saberes dos indivíduos. Freire ressalta que a cultura de um povo deve ser preservada e os conhecimentos sobre o mundo não é menos importante que os conteúdos científicos.

Paulo relembra que anos depois de sua atuação como educador no MCP, ficou sabendo que muitas pessoas julgavam que esse movimento era um movimento armado, que preparava os indivíduos para um combate. Freire sorri ao imaginar a si e seus companheiros do movimento armados e com roupas de guerrilheiros, se diverte ao contar a Cristina o episódio. O movimento defendia uma educação crítica, por compreendê-la como um ato político capaz de promover transformações na sociedade partindo da tomada de consciência dos indivíduos.

As comemorações populares eram inseridas nas atividades do MCP, era intrínseco ao movimento as festas juninas, maracatu, literatura de cordel e muitas outras manifestações culturais e artísticas. Para Freire esses momentos eram ricos de expressões e resistência dos oprimidos. Paulo menciona, nesse momento, a lembrança de um conhecido, Abelardo da Hora, um artista que defendia que a arte era para todas as pessoas e não privilégios de poucos, ainda que, nem todos virem importantes artistas. Essa lembrança é trazida para que Freire critique a escola no formato acrítico, que trabalha os desenhos e artes diversas como cópias e não como atividades desafiadoras que estimulam o desenvolvimento da capacidade humana (p.186).

Freire reforça a educação progressista no MCP, uma vez que ela lança o olhar para formação da consciência crítica, mesmo em meio às imposições dos opressores, é aquela que leva o povo à luta e a conquistas de direitos como moradia, educação, saúde entre outros.

20 de outubro
Maria Angélica Sousa Costa

Jonathan Kozol, grande educador norte-americano e autor do livro *Morte em tenra idade*, é mencionado por Freire a fim de elucidar para Cristina um fator que contribui para exclusão nos espaços pedagógicos, o preconceito racial. O livro elogiado por Paulo traz a discussão da naturalização da discriminação racial e o silêncio das testemunhas desse descaso. Kozol denunciou o que viu, enquanto professor, e foi afastado do cargo após a publicação desse livro.

Um mês depois da leitura de *Morte em tenra idade* Freire foi chamado para coordenar um curso em Cuernavaca, no México, onde conheceu Kozol e Ivan Illich, para ele os dois eram importantes nomes da educação conscientizadora.

Freire questiona-se acerca do descaso das autoridades em relação às instituições escolares, que se encontram em estado de precarização e abandono no sentido estrutural e no sentido pedagógico. Para Paulo, a luta por salários dignos deve se estender também pela luta por melhores condições de trabalho e formação permanente para os docentes. (p.199)

É preciso iniciativa e interesse político por parte dos governantes para dar melhores condições de trabalho aos professores. Se faz necessário que compreendam que educação e saúde devem ser prioridades e, de fato, invistam em melhorias nesses setores, cumprindo as promessas que costumam fazer nos períodos de campanhas eleitorais.

Paulo considera que é impossível exigir dos professores qualidade e alegria no exercício da docência com os baixos salários que recebem, péssimas instalações de trabalho e formação ineficiente, que traz como consequência professores despreparados e mal- -humorados para salas de aula.

Freire acredita que as políticas públicas precisam ser reorientadas, precisam passar por uma reelaboração e reorganização do uso de verbas orçamentárias. É preciso fiscalizar e acabar com os gastos supérfluos. Além disso, por parte da população, é fundamental fazer o direito ao voto de forma consciente, negando apoio àqueles que não promoveram melhorias nos setores sociais.

Professores e professoras que exercem seu direito de fazer greves por melhorias, devem ter o apoio das famílias de alunos e não, como é comum acontecer, serem criticados por estes. O direito à greve é um direito legitimado do exercício da democracia, portanto, deve ser respeitado e não penalizado.

A educação é uma prática social entre sujeitos. O sujeito que media conhecimentos e os sujeitos que aprendem. Os sujeitos do processo são interligados, cada qual com sua especificidade. Não há neutralidade, todos são movidos por uma ideologia. No entanto, é preciso compreender que a ideologia de um não pode sobrepor a ideologia do outro.

Isto implica na aceitação das identidades culturais, religiosas, linguagens e outras características pessoais, que devem ser aceitas pelo educador. Todo conhecimento de mundo e de si que o discente traz para sala de aula deve ser respeitado. As diferenças devem servir para o processo de respeito ao outro, a permissão de cada um exercer o direito ser o que é.

Freire, nas práticas educativas do MCP, parte dos seguintes pensamentos:

1. A alfabetização não deve ser um ato mecânico e sim reflexivo;
2. Os educandos devem ser instigados no processo de alfabetização;
3. Deve-se fazer um levantamento prévio por parte dos educadores, do contexto dos educandos, a fim de partir do universo destes para elaboração de temas a serem explorados no exercício da alfabetização;
4. A relação entre os envolvidos deve partir da dialética;
5. As palavras escolhidas para serem trabalhadas nas construções de sílabas devem possibilitar novas construções de palavras e sílabas diferentes;
6. Escrever e ler devem ser indissociáveis;
7. O educador deve atentar-se às dificuldades dos adultos trabalhadores no uso do lápis, já que estes lidam com instrumentos pesados em suas profissões, é comum que no início usem a mesma força;
8. É preciso considerar que os adultos não se sentem à vontade quando são tratados como crianças.

Freire revela a Cristina que sua passagem pelo MCP teve uma importância especial, apesar do curto tempo que durou. O autor considera que a preservação das manifestações culturais foram fundamentais nos processos de educação de adultos.

Paulo chama atenção para importantes nomes que contribuíram para as ações do MCP, como o professor Paulo Rosas; a psicóloga e educadora Anita Paes Barreto; Luiz Mendonça; Norma Coelho e Josina Godoi. Para Freire, todos esses nomes desenvolveram importantes papéis no movimento.

No projeto de teatro popular aconteciam apresentações circenses além das apresentações teatrais e de cinemas. Os ingressos eram acessíveis e ao término das peças três educadores iam ao palco para debater com a plateia, geralmente, poucos saiam da sala após as apresentações. As conversas abordavam assuntos políticos e situações atuais e históricas que despertavam interesse do público, que se sentia privilegiado ao exercer seu direito de falar. As práticas do MCP propunha a formação do pensamento crítico dos indivíduos para que esses compreendam seu contexto e se sintam capazes de transformá-lo.

Freire reforça o uso do *tema gerador*, no processo de ensino/aprendizagem para a produção do próprio conhecimento dentro do meio no qual o educando encontra-se inserido, assim, por meio de sua vida ele será capaz de encontrar instrumentos que lhe permitam acesso aos saberes de conteúdos, aos saberes do mundo. Nessa abordagem, a educação flui de forma reflexiva e não mecânica, como ocorre na educação bancária.

O Movimento de Cultura Popular foi extremamente importante tanto para Freire, quanto para aos envolvidos em Recife e, a partir dele, muitas ideias e ações permaneceram plantadas na mente de pessoas comprometidas com a educação do povo, para o povo e com o povo.

21 de outubro
Everton Seixas Cardoso

Analisando essa passagem de Paulo Freire conseguimos relembrar sua grande contribuição no Movimento de Cultura Popular (MCP) criado na gestão do prefeito Miguel Arraes no Recife-PE no inicio da década de 1960.

Sua participação nessa instituição sem fins lucrativos não foi discreta e também não se restringia a alguma atividade limitada, pois ele ficava responsável no Programa de Pesquisa do instituto que procuravam novos meios de desenvolver o aprendizado da população adulta.

Esse instituto fazia transmissões radiofônicas e tinha como objetivo chegar ao público adulto que buscavam um aperfeiçoamento no seu processo educacional, apesar do caráter educacional desse instituto não foi possível que esse programa tivesse uma vida mais longa, devido às pressões de grupos políticos opositores em um período marcado pela polarização da Guerra Fria, pois qualquer projeto desenvolvido por intelectuais simpatizantes aos valores Comunistas que eram considerados subversivos e ganhavam grandes críticas dos setores mais conservadores da sociedade brasileira.

Com o sucesso do projeto do MCP, Paulo Freire cria em 1962 o Serviço de Extensão Cultural (SEC) na Universidade do Recife, esse instituto tinha caráter cultural e educacional, pois apresentavam inúmeros traços da cultura brasileira em contraste com a realidade dura de muitos trabalhadores.

Atuando nos dois institutos, Freire desenvolveu seus métodos de alfabetização para adultos, esse método revolucionário conseguia dar um sinal de esperança para muitos brasileiros que não terminaram seus ciclos educativos, aprender novamente com uma linguagem mais acessiva e com temas voltados para a sua realidade trazia uma nova motivação de vida para muitos brasileiros.

> "Agora sei que sou culto", disse, certa vez, um velho camponês chileno ao discutir, através de codificações, a significação do trabalho. E ao se lhe perguntar porque se sabia culto, respondeu seguro: "Porque trabalho e trabalhando transformo o mundo".
> Esta afirmação, muito comum também no Brasil, revela a superação que vão fazendo do conhecimento, ao nível preponderantemente sensível, de sua presença no mundo, pela assunção crítica desta presença, o que implica no reconhecimento de não apenas estarem no mundo, mas com o mundo. (FREIRE, Paulo. 1981. p. 17)

Mas o cenário começa a mudar de rumo e o instituto do MCP teve seu fechamento logo após a entrada dos militares no poder a partir de 1964. Isso significou uma medida puramente política sem nenhum tipo de argumento plausível para medida tão radical. O impacto foi tão grande que Paulo Freire teve que se exilar no Chile para não sofrer nenhum as injustiças de um governo autoritário que perseguiam injustamente seus opositores.

Mas qual deve ter sido a experiência que Paulo Freire teve nos dois institutos? Primeiramente significava uma tentativa de colocar seus projetos educacionais para os adultos de uma forma mais impactante e ampla, pois utilizando o poder do rádio de disseminação de informação suas estratégias educacionais avançariam e levariam ao aprendizado dessas pessoas que tinham somente nos programas radiofônicos como uma grande oportunidade de conquistarem o poder de serem alfabetizados de uma forma rápida e eficaz. Também significa uma forma de aperfeiçoar seus métodos com a extensão universitária, pois debatendo com outros estudiosos abria caminho para um melhor aperfeiçoamento de seus métodos revolucionários para a educação.

Podemos dizer que para um grande pesquisador ver seus métodos sendo colocados em prática para o benefício de seus conterrâneos tão sofridos significava uma realização pessoal na vida de Paulo Freire. Um sentimento de dever cumprido que poderia ter sido muito mais abrangente se não tivesse sofrido a crueldade da censura dos órgãos governamentais.

O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o "pronunciam", isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos. (FREIRE, 1983. p. 28)

22 de outubro
Ronaldo Ferreira Pinheiro

Analisado aqui a décima terceira carta enviada a Cristina tento imaginar o compromisso de Paulo Freire ao retornar cartas para aquela jovem. A pequena Cristina a quem ele se comprometeu em responder as cartas. Como se sabe não foi de imediato que as respostas surgiram, mas é notória a importância que tais cartas ganharam.

Destacamos aqui a importância da contribuição Emanoel Mounier na vida intelectual de Paulo Freire. O Personalismo de Mounier conduz Paulo Freire a ver que o homem é "pessoa", e

não um objeto; é sujeito capaz de atuar intencionalmente no mundo. O homem, enquanto pessoa, não se reduz à sua condição animal (biológica) e nem às condições impostas pela vida em sociedade, mas a um ser humano, a uma pessoa.

Conforme Benedito (2011) o educador retoma o conceito personalista-fenomenológico de transcendência: o homem, e somente ele, é capaz de transcender. Transcender é um conceito fantástico que conduz ao desdobramento de refletir a si mesmo no sentido de resignificar-se. Freire vai além e explica que a transcendência é mais que isso, é também uma consciência de finitude do homem, "do ser inacabado que é e cuja plenitude se acha na ligação com seu Criador".

No centro desta teoria Freire coloca o sentido de olhar para o ser humano como homem *(*lat. *homine)* e não como coisa *(lat. rem)*, ou como um simples operário, mas olhar para este como pessoa(*hominem*), como ser, ser humano. Aqui percebemos a importância que freire dá ao ser humano ao escrever e olhar com tanto apreço e carinho para Cristina, que poderia ser qualquer de nossos estimados alunos em sala de aula, ele olha afetuosamente, ensina e também ensina como se ensina.

Freire de maneira genial entende a visão de Personalismo de Mounier e traz um olhar humano para um mundo pedagógico que buscava apenas resultados voltados para o mercado. Agora a educação passa por uma guinada e consegue olhar para o ser humano como um todo, como pessoa, como ser agente de transformação que é consciente de si mesmo.

Quando notamos Paulo freire falando de si enquanto menino, jovem e como homem, sentimos a percepção de si em um progresso histórico na construção do sujeito a partir da indagação primordial da filosofia no "*quem sou eu?*" Que pode ser levada para a base socrática do fenômeno pedagógico grego na máxima do oráculo de Delfos "conhece-te a ti mesmo" que chama o homem para busca de seu eu rumo ao conhecimento.

A busca pelo entendimento em torno de si, "em torno de mim, de como penso, de como submeto sempre minha pratica..." (Freire, 2003) nos leva a olhar para sua percepção de mundo em torno de si, que se dá a partir da fantástica indagação em torno da construção que aqui se indaga "*de onde venho?*". Paulo Freire traz para a sala de aula a percepção de que o aluno é sujeito, sujeito de sua própria história, sujeito de si mesmo, portanto pessoa.

Assim, quando se conhece a própria história se compreende as suas próprias mazelas. Fala de Freire (2003) "..sem martirizar-me e punir-me procuro constantemente ser coerente, diminuir a distância entre o que digo e o que faço." Aqui maravilhado, contemplamos a percepção do "*onde estou?*", pois me enxergar é perceber minha vida inserida num contexto em que posso entender minha relação comigo mesmo e com o mundo que me permitirá entender a visão do que eu fiz com o que fizeram comigo, que é uma estratégia pedagógica de conduzir o ser a perceber-se por meio da percepção do mundo e do outro em constante relação.

Não podemos esquecer a ligação fantástica estabelecida com o pensador Aristóteles em sua discussão a respeito da prática, *práxis*, do fazer humano, e Paulo Freire em sua conversa com Cristina nos chama a atenção para a coerência entre o que pensa e o que faz. Pois, para muitos camponeses o que fazem não vale nada, dão estrema valia ao que não fazem, ter o domínio intelectual, ou o simples domínio da leitura. Mas, aqui a coerência de vida deste ímpar pensador se tornou estratégia pedagógica que já era discutida no mundo grego e nos leva a pensar se está sendo respeitada a distancia mínima que deve haver entre a teoria e a prática.

Desta forma, a 13ª carta para Cristina nos motiva a pensar a educação. Em suma, pensar a diminuição da distância entre a prática e a teoria e manter a coerência que é cuidar da pessoa,

que não se resume ao mero ato de transferir conteúdo, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção, portanto, é estabelecer raízes para uma educação de envolvimento do ser.

23 de outubro
Luciana Rita Bellincanta Salvi

> [...] não é possível atuar em favor da igualdade, do respeito aos demais, do direito à voz, à participação, a reinvenção do mundo, num regime que negue a liberdade de trabalhar, de comer, de falar, de criticar, de ler, de discordar, de ir e vir, a liberdade de ser. (FREIRE, 2003, p. 193).

Na reflexão proposta para este dia, Freire aborda de forma enfática o debate sobre a democracia ao longo de sua obra, tendo em vista que defende a ideia de que não se trata de um fenômeno que nasce do dia para a noite, mas de um processo que se constrói arduamente, sem ter sido imposto por meio de relações verticalizadas ou por um representante que se autodenomine democrático e tencione realizar um governo voltado aos interesses do povo.

A democracia precisa ser analisada pelo prisma da totalidade, considerando que é uma conquista histórica, onde o direito de um, deve ser o direito do outro, portanto, direitos iguais para todos os sujeitos, no que tangem as esferas políticas, econômicas e culturais, norteando assim, a vida em sociedade dos sujeitos.

É preciso destacar, que a democracia consiste num processo de conquista coletiva, permeado pelo respeito, pela dialogicidade e pelo poder de participação, no intuito de que, igualitariamente, todos os sujeitos façam parte desse processo, tendo autonomia para indagar e decidir. Homens e mulheres inacabados e conscientes de seu inacabamento, que fazem e se fazem na história, vocacionados para *"ser mais"*, no processo dialético de humanização.

Desde que o *"ser mais"* se tornou historicamente a vocação ontológica de homens e mulheres, tem-se acompanhado a luta para assegurar a vocação humana do *"ser mais"*, constituindo-se num fundamento ontológico e histórico da luta política pela democracia e por todas as formas de seu aperfeiçoamento.

Eis que se apresenta o lastro dessa discussão, pois a democracia nos remete a igualdade de direitos, de condições, de espaço, de acesso, de participação. Como assegurar a efetivação do senso democrático, quando vemos vozes que se posicionam e denunciam as injustiças sociais sendo caladas e ignoradas pelas mãos opressoras? Quando as culturas que até então tinham espaço social reconhecido, regridem aos guetos sendo negadas e silenciadas? Quando mais do que nunca aumenta a falta de trabalho, a fome, a miséria, a falta de oportunidades que produz as desigualdades sociais, a falta de dignidade humana e consequentemente, o *"ser menos"*? Quando a educação e a saúde, nossos grandes instrumentos de justiça social, são vítimas de um golpe bárbaro como a dura realidade instituída por meio da Emenda Constitucional Nº 95 de 2016 que congelou o teto de investimentos por 20 anos, sucateando a oferta desses serviços sociais e consequentemente negando o acesso a quem mais precisa deles, ou seja, a classe oprimida? Indago: onde está a democracia?

Neste sentido, percebemos que muitas vezes a democracia se restringe apenas ao sentido político, o que consiste num grande erro, pois dessa forma nega-se a si própria. Na democracia política, o discurso democrático é vociferado aos quatro cantos, todavia, a aplicação prática não ecoa junto aos estratos sociais marginalizados, os oprimidos, como Freire assim nos denominou.

Quem são os oprimidos então?

Eu, você, todos nós que somos pobres, negros, homens, mulheres, crianças, idosos, lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, índios, sem-terra, sem teto, deficientes e qualquer categoria possível marginalizada que por ventura, não se encontra contemplada neste espaço.

Entretanto, existe um momento singular, em que o olhar dos opressores se volta, interesseiramente, para esse estrato social segregado e a eles é garantido o direito democrático político, que é símbolo da cidadania, qual seja o direito ao voto.

Não ocasiona nenhum espanto, o investimento maciço que os nossos opressores realizam em mídias alienantes voltadas à dominação e à submissão das camadas populares, sendo estes, os protagonistas de uma representação ilusória, a qual está sujeita a *"fake news"* que alienam e formam opiniões e forjam condicionamentos desejados, pois elas são indispensáveis para assegurar o retorno e ou a manutenção de nossos opressores no poder, em nome de uma democracia, que assegura o direito ao voto, que rejeita a *"velha política"* e *"promete* a *escolha consciente"* dos nossos representantes.

E dessa forma, tal qual marionete que é ardilosamente manipulável, o povo se rende e é rendido e, por meio da democracia, é assegurado aos esfarrapados do mundo o direito a morte pela fome e pela dor (Freire, 2003).

Infelizmentea democracia é pensada para atender os estratos sociais privilegiados, acentuando dessa forma as desigualdades sociais originadas pelo sistema capitalista que se sustenta inclusive na insuficiência de políticas públicas para contemplar a todas e a todos os sujeitos.

Freire (2003) asseverou que não acredita em nenhuma luta em prol da igualdade de direitos, em prol da superação das injustiças e das desigualdades, que não se funde no profundo respeito à vocação para a humanização, e para o *"ser mais"* de homens e de mulheres.

Neste sentido, Freire (1996) recomendou eticamente que devemos respeitar a autonomia e a dignidade dos sujeitos, pois não é um favor que é concedido a alguns em detrimento de outros, uma vez que:

> [...] os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos. É preciso deixar claro que a transgressão da eticidade jamais pode ser vista ou entendida como virtude, mas como ruptura com a decência. O que quero dizer é o seguinte: que alguém se torne machista, racista, classista, sei lá o quê, mas se assuma como transgressor da natureza humana. Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. (FREIRE, 1996, p. 60).

Neste viés, é possível perceber, que a luta de Freire não se restringiu apenas a luta por uma educação libertadora que respeitava a história e a construção dos sujeitos no sentido de conscientizá-los para agirem criticamente na sociedade, como muitas pessoas pensam, mas, transcendeu pela preocupação manifestada na necessidade de assumirmos um compromisso ético com os sujeitos, com a vocação para a humanização e o *"ser mais"*, a luta pela igualdade, influenciando diretamente na luta pela democracia, tendo em vista a luta pelo direito de todos e de todas, não importando a quem se aplique, afinal precisamos aprender a respeitar e a conviver com as diferenças, portanto a tolerância se faz indispensável (Freire, 2003), já que é uma virtude e dever de todos e sem ela não há como cogitarmos sequer a instituição da democracia.

24 de outubro
Luciana Rita Bellincanta Salvi

> Ensinar democracia é possível. Para isto, contudo, é preciso testemunhá-la. Mais ainda, testemunhando-a, lutar para que ela seja vivida, posta em prática ao nível da sociedade global. O que quero dizer é que o ensino da democracia não se dá através apenas do discurso *sobre* a democracia, não raro contraditado por comportamentos autoritários. O ensino da democracia implica também o discurso sobre ela, não abstratamente feito, mas sobre ela ao ser ensaiada e experimentada. (FREIRE, 2003, p. 201, grifo do autor).

Não é possível versar sobre a *"democracia"*, sem trazer à tona as relações contraditórias e dialéticas existentes entre a *"autoridade e a liberdade"*. Somando-se a esse binômio, tem-se a *"educação"*, que ao entrar em cena ocasiona novas indagações *"engrossando o caldo"* dessa discussão que se encontra posta para este dia.

A autoridade se firma quando estabelecemos relações com os sujeitos alicerçadas no respeito e na convivência com as diferenças de cada um e de cada uma. Por meio da convivência respeitosa aprendemos a tolerância, que é exercitada inúmeras vezes em campos de discordância de ideias, que nos ensinam a não adotarmos posicionamentos de superioridade ou de inferioridade em relação a ninguém, resultando assim, na efetivação do conhecimento mútuo, perceptível nas esferas do crescimento e do desenvolvimento na produção do saber. A autoridade respeita a liberdade de cada homem e de cada mulher.

Entretanto, quando a convivência se dá em espaços desrespeitosos, onde não se constrói a tolerância, o tênue fio de autoridade, *"curva a vara"*, para o autoritarismo, onde a liberdade do outro, bem como a sua própria liberdade é negada ao transformar imoralmente o seu direito para esmagar as liberdades que o circundam (Freire, 2003).

Outros sujeitos, temendo pender para o autoritarismo, deixam de usar a autoridade necessária, promotora da liderança e da organização social, *"envergando a vara"* para o outro lado, qual seja, para coibir o autoritarismo, partem para a licenciosidade. Este posicionamento consiste num ledo engano, pois nem o autoritarismo, tampouco a licenciosidade contribui favoravelmente, quando o assunto é democracia. Ademais, a licenciosidade fere profundamente o princípio da liberdade.

Atentando ao que Freire (2003) asseverou, as relações existentes entre autoridade e liberdade se não forem bem dosadas e penderem para o exacerbamento ou para o esvaziamento incorrem no risco de sacrificar as relações democráticas, pois ambas exercem um papel determinante que pode negar e asfixiar a democracia.

Eis que emerge a discussão para o campo da educação e da democracia. Afinal, que tessitura dialógica pode ser estabelecida entre ambas?

É pertinente ressaltar que não é possível falar sobre a educação e a democracia sem considerar as questões associadas ao poder, a economia, a justiça e sua aplicação, a igualdade e a ética (Freire, 2003), tendo em vista que ambas se encontram inseridas nesse contexto e recebem a ação imediata de todos esses fatores.

As práticas educativas promovidas no chão das escolas devem fomentar, tanto em educandos como em educadores o gosto irreprimível pela liberdade, pois ela é o ponto de partida e condição indispensável para a vocação do *"ser mais"* de homens e de mulheres.

O *"ser mais"* não foge à realidade concreta do contexto histórico, cultural, econômico, social, político, tanto quanto a educação e a democracia, pois a natureza para o *"ser mais"* se situa na natureza humana que é historicamente condicionada.

Contribui com esta ideia Marx (2000, p. 15), ao afirmar que, "[...] os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha, e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado".

De acordo com as sujeições que os sujeitos herdam do seu passado, construiremos a nossa história. Essa é a herança que receberemos, portanto, esses parâmetros guiarão as nossas escolhas, alicerçando cada uma das nossas decisões. A compreensão sobre o passado não nos possibilita mudá-lo, mas compreendê-lo para conseguirmos atuar melhor no presente.

Neste viés, a liberdade é um direito que ora conquistamos por meio de muitas lutas, sendo que ora preservamos, ora aprimoramos, ora perdemos, tudo depende do contexto histórico que estamos inseridos, que estamos vivendo e ajudando a produzir. Sendo assim, a democracia também vivencia este processo dialético contraditório de avanços e de tensionamentos.

A escola precisa propor situações tangíveis em que os educandos melhorem ou aperfeiçoem a criticidade em relação do verdadeiro sentido do termo democracia. Essas intervenções se fazem necessárias, pois ao vivenciarem situações onde possam se manifestar acerca daquilo ou daqueles que asseguram ou que ferem os direitos e que tolhem a sua liberdade e a do outro, nesse momento, é crucial que a voz não seja calada, oprimida. Importa construir espaços de desvelamento da realidade e de discussão, para que os educandos encontrem possibilidades de tomada de posicionamento e de decisão acerca do que de fato representa seus interesses. É possível afirmar, que não é por meio do medo, da coação, da opressão, do silenciamento, da alienação, da mentira, da distorção interesseira da verdade que acontecerá a democracia. Essas ações só tolhem e ferem as liberdades dos sujeitos.

A democracia é construída por meio de uma educação libertadora, por isso não é possível permitir que o nosso processo democrático, ainda tão tênue, se perca e seja usurpado de nossas mãos. A nossa nação é fruto de uma inexperiência democrática muito grande, uma vez que,

> Realmente o Brasil nasceu e cresceu dentro de condições negativas às experiências democráticas. O sentido marcante de nossa colonização, fortemente predatória, à base da exploração econômica do grande domínio, em que o "poder do senhor" se alongava "das terras às gentes também" e do trabalho escravo inicialmente do nativo e posteriormente do africano, não teria criado condições necessárias ao desenvolvimento de uma mentalidade permeável, flexível, característica do clima cultural democrático, no homem brasileiro. (FREIRE, 2011, p. 90 - 91).

Na mesma medida em que Freire (2003) aponta a nossa inexperiência democrática, ele estabelece a tratativa de que é possível ensinar a democracia aos sujeitos, desde que a tarefa seja realizada por um educador: que possua firmeza em suas convicções, que tenha um compromisso ético e político assumido com *"as gentes"* desse mundo, que tenha esperança do verbo esperançar e não do verbo esperar até perder o *"trem da história"*, que perceba a história e atue criticamente na sociedade no sentido de transformá-la, que realize leituras críticas da realidade analisando os descompassos democráticos, que promova experiências democráticas junto aos seus educandos sem cansar de lutar bravamente pela democracia. Para além do ensino da democracia, essas ações promovem a vivência ética, estética e concreta dela pelos educandos.

Lutar bravamente para defendê-la é o nosso direito e também, é nosso o dever de lutar para efetivá-la, para que consigamos assegurar a conquista responsável de experienciá-la, sem tampouco perder o gosto da liberdade.

25 de outubro
Ana Clésia Pereira Santiago da Rocha

Pensar e refletir sobre duas questões fundamentais dos nossos dias: liberdade e incoerência esse é o convite que o educador Paulo Freire nos faz na décima quinta carta do livro "Cartas a Cristina". Um convite que passa pelo nosso campo mais sensível como seres de capacidade racional e reflexiva. A humildade necessária para reavaliarmos nossa práxis.

Quando falamos de sonhos, liberdade, projetos, práticas pedagógicas entre outras questões, precisamos estar conscientes de como a incoerência se faz presente no inconsciente das nossas ações. É contraditório falar da necessidade da nossa ampliação da percepção diante do nosso inconsciênte, porém, esse exercício é necessário para que mudemos nosso olhar sobre a nossa prática e discurso educativo.

Essas ações podem se refletidas do ponto de vista sobre o que é esse "*Ser mais*" que o educador Paulo Freire cita no início da escrita dessa carta. Ele fala sobre liberdade, equidade, justiça e sonhos. Questões importantes que todos nós que atuamos na educação libertadora devemos não apenas propor em pautas, lutas e discursões.

Precisamos além de tudo aquilo que falamos vivenciar em cada lugar que atuamos: como na nossa casa, comunidade, escola e com os nossos alunos. Fugir da demagogia das belas frases que não nos levam a lugar algum, apenas a uma constante incoerência de ação diante de um discurso libertador e uma prática reacionária.

A mudança e a luta por uma sociedade justa não se dá de forma individual, o autor destaca o papel do coletivo nesse processo. Freir nos convida a refletir que não é por meio de brigas entre os indivíduos que teremos essa mudança. A luta segundo o educador é do ser humano pelo "*Ser mais*".

Esse "*Ser mais*" que Paulo Freire cita não é colocar-se sobre o outro como superior, podemos perceber ao ler sua carta que é exatamente o contrário. Pois se faz necessário humildade para reconhermos nossas práticas reacionárias para que conseguimos mudanças significativas primeiramente no nosso ser e depois no nosso meio.

Como podemos avaliar no trecho a seguir " *Não há sombra de dúvida de que a fim de o professor racista, de o professor machista, de o professor elitista, que falam de democracia e se dizem progressistas, poderem comprometer-se com a liberdade, é preciso que façam sua "páscoa" que "morram" como machista, como racista, como elitistas para "re-nascer" como verdadeiros progressistas, inscritos na luta de reinvenção do mundo*".

O ser mais é a busca pela libertação de si mesmo, é sair da nossa caverna que Platão citou, não para propor uma arrogância racional diante daquilo que conhecemo e racionalizamos, mas para sermos canais de auxílio, mudança e na construção de uma nova forma de educar. É um processo de autoconhecimento e responsabilização pelo meio que vivemos. Cientes das desigualdades que nos cercam, dos privilégios que temos diante da discrepância de um contexto para outro, é na busca da consciência do pertencimento, da apropriação da cultura e dos bens sociais que se dá a libertação.

O processo de libertação não é algo que podemos atingir de forma individualista, mas é um processo de mudança coletivo, pela ampliação do senso crítico de cada pessoa que busca mudar a si mesmo para atingir o todo.

Quando Paulo Freire fala do educador em sua carta, frisa que ao perceber nossa incoerência uma questão se coloca como pilar para que possamos defender uma sociedade democrática ocorre por meio da mudança de atitude. Diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz. O autor coloca alguns exemplos sobre essa questão na décima quinta carta.

Entre um dos exemplos citados é quando Freire cita que o oprimido introjeta o opressor, situação onde o oprimido fere e maltrata o oprimido como se fosse opressor, matando em si o oprimido, por práticas incoerentes aos seus discursos e nada libertadoras.

Um trecho que me chama atenção sobre tudo que o autor pontuou: o que encantou Freire, o fez refletir sobre o tempo, foi observar as possibilidades de mudança no seu meio. Paulo Freire não defendeu nenhum tipo de determinismo. Ele acreditou na possibilidade de reinvenção de cada um de nós.

Quando essa percepção nos acolhe podemos compreender que nossos preconceitos podem ser mudados. Somente por meio dessa mudança é que podemos nos tornar de fato educadores e educadoras progressitas que lutam diariamente pela libertação.

Freire sabe que esse processo de libertação não ocorre de forma mágica ou da noite para o dia. Mas se trata de uma construção que pode levar uma vida inteira de reflexão. Precisamos como profissionais da educação nos observar, refletir nossos atos, educar com sensibilidade sem perder o senso crítico.

Acreditar nos sonhos sem nos perder na irracionalidade. Acolher as dores mesmo quando essas não forem nossas. Respeitar o processo de construção de uma sociedade que visa a equidade que se pauta muito além da ideia de oportunidades iguais, mas de construir possibilidades de justiça social quando a linha não nos mostrar respeito a diversidade e subjetividade de cada sujeito social.

Diante da injustiça cabe a luta pela defesa da liberdade da cada pessoa. Essa liberdade não é apenas ir e vir, mas sobre compreender os limites que nos foram impostos ao longo da história, nosso contexto, sobre a liberdade de pensamento e de fé, a liberdade que liberta e não oprime. Possibilidade de se enxergar como cidadão e cidadã que busca na sua luta diária alento em práticas de mudança real.

Quando educamos para a competição, apenas para o mercado de trabalho, apenas para a luta diante das concorrências, não estamos educamos para liberdade, mas para a manutenção do status quo. A liberdade acolhe o sonho, se solidariza com a dor, é amor e justiça. É sensível e ao mesmo tempo possui os pés no chão diante da realidade que precisa ser mudada.

Essa é a reflexão que o educador Paulo Freire nos fez na décima quinta carta ao mostrar que podemos optar pela educação libertadora ou pela manutenção da educação reacionária onde que o sonho do oprimido é se tornar um opressor e o ciclo continuar. A distância entre o que se diz e o que se faz é o desafio que o educador nos propõe.

26 de outubro
Liliane Azeredo Dias

O grande legado de Paulo Freire que se mantém vivo entre nós busca diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, impedindo as contradições, visto que o professor é exemplo a ser seguido e que cada um possa procurar ser cada vez mais e melhor na sua natureza humana, em

busca do gosto pela vida em sua liberdade de forma otimista e humanitária através do diálogo e não do confronto, resgatando o respeito entre todos na sociedade independente das diferenças existentes.

"O gosto da liberdade, o amor à vida, que me faz temer perdê-la, o amor à vida, que me situa num permanente movimento de busca, de incessante procura do ser mais".

Paulo Freire.

No trecho acima, extraído da 15ª carta do autor à sua sobrinha Cristina e contida no Livro Cartas à Cristina, é possível inferir sobre as muitas perspectivas humanas que a obra de Paulo Freire pode estimular, visando à realização de uma prática mais eficaz, no sentido de valorizar o humano em todas as suas prerrogativas.

O educador não faz dicotomia entre a sua realização de homem, ser humano e educador, ou seja, sua prática é uma missão valorosa em prol da vida que se faz em todas as conjecturas do seu cotidiano. Entretanto, seu trabalho está intrínseco na sua constituição de vida. Se almejarmos uma nova sociedade, devemos contar com o valor da educação transformadora, bem como dos profissionais que nela atuam, aumentando a gratidão e prestígio social como forma de reconhecimento e valorização do importante trabalho que estes educadores realizam com amor e compromisso, na luta incessante de cumprir sua missão e não desanimar nunca perante os desafios enfrentados, treinando o ser humano a não simplesmente se adaptar às condições de mundo, e sim, transformá-lo para possivelmente participar das mudanças às quais buscamos permanentemente.

A procura por crescimento e/ou desenvolvimento intelectual está interligada ao desenrolar da vida, assim sendo Paulo Freire não difere o tempo educacional com a vida ou vice-versa, pois a educação libertadora é, e precisa estar ou ser elaborada em consonância, com a vida do sujeito, com suas necessidades físicas, emocionais, pois tal configuração educativa lida com gente, e tais gentes estão vivas, e precisam ser respeitadas em suas singularidades, afinal de contas a vida é valiosa em todos os sentidos de sua significação. Sendo assim, enquanto o fôlego de vida existir, novas e bonitas possibilidades de desenvolvimento humano também devem existir, a fim de prosseguir com entusiasmo sobre novas perspectivas de aprendizagens, as quais possam ser transformadoras de suas realidades, convergindo com mudanças comportamentais que sejam determinantes para a configuração de um mundo menos desigual.

Freire sublinha que o processo de conhecimento é "inacabado" e que esta consciência de inacabamento precisa ser concebida pelo sujeito que deseja obter um processo de libertação em sua caminhada de vida, ou seja, é preciso compreender que o processo de busca do SER MAIS requer uma postura incessante de pesquisa, de humildade, de diálogo e de compreensão em favor de si mesmo e dos outros que o cercam. Contudo, é necessário entender o mundo com um olhar mais solidário em virtude de estabelecer relações que sejam favoráveis à procura de estar sendo humanamente constituído, em um processo de transformação e/ou libertação.

É necessário que educador e educando se percebam pertencentes ao processo de conhecimento mútuo, alcançando o aprendizado e o construindo sistematicamente e de forma significativa, para aprenderem a ler e conhecer a realidade de mundo que os cerca, reescrevendo tal realidade e transformando-a como sujeitos da própria história.

Sobretudo, o sentimento de amor é algo notável na obra do Grande Mestre, amor este incondicional à vida, ao ser humano, às necessidades das gentes e aos anseios educacionais que

são tão intrigantes na nação brasileira há tanto tempo. E este amor que preenche todas as entrelinhas dos seus escritos, da vida e obra do Paulo Freire, transcende o tempo e a distância e persiste ainda hoje, em nossa contemporaneidade, a fim de nos fazer educadores e educadoras, homens e mulheres mais entusiásticos em busca do SER MAIS, e, consequentemente, em busca de uma educação que seja, veementemente, transformadora de vidas.

27 de outubro
André Paulo Castanha

Nesta carta, Paulo Freire tratou de sua experiência como professor em programas de pós-graduação, em nível de mestrado e doutorado e refletiu sobre a relação orientador orientando, enfatizando o papel do orientador numa perspectiva democrática. Ao meditar sobre a atuação como orientador, deu orientações precisas, basilares e essenciais, para que se possa construir estudos que impactem na qualidade da educação.

Freire sustentou que o orientador deve atuar como um apoio "ao orientando no sentido de que este se ajude". Portanto:

> O papel do orientador, por isso, não pode ser o de programar a vida intelectual do orientando, estabelecendo regras sobre o que ele pode e não pode escrever. O papel do orientador que realmente *orienta*, que acompanha as dúvidas do orientando, a que sempre junta mais dúvidas, é, de maneira aberta, amiga, ora aquietar, ora inquietar o orientando (2015, p. 261).

No dizer de Freire deve ser uma relação de quietude e inquietude. A quietude se dá quando o orientador tem resposta seguras, apresente sugestões de caminhos, procedimentos, bibliografias que auxiliam na investigação. Mas é também papel do orientador inquietar o aluno com problematizações, indicando outras possibilidades de interpretações, exigindo o cumprimento do cronograma dos estudos. Todavia, alertou Freire: "As relações entre orientador e orientando, mais do que estritamente intelectuais, devem ser afetivas, respeitosas, capazes de criar um clima de mútua confiança que estimule em lugar de inibir a produção do orientando" (2015, p. 262). Em outras palavras, é necessário discutir com os orientandos, caminhos, ideias, dificuldades, alternativas da/para a pesquisa. É fundamental valorizar o empenho dos orientandos nas leituras, no levantamento de dados. Segundo Freire, o orientador não deve silenciar-se frente aos acertos e erros da pesquisa, pois ética e lealdade são fundamentais na formação de novos pesquisadores. O orientador deve ter a ciência de que o estudo de seu orientando também é seu, daí a necessidade de parceria.

Ao primar por uma relação dialética e dialógica entre orientador e orientando, Freire enfatizou:

> O papel do orientador, obviamente, numa perspectiva democrática, não é o de, apropriando-se do orientando, escolher por ele o assunto da dissertação, seu título e ainda impor-lhe o estilo, o número de páginas a escrever, a linha político-ideológica do trabalho e a extensão das citações (2015, p. 263).

Freire tinha claro que nem sempre as relações entre orientadores e orientandos são afinadas. Segundo ele, o orientando "precisa revelar à Academia não é que pensa tal qual o orientador, mas que *ousa pensar* com independência, não importa que às vezes, se equivocando ou errando. O erro não é pecado, mas parte ou momento do processo de conhecimento". Em outra passagem enfatizou: "Não é possível, é verdade, criar sem séria disciplina intelectual, mas também não é

possível criar sob um sistema de regras fixas, rígidas, impostas por alguém" (2015, p. 264. Sustentou que, nos casos em que há divergências e conflitos consistentes, pelo bem de ambos e da ciência, é necessário substituir a orientação.

Como enfatizado por Freire, a academia é o local de pensar, criticar, perguntar, argumentar, ou seja, é o local de construir a autonomia, de despertar a capacidade de pensamento crítico rigoroso. Assim, o bom orientador, deve ser humilde, tanto nas contribuições "que deve oferecer ao orientando", quanto reconhecer, "sem se sentir diminuído ou zangado, o subsídio importante que o orientando traz a seu campo de estudo" (2015, p. 264).

É papel do orientador criar situações para que seus orientandos possam expor oralmente seus projetos, debatê-los, pois, a exposição oral auxilia na elaboração escrita do texto. O orientador deve estimular seus alunos a falar sobre o que se pretende escrever, sobre o que se está escrevendo, isso "ajuda a melhor escrever o ainda não escrito ou reescrever o escrito, mas não terminado" (2015, p. 268). É fundamental, também, discutir com seus orientandos o significado de ler e escrever um bom texto.

Freire tinha muito claro que pesquisa é processo ao enfatizar que "não é possível escrever sobre o que não se sabe". Daí a necessidade de saber sobre o que se quer escrever, ou seja, delimitar o problema da pesquisa. No dizer de Freire: "que tenha clara a minha pergunta e mais ou menos clara a minha resposta a ela. Sem trabalhar estas exigências com o orientador ou orientadora, sem o levantamento de uma bibliografia básica que cerque o meu tema, escrever a tese é impossível". Sobre o processo de desenvolvimento da pesquisa, Freire foi enfático ao afirmar que: "Sem rigor, sem seriedade, sem disciplina intelectual, o processo da orientação que envolve orientador e orientando se frustra e deixa de cumprir o que dele se espera" (2015, p. 269).

Frente aos rigores do processo de pesquisa, da escrita do texto e da exposição dos resultados, Freire chamou a atenção para o prazer em pesquisar. Se não há prazer no que se estuda, não se avança. O estudo/investigação vira uma simples obrigação e aí pode transformar-se em fonte de estresse, conformismo, descompromisso ou faz de conta.

Como afirmado anteriormente, Freire centrou suas reflexões no papel e importância do orientador na relação que se estabelece na pós-graduação, mas sem também deixar de enfatizar a disciplina, a dedicação e o compromisso com a pesquisa da parte do orientando. Usando as palavras do próprio autor: "As exigências éticas no trabalho de orientação não se restringem apenas ao orientador. Elas alcançam necessariamente os orientandos também" (2015, p. 270).

É papel do orientador estimular e criar condições para o pleno desenvolvimento do orientando, não só no âmbito da pesquisa, mas também em relação ao seu perfil profissional. É evidente que o orientador pode fazer críticas as ações, reflexões de seus orientandos, todavia deve cuidar na forma como "*destrata* o trabalho do orientando". Afinal, ele também é "gente que sente, que sofre, que sonha, que sabe e pode saber mais, que ignora, que precisa de estímulo. Gente, não coisa!" (2015, p. 270).

Enquanto professor em programa de pós-graduação de mestrado em educação, aprendi muito com as reflexões de Freire. Senti que compartilho dessa prática, mas elas abriram novas luzes para ajudar a melhorar mais ainda a minha prática de orientador.

28 de outubro
Edna Goretti Menegatti Mocellin

Nesta Carta Paulo Freire descreve sobre O Sonho da Libertação e a Luta Contra a Dominação, deixando a entender mais uma vez, como sempre o fez, que o tema da dominação, seja ela de classe, de raça ou de sexo, gira em torno dos sujeitos historicamente oprimidos e marginalizados socialmente.

Paulo Freire foi o grande idealizador da educação popular, tendo como base os processos culturais e a construção do debate sobre as culturas com os segmentos sociais mais oprimidos, buscando direcionar as práticas pedagógicas no sentido de estabelecer um exercício crítico da cidadania a fim de convergir em prática libertadora. A proposta de educação preconizada por Freire, busca contribuir no processo de transformação social. Para ele, uma educação popular e verdadeiramente libertadora, só se constrói a partir de uma educação problematizadora.

Na Carta, Paulo Freire expõe sobre a importância do ato de perguntar, onde afirma que, não há conhecimento fora da indagação e, que, quem pergunta deve comprometer-se com o processo da resposta tanto quanto espera que aquele a quem pergunta se comprometa. Por isso, Freire destaca a importância de uma educação problematizadora, alicerçada em perguntas provocadoras de novas respostas, no diálogo crítico e libertador e para a tomada de consciência de sua condição existencial.

Os homens, no decorrer da história estão sempre sendo desafiados por novos problemas, o que implica na procura por respostas e suas respostas, consequentemente os levam a novas perguntas.

As questões que serão apresentadas a seguir, são perguntas que sugerem uma discussão dos processos da dominação e da libertação como processos contraditórios e não mecânicos. As perguntas, segundo Freire, quem as faz, procura submeter sua afirmação ao juízo daquele ou daquela a quem indaga. E apresenta na Carta quatro perguntas:

> 1-Como explicar os altos níveis de fracasso entre estudantes de cor em sociedades que se consideram progressistas?
>
> 2-Podem os oprimidos, em verdade, trabalhar como reais sujeitos em programas progressistas com o opressor?
>
> 3-Como explicar que posições discriminadoras de classe, de sexo, de raça perdurem em sociedades que se dizem progressistas?
>
> 4-Pode a prática educativa libertadora erradicar manifestações do poder discriminador de classe, de raça, de sexo, numa sociedade progressista? (2015, p. 272).

Paulo Freire indica que o ponto de partida para se responder a estas perguntas seria/é a discussão da dominação e da libertação como processos contraditórios e não mecânicos. Para ele, o novo homem e a nova mulher são resultado de um processo histórico e social profundo e complexo. Segundo ele:

> O novo homem nasce aos poucos, vem tornando-se, não nasce feito. Só os mecanicistas, que perdem, sem o saber, a forma dialética de pensar, podem aceitar partejamento do homem e da mulher novos tão simplista quanto o de que falam (2015, p. 273).

Portanto, a luta para superar a contradição existente precisa seguir no sentido de libertação e não de intensificação da desumanização e da opressão, onde muitas vezes as contradições se materializam através de práticas de educação elitistas e autoritárias.

Nos remetemos à primeira pergunta feita anteriormente: Como explicar os altos níveis de fracasso entre estudantes de cor em sociedades que se consideram progressistas? Pois bem, a

América Latina se diferencia por ter a maioria dos seus governos com caráter progressista de trabalho, ou seja, as forças políticas e as instituições lutam em favor de uma sociedade que se caracterize pela prática democrática de resolução de conflitos, de forma política e pacífica, ao invés da imposição da força, lutando pela construção de políticas livres da hegemonia imperial de alguns países.

Muitas sociedades, apesar de se declararem progressistas, não foram capazes de "morrer" como racistas para "renascer" enquanto democráticas (2015, p. 274). As diversas políticas afirmativas implantadas não foram suficientes para resolver os problemas da ideologia racista e do descompasso das sociedades que se dizem democráticas.

Numa sociedade que se diz democrática, os alunos de todos os níveis de ensino sucumbem à convivência do descaso a que se relega o espaço educativo. Como escreve o autor: "de estranhar seria, em sociedades assim, os estudantes de cor não revelassem altos índices de fracasso" (2015, p. 275). Paulo Freire se mostra indignado quando declara que existem duas obviedades: "primeira, o fracasso dos jovens estudantes negros é êxito do poder racista dominante; segunda, o fracasso dos jovens negros não é de sua responsabilidade, mas da política discriminatória contra eles" (2015, p. 276).

A escravidão marcou e marca até hoje nosso país, e isso se evidencia fortemente nas cidades, onde a distribuição geográfica e espacial deixa claro essa afirmação, ou seja, a distribuição das residências e os locais de moradia demonstram perfeitamente a estratificação social e racial dos indivíduos que tem menos aceso às oportunidades sociais.

Na segunda questão questiona se podem os oprimidos, em verdade, trabalhar como reais sujeitos em programas progressistas com o opressor? Segundo o autor, a prática opressora é incompatível com o sonho e com a prática progressista (2015, p. 276), pois o opressor em razão de sua classe poderá dizer-se democrata, mas seu ideal democrático possui horizontes estreitos, que não permitem a ele suportar uma pessoa de cor perto dele. Ou seja, a democracia que ele defende será ameaçada se as classes populares encherem as ruas em defesa dos seus direitos e dos seus interesses.

Na terceira pergunta: como explicar que posições discriminatórias de classe, de sexo e de raça perdurem em sociedades que se dizem progressistas? Nesse caso, a primeira coisa que se deve analisar é o discurso oficial dessa sociedade sobre si mesma, outra é a sua prática social, a qual tem o dever de cobrar a diminuição da distância entre o que se apregoa no discurso e o que se faz na prática. A superação de práticas discriminatórias pressupõe que as chamadas minorias se percebam como maiorias, e passem a comportar-se como maiorias estabelecendo um exercício político diário, a fim de potencializar seus objetivos.

Portanto, Paulo Freire nos ensina que faz parte do sonho de libertação, de uma busca permanente da liberdade, da vida, a superação processual de todas as formas de discriminação. Enquanto participantes de uma sociedade que se reproduz na força de processos discriminatórios, devemos lutar por uma prática educativa de natureza libertadora, a qual poderá ajudar na superação das manifestações do poder discriminatório.

29 de outubro
Maria Angélica Sousa Costa

Na 18ª carta Freire aborda os problemas do século XX, no meio político, social, econômico, ideológico, científico, religioso, ético, entre outros, que fazem parte da realidade atual, à época da publicação do livro.

Inicialmente, Paulo chama atenção às relações norte-sul, que para ele há um desequilíbrio entre os dois extremos que causam um desequilíbrio na democracia, uma vez que um domina o outro. Para ele, tanto o opressor como o oprimido passam pelo processo de desumanização, "A relação senhor-escravo a quem se empreste o mais colorido disfarce, pouco importa, não desumaniza apenas o escravo, mas também o senhor." (FREIRE, p. 281). Isso porque há uma relação de interdependência entre o que oprime e aquele que é oprimido.

Freire aponta o caminho para libertação como um sonho possível, embora seja difícil, não é impossível. No entanto, para realização desse sonho é preciso compreender que a luta se faz necessária e o enfrentamento é inevitável. Lembrando da queda do muro de Berlim, Paulo reflete que o idealizador da *queda* deve ter sido visto por muitos como um louco, mas na verdade era apenas "alguém que acreditava no gosto de liberdade" (p.282).

Entre os problemas levantados por Freire, temos um grave problema: a questão da fome no mundo. Grande parte da população mundial ainda enfrenta a realidade da fome e, para ele, é um fato vergonhoso que em pleno final de século essa ainda seja uma realidade na vida de tantas pessoas.

O autor questiona se as ações do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, que liderou uma forte campanha contra fome, a fim de saber se essas ações realmente conseguem conscientizar a sociedade acerca desse grave problema. Para Freire, a tomada de consciência requer também uma tomada de ação. Não adianta conhecer o problema e não atuar sob ele.

Partindo dessa perspectiva, Paulo reflete que muitas pessoas, "comunidades iletradas" (p.284), atribuem a questão da fome ao fatalismo, à vontade divina, com isso, aceitam essa como sendo a única realidade possível. É preciso que estas compreendam que esta situação pode ser modificada e, somente, por meio da educação conscientizadora/ libertadora estas poderão superar esta limitação de realidade que lhes é imposta.

Quando a pessoa toma consciência de si, de suas possibilidades, consegue compreender e relacionar os problemas às causas e consequências, bem como, perceber, ainda, que pode participar das ações e lutas a fim de transformar sua condição de dominado.

Freire aponta que a campanha liderada por Betinho não focava somente no assistencialismo, mas na assistência também, compreendendo as diferenças entre os dois conceitos, na qual pode-se dizer que a assistência consiste numa política pública que deve assegurar os direitos dos cidadãos, enquanto o assistencialismo diz respeito a ação de caridade, doação como um ato pontual, não permanente, não garantindo assim mudanças efetivas na vida das pessoas. No entanto, independente da ação, a fome não espera e é preciso amenizá-la.

Os problemas sociais são frutos de injustiças históricas, problemas que dão início a outros e vão tomando maior dimensão à medida que são ignorados, acomodados, naturalizados. Para Freire, não é possível "superar a fome sem reforma agrária, sem geração de empregos, sem justa distribuição de renda" (p. 287).

30 de outubro
Valdenice Maria da Silva Setti

Esta parte final da 18ª Carta da obra "Cartas a Cristina" traduz aos leitores de maneira eficaz a rejeição de Paulo Freire por todo e qualquer ato de violência, não apenas desferida contra a vida humana, mas a tudo o que existe na Terra...

Para entendermos melhor, faz-se necessário refletirmos sobre alguns questionamentos intrigantes que nos acompanham durante a vida, ou em partes dela. Por que vivemos? Que objetivos realistas nos fazem lutar? Liberdade, paz e justiça podem ser consideradas utopias? Sobre o viés de que ética costumamos falar e/ou agir? As violências (sim, no plural) conseguem me atingir de alguma forma?

Freire (2015) nos relata que "não somos, estamos sendo" (p.290) e por isso estamos nos transformando, construindo a história, da mesma forma que estamos interferindo somos interferidos cultura, política e socialmente. Vivemos numa sociedade que se julga democrática, porém que reproduz muitos tipos de violência, proliferando dor, fome, sexismo, sonegação, racismo, alienação, cinismo, depredação, sombologismo, exploração, roubo, devastação, autoritarismo, degradação, humilhação entre outras tantas formas que evidenciamos a violência nos dias atuais. Todas essas atitudes violentas precisam ser combatidas, indistintamente.

A violência tem muitas faces, geram conflitos entre nações, estados, grupos, vizinhos, família, etc, minimizá-los é um desafio que perpetua neste século. É possível afirmar que todos os atos de preconceitos mancham negativamente a história da humanidade, as ações negativas causam danos irreparáveis e irreversíveis. Para combater os diferentes tipos de violência Freire (2015) nos sugere o cumprimento das leis existentes e explica que "ninguém domina ninguém, ninguém rouba ninguém, ninguém discrimina ninguém, ninguém destrata ninguém sem ser legalmente punido. " (p.289) A paz tão conclamada acontecerá quando a justiça se fizer presente, pois ela é resultado da abdicação da violência, é enfrentamento justo que objetiva resultados corretos por meio de discernimento.

A dominação, vilã das violências, embora presente há muitos anos não pode ser aceita como fatalidade, principalmente por pessoas que defendem o progresso e a transformação política e, as reformas sociais. Exercer a cidadania exige diálogo crítico, problematizado e discurso revolucionário com ações progressistas, logo antiviolência.

Enquanto cidadãos, precisamos crer que o mundo pode ser melhor. Acreditar e sonhar não de maneira utópica, como aquele que tem esperança do verbo esperar e não do verbo esperançar. Acreditar que é possível fazer sua parte na concretização deste ideal. Acreditar que a liberdade - entendida como antônimo de alienação e exploração, diminui as violências. Esta verdadeira liberdade precisa ser (re) conquistada, mantida e ampliada, afinal não a recebemos como presente custa suores, abnegações, aprendizados, desafios e acima de tudo coragem. Ela é constantemente ameaçada, ao mesmo tempo em que pode ser considerada como o "núcleo fundamental da vida", se torna frágil, revelando uma lamentável contradição. Enquanto nossa prática é negadora da vida – causam violências – nossos discursos a defendem.

Temos que agir pela e com a educação visto que ela é o meio mais eficaz de combater os tipos de violência que imperam, de propiciar vida mais igualitária, de libertar da alienação que oprime e de humanizar a sociedade que tanto carece de consciência, afinal, parafraseando o

eterno Nelson Mandela (1918/2013) " a educação é a arma mais poderosa para mudarmos o mundo".

Citando o célebre livro "O Capital de Marx, Freire (2015) ressalta que não podemos comparar o trabalho da abelha com o mais simples dos pedreiros, visto que ela simplesmente o faz, ele antes de executar, planeja. Se temos esta capacidade, e outras tantas como a de nos comunicarmos, cabe a nós mesmos a responsabilidade da preservação da vida (na sua totalidade) e do mundo. Como seres humanos pensantes e capacitados, desenhamos o mundo que almejamos na nossa cabeça, cabe então encontrarmos meio de concretizá-lo. Temos que pensar enquanto sociedade e não como indivíduos que disputam entre si os melhores lugares, isso é o que deseja a meritocracia imposta por algumas instituições. Todo o excesso não é frutífero, faz-se necessário o uso de pensamentos e ações comedidas. Não queremos que as pessoas apenas existam, desejos a elas mais que a sobrevivência, desejamos a vida com no mínimo as necessidades básicas garantidas.

As ações conscientes além de diminuírem os danos contra o ambiente são benéficas às pessoas. Ao agirmos com ética em seu sentido mais profundo, estamos sendo humanos e proporcionando a humanização de outrem, bem como permitindo que o mundo se renove, oportunizando que outras gerações desfrutem do planeta. Não basta fazer parte do mundo, é preciso fazer a nossa parte, ter desejos, ideais de fazer a diferença abolindo as violências que assolam a humanidade em seus aspectos físicos, mentais, históricos, políticos, morais, sociais, ambientais e culturais.

Na atualidade infelizmente, os discursos neoliberais estão violentamente afogando a intenção de mudanças. Freire (2015) salienta que alguns grupos sociais de esquerda estão negando a essência da luta, negando a ideologia e abandonando-se de si mesmo. A priori, o capitalismo sempre desumanizou, pois, a partir dele surgiu o explorado e o explorador, acirrando muitos problemas que perduram. Temos de superar aquilo que a história já provou que não deu certo. Temos de lutar pelo mundo que sonhamos, pela educação de qualidade, por menos violência, pela permanência dos direitos conquistados e pelas ideologias que acreditamos, visto que elas só se tornarão possíveis a medida que conquistamos mais pessoas a lutar conosco pela mesma causa. Somos diariamente violentados, pouco ou nada fazemos para minimizar essas dores que assolam mais que vidas, gerações. Temos urgentemente de escrever outras páginas onde os sujeitos histórica e socialmente construídos discutam apenas ideias, bem como socialismo e democracia andem paralelamente na mesma direção.

31 de outubro
Ana Clésia Pereira Santiago da Rocha

Toda escrita parte de um contexto, de um emissor que deseja transmitir uma mensagem. *A carta de Cristina* traz recordação ao leito de um momento histórico difícil no nosso país: os anos de chumbos. Considerando o fato de que Paulo Freire enviou essas cartas quando estava exilado. O livro Cartas a Cristina é um texto de memória.

Segundo a definição expressa no próprio prefácio Mnemosyne é uma palavra que vem do verbo grego mimnéskein que significa lembra-se. Algo tão importante e necessário nos nossos

dias. A memória está relacionada à arte-criação do ser humano. Nesse sentido do verbo *Manthánein,* que significa: aprender, aprender mediante ao exercício do espírito poyético.

É central que um dos piores medos do ser humano é perda da sua memória, da capacidade de recordar da sua infância, da sua primeira escola, dos seus primeiros professores, dos primeiros passos na escrita, das primeiras leituras, das primeiras canções que escutou. Segundo Leonhardt (2014) perder a memória é ficar alheio ao mundo, é esquecer-se de si, não mais reconhecer-se. Ainda segundo a autora a memória é a capacidade do ser humano desenvolver e manter ligação com o seu passado, sua história e suas vivências.

Constantemente buscamos deixar legados no nosso caminho, sejam com palavras de afeto, compreensão e atitudes. Queremos ser lembrados quando partirmos. Nessa percepção da memória e de legado Paulo Freire foi singular. Deixou-nos um acervo com diversas obras, atitudes e afetos por onde passou. Quando paramos para observar a *Carta de Cristina* sentimos o amor, o carinho, o afeto e principalmente o exemplo que ele legou não apenas a sua sobrinha, mas a todos educadores que buscam nas suas obras inspiração para lutar por um mundo justo, com equidade e solidariedade.

A Carta de Cristina que comento a parti daqui é do livro Cartas a Cristina do ano de 1994 publicado pela editora Paz e Terra.

Cristina ao responder seu tio Paulo Freire nos transmite em suas palavras o entusiasmo e alegria proporcionada pela leitura das cartas recebidas. Descreve que ao observar e conhecer suas idas e vindas constata a necessidade de sonhar, mesmo nos dias difíceis.

Quando Cristina escreve o trecho: *Lutar pelos nossos sonhos é imprescindível, para que continuemos vivos, atuantes e nos surpreendendo com os descompassos sociais em que estamos inseridos*. Ela reafirma tudo aquilo que Paulo Freire nos legou em suas mais diversas obras.

Paulo Freire desafia o leitor em cada obra a mudança e a reflexão. Esse desafio vem junto com o enfretamento dos nossos medos, nossas limitações que devem ser superadas, nossos preconceitos trabalhados e postura de criticidade para que não sejamos apenas discursos bonitos, mas que haja mudança concreta na práxis. Além da constante reavaliação do nosso exemplo.

O legado do professor educador Paulo Freire é o ensinamento da postura crítica ao mesmo tempo sensível diante do nosso papel de educadores, professores, pais e todos aqueles que desejam de fato ter uma mudança na educação. Não temos o interesse ou a abrangência de mudar o mundo inteiro, mas cada pessoa que se propõe a mudar uma comunidade, uma rua, uma escola, um lar exercer um papel político de mudança social e cultural no mundo.

Tocou-me o trecho que Cristina nos diz que "*perder a capacidade de sonhar e de se surpreender é perder o direito de atuarmos como cidadãos, enquanto instrumentos de mudanças sejam elas quais forem: sociais políticas e afetivas etc...*"

Recordar situações do cotidiano também faz parte da *Carta de Cristina*, lendo transportei-me para questões da nossa vivencia comum. Como é importante dizer bom dia, sorrir, agradecer uma gentileza, ser afetivo. Afinal os nossos dias são tão ásperos, vivemos em constante luta de sobrevivência que só a gentiliza dos atos podem acalentar os nossos corações.

Não idealizando um mundo de perfeição, pois Paulo Freire nos mostra como é importante estarmos atentos a qualquer forma de alienação. Precisamos aprender a compreender, a ter empatia pela dor de quem está ao nosso lado. Da necessidade da escuta, do colo, do afeto, mas sempre compreendendo a realidade para lutar contra as injustiças.

A Carta de Cristina destaca a importância do tio dela na sua formação como profissional, mulher e cidadã. Cristina avalia que lidar com os problemas sociais, a desigualdade é um trabalho cansativo e desgastante, mas é imensamente rico em aprendizagens, emoções e ideias. Ela defende a humanização das relações profissionais e familiar. Analisa a fundamentação da cidadania dando a oportunidade e direito a voz ativa na gestão dos serviços públicos que são tão precários.

A Efetivação da memória se deu na carta quando ela descreveu seus sentimentos como: felicidade, saudades da infância, curiosidade pelas histórias que o tio Paulo Freire a enviava. Dando força, resistência e alegria para continuar lutando pelos seus sonhos.

A Carta de Cristina proporciona em cada trecho um resgate da mulher que aprendeu por meio seu contexto a lutar por seus sonhos pela curiosidade e admiração ao seu tio. Mostrou como os sonhos nos mantém vivos em tempos de dificuldades. Ela mostra a importância de educarmos nossas filhas e filhos para humanização das relações humanas. Como a figura de pessoas como tios, tias, padrinhos, madrinhas, avô ou avós são importantes na construção dos nossos valores enquanto sujeitos autônomos dentro da sociedade na qual estamos inseridos. Resistência e sonhos são duas palavras que definem bem a Carta de Cristina.

SÍNTESE DO MÊS

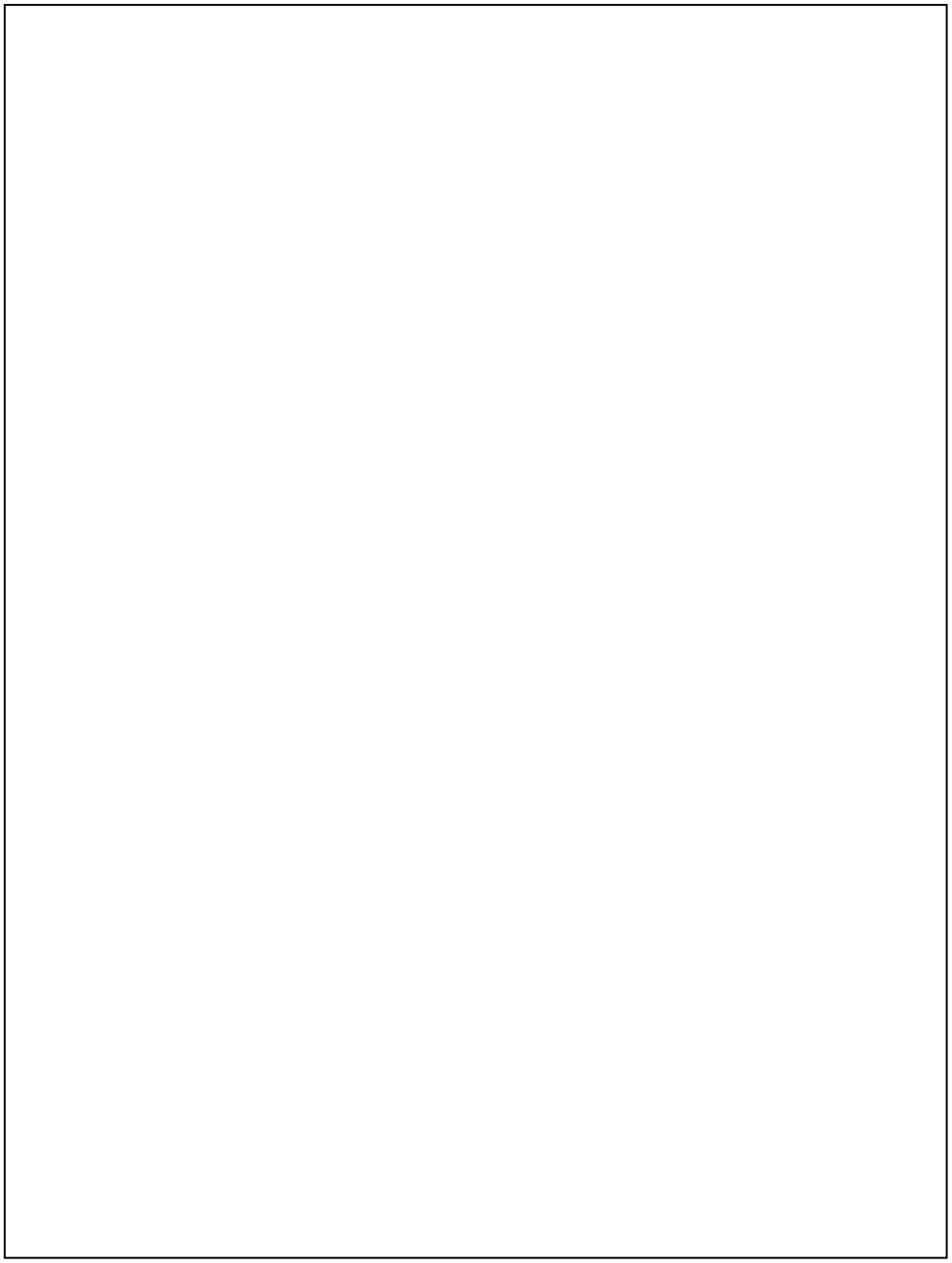
UMA PALAVRA

UMA FRASE

UM PARÁGRAFO

IMAGEM PEDAGÓGICA

(Desenhe uma imagem que simbolize as aprendizagens acumuladas das leituras deste mês para você dialogar com seus companheiros/as de caminhada).



NOVEMBRO

Pedagogia da Autonomia

Palavra

Prática

Frase

Temos nesta obra um rol de saberes necessários a prática educativa crítica e transformadora, elaboradas por Paulo Freire em sua maturidade intelectual.

Parágrafo

Os conceitos apresentados na Pedagogia da Autonomia são um dos maiores legados de Paulo Freire, tornando esta obra a mais lida no Brasil. Textos breves que elaboram os domínios que educadores e educadoras tem que ter em seu quefazer educativo. A autonomia é fruto da Pedagogia do Oprimido que através da educação crítica, liberta e torna os educandos e educandas seres autônomos. O objetivo de uma educação libertadora é construir um mundo sem opressores e oprimidos. É imperativo que nos encharquemos destes saberes apresentados por Freire para sermos educadores e educadoras melhores.

01 de novembro
Mônica de Toledo e Silva Spegiorin

O prefácio da Pedagogia da Autonomia, assinado por Edna Castro de Oliveira, apresenta essa obra do mestre Paulo Freire ressaltando a perspectiva sócio-histórica-cultural do sujeito, vista como fator determinante de uma visão educativa que, considera o educando e o professor, como agentes de um permanente devir, no qual desenvolvemos nossa singularidade, particularidade e individualidade, dentro de uma dimensão social da formação humana.

Nessa linha, destaca que, a partir de uma "ética universal do ser humano", não há espaço para práticas pedagógicas de desumanização, de estímulo ao individualismo e à competitividade presentes no neoliberalismo da era da globalização.

Valoriza, principalmente, a sensibilidade com que Paulo Freire "problematiza e toca o educador para a dimensão estética de sua prática que, por isso mesmo, pode ser movida pelo desejo e vivida com alegria, sem abrir mão do sonho, do rigor, da seriedade e da simplicidade inerente ao saber-da-competência".

Primeiras Palavras

A profundidade e a densidade do pensamento de Paulo Freire, expressos nessas "Primeiras Palavras", que buscam sintetizar o que será apresentado ao longo dessa grandiosa obra denominada Pedagogia da Autonomia, nos traz o imenso desafio quando nos propomos a sintetizá-la, buscando também seu caráter hodierno.

Reafirmando a perspectiva da inconclusão do ser humano, no movimento de procura permanente do sujeito, Freire se propõe a rediscutir de maneira epistemológica, a importância da curiosidade ingênua e crítica no contexto da atividade de ensino-aprendizagem que se pretende transformadora em oposição à educação bancária e reprodutivista neoliberal.

Ressalta que sua análise, sua crítica e sua praxis são, por escolha, conduzidas a partir do ponto de vista dos excluídos, daqueles que denomina "condenados na Terra". Escolha essa que é exemplificada por acontecimentos da época, mas que são de extrema pertinência quando atualizadas com fatos da nossa contemporaneidade.

Mencionando com ênfase a importância da ética no trabalho e na visão docente, condena veementemente as ações discriminatórias de raça, de gênero, de classe. Defende, dessa forma, a importância do posicionamento explícito do educador sobre sua opção pedagógica. Adverte sobre a necessidade de uma prática educativa orientada por uma sólida "formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, capacidade de viver e aprender com o diferente".

Esse respeito com a diversidade, envolvendo a perspectiva do pensamento, da ideologia e da interpretação do mundo, precisa estar presente na prática educativa dos professores e professoras, sendo claramente explicitada aos estudantes, garantindo que a atividade de ensino-aprendizagem exista com base na ética, vista como marca da natureza humana e indispensável na convivência social.

Nessa visão, Freire destaca o significado da alteridade como elemento fundamental da constituição do sujeito, pois, na relação com o outro é que surge a possibilidade de se comparar, avaliar, valorar, decidir, opinar e, de maneira responsável e responsiva, definir a nossa "Presença" no mundo.

Considera que essa Presença se constrói como possibilidade ou, em suas palavras, afirma que somos seres condicionados e não determinados. Sendo assim, combate a ideologia fatalista, naturalizante e, consequentemente imobilizadora, presente no discurso neoliberal.

Desse modo, Freire nos convoca a uma leitura crítica e reflexiva, capaz de nos conduzir a uma praxis educativa transformadora e libertadora, de modo a nos distanciar dos paradigmas dominantes e, por esse motivo, considerados positivos na aprendizagem, mas que escondem uma visão meritocrática de educação, vivenciada em uma sociedade profundamente desigual.

Sendo assim, revisitar as palavras de Paulo Freire, especialmente nessa obra, nos conduz a uma reflexão que, tristemente nos revela o quanto o seu pensamento de vanguarda para seu tempo, ainda é atual e necessário em função de uma realidade ainda tão opressora e desigual.

Em um mundo no qual o terrorismo, o crescimento dos refugiados, dos excluídos, dos marginalizados, dos sem-teto, sem-terra, sem-educação, sem-saúde, sem-liberdade, enfim, dos sem-direitos fundamentais é a mais pura realidade, as análises de Paulo Freire são de angustiante relevância.

Observa-se que nunca foi tão importante analisar o papel da educação como elemento decisivo na construção da solidadriedade, da tolerância, do respeito, da generosidade, da equidade. Enfim, de toda uma compreensão diferente sobre a vida em sociedade.

O resgate de valores éticos para a construção de uma convivência pacífica, alegre, cheia de sonhos e utopias mobilizadoras de nossa ação no mundo, aparecem nessa obra de Paulo Freire quase como uma resposta aos desafios do mundo contemporâneo. São pensamentos para serem analisados não como lições do passado, mas como urgência para a construção de um futuro mais digno para as massas de sujeitos excluídos dos bens materiais e imateriais produzidos pela sociedade global.

A leitura da Pedagogia da Autonomia, bem como as demais obras do Mestre Paulo Freire, nos traz a consciência da ampla tarefa a ser desempenhada por cada educador, por cada cidadão.

Ler Paulo Freire certamente não serve como acalento, mas como provocação, como convocação. Vivenciar as ideias de Paulo Freire significa opção, transformação, significa luta. Mãos à obra!

02 de novembro
Rayane Albani

Neste trecho da obra o autor nos fala sobre as práticas educativa dos educadores, qualquer que se seja a cor política e ideologia dos educadores e dos educandos. Mostrando que as ações dos educadores necessitam estar interligadas com a realidade dos educandos enquanto sujeitos do processo de educação. Onde sempre a teoria e a prática devem estar inteiramente conectadas, uma completando a outra, conquistando a práxis, oportunizando aos educandos e os educadores um processo de aprendizagem dialética.

O educador coloca-se na posição enquanto mediador nos espaços educativos, formando sujeitos críticos e autocríticos reflexivos e não imitador de ideias. Entendendo que a noção de educar pode ser vista com novas transformações e idealizações, a partir das trocas recíprocas de conhecimentos, percebendo que o educando também se coloca na posição de sujeito de produção de saberes e não como um objeto. Compreendendo que o ato de educar vai além do simples

fato de passar os conhecimentos ao outro, e sim de criar alternativas que contribui no processo de um ensino aprendizagem libertador. "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção." (FREIRE, 2014, p.24).

O processo de aprendizagem se dá pela troca mútua de saberes entre sujeitos. Uma vez que, o processo de aprendizagem só ocorre quando a aprendizagem faz algum sentido aos sujeitos, pois nosso cognitivo tem uma bela capacidade de armazenar, porém, armazenar apenas o que está diretamente conectado com nossos interesses próprios, no qual de alguma forma nos faz sentido.

O aprendizado dialético permite com que ocorra uma gama de conhecimentos diversificados. Que ao ensinar você aprende muito mais do que ao aprender, que ensinar e aprender não podem ser vistas distantes uma da outra, e sim como uma complementação. Ensinar e aprender estão correlatadas tanto quanto a teoria e prática na práxis educativa.

"Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender" (FREIRE, 2014, p.25). "Quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado." (FREIRE, 2014, p.25).

Ao perceber que era possível e preciso ensinar, homens e mulheres procuraram caminhos e métodos de ensinos. Ensinar de forma dialética. Percebendo que ensinar inexiste sem aprender e vice-versa, que aprender criticamente é possível e necessário, que ensinar exige pesquisa, ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, ensinar exige criticidade, ensinar exige a corporificação das palavras pelos exemplos, ensinar exige reflexão crítica sobre a prática, ensinar exige o reconhecimento e assunção da identidade cultura (FREIRE, 2014).

Através da criticidade o sujeito será capaz de perceber que o ensino bancário é uma forma de ensino sem liberdades de expressões, ou também de perceber que o sujeito submetido a ele não esta fadado a fenecer. Mas que de certa forma, devido ao processo de aprender, e do autoritarismo deste ensino, é possível perceber que o ensino bancário deforma a criticidade dos educadores e dos educandos (FREIRE, 2014).

As práticas docentes consistem na provocação da reflexão crítica e instigar a curiosidade da realidade de todos os sujeitos, uma vez que entendemos que cada sujeito já possui uma bagagem de conhecimentos que os fazem sentido de alguma forma, pois se trata de conhecimentos que sobreviveram após a curva do esquecimento que todo indivíduo possui. E são esses conhecimentos que precisam ser usados nos momentos de estudos.

Os educandos devem manter florado em si a criticidade e a curiosidade, através de uma educação horizontal e que não seja engessado no conformismo bancário. Conquistando a utopia de uma formação de sujeitos pensantes, através de um processo dinâmico e dialético.

03 de novembro
Sueli Aparecida da Silva

Ensinar exige rigorosidade metódica e está dentro da Pedagogia da Autonomia "Saberes Necessários à Prática Educativa de Paulo Freire". É um dos temas que nos leva a uma reflexão de como um educador deve agir para ser um mediador democrático. Destacando a capacidade democrática do mediador que tem o dever em suas práxis possibilitar que educando venha ter a

estimulação necessária para uma orientação de como ele pode através de sua criatividade e sua curiosidade adquirir pensamentos com mais criticidade perante a sociedade.

A grande tarefa de um educador democrático é fazer com que seu educando se aproxime ao máximo de seus conhecimentos perceptíveis, produzindo condições que este aprenda a desenvolver seus conhecimentos e seus pensamentos através de pesquisas, questionamentos, debates e a crítica transformando-se em pessoas inquietas e precisas em suas ações e pensamentos. O educador não está transferindo conhecimento, e sim sendo um mediador para que o aluno conquiste a sua própria autonomia, sua criticidade através de direções para que ele mesmo busque o seu conhecimento.

O professor em seu papel tem que ser um mediador entre os alunos e os seus conhecimentos, mostrado aos educandos que os seus conhecimentos adquiridos de suas experiências vividas em meio a sua realidade são tão importantes quanto as experiências que buscanos na academia.

O professor deve ter a humildade de estar sempre em busca de novos conhecimentos, pois a busca do novo é que vai fazer com que seja um critico e somente assim ajudará seus educandos a construir a tão esperada criticidade. Diferente da educação bancária onde o educador é o detentor dos saberes que transfere os conteúdos aos seus alunos de maneira que o educando seja somente um receptor de conhecimento.

Através de métodos onde o professor é somente um intelectual mecanizado que repete seus conteúdos de maneira memorizada, sem vida, não havendo uma relação de troca com que o educando está vivendo na sua realidade, ou seja, o educador acaba deixando de fora muitas vezes de perceber o que acontece ao seu redor perante a sociedade em que vive.

O professor tem que ser um desafiador, provocar em seus alunos o pensamento crítico, mostrar aos educandos o quanto é primordial aprender a pensar de forma crítica para sua própria vivência em sociedade de maneira democrática.

Por isso a importância da rigorosidade metódica, pois segundo Freire "quem pensa certo, mesmo que, às vezes, pense errado, é quem pode ensinar a pensar certo" (FREIRE, 2018, p.29). O professor que pensa democraticamente tem a capacidade de mostrar ao educando que ele faz parte do mundo como um ser histórico e o tem o poder de transformar o mundo em uma sociedade igualitária.

04 de novembro
Adenildo Vieira de Souza

Neste capítulo, abordaremos o tópico da obra Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa, *ensinar exige pesquisa.* Utilizaremos outras obras complementares do autor para melhor tessitura da compreensão.

A prática docente exige do educador progressista, empenhos para que sua ação implique num trabalho cujo resultado seja benéfico e que contribua na formação dos atores sociais envolvidos nesse processo.

Para Paulo Freire, a pesquisa é retratada em suas obras com claridade, e na obra Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa, vemos o resultado de sua práxis educativa configurada a partir de suas experiências. Tal obra mostra o quanto a pesquisa é fundamental

para a formação integral do educador atuante e preocupado com a transformação do cenário que está inserido. Neste sentido, a passagem abaixo nos permite compreender o que Freire (1996, p. 29) elucida sobre o *ensinar exige pesquisa:*

> Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar a novidade.

Vemos que o autor aponta que não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Tal colocação abre portas para analisarmos a ação docente nos níveis de ensino do contexto Brasileiro, diante dos apontamentos evidenciados por pesquisas. Apesar de mecanismos que estão tentando mediar um ensino de qualidade, ainda perdura uma educação conflitante que se alicerça nos moldes da educação bancaria, e isso corrompe a formação humana do educando e do educador, seja em qual for o nível em que o ato educativo acontece. A não observância e a falta de compreensão do educador enquanto transformador social, nega esta transformação e as consequências são ações pedagógicas depositárias. Assim neste sentido, o educador enquanto sujeito de um processo inacabado que se molda no processo de pesquisa e ensino "É sempre um sujeito cognoscente, quer quando se prepara, quer quando se encontra dialogicamente com os educandos".

Pesquisa e ensino deve ser experienciado numa concepção dialógica, pois, de acordo com Freire uma não pode ser desenvolvida sem a outra, e essa relação constitui numa conjuntura epistemológica onde os atores sociais mediatizados pelo mundo, conseguem contextualizar aspectos políticos, sociais, educacionais e culturais e com isso lhes são postos as possiblidade e efetivação da leitura de mundo.

Podemos elencar que Freire, ciente das situações supracitadas, adentra como sujeito que buscou fomentar e ressignificar a sua esperança e sua práxis pedagógica tecidas a partir das experiências à sociedade. Atualmente, em nossas vivências em contextos educativos, notamos o quanto a educação transita e é sucumbida por meio de experiências e propostas moldadas a compartimentação dos saberes. Essa compartimentação dos Saberes, Freire já transitava e tentava ressignificá-la. No centro dessa compartimentação, está o conhecimento, que é moldado por uma tessitura paradigmática onde Freire caminha e consegue transformar e se transformar, afirmando sua práxis, pois, "a práxis [...] é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo.

Contudo, Freire corrobora para um fazer pedagógico transformador e sobretudo problematizador, onde é preciso transforma-se para poder transformar o contexto sociocultural, pois é um processo dialógico que necessita de uma compreensão que englobe tanto os aspectos locais quanto globais onde os atores sociais precisam se sentir, experimentar e compreender o mundo.

05 de novembro
Mateus Lorenzon

> Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor, ou mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária -, mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 2011a, p. 31).

Neste texto, busco discorrer acerca da pressuposição de Freire (2011a, 2011b) de que a educação requer respeito aos saberes dos educandos. No pensamento pedagógico do educador brasileiro, torna-se perceptível uma concepção que educar não pode ser compreendido como sinônimo de ensinar ou transmitir saberes. A educação é uma ação dialógica que permite aos educandos a tomada de consciência e a ação transformadora sobre a sua própria realidade.

É preciso reconhecer de antemão, que os saberes dos educandos não são um objeto que eles detêm, mas sobretudo um substrato existencial. As suas ações, modos de ser e relacionar-se com os outros são fundamentadas nesses modos de saber. Logo, negá-los corresponde a uma negação da legitimidade de ser do sujeito. A negação do direito de expressar seu modo de ser e seus conhecimentos resulta inevitavelmente um processo de objetificação e desumanização, tal como apresentado pelo educador no livro *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2011b). Memmi (2007) identifica que uma das principais estratégias dos colonizadores consistia no estabelecimento de uma marca do plural, isto é, afogar as peculiaridades dos indivíduos em um coletivo anônimo.

Outro autor que apresenta um conceito potente para pensarmos as relações de (des)respeito dos saberes dos educandos, é Boaventura de Souza Santos (2011) que emprega o conceito de *epistemicídio cultural* para designar o processo de silenciamento das minorias levado a cabo pelas instituições modernas. Ambos os autores - Santos (2011) e Memmi (2007) - convergem com Paulo Freire ao apontarem que a negação do saber do outro resulta em um processo de objetificação.

Visto que a educação é uma prática ética e que somente pode ser desenvolvida em comunhão com os homens, encontramos no pensamento freireano que, o diálogo é o único caminho possível para reconhecer os saberes do outro. Gadamer (2004), em um importante texto acerca do diálogo no contexto moderno, afirma que o diálogo se difere da simples conversação pelo fato dele ser uma ação que deixa uma marca em alguém. Diálogo é colocar em um mesmo espaço duas visões singulares de mundo. Para que o diálogo exista, torna-se fundamental a existência de um reconhecimento que aquele com quem diálogo tenha legitimidade para dizer algo, independente das condições sociais e econômicas que se encontra. Frente a isso, cabe dizer que o diálogo exige a inexistência de uma hierarquia axiológica entre os diferentes saberes.

Para Freire (2011b) é no momento de diálogo vivo com o outro que se abre possibilidades para a conscientização. Na obra de Gadamer (2004), encontramos o conceito de *ein zwischen*, isto é, um entre um espaço posterior ao diálogo no qual, os sujeitos podem desenvolver uma nova compreensão do real. O diálogo é o elemento criador deste *espaço* da construção do novo. Uma educação monológica ou a pressuposição que existe uma verdade absoluta e dogmática faz com que não conseguimos atingir esse espaço entre.

Penso que a incapacidade de legitimar os saberes dos educandos tem duas consequências perceptíveis. A primeira refere-se ao conjunto social, isto é, os indivíduos são compreendidos e tratados como objetos. Conforme afirmei anteriormente, não legitimar o que o outro quer expressar, leva a silenciamentos profundos da condição humana e sobretudo, a epistemicídios culturais. O segundo aspecto refere-se a nós mesmos. O indivíduo que se fecha ao diálogo e não reconhece o saber do outro encontra-se igualmente em uma estabilidade constante. O outro e as suas peculiares formas de compreensão são elementos essenciais para a construção da minha própria criticidade.

O papel do educador em um contexto de respeito aos saberes dos educandos é o de reconhecer que os seus saberes não estão dispostos em uma posição superior do que aqueles de seus educandos, mas que ambos possuem legitimidade por serem decorrentes de epistemologias distintas. O papel do educador é criar condições para que o diálogo vivo e verdadeiro ocorra, permitindo que cada um (e ele mesmo) consigam chegar ao *ein zwischen.* Reconhecer que os educandos também possuem um saber que tem validade, exige do educador humanista o abandono da postura catedrática e da pressuposição que a realidade e a história são estáticas e construções atemporais.

Quero finalizar essa escrita com uma última consideração ao texto de Paulo Freire. Quando o educador brasileiro aponta algumas virtudes que precisam estar presentes no ato educativo (ECCO, 2015) ele não está apontando um caminho metodológico, ou seja, uma forma de ensinar. Penso que Freire indica um estado de espírito permanente em que o educador deve ser encontrar.

06 de novembro
Fernando Corrêa

> "Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos".

Ao refletirmos sobre o ato de ensinar, temos que pensar em uma relação entre aquele que ensina e aquele que é "ensinado", melhor dizendo, aquele que aprende. Aqui, podemos pensar em uma relação não vertical, estática e transmissiva, mas horizontal, dinâmica e dialógica. Situação essa, evidenciada nas palavras de Freire (2000) "Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender".

Constata-se nas palavras de Freire, uma relação de reciprocidade no ato de ensinar, que do latim "*insignare*" significa gravar, colocar uma marca, na qual ambos os sujeitos são marcados com o conhecimento. Ora, esse conhecimento surge de um contexto, elemento tão caro ao pensamento freireano, para o qual sinaliza a inferência do mundo onde os sujeitos estão inseridos.

Aqui, o contexto permite "fazer uma leitura de mundo" (FREIRE, 1988) que é, pois, perceber o contexto no qual se está inserido. Para que isso se dê, tem que haver um desvelamento dos sujeitos diante das circunstâncias mundanas nas quais se encontram e, por isso, a necessidade de que sejam mediados pela relação de reciprocidade no ato de ensinar.

Ensinar é tirar o sujeito de um estado primário, ou seja, de ignorância para um secundário, de esclarecimento não no sentido de ruptura, mas de superação.

> Esclarecimento [Aufklärung] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem (KANT, 2005, p. 63-64).

Deste pressuposto, não se pretende tirar a validade da escola como agente de educação, mas situacioná-la como uma das instâncias sociais responsável pelo esclarecimento dos sujeitos. Quanto a isto, o filósofo Kant acrescenta que:

> O homem é a única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução. Conseqüentemente [*sic*], o homem é

> infante, educando e discípulo. [...] os animais, portanto, não precisam ser cuidados, no máximo precisam ser alimentados, aquecidos, guiados e protegidos de algum modo (1996, p. 11).

Para Saviani (1980) o papel funcional das escolas é o de: "ordenar e sistematizar as relações homem-meio para criar as condições ótimas de desenvolvimento das novas gerações [...]. Portanto, o sentido da educação, a sua finalidade, é o próprio homem, quer dizer, a sua promoção" (1980, p. 51).

Com isto, o autor acrescenta que a promoção do homem significa "torná-lo cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação, a fim de poder intervir nela transformando-a no sentido da ampliação da liberdade, comunicação e colaboração entre os homens" (SAVIANI, 1980, p. 52).

Corroborando com a ideia de compreensão dos indivíduos sobre sua situacionalidade, Freire afirma:

> Esta situação sobre a situacionalidade é um pensar a própria condição de existir. Um pensar crítico através do qual os homens se descobrem em "situação". Só na medida em que esta deixa de parecer-lhes uma realidade espessa que os envolve [...] um beco sem saída que os angustia como situação objetivo-problemática em que estão [...] a inserção é um estado maior que a emersão e resulta da conscientização da situação. É a própria consciência histórica (2002, p. 25).

Com isso, o desvelamento de um contexto ou dos contextos por meio de um agente de mediação, e no caso aqui o educador, é afastar-se da apatia diante daquilo que se observa, uma vez que as circunstâncias são mutáveis e interferentes ao processo de aprendizagem dos sujeitos. Tão logo, compreender o mundo enquanto contexto de percepção externa a nós causa-nos curiosidade diante do dado circunstanciado. Evidentemente, a história e a cultura são promotoras de um movimento dialético que nos insere na dimensão política e social diante do mundo.

Logo, quem educa para a criticidade, tende a ser crítico diante de sua situação no mundo e, aqui, considerar-se um agente ativo, inconformado e indócil, não é revelar-se como dono da razão e detentor de todo o conhecimento, mas ciente de suas incertezas, dispondo-se por meio de uma relação dialógica, da reflexão e da curiosidade, para modificar suas experiências pedagógicas.

Quanto a isto, Freire (2000) distingue dois momentos na descrição da curiosidade: o da curiosidade ingênua e da epistemológica. Se para filósofos da Grécia Antiga, como Platão e Aristóteles, pensar e refletir sobre o mundo se dava a partir do espanto e admiração, ou seja, olhar o mundo como se nunca o tivéssemos visto antes, e precisássemos perguntar o porquê e como é o mundo, perguntarmo-nos também o que somos, por que somos e como somos (CHAUÍ, 2005), hodiernamente questionamentos como estes não devem ser diferentes.

Aqui, retomo a ideia de que o pensamento filosófico definido por Platão e Aristóteles se perfaz justamente na transgressão entre o pensamento mitológico do pensamento filosófico, ou seja, aquele que não é ingênuo, mas que se consolida num processo que Freire (2000) chama de superação, que se dá por meio de um rigor metodológico, resultante num pensamento epistemológico.

Tornar-se curioso imputa-nos superar a nossa ingenuidade diante do mundo e, nas palavras de Rubem Alves (2000): "Curiosidade é uma coceira nas ideias", essa é a missão dos educadores, o de provocar a inteligência, provocar o espanto, provocar a curiosidade em seus educandos.

Freire (2000) salienta que: "Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos" (FREIRE, 2000). Mas o que vem a ser a criatividade?

Na antiguidade, acreditava-se que a criatividade tinha uma origem extraordinária, que era uma dádiva dos deuses a alguns eleitos (ALBERT & RUNCO, 1999), e que a criação resultava de inspiração divina ou mística. Os antigos afiançavam que o cérebro humano se dividia em duas câmaras: numa delas, os deuses cultivavam as novas ideias, enquanto a outra metade recebia essas ideias e transformava-as em obras humanas. A criatividade era, pois, lavrada no cérebro pelos deuses, que se entretinham criando imagens para serem usadas pelas pessoas. Aristóteles foi o primeiro a questionar esse modelo, mas não tendo aprofundado o assunto, o modelo das duas câmaras persistiu durante mais alguns séculos.

O conceito da genialidade surge no Renascimento, assim como a ideia de que a genialidade e a criatividade são fenômenos espirituais e sobrenaturais, e largamente hereditários. Apenas a partir do século XVIII essas visões metafísicas e místicas começam a ser abandonadas, passando-se a acreditar que o gênio nada tem de sobrenatural, embora tenha persistido a ideia de que existe uma excepcionalidade no indivíduo gênio e criativo.

Com Darwin, no século XIX, surge a noção de que a criatividade é uma das capacidades adaptativas dos seres vivos; no ser humano ela é uma das ferramentas para a resolução de problemas objetivos, através de seleções e adaptações bem-sucedidas e, por isso, perduráveis. Essa concepção confere à criatividade um lugar de destaque na própria vida.

Os primeiros estudos científicos sobre o termo surgem na Psicologia, com Binet e Galton: depois de uma primeira fase em que se olha, sobretudo, para a pessoa, na crença de que os criativos são determinados pela genética, os modelos posteriores começam a olhar para o exterior do indivíduo e, concretamente, para a influência de fatores externos, como a família e a educação (ALBERT & RUNCO, 1999).

A partir dos anos 50, começa a formar-se a ideia de que, para se julgar algo criativo, torna-se necessário enquadrar a produção original em um quadro mais amplo de análise, o que sugere uma revolução no pensamento sobre criatividade, pois se compreende no âmbito de uma dinâmica de mudança mais vasta, em que a modernidade herda um individualismo assente na liberdade e na igualdade, e em que o valor dos homens não deriva da sua posição na sociedade, e sim do valor que são capazes de gerar em tal sociedade (DUMONT, 1985).

Stein estabelece um novo paradigma de pensamento sobre criatividade, dado que desloca o foco da temática que agora vai do indivíduo isolado criativo para a criatividade em contexto. Essa evolução rompe com a ideia de que a criatividade tem um valor intrínseco, isento de juízos externos, e faz depender esse valor do contexto no qual se manifesta, ou seja, do seu produto visível. Como que por contágio, a nova visão viria a inundar os textos e pesquisas sobre o conceito de criatividade que, ao assumir os múltiplos fatores contextuais, não possibilita pensar de forma séria e profunda sobre o referido conceito. A definição de Stein representa também a ideia de que o ato criativo ocorre por meio da socialização dos sujeitos, retirando-o do seu berço psicológico e conferindo-lhe um conjunto de atributos (valor e utilidade) essenciais num sistema social (ALBERT & RUNCO, 1999).

Para Barbosa (2003), o fenômeno da criatividade considera que a investigação do comportamento criativo requer a análise da interação entre o indivíduo e seu ambiente. Enquanto que Maturana (1997) descreve o sujeito como um sistema autopoético, que produz seus próprios componentes e regula a si mesmo, e como tendo um sistema nervoso fechado e plástico que opera

em congruência com seu organismo. Ele caracteriza a cognição do sujeito como sendo o comportamento adequado a determinado contexto, ou então como a resposta adequada à pergunta de um eventual observador.

Quanto a isto, Freire (2000) assevera que a impaciência gera a criatividade para "fazermos" um mundo que não fizemos, ou seja, o ambiente tem papel fundamental tanto para a emergência quando para a repressão da criatividade.

A impaciência nesse sentido é relativa à capacidade crítica e, consequentemente, criativa que o sujeito adquire diante do mundo observável. Se por crítica entendermos conforme sua etimologia grega "*kritikos*" como a capacidade de fazermos julgamentos, decidirmos, selecionarmos, discriminarmos e distinguirmos, logo, a perspectiva da curiosidade epistemológica apresentada por Freire, sugere-nos o ato criativo, ou seja, do fazer e fazer-se diante das circunstâncias sociais e históricas que se nos apresentam, porém com equilíbrio.

Nesse sentido, Freire nos instiga a pensar que a curiosidade é a força motriz que nos leva à criatividade, a *sermos-mais* nos contextos e fenômenos nos quais estamos imersos. E se imersos, não há como não se mundanizar, em um processo de construção e reconstrução, no qual não se admite neutralidade, mas assumindo criticamente que somos e fazemos parte de uma história, de uma cultura, chegando a ponto de transformá-la.

07 de novembro
Joelma Gomes Orrico

Refletindo o texto: Ensinar exige estética e ética do livro Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire, analisamos que o autor aponta que a formação com criticidade não pode vir dissociada da ética e da estética. Entende-se aqui a ética no sentido filosófico como pertencente ao campo do caráter, da moral, ou índole dos sujeitos, e no seu sentido prático a ética ajuda na reflexão sobre as nossas ações do nosso cotidiano, no nosso labor, sendo que o a ênfase é para o ser/fazer do professorado. Já a estética pensando no campo filosófico, ela está voltada para a cultura, para a arte ou para o estudo do belo, que está ligada estritamente e intrinsicamente aos sentimentos, ao abstrato.

Em outra abordagem, o autor salienta que a decência e a beleza devem andar de mãos dadas e que o caminho do puritanismo (doutrina, estado de espírito) é na verdade um descaminho e aponta como possibilidade para uma efetiva prática educativa o testemunho rigoroso da decência e a pureza. Cita as tentações dos desvios fáceis, no qual somos tentados todos os dias, sendo que geralmente isso ocorre pelas dificuldades dos caminhos verdadeiros.

Também analisa a existência humana de homens e mulheres como seres históricos, ou seres antológicos, capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper. Essas características apontadas por ele é exatamente o que nos tornam seres éticos.

Freire analisa o exercício educativo e o seu caráter formador e faz uma crítica ao ensino técnico que serve somente como treinamento. Para ele esse ensino é uma transgressão humana, e acredita ser impensável uma educação sem ética, quanto mais fora dela.

Aborda sobre o ensino dos conteúdos que não pode dar-se alheio à formação moral do educando, salienta que educar é substancialmente formar. Problematiza sobre divinizar ou dia-

bolizar a tecnologia ou ciência e que isso é uma forma negativa e perigosa, um pensamento errôneo. Também problematiza os rótulos, que por vezes os educadores rotulam seus educandos e complementa que: "Pensar certo, pelo contrário, demanda profundidade e não superficialidade compreensão e na interpretação dos fatos". Ou seja, o autor aponta o caminho para reflexão das práticas pedagógicas que devem estar aberta a reflexão e mudanças e que uma vez compreendido esse novo pensar, o educador deve assumir essa mudança e que jamais poderá fazer e conta que não compreendeu a necessidade de tais mudanças e encerra dizendo que o ato de pensar certo é radicalmente coerente.

08 de novembro
Cládice Nóbile Diniz

É lugar comum encontrarem-se pessoas reclamando de algum indivíduo que age de forma contraditória com o que prega, as quais para encerrar o desabafo repetem o ditado popular "Faca o que mando e não o que eu faço!"

Quem é professor deve ter por diretriz outra máxima, a proposta por Paulo Freire, quando destaca a corporeificação das palavras pelo exemplo como um saber necessário à prática educativa, ditando "Pensar certo é fazer certo". Isto é, a importância do discurso do professor estar espelhado em sua conduta. Repetindo, com entusiasmo e em mantra lúdico e sério: Pensar certo é fazer certo!

O termo corporeificação não foi proposto para dar pompa ao texto, que seria uma contradição à proposta de educação do autor. Sua função é dar destaque ao saber proposto, de coerência do comportamento ao discurso. Apresentou por meio dela um conceito que passou a ser adotado para se tratar da corporização no agir comportamental de ideias apresentadas em palavras.

Assim, quando você desenha a roupa que viu, fala da roupa por desenhos. Se você costura a roupa conforme viu, você materializa-a, deu corpo a ideia do que viu, corporificou-a. A roupa é um objeto, você pensa nele e age para trazê-lo a concretude, para dar corpo, para corporificá-lo. Porém, você não fica adequado se dizer que corporificou uma forma de pensar expressa em palavras por meio de olhares de reprovação ou aumentando a voz ou falando algo falso, pois isso são coisas abstratas. Neste caso, se diz corporeificou.

Os professores que no ensino dos conteúdos estão preocupados com o "pensar certo", seja isso o considerar dos assuntos ser feito com rigor técnico, seja esgotar-se as possibilidades de entendimento de um tema, devem estender essa atenção para o seu comportamento, para a corporeificação. Alerta o mestre: "Não há pensar certo fora de uma prática testemunhal que o rediz em lugar de desdizê- lo." O pensar certo se corporeifica no comportamento correto.

Todos conhecem o sentimento de reprovação que se sente ao se deparar com professores propondo ou aceitando ações que prejudicam alunos, professores esses que no cotidiano apresentam continuadamente discursos que os remetem a aspirantes de gurus pedagógicos. É o caso, por exemplo, daquele que discordando do comportamento de um aluno que desafia sua autoridade, defende sua punição por meio de medidas que não têm caráter educativo, apenas punitivo.

Dois elementos, Paulo Freire recomenda para se alinhar o comportamento à correção das ideias:

a) Controlar a raiva, cultivando-se a generosidade, uma vez que esta é um de seus componentes: "Faz parte do pensar certo o gosto da generosidade que, não negando à quem o tem o direito à raiva, a distingue da raivosidade irrefreada";
b) Argumentar com fundamentação, buscar segurança no conhecimento do que se trata: "O clima de quem pensa certo é o de quem busca seriamente a segurança na argumentação, é o de quem, discordando do seu oponente não tem por que contra ele ou contra ela nutrir uma raiva desmedida, bem maior, às vezes, do que a razão mesma da discordância. "

O mestre apresenta três casos para entendermos como ocorre o afastamento do pensar certo e do ensinar certo:

- "Que podem pensar alunos sérios de um professor que, a dois semestres, falava com quase ardor sobre a necessidade da luta pela autonomia das classes populares e, dizem que não mudou, faz discurso pragmático contra os sonhos e pratica a transferência de saber do professor para o aluno?!"
- "Que dizer da professora que, de esquerda ontem, defendia a formação da classe trabalhadora e que, pragmática hoje, se satisfaz, curvada ao fatalismo neoliberal, com o puro treinamento do operário, insistindo, porém, que é progressista?"
- "Uma dessas pessoas desmedidamente raivosas proibiu certa vez estudante que trabalhava dissertação sobre alfabetização e cidadania que me lesse. "Já era", disse com ares de quem trata com rigor e neutralidade o objeto, que era eu. "Qualquer leitura que você faça deste senhor pode prejudicá-la". Não é assim que se pensa certo nem é a assim que se ensina certo." (FREIRE, 1996, p. 38-39)

Com certeza, também você tem exemplos de contradições entre discurso e prática. Lembrou-se de vários casos? Pois bem, enfoque apenas naqueles em que você é o ator. Ficou mais difícil, é de se supor. Então, um passo para exercitar o bom pensar, é buscar agir com generosidade, controlando a raiva, fundamentando seriamente os argumentos. É difícil, mas ao menos, no dia de hoje!

09 de novembro
Wesley Faria Andrade

> "Faz parte do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, classe, de gênero ofende a substancialidade do ser humano e nega radicalmente a democracia". (FREIRE, 2004, p. 36).

É fato evidente, tanto na literatura como na práxis que o docente é primordial no processo de ensino-aprendizagem do educando, assim, é preciso que o mesmo tenha consciência de que ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação.

Para tanto, o docente precisa ter consciência de que o princípio básico dos direitos humanos é o fato de que todos nós nascemos livres e iguais em dignidade e direitos. Tal, lógica encontra-se alicerçada na Declaração Universal dos Direitos Humanos[27] que foi promulgada no ano de 1948.

[27] Ver Artigo 1ª (Declaração Universal dos Direitos Humanos). Disponível em: < http://www.ohchr.org/EN/UDH R/Documents/UDHR_Translations/por.pdf > Acessado em: 02 de abril de 2017.

Com isso, ensinar exige risco, uma vez que, o docente não pode compactuar com o nocivo, portanto, não pode agir de modo que a discriminação como prática, assentada no preconceito perpetue-se, pois, a mesma fere a dignidade e os direitos, assim como a aceitação do novo não pode se dar somente pelo critério de que é novo, é preciso avaliar, refletir!

Sendo assim, percebe-se que a prática pedagógica docente exige competências e habilidades que vão muito além da simples transferência de conhecimentos e/ou conteúdos de uma determinada disciplina do âmbito do currículo escolar.

Além disso, a atuação democrática docente exige uma consciência política polivalente, capaz de refletir sobre as questões endógenas e exógenas da escola, seja no sentido micro ou macro. Compreender essa dialética permitirá o docente tatear a realidade histórico-social de sua comunidade escolar, pois segundo Freire (2004) "a natureza de mulheres e homens é historicamente e socialmente construída".

Desta forma, a visão de mundo que o ser humano possui de si e do outro não é inata e, por isso, ninguém nasce discriminando, mas aprende a partir do seu processo de socialização, e, este ocorre no seio familiar e na escola, sendo que este último não pode aceitar passivamente a discriminação, uma vez que, essa instituição tem como missão política, social e cultural a transformação.

Assim sendo, ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, na medida que a prática docente precisa e deve guiar-se segundo um viés que valorize as diversidades.

Nessa linha, a prática docente não pode desenvolver-se em caracteres homogeneizantes ou monoculturais, pois isto em nada ajudaria no desenvolvimento de uma possível mudança nas representações sociais e, por conseguinte, nas relações sociais.

Desta maneira, a prática docente democrática, e que faz parte do pensar certo, promove, por exemplo, a valorização da matriz negra e indígena no ambiente escolar, efetivando assim, o que se estabelece no âmbito das Leis nºs 10.639 de 2003 e 11. 638 de 2008.

Considerando então os pontos ressaltados, percebe-se que o docente que se coloca como reflexivo, lancha-se rumo ao pensamento complexo, que segundo Morin (2011, p. 14) esse tipo de pensamento "deve enfrentar o emaranhado".

Contudo, essa tarefa não é fácil, sobretudo, quando se trata das temáticas contidas nas referidas Leis, pois no Brasil durante séculos e sobre as variadas justificativas, dentre elas racistas, a história e cultura afro-brasileira e africana, bem como a indígena foram literalmente silenciadas ou desprezadas, não somente pelo poder público, ou seja, o Estado, mas até mesmo por nós, membros da sociedade civil, ficando em nossas experiências/heranças nada propensas a proclamação das diversidades, sejam elas de raça ou quaisquer outras.

Concluindo, ensinar exige múltiplas questões, sendo a questão do risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação apenas uma pedrinha do mosaico que compõe o ato de ensinar, daquele docente que se propõe a ensinar num horizonte democrático-libertário.

10 de novembro
Welessandra Aparecida Benfica

"Sou professora. E aprendi foi com Paulo Freire". É assim que começo as aulas que ministro. No decorrer do caminho vou encontrando sujeitos diversos, descubro no movimento e na dinamicidade da docência os interlocutores preciosos do processo de ensino e aprendizagem. Depois de alguns anos ainda é possível emocionar e prosseguir. Faço das aulas um lugar de lutas. Aprendi com Freire os perigos apontados pela espontaneidade, prática desarmada, que ignora a rigorosidade metódica do ato de ensinar. Alertou-me o meu amigo Freire, que a docência pode ser vista a partir de dois lugares delimitados: o pensar certo desarmado e o pensar certo rigoroso. De alguma forma, formar e formar-se convoca-nos a decidir, romper, optar. Por isso, eu decido: lutar contra as desigualdades, acolher e defender as diferenças, combater as injustiças que geram o terror, romper com as estruturas que amarram e aniquilam as forças de combate.

A opção por uma prática que desmobiliza as certezas trazidas pelos sujeitos, encontra-se na perspectiva escolhida, contudo não se encerra nela. No cotidiano das aulas abro espaços para pensar a docência: ser professora não é tarefa fácil. Para quem escolheu ser, para quem a sala de aula foi contingência e para aqueles que se tornaram educadores por acaso. A cada um e cada uma, Freire ensina. Opto pela primeira assertiva. E escrevo: "Ao chegar à sala de aula hoje, encontro-me novamente com minha docência. Ao longo de minha vida profissional descobri três coisas fundamentais: é preciso dormir, comer, amar. Não necessariamente nessa ordem, mas com sabedoria e proporção. Encontro-me na entrada da sala com Lorena, Marina e Esther, meninas que ainda dormem reclinadas sobre a mesa. Acordaram cedo, e os minutos antes da aula servem para terminar o sono interrompido. São dedicadas e não perderiam as aulas. Talvez seja essa a explicação para que eu nunca entre de salto alto na sala: o barulho poderia acordá-las. Sinto o desejo de deixar que durmam. Freire, contudo, me adverte baixinho: "acorde as meninas". Elas precisam dialogar, aprender, viver. Faltam dois meses para o final do semestre e elas estão cansadas. Também sinto o corpo pedir sono e folga. Solto um bom dia cuidadoso, e considero o momento delas, fazendo sinal de silêncio às demais colegas. Alguns minutos depois, quando olho à frente, elas estão lá, no grupo trabalhando. Discutem a experiência da criança com a escrita, seus níveis, fases e desafios. Caminho pela sala. A frase que escrevi no quadro para iniciar as aulas, juntamente com os objetivos previamente elaborados, evidencia o desejo do meu coração: "Eu preparo uma canção, que faça acordar os homens e adormecer as crianças". Drummond me deu de presente hoje. Passa um tempo e eu ainda vejo as meninas trabalharem. Contam causos, me interpelam. Uma aluna chega à minha mesa. Vem dizer de sua dúvida. E como sempre, resolve seu desafio por si mesma. Outra vem me trazer um texto prometido na última aula. Agradeço, guardo e reflito. Sou grata. São tantas histórias de tantas mulheres. O Curso de Pedagogia traz de volta minha própria trajetória. E vem uma pergunta que me deixa reflexiva. "Professora, como você faz para acordar assim todos os dias?". O assim é explicado logo em seguida: "assim oh, bem-humorada, feliz..."Elas não perceberam que hoje, também sinto vontade de dormir. Sinto-me aquecida pela vida dessas mulheres. À noite, chego em casa. Uma carta me espera. Ela revela o primeiro dia de aula da turma. Com envelope cuidadosamente colado a carta começa assim... "se avexe não, amanhã pode acontecer tudo, inclusive nada. Se avexe não, a lagarta rasteja até o dia em que cria asas". E ela prossegue: Jamais imaginaria que a professora de Conteúdos de Língua Portuguesa II, chegaria na sala de aula e cantasse essa música. E ao te ouvir cantar, a pergunta que

meio à cabeça: será que ela já dançou um "forrozin", ouvindo essa música? Explico: foi dançando que ouvi a música cantada por você e agora gosto ainda mais dela. Mas vamos ao encontro...ao nosso encontro.

Estava esperando muito por suas aulas, reza a lenda que você andou muito tempo carregando sua tese, por motivos vários, mas creio que o principal deles foi o valor de sua conquista. Lenda ou não, a verdade é que comecei a lhe admirar sem lhe conhecer. E cá estamos. Gosto de cartas, sempre gostei desde menina. Presenteio amigos e amores. Acredito que as cartas são presentes que levam sentimento e pertença e ajuda a resgatar sentimentos errantes na correria do cotidiano. Estamos esquecendo de olhar devagar e com vagar para o outro. A palavra permite esse passeio. A palavra bendita abre a nós a porta do mundo do outro. Estou aqui, batendo à sua porta, trazendo um pouco de mim e dizendo que muito de ti aqui em mim já aportou. Obrigada professora, pelas aulas cheias de entusiasmo. A quarta-feira é um dia esperado, na verdade, desejado. Desculpe-me as rasuras...mas penso que não corrigir faz das palavras, ainda mais especiais. Com admiração...sua aluna Andreatta! Olhem e vejam. Me parece que o elemento fundamental, de que nos fala Freire, está ali presente a sustentar o meu fazer: o emocional. Penso, por fim, que no dia que meu corpo já não puder mais, estar assim, contornado pelo desejo, eu lembrarei da dedicação das meninas que dormiam e da carta que hoje, mais uma vez me permitiu acordar!

11 de novembro
Luciane do Rossio Leal Correia

No livro "Pedagogia da Autonomia" escrito por Paulo Freire, verifica-se a valorização do "ser" e sua autonomia, respeitando sua cultura e os conhecimentos prévios dos indivíduos. Neste sentido a importância e a valorização da identidade sociocultural de cada educando, assumindo quem é, de onde vem, quais fatores culturais e sociais moldaram a visão do adulto enquanto sujeito no processo de reconhecimento e a assunção da identidade cultural.

Segundo Freire, "o aprender vem antes de ensinar, pois os alunos não aprendem somente na escola", com isto a escola deverá se preocupar em preencher as lacunas de experiências desse aluno, ajudando-o a superar as dificuldades existentes no processo do conhecimento.

Nesse trecho em questão, existem dois termos utilizados pelo autor, a saber, o reconhecimento e a assunção.

A assunção é o substantivo feminino que indica a atitude de assumir alguma coisa, ou seja, "assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque ser capaz de amar.

Neste sentido a assunção como uma atitude de admitir que existe um conhecimento prévio e este está ligado ao próprio individuo quando ele for "capaz de reconhecer-se como objeto". (FREIRE, 2014, pg.42).

O que Freire quer dizer é que o professor deverá compreender que cada indivíduo traz consigo sua identidade, uma bagagem sociocultural a ser valorizada e respeitada. "É isto que o puro treinamento do professor não faz, perdendo-se e perdendo-o na estreita e pragmática visão do processo. " (FREIRE, 2014, pg.42).

Freire fala que a "aprendizagem da assunção do sujeito é incompatível como o treinamento pragmático dos que se consideram donos da verdade e do saber articulado". O discurso

pedagógico pragmático não corresponde com a realidade vivida pelo aluno em sala de aula, ou seja, entre a teoria e a prática existe uma grande lacuna. Ele defendia que as práticas pedagógicas deveriam contemplar o direito de que todos possam ouvir e ser ouvidos, uma partilha de informações, com isto um entendimento mais amplo do mundo. O fazer parte não apenas da formação de um currículo, mas tudo que envolve as emoções, desejos, perspectivas, projetos de vida.

Ele defende que a aprendizagem deve estar vinculada aos problemas práticos aproximando-se o mais possível da vida diária dos alunos. Com isto cabe a escola preparar esse sujeito para uma vida democrática de participação social, uma aprendizagem por descobertas.

A outra palavra em destaque é o 'reconhecimento", um fator importantíssimo para a pedagogia de Freire.

O reconhecimento e uma atitude de um professor pode alterar o curso emocional e com isto poderá mudar o ciclo na vida de um aluno. Freire relata que ficou registrado em sua memória a importância do gesto de aprovação de um professor com ralação a um trabalho escolar entregue por ele. O professor com apenas um balançar de cabeça numa demonstração de aprovação, respeito e de consideração, gerou um profundo significado para toda sua vida, mais que a própria nota "dez" que foi atribuída a sua redação. A importância de um gesto transformador trouxe confiança e uma explosão positiva para o seu emocional, isolando a fragilidade e insegurança na qual ele vivia, pois como adolescente se considerava incapaz perante os demais, mal-humorado e sentia-se inferior economicamente. Um gesto de resgate da autoestima gerando confiança, é a importância desses gestos que Freire desafiava a ser valorizado no espaço escolar.

Por outro lado, sabemos que neste mesmo espaço escolar, existem a formação e deformação e por muitas vezes é negligenciado. Freire compartilha que "fala-se quase exclusivamente do ensino dos conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber", no qual ele fazia duras críticas, pois sua pedagogia deveria instigar o aluno a pensar a construir, em sua concepção que todos são sabedores, pelo fato de trazemos uma bagagem sociocultural.

Enfatiza ser possível ensinar, com as experiências informais fruto de um testemunho autentico, vivo e não de uma repetição mecânica de sala de aula, esse aprendizado ocorre informalmente "nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios", (FREIRE, 2014, pg. 44), em que variados gestos significativos de natureza testemunhal com alunos, professores, profissionais administrativos, que muitas vezes é negligenciado nos espaços da escola, mas são formações e deformações que a gente aprende e incorpora na nossa vida.

Outro ponto a ser analisado por Freire, foi a condição física do ambiente escolar, pois cobra-se do aluno um cuidado que nem mesmo o Poder Público exerce, apenas um discurso formador que não cumpre o seu papel, para o autor existe "uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço". Compreende-se que o papel negligente do Poder Público se torna deformador no contexto educacional.

Em todo esse contexto dentro da sala, no ambiente escolar, fora dos muros da escola encontramos um ambiente formador e deformador, como educador é necessário respeitar e não desprezar essa identidade cultural, pois ela faz parte da dimensão individual.

Freire vai além do espaço, sua compreensão se dá no valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser "educado", vai gerando a coragem. Neste sentido a valorização e o reconhecimento do "ser" como um todo, sendo o eixo central do sistema educacional.

12 de novembro
Hélis Cristina Alves Lima

A formação docente busca diariamente aperfeiçoar a sua prática:

> "Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidades, às perguntas dos alunos, as suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a ele ensinar e não a de transferir conhecimento" (FREIRE, 1996, p. 27)

Dentre as modificações educacionais existentes percebe-se a necessidade de um continuo aperfeiçoamento do educador para melhorar a sua prática educacional. A sala de aula transformou-se em um ambiente de aquisição de conhecimentos, onde o educador deixou de ser o único detentor de conhecimento e passou a ser um condutor desse processo.

Os ensinamentos propostos aos alunos devem ser fios condutores a fim de instigar a curiosidade, transformando o conhecimento adquirido em formação permanente dentro de um contexto social e profissional.

> "É preciso insistir: este saber necessário ao professor – que ensinar não é apenas preciso ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, politica, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido". (FREIRE, 1996, p.27)

A pratica docente deve vim agregada ao fazer concreto dentro das experiências apresentadas, sua vivência diária e a aceitação dentro da sociedade escolar.

Para que se chegue ao conhecimento necessário evidencia-se que educandos e educadores precisem de estímulos que passem a despertar a curiosidade e consequentemente a busca pelo saber, trabalhando um aprender mutuo dentro da sala de aula.

Ensinar exige acima de tudo a tolerância, humildade, a luta da defesa dos direitos e a convicção de que a mudança é necessária e possível. O processo de ensino não é de transferir um conhecimento já formado, porque o processo de aquisição encontra-se em mudanças continuas, no entanto, é criar possibilidades para a produção ou sua construção.

13 de novembro
Daira Martins Botelho

Quando Paulo Freire denomina o capítulo de "Ensinar exige consciência do inacabamento", o autor faz menção não somente à prática docente, mas, no decorrer de suas palavras, realiza uma reflexão profunda acerca da própria existência dos indivíduos e a forma pela qual esses trilharam os caminhos a fim de estabelecerem-se enquanto seres que são, além de humanos, sociais, culturais, históricos.

A História da Humanidade mostra que o processo de evolutivo foi lento, gradativo, com muitas tentativas, erros e acertos que contribuíram para o modelo de sociedade no qual estamos inseridos atualmente. Por isso, é possível observar que houve várias eras, com características muito particulares, momentos da História que se tornaram verdadeiras lições para a humanidade do que fazer ou do que não repetir para que a harmonia prevalecesse entre os povos.

Foi tratando desse processo evolutivo, que Freire apontou os lugares de vivência dos seres: os dois universos, sendo o primeiro chamado de suporte, onde o modo é mais rudimentar, aprende-se o básico para a sobrevivência, pois nele não são aperfeiçoadas capacidades, como a

fala ou o andar – nesse estrato estão os animais, aqueles que praticam as "leis da selva". Já os que conseguiram se desenvolver conscientemente, por meio da fala, da transformação dos hábitos, foram os homens e mulheres, que passaram a figurar no que o autor chamou de mundo, ou seja, o lugar onde foram construídos os níveis da sociedade e todo o entorno que caracteriza o mundo tal qual é conhecido nos tempos mais recentes. Essa divisão é o ponto de partida para entender de que maneira Freire compreende a dinâmica social existente na contemporaneidade.

A visão do autor indica que o estabelecimento de uma maneira de viver em detrimento da outra é dado principalmente pelo fato de que o homem e a mulher conseguiram atingir um grau de consciência que os diferencia dos outros animais existentes no mundo. No entanto, Freire frisa que, assim como os humanos conseguiram desenvolver-se eticamente, eles também são capazes de romper com as morais que foram sendo construídas ao longo do tempo.

Um apontamento interessante, que mostra o grau de reflexão utilizado pelo autor, é a inclinação ética que existe entre os animais, mesmo esses não sendo os ditos "racionais", pois os exemplos de baixeza e indignidade trazidos por Freire remetem apenas ao ser humano e a sua capacidade de romper com seus próprios códigos.

Foi no mundo onde se criou a existência, outro termo utilizado para tratar da vivência consciente dos humanos, que vários aspectos foram desenvolvidos e/ou, aprimorados, entre eles estão: a linguagem, a cultura, a comunicação complexa, a espiritualização, bem como o poder que o ser humano passou a exercer no ambiente e sobre todos os outros seres com os quais convive.

Mas o avanço da humanidade veio com responsabilidades. Com a intervenção do humano, foi preciso cada vez mais se posicionar perante toda a construção, seja estrutural, moral ou social. E com a afirmação daquilo que se pretende seguir, também houve a necessidade de uma reflexão em relação à formação desses humanos que passaram a se relacionar, retomando, sobretudo, a importância da ética nesses processos de aprendizagem e de instituição do social.

É nessa movimentação em busca da formação que parte do suporte, passa pela intervenção do humano para aprimorar a existência e chegar, enfim, à criação de um mundo, que Paulo Freire evidencia a capacidade da transformação: tanto para o mal – quando é possível ver a crueldade com o próximo, as falta de respeito ou lealdade, quanto para o bem, reforçada pelo autor através da presença da esperança, mostrando que a mão humana também pode criar o inimaginável, buscar pelo melhor e realizar intervenções que visem melhorias.

E é esse processo de construção humana o enfoque do texto de Paulo Freire. No trecho, o autor se posiciona como um professor e um ser humano em construção, que realiza experimentações acerca de si mesmo, observa e analisa suas respostas sobre o tal mundo e o que acontece nele. Mas, assim como esse mundo está em constante processo construtivo e evolutivo, os humanos também fazem parte dessa trajetória. Freire indica que essa é a aventura de viver e que "onde há vida, há inacabamento".

O texto de Freire mostra reflexões e traz inquietações pertinentes à época em que foi escrito, mas que continuam sendo importantes na atualidade. Faz-nos pensar sobre a questão ética e sobre quais são os seres verdadeiramente racionais, conscientes dos seus atos, além de questionar a finalidade dessa tomada de consciência, já que os humanos se desfazem de qualquer moral quando lhes interessa. Traz à tona a questão do inacabamento, motivo pelo qual o autor se coloca

como um eterno aprendiz, transitando pela vida e pelo mundo como uma pessoa que tem consciência de sua capacidade e seu poder de transformação, com esperança de que o ideário de mundo que estamos criando seja sempre voltado para o a harmonia e para o bem.

14 de novembro
Mônica Tessaro

> "Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. É também na inconclusão de que nos tornamos conscientes e que nos inserta no movimento permanente de procura que se alicerça a esperança." (p.57)

Neste pequeno trecho Paulo Freire deixa claro que o conhecimento é inacabado, na perspectiva de que é um processo que se desenvolve de forma continua incorporando novos elementos jamais deixando de questionar, sobretudo a si mesmo, chegando a sua ideia central, de que o próprio ser humano é um projeto inconcluso. O ser humano é sujeito de sua educação, e quando assume a postura de sujeito não de objeto transforma e é transformado pelo seu meio, nesta relação transforma a sociedade.

Inacabados e conscientes de seu inacabamento, curiosos, interessados, a procura e conscientes de suas limitações e possibilidades os seres humanos conseguem exercitar sua capacidade tanto de aprender quanto de ensinar.

A educação em Freire é concebida como um processo inacabado, inconcluso, que provoca a mudança e não aceita o completo e o finalizado. Demonstra esperança, expectativa, sonho. A esperança aqui é considerada uma necessidade, ela não existe na imobilidade, na inércia. A esperança é arrojada e impulsiona a educação, depende de sujeitos que conscientes da inconclusão estejam dispostos a aprenderem e a ensinarem. Agindo assim, podem se transformar e melhorar suas vidas, avistando uma sociedade mais humana.

Neste sentido a educação pode ocorrer em qualquer espaço social, desde que haja consciência do inconcluso, o reconhecimento do ser condicionado, bom senso, tolerância e respeito às diferenças, mas acima de tudo exige a esperança de que a mudança é possível.

É preciso tomar consciência de que nós seres humanos estamos sempre condicionados pela realidade, mas não somos determinados por ela. Por isso o sujeito histórico e socialmente construído que atingir a consciência de seu inacabamento vai muito além dele. Pois é no movimento do inacabado que se concretiza a educação e a produção do conhecimento.

Para Freire a nossa presença no mundo não se faz no isolamento, para ele ninguém aprende individualmente, ninguém se humaniza sendo passivo perante o mundo. Uma educação humanizadora depende do coletivo, o objetivo é de que nós seres humanos superamos a crença de que o mundo já está dado, concluído. Humanizamos-nos quando a curiosidade nos leva a ultrapassar os limites que nos condicionam.

É indispensável termos consciência do nosso inacabamento aliado ao reconhecimento de que somos condicionados, pois só é capaz de se educar aquele que tem consciência clara de que é um sujeito imperfeito e limitado, que vive em um mundo ainda inconcluso.

Para Freire a inconclusão faz parte da natureza, ninguém nasce pronto e inacabado, nem mesmo as plantas e os animais. Em função dessa incompletude estamos em constante devir, podemos sempre nos educar e evoluir.

15 de novembro
André Paulo Castanha

Neste pequeno fragmento da obra *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire tratou especificamente do respeito a autonomia do educando no processo de ensino.

Segundo o autor, um dos saberes necessários à prática educativa é ter clareza da "inclonclusão do ser que se sabe inconcluso", ou seja, trata-se do "respeito devido à autonomia do ser educando" (1996, p. 65-6). Em outras palavras, como educador temos que estar cientes de que os educandos são seres inconclusos, e de que nós também somos. Conforme indicou Freire: "o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros" (1996, p. 66).

Como sujeitos da ética, porque nossa missão é ensinar, não podemos cair em *transgressão*, como afirmou Freire. Se nossa ação é ensinar, mas também aprender, pois, aprendemos enquanto ensinamos, temos que ter claro que nossos educandos são inconclusos, que também somos inconclusos.

A partir desses argumentos de Freire fica claro que, quando um professor se acha dono da verdade, que já sabe tudo, que não tem mais nada a aprender, incorre em *transgressão ética*, ou seja, não cumpre com sua missão de educador. No entendimento de Freire:

> O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que "ele se ponha em seu lugar" ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência (1996, p. 66).

Nessa passagem fica evidente que Freire combate a ação docente de caráter autoritária, pois ela castra as iniciativas dos educandos, afoga a liberdade, aniquila o direito da curiosidade, do questionamento/especulação. Mas Freire também se opõem ao professor licencioso, desleixado, que deixa os alunos completamente a vontade, alegando que é democrático, mas que na realidade, não tem compromisso com seu trabalho. Freire tinha clareza de que, para ser livre e viver numa democracia é preciso aprender, mas, o aprendizado só ocorre quando temos a oportunidade de praticar, ou seja, ele resulta de uma ação educativa deliberada e intencional, que equilibra autoridade e liberdade, tanto de educadores, quanto de educandos.

É possível garantir isso no processo educativo? Segundo Freire, é possível sim. Para tanto, basta que a base do processo educativo seja o diálogo. É pela dialogicidade verdadeira, "que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos" (1996, p. 67).

Freire alerta, enfaticamente, que a transgressão do princípio da dialogicidade não pode ser visto "como virtude", mas sim, "como ruptura com a decência". Se uma pessoa se tornar "machista, racista, classista, sei lá o quê", que "se assuma como um transgressor da natureza humana". Segundo Freire, não cabe nenhum tipo de

> justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados.

> Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar (1996, p. 67).

Fazer esse enfrentamento é uma das exigências de todos nós, mas, as exigências para os docentes são ainda maiores, pois, nosso principal papel na sociedade é ensinar/formar. É nesse processo que construímos nossa identidade docente e as identidades de nossos educandos. Em a Pedagogia do Oprimido, Freire afirmou que para *ser* é preciso estar *sendo*, ou seja, se almejamos uma sociedade democrática, precisamos promover a democracia nas nossas ações cotidianas, na família, na escola e na sociedade.

A partir desse fragmento podemos fazer associação com o fato histórico comemorado no dia 15 de novembro, a proclamação da República, que significa *coisa pública, governo do povo*. Formar sujeitos autônomos, críticos, conscientes de seus direitos e responsabilidades é um compromisso ético de todos nós. Não é uma tarefa simples, mas sim, um grande desafio que precisamos enfrentar diariamente. Freire tem muito a nos ensinar, daí a necessidade de retomarmos e difundirmos a leitura de suas obras.

PAUSA PEDAGÓGICA

(anote as aprendizagens, ideias, dúvidas e ações que o texto proporcionou até aqui).

16 de novembro
Leila Fatima Corrêa Job

Confesso que encontrei dificuldades de escrever sobre bom senso considerando a atual conjuntura do Brasil nesse momento onde a maioria das instituições brasileiras encontram-se desnudas e "falidas".

Mas, sou professora e dentre tantas atribuições considero que a resistência ao sistema seja imprescindível e que a esperança em dias melhores nos traga força para continuarmos na boa luta.

Minha inspiração sempre foi Paulo Freire, meu primeiro livro Pedagogia da Autonomia ganhei num curso de formação do MOVA- RS.

Considero uma responsabilidade imensa e um pouco de "atrevimento" de minha parte escrever este capitulo.

"A responsabilidade do professor, de que às vezes não nos damos conta, é sempre grande. A natureza mesma de sua prática eminentemente formadora, sublinha a maneira como a realiza. Sua presença na sala de aula é de tal maneira exemplar que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que dele ou dela fazem os alunos. E pior talvez dos juízos é o que se expressa na "falta" de juízo. O pior juízo é o que considera o professor uma *ausência* na sala."

A tarefa do professor é bastante complexa, não é um profissional que estabelece uma rotina diária de trabalho, pois cada dia é um novo desafio. Exige um dinamismo excepcional, além da formação permanente e atualizada sobre a disciplina da qual é regente e sobre temas da atualidade/realidade.

Com toda dificuldade que o professor encontra diariamente, ele deve ter sempre em mente sua inexorável importância na formação do educando, pois, suas atitudes são "avaliadas" e julgadas pelos mesmos. O bom senso diz que é tão negativo para o educando a arrogância e o autoritarismo do professor, quanto à licenciosidade a falta de comprometimento e de organização. Mais importante que o discurso, é a atitude, sua prática cotidiana em sala de aula.

A árdua tarefa do educador exige muito mais que "dar aulas". Houve um tempo em a formação de professores se chamava "treinamento" como na era fordista, aprender a repetir, atualmente é inadmissível essa concepção de formação, o professor deve ser o mediador da produção do conhecimento e as exigências são de que ele possua criatividade, bom senso, criticidade e para isso a formação deve ser permanente. Essa formação exige especialmente a compreensão da realidade do educando e do próprio educador, o senso critico sobre essa realidade, ele (educador) é um trabalhador não um tarefeiro, portanto, a reflexão/avaliação deve ser permanente.

Nós professores, não somos uma elite financeira, poderíamos ou deveríamos ser uma elite intelectual, mas está não é a realidade que visualizamos, sofremos a influência da mídia, reproduzimos e acreditamos naquilo que assistimos, sem filtro, sem senso critico e o pior, muitas vezes somos repetidores dessas "informações".

Sempre atual a reflexão de Freire, sobre a fome a miséria e acrescento as guerras que nunca poderiam ser interpretadas como fatalidade. São frutos da ganância de poucos, que muito ganham com a exploração do trabalho, dos meios de produção, da terra e do meio ambiente, sem responsabilidade e sem ética, numa voracidade capitalista de obter cada vez mais, sem se importar com as conseqüências e com a vida.

O bom senso diz que não se pode esperar pacientemente que a realidade mude. Sem reflexão e sem a compreensão da realidade, sem organização, e reivindicação, os "donos" do poder, do capital, da mídia, não irão se "desacomodar", não se sentirão sensibilizados para mudar, e ver o mundo pelos olhos de quem sente na pele a realidade da dureza do dia a dia.

O bom senso diz que é dever do educador ter compromisso com o debate, com a participação no sindicato, não ser omisso, egoísta, esperar que os outros resolvam as questões que no coletivo vão lhe beneficiar. O professor deve assumir a responsabilidade que a escolha pela profissão de educador implica e saber que a luta é permanente, reconhecer o legado das conquistas históricas e coletivas.

A prática docente exige uma permanente vigília e reflexão sobre o papel do educador e o seu comprometimento com o direito do educando de aprender.

O bom senso diz que há mais de uma maneira de exclusão, citarei duas: a falta de possibilidades dos educandos de freqüentar uma escola, embora haja mais ofertas de vagas, de transporte etc., essa não é a realidade de todos os brasileiros e ainda há crianças sem acesso a esse direito. A segunda maneira de exclusão é a de o educando estar freqüentando a escola, e a falta de comprometimento, a licenciosidade ou a falta de autoridade do professor, esse educando não conseguir aprender, a pesquisar, a buscar informações, a crescer intelectualmente.

Não se deve confundir a autoridade de professor de tomar decisões, orientar as atividades, estabelecer tarefas, cobrar a produção individual e coletiva, com autoritarismo.

A ética deve ser um compromisso de todo educador, não usar de severidade com o educando a ponto de desmotivá-lo da busca, da pesquisa do aprendizado, mas o educador deve ter bom senso para que o educando entenda que a educação e a aprendizagem exigem organização, responsabilidade, curiosidade, pesquisa e disciplina.

É direito do professor, ter ambiente adequado para trabalhar, espaço físico, número de alunos, material didático/pedagógico, embora sabe-se que essa não é a realidade das escolas públicas, podemos fazer disso uma maneira de usar nossa criatividade e usar materiais alternativos, buscando sempre equalizar a situação.

Embora desanimador a falta de "compromisso" com as escolas públicas por parte dos governantes, nossa criticidade de professor exige uma reflexão mais profunda, seria somente descaso ou é proposital que a escola pública seja de baixa qualidade, afinal ela "deve" ser uma escola para pobres, e esses só precisam aprender a obedecer e a servir ao mercado de trabalho, afinal quem pode pagar, coloca os filhos em escolas particulares, que devem ser diferenciadas e de boa qualidade e preparar para a vida.

Nessa linha também está o julgamento de que funcionário público especialmente professor, é relapso, desqualificado e, portanto, não necessita ganhar a justa remuneração.

O bom senso diz que devemos ser cada vez mais críticos sobre nosso trabalho de professor, porque ser critico é fazer uma reflexão/avaliação permanente de seu trabalho e, como resposta, "resistência" a esse modelo neoliberal e excludente devemos ser rigorosamente comprometidos com o direito do educando de aprender e compreender a realidade e ser capaz de transformá-la.

17 de novembro
Felipe Costa Aguiar

Há tempo para humildade e tolerância em nossa prática?

Ensinar exige entre tantas coisas humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educandos. No que se refere as lutas em defesa dos direitos dos educandos nós encontramos um grande desafio no mundo contemporâneo, onde as diferentes formas de opressão parecem estar se fortalecendo. Dedicar-se a educação é uma luta constante.

Professores também lutam contra as forças dos sistemas de ensino que comercializam a educação, os poderes públicos que a desrespeitam e, principalmente, o ódio as diferenças que tem se intensificado em todos os espaços da sociedade. Atualizando as palavras de Freire (1996) podemos dizer que os professores agora precisam lutar pelo estatuto de sua profissão bem como contra a criminalização o trabalho docente que projetos políticos como "Escola Sem Partido" vem tentando promover.

A luta pela educação não pode se restringir mais a alfabetização ou a escola pública de qualidade, ela precisa alcançar outras esferas do campo social. É evidente que o alto índice de analfabetismo não é mais o câncer da educação pública brasileira. O país conseguiu alfabetizar grande parte de sua população, diferente da época em que o autor escreveu a maioria de suas obras, hoje, o Brasil possui muito mais escolas do que possuía antes.

Todavia, isso não resolveu todos os problemas da educação brasileira. Hoje sofremos não para criarmos vagas em escolas, mas sim para concebermos escolas públicas de qualidade. Portanto, mais do que nunca, precisamos discutir e investir na formação de professores, pois eles são as engrenagens do motor da educação escolar. Assim, a educação crítica deve ser trabalhada concomitantemente nas universidades e nas escolas de educação básica, pois sem professores com formação crítica não há criticidade na prática docente.

A real necessidade continua sendo a de promover a educação pública de qualidade e a formação crítica para os educandos, embora o índice de analfabetismo tenha diminuído o mundo se torna cada dia mais complexo e sem uma educação crítica não podemos promover a participação cidadã e a existência autêntica necessária para sobrevivermos no mundo contemporâneo, onde o racismo, machismo, desigualdade de classes e várias outras formas de opressão social tem ganhado mais espaço.

18 de novembro
Felipe Junior Mauricio Pomuchenq

Ensinar! Um ato complexo, dinâmico e muitas vezes impossível de descrever apenas com palavras, uma práxis que se constrói e reconstrói. Mas como ensinar num contexto social que muda constantemente? Como ensinar num sistema que engessa muitas potencialidades e criatividades? Como ensinar em estruturas que não garantem o mergulho na ciência a maioria dos educandos? Como ensinar pondo em diálogo os diferentes saberes? Como ensinar? São muitos os questionamentos que fazemos em relação ao ato de ensinar, mas uma pequena palavra contribui para responder diversos questionamentos, ensinar exige aprender. Aprender que a realidade

é multifacetada e não pode ser compreendida como estável, sendo necessário que a escola se torne um espaço de dialoguicidade, superando os muros e grades que a aprisionam e isolam de seu meio.

Ao educador, segundo Paulo Freire, exige-se "Apreensão da Realidade" (2014), ou seja, é necessário conhecermos o contexto da própria prática educativa, não se limitando nos conteúdos a serem desenvolvidos nas aulas, mas se dispondo num processo contínuo de ensinar e aprender, onde o educador e o educando, num movimento dialético aprendem e ensinem, respeitando os saberes de cada sujeito, não se omitindo nas suas concepções nem impregnando conceitos estáticos. Desta forma, é preciso que o educador "retraia", mas sem abrir mão de sua função, para que o educando possa avançar no campo do aprendizado, e que este não memorize dados ou informações que não se conectem com sua realidade, mas que possa relacionar o aprendido com o vivido.

> Como professor, se minha opção é progressista e venho sendo coerente com ela, se não me posso permitir a ingenuidade de pensar-me igual ao educando, de desconhecer a especificidade da tarefa do professor, não posso, por outro lado, negar que o meu papel fundamental é contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador. (Freire, 2014, p.68).

A prática educativa requer ainda que o educador respeite os saberes dos educandos, pois estes trazem consigo uma história e uma identidade, que é moldada pelo seu contexto social e cultural em que vivem. Todo educando tem o direito de aprender ainda mais do que sabe, para poder inferir na sua realidade. Sendo assim, o projeto educativo da escola deve estar sustentado com os anseios e vivências dos seus sujeitos, pautado numa proposta emancipadora e libertadora de educação, que não enxergue o estudante como objeto neutro, vazio e incapaz de aprender e intervir, mas como um sujeito que possui intrínsecas e diversas capacidades e que muito ensinam ao educador, devendo então o educador, segundo Freire atuar conscientemente de sua inconclusão ou incabamento, mas que se forma ao formar.

A prática educativa exige que o educador compreenda a aprendizagem como uma passagem, onde o aprendiz deve superar os muros dos seus conhecimentos prévios, enxergar para além do objeto visível, e interpretando o mundo, se auto reconhecendo no mesmo como sujeito que nele pode e deve intervir. Desta forma, os educandos irão se inserir no meio, ou seja, adentrando e ocupando os espaços da sociedade para posteriores transformações. Compreender a prática educativa como uma passagem requer também que o educador se disponha a entrar nesse movimento, revendo suas práticas e teorias, sair de sua zona de conforto que muitas vezes adoece todo o processo educativo, onde o ato de ensinar e aprender vai se resumindo a decorar os conteúdos sem nexo com o cotidiano do educando.

Enfim, é preciso um projeto de educação pautado na realidade e numa proposta transformadora e libertadora, sendo necessário que os sujeitos nela envolvidos a compreendam com um ato político (FREIRE, 2014), pois está articulada com o contexto social da escola. É preciso fazer diferente numa sociedade em que tudo se padroniza, uma sociedade que não reconhece a diversidade que a compõem, que ceifa pessoas e memórias, e que não respeita as identidades, mas ao mesmo tempo é a sociedade que está no chão da escola, que pode fazer a mudança, pois a escola a ser transformada já existe (CALDART, 2012), e é ali que somos educadores e nos desafiamos a enxergar os sujeitos coletivos de direito que nela se encontram.

> É assim que venho tentando ser professor, assumindo minhas convicções, disponível ao saber, sensível a boniteza da prática educativa, instigado por seus desafios que não lhe permitem buro-

> cratizar-se, assumindo minhas limitações, acompanhadas sempre do esforço por superá-las, superações que não procuro esconder em nome mesmo do respeito que me tenho e aos educandos. (FREIRE, 2014, p.70).

19 de novembro
Aline da Silva Serpa

> "Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria".

É preciso esperança. É preciso indignação. É preciso luta. E, no final, encontraremos a alegria. A alegria de quem ensina e aprende ao mesmo tempo, de quem encontra na educação a sua maneira de ajudar o mundo, a alegria de quem traz na consciência a inquietação sobre a desigualdade presenciada. Mas, essa alegria só é possível se mantermos nossa esperança, e dela fizermos a motivação para lutar cada dia, todos os dias, de maneira como que com a nossa contribuição torne o mundo melhor.

Talvez, não tenhamos tantos motivos para ter esperança, talvez nossa fúria diante das fatalidades que ocorrem não nos permita mais acreditar no amanhã. Mas, no fundo ainda há uma história de superação, um gesto humano, que nos fazem pensar nas possibilidades de mudar o futuro, que por sua vez, não está pré-determinado.

Primeiramente, é preciso permitir que a esperança entre conosco na sala de aula, que ela nos faça enxergar a luta que precisamos travar contra a desigualdade, contra o preconceito, contra a hierarquia estabelecida socialmente, e contra aqueles que não acreditam ou não valorizam mais a educação. Que nossos olhos não se fechem diante das tristezas encontradas no caminho, e que não naturalizemos fatalidades ocorridas em meio a miséria e a corrupção. Que nos indignemos com as cenas de pobreza assim como se fossem de guerra. Que possamos olhar com cuidado para cada situação diferente que encontramos na sala de aula, que nossos olhos não fechem mais, diante daquilo que não suportamos ver.

E, assim, como nos escreve Freire (1996), que o sentimento de justiça seja mais forte perante a realidade que nos assola, que façamos da raiva um motivo para mudança, para abrir caminho às novas possibilidades, e à realidade que vai se construindo com a História e modificando-se com as lutas.

Se utilizarmos da História, poderemos continuar a objetivar a revolução, pois, nela não há nada pré-definido ou estabelecido, mas, sim, exemplos e conquistas revolucionárias, que deram à sociedade a base na busca pelos direitos. Iniciando dentro da sala de aula, da escola, levando um pouco de esperança a quem lá está, ensinando e aprendendo com alegria, criticando e instigando a busca por uma sociedade mais justa, em que a pobreza e a miséria sejam um problema de todos, e, que possam ser resolvidos com base nos direitos humanos, sociais, civis e políticos, e que a equidade prevaleça onde houver diferenças.

É, nosso dever então, problematizar o futuro, pois, ao fazermos estamos construindo sonhos, criando utopias, deixando renascer a natureza humanitária que prescinde da esperança historicamente construída. Se não houver a problematização do futuro, estaremos compactuando com a perpetuação da realidade existente em todos os âmbitos, e, assim, levando à negação ou à morte da esperança.

Mas, quais respostas encontramos ao nos perguntarmos: - o que fazer com essa realidade? - Enquanto educadores, há o que fazer? Como nos preparamos para o encontro com aqueles que se encontram às margens da humanidade, com seus direitos negados e a confiança traída, que vivem a parte da sociedade, porém, estão ali porque ainda há esperança, não só de sobreviver, mas, de existir. Talvez, não encontremos estas respostas prontas em livros ou materiais didáticos, pois, elas estarão nos saberes diários da prática pedagógica, na convivência, no diálogo, no saber ouvir, nas problematizações do dia a dia e na aprendizagem com as experiências e realidade do outro, valorizando tanto o saber científico quanto o empírico.

Há, ainda, que se tomar parte da triste realidade mesmo quando ela não está diretamente ligada a nós, assim como faz Freire em sua obra "*Á Sombra desta Mangueira*", ao retratar o caso de uma família que buscava no lixo hospitalar o almoço de domingo, e de uma comunidade toda maltratada pela pobreza, pela poluição e pelo esquecimento. É provável que não encontremos uma solução de imediato para isto, porém, é mais provável ainda que ao retratarmos e nos indignarmos com casos como esses, não os naturalizemos mais, ao contrário, façamos deles problemas sociais emergentes, que necessitam serem olhados com prioridade e criticidade, sem crer que a realidade é mesmo assim.

Por fim, é preciso esperança, para aquele que ensina e aprende, pois, o educador que ama o que faz sempre irá aprender ao ensinar. É preciso esperança ainda, para aquele que deixou sua família em tristes condições e foi para a escola na busca de uma vida mais digna, para aquele que lutou contra o sistema e provou sua capacidade, mesmo quando todos duvidavam. Ao despertarmos a esperança naqueles que aprendem, estaremos ensinando com alegria, uma alegria emancipadora, humanizadora, capaz de cumprir com seus principais objetivos de formar cidadãos críticos e reflexivos, transformados e transformadores da sociedade em que vivem, na busca pela equidade dos direitos e das oportunidades, caminhando em direção a utopia da tão esperada sociedade para todos.

20 de novembro
Doroteia Carneiro dos Santos

"O mundo não é. Ele está sendo" (FREIRE, p.76, 2007).

Um dos fundamentos essenciais da teoria freiriana para os professores, em particular os da escola pública, é a consciência de que a história é uma possibilidade e nada está determinado, pois o mundo é um processo histórico, em constante mobilidade e modificado historicamente. Dessa forma, a partir da máxima "O mundo não é. Ele está sendo", Freire nos ensina a perceber a História como possibilidade de mudança e não como algo determinado, visto que o mundo não é acabado em si, ao contrário, vive num processo de constante mudança. Assim, aos professores, enquanto sujeitos do mundo, há o direcionamento de que o seu papel não é apenas o de quem constata, mas o de quem também intervém em sua realidade concreta, considerando-se que constatação serve como meio de mudança e não de adaptação.

De acordo com Freire (2007), conhecer determinados fatos não nos leva para a impotência, mas sim para a ação sobre alguns contextos específicos, a fim de intervir. Nesse sentido, a máxima freiriana aqui analisada nos direciona à compreensão da necessidade de, enquanto educadores e sujeitos de nossa história, atuarmos de forma positiva no ensino a fim de que nossos

alunos também se percebam e se reconheçam como sujeitos-autores situados historicamente no devir do mundo. Para tanto, no âmbito educacional, o educador deve conhecer não só os acontecimentos pertinentes à sua matéria, mas também levar em conta os conhecimentos dos seus alunos, ou seja, conhecendo e reconhecendo-se em relação aos saberes dos grupos sociais aos quais os estudantes estão inseridos, bem como inteirando-se da realidade vivida por eles. Nesse sentido, entendemos que, a partir do momento que nos colocamos como autores da História, saímos da condição de oprimidos, da mesma forma em que possibilitamos aos outros que também se tornem sujeitos autônomos, cônscios e críticos.

De modo geral, a obra *Pedagogia da Autonomia*, cujos escritos nos conduzem à possibilidade de compreensão do mundo em seu constante devir, contribui para a formação de um docente que percebe e age sobre a realidade. Tal atuação acontece por meio do diálogo que estimula o educando a pensar e ressignificar sua história por meio dos novos conhecimentos adquiridos, fazendo-os perceber que são parte ativa da construção desse conhecimento. Paulo Freire (2007) cita, em seu texto, como exemplo, que conhecer os terremotos nos permite criar meios, estratégias para lidar com eles, a partir da constatação e da intervenção na realidade. Em razão disso, o conhecimento não deve ser afastado da realidade, confinado às paredes da sala de aula. Não tem sentido ensinar o aluno a adaptar-se e a aceitar a sua realidade sem questioná-la. É necessária resistência, pois o papel do homem é autoconhecer-se.

A educação, conforme a teoria freiriana, não deve reproduzir a realidade, mas possibilitar a transformação, propondo que, por meio dos conteúdos em sala, os alunos sejam desafiados a pensar na sua vida, na sua realidade. Diante disto, há a possibilidade da mudança na forma como atuam no mundo, pois os estudantes serão convocados a não serem meros espectadores e a não aceitarem a sua condição social como algo imutável. É a forma de permitir que o aluno não se adapte à sua condição de vida: "Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela" (FREIRE, 2007, p.77).

Indo por essa linha de pensamento, é correto afirmarmos que a mudança social é possível, desde que haja uma mudança também da postura educacional e desde que se renovem os saberes. Não é apenas o estudar por estudar, como se a escola estivesse alheia ao mundo, como se os conhecimentos lá ensinados não pudessem ser aplicados à nossa realidade. Para entender a finalidade do estudo é fundamental perguntarmos: "Em favor de que estudo? Em favor de quem? Contra que estudo? Contra quem estudo?" (FREIRE, 2007, p. 77). Assim, ao entendermos a finalidade do estudo, compreendemos e adotamos também a não aceitação de uma ideologia que visa o conformismo. Desse modo, fortalecemos a resistência e, no processo histórico de transformações da realidade social, é importante que haja essa resistência para sairmos da condição de oprimidos e igualmente auxiliarmos a outros nesse movimento.

Nesse sentido, o papel do educador é trazer para sala conteúdos desafiadores, que permitam ao discente se sentir desafiado. Para isso, entretanto, é necessário que esse professor tenha um arcabouço teórico, mas que leve em consideração o saber gerado por meio das experiências individuais, pois, segundo Freire (2007), a leitura do mundo precede sempre a leitura da escrita. Desse modo, é necessário que o professor tenha como meta em suas aulas despertar nos alunos a criticidade, a não se acomodar ou adaptar-se à realidade como se sua condição presente fosse algo imutável.

Nesse sentido, para que haja a mudança, é imprescindível que se tenha um diálogo entre os saberes dos alunos e os saberes curriculares. Num ambiente educacional tem que haver um equilíbrio entre saberes populares e o saber do educador. Conforme Freire (2007, p. 81), "se, de um lado, não posso me adaptar ou me 'converter' ao saber ingênuo dos grupos populares, de outro, não posso, se realmente progressista, impor-lhe arrogantemente o meu saber como verdadeiro". Assim, é importante que a escola não seja percebida como um espaço distante da realidade, mas sim que se aproxime do contexto de vida dos alunos a fim de que seja, de fato, significativo e transformador o estudo.

Da mesma forma, o aluno deve compreender sua história não como algo acabado, pronto, mas em constante transformação. Quando Freire aponta que "O mundo não é. Ele está sendo", nos direciona justamente ao entendimento dos caminhos da autonomia que nos livra da opressão: em seu devir, a mobilidade histórica dos indivíduos se faz a partir da compreensão de que somos sujeitos-autores da nossa história e que podemos, por meio da resistência, mudar positivamente nossa realidade social, com base numa educação transformadora e, consequentemente, libertadora. Eis, então, a nossa função enquanto sujeitos-educadores.

21 de novembro
Marcelo Teixeira

A curiosidade é algo inquieta, porém, sorrateira, logo, buscar a curiosidade fundamenta-se na busca essencial pelo novo, pelo desconhecido, pelo conjunto de ideias abstratas que se tornarão concretas. Os educadores mais bem preparados para lidar com as diversas didáticas fundamentais da epistemologia do ato cognoscedor poderão fazer com que seus educandos se abasteçam de um amplo e profundo conhecimento que, para além daquilo que se buscava conhecer, acaba encontrando aquilo que, sem perceber, finda na descoberta mais sublime.

Esse é o papel do educador descrito por Paulo Freire em sua linha de pensamento acerca da exigência da e pela curiosidade: aquela que se rasteja, aquela que se aproxima, aquela que se adentra, aquela que se perpetua em nossos poros e mentes, aquela que nos alimenta intelectualmente, aquela que nos faz ser vivos.

Docentes bem preparados para lidar com a educação com forte aquisição da bateria que cerceia a curiosidade do outro em se chegar a um resultado satisfatório estarão preparando seus discentes à reflexão do pensamento que gera um comportamento mundano em consequência da dúvida e pelo ato da informação.

A busca rebusca na busca primeira aquilo que se deseja conhecer. Exige uma disciplina tal qual estabelece com que alimentemos nossos alunos em prol da sabedoria, da educabilidade, do respeito e da confiança. Exige, acima de tudo, geração de dados subjetivos que podem ser aplicadas ao outro numa forma sábia e complacente.

Cada um busca sua curiosidade da forma como bem entender, mas é o docente quem, na escola, produz tal efeito libertador, capaz de promover o ciclo de aprendizagem estabelecer contato com a disposição cognitiva daquele que busca a resposta para a sua dúvida. Exige um comportamento e uma disciplina ímpar.

Freire nos incita a sermos curiosos e curiosas à medida que avançamos em dúvidas. É ela, a dúvida primeira, quem nos impulsiona a buscar sobre aquilo que queremos saber e esse ato se

torna nosso aliado no tocante ao conhecimento que, oriunda da dúvida, nos conecta com a curiosidade favorecida por estímulos em favor das respostas.

A dúvida é o calcanhar da procura que origina uma resposta.

A resposta pode vir em forma de informação que gera a comunicação, mas é preciso ser dito que ela partiu de uma curiosidade subjetiva herdada pelo ato dialogista do docente para com seus pares.

Nesse caso, a dúvida gera um comportamento de busca pela resposta que precisa ser encontrada com a sabedoria da exigência pela curiosidade daquele que quer e precisa de uma autorregulação.

O professor necessita fazer com que seus alunos pratiquem o ato do diálogo como agente transmissor da cultura epistemológica. Sendo um cultivo ao pensamento freireano, o diálogo, a participação do aluno em sala de aula como ser ativo e sujeito de sua própria aprendizagem, se transforma em uma requisição plena quando colocada em prática em sintonia com suas curiosidades diversas.

A mediação professoral comanda os direcionamentos de uma aula por inteira, mas são os alunos, entre eles mesmos ou na sua forma individualizada, quem procurará os meios de se obter uma curiosidade apurada para se chegar a um determinador comum. Essa busca favorecerá a exigência da dúvida que virá logo depois com a presença de novas dúvidas e, consequentemente, com diversas respostas para uma escalada de perguntas e respostas oriundas dos livros, do contato social, da dialogicidade e do comportamento mundano.

O pensamento de Freire acerca da curiosidade impede com que façamos de nossos alunos seres passivos e objetos de suas limitações. Esses alunos conseguem ir mais além desde que possamos estimulá-los, instrumentalizá-los com significações e auxiliando-os com o abastecimento de cultura. Essa cultura gera um condicionamento social de contato entre os pares que se caracteriza nos impulsos reflexivos na troca de conhecimentos sobre o estudado.

Esse exercício não pode ser autoritário ou partir de um ato totalitarista: o professor não é o detentor de todo o conhecimento e precisa mostrar ao seu aluno que ele também busca pela mesma rebusca que ele busca. A rebusca faz parte dessa curiosidade dentro de um plano educacional que não medirá esforços com a exigência por uma resposta impulsionadora da dúvida.

A exigência que Paulo Freire explana vem de uma autonomia capaz de fazer com que o professor estude para obter conhecimento e não ficar engessado em sala de aula preso aos costumes escolares tradicionalistas. Ensinar exige uma curiosidade ativamente enraizada nos conceitos construtivos de uma pedagogia científica, teórica, dialógica, prática e conceitual que não pode ser comparada com algo prolixo.

Os valores, a ética e a permanente relação da afetividade moral que culminam em uma complementação de saberes fazem com que professor e aluno entram sumariamente nessa incessante curiosidade pela melhoria de seus conhecimentos prévios que, por ventura, irão se tornando, gradativamente, em conhecimentos intelectualizados.

Os saberes necessários ao docente que busca no discente seu ponto de encontro entre o desconhecido para se chegar à uma resposta é aquilo que Freire salienta sobre o diálogo entre o sujeito e o objeto dentro de uma autonomia: o professor desafia o aluno a buscar a resposta para a sua pergunta, o aluno parte em defesa da sua dúvida sendo impulsionado aos estímulos, chegando na literatura diversa com diferentes autores e livros para, finalmente, se enriquecer não apenas de uma, mas de várias respostas para sanar sua curiosidade.

Essa é a exigência de Freire perante a curiosidade e o conhecimento. Não é o desafio de ser um professor autoritário dentro de sala de aula e que não convence seus alunos de que a busca pela metodologia é a melhor forma de manter um conhecimento digno, mas desse mesmo professor ter a empatia e a missão de servir o seu aluno com aquilo que lhe é favorável: a afetividade e o ato relacional da díade *professor-aluno* em busca pela curiosidade epistemológica.

22 de novembro
Joaquim Rosa Donato Neto

Quando surgiu a oportunidade de comentar um trecho da obra de Paulo Freire fiquei muito empolgado, ainda mais com a possibilidade de escolher a obra, mas logo após surgiram muitas dúvidas e dificuldades e até chegar a esta versão final, muitas outras foram escritas e descartadas, na tentativa de apresentar um comentário à altura do texto lido. Em alguns momentos senti vontade de simplesmente anotar as páginas e a referência da obra e complementar com a frase: "sem necessidade de comentários", mas esta não seria uma postura digna diante de tantos colegas que se comprometeram com o projeto, muito menos com o livro que motivara minha entrada e permanência na área da Educação.

Começo com o título, que a primeira vista parece simples e inocente, mas quando pensado em profundidade nos mostra a imensa maravilha que é ensinar, algo que só nós, seres humanos, somos capazes de realizar por vontade, por decisão, por opção, por liberdade e isso independentemente de diplomas ou títulos. Ensinar ratifica a nossa humanidade. O pai ou a mãe que nada ensinou ou ensina aos filhos não usufruiu plenamente da paternidade e maternidade; os irmãos que nunca viram nos olhos dos seus o brilho do agradecimento, pela partilha do conhecimento na lição de casa ou na vida, ainda não se apropriaram da dádiva que é ter irmãos; os amigos que ainda não receberam nos braços, aquele que em prantos ou eufórico, diz: você estava certo, ainda tem um longo caminho na estrada da amizade.

Ensinar, enquanto ação humana familiar ou de amizade se faz muito mais com o coração, por sentimento de proteção e pertencimento que por técnica ou preparo. Quando se pensa o ato de ensinar na área da Educação, estas características não podem ser descartadas, mas aprimoradas. Para se ensinar bem é necessário que aquele que se dispõe a fazê-lo desenvolva (e para desenvolver-se, é preciso aprender e para aprender, alguém que ensine) uma postura democrática e com autoridade.

Autoridade não se adquire com títulos, com imposição e força. Isso é autoritarismo. Ela deve ser conquistada com humildade, competência e generosidade. Quem conquista autoridade, tem segurança em suas atitudes e ações, sem necessidade de a cada momento afirmar ou impor isso aos outros, conhece suas possibilidades e limites e sabe reconhecer e respeitar no outro também suas possibilidades e limites.

Outra característica a ser desenvolvida e que reforça a segurança no agir e no falar é a constante busca pela verdade, atualizada e reconstruída a cada nova descoberta. Essa busca permite desenvolver competências pessoais e profissionais. Quanto mais competente me transformo e mais autonomia desenvolvo, mais humano devo me fazer. Maior a minha responsabili-

dade por um mundo melhor, por uma prática docente democrática e consciente das possibilidades que devo despertar nos outros para que sintam a mesma alegria e encanto trazidos pelo conhecimento.

As competências só são úteis quando colocadas a serviço do bem comum. De nada vale minhas descobertas e meu crescimento senão para tornar o mundo melhor, para tornar o processo ensino-aprendizagem uma ação no sentido de convencer, persuadir o aluno a tornar-se cidadão a conquistar sua autonomia e por sua ação, transformar o meio onde vive.

Finalizo meu comentário com um agradecimento por esta oportunidade e com a frase inicial do texto de Paulo Freire, "Que possibilidades de expressar-se, de crescer, vem tendo a minha curiosidade?" (FREIRE, 2009, p. 91). Este é o ponto crucial para que o professor ou qualquer outro profissional mantenha sua autoridade, pois possibilita que seu crescimento seja contínuo e acompanhe a evolução ocorrida na sociedade, permite aprimorar sua prática cotidiana e rever sua postura diante do outro e do mundo.

23 de novembro
Kátia Cilene da Costa

APRENDA A DIZER SUA PALAVRA
OUÇA,
OUÇA,
OUÇA...
PALAVRA,
PALAVRA,
PALAVRA!!!
PALAVRA???
PALAVRA, PALAVRA, PALAVRA.
NÃO QUERO FALAR MINHA PALAVRA APENAS HOJE.
QUERO FALAR ENQUANTO MEU CORAÇÃO PULSA.
QUERO FALAR ENQUANTO MINHA FÉ VIVE.
FALE!
FALE!
FALE!
ENQUANTO HÁ VIDA,
ENQUANTO HÁ FÉ,
ENQUANTO HÁ ESPERANÇA!

Sou mulher, mãe e, ao longo da minha trajetória como educadora, tenho buscado dizer a minha palavra. A opção em denunciar ao mundo a injustiça que nós, mulheres, pobres e trabalhadoras sofremos, pulsa em mim. Assim como meu coração bate, não há separação entre a mulher e a educadora. Desde quando ingressei, no ginásio, como aluna da 5ª série é que a luta em resistir ao fatalismo de mulher submissa e sem perspectiva tem me tornado mais viva.

Sinto-me fortalecida quando encontro ex-alunas e as mesmas relatam que guardam boas lembranças da época em que foram minhas alunas e de como foi significativo para elas a minha

insistência em levar à sala de aula a problematização do cotidiano e, principalmente, em incentivá-las a continuar os estudos.

Ensinar é comprometer-se com os educandos. Outro dia fui tomar um café com uma colega de trabalho. Nesse encontro, estava presente, também, uma ex-aluna que fez um depoimento comovente: "ao longo do curso, vocês foram as únicas professoras que me deram atenção e acreditaram em mim. As outras professoras escolhiam um grupo de alunas e davam apoio só para elas... talvez essas professoras não acreditam que uma mulher pobre e negra possa aprender e ensinar."

Esse recente depoimento deixou-me intrigada e extremamente pensativa. Como trabalhar o conhecimento para emancipação em um curso de formação de professores? Faço esse questionamento, partindo do princípio de que ser educadora, em um curso de formação, precede acreditar que todo educando pode aprender e ensinar. Quais as crenças que minhas colegas externaram em sala de aula e que fizeram nossa ex-aluna se sentir excluída?

Lembro-me de que, em uma de minhas aulas, levei uma série de publicações do MEC para ser lida e problematizada em grupos. O estudo abordava uma pesquisa realizada em creches e discorria sobre a relação de carinho ofertada às crianças brancas e quanto de carinho crianças negras recebiam das educadoras. A grande maioria das crianças negras que frequentava as creches pesquisadas pouco carinho recebiam, ou melhor, quase nenhum, pois seus cabelos não eram escovados. Dessa forma, pouquíssimas delas participavam das apresentações da creche.

A partir desse estudo, as alunas puderam perceber a necessidade de conhecerem melhor o universo da educação infantil e o importante papel que passariam a desenvolver na vida das crianças. Nessas aulas, eu retomava os estudos sobre afetividade, usando vários autores, resgatando a importância da sala de aula como sendo um espaço de aceitação, respeito, onde cada aluno é um aluno e tem sua história, sua cultura, seus direitos garantidos nas leis e são os protagonistas do processo educativo. Sem aluno não há escola.

Nesse sentido, revisito a pedagogia freiriana ao enfatizar que o direito de aprender é um direito humano. Cabe a nós construirmos, na relação professor/aluno, uma sala aprendente, amorosa, reflexiva, viva, cheia de curiosidade:

> É na convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando. Pressupõe romper com concepções e práticas que negam a compreensão da educação como uma situação gnoseológica. (FREIRE, 1996, p. 30).

A ética e o respeito, no movimento dialógico entre educador e educandos, pressupõem atitudes de aceitação. Por isso, ressalto que ensinar exige comprometimento, generosidade e convicção de que o conhecimento tem o poder de transformar a vida social. Somos sujeitos históricos, transformamo-nos nas relações estabelecidas com os outros.

Ao ler o mundo, homens e mulheres refletem sobre sua situação de seres inacabados e incompletos, a fim de juntos reescrevem um novo sentido para suas vidas. Esse é princípio que norteia a luta e a esperança na educação emancipadora:

> Se, na verdade não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes. (FREIRE, 2000,p,33).

É assim que concebo a educação!

24 de novembro
Sirlei Antoninha Kroth Gaspareto

Em Paulo Freire a educação se caracteriza pela relação dialógica que, em processo contínuo, aberto, conflitivo e permanente vai construindo e possibilitando novas relações entre os sujeitos que ali se fazem, constroem-se, e, propõem um novo mundo. Isto porque, há um rompimento do silêncio até então atribuído "aos oprimidos". Estes, que gradativamente vão passando de uma consciência ingênua para uma consciência crítica, tomam a palavra e vão estabelecendo novos pronunciamentos, novas perspectivas *de mundo.* Assim o fazem enquanto "ato de criação e recriação". Entretanto como afirma Freire (2014) "não há diálogo, porém, se não há um grande amor que a infunde". (FREIRE, 2014, p.110).

Notamos que há uma intrínseca relação amorosa no diálogo proposto por Paulo Freire. Mas não é qualquer amor. É aquele que vence o medo. É o amor que compromete os próprios oprimidos com a causa da libertação. É o amor que concretiza a força nova de libertação. Parafraseando as mães da Praça de Maio na Argentina, depois de terem perdidos seus filhos e filhas na luta, ao invés de escolher o silêncio das multidões, optaram pelo grito da liberdade e afirmaram: "Todo medo do mundo é infinitamente menor do que nossa força."

O amor em Freire (2014), se caracteriza: "como ato de valentia, não pode ser piegas; como ato de liberdade, não pode ser pretexto para a manipulação, senão gerador de outros atos de liberdade. Se não é assim não é amor". (FREIRE, 2014, p.111). E sem amor não há possibilidade para o diálogo entre os homens e as mulheres, entre os homens e homens, mulheres e mulheres, e assim com todos os seres do universo.

É importante notarmos que Freire (2014) não destaca apenas o amor como característica fundante do diálogo e de uma relação dialógica. Para que seja conquistada a confiança se faz necessário também a humildade que se contrapõe a toda arrogância do mundo. Não haverá diálogo se vejo sempre no outro a ignorância que também está em mim, que não a enxergo ou finjo não ver.

Da mesma forma, se não reconheço "outros eu". Será impossível estabelecer diálogo se parto do princípio de que sou "dono da verdade e do saber", estabelecendo aos outros a prerrogativa de "nativos inferiores". Será a pronuncia do mundo e de uma nova história, expressão unívoca de seres seletos, superdotados? Em Freire não há dúvida ou hesitação: "A autossuficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não têm humildade ou a perdem não podem aproximar-se do povo". (FREIRE, 2015, p.112).

A relação dialógica nos coloca em pé de igualdade, a caminho de outras possibilidades. No caminho de encontro com os seres humanos "não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos. Há homens que em comunhão buscam saber mais". (Idem). Por isso mesmo, a outra característica indispensável para a existência propositiva do diálogo e da relação dialógica é a *fé nos homens e nas mulheres.* "Fé no seu poder de fazer e refazer". "De criar e recriar". (FREIRE, 2014, p. 112).

Fé que se caracteriza como direito de ser mais! A fé é aqui caracterizada como algo inerente ao ser humano dialógico, que é ao mesmo tempo capaz de transformar, se caracteriza pela criticidade, pelo poder constituir-se em luta permanente pela libertação. Por isso mesmo uma fé transformadora. "Sem essa fé nos homens o diálogo é uma farsa". Transforma-se, na melhor das hipóteses , em manipulação adocicadamente paternalista. (idem, p.113).

Em Paulo Freire podemos compreender que as características básicas da dialogicidade que persiste nas relações horizontais da vida humana, são marcadas pelo amor, pela humildade e fé nos seres humanos. Tais prerrogativas instituem a confiança como "consequência obvia". A confiança impulsiona um novo agir. Instaura novos sujeitos dialógicos que por sua vez estarão interagindo no mundo e provocando relações coerentes que se caracterizam pelo dizer/fazer, palavra/ação, discurso/prática entre os seres humanos e destes com o mundo, com a natureza, com o cosmos.

Dessa relação nasce a esperança como expressão do desejo de "restaurar a humanidade esmagada pela injustiça". Não é esperança como sinônimo de acomodação, de espera passiva e inativa. Como diz o poeta: a esperança só cresce, ela não envelhece, é só caminhar! Não pode haver uma relação dialógica na desesperança. A luta é por assim dizer o lugar privilegiado da esperança. É da luta e na luta que se origina o "pensar crítico" que leva-nos compreender a realidade como processo histórico que ao mesmo tempo capta o movimento do rela não como algo estático, mas que se faz em movimento. Por isso a possibilidade de transformação. "somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo". (Idem, p.115).

Neste sentido é fundamental perceber que o diálogo começa na busca do conteúdo programático, ou seja, quando educador-educando se pergunta em torno do conteúdo que vai servir de inquietação para ato de dialogar. Trata-se de mediação, dialogicidade, problematização que vai sendo construído coletivamente a partir das realidades e não de imposição prévias estabelecidas por quem quer que seja. Nenhum programa educativo, técnico ou político será efetivamente dialógico se desrespeitar a visão de mundo que tenha ou esteja tendo o povo. Isto se configura, na acepção de Freire, como invasão cultural, por melhor que sejam as intenções, pois deixa de ser uma educação dialógica em sua consubstancialidade e coexisteciabilidade.

25 de novembro
Hélis Cristina Alves de Lima

O processo de ensino deve gerar possibilidades para a produção e a construção do conhecimento, fazendo com que aluno e professor possam juntos construir, vivenciar e testemunhar o processo pedagógico.

No entanto, é necessário entender que a liberdade e a autoridade devem andar juntas dentro da educação e sociedade. Pois, assim, pode-se estimular o pensar e visando despertar a curiosidade e consequentemente a busca do saber.

O professor deve trabalhar sua autoridade de forma coerente, buscando diminuir a distância entre a prática e o discurso. A partir desse ponto ele (o professor) pautará de forma liberal se sua autoridade na sala de aula, instiga o aluno a pensar ou o transforma em uma mera máquina de reprodução.

O educador dentro do seu processo de ensino jamais deve inibir o aluno de buscar conhecimento ou dificultar a curiosidade, muito pelo contrário, deve estimular a curiosidade e assim buscar formas para trabalhara liberdade de expressão, imaginação, comparação, capacidade de transformar a sociedade em que se vive:

> "A liberdade amadurece no confronto com outras liberdades, na defesa de seus direitos em face da autoridade dos pais, do professor, do estado. É claro que, nem sempre, a liberdade do adolescente faz a melhor decisão com relação a seu amanhã". (FREIRE, 1996, p. 66)

A relação de educador e educando deve ser alicerçada pelo princípio do aprendizado mutuo, uma vez que o aluno pode aprender dentro do seu processo de aprendizagem na sociedade, ou seja, seu conhecimento de mundo, fazendo com que a liberdade de expressão seja algo fortalecido dentro do convívio diário.

Nota-se que muitos educadores encontram dificuldades em trabalhar impondo limites dentro do processo de aquisição da liberdade, é necessário o conforto com outras liberdades para amadurecer.

O educador é o indivíduo que enquanto dar liberdade ao educando, mostra e deixa claro a sua autoridade dentro da sala de aula, mesmo que seja em uma sociedade onde os valores estão em constante mudança.

O professor que respeita as diferenças sabe o seu real valor para a modificação da realidade do educando e sua presença dentro da sociedade, tornando-se presença necessária dentro da vivência do aluno.

26 de novembro
Hélis Cristina Alves de Lima

> "A educação não vira política por causa da decisão deste ou daquele educador. Ela é política".(FREIRE, 1996, p. 69)

O educador necessita estar disposto a ouvir, fazer de suas aulas momentos de reflexão, liberdade de expressão, debates e estar aberto para compreender os alunos, suas opiniões e decisões.

É necessário a consciência das decisões e opiniões, o que deve ser desafiado, a fim de que o processo de democratização da educação seja algo de igualdade entre alunos e professores.

Visto que o educador não pode se neutro dentro do processo educacional. A mudança acontece dentro de um educador critico que busca acreditar na mudança do país. Nesse contexto, é importante a política pedagógica, onde o educador busca o processo de mudança com otimismo e trazendo para a realidade as mudanças necessárias unindo teoria e prática.

A inovação das aulas, o despertar da criticidade do aluno, o estimulo ao aprendizado passa a ingressar o processo de ensino aprendizagem.

O professor deve tomar posições e decisões, no que diz respeito a sua prática educativa, assumindo a si e seus educandos como seres sociais e históricos capazes de transformar-se.

O pensar conduz a criticidade da aprendizagem e assim o entendimento do processo infinito da experiência de aprender e ensinar.

Para Paulo Freire, todos somos seres inacabados e condicionados, ou seja, deve-se entender que esse processo se torna cada vez mais necessário dentro do dia a dia; e assim podendo exercitar a capacidade de aprender e ensinar.

A vida em sociedade deve ser trabalhada de forma humanizada, buscando justiça, dignidade, liberdade e igualdade entre os homens.

27 de novembro
Anderson Carlos Santos de Abreu

Paulo Freire em sua obra Pedagogia do Oprimido (2005) enfatiza, a todo instante, a necessidade de uma reflexão crítica sobre a prática educativa, sobretudo quando o assunto é a relação educador e educando no processo de aprendizagem. Para o educador Freire, a teoria pode se tornar apenas em discurso vazio e barulhento, e a prática numa reprodução alienada, quando não houver dialogicidade.

Quando há diálogo, há encontro, há respeito e alteridade na didática. A saber:

> "O diálogo é este encontro dos homens, imediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito" (Freire, 2005, p. 91).

Nesse sentido, há uma ação na didática freireana que deverá ser o ponto de partida – a escuta. A disciplina do silêncio deve ser assumida de forma rigorosa frente aos desejos do educador, tornando-os participantes, sensíveis e próximos aos desejos dos educandos. Não era o anseio de Freire (2005) tirar o direito da fala de qualquer sujeito, mas é preciso que

> (...) quem tem o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, terminar por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado. (FREIRE, 2005, p. 117)

A fala de quem ensina deve ser feita em espaços de silêncios, sendo eles o ritmo democrático para que a voz do oprimido, a qual não é escutada, torna-se a voz da autonomia. Isso faz com que a relação do educador com o educando seja potencializada na solidariedade, ou seja, propondo uma consciência emancipadora ao invés de uma embrutecedora.

Essa experiência da escuta na didática abre a possibilidade de inúmeras rupturas com concepções pedagógicas em que o viés lógico da docência se dá numa hierarquização de inteligência e vontades. A partir disso, o conceito de emancipação em Freire pode ser concebido, também, pela ação que aproxima duas inteligências e duas vontades, sem que as mesmas promovam anulações entre ambas.

> Meu papel fundamental, como educador, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o educando a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebe-la, na íntegra, de mim. Ele precisa se apropriar da inteligência do conteúdo para que a verdadeira relação de comunicação entre mim, como educador, e ele, como educando, aconteça. (FREIRE, 2005, p. 118)

Portanto, a escuta é um ato não somente pedagógico para Freire (2000), mas, sobretudo, político, porque apresenta uma proposta de humanização do educador no processo educativo, sendo ele o propositor de uma consciência crítica com relação as inúmeras manipulações ideológicas que fazem com todas as camadas sociais, em especial com os oprimidos.

Dessa forma, Freire (2000) alteia o quanto um educador crítico, com consciência política emancipadora, e que saiba escutar quando ensina, pode repercutir na vida social do seu educando, pois tal postura considera o contexto social do educando, assim como da legitimidade a sua voz que por muitos é calada.

Escutar neste viés epistemológico vai além das capacidades fisiológicas de cada ser, significa estar disponível ao outro, estando sensível às diferenças do outro. A natureza pedagógica e espitemológica em Freire (2005) é política, histórica e social, pois é plena de convicção da existência do outro.

Na máxima da escuta é possível criar condições para que os educandos possam construir seus próprios conhecimentos, sem que o educador e o educando sejam reduzidos à condição de meros ouvintes. Para Freire (2005, p. 123), "(...) é preciso respeitar a leitura de mundo do educando, pois somente assim ele poderá ir para além dela", pois a leitura de mundo revela nossa relação com o contexto que vivemos, assim como a forma com a qual concebemos nossa própria existência.

28 de novembro
José Bazilio Moreira Junior

> "Uma das eficácias de sua ideologia fatalista é convencer os prejudicados das economias submetidas de que a realidade é assim mesmo, de que não há nada a fazer mas a seguir a ordem natural dos fatos. Pois é como algo natural ou quase natural que a ideologia neoliberal se esforça por nos fazer entender a globalização e não como uma produção histórica". (Pedagogia da Autonomia, p. 48)

Para dialogarmos sobre esse capítulo, precisaremos contextualizar a palavra "ideologia" inserida na pedagogia freireana. Para isso, inicialmente, podemos estabelecer que Paulo Freire manifesta claramente a classe social em que se propõe lutar. Sua opção classista está ao lado dos que são submetidos à injustiça social, como o mesmo intitula: "os esfarrapados do mundo". É evidente sua denuncia social em defesa dos oprimidos.

A partir dessas considerações, continuaremos cientes que a ideologia a qual Freire está se referindo é a dominante, a mesma que impõe suas características na política, economia, também debruça suas marcas sobre a educação.

Em seu contexto histórico, apesar de sua análise cair perfeitamente para nossos dias, Freire revela para o seu leitor que essa ideologia dominante é a neoliberal, que defende o "discurso cinicamente fatalista".

Essa visão ideológica do mundo visa o beneficio de poucos em detrimento da maioria, logo, como é bem evidenciada nesse capítulo, vai agir no sentido de distorcer a realidade desumana em que essa maioria é submetida. Ou seja, o neoliberalismo como ideologia favorece os donos do poder, para sua manutenção estipula medidas sem levar em conta os que são afetados socialmente e alega para os mesmo que não é possível evitar essas medidas, como se fosse natural, sem problematizar os fatos causadores. Para ficar claro, Freire destaca o exemplo do desemprego no mundo, que é apresentado como uma fatalidade e não consequência de suas medidas.

Querem através dos seus discursos mascararem o que realmente faz gerar os problemas do sistema capitalista, problemas esses que são os frutos da busca alucinada pelo lucro. Não deixam claro para a sociedade o histórico atroz capitalista.

E a medida central que Freire prioriza no capítulo é a globalização da economia, que foi imposto em forma de desenvolvimento para as nações sem uma contextualização histórica, como se todos os países estivessem aptos para uma medida drástica, não levando em consideração que essa transformação afetaria a população.

Em nossos dias conseguimos visualizar que tais alterações contribuíram para o aumento da desigualdade social, somando cada vez mais vítimas nessa realidade de injustiça social.

Com isso, podemos fazer uma analogia com o ato de lecionar, pois como educadores e educadoras não podemos ocultar essas injustiças, no âmbito da sala de aula encontramos uma

diversidade de educandos e educandas com múltiplas realidades, oriundas de classe social, credo, cultural, gênero, etnia, enfim, não é possível deixar de problematizar com os mesmos sobre as injustiças sociais que são submetidos e se não são, para ficarem cientes que pessoas ao seu redor podem estar expostas a essas injustiças.

Dentro desse discurso fatalista, podemos presenciar o uso constante da palavra ética, e nesse ponto Freire é categórico, pois em sistema capitalista que visa o lucro acima do ser humano, podemos esperar que essa ética seja mero simbolismo. Freire repudia no sentido de deturparem a ética universal em nome de uma ética do mercado, ética do lucro. Ética essa que se encaixa em uma ideologia que fortalece o enriquecimento de poucos jogando a maioria em um estado de miséria. No mesmo sentido pedem a liberdade de comércio, mas é imposto em um aspecto que confronta com a liberdade de seu povo. Ou o progresso científico e tecnológico, é preciso deixar claro que Freire não se põe contra a esses avanços, mas que os mesmos deveriam destinar seus esforços em benefício do ser humano, não um mero artifício impulsionador do capital.

Estamos presenciando um momento em que educadores populares estão sendo taxados de "doutrinadores" por problematizarem as injustiças sociais, por estimularem o pensamento crítico dos educandos e educandas. Seria muita ingenuidade supor que o Estado desenvolveria uma educação "neutra", pois o que seria neutralidade na política?

Paulo Freire já denunciava tais discursos que pregavam a morte das ideologias ou que propunham uma neutra. Ora, esse discurso em si já carrega sua marca ideológica.

Vemos claramente a ideologia que defende essa neutralidade, que não querem que os cidadãos possam ter uma consciência crítica do mundo. São os mesmo que estão defendendo o que intitularam de "Escola sem partido", tal projeto claramente ideológico coloca todos os estudantes em uma mesma realidade sócio-econômica, desprezando as peculiaridades e necessidades de cada comunidade escolar. Uma análise conservadora e simplista para um assunto complexo.

Inclusive o que diz respeito ao projeto neoliberal e seu impacto sobre a educação, podemos testemunhar a perpetuação do descaso com todos os âmbitos da educação, aliás, até mesmo o sucateamento da educação é um projeto com a intenção de entregá-la a iniciativa privada, algo de práxis de seus programas, tratam todos os direitos básicos do cidadão como mercadoria. Irônico tratar algo tão importante como a educação como um mero gasto e não como um investimento que traz a prosperidade para qualquer nação. Mas a aparência irônica é apenas passageira, pois o não investimento em educação perpetua um povo passivo aos mandos, uma mão de obra barata permanente.

A atualidade e importância das análises de Paulo Freire são fundamentais para todos os profissionais da educação, sempre que nos deparamos com seus escritos conseguimos absorver sua ternura em tratar o ato de educar, deposita toda sua esperança em um mundo mais justo e humano, transformado por pessoas e para as mesmas. Porém, Freire sempre destacava a importância da rebeldia, não é possível ficar passivos diante das injustiças, precisamos ter a ciência que a análise freiriana envolve muita luta.

Rebeldia contra os que querem impor uma dominação sobre os povos.

29 de novembro
Lilian Moreira Cruz

Ensinar exige disponibilidade para o diálogo

> É na *minha disponibilidade* à realidade que construo a minha segurança, indispensável à própria disponibilidade. É impossível viver a disponibilidade à realidade sem segurança, mas é impossível também criar a segurança fora *do risco da disponibilidade* (FREIRE, 1996, p. 135).

Ao inscrever-se na esteira dos estudos sobre a atuação docente, Freire se atenta para o cenário que trama a educação de meninos e meninas. Conclui que ensinar exige algumas posturas do professor e da professora, dentre elas, o saber ouvir, falar, respeitar às diferenças, ter coerência entre o que diz e faz, ter segurança na prática docente, ou seja, ensinar não se resume a uma simples transmissão de conhecimento, mas na entrega total em busca de novos caminhos para a prática educativa. Entretanto, é necessário priorizar a autoformação para ofertar uma educação emancipadora e autônoma do ser humano, priorizando a formação integral do educando.

É na busca pela a autoformação que o educador e educadora construirá a pedagogia do amor, da esperança, do diálogo e da autonomia. Assim, romper com os modelos educacionais reprodutivistas, tecnicistas e antidialógicos, transformando a escola em um ambiente propício para aprendizagem de sujeitos populares críticos e conscientes.

O caminho que o docente escolhe para nortear a prática pedagógica é decisivo para o desenvolvimento dos alunos e alunas nos mais variados aspectos. Assim sendo, o professor necessita adotar uma postura ética, política e reflexiva, buscar uma reflexão na e sobre a ação. Destarte, conhecer a turma que trabalha, ou seja, ser pesquisador dos fenômenos educativos que vivencia para construir o alicerce que dará segurança as ações que promovem a formação autônoma e emancipadora dos alunos e alunas.

Segundo Freire, ensinar é uma especificidade humana e exige saberes docentes necessários a uma prática pedagógica de qualidade, prática comprometida na cotidianidade do exercício docente. Para isso, precisa ter delimitado o perfil de aluno que deseja formar e questionar a própria concepção que possui sobre a educação. É neste exercício fecundo em conhecer a realidade que atua, que o professor constrói a segurança das suas ações educativas. Como diz Freire, "É na minha disponibilidade à realidade que construo a minha segurança, indispensável à própria disponibilidade".

Ensinar exige disponibilidade e coragem para correr risco, para muitas vezes, recomeçar do zero e se arriscar em novos desafios tão necessários a prática educativa. Para Freire, reside aí a beleza do ato educativo, é na abertura que se conhece o sujeito do processo, pois é nesta ação, que o professor e professora terá a oportunidade de mergulhar no mundo de seu aluno e aluna, podendo assim, conhecer como ele ou ela aprende, quais são suas reais necessidades educativas.

Ensinar se configura um ato político e filosófico. Neste ínterim, pautado numa ética da abertura, o professor e professora fará justiça cognitiva à medida que amplia sua consciência sobre a própria prática e partilha com os alunos e alunas as atividades pedagógicas necessárias a formação emancipadora, podendo estas, ser instrumento potencializador de uma aprendizagem significativa.

Uma educação para a emancipação e autonomia do ser humano, prioriza a formação permanente dos educadores e educadoras, reinventa o currículo, delimita políticas de combate ao fracasso escolar. Enfim, uma prática pedagógica freiriana está fundamentada na pedagogia do diálogo, pois ensinar exige disponibilidade para se entregar aos desafios da educação.

30 de novembro
Claudineia Rodrigues da Silva

> "O nosso é um trabalho realizado com gente miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca. Gente formando-se, mudando, crescendo, reorientando-se, melhorando, mas porque gente, capaz de negar os valores, de distorcer-se, de recuar, de transgredir."

A partir dessa citação faremos uma breve analise sobre o processo de ensino-aprendizagem: a relação professor-aluno e o desafio da excelência da formação dos educandos, considerando todas as suas dimensões. A centralidade da questão reside no fato de a mesma trazer à tona o desafio, nada fácil de enfrentar e resolver, da construção de relações de proximidade e empatia com os educandos, visando a garantir a excelência do ensinar e do aprender, principalmente em sala de aula, de modo que essa relação favoreça o alcance dos objetivos da ação pedagógica. Podemos dizer, em última análise, que a qualidade, a efetividade e os impactos do processo de ensino-aprendizagem, em grande medida, dependem não só da seleção de conteúdos, organização e sistematização didática do trabalho, mas da relação de proximidade e empatia construída entre professores e alunos, tarefa inicialmente colocada para o corpo docente na atividade escolar.

> "E porque lido com gente, não posso, por mais que inclusive me de prazer entregar-se á reflexão teórica e critica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa á problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna. "PAULO FREIRE

Podemos situar a questão da proximidade e empatia na perspectiva da dialogicidade de Paulo Freire, um dos autores que tomo como referência para refletir sobre o tema, objeto deste livro. Defendo que a questão da construção de relação de proximidade e empatia com os educandos está relacionada à concepção que o professor tem do próprio processo de ensino-aprendizagem; à visão que tem sobre o seu papel e o papel dos educandos. Na terceira e última parte, aponto algumas recomendações e estratégias para contribuir no enfrentamento do desafio acima indicado.

A visões sobre o ensino-aprendizagem e a relação professor-aluno podemos afirmar que o plano de ensino-aprendizagem não garante necessariamente excelência na formação dos educandos. Ela é decorrente também das relações que o professor constrói com seus alunos e alunas, relações essas de proximidade, empatia e significado. Contudo, a construção dessas relações, a sua qualidade e consistência, bem como seus impactos no processo de ensino-aprendizagem, depende da concepção que os professores apresentam do ensino e da aprendizagem, do modo como concebem seu papel, o papel dos alunos e como consideram o pensar e o fazer docente no contexto escolar.

Nesse sentido, grosso modo, pode-se falar em duas concepções e práticas: uma autoritária e antidemocrática, ancorada numa visão de que o professor é "dono" do saber, é ele que detém o poder do conhecimento; é ele que sabe o caminho através do qual se ensina e se aprende. Essa visão, naturalmente, vai produzir um tipo de relação também autoritária com os alunos, uma vez que estes são vistos como "latas" onde o professor "sabe tudo" despeja seus conhecimentos e saberes. Estabelece-se assim uma relação pautada no autoritarismo e no não diálogo. O ensinar e o aprender assumem um caráter "bancário" e antidialógico, como dizia Paulo Freire (1987). A relação que se constrói não é de empatia e proximidade, mas de negação do outro como legítimo outro (MATURANA, 1998). O aluno, segundo essa visão, é visto como objeto da ação pedagógica e não como sujeito.

A segunda concepção e prática docente referente ao processo de ensino–aprendizagem pode ser caracterizada como dialógica (FREIRE, 1987). Essa concepção parte de outro pressuposto, onde a atitude dialógica é, antes de tudo, uma atitude de amor, humildade e fé no ser humano, no seu poder de fazer e de refazer, de criar e de recriar. Portanto, o "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção", (FREIRE, 1996, p. 21); o aprender, nessa perspectiva dialógica, é mais que uma relação de saber; é relação de existência de vida; aprender é uma modificação estrutural não do comportamento, mas da convivência (MATURANA, 1998). O processo de ensino-aprendizagem decorre então de uma relação entre parceiros, onde todos ensinam e todos aprendem. Numa relação como essa, onde professores e alunos se sentem acolhidos em seus saberes e experiências, constroem juntos os conhecimentos, alegram-se juntos pelas descobertas que fazem, percebem juntos os movimentos da vida e da convivência no ato de ensinar e aprender coletivamente, produzindo proximidade, empatia e significado.

Nesse sentido, a proximidade e a empatia podem ser consideradas como um instrumento da dialogicidade, na medida em que, quando nos juntamos para, parceiramente, descobrir, conhecer, resolver problemas, ficar juntos e referendar o outro no seu jeito de ver o mundo, de explicá-lo e mobilizar as experiências e saberes de que é portador, vivenciamos uma relação ontológica, uma relação de totalidade do ser, existencialmente produtiva, nunca uma busca objetivista do conhecimento, muito menos um esforço de uso do parceiro (FONSECA, 2000).

Portanto concluindo, sabendo que a construção de relações de proximidade, empatia e significado, no processo de ensino-aprendizagem, será sempre um desafio, visto que é contextualizada, isto é, precisa considerar a história, o ambiente, as trajetórias formativas de professores e alunos, seus saberes e experiências, etc., pode-se apontar algumas recomendações que podem contribuir na superação do desafio de construir relações de proximidade e empatia, e perseguir a excelência no ensinar e no aprender.

SÍNTESE DO MÊS

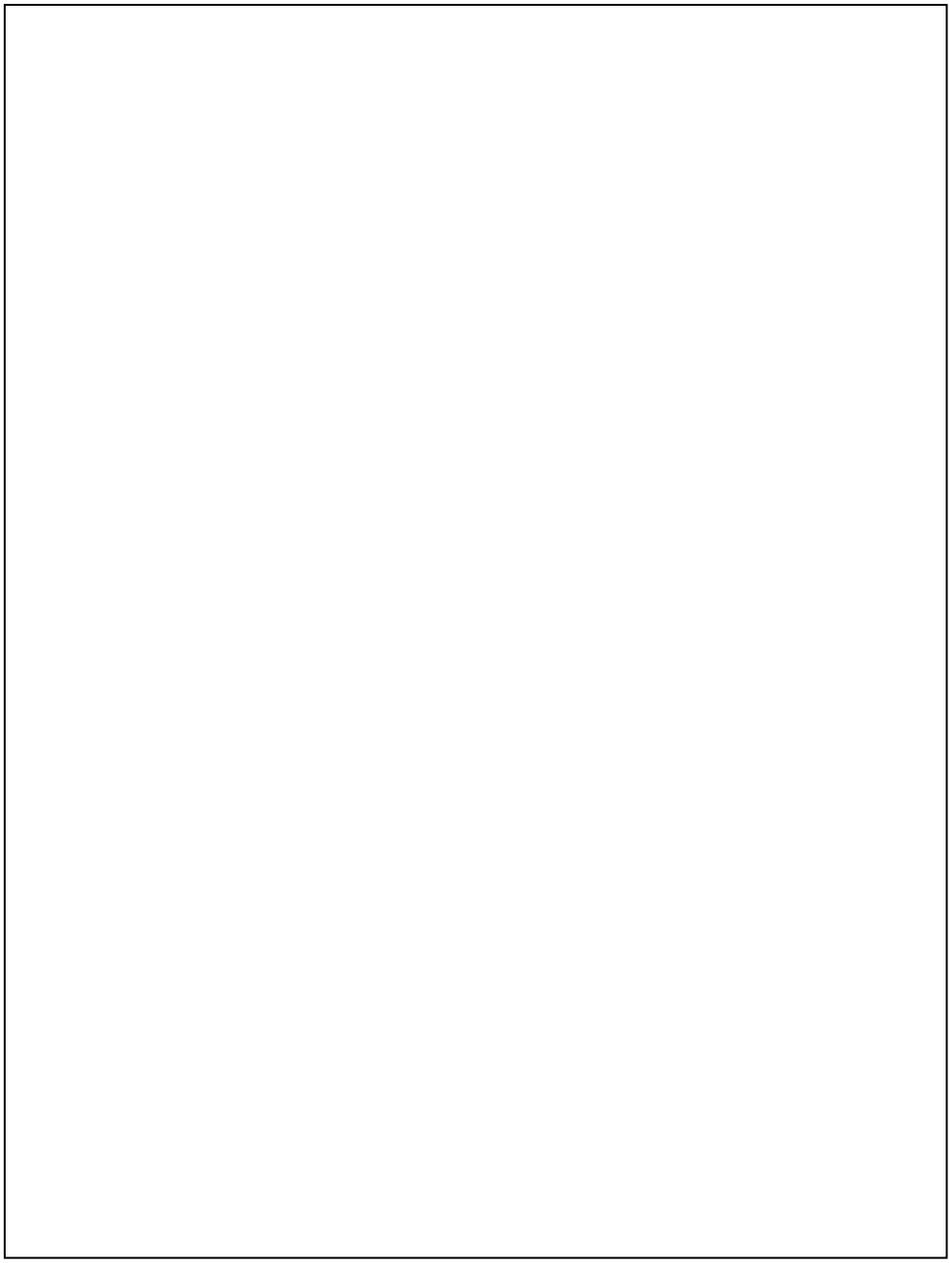
UMA PALAVRA

UMA FRASE

UM PARÁGRAFO

IMAGEM PEDAGÓGICA

(Desenhe uma imagem que simbolize as aprendizagens acumuladas das leituras deste mês para você dialogar com seus companheiros/as de caminhada).



DEZEMBRO

Pedagogia da Indignação

Palavra
Saudade

Frase
A última obra escrita por Freire inaugura um novo olhar sobre o mundo.

Parágrafo
Essa é a primeira obra póstuma de Freire, ele a deixou inacabada, sendo organizada e publicada por sua viúva, Nita. As primeiras três cartas tratam sobre educação, mudança do mundo e da malvadeza de queimar um índio pataxó. A segunda parte traz escritos que Freire considerava à época muito importante, como a descolonização, a ética, a ecologia e a esperança. É um livro que inaugurava uma nova fase de textos freirianos que foi interrompida com sua páscoa, mas que deixou registrada a sua indignação com as injustiças sociais e a confiança na educação como práxis libertadora.

01 de dezembro
Gercimar Martins Cabral Costa

Nesta obra intitulada Pedagogia da indignação, é enfatizado a importância de o leitor ou leitora perceber a possibilidade que se existe do diálogo com o autor, de forma que a mesma pudesse ser de forma aberta as dúvidas, bem como a crítica que eventualmente venha a se aparecer.

O autor pressupõe a indagar ao "diálogo interrompido", o qual é evidenciado após a morte de um determinado autor, e que sua obra fica viva para as leituras, interpretações e debates em grupos.

É sempre preciso ter e viver uma fidelidade de seu projeto de vida, fato este, descrito pelo fragmento da Terceira carta, a qual Freire escrevia com eloquência acerca da libertação.

Na obra do filósofo argentino Gustavo Cirigliano (1995, p. 1-17), enfatiza que "*sostengo que Paulo Freire ha quebrado el tempo dei destiempo porque no ha perdido la palabra. Y eso es uma hazana em nuestro continente*".

Neste contexto, endossa a compreensão sobre o termo desta obra, transcrita para compartilhar as Cartas pedagógicas de Paulo Freire, visto que mesmo ao autor "denunciar com indignação", este sabia ser "mansamente respeitoso das pessoas" (FREIRE, 2000).

É preciso compreender a essência e disseminá-la, da mesma forma que é preciso sempre expor ideias, sem medo das críticas, visto que o importante é promulgar sua ideia, com o objetivo de que outras pessoas, em suas diferentes áreas, possam corroborar com sua realidade, interpretando nas mais diferentes vertentes e expondo suas novas concepções.

02 de dezembro
Bernardo de Vito Schneider

Neste belíssimo trecho da carta de Balduino Antonio Andreola para Paulo Freire, fica muito clara a coerência de Paulo durante toda a sua vida, e também em toda a sua obra. Sua vida cristã, por exemplo, nunca foi comprometida com um cristianismo submisso ao capitalismo, mas sim com um cristianismo radical, alinhado com a teologia da libertação, a serviço dos oprimidos e oprimidas. Diferentemente de outras pessoas de sua época, como o Papa João XXIII, citado na carta, que ainda que tenha dado uma enorme contribuição com a convocação do Concílio Vaticano II, foi também o responsável pela excomunhão de Fidel Castro, hoje em dia é difícil citar pessoas que foram coerentes do começo ao fim de sua jornada, uma autêntica vocação revolucionária.

Paulo Freire tinha muito claro ao lado de quem ele estava durante toda sua luta e isso não se dava por mera teimosia, mas por uma autocrítica e uma crítica da realidade profundas. As vivências de Paulo Freire forjariam seu pensamento e proporcionariam ferramentas para que ele seguisse forjando a si mesmo até o fim. Balduino salienta as denúncias e anúncios de Freire nas dimensões ética e política, sempre vigoroso no trabalho contra a ideologia fatalista, pois, esta imobiliza as oprimidas e os oprimidos, Paulo sempre se colocou "contra as tentações de abdicar da luta, de renunciar à utopia, de negar a esperança". Paulo Freire destacava a importância de movimentos como o MST, Movimento Sem Terra (que hoje por uma ignorância são classificados como terroristas por pessoas que sequer conhecem sua luta e sua dor), lembrando da grande

marcha realizada em 1997 e sempre sonhava, ainda que com os olhos abertos e os pés no chão do horizonte, "que bom seria ... se outras marchas se seguissem à sua", afinal é preciso assumir o dever de lutar pelos princípios éticos, refundar a ética da solidariedade em contramão à ética do mercado e para isso é necessário educarmos para a afetividade. Numa sociedade de crescente desamor, é revolucionário educarmos o ser humano para amar seu semelhante, para a cooperação, para a paz e deste modo, tornar-se impossível tal amor à vida desvinculado de um amor também pelo mundo, pela "casa comum" como diria o Papa Francisco, é preciso defender não só a vida humana, mas todas as formas de vida que tem sido brutalmente exploradas pelo capitalismo, defender nossa Gaia, potencialidade geradora na qual somos, em nossa diversidade, unidade. É reconhecendo-nos como parte desta grande família humanidade que podemos de fato ressignificar a família, a educação de filhos e filhas, nossa juventude (que não está perdida! Essa ideia vem de um discurso fatalista), nossas relações com o próximo e, assim, significar nossa própria existência na sociedade do vazio.

Paulo Freire, se desloca do pensamento ocidental para o pensamento dos grandes mestres e mestras do oriente, assim como também dos povos africanos, projetando o que Balduino nomeia de "Pedagogia das Grandes Convergências", tendo a busca do comum, daquilo que nos une, em um novo projeto de humanidade. O autor então cita uma série de pessoas que dedicaram suas vidas à luta por um projeto de fraternidade global, Gandhi, Martin Luther King Jr., Simone Weil, Che Guevara, Dom Helder, Nelson Mandela (que completaria 100 anos este ano), Dalai Lama, Betinho, Paramahansa Yogananda, Leonardo Boff, Jurgen Habermas, entre outros e outras. Talvez seja esta a mais desafiadora proposta do pensamento de Freire, na qual as contradições são acolhidas uma vez que se tem no cerne "a marcha esperançosa dos que sabem que mudar é possível", ou seja, as divergências jamais devem sacrificar nossas convergências, pois, é por meio destas nos colocamos lado a lado, como aquilo que de fato somos, classes populares portadoras do sonho viável e agentes históricos de mudança. Basta deste espírito faccioso, sectário, que nos divide e acaba por nos tornar mais vulneráveis à conquista dos opressores, é preciso um diálogo amplo e crítico entre as grandes teorias contrárias ao fatalismo inexorável e à exclusão. Os muros são estruturas do medo que nos aprisionam em nós mesmos, nos imobilizam, e por isso precisamos construir pontes e derrubar estas muralhas, para podermos caminhar, dialogar e seguir denunciando e anunciando o mundo novo que há de vir.

Para finalizar, Paulo Freire após todo o seu legado nos faz um convite, dá-nos a mão e com um sorriso fraterno nos leva por uma nova jornada de releituras, ressignificações e reencontros, uma jornada de permanente transformação. Fundamentado em um profundo materialismo dialético, assim como Marx, Engels, Lenin, Rosa Luxemburgo, entre outras e outros (Stalin não!), Paulo não estava disposto a dar respostas, mas sim a formular perguntas e por meio destas espraiar significado e transformação por todo lugar onde passou, quer em vida, quer em obra, sempre enraizado em sua coerência com a transformação, não só do mundo e não só do outro, mas de si mesmo.

03 de dezembro
Adriana da Silva Lopes

> "Vivemos em um tempo de transformações cada vez mais radicais nos centros urbanos mais dinâmicos. Aos 70 anos nos surpreendemos vestindo-nos como não o fazíamos aos 40. É como se hoje fôssemos mais jovens do que ontem. Daí que uma das qualidades mais urgentes que precisamos forjar em nós nos dias que passam e sem a qual dificilmente podíamos estar, de um lado, sequer mais ou menos à altura do nosso tempo, de outro, compreender adolescentes e jovens, é a capacidade crítica, jamais "sonolenta" sempre desperta à inteligência do novo." (Freire, 2000, p. 16)

Parece que foi hoje que Paulo Freire registrou estas palavras. Às vezes me pego pensando... o que ele, diria sobre todas as evoluções tecnológicas que temos hoje? E sobre as novas formas de nos conectar? O que diria sobre estar junto, sem, contudo, estar? O que diria sobre as evoluções fascinantes da ciência e, como se sentiria ao ver tantos avanços e ainda assim continuamos sem saber nos comunicar efetivamente, com nossos adolescentes e jovens, sobretudo os das periferias urbanas?

Continuamos a desperdiçar a inteligência do novo, não conseguimos enxergar as potencialidades e genialidades escondidas atrás das máscaras das "imperícias", "inaptidões", "incapacidades" e "incompetências" de crianças, adolescentes e jovens que não se adequam aos padrões. Precisamos aprender a nos comunicar melhor com eles. Ter atitudes parecidas, se vestir e por vezes falar como eles nem sempre respeita a compreensão crítica e as leituras de mundo destes jovens.

O educador que pensa certo não tem, de forma alguma, uma capacidade crítica sonolenta e alienada, não julga na superfície, vai além das aparências e sabe que eles, os adolescentes e jovens periféricos, também são sujeitos históricos e fazem história. Histórias de luta, histórias de conquistas e perdas... histórias tristes e alegres... conhecimentos... inteligência nova! E continuamos a desperdiçar os diamantes brutos encravados nas rochas da invisibilidade.

Me lembro agora de Manoel de Barros e de um trecho do poema "*O Apanhador de Desperdícios"* diz assim*:* "(...) Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes (...) Sou um apanhador de desperdícios: amo os restos (...)."

Que a partir de hoje, todos nós, educadores, se não o somos, passemos a ser todos verdadeiros apanhadores de desperdícios!

04 de dezembro
Renata Kelly Sousa de Almeida

Para a obra Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. O gênero textual, a carta foi escolhida por Paulo Freire pela eficácia de transmitir a mensagem ao seu leitor de maneira simples, objetiva e sem rodeios; em que alguns momentos, o uso da linguagem coloquial é um recurso presente para aproximar e levar o leitor a se identificar com seu escrito permitindo o diálogo entre autor e leitor.

Inquieto no seu desejo de mudança, Paulo Freire escreve as Cartas Pedagógicas para discutir os principais problemas ditos "ocultos" envolvendo atores do cenário diário em meio uma sociedade em constante transformação: adolescente, jovem, pais, professores, filhos.

O trecho em destaque fala de uma situação vivenciada por Paulo freire ainda com 12 anos de idade, ao receber um casal de amigos em sua casa, observa uma criança cheia de vontade, subia nas cadeiras, atirava almofadas e o silêncio dos pais era interpretado como uma aceitação para as brincadeiras infindáveis. O garoto não contente foi até o quintal e traz em sua mão um pintinho, a mãe tentou repreendê-lo, porém a criança autoritária disse: "se falar de novo, eu mato o pinto", ai que vem o trecho em foco: "o silêncio, que nos envolveu a todos...

Contextualizando a história acima, Paulo freire pode apreender duas palavras chaves: autoridade e liberdade.

Limite - no exemplo suscitado, percebe-se que a criança era a dona da situação, um exemplo nítido quando se trata de falta de limite. Em que o silêncio dos pais era interpretado por ela como uma aceitação, na maioria das vezes, este excesso de liberdade é complacente entrega aos mimos de seus filhos, prejudicando no seu desenvolvimento, tomada de decisões ou escolhas vindouras. Uma atitude que o autor não admite é o arrependimento após dizer *não,* anulando a autoridade. Cita Paulo freire (2000, p. 37): "devo ser coerente ao dizer *não* como estimular o filho com um *sim*".

Autoridade – ou a tirania da autoridade é quando pais sem ter o motivo, pedem aos seus filhos "calar a boca", "ficar quieto" obedientes a uma autoridade equivocada. Ao contrário disso, a liberdade vem quando se pode fazer de tudo, sem ouvir um não necessário.

A essas duas palavras autoridade / liberdade devem ser executadas complementares e não antagônicas. Pois não se pode ser totalmente liberal ou totalmente autoritário.

Para não exceder quanto ao excesso ou falta de autoridade / liberdade, deixe que suas atitudes falem por você, seja exemplo. Paulo Freire fala que os filhos não devem ser imitações de seus pais, mas que suas marcas, sejam presente no mundo.

Em hipótese alguma devo impor a alguém a seguir minha convicção religiosa, política sedo hipócrita ou dando falso testemunho daquilo que vivencio. Atitudes "faz o que digo, mas não faz o que faço" não é a maneira adequada de educar aquele que ainda está sendo apresentado ao novo. Pois as ações devem ser coerentes com que faço e prego. Assim, ensinaras o teu filho no caminho que ele deve seguir.

05 de dezembro
Gabriely Lopes de Oliveira

Neste trecho da obra Pedagogia da Indignação, Paulo Freire nos mostra que para a nossa constante "leitura do mundo" precisamos de uma visão crítica da realidade, com uma permanente relação entre o presente, passado e futuro. Que a história que precisa ser como o mesmo diz, escrita e reescrita, não é perda de tempo, mas sim, quando tratado e feito com rigor torna-se um instrumento de aprimoramento da linguagem. Neste ponto, indica Freire, o ato da linguagem de denunciar o problema e de anunciar a solução do mesmo, leva-nos a ter um pensamento mais curioso quanto à história ali relatada. Esse olhar curioso nos leva a indagar e ser mais críticos o que possibilita a superação da própria opinião e dá espaço ao projeto de mundo. E este é a pressuposição de algo que pode ser viabilizado como ação política ou social.

A criticidade na leitura de mundo conduz à realização do sonho da mudança da sociedade em que nos encontramos e isso está ligado a prática transformadora da sociedade tanto quanto

um modelo de uma peça a ser feita está na cabeça de quem fará. Graças a democracia, não é papel somente das elites e governantes esse sonho de mudança de mundo, pelo contrário, é papel de todos participar de debates e ter voz ativa na comunidade.

Com a vida como conhecemos, fica impossível viver o hoje sem pensarmos no amanhã. Um amanhã que sempre esperamos o melhor, a mudança. E é aí que entra o sonho de trazer os ideais, as ideias pelas quais lutamos. O que é uma das tarefas primordiais da pedagogia crítica, trabalhar justamente a legitimidade do sonho ético-politico da superação da injustiça, da possibilidade de mudar, é trabalhar contra a imobilidade das minorias por vezes reprimidas e levadas a não lutarem por seus direitos de ser, de existir, de viver bem. Esse acomodar-se das minorias é necessária para o movimento dos dominadores.

Por esse motivo que a pedagogia radical não pode ceder ao "pragmatismo" neoliberal, que trás a educação como treinamento e não como formação. Treinamento para bons profissionais submissos e não pensadores que tem uma visão crítica de mundo e do que acontece a seu redor. A formação técnico-cientifica verdadeira que é necessária, não tem nem relação com o mero treinamento ao qual os estudantes são submetidos. É por isso que um educador comprometido deve não apenas ensinar muito bem sua disciplina, mas fazer com que o discípulo pense criticamente sobre o arredor tanto social, como politicamente. O mestre não pode deixar-se levar pelo discurso fatalista de que deve ensinar as pessoas a serem técnicas, mas sim que deve ensinar a serem humanas. Isso não implica por exemplo de que se deve obrigar o discente a compactuar com suas ideias da forma como você às tem, mas mostrar que existem várias formas de leitura de mundo, uma forma só dele de ver o mundo. O professor deve mostrar que não deve o aluno silenciar no discurso de que é impossível mudar o mundo, porque ele pode.

Assim, o educador não deve se aliar a ensinar para um estudante de periferia menos do que a um de classe média alta. Também, não deve apenas ensinar, mas leva-los a pensar de maneira crítica, ajuda-los a botar os sonhos de uma sociedade melhor em prática. Este não é papel somente de professores de história ou sociologia, é tarefa de educadores de qualquer área, e não só deles, mas também de pais e mães, de pessoas progressistas que pensam em um futuro melhor. Tem-se pra isso que se dar o exemplo, sem pensar que você não fará diferença por ter atitudes diferentes, porquê fará. Dar como lição seu modo de vida de agir com o outro. Tirar o sonho da mente e pô-lo em prática.

Precisamos ser coerentes em nossas atitudes, buscar a coerência é buscar a inteireza do ser. Para isso é preciso ser firme em suas decisões. Freire aborda então um dos desafios de sua vida, algo que o fazia ser incoerente, pregava tanto a vida critica e não conseguia ser firme o suficiente consigo mesmo para deixar de fumar. Somente quando a vontade de parar com o vício imperou, ele conseguiu o feito. O autor ainda termina essa análise dizendo o quanto era difícil conviver com o saber o mal que o fumo o causava sem se revoltar com ele. Por fim olhando pro cigarro com toda a raiva que sentia disse "Não fumo mais!" e não fumou mais.

Por isso, para se por o sonho de um mundo melhor em prática temos que reconhecer a nossa fraqueza de que, não nos sentimos capazes, e trabalhar a vontade de fazer até que a mesma esteja tão forte que não se pode controlar, e então será feita. A vontade dá esperança, ela é fundamental. Não se consegue tomar uma decisão sem a vontade, sem a esperança, sem forças. Ao fortalecermos a vontade enriquecemos a força, a esperança e pode-se aí superar o mundo em que vivemos transformando-o num mundo melhor.

06 de dezembro
Cláudia Barrozo

> Não creio na democracia puramente formal que "lava as mãos" em face das relações entre quem pode e quem não pode porque já foi dito que "todos são iguais perante a lei". Mais do que dizer ou escrever isto, é preciso fazer isto. (FREIRE, 2000)

A partir do fragmento acima, podemos perceber que o posicionamento político de Paulo Freire é pautado no reconhecimento das marcantes diferenças sociais brasileiras, oriundas da lógica capitalista - que se baseia, entre outras coisas, na meritocracia - e não de circunstâncias naturais inerentes ao homem, como o próprio sistema nos faz acreditar. A igualdade social apenas existe de forma abstrata (na lei), por isso Freire defende o Estado intervencionista e uma "prática educativa libertadora". Ele é contrário à educação que ensina a ler mecanicamente sentenças e palavras; que contribui apenas para fins individualistas (passar no Enem, em um concurso, etc.); que concorre para perpetuar uma formação social onde impera as desigualdades, reproduzindo as condições de reprodução - incluindo-se aqui a reprodução da força de trabalho. A tendência pedagógica progressista libertadora, de Freire, visa promover a autonomia intelectual, dando condições ao indivíduo de compreender seu papel na organização social em que está inserido e, assim, agir para mudar a realidade. Esse agir é o que Paulo Freire relaciona com o termo "tarefeiro": tornamo-nos "tarefeiros" quando, ao refletir sobre o papel que temos na construção e no aperfeiçoamento da democracia, nos comprometemos a assumi-lo.

Em relação à defesa que Paulo Freire faz de um Estado intervencionista, trata-se de uma posição contrária à filosofia política e doutrina econômica denominada Liberalismo, que pode ser definida, de forma bem superficial e introdutória, como uma ideologia que acredita que apenas através da liberdade individual, do livre mercado as sociedades se tornarão cada vez mais avançadas, assim resultando no bem-estar social. A atuação do Estado no Liberalismo deve ser mínima e limitada à rígida aplicação da lei. Consideram ainda, todos os homens iguais perante a lei, independente de classe social, esta, na verdade, teoricamente nem existiria; uma vez que todos são iguais perante a lei. Os simpatizantes dessa ideologia, ao contrário de Freire, veem no capitalismo o sistema ideal para organizar a economia. No entanto, "Quando o Estado renuncia seu papel de regulador das relações sociais, reforça as desigualdades sociais" (FREIRE, 2000).

No que concerne à educação, nesse contexto, é entendida como redentora da sociedade, ou seja, acredita-se que a educação tem poderes quase que absolutos sobre a realidade, que a sociedade está naturalmente organizada com todos seus elementos; restando a educação o papel de integrar as novas gerações, assim mantendo e conservando a sociedade em seu molde atual. Também, o viés liberal pensa a educação como instância corretora dos desvios, que deve atuar sobre a sociedade para corrigir esses desvios, tornando-a melhor e mais próxima do modelo de perfeição harmônico idealizado pelo liberalismo. Configuram-se como desdobramento do liberalismo as tendências pedagógicas: tradicional, progressivista, não diretiva e tecnicista. A tendência pedagógica libertadora, idealizada e disseminada por Paulo Freire, surge como uma crítica à educação liberal.

Na prática, a "igualdade" idealizada pelo liberalismo não considera os processos históricos de formação da sociedade brasileira, marcado por disputas sangrentas por território, e subjugação dos mais fracos pelos mais fortes. Temos o grande exemplo da escravidão, que mesmo após a falência do sistema escravocrata, resultando na libertação dos negros e reconhecimento de igualdade perante a Lei, na prática, isso de nada lhes adiantou, pois foram criadas ideologias para

justificar a escravidão ("O negro não tem alma", "Negro não é gente", "Negro é inferior aos brancos", entre outras alegações), que funcionam como contratos sociais abstratos, mais válidos que a própria Lei que rege a nação. Em face disso, os negros fundaram as periferias brasileiras, muitos abdicaram de sua liberdade, em troca de elementos básicos para garantir a existência humana. Mesmo após tanto tempo do término da escravidão, várias gerações seguidas, muitos negros nunca conseguiram sair das periferias. Por isso, entender o Estado apenas no papel de aplicador de Leis não resolve o problema da desigualdade social, pois a lei por si não determina a organização social, que por sua vez é influenciada por vários aspectos de cunho ideológico, político, econômico, cultural, social, e sempre permeada por disputa de poder, nos moldes da organização atual.

Porém, o Estado pode não apenas reforçar as desigualdades sociais, ao adotar a ideologia Liberal, mas pode também promovê-las, através dos seus aparelhos ideológicos - por exemplo, a escola -, utilizando-os para estabelecer um processo de despolitização humana. Com efeito, hodiernamente, vemos o Estado, veementemente, contribuindo com esse processo de despolitização, quando propõem projetos de Lei (PL) como "a escola sem partido", que objetiva excluir, do ambiente escolar, discussões ideológicas e restringir os conteúdos de ensino a partir de uma suposta ideia de neutralidade do conhecimento. Segundo os idealizadores dessas PLs, existe um exército organizado de militantes disfarçados de professores utilizando-se da liberdade de cátedra e do segredo das salas de aula, para impor as suas ideologias "comunistas". Mas como não discutir ideologias na escola se a própria escola é, segundo Althusser, um aparelho ideológico do Estado? Paulo Freire nos mostra, em [1] Pedagogia do oprimido, que a educação é essencialmente política, principalmente a que se diz neutra. A ideologia atravessa a seleção do conteúdo, a escolha do projeto didático-pedagógico, os valores incluídos no material didático, assim a aparente neutralidade subordina a educação aos interesses dominantes.

Mas não somos seres a-históricos, nosso presente não é mera coincidência ou um conjunto de eventos dispersos. Em 1964, vivenciamos o processo de despolitização forçado: a da ditadura cívico-militar brasileira determinava a prisão, tortura e a morte de qualquer um que ousasse pensar diferente da ideologia que sustenta a atual organização social. Dessa forma, esses exemplos ilustram como o Estado pode, de maneira explícita, apoiar ideologias que aprofundam as desigualdades sociais, que reforçam o poder dos poderosos, "que assiste de braços cruzados à aviltação e ao destrato dos humildes, que acalenta a impunidade" (FREIRE, 2000). Nessa época, por levantar a bandeira de uma [2] "educação como prática da liberdade", Paulo Freire foi acusado pelo regime ditatorial brasileiro de subverter a ordem instituída, sendo preso por 72 dias e, logo em seguida, foi obrigado a deixar o país, exilando-se primeiro no Chile e apenas retornando ao Brasil após 16 anos de exílio.

Nos exemplos citados, o Estado não apenas silencia diante das injustiças sociais, mas assumi o papel de promovê-las e perpetua-las. Foi contra esse posicionamento do Estado que Freire lutou e luta, através de toda sua produção intelectual, que, em face desses exemplos, mostra-se sempre atual e necessária. Ele dedicou sua vida a ser um "tarefeiro", por isso seu legado merece nossa atenção e reconhecimento, assim como vem recebendo reconhecimento a nível mundial.

07 de dezembro
Cláudia Barrozo

> "É certo que mulheres e homens podem mudar o mundo para melhor, para fazê-lo menos injusto, mas a partir da realidade concreta a que "chegam" em sua geração." (FREIRE, 2000)

Paulo Freire é o idealizador da tendência pedagógica progressista libertadora que se apresenta como crítica, uma vez que analisa a pedagogia liberal tradicional, entendendo-a como uma educação bancária, ou seja, uma educação em que as informações são "depositadas" no/a aluno/a. Também, apresenta críticas as tendências pedagógicas renovadas: progressivista, não-diretiva e a tecnicista. Isso porque, tomando como exemplo o tecnicismo, os pressupostos de libertação psicologica individual são vistos como domesticadores, na medida em que nada instrumentalizam o ser humano para transformar a realidade social em que está inserido, assim contribuindo para manutenção do seu estado de oprimido. Em outras palavras, o tecnicismo reproduz as condições de reprodução necessárias para manutenção do sistema atual.

A tendência pedagógica Freiriana desvela que sua forma de pensar a educação é essencialmente política – ressaltamos que política não é a mesma coisa que partidária -, ou nas palavras do filósofo: "A transformação do mundo a que o sonho aspira é um ato político". (FREIRE, 2000). A forma que Freire pensava a educação (política e crítica) se configura como um entrave para que os sistemas oficiais de ensino a coloquem em prática, sem antes haver uma transformação social. Assim, essa forma de pensar transcende os muros da escola: não conhecemos nenhuma escola brasileira que realmente tenha aplicado, integralmente, esses pressupostos de aprendizagem de forma sistemática. O que nós temos são fragmentos de sua *práxis* presentes nas salas de aula (o diálogo, as relações horizontais entre os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, entre outros). Também temos reflexos de experiências individuais ou de grupos organizados, como por exemplo a alfabetização de jovens e adultos.

Assim, podemos entender a educação Progressista Libertadora mais extra-escolar - embora o fato de não haver um sistema de ensino Paulo Freire, não inviabilizar docentes e discentes pensarem a educação a partir do seu ponto de vista crítico e libertador, como preconizado por Freire. A essência da tendência pedagógica Freiriana está, justamente, na educação não formal, que acontece em espaços fora da escola e que envolve aspectos que influenciam nossa vida. Logo, por não se limitar ao sistema escolar, a educação Libertadora envolve todo/qualquer indivíduo integrante da sociedade, ou seja, "a luta ideológica, política, pedagógica e ética a lhe ser dada por quem se posiciona numa opção progressista não escolhe lugar nem hora". (FREIRE, 2000)

Com efeito, homens e mulheres de qualquer camada social, atingidos por uma educação Progressista Libertadora, entendem que mudar o mundo é possível e que podem mudá-lo para melhor, partindo da realidade concreta de sua geração – o mediador do processo ensino-aprendizagem, dentro da perspectiva Freiriana de educação, fará uso da realidade em que se encontra inserido com seus alunos, para extrair os conteúdos que serão estudados, assim compreenderão os aspectos que influênciam em suas vidas e, portanto, transformá-los. A partir daí é possível lutar contra o conservadorismo, que – nesse contexto, são o conjunto de políticas Liberais, que Freire sempre se posicionou contrário, por conceber, entre outras coisas, o Estado como mínimo -, segundo o Patrono da Educação, o conservadorismo se apresenta como um atraso imobilizador.

A educacação Libertadora deve questionar, constantemente, a realidade das relações do ser humano com a natureza, e do ser humano com sua própria espécie, com objetivo de transformar a própria educação, o homem e a sociedade. As relações entre professor/a e aluno/a acontecem de forma horizontal: em outras palavras, não existe a relação de superioridade do docente em relação ao discente, como percebemos nas tendências pedagógicas liberais. Nesta proposta pedagógica, o/a professor/a atua como mediador no processo de aprendizagem, caminha junto com o aluno. O método básico de ensino é fundamentado no diálogo, é através do díalogo que educador e educandos irão ser sujeitos ativos na construção do conhecimento, para isso é necessário existir um bom relacionamento inter-pessoal entre os envolvidos no processo.

A aprendizagem parte da codificação-decodificação-problematização de uma situação real, para que os discentes possam compreender o contexto da vivência, de maneira que atingirão um nível mais crítico de conhecimento da sua própria realidade. Em suma, a aprendizagem é mediada a partir das trocas de experiências, diante da prática social. Percebem que a educação Libertadora promove a liberdade intelectual, uma vez que sua prática é baseada na realidade do/a educando/a? Sendo assim, nas palavras do Freire, "é o que nos faz recusar qualquer posição fatalista que empresta a este ou àquele fator condicionante de um poder determinante, diante do qual nada se pode fazer". (FREIRE, 2000)

Segundo Paulo Freire, munidos da capacidade crítica de reconhecermos o quanto condicionados (o quanto fazemos parte do ciclo necessário para a manutenção e reforço de uma sociedade desigual) e influenciados somos, por exemplo, pelas estruturas econômicas, nos faz também capazes de intervir na realidade condicionante. Quando não intervimos, então nos adequamos à realidade que não é assim contestada. Porém, entre aqueles que entram em contato com a educação Libertadora, em regra, a adaptação é um momento apenas do processo de intervenção no mundo. Foi através dessa educação, superficialmente abordada neste texto, que Freire sonhou que poderíamos mudar o mundo para melhor, é ela o cenário para transformamos este sonho em realidade. Ele nos contestou o direito de lutar, então resta-nos o dever de mudar o mundo.

08 de dezembro
Naider Tadeu Porcel

Segundo Paulo Freire em Pedagogia da Indignação [Freire 2000] é dever de todos aqueles que se consideram humanistas lutar contra os poderosos, contra o neoliberalismo e contra a globalização, já que são processos excludentes e que propiciam a piora na qualidade de vida dos mais pobres. Todos nós temos com dever ético lutar pela superação das injustiças e desigualdades sociais.

Incomoda o pensamento comodista, acomodado, que crê na fatalidade e na impossibilidade de mudança na sociedade. Ao contrário, os progressistas têm de buscar uma sociedade mais tolerante, menos agressiva e violenta, enfim, mais humana.

Esta busca por uma sociedade melhor passa pela compreensão que todos nós somos "sujeitos históricos", capazes de alterar nossos destinos, e não podemos, nem devemos aceitar situações de injustiça, discriminação e preconceito. Temos a tarefa histórica de compreender, intervir e modificar o mundo em que vivemos.

A única maneira de formar este cidadão consciente de seu papel histórico e capaz de modificar sua situação no mundo em que vive é através de uma educação libertadora, transformadora, não neutra.

Devemos construir uma educação baseada em razões e fatos concretos que seja capaz de dar às nossas crianças a criticidade. Somente uma educação crítica, forma cidadãos críticos, participativos e com condições de transformar a realidade.

Desde sempre as crianças têm o direito de intervir no mundo, de decidir, e não há outra maneira de aprender a decidir que não seja decidindo, assim, na escola a democracia deve ser constantemente praticada de maneira radical.

E para alcançarmos esta educação libertadora os professores têm de abandonar as práticas tradicionais e lançar-se na direção da dúvida, do questionamento, da contestação, correr riscos, pois só a indignação e a ação são capazes de transformar, para melhor, a sociedade em que vivemos.

09 de dezembro
Naider Tadeu Porcel

Convém ressaltar a importância de uma postura antifatalista perante aos acontecimentos do mundo contemporâneo. Acreditamos em homens e mulheres que são sujeitos da própria história e que, portanto, têm a obrigação de lutar por um mundo melhor e mais justo.

Um sentimento que une todos aqueles de visão progressista é essa crença na capacidade de interagir e modificar nossa história. Os fatos nunca estão imunes à nossa ação e por isso não podemos ter uma postura apática ou conformista.

Porém não há vitória sem luta. Não há transformação sem a dedicação, sem a busca por uma sociedade melhor. Nosso futuro não está pronto, mas o construímos a cada dia através de uma postura crítica e autônoma.

Daí a importância sempre lembrada em várias obras de Paulo Freire de uma educação que promova a autonomia e a crítica em nossas crianças. Só uma pedagogia da autonomia é capaz de formar cidadãos autônomos, que possam ser esses sujeitos de sua própria história.

Muitas vezes confundidas, erroneamente, com posturas egoístas ou individualistas, Paulo Freire destaca que no aprendizado da autonomia é fundamental aprender a atender a expectativa do outro em uma perspectiva solidária e colaborativa. A autonomia só é plena e verdadeira quando compreende a autonomia dos outros, tal como a liberdade.

Não podemos esquecer que por outro lado há forças conservadoras que desejam manter as coisas do jeito que são e estão. Que, por mais incrível que pareça, se opõem às mudanças que possam melhorar a qualidade de vida das pessoas e tornar a sociedade melhor e mais justa, que é sempre nosso principal objetivo.

Não podemos ainda aderir ao "voluntarismo inconsequente" que ignora o poder dessas forças conservadoras, nem tampouco acreditar que a transformação virá por concessão da classe dominante. Isto nunca ocorrerá.

No Brasil o Movimento dos Sem Terra (MST) talvez seja nos dias atuais o melhor exemplo de inconformismo e de luta em busca de um sonho, da utopia, sem se deixar abater pelas dificuldades ou pela falsa sensação de que não adianta lutar.

Assim, devemos sempre manter a esperança que mudar é possível, que a luta é necessária para a feitura da história e que precisamos intervir no mundo para retificá-lo, pois da maneira que está não atende às aspirações e necessidades da grande parte da população.

10 de dezembro
Adecir Pozzer

Indignação como virtude ética e política.

"Que coisa estranha, brincar de matar índio, de matar gente". (Paulo Freire)

A Terceira Carta da obra *Pedagogia da Indignação*, com o subtítulo "Do assassinato de Galdino Jesus dos Santos – índio Pataxó" reflete a indignação e a perplexidade de Freire, assim como de muitos de nós, diante do assassinato do indígena que dormia no abrigo de um ponto de ônibus, em Brasília, na madrugada de 20 de abril de 1997. Cinco jovens de classe alta atearam fogo em seu corpo, levando-o a morte em pouco tempo.

Diante da forma e das circunstâncias do ocorrido, não se encontram justificativas plausíveis para tamanha crueldade. É o extremo da irracionalidade, da bestialidade, do fundamentalismo, racismo e fascista que simplesmente invisibiliza e imobiliza o Outro[28], pois não lhe é concedido à oportunidade de defender a própria vida, ou ao menos de fugir da ameaça *degentificada* e inconseqüente.

Todo assassinato é uma afronta à vida, ao direito fundamental de viver, à dignidade humana. É a expressão máxima da insensibilidade do humano frente ao Outro, ao diferente e suas diferenças, ao estrangeiro que, fundamentalmente, exige atitude e responsabilidade ética, resposta à interpelação expressa no *rosto* que requer cuidado, hospitalidade e reconhecimento.

Como não se indignar com esse fato, assim como de tantos outros Galdinos assassinados no Brasil e no mundo, ano após ano, geralmente resultados da covardia de homens e mulheres que se consideram superiores, auto-suficientes e classistas, isto é, que estabelecem relações mediadas pelo interesse mercantil, em que o valor do Outro varia de acordo com a sua capacidade produtiva, condição étnico-cultural ou pelo que recebe mensalmente?

Certamente essa é uma questão de cunho formativo, pois atinge as entranhas do imaginário ocidental, construído sob a égide do Eu, portanto, egolátrico e egocêntrico. A *indignação* frente à negação da alteridade ecoa e encontra sentido na pessoa e na obra de Paulo Freire, pois nele se encontra o reconhecimento de que toda pessoa possui saberes e conhecimentos, construídos ao longo da vida, portanto, válidos e legítimos para um determinado grupo social.

[28] Outro (com inicial em maiúsculo) quer representar os Outros e Outras (plural e feminino) que, segundo Levinas (2005), representa aquele que não pode ser reduzido a um conceito; é rosto, presença viva que interpela, convoca, desafia e constrói.

O estranhamento diante do assassinato e da negação do direito à diferença, tanto identitária quanto epistêmica, é uma espécie de choque vital que, ludibriado pela indignação, mobiliza a pessoa a um repensar ético e político, pois gera questionamentos referentes ao "o que devo fazer?"; "como devo agir?"; "o que me é possível fazer?" e, "porque devo fazer?". Na medida em que se mantém vivo o ato de estranhar, cultiva-se a sensibilidade frente ao sofrimento e a violência de *outrem*. Sensibilidade, neste caso, é fonte geradora de percepção, razão, responsabilidade, isto é, de resposta enquanto atitude ética e política.

Os saberes construídos ou articulados no cotidiano da vida, independente dos contextos e das identidades produtoras, podem ser transformados em elementos de aprendizagem nos processos educativos. Com isso, tornam-se chave elementar para questionar e transcender fronteiras resultantes do "racismo epistêmico" circundante, que de acordo com Grosfoguel (2007), ocorre quando uma operação teórica privilegia a afirmação do pensamento ocidental como o único e legítimo para a produção do conhecimento, tornando-o padrão e com capacidade de acesso à universalidade e à verdade.

No fundo, o que está em jogo é a dificuldade de reconhecer e respeitar o Outro, por mais que se saiba que a existência da diversidade assegura o desenvolvimento de relações e aprendizagens recíprocas entre eu e o Outro, nós e eles, uma vez que nenhuma cultura é autossuficiente e isoladamente jamais resolverá os dilemas do mundo. Havemos de concordar que todas as sociedades fazem parte de uma realidade complexa e interdependente e, portanto, precisam reconhecer que muito podem apreender uma das outras (PANIKKAR, 1993).

Embora tenha tido inúmeros processos de interação e aprendizagem intercultural, grande parte dos encontros culturais em territórios latino-americanos se caracterizaram como *desencontros*. Neste sentido, Fleuri (2013, p. 59) propõe desafiar a imaginação para vislumbrar,

> [...] o quanto teriam aprendido as culturas europeias se, em vez de conquistar, tivessem realizado um diálogo intercultural com os povos ancestrais ameríndios! Se tivessem aprendido a cuidar da natureza como os povos aborígines cuidam! Se tivessem compreendido suas culturas e suas visões religiosas! Certamente as gerações seguintes não teriam a situação catastrófica em que hoje nos encontramos em termos de sustentabilidade da vida e da convivência em nosso planeta!

Com os processos de colonização, escravidão, imigração e globalização, a história da Abya Ayla[29] foi atravessada por inúmeras violências, genocídios, epistemicídios e culturicídios, aumentando significativamente a depreciação dos valores e saberes de populações originárias. Ao longo de cinco séculos, a diversidade cultural foi combatida, perseguida e invisibilizada em nome de um processo colonizador calcado na supremacia e universalidade da cultura europeia.

Conhecer e compreender a lógica predominante do pensamento europeu, e mais recentemente estadunidense, difundidos junto aos povos latino-americanos, é fundamental para tomar a indignação enquanto virtude ética e política para enfrentar a reprodução em nós e nos processos de formação, escolarizado ou não, da arrogância e auto-suficiência que facilmente toma conta de nossos discursos e práticas. O desafio continua aberto e se evidencia cada vez mais

[29] Abya Yala, na língua do povo Kuna, significa *Terra madura*, *Terra Viva* ou *Terra em florescimento* e é sinônimo de América. A expressão vem sendo usado como uma autodesignação dos povos originários do continente em oposição a "América", termo que se só consagrou a partir do final do século XVIII, quando as elites crioulas a utilizaram durante o processo de independência para se oporem aos conquistadores europeus. Embora os diferentes povos originários atribuíssem nomes próprios às regiões que ocupavam – Tawantinsuyu, Anauhuac, Pindorama –, a expressão Abya Yala vem sendo cada vez mais usada por estes povos, objetivando construir um sentimento de unidade e pertencimento (PORTO-GONÇALVES, 2009).

nos espaços midiáticos e nas redes sociais, aumentando a responsabilidade de construirmos estratégias e imaginários fundamentados na acolhida à diversidade de identidades culturais em suas infinitas possibilidades de ser, pensar, agir e viver.

11 de dezembro
José Heleno Ferreira

> Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. (Paulo Freire. *Pedagogia da Indignação*: cartas pedagógicas e outros escritos, 2000 – p. 67-69)

No dia 19 de abril de 1997, os jornais e as emissoras de televisão noticiavam que um grupo de adolescentes, em Brasília – DF, ateara fogo em Galdino Jesus dos Santos, indígena da etnia Pataxó, num ponto de ônibus da capital federal. À polícia, os adolescestes alegaram que estavam brincando. Galdino não resistiria aos ferimentos, à dor, à intolerância quanto à diferença, à atitude de negação do outro como ser humano. Muitas e muitos ficamos perplexos diante da notícia. Sua morte denunciaria para todo o mundo o massacre que o povo indígena vem enfrentando em toda a América, há mais de 500 anos, mas denunciaria também uma sociedade que não reconhece os direitos humanos como consenso ético a ser construído mundialmente, que tem como embasamento a negação do outro, o desrespeito ao humano e a afirmação do privilégio de alguns que podem brincar com outros como se esses humanos não fossem. O cruel assassinato de Galdino não pesa apenas sobre os adolescentes que o queimaram. Pesa sobre todas e todos nós, pois cobra-nos a responsabilidade pela educação de nossas crianças e adolescentes, bem como cobra-nos quanto à necessidade de um posicionamento constante contra a injustiça e a violência.

A carta em que Paulo Freire comenta o assassinato de Galdino Jesus dos Santos compõe o seu último livro – Pedagogia da Indignação. Mais do que isso, trata-se do último escrito deixado por Paulo Freire. Não é possível lê-lo sem se emocionar. Sua indignação diante do fato, a ira contra o domínio do capital sobre os seres humanos, contra a violência que norteia os processos de formação de tantas crianças e adolescentes se fazem presentes neste texto como um alerta quanto à necessidade de educarmos e nos educarmos para o respeito à diferença e a afirmação da igualdade.

Trata-se de um texto inacabado. Paulo Freire nos deixaria poucos dias depois deste triste episódio na história da sociedade brasileira. E o seu inacabamento soa mais ainda como um apelo à luta em prol de uma educação que se dedique à humanização, à formação integral do ser humano.

Num momento em que enfrentamos tão grandes desafios em relação à educação, num momento em que as forças ligadas ao capital nacional e internacional querem impor o desmantelamento da educação pública, impor uma educação tecnicista e pretensamente neutra, em que a integralidade do ser humano não encontre espaços, a última carta de Paulo Freire nos instiga a seguir lutando por processos educativos que não contribuam para a desgentificação – termo utilizado por ele neste último texto – do ser humano.

Nesta carta, o autor reafirma questões importantes que percorrem toda a sua obra. Entre elas, a afirmação de que "se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda" (p. 67). Obviamente, a educação a que se refere Freire não se restringe à educação escolar, embora também a abarque. Trata-se de pensar os processos educativos vivenciados

em todos os espaços humanos: nas relações familiares, na mídia, nas igrejas, nos sindicados, nos partidos políticos, nas escolas. Trata-se de compreender o ser humano como um ser em constante processo de formação e as relações humanas sempre como relações nas quais educamos e somos educadas e educados. Por isso, afirma também o autor a importância de orientar nossas práticas pela luta em favor da vida, da equidade, da justiça e da convivência amorosa com o outro, com o diferente.

No início desta última carta, Paulo Freire pressupõe que os adolescentes que atearam fogo em Galdino, muito provavelmente, brincaram, quando crianças, de estrangular pintinhos, de esmagar botões de rosas, de destruir, ferir ou matar pequenos animais e plantas diversas. A reação daqueles e daquelas responsáveis por educá-los diante desses fatos talvez tenha sido fundante para que esses meninos se construíssem como adolescentes que se acreditavam no direito de atear fogo em um ser humano para se divertirem.

Não se trata, também, de negar o princípio da liberdade e da responsabilidade que regem os atos de todo e qualquer indivíduo. Não se trata de afirmar uma relação mecânica entre as atitudes do educador e da educadora e de seus educandos e suas educandas (que, nunca é demais repetir, também educam enquanto são educados e educadas). Trata-se de afirmar que a educação pode contribuir para a formação de seres humanos éticos, autônomos, livres e capazes de conviver com o diferente, respeitando o princípio da igualdade e da dignidade humana.

Outra importante questão salientada por Freire nesta que seria sua última carta diz respeito à importância da coerência entre discurso e prática. Diz-nos, mais uma vez, da necessidade de diminuir a diferença entre o que dizemos e o que fazemos. O princípio da coerência entre a prática e o discurso perpassa não somente a obra, mas toda a vida de Paulo Freire e este é, sem sombra de dúvida, seu maior legado aos brasileiros e brasileiras e a toda a humanidade.

O inacabamento desta carta de Paulo Freire é, pois, um convite para que a completemos, cotidianamente, hoje e sempre. Muito mais do que através dos discursos orais e escritos, através de nossas práticas.

12 de dezembro
Adriana Colling

Este texto foi escrito por Paulo Freire em 1992 por ocasião da aproximação da comemoração dos 500 anos de "descobrimento" do Brasil e traz importantes considerações a respeito da necessidade de desmistificar algumas questões a respeito do tema. Trata-se de um texto escrito há 25 anos, mas, infelizmente, continua atual em um contexto nacional de desmonte de direitos historicamente conquistados pelas camadas sociais menos privilegiadas financeiramente e pelas etnias historicamente oprimidas.

Freire realiza uma crítica em relação ao termo "descobrimento", tão amplamente utilizado (inclusive nas escolas) para referir-se à invasão e conquista do continente americano. A palavra descobrimento remete à ideia de que quando os europeus chegaram a este território, ele não era habitado, desconsiderando, portanto, as inúmeras civilizações indígenas que aqui existiam e que sofreram séculos de ações que resultaram na redução populacional, quando não, na exterminação de muitos povos.

Assim, ao utilizar o vocábulo "descobrimento", graves questões sociais são suavizadas à medida que se positiva e não problematiza a chegada dos europeus e a sua violência para com os povos originários, assim como a escravização e pilhagem das riquezas do "Novo Mundo" pelas potências europeias.

Freire também ressalta que o ano 2000 (momento em que o Brasil se mobilizava na comemoração dos 500 anos da chegada de Cabral), era um momento não de homenagear os invasores, mas de lembrar aqueles que lutaram contra a opressão, sobretudo os indígenas e os negros, etnias que foram especialmente oprimidas pelos europeus.

Contudo, as festividades alusivas aos 500 anos da invasão europeia, longe de lembrar o sangue indígena e africano derramado nesse solo, foi mais um momento de exaltação dos "heróis" portugueses que com sua "bravura" contribuíram para a "civilização" do país, sendo os seus atos hediondos totalmente ignorados.

As comemorações oficiais organizadas pelo estado da Bahia no município de Porto Seguro (aonde chegaram os primeiros portugueses) foram um exemplo de como o Estado e a sociedade brasileira tem se relacionado com os povos indígenas.

Um dos fatos a se destacar é que os povos indígenas ficaram à margem das comemorações. Não que as etnias indígenas tivessem motivos para comemorar os 500 anos de genocídio, muito ao contrário. Contudo, desejavam um espaço dentro das festividades para que suas vozes fossem ouvidas, a fim de que as exaltações à bravura dos portugueses fossem pausadas e a outra versão da história fosse ouvida: uma história cruenta, de genocídio, de pilhagem, de políticas estatais indigenistas visando o "branqueamento" e assimilação dos indígenas à sociedade nacional.

Esse espaço de fala foi negado aos indígenas, que juntamente com sem terras e militantes políticos organizaram uma marcha a fim de denunciar as desigualdades sociais brasileiras. No entanto, a marcha que a princípio parecia pacífica, tornou-se violenta ao se aproximar do local onde se encontravam as autoridades: com a intenção de dispersar o movimento, a polícia voltou-se contra os manifestantes, inclusive com uso de gás lacrimogêneo. Se a comemoração do quinto centenário da invasão europeia nos trouxe uma reflexão é que a violência e a repressão dos indígenas já duram mais de 500 anos e, o cenário atual não dá sinais de mudanças em um futuro próximo.

Em uma carta de protesto escrita pelos índios Xavantes e Mehinaku no ano 2000 ao então presidente Fernando Henrique Cardoso, os indígenas escreveram que compareceram à Mostra do Redescobrimento sem "rancor ou mágoa", contudo, não poderiam furtar-se a denunciar uma série de problemas que aflige as comunidades indígenas e diante dos quais o Estado persiste em seu histórico papel de eximir-se de suas responsabilidades, isso, quando não toma o partido do capital, em detrimento dos interesses e direitos indígenas. Dentre essas questões, está o fato de que os territórios indígenas demarcados "continuam sendo ameaçados pelos projetos de desenvolvimento que não levam em consideração nosso pensamento e nossa vida" (XAVANTES; MEHINAKU, 2000).

Assim como os indígenas, a posição de Freire não é pelo ódio aos portugueses e sim, pela não acomodação diante de um contexto de violência, exploração, invasão ou colonialismo, bem como, posição de recusa em encontrar elementos positivos, ou buscar justificativas para um processo que, por natureza, é perverso e desrespeita os direitos de outras pessoas, como foi a invasão do Brasil e diversos capítulos da história de nosso país após 1500.

O que não podemos, nos diz Freire é deixar que a passagem do tempo "amacie" nossa visão a respeito do que realmente ocorreu nas terras tupiniquins e no restante da América, a fim que não cheguemos ao ponto de transformar as violências cometidas por europeus neste solo em "presentes civilizatórios". Até porque isso seria desconsiderar as violências cometidas neste solo e guiadas por ideais capitalistas, desenvolvimentistas e do Darwinismo Social.

O texto "Descobrimento da América", ao mesmo tempo em que fornece elementos para a reflexão a respeito da invasão da América pelos europeus e suas consequências, especialmente em termos sociais, também chama a atenção para o grande poder de resistência do povo brasileiro e que culminou em diversos movimentos: sem-terra, sem escola, sem teto, favelados, luta contra a discriminação de raça, de classe, de sexo, de gênero.

Como educadora, acho importante destacar a constante luta empreendida por indígenas, quilombolas e homens do campo (entre outros segmentos), por uma educação libertária, que além do direito a acessar os mesmos conhecimentos que seus opressores possuem, possam ter acesso a uma escolarização que também respeite sua língua, cultura, cosmovisão.

Contudo, apesar das lutas, nossas escolas ainda utilizam livros didáticos onde a história do Brasil é contada a partir de 22 de abril de 1500, ignorando os milhares de anos de história indígena anterior à chegada dos portugueses. Além disso, nos livros didáticos os indígenas são representados vivendo no passado e somente em função do português: fala-se do indígena como personagem secundário do descobrimento da América, por exemplo. Além disso, ignora-se a diversidade de línguas e culturas dos indígenas brasileiros, bem como, representam os indígenas como etnia extinta, o que contribui para a reprodução de preconceitos em relação aos povos originários. O mesmo ocorre em relação aos negros, que normalmente apenas são representados na condição de escravos. Não obstante, ao contar apenas a "versão oficial" dos fatos, os livros também ignoram as personalidades que foram- e ainda são- símbolos da resistência popular contra a colonização, exploração, desigualdade e violência contra as camadas mais pobres da sociedade.

Como educadores, não podemos nos furtar ao dever de promover essas reflexões em nossas aulas.

13 de dezembro
Ediana Maria Mascarello Finatto

Amor – indignação – esperança, embasado neste tripé Paulo Freire realiza seus escritos e deixa para a humanidade registros que estimulam a produção de conhecimento, abrindo brechas para falar as vozes caladas, silenciadas. Contribui ainda para a construção ou tomada de posições e atitudes inquietantes, que tenham como desejo uma nova estruturação social.

Na esteira da colonização/invasão formamo-nos filhos deste processo, nosso mapa cognitivo reforça a percepção do outro como estranho, não nos vemos em nossos pares. Essa anulação ou bloqueio em nossa mente em perceber qual lado eu estou, leva-nos a manter procedimentos que anulem a superação da marca da tragédia que foi a experiência colonial.

Por trás desta aparente obviedade há uma decisão de recusar à conquista que fomos, estamos submetidos. Vemos constantemente movimentos sociais que empunham bandeiras para o fim da dominação econômica, para o fim da invasão cultural, pelo fim da dominação da classe, basta não sermos conivente com as ideias dos dominadores para que a liberdade dos oprimidos,

nossa, se efetive. "[...] é exatamente essa vontade de sermos nós mesmos e este desejo forte, alentados pelo sonho possível, pela UTOPIA tão necessária quanto viável, que marchamos [...]" (FREIRE, 2000, p. 76).

Portanto, indignar-se com aquilo que nos oprime, aqueles procedimentos que nos colocam na inferioridade, que não permitem cicatrizar as marcas deixadas pelo passado, é fundamental, para romper com o ciclo de dominação. Ciclo este que no mundo atual vem carregado de imposições econômicas e dominado pelo consumo, onde não os seres humanos, mas os objetos apresentam-se como sujeitos de relações sociais. (BOGO, 2010). Nesse sentido percebe-se que a perda das referências de identidade, seja de classe ou cultural, impossibilitam a efetivação de um outro mundo possível, no qual não sejamos vistos somente como objetos, mas como seres humanizados.

Através desse sistema atual, e muito mais presente nesta transição conturbada e manipulada de governo, percebe-se que o poder dominador, principalmente o midiático consegue introjetar nas mentes de uma massa de manobra uma cultura onde todos devem se ver como pertencentes ao grupo dominador. Aqui encontra-se a falha da educação desejada por Paulo Freire, aquela que conscientiza, que possibilita a cada um perceber-se pertencente ao seu grupo social e ver sua realidade, aquela que liberta coletivamente e não aquela construída pelos discursos que colocam em crise a identidade individual e as ações históricas de cada personagem e agente social.

As mudanças ocorridas nas últimas décadas do século XX para as primeiras do século XXI, tem nos apresentado pessoas que não conseguem realizar uma leitura de mundo como aquela idealizada por Paulo Freire. Infelizmente presenciamos, através dos vários recursos tecnológicos posicionamentos pessoais distantes da realidade em que vive-se. A escolha é nossa, ou formamos uma aliança entre pares onde possa fermentar um *ethos* do cuidado (BOFF, 2005) para com todos, ou permitimos que nós dominados permanecemos alijados das decisões e reféns de um paradigma desumanizador.

Diante do exposto percebe-se como viável desenvolvermos o *ethos* do cuidado (BOFF, 2012), aquele que se relaciona ao mundo das excelências e dos valores, e que nos transmite a esperança de que uma conscientização que opera a transformação, por isso "eu comemoro não a invasão mas a rebelião contra a invasão". (FREIRE, 2000, p. 75). Rebelar-se contra aquilo que não nos oportuniza viver dignamente, é motivo de comemoração, não podemos ser espectadores das atrocidades que diariamente os dominadores utilizam no sentido de favorecer-se. Como ser humano preocupado com a vida e construído dentro de uma educação libertadora precisa-se ter como princípio a concepção de mundo que nos impulsiona para ações éticas. Precisamos nos construir como homens e mulheres que não aceitam serem reféns desse projeto neoliberal que oprime e que se põe a serviço da dominação.

Compreender que mudanças são necessárias, mas que a inteligência sensível necessita de espaço para agir, ela que foi cedendo lugar a razão científica, facilitou o surgimento de um mundo individualista, onde cada um olha para seu umbigo sem se preocupar com os milhões de irmãos HUMANOS que sofrem com os efeitos das práticas neoliberais, as quais tornaram-se predominantes nos discursos de nossos representantes políticos.

Nesse sentido há uma necessidade urgente de inversão de valores, pois percebe-se nas decisões governamentais diárias que se valoriza mais o capital de poucos, do que o trabalho de muitos. Precisamos, mesmo com cada singularidade e diferença construirmos relações que nos aproximem no sentido de que nossas mentes e corações não sejam dominados por essa política

de que ninguém mais é preservador da honestidade, como se fosse possível colocar todos num mesmo patamar e desacreditar que há possibilidades de construirmos um novo caminho para a nossa história.

As diferentes leituras de mundo que Paulo Freire aponta como caminho para a construção de olhares libertadores, também foi instigada por vários outros pensadores, quando em determinado período histórico deu-se vez e voz também a história daqueles e daquelas que foram subjugados, para que a história dos heróis fossem valorizadas. Na medida em que essa leitura de mundo passou a compor à construção do conhecimento por outro viés, a construir novos olhares, ela também foi provocando nos dominadores a elaboração de estratégias para que viessem a estancar sua disseminação na sociedade. Uma prática perceptível na sociedade atual é a retirada ou diminuição dos direitos dos trabalhadores, e a construção de justificativas convincentes de que essas mudanças são necessárias para o desenvolvimento social.

Não há necessidade de perguntarmos as pessoas se elas são contra ou a favor dos dominadores, nas atitudes e ações de cada um, fica evidenciado aquilo que compõe sua racionalidade e o quanto a educação libertadora provocou para o sujeito descobrir-se construtor de sua história. "É esse aprendizado que eu comemoro". (Freire, 2000, pg.75)

14 de dezembro
Shelton Lima de Souza

> Tenho o direito de ter raiva, de manifestá-la, de tê-la como motivação para minha briga tal qual tenho o direito de amar, de expressar o meu amor, de tê-lo como motivação de minha briga [...]

Desde os meus primeiros anos na graduação em Letras, realizada na Universidade de Brasília, eu me deparei com as obras do Paulo Freire. As primeiras foram, por ano de publicação das edições que tive acesso: Pedagogia do Oprimido, Pedagogia da Autonomia e Medo e Ousadia: o cotidiano do professor; esta última em coautoria com Ira Shor. Foi paixão à primeira leitura. Mesmo não compreendendo bem alguns dos pressupostos presentes nestes livros, algo, fundamentalmente, me chamou a atenção: o fato de alguém estar entendendo a educação por meio da prática da compreensão e do entendimento do outro, do interagir com o outro, do fazer no mundo, do conhecer-se no mundo, e, o melhor, do poder transformar o mundo estando junto com ele.

Aquilo fazia sentido. Eu ainda não havia entrado em uma sala de aula como docente, mas, como qualquer um de nós, que passou por uma educação formal, que se deparou com um ensino (a minha reflexão está mais direcionada para o ensino de português) maçante, sem sentido, ou, simplesmente, comprometido com uma postura ideológico-discursiva de acúmulo de conhecimento fragmentado, para atender a uma demanda externa (na minha época, o vestibular; hoje, na maioria das vezes, o Enem).

Tive contato com pesquisadores, principalmente na Faculdade de Educação da UnB, onde eu cursava as disciplinas obrigatórias de licenciatura, que desenvolviam reflexões coadunadas ao pensamento freiriano. Porém, o meu contato maior era com professores da área de Letras, cujas propostas de ensino de português, nos seus diferentes níveis – da alfabetização à universi-

dade – se assemelhavam à proposta de Freire: refletir sobre a língua portuguesa em suas diferentes concretizações (as chamadas variedades linguísticas)[30]: respeitar o conhecimento de mundo do aprendiz de língua; compreender o conhecimento linguístico trazido pelo aluno à sala de aula; refletir sobre as novas posturas da pedagogia de línguas que não fossem unicamente centradas no ensino da estrutura linguística socialmente privilegiada.

Eu me perguntava: "Será que esses caras leram Paulo Freire?". Difícil saber, embora eu tenha quase certeza que sim. Logo, nos seus primeiros anos como secretário de educação estadual de São Paulo, no governo Luíza Erundina, Paulo Freire deu uma declaração, considerada polêmica na época, e por que não dizer polêmica nos dias hodiernos?: "Nós professores devemos respeitar os diferentes falares dos alunos". Não satisfeita com o projeto educacional de Paulo Freire, a direita preconceituosa, retrógrada e ufanista paulista (e por que não do Brasil como um todo?) não aceitou a proposta do educador. Paulo Freire, como linguistas contemporâneos, estava preocupado com a seguinte questão: O que fazer diante de pessoas que não sabem "falar" a língua dita culta[31]? Variedade não prestigiada da língua e pobreza têm alguma relação? Por que os pobres, ao se expressarem verbalmente, são vítimas de preconceito? Estas perguntas estão diretamente relacionadas às problematizações presentes no capítulo "Alfabetização e Miséria" do livro "Pedagogia da Indignação" de Paulo Freire.

Estas questões têm relação, porque foram e são feitas por um grupo de brasileiros que pensam o mundo a partir de uma ação sócio-política de problematização das políticas neo-liberais implantadas no Brasil no começo dos anos 90. Sobre isso, Freire comenta:

> "[...] além dos mocambos, me disse Danilson, há algo pior: um grande terreno onde se faz o depósito do lixo público. Os moradores de toda esta redondeza 'pesquisam' no lixo o que comer, o que vestir, o que os mantenha vivos". Foi desse horrendo aterro que há dois anos uma família retirou de lixo hospitalar pedaços de seio amputado com que preparou seu almoço domingueiro. A imprensa noticiou o fato que citei horrorizado e pleno de justa raiva no meu último livro *À sombra desta mangueira*. É possível que a notícia tenha provocado em pragmáticos neoliberais sua reação habitual e fatalista em favor sempre dos poderosos. "É triste, mas, que fazer? A realidade é mesmo esta". A realidade, porém, não é inexoravelmente esta. Está sendo esta como poderia ser outra e é para que seja outra que precisamos os progressistas lutar. Eu me sentiria mais do que triste, desolado e sem achar sentido para minha presença no mundo, se fortes e indestrutíveis razões me convencessem de que a existência humana se dá no domínio da determinação. Domínio em que dificilmente se poderia falar de opções, de decisão, de liberdade, de ética. "Que fazer? A realidade é assim mesmo", seria o discurso universal. Discurso monótono, repetitivo, como a própria existência humana. Numa história assim determinada as posições rebeldes não têm como tornar-se revolucionárias.

Ensaísticamente, Freire nos provoca e eleva o nosso nível de questionamento ao problematizar a situação miserável dos moradores de favelas olindenses, por meio do educador popular Danilson. Estes brasileiros, vivendo em situação sub-humana, que, sem outra oportunidade, em uma sociedade meritocramente desenvolvida, têm de buscar alimentos no lixo. Qual a diferença entre os moradores de favelas, relatados por Freire, e o filho de um executivo-presidente de uma empresa? Existem muitas diferenças, mas a principal é que o último terá uma herança e, provavelmente, caso queira, em um círculo vicioso que impera na elite brasileira, substituirá seu pai na presidência da empresa altamente lucrativa. Ao pobre, caberá

[30] Marcos Bagno, Stella Maris Bortoni-Ricardo, Magda Soares entre outros.

[31] O termo culto é questionado pelo linguista Marcos Bagno. O autor opta por usar variedade prestigiada, porque entende que o termo culto é pejorativo. Ele pergunta: "o que é ser culto?"

herdar a pobreza da família. Freire problematiza o discurso vigente: "Que fazer? A realidade é assim mesmo".

Linguisticamente, o filho do executivo-presidente irá para escola e será elogiado pela variedade linguística que fala; não obstante, o morador de favela será ridicularizado quando a/o professora/professor ouvi-lo dizer: "pranta", "bicicreta", "framengo". Uma pessoa pobre, analfabeta, moradora de favela não teve/tem oportunidade, como tantos outros pelas diferentes regiões do Brasil, de desenvolver suas diferentes potencialidades, muito embora tenham um conhecimento de mundo tal qual a de um morador de um condomínio de luxo em uma grande cidade.

O conhecimento de mundo da mulher e do homem pobre é desvalorizado. Para uma sociedade elitista, machista, homofóbica, misógina não importa o que um "favelado" saiba, pois, em seu estado de pobreza, nada é aproveitável. Somos criados para servimos para algo. Desde muito cedo, ouvimos: "você tem de ser útil para a sociedade". Somos coisificados. Como afirma Freire, no excerto acima, existe um conjunto de forças político-discursivas que, forçosamente, impregna na população brasileira que é normal uns terem muito, porque "lutaram para conseguir o que tem", e outros não terem nada, "já que não batalharam, são vagabundos, preguiçosos que querem ser sustentados pelos benefícios do governo".

A realidade é construída para nos sentirmos humilhados diante de uma situação que pensamos que não seja mutável. Miséria e língua (ato linguístico) estão intrinsicamente relacionadas. O pobre é visto como aquele que fala errado. Ele, previamente, é conhecido na escola como o que não "fala direito". Da criança de classe média e média alta, a visão é diferente: tem-se um exemplo de alguém que "fala certo". Para Freire, em uma sociedade que acredita que a "realidade é assim mesmo", "as posições rebeldes não têm como tornar-se revolucionárias". Por isso, importante é e seria se entendêssemos que as realidades são construídas e, como toda construção, é possível de ser modificada.

15 de dezembro
Micheli Tassiana S. Marca

Freire problematiza o trabalho desenvolvido em uma favela pelo educador popular Danilson, dizendo que a prática educativa só faz sentido quando acreditamos nela, entendemos ela para além da melhora no desempenho daqueles sujeitos, percebemos o futuro com todos seus desafios, problematizando-o, e principalmente, entendemos o futuro enquanto algo que a partir de nossas ações é compassível de mudanças. A partir de então está posto um novo significado para a educação, e assim se problematiza o futuro.

Pela discussão sobre as carências que cercam sujeitos com quem Danilson trabalha, e tantos outros que vivem em favelas pelo Brasil, é que percebemos a resistência física/orgânica enfrentada por eles, que se junta com a resistência cultural. A resistência a tudo aquilo que produz sofrimento aos sujeitos que vivem nas favelas, é essa resistência que faz com que seja possível a sobrevivência desses sujeitos.

A resistência torna-se significativa quando percebo o futuro como compassível de mudança, na idéia de ser sempre mais, e assim se cria nossa rebeldia, desse modo é que nos afirma-

mos. No trabalho desenvolvido com esses sujeitos, é preciso que se tenhamos mais do que a resistência, é preciso que se pensemos no futuro como um ato de rebeldia, para se encarar todas as injustiças praticadas contra esses sujeitos. Quando falamos de rebeldia, devemos ir além da denúncia das violências vividas, precisamos promover posturas rebeldes, de cunho revolucionário, com vistas a uma transformação radical do mundo.

A ideia de transformação, de necessidade de mudança, de que é preciso enfrentar as situações de miséria, de imoralidade, é o que faz o êxito das práticas de educadores como Danilson. São esses os caminhos de construção de práticas indispensáveis. É preciso instruir, incentivar e desafiar os grupos, não apenas impor que eles se mobilizem, que se organizem. É preciso instruir, a fim de que os sujeitos sejam capazes de perceber a injustiça, a violência, e que isso não é algo natural, mas algo que precisa ser combatido. É preciso incentivar mudança em posturas dependentes, para que se chegue a emancipação. É preciso que se desafie esses sujeitos a construírem um futuro novo, justo e igualitário.

Para que seja possível a mudança, a instrução se faz essencial, já que é ela que fará com que os sujeitos percebam criticamente as políticas corruptas, assistencialistas de anestesia, dentre tantos outros fatores que assombram o povo. Enquanto educador, não podemos apenas proibir certas atitudes, como por exemplo, o voto em candidatos antidemocráticos, elitista, corruptos, é preciso que os sujeitos sejam instruídos e tenham oportunidade de perceber o erro que cometem quando votam nesse tipo de políticos.

Enquanto educador, para desenvolver essa função emancipatória, devemos ser cada vez mais competentes, renovando nossos saberes e conhecimentos, sendo sabedores para além da fundamentação teórica e técnica, aprimorando e alargando nossos conhecimentos a respeito da ideologia que cerca nosso trabalho, conhecendo o grupo com quem trabalhamos, entendendo e respeitando sua cultura, reconhecendo a compreensão de mundo que aquele grupo tem, considerando suas experiências e saberes.

PAUSA PEDAGÓGICA

(anote as aprendizagens, ideias, dúvidas e ações que o texto proporcionou até aqui).

16 de dezembro
Regina Ribeiro Ferreira

Como educador preciso de ir "lendo"... a realidade da comunidade que trabalho, faz-se necessário analisar com muito cuidado o que pensam de si, o que consideram como "seu" espaço no mundo e também como se vêem diante de uma sociedade que nega sua existência. Entendo essa interação como uma autêntica pesquisa "in loco", onde o ponto de partida é a experiência de vida das pessoas com que está se relacionando, caminha por entre seus conflitos, se depara com suas limitações, nota suas dificuldades, por fim, auxilia na expansão das suas aspirações construindo juntamente com os atores papéis de protagonismo a partir do conhecimento prévio do indivíduo e da comunidade.

> "E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo "leitura do mundo" que precede a "leitura da palavra". Por isso, nenhuma leitura é igual e ninguém lê o mesmo livro, nem mesmo quando o lê pela segunda vez".

O pensamento revolucionário de Paulo Freire com seu método de ensino mantem até hoje o seu compromisso com a resistência através daqueles que após conhecer suas obras também se fazem resistência nas esferas populares em relação aos desmontes na educação, artes, pesquisa, assistência social, sistema de saúde etc... e enfatiza que o educador deve empenhar-se na emancipação da pessoa, porém não se sentir "o salvador da pátria" ignorando a experiência de vida, supondo que o seu saber seja superior ao saber do grupo popular.

Freire considera impressindível que a comunidade seja encorajada (desde as primeiras séries da vida escolar) a se apropriar de senso crítico, pois se o indivíduo não tem a percepção da sua realidade de subjugação essa autonomia pode promover a inversão da lógica atual e inconscientemente venha tomar posição de dominador. "Quando a educação não é libertadora o oprimido pode se tornar opressor". E ainda, o indivíduo que se entende "livre" das amarras de uma sociedade ditadora não se sente indignado por seus iguais que estão ainda cativos, não esta em pleno gozo da sua "liberdade", ele só manifesta uma atitude individualista.

Visto que "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo", não existe liberdade individual sem transformação social.

Constatamos, a educação, pela necessidade de incentivo a um comportamento atuante das pessoas, nos moldes já descritos, não deve resumir-se a um papel de mero treinamento humano. A educação é o instrumento fomentador do pensamento crítico, visando a compreensão das razões de ser do ser humano e dos fatos, qualifica o educando na ação de exercer o seu direito e cumprir com o seu dever de mudar o mundo (para melhor).

Ao viabilizar instrumentos para o empoderamento individual o grupo fica fortalecido para tomar posse do seu lugar de fala e ter o poder de intervir na sua comunidade.

O indivíduo que desenvolve suas capacidades além do âmbito educacional, que é ciente do seu ser social e dever com o coletivo, consequentemente, se empenha em pensar caminhos de reconstrução, replicar a transformação da realidade da sua comunidade, assim rompendo a manutenção da estrutura social opressora.

Ao assumir o seu lugar de fala o cidadão mostra que assimilou o seu papel na luta por seus direitos assegurados na constituição, deixa claro que ele é o protagonista no debate e assim traz autonomia para que a comunidade identifique e se aproprie do seu espaço na cidade e sentir-se parte dele.

Estamos todos os dias diante de um cenário de guerra pela sobrevivência e a atitude de se rebelar ante um sistema que esmaga vidas e sonhos pede posicionamento enérgico de cada um e de uma comunidade onde se promova a ação atuante do cidadão como mecanismo determinante para a persepção crítica do seu redor.

"Mudar a realidade presencial dá mais trabalho do que apenas se indignar"
(Viviane Mosé).

17 de dezembro
Verena Strada

A obra de Paulo Freire é tão importante e visionária que nos remete a imediata reflexão. Não somente aos professores e futuros professores que a estudam, mas a todos aqueles que buscam o conhecimento e possíveis meios de superar a crise educacional brasileira, tornando-a instrumento de desenvolvimento de um ser humano crítico, consciente e participativo, não apenas técnico.

No que concerne a educação de adultos, Freire nos expõe de forma clara a necessidade de desenvolvermos uma prática educacional que ultrapasse o tecnicismo, o mecanicismo e viabilize a construção do pensamento elaborado. Mais que ensinar o som das letras e a correta organização destas em palavras é imprescindível auxiliar na compreensão dos significados, dos usos e do poder de cada palavra. Não basta demonstrar como se calcula, é necessário tornar palpável a aplicação e a importância de saber onde e porque cada cálculo deve ser realizado.

A educação de adultos deve considerar as vivências extraescolares dos estudantes que a procuram e a partir destas organizar as ações escolares. O estudante dessa modalidade (assim como as outras) deve se perceber como agente de transformação de seu meio, não como mero espectador de sua vida, que busca um diploma para manter seu trabalho. A educação, segundo Freire, é um ato político, onde todos os envolvidos assumem papéis importantes e ainda que não se intitulem partidários em A ou B tornam, através de suas ações, explícitos os seus ideais.

> "[...] Se não devo, trabalhando não importa em que projeto, com educandos, sequer insinuar-lhes que meu Partido é o proprietário da verdade salvadora, não posso, por outro lado, silenciar em face de discursos fatalistas segundo os quais a dor e o sofrimento dos pobres são grandes mas não há o que fazer porque a realidade é assim mesmo. Não posso puni-los por manifestarem o desejo de votar em candidato reacionário mas me sinto no dever ético de adverti-los do erro que cometem". (FREIRE, 2015, p.100)

O processo educacional, segundo Freire, sozinho não pode desenvolver as transformações sociais de que o país necessita, todavia, ele é imprescindível a mudança. É através de uma educação de qualidade, com ética e responsabilidade social que é possível demonstrar a crueldade da realidade capitalista e excludente que nos rodeia e pensar nas possibilidades de transformação, fomentando as discussões e as ações rumo as mudanças. É necessário explicitar ao adulto que retorna a escola que as escolhas que realizaram ou as opções que lhe restaram para escolha os constituíram enquanto seres humanos, com histórias de vida e detentores do poder de escolher, de decidir o que, para que, por que e para quem. É pela conscientização de que "o que fazemos constitui o que somos" que desenvolveremos uma educação de adultos que potencialize mudanças.

Freire (2015, p. 107) chama a atenção dos agentes que promovem a educação em todos os seus níveis, pois é dever que estes tenham conhecimento de "mudar é difícil, mas é possível". Antes de propor aos outros é preciso acreditar e agir em conformidade com as convicções, para que se possa ultrapassar o conceito de fatalidade histórica, através do qual os sujeitos são conduzidos a acreditar que nasceram sem condições e que devem conformar-se, sem questionar, sem sonhar.

> "[...] É exatamente porque sei que mudar é difícil mas é possível que eu me dou ao esforço crítico de trabalhar num projeto de formação de educadores, por exemplo, ou de operários de construção. De formação e não de puro treinamento técnico-profissional." (FREIRE, p. 108)

A educação adequada, tanto para adultos quanto para crianças e adolescentes, é aquela que desconstrua o conceito de adaptação, que ensine sim os conhecimentos técnicos, mas que acima de tudo desenvolva e exercite no estudante a capacidade de pensar sobre suas vivências, sobre seu papel na história, responsável por suas escolhas e consciente de que elas poderão afetar a outros, vendo-se como detentor do poder de reconstruir-se, de mudar e de auxiliar os outros a também mudarem. A política e a cultura são construções humanas, sendo, portanto, passíveis de mudança por estes, ainda que a luta seja necessária.

Não é possível manter-se neutro quanto ao processo educacional, seja enquanto gestor, professor, estudante ou comunidade envolvida. "[...] Se a nossa opção é democrática, não pode conviver com o discurso de sua neutralidade, que é o discurso de sua negação" (FREIRE, 2015, p.114). Deste modo, o papel da educação deve superar o treinar e ceder lugar ao formar, ao desenvolvimento do "pensar criticamente", onde a "liberdade de criar supere o medo" e onde o erro seja entendido como parte do processo de construção do conhecimento humano e que este fomente a busca por respostas adequadas, a curiosidade em conhecer mais.

A educação seja de adultos ou de crianças e adolescentes, precisa ser organizada com base na "responsabilidade social e política", na possibilidade de reinvenção constante do mundo e na liberdade. Ela deve ser um ato que mexa com nossos conceitos "[...] não pode ser a que nos deixe quietos, conformados, discretos e indiferentes, mas, pelo contrário, a que nos abra a porta à inquietação, à inconformidade, à curiosidade incontida, à impaciente paciência" (FREIRE, 2015, p.117). É necessário exercitar o ato de filosofar, de pensar sobre "[...] o quê, o para quê, o como, o em favor de quê, de quem, o contra quê e o contra quem" (idem, p.118), pois assim fomentaremos a organização de um processo educacional que atenda as necessidades e objetivos sociais e consoante aos "desafios do nosso tempo".

18 de dezembro
Shelton Lima de Souza

> Enquanto ser humano jamais aceitei que minha presença no mundo e minha passagem por ele fossem preestabelecidas. A minha compreensão das relações entre subjetividade e objetividade, consciência e mundo, prática e teoria foi sempre dialética e não mecânica. Se jamais defendi um papel todo poderoso para a subjetividade na História jamais, por outro lado, aceitei sua redução à pura reprodução da realidade material [...] (FREIRE, 2000).

O ensino de português nas escolas brasileiras tem passado por mudanças ao longo dos anos, sobretudo, no tocante a perspectivas teóricas que compreendem os diversos falares dos brasileiros como reflexo de seus contextos de formação (BAGNO, 1999, 2007, BORTONI-RICARDO, 2004, SCHERRE, 2005, SOARES, 2005). Nesse sentido, diferentemente do que tem

proposto a escola tradicional, atualmente há uma série de trabalhos acadêmicos que refletem a importância de se considerar o conhecimento linguístico dos estudantes para, a partir daí considerar-se o ensino de variedades do português ditas mais prestigiadas (BAGNO, 2007). Mas, qual é a relação que pode ser feita entre uma educação linguística pedagogicamente sensível às realidades linguísticas no Brasil, inclusive entendendo o país como um espaço plurilíngue, e a educação humanizadora proposta por Paulo Freire? A meu ver, a relação é total. O que a educação linguística atrelada a uma realidade não preconizada pela educação elitista pode fazer para transformar a inserção de grupos sociais marginalizados a uma prática de leitura e escrita efetivas? De ações permeadas pelas linguagens que lhes permitam "ter consciência do mundo" e consciência de si? (FREIRE, 2000, p. 41).

Fundamentalmente, é importante que estudantes brasileiros tenham conhecimento da realidade linguística em que vivem. O fato de já falarem certas variedades linguísticas não os colocam conscientes dessas realidades. Somos, em um processo diário de construção, massificados por meio de nossas próprias ações. Não temos conscientização delas. Embora falemos de diversas formas para nos colocarmos no mundo, não somos educados a refletir sobre as diversas realidades. Por isso, volta e meia, alguém diz: "brasileiro não sabe falar", mas que brasileiro é esse? Qualquer brasileiro? Sabemos que não. Os brasileiros "mudos" em seu português têm características muito próprias: pobres, moradores de favelas, periferias ou zonas rurais brasileiras, excluídos e não assistidos pelo Estado. Nesse grupo de excluídos, encontram-se brasileiros de diversas cores e etnias, de diferentes regiões e lugares que têm suas formas de falar rechaçadas por uma convenção historicamente construída. Se esses mesmos brasileiros desconhecem suas realidades de fala, eles mesmos dirão que "não sabem falar"; o que a escola faz, embora tenha mudado um pouco aos longos dos anos? Penso que é confirmar o mito de que "alguns brasileiros não sabem português". Freire nos ensina que é "atuando no mundo que nos fazemos" (FREIRE, 2000, p. 41), contudo, como "atuar no mundo" sem conhecê-lo e sem saber o que é? Por isso, como bem explica Freire, precisamos ter "consciência de si" para promover transformações. Do ponto de vista linguístico, precisamos entender, fundamentalmente como professores, a realidade linguística de nossos alunos e esses compreenderem que, mesmo sem saberem, produzem construções linguísticas possíveis e concretas, muito embora sejam alvo da indignação de grupos que se consideram "falantes do bom português".

A transformação de atos perpassa o conhecimento das realidades, mas, não só isso, pois o simples "conhecimento do objeto" (FREIRE, 2000) não é condição *sine qua non* para a construção da mudança. De fato, a ação efetiva de compreensão das realidades linguísticas de grupos minorizados facilita a compreensão do conhecimento de mundo, mas pode além disso, ser a força motriz para possibilidades de mudanças de simulacros aparentemente imutáveis.

19 de dezembro
Gleison Peralta Peres

Paulo freire denomina as reflexões sobre a *"Pedagogia da Indignação"* como reflexão a necessidade de mudança do indivíduo, pois é através dele que podemos modificar as ações, inclusive cita que seu método deve ser disseminado não só com jovens e adultos mas sim toda a

sociedade, já que alguns querem silenciar a história e reproduzi-la, desconsiderando os sujeitos como agentes transformadores da realidade, como afirma *"mudar é difícil mas é possível"*

Freire prioriza que o sujeito deve estar aberto a mudanças, sendo os transformadores alinharem as táticas de convencimento para atingir os objetivos, sempre buscando os sonhos aliados a utopia como fatores determinantes da realidade desejada.

A necessidade de criticar a prática educativa do professor fez Freire buscar mecanismos que pudessem modificar a realidade proporcionada no espaço escolar através da formação de professores como princípio de mobilização e fortalecimento dos sonhos de uma educação libertadora como criticidade a que vinha sendo trabalhada durante séculos e não tem trazido resultados satisfatórios a educação, por isso a necessidade de realizar uma avaliação crítica sobre a formação de professores, cujo objetivo primordial é a formação para a cidadania junto a capacitação técnico-cientifica.

O autor realiza uma crítica exposta que *"[...] a educação para hoje é a que melhor adapte homens e mulheres ao mundo tal qual está sendo. Nunca talvez se tenha feito pela despolitização da educação quanto hoje."* Que nas palavras de Freire analisamos que um dos instrumentos utilizados para a despolitização como dissociada a educação, que pode ser proposital, onde estaremos fadados ao fracasso, já que uma pequena parcela vai continuar ditando as regras e a maioria repetindo, pois se os sujeitos não se tornarem reflexivos vão repetir a história, mais Freire já afirma ser difícil, porém não é impossível, já que acredita nas mudanças no todo.

Para exemplificar a necessidade de criticar determinadas posturas Freire aponta que *"o que me faz perplexo não é a queda do muro de Berlim, nem a globalização da economia ou a questão do "futuro sem trabalho ou trabalho sem futuro" mas o açodamento com que os progressistas de ontem aderem à ideologia liberal de hoje"*, fica evidente que a crítica de Freire se refere dificuldade em sensibilizar inclusive os que sempre defenderam a liberdade, pois assim que ocupam de novas posições reproduzem aquilo que sempre foram contrários.

O posicionamento de Freire fica evidente em defesa da educação, pois sempre buscou defender a uma educação libertadora e emancipatória, proporcionando a reflexão ao educando a aventurar-se no exercício de mudar o mundo não só no discurso mais sim nas suas ações, como indivíduos curiosos, atuantes, falantes e criadores.

Freire aponta alguns caminhos que devemos seguir como educadores, onde possamos assumir a posição de protagonistas das ideologias fatalistas que foram incorporadas em muitos brasileiros, pois ele acredita muito no papel do educador, que pode através da formação de perspectiva progressista, pois segundo o autor *"que mudar é difícil, mas é possível"*.

Freire além de ser um excelente educador, sempre buscou acreditar na educação, como libertadora e o educador deveria seguir sua perspectiva crítica, buscando superar a visão pragmática-tecnicista para a de cidadania. Freire sempre foi crítico ao neoliberalismo, pois percebia que não atendia os anseios sociais, pois era para atender somente o mercado técnico-cientifico.

A utopia da justiça social era o principal motor freireano, onde a educação proporcionaria através da qualificação o sonho da libertação com justiça social, porém a despolitização da educação sempre foi um fator determinante para não conseguir alcançar os objetivos da libertação, porém suas práticas foram e são difundidas até os dias atuais, por acreditarmos nas mudanças da realidade.

Como podemos notar Freire, sempre esteve preocupado com a formação dos indivíduos, mostrou e evidenciou suas técnicas que podem ser compreendidas e estudadas em todo o mundo,

pois ele sempre buscava sonhar, o sonho de uma sociedade mais, justa e igualitária com *"o sonho da libertação, portanto o sonho de uma sociedade menos feia, menos malada, é o sonho da adaptação silenciosa dos seres humanos a uma realidade considerada intocável"*, pois era a ideia de Freire e o caminho a ser trilhado seria a educação libertadora a todos.

20 de dezembro
Adriana Gomes da Silva

É Possível Obter Água Cavando o Chão.

Freire, sábio filósofo, sabia valorizar a conversa, a cultura a presença do outro, buscava, transmitia esperança para dias melhores em meio a tantas dificuldades, misérias e impossibilidade, trazer a existência sonhos impossíveis após longa e dolorosas jornadas daqueles jovens e adultos oprimidos (as) com pouca escolaridade ou nem uma, que trazem consigo um sentimento de inferioridade, marcas de fracasso. Paulo fala em uma de suas cartas que os sonhos são projetos pela qual se deve lutar sabendo que, mesmo difícil, mudar é possível, que o oprimido nutri sua esperança (…)

Segundo (Maciel,2014), Paulo Freire trouxe contribuições significativas para a Educação de Jovens Adultos, sua proposta conscientizadora não levou somente em conta a aquisição de escrita, mas também a cultura da comunidade e a visão crítica do mundo. O EJA surge por uma necessidade ; uma necessidade inicialmente de inclusão social A muitos que não tiveram acesso ou não puderam frequentar a educação básica ou tiveram de se afastar na infância em razão da entrada prematura no mercado de trabalho.,a falta de acesso a escola não somente o acesso mas também a permanência ela gera prejuízo enorme em suas vida , não é tarefa fácil ,garantir condições dignas para quem toma essa decisão também é penosa para os que decide volta depois de uma determinado tempo longe é com tantas atribuições que a vida coloca.

A Educação de Jovens e Adultos deve ser pensada como uma oportunidade de inclusão social para o pleno exercício da cidadania, aprendizagem da leitura e da escrita, bem como o uso social da linguagem escrita – Letramento é essencial para a inclusão social e para a participação ativa na sociedade que é letrada.

Alfabetização de jovens e adultos é necessário compreender que a aprendizagem da leitura e da escrita para os jovens e adultos é diferente do processo vivenciado pelas crianças, se para a criança as atividades que compõem o processo de ensino e leitura e da escrita são feitas a partir da ludicidade para os adultos as atividades são escolhidas a partir de um contexto. Sobre esse contexto Paulo Freire afirma: se é necessária atenção às palavras geradoras, pois é a partir dessas palavras que o processo de aprendizagem a leitura e da escrita acontecerá significativamente.

Segundo Freire, se faz necessário um olhar diferenciado para se trabalhar EJA, elabora atividade dentro de um contexto dos adultos, observar a realidade de onde eles moram, para que seja contextualizada com a realidade com que eles vivem e o que eles (as) vivenciam para que o que for ensinado tenha sentido.

É de grande importância que o professor tenha formação adequada e esteja disposto a lidar com os desafios presentes, ter propostas teóricas metodológicas que coloca o aluno no centro do processo de ensino e aprendizagem diferenciado

(Maciel, 2014) o discente deve associar a alfabetização ao uso e as funções sociais da língua escrita, para que os jovens e adultos alfabetizados de hoje não se torne os analfabetos funcionais de amanhã.

Ainda convém lembrar que Freire já trazia a questão do analfabetismo funcional para ele, é necessária a compreensão do que se lê. Não basta apenas ler as palavras, é necessário compreender os significados e os sentidos, essa leitura parte de uma leitura do mundo que antecede a leitura das palavras, mas não é o simples saber; não é suficiente se faz necessário codificar e decodificar, segundo ele '[…], enquanto ato de conhecimento, não apenas se centre no ensino dos conteúdos, mas que desafie o educando a aventurar se no exercício de não só falar da mudança do mundo, mas de com ela realmente comprometer se... "a educação modela as almas, recria os corações; ela é a alavanca das mudanças sociais" (FREIRE, 2005, p.28).

Os desafios são inúmeros e complexos, a baixa procura e o índice de abandono e o desprestígio da modalidade são algumas dentro de tantas que a escola hoje enfrenta, é preciso convocar a comunidade para a mobilização da demanda pela EJA, a formação dos educadores para a criação de um ambiente acolhedor da diversidade e a flexibilização dos modelos de atendimento.

Em outras palavras, os jovens e adultos das camadas populares não ocorrem com mais frequência às aulas porque a busca dos meios de subsistência absorve todo seu tempo, seus arranjos de vida não se harmonizam com a frequência contínua da escola e os conteúdos veiculados são pouco relevantes para pessoas cuja vida está preenchida por múltiplas exigências. (Nova escola, de, 31)

É difícil ,mas não impossível,é possível mudar ,Caroline Maria de Jesus , nos mostra que é possível, uma mulher negra, com escolaridade incompleta que tinha somente a antiga segunda série ,mãe solteira com dois filhos , morava em uma favela do Canindé na beira do rio Tietê em São Paulo , trabalhava como catadora de papel e era com esse trabalho que ela sustentava seus filhos mesmo diante de tanta pobreza ,fome ,ela dividia seu tempo com a leitura e escrita ,ela escrevia todos os dias em seu diário, era relatado o que acontecia na favela e em sua vida , ao fim do dia era sempre a mesma coisa [... Li um pouco . Ao sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro, O livro é a maior invenção do homem (Quarto de despejo, pag,22).

Recorria para seu diário para escrever para amenizar sua dor, dores que era de tantas outras das nossas também, essa grande poeta nos mostra que é possível obter água cavando o chão seu diário se transformou em um livro que correu mundo, lido discutido e em outros países "uma favelada semianalfabeta" nos trouxe grande honra, essa grande mulher oprimida pela desigualdade não perdeu a esperança.

21 de dezembro
Gilmara Amaral

> "Uma leitura de mundo crítica implica o exercício da curiosidade e o seu desafio para que se saiba defender das armadilhas, por exemplo que lhe põem no caminho das ideologias. "

Quando eu era criança, já ouvia falar a respeito de ideologia. A palavra na época, até soava bem. Logicamente, ainda não havia alcançado os preceitos ideológicos de abstração. Com o decorrer dos anos tive alguns percalços na vida escolar por conta de uma determinada criticidade que acostumava apresentar na minha relação com meus professores.

Criticidade essa que os amedrontava e reprimia. Não entendia o porquê dessa demonstração de pouca maturidade. Até porque os verdadeiros oprimidos éramos nós, educandos, que pouco falávamos ou debatíamos acerca de determinados assuntos pré-moldados e selecionados para que engolíssemos sem menos regurgitar.

Esse tipo de educação era latente há muitos anos atrás e até hoje vem se perpetuando de geração em geração.

Os alunos continuam sendo reprimidos. Os professores em sua maioria continuam a repassar os conteúdos de forma fria, isolada, sem muito sentido. Mais tarde passei a entender os conceitos de ideologia e a vi nos mais diversos corredores: tanto dentro dos muros da escola, quanto fora deles. Para a vida da educação de jovens e adultos esse quadro se agrava ainda mas por se tratar de educandos que muitas vezes chegam a escola fatigados da labuta diária, com fome, cansaço, desmotivados (até pelos próprios parentes, amigos cônjuges) e com muita vontade de até mesmo desistir, porque precisam enfrentar muitos leões por dia e ao adentrar o ambiente escolar, se deparam com questões que nada se relacionam com suas vidas diárias, nem fazem sentido para serem utilizados no que mais precisam para progredir no mundo da leitura e escrita aliado ao trabalho que é real em suas vidas no período anterior à escola.

Muito me indignava a maneira como se relacionava professor e aluno naquela época. Mas permanecia calada, ainda não possuía forças e nem voz, até mesmo porque "uma só andorinha não faz verão".

O mestre Paulo Freire nos dizia que a leitura de mundo antecede à leitura da palavra e ao analisar esse conceito, percebo que as escolas (muitas delas) tentam " arrancar" do aluno a curiosidade que antecede todo o pensamento crítico a fim de neutralizar todo o firmamento de qualquer indivíduo pensante, que ao pensar, poderia abalar as estruturas que doravante restavam no ambiente escolar.

Paulo Freire remete à curiosidade à própria experiência da vida, uma vez que a própria curiosidade é condição inerente do ser humano vivente. A fala do Freire: "Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que não nos põe pacientemente impacientes, diante do mundo..." (Freire, 2014, p.123), já traduz todo o sentido do pensamento que desenvolvi nos parágrafos anteriores.

Não há como pensar criticamente se não exercermos nossa curiosidade, que deve ser algo latente, inquietante, que nos move, para os além-mares da vida e que nos induz a perceber as nossas próprias necessidades vitais assim como o mundo que nos cerca e suas singularidades.

A curiosidade nos afasta do que é irracional a medida em que fazemos uso do pensamento crítico meio a um mundo globalizado e altamente tecnológico. Onde os conceitos de "ter" se sobrepuseram aos conceitos de "ser".

Paulo nos alerta que a alfabetização em televisão não é uma luta travada contra ela, mas é a constante preocupação em estimular a percepção critica outrora aguçada pela curiosidade que nos leva a pensar e repensar o tempo todo a respeito das situações que nos cercam. E não fecha os olhos diante daquilo que nos é imposto, embarcados numa realidade ideológica e de exaustão. É ir além daquilo que está na letra, baseado em que a leitura de mundo sempre deverá estar antecedida da leitura da palavra.

Pensar criticamente não é um privilégio de um homem ou de uma mulher, de uma raça ou uma nação. Todos nós podemos exercitar o pensamento crítico como sendo condição indis-

pensável para a vida em sociedade para o exercício da democracia que faz com que nós nos percebamos como seres históricos sociais inacabados que podem intervir na sociedade e recriá-la com a consciência de uma busca permanente e incessante pela transformação de nós mesmos e do mundo ao nosso redor.

22 de dezembro
Rodrigo Sérvulo da Cunha Vieira Rios

É com prazer e curiosidade na busca de uma visão de mundo capaz de compreendê-lo, que escrevo neste texto reflexões alicerçadas nas provocações apontadas por Paulo Freire sobre a necessidade de estarmos atentos ao papel da mídia na alfabetização de cidadãos e cidadãs, especialmente a televisão que como meio de comunicação de massa, impõe suas verdades sem a promoção da necessária criticidade, bem como o debate e a prática do contraditório.

Importante ressaltar a relevância do tema diante do reconhecimento primordial do ser humano enquanto ser político, histórico, cultural e social. Com tais características, a curiosidade se apresenta como vital para a construção da percepção da condição humana através do processo de socialização possibilitando uma visão da sociedade que não esteja submetida a condicionamentos ou apontamentos preconcebidos.

O tema necessita ser entendido para além do aprender a ler e a escrever. É necessário que essa alfabetização ocorra no campo da politização, capaz de nos provocar a não aceitarmos a acomodação diante do *status quo* e seus interesses. Junto a isso, é preciso que a sensibilidade para a prática da cidadania bem como da convivência democrática não se aprisione nas conveniências do sistema que se apresentam falsamente como cidadãs e/ou democráticas.

Trata-se da necessidade do entendimento de que os elementos comunicacionais são fundamentais para ajudar os seres humanos a se protegerem da manipulação e da domesticação fazendo surgir as práticas de reflexão e crítica do mundo.

Importante estarmos atentos para a relação do tema com a formação dos educadores no campo da cultura midiática. É necessário buscar o alfabetismo político, pontual e conceitual a fim de desvendar e recriar possibilidades de compreensão do mundo para muito além dos simulacros vendidos como verdades diuturnamente pela tevê. A prática educativo-progressista é uma das resistências possíveis que não surgirá sob premissas meramente técnicas ou de especialistas domesticados, mas sim da problematização e posterior entendimento coletivo construído entre educadores e educandos.

Essa realidade se apresenta ainda mais complexa no Brasil que possui um oligopólio midiático onde apenas seis famílias, com a mesma ideologia, são proprietárias de emissoras de televisão. O § 5º do artigo 220 da Constituição Federal de 1988 veda, direta ou indiretamente, a existência de monopólio ou oligopólio nos meios de comunicação social. Vale ressaltar que as ondas eletromagnéticas utilizadas por essas emissoras são públicas, necessitando de concessão por parte do Estado Brasileiro para suas utilizações.

Tal cenário possui forte influência na vida dos cidadãos e cidadãs que são anestesiados deixando de exercer o necessário entendimento diante daquilo que lhes é apresentado. São presas fáceis para as armadilhas fomentadas pelo senso comum que naturaliza a ideologia imposta como

aquilo que é possível ou simplesmente porque é. Não há contestação às afirmações realizadas pelos apresentadores dos telejornais, por exemplo.

Entre as terríveis consequências, está a perda ou falta de noção da responsabilidade ética do ser humano em decidir e/ou optar de forma consciente sobre os rumos da História.

No mundo onde o tempo urge e se dilui entre os dedos, o conteúdo apresentado pela televisão se fortalece também pela simples falta de momentos para refletir sobre o que foi publicado. Daí a necessidade de provocar a dúvida diariamente, como um livro de bolso onde as pessoas possam ler no ônibus, no trem, no metrô a caminho do trabalho ou de casa.

Outra percepção importante é a da infantilização do noticiário, da publicidade bem como a terceirização da opinião pública que se tornam meras formas de entretenimento fútil, sem sentido, fulgás e irresponsáveis.

Por fim, é preciso ficar claro que não podemos tergiversar diante das práticas da televisão porque a cada momento ela prepara um novo obstáculo, para que tropecemos no caminho do descobrimento do conceito nos aprisionando no preconceito. Precisamos, enquanto educadores, debater, refletir e agir no sentido de desconstruir essa poderosa máquina de dominação das mentes humanas buscando educação emancipatória nas brechas que ela possui.

23 de dezembro
Gilmara Amaral

> "Não temo parecer ingênuo ao insistir não ser possível pensar sequer em televisão sem ter em mente a questão da consciência crítica."

Nesse trecho do livro, Freire começa a indagar maneiras de se pôr a mostra aquilo que está oculto como sendo verdade. Parece até óbvio ou clichê ratificar que aquilo que é verdadeiro não deveria doravante, estar obtuso, camuflado, escondido.

Porém, sabemos que, ao transpor todos os requisitos que envolvem a conjuntura humana, percebemos que muitas coisas podem estar falseadas e revestidas com roupagem dogmática quase que imperceptível.

Muitas das vezes somos seduzidos pela farsa ideológica uma vez que aceitamos facilmente os engodos que nos sãos oferecidos em bandejas de prata.

Como conseguir em pleno século em que vivemos chamar a atenção dos nossos aprendizes para os assuntos referentes a alfabetização em face da enxurrada tecnológica e da mídia tão presentes em nossas vidas cotidianas? Na relação entre mídia- indivíduo não há divisória entre o que passou, o que se passa e o que passará. Tudo acontece ao mesmo tempo e em todo lugar, num mero lance de abrir e fechar de olhos.

O tempo não existe. Está diluído entre um episódio e outro. A rapidez das informações e a linguagem visual não são descartadas facilmente.

Todo processo midiático e televisivo é envolto por comunicação. Comunica-se algo, seja a venda de um produto, sua comercialização, a tendência da moda, a expressão de uma idéia, um assunto, valores, pensamentos ideológicos, enfim, são inúmeras coisas que podem ser repassadas durante os canais televisivos. E sempre essa "coisa" é repassada para alguém, num intuito de comunicar algo.

E é a postura do telespectador frente aos meios de comunicação que fará toda a diferença. Como será essa postura? Será de um telespectador passivo, que interioriza "tudo" e " da maneira

como é transmitida", ou seja, com a intenção do locutor, do canal comunicativo e do meio no qual a informação se encontra inserida?

A nossa mente e a nossa curiosidade têm que trabalhar em consonância com aquilo que está realmente vinculado, como não sendo verdade absoluta ou pérola de indisputável valor. Precisamos filtrar as informações, transpô- las para nossa mente como se estivessem sendo passadas num filtro. Esse filtro seria a nossa consciência trabalhando em prol da percepção do que está oculto e descobrindo até onde nossos pensamentos poderão ser formatados.

O uso da televisão não precisa ser necessariamente descartado. Ele deve ser re-elaborado a fim de não engazopar o telespectador que outrora passivo, apenas recebia informações. O diálogo entre o advento televisivo e a real a necessidade dos indivíduos deve ser constante, reflexiva, com o intuito de transformar a educação numa ação problematizadora, reflexiva e democrática, frente aos desafios que encontramos no mundo ao nosso redor.

24 de dezembro
Cristiene Adriana da Silva Carvalho

A obra "Pedagogia da indignação" do querido mestre Paulo Freire é composta por cartas e textos, escritos há mais de duas décadas. A leitura de suas páginas nos inspira a interpretar o cenário atual e fortalecer nossa indignação diante de um cenário de injustiças sociais, políticas e históricas. Tais reflexões escritas em momentos decisivos de sua vida, e publicadas após a sua partida, nos dão fôlego crítico para realizarmos uma análise de conjuntura e tomarmos posição em nossa práxis docente.

Como educadora há mais de dez anos busco em Freire auxílio para a compreensão do meu papel nesse contexto. Seus ensinamentos me ajudam a perceber a educação como um objeto sensível de transformação da sociedade, que exige dos seus sujeitos uma postura transformadora. Ao escrever esse texto me inspiro no capítulo intitulado "Educação e esperança", presente na referida obra, nele, Freire nos apresenta a esperança como um elemento essencial para a constituição do processo educativo.

> Não gostaria de discutir a esperança na prática educativa como se ela lhe fosse algo estranho, como se vivê-la esperançada ou desesperançadamente fosse um problema exclusivo de seus sujeitos, afetando-a apenas adjetivamente. Pelo contrário, é como algo que faz parte desta prática, de sua natureza como forma de ação especificamente humana que, mais uma vez, volto a refletir sobre ela. O que quero dizer é o seguinte: uma coisa é a ação educativa de um educador desesperançado e outra é a prática educativa que se funda na interdisciplinaridade. O primeiro nega a essência da própria prática enquanto o segundo explicita uma certa opção metodológica e epistemológica. (FREIRE, 2000, p. 111).

Seguindo a interpretação do excerto acima, parto do princípio de que a esperança se apresenta como elemento inerente e basilar do ato educativo. Uma vez que, para pensarmos a educação a partir de uma perspectiva humanizante, que busca através de métodos construir um conhecimento de mundo junto aos sujeitos, só é possível fazê-la se de fato acreditamos que esse conhecimento possa ser mais do que um conjunto esvaziado de técnicas e informações que não se conectem com a realidade. Aí está a essência da educação e, para mim, particularmente a essência que me fez escolher o caminho da docência enquanto possibilidade de ver a minha ação junto ao outro na compreensão e transformação do mundo.

Freire nos convida a entender que a essência da esperança não é ingênua, a ponto de acreditar que devemos suportar com resignação as injustiças pois um dia uma melhora poderá acontecer. Do contrário, a esperança freiriana se liga com o exercício de indignação diante das opressões e da tomada de posição crítica junto ao coletivo dos oprimidos, a fim de que tais ações resultem em transformações concretas desta realidade. A esperança olha para as injustiças históricas e as compreende forjando materialmente práticas de mudança que visam reverter as opressões. Nossa prática pedagógica enquanto docentes se reveste de esperança quando conseguimos fazer com que nossos alunos construam um conhecimento que lhes possibilite transformar a realidade ao qual estão inseridos. Nosso papel é de estar com eles em uma relação dialógica que permita que façam a ponte entre os aprendizados vistos como elementos simbólicos e abstratos e a realidade concreta de sua existência.

Desta forma, quando pensamos na esperança como parte da educação objetivamos quebrar as barreiras entre escolas, instituições educativas e o mundo. Torna-se necessário olhar para a realidade e a partir desse olhar percebermos que professores, alunos e demais atores do processo educativo são sujeitos sociais responsáveis pelas mudanças do mundo. A educação esperançosa é uma educação que acolhe a humanidade em sua totalidade, compreendendo o preconceito, as injustiças sociais, as desigualdades e explorações como questões que interferem diretamente no ato educativo, e que devem ser consideradas dentro de tal. Não nos basta falar de conceitos e questões de forma distanciada, é necessário enxergar a complexidade destas opressões na realidade concreta dos alunos e construir um conhecimento que permita a transformação desse contexto.

Quando me assumo como uma educadora esperançosa, encontro na obra de Freire a necessidade de assumir a interdisciplinaridade em minhas ações. Supero com isso a concepção mecanicista da interdisciplinaridade, que propõe um simples diálogo entre áreas do conhecimento e incluo na construção do saber os elementos culturais, populares, tradicionais e sociais. Trago para minhas aulas o debate interdisciplinar com as áreas de conhecimento pois o construo na totalidade do saber e acima de tudo, insiro o mundo e os tensionamentos existentes na política, economia e história como uma possibilidade de construção de um conhecimento interdisciplinar que inclua no aprendizado a existência do sujeito e as possibilidades de transformação desta. Busco construir junto aos alunos, um conhecimento que permita o entendimento e compreensão do mundo que permita a percepção da importância de se lutar de forma coletiva contra as formas de violência que a cada dia negam aos pobres, negros, mulheres, trabalhadores, entre outros, a possibilidade de serem sujeitos das suas histórias.

A esperança me move a transformar minha ação docente e vejo nela a possibilidade de transformar a educação. Em tempos onde as carreiras docentes recebem açoites de humilhação salarial, moral e ética, ser docente é levantar uma bandeira esperançosa de transformação da educação. É compreender a contradição presente na sociedade e também na escola e fazer da prática cotidiana uma forma de germinar a transformação.

25 de dezembro
Cristiene Adriana da Silva Carvalho

Dia 25 de Dezembro comemoramos o nascimento de Jesus no Calendário Cristão. Refletindo sobre o significado de tal data em minha atuação como educadora me inspiro a construir ações que transformem o mundo em um lugar mais justo. Sonho com a concretização de minha prática docente em torno da intencionalidade da luta contra as opressões. Me questiono, nessa data cíclica, se o meu trabalho docente tem permitido a construção de um mundo melhor através de ações que gerem o renascimento da esperança de meus alunos, ou se do contrário tenho representado um conhecimento hegemônico e excludente que distancia o sonho dos alunos por uma vida melhor.

Ao final de mais um ano escolar são feitas avaliações sobre o processo de ensino e aprendizagem. Ao olhar para os números de alunos reprovados, em recuperação ou evadidos, muitas vezes colocamos o peso do processo de aprendizagem totalmente nas costas dos alunos. *"Eles não aprenderam! Eles não conseguiram! Eles não passaram! Eles têm dificuldades! Eles evadiram! Eles não se interessam! "* Na pressa de diagnosticarmos um culpado para um fato que engloba uma totalidade de fatores, culpabilizamos no aluno, a parte mais frágil dessa cadeia complexa e repetimos um ciclo de educação excludente. A reprovação, a desistência ou o desinteresse do professor com determinado perfil de aluno é o assassino da possibilidade de esperança de transformação daquela vida.

No início de minha trajetória como docente ficava incomodada com a postura de culpabilização dos alunos escutada na sala dos professores. Há poucos anos eu havia saído do ensino médio na mesma instituição e me perguntava quantas vezes minha vida e meu desempenho já haviam sido desacreditados antes que eu pudesse sonhar em fazer diferente. Esse ciclo vicioso de descartar a possibilidade de aprendizado dos alunos, em sua maioria pobres, negros e que traziam um contexto social marcado pela violência, me incomodava. Tal mal-estar que eu sentia na pele me mostrava o quanto era necessário assumir também as minhas dificuldades como professora, aprender a ensinar e a enxergar a multiplicidade de fatores presentes no contexto educativo.

A constatação do meu inacabamento na docência veio através do contato com a obra de Paulo Freire. A partir de então comecei a pensar em minha ação docente como uma possibilidade de movimento permanente. Só estando em movimento eu poderia enxergar os alunos de uma sociedade em movimento e também os colocar em movimento para superar com esperança as opressões sociais e históricas vivenciadas.

Ao falar sobre Educação e esperança na obra "Pedagogia da Indignação", Paulo Freire nos chama a atenção para pensarmos em uma esperança que supere a simples adjetivação e esteja imbricada na prática. Essa esperança nasce para Freire na consciência do ser inacabado passível de mudança.

> A matriz da esperança é a mesma da educabilidade do ser humano: o inacabamento de seu ser de que se tornou consciente. Seria uma agressiva contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse num permanente processo de esperançosa busca. (FREIRE, 2000, p. 114).

Considerando a esperança a partir do nascimento/renascimento de Cristo podemos perceber que o inacabamento é o caminho para compreendermos que a mudança que queremos no mundo começa em um exame crítico de nossas atitudes. Na docência a cada ano, a cada bimestre,

a cada aula podemos exercitar essa esperança e também a despertar em nossos alunos e colegas de profissão.

O final do ano letivo escolar é, na matriz da desesperança, a época para reificar os fracassos dos oprimidos. Tal ciclo vicioso sempre me indignou de maneira intensa. De um lado via professores dizendo que alguns alunos não tinham jeito para o estudo e estavam ali perdendo tempo. Esses veredictos me traziam de volta a memória minha experiência como aluna. Quando fui decretada como incapaz de raciocinar por uma professora de matemática levei anos para compreender que haviam muitas formas de organização do raciocínio lógico... E mesmo assim só o fiz pois dispus de condições familiares e de incentivo de outros docentes para voltar a acreditar na possibilidade de meu aprendizado. Como professora, me comovia com os alunos com lágrimas nos olhos me informando que aquele era o fim de linha para sua etapa de escolarização. Diziam que não insistiriam mais com aquilo e o meu trabalho se dava no sentido de provocá-los a pensar que poderiam modificar aquela situação ao qual se encontravam. Para isso seria preciso maior dedicação e também reflexão a respeito do contexto amplo ao qual sua escolarização fazia parte, constatando-se as opressões e desigualdades históricas e sociais ali presentes e também as possibilidades de as superar. Era necessário conhecer sua situação de oprimidos e buscar a concretização do inédito viável para a transformação desse lugar. Nesses momentos sentia que conseguia mostrar aos alunos que eles estavam em processo de inacabamento e poderiam seguir aprendendo. Em alguns casos conseguia ver o renascimento dos sonhos desses sujeitos a partir da tessitura do fio de esperança por uma realidade melhor. Percebia que ali, meu papel de educadora se desenvolvia em uma perspectiva transformadora e esperançosa, e pensava que se o nascimento de Jesus era comemorado com a troca de presentes entre aqueles que têm afinidade, aquele era o maior presente que eu como educadora poderia receber...

Nas avaliações, nas reuniões, nas etapas de planejamento muitas vezes nos perguntamos o que nos move a ano após ano para começar tudo novamente.... Eis que estando diante de meus alunos nas avaliações coletivas de fim de ano consigo ver o germinar da esperança em suas vidas e percebo a transformação como prática palpável diante de minha realidade. Tal constatação me mostra os brotos de sementes de esperança nas ações educativas e me permite perceber que é aí que podemos sonhar com a possibilidade de transformação da Educação e por consequência, transformação do mundo. Em nossas práticas docentes, nas práticas de nossos alunos e nas práticas de cada cidadão. Aí está a concretude da esperança traduzida em forma de luta por um mundo mais justo!

26 de dezembro
Lais Vasconcelos Santos

> "Ao repensar nos dados concretos da realidade, sendo vivida, o pensamento profético, que é também utópico, implica a denúncia de como estamos vivendo e o anúncio de como poderíamos viver." (FREIRE, 2000, p.118).

Diante convite para nos aproximarmos e passearmos por obras do Paulo Freire. Chegamos aos 26 de dezembro, o 360º dia inspirados por seus escritos, legados, pensamentos.... Somando a essas paisagens, vamos nesta data realizar um exercício que Freire nos instiga: *a problematização.* E partindo desta prática, buscaremos a percepção de que um *pensador profético* nos

conduziu em reflexões sobre as realidades do viver e pudéssemos enxergar que "a natureza humana se constitui social e historicamente" (FREIRE, 2000, p.118).

Primeiramente, licença a este grande mestre preciso pedir, pois, ao realizar a leitura e apropriação de suas sábias palavras, não poderia deixar de tentar tecer uma escrita, sem a realização do *problematizar*. Uma vez que ao me deparar com achados emergidos pela tradução dos significados surgidos ao ler seu trabalho, a necessidade de questionar e pensar o quanto seu pensamento é atual para a sociedade que vivemos toma conta das minhas (in)conclusões. Assim, ao encontrar com um *pensamento profético*, percebo que essa definição vai além e nos apresenta um *pensador profético.*

Neste sentindo, conhecemos um profeta, que ao pensar o amanhã, não precisa de um cajado na mão ou mesmo discurse palavras atípicas. Longe disso, o *pensador profético* está imerso no meio que vive, usa palavras compreensíveis e busca o entendimento apoiado na analise do mundo à altura de seu tempo e dos saberes das pessoas comuns, usa a intuição percebendo o "que pode ocorrer nesta ou naquela dimensão da experiência histórico-social" (FREIRE, 2000, p.117).

Então, ao perceber uma analogia de Paulo Freire com o *pensador profético,* situamos a produção de pensamentos que este grande autor problematizou: o contexto histórico-social de sua época e da atualidade, proporcionando hoje a reflexão dos distintos cenários que os sujeitos estão vivendo e que poderão viver. Consequentemente, nosso pensador refere à realização da profecia emergida pela denúncia do vivido e o anúncio do que poderá vir. Neste ultimo, com tons de esperança da transformação de um mundo melhor – a utopia e o sonho.

Portanto, *o ser humano* pode ser localizado no *pensamento profético* como um "ser de intervenção", ou seja, Freire apontou em sua mensagem que somos capazes de questionar nossa realidade e sinalizar possíveis respostas, bem como, nos incluindo na experiência do inacabado que buscamos intervir no mundo, pois, "Só o ser inacabado, mas que chega a saber-se inacabado, faz a história em que socialmente se faz e se refaz" (FREIRE, 2000, p.19).

Por esse motivo, ao buscar aproximação com o *pensador profético* somos trazidos para um espaço de construção e reconstrução de um mundo que vivemos para um mundo em que acreditamos, pois nossas "inconclusões" nos movem na procura da realização dos pensamentos e ideais que acreditamos. Em tal caso, somar ações com as pessoas que são tidas como utópicas e romper os cenários materializados dos que dizem estar com a razão nas respostas concretas, pode criar novas possibilidades de intervenções com profecias que renovam as esperanças das paisagens vivenciadas.

27 de dezembro
Felipe Costa Aguiar

Tempo, tempo, tempo, tempo... A educação denunciando o mundo contemporâneo

Em "A Pedagogia da Indignação" Paulo Freire (2000) trouxe em seu anúncio a denúncia das usuras do horizonte de compreensão do mundo, histórico e social, que se abria para sua existência. Utopias se mostraram muito mais do que sonhos, revelaram-se modos de denunciar o tempo que se realiza cotidianamente. Utopias mostram um desejo para o futuro, mas sempre a partir do presente experienciado pelo ser-histórico existente, aí está o seu caráter de denúncia.

Desejando não o futuro, mas algo melhor para esse tempo esperado denuncia-se o presente e as angústias do tempo vivido cotidianamente. Freire coloca seu pensamento humanístico e libertário no lugar de denúncia, mas também abre espaço para o anúncio de um mundo melhor. Denunciando o presente anuncia-se o futuro. A educação, assim, é muito mais do que um conjunto de proposições pedagógicas, até porque a educação está além dos muros da escola e, portanto, possui diferentes espaços-tempos.

Pensando a educação do nosso mundo contemporâneo pensamos a angústia de existir em nosso tempo e de viver os espaços que temos criado social e historicamente. Nossos espaços-tempos são diferentes dos que Paulo Freire (2000) vivia quando escrevia a "Pedagogia da Indignação" e se indignava em sua prática educativa. Porém, as denúncias que o autor fez em suas visões utópicas e os anúncios que sua teoria trouxe fazem-se presentes na educação contemporânea.

Se em "A Pedagogia da Indignação" Paulo Freire (2000) demonstra sua total indignação sobre as diferentes formas de opressão social e denuncia o racismo, o machismo, o preconceito religioso e a diferença de classes hoje o que precisamos é retomar esse trabalho e reforçar suas denúncias através de nossa prática, pois, o que é que caracteriza o mundo contemporâneo senão essas formas de opressão?

Presidentes intolerantes eleitos por discursos de ódio tomaram espaço em vários países, incluindo o Brasil. O Queer Museu sofre represália depois de uma performance artística, artistas de novelas são atacados após representarem personagens gays, artistas negras sofrem racismo em sua própria rede social e, como se não bastasse, a filósofa Judith Butler, referência mundial nas teorias de gênero, é totalmente violentada verbalmente e simbolicamente ao chegar ao Brasil. O que são esses acontecimentos senão a reconstrução dos espaços de opressão que Freire denunciou em toda sua obra?

O desafio da educação contemporânea não se resume à denúncia das formas de opressão, mas também ao anúncio de um mundo mais justo e igualitário. Porém, é impossível lutar por um mundo com possibilidades iguais para homens e mulheres, brancos e negros, trans ou cis senão compreendermos a necessidade da escola sair de seus muros e do mundo, histórico e social em que estamos co-existindo, arrombar as portas da escola.

Isso, pois a educação não se constrói apenas na escola. A cidade é educadora, à medida que cria espaços específicos para homens e mulheres. A cidade educa o corpo feminino, de modo machista e misógino, quando o ensina quais ruas ele pode ou não frequentar e com qual roupa pode se cobrir ou não. A televisão educa pelos espaços que reserva para a fantasia e imaginação. As religiões educam através de sua própria palavra, livro sagrado e modo de ser-no-mundo.

A educação então, é fundamental para a existência, para o desenvolvimento humano e para a perpetuação ou evolução da cultura. Desse modo, é impossível pedir pela renovação dos espaços-tempos através da educação escolar senão temos o mesmo esforço com outros espaços de formação humana. Sem a educação a humanidade não conseguiria prolongar sua história até a contemporaneidade e, portanto, é apenas por uma mudança através da educação que o ser-histórico-social de nossa sociedade poderá mudar suas relações e reconstruir novas formas de vida e co-existência.

Assim, é necessário educar a cidade, para que ela eduque seus cidadãos, ou seja, é preciso que a distribuição desigual do espaço urbano seja combatida para que haja a igualdade de acesso

à cidade. É fundamental combater os espaços de opressão que o machismo constrói para a mulher moderna, pois sem espaço para a co-existência honesta e saudável entre homens e mulheres o estupro, o feminicídio e as diversas formas de machismo continuarão a matar as mulheres. Não há possibilidade de lutar contra os modos tóxicos de existir-com-os-outros se continuarmos a tolerar o racismo e as opressões raciais e religiosas.

Por fim, não há como sonhar com um mundo melhor se não denunciarmos os modos de existir-no-mundo que tem prejudicado a existência em nosso mundo histórico e social. É preciso denunciar o que nos mata em nosso tempo, sonhar com o que nos abrirá espaço para a vida justa e lutar, através de nossas práticas educativas formais e informais para que os espaços de denúncia existam e que os tempos de utopia também.

28 de dezembro
Gabriely Lopes de Oliveira

Neste trecho Paulo Freire nos mostra uma reflexão sobre como a negação dos sonhos nos leva a uma perca da esperança, ferindo a própria natureza humana. Ele nos diz que esse fato é um "prolongamento consequente da morte da história", e que o presente do neoliberalismo é um futuro ao qual teremos que nos adaptar. Freire nos põe também a par de uma triste fatalidade, de que nenhuma realidade é da maneira que é, por ter que ser dessa forma. Ele nos mostra que não basta reconhecer que nosso sistema atual não inclui a todos, é preciso lutar contra esse sistema, que a educação tem como papel denunciar a realidade ruim e anunciar o prenúncio de uma realidade melhor, que é possível fazê-la mais humana. Cabe à educação treinar os educandos e nada mais. É isso que o pragmatismo neoliberal prega, que a pedagogia crítica acabou, que só resta o ensino técnico e a educação reduzida.

Freire nos apresenta que a prática educativa que desafia a curiosidade crítica e nos leva no papel de sujeito do conhecimento, é a prática que nos vem sendo exigida pelos avanços que caracterizam nosso tempo. Mas despolitizando a educação, a ideologia neoliberal gera a uma educação que contradiz uma das exigências principais do avanço da tecnologia, que é a de como preparar pessoas capazes de responder desafios inesperados e diversificados de forma eficiente. A educação estritamente técnica treina o sujeito a um comportamento de repetição de atos.

Por fim, Paulo Freire nos apresenta que na verdade precisamos de uma educação que nos leve a responder aos desafios tecnológicos, tendo como base um saber que não é indiferente à ética ou à política, um saber que não estranha perguntas. O saber que precisamos é aquele que nos leva além do que é esperado, que leve o sujeito a ter criticidade com o mundo, que traga desafios, curiosidade, um saber que nos torne humanos. Freire conclui então dizendo, "Eficácia técnica, ineficácia cidadã. Eficácia técnica e ineficácia cidadã a serviço da minoria dominante".

29 de dezembro
Marcia Maria Rosa

> Não existe tal coisa como um processo de educação neutra. Educação ou funciona como um instrumento que é para facilitar a integração das gerações na lógica do atual sistema e trazer conformidade com ele, ou ela se torna a prática da liberdade, o meio pelo qual homens e mulheres lidam de forma crítica com a realidade e descobrem como participar na transformação do mundo. (FREIRE, 2000, p.15)

Com esse chamado à reflexão começo meu diálogo com Freire rememorando aprendizagens, encontros com autores e as escolhas vividas como educadora. Não, não existe neutralidade na educação. Digo isso pela complexidade que habita os espaços educativos, a condição humana e sua competência criadora. Todo processo educativo é um processo político, histórico, cultural e ideológico porque está marcado pela intencionalidade formalizada do ensino ou informalizada na história de vida de pessoas em diferentes épocas e lugares.

Charlot (1971) reitera essa afirmação ao destacar o lugar político da educação marcado pela presença de quatro cenários descritos como sentidos. Estes descrevem a educação como espaço e tempo de transmissão dos modelos sociais, formação da personalidade, difusão de ideias políticas e reconhecimento da escola enquanto lugar reconhecido socialmente como espaço educativo. Portanto, é inegável a condição política da educação e sua importância na promoção da democracia e da transformação social.

Somos homens e mulheres feitos de muitas histórias, sonhos, princípios e transgressões, logo, "não é possível estar no mundo, com o mundo e com os outros, indiferentes a uma certa compreensão de por que fazemos o que fazemos, de a favor de que e de quem fazemos, de contra que e contra quem fazemos o que fazemos" (FREIRE, 2015, p.145). Compreender o lugar que ocupamos no diálogo consigo, com o outros, com espaços e tempos é assumir a história como possibilidade, reconhecendo na problemática cotidiana um cenário que clama pela atuação consciente e pelo exercício da cidadania.

Freire (2015) descreve com precisão as competências do sujeito fundamentais à promoção da democracia sob a ótica da história como possibilidade, destacando a consciência no processo de conhecer e intervir na sociedade como um ato inteligente de atuação e existência no mundo. Advoga-se, portanto, em favor da equidade, da responsabilidade e da criticidade, pois não há espaço a uma história de determinismos. Aos homens e às mulheres de todos os tempos é dada a condição de luta, de enfrentamentos, de sonhos e de utopias.

São destes tempos e lugares, ora sonhos, ora possibilidades que se faz vida, sociedade, história, cultura e educação. A escola é um lugar privilegiado que deve abrir caminho para o reconhecimento da história como possibilidade, haja vista sua responsabilidade em [...] discutir esperançadamente a razão se ser das coisas[...] (Freire, 2015, p.148). Reitera-se, portanto, o lugar político da educação que exige fidelidade aos princípios fundamentais da ética, da equidade e da verdade, em uma luta que não cessa e toma a palavra como força que denuncia e anuncia.

A história como possibilidade nos desafia a pensar politicamente e nos desafia a uma análise ideológica. Que lugar é esse que assumimos como homens e mulheres deste tempo?

Ladislau Dowbor (2001) partilha em sua obra uma carta encontrada em um campo de concentração nazista, pós-guerra mundial, que fora dedicada aos professores, ao que me arrisco afirmar, dirigida aos homens e mulheres de todos os tempos.

> [...]. Sou sobrevivente de um campo de concentração.
> Meus olhos viram o que nenhum homem deveria ver.

Câmaras de gás construídas por engenheiros formados.
Crianças envenenadas por médicos diplomados. [...]
Assim, tenho minhas suspeitas sobre a Educação.
Meu pedido é: ajude seus alunos a tornarem-se humanos. [...]
Ler, escrever e aritmética só são importantes
Para fazer nossas crianças mais humanas
(DOWBOR, 2001, p. 03 – grifo próprio)

Ocupemo-nos, portanto, da história como possibilidade e da educação com responsabilidade. Que as experiências da escola nos tornem seres de opção, decisão e intervenção no mundo como convoca Freire e assim, não nos esqueçamos "[...] em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora, que em lugar desta viagem constante ao amanhã, se atrelem a um passado de exploração e de rotina. (FREIRE apud BRANDÃO, 1982, p. 101).

Ademais, que as visitas feitas ao amanhã, ao futuro, sejam chama de esperança acessas no reconhecimento de um passado que nos aprisiona na lógica do capitalismo e nos rouba o tempo e o nome. Somos para "hoje" o poder da compra, da negociação e da produtividade, a palavra perde sentido, sonhos e utopias são reflexões de uma atuação romântica, frágil e sem objetividade.

30 de dezembro
Marcia Maria Rosa

A ética de mercado planta as dúvidas sobre o valor da ética universal e nos oferece o determinismo como condição e continuidade. Chego a ouvir em uníssono os discursos da renúncia nos dada pela ingenuidade dos pais e de tantos professores: "Se não estudar, não será ninguém na vida", "Mais importante é trabalhar, estudar é para poucos". Trato-os como renuncia porque cotidianamente latejam em memória na tentativa de nos privar do "Direito de ir e vir, do direito de comer, de vestir, de dizer a palavra [...] estudar, de trabalhar. Do direito de crer e de não crer [...]" (FREIRE, 2015, p.151).

Perseveram políticas e ideologias que mantêm a dicotomia como condição dada à sociedade, impondo o lugar do poder versus a fragilidade, da economia rentável e forte em detrimento de uma economia fraca e sem lucratividade. Há um mecanicismo, que nega o idealismo e a solidariedade como exercício de vida e de desenvolvimento, mantendo-nos num estado de privação e "salve-se quem puder".

Freire nos convoca a uma atuação que reconheça as opressões históricas, os oprimidos e violados, e o nosso lugar neste processo. Ecoa a indagação: O que fazemos e por que fazemos? Contudo:

> Ninguém pode ser, autenticamente, proibindo que os outros sejam. Esta é uma exigência radical. O ser mais que se busque no individualismo conduz ao ter mais egoísta, forma de ser menos. De desumanização. Não que não seja fundamental – repitamos – ter para ser. Precisamente porque é, não pode o ter de alguns converter-se na obstaculização ao ter dos demais, robustecendo o poder dos primeiros, com o qual esmagam os segundos, na sua escassez de poder. (FREIRE, 2000, p. 75)

A equidade é o contraponto à miséria humana como fatalidade e o reconhecimento da histórica sob a ótica da oportunidade e da responsabilidade, onde o gosto pela vida seja a reinvenção de si mesmo. E por fim, como sabiamente nos ensina Boaventura Sousa Santos (2004),

temos o direito à igualdade quando a diferença nos inferioriza, mas também temos o direito de sermos diferentes quando essa igualdade dos descaracteriza. "Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades" (SOUSA SANTOS apud PIOVESAN, 2004, p. 336).

Portanto, ser e estar no mundo é um compromisso com a liberdade, com o direito, com a responsabilidade e com as possibilidades, reconhecendo nas decisões e contextos históricos e culturais os lugares possíveis da nossa existência e essência. Aos homens e mulheres de qualquer tempo, o desejo que suas relações e vivências sejam permeadas pelo mais humano do humano (grifo nosso), pela dimensão ética, pelo respeito ao outro, pela solidariedade como compromisso coletivo e pela transformação social e cultural. Para que não nos esqueçamos deste lugar que ocupamos no mundo, seguimos a travessia da vida a luz de Guimarães Rosa (2000, p.85) " O real não está no início, nem no fim, ele se mostra pra gente é no meio da travessia".

31 de dezembro
Elisane Carla Steilmann

Tanto tem se falado na questão da violência, das injustiças sociais. Tem se criado Leis que tratam desse assunto, que impõe regras a sociedade. Que buscam proteger as pessoas e os seus direitos. Mas, parece-me que falta algo, pois continuamos ouvindo, e por vezes, vivendo situações injustas. Situações de violência. Violência física, moral, social... E nós, o que estamos fazendo para mudar essa situação? Estamos agindo de alguma maneira? Buscamos por mudanças ou apenas esperamos que elas aconteçam!

Paulo Freire, em seus textos, nos leva a refletir sobre nossa maneira de ser, pensar e agir. Afinal, se queremos um mundo melhor para vivermos, obviamente, precisamos promover ações para tornar possível que isso aconteça. "A melhor maneira de falar pela paz é fazer a justiça" (FREIRE, p. 152). Essa é a premissa da justiça e da igualdade. Não há como querer paz se não buscarmos por ela. E não há melhor maneira de viver em paz, de ter paz entre os povos, se não querendo e buscando por justiça. Se formos justos em nossos atos, em nosso dia-a-dia, teremos como retorno justiça, e consequentemente, paz.

Ao falar da utopia, dos sonhos que temos e que devemos ter, Paulo realça em nós o fato de que precisamos querer e seguir sempre querendo justiça. "A nossa utopia, a nossa sã insanidade é a criação de um mundo em que o poder se assente de tal maneira na ética que, sem ela, se esfacele e não sobreviva" (FREIRE, p. 152). Precisamos lutar e nos impor contra toda forma de poder imposto, opressor. Precisamos querer que o poder seja pautado nos valores éticos e morais.

Tudo que queremos é um mundo justo e igualitário, ético. Precisamos seguir sonhando, mas temos que ir além do sonho. Não podemos aceitar as coisas como elas são. Se existem momentos difíceis, crises, precisamos seguir firmes na busca de nossos ideais e não nos deixarmos influenciar pela situação, por hora pelos benefícios que podem nos ser dados ou por medo de represálias que podemos vir a sofrer. Devemos evitar ao máximo todo tipo de corrupção. E impedir, denunciar, todo ato corrupto que presenciarmos. Ao tempo em que cada um faz a sua parte como pessoas que acreditam que pode haver um mundo mais igual e melhor de se viver, fica mais próximo de tornar-se real o nosso sonho.

"Por isso, aceitar o sonho do mundo e a ele aderir é aceitar entrar no processo de criá-lo. Processo de luta profundamente ancorado na ética. De luta contra qualquer tipo de violência. [...] de violência contra os fracos, os indefesos, contra as minorias ofendidas. De violência contra os discriminados não importa a razão da discriminação. De luta contra a impunidade que estimula no momento entre nós o crime, o abuso, o desrespeito à vida (FREIRE, p. 155)". A humanidade precisa encarecidamente lutar, seguir lutando e nunca, jamais, desanimar, por pensar que estejam a fracassar.

É possível sim termos um mundo melhor para viver. Um mundo mais ético. Onde os direitos sejam respeitados e que também as pessoas tenham deveres, que prefiro chamar de obrigações: obrigação de cuidar do próximo, de respeitá-lo em suas diferenças. De querer-lhe bem e desejar-lhe o bem. Obrigação também de cuidar e preservar ética e moralmente a sociedade.

Somos todos construtores dessa obra fantástica que é o mundo em que vivemos. Assim, penso e acredito ser nossa responsabilidade lutar pela dignidade da vida humana. Pela paz universal. Pelos direitos de todos indiscriminadamente. Lutar contra a violência, em todas as suas formas. Violência que fere a alma das pessoas, tirando-lhes a paixão pela vida e a esperança de dias melhores.

Ao falar da questão da violência, refiro-me em especial aos mais fragilizados, as crianças ainda indefesas, aos adolescentes que sonham e desejam dias melhores. Aos idosos, que por vezes já cansados de lutar, não são mais ouvidos, nem respeitados, encontram-se desanimados e sem esperança.

Faço um adendo aqui para falar da violência e da discriminação social, das classes sociais. Da opressão dos poderosos sobre os mais fracos. Os trabalhadores incansáveis que lutam todos os dias para serem e continuarem sendo honestos, dignos de respeito. Aqueles que se preocupam com os princípios éticos e morais. Que muitas vezes, sentem-se envergonhados de vivenciarem situações abusivas de poder e imorais. Sentem-se desesperançados ao verem tanta corrupção por parte daqueles que nos representam.

Esforço-me para ser e continuar sendo sonhadora. Na continua espera de dias melhores, dias em que tenhamos e ouçamos apenas boas notícias. Em que a paz e a justiça estejam presentes nos atos de todos.

SÍNTESE DO MÊS

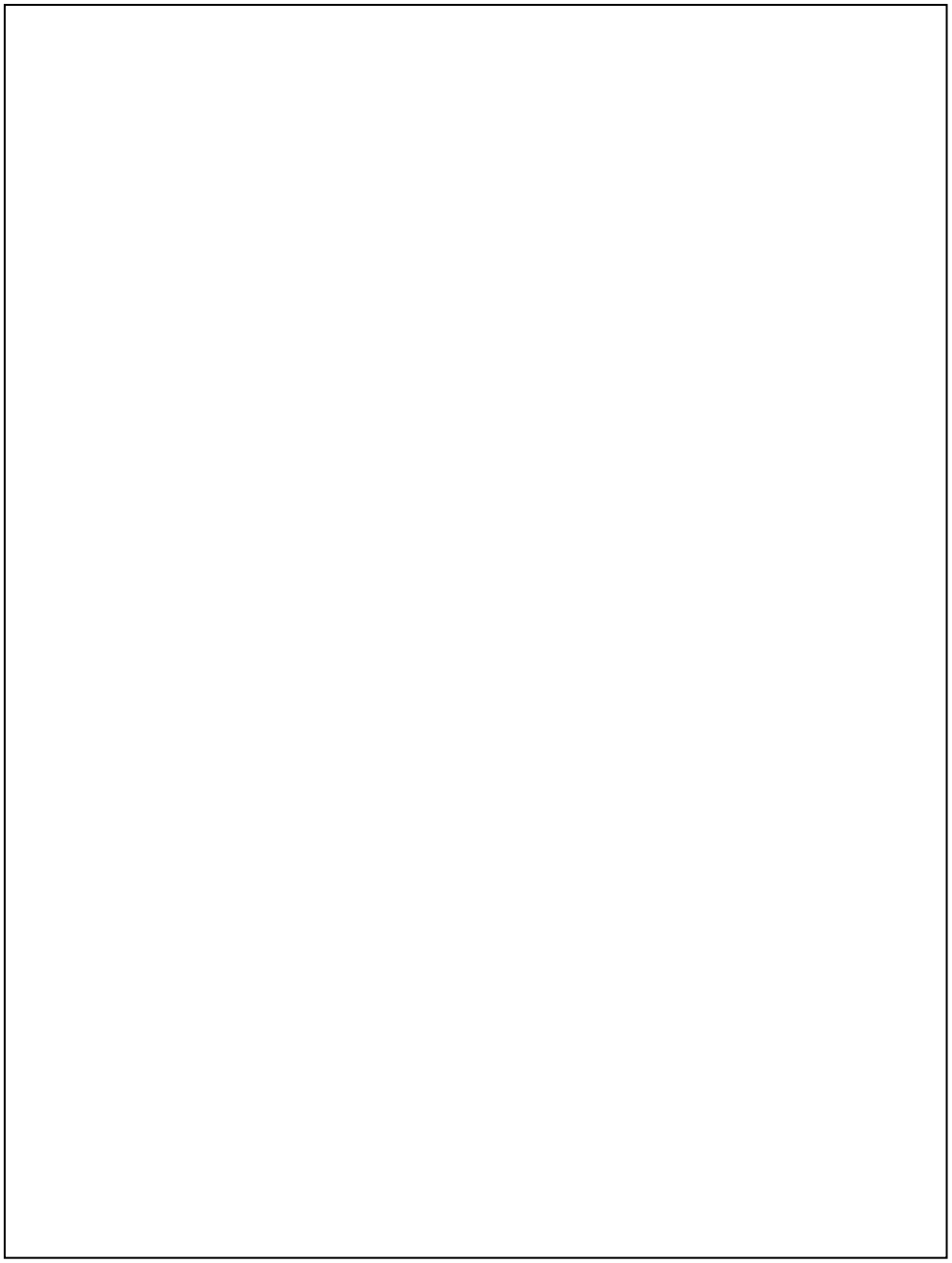
UMA PALAVRA

UMA FRASE

UM PARÁGRAFO

IMAGEM PEDAGÓGICA

(Desenhe uma imagem que simbolize as aprendizagens acumuladas das leituras deste mês para você dialogar com seus companheiros/as de caminhada).



AUTORAS
E
AUTORES

Ivanio Dickmann
Historiador. Mestre em Serviço Social pela PUC-SP. Pós-graduado em Gestão de Políticas Públicas e Projetos Sociais. Possui Certificação Internacional em Gestão de Projetos. Editor Chefe da Editora Diálogo Freiriano. Assessor e Mentor de Organizações Não-Governamentais. Estudioso de Paulo Freire e da Educação Popular, bem como da Economia Solidária, Cooperativismo e Negócios Sociais.

Ivo Dickmann
Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação-Unochapecó. Pós-doutor em Educação. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Bacharel em Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia Berthier. Principal foco de atuação e pesquisa: Educação (perspectiva crítica e libertadora), Educação Ambiental (formação de educadores ambientais, ambientalização curricular, educação ambiental freiriana escolar e Pedagogia do Meio Ambiente Oprimido), Educação Popular (metodologia e epistemologia de Paulo Freire) e Universidades Comunitárias. Líder do Palavração - Grupo de Pesquisa em Educação. Entre as principais obras publicadas estão artigos em revistas científicas e os livros: Primeiras Palavras em Paulo Freire (2008; 2016; 2019), Pedagogia da Memória (2017), Dinâmicas Pedagógicas (2017), Educação Ambiental na América Latina (2018). Editor-chefe da Revista Pedagógica.

Angela Maria Biz Rosa Antunes
Doutora e mestre em Educação pela Faculdade de Educação da USP (FEUSP-2002 e 1997). Pesquisa sobre gestão democrática da escola pública e sobre pedagogia da sustentabilidade, além de professora e assessora educacional. Licenciada em Letras (1982), Pedagoga (1985). Participou como colaboradora dos livros Paulo Freire: uma biobibliografia (Cortez, 1996), Educação de Jovens e Adultos: a experiência do MOVA-SP (MEC/IPF, 1996) e Autonomia da Escola? Princípios e Propostas (Cortez/IPF, 1997). É autora do livro Aceita um conselho: como organizar os colegiados escolares (Editora Cortez, 2002). Foi professora efetiva da rede estadual e municipal de ensino de São Paulo, bem como da rede privada por mais de dez anos, tendo atuado no ensino fundamental, médio e cursos de suplência. Atualmente, é diretora Pedagógica do Instituto Paulo Freire.

Carlos Rodrigues Brandão
Licenciado em psicologia e Psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1965); mestre em antropologia pela Universidade de Brasília (1974). Doutor em ciências sociais pela Universidade de São Paulo (1980); livre docente em antropologia do simbolismo pela Universidade Estadual de Campinas. Realizou pós-doutorado na Universidade de Perugia e na Universidade de Santiago de Compostela. É fellow do St. Edmunds College da Universidade de Cambridge. Atualmente é professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), professor colaborador do POSGEO da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e professor visitante da Universidade Estadual de Goiás. Possui experiência na área de antropologia, com ênfase em antropologia camponesa, an-

tropologia da religião, cultura popular, etnia e educação, com foco na educação popular. É Comendador do Mérito Científico pelo Ministério de Ciência e Tecnologia, doutor honoris causa pela Universidade Federal de Goiás, doutor honoris causa pela Universidad Nacional de Lujan (Argentina), professor emérito da Universidade Federal de Uberlândia, e professor emérito da Universidade Estadual de Campinas. Escreveu artigos e livros nas áreas de antropologia, educação e literatura. Para dados sobre livros e artigos, consultar LIVRO LIVRE, em www.sitiodarosa-dosventos.com.br; www.folhasaovento-poesia.blogspot.com; www.apartilhadavida.blogspot.com

Jaime José Zitkoski

Possui Graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Imaculada Conceição - FAFIMC (1988). É Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS (1992) e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (1999). É professor Associado III com dedicação exclusiva na UFRGS, atuando junto ao Departamento de Estudos Básicos na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul nos cursos de Licenciaturas na área de Filosofia da Educação. Atua também no Pós-graduação em Educação (Orientando Mestrado e Doutorado) com ênfase em Educação Popular e Estudos Sobre Universidade, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Popular, Paulo Freire e os desafios da Universidade na perspectiva da Emancipação Social e Bem Viver na América Latina. Coordena a área de Filosofia da Educação na FACED/UFRGS. Concluiu em 2011 o Estágio de Pós-goutorado no PPFH da UERJ sob orientação do Prof. Dr. Pablo Gentili. E, atualmente vem orientando pesquisas a nível de Pós-Doutoramento relacionado ao Grupo de Pesquisa GEU/IPesq, do qual é vice coordenador.

José Eustáquio Romão

Graduado em História, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1970) e Doutorado em Educação (1996), pela Universidade de São Paulo. Atualmente, é Diretor e Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (Doutorado e Mestrado), na Universidade Nove de Julho (Uninove), São Paulo, onde coordena o Grupo de Pesquisas Freirianas em Educação (GRUPE-FREI). É professor visitante da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Ulht), de Lisboa, Portugal. Foi professor visitante da Universidade de la República de Uruguai, da Universidad del Cauca, da Colômbia, e da Universidade Califórnia de Los Angeles (UCLA). Coordenador e professor dos programas de mestrado (Educação, Letras e Psicologia) do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (1999-2006). Diretor fundador do Instituto Paulo Freire, onde coordena a Cátedra do Oprimido. Coordenou, nacionalmente, os seguintes projetos de pesquisa internacionais: 1. Educating the Global Citizen: Globalization, Educational Reform and the Politics of Equity and Inclusion, que analisa os impactos dos fenômenos da globalização e do neoliberalismo no cotidiano escolar; 2. Supporting International Networking and Cooperation in Educational Research (SINCERe), que tinha por objetivo mapear e confrontar as pesquisas educacionais com a formulação das políticas nacionais para o setor e 3. Rede Ibero-americana de Investigação de Políticas Educativas I (Riaipe I), no âmbito do Programa Iberoamericano de Ciencia y Tecnología para el Desarrollo (Cyted) e Rede Ibero-americana de Investigação em Políticas Educativas (Riaipe III), financiado pela Comissão Europeia. Coordenou a parte estrangeira do Projeto Editorial "Educadores", desenvolvido pelo Ministério da Educação, UNESCO e Fundação

Joaquim Nabuco, com a publicação de 30 (trinta) biografias de educadores estrangeiros, distribuída para todas as redes escolares de Educação Básica do País. Tem vasta experiência na área de administração escolar: Secretário da Educação de Juiz de Fora (1983-1988) e Secretário de Governo (1997-2000) desta mesma cidade. Foi Pró-Reitor de Ensino e Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora (1994-1997); Coordenador Local das Licenciaturas em Tefé, Amazonas (1970 e 1980). Desenvolve estudos sobre o pensamento de Paulo Freire, especialmente sobre a Teoria da Civilização do Oprimido. Neste trabalho, conta com mais de uma centena de pesquisadores colaboradores, espalhados pelo Brasil e fora dele. É autor de vários livros, dentre os quais se destacam: Poder local e educação (1992), Avaliação dialógica (1998); Dialética da diferença (2000); Pedagogia dialógica (2002) e Sistemas Municipais de Educação: A Lei de Diretrizes e Bases e a Educação no Município (2010). É autor de cerca de duas dezenas de capítulos de livros e mais de 50 artigos publicados em periódicos científicos nacionais e estrangeiros.

Moacir Gadotti
Possui graduação em Pedagogia (1967) e Filosofia (1971) pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, mestrado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1973) e doutorado em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra (1977). É doutor honoris causa pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2000). É professor titular aposentado da Universidade de São Paulo e Presidente de Honra do Instituto Paulo Freire. Tem vasta experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, Paulo Freire, filosofia da educação, educação de jovens e adultos e educação para a sustentabilidade. Possui numerosos livros publicados no Brasil e no exterior, entre os quais destacam-se: Pedagogia da Terra (2001), Educar para a sustentabilidade (2008), Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido (2002), Os mestres de Rousseau (2004), Paulo Freire: uma biobibliografia (1996), Pedagogia da Práxis (1995), História da Ideias Pedagógicas (1993), Escola Cidadã (1992), Pensamento pedagógico brasileiro (1987), Concepção dialética da educação (1983) e A Educação contra a educação (1981).

Adecir Pozzer
Doutorando e Mestre em Educação pela UFSC. Graduação em Ciências da Religião pela FURB. Membro dos Grupos de Pesquisa Ethos, Alteridade e Desenvolvimento (GPEAD/FURB) e Hermenêuticas da Cultura, Mundo e Educação (UFSC). Assistente Técnico-Pedagógico da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina (SED/SC). Coordenador da Educação Básica do FONAPER. E-mail: pozzeradecir@hotmail.com

Adélia Aparecida da Silva Carvalho
Professora Assistente do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Doutoranda em Artes e Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Atriz, Dramaturga e Diretora Teatral

Adenildo Vieira de Souza
Mestrando em Sociedade e Cultura na Amazônia-PPGSCA/UFAM. Graduado em Educação Física e Professor do Ensino Básico do Município de Rio Preto da Eva - Am (Educação Escolar indígena e Ribeirinha).

Adriana Colling
Doutoranda em Educação (UFRGS), Mestre em Educação (UFFS), professora na área de Ciências Humanas no Instituto Estadual de Educação Indígena Ângelo Manhká Miguel. E-mail: adricolling14@gmail.com

Adriana da Silva Lopes
Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ (2016). Atuou no Projeto Agentes de Inclusão Escolar do Instituto Brasileiro dos Direitos da Pessoa com Deficiência (IBDD) em parceria com a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro do Rio de Janeiro. Atua como professora PII na Rede Municipal de /Educação de nova Iguaçu/RJ.

Adriana Gomes da Silva Licenciatura em Letras Português e Inglês pela Centro Universitário Anhanguera Uniderp, etapa final Neuropsicopedagogia, e-mail:: adriananana2080@gmail.com

Adriana Regina Sanceverino
Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGPE) da Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS, Campus Erechim/RS. Pós-doutora UFSC/SC (2017); Doutora em Educação pela UNISINOS/RS (2012); Mestre em Educação e Cultura/UDESC (2004); Especialista em Alfabetização/UDESC (2001) Licenciada em Pedagogia/UDESC (1992). Líder de Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Pessoas Jovens Adultas e Idosas: GEPEJAI (UFFS/RS). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em EJA: (EPEJA) /UFSC e Grupo de Pesquisa: Didática e Formação Docente/UDESC. Membro do Fórum de EJA de SC e RS e da Organização dos Encontros Internacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos (as) (UFSC/UNEB). Consultora da Proposta Curricular da EJA no Território Catarinense. Pesquisa temas relacionados à Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas, Educação Popular e Mediação Pedagógica. Autora, entre outros: Mediação na Formação dos Profissionais da Educação (Mercado de Letras); Uma Experiência de Universidade Pública que se Projeta como Popular (Ogs. e Coautoria/ ed. Outras Expressões); Campo, Educação e Trabalho (Ogs. e Coautoria/Copiart/UFFS) e das obras (no prelo/ Mercado de Letras e CRV, respectivamente) Os Sentidos da Mediação na Prática Pedagógica da Educação de Pessoas Jovens e Adultas (resultado da tese de doutorado) e As Pesquisas em Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA) no e do Estado do Rio Grande do Sul/BR. E-mail: adrianarsanceverino@gmail.com, adriana.sanceverino@uffs.edu.br

Adriano Ferreira Neves Toranelli
Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas, Brasil(2014) Presidente das Org. da Sociedad Civil do CONSELHO MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, Brasil.

Alexandre Luiz Polizel
Licenciado em Ciências Biológicas (UEM), Filosofia (UNAR) e Pedagogia (UNAR) Especialista em Transtornos Globais do Desenvolvimento, TICs na educação e, Educação Profissional e tecnológica Doutorando e Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática (UEL) Professor

Colaborador na Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Campo Mourão - Departamento de Humanidades.
Lattes: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4308948Y8

Alexandro dos Santos
Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba/UFPB na linha de pesquisa: História da Educação. Licenciado e Bacharel em História pela UFCG. E-mail: alexandrodossantos09@gmail.com

Alexsandra Oliveira Santos
Assistente social, pedagoga, Especialização (Em andamento) em Saúde Escolar, Membro do Programa Coletivo Paulo Freire (UESC), Atualmente Assistente Social da Unidade Básica de Saúde-Sarony Lobo de Jesus- 15º Batalhão de Polícia Militar da Bahia- Itabuna. E-mail: alexsandrabira@hotmail.com. Professora de Língua Portuguesa, especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Gama Filho - UGF e especialista em Gestão Educacional e Práticas Pedagógicas pelo Instituto Prominas; cursando especialização em Práticas Assertivas da Educação profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos pelo IFRN e cursando Psicopedagogia Institucional, Clinica e Educação Especial pelo Centro de Ensino Superior Dom Alberto. Graduada em Letras, com habilitação em Português/Inglês e suas respectivas literaturas. Funcionária Pública do Município de Cedro/CE. Atualmente tem voltado as pesquisas para a literatura, os movimentos sociais e a cultura afro inseridos no processo educacional brasileiro. ORCID https://orcid.org/0000-0001-9790-568X

Aline da Silva Serpa
Mestra pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu (PPGE) Mestrado em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS (2016), com bolsa de pesquisa CAPES. Participante do Grupo de Pesquisa em Gestão e Inovação Educacional - GPEGIE da UFFS. Especialista em Educação pela Faculdade Santa Rita (2016) como bolsista do Programa de Pós-Graduação UNIEDU. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Fronteira Sul (2015/1). Durante o curso de licenciatura, participou de programas universitários como o Grupo de Estudos Orientados e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Acadêmica. Atuou como professora da educação infantil na rede Municipal de Ensino de Chapecó-SC, e nos anos inicias do ensino fundamental na rede Estadual de SC. Atualmente professora da rede Municipal de ensino na área da educação infantil.

Aline Nunes Rangel
Professora do Ensino Fundamental II. Licenciada em História pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Especialista em História das Culturas Afro-brasileiras pela FTC e em Educação de Jovens e Adultos pela UNOPAR.
E-mail: alinenunesrangel@yahoo.com.br

Ana Clésia Pereira Santiago da Rocha
Professora de História - Pós-graduanda em Psicopedagogia, Esecialista em Educação, Diversidade e Cidadania. E-mail: anaclesiasantiago@gmail.com

Ana Cristina de Lima Semião
Pedagoga e psicopedagoga. Email: floracristina2014@gmail.com

Ana Cristina Magalhães Jardim
Doutoranda e Mestra em História pela Universidade Federal de Ouro Preto/UFOP. Atuou como professora substituta das áreas História da Arte, Cultura e Teatro na UFOP entre os anos de 2004 e 2005. Atuou como professora pesquisadora orientando Trabalhos de Conclusão de Curso de Pedagogia no Centro de Educação Aberta e à Distância da UFOP. Vem participando de bancas de avaliação de TCC de alunos do curso de Pedagogia à distância da UFOP. Tem experiência em elaboração de material didático em cursos de EAD para os cursos de Licenciatura e Pedagogia da UNA/ UNI BH. Trabalhou como professora do Atelier de Artes Integradas de Itabirito - Curso Técnico de Teatro - Prefeitura de itabirito - Disciplinas ministradas História do Teatro, Literatura dramática e Teoria e Pesquisa 2014 a 2016. Professora do CEFAR - cursos técnicos de teatro e dança - Fundação Clóvis Salgado/Estado de Minas Gerais (2006 a 2015) one ministrou as disciplinas: Projetos e produção cultural, História das Artes Cênicas, Teatro Brasileiro e Literatura Dramática. Atuou como bolsista da Fundação Biblioteca Nacional 2009/2010. Licenciada em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Especialização em Cultura e Arte Barroca pela IFAC/UFOP. Atuou como produtora/gestora cultural por 18 anos. Lattes: http://lattes.cnpq.br/1826353923885658

Ana Paula Grellert
Pedagoga na Universidade Federal do Rio Grande – Coordenadora de Atenção ao Estudante – Campus - São Lourenço do Sul/RS. Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação, pela Universidade Federal de Pelotas. Integrante do FEpráxis/UFPEL.
E-mail: ana.grellert@furg.br

Anderson Carlos Santos de Abreu
Graduado em Pedagogia e Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2010), especialização em Educação de Jovens e Adultos e Educação na Diversidade pela UFSC (2012), mestre em Educação pela UFSC (2014) e doutor em Educação pela UFSC (2018), com estágio doutoral na Universidade de Coimbra/Portugal (2017/2018) e pós-doutor em Educação pela UFSC/PPGE. Possui experiência na área da Educação e Filosofia, com ênfase em Filosofia da Educação, Educação de Jovens e Adultos e psicanálise, pesquisando, principalmente, sobre Educação de Jovens e Adultos, Formação de Professores, Currículo, Escolarização, Concepções de Conhecimento e Epistemologia. Além disso, é membro efetivo do Grupo de Estudos e Pesquisas em EJA - EPEJA/UFSC e professor colaborador vinculado ao Centro de Ciências da Educação e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC).

André Luis Rodrigues Costa
Especialização em Assessoria Organizacional com Ênfase em Gestão Empresarial pelo Faculdades Associadas de Uberaba, Brasil (2008) Auxiliar em Administração da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil

André Paulo Castanha
Pós-doutor na área de Filosofia e História da Educação pela UNICAMP. Professor do Colegiado de Pedagogia e do Mestrado em Educação da UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão – PR. Membro do Grupo de Pesquisa: História, Sociedade e Educação no Brasil – HISTEDOPR – GT local do HISTEDBR. E-mail: andrecastanha66@gmail.com

Andréia Cadorin Schiavini
Mestranda em Educação, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), inserida na linha de pesquisa Conhecimento e Desenvolvimento nos Processos Pedagógicos; Especialista em Ação Interdisciplinar no Processo Ensino-Aprendizagem com Ênfase em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental pelo Portal faculdades. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Professora dos Anos Iniciais na Prefeitura Municipal de Concórdia (PMC). Contato: andréia.schiavini@gmail.com

Antonia Angelina Basanella Utzig
Mestrado em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau- SC, Brasil (2011) Professora Titular da Faculdade de Educação de Tangará da Serra – MT – Brasil – FAEST/UniSerra

Antoniel dos Santos Gomes Filho
Docente do curso de Administração da Faculdade Vale do Salgado/FVS. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará/UFC. E-mail: antoniel.historiacomparada@gmail.com / antoniesantos@fvs.edu.br

Ariane Ferraz
Nascida e residente em Curitiba, Educadora, Lider Cominitária, Acadêmica de Pedagogia.

Arlete Vieira da Silva (*inmemorian)*
Doutora em Ciências da Educação pela UNEB Universidade Estadual da Bahia, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas no Rio Grande do Sul. Pedagoga pela Federal do Rio Grande do Sul. Faleceu em 09/02/2017. Deixando parte dos escritos. Professora UESC Universidade Estadual de Santa Cruz

Avanilde Polak
Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil (2013) PROFESSORA COLABORADORA da Universidade Estadual do Centro-Oeste / Campus de Irati, Brasil

Benone Costa Filho
Historiador e Professor de História da Rede Pública Estadual de Ensino de Roraima, desde 1991.

Bernardo de Vito Schneider
Nascido em Rio Grande - RS, graduado em Ciências Biológicas (FURG), graduado também em Pedagogia (UNISAL). Atualmente mora em Nova Odessa - SP e trabalha como auxiliar educacional no Colégio Dom Bosco Americana

Bruna Carvalho Nascimento
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo. Realizou diversos cursos EAD no âmbito educacional. Sempre se identificando com as leituras de Paulo Freire, ao qual estuda e discute paralelamente às atividades universitárias.

Bruno de Oliveira Ferreira
Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, especialista em Educomunicação pela mesma instituição e jornalista formado pela Universidade Metodista de São Paulo. É professor de Comunicação no Senac São Paulo em cursos da área de Desenvolvimento Social. Atua há oito anos em projetos de comunicação e educação no terceiro setor e há dois anos como formador de professores da rede municipal de educação do município São Paulo

Camila Wolpato Loureiro
Graduada em História - Licenciatura Plena e Bacharelado, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Atualmente, é Mestranda e bolsista Capes/FAPERGS no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - *Campus* Erechim e membro do Grupo de Pesquisa Educação Popular na Universidade (GRUPEPU).

Camila Zanella
Professora de Ensino Médio e Superior no Estado do Paraná, Licenciada em História e Mestre em Educação.

Cecília Maria Ghedini
Doutora na área de Políticas Públicas e Formação Humana pela UERJ. Professora do Colegiado de Pedagogia da UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão – PR. Membro do Grupo de Pesquisa: Educação, Formação Humana e Movimentos Sociais Populares - GEFHEMP. E-mail: cemaghe@gmail.com

Celso Ilgo Henz
Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil(2003). Professor Titular da Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Cênio Back Weyh
Doutorado em Programa de Pó-Graduação em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil (2005) Docente do PPG Mestrado Profissional em Ensino Científico e Tecnológico – Universidade Regional Integrada, Câmpus de Sto Ângelo – RS, Brasil ceniow@san.uri.br

César Ferreira da Silva
Psicólogo. Graduado pela Faculdade Pitágoras, Poços de Caldas/MG, Cursando Especialização em Psicopedagogia UNIFRAN, Aluno não Regular do Programa de Mestrado em Educação PPGE, Universidade Federal de Alfenas/MG. E-mail: cesarfs.dasilva@gmail.com

Cícero Henrique Bezerra da Silva
Professor de Língua Portuguesa e Inglesa, especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa pelo Instituto Superior de educação de Pesqueira – ISEP. Graduação em Licenciatura Plena em Letras com Habilitação em Língua Estrangeira – Inglês pelo Centro de Ensino Superior de Arcoverde – CESA. Licenciado em Pedagogia pela Faculdade Futura. Autor de textos publicados acerca de Multiletramentos e Diversidade Cultural no contexto escolar pela editora Dialogar Freiriano. Lattes: (http://lattes.cnpq.br/9152068449012119)

Cládice Nóbile Diniz
Doutorado em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil (2005) Professora Colaboradora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Cláudia Barrozo
Graduanda em Letras/Português – UFPE. E-mail: claudia_barrozo@yahoo.com.br

Claudine Dutra Melo
Historiadora pela UESB/BA, com pós-graduação em Educação, Cultura e Relações Étnico-raciais pela ECA/USP. Freiriana, fundou e atua como educadora na EtnicoEduc – Consultoria Educacional voltada para as relações étnico-raciais, Direitos Humanos, Cultura de Paz e Práticas Restaurativas. Contato: cdmcruz@hotmail.com http://lattes.cnpq.br/1530841229403547

Cláudio Claudino da Silva Filho
Pernambucano (com)vivendo em Santa Catarina. Doutor em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC-2017), Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia (UFBA-2012), Especialista em Preceptoria no Sistema Único de Saúde pelo Instituto de Ensino e Pesquisa (IEP) do Hospital Sírio Libanês (2017), Bacharel em Enfermagem pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF-2008). Professor Adjunto da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus* Chapecó-SC, dos cursos de Enfermagem e Pedagogia, Coordenador Adjunto do Curso de Graduação em Enfermagem e Vice-Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP/UFFS). Contato: claudio.filho@uffs.edu.br

Clécia Andrea Queiroz Ribeiro
Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia. Professora da rede municipal de ensino, pós-graduada em Gestão e Coordenação Escolar, pós-graduanda em Atendimento Educacional Especializado.

Cleonice Barbosa Martorano
Pós-Graduada em Gestão Pública pela UNIFESP.

Cleusa Todescatto
Mestrado em Letras -Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil(2015)professora da Prefeitura Municipal de Concórdia , Brasil

Clivia Martins de Oliveira Cainelli
Mestrado em Educação pela Universidade Nove de Julho, Brasil (2016) Celetista da Faculdade Paulista São José, Brasil

Cristiele Aline Kuhn Terhorst
Pedagoga, com especialização em Educação, Diversidade e Cultura Indígena, mestranda no Mestrado em História da Universidade de Passo Fundo, professora na área de Ciências Humanas no Ensino Fundamental II do Instituto Estadual de Educação Edmundo Roewer

Cristiene Adriana da Silva Carvalho
Doutora e mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG). Especialista em Teoria e Métodos de Pesquisa em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão em Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Licenciada em Artes Cênicas pela UFOP e em Pedagogia pela Uniube. Email: cristienecarvalho@gmail.com.

Daiane Dill
Pedagoga pela Faculdade de Itapiranga – FAI (2016). Mestranda do programa de pós-graduação *Stricto Sensu* - Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. E-mail: daiane_dill@hotmail.com.

Daira Martins Botelho
Jornalista, especialista em Mídia, Informação e Cultura pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação - CELACC - USP, mestra e doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista - UNESP. Integrante do grupo de Pesquisa PCLA - Pensamento Comunicacional Latino-Americano. E-mail: dairamb@yahoo.com.br

Daniel Scheren da Cruz
Mestrando no PPG Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS (Erechim/RS), especialista em Concepções Multidisciplinares de Leitura pelo Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC (Xanxerê/SC), licenciado em Ciências Sociais pela UFFS (Chapecó/SC). Professor efetivo da rede estadual na Escola de Educação Básica Olga Fin Travi (Guatambu/SC)

Daniela Pedra Mattos
Graduada em Letras pela Universidade Católica de Pelotas /RS; Especialista em Supervisão Escolar pela URCAMP, Bagé /RS. Professora de Língua Espanhola e Língua Portuguesa nas séries Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, com docência desde o ano de 2002. Participante de inúmeros congressos na área educacional, (municipais, estaduais e internacionais), nos quais têm diversos trabalhos publicados. Atua também como palestrante, ministrando Formação Continuada à Supervisores Educacionais, Gestores e Professores. Atuou como gestora de escola de Ensino Fundamental por mais de onze anos. Atua como professora convidada em Cursos de Pós-graduação e também organizadora de eventos municipais e internacionais na área educacional. Mestre em Formação Docente: Ensino, Processos e Práticas Educativas pela UFPEL (Pelotas/ RS-ano 2012). Atuou como Professora Pesquisadora II na Educação do Campo (EAD - UFPEL - Pelotas/RS) e como tutora a distância no Curso de Língua Espanhola em Educação a Distância pela Universidade Aberta do Brasil. Orientadora de Trabalhos de Conclusão de Graduação (EAD - REGESD) e Pós -Graduação(UNILA). Diretora e coordenadora do Jornal Correio Estudantil desde a 1ª edição (20ª edição em 2013). Autora de diversas poesias lançadas na Feira do Livro de Porto Alegre/RS desde o ano de 2009. Vice-presidente da Associação dos Supervisores Escolares do Rio Grande do Sul (ASSERS). Organizadora e ministrante de encontros municipais de Formação Continuada à professores (desde as séries iniciais até o Ensino Médio). Atuou como professora formadora no Programa do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa do Ministério da Educação do Brasil no ano de 2013. Em dezembro de 2012 teve seus trabalhos publicados na Europa. No ano de 2013 participou de eventos internacionais de educação como palestrante e coordenadora de mesa, também apresentando trabalhos científicos. No ano de 2014 publicou diversos trabalhos científicos em instituições Superiores de Ensino (UFRGS- POA/RS, UFPEL (Pelotas/RS), URI (Santo Ângelo-RS), FACCAT (Taquara/RS), UFSM(Santa Maria/RS, UDESC (Florianópolis -SC). Atua como avaliadora de trabalhos científicos da Revista Teia. Atua como Professora Pesquisadora do Curso de Letras /Espanhol da UFPel, (orientadora de TCC e Supervisora de Estágio ano 2014 e 2015). Atualmente é assessora pedagógica do Grupo SM.

Daniéli de Mello Pereira
Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Brasil (2018)

Diane Lazarotto Bevilaqua
Especialização em Diversidade e Genero na escola pela Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil(2016)Professora de Ensino Fundamental- Anos inciai da ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA MUNICIPAL SANTA RITA , Brasil

Diego Basto dos Santos
Especialização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci, Brasil (2014). Psicólogo da Associação de Apoio as Pessoas Vivendo com HIV EM Uberaba - Saiba Viver, Brasil

Doroteia Carneiro dos Santos
Especializando-se em Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional (FACSA- Ba), Mestra em Letras, linguagens e representações (UESC-Ba) Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (FACSA- BA). Graduada em Letras - português-Espanhol (UESC – BA)

Ederson Pinto da Silva
Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental na Universidade Federal do Rio Grande. Mestre em Gerenciamento Costeiro pela Universidade Federal do Rio Grande (2017). E-mail: ederson.tga@gmail.com

Ediana Maria Mascarello Finatto
Mestre em Educação pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó (SC), graduada em História e Ciências da Religião pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó (SC) e professora efetiva da rede estadual de Santa Catarina. E-mail: ediana@unochapeco.edu.br

Edinei Messias Alecrim
Mestrando em Educação pela Universidad Interamericana Assuncion/PY. Possui graduação em Pedagogia Unidades de Ensino Superior do Sertão da Bahia (2007) e graduação em Serviço Social pela Universidade Norte do Paraná (2010). Atualmente é Assistente Acadêmico na Faculdade Educacional da Lapa FAEL e Profissional de Segurança Pública na Polícia Militar do Estado da Bahia. Instrutor do Programa Educacional e Prevenção as Drogas PROERD, organiza oficinas educativas de prevenção as drogas para pais e educadores. Especialista em Psicopedagogia com experiência na área de Diagnóstico, intervenção e acompanhamento psicopedagógico.

Edna Goretti Menegatti Mocellin
Aluna do Mestrado em Educação pela UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão. Graduada em Pedagogia pela UNIOESTE- Campus de Francisco Beltrão. Especialização em Educação Escolar com ênfase na Pedagogia Histórico-crítica e em Gestão Político-Pedagógica Escolar pela UNIOESTE – ambas pelo Campus de Francisco Beltrão. E-mail: ednamocellin@hotmail.com

Edna Serpa Ferreira Correia
Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Norte do Paraná- UNOPAR, Pós-Graduada em Educação Inclusiva e Especial pela Faculdade do Noroeste de Minas. FINOM. Mestranda atualmente no Mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Europeia no Brasil- UNIEUBRA. Aluna Especial no Mestrado em Ciências da Educação na Universidade Estadual de Santa Cruz- UESC. Professora\ Pesquisadora do PARFOR, as Universidades Estadual de Santa Cruz-UESC. Atuante nos seguimentos temas: Libras, Intérprete de Língua de Sinais, Contação de Histórias, Literatura Infanto Juvenil, Leitura, Artes e Linguagem. Docente de Educação Básica com experiência no Ensino Superior pela Associação Unificada de Ensino Superior – AUFES. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Estudo Paulo Freire Sul da Bahia (Parceira com o Instituto Paulo Freire-SP). Programa Coletivo Paulo Freire na Universidade Estadual de Santa cruz= UESC.

Ednamara Filomena dos Santos
Médica Pediatra, Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília, especialista em: Saúde Pública, Gestão das Redes de Atenção e Gestão dos Hospitais do SUS, aperfeiçoamento em metodologias ativas de ensino aprendizagem e epidemiologia; docente aposentada da Escola Superior de Ciências da Saúde/ESCS/DF.

Eduardo Dias da Silva
Doutorando em Literatura e Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília (UnB). Professor e pedagogo na Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Pesquisador nos grupos CNPq FORPROLL e GIEL. E-mail: edu_france2004@yahoo.fr

Eduardo Oliveira Miranda
Licenciado em Geografia - UEFS e Pedagogia-FAC. Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade – UEFS. Doutorando em Educação – FACED/UFBA

Edwilson da Silva Andrade
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense na linha de pesquisa "Estudo do Cotidiano e Educação Popular. Professor concursado das séries iniciais do Ensino Fundamental. Atualmente ocupa o cargo de diretor pedagógico de Unidade Escolar no município de Quissamã-RJ.

Elaine de Oliveira Santana
Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Graduanda em Licenciatura em Artes. Tem experiência na área de História, com ênfase em Ensino de História, foi atuante como bolsista no Programa Institucional de Bolsa Arte e Cultura proveniente do Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA - UEFS), atuou mediando ações sócio-educativas e efetuou pesquisa acerca da pontecialidade do Museu Regional de Arte e a Galeria de Arte Carlo Barbosa como recurso e instrumento de aprendizagem no ensino de História e Arte. Desenvolveu pesquisa referente a livros didáticos de História do Brasil na década de 1970. Possui experiência em abordagem pedagógica pautada na metodologia ativa: Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) e no desenvolvimento de Educação Científica em estudantes da Educação Básica, em especial do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Atualmente é professora atuante na rede estadual de ensino da Bahia

Eliana Nunes Maciel Bastos
Mestranda em Educação no Instituto Federal do Paraná (IFPR - 2018); Graduação em Pedagogia - Faculdade de Pinhais (2009); e Pós-graduada em Gestão Escolar - ITECNE (2011); Habilitação para a Docência do Ensino Superior - ITECNE (2011). Curso de Extensão pela UFPR sobre Étnicio-Racial (2014), Educação em Direitos Humanos (2015), Trabalho Colaborativo e Projeto Conviver (2018); Pós - Graduação em Educação Inclusiva (2017); Pós - Graduação em Educação à Distância (2018). Atuo na educação há mais de 10 anos, sou Pedagoga do Ensino Fundamental e Professora da EJA no Município de Pinhais. Atuo também como Professora de EAD na Faculdade São Braz em Curitiba, gravando aulas para cursos de Graduação e Pós – Graduação

Elisane Carla Steilmann
Licenciada em Computação, Especialista em Tecnologias para Aplicações Web, cursando Especialização em Informática Aplicada à Educação.

Erisnaldo Francisco Reis
Mestre em Ensino de Ciências Exatas pela Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, Brasil (2016) Professor da Educação Básica do Estado de Minas Gerais, Brasil

Erivaldo Silva
Mestrando em Linguística (PPGL-NELFE-UFPE)
e-mail: erivaldo.portugues@gmail.com

Estelamaris Galiazzi Souza
Mestra em Educação pela Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS – Chapecó/SC. Pedagoga. Psicopedagoga.

Everton Seixas Cardoso
Licenciado em História pelo Centro Universitário de Brasília (2007) e Especialista em História Cultural no Brasil pela Universidade Gama Filho (2013). Tenho mais de 10 anos de experiência na área de História, Administração, Educação (Pedagogia), Filosófica, Sociologia e Geopolítica. Atualmente sou Professor da UNIPLAN - DF, Instituto KALYTEC e Colégio Vital Brazil (COC).

Fabiane Kravutschke Bogdanovicz
Psicóloga especialista em Psicologia Social (UNISA) e em Políticas Públicas para la igualdad en América Latina (CLACSO), atualmente cursando especialização em Sociologia Política (FASF). Atuou com Economia Solidária e Educação Popular de 2012 a 2017 na incubadora IESol/UEPG e na ONG CEFURIA (Curitiba - PR). Atualmente integra o NASF em Nova Londrina - PR. Integra o movimento de Psicologia socialmente compromissada e em defesa dos Direitos Humanos, "É Tempo de Diálogo".

Fábio Inácio Pereira
Doutor em Educação (PUCPR). Mestre em Educação (UEM). Graduado em Filosofia (USC) e Pedagogia (INSEP). Professor do curso de Filosofia da PUCPR – Câmpus Maringá. Membro do grupo de pesquisa: Pensamento Educacional Brasileiro: História e Políticas. E-mail: professor.fabio.inacio@gmail.com

Felipe Costa Aguiar
Graduando em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (2015). Bolsista PIBID (2016). Bolsista D.A (2018). Bolsista PIBIC (2018). Possui interesse nas áreas de Geografia Humanista e Fenomenologia, Arte, Ensino e Educação

Felipe Junior Mauricio Pomuchenq
Graduado em Ciências Biológicas (UNIMES/2014); Licenciatura em Educação do Campo em Ciências da Natureza (UFV/2018); Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social

(UFES/2017); Mestrando em Ensino na Educação Básica (UFES/CEUNES). Educador na Escola Família Agrícola de Marilândia, Marilândia/ES.

Fernanda dos Santos Paulo
Educadora Popular, pedagoga e doutoranda em Educação pela Unisinos-RS, sob orientação de Danilo R. Streck e Carlos R. Brandão. E-mail: fernandaeja@yahoo.com.br

Fernando Corrêa
Meste em Educação pela (PUCPR). Especialista em Metodologia do Ensino de Filosofia e Psicopedagogia. Graduado em Filosofia e Pedagogia. Diretor do Centro de Atendimento em Psicopedagogia e Formação SER INTEGRAL. É membro do Núcleo de Estudos em Psicopedagogia - NEPp/ Curitiba-PR e da Diretoria da Associação Brasileira de Psicopedagogia - ABPp-PR (Gestão 2017-2019).
E-mail: prof.fcorrea@gmail.com / serintegralpsicopedagogia@gmail.com

Franciele Clara Peloso
Doutorado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, Brasil (2015) Professora Adjunta da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil

Franciele Soares dos Santos
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Professora do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, campus de Francisco Beltrão/PR. Membro dos Grupos de Pesquisa: Educação, Formação Humana e Movimentos Sociais Populares – GEFHEMP e Sociedade, trabalho e educação – GESTE.
Email: sfrancielesoares@gmail.com.

Gabriel Viana Ouriques de Oliveira
Possui graduação em Psicologia pelo Centro Universitário de João Pessoa (2015), com a Monografia intitulada: A percepção do eu entre os catadores de lixo: um enfoque humanista. Possui interesse pelas áreas da Psicologia Humanista, Políticas Públicas, Ética, Educação e Direitos Humanos.

Gabriela Gonzaga Cher
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática pela Universidade Estadual de Maringá (PCM/UEM). Graduada em Química Bacharelado pela mesma instituição (2012/2017). Foi voluntária no PIBID Química UEM no ano de 2017. Atualmente, representante discente do Mestrado junto ao colegiado do Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática (Gestão 2018-2019) e participante do Grupo de Pesquisa de Ensino de Química (PCM/UEM), com estudos voltados para Paulo Freire e Pensamento Crítico

Gabriely Lopes de Oliveira
Acadêmica do 4º período do curso de Engenharia de Alimentos da Universidade Federal do Paraná; Dirigente Regional do CreaJr. E membro do grupo de pesquisa sobre A Importância de CTS no ensino de Engenharias.

Gefferson Silva da Silveira
Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria, Brasil (2014) Professor do Colégio Regina Coeli, Veranópolis – Brasil.

Georgina Durán
Graduada em 'Ciencias de la Comunicación' (2010) e em 'Educación Física, Deporte y Recreación' (2013), Universidad Veracruzana, México. Master em 'Investigación e Innovación en Currículum y Formación' (2014), Universidad de Granada, España. Doutoranda em Educação (2019), Universidade Federal de Bahia, Brasil. Áreas de desenvolvimento: Planejamento estratégico em Educação Superior, Internacionalização da Educação Superior, Tecnologias da Informação e a Comunicação em Educação, Interculturalidade, e professora e pesquisadora em Educação Superior.

Gercimar Martins Cabral Costa
Escritor, Coach Educacional e Professor Universitário. Bacharel em "Administração" pela FAQUI - Faculdade Quirinópolis; Especialista em "Inovação em Mídias Interativas" e "Letramento Informacional" pela UFG - Universidade Federal de Goiás; "Docência e Inovação na Educação Básica" pela UEG – Universidade Estadual de Goiás. Graduando em "Pedagogia" pela UEG-CEAR-Anápolis. Professor Universitário da Faculdade Quirinópolis, Procurador Educacional Institucional da Faculdade João Paulo II e Tutor Presencial da Unicesumar de Quirinópolis.Lattes: http://lattes.cnpq.br/2833307152845720

Gilberto Oliari
Professor de Educação Básica em Escola Pública: Filosofia e Ensino Religioso; Mestre em Educação pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó - UNOCHAPECÓ; Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE na Universidade Federal de Santa Maria UFSM.

Giselda Frank
Professora Aposentada do Ensino Superior na Área da Pedagogia, Mestre em Educação e Ensino, Consultora em Assuntos Educacionais e pesquisadora integrante do Grupo de pesquisa do CNPQ "Formação de Professores e Práxis Educativo-Coletiva".

Giselle Moura Schnorr
Educadora Popular, doutora em Educação (USP), professora na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de União da Vitória- PR. E-mail: giselleschnorr@gmail.com

Gleison Peralta Peres
É Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás e Professor Efetivo da Educação Básica do Estado de Mato Grosso desde 2011 na disciplina de História.
E-mail: gleisonpp@hotmail.com

Gustavo Gomes da Rocha
Licenciado em Letras pela Universidade Federal Fluminense (2016), Pedagogo pela Unifacvest (2019), Especialista em Docência do Ensino Superior pela UCAM (2017) e Literatura na Educação pela UNIVES (2018). Atualmente cursa Mestrado em Letras pela UFJF, é professor da rede pública do Estado de Minas Gerais e leciona em cursos Pré-Vestibular. E-mail: rochagustavo538@gmail.com

Hassan Marra Jorge
Licenciado em História, Pós-Graduado em Educação Especial, Pós-Graduando em Supervisão Escolar. Experiência como docente no ensino fundamental e médio, tutoria EAD. Docente Efetivo pela Secretaria de Estado da educação de Minas Gerais. Pesquisa sobre Gênero e Diversidade na escola, Estagio Supervisionado e Educação Técnico-Científica de Nível médio.

Helenara Plaszewski
Professora Adjunta no Departamento de Ensino da Faculdade de Educação - UFPel, Doutora e Mestre em Educação - UFPel, Especialista em Psicologia Escolar - PUCRS, Licenciada em Pedagogia com habilitações em Educação Infantil, Séries Iniciais, Orientação Educacional e Magistério das Matérias Pedagógicas - FAPA. 19 anos de atuação da Educação Básica ao Ensino Superior.

Heliana Lia Tissiani Gobbato
Mestrado em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina, Brasil (2013). EFETIVO do Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina, Brasil

Hélis Cristina Alves de Lima
Professora de Língua Portuguesa, especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Gama Filho - UGF e especialista em Gestão Educacional e Práticas Pedagógicas pelo Instituto Prominas; cursando especialização em Práticas Assertivas da Educação profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos pelo IFRN e cursando Psicopedagogia Institucional, Clinica e Educação Especial pelo Centro de Ensino Superior Dom Alberto. Graduada em Letras, com habilitação em Português/Inglês e suas respectivas literaturas. Funcionária Pública do Município de Cedro/CE. Atualmente tem voltado as pesquisas para a literatura, os movimentos sociais e a cultura afro inseridos no processo educacional brasileiro.
ORCID https://orcid.org/0000-0001-9790-568X

Idaliana Mara Marques Coppola
Pedagoga, especialista em educacao holistica e qualidade de vida e mestranda em transtornos específicos de aprendizagem: disgrafia, dislexia e discalculia.

Idanir Ecco
Natural de Mariano Moro, RS. Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nª Sª da Imaculada Conceição – FAFIMC - (Viamão, RS) e Mestrado em Mestrado em Educação pela Universidade de Passo Fundo - UPF - (Passo Fundo, RS). Autor das obras: - Ser Educador na Atualidade: dos desafios e compromissos, publicada pela Edelbra; - Virtudes Docentes para a Educação Humanizadora: Revisitando Paulo Freire, publicada pela EdiFAPES; - Reflexões: Temas do Cotidiano Educacional, publicada pela editora Habilis; - A Prática Educativa Escolar Problematizadora e Contextualizada: uma vivência na disciplina de História, publicada pela EdiFAPES. Cooautor das obras: - Desvelando Belas Mentiras: alienação e ideologia nos livros didáticos, publicada pela EdiFAPES; - Um Mosaico sobre Erechim, publicada pela Edelbra. Coorganizador da obra Manual e Normas Técnicas para Produções Acadêmicas da URI, publicado pela URI/FW. Professor titular da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI – Erechim (Erechim, RS), atuando em Cursos de Graduação, Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão. Membro da Academia Erechinense de Letras – cadeira 14.

Ieda Pertuzatti
Mestra em Educação (PPGE-Unochapecó), graduada em Pedagogia (UDESC). Professora da rede municipal de Ensino Fundamental. Membro do PALAVRAÇÃO – Grupo de Estudos, Pesquisa e Documentação em Educação Ambiental Freiriana. E-mail: iedapertuzatti@unochapeco.edu.br.

Inara Mariela da Silva Cavalcante
Professora do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP); Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Enfermagem na Saúde do Adulto (PROESA) na Universidade de São Paulo (USP); Mestrado em Saúde, sociedade e endemias na Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Fiocruz; Graduação em Enfermagem pela Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Isabela Munis de Oliveira
Graduação em Pedagogia pela Universidade de Taubaté, Brasil (2017) Coordenadora Pedagógica do Centro Pedagógico Viver e Aprender, Brasil, Pós-graduada em Neuropsicopegagogia Clínica, pelo Instituto Brasileiro de Formação

Janille da Costa Pinto
Mestrado em Ciências da Educação, Universidade Autônoma de Assunção (UAA), Assunção-Py.; Secretaria Municipal de Educação de Ilhéus, Secretária de Educação da Bahia- Brasil; Grupo de Estudos e Pesquisas Movimentos sociais, Diversidade e Educação do Campo - GEPEMDEC do CEPECH/DCIE/UESC, Grupo de Estudos e Pesquisas Em Educação Infantil (GEPEI/UESC) e Núcleo de Estudos em Alfabetização e Letramento (NEPAL). E-mail: janille_80@hotmail.com

Jaqueline Balthazar
Servidora pública no Hospital de Clínicas de Curitiba, licenciada em Letras Português e Inglês e bacharel em Teologia, Especialista em Educação e Mestre em Bioética. Atua como tutora de pós-

graduação em Gestão da Saúde pela UAB e instrutora de Língua Inglesa pela UFPR. Como assessora da Pastoral da Saúde, trabalha na formação de agentes, especialmente na dimensão Político-Institucional – a ponte entre a pastoral e o SUS. Apaixonada pela Educação e pela saúde pública, defende a participação cidadã em todas as instâncias formais ou informais.

João Israel da Silva Azevedo

Bacharelando em Serviço Social na Faculdade de Educação Memorial Adelaide Franco - FEMAF e de Licenciatura em Filosofia na Universidade Metropolitana de Santos - UNIMES. Artesão e editor com experiência em informática, na área das ciências humanas, Design e Artes. http://lattes.cnpq.br/8508312654334831. E-mail: joaoisrael2009@hotmail.com

João Ricardo Vieira Santos Ribeiro

Graduando em Letras pela Universidade Júlio de Mesquita Filho (FCL Unesp Assis). E-mail: vjoaoricardo@hotmail.com

Joaquim Rosa Donato Neto

Docente no Centro Paula Souza, Graduado em Administração de Empresas com Pós-Graduação em Controladoria e Finanças, Pós-Graduando em Docência do Ensino Superior - IFSP

Joel Duarte Benisio

Educador em Pedagogia da Alternância do MEPES – Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo, Graduado em Ciências Contábeis pela Faculdade de Ciências Econômicas de Colatina, Complementação Pedagógica em Matemática pela Faculdade de Filosofia de Alegre, Especialista em Educação do Campo pela Universidade Federal do Espirito Santo e em Educação do Campo e Pedagogia da Alternância pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Joelma Gomes Orrico

Graduação em LICENCIATURA EM PEDAGOGIA pela UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA- CAMPUS JEQUIÉ - BA, Brasil (2016) Professor Reda da Prefeitura Municipal de Jequié, Brasil

Jorge Luiz Ayres Gonzaga

Doutor em Educação pela Universidade LaSalle/Canoas, Mestre em Reabilitação e Inclusão e Licenciado em História pelo Centro Universitário Metodista IPA Docente da Rede Estadual de Ensino do Estado do Rio Grande do Sul. Coordenador Pedagógico Adjunto (2013/2014) e Assessor do Ensino Médio Politécnico (2012/2014) na SEDUC-RS. Formador Regional no Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio EC/UFRGS/URRGS/SEDUC-RS.

José Heleno Ferreira

Licenciado em Filosofia, com especialização em Filosofia Contemporânea e Metodologia do Ensino de História. Mestre em Mídia e Conhecimento (UFSC) e doutorando em Educação (PUC MG). Coordenador do Centro de Memória Professora Batistina Corgozimho (UEMG). Professor na educação básica (Rede Municipal de Ensino de Divinópolis), e no ensino superior (UEMG).

José Humberto Rodrigues
Mestrado em Educação pela Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil (2015). Membro do Colegiado do Curso de História do Centro Universitário de Belo Horizonte, Brasil

José Roberto Henrique Souza Soares
Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), é licenciado em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE). Faz parte do grupo de Pesquisa Geografia para a Promoção da Saúde. Possui experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana e Ensino de Geografia. E-mail: roberto.henrique-soares@ufpe.br

Josenildo Francisco de Lima
Professor licenciado em Geografia pelo Instituto de Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de São Paulo, Campus São Paulo

Josineide Ribeiro da Silva
Pedagoga Licenciatura Plena, do Instituto de Educação - IE, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Mestranda em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - PPGEA, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, bolsista financiada pela CAPES. Integrante do Núcleo de Pesquisa Estético-Ambiental sobre o Teatro na Educação - NUPEATRO. Trabalha abordando os temas como: Literatura de Cordel, Oficinas sobre Cordel, Teatro na Educação, Educação Estética, Educação Ambiental, Práticas Pedagógicas, Formação Docente, Desenvolvimento das Linguagens nos Anos Iniciais. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação.

Juliana Aparecida Golfe Rauber
Mestrado em EDUCAÇÃO pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Brasil (2016). Pesquisa e Desenvolvimento do UNOCHAPECO, Brasil

Juliana de Souza Ramos
Doutoranda em Ciências Sociais na UNESP Araraquara. Mestra em Ciências Sociais e Especialista em História pela PUC-SP, Licenciada em Ciências Sociais pela Fundação Santo André e História pela Universidade Claretiano. Professora de História, Sociologia e Ética na rede pública e particular. E-mail: js.ramos@unesp.br

Kátia Cilene da Costa
Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Viçosa Atualmente é professora da educação básica - Secretaria do Estado da Educação de Minas Gerais e cargo efetivo - Secretaria Municipal de Educação de Uberaba. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em alfabetização e formação de professores. Mestranda em Educacao – Universidade Federal do Triangulo Mineiro

Keila Ferreira Cardoso
Professora graduada pelo Instituto Tocantinense de Ensino Superior e Pesquisa e especialista em Docência no Ensino Superior também pelo Instituto Tocantinense de Ensino Superior e Pesquisa.

Kelli Cristina da Silva Aguiar
Acadêmica do 6ºPreiodo do curso em Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente-FAMA Clevelândia –Pr . E-mail: kelliaguiar2014@gmail.com

Lais Vasconcelos Santos
Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande/UFCG na linha de pesquisa: História Cultural das Práticas Educativas. Bacharela em Enfermagem pela UFCG. E-mail: lais_lvs@hotmail.com

Laura dos Santos Paiva
Graduada em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Brasil. Mestrado em andamento no Programa de Pós-graduação em História (PPGH) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Brasil.

Leandro Carlos Ody
Doutor em Educação, graduado e mestre em Filosofia. Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Campus Erechim.

Leandro Vendrami
Educador-professor de informática em Apiúna/SC. Mestrando (ProfEPT IFC, 2019). Especialista em Educação e Interdisciplinaridade (IFC, 2018). Especialista em Gestão Escolar (UNIASSELVI, 2016). Licenciado em Informática (UNIASSELVI, 2015). E-mail: leandro.vendrami@hotmail.com

Leane Cristina Ferreira Gonçalves
Museóloga formada pela Universidade Federal da Bahia, Pós-graduanda em Gestão Cultural pela Universidade Estadual de Santa Cruz, Articuladora da Rede de Eduadores em Museus da Bahia.

Leila Fatima Corrêa Job
Mestre em Educação em Ciências e Matemática PUCRS. Especialista em Educação Ambiental – UNISC Especialista em Gestão Estratégica em Políticas Públicas – UNICAMP. Licenciada em Ciências Biológicas – UNISC Escritora – Educação Ambiental – A Trajetória dos agricultores da Lagoa do Junco, Tapes RS. Participação – Parcerias entre Escolas e um Museu Interativo: contribuições à cultura e educação cientifica e tecnológica. Professora Escola Pública

Léo Manso Ribeiro
Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil (2016). Professor de História do Centro Educacional José de Anchieta, Brasil

Leonardo Priamo Tonello
Ensino Profissional de nível técnico em Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio pela Universidade Federal de Santa Maria, Brasil (2016) Discente da Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil.

Liana Cristia Giachini
Doutora em Letras - Estudos Linguísticos -, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde faz parte do grupo de pesquisa Linguagem Sentido e Memória, vinculado ao Laboratório Corpus do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. No referido grupo, aporta reflexões teóricas e analíticas sobre a relação sujeito e língua no desenvolvimento do projeto de pesquisa: A produção de sentidos a partir da relação língua, sujeito e história: a circulação do conhecimento linguístico. Concluiu o mestrado em Estudos Linguísticos na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), na área de "Práticas discursivas e subjetividade", é graduada em Letras Português-Inglês, pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (2003) e especialista em Comportamento Humano nas Organizações (UNOESC, 2006). Tem experiência na Coordenação Pedagógica, coordenação de cursos, seleção, contratação e treinamento de professores, além de contar com mais de 15 anos de atuação como professora de Língua Portuguesa, Leitura e Produção de Textos para Ensino Fundamental, Ensino Médio, Superior, Pré-vestibular e Séries Iniciais. Atualmente, atua como coordenadora psicopedagógica do Colégio Marista São Francisco.

Lilian Moreira Cruz
Pedagoga, especialista em Educação Infantil, Mestra em Educação. Professora assistente da Universidade Estadual de Santa Cruz / Ilhéus-BA. E-mail: lilianmoreiracruz@hotmail.com. Contato: 77 991502163

Liliane Azeredo Dias
Graduada em Pedagogia Educação Especial; Educação Ambienta; I Educação a distância com ênfase na formação de tutores; Professora da rede municipal de Pinhais há 23 anos, atualmente trabalhando na Secretaria Municipal de Meio Ambiente desenvolvendo projetos de Educação Ambiental em todas as unidades de ensino do município.

Louise dos Santos Lima
Formadora de Professores e Professora de Matemática, é doutoranda em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (FPCE) pela Universidade do Porto (UP), é Mestre em Ensino da Matemática (PEMAT) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Licenciada em Matemática também pela UFRJ. Trabalha com a formação em Metodologias ativas de ensino, aprendizagem e avaliação e investiga sobre a ação/intervenção docente em contextos de Inovação Pedagógica

Luciana Rita Bellincanta Salvi
Mestra em Educação pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); Especialista em Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Especialista em Educação Infantil e Anos Iniciais pelo Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão (IBPEX).

Graduada em Pedagogia pela Universidade do Contestado (UNC). Especialista em Educação na Prefeitura Municipal de Concórdia (PMC). Contato: luciana.salvi@gmail.com.

Luciane da Rosa
Mestra em Educação pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó - UNOCHAPECO (2016-2018). Graduada em Ciências Biológicas - Licenciatura e Bacharel - pela UNOCHAPECO (2010-2015). Membro dos Grupos de Pesquisas: Palavração - Pesquisa em Educação Ambiental Freireana e Ensino e Formação de Professores. Contato: lurosa@unochapeco.edu.br

Luciane do Rossio Leal Correia
Graduada em Teologia, Pedagogia, Pós-graduada em Docência do Ensino Superior, Tecnologia da Informação e Comunicação na Educação, Mestranda em Educação.

Luís Felipe Pissaia
Possui Graduação em Enfermagem, Mestrado em Ensino e desenvolve o Doutorado em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari. Especialização em Gestão e Auditoria em Serviços da Saúde pela Faculdade Futura. É docente vinculado ao Núcleo de Educação Continuada e Extensão da Universidade do Vale do Taquari. Também atua como Enfermeiro de Relações Empresariais na área de Relacionamento com Clientes da UNIMED Cooperativa de Serviços de Saúde dos Vales do Taquari e Rio Pardo LTDA. Tem experiência nas áreas de Ensino e Tecnologias em Saúde; Processos de Enfermagem; Educação em Saúde; Envelhecimento Humano; Epidemiologia; Saúde Coletiva; Sustentabilidade e Qualidade de Vida. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4903-0775

Luis Gustavo Guimarães
Doutorando em Educação e Mestre em Educação pela Faculdade de Educação - Universidade Estadual de Campinas/SP-Brasil (2018). Possui especialização em Gestão Escolar pela Universidade da Cidade de São Paulo-Brasil (2011) - Graduação em Licenciatura Plena - Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Rio Claro/SP/Brasil (2006) e Magistério pelo Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério - S.J. Rio Preto/SP/Brasil (2001). Atuou como Bolsista Docente no Programa de Qualificação de Docentes e Ensino de Língua Portuguesa no Timor-Leste (2013/2014 - CAPES - MEC - MRE/Brasil). Atualmente atua como Coordenador Pedagógico na Secretaria Municipal da Educação de Valinhos SP e Facilitador de Aprendizagem na Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP) e ministra oficinas de cinema e fotografia para alunos e professores da Educação Básica. Associado desde 2009 na Rede Latino Americana de Cinema e Educação - Rede Kino e Coordenador na Gestão 2016/2018 e membro da Rede de Pesquisadores sobre Timor-Leste no Brasil

Luiz Paulo Klock Filho
Possui graduação em Geografia Licenciatura e Bacharelado pela Universidade do Estado de Santa Catarina UDESC (2004), especialista nos cursos de MBA Gestão Ambiental pela Universidade do Oeste de Santa Catarina UNOESC e Gestão de Pessoas pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Mestre pelo Programa de Pós-Gradução de Desenvolvimento Regional - PPGDR da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR. Tem experiência na área de

Geografia, com ênfase em Geografia Humana, Urbana, Econômica atuando principalmente nos seguintes temas: ensino da geografia, pesquisa geográfica, educação ambiental, movimentos sociais, organizações sociais e planejamento urbano e rural. Tendo atuação no Terceiro setor nas áreas: de educação ambiental, responsabilidade social, coordenação pedagógica em projetos de inclusão universitária, produção e locução em rádio comunitária e web-rádio.

Magda Gisela Cruz dos Santos
Doutora e Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas na linha de Filosofia e História da Educação. Graduada em Ciências Sociais (bacharelado e licenciatura) pela Universidade Federal de Pelotas. Integrante dos Grupos de Pesquisa Educação Popular e Movimentos Sociais (MovSE) da Universidade Federal de Pelotas e Trabalho, Movimentos Sociais e Educação (TRAMSE) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Possui experiência na área de Educação, principalmente em relação aos temas: políticas públicas, trabalho e educação, educação popular, formação integral, movimentos sociais, escola pública e Educação do Campo. Foi pesquisadora no Projeto Observatório da Educação do Campo em seu núcleo no Estado do Rio Grande do Sul (CAPES/INEP). Atuou como professora da Educação Básica, coordenadora pedagógica e supervisora de estágio na rede pública estadual e municipal de Pelotas.

Marcel Cavalcante
Professor de Educação Física da rede Municipal do Rio de Janeiro, formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Física Escolar, pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, pelo Programa de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, do Colégio Pedro II (PROPGPEC / CPII). Multiplicador do método denominado Teatro do Oprimido e estudante do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Estácio de Sá (Campus Tom Jobim). Co-autor nos livros: "Práticas Pedagógicas, Currículo e Formação Docente: tecendo reflexões em educação" (Org. William de Góes Ribeiro) e "Educação Física Escolar e Questões Curriculares" (Org. Arlindo Fernando Paiva de Carvalho Junior e Renata Osborne). Idealizador e diretor do Grupo Educadores/as In Cena: grupo de estudo e experimentação em Teatro do Oprimido e Educação

Marcelo da Silva Souza
Doutorando em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. Mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS (2019). Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Ciência, Tecnologia e Educação - FACITE (2014). Licenciado em Letras pelo Centro Universitário Claretiano (2018). Especialista em Docência Universitária pela Faculdade Brasil Central - FBC BRASIL (2016). Especialista em Artes e Ação Cultural pela Universidade Federal do Oeste da Bahia- UFOB (2017). Atualmente, atua como professor nos cursos de Direito, Psicologia e Enfermagem- FACITE, com a disciplina de Língua Portuguesa. Ministrou a disciplina de Didática no curso de pós-Graduação Latu Sensu em Libras, pelo Instituto Geração (2019). Atua na formação de professores desde 2015. Atuou como professor de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Redação no Ensino Médio pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia (2013-2014). Atualmente, é servidor público na Universidade Federal do Oeste da Bahia

- UFOB (desde 2014), onde tem, também, desenvolvido atividades de extensão de Leitura, Gramática e suas interfaces sociais. É membro do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Multidisciplinares em Linguagens, Comunicação e Cultura- LINC; membro do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da UFOB; Membro e um dos coordenadores do Grupo Universitário de Estudos sobre Inclusão e Acessibilidade – GUIA (UFOB). É um dos autores do livro "Bahia: Terra de Luz e Amor" (2018). É vencedor do prêmio de literatura Osório Alves de Castro (2016) e do Prêmio Troféu Clodomir de Morais (2016).

Marcelo da Silva Teixeira
Licenciado em Letras pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais/Unileste - MG; Licenciado em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação Elvira Dayrell; Graduando em Educação Física; Especialista em Gestão Educacional e Especialista em Educação Inclusiva e Diversidade pelo Instituto Superior de Educação e Cultura Ulysses Boyd; Professor efetivo na Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais e Assessor Técnico na Superintendência de Prevenção às Drogas da Secretaria Municipal de Defesa Social de Contagem – MG.

Marcelo Teixeira
Graduado em Pedagogia pelo Centro Universitário Anhanguera de São Paulo, Professor de Educação Infantil, Ensino Fundamental I e Educação Especial, com cursos de extensão voltados para a Educação Escolar e Pós-graduando em Educação Especial Inclusiva pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro com Ênfase em Deficiências Intelectual e Visual.
E-mail: marceloteixx@gmail.com

Maria Angélica de Sousa Costa
Graduação em andamento em Letras - Língua Portuguesa. Universidade Estadual do Ceará, UECE, Brasil Extensão universitária em FORMAÇÃO DE LICENCIANDOS INTEGRADA À CIBERCULTURA. Universidade Federal do Ceará, UFC, Brasil. Extensão universitária em Produção de Vídeos Didáticos. Universidade Federal do Ceará, UFC, Brasil LIBRAS. CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO E ATENDIMENTO ESPECIALIZADO DO CEARÁ, CREAECE, Brasil. Extensão universitária em Curso Online para Revisores de Textos. Universidade Estadual do Ceará, UECE, Brasil.

Maria Helena de Souza Ide
Doutorado em Educação pelo Georg August Universität Göttingen, Alemanha (2003). Professora da Universidade Estadual de Montes Claros, Brasil

Maria José Brandão Ramos
Doutora em Ciências da Educação pela Universidade San Lorenzo – linha de pesquisa: "Novas tecnologias aplicadas à educação". Pedagoga e especialista em supervisão escolar, pela Universidade Federal do Maranhão; graduada em Filosofia e Ciência da Religião; e pós-graduada em Ciências Humanas. É professora das faculdades Montenegro, São Judas Tadeu e IESM (extensão em Tutóia) nos cursos de Pedagogia e Licenciatura em Educação Física. Professora da Rede Municipal no Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). Membro da Academia de Ciências, Artes e Letras de Tutóia – ACALT – ocupante da Cadeira de número 5, patroneada por Naiza de Jesus Araújo

Costa, da qual foi vice-presidente e presidente. Tem um artigo publicado sobre o tema da sua pesquisa. Autora do livro Novas Tecnologias, Novas Metodologias: um desafio escolar (sua tese de doutorado); coautora e organizadora do livro I Encontro Galhardense: 54 anos de história; coautora do livro Pedagogia das Primeiras Palavras: cartas pedagógicas. Seu hobby é estudar. Foi Secretária de Educação e Secretária de Cultura de Tutóia.

Maria José Guerra
Graduada em Pedagogia pela (UEPB), fez Especialização em Educação (Ensino de Língua Portuguesa) pela (UFCG), Especialização em Tecnologias Digitais na Educação (UEPB). É mestra em Ciências da Sociedade, pela (UEPB) e doutora em Educação pela (UFPB). É professora titular do Departamento de Educação e do Programa de Formação de Professores PARFOR/MEC/CNPQ/UEPB. Coordena Projetos de Pesquisa e Extensão em Educação. Professora colaboradora do curso de Formação de professores alfabetização e letramento em educação de jovens e adultos (EJA). Possui experiência nos níveis da Educação Básica, do Ensino Médio e do Ensino Superior. Autora de vários trabalhos publicados na área de Alfabetização, Linguagem, Educação e Formação de Professores em EJA. Atua nas áreas de Ensino de Língua Materna, Educação de Jovens e Adultos e Estágio Supervisionado. Faz parte do Grupo de Pesquisa Ensino, Historia e Formação docente (UEPB) e desenvolve pesquisas em Língua Materna, área de linguagens, o Funcionamento da prática da Oralidade na relação Professor/Aluno, Alfabetização e Letramento, Educação de pessoas Jovens Adultas e Idosas, Formação de Professores, Políticas Públicas e Gestão Escolar. E, tem interesse pela pesquisa e estudos em Linguística Aplicada ao Ensino e à Aprendizagem de Língua Materna dos Anos Iniciais, nos seus currículos como (fala, a escuta, leitura, escrita, práticas sociais dos estudos do letramento e estudo do texto oral construído em sala de aula).

Mariana Cunga Bhering
Educadora, Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Graduou-se História, bacharel e licenciatura plena pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP e graduação em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho. Foi orientadora educacional e ministrou aulas sobre atualidades e direitos trabalhistas em curso profissionalizante. Foi educadora em projetos sociais e lecionou a disciplina de história em escolas estaduais na cidade de São Paulo. Dedica-se a pesquisa sobre infância e juventude na região Amazônica e em todo Brasil.

Marlene Schüssler D'Aroz
É graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Mestre e Doutora em Educação pela mesma universidade. Pós-Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Centro Oeste (2019-UNICENTRO). Realizou Estágio Científico Avançado na UMINHO, Braga-Portugal. É docente colaboradora no Mestrado Profissional em Educação da UFPR. Pedagoga na Associação Iniciativa Cultural Passos da Criança atuando com a infância em risco e pesquisadora da infância.

Marlete Nunes Gomes
Mestrado Profissional em MESTRADO PROFISSIONAL pela Universidade Federal do Pampa, Brasil (2018).

Marli Klumb
Especialização em Ciencias Sociais pelo Faculdades de Itapiranga, Brasil (2004).

Martinho Condini
Doutor em Educação (PUC-SP, 2007-2011). Mestre em Ciências da Religião (PUC-SP, 2000-2004) e graduado em Estudos Sociais e História (UNICID, 1987-1990). Possui experiência na área da educação, com ênfase em Formação de Professores, Didática, Prática Pedagógica e Currículo. Atua principalmente com os temas: pensamento freireano, ética, educação libertadora e história da educação brasileira. Integra o grupo de pesquisa do CNPQ (O pensamento de Paulo Freire na educação brasileira), na linha de pesquisa (Pensamento de Paulo Freire - legado e reinvenção) na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Leciona em cursos de graduação e pós-graduação. Publicou pela Paulus editora os livros Dom Helder Camara um modelo de esperança (2008), Helder Camara, um nordestino cidadão do mundo (2011), Fundamentos para uma educação liberadora: Dom Helder Camara e Paulo Freire (2014) e o DVD Educar para a liberdade: Dom Helder Camara e Paulo Freire (2013). Pela Pablo Editorial, Bogotá, Colômbia, publicou o livro Monsenhor Hélder Câmara um ejemplo de esperanza (2014). Pelo Instituto Paulo Freire, publicou Pedagogia do Oprimido: uma história sem fim, in 50 Olhares sobre os 50 anos da Pedagogia do Oprimido. 2019 (ebook). Contato: profcondini@gmail.com

Mateus Lorenzon
Mestrado em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, Brasil (2018) Professor Área I da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio, Brasil

Michele Guerreiro Ferreira
Graduada em Ciências Sociais (FAFICA); Especialista em História do Brasil (FAFICA); Mestra em Educação Contemporânea (CAA/UFPE); Doutoranda em Educação (CE/UFPE). Professora nas Licenciaturas de Filosofia, História e Pedagogia da FAFICA, professora de História da rede estadual de ensino de Pernambuco; E-mail: mguerreirof@hotmail.com.

Mikael Lima Brasil
Enfermeiro residente em Saúde Coletiva pelo Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães – CPqAM – FIOCRUZ Pernambuco.

Mônica de Toledo e Silva Spegiorin
Geógrafa e educadora pela Universidade de São Paulo, Mestre em Linguística Aplicada pela PUC-SP, pós-graduada em Currículo e Prática Educativa pela PUC-RJ. Atua como palestrante, consultora em projetos pedagógicos e na formação de educadores, com ênfase na mediação da aprendizagem e educação crítica e reflexiva. Especialista na área de Ciências Humanas, com ampla experiência profissional como professora de Geografia, trabalha com projetos de consultoria e assessoria educacional nas redes pública e privada de ensino desde 2006. Desenvolveu, entre

2008 e 2014, atividades de formação de educadores com base na mediação da aprendizagem, por meio da utilização de jogos de raciocínio, visando o aprimoramento de habilidades cognitivas, emocionais, sociais e éticas. Com especialização em coordenação pedagógica, avaliação, teorias de ensino-aprendizagem e educação para O Pensar, com certificação pelo International Baccalaureate in Americas Primary and Middle Years Programme, atua como professora associada em diversos grupos de professores pesquisadores para desenvolvimento de programas de formação de professores e elaboração de material didático.

Mônica Maria Teixeira Amorim
Doutorado em educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil (2013). Professora da Universidade Estadual de Montes Claros, Brasil

Mônica Tessaro
Psicóloga. Mestra em Educação pela Unochapecó, Doutoranda em Educação pela Unoesc. Bolsista CAPES

Naider Tadeu Porcel
Graduado em Engenharia Eletrônica (USP) e licenciatura em Eletrônica e Matemática. Pós-graduado em Gestão Educacional e em Educação Inclusiva. Professor do Centro Paula Souza há mais de 20 anos. Ex secretário municipal de Educação de Mococa-SP (2013 – 2016)

Nívea Oliveira Couto de Jesus
Possui Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2016). Possui graduação em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Goiás (2005) e graduação em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Rio Verde (1995). Atualmente é coordenadora pedagógica na rede estadual e professora na rede municipal de ensino (SME). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Avaliação de Sistemas, Instituições, Planos e Programas Educacionais, Pesquisas em História e Memória na área da História da Educação. Membro do grupo de pesquisa: EDUCAÇÃO, HISTÓRIA, MEMÓRIA E CULTURA EM DIFERENTES ESPAÇOS SOCIAIS. http://lattes.cnpq.br/2971083865428960

Paulo Roberto Bellotti Vargas
Especialização em Planjamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense, Brasil (2011). Presidente do Conselho do Conselho Municipal de Educação -Castelo-ES, Brasil

Pe. Rogério L. Zanini
Padre da Diocese de Chapecó. Cursou história na UNOESC, Teologia no Itepa (Passou Fundo), Pós-graduação em metodologia pastoral (Itepa). Mestrado em teologia pela PUC/RG. Doutorando em Teologia pela (PUC/RS) e bolsista da CAPES.
E-mail: zaninipastoral@hotmail.com

Pedra Emanuely Pereira da Silva Carneiro
Mamãe, esposa, professora graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação São Francisco – FAESF, pós-graduada em Gestão, Coordenação e Supervisão Escolar pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz – FACIBRA, coordenadora pedagógica, replicadora de palestras educacionais

Peterson. R. Costa
Licenciado em Filosofia – Unilasalle. Licenciado em Pedagogia – FURG. Especialista em Gestão e Planejamento Escolar – Unilasalle. Mestre em Educação – Unilasalle. Professor no curso de Pedagogia do Centro Universitário IPA Metodista. Professor titular de libras na Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. Professor de Filosofia na Escola Estadual de Ensino Médio Jardim Planalto – Esteio/RS. peterson.prc@gmail.com

Priscila Aparecida Iglesias Marangon
Aluna de Pedagogia na Universidade de Guarulhos SP, cursando 6º semestre.
E-mail: priscilaiglesias_08@yahoo.com

Priscilla Bibiano
Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Lavras, Brasil (2016) Supervisora Pedagógica da Prefeitura Municipal de Varginha, Brasil

Raimundo Carneiro Corrêa
É maranhense de Esperantinópolis, Médio Mearim. Educador aposentado, contista, romancista, memorialista, poeta. Escreveu e publicou: NOTAS HISTÓRICAS DE ESPERANTINÒPOLIS, Opúsculo, 1970; NOITE DOS PALMEIRAIS, Contos, (1973); TRINCHEIRA DO AZUL, Crônicas, (1989); AS VAIAS DA GALERA, Romance contemplado pelo Plano Editorial SIOGE/SECMA, 1994; abril, Crônicas, 2010; MANDINGA, Romance, (2013); MOENDAS E FUSOS, Memórias, (2014). Raimundo Carneiro Corrêa, desde a juventude tem se dedicado às causas da educação, da cultura, da democracia. Protagonizou lutas, movimentos, sofreu derrotas, colheu vitórias. É autor dos símbolos Municipais, a Bandeira, o Escudo D'Armas, a letra do Hino, que a esposa Graça Lima musicou. Email: raim3108@hotmail.com

Rayane Albani
Graduação em Ciências Contábeis pelo Centro Universitário Internacional, Brasil (2017) Supervisora Arquivo Central, Mov Financeiro da PREFEITURA MUNICIPAL DE MARILÂNDIA, Brasil.

Remilda Porfirio dos Santos
Mestrado em CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO pelo UNIVERSIDAD INTERAMERICANA DE LA REPÚBLICA DEL PARAGUAY, Paraguai (2017).

Renata Kelly Sousa de Almeida
Pós-graduanda no curso de metodologia do ensino de língua portuguesa e literatura; Graduada em Licenciatura Plena em Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Atualmente exerce a docência do Reforço escolar em uma instituição privada localizada

em Belém. como poetisa e escritora destacou-se nos seguintes trabalhos: Comentarista do livro 365 dias com Paulo freire, organizado por Ivanio Dickmann da editora diálogo freiriano; Organizadora e palestrante na Faculdade Ideal FACI/Wyden, na qual lançou a coletânea produzida pelos próprios alunos - MEU EU EM VERSOS; Autora na antologia - eu jardineiro, organizado por Lenilson Silva; Autora na antologia - Bem-vindos ao Jardim 2 – poesias, contos e crônicas, organizado pela editora Edições & Publicações; Poetisa participante do sarau realizado pela Fundação Cultural do Pará - "A noite é uma palavra" Em 2016, atuou como estagiária e monitora na instituição Pequeno Príncipe / Avante. Enquanto estagiária participei da edição do jornal escolar Avante News e na condição de avaliadora de poemas e poesias para o I Sarau Literário "ler é dá assas para conquistar o Mundo". Em 2015, atuou como estagiária na Secretaria Municipal de Educação – SEMEC / Centro de Referência em Inclusão Educacional "Gabriel Lima Mendes" - CRIE Em 2011- Finalista de projeto de pesquisa intitulado: Química experimental no ensino médio, uma prática com produtos naturais, realizado na Poli-Técnica da USP (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO) São Paulo.

Renata Kelly Sousa de Almeida
Pós-graduanda no curso de metodologia do ensino de língua portuguesa e literatura; Graduada em Licenciatura Plena em Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Atualmente exerce a docência do Reforço escolar em uma instituição privada localizada em Belém. como poetisa e escritora destacou-se nos seguintes trabalhos: Comentarista do livro 365 dias com Paulo freire, organizado por Ivanio Dickmann da editora diálogo freiriano; Organizadora e palestrante na Faculdade Ideal FACI/Wyden, na qual lançou a coletânea produzida pelos próprios alunos - MEU EU EM VERSOS; Autora na antologia - eu jardineiro, organizado por Lenilson Silva; Autora na antologia - Bem-vindos ao Jardim 2 – poesias, contos e crônicas, organizado pela editora Edições & Publicações; Poetisa participante do sarau realizado pela Fundação Cultural do Pará - "A noite é uma palavra" Em 2016, atuou como estagiária e monitora na instituição Pequeno Príncipe / Avante. Enquanto estagiária participei da edição do jornal escolar Avante News e na condição de avaliadora de poemas e poesias para o I Sarau Literário "ler é dá assas para conquistar o Mundo". Em 2015, atuou como estagiária na Secretaria Municipal de Educação – SEMEC / Centro de Referência em Inclusão Educacional "Gabriel Lima Mendes" - CRIE Em 2011- Finalista de projeto de pesquisa intitulado: Química experimental no ensino médio, uma prática com produtos naturais, realizado na Poli-Técnica da USP (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO) São Paulo.

Renata Pekelman
Mestre em Educação-UFRGS; Médica de Família e Comunidade; Serviço de Saúde Comunitária-Hospital Nossa Senhora da Conceição/GHC- Porto Alegre – RS
Contatos: renatapek@gmail.com /(51) 99967-3429

Ricardo Cocco
Doutor em Educação pela Universidade de Passo Fundo (UPF) com Doutorado Sanduíche no Instituto Politécnico de Portalegre (Portugal). Técnico em Assuntos Educacionais na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Locutor-Apresentador da Rádio Comunitária de Frederico Westphalen.

Rodrigo Sérvulo da Cunha Vieira Rios
Cientista social, advogado e educador.

Rômulo Tonyathy da Silva Mangueira
Doutorando em Ciência, Tecnologia e Educação (CEFET/RJ), Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática (UEPB/2016), Especialista em Educação Matemática (FASP/2016) e Graduado em Licenciatura em Matemática (UFCG/2014). Professor (IFPB/Campus Sousa) e pesquisador em Educação em Ciências e Representações Sociais (EDUCIRS), Educação Popular Intergeracional e Inclusão (GEEPLINC) e Ensino de Matemática e Pós-Modernidade (GEPEP).

Ronaldo F. Pinheiro
Possui Graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2003). Licenciatura em Computação (2015). Possui Especialização em docência do ensino Superior (2007). Especialista em Gestão de programas de Reforma Agrária e Assentamento (2007). Atuou como Professor de Antropologia Jurídica e Filosofia do Direito da Faculdade de Teologia, Filosofia e Ciências Humanas Gamaliel (2013), professor de Filosofia da Escola Estadual de Ensino Médio Dep. Raimundo Ribeiro de Souza (Atualmente), Professor na mesma escola em sistema de Unidocência no Ensino Médio (especial para alunos fora da faixa de idade série/ano) para o Projeto Mundiar de aceleração do ensino. Atuou como Professor de Filosofia no ensino Fundamental da -E M E F Gov. Telles de Menezes e Coordenador de Educação Básica Ensino Fundamental Anos Finais (SMEC – TUCURUÍ-PA). Tem atuado principalmente nos seguintes temas: Filosofia, Educação, Currículo, Tecnologia, Cidadania e Cibercultura.

Rosane de Fátima Batista Teixeira
Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná. É pedagoga no IFPR, atuando principalmente em questões relacionadas aos cursos de licenciaturas. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisas em Publicações Didáticas/UFPR.Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Livro Didático, Didática, Formação Docente, Educação Profissional, Educação de Jovens e Adultos e Coordenação Pedagógica. Diretora cientifica da área de Ciências Humanas da Editora IFPR.

Rosenei Cella
Possui Bacharelado em Ciências Contábeis, Licenciatura em Letras Português Inglês pela Universidade Comunitária Regional de Chapecó (2003). Especialista em Letras - Língua e Literatura de Língua Inglesa (2005), e Letras - Língua e Literatura de língua portuguesa (2009). É Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo - UPF (2010), na linha de pesquisa Políticas Educacionais. Doutoranda em Educação pela Universidade de Passo Fundo - UPF, ingresso 2015. Membro do grupo de pesquisa da UFFS Pesquisa em Gestão e Inovação Educacional (GPEGIE). Atualmente é Secretária Executiva na Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Campus Chapecó.

Sacha Arielle Branco
Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Brasil (2017) Mestranda da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

Sandra Regina Gavasso Amarantes
Possui graduação em Ciências Sociais pelo Instituto Federal do Paraná (2016). Especialização em Psicopedagogia Institucional e Psicopedagogia Clinica, pelo Instituto Superior do Litoral do Paraná - Isulpar (2018) Especialização em Metodologia do ensino de Filosofia e Sociologia pela Faculdade de educação São Luís(2018) Especialização em Educação de Jovens e Adultos (EJA) pela Faculdade de educação São Luís (2018) Especialização em Língua Portuguesa: Redação e oratória pela Faculdade de Educação São Luís (2019) Especialização em Educação e Sociedade pela Faculdade de educação São Luís (2019). Atualmente é docente na rede Estadual de educação (SEED)PR.

Sebastian Ramos
Mestrado Profissional em Teologia pela Faculdade EST, Brasil (2018) PROFESSOR da Faculdade de Educação Superior, Brasil.

Simone Elina de Paula
Pedagoga, Psicopedagoga com atuação Clinica e Institucional, Psicanalista, Mestrado Profissional em Psicanálise e Saúde Mental, Especialista em Gestão e Orientação Escolar, Membro do Conselho Municipal de Educação de Ribeirão das Neves, Gerente De Educação Básica do Município de Ribeirão Das Neves.

Solange Maria Alves
Doutora em Educação com área de concentração em psicologia e educação, pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP); Mestrado em Educação com área de concentração em Metodologia de Ensino, pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO); Especialista em Educação Especial pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC); Graduada em Pedagogia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). Professora do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).
Contato: solange.alves@uffs.edu.br ou solangesol13@gmail.com

Sônia Maria Zanezi Peres
Graduada em Pedagogia, Especialista em Organização do Trabalho Pedagógico: Gestão Escolar. Atualmente é efetiva da Secretaria de Estado de Educação Esporte e Lazer - SEDUC/MT no cargo de Técnica Administrativa Educacional Profissionalizada em Secretaria Escolar. É aluna do Curso de Mestrado em História da PUC Goiás - soniazanezi@hotmail.com

Sueli Aparecida da Silva
Acadêmica do 6º Período do curso em Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente-FAMA Clevelândia –Pr. E-mail: suelidasilva.silva@hotmail.com

Suzan Alberton Pozzer
Mestranda em Educação pela UFSC. Graduada em Psicologia pela Faculdade de Psicologia de Joinville - ACE. Membro dos Grupos de Pesquisa Ethos, Alteridade e Desenvolvimento

(GPEAD/FURB) e Hermenêuticas da Cultura, Mundo e Educação (UFSC). E-mail: suzanalberton@hotmail.com

Shelton Lima de Souza
Possui graduação em Letras/Português do Brasil como Segunda Língua (2006), mestrado em Linguística/Gramática (2008), ambos realizados na Universidade de Brasília/UnB, e doutorado em Linguística (2017) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. Professor Adjunto Nível 3 de Linguística e Língua Portuguesa no Centro de Educação, Letras e Artes/CELA da Universidade Federal do Acre/UFAC.

Tamires Barros Veloso
Pedagoga formada pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica – FERA, Mestranda em Educação Contemporânea – UFPE

Thaís Andressa Lopes de Oliveira
Licenciada em Química pela Universidade Estadual de Maringá, Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática da mesma instituição (PCM-UEM). Também possui Especialização lato sensu em Docência do Ensino Superior e Especialização em andamento em Neuroeducação e Educação à Distância pela Faculdade Campos Elíseos, vinculada à Universidade Paulista (UNIP) - Conceito 4 do MEC. Atualmente, é Representante Discente do Doutorado junto ao colegiado do Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática (Gestão 2018-2019). Tem experiência na área de Ensino de Química, com ênfase nos seguintes temas: Experimentação Investigativa, Multimídias em Ensino de Química e Abordagem Temática. Atualmente, suas pesquisas voltam-se ao papel do questionamento no processo educativo, e suas implicações aos estudos da linguagem no Ensino de Ciências, na Abordagem Temática Freireana e no desenvolvimento de capacidades de Pensamento Crítico.

Thiago Ingrassia Pereira
Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil (2014). Professor Adjunto da Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

Thiago Mena
Doutorando em Educação, na área de Educação Científica, Matemática e Tecnológica, pela Faculdade de Educação da USP. Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da USP (2015). Licenciado em Matemática pela Universidade São Judas Tadeu (2008) - bolsa PROUNI. Especialização em Educação Matemática pela PUC de São Paulo (2010). Especialização em Ética, Valores e Cidadania na Escola, pela USP/UNIVESP (2012). Professor de Matemática do Ensino Fundamental II, e Médio das redes Municipal e Estadual de São Paulo há 10 anos.
E-mail: genio_thi@hotmail.com

Valdenice Maria da Silva Setti
Aluna do Mestrado em Educação pela UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão. Graduada em Geografia pela UNIOESTE- Campus de Francisco Beltrão. Especialização em Educação Integral pela Celer Faculdades e em Supervisão, Orientação e Gestão Escolar pela FAFIPA. E-mail: valdinnice@hotmail.com

Vanise Dal Piva
Mestrado em Ciências da Saúde pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Brasil (2015) Farmacêutica do Consórcio Intermunicipal de Saúde do Oeste de Santa Catarina, Brasil

Verena Strada Autora
Licenciada em Física pela Unijuí-RS, pós-graduada em "Espaços alternativos do ensino e da aprendizagem" pelo Instituto Federal Farroupilha Câmpus de Santo Augusto, professora do Instituto Estadual de Educação Indígena Ângelo Manhká Miguel de São Valério do Sul-RS. E-mail: verena.strada@hotmail.com

Wagner Hoffmann
Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE- Campus Francisco Beltrão. Graduado em Filosofia pela Faculdade Padre João Bagozzi – BAGOZZI. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. wagnerhoffmann@alunos.utfpr.edu.br

Welessandra Aparecida Benfica
Doutora em Educação pela FAE-UFMG. Atua na Coordenação institucional do Programa de Residência pedagógica. Professora titular da UEMG- Unidade Ibirité nas disciplinas de Conteúdos e Metodologias Curriculares de Língua Portuguesa I e II -Alfabetização e Letramento e Literatura Infantil no Curso de Pedagogia da UEMG e de Leitura, escrita e representações sociais.

Wesley Dias Santos
Graduado em Filosofia pelo Instituto São Boaventura, em Teologia pelo Instituto São Paulo de estudos Superiores e em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional - UNINTER. Atualmente cursa pós-graduação Latu Sensu em Orientação, Supervisão e Gestão escolar pelo Centro Universitário Internacional - UNINTER e em Didática e Trabalho Docente pelo Instituto Federal Sudeste MG - Campus São João del Rei.

William Monteiro
Licenciado em Matemática pela Universidade Estadual de Santa Cruz (2005) e Mestre em Educação em Ciências e Matemática pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2015) e docente na Universidade do Estado da Bahia.

William Vinicius Pinto
Educador Social, Mestre em Educação pela Universidade Nove de Julho - UNINOVE na linha de pesquisa: Educação Popular e Culturas. Graduado em Pedagogia com habilitação em docência das séries inicias do Ensino Fundamental e Gestão Escolar pela Universidade do Grande ABC - UNIABC. Especialista Lato Sensu em Intervenção e Prática Sistêmica com Famílias - Terapeuta Familiar e de Casal pela Universidade Federal de São Paulo UNIFESP, Psicopedagogo Clinico pela Faculdade Campos Elíseos, Intervenção Psicossocial no Contexto das Políticas Públicas pela Faculdade Campos Elíseos, Gestão do Terceiro Setor pela Faculdade Campos Elíseos. Profissionalmente, sou Educador Social na Fundação Criança de São Bernardo do Campo atuando em projetos sociais, especificamente, no acompanhamento e mediação de conflitos com famílias em situação de risco e, ou, vulnerabilidades. Atualmente, desenvolvo atividades sociopedagógicas com os adolescentes e jovens que se encontram em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto e seus respectivos familiares, sendo esse acompanhamento focado na perspectiva do fortalecimento de vínculos e na capacidade protetiva das famílias.

Yago Felipe Campelo de Lima
Mestre em História pela UFCG-PB. Graduado em História pela FAFICA-PE. Professor da ASCES-UNITA (Centro Universitário Tabosa de Almeida). Professor da rede pública municipal de ensino de Caruaru-PE. E-mail: sr.yagofelipe@hotmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

ação antidialógica, 110, 111, 112, 114, 118, 126
ação cultural, 106, 112, 117, 118, 128, 185, 193, 195, 203, 205, 208, 209, 213, 214, 223, 291, 292, 338, 355
Ação Cultural para a Liberdade, 185
ação dialógica, 116, 117, 118, 271, 272, 479, 515
ação e reflexão, 78, 108, 149, 151, 174, 210, 237, 259, 310
ação-reflexão, 57, 94, 158, 179, 191, 214, 286, 309, 370, 462
aderência, 117
admirar, 111, 173, 246, 524
adultos, 259
afetividade, 144, 166, 414, 437, 468, 539, 540, 542, 558
África, 277, 288, 291, 295, 384, 404, 460
Alfabetização, 31, 39, 45, 209, 289, 299, 303, 339, 575, 583, 606, 613, 620, 628, 636
alienação, 41, 42, 45, 59, 69, 82, 87, 98, 107, 122, 213, 219, 220, 222, 223, 234, 236, 237, 238, 333, 344, 349, 352, 370, 380, 439, 446, 491, 501, 503, 620
alteridade, 76, 95, 148, 296, 298, 307, 309, 332, 383, 431, 435, 510, 546, 567
aluna, 137, 185, 413, 523, 524, 542, 550, 551, 591, 634
aluno, 58, 59, 61, 63, 87, 89, 98, 115, 137, 141, 143, 144, 166, 167, 170, 189, 198, 199, 213, 214, 215, 222, 240, 258, 265, 267, 269, 293, 299, 300, 301, 302, 304, 324, 335, 338, 339, 345, 348, 354, 355, 371, 374, 376, 381, 396, 413, 418, 422, 423, 424, 425, 429, 432, 437, 438, 442, 469, 487, 495, 513, 520, 521, 524, 525, 529, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 544, 545, 550, 551, 561, 564, 565, 575, 583, 585, 590
América Latina, 34, 45, 145, 201, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 250, 296, 379, 400, 498, 616
amorosidade, 10, 33, 95, 151, 154, 413, 414, 429, 430, 469, 479, 480, 481, 482
analfabetismo, 31, 34, 41, 55, 59, 61, 102, 196, 205, 210, 211, 268, 281, 324, 325, 350, 351, 411, 450, 533, 584
Angicos, 31, 64, 259, 321, 325, 482
Angola, 289
antropológica, 76
anúncio, 45, 112, 201, 220, 369, 378, 438, 473, 591, 592, 593
Ásia, 295
ativismo, 94, 147, 253
ato cognoscente, 96, 173
ato de estudar, 185, 186, 375, 419
aula, 78, 90, 97, 137, 168, 170, 185, 188, 195, 202, 226, 281, 329, 335, 353, 375, 376, 397, 419, 423, 438, 442, 443, 448, 484, 523, 525, 535, 539, 563, 564, 591
autonomia, 9, 32, 75, 76, 82, 93, 102, 136, 142, 146, 149, 166, 189, 210, 265, 284, 308, 324, 373, 393, 394, 414, 425, 435, 437, 471, 479, 488, 489, 496, 513, 521, 524, 529, 538, 539, 540, 541, 542, 546, 550, 562, 566, 578
autoridade, 48, 78, 90, 167, 285, 311, 353, 363, 364, 368, 381, 432, 433, 438, 450, 459, 490, 520, 529, 532, 540, 541, 544, 545, 560
autoritarismo, 34, 47, 368, 377, 379, 388, 414, 432, 438, 471, 490, 501, 512, 531, 532, 540, 551
avaliação, 37, 79, 137, 138, 174, 233, 289, 306, 413, 418, 481, 531, 532, 582, 608, 624, 629

B

biofilia, 207
boniteza, 35, 342, 362, 370, 371, 461, 535

C

camponês, 91, 92, 135, 141, 142, 145, 146, 155, 159, 163, 164, 165, 168, 169, 176, 177, 178, 192, 371, 372, 486
carta, 418
Cartas, 422
Cartas a Cristina, 9, 457, 458, 462, 470, 471, 477, 480, 492, 501, 502, 503
Cartas à Guiné-Bissau, 9, 279, 281, 283, 298, 301, 306, 309, 311
cidadania, 51, 57, 139, 150, 187, 234, 238, 247, 250, 305, 323, 351, 395, 404, 415, 416, 422, 431, 437, 439, 450, 458, 489, 497, 501, 504, 521, 582, 583, 586, 595
Círculo de Cultura, 68, 281, 282, 483
Círculos de Cultura, 68, 107, 192, 281, 282, 294, 299, 340, 341, 366, 483
classe social, 114, 268, 378, 384, 393, 423, 445, 466, 467, 471, 547, 548, 562
codificação, 103, 106, 107, 177, 178, 260, 267, 293, 299, 300, 308, 396, 419, 565
coerência, 102, 224, 238, 284, 295, 301, 322, 362, 371, 372, 374, 438, 443, 444, 479, 487, 488, 510, 520, 550, 557, 558, 561, 570
comprometer, 46, 80, 95, 176, 194, 232, 233, 332, 401, 492, 497, 542, 584
comprometimento, 152, 179, 186, 231, 236, 243, 244, 245, 263, 264, 271, 296, 338, 351, 394, 429, 431, 459, 531, 532, 542
compromisso, 10, 12, 34, 35, 75, 76, 77, 94, 95, 104, 108, 116, 159, 167, 173, 179, 212, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 240, 244, 245, 247, 248, 250, 260, 265, 267, 268, 269, 281, 285, 306, 317, 318, 327, 332, 334, 345, 346, 349, 355, 370, 377, 379, 380, 384, 385, 386, 395, 401, 413, 430, 431, 439, 442, 458, 459, 476, 480, 487, 490, 491, 494, 496, 529, 530, 532, 578, 597
comunicação, 39, 48, 86, 89, 96, 97, 98, 108, 110, 119, 120, 122, 124, 125, 126, 127, 135, 136, 139, 140, 141, 143, 144, 147, 148, 154, 155, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 176, 178, 188, 190, 193, 200, 207, 238, 239, 251, 264, 266, 267, 269, 270, 277, 299, 302, 352, 393, 394, 396, 422, 440, 468, 517, 527, 539, 546, 586, 587, 610
condicionado, 45, 142, 218, 474, 528
conflitos, 41, 42, 52, 67, 105, 214, 216, 241, 349, 377, 386, 405, 435, 443, 444, 477, 496, 498, 501, 578, 637
conhecimento, 9, 12, 39, 41, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 77, 80, 81, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 110, 113, 118, 119, 122, 123, 124, 128, 135, 136, 137, 138, 139, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 154, 155, 160, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 197, 199, 200, 203, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 221, 222, 224, 225, 231, 234, 235, 236, 238, 240, 243, 247, 248, 250, 254, 258, 259, 260, 265, 268, 269, 270, 272, 280, 283, 284, 285, 287, 289, 293, 294, 295, 298, 299, 300, 301, 302, 306, 312, 317, 321, 326, 327, 335, 338, 339, 342, 343, 350, 353, 354, 367, 368, 372, 373, 374, 376, 380, 383, 384, 385, 386, 387, 391, 392, 393, 394, 397, 398, 401, 402, 411, 412, 416, 418, 419, 420, 423, 425, 426, 428, 429, 433, 434, 435, 438, 439, 440, 446, 447, 449, 451, 459, 477, 478, 479, 481, 484, 485, 486, 487, 490, 494, 495, 496, 497, 512, 513, 514, 516, 517, 521, 524, 526, 528, 531, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 544, 545, 550, 551, 552, 563, 565, 568, 572, 574, 575, 576, 578, 579, 580, 581, 584, 588, 589, 590, 594, 624
consciência, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 51, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 68, 69, 75, 76, 77, 78, 81, 82, 85, 86, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 97, 100, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111,

113, 116, 119, 121, 123, 125, 127, 128, 136, 144, 148, 152, 155, 156, 158, 159, 162, 171, 172, 174, 178, 195, 196, 197, 198, 203, 204, 205, 206, 209, 210, 212, 215, 216, 218, 222, 223, 224, 225, 234, 235, 236, 237, 238, 240, 243, 244, 245, 248, 249, 250, 257, 258, 260, 261, 262, 263, 264, 267, 269, 270, 271, 285, 286, 291, 292, 309, 310, 317, 321, 322, 324, 325, 326, 327, 329, 330, 338, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 349, 350, 352, 354, 366, 367, 371, 377, 378, 382, 383, 392, 395, 398, 399, 401, 416, 417, 421, 422, 426, 437, 440, 444, 447, 451, 457, 465, 466, 477, 479, 483, 487, 493, 494, 497, 500, 501, 511, 515, 517, 521, 522, 526, 527, 528, 535, 536, 543, 545, 546, 548, 550, 580, 581, 586, 587, 588, 590, 595
consciência crítica, 60, 236, 244, 264, 269, 345, 349, 350, 382, 483
consciência ingênua, 33, 37, 38, 88, 105, 206, 235, 236, 244, 248, 263, 345, 382, 543
consciência intransitiva, 44, 244, 349
consciência mágica, 108
conscientização, 31, 32, 36, 37, 38, 39, 44, 52, 55, 58, 59, 68, 69, 70, 75, 76, 89, 108, 112, 113, 117, 118, 137, 175, 177, 178, 179, 180, 201, 203, 205, 206, 208, 211, 216, 217, 220, 223, 224, 225, 231, 238, 242, 257, 258, 260, 261, 266, 267, 269, 301, 308, 317, 318, 320, 322, 326, 327, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 339, 340, 341, 342, 343, 345, 346, 347, 349, 350, 352, 353, 354, 372, 382, 383, 387, 400, 433, 475, 515, 517, 573, 579, 581
Conselho Mundial de Igrejas, 295, 380, 405
contexto concreto, 190, 280, 446, 447, 448
contexto teórico, 280, 445, 446, 448
contradição, 41, 58, 81, 82, 90, 96, 102, 120, 122, 147, 169, 175, 176, 177, 178, 216, 224, 247, 252, 290, 334, 344, 477, 498, 501, 520, 589, 590
criança, 523
crise, 31, 33, 46, 49, 141, 205, 241, 305, 307, 319, 353, 385, 431, 467, 470, 472, 473, 573, 579
Cristão, 590
cristianismo, 557
crítica, 11, 37, 38, 40, 43, 44, 46, 48, 52, 54, 57, 59, 60, 62, 68, 79, 81, 82, 83, 88, 89, 90, 96, 103, 105, 107, 109, 112, 120, 123, 128, 135, 148, 158, 159, 163, 164, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 176, 177, 178, 179, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 195, 196, 197, 198, 200, 203, 208, 210, 219, 222, 223, 224, 234, 235, 236, 237, 238, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 256, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 266, 268, 269, 270, 280, 283, 285, 287, 291, 292, 293, 299, 300, 301, 304, 305, 308, 311, 318, 321, 322, 326, 327, 331, 333, 334, 335, 338, 341, 345, 346, 348, 349, 350, 353, 354, 355, 361, 368, 370, 372, 375, 379, 381, 382, 383, 386, 387, 406, 411, 414, 416, 420, 426, 437, 458, 473, 476, 477, 486, 503, 510, 511, 513, 519, 533, 543, 546, 548, 557, 559, 560, 561, 562, 564, 565, 566, 570, 579, 582, 583, 584, 586, 587, 589, 594, 595, 614
criticar, 59, 103, 107, 280, 306, 396, 412, 440, 441, 488, 496, 582
criticidade, 39, 43, 44, 48, 54, 55, 57, 59, 60, 63, 118, 168, 178, 179, 180, 198, 205, 206, 209, 210, 236, 261, 266, 327, 329, 330, 331, 368, 420, 448, 491, 503, 512, 513, 515, 517, 519, 531, 532, 533, 536, 538, 544, 545, 560, 566, 582, 584, 586, 594, 595
cultura, 31, 35, 45, 47, 48, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 61, 64, 65, 66, 67, 68, 75, 77, 90, 91, 103, 105, 107, 108, 109, 110, 112, 114, 127, 128, 129, 142, 151, 155, 160, 161, 162, 163, 164, 168, 173, 176, 177, 186, 188, 189, 190, 192, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 207, 208, 209, 211, 212, 214, 218, 219, 237, 247, 254, 255, 256, 257,

258, 260, 261, 263, 266, 267, 268, 279, 283, 284, 286, 287, 288, 289, 291, 292, 296, 303, 304, 305, 307, 308, 309, 312, 317, 321, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 337, 341, 342, 343, 346, 347, 349, 352, 355, 367, 372, 378, 383, 387, 390, 391, 392, 402, 421, 428, 432, 435, 437, 471, 473, 483, 486, 493, 501, 512, 517, 519, 522, 524, 527, 539, 542, 568, 572, 573, 577, 580, 583, 586, 593, 595, 607, 619, 623, 631
cultura do silêncio, 75, 288, 347, 349
cultura popular, 109, 192, 321, 483
curiosidade, 108, 118, 136, 138, 151, 179, 186, 211, 224, 225, 266, 269, 280, 287, 310, 322, 362, 368, 380, 386, 388, 419, 424, 430, 436, 438, 441, 446, 447, 468, 480, 504, 510, 512, 513, 516, 517, 519, 526, 528, 529, 532, 538, 539, 540, 541, 542, 544, 545, 580, 584,585, 586, 588, 594
curiosidade epistemológica, 438, 519, 540
currículo, 37, 53, 240, 241, 400, 442, 522, 525, 550

Ch

Chile, 36, 46, 59, 69, 75, 78, 80, 115, 135, 164, 176, 185, 202, 295, 317, 322, 325, 326, 365, 366, 369, 403, 404, 405, 486, 563

D

decência, 489, 519, 529
decodificação, 62, 63, 75, 91, 196, 260, 267, 293, 294, 300, 308, 329, 339, 419, 565
democracia, 33, 34, 40, 41, 46, 47, 48, 51, 54, 55, 59, 60, 90, 113, 166, 243, 305, 323, 363, 366, 370, 376, 383, 399, 400, 405, 406, 416, 431, 433, 444, 458, 470, 480, 484, 488, 489, 490, 491, 492, 498, 500, 502, 521, 529, 530, 561, 562, 566, 586, 595, 631
desafiar, 80, 120, 175, 177, 340, 341, 362, 363, 424, 475, 568, 577
desafio, 10, 58, 70, 76, 96, 107, 138, 151, 160, 174, 185, 187, 193, 194, 195, 222, 224, 235, 246, 261, 291, 307, 332, 354, 355, 362, 375, 381, 384, 388, 394, 420, 422, 428, 431, 440, 443, 444, 451, 493, 501, 503, 510, 523, 530, 531, 533, 540, 551, 552, 568, 584,593, 627
desumanização, 37, 38, 42, 77, 80, 95, 111, 159, 207, 212, 222, 236, 253, 258, 272, 325, 326, 343, 344, 353, 390, 498, 500, 510, 515, 596
desvelamento, 10, 63, 80, 104, 105, 175, 196, 206, 225, 491, 516, 517
desvelar, 117, 121, 206, 210, 224, 231, 241, 344, 416
determinado, 45, 49, 87, 103, 105, 107, 110, 147, 187, 224, 238, 245, 252, 253, 269, 280, 308, 309, 335, 381, 392, 439, 447, 459, 462, 472, 519, 535, 536, 557, 567, 574, 583, 590
dialética, 35, 36, 75, 76, 82, 101, 102, 103, 104, 112, 116, 128, 167, 175, 189, 200, 201, 209, 220, 223, 224, 225, 236, 248, 286, 310, 321, 327, 329, 333, 334, 371, 380, 382, 383, 395, 422, 438, 451, 457, 484, 495, 497, 511, 512, 522, 580
dialógico, 35, 42, 60, 68, 96, 98, 107, 124, 144, 148, 159, 171, 177, 291, 307, 309, 331, 332, 400, 431, 479, 514, 542, 544
diálogo, 11, 31, 35, 36, 37, 38, 41, 44, 45, 46, 48, 49, 54, 57, 60, 65, 67, 68, 69, 75, 76, 77, 79, 80, 90, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 116, 117, 118, 122, 123, 124, 125, 128, 135, 136, 139, 141, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 164, 165, 166, 167, 169, 170, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 186, 192, 196, 198, 200, 201, 203, 205, 208, 214, 224, 225, 241, 245, 247, 248, 259, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 271, 272, 285, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 294, 295, 299, 306, 307, 312, 319, 320, 321, 335, 336, 337, 339, 341, 342, 345, 349, 350, 353,

354, 369, 370, 371, 373, 374, 376, 381, 383, 384, 388, 389, 395, 397, 398, 399, 400, 401, 405, 413, 422, 424, 425, 430, 431, 435, 436, 437, 438, 439, 442, 443, 444, 459, 463, 464, 468, 470, 471, 472, 475, 478, 480, 483, 486, 494, 497, 501, 515, 516, 529, 534, 536, 537, 538, 539, 540, 543, 544, 546, 550, 551, 557, 558, 559, 564, 565, 568, 588, 589, 595, 631, 632
didática, 60, 67, 89, 106, 115, 294, 365, 480, 546, 551
didática freireana, 546
didáticas, 189
direitos humanos, 569
Direitos Humanos, 166, 390, 521, 611, 615, 616, 617
discência, 479
disciplina, 109, 185, 211, 311, 353, 375, 376, 380, 443, 449, 450, 478, 496, 516, 522, 531, 532, 538, 539, 546, 561, 618, 620, 626, 628
discurso, 33, 42, 83, 86, 89, 105, 108, 111, 113, 168, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 197, 206, 216, 217, 242, 302, 306, 321, 347, 348, 364, 371, 373, 376, 377, 380, 383, 389, 395, 396, 405, 406, 413, 415, 418, 422, 432, 433, 438, 440, 441, 444, 464, 477, 489, 490,492, 498, 501, 511, 520, 521, 524, 525, 531, 544, 546, 547, 548, 558, 561, 570, 575, 576, 580, 582
dissertação, 476, 495, 521
dissertações, 88, 175
docência, 212, 283, 402, 420, 427, 429, 442, 475, 476, 479, 480, 484, 523, 546, 588, 590, 612, 631, 632, 633, 637
domesticação, 46, 59, 69, 77, 151, 159, 177, 190, 203, 212, 213, 242, 271, 272, 326, 586
doutorado, 89, 476, 495, 606, 627, 635

E

educação, 9, 10, 11, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 52, 53, 54, 55, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 68, 75, 77, 78, 80, 83, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 112, 113, 114,115, 116, 117, 118, 119, 128, 129, 135, 136, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 156, 158, 159, 163, 164, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 185, 187, 192, 193, 195, 196, 197, 200, 201, 202, 204, 207, 208, 210, 211, 212, 213, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 224, 225, 231, 232, 233, 234, 238, 239, 240, 241, 243, 244, 247, 248, 250, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 262, 264, 265, 267, 271, 272, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 296, 297, 298, 301, 303, 304, 305, 308, 309, 310, 311, 317, 318, 321, 323, 324, 325, 326, 327, 329, 330, 332, 333, 334, 335, 336, 338, 341, 345, 348, 349, 351, 352, 353, 354, 355, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 369, 370, 371, 374, 375, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 388, 389, 390, 392, 393, 394, 395, 397, 399, 400, 401, 402, 404, 405, 406, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 418, 420, 421, 422, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 432, 433, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 442, 443, 446, 447, 448, 451, 452, 457, 458, 459, 462, 464, 465, 466, 468, 475, 477, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 497, 498, 500, 501, 502, 503, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 528, 532, 533, 534, 535, 537, 538, 542, 543, 544, 545, 547, 548, 550, 558, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 569, 570, 572, 573, 574, 575, 576, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 587, 588, 589, 590, 592, 593, 594, 595, 596, 606, 607, 610, 611, 613, 615, 617, 619, 621, 622, 623, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 634

educação bancária, 47, 59, 78, 89, 90, 92, 99, 100, 107, 118, 137, 139, 153, 167, 168, 185, 207, 224, 271, 388, 442, 457, 485, 510, 513, 564
Educação como Prática da Liberdade, 47
educação crítica, 58, 105, 176, 244, 262, 388, 421, 438, 483, 533, 566, 629
Educação de Jovens e Adultos, 583
educação de qualidade, 99, 100, 397, 428, 440, 502, 579
Educação e Mudança, 69, 231, 235, 237, 245, 247, 248, 252, 256, 269
educação emancipadora, 46, 90, 218, 428, 542, 550
educação formal, 166, 168, 174, 208, 384, 394, 574
Educação Inclusiva, 614, 615, 627, 630
Educação Infantil, 421, 609, 619, 620, 624, 627
educação informal, 248, 265
educação libertadora, 9, 58, 59, 60, 67, 80, 90, 91, 96, 99, 100, 102, 107, 109, 112, 128, 141, 152, 154, 159, 204, 218, 247, 271, 317, 318, 324, 325, 334, 336, 348, 366, 370, 392, 436, 437, 447, 481, 490, 491, 492, 493, 494, 566, 573, 574, 582, 583, 629
educação não formal, 143, 144, 564
educação popular, 33, 34, 109, 117, 148, 287, 289, 336, 338, 366, 392, 393, 401, 404, 415, 475, 497, 626
Educação Popular, 606
educação problematizadora, 90, 91, 92, 93, 94, 105, 117, 118, 171, 172, 176, 248, 284, 353, 354, 388, 479, 497
Educação Profissional, 606, 633
educação pública, 174, 241, 428, 533, 569
educador, 11, 12, 34, 36, 44, 45, 54, 58, 66, 68, 75, 76, 88, 90, 91, 92, 96, 97, 98, 99, 100, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 118, 119, 122, 135, 136, 141, 142, 145, 146, 147, 148, 152, 155, 156, 160, 162, 163, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178,179, 192, 195, 198, 203, 205, 210, 211, 213, 214, 222, 224, 225, 239, 241, 245, 247, 248, 249, 253, 257, 259, 268, 269, 270, 271, 280, 281, 285, 287, 294, 298, 299, 300, 302, 308, 309, 310, 312, 317, 320, 324, 332, 333, 335, 337, 338, 345, 361, 363, 368, 369, 372, 374, 375, 376, 379, 380, 381, 383, 384, 385, 387, 388, 389, 390, 392, 393, 394, 397, 411, 413, 418, 420, 425, 426, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 435, 437, 438, 439, 441, 442, 445, 446, 447, 448, 451, 460, 462, 463, 464, 467, 471, 473, 475, 476, 479, 480, 481, 483, 484, 485, 487, 491, 492, 493, 494, 495, 503, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 520, 525, 526, 529, 531, 532, 534, 536, 537, 538, 542, 544, 545, 546, 547, 550, 559, 561, 565, 570, 575, 576, 577, 578, 582, 588, 632
educador popular, 108, 109, 338, 372, 575, 576
educadora, 11, 12, 97, 135, 136, 143, 297, 302, 320, 361, 362, 368, 372, 374, 381, 384, 388, 412, 422, 440, 441, 442, 448, 450, 462, 466, 480, 485, 541, 542, 550, 570, 572, 588, 589, 590, 591, 593, 595, 611, 628, 629
educanda, 441
educandas, 294, 395, 435, 436, 548, 570
educando, 31, 60, 62, 63, 68, 90, 92, 96, 98, 100, 105, 106, 108, 109, 118, 119, 120, 122, 125, 141, 150, 151, 168, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 191, 192, 198, 211, 213, 214, 222, 224, 241, 247, 259, 265, 268, 269, 270, 271, 280, 294, 300, 308, 317, 318, 333, 335, 337, 338, 368, 372, 374, 380, 384, 387, 389, 393, 394, 398, 413, 426, 430, 432, 433, 435, 438, 439, 440, 441, 442, 447, 479, 485, 495, 510, 511, 512, 513, 514, 517, 519, 521, 524, 529, 531, 532, 533, 534, 537, 542, 544, 545, 546, 547, 550, 565, 578, 582, 584
educandos, 52, 53, 54, 59, 60, 62, 63, 66, 67, 68, 77, 78, 88, 89, 90, 91, 94, 96, 97, 98,

100, 105, 106, 107, 109, 119, 120, 155, 158, 170, 171, 173, 174, 175, 176, 188, 190, 193, 195, 196, 198, 199, 202, 203, 209, 210, 214, 247, 248, 259, 269, 270, 280, 283, 284,286, 287, 290, 291, 294, 298, 299, 300, 307, 311, 317, 329, 335, 338, 339, 340, 341, 363, 366, 371, 373, 374, 375, 377, 381, 388, 389, 393, 395, 425, 426, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 441, 442, 445, 446, 447, 448, 450, 479, 480, 482, 483, 484, 491, 492, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 520, 526, 529, 530, 532, 533, 534, 535, 538, 542, 545, 546, 547, 548, 551, 565, 570, 579, 585, 586, 594
educar, 94, 97, 139, 140, 141, 144, 154, 211, 213, 222, 225, 239, 241, 247, 266, 308, 317, 318, 332, 338, 350, 353, 364, 365, 374, 386, 394, 425, 426, 429, 430, 432, 437, 444, 447, 479, 492, 493, 511, 515, 519, 528, 529, 548, 560, 593
Educomunicação, 610
EJA, 583
empoderamento, 52, 76, 93, 139, 168, 264, 267, 578
Engels, 83, 111, 369, 558
ensinar e aprender, 135, 154, 224, 286, 368, 380, 396, 435, 439, 450, 479, 512, 534, 552
ensino fundamental, 305, 319, 607, 619
ensino médio, 264, 265, 478, 590, 632
ensino superior, 153, 303, 326, 621
epistemologia, 76, 144, 332, 538
escola pública, 87, 532, 533, 536, 626
Escola sem Partido, 166, 212, 458, 533
escolaridade, 583, 584
escolarização, 188, 189, 192, 241, 304, 572, 591
escrever, 9, 35, 54, 60, 61, 62, 75, 91, 164, 187, 192, 196, 201, 202, 210, 222, 225, 259, 267, 280, 283, 286, 287, 293, 300, 305, 306, 310, 312, 327, 336, 337, 340, 351, 369, 371, 373, 389, 411, 418, 420, 421, 422, 423, 449, 450, 457, 459, 460, 462, 468, 476, 487, 495, 496, 502, 531, 562, 584, 586, 588, 596
esperança, 9, 35, 41, 44, 45, 57, 58, 59, 95, 96, 116, 129, 160, 161, 170, 172, 201, 216, 221, 238, 239, 251, 260, 265, 287, 289, 297, 298, 322, 334, 339, 345, 351, 354, 361, 362, 363, 365, 367, 370, 371, 372, 375, 377, 378, 386, 387, 389, 397, 398, 399, 400, 401, 403, 404, 405, 406, 411, 413, 437, 460, 461, 462, 464, 471, 473, 474, 486, 491, 501, 514, 527, 528, 531, 535, 536, 542, 544, 548, 550, 557, 561, 567, 572, 573, 583, 584, 588, 589, 590, 591, 592, 594, 596, 598, 629
Estado, 31, 46, 139, 203, 222, 225, 259, 297, 324, 345, 347, 370, 385, 522, 548, 562, 563, 564, 571, 581, 586, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 614, 615, 616, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 625, 626, 627, 631, 632, 634, 636
estética, 121, 420, 450, 458, 492, 510, 519
ética, 158, 234, 235, 301, 361, 374, 380, 391, 395, 396, 397, 420, 429, 431, 432, 443, 444, 450, 459, 479, 480, 481, 482, 491, 492, 495, 501, 502, 510, 515, 519, 526, 527, 529, 532, 539, 542, 548, 550, 557, 564, 567, 568, 575, 579, 587, 589, 594, 595, 596, 597,598, 629
exclusão social, 32, 188
exílio, 31, 75, 78, 80, 185, 211, 322, 325, 365, 366, 369, 370, 403, 404, 405, 459, 461, 462, 463, 469, 482, 563
Extensão ou comunicação, 9, 135, 159, 164, 176, 193

F

Faculdade, 574, 607, 609, 611, 612, 614, 615, 618, 619, 621, 623, 624, 625, 626, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637
fatalismo, 45, 105, 106, 148, 361, 426, 427, 464, 500, 521, 542, 558
fé, 57, 95, 96, 129, 271, 272, 354, 371, 396, 474, 493, 543, 544, 552
Fenomenologia, 616

Filosofia da Educação, 608
freireana, 37, 38, 44, 45, 75, 101, 117, 144, 145, 164, 165, 168, 178, 186, 202, 287, 295, 458, 547
freireano, 31, 90, 118, 167, 212, 235, 290, 332, 414, 457, 515, 516, 539, 582, 629
freiriana, 9, 11, 32, 44, 59, 60, 64, 66, 67, 104, 105, 151, 191, 220, 225, 306, 339, 371, 386, 387, 390, 438, 448, 478, 479, 481, 536, 537, 542, 548, 550, 589
freiriano, 37, 61, 67, 209, 231, 246, 300, 306, 372, 389, 422, 574, 631, 632

G

Genebra, 297, 298, 306, 309, 388, 404, 460, 461, 462
gênero, 42, 65, 166, 342, 390, 416, 423, 431, 478, 510, 521, 548, 559, 572, 593
gestão democrática, 302
golpe militar, 39, 402

H

Hegel, 476
hermenêutica, 337
Hermenêuticas, 605
história, 11, 32, 36, 37, 45, 46, 47, 49, 56, 58, 67, 68, 75, 76, 77, 79, 80, 86, 93, 94, 100, 108, 111, 112, 126, 145, 152, 155, 157, 159, 162, 164, 165, 173, 179, 186, 188, 191, 192, 207, 211, 215, 216, 221, 234, 236, 238, 239, 241, 242, 251, 256, 261, 268, 279,283, 290, 292, 294, 296, 299, 300, 303, 305, 322, 324, 326, 327, 330, 331, 333, 334, 342, 344, 345, 347, 349, 350, 355, 367, 368, 370, 372, 375, 377, 378, 383, 385, 388, 389, 392, 399, 400, 405, 413, 417, 422, 423, 442, 446, 451, 457, 458, 459, 461, 464, 470, 471, 473, 478, 487, 488, 490, 491, 493, 495, 497, 501, 502, 503, 516, 517, 519, 522, 534, 535, 536, 537, 538, 542, 543, 552, 559, 560, 561, 566, 567, 568, 569, 571, 572, 574, 575, 580, 582, 589, 592, 593, 594, 595, 596, 624, 627, 628, 629, 630 104, 201, 427, 451, 457, 458, 526, 535, 536, 537, 587, 607, 608, 609, 610, 612, 614, 615, 616, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 626, 628, 629, 630, 634, 637
historicidade, 76, 153, 210, 215, 216, 261, 322, 327, 330, 378, 386
humanização, 33, 37, 38, 39, 43, 44, 45, 65, 80, 82, 85, 96, 105, 109, 112, 117, 118, 159, 166, 170, 195, 207, 211, 212, 222, 234, 236, 237, 238, 250, 253, 258, 266, 271, 272, 326, 327, 331, 332, 334, 336, 344, 347, 353, 368, 370, 400, 447, 469, 479, 480, 486, 488, 489, 490, 502, 504, 546, 569
humildade, 57, 95, 96, 103, 107, 154, 155, 173, 247, 265, 271, 306, 354, 374, 406, 413, 429, 430, 431, 441, 442, 446, 481, 482, 492, 494, 513, 526, 533, 540, 543, 544, 552

I

identidade cultural, 308, 373, 405, 433, 437, 438, 445, 446, 524, 525
ideologia, 42, 84, 113, 136, 191, 194, 197, 200, 205, 211, 219, 221, 222, 242, 325, 345, 371, 374, 377, 385, 387, 393, 399, 402, 405, 406, 412, 414, 415, 416, 446, 484, 498, 502, 510, 511, 537, 547, 548, 557, 562, 563, 577, 582, 584, 585, 586, 594, 620
ideologias, 325
Imagem Pedagógica, 72, 132, 182, 228, 274, 314, 358, 408, 454, 507, 554, 600
inacabamento, 79, 306, 391, 431, 488, 494, 526, 527, 528, 529, 569, 570, 590, 591
incoerência, 224, 492, 493
indignação, 9, 45, 58, 379, 397, 465, 467, 535, 557, 559, 566, 567, 568, 569, 572, 581, 588, 589, 593
inédito viável, 101, 106, 149, 432, 591
Instituto Paulo Freire, 614, 629
interdisciplinaridade, 192, 588, 589, 623
intersubjetividades, 162

invasão cultural, 108, 126, 128, 135, 140, 142, 149, 150, 151, 153, 163, 176, 178, 193, 544, 572

J

jovem, 302, 319, 320, 369, 461, 470, 472, 487, 551, 559
jovens, 303
jovens e adultos, 303, 153, 196, 606, 607, 608, 619, 628, 633, 634

K

Karl Marx, 83, 247, 385, 400

L

Lenin, 476, 558
ler o mundo, 431, 457
liberdade, 9, 31, 33, 34, 35, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 59, 67, 68, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 85, 87, 89, 90, 91, 95, 101, 109, 111, 117, 118, 119, 140, 142, 152, 154, 158, 159, 171, 179, 185, 195, 204, 206, 208, 211, 214, 222, 223, 225, 239, 240, 250, 251,259, 261, 264, 271, 296, 301, 308, 322, 323, 324, 326, 327, 329, 333, 338, 341, 345, 347, 348, 349, 351, 353, 355, 363, 364, 365, 368, 369, 374, 380, 383, 388, 390, 391, 393, 395, 400, 404, 411, 413, 432, 436, 438, 441, 442, 448, 450, 460, 470, 488, 490, 491, 492, 493, 494, 498, 500, 501, 511, 517, 518, 529, 540, 543, 544, 545, 546, 548, 560, 562, 563, 565, 566, 570, 572, 575, 578, 580, 582, 595, 597, 629
libertação, 32, 34, 37, 38, 55, 58, 68, 69, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 87, 88, 90, 95, 101, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 124, 128, 144, 146, 151, 166, 170, 174, 175, 179, 189, 190, 191, 200, 201, 203, 207, 208, 211, 213, 216, 218, 219, 220, 221, 222, 232, 234, 235, 236, 237, 259, 282, 283, 289, 295, 296, 304, 305, 310, 311, 317, 319, 320, 326, 327, 331, 332, 333, 334, 335, 339, 343, 344, 346, 350, 354, 355, 368, 369, 372, 373, 378, 382, 386, 389, 399, 404, 405, 433, 436, 442, 455, 457, 471, 475, 492, 493, 494, 497, 498, 500, 543, 544, 557, 562, 564, 582, 583
licenciatura, 574, 607, 626, 628, 630
liderança, 78, 115, 116, 118, 124, 125, 203, 271, 372, 477, 490
Liderança Popular, 12
liderança revolucionária, 118, 203
Livro-Educador, 12

M

manipulação, 33, 34, 35, 43, 78, 89, 95, 96, 108, 112, 113, 126, 140, 151, 169, 170, 223, 253, 260, 348, 352, 543, 544, 586
massificação, 43, 46, 53, 59, 60, 69, 151, 159, 163, 342
Medo e Ousadia, 96, 574
mestrado, 476, 495, 497, 624, 635
método, 31, 32, 36, 60, 61, 63, 67, 69, 75, 88, 92, 104, 109, 117, 186, 195, 198, 202, 259, 260, 267, 294, 300, 317, 321, 324, 325, 326, 333, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 345, 353, 354, 372, 405, 448, 481, 486, 565, 578, 581, 626
método Paulo Freire, 92, 195
metodologia, 66, 102, 103, 106, 107, 135, 144, 259, 302, 318, 335, 337, 339, 375, 384, 458, 478, 483, 540, 615, 630, 631, 632
militância, 212, 309, 310, 412, 413, 471
mito, 113, 145, 156, 169, 215, 236, 294, 581
modernidade, 122, 127, 235, 295, 379, 405, 518
movimento de Cultura Popular, 321, 482, 485
movimentos sociais, 11, 42, 172, 206, 367, 401, 412, 572, 607, 619, 625, 626
mudança, 9, 40, 43, 46, 47, 52, 53, 55, 56, 59, 69, 80, 86, 93, 97, 103, 111, 113, 116, 118, 128, 135, 137, 148, 152, 158, 160, 163, 167, 175, 177, 194, 202, 206, 211,

215, 216, 217, 218, 220, 221, 231, 232, 234, 235, 238, 239, 245, 246, 247, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 264, 265, 267, 268, 269, 271, 272, 284, 288, 289, 298, 317, 318, 333, 334, 341, 342, 345, 352, 371, 375, 378, 382, 395, 398, 435, 436, 437, 439, 465, 468, 469, 470, 471, 482, 492, 493, 503, 518, 520, 522, 526, 528, 535, 536, 537, 538, 545, 558, 559, 560, 561, 565, 576, 577, 579, 580, 581, 584, 589, 590, 593
multiculturalismo, 391, 392
mundo, 11, 32, 35, 37, 38, 39, 42, 45, 49, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 155, 156, 157, 159, 162, 164, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 210, 211, 212, 213, 215, 216, 217, 218, 221, 222, 224, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 255, 258, 259, 261, 263, 264, 266, 267, 268, 269, 272, 282, 285, 286, 287, 288, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 300, 301, 304, 306, 307, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 326, 327, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 349, 350, 351, 352, 354, 355, 361, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 385, 386, 388, 389, 390, 392, 393, 394, 395, 398, 399, 403, 405, 411, 414, 419, 420, 421, 422, 425, 426, 428, 431, 432, 433, 436, 438, 439, 441, 442, 443, 445, 446, 447, 448, 449, 451, 457, 458, 459, 461, 462, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 473, 477, 479, 481, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 491, 492, 494, 495, 500, 501, 502, 503, 510, 511, 513, 514, 515, 516, 517, 519, 522, 524, 525, 527, 528, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 550, 552, 558, 559, 560, 561, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 629

N

natureza, 36, 61, 64, 65, 105, 128, 138, 147, 156, 157, 158, 160, 164, 187, 250, 255, 263, 266, 269, 323, 331, 332, 334, 341, 342, 343, 353, 375, 379, 397, 401, 413, 449, 480, 489, 491, 494, 498, 510, 522, 525, 529, 530, 531, 536, 544, 547, 565, 568, 571, 588, 592, 594
natureza humana, 375, 413, 489, 491, 494, 510, 530, 592, 594
necrofilia, 207
neoliberalismo, 370, 510, 547, 565, 582, 594
neutralidade, 45, 190, 196, 212, 213, 215, 217, 222, 236, 247, 373, 432, 484, 519, 521, 548, 563, 580, 595

O

objetividade, 125, 126, 225, 459, 580, 596
opressão, 37, 39, 45, 46, 58, 59, 65, 76, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 89, 93, 94, 95, 108, 109, 111, 114, 115, 116, 194, 198, 208, 212, 216, 220, 236, 257, 260, 271, 272, 282, 317, 318, 333, 343, 344, 345, 348, 355, 363, 365, 368, 370, 372, 383, 386, 399, 401, 433, 439, 446, 457, 473, 491, 498, 533, 538, 571, 593, 594, 598
opressor, 45, 58, 77, 79, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 99, 105, 110, 112, 115, 116, 118, 119, 122, 123, 124, 126, 167, 198, 199, 200, 203, 219, 221, 222, 233, 272, 281, 282,

300, 340, 342, 344, 345, 349, 354, 368, 383, 423, 457, 493, 497, 498, 500, 578, 597
opressora, 78, 81, 82, 83, 84, 88, 116, 118, 198, 207, 212, 219, 281, 301, 319, 345, 352, 354, 378, 438, 439, 446, 498, 511, 578
opressoras, 58, 75, 116, 208, 219, 233, 488
opressores, 47, 55, 68, 80, 81, 82, 84, 85, 87, 101, 108, 111, 112, 114, 153, 198, 200, 218, 219, 282, 325, 343, 344, 348, 349, 353, 377, 378, 383, 386, 388, 390, 400, 401, 404, 483, 489, 558, 572
opressores-oprimidos, 81, 82
oprimida, 48, 81, 116, 118, 156, 215, 216, 219, 354, 377, 378, 445, 489, 491, 584
oprimidas, 58, 88, 111, 116, 124, 201, 204, 218, 219, 222, 223, 257, 372, 467, 557, 570, 571
oprimido, 9, 11, 31, 58, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 90, 93, 105, 108, 110, 114, 115, 116, 118, 122, 124, 125, 126, 137, 178, 179, 200, 202, 207, 259, 260, 271, 282, 283, 308, 319, 321, 322, 344, 345, 348, 353, 354, 368, 377, 388, 389, 397, 399, 423, 457, 467, 493, 500, 546, 563, 564, 578, 583
oprimidos, 32, 45, 47, 58, 59, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 101, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 118, 123, 155, 166, 167, 178, 179, 191, 198, 199, 200, 201, 215, 216, 218, 219, 258, 259, 282, 283, 289, 319, 322, 325, 340, 343, 344, 347, 348, 349, 351, 352,353, 354, 363, 365, 372, 377, 378, 383, 386, 388, 390, 397, 400, 404, 405, 439, 483, 489, 497, 498, 537, 543, 546, 547, 557, 572, 583, 585, 589, 591, 596
ousadia, 59, 141, 146, 386, 412, 430, 450

P

palavra, 12, 35, 39, 42, 56, 57, 62, 63, 66, 75, 76, 77, 78, 82, 91, 94, 95, 106, 108, 109, 115, 117, 118, 119, 121, 125, 126, 135, 136, 139, 143, 145, 146, 151, 156, 158, 159, 168, 176, 177, 178, 186, 187, 190, 191, 192, 196, 197, 199, 202, 214, 215, 221, 239, 246, 253, 259, 260, 268, 269, 270, 272, 282, 287, 288, 293, 294, 295, 300, 303, 304, 312, 317, 326, 331, 332, 336, 337, 338, 340, 341, 342, 347, 351, 362, 365, 368, 370, 371, 373, 381, 383, 419, 420, 421, 438, 442, 458, 462, 463, 466, 470, 502, 524, 525, 534, 541, 543, 544, 546, 547, 548, 570, 578, 579, 584, 585, 593, 595, 596, 632
palavração, 140, 620
partilha, 38, 55, 107, 272, 446, 525, 540, 550, 595
patrono da Educação, 35
Paulo Freire, 5, 9, 10, 11, 12, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 48, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 63, 66, 68, 69, 70, 75, 78, 79, 80, 82, 83, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 114, 115, 116,135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 153, 154, 155, 158, 164, 165, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 185, 186, 189, 192, 193, 195, 198, 199, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 225, 231, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 245, 246, 247, 248, 252, 254, 256, 257, 258, 259, 261, 264, 265, 266, 268, 271, 277, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 302, 303, 305, 306, 307, 308, 309, 312, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 326, 327, 330, 331, 333, 335, 336, 337, 338, 339, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 352, 353, 355, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 369, 370, 374, 375, 376, 379, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 389, 390, 392, 393, 394, 396, 397, 399, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 412, 415, 418, 421, 422, 424,

429, 430, 432, 435, 436, 437, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 458, 460, 461, 462, 463, 464, 467, 469, 470, 471, 472, 473, 475, 477, 479, 480, 481, 482, 485, 486, 487, 492, 493, 494, 495, 497, 498, 501, 502, 503, 504, 510, 511, 512, 513, 515, 516, 519, 520, 523, 524, 526, 527, 528, 529, 531, 534, 537, 538, 539, 540, 541, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 551, 557, 558, 559, 560, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 569, 570, 572, 573, 574, 575, 578, 579, 581, 583, 585, 586, 588, 590, 591, 592, 593, 594, 597, 607, 610, 614, 617, 620, 629
pedagoga, 607, 617, 633
Pedagogia, 9, 12, 34, 35, 40, 45, 54, 55, 58, 67, 75, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 87, 90, 99, 106, 108, 111, 112, 114, 115, 117, 128, 129, 136, 178, 179, 207, 224, 271, 281, 282, 297, 337, 361, 363, 364, 366, 367, 369, 370, 374, 377, 379, 380, 384, 386, 387, 388, 389, 395, 397, 398, 399, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 411, 419, 452, 473, 510, 511, 512, 513, 515, 519, 523, 524, 529, 530, 531, 537, 546, 547, 557, 558, 559, 560, 563, 565, 567, 569, 574, 575, 581, 588, 590, 592, 593, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 634, 636, 637
Pedagogia da Autonomia, 35, 379, 380, 419, 510, 511, 512, 513, 519, 524, 529, 531, 537, 547, 574
Pedagogia da Esperança, 297, 361, 363, 364, 366, 367, 369, 370, 374, 379, 380, 384, 386, 387, 388, 389, 395, 397, 402, 403, 404, 405, 406
Pedagogia da Indignação, 379, 380, 560, 565, 567, 569, 575, 581, 590, 592, 593
pedagogia da libertação, 167
pedagogia da pergunta, 75, 379, 380
pedagogia dialógica, 40
Pedagogia do oprimido, 45, 75, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 87, 99, 106, 111, 112, 114, 115, 117, 128, 129, 178, 179, 207, 224, 282, 337, 363, 369, 370, 379, 387, 389, 398, 399, 403, 404, 473, 515, 530, 546, 574, 629
pedagogo, 32, 37, 211, 233, 249, 318, 369, 451, 615
política, 31, 34, 36, 41, 42, 46, 47, 48, 49, 53, 55, 56, 58, 59, 70, 75, 100, 103, 107, 108, 113, 123, 124, 128, 136, 142, 146, 159, 172, 174, 188, 198, 200, 205, 206, 209, 210, 214, 215, 217, 221, 225, 241, 247, 249, 255, 260, 262, 269, 296, 298, 299, 301, 303, 305, 307, 308, 309, 310, 311, 326, 331, 332, 338, 347, 348, 349, 352, 361, 362, 366, 367, 374, 375, 383, 384, 385, 386, 388, 392, 395, 396, 397, 402, 413, 415, 417, 427, 428, 431, 432, 436, 439, 443, 445, 446, 450, 458, 459, 464, 465, 466, 470, 472, 475, 477, 479, 480, 482, 483, 486, 488, 489, 498, 500, 501, 511, 517, 522, 545, 546, 547, 548, 550, 557, 560, 562, 563, 564, 567, 568, 573, 575, 580, 589, 594, 595
política social, 466
políticas, 32, 33, 38, 39, 42, 47, 54, 58, 86, 103, 109, 111, 113, 120, 160, 204, 219, 225, 289, 306, 308, 317, 323, 324, 331, 335, 347, 351, 352, 366, 367, 379, 393, 418, 444, 450, 457, 459, 460, 461, 481, 484, 488, 489, 498, 503, 550, 564, 571, 575, 577, 588, 595, 596, 626
políticas públicas, 38, 86, 111, 113, 160, 324, 393, 418, 481, 484, 489, 626
políticas sociais, 351
político-pedagógica, 159, 295, 460
político-pedagógico, 194, 240, 482
politizar, 124
pós-graduação, 173, 606, 607, 608, 610, 612, 614, 615, 617, 618, 620, 621, 622, 623, 624, 626, 634, 635, 636
pós-modernidade, 403, 633
postura pedagógica, 438

práxis, 32, 36, 58, 75, 76, 77, 81, 82, 84, 90, 91, 93, 100, 101, 102, 103, 106, 108, 112, 115, 117, 118, 136, 140, 147, 149, 150, 151, 152, 163, 164, 178, 179, 190, 196, 200, 201, 215, 216, 217, 220, 222, 223, 235, 240, 247, 248, 257, 259, 269, 271, 290, 308, 309, 310, 322, 323, 326, 327, 331, 332, 333, 334, 339, 342, 343, 345, 355, 369, 385, 404, 438, 452, 458, 470, 471, 475, 476, 480, 481, 482, 487, 492, 503, 511, 512, 513, 514, 521, 533, 548, 564, 588
práxis pedagógica, 75, 271, 339, 345, 438, 514
Primeiras Palavras, 12, 78, 80, 461, 510, 628
problematização, 68, 90, 104, 112, 117, 126, 144, 148, 149, 155, 156, 170, 171, 173, 175, 176, 199, 269, 270, 335, 338, 350, 431, 443, 536, 542, 544, 565, 575, 586, 591
processo de transformação, 65, 66, 100, 108, 116, 180, 186, 193, 241, 251, 334, 340, 469, 494, 497
professor, 10, 35, 44, 60, 76, 77, 78, 85, 89, 90, 97, 98, 99, 115, 137, 141, 143, 144, 146, 151, 166, 167, 168, 170, 172, 188, 189, 194, 199, 202, 211, 213, 214, 215, 222, 233, 240, 249, 258, 259, 267, 269, 285, 286, 294, 301, 302, 309, 320, 329, 332, 338, 345, 352, 353, 362, 364, 371, 374, 375, 376, 389, 390, 396, 411, 412, 413, 418, 419, 421, 426, 427, 428, 429, 430, 435, 436, 437, 438, 442, 443, 469, 475, 476, 477, 478, 482, 483, 485, 492, 494, 495, 497, 503, 510, 513, 514, 520, 521, 524, 525, 526, 527, 529, 531, 532, 534, 535, 537, 539, 540, 541, 542, 544, 545, 550, 551, 561, 565, 574, 576, 580, 582, 583, 585, 590, 608, 610, 616, 619, 623, 626, 633
professora, 137, 9, 418, 421, 422, 427, 430, 441, 443, 445, 448, 449, 523, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 627, 628, 629, 630, 634, 636
professora sim, tia não, 413, 9, 430, 441, 449
professor-aluno, 540
profissional da educação, 413, 441
projeto político-pedagógico, 296
pronunciamentos, 543

Q

quefazer, 92, 108, 112, 117, 149, 159, 171, 173, 174, 176, 177, 178, 220, 225, 355, 369, 386

R

radicalização, 79
realidade do educando, 67, 109, 151, 176, 289, 389, 531, 545
realidade dos educandos, 286, 479, 511
reflexão crítica, 96, 104, 106, 108, 136, 175, 179, 194, 223, 254, 287, 300, 306, 307, 308, 326, 448, 512, 546
reinvenção, 135, 138, 206, 282, 290, 335, 405, 428, 474, 488, 492, 493, 580, 596, 629
relação dialógica, 103, 108, 124, 152, 164, 175, 225, 271, 286, 287, 364, 479, 517, 543, 544, 589
relação educador-educando, 438
relação professor-aluno, 551
revolução, 43, 47, 68, 98, 108, 116, 128, 199, 203, 205, 208, 209, 210, 211, 223, 241, 324, 355, 372, 401, 405, 406, 462, 518, 535

S

sala de aula, 12, 40, 52, 97, 98, 143, 151, 166, 167, 168, 174, 213, 225, 258, 268, 269, 270, 285, 294, 333, 339, 353, 367, 375, 376, 384, 419, 420, 422, 433, 435, 436, 437, 438, 439, 443, 450, 476, 484, 487, 523, 525, 526, 531, 535, 537, 539,

540, 542, 544, 545, 548,551, 574, 575, 628
sectarismo, 43
sectarismos, 296, 370
ser humano, 36, 37, 38, 39, 45, 49, 57, 65, 80, 83, 85, 90, 92, 93, 94, 96, 100, 113, 117, 121, 136, 141, 142, 150, 151, 163, 170, 191, 195, 201, 205, 207, 209, 218, 225, 231, 232, 233, 234, 237, 239, 242, 244, 245, 258, 261, 263, 264, 268, 269, 283, 285, 301, 309, 322, 326, 327, 332, 333, 334, 355, 368, 371, 385, 386, 389, 390, 414, 422, 437, 443, 452, 487, 492, 494, 495, 503, 510, 518, 521, 522, 527, 528, 544, 548, 550, 552, 558, 564, 565, 569, 570, 573, 578, 579, 580, 585, 586, 587, 590, 592
ser mais, 12, 38, 41, 60, 76, 81, 87, 95, 96, 159, 163, 164, 170, 237, 238, 240, 243, 250, 272, 306, 326, 331, 344, 348, 369, 378, 387, 439, 451, 469, 488, 489, 490, 491, 492, 494, 544, 560, 588, 596
ser menos, 38, 80, 81, 212, 319, 348, 488, 596
silêncio, 45, 49, 57, 69, 94, 145, 146, 147, 152, 155, 158, 202, 203, 204, 205, 207, 209, 212, 218, 277, 288, 317, 346, 347, 349, 424, 431, 438, 462, 473, 483, 523, 543, 546, 560
síntese cultural, 78, 128, 129
síntese do mês, 71, 131, 181, 227, 273, 313, 357, 407, 453, 506, 553, 599
situação-limite, 101, 346
solidariedade, 32, 36, 55, 96, 108, 115, 152, 161, 162, 234, 235, 284, 285, 372, 402, 433, 466, 467, 471, 503, 546, 558, 596, 597
sonho, 35, 112, 254, 268, 269, 361, 362, 368, 375, 378, 388, 398, 399, 402, 426, 436, 461, 467, 473, 474, 480, 493, 498, 500, 510, 528, 543, 558, 5
565, 567, 569, 573, 582, 583, 590, 592, 597, 598
sonho possível, 480, 500, 573
subjetividade, 129, 146, 167, 212, 225, 240, 377, 383, 395, 450, 493, 580, 624
sujeito social, 244, 270, 351, 461, 493
sujeito-objeto, 90

T

temas geradores, 35, 101, 102, 103, 104, 105, 176, 213, 329, 334
Teologia da libertação, 201, 405
teoria crítica, 295
transcendência, 158, 216, 451, 487
transformação social, 66, 102, 108, 109, 112, 116, 136, 160, 173, 194, 208, 249, 250, 251, 268, 272, 280, 286, 287, 335, 340, 345, 370, 428, 443, 476, 497, 564, 578, 595, 597
transitividade, 40, 42, 44, 45, 46, 60, 128, 205

U

unidade na diversidade, 390, 391
universidade, 11, 214, 283, 332, 384, 401, 402, 421, 474, 575, 628
universidades, 149, 332, 350, 383, 390, 392, 397, 401, 402, 441, 533
utopia, 85, 112, 201, 217, 327, 332, 334, 344, 361, 374, 375, 378, 398, 461, 471, 512, 536, 543, 557, 567, 582, 592, 594, 597
utopias, 65, 104, 201, 334, 370, 375, 378, 386, 501, 511, 536, 595, 596

V

vocação ontológica, 36, 37, 38, 261, 331, 341, 355, 378, 488

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia. Informação e conhecimento na inovação e no desenvolvimento local. Ci. Inf., Brasília, v. 33, n. 3, set./dez. 2004.

ALBERT, R. S.; RUNCO, M. A. A history of research on creativity. In: R. J. Sternberg, Handbook of creativity, New York: Cambridge University, 1999.

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado. 3. ed. Lisboa: Presença, 1980.

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

ALVES, Rubem. Filosofia da Ciência: introdução ao Jogo e a suas Regras. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

ALVES, Rubem. A complicada arte de ver. Crônica publicada na Seção Sinapse, "Folha de São Paulo". Disponível em: www.folha.uol.com.br/sinapse/ult1063u

ALVES, Rubem. Essencial: 300 pílulas de sabedoria. São Paulo: Planeta, 2015.

ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

ARENDT, Hannah. Entre passado e futuro. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ATHAYDE, Austragesilode; IKEDA, Daisaku. Direitos Humanos no século XXI. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BAGNO, M. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, M. Português ou Brasileiro: um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola, 2002.

BAGNO, M. Preconceito linguístico: como é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

BAKHTIN, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo, Hucitec, 1979.

BANDEIRA, Pedro. Participação, articulação de atores sociais e desenvolvimento regional. Brasília: IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 1999.

BAQUERO, Rute Vivian Ângelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? Uma discussão conceitual. Revista Debates, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan./abr. 2012.

BARBOSA, J. I. C. A criatividade sob o enfoque da análise do comportamento. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, São Paulo, v. 5. n. 2. dez. 2003.

BEISIEGEL, Celso de Rui. Política e educação popular: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil. Rio de Janeiro: Ática,1982.

BENINCÁ, Elli. Práxis e investigação pedagógica. In: MÜHL, Eldon Henrique; SARTORI, Jerônimo; ESQUINSANI, Valcir Antonio (Orgs.). Diálogo, ação comunicativa e práxis pedagógica. Passo Fundo: UPF, 2011, p. 45-67.

BERGAMO, Pedro; COSTA, Roberto Faustino da; LUCENA, Roberto Marden. A Utopia em questão: desalheamento educacional à objetividade. In: SOUSA, Cidoval M. de. Um Convite à Utopia. Campina Grande: EDUEPB, 2016.

BIBLIA. Nova Tradução Internacional Online - NVI. Disponível em: <http://www.bibliaonline.com.br/nvi/rm/12>. Acesso em: 13. mar. 2019.

BOEHS A.E.; Monticelli M.; WOSNY A. M; HEIDEMANN I. B. S; GRISOTTI M. A. Interface necessária entre enfermagem, educação em saúde e o conceito de cultura. Texto & Contexto Enferm.

BOFF, Leonardo. O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. Petrópolis: Vozes, 2012.

BORTONI-RICARDO, S. M. Nós cheguemos na escola, e agora? São Paulo: Parábola, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. A Reprodução elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. ed. Livraria Francisco Alves Editora: Rio de Janeiro. 1992.

BOURDIEU, Pierrre. Escritos de Educação. Vozes: 16. ed. Rio de Janeiro: 2015.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). O educador: vida e morte – escritos sobre uma espécie em perigo. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRASIL. Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Presidência da República. Brasília, 2003. Disponível em: <http://bit.ly/1JeR0NF>. Acesso em: 10 abr. 2017.

BRASIL. Lei 11.645 de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em: <http://bit.ly/2czlf9u>. Acesso em: 10 abr. 2017.

BRECHT, Bertold. Terra nossa: newsletter of Project Abraço, North Americans in Solidarity with the People of Brazil. Santa Cruz: Resource Center for Nonviolence; 1988. p. 42. vols. 1-7. Disponível: <http://bit.ly/2fI3kQO> Acesso em: 17 abr. 2018.

BRUNER, J. The process of education. Cambridge, Mass: Harvard University Press. 1977.

CARDOSO, Aurenice. Conscientização e Alfabetização: visão prática do Sistema Paulo Freire de Educação de Adultos. Estudos Universitários, Revista de Cultura, Universidade do Recife, n. II, 1963.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Discriminação racial e pluralismo nas escolas públicas da cidade de São Paulo. In: Coleção para todos: diversidade na educação - reflexões e experiências. Brasília: MEC-SECADI, 2005.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo e preconceito e discriminação na educação infantil. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

CHARLOT, B. A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

CHARLOT, Bernard. A escola e o trabalho dos alunos. Sísifo: Revista de Ciências da Educação, v. 10, p. 89-96, set./dez. 2009.

CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 2005.

CHONCHOL. Jacques. In. FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação. Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 7. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

COELHO, Edgar Pereira. Pedagogia da correspondência: Paulo Freire e a educação por cartas e livros. Brasília: Líber Livros, 2011.

CORALINA, Cora. No caminho incerto da vida, o mais importante é o decidir. Xapuri.info, 2017. Disponível em: www.xapuri.info/literatura-2/cora-coralina-importante-e-o-decidir/. Acesso em 22 ago. 2018.

CORTELLA, M. S. Paulo Freire: utopias e esperanças. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/57/54. >Acessado em: 16 mar. 2017.

CORVALÁN. M. PIB per cápita chileno alcanza los US$ 23.165 en 2014. La Tercera, Santiago, 2014. Disponível em: <http://diario.latercera.com/edicionimpresa/pib-per-capita-chileno-alcanza-los-us-23165-en-2014/.htm>. Acesso em: 15 jul. 2018.

COSTA D. C. Política indigenista e assistência à saúde Noel Nutels e o serviço de unidades sanitárias aéreas. Cadernos de Saúde Pública. 3(4):388-401. 1987.

DA SILVA, Edivaneide Barbosa. Rev. Bras. Educ. n. 14. Rio de Janeiro Maio/Ago. 2000

DE JESUS, Carolina Maria: Onde esta es Felicidade? Edições: Me Pario Revolução, São Paulo, 2014.

DE JESUS, Carolina Maria. Quarto de Despejo: Edição popular, 1960.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Brasil: eBooksBrasil, 2003. Disponível em: <www.ge-ocities.com/projetoperiferia>. Acesso em: 16. jun. 2017.

DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas C. L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. Media & Jornalismo, Lisboa, v. 18, n. 32, p. 155-169, abr. 2018.

DEMO, Pedro. O porvir: desafio das linguagens do séc. XXI. Curitiba: IBPEX, 2007.

DICKMANN, Ivo. DICKMANN, Ivanio. Primeiras Palavras em Paulo Freire: 52 conceitos freirianos para uma práxis político-pedagógica transformadora. 2. ed. Ação Cultural: São Paulo. 2016.

DICKMANN, Ivanio (org.). DNA Educação. São Paulo: Dialogar, 2018. (Coletânea de artigos da educação, 06).

DOWBOR, Ladislau. Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação. Petrópolis: Vozes, 2001

DUMONT, L. O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ECCO, I. Do legado freireano: virtudes docentes para a educação humanizadora. In.: DALLA COSTA, A. A.; ZARO, J.; COSTA SILVA, J. da (Orgs.). Educação Humanizadora e os desafios éticos na sociedade pós-moderna. Santa Maria: Biblios, 2015. p. 171-190.

ESTADO, Agência. Pesquisa comprova que preconceito atinge 99,3% do ambiente escolar no Brasil. Disponível em: http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/pesquisa-comprova-que-preconceito-atinge-993-do-ambiente-escolar-no-brasil-bmg041fsqi54m7htmbm3emm32. Acesso em: 20/03/2017, às 18h09min.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. Editora USP. São Paulo. 2010.

FERNANDES, D. Avaliação das aprendizagens: Desafios às teorias, práticas e políticas. Lisboa: Texto Editores. 2005.

FERREIRA, L. O. Interculturalidade e saúde indígena no contexto das políticas públicas brasileiras. In: Langdon E.J.; Cardoso M. D.; Saúde Indígena: políticas comparadas na América Latina. Florianópolis: UFSC; 2015. p. 217-246.

FIORIN, José Luiz: Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Ática, 2006.

FLEURI, R. M. Relações interculturais, diversidade religiosa e educação: desafios e possibilidades. In: FLEURI, R. M.; et al (Orgs.). Diversidade religiosa e direitos humanos: conhecer, respeitar e conviver. Blumenau: Edifurb, 2013.

FREIRE, Paulo. A educação na cidade. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992. (Coleção Polêmicas do nosso tempo).

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 21. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1988.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 22. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 42. ed. São Paulo: Cortez, 2001

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. A Sociedade Brasileira em Transição. Trad. Rosisca Darcy de Oliveira e prefácio de Jacques Chonchol. 7. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. À sombra desta mangueira. São Paulo: Olhos D'água, 1995.

FREIRE, Paulo. À Sombra desta mangueira. São Paulo: Olho D'água: São Paulo, 2001.

FREIRE, Paulo. À sombra desta mangueira. 8. ed. São Paulo: Olho D'Agua, 2006.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 5. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para liberdade e outros escritos. 8. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1982.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 10. ed. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. Cartas a Cristina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. Cartas a Cristina: Reflexiones sobre mi vida y mi trabajo. Trad. Stella Mastrángelo y Claudio Tavares Mastrángelo. Siglo XXI, 1996.

FREIRE, Paulo. Cartas a Cristina: reflexões sobre a minha vida e a minha práxis. São Paulo: UNESP, 2003.

FREIRE, Paulo. Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2003. (Série Paulo Freire).

FREIRE, Paulo. Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em Processo. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo. 3. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978. (O Mundo, hoje, v. 22).

FREIRE, Paulo. Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo. 4. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. [tradução de Kátia de Mello e silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. Conscientização. Cortez e Moraes: São Paulo, 1980.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação. 3. ed. São Paulo: Editora Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Centauro, 2005.

FREIRE, Paulo. Conscientização. Tradução de Tiago José Risi Leme. São Paulo: Cortez, 2016.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 12. ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 37. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 38. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 38. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Tradução Rosiska Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Rio de janeiro: Paz e Terra, 1971.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Trad. de Rosisca Darcy de Oliveira, prefácio de Jacques Chonchol. 7. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983. (O Mundo, Hoje, v. 24).

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação. Trad. de Rosisca Darcy de Oliveira. 7. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Trad. de Rosiska Darcy de Oliveira. Prefácio à edição chilena. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. Liberdade cultural na América Latina. In: STRECK, Danilo R. (Org.). Fontes da pedagogia latino-americana: uma antologia. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FREIRE, Paulo. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996, (Coleção Leituras).

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 15. ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000a.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à pratica educativa. 25. ed. São Paulo: Paz na Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, 48. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 6. ed. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Paz e Terra: São Paulo, 1997.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Notas de Ana Maria Araújo Freire. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 9. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido, 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 38. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 43. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 59. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 60. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. 2. ed. São Paulo: Olho d'Água, 1993.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água. 1999.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. 10. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2000.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. Professora sim; tia não: cartas a quem ousa ensinar. 26. ed. São Paulo; Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. Por uma pedagogia da pergunta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. Aprendendo com a própria história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GADAMER, H. G. Verdade e Método II: complementos e índices. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GADOTTI, Moacir. Paulo Freire: uma biobibliografia. Brasília: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2000.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

GROSFOGUEL, R. Dilemas dos estudos étnicos norte-americanos: multiculturalismo identitário, colonização disciplinar e epistemologias descoloniais. Ciência e Cultura, n.2, v. 59, p. 32-35, 2007.

GUERRA, Alexandre *et al*. Poder e corrupção do capitalismo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2017.

GUIMARÃES ROSA, João. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GUIMARÃES ROSA, João. Grande Sertão: Veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GUSTAVO, F. J. Cirigliano. De la palabra conciencia de-la-opresión a la palabra proyecto-de-la-esperanza. Entrevista à La Educación (Washingyon, DC3), año XXXIX, v. 120, n. 1, p. 1-17, 1995.

HENZ, C. I. Educação e Culturas: (des)encontros entre o "Eu" e o "Outro". In ANDREOLA, B. A.; HENZ, C. I.; GHIGGI, G. Diálogos com Paulo Freire: ensaios sobre educação, cultura e sociedade. Pelotas: UFPEL, 2012.

KANT, I. Resposta à pergunta: O que é o esclarecimento? (Trad.). Luiz Paulo Rouanet, 1783.

KANT, I. Sobre a Pedagogia. (Trad.) Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Unimep, 1996.

KANT, I. Textos Seletos. (Trad.) Floriano de Sousa Fernandes. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

KING, Coreta Scott. As palavras de Martin Luther King. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 2009.

KOZULIN, Alex. O conceito de atividade na psicologia soviética: Vygotsky, seus discípulos, seus críticos. In: H. Daniels (Org.), Uma introdução a Vygotsky. São Paulo: Loyola, 2002.

KRONBAUER, L. G. Expressividade e Educação. In: HENZ, C. I.; GHIGGI, G. (Orgs.) Memórias, Diálogos e Sonhos do Educador. Homenagem a Balduíno Antonio Andreola. Santa Maria/RS: Pallotti, 2005.

LEVINAS, E. Entre nós: ensaios sobre a alteridade. Petrópolis: Vozes, 2005.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Filosofia da educação. 14. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MACEDO, Eunice et al. Revisitando Paulo Freire: sentidos na educação. Brasília: Líber Livro, 2013. (Estudos freirianos; 3).

MACEDO, Roberto Sidnei. Currículo: educação, currículo e avaliação: Pedagogia módulo 4, volume 2, EAD, Elaboração de conteúdo: [Ilhéus, BA] : EDITUS, [2011].

MANNHEIM, Karl. Diagnóstico do nosso tempo. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. Livro I, v. 1. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

MARX, K. O Capital: crítica da economia política. Livro I. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 32ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Obras escolhidas. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1983.

MARX, Karl. O dezoito brumário de Louis Bonaparte. São Paulo: Centauro, 2000.

MELO NETO, José Francisco de. Extensão Universitária: bases ontológicas. In.: _____. et al. Extensão universitária: diálogos populares. Salvador: UESB, 2014.

MEMMI, A. Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MENDONÇA, Nelino Azevedo. Pedagogia da humanização: a pedagogia humanista de Paulo Freire. São Paulo: Paulus. 2008.

MENEZES, Ana Célia Silva; ARAUJO, Lucineide Martins. Currículo, contextualização e complexidade: espaço de Interlocução de diferentes saberes. Disponível em: https://irpaa.org/publicacoes/artigos/artigo-lucin-ana-celia.pdf

MESQUITA, Saulo Marques. O combate à corrupção: uma tarefa possível. I Concurso de Artigos Científicos da ASBAN e do FOCCO. Goiás, 2011.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, J. M., MASETTO, M.T; BEHRENS, M. A. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 19. ed. Campinas: Papirus, 2000.

MORETTI, V. D.; ASBAHR, F. S. F.; RIGON, a. J. O humano no homem: os pressupostos teórico-metodológicos da teoria histórico cultural. Psicologia & Sociedade. 2011.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NOGUEIRA, Fábio. Explosão de intolerância. O Globo Opinião. RJ: 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniao/explosao-de-intolerancia-22729679>Acesso em: 27.mar.19.

NOGUTI, F.; ONUCHIC, L. D. L. R. A metodologia de ensino-aprendizagem-avaliação de matemática através da resolução de problemas na transição dos ensinos fundamental e médio para o ensino superior. Anais do XI Encontro Nacional de Educação Matemática, 2013.

NÓVOA, A. Currículo e docência: a pessoa, a partilha, a prudência. In: GONSLAVES, E.; PEREIRA, M.; CARVALHO, M. Currículo e contemporaneidade: questões emergentes. São Paulo: Alínea, 2004, p. 18-29.

OLIVEIRA, Elizabeth Serra. Diferentes sujeitos e novas abordagens da educação popular urbana. Universidade Federal Fluminense - UFF. Dissertação de mestrado. Niterói, 2001.

PAIVA, Vanilda Pereira. Paulo Freire e o nacionalismo-desenvolvimentista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Fortaleza: Edições UFC, 1980. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

PAIVA, Vanilda. A "contemporaneidade do não coetâneo": emergência de uma nova era e sociedade do conhecimento. Revista Interamericana de Educación de Adultos, v. 22, n. 1, 2 e 3, p. 91-102, 2000.

PANIKKAR, R. Paz y desarme cultural. Santander: Sal Terrae, 1993.

PÊCHEUX, M. FUCHS, C. Misesau point et perspectives à propos del'AAD. Langages, Paris: Didier/Larousse, n. 37, p. 7-80, 1975.

PEREIRA, Benedito F. As bases filosóficas do pensamento de Freire. 2011. Disponível em: ttp://www.filosofante.com.br/?p=970 acessado em 01/08/2018.

PEREIRA, T. I. Por que atacam Paulo Freire? Reflexões em tempos de (contra) reforma do ensino médio e "Escola sem Partido". In: CARLOS, L. C.; PEREIRA, D. A.. (Org.). 13º Encontro sobre o Poder Escolar: formação de professores, trabalho docente e educação democrática. Pelotas: Editora UFPel, 2018, p. 34-43.

PERRENOUD, Philippe. A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIERRE, Guiraud. La semántica. México: Fondo de Cultura Económica, 1965.

PIOVESAN, Flávia. Discriminação. In: Fórum Internacional sobre Direitos Humanos e Direitos Sociais. Tribunal Superior do Trabalho. São Paulo: LTr, 2004.

PISTRAK, M. Fundamentos da escola do trabalho. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

PLATÃO. A República. São Paulo: Scipione. 2001.

PORTO-GONÇALVES, C. W. Entre América e Abya Yala: tensões de territorialidades. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 20, p. 25-30, jul./dez. 2009.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. Sobre ler, escrever e outros diálogos. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

QUINTANA, Mario. Nova Antologia Poética. São Paulo: Globo, 1998.

RAFFESTIN, Claude. O que é território? In.:__. Por uma Geografia do Poder. São Paulo, Ática, 1993.

REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 25. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

RESNICK, L. Education and learning to think. Washington, DC: National Academy Press. 1987.

RODRIGUES, Leude; MOURA, Lucilene; TESTA, Edimárcio. O tradicional e o moderno quanto à didática no ensino superior. Revista Científica do ITPAC, Araguaína, v.4, n.3, p. 1-9, 2011.

SACRISTÁN, Gimeno. O currículo: uma reflexão sobre a prática. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOS, B. de S. Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Milton. Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico cientifico-informacional. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SAVIANI, D. O trabalho como princípio educativo frente as novas tecnologias. In: Ferreti, C.J., Zibas, D. M.L., Madureira, F. R., Franco, M. Laura P.B. Nova tecnologia trabalho e educação: um debate multidisciplinar. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SAVIANI, D. Educação: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1980.

SAVIANI, Demerval. Escola e democracia. 32. ed. Campinas: Autores Associados, 1999. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

SAVIANI, Dermeval. História das ideias pedagógicas no Brasil. 2. ed. São Paulo: Autores Associados, 2006.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia Histórico-Crítica. 10. ed. Revista e ampliada, São Paulo: Cortez, 2008.

SCHERRE, M. M. P. Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.

SHEPARD, L. The role of assessment in a learning culture. Educational Researcher, 29, 7, p. 4-14. 2001

SILVA FILHO, Cláudio Claudino. Educação para paz na formação em saúde: diálogos e utopias em Paulo Freire. 2017. 234 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Florianópolis, 2017 (Orientadora: Profa Dra. Marta Lenise do Prado)

SOARES, M. Linguagem e escola: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 2005.

SÓFOCLES. Édipo Rei - Antigona. São Paulo: Martin Claret, 2007.

STEVENSON, Ian. Crianças que se Lembram de Vidas Passadas. São Paulo; Vida e Consciência, 2011.

STEVENSON, Ian. Xenoglossia: novos estudos científicos. São Paulo; Vida e Consciência, 2012.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides e ZITKOSKI, José Jaime (Orgs). Dicionário Paulo Freire, 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

TRUCKER, Jim B. Vida antes da vida: uma pesquisa científica das lembranças que as crianças têm de vidas passadas. São Paulo; Pensamento, 2007.

VYGOTSKY, L. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WITTGENSTEIN, L. Tractatus logico-philosophicus. São Paulo: EDUSP, 1993.

XAVANTE, P. & P. MEHINAKU (2000). Carta comemoração 500 anos. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/geral/indios-protestam-em-carta-a-fhc-e-sampaio-278078.html>. Acesso em 30 de julho de 2019.

SITES CONSULTADOS

www.auditoriacidada.org.br

www.books.google.com.br

www.escoladigital.org.br

www.infoescola.com>estrutura social

www.novaescola.org.br

www.pronatecfit.ultramig.mg.gov.br

PLANILHA DE MESES E TRECHOS ESCOLHIDOS

Na planilha que segue, cada autora e autor, escolheu seu trecho para produzir o texto que você leu - ou vai ler - neste livro. Colocamos ela aqui, para servir de consulta a você, para poder ir beber na fonte de cada trecho disponível nesta obra. Se acaso quiser fazer a leitura prévia da obra de Freire correspondente aos trechos, poderá dialogar mais profundamente sobre suas leituras.

JANEIRO		
EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE - 14ª edição, 1983		
Dia	Trecho Escolhido	Páginas
1	Este ensaio de Paulo Freire nos propõe as linhas mestras...	Introdução - p. 3-8
2	O movimento desta pedagogia...	Introdução - p. 9-15
3	Seguindo as linhas de uma sociologia...	Introdução - p. 16-20
4	Este compromisso político, do qual apresentamos...	Introdução - p. 21-26
5	Canção para os Fonemas da Alegria e Agradecimentos	p. 27-34
6	Esclarecimento	p. 35-38
7	A Sociedade Brasileira em Transição.	p. 39-43
8	Por isso, desde já, salienta-se a necessidade...	p. 44-48
9	Esta sociedade rachou-se.	p. 49-53
10	Aí é que a posição anterior...	p. 54-58
11	De sua posição de "intransitividade da consciência"...	p. 59-64
12	Sociedade Fechada e Inexperiência Democrática.	p. 65-68
13	Em uma das cartas...	p. 68-71
14	Com a possibilidade de vida urbana...	p. 72-74
15	Assim vivemos todo o nosso período de vida...	p. 75-79
16	Na educação jesuita...	p. 80-83
17	Educação versus Massificação.	p.85-88
18	Se não vivíamos ainda, na verdade...	p.89-91
19	Cada vez mais nos convencíamos...	p. 92-95
20	A nossa cultura fixada na palavra...	p. 96-99
21	Educação e Conscientização.	p.101-105
22	Esta relação, como já ficou claro...	p.106-109

23	E, na medida em que se intensificao diálogo...	p.110-114
24	Execução Prática.	p.115-118
25	O teste dos vocábulos criados...	p.119-122
26	Apêndice - 1ª e 2ª situações	p.123-127
27	Apêndice - 3ª, 4ª e 5ª situações	p.128-133
28	Apêndice - 6ª e 7ª situações	p.134-137
29	Apêndice - 8ª e 9ª situações	p.138-141
30	Apêndice - 10ª situação	p.142-143
31	Apêndice - Palavras Geradoras	p.145-150
FEVEREIRO		
PEDAGOGIA DO OPRIMIDO - 32ª edição, 2002		
1	Prefácio - Aprender a dizer a sua palavra	p. 9-16
2	Prefácio - Na objetivação transparece...	p. 17-21
3	Primeiras Palavras	p. 23-28
4	Cap 01 Justificativa da pedagogia do oprimido	p. 29-36
5	Daí, essa exigência radical, tanto para o opressor...	p. 37-44
6	A situação concreta de opressão e os opressores.	p. 44-48
7	A situação conreta de opressão e os oprimidos.	p. 48-52
8	Ninguém liberta ninguém...	p. 52-56
9	Cap 02 Concepção bancária da educação...	p. 57-61
10	A concepção problematizadora e libertadora da educação...	p.62-68
11	Niguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo...	p. 68-72
12	O homem como um ser inconcluso...	p. 72-75
13	Cap 03 Dialogicidade a essencia da educação	p. 77-79
14	Educação dialógica e diálogo	p. 79-83
15	O diálogo começa na busca do conteúdo programático	p. 83-86
16	As relações homes-mundo, os temas geradores...	p. 86-92
17	Daí em diante, este ser, que desta forma atua...	p. 92-95
18	A investigação dos temas geradores e sua metodologia.	p. 95-100

19	A significação conscientizadora...	p. 100-110
20	Por outro lado, observava que...	p. 111-120
21	A teoria da ação antidialógica	p. 121-134
22	Conquista	p. 135-138
23	Dividir...	p. 138-144
24	Manipulação	p. 144-149
25	Invasão...	p. 149-165
26	Co-laboração	p. 165-171
27	Unir...	p. 171-175
28	Organização	p. 175-178
29	Síntese Cultural	p. 178-184
MARÇO		
EXTENSÃO OU COMUNICAÇÃO - 8ª edição, 1985		
1	Prefácio - Neste ensaio...	p. 11-12
2	Prefácio - "... no processo de aprendizagem...	p. 13-14
3	Introdução	p. 15-16
4	Capítulo I - Aproximação semântica ao termo extensão	p. 19-21
5	Parece-nos, entretanto, que a ação extensionista...	p. 22-24
6	O equívoco gnosiológico da extensão	p. 24-26
7	Uma tal reflexão, que reconhecemos ser...	p, 27-29
8	As noites estreladas e frias...	p. 30-33
9	A questão, então, não é tão simples...	p. 33-36
10	Extensão e invasão cultural.	p. 39-40
11	A prática, por sua vez, ganha uma significação...	p. 41-42
12	Na verdade, manipulação e conquista...	p. 43-44
13	Referindo-se à questão do tempo...	p. 45-46
14	Realizam deste modo o que chamamos...	p. 47-48
15	É natral, assim, que os camponeses...	p. 49-50
16	Não há que considerar perdido o tempo do diálogo...	p. 51-52

17	Se a educação é dialógica...	p. 53-55
18	Reforma agrária, transformação cultural...	p. 55-56
19	Nem a concepção vaziamente "humanista"...	p. 57-58
20	Tudo isso, para um tecnicista, é perder tempo...	p. 59-60
21	Deste modo, não é possível esquecer...	p. 61-62
22	Extensão ou Comunicação	p. 65-66
23	Se o objeto do pensamento fosse um puro...	p. 67-68
24	A educação é comunicação, é diálogo...	p. 69-71
25	Mas o que não se pode esquecer é que...	p. 72-74
26	A educação como uma situação gnosiológica	p. 74-76
27	Este aprofundamento da tomada de consciência...	p. 77-79
28	Os professores que não fazem este esforço...	p. 80-83
29	Desta maneira, a "ad-miração" do mundo...	p. 84-87
30	Pesquisa do "tema gerador" e educação como...	p. 88-90
31	Aparentemente, o primeiro momento da decodificação...	p. 91-93
ABRIL		
AÇÃO CULTURAL PARA A LIBERDADE - 11ª edição, 2006		
1	Considerações em torno do ato de esutdar	p. 9-13
2	A alfabetização de adultos...	p. 15-19
3	Desta forma, muita coisa que hoje ainda me parece válida...	p. 20-26
4	Os camponeses e seus textos de leitura	p. 27-30
5	Uma outra maneira de recolher o discurso...	p. 31-34
6	Ação cultural e reforma agrária	p. 35-41
7	O papel do trabalhador social no processo de mudança	p. 43-48
8	O processo de alfabetização de adultos como ação...	p. 51-55
9	A análise destes textos revela...	p. 56-61
10	Suponhamos, por exemplo, a codificação...	p. 62-67
11	Assim, se a palavra favela, no caso brasileiro...	p. 68-72
12	No Chile, em algumas áreas que se fazia reforma agrária...	p. 73-76

13	Ação cultural e conscientização	p. 77-81
14	Níveis de Consciência	p. 82-86
15	Às vezes, o desvelamento de pelo menos parte...	p. 87-92
16	Necrofílica, a rigidez reacionária...	p. 93-96
17	Há duas direções possíveis que se oferecem...	p. 97-100
18	O Processo de alfabetização política - uma introdução	p. 101-106
19	Em nenhum destes casos pode ele...	p. 107-111
20	Algumas notas sobre humanização...	p. 113-116
21	Daí que, na educação como tarefa dominadora...	p. 117-119
22	De modo geral, o bom aluno não é o inquieto...	p. 120-122
23	O papel educativo das igrejas na américa latina	p. 123-128
24	Seria realmente uma ingenuidade...	p. 129-134
25	Ambas estas posturas, como afirmamos...	p.135-142
26	Na verdade, ao assumir posições conservadoras...	p. 143-148
27	Prefácio à edição argentina	p.149-152
28	Conscientização e Libertação...	p. 153-160
29	IDAC: As massas populares consideradas...	p. 161-167
30	Algumas notas sobre conscientização.	p. 169-176
MAIO		
EDUCAÇÃO E MUDANÇA - 30ª edição, 2007		
1	O compromisso do profissional com a sociedade	p. 15-16
2	Somente um ser que é capaz de sair de seu...	p. 17-18
3	O verdadeiro compromisso é a solidariedade...	p. 19-20
4	Todavia, existe algo que deve ser destacado...	p. 21-22
5	Por isso também não posso reduzir o homem...	p. 23-25
6	A Educação e o Processo de Mudança Social	p. 27-28
7	Amor-Desamor	p. 29-30
8	Características	p. 30-32
9	Conceito de Sociedade em transição	p. 33-34

10	Sociedade alienada	p. 35-36
11	Sociedade em Transição	p. 36-38
12	A Consciência e seus estados	p. 39-41
13	O papel do Trabalhador Social no Processo de Mudança	p. 43-44
14	Essa subunidade da estrutura social...	p. 45-46
15	Mundo da Opinião e Mundo do Saber...	p. 47-48
16	Por isso, o trabalhador social não pode ser um...	p. 49-50
17	Evidentemente, este é o objetivo do trabalhador social...	p. 51-52
18	Afirmamos neste estudo que não há mudança...	p. 53-54
19	Estas inter-relações podem dar-se ora em...	p. 55-56
20	Cultural, no sentido que aqui nos interessa...	p. 57-58
21	Poder-se-ia dizer que a mudança da percepção...	p. 59-60
22	Alfabetização de Adultos e Conscientização	p.61-62
23	No jogo constante de suas respostas...	p. 63-64
24	A transição	p. 65-66
25	Mais uma vez o homem e o mundo	p. 67-68
26	Como fazê-lo?	p. 68-69
27	Novo conteúdo programático	p. 69-71
28	A alfabetização como um ato criador	p. 71-73
29	Seleção de palavras geradoras	p. 74-75
30	Ampliação	p. 76-77
31	A capacitação dos coordenadores	p. 78-79
JUNHO		
CARTAS A GUINÉ BISSAU - 3ª edição, 1978		
1	Primeira Parte - Esta introdução pretende ser...	p. 13-19
2	Primeiro momento...	p. 19-24
3	Neste sentido, a reformulação dos programas...	p. 25-30
4	Ao escrever esta introdução...	p. 31-36
5	Não lhe perguntei como tinha chegado...	p. 37-42

6	Segunda parte - Esta introdução ficaria...	p. 43-48
7	Tanto quanto venho aprendendo da experiência...	p. 49-56
8	Selou-se, deste modo, na atividade baseada...	p. 57-62
9	Imediatamente, então, os cinco mais velhos...	p. 63-68
10	Post Scriptum - Viagens de trabalho...	p. 69-74
11	Nem sempre, porém, é necessária a...	p. 75-80
12	O grosso dos que vão ser desmobilizados...	p. 81-84
13	Um Círculo de Cultura em sua casa...	p. 85-88
14	Genebra, 26.1.1975	p. 91-95
15	Genebra, 28.7.1975	p. 96-102
16	Genebra, agosto, 1975	p. 103-107
17	Genebra, 26 de novembro de 1975	p. 108-112
18	Na leitura puramente gramatical deste texto...	p. 113-116
19	Genebra, 6 de dezembro de 1975	p. 117-121
20	A prática em busca da conscientização	p. 122-126
21	E na escola como Centro Democrático desaparece...	p. 127-132
22	No segundo caso, pelo contrário, as possibilidades...	p. 133-138
23	Genebra, 3 de fevereiro de 1976	p. 139-146
24	Genebra, abril de 1976	p. 147-151
25	A primeira grande "codificação"...	p. 152-157
26	Durante a invasão japonesa...	p. 158-163
27	Genebra, 7 de maio de 1976	p. 164-166
28	Aproveitanto, porém, a oportunidade...	p. 167-169
29	Ao começar a repensar as atividades...	p. 170-172
30	Ùltima Página - Até hoje...	p. 173
JULHO		
CONSCIENTIZAÇÃO - 3ª ed. 1980		
1	Apresentação	p. 7-8
2	Prologo	p. 9-11

3	1ª parte - O homem e sua experiência...	p. 13-14
4	Atendendo à irresistível vocação...	p. 15-16
5	Contexto histórico da experiência.	p. 16-18
6	O projeto de Getúlio Vargas...	p. 19-21
7	No Chile	p. 21-22
8	O Escritório de Planejamento para a Educação...	p. 23-24
9	2ª parte - Alfabetização e Conscientização	p. 25-27
10	A utopia exige o conhecimento crítico...	p. 28-30
11	Encontra-se um excelente exemplo...	p. 31-33
12	Ideias-Força.	p. 33-36
13	b) Através destas relações...	p. 36-38
14	5. Não só por suas relações...	p. 38-40
15	Processo Metodológico	p. 41-42
16	Fases de Elaboração e Aplicação do Método	p. 42-44
17	Os Atos concretos da Alfabetização.	p. 44-46
18	Da leitura à escrita	p. 46-49
19	No Brasil, quando pensava nas possibilidades...	p. 49-52
20	Descobrindo-se assim autor do mundo...	p. 53-56
21	3ª parte - Práxis da Libertação	p. 57-59
22	O verdadeiro humanista reconhece-se...	p. 60-61
23	A dependência	p. 61-63
24	O Fenômeno Relacional da Dependência...	p. 63-65
25	Em 1961, Jânio Quadros assumiu o poder...	p. 66-68
26	Nos processos de transição...	p. 69-70
27	Como já dissemos, a passagem...	p. 71-73
28	A Marginalidade	p. 73-76
29	Linhas de Ação - Nova Relação Pedagógica	p. 76-80
30	A concepção bancária não pode admitir...	p. 81-87
31	Ação Cultural e Revolução Cultural	p. 87-95

AGOSTO		
PEDAGOGIA DA ESPERANÇA - 12ª edição, 2005		
1	Quando muita gente faz discursos...	Primeiras Palavras p. 9-14
2	Em 1947, no Recife, professor de língua portuguesa...	p. 15-21
3	[...]vam por nada o produto de seu duro labor...	p. 22-28
4	sensível influênia no desenvolvimento...	p. 29-35
5	do Instituto de Desarollo Agropecuário - INDAP	p. 36-41
6	Nunca me esqueço do que me disse o sociólogo...	p. 42-50
7	Hoje, distante em mais de 25 anos...	p. 51-57
8	primeiro e no segundo turnos, em Collor, ...	p. 58-64
9	Primeiro marido e a minha, com a de Elza...	p. 65-71
12	Na constituição dessa necessária disciplina...	p. 83-89
10	e apontou o grupo de educadores...	p. 72-77
11	sua politicidade, a sua impossibilidade de ser neutra...	p. 78-82
13	[...]guntava e, em seguida, respondia...	p. 90-95
14	Que excelência é essa que...	p. 96-102
15	Necessariamente de uma certa maneira...	p. 102-108
16	[...]lientava ele também seus sinais positivos...	p. 109-115
17	um militante dogmático trabalhando...	p. 116-121
18	das Ilhas do Pacífico-Sul, da Índia, da África...	p. 122-128
19	continuou, "que atua dentro e fora da Espanha...	p. 129-136
20	Um dia, recebi um telefonema em minha casa...	p. 137-143
21	Fazer os caminhos caminhando...	p. 144-149
22	sem aquelas areias brancas...	p. 150-154
23	No término do seminário...	p. 155-161
24	Como cidadão brasileiro...	p. 162-169
25	falar a seus servidores da educação...	p. 170-172
26	hipotéticas, verdadeiras codificações...	p. 173-174

27	anos penso no que experimentamos...	p. 175-178
28	[...]ralmente, que certo país africano recebera...	p. 179-181
29	Discordamos quase totalmente durante uma hora e meia...	p. 183-189
30	livros, de suas reflexões no campo da cultura...	p. 190-195
31	objetivos estratégicos, as militantes e os militantes...	p. 196-200
SETEMBRO		
PROFESSORA SIM, TIA NÃO - Edição de dez/1993		
1	Professora-tia: a armadilha	Primeiras palavras p. 7-10
2	O processo de ensinar...	Primeiras palavras p. 11-15
3	Pacoteiros.	Primeiras palavras p. 15-19
4	Grandes obras e cidadania	Primeiras palavras p. 19-22
5	O que tenho aprendido...	Primeiras palavras p. 23-26
6	Ensinar-aprender Leitura do mundo-Leitura da palavra	Primeira Carta - p. 27-30
7	Agora, ultrapassando a experiência sensorial...	Primeira Carta - p. 31-35
8	Em primeiro lugar, a oralidade...	Primeira Carta - p. 36-39
9	Não deixe que o medo do difícil paralise você.	Segunda Carta - p. 39-42
10	Em última análise a leitura de um texto...	Segunda Carta - p. 43-46
11	Vim fazer o curso de magistério...	Terceira Carta - p. 47-50
12	Se não fôssemos o país do disperdício...	Terceira Carta - p. 51-53
13	Das qualidades indispensáveis...	Quarta Carta - p. 55-57
14	Na medida em que tenho mais e mais...	Quarta Carta - p. 58-60
15	A indecisão revela falta de segurança...	Quarta Carta - p. 61-64
16	Primeiro dia de aula	Quinta Carta - p. 65-67
17	Boa disciplina intelectual...	Quinta Carta - p. 68-70
18	Até antes de deixar o Recife...	Quinta Carta - p. 71-73
19	Das relações entre a educadora e os educandos	Sexta Carta - p. 75-77

20	Um dia, disse-me Madalena...	Sexta Carta - p. 78-80
21	É necessário desmascarar...	Sexta Carta - p. 80-81
22	Humildemente, pelo contrário...	Sexta Carta - p. 82-84
23	De falar ao educandoa falar a ele...	Sétima Carta - p. 85-88
24	É preciso e até urgente que a escola...	Sétima Carta - p. 89-92
25	Identidade cultural e educação	Oitava Carta - p. 93-96
26	O que se coloca à educadora...	Oitava Carta - p. 97-100
27	Contexto convreto - contexto teórico	Nona Carta - p. 101-106
28	Tudo isso implica uma compreensão distorcida...	Nona Carta - p. 107-114
29	Mais uma vez a questão da disciplina.	Décima Carta p. 115-120
30	Saber e crescer - tudo a ver	Últimas Palavras p. 121-127
OUTUBRO		
CARTAS A CRISTINA - 2ª edição revista, 2003		
1	Prefácio completo	p. 11-16
2	Introdução completa	p. 17-21
3	Primeiras Palavras - Minha experiência de exílio...	p. 23-25
4	A inibição exercida sobre nós...	p. 26-28
5	Visivelmente ambíguos...	p. 29-32
6	1ª carta completa	p. 37-44
7	2ª carta completa	p. 45-49
8	3ª carta completa	p. 51-62
9	4ª carta completa	p. 63-66
10	5ª carta completa	p. 67-76
11	6ª carta completa	p. 77-87
12	7ª carta completa	p. 89- 99
13	8ª carta completa	p. 101-104
14	9ª carta completa	p. 105-108
15	10ª carta completa	p. 109-114

16	11ª carta - Em 1947, cheguei ao Serviço Social da Indústria...	p. 115-125
17	A aprendizagem dos educandos tem que ver...	p. 126-135
18	Na verdade, toda informação traz em si...	p. 136-146
19	12ª carta - Sinto que não posso passar...	p. 147-164
20	Jonathan Dosol, um dos mais importantes...	p. 165-173
21	Do MCP ao Serviço de Extensão Cultural...	p. 173-186
22	13ª carta completa	p. 187-188
23	14ª carta - Educação e Democracia	p.191-196
24	Não há verdadeiro limite sem a assunção...	p. 197-205
25	15ª carta - O processo de libertação...	p. 207-210
26	De qualquer modo, contudo, na Pedagogia do Oprimido...	p. 211-214
27	16ª carta completa	p. 215-222
28	17ª carta completa	p. 223-229
29	18ª carta - A problematicidade de algumas questões...	p. 231-238
30	A questão da violência	p. 239-243
31	Carta de Cristina	p. 245-246
NOVEMBRO		
PEDAGOGIA DA AUTONOMIA - 15ª edição, 2000		
1	Prefácio + Primeiras Palavras	p. 10-22
2	Não há docência sem discência	p. 23-28
3	Ensinar exige rigorosidade metódica	p. 28-31
4	Ensinar exige pesquisa	p.32-33
5	Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos	p.33-34
6	Ensinar exige criticidade	p.34-36
7	Ensinar exige estética e ética	p. 36-37
8	Ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo	p. 38-39
9	Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação	p. 39-42
10	Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática	p.42-45

11	Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural	p. 46-51
12	Ensinar não é transferir conhecimento	p. 52-55
13	Ensinar exige consciência do inacabamento	p. 55-59
14	Ensinar exige o reconhecimento de ser condicionado	p. 59-65
15	Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando	p. 65-67
16	Ensinar exige bom senso	p. 67-73
17	Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educandos	p. 74-76
18	Ensinar exige apreensão da realidade	p. 76-80
19	Ensinar exige alegria e esperança	p. 80-85
20	Ensinar exige a convicção e que a mudança é possível	p. 85-95
21	Ensinar exige curiosidade	p. 94-101
22	Ensinar é uma especificidade humana + Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade	p. 102-107
23	Ensinar exige comprometimento	p. 108-110
24	Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo	p. 110-117
25	Ensinar exige liberdade e autonomia	p. 117-122
26	Ensinar exige tomada consciente de decisões	p. 122-127
27	Ensinar exige saber escutar	p. 127-141
28	Ensinar exige reconhecer que educação é ideológica	p. 141-152
29	Ensinar exige disponibilidade para o diálogo	p. 152-159
30	Ensinar exige querer bem aos educandos	p.159-165
DEZEMBRO		
PEDAGOGIA DA INDIGNAÇÃO - Primeira edição, 2000		
1	Recebi tuas cartas pedagógicas...	Carta-prefácio - p. 15-20
2	Uma das releituras que desejo fazer...	Carta-prefácio - p. 21-25
3	Fazia algum tempo um propósito me inquietava...	Primeira Carta - p. 29-35
4	O silêncio, que nos envolveu a todos...	Primeira Carta - p. 36-41

5	Gostaria de sublinhar, na linha...	Primeira Carta - p. 42-47
6	Por isso é que toda prática educativa libertadora...	Primeira Carta - p. 48-52
7	Do direito e do dever de mudar o mundo.	Segunda Carta - p. 53-55
8	O futuro não nos faz...	Segunda Carta - p. 56-58
9	Recentemente participei de perto da frustração...	Segunda Carta - p. 59-63
10	So assassinato de Galdino Jesus dos Santos...	Terceira Carta - p. 65-66
11	Não é possível refazer este país...	Terceira Carta - p. 67-69
12	Ao começar a tentativa de resposta...	Descobrimento da América - p. 73-74
13	Eu comemoro não a invasão, mas a rebelião...	Descobrimento da América - p. 75-76
14	Tive, recentemente em Olinda...	Alfabetização e miséria p. 77-79
15	Em favor de que estudos?	Alfabetização e miséria p. 80-82
16	Como educador preciso de ir...	Alfabetização e miséria p. 83-86
17	Ao longo destes trinta anos não foram...	Desafios da educação de adultos - p. 87-89
18	Enquanto ser humano jamais aceitei...	Desafios da educação de adultos - p. 89-93
19	Na linha destas refexões vejo...	Desafios da educação de adultos - p. 94-97
20	Se é possível obter ága cavando o chão...	Desafios da educação de adultos - p. 98-102
21	Qualquer que seja a inteligência...	A alfabetização em televisão - p. 103-105
22	A curiosidade possivelmente...	A alfabetização em televisão - p. 106-108
23	Como desocultar verdades escondidas...	A alfabetização em televisão - p. 109-110
24	Educação e Esperança - Não gostaria...	Educação e esperança p. 111-113
25	A matriz da espernaça é a mesma...	Educação e esperança p. 114-116
26	Não há possibilidade de pensarmos o amanhã...	Denúncia, anúncio...

		p. 117-119
27	Uma das diferenças fundamentais...	Denúncia, anúncio... p. 120-122
28	A negação atual do sonho...	Denúncia, anúncio... p. 123-125
29	A história como determinação...	Denúncia, anúncio... p. 125-128
30	Ética do Mercado versus Ética universal do ser humano	Denúncia, anúncio... p. 129-130
31	A questão da violência.	Denúncia, anúncio... p. 131-134

Neste livro, o(a) leitor(a) encontrará 365 razões para ler Paulo Freire. Uma pluralidade de vozes dizendo sua própria palavra, como nos ensina a pedagogia freiriana, que afirma que não devemos assumir só o papel de leitores, mas, igualmente, de escritores. Ivo e Ivanio foram capazes de mobilizar pessoas interessadas no pensamento de Paulo Freire de diversas partes desse nosso país e provocá-los a expressarem sua compreensão em torno de 12 obras de Paulo Freire, totalizando 365 comentários, resultando nesta publicação que é um convite para conhecer Freire por meio das palavras de quem ousa ser sujeito de seu processo de aprendizagem.

ANGELA BIZ ANTUNES
Diretora Pedagógica do Instituto Paulo Freire

365 dias com Paulo Freire é uma publicação necessária, justa e indispensável no atual contexto brasileiro e mundial. Pois, coloca na ordem do dia, a força da leitura crítica do mundo desde um pensamento comprometido com a humanização da sociedade. E, para além da leitura e dos estudos teóricos, Paulo Freire inspira práticas de transformação da realidade que são possíveis a partir de ações coletivas e projetos de educação articulados com as lutas sociais emancipatórias da atualidade.

JAIME JOSÉ ZITKOSKI
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Este livro se perfila com outros que estão saindo pelo mundo inteiro, num movimento editorial mundial, que é uma resposta aos ataques que Paulo Freire vem sofrendo, nos últimos tempos no Brasil, numa prova concreta de que o legado freiriano, por si só, pela força das ideias nele contidas, como pela amorosidade com que elas estão encharcadas, não precisa de contestação a seus detratores. Esta obra acrescenta que, a cada dia do ano, a leitura de Freire pode nos ajudar, na superação dos desafios que se nos apresentam cotidianamente.

JOSÉ EUSTÁQUIO ROMÃO
Secretário Geral do Conselho Mundial dos Institutos Paulo Freire

Pequenos livros de "um ano inteiro com..." convidam ora ao mito, ora à mística, ora ao misticismo, ora à mistificação. Mas alguns, convidam quem o folheie - dia a dia - à meditação. 365 dias com Paulo Freire é um convite a uma meditação destinada a ser também um conhecimento e a um conhecimento que seja uma também uma consciência. A consciência de que, para além da "auto-ajuda" nos convoque a descobrir que somente caminhamos em direção à realização pessoal, ou a um sentido na vida, quando nos lançamos no trabalho de construirmos juntos "um outro mundo possível". Um mundo de justiça e paz, através de uma "alter-ajuda". Uma ajuda de si-mesmo através da comunhão com o outro.

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO
Educador Popular e Professor Emérito da UNICAMP

www.dialogofreiriano.com.br

9 786580 183319

Orelhas da Capa/Contracapa e Lombada

QUANTO MAIS BATEM EM PAULO FREIRE, MAIS SEU LEGADO SE FORTALECE

A estratégia daqueles que querem desconstruir Freire ou expurgá-lo não está dando certo. O que temos visto, desde que começaram a atacar Paulo Freire, é uma procura maior por saber quem é ele, por cursos sobre Freire e muito mais por publicações sobre ele do que estava ocorrendo antes, inclusive no exterior.

Este livro é uma prova da vitalidade do seu pensamento.

A quase totalidade das críticas à obra freiriana não tem qualquer fundamento. As pessoas que desconhecem seu pensamento ou querem, intencionalmente, depreciar suas contribuições, atêm-se a acusações, eivadas de preconceitos, sem evidências, sem base em dados, demonstrando desconhecimento sobre os temas tratados por ele.

Alguns sustentam que Paulo Freire seria um doutrinador. Muito pelo contrário, ele sempre se opôs à doutrinação, à manipulação. Defendia o diálogo de saberes: o saber científico, o saber sensível, o saber técnico, tecnológico, o saber popular, sem discriminação, respeitando e valorizando a diversidade e os direitos humanos.

Como um ser humano conectivo, esperançoso, jamais deixou de acreditar na capacidade da humanidade de criar "um mundo em que seja menos difícil amar", como escreveu, no exílio, em 1968, no final de seu livro mais conhecido: Pedagogia do oprimido.

Alguns gostariam de retirar Paulo Freire das prateleiras das escolas, mesmo não sendo muitas as que têm livros dele; outros ameaçam expurgar >> os livros didáticos, onde, porventura, se faz alguma menção a ele.

Sabemos que suas ideias não agradam a todos. E isso é próprio da democracia, como espaço amplo, fecundo e generoso do debate de ideias, em que cada pessoa possa, com autonomia, dizer a sua palavra e construir a sua própria história.

As teorias de Paulo Freire cruzaram as fronteiras das disciplinas, das ciências, criando raízes nos mais variados solos, fortalecendo teorias e práticas educacionais, bem como auxiliando reflexões não só de educadores e educadoras, mas, também, de médicos, terapeutas, cientistas sociais, economistas, filósofos, antropólogos, psicólogos, artistas, juristas e profissionais de diversas outras áreas.

Este livro é um convite à leitura de Freire sob o olhar de pessoas interessadas no seu pensamento, educadores, pesquisadores, que vem fazendo o que Paulo Freire ensinou: ler, refletir com rigor e ser sujeito do seu próprio aprendizado.

Se o legado de Paulo Freire vem tocando corações e mentes, e ressoando em tantos lugares, pelos quatro cantos do mundo, "365 dias por ano", é porque elas atendem a uma necessidade não só de construção de conhecimentos, mas também porque despertam nas pessoas que entram em contato com elas, a capacidade de serem melhores, menos arrogantes, mais respeitosas, para viverem plenamente suas existências num mundo mais justo, produtivo e sustentável.

MOACIR GADOTTI
Presidente de Honra do
INSTITUTO PAULO FREIRE



365 dias com PAULO FREIRE

IVO DICKMANN
IVANIO DICKMANN
organizadores